Um resumo sistematico da
Verdade Biblica

DOUTRINA BIBLICA



GENERAL EDITORS

JOHN MACARTHUR

RICHARD MAYHUE

Doutrina Bíblica

Um Resumo Sistemático da Verdade Bíblica

John MacArthur e Richard Mayhue

EDITORES GERAIS

WHEATON, ILLINOIS

Doutrina Bíblica: Um Resumo Sistemático da Verdade Bíblica

Copyright © 2017 por John MacArthur e Richard Mayhue

Publicado por Crossway
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma, por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outra, sem a permissão prévia do editor, exceto conforme previsto pelos direitos autorais dos EUA lei. Crossway ® é uma marca registrada nos Estados Unidos da América.

Alguns materiais do livro são adaptados das seguintes publicações com permissão de Thomas Nelson, www.thomasnelson.com : John MacArthur, *O Comentário Bíblico MacArthur: Liberando a Verdade de Deus, Um* Versículo de *cada vez* , copyright © 2005 (no capítulo 4)

; John MacArthur, *A Bíblia de MacArthur Daily: New King James Version* , copyright © 2003 (no capítulo 5); John F. MacArthur Jr., *O* Assassinato *de Jesus: Um estudo de como Jesus morreu* , copyright © 2004 (no capítulo 4); John MacArthur, *Escravo: A Verdade Oculta sobre Sua* Identidade *em Cristo* , copyright © 2010 (no capítulo 7); John MacArthur, *The Vanishing Conscience: Desenho da Linha em um Mundo Sem Culpa, Livre de Culpa* , copyright © 1994 (no capítulo 6).

A permissão para usar material adicional adaptado de outras publicações é anotada nas notas de rodapé em todo o volume.

Design da capa: Tim Green

Imagem da capa: Kovalto1, Shutterstock.com

Primeira impressão 2017

A menos que indicado de outra maneira, as citações das escrituras são da Bíblia de ESV ® (a Bíblia Sagrada, Versão Padrão Inglesa ®), copyright © 2001 por Crossway, um ministério de publicação de Editores de Boas Novas. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas marcadas como HCSB foram tiradas de *The Holman Christian Standard Bible* ® . Copyright © 1999, 2000, 2002, 2003 pelos Holman Bible Publishers. Usado com permissão.

As citações escritas KJV são da *versão King James* da Bíblia.

As citações das escrituras marcadas NASB são de *A Nova Bíblia* Americana *Padrão* ® . Copyright © A Fundação Lockman 1960, 1962, 1963, 1968, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977, 1995. Usado com permissão.

As referências bíblicas marcadas como NIV são tiradas da Bíblia Sagrada, New International Version ® , NIV ® . Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc. ™ Usado com permissão. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.

As referências bíblicas marcadas como NKJV são de *The New King James Version* . Copyright © 1982, Thomas Nelson, Inc. Usado com permissão.

As referências bíblicas marcadas RSV são da Versão Revista da Bíblia, Copyright © 1952 (2ª edição, 1971) pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Paperback (ISBN: 978-1-4335-4591-7)
EPub ISBN: 978-1-4335-4594-8
PDF ISBN: 978-1-4335-4592-4
Mobipocket ISBN: 978-1-4335-4593-1

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Nomes: MacArthur, John, 1939- editor.
Título: A doutrina bíblica: um resumo sistemático da verdade bíblica / John MacArthur e Richard Mayhue, editores gerais.
Descrição: Wheaton: Crossway, 2017. | Inclui referências bibliográficas e índice.
Identificadores: LCCN 2016011479 (impressão) | LCCN 2016015096 (ebook) | ISBN 9781433545917 (hc) | ISBN 9781433545948 (epub) | ISBN 9781433545924 (pdf) | ISBN 9781433545931 (mobi)
Assuntos: LCSH: Teologia, Doutrinário.
Classificação: LCC BT75.3 .B53 2017 (impressão) | LCC BT75.3 (e-book) | DDC 230 / .041-dc23
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2016011479

Crossway é um ministério de publicação de editores da boa notícia.

A todos os fiéis graduados do Seminário de Mestres
Que estão servindo a Cristo ao redor do globo.

"Louvado seja o Senhor, o Todo-Poderoso"

Louvado seja o Senhor, o Todo-Poderoso, o Rei da criação!
Ó minha alma, louvai-O, porque Ele é a vossa saúde e salvação!
Todos vós que ouvirdes,
Aproximai-vos agora do seu templo;
Junte-se a mim em alegre adoração!

Louvado seja o Senhor, que todas as coisas tão maravilhosamente reina,
Abriga-te debaixo de Suas asas, sim, suavemente sustenta!
Não viste
Como seus desejos foram todos
Concedido no que Ele ordena?

Louvado seja o Senhor, que prospera a tua obra e te defende;
Certamente Sua bondade e misericórdia aqui diariamente atendem a ti.
Ponderar novamente
O que o Poderoso pode fazer
Se com Seu amor Ele for amigo de ti.

Louvado seja o Senhor! Ó, que tudo o que há em mim o adore!
Todo aquele que tem vida e respiração, vem agora com louvores diante dEle!
Deixe o "amém"
Som de Seu povo novamente;
Felizmente, adora-O eternamente! Um homem.

~ Joachim Neander (1650-1680)

Conteúdo

Esboço Analítico
Lista de Hinos
Lista de tabelas
Prefácio

Abreviaturas

1 Introdução: Prolegómenos
2 A Palavra de Deus: Bibliologia
3 Deus o Pai: Teologia Adequada
4 Deus, o Filho: Cristologia
5 Deus, o Espírito Santo: Pneumatologia
6 Homem e Pecado: Antropologia e Hamartiologia
7 Salvação: Soteriologia
8 Anjos: Angelologia
9 A Igreja: Eclesiologia
10 O Futuro: Escatologia

Apêndice: O Progresso do Apocalipse
Glossário Básico
Bibliografia Geral
Hino Final de Reflexão
Índice geral
Índice de Escritura

Esboço Analítico

1 Introdução: Prolegómenos
- O que é teologia?
- Por que estudar teologia?
- Quais são os vários tipos principais de teologia?
- O que é Teologia Sistemática?
- Quais são as categorias de teologia sistemática?
- Qual é a relação entre teologia exegética, bíblica e sistemática?
- Quais são os benefícios e limitações da teologia sistemática?
  - Benefícios
  - Limitações
- Qual é o relacionamento da teologia sistemática com a doutrina?
- O que é o tema abrangente e unificador da Escritura?
- Quais são os principais motivos da Escritura?
  - A Revelação do Caráter de Deus
  - A Revelação do Julgamento Divino para o Pecado ea Desobediência
  - A Revelação da Bênção Divina para Fé e Obediência
  - A Revelação do Senhor Salvador e Seu Sacrifício pelo Pecado
  - A Revelação do Reino ea Glória do Senhor Salvador
- Como a teologia sistemática se relaciona com a visão de mundo?
- Como a teologia sistemática se relaciona com a mente?
  - A Mente Redimida
  - A Mente Renovada
  - A Mente Iluminada
  - A Mente Cristã

A mente testada
A mente lucrativa
A mente equilibrada
Como a teologia sistemática se relaciona com a vida pessoal de alguém?
Intimidade e Maturidade
Santidade
Santificação
Como a teologia sistemática se relaciona com o ministério de alguém?
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

2 A Palavra de Deus: Bibliologia
Inspiração da Escritura
Revelação e Inspiração
Definição de Inspiração
Preparação para Inspiração
Provas de inspiração
Autoridade das Escrituras
Fontes secundárias
Fonte primária
Inerrância da Escritura
Alojamento e Inerrancy
Infalibilidade e inerência
Jesus e Inerrância
Explicação da inerência
Preservação da Escritura
Explicação da Preservação
Canonicidade e Preservação
Crítica Textual e Preservação
Ensinando e Pregando as Escrituras
Ensino
Pregação
Obrigação à Escritura
Receber
Orar
Alimentação
Obedecer
Honra
Estude
Pregar / Ensinar
Obrigar
Discípulo
Tremer
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

3 Deus o Pai: Teologia Adequada

A Existência de Deus
Asserções Bíblicas
A Conhecibilidade ea Incompreensibilidade de Deus
Avaliação de "Provas Naturais"
Os Nomes de Deus
Yahweh e compostos
El e compostos
Adon / *Adonai* : Senhor
Tsur : Rock
Ab : Pai
Os Atributos (Perfeições) de Deus
Método de Identificação
Relação com a Essência de Deus
Classificações
As Perfecções Incomunicáveis
As Perfeições Transmissíveis
A Trindade
Explicação
Indicações do Velho Testamento
Evidência do Novo Testamento
História inicial do desenvolvimento teológico
O Decreto de Deus
Características
Respondendo às objeções
Criação
Criação Divina
Criação de Fiat
Milagres Divinos
Providência divina
Escopo
Cuidado com as "Leis da Natureza"
Preservação Divina do Universo
Divina Concorrência em Todos os Eventos
Governação Divina de Todas as Coisas a Preordained Ends
O Problema do Mal e da Teodicéia
Teodicéia Bíblica
Uma perspectiva bíblica sobre o mal
Teodicéia Compatibilística
Teodiceia em Evangelismo
Glorificando a Deus
Deus Dirigido
Direção Cristã
Unbeliever Dirigido
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

4 Deus, o Filho: Cristologia
Preincarnate Christ
Eternidade Passado

Eterno Filho de Deus
Aparições do Velho Testamento
Atividades do Velho Testamento
Profecias do Velho Testamento
Cristo Encarnado
Encarnação
Ensinamentos
Milagres
Detenção e julgamentos
Morte e Expiação
Ressurreição e Ascensão
Cristo glorificado
Intercessor Celestial
Êxtase
Juiz de julgamento
Segunda vinda
Reinado Milenar
Grande julgamento do trono branco
Futuro da Eternidade
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

5 Deus, o Espírito Santo: Pneumatologia
Introdução ao Espírito Santo
Velho Testamento
Pesquisa do Novo Testamento
Realidade do Espírito Santo
Nomes e Títulos
Holy Spirit Word Imagens
Ministério do Espírito Santo para Cristo
Ministérios do Espírito Santo
Pecados contra o Espírito Santo
Deidade e Triunidade
Divindade
Triunidade
salvação
Regeneração
Batismo
Selagem
Santificação
Introdução
Residência
O preenchimento
Fruta
Serviço
Visão Geral dos Presentes
Presentes temporários (Revelatory / Confirmatory)
Presentes Permanentes (Falando / Servindo)
Questões importantes

Criação
Escritura
Revelação e Inspiração
Instrução, Iluminação e Afirmação
Utilização
Ministério Profético
Regeneração
Ressurreição
Sétima Semana de Daniel
O Milênio
Futuro da Eternidade
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas
Questões carismáticas / pentecostais

6 Homem e Pecado: Antropologia e Hamartiologia
Homem
Introdução ao Homem
Importância da Antropologia
Criacionismo súbito
Adão como Pessoa Histórica
Criado na imagem de Deus
Homem Criado Diretamente por Deus
Homem como imagem de Deus (*Imago Dei*)
Jesus como imagem de Deus
A História da Bíblia e a Imagem de Deus
A Constituição Humana
Corpo
Alma
Espírito
Coração
Consciência
Três visões da constituição humana
Origem da Alma
Preexistência
Criacionismo
Traducianism
Avaliação dos Três Pontos de Vista
Gênero
Sexo criado por Deus
Gênero e Casamento
Gênero e Procriação
Homossexualidade
Personhood
Início da Personhood
Fim da Vida Humana
Destino na Morte
Homem e Sociedade
Etnicidade e Nações

Governo Humano
Cultura Humana
Teologia bíblica do homem
Pecado
Introdução ao Pecado
Sin Definido
Relação do pecado com outras doutrinas
Origem do Pecado
Conseqüências da Queda
Consequências Pessoais
O impacto da queda sobre os relacionamentos
Três formas de morte
Transmissão do Pecado de Adão
Auto-velho e novo eu
Depravação total
Questões de pecado
Alguns pecados são piores que outros?
O Pecado Imperdoável
Pecado levando à morte
Existem pecados mortais e veniais?
O pecado eo cristão
O Vindo Homem do Pecado
Deus e o Problema do Mal
Teologia bíblica do pecado
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias: Homem
Teologias Sistemáticas Primárias: Pecado
Obras Específicas
Problemas sociais

7 Salvação: Soteriologia
Introdução à Soteriologia
O propósito final da salvação
Graça comum
O Plano de Redenção
O Decreto de Deus
O Decreto de Eleição
O Decreto de Reprovação
Conclusão
A Realização da Redenção
O Plano de Salvação ea Missão do Filho
A Causa da Expiação
A Necessidade da Expiação
A Natureza da Expiação
Teorias Incompletas da Expiação
A Suficiência Perfeita da Expiação
A Extensão da Expiação
Ressurreição, Ascensão e Intercessão
A Aplicação da Redenção
A Ordem da Salvação

A Chamada Externa: Proclamação do Evangelho
A Chamada Interna: Regeneração
Conversão
União com Cristo
Justificação
Adoção
Santificação
Perseverança
Glorificação
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

8 Anjos: Angelologia
Santos anjos
Anjos Introdução
A Realidade dos Santos Anjos
Caráter dos Santos Anjos
História dos Santos Anjos
População dos Santos Anjos
Residência dos Anjos Santos
Organização dos Santos Anjos
Poder dos Santos Anjos
Ministérios dos Santos Anjos
Destino dos Santos Anjos
Satanás
A realidade de Satanás
Caráter de Satanás
A História de Satanás
O poder de Satanás
Esquemas de Satanás
O papel do servo de Satanás
A defesa de um cristão
Julgamentos de Satanás
Demônios
Realidade dos Demônios
Caráter dos Demônios
História dos Demônios
Poder dos demônios
Papel do Servo dos Demônios
A defesa de um cristão
Possessão de demônio
Julgamentos de Demônios
Anjo do Senhor
Aparições do Velho Testamento
Características da Divindade
Identificação
Correlação do Novo Testamento
Perguntas e respostas
E quanto aos Anjos da Guarda (Mateus 18:10)?

Os Anjos devem ser Adorados (Colossenses 2:18)?
Quem Entertained Anjos (Heb 13: 2)?
Em que anjos estão ansiosos para olhar (1 Pedro 1:12)?
As igrejas têm anjos (Ap 1:16, 20)?
Como os cristãos julgarão anjos (1 Coríntios 6: 3)?
Isaías 14 e Ezequiel 28 Referem-se a Satanás?
Satanás lê mentes?
Como estão relacionados Cristo e Satanás?
Satanás ou Demônios podem fazer milagres?
Os Demônios estão no mundo hoje?
Os cristãos podem amarrar Satanás?
Quem são os "Filhos de Deus" em Gênesis 6: 1-4?
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

9 A Igreja: Eclesiologia
Definição da Igreja
Projeto de Cristo para sua igreja
A Igreja eo Reino
A Igreja Visível e Invisível
A Igreja Universal e as Igrejas Locais
A Distinção entre a Igreja e Israel
Metáforas Bíblicas para a Igreja
Propósitos da Igreja
Exaltando Deus
Edificação dos crentes
Evangelizar os Perdidos
Autoridade Espiritual na Igreja
Líderes dotados
Anciãos
Diáconos
Dinâmica Bíblica da Vida da Igreja
Devotado a Cristo
Dedicado à Escritura
Devotados a um outro
Dedicado à mesa do Senhor
Devotado à oração
Resultados da devoção
Meios de Graça dentro da Igreja
Palavra de Deus
Batismo
A mesa do Senhor
Oração
Adoração
Companheirismo
Disciplina da Igreja
Unidade e Pureza
Membros da Igreja
A definição

A base bíblica
Presentes Espirituais dentro da Igreja
Categorizar Presentes
Presentes Surveying
Usando presentes
Uma Antecipação do Céu
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

10 O Futuro: Escatologia
Introdução à Escatologia
Definição de escatologia
Escatologia nos planos de Deus
Modelos escatológicos
Escatologia e Interpretação Bíblica
Escatologia e Jesus Cristo
Escatologia Pessoal
Morte
O Estado Intermediário
Ressurreição
Inferno
Céu
Escatologia Cósmica
O Reino de Deus
Premilenialismo Futurista
Israel e a Igreja
Ordem de Ressurreição
Julgamentos Futuros
Convênios
Calendário de Cumprimento da Profecia Bíblica
Vistas milenares
Profecia de "Setenta Semanas" de Daniel
Eventos para vir
Oração
Bibliografia
Teologias Sistemáticas Primárias
Obras Específicas

Lista de Hinos

Epígrafe
"Louvado seja o Senhor, o Todo-Poderoso"

1 Introdução: Prolegómenos

"Graça maravilhosa"
"Todas as pessoas que na Terra dormem"

2 A Palavra de Deus: Bibliologia
"Bíblia Sagrada, Livro Divino"
"Como Firme uma Fundação"

3 Deus o Pai: Teologia Adequada
"Imortal, Invisível, Deus Somente Sábio"
"Louvor, Minha alma, o Rei dos Céus"

4 Deus, o Filho: Cristologia
"Todos Saudam o Poder do Nome de Jesus"
"O para mil línguas"

5 Deus, o Espírito Santo: Pneumatologia
"Louvado seja o Deus Triúno"
"Venha, Rei Todo-Poderoso"

6 Homem e Pecado: Antropologia e Hamartiologia
"Eu canto o poderoso poder de Deus"
"Graça Maior que Nosso Pecado"

7 Salvação: Soteriologia
"E pode ser?"
"Nosso Grande Salvador"

8 Anjos: Angelologia
- Ouça! Os anjos do arauto cantam "
"Uma fortaleza poderosa é nosso deus"

9 A Igreja: Eclesiologia
"A Fundação da Igreja"
"Levante-se, levante-se para Jesus"

10 O Futuro: Escatologia
"Aleluia, Que Salvador!"
"Está tudo bem com a minha alma"

Hino Final de Reflexão
"Seja Tu a Minha Visão"

Lista de tabelas

2.1 Símbolos para a Bíblia
2.2 Revelação Geral e Especial na Escritura
4.1 Cristo nos Salmos (Lucas 24:44)
4.2 Profecias messiânicas do Antigo Testamento
4.3 "A Filial" em Vista dos Evangelhos

4.4 A Divina Semelhança de Jesus
4.5 Conselhos de Igreja Primitivos
4.6 As parábolas de Jesus
4.7 Os Milagres de Jesus
4.8 Os Julgamentos de Jesus
4.9 Cronologia da crucificação de Cristo
4.10 Cristo nas Ofertas Leviticas
4.11 Sacrifícios do Antigo Testamento Comparados com o Sacrifício de Cristo
4.12 Cristo Cumpre as Festas de Israel
4.13 Aparições pós-ressurreição de Cristo
5.1 Palavra do Espírito Santo Fotos
5.2 Ataques históricos sobre a Trindade eo Espírito Santo
5.3 Referências trinitárias no Testament Bookends
5.4 Comparando três cenários batismais
5.5 Quatro Casos Especiais de Conversão
5.6 Grupos de Palavra Descrevendo a Salvação
5.7 Aspectos da Santificação
5.8 Casos de Capacitação do Espírito Santo
5.9 Fruto semelhante a Cristo
5.10 Presentes Espirituais
8.1 Satã e Cristo Contraste
8.2 Serpente ou Satanás?
8.3 Demônios contrastantes e Espírito Santo
8.4 Encontros no Antigo Testamento com Demônios
8.5 Os Encontros de Jesus com os Demônios nos Evangelhos
8.6 Outros Encontros com Demônios nos Evangelhos
8.7 Encontros com Demônios em Atos
8.8 Encontros com Demônios nas Epístolas e Apocalipse
8.9 "O Anjo do SENHOR " nas Escrituras
8.10 A capacidade intelectual do homem caído
9.1 Listas de qualificações de idosos
9.2 Qualificações para Anciãos e Diáconos
9.3 Três Listas Primárias de Presentes Espirituais
9.4 Lista Mestra de Presentes Espirituais Representativos

Prefácio

O professor Eugene Merrill advertiu seus estudantes que uma teologia biblicamente derivada é "o jogo de um homem velho." Ele explica,

> Com isso quero dizer que pressupõe tantas outras disciplinas e tanta acumulação de conhecimento que poucos estudiosos estão preparados para empreender a tarefa a menos que tenham investido anos longos e duros na preparação de sua realização.

Concordamos com seu sábio conselho e esperamos até o "horário noturno" de nossas próprias vidas para realizar esse volume de teologia.

As seguintes qualidades dão forma ao desenho geral e à formação da *Doutrina Bíblica* :

1. *Bíblico* em conteúdo com vista ao progresso da revelação escritural
2. *Exegética* na metodologia porque o significado da Escritura é extraído de textos na Bíblia
3. *Sistemática* na apresentação, centrando-se em uma síntese ordenada de tudo o que as Escrituras ensinam em cada área da doutrina
4. *Abrangente* em *amplitude* , cobrindo uniformemente os principais elementos da teologia sistemática
5. *Pastoral* em aplicação com pregação expositiva e vida santa em vista
6. *Prático* em sua acessibilidade, portabilidade e utilidade

Cinco princípios interpretativos guiaram nossa explicação da revelação e doutrina bíblica:

1. *O princípio literal* . A Escritura deve ser entendida em seu sentido literal, natural e normal. Embora a Bíblia contenha figuras de fala e símbolos, elas são destinadas a transmitir verdade literal. Em geral, porém, a Bíblia fala em termos literais e deve ser permitido falar por si mesmo.
2. *O princípio histórico* . Uma passagem deve ser interpretada em seu contexto histórico. O que o autor pretendia eo que o texto significava para o seu primeiro público deve ser levado em conta. Desta forma, uma compreensão contextual apropriada do significado original da Escritura pode ser apreendida e articulada.
3. *O princípio gramatical* . Esta tarefa requer uma compreensão da estrutura gramatical básica de cada frase nas línguas originais. A quem se referem os pronomes? Qual é o tempo do verbo principal? Fazendo perguntas simples como estas, o significado do texto torna-se mais claro.
4. *O princípio sintético* . Este princípio, a *analogia scriptura* , significa que a Escritura deve ser seu próprio intérprete. Pressupõe que a Bíblia não se contradiga. Assim, se a compreensão de uma passagem conflita com uma verdade ensinada em outras partes das Escrituras, essa interpretação não pode ser correta. A Escritura deve ser comparada com a Escritura para descobrir seu significado exato e pleno.
5. *O princípio da clareza* . Deus queria que a Escritura fosse entendida. No entanto, nem toda parte da Bíblia é igualmente clara. Portanto, partes mais claras devem ser empregadas para interpretar as menos claras.

Enquanto muitos nos *classificariam de fundamentalistas* , esse termo pode ser historicamente e pejorativamente enganador. Por quase quatro décadas, nós consideramos periodicamente o que uma palavra melhor nos descreveria. *Os futuristas, os normalistas* e os *soberanistas* foram considerados, mas deixados de lado, porque nenhum deles capta adequadamente o elemento mais essencial de nossa teologia. Embora não seja um termo perfeito, *escolhemos os biblicistas* , porque no cerne de nossas convicções está uma confiança inabalável na Bíblia inerrante e infalível de Deus, corretamente interpretada.

Este volume é marcado pelos seguintes distintivos notáveis:

1. Uma abordagem pressuposicional da Escritura que afirma (1) a existência eterna de Deus todo-poderoso e (2) sua revelação progressiva, escrita, coletada no cânone de sessenta e seis livros da Escritura, que é inerrante e infalível nos autógrafos
2. Uma afirmação do criacionismo recente, isto é, uma terra jovem e uma inundação global
3. Uma ênfase nos pactos que são biblicamente derivados, não construídos teologicamente
4. Uma soteriologia que reflete a soberania de Deus na redenção dos pecadores
5. A crença na cessação de todos os dons de signos milagrosos na conclusão do cânon bíblico, que é concomitante com o fim da era apostólica
6. Um entendimento bíblico da igreja do Novo Testamento

7. Uma abordagem complementar dos papéis de homens e mulheres no lar e na igreja
8. Uma compreensão futurística premilenar da escatologia de acordo com o plano soberano de Deus para todo o mundo, incluindo Israel

Além disso, um reservatório substancial de referências bibliográficas permitirá aos leitores expandir seus estudos para além deste volume.

O design da *Doutrina Bíblica* tem várias audiências em mente:

1. Instrutores de seminários, faculdades e institutos bíblicos
2. Seminário, faculdade e estudantes do Instituto Bíblico
3. Pregadores nacionais e internacionais
4. Professores de igreja local
5. Pessoas leigas que querem entender a Escritura em sua totalidade

Todas as teologias devem começar com o conteúdo bíblico organizado sistematicamente que leva então os cristãos a serem motivados a viver vidas santas de obediência à Palavra de Deus para a glória de Deus (1 Coríntios 10:31, Col. 4:17, 1 Pedro 4:11). Para este fim, *a Doutrina Bíblica prossegue* com nossa esperança de que

> Estender o seu conhecimento bíblico, o que ...
> Capacitar a boa compreensão da doutrina, que será ...
> Enriquecer a sabedoria divina, que será ...
> Expandir a sua obediência cristã, que será ...
> Elevar o culto santo.

O valor deste volume será reforçada pela utilização complementar de (1) a *Bíblia MacArthur Estudo* (ESV, ARC, ARA, e versões AA), (2) a *Bíblia MacArthur tópica* , e (3) o *Comentário MacArthur NT* série . Uma minilibrary composta por essas quatro ferramentas de estudo basicamente equipará um para ser um aluno da Escritura para uma vida inteira (2 Tim. 2:15).

Uma obra dessa magnitude só ocorre como resultado de um envolvimento significativo de muitas pessoas. Apreciamos muito a visão e o encorajamento da *Doutrina Bíblica* de Crossway, especialmente Dr. Lane Dennis (presidente), Dr. Justin Taylor (vice-presidente executivo de publicação de livros), Dave DeWit (vice-presidente de publicação de livros), Dr. David Barshinger Editor, divisão do livro), e Jill Carter (administrador editorial). Agradecemos aos membros da diretoria da Universidade de Mestrado e do Seminário que generosamente incentivaram e oraram por este projeto. Nossos colegas do Seminário de Mestrado, Dr. Bill Barrick, Dr. Nathan Busenitz, Dr. Jim Mook, Dr. Bryan Murphy, Dr. Michael Vlach e Professor Michael Riccardi nos apoiaram produzindo rascunhos de várias seções. Agradecimentos especiais para Jeremy Smith para sua consulta. Expressamos profunda gratidão a Michael Riccardi e Nathan Busenitz pela sua completa edição final de todo o volume. Janice Osborne preparou alegremente inúmeros rascunhos até e incluindo o final apresentado à editora.

Nós oferecemos este material com a oração que

> O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai da glória, vos dê o Espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele, tendo os olhos de vossos corações iluminados, para que saibais qual é a esperança a que ele chamou Vós, quais são as riquezas da sua herança gloriosa nos santos, e qual é a imensurável grandeza de seu poder para com os que crêem, de acordo com a obra de sua grande força. (Efésios 1: 17-19)

John MacArthur, DD, LittD
Pastor, Grace Community Church
Presidente, Universidade e Seminário de Mestrado

Richard Mayhue, ThD
Vice-Presidente Executivo, Dean,
E Professor de Pesquisa de Teologia Emérito
O Seminário de Mestrado

Abreviaturas

Abreviaturas padrão

AD *anno Domini* , latim para "no ano de nosso Senhor"
Antes de Cristo
Ca. Aproximadamente, aproximadamente
Cf. comparar
rachar. capítulo
Por exemplo, *grafia graciosa* , latim para "por exemplo"
Esp. especialmente
Gk. grego
Heb. hebraico
Ie *id est* , latim para "que é"
Lat. Latim
aceso. literalmente
P. página
V., Vv. Versos

Abreviaturas de Recursos

BECNT Baker Comentário Exegético sobre o Novo Testamento
APOSTAS *Boletim da Sociedade Evangélica Teológica*
BSac *Bibliotheca Sacra*
CTR *Criswell Revisão Teológica*
Comentário exegético evangélico da CEE
Comentário Critico Internacional da ICC
JETS *Jornal da Sociedade Teológica Evangélica*
JTS *Jornal de Estudos Teológicos*
MNTC MacArthur Novo Testamento Comentário
MSJ *Jornal do Seminário de Mestrado*
Novo Comentário Americano do NAC
NICNT Novo Comentário Internacional sobre o Novo Testamento
NICOT Novo Comentário Internacional sobre o Velho Testamento
NIGTC Novo Testamento Gregório Internacional Comentário
NTC Comentário do Novo Testamento
PNTC Pillar Novo Testamento Comentário
RevExp *Review e Expositor*
SNTSMS Sociedade de Estudos do Novo Testamento Série Monografia
TJ *Trinity Journal*
WTJ *Westminster Theological Journal*

Abreviaturas do Livro Bíblico

O Antigo Testamento

Gen. Genesis

Ex. Êxodo
Lev. Levítico
Num. Números
Deut. Deuteronômio
Josh. Joshua
Judg. Juízes
Ruth Ruth
1 Sam. 1 Samuel
2 Sam. 2 Samuel
1 Reis 1 Reis
2 Reis 2 Reis
1 Crôn. 1 Crônicas
2 Crôn. 2 Crônicas
Ezra Ezra
Neh. Neemias
Husa. Esther
Trabalho
Ps., Pss. Salmo, Salmos
Prov. Provérbios
Eccles. Eclesiastes
Canção Canção de Salomão
É um. Isaías
Jer. Jeremias
Lam. Lamentações
Ezek. Ezequiel
Dan. Daniel
Hos. Oseias
Joel Joel
Amos Amos
Obad. Obadiah
Jonah Jonah
Microfone. Micah
Nah. Nahum
Hab. Habacuque
Zeph. Sofonias
Bruxa. Haggai
Zech. Zacarias
Mal. Malaquias

O Novo Testamento

Matt. Mateus
Mark Mark
Luke Luke
John John
Atos Atos
ROM. Romanos
1 Cor. 1 Coríntios
2 Cor. 2 Coríntios
Gal. Gálatas
Eph. Efésios
Phil. Filipenses
Col. Colossenses
1 Tess. 1 Tessalonicenses
2 Tess. 2 Tessalonicenses
1 Tim. 1 Timóteo
2 Tim. 2 Timóteo
Titus Titus
Philem. Philemon
Heb. Hebreus

Tiago James
1 Pet. 1 Pedro
2 Pet. 2 Pedro
1 João 1 João
2 João 2 João
3 João 3 João
Jude Jude
Apocalipse

1

Introdução

Prolegómenos

"Graça maravilhosa"

Graça maravilhosa! Quão doce o som
Que salvou um miserável como eu!
Uma vez eu estava perdido, mas agora estou encontrado;
Fui cego, mas agora eu vejo.

Foi a graça que ensinou meu coração a temer,
E graça meus medos aliviados.
Quão preciosa foi essa graça
A hora em que acreditei pela primeira vez.

O Senhor prometeu-me o bem;
Sua Palavra minha esperança assegura.
O meu escudo e minha porção serão
Enquanto a vida perdura.

Muitos perigos, trabalhos e armadilhas
Eu já vim.
'Tis a graça me trouxe seguro até agora,
E a graça me levará para casa.

Quando estamos lá há dez mil anos,
Brilhante brilhando como o sol,
Não temos menos dias para cantar o louvor de Deus
Do que quando começamos.

~ John Newton (1725-1807)
Estrofe 5, John P. Rees (1828-1900)

Principais temas abordados no Capítulo 1

O que é teologia?

Por que estudar teologia?

Quais são os vários tipos principais de teologia?

O que é Teologia Sistemática?

Quais são as categorias de teologia sistemática?

Qual é a relação entre teologia exegética, bíblica e sistemática?

Quais são os benefícios e limitações da teologia sistemática?

Qual é o relacionamento da teologia sistemática com a doutrina?

O que é o tema abrangente e unificador da Escritura?

Quais são os principais motivos da Escritura?

Como a teologia sistemática se relaciona com a visão de mundo?

Como a teologia sistemática se relaciona com a mente?

Como a teologia sistemática se relaciona com a vida pessoal de alguém?

Como a teologia sistemática se relaciona com o ministério de alguém?

O termo *prolegomena* originou-se da combinação de duas palavras gregas, *pro* , *significando* "antes", e *legō* , que *significa* "dizer", que juntos transmitem o sentido geral de "dizer de antemão ou" dizer antecipadamente. Serve como um prólogo ou uma discussão preliminar que introduz e define o conteúdo central do trabalho que se segue. Esses comentários preliminares incluem suposições, definições, metodologia e propósitos, fornecendo assim um contexto para a compreensão do conteúdo subseqüente. Aqui a discussão de prolegomena é organizada dando respostas a uma série de perguntas significativas que prepararão o leitor para o material resultante, que constitui o corpo principal de *Doutrina Bíblica* .

O que é teologia?

Teologia - do grego *theos* , "deus", e *logia* , "palavra" - não é uma palavra exclusivamente cristã. O verbo grego *theologeō* se refere ao ato de falar sobre um deus, enquanto o *substantivo theologos* se refere a uma pessoa que se envolve em *teólogo* , isto é, um *teólogo* . O adjetivo *theologikos* descreve algo *teológico* , enquanto o *substantivo theologia significa* "uma palavra sobre deus" - literalmente, *teologia* . Estas palavras foram usadas em contextos religiosos pagãos séculos antes do Novo Testamento. Nenhuma dessas quatro palavras é encontrada no Novo Testamento ou na Septuaginta.

A teologia cristã é o estudo da revelação divina na Bíblia. Tem Deus como sua peça central perpétua, a Palavra de Deus como sua fonte, e a piedade como seu objetivo. Como Alva McClain coloca,

> De Deus todas as coisas vêm - Ele é a origem. Por Deus, todas as coisas existem - Ele é o sustentador de todas as coisas. Para Deus - de volta a Deus - Ele é a meta. Há o círculo da eternidade: *para fora, para trás, para trás* .

David Wells elaborou uma notável definição de trabalho da teologia cristã:

> A teologia é o esforço sustentado para conhecer o caráter, a vontade e os atos do Deus trino, como ele os revelou e interpretou para seu povo nas Escrituras ... para que possamos conhecê-lo, aprender a pensar nossos pensamentos depois dele, viver nossas vidas Em seu mundo em seus termos, e pelo pensamento e pela ação projetam sua verdade em nosso próprio tempo e cultura.

O apóstolo João morreu em cerca de 98 AD Com o seu escrito de Apocalipse, o cânon da Escritura foi concluída e fechada. Não demorou muito para as gerações sucessivas começarem a escrever sobre a verdade das escrituras. Alguns dos autores mais significativos e seus volumes incluem o seguinte:

- Autor *desconhecido* , *The Didache* (cerca de 110)
- Irineu (cerca de 120-202), *Prova da Pregação Apostólica*
- Clemente de Alexandria (cerca de 150 a 215), *Stromata*
- Origen (cerca de 184 a 254), *Sobre os Primeiros Princípios*
- Gregório de Nazianzus (cerca de 330 a 389), *cinco orações teológicas*
- Agostinho (354-430), *Enchiridion*
- João de Damasco (cerca de 675-ca 749), *uma Exposição Exata da Fé Ortodoxa*
- Peter Lombard (cerca de 1095-ca 1169), *Quatro Livros de Sentenças*
- Tomás de Aquino (1225-1274), *Summa Theologica*
- João Calvino (1509-1564), *Institutos da Religião Cristã*
- Thomas Watson (cerca de 1620-1686), *Um Corpo de* Divindade
- Francis Turretin (1623-1687), *Institutos de Teologia Elenctic*
- John Gill (1697-1771), *Um Corpo de Divindade Doutrinária*
- John Dick (1764-1833), palestras *sobre Teologia*

Teorias proeminentes dos séculos XIX, XX e XXI estão listadas na bibliografia no final deste capítulo.

Por que estudar teologia?

O pastor e teólogo escocês John Dick respondeu a essa consulta penetrante com sete respostas profundas. Uma resposta melhor e mais sucinta seria difícil de encontrar:

1. "Para averiguar o caráter de Deus em seu aspecto para nós"
2. "Contemplar a exibição de seus atributos em suas obras e dispensações"
3. "Descobrir seus desígnios para com o homem em seu estado original e atual"
4. "Conhecer este Poderoso Ser, tanto quanto pode ser conhecido, [que] é o mais nobre objetivo do entendimento humano"
5. "Aprender o nosso dever para com ele, os meios de gozar o seu favor, as esperanças que estamos autorizados a entreter, eo maravilhoso expediente pelo qual a nossa raça caída é restaurada à pureza e felicidade"
6. "Amar ele, o exercício mais digno de nossas afeições"
7. "Para servi-lo, o propósito mais honrado e delicioso a que podemos dedicar nosso tempo e talentos"

Quais são os vários tipos principais de teologia?

1. *Teologia bíblica* : A organização da Escritura tematicamente por cronologia bíblica ou por autor bíblico com respeito à revelação progressiva da Bíblia (corretamente um componente da teologia sistemática)
2. *Teologia* Dogmática: A organização das Escrituras com ênfase nos credos de igrejas favorecidas ou selecionadas

3. *Teologia exegética* : A organização metódica da Escritura, tratando exegéticamente os textos individuais da Bíblia (propriamente um componente da teologia bíblica e sistemática)
4. *Teologia histórica* : o estudo histórico dos desenvolvimentos doutrinários após a era apostólica até os nossos dias
5. *Teologia natural* : O estudo do que pode ser conhecido sobre Deus pela razão humana sozinho através do estudo empírico do mundo natural
6. *Teologia pastoral / prática* : A organização da Escritura com ênfase na aplicação pessoal da verdade doutrinária na vida da igreja e dos cristãos individuais
7. *Teologia sistemática* : A organização da Escritura por uma síntese do ensino bíblico, resumida usando as principais categorias que abrangem a totalidade da revelação escrita de Deus (desenvolvida a partir da teologia exegética e bíblica)

O que é Teologia Sistemática?

O termo *sistemático* vem da palavra grega composta de *syn* , "together", e *histanai* , "set up", que *significa* "set up together" ou "sistematizar". Como mencionado acima, a *teologia* vem da palavra grega *theologia* , “uma palavra sobre Deus”, que significa “teologia”. Etimologicamente, *a teologia sistemática* envolve a propositura ordenada conjunto de palavras sobre Deus ou uma união de teologia em uma forma organizada. Considere a resposta de Charles Spurgeon àqueles que se opõem a uma abordagem sistemática da teologia:

> A teologia sistemática é para a Bíblia o que a ciência é para a natureza. Suponhamos que todas as outras obras de Deus são ordenadas e sistemáticas, e quanto maior a obra, mais perfeito é o sistema; e que a maior de todas as Suas obras, em que todas as Suas perfeições estão transcendentemente expostas, não deve ter plano ou sistema, É completamente absurda.

A teologia sistemática responde à pergunta: o que o cânone completo das Escrituras ensina sobre qualquer tema ou tópico? Por exemplo, o que a Bíblia ensina do Gênesis ao Apocalipse sobre a divindade de Jesus Cristo? Uma definição básica de teologia sistemática seria, então, "a exposição ordenada das doutrinas cristãs".

Uma teologia sistemática deve apresentar (1) integridade hermenêutica, (2) coerência doutrinária, (3) relevância ética, (4) explicabilidade da visão do mundo e (5) continuidade tradicional. Onde estes estão presentes e operacionais, encontrar-se-á uma boa sistematização que será de valor para o expositor. Ao examinar atentamente cada detalhe do texto em preparação para expô-lo, a teologia sistemática permite-lhe também ver todo o quadro teológico - que tomou em consideração não só as conclusões estudadas a partir da história da igreja, mas também o progresso da revelação que culminou na Completa revelação de Deus. (Para uma visão cronológica do progresso da revelação, veja o apêndice).

O entendimento da teologia sistemática poderia ser formulado pelas seguintes observações de John Murray:

> Quando ponderamos adequadamente a proposição de que as Escrituras são o depósito de uma revelação especial, que elas são os oráculos de Deus, que nelas Deus nos encontra e nos dirige, revela-nos sua incompreensível majestade, convoca-nos ao conhecimento e realização de sua vontade , Revela-nos o mistério de seu conselho, e desdobra os propósitos de sua graça, então a teologia sistemática, de todas as ciências e disciplinas, é vista como a mais nobre, não uma reflexão fria e apaixonada, mas que desperta admiração e admiração Reivindica o exercício mais consagrado de todos os nossos poderes. É o mais nobre de todos os estudos porque sua província é todo o conselho de Deus e busca, como

nenhuma outra disciplina, expor as riquezas da revelação de Deus de maneira ordenada e abraçadora, que é seu método e função peculiar.

A teologia sistemática tem como objetivo expor de forma abrangente e temática organizada as doutrinas bíblicas focadas nas pessoas do Deus trino, seus propósitos e seus planos em relação ao mundo e à humanidade. Ela começa com a informação do intelecto (conhecimento e compreensão). O intelecto molda o que cremos e amamos em nosso coração. Nossa vontade deseja o que nós amamos e repudia o que nós odiamos. Nossas ações então concordam com o que queremos mais. A mente molda as afeições, que moldam a vontade, que dirige as ações. A teologia não é totalmente terminada até que tenha aquecido o coração (afeições) e levou a vontade (vontade) de agir em obediência ao seu conteúdo.

Quais são as categorias de teologia sistemática?

1. *Bibliologia* : A doutrina da inspiração, infalibilidade, autoridade e canonicidade da Bíblia (. Gk *biblion* , "livro")
2. *Teologia adequada* : A doutrina da existência e do ser de Deus, incluindo a triunidade de Deus (. Gk *theos* , "Deus")
3. *Cristologia* : A doutrina da pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo (Gk *christos* , "Cristo")
4. *Pneumatologia* : A doutrina da pessoa e obra do Espírito Santo (gr. *Pneuma* , "Spirit")
5. *Antropologia* : A doutrina da *humanidade* (Gk. *Anthrōpos* , "homem")
6. *Hamartiologia* : A doutrina do pecado (Gk. *Hamartia* , "pecado")
7. *Soteriologia* : A doutrina da salvação (Gk. *Sōtēria* , "salvação")
8. *Angelologia* : A doutrina dos santos anjos, Satanás e anjos caídos (Gk. *Angelos* , "anjo")
9. *Eclesiologia* : A doutrina da igreja, universal e local (Gk. *Ekklēsia* , " *assembléia* " ou "igreja")
10. *Escatologia* : A doutrina referente a todo o escopo da profecia bíblica preditiva, especialmente os eventos do fim do tempo, incluindo o destino para as pessoas salvas e não salvas, o céu eo inferno (Gk. *Eschatos* , "últimas coisas"

Qual é a relação entre teologia exegética, bíblica e sistemática?

Toda a teologia bíblica é de natureza sistemática; Toda teologia sistemática é bíblica em conteúdo; E tanto a teologia bíblica quanto a sistemática são exegéticas no processo interpretativo. Portanto, a questão-chave não é qual é a melhor abordagem para a teologia, mas sim, como os três se inter-relacionam uns com os outros?

Para usar uma metáfora de construção,

- A teologia exegética fornece o material de construção para a fundação e estrutura;
- a teologia bíblica fornece o suporte fundacional para a estrutura; e
- A teologia sistemática serve como a estrutura construída sobre a fundação.

A teologia exegética envolve a organização metódica das Escrituras tratando exegéticamente os textos individuais da Bíblia. Este é propriamente um componente inicial da teologia bíblica e sistemática. Como resultado, cada palavra, oração e parágrafo da Escritura é examinado em detalhes.

A teologia bíblica é caracterizada pela organização da Escritura tematicamente por cronologia bíblica ou autor bíblico com respeito à revelação progressiva da Bíblia. Isto é propriamente um componente da teologia sistemática. Ele serve como uma ponte entre a teologia exegética ea teologia sistemática.

A teologia sistemática é a organização da Escritura por uma síntese do ensino bíblico, resumida por categorias principais que abrangem a totalidade da revelação escrita de Deus. A teologia sistemática desenvolve-se a partir da teologia exegética e bíblica e puxa todo o ensino da Escritura juntos como um todo. Mais uma vez, Murray é útil para dar sentido a essas conexões:

> Daí a exposição da Escritura é básica à teologia sistemática. Sua tarefa não é simplesmente a exposição de passagens particulares. Essa é a tarefa da exegese. A sistemática deve coordenar o ensino de determinadas passagens e sistematizar esse ensino sob os tópicos apropriados. Há, portanto, uma síntese que pertence à sistemática que não pertence à exegese como tal. Mas, na medida em que a teologia sistemática sintetiza o ensinamento da Escritura, e este é o seu principal objetivo, é aparente como ela é dependente da ciência da exegese. Não pode coordenar e relacionar o ensinamento de passagens particulares sem saber o que é o ensino. Assim, a exegese é básica para seu objetivo. Isso precisa ser enfatizado. A teologia sistemática tem sofrido gravemente, de fato, deserta sua vocação, Quando se divorciou da atenção meticulosa à exegese bíblica. Esta é uma razão pela qual a acusação mencionada acima tem tanto para dar apoio à acusação. A sistemática torna-se sem vida e falha em seu mandato apenas na medida em que se afastou da exegese. E a garantia contra uma dogmática estereotipada é que a teologia sistemática seja constantemente enriquecida, aprofundada e expandida pelos tesouros cada vez mais extraídos da Palavra de Deus. A exegese mantém a sistemática não apenas em contato direto com a Palavra, mas também comunica à sistemática o poder que deriva dessa Palavra. A Palavra é viva e poderosa. A sistemática torna-se sem vida e falha em seu mandato apenas na medida em que se afastou da exegese. E a garantia contra uma dogmática estereotipada é que a teologia sistemática seja constantemente enriquecida, aprofundada e expandida pelos tesouros cada vez mais extraídos da Palavra de Deus. A exegese mantém a sistemática não apenas em contato direto com a Palavra, mas também comunica à sistemática o poder que deriva dessa Palavra. A Palavra é viva e poderosa. A sistemática torna-se sem vida e falha em seu mandato apenas na medida em que se afastou da exegese. E a garantia contra uma dogmática estereotipada é que a teologia sistemática seja constantemente enriquecida, aprofundada e expandida pelos tesouros cada vez mais extraídos da Palavra de Deus. A exegese mantém a sistemática não apenas em contato direto com a Palavra, mas também comunica à sistemática o poder que deriva dessa Palavra. A Palavra é viva e poderosa.

Uma outra abordagem à teologia deve ser acrescentada. A teologia histórica examina como as convicções exegéticas e teológicas se desenvolveram ao longo do tempo. Ele leva em consideração as conclusões alcançadas por gerações anteriores de intérpretes piedosos da Escritura.

Quais são os benefícios e limitações da teologia sistemática?

Benefícios
Limitações

Toda a Escritura, seja examinada exegéticamente em determinados textos ou categoricamente dentro do escopo completo da Bíblia, é espiritualmente proveitosa para realizar pelo menos quatro propósitos divinos (2 Timóteo 3:16):

1. Para estabelecer "ensino" ou doutrina, isto é, a auto-revelação inspirada de Deus sobre si mesmo, seu mundo criado e seu plano redentor para salvar e santificar os pecadores
2. Para a confrontação ou "reprovação" do pecado, seja na forma de ensino falso ou de vida desobediente
3. Para a "correção" do erro em pensar e comportar-se de modo que o arrependido possa ser restaurado ao lugar de agradar a Deus

4. Para "instrução" para que os crentes possam ser habitualmente treinados para praticar a justiça do Senhor Jesus Cristo - pecar menos e obedecer mais

A Escritura fornece o único ensinamento completo, totalmente exato e confiável sobre Deus, e realizará suficientemente essas quatro coisas para equipar "o homem de Deus" (2 Timóteo 3:17).

Benefícios

A teologia sistemática pode proporcionar vários benefícios:

1. Uma coleção completa de verdade bíblica
2. Uma síntese ordenada e somatório da doutrina bíblica
3. Um imperativo para levar o evangelho até os confins da terra
4. Um repositório da verdade para a pregação expositiva e ensino
5. Uma base bíblica para o comportamento cristão na igreja, no lar e no mundo
6. Uma defesa da doutrina bíblica contra o falso ensino
7. Uma resposta bíblica à malversação ética e social no mundo

Como diz James Leo Garrett Jr.,

> A teologia sistemática é benéfica como uma extensão da função de ensino das igrejas, para a formulação ordenada e integrada das verdades bíblicas, para a sustentação da pregação de pregadores e leigos cristãos, para a defesa da verdade evangélica contra o erro que invadiu a igreja , Para a legitimação do evangelho antes da filosofia e da cultura, como fundamento da ética pessoal e social cristã, e para uma mais eficaz propagação universal do evangelho e interação com os adeptos das religiões não-cristãs.

Limitações

A teologia sistemática pode ser limitada pelos seguintes fatores:

1. O silêncio da Bíblia sobre um determinado tópico (Dt 29:29, João 20:30, 21:25)
2. O conhecimento / compreensão parcial de um teólogo sobre toda a Bíblia (Lucas 24: 25-27, 32; 2 Pedro 3:16)
3. A inadequação da linguagem humana (1 Coríntios 2: 13-14, 2Co 12: 4)
4. A finitude da mente humana (Jó 11: 7-12; 38: 1-39: 30; Romanos 11: 33-35)
5. A falta de discernimento / crescimento espiritual (1 Coríntios 3: 1-3, Hebreus 5: 11-13)

Qual é o relacionamento da teologia sistemática com a doutrina?

A doutrina representa o ensino que é considerado autoritário. Quando Cristo ensinou, as multidões se maravilhavam da sua autoridade (Mateus 7: 28-29, Marcos 1:22, 27, Lucas 4:32). A declaração "doutrinal" de uma igreja contém um corpo de ensino usado como o padrão da ortodoxia autoritária.

No Antigo Testamento, a palavra hebraica *laqakh significa* "o que é recebido" ou "ensino aceito" (Deuteronômio 32: 2, Jó 11: 4, Prov. 4: 2, Isaías 29:24). Ele pode ser traduzido como "instrução", "aprendizado" ou "ensino".

No Novo Testamento, duas palavras gregas são traduzidas como "doutrina", "instrução" ou "ensino": *didachē* (referindo-se ao conteúdo do ensino) e *didaskalia* (referindo-se à atividade de ensino). Paulo usou ambas as palavras juntas em 2 Timóteo 4: 2-3 e Tito 1: 9.

Em latim, *doceo* , "ensinar", *doutrina* , "o que se ensina", e *doutor* , "quem está ensinando", todos contribuem para o significado da palavra inglesa *doutrina* . O conteúdo pode ser informativo (acreditar) ou prático (ser vivido). Não se refere necessariamente à verdade categorizada.

Biblicamente falando, a palavra *doutrina* é um termo bastante amorfo que só toma forma no contexto. Ele se refere ao ensino geral (sistematizado ou não, verdadeiro ou falso), como o "ensino de Balaão" (Ap 2:14) ou "ensinamentos humanos" (Col. 2:22), em contraste com o ensino bíblico como O ensino de Cristo (Mateus 7:28) ou o ensinamento de Paulo (2 Timóteo 3:10).

A doutrina bíblica, portanto, se refere ao ensino da Escritura, seja ele proclamacional, expositivo ou categórico. Isso torna todas as Escrituras "doutrinárias", quer sejam lidas, ensinadas, pregadas ou sistematizadas em categorias teológicas. A doutrina bíblica sistemática (teologia sistemática) refere-se a uma soma categórica do ensino bíblico que segue temas ou categorias normalmente empregados.

Uma pesquisa das Escrituras mostra que toda a doutrina ou ensinamento geralmente pode ser classificada em uma de duas categorias dependendo de sua fonte:

- com respeito à origem - de Deus, o Criador (João 7:16, Atos 13:12) ou da criação de Deus (Col. 2:22, 1 Tim. 4: 1)
- no que diz respeito ao conteúdo da verdade (2 Tessalonicenses 2: 11-12) - verdadeiro ou falso
- em relação à fonte humana (1 Tessalonicenses 2:13) - bíblica ou não bíblica
- no que diz respeito à qualidade (1 Tim. 1:10; 6: 3)
- no que diz respeito à aceitabilidade (1 Tm 1: 3, Hebreus 13: 9) - familiar ou estranho
- com relação à retenção (Apocalipse 2:24) - manter ou não segurar
- com relação ao benefício (1 Tim. 4: 6) - bom ou mau
- com relação ao valor (2 Tim. 3:16) - rentável ou não lucrativo

O uso teológico moderno do termo *doutrina* é muito estreito, distorce o uso bíblico primário do termo e pode ser enganador. É muito melhor discutir a *doutrina* para usar o termo em seu sentido mais amplo de "ensinar" (que certamente inclui a verdade sistematizada, mas não se limita a esse uso) em vez de usar a *doutrina* em seu sentido secundário como se fosse o único sentido. O ensinamento da Escritura serve como critério, padrão, padrão, paradigma, padrão, medida e linha de prumo, segundo a qual todo o outro ensinamento sobre um determinado assunto é determinado como verdadeiro ou falso, recebido ou rejeitado, som ou insensível, ortodoxo ou herético .

A sã doutrina bíblica tem muitas implicações para a vida da igreja de Cristo:

1. A sã doutrina expõe e confronta o pecado ea falsa doutrina (1 Tim. 1: 8-11, esp. 1:10; 4: 1-6).
2. A sã doutrina marca um bom servo de Cristo Jesus (1 Timóteo 4: 6, ver também 1 Tm 4:13, 16, Tito 2: 1).
3. A sã doutrina é recompensada com a dupla honra para os anciãos (1Tm 5:17).
4. A sã doutrina está de acordo com a piedade (1 Timóteo 6: 3, Tito 2:10).
5. A sã doutrina está incluída no exemplo apostólico a seguir (2 Tim. 3:10).
6. A sã doutrina é essencial para equipar pastores (2 Timóteo 3: 16-17).
7. A sã doutrina é o mandato contínuo dos pregadores (2 Timóteo 4: 2-4).
8. A sã doutrina é uma qualificação básica para os anciãos (Tito 1: 9).

As Escrituras ensinam que sempre haverá oposição à sã doutrina, tanto pelos humanos (Mt 15: 2-6, Marcos 11:18, 1 Tim. 1: 3, 10, 2 Tim. 4: 3, Tito 1: 9) E por Satanás e demônios (1 Tim. 4: 1). A Bíblia descreve vários antídotos / correções da falsa doutrina:

1. Falar a verdade da doutrina sadia no amor (Ef 4:15)

2. Ensinando a sã doutrina (1 Timóteo 4: 6; 2 Tm 4: 2)
3. Mantendo-se firmes à sã doutrina (Tito 1: 9, Apocalipse 2: 24-25)
4. Refutando a falsa doutrina (Tito 1: 9)
5. Rejeitando e afastando-se dos mestres da falsa doutrina (Rm 16:17; 2 João 9-10)

Há uma relação direta e inseparável entre a sã doutrina e a vida santa, algo que as Escrituras ensinam clara e consistentemente (Rm 15: 4, 1 Tm 4:16, 6: 1, 3, 2 Tm 3:10, Tito 2: 1-4, 7-10). O contrário também é verdadeiro - onde há falsa crença, haverá comportamento pecaminoso (Tito 1:16). Apesar da ênfase clara da Escritura tanto na pureza da doutrina como na pureza da vida, surgiram várias noções equivocadas sobre a relação entre o que uma pessoa crê e como uma pessoa deve viver. Essas idéias erradas incluem o seguinte:

1. A doutrina correta conduz automaticamente à piedade.
2. Não importa como uma pessoa vive enquanto ele ou ela tem doutrina certa.
3. A doutrina morre, espiritualmente falando.
4. Não há conexão entre o que se acredita e como se vive.
5. O cristianismo é vida, não doutrina.
6. Doutrina é irrelevante.
7. A doutrina divide-se.
8. A doutrina afasta as pessoas.

Em contraste com a negatividade dirigida à doutrina, a ausência de uma sã doutrina e a presença de falsa doutrina conduzirão sempre a um comportamento pecaminoso. Sem a sã doutrina, não há nenhuma base bíblica para delinear o certo do errado, nenhuma autoridade doutrinária para corrigir o pecado, e nenhum incentivo bíblico para motivar a vida piedosa.

Por outro lado, o valor espiritual da sã doutrina é incalculável:

1. A sã doutrina é espiritualmente proveitosa (2 Timóteo 3: 16-17).
2. Bênçãos espirituais são prometidas para a obediência (Apocalipse 1: 3; 22: 7).
3. A sã doutrina protege contra o pecado (por exemplo, Jó, José, Daniel, Cristo).
4. A sã doutrina delineia entre a verdade eo erro (2 Coríntios 11: 1-15, 2 Tm 3: 16-17).
5. A sã doutrina era central para o ministério de Cristo (Mateus 7: 28-29, Marcos 4: 2, Lucas 4:32).
6. A sã doutrina era central na igreja primitiva (Atos 2:42; 5:28; 13:12).
7. A sã doutrina era central para o ministério apostólico (Paulo: Atos 13:12, 17:19, Gálatas 2: 11-21, João: 2 João 9-10).
8. Os mártires deram suas vidas pela sã doutrina (Cristo: Marcos 11:18, Estêvão: Atos 7: 54-60, Tiago: Atos 12: 2, Paulo: 2 Tim. 4: 1-8).
9. Cristo e os apóstolos deixaram um mandato para passar a sã doutrina para a próxima geração (Cristo: Mt 28:20, Paulo: 2 Tim. 2: 2).
10. As igrejas foram elogiadas pela sã doutrina ou condenadas por falta de sã doutrina (Efeso, recomendado: Ap 2: 2, 6; Pérgamo e Tiatira, condenado: Ap 2: 14-15, 20).
11. A doutrina sadia estabelecida antecipa e prepara-se para eras quando a sã doutrina está fora de época (2 Tm 4: 3).
12. A sã doutrina protege a igreja dos falsos mestres (Tito 1: 9).
13. A sã doutrina fornece verdadeiro adorno espiritual para os crentes (Tito 2:10).
14. O ensinamento bíblico sadio e a doutrina sistemática sadia estão inseparavelmente ligados à "teologia". Seja expositivo em um texto da Escritura ou categorizado de forma abrangente de todas as Escrituras, o ensino bíblico não pode ser desconectado de sua identificação com a teologia. Dito de outra forma, todo ensino bíblico é de natureza teológica, e toda a teologia cristã é bíblica em conteúdo.

O que é o tema abrangente e unificador da Escritura?

O tema amplo de *rei / reino* (humano e divino) aparece em toda a Bíblia. Com exceção de Levítico, Rute e Joel, o Antigo Testamento menciona explicitamente este tema em trinta e seis de seus trinta e nove livros. Exceto por Filipenses, Tito, Filemom e 1, 2 e 3 João, o Novo Testamento menciona diretamente o assunto em vinte e um de seus vinte e sete livros. No total, cinquenta e sete dos sessenta e seis livros canônicos incluem o tema do reino (86%).

As palavras hebraicas para "rei", "reino", "reino" e "trono" aparecem mais de três mil vezes no Antigo Testamento, enquanto as palavras gregas para esses termos aparecem 160 vezes no Novo Testamento. A primeira menção do Antigo Testamento ocorre em Gênesis 10:10 e a última em Malaquias 1:14. A aparência inicial no Novo Testamento vem em Mateus 1: 6 eo último em Apocalipse 22: 5.

A expressão exata "reino de Deus" não aparece no Antigo Testamento. No Novo Testamento, só Mateus usa a expressão "reino dos céus", mas usa-o indistintamente com o "reino de Deus" (Mt 19: 23-24). E onde ele usa o "reino dos céus" em passagens paralelas a outros Evangelhos, esses escritores evangélicos usam o "reino de Deus" (ver Mateus 13:11 com Lucas 8:10), estabelecendo assim a correspondência entre essas duas frases.

Jesus nunca definiu com precisão o "Reino dos Céus / Deus" nos Evangelhos, embora muitas vezes o tenha ilustrado (por exemplo, Mateus 13:19, 24, 44, 45, 47, 52). Surpreendentemente, ninguém jamais pediu a Cristo uma definição. Pode-se supor que eles pelo menos achavam que entendiam a idéia básica do Antigo Testamento, mesmo que suas idéias estivessem equivocadas.

O mais revelador talvez seja a abundância de títulos do *rei* dados a Cristo no Novo Testamento:

- "Rei de Israel" (João 1:49; 12:13)
- "Rei dos Judeus" (João 18:39; 19: 3, 19, 21)
- "Rei dos reis" (1 Tim. 6:15, Apocalipse 17:14; 19:16)
- "Rei dos séculos, imortal, invisível" (1 Tim. 1:17)
- "Rei das nações" (Apocalipse 15: 3)

Seu reinado é dito para sempre e sempre (Ap 11:15; 22: 5).

Um estudo bíblico do reino de Deus levaria a concluir que ele é multifacetado, multidimensional, multifocal, multifatorial e multifacetado. Certamente não poderia ser considerado monolítico em caráter.

A idéia do reino de Deus abrange todas as fases da revelação bíblica. Por exemplo,

- Deus é o Rei da eternidade (antes de Gênesis 1, Apocalipse 21-22, pós-Apocalipse 22)
- Deus é o Rei da criação (Gênesis 1-2)
- Deus é Rei da história (Gênesis 1-Apocalipse 20)
- Deus é o Rei da redenção (Gênesis 3-Apocalipse 20)
- Deus é o Rei da Terra (Gênesis 1-Apocalipse 20)
- Deus é Rei do céu (antes de Gênesis 1, Gênesis 1 - Apocalipse 22, pós-Apocalipse 22)

Todas as passagens *do reino de Deus* podem ser resumidas pelo reconhecimento de vários aspectos amplos. O primeiro é o *reino universal* , que inclui a regra de Deus que tem sido, é e será para sempre sobre tudo o que existe no tempo e no espaço. O segundo é o *reino mediador de Deus* , no qual ele governa na terra através de representantes humanos divinamente escolhidos. Terceiro é o *aspecto espiritual ou redentor do reino de*

Deus , que lida exclusivamente com a salvação de uma pessoa e relacionamento pessoal com Deus através de Cristo. Quando a Escritura usa a palavra "reino" para se referir ao reino de Deus, ela poderia apontar para qualquer aspecto do reino ou várias de suas partes juntos. Uma interpretação cuidadosa no contexto determinará os detalhes de um determinado texto bíblico.

Com essas idéias em mente, propõe-se que *Deus como Rei* e *o reino de Deus* devem ser seriamente considerados como o grande e abrangente tema da Escritura. Várias idéias nobres foram consideradas no passado, tais como a glória de Deus, redenção, graça, Cristo, aliança e promessa. Cada possibilidade explica uma parte do reino de Deus, mas somente *o reino de Deus* explica o todo.

Desde antes do começo até depois do fim, do começo ao fim, tanto dentro como além do tempo e do espaço, Deus aparece como o rei supremo. Deus é central e o âmago de todas as coisas eternas e temporais. O reino de Deus convincentemente qualifica como o tema unificador da Escritura.

John Bright sucintamente e eloquentemente capturou este pensamento da seguinte maneira:

> Velho Testamento e Novo Testamento, portanto, estar juntos como os dois atos de um único drama. Ato I aponta sua conclusão no Ato II, e sem ele o jogo é uma coisa incompleta, insatisfatória. Mas o ato II deve ser lido à luz do ato I, senão seu significado será faltado. Para o jogo é organicamente um. A Bíblia é um livro. Se tivéssemos de dar a esse livro um título, poderíamos com justiça chamá-lo "O Livro do Reino vindouro de Deus". Esse é, de fato, seu tema central em toda parte.

Os autores deste volume só editariam o brilhante resumo do Dr. Bright apagando uma palavra, "Vindo." Porque o reino de Deus foi, é e para sempre será.

O reino de Deus pode ser explicado desta maneira: O eterno Deus triuno criou um reino e dois cidadãos do reino (Adão e Eva) que teriam domínio sobre ele. Mas um inimigo os enganou, seduziu-os a quebrar a lealdade ao rei, e os fez rebelar-se contra seu soberano Criador. Deus interveio com as maldições conseqüentes que existem até hoje. Desde então, ele tem redimido pessoas pecaminosas e rebeldes para serem restauradas como cidadãos qualificados do reino, ambos agora em um sentido espiritual e mais tarde em um sentido de reino-em-terra. Finalmente, o inimigo será vencido para sempre, assim como o pecado. Assim, Apocalipse 21-22 descreve a expressão final e eterna do reino de Deus,

Quais são os principais motivos da Escritura?

A Revelação do Caráter de Deus
A Revelação do Julgamento Divino para o Pecado ea Desobediência
A Revelação da Bênção Divina para Fé e Obediência
A Revelação do Senhor Salvador e Seu Sacrifício pelo Pecado
A Revelação do Reino ea Glória do Senhor Salvador

A Bíblia é uma coleção de sessenta e seis livros inspirados por Deus. Estes documentos são reunidos em dois Testamentos, o Velho (trinta e nove) eo Novo (vinte e sete). Profetas, sacerdotes, reis e líderes da nação de Israel escreveram os livros do Antigo Testamento em hebraico (com algumas passagens em aramaico). Os apóstolos e seus associados escreveram os livros do Novo Testamento em grego.

O registro do Velho Testamento começa com a criação do universo e fecha-se cerca de quatrocentos anos antes da primeira vinda de Jesus Cristo. O fluxo da história através do Antigo Testamento se move ao longo das seguintes linhas:

1. Criação do universo
2. Queda do homem
3. Julgamento inundação sobre a terra
4. Abraão, Isaque, Jacó (Israel) - pais da nação escolhida
5. A história de Israel
    uma. Exílio no Egito (430 anos)
    B. Exodus and wilderings (40 anos)
    C. Conquista de Canaã (7 anos)
    D. Era dos juízes (350 anos)
    E. Reino Unido-Saul, David, Solomon (110 anos)
    F. Reino dividido - Judá e Israel (350 anos)
    G. Exílio na Babilônia (70 anos)
    H. Retorno e reconstrução da terra (140 anos)

Os detalhes dessa história são explicados nos trinta e nove livros, que podem ser divididos em cinco categorias:

1. A Lei-5 (Gênesis-Deuteronômio)
2. História-12 (Josué-Ester)
3. Sabedoria-5 (Jó-Canção de Salomão)
4. Profetas Maiores - 5 (Isaías-Daniel)
5. Profetas Menores-12 (Oséias-Malaquias)

A conclusão do Antigo Testamento foi seguida por quatrocentos anos de silêncio, tempo durante o qual Deus não falou através de profetas ou inspirar qualquer Escritura. Esse silêncio foi quebrado pela chegada de João Batista anunciando que o Salvador prometido tinha chegado. O Novo Testamento registra o resto da história, desde o nascimento de Cristo até o culminar de toda a história e do estado eterno final. Assim, os dois Testamentos vão desde a criação até a consumação, a eternidade passada para a eternidade futura.

Enquanto os trinta e nove livros do Antigo Testamento sobre a história de Israel ea promessa do próximo Salvador, os vinte e sete livros do Novo Testamento principais sobre a pessoa de Cristo eo estabelecimento da igreja. Os quatro Evangelhos dão o registro de seu nascimento, vida, morte, ressurreição e ascensão. Cada um dos quatro escritores vê o acontecimento maior e mais importante da história, a vinda do Deus-homem, Jesus Cristo, a partir de uma perspectiva diferente. Mateus olha para ele através da perspectiva de seu reino, Marcos através da perspectiva de sua servidão, Lucas através da perspectiva de sua humanidade, e João através da perspectiva de sua deidade.

O livro de Atos conta a história do impacto da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Senhor Salvador - desde a sua ascensão, a conseqüente chegada do Espírito Santo eo nascimento da igreja através dos primeiros anos do evangelho Pregando pelos apóstolos e seus associados. Atos registra o estabelecimento da igreja na Judéia, em Samaria, e no Império Romano.

As vinte e uma Epístolas foram escritas a igrejas e indivíduos para explicar o significado da pessoa e obra de Jesus Cristo, com suas implicações para a vida e testemunho até que ele retorna.

O Novo Testamento fecha-se com a Revelação, que começa por retratar a idade atual da igreja e culmina com o retorno de Cristo para estabelecer seu reino terreno, trazendo juízo sobre os ímpios e glória e bênção para os crentes. Seguir o reino milenar do Senhor Salvador será o último julgamento, levando ao estado eterno. Todos os crentes de toda a história entram na glória eterna final preparada para eles, e todos os ímpios são enviados para o inferno para serem punidos para sempre.

Para entender a Bíblia, é essencial compreender a varredura dessa história desde a criação até a consumação. Também é crucial manter em foco o tema unificador da Escritura. O único tema constante que se desdobra em toda a Bíblia é este: Deus para sua própria glória escolheu criar e reunir para si um grupo de pessoas para serem os sujeitos de seu reino eterno, que o louvará, honrá-lo e servi-lo para sempre e através dele. A quem ele mostrará sua sabedoria, poder, misericórdia, graça e glória. Para reunir seus escolhidos, Deus deve resgatá-los do pecado. A Bíblia revela o plano de Deus para esta redenção desde seu início na eternidade passada até sua conclusão na eternidade futura. Os convênios, promessas e épocas são todos secundários ao único plano contínuo de redenção.

Existe um só Deus. A Bíblia tem uma Fonte divina. A Escritura é um livro. Tem um plano de graça, registrado desde a iniciação até a consumação. Da predestinação à glorificação, a Bíblia é a história de Deus redentor seu povo escolhido para o louvor de sua glória.

À medida que os propósitos e o plano redentor de Deus se desenrolam nas Escrituras, cinco motivos recorrentes são constantemente enfatizados. Tudo o que é revelado nas páginas do Antigo e do Novo Testamento está associado a estas cinco categorias. As Escrituras sempre ensinam ou ilustram (1) o caráter e os atributos de Deus; (2) a tragédia do pecado e desobediência ao santo padrão de Deus; (3) a bem-aventurança da fé e obediência ao padrão de Deus; (4) a necessidade de um Salvador por cuja justiça e substituição os pecadores podem ser perdoados, declarados justos e transformados para obedecer ao padrão de Deus; E (5) o glorioso fim da história redentora no reino terrenal do Senhor Salvador eo subseqüente reino eterno e glória de Deus e Cristo. Ao ler através da Bíblia, alguém deve ser capaz de relacionar cada parte da Escritura com esses tópicos dominantes, Reconhecendo que o que é introduzido no Velho Testamento também é tornado mais claro no Novo Testamento. Examinar estas cinco categorias separadamente dá uma visão geral da Bíblia.

A Revelação do Caráter de Deus

Acima de tudo, a Escritura é a auto-revelação de Deus. Ele se revela como o Deus soberano do universo que escolheu fazer o homem e se dar a conhecer ao homem. Nessa auto-revelação estabeleceu seu padrão de santidade absoluta. Desde Adão e Eva até Caim e Abel e para todos antes e depois da lei de Moisés, o padrão de justiça foi estabelecido e é sustentado nas Escrituras até a última página do Novo Testamento. A sua violação produz julgamento, tanto temporal como eterno.

No Antigo Testamento, Deus se revelou pelos seguintes meios:

1. Criação (os céus ea terra)
2. Criação da humanidade, que foi feita à sua imagem
3. Anjos
4. Sinais, maravilhas e milagres
5. Visões
6. Palavras pronunciadas por profetas e outros
7. Escritura Escrita (Antigo Testamento)

No Novo Testamento, Deus se revelou novamente pelos mesmos meios, mas com mais clareza e plenitude:

1. Criação (os céus ea terra)
2. Encarnação do Deus-homem, Jesus Cristo, que é a própria imagem de Deus
3. Anjos

4. Sinais, maravilhas e milagres
5. Visões
6. Palavras faladas por Cristo, apóstolos e profetas
7. Escritura Escrita (Novo Testamento)

A Revelação do Julgamento Divino para o Pecado ea Desobediência

As Escrituras tratam repetidamente da questão do pecado do homem, que conduz ao julgamento divino. Conta após conta na Escritura demonstra os efeitos mortais no tempo e na eternidade de violar o padrão de Deus. Existem 1.189 capítulos na Bíblia. Apenas quatro deles não envolvem um mundo caído: os dois primeiros e os últimos dois - antes da queda e depois da criação do novo céu e da nova terra. Os outros relatam a tragédia do pecado ea graça redentora de Deus em Cristo Jesus.

No Antigo Testamento, Deus mostrou o desastre do pecado - começando com Adão e Eva e levando a Caim e Abel, os patriarcas, Moisés e Israel, os reis, os sacerdotes, alguns profetas e as nações gentias. Em todo o Antigo Testamento está o registro implacável de devastação contínua produzida pelo pecado e desobediência à lei de Deus.

No Novo Testamento, a tragédia do pecado torna-se mais clara. O ensinamento de Jesus e dos apóstolos começa e termina com um apelo ao arrependimento. Rei Herodes, os líderes judeus ea nação de Israel - juntamente com Pilatos, Roma e o resto do mundo - todos rejeitam o Senhor Salvador, desprezam a verdade de Deus e, assim, condenam a si mesmos. A crônica do pecado continua inabalável até o fim dos tempos e o retorno de Cristo no julgamento. A desobediência do Novo Testamento é ainda mais flagrante do que a desobediência do Antigo Testamento porque envolve a rejeição do Senhor Salvador Jesus Cristo na luz mais brilhante da revelação do Novo Testamento.

A Revelação da Bênção Divina para Fé e Obediência

As Escrituras repetidamente prometem recompensas maravilhosas no tempo e na eternidade que vêm às pessoas que confiam em Deus e procuram obedecê-lo. No Antigo Testamento, Deus mostrou a bem-aventurança do arrependimento do pecado, da fé em si mesmo e da obediência à sua Palavra - de Abel, dos patriarcas, dos remanescentes em Israel e até dos gentios que acreditavam (como o povo De Nínive).

A vontade de Deus, sua lei moral e seu padrão para o homem foram sempre conhecidos. Àqueles que enfrentaram sua incapacidade de guardar o padrão de Deus, que reconheceram o seu pecado, que confessaram sua impotência para agradar a Deus por suas próprias obras, e que lhe pediram perdão e graça - a esses veio a redenção misericordiosa e bênção para o tempo ea eternidade.

No Novo Testamento, Deus novamente mostrou a felicidade completa da redenção do pecado para pessoas arrependidas. Havia aqueles que responderam à pregação do arrependimento por João Batista. Outros se arrependeram com a pregação de Jesus. Outros ainda de Israel obedeceram ao evangelho através da pregação dos apóstolos. E, finalmente, muitos gentios em todo o Império Romano acreditavam no evangelho. Para todos aqueles e para todos os que acreditam em toda a história, Deus promete bênção, tanto neste mundo como no mundo vindouro.

A Revelação do Senhor Salvador e Seu Sacrifício pelo Pecado

Este é o coração tanto do Velho Testamento, que Jesus disse falou dele em tipo e profecia, eo Novo Testamento, que dá o registro bíblico de sua vinda. A promessa de bênção

depende da graça e da misericórdia dadas ao pecador. Misericórdia significa que o pecado não é mantido contra o pecador. Tal perdão depende do pagamento da pena do pecado para satisfazer a justiça santa, que exige um substituto - um morrer no lugar do pecador. O substituto escolhido por Deus - o único que se qualificou - era Jesus. A salvação é sempre pelos mesmos meios graciosos, seja durante o Velho Testamento ou tempos do Novo Testamento. Quando um pecador chega a Deus com fé arrependida, reconhecendo que não tem poder para se salvar do julgamento merecido da ira divina, crendo em Cristo e implorando misericórdia, a promessa de perdão de Deus é concedida. Deus então o declara justo porque o sacrifício ea obediência de Cristo são creditados em sua conta. No Antigo Testamento, Deus justificou os pecadores da mesma maneira, em antecipação da obra expiatória de Cristo. Há, portanto, uma continuidade de graça e salvação através de toda a história redentora. Vários convênios, promessas e épocas não alteram essa continuidade fundamental, nem a descontinuidade entre a nação-testemunha do Antigo Testamento, Israel eo testemunho do Novo Testamento - as pessoas, a igreja. Uma continuidade fundamental está centrada na cruz, que não era interrupção no plano de Deus, mas é a própria coisa a que todos os outros pontos. Uma continuidade de graça e salvação através de toda a história redentora. Vários convênios, promessas e épocas não alteram essa continuidade fundamental, nem a descontinuidade entre a nação-testemunha do Antigo Testamento, Israel eo testemunho do Novo Testamento - as pessoas, a igreja. Uma continuidade fundamental está centrada na cruz, que não era interrupção no plano de Deus, mas é a própria coisa a que todos os outros pontos. Uma continuidade de graça e salvação através de toda a história redentora. Vários convênios, promessas e épocas não alteram essa continuidade fundamental, nem a descontinuidade entre a nação-testemunha do Antigo Testamento, Israel eo testemunho do Novo Testamento - as pessoas, a igreja. Uma continuidade fundamental está centrada na cruz, que não era interrupção no plano de Deus, mas é a própria coisa a que todos os outros pontos.

Em todo o Antigo Testamento, o sacrifício do Salvador é prometido. Em Gênesis, ele é a semente da mulher que destruirá Satanás. Em Zacarias, ele é o "traspassado" a quem Israel se volta e por quem Deus abre a fonte do perdão a todos os que lamentam o seu pecado (Zc 12:10). Ele é o próprio simbolizado no sistema sacrificial da lei mosaica. Ele é o substituto sofredor de quem os profetas falam. Em todo o Antigo Testamento, ele é o Messias que morreria pelas transgressões do seu povo; Do início ao fim, o Antigo Testamento apresenta o tema do Senhor Salvador como um sacrifício pelo pecado. É somente por causa de seu perfeito sacrifício pelo pecado que Deus graciosamente perdoa os crentes arrependidos.

No Novo Testamento, o Senhor Salvador veio e realmente forneceu o sacrifício prometido pelo pecado na cruz. Tendo cumprido toda a justiça pela sua vida perfeita, ele cumpriu a justiça pela sua morte. Assim, o próprio Deus expiou pelo pecado, a um custo muito grande para que a mente humana pudesse entender. Agora ele graciosamente fornece todo o mérito necessário para que seu povo seja objeto de seu favor. Isso é o que a Escritura quer dizer quando fala da salvação pela graça.

A Revelação do Reino ea Glória do Senhor Salvador

Este componente crucial da Escritura traz toda a história para a sua consumação ordenada por Deus. A história redentora é controlada por Deus para culminar na sua glória eterna. A história redentora terminará com a mesma precisão e exatidão com que começou. As verdades da escatologia não são nem vagas nem claras - nem são sem importância. Como em qualquer livro, como a história termina é atraente e criticamente importante - e assim

é com a Bíblia. A Escritura observa várias características muito específicas do fim planejado por Deus.

No Antigo Testamento, há menção repetida de um reino terrestre governado pelo Messias, o Senhor Salvador, que virá a reinar. Associada a esse reino será a salvação de Israel, a salvação dos gentios, a renovação da terra dos efeitos da maldição e a ressurreição corporal do povo de Deus que morreu. Finalmente, o Antigo Testamento prediz que Deus criará um novo céu e nova terra - que será o estado eterno do piedoso - e um inferno final para o ímpio.

O Novo Testamento esclarece e expande essas características. O Rei é rejeitado e executado, mas promete voltar na glória, trazendo juízo, ressurreição e seu reino para todos os que crêem. Inumeráveis gentios de todas as nações serão incluídos entre os redimidos. Israel será salvo e enxertado na raiz da bênção, de onde ela foi temporariamente extirpada. O reino prometido de Israel será desfrutado com o Senhor Salvador que reina no trono na terra renovada, exercendo poder sobre o mundo inteiro, e recebendo a devida honra e adoração. Seguindo esse reino virá a dissolução da criação renovada, mas ainda manchada pelo pecado, e a criação subseqüente de um novo céu e nova terra - que será o estado eterno, separado para sempre dos ímpios no inferno.

Como a teologia sistemática se relaciona com a visão de mundo?

O que é uma cosmovisão? Uma visão de mundo compreende a coleção de pressuposições, convicções e valores de que uma pessoa tenta entender e fazer sentido fora do mundo e da vida. Como diz Ronald Nash: "Uma visão de mundo é um esquema conceitual pelo qual conscientemente ou inconscientemente colocamos ou encaixamos tudo o que acreditamos e pelo qual interpretamos e julgamos a realidade". Da mesma forma, Gary Phillips e William Brown explicam: "Uma cosmovisão é , Em primeiro lugar, *uma explicação e interpretação do mundo* e, em segundo lugar, *uma aplicação deste ponto de vista para a vida* .

Como se forma uma visão de mundo? Onde é que se começa? Cada cosmovisão começa com *pressupostos* - crenças que se presume serem verdadeiras sem evidências de apoio de outras fontes ou sistemas. Fazer sentido da realidade, em parte ou no todo, requer que se adote uma postura interpretativa, uma vez que não existe um pensamento "neutro" no universo. Isso se torna a base sobre a qual se constrói.

Quais são os pressupostos de uma cosmovisão cristã que está solidamente enraizada e fundamentada nas Escrituras? Carl FH Henry, um importante pensador cristão da última metade do século XX, responde muito simplesmente dizendo que "a teologia evangélica se atreve a abrigar um e só um pressuposto: o Deus vivo e pessoal, inteligivelmente conhecido em sua revelação". O pressuposto principal, que subjaz a uma visão cristã apropriada, divide-se em duas partes. Primeiro, Deus existe eternamente como o Criador pessoal, transcendente, triuno. Segundo, Deus revelou seu caráter, propósitos e vontade nas páginas infalíveis e inerrantes de sua revelação especial, a Bíblia.

Qual é a visão de mundo cristã? A seguinte definição é oferecida como um modelo de trabalho:

> A cosmovisão cristã vê e compreende Deus o Criador e sua criação - isto é, o homem e o mundo - principalmente através da lente da revelação especial de Deus, das Sagradas Escrituras e, secundariamente, através da revelação natural de Deus na criação interpretada pela razão humana e reconciliada por E com a Escritura, com o propósito de crer e agir de acordo com a vontade de Deus e, assim, glorificar a Deus com a mente ea vida, tanto agora como na eternidade.

Quais são alguns dos benefícios de abraçar a cosmovisão cristã? Uma cosmovisão bíblica fornece respostas convincentes para as perguntas mais cruciais da vida:

1. Como surgiu o mundo e tudo o que nele?
2. De que padrão posso determinar se uma afirmação de conhecimento é verdadeira ou falsa?
3. Como o mundo deve / deve funcionar?
4. Qual é a natureza de um ser humano?
5. Qual é o propósito pessoal da existência?
6. Como se deve viver?
7. Existe alguma esperança pessoal para o futuro?
8. O que acontece com uma pessoa após e após a morte?
9. Por que é possível saber alguma coisa?
10. Como se determina o que é certo e errado?
11. Qual é o significado da história humana?
12. O que o futuro reserva?

Os cristãos no século XXI enfrentam as mesmas perguntas básicas sobre este mundo e vida que confrontaram os primeiros seres humanos em Gênesis. Eles também tiveram que peneirar várias visões de mundo para responder às perguntas acima. Isso tem sido verdade ao longo da história. Considere o que enfrentou José (Gênesis 37-50) e Moisés (Êxodo 2-14) no Egito, ou Elias quando encontrou Jezabel e seus profetas pagãos (1 Reis 17-19), ou Daniel na Babilônia (Daniel 1-6), Ou Neemias na Pérsia (Neemias 1-2), ou Paulo em Atenas (Atos 17). Eles discerniram a diferença entre verdade e erro, certo e errado, porque colocaram sua fé no Deus vivo e em sua Palavra revelada.

O que essencialmente distingue a cosmovisão cristã de outras cosmovisões? No centro da questão, uma cosmovisão cristã contrasta com visões de mundo concorrentes em que (1) reconhece o Deus da Bíblia como a fonte única de toda a verdade, e (2) relaciona toda a verdade de volta à compreensão de Deus e seus propósitos Para esta vida e para a próxima.

Há alguma percepção errônea sobre a visão cristã do mundo, especialmente entre os cristãos? Há pelo menos duas noções equivocadas. A primeira é que uma visão cristã do mundo e da vida diferirá em todos os pontos de outras cosmovisões. Embora isso nem sempre seja verdade (por exemplo, todas as cosmovisões aceitam a lei da gravidade), a cosmovisão cristã diferirá e será única nos pontos mais importantes, especialmente no que se refere ao caráter de Deus, à natureza e ao valor da Escritura e A exclusividade de Jesus Cristo como Salvador e Senhor. A segunda percepção equivocada é que a Bíblia contém tudo o que precisamos saber em todos os sentidos. O senso comum deve pôr fim a este pensamento misdirected; Por exemplo, as Escrituras não dão instruções sobre como mudar o óleo do carro. Contudo,

Como e em que contextos de vida uma cosmovisão cristã se revela necessária? Primeiro, no mundo da *erudição,* a cosmovisão cristã é oferecida não como uma das muitas iguais ou possibilidades, mas como a única visão verdadeira da vida cuja única fonte de verdade e realidade é o Deus Criador. Assim, serve como uma luz brilhante refletindo a glória de Deus no meio da escuridão intelectual.

Segundo, uma visão cristã do mundo deve ser usada como uma ferramenta essencial no *evangelismo* para *responder* às perguntas e objeções do incrédulo. No entanto, deve ser claramente entendido que, em última análise, é o evangelho que tem o poder de trazer um indivíduo para a salvação (Romanos 1: 16-17).

Finalmente, uma visão de mundo cristã é fundamental no reino do *discipulado* para informar e amadurecer um verdadeiro crente em Cristo no que diz respeito às implicações e ramificações de uma fé cristã. Ele fornece uma estrutura pela qual um (1) pode entender

o mundo e toda a sua realidade da perspectiva de Deus e (2) pode ordenar a vida de acordo com a vontade de Deus.

Qual deveria ser o objetivo final de abraçar a cosmovisão cristã? Por que a cosmovisão cristã vale a pena recuperar? Jeremias passa pela resposta direta de Deus:

> Assim diz o SENHOR : "Não se glorie o sábio na sua sabedoria, não se glorie o poderoso no seu poder; não se glorie o rico nas suas riquezas, mas quem se gloriar se glorie nisto, compreende e sabe Eu sou o SENHOR que pratica o amor, a justiça ea justiça na terra. Pois nisto me deleito, diz o SENHOR . "(Jeremias 9: 23-24)

O principal objetivo do homem é conhecer e glorificar a Deus. Contudo, o conhecimento de Deus é impossível sem uma cosmovisão cristã.

Onde se cruzam a teologia sistemática ea cosmovisão? Primeiro, ambos são erguidos no mesmo pressuposto compartilhado com suas duas partes: (1) a existência pessoal do Deus eterno e (2) sua auto-revelação na Escritura. Segundo, uma cosmovisão cristã depende da teologia sistemática para conhecer e compreender a verdade de Deus, pois a teologia sistemática nada mais é do que organizar tudo o que Deus revelou com o propósito de conhecer corretamente e viver com ele. Terceiro, uma cosmovisão cristã depende da teologia sistemática para conhecer e abraçar a cosmovisão de Deus, como revelada nas Escrituras, pois é somente quando pensamos cristãmente que aprendemos a pensar os próprios pensamentos de Deus depois dele. Finalmente,

Como a teologia sistemática se relaciona com a mente?

A Mente Redimida
A Mente Renovada
A Mente Iluminada
A Mente Cristã
A mente testada
A mente lucrativa
A mente equilibrada

A teologia sistemática é inteiramente sobre a mente de Deus como encontrada na Escritura. Não se trata do que os humanos pensam independentemente, independentemente da Bíblia. As características necessárias da mente do cristão são discutidas em seguida, porque qualificam um para aprender e ensinar a teologia cristã, cuja fonte é a Escritura e cuja peça central é o Deus trino.

A Mente Redimida

Como resultado da salvação, a mente de uma pessoa recentemente redimida conhece e compreende a glória de Deus (2 Cor. 4: 6). Visto que essa pessoa foi cegada por Satanás (2 Coríntios 4: 4), ele agora possui o "capacete da salvação" (Efésios 6:17) para proteger a mente contra os "esquemas" (um termo relacionado à mente No grego, Efésios 6:11) de Satanás. Já não é este um vulnerável à esquerda do Diabo como antes da salvação. Esta nova pessoa (2 Coríntios 5:17) agora tem um conhecimento de Deus e sua vontade que ele ou ela anteriormente faltava (1 João 5: 18-20).

A Mente Renovada

Quando uma pessoa entra em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, este se torna uma nova criação (2 Coríntios 5:17) que canta "uma canção nova" (Salmo 98: 1). A mente

adquire uma nova maneira de pensar e uma capacidade de adiar velhos e pecaminosos modos de pensar. Inquestionavelmente, Deus está no negócio da renovação da mente para os cristãos (Romanos 12: 2, Ef 4:23 e Colossenses 3:10).

A Bíblia diz para "colocar as vossas mentes sobre as coisas que estão acima, não sobre as que estão na terra" (Colossenses 3: 2). Paulo colocou este conceito em termos militares: "Destruímos argumentos e toda a elevada opinião levantada contra o conhecimento de Deus, e levamos todo pensamento cativo para obedecer a Cristo" (2 Coríntios 10: 5). Como vamos fazer isso? A Escritura revela a mente de Deus (1 Coríntios 2:16) - não toda sua mente, com certeza, mas tudo o que Deus sabiamente decidiu revelar a nós. Para pensar como Deus, é preciso pensar como a Escritura. É por isso que Paulo encorajou os Colossenses a permitir que a Palavra de Cristo habitasse neles ricamente (Colossenses 3:16).

Harry Blamires, um inglês com extraordinária compreensão sobre a mente cristã, coloca isso muito bem:

> Pensar cristãmente é pensar em termos de Revelação. Para o secularista, Deus e a teologia são brinquedos da mente. Para o cristão, Deus é real, ea teologia cristã descreve Sua verdade revelada a nós. Para a mente secular, a religião é essencialmente uma questão de teoria: para a mente cristã, o cristianismo é uma questão de atos e fatos. Os atos e fatos que são a base de nossa fé estão registrados na Bíblia.

Na salvação, os cristãos recebem uma capacidade mental regenerada para compreender a verdade espiritual. Após a salvação, os cristãos precisam reajustar seu pensamento principalmente pela renovação da mente, usando a Bíblia como meio para fazê-lo. O objetivo final é ter um pleno conhecimento de Deus e sua vontade (Efésios 1: 17-18, Col. 1: 9-10).

A Mente Iluminada

A Bíblia diz que os crentes precisam da ajuda de Deus para entender a Palavra de Deus (1 Cor. 2: 12-13). Conseqüentemente, o Espírito de Deus ilumina as mentes dos crentes, para que eles possam compreender, abraçar e obedecer às verdades reveladas nas Escrituras. Os teólogos chamam essa *iluminação* .

Uma grande oração para oferecer como se estuda a Escritura é: "Abre os meus olhos, para que eu possa contemplar as maravilhas da tua lei" (Salmo 119: 18). Reconhece uma necessidade indispensável da luz de Deus nas Escrituras. Assim como textos como o Salmo 119: 33-34, "Ensina-me, ó SENHOR , o caminho dos teus estatutos; E vou mantê-lo até o fim. Dá-me entendimento, para que eu possa guardar a tua lei e observá-la com todo o meu coração "(veja também Salmo 119: 102).

Deus quer que os cristãos saibam, compreendam e obedeçam. Então ele lhes dá a ajuda que eles precisam através de seu Espírito Santo. Os crentes, como os homens a quem Jesus falou no caminho de Emaús, requerem a ajuda de Deus: "Então ele abriu suas mentes para entender as Escrituras" (Lucas 24:45). O ministério de iluminação de Deus pelo qual ele dá luz sobre o significado da Bíblia é afirmado em textos como o Salmo 119: 130; Efésios 1: 18-19; E 1 João 2:27.

A verdade sobre Deus iluminando as Escrituras para os cristãos deve encorajar grandemente o crente. Embora isso não elimine a necessidade de que os homens dotados ensinem (Ef 4: 11-12, 2 Tim. 4: 2) ou o duro trabalho do estudo bíblico sério (2 Tim. 2:15), ele promete que há Não há necessidade de ser escravizado ao dogma da igreja ou de ser desviado pelos falsos mestres. Dependência primária para aprender As Escrituras precisam estar no autor das Escrituras - o próprio Deus.

A Mente Cristã

Quando alguém pensa que Deus quer que ele ou ela pense e age como Deus quer que ele ou ela aja, então alguém receberá a bênção de Deus para obediência (Apocalipse 1: 3). Espiritualmente, o cristão será aquela criança obediente, aquela noiva pura e aquela ovelha saudável no rebanho de Cristo que experimenta a maior intimidade com Deus.

É a idolatria descarada rejeitar a mente de Deus nas Escrituras e adorar no altar do próprio pensamento independente. A maior intimidade de um crente com o Senhor ocorre quando os pensamentos do Senhor prevalecem e o comportamento de alguém então modela o de Cristo.

Os cristãos devem ser completamente felizes em abraçar a mente certa e verdadeira de Deus Pai (Rm 11:34), Deus Filho (1 Coríntios 2:16), e Deus, o Espírito (Romanos 8:27). Em contraste com Pedro, que foi tentado por Satanás a colocar sua mente sobre as coisas do homem, os crentes devem colocar suas mentes sobre as coisas de Deus (Mt 16:23 e Col. 3: 2). Isto tem que fazer não tanto com diferentes categorias ou disciplinas de pensamento, mas sim com a forma como as coisas são vistas a partir de uma perspectiva divina. Os cristãos devem ficar admirados da mente de Deus, assim como o apóstolo Paulo (Romanos 11: 33-36).

A visão de Deus é a única visão verdadeira que corresponde exatamente a toda a realidade. A mente de Deus define o padrão para o qual os crentes devem lutar, mas que eles nunca alcançarão plenamente. Dito de outra forma, os pensamentos do homem nunca excederão, igualarão, nem se aproximarão de Deus. Mais de 2.500 anos atrás, o profeta Isaías disse esta mesma coisa (Isaías 55: 8-9).

O padrão final de espírito cristão é o Senhor Jesus Cristo. Paulo declara: "Mas nós temos a mente de Cristo" (1 Coríntios 2:16). Como isso pode ser? Temos isso com a Bíblia, que é a revelação suficiente e especial de Deus (2 Timóteo 3: 16-17, 2 Pe 1: 3). Em Filipenses 2: 5, Paulo instrui, "Tenha esta mente entre vós mesmos, que é a vossa em Cristo Jesus." O apóstolo está apontando especificamente à mentalidade de Cristo de sacrifício para a glória de Deus (Filipenses 2: 7) ea submissão à vontade de Deus Filipenses 2: 8). Seguindo o modelo de Cristo, os cristãos podem treinar suas mentes para se tornarem mais parecidas com as de Cristo.

A mente testada

A mente cristã deve ser um repositório da verdade revelada de Deus. Ele não deve tremer, vacilar, comprometer, ou dobrar em face de idéias opostas ou argumentos aparentemente superiores (2 Tim. 1: 7). A verdade não se origina em humanos, mas em Deus. Portanto, os cristãos devem ser os campeões da verdade num mundo cheio de mentiras enganosamente disfarçadas e falsamente declaradas como a verdade.

Foi Deus quem convidou a nação de Israel, dizendo: "Vinde, arrazoemos juntos" (Isaías 1:18). O assunto a ser considerado era o arrependimento do pecado e da salvação (Isaías 1: 16-20). Por aplicação, o mesmo convite é estendido a cada pessoa viva. Mas não será sem barreiras de Satanás.

Ser prevenido é ser forçado. Enquanto um compromisso de pensar cristãmente honra Cristo, não é sem oposição. Satanás teria crentes que pensam contrário à Palavra de Deus e então agem desobedientemente à vontade de Deus.

Lembre-se que antes de se tornar um cristão, sua mente é cegada pelo Diabo: "O deus deste mundo cegou a mente dos incrédulos, para impedi-los de ver a luz do evangelho da glória de Cristo, que é A imagem de Deus "(2 Cor. 4: 4). Mesmo depois da salvação, Satanás continua seu alvoroço intelectual. Paulo teve grande preocupação com a igreja de

Corinto: "Mas temo que, como a serpente enganou Eva pela sua astúcia, os seus pensamentos serão desviados de uma sincera e pura devoção a Cristo" (2 Coríntios 11: 3). Eva permitiu que Satanás pensasse por ela. Então ela fez um pouco de seu próprio pensamento independente de Deus. Quando suas conclusões diferiam das de Deus, ela optou por agir de acordo com suas conclusões e não com os mandamentos de Deus, que é o pecado (Gn 3: 1-7).

Satanás aponta seus dardos ardentes (Efésios 6:16) para as mentes dos crentes (2 Coríntios 11: 3), fazendo de seu pensamento a vida o campo de batalha para a conquista espiritual. Contagens bíblicas abundam sobre aqueles que sucumbiram, como Eva (Gênesis 3) e Pedro (Mateus 16: 13-23). Outros se afastaram da batalha como vencedores, como Jó (Jó 1: 1-2: 10) e Cristo (Mateus 4: 1-11). Quando os cristãos caem, é mais provável que tenham esquecido de usar o capacete da salvação ou de empunhar a espada da verdade (Efésios 6:17).

Em advertir os crentes sobre a batalha contínua e interminável da vida com Satanás, Paulo em duas ocasiões fala sobre os esquemas ou projetos do Diabo. Ele usa duas palavras gregas diferentes, mas ambas se relacionam com a mente (2 Coríntios 2:11, Ef 6:11). Visto que ninguém está imune a esses ataques, o cristão realmente precisa prestar atenção ao forte encorajamento de Pedro: "Portanto, preparando as vossas mentes para a ação, e sendo sóbrios, ponde inteiramente a vossa esperança na graça que vos será trazida Revelação de Jesus Cristo "(1 Pedro 1:13, ver 3:15).

Até agora, esta discussão tem se concentrado em uma postura militar preventiva ou defensiva em relação à mente. A maioria das Escrituras trata da proteção pessoal. No entanto, Paulo também aborda como ir na ofensiva intelectual (2 Coríntios 10: 4-5). Essas "armas" ofensivas (10: 4) certamente apresentam a Palavra de Deus exercida pela mente de um cristão no contexto da guerra da visão do mundo. Neste contexto de batalha mental, as "fortalezas" (10: 4) são "argumentos" (10: 5) e "toda opinião elevada levantada contra o conhecimento de Deus" (10: 5). Em outras palavras, qualquer filosofia, cosmovisão, apologética ou outro tipo de ensino que minasse, minimizasse, contradizesse ou tentasse eliminar a cosmovisão cristã ou qualquer parte dela deveria ser enfrentado de frente com um plano de batalha agressivo e ofensivo. O fim final de Deus é a destruição ("destruir" é usado duas vezes em 10:

No contexto histórico de 2 Coríntios, Paulo se opôs a qualquer ensinamento sobre qualquer assunto que tivesse entrado na igreja e não correspondesse à sua instrução apostólica. Se um incrédulo ou um crente era responsável, se a idéia veio de eruditos ou não-instruídos, se o ensino encontrou ampla aceitação ou não, todos os pensamentos ou opiniões que não eram *para* o conhecimento de Deus deveriam ser considerados *contra* o conhecimento de Deus. Portanto, eles deveriam ser alvo de batalha intelectual e eliminação final. Assim, no contexto de hoje, todas as atividades intelectuais (por exemplo, ler, ouvir rádio, assistir televisão e filmes, estudar em academias formais,

A mente lucrativa

O Salmo 119 fornece uma visão detalhada da nova relação do cristão com a Bíblia, que revela a mente de Cristo. Primeiro, um crente desenvolverá um grande amor e enorme deleite nas Escrituras (119: 47-48). Segundo, um crente em Cristo terá um forte desejo de conhecer a Palavra de Deus como a melhor maneira de conhecer a Deus (119: 16, 93, 176). Terceiro, conhecer a Deus levará então um cristão a obedecê-lo (119: 44-45).

Ouvir algo uma vez não é suficiente para a maioria das pessoas. Considerar brevemente algo profundo não permite tempo suficiente para compreender e compreender plenamente o seu significado. Isso prova ser mais verdadeiro com a mente de Deus nas Escrituras. O Salmo 119 testifica a importância e bênção de demorar-se por muito tempo na Palavra de Deus.

A idéia de meditar às vezes se presta a mal-entendidos. A meditação envolve pensamento prolongado ou ponderação. A figura de fala americana para meditar é "mastigar" um pensamento. Alguns também compararam com o processo de ruminação do sistema digestivo de quatro ventres da vaca. Uma imagem vívida vem de um percolator do café. A água sobe um pequeno tubo e drena para baixo através dos grãos de café. Depois de ciclos suficientes, o sabor dos grãos de café foi transferido para a água, que é então chamado de café. Assim, é que os cristãos precisam fazer um ciclo de seus pensamentos através dos fundamentos da Palavra de Deus até que eles comecem a pensar como Deus e, em seguida, agir de forma divina.

As Escrituras ordenam aos crentes que meditem em três áreas:

1. Deus (Salmos 27: 4 e 63: 6)
2. A Palavra de Deus (Josué 1: 8, Salmo 1: 2)
3. As obras de Deus (Sl 143: 5; 145: 5)

Todos os 176 versículos do Salmo 119 ensinam a virtude de viver a mente de Deus. A meditação é mencionada pelo menos sete vezes como o hábito de quem ama a Deus e deseja uma intimidade mais íntima com ele: "Como eu amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia ... Meus olhos estão despertos diante das vigílias da noite, para meditar na tua promessa "(119: 97, 148), veja também 119: 15, 23, 27, 48, 78, 99). Em contraste, um aspecto do pecado de Eva pode ser atribuído ao seu fracasso em meditar adequadamente na palavra clara e suficiente de Deus (Gênesis 2: 16-17).

Meditar na Palavra de Deus purificará a mente de velhos pensamentos que não são de Deus e reforçará novos pensamentos das Escrituras. Ele também coloca um escudo protetor em torno da mente para bloquear e rejeitar pensamentos que contradizem Deus. Esse é o processo bíblico de renovação da mente.

PENSE NESTAS COISAS

Alguém sugeriu que a mente é a raiz da alma. Sendo assim, é preciso alimentar com cuidado e nutricionalmente sua alma afundando sua raiz principal profundamente na mente de Deus nas Escrituras. Pode-se perguntar: "Que comida vai alimentar a minha alma?" O menu de Paul para a mente inclui pratos pensados que são (1) "verdadeira", (2) "honrosa", (3) "justa" "(5)" adorável ", (6)" louvável ", (7)" excelen [t] "e (8)" digno de louvor "(Filipenses 4: 8). Ao meditar sobre a Palavra de Deus e pensar nessas coisas, os cristãos evitarão concentrar suas mentes em coisas terrenas (Fp 3:19) e impedir que sejam de mente dupla (Tiago 1: 6-8).

A mente equilibrada

A revelação divina ea razão humana são como o óleo e a água - eles nunca se misturam? Os cristãos às vezes alcançaram dois extremos errôneos ao lidar com a revelação divina ea razão humana. Em um extremo do espectro está o *anti-intelectualismo* , que basicamente conclui que se um assunto não é discutido na Bíblia, então não é digno de um estudo ou pensamento sério. Essa abordagem não-bíblica da aprendizagem e do pensamento leva à retirada cultural e intelectual. No extremo oposto

está o *hiper-intelectualismo* , que abrange a revelação natural num nível mais elevado de valor e credibilidade do que a revelação especial de Deus nas Escrituras; Quando os dois estão em conflito, a revelação natural é a fonte preferida de verdade. Essa abordagem não bíblica resulta em retirada bíblica.

Ambos os erros devem ser rejeitados. O crente deve apropriar-se do conhecimento da revelação especial e geral. No entanto, a criação e as nossas faculdades de razão e dedução pelas quais estudamos a criação (ou seja, a revelação geral) são caídas, falíveis e corrompidas pelo pecado. A Escritura, por outro lado, é infalível e inerrante e, portanto, deve ter precedência sobre a revelação geral. Onde a Bíblia fala a uma disciplina, sua verdade é superior. Onde a Bíblia não fala, Deus nos deu todo o mundo da criação para explorar o conhecimento - mas com a ressalva de que a capacidade do homem de tirar conclusões da natureza não é infalível como a Palavra de Deus. Isto é especialmente verdadeiro para os pensadores que continuamente rejeitam sua necessidade de salvação de Cristo. Isso não significa necessariamente que seus fatos estão errados ou mesmo que suas idéias básicas estão erradas. No entanto, ele garante que sua visão de mundo não está de acordo com a perspectiva de Deus, e, portanto, suas conclusões devem ser submetidas a uma avaliação crítica de acordo com as Escrituras.

Incrivelmente, a partir da perspectiva de uma cosmovisão cristã, os crentes devem envolver suas próprias mentes e as mentes dos outros para o melhor de sua capacidade e como a oportunidade permite. No entanto, várias precauções sábias estão em ordem:

1. Tornar-se um estudioso e tentar mudar a forma como a geração de alguém pensa é secundário para se tornar um cristão e mudar a maneira como um pessoalmente pensa sobre Cristo.
2. A educação formal em uma variedade de disciplinas é secundária à educação do evangelho - isto é, obedecendo à Grande Comissão (Mateus 28: 18-20) e levando o evangelho até os confins da terra, a toda criatura.
3. A revelação geral *aponta* para um poder superior, enquanto a revelação especial introduz *pessoalmente* esse poder superior como o Deus triúno das Escrituras, que criou o mundo e tudo o que nele está (ver Isaías 40-48, onde Yahweh lembra a Israel dessa verdade crítica) E que forneceu o único Redentor no Senhor Jesus Cristo.
4. Conhecer a verdade não é tão importante quanto estar pessoalmente e redentivamente em comunhão com a Verdade, Jesus Cristo (João 14: 6), que é a única fonte de vida eterna.
5. A igreja do Novo Testamento não tinha a obrigação de intelectualizar seu mundo, nem era sua prática. Em vez disso, eles "evangelizaram" isto proclamando a graça salvadora de Jesus Cristo a todos sem distinção, de líderes políticos chave como o Rei Agripa (Atos 25: 23-26: 32) a escravos humildemente presos como Onésimo (Fímeis 10).
6. Moralizar, politizar ou intelectualizar a sociedade sem primeiro ver a conversão espiritual é garantir apenas uma breve e geralmente inconsistente mudança que é superficial, não profunda; Temporária, não duradoura; E em última análise, condenação, não poupança.

É preciso repetir que tanto a revelação especial quanto a geral são necessárias para cultivar uma mentalidade bíblica. No entanto, o estudo da revelação especial é a prioridade, seguida, em segundo lugar, pela aprendizagem da revelação natural. Salomão, o homem mais sábio que já viveu (1 Reis 3:12; 4: 29-34), escreveu o mesmo conselho quase três mil anos atrás. As suas declarações mais autoritárias sobre o assunto da mente e do conhecimento, uma vez que são a Escritura (Provérbios 1: 7 e 9:10, ver também 1 Coríntios 1: 20-21).

O alfa ea ômega da teologia cristã é um *conhecimento de Deus* (2Cor 2:14, 4: 6, Ef 1:17, Col 1:10, 2 Pedro 1: 2-3, 8, 3:18) E um *conhecimento da verdade* (1 Tm 2: 4, 2 Tm

2:25 e Tito 1: 1). Acima de tudo, no centro de uma cosmovisão cristã está o Senhor Jesus Cristo, "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Colossenses 2: 3). Nada pode ser plenamente compreendido se Deus não é conhecido primeiro.

Como a teologia sistemática se relaciona com a vida pessoal de alguém?

Intimidade e Maturidade
Santidade
Santificação

A piedade, a semelhança com Cristo e a espiritualidade cristã descrevem um cristão cada vez mais semelhante a Deus. A maneira mais poderosa de efetuar esta mudança é deixar que a Palavra de Deus habite ricamente em uma só pessoa (Colossenses 3:16). Quando abraçarmos a Escritura sem reservas, ela operará energicamente a vontade de Deus na vida do crente (1 Tessalonicenses 2:13). O processo poderia ser basicamente definido como segue:

> A espiritualidade cristã envolve crescer para ser como Deus em caráter e conduta por se submeter pessoalmente à obra transformadora da Palavra de Deus e do Espírito de Deus.

Intimidade e Maturidade

Não há melhor maneira de saturar a mente com a Escritura do que sentar-se sob pregação expositiva e estudar a teologia sistemática - ambos irão aumentar a maturidade espiritual de alguém. O autor de Hebreus alegrou-se que os judeus cristãos haviam levado bem à intimidade de uma criança (Hb 5: 12-13), mas deploraram sua falta de avanço para a maturidade da carne. Então ele exortou: "Portanto, deixemos a doutrina elementar de Cristo e avancemos para a maturidade" (Hb 6: 1). Paulo escreveu aos coríntios com decepção semelhante (1 Cor. 3: 1-3).

Intimidade lida fundamentalmente com o relacionamento pessoal com o Pai, Filho e Espírito Santo em Deus. A maturidade é o resultado da intimidade que reflete a presença permanente e permanente de Deus nos cristãos em relação à piedade (João 15: 1-11). Assim como um bebê ou criança pequena, embora ainda não maduro, pode desfrutar de intimidade com um pai, assim deve um novo cristão com o recém-encontrado Salvador. Esta intimidade alimenta o processo de amadurecimento, através do qual uma criança cresce em semelhança parental.

Intimidade sem maturidade resulta em comportamento espiritualmente infantil em vez de respostas espiritualmente adultas. Em contraste, a maturidade sem intimidade resulta em um cristianismo velho e sem alegria que pode facilmente se deteriorar em legalismo e às vezes até mesmo uma grande queda no pecado. No entanto, as Escrituras ensinam que quando a intimidade e a maturidade se complementam e se alimentam umas das outras, o resultado é uma vida cristã forte e vibrante. A genuína espiritualidade, portanto, deve ser marcada pela intimidade e pela maturidade.

As Escrituras são essenciais para o crescimento na maturidade espiritual. Jesus, Paulo e Tiago comunicaram diretamente a clara e freqüente demanda premente de Deus para o desenvolvimento espiritual no verdadeiro crente, fornecendo palavras-chave para a compreensão da maturidade espiritual. Devemos ser perfeitos (Mateus 5:48), para serem construídos até a masculinidade madura (Ef 4: 11-13), para serem apresentados maduros

em Cristo (Col. 1:28), completos e equipados para todo bem Trabalho (2 Tm 3: 16-17), e carente de nada (Tiago 1: 2-4).

A maneira mais rápida de compreender a essência da maturidade é ler sobre a obediência de pessoas como Abel, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó e José no Gênesis. Mas não se deve parar lá. Mais sessenta e cinco livros da Bíblia contêm relatos adicionais de amadurecimento espiritual. Esta "sala de fé" canônica serve como o exemplo final da afirmação de fé íntima e fidelidade madura de Deus.

Hebreus 11 narra a maturidade espiritual no seu melhor. Mas observe que uma exortação segue imediatamente Hebreus 11, exigindo o mesmo tipo de maturidade naqueles que receberam a carta (12: 1-3). Essa exortação é acompanhada por uma advertência sobre a disciplina do Pai daqueles que persistem na imaturidade (12: 4-11). A paternidade terrena imperfeita é apenas um reflexo da resposta impecável de Deus àqueles que pela fé no Senhor Jesus Cristo nasceram de novo na família de Deus (João 1: 12-13).

Um santo de idade, Epafras, orou para que os cristãos de Colossos se mantinham perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus (Colossenses 4:12). Que Deus, de modo semelhante, elogie estas verdades bíblicas convincentes sobre a maturidade espiritual para a mordomia de adoração e obediência para a sua grande glória.

Santidade

Os cristãos foram salvos para serem santos e para viverem vidas santas (1Pe 1: 14-16). O que significa ser santo? As palavras hebraica e grega para "ser santo" (que aparecem cerca de duas mil vezes na Escritura) basicamente significa "ser reservado para algo especial". Assim, Deus é santo porque se distingue da criação, da humanidade, E todos os deuses pagãos pelo fato de sua deidade e sem pecado. É por isso que os anjos cantam de Deus: "Santo, santo, santo" (Isaías 6: 3 e Apocalipse 4: 8), e por que a Escritura declara que ele é santo (Sl 99: 9, Isaías 43:15) .

Assim, a idéia de santidade assume um significado espiritual entre o povo de Deus baseado no caráter santo de Deus. Por exemplo, o sumo sacerdote de Deus tinha inscrito em sua cabeça "Santo ao Senhor" (Êxodo 39:30). O sumo sacerdote foi especialmente separado por Deus para interceder em favor de uma nação pecadora a um Deus santo para o perdão de suas transgressões.

A santidade encarna a própria essência do cristianismo. O santo Salvador salvou os pecadores para serem um povo santo (1Pe 2: 4-10). É por isso que um dos nomes bíblicos mais comuns para um crente é *santo* , que simplesmente e maravilhosamente significa "salvo e separado" (Rm 1: 7; 1 Cor. 1: 2).

Quando se considera que um Deus santo salva, não é nenhuma surpresa saber que ele dá seu Espírito Santo a cada crente na salvação. Um propósito primário deste dom é equipar os crentes com o poder de viver uma vida santa (1 Tessalonicenses 4: 7-8; 1 João 3:24; 4:13).

Então Deus quer que os cristãos compartilhem sua santidade (Hebreus 12:10) e se apresentem como escravos da justiça, o que resultará em santidade (Romanos 6:19): "Já que temos essas promessas, amados, limpe-nos De toda contaminação do corpo e do espírito, trazendo a santidade para a consumação no temor de Deus "(2 Coríntios 7: 1). Assim, o autor de Hebreus escreve: "Buscai a paz com todos e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12:14). A santidade é o núcleo da experiência de um cristão.

A maturidade espiritual brota da santidade. O teólogo escocês John Brown ferve a santidade até uma definição que todos nós podemos entender e perseguir:

> A santidade não consiste em especulações místicas, fervores entusiásticos ou austeridades não-ordenadas; Consiste em pensar como Deus pensa, e disposto como Deus quer. A mente ea vontade de Deus devem ser conhecidas pela sua palavra; E, na medida em que realmente entendo e acredito na palavra de Deus, a mente de Deus se torna minha mente, a vontade de Deus se torna minha vontade e, de acordo com a medida da minha fé, eu me torno santo.

Santificação

Estreitamente ligado à *santidade* é a *santificação* . Em muitos usos do Novo Testamento, a palavra significa "salvação" (Atos 20:32, 1 Coríntios 1: 2). A santificação, ou a separação na salvação, deve resultar na separação dos crentes para a vida cristã.

A santificação não inclui apenas o ato e o fato imediatos da salvação, mas também envolve uma experiência progressiva ou crescente de maior santidade e menos pecaminosidade. Ela expressa a vontade de Deus e cumpre o propósito do chamado de salvação de Deus (1 Tessalonicenses 4: 3-7). A santificação inclui a responsabilidade de participar na continuação do que o Espírito de Deus começou na salvação (2 Tim. 2:21 e Apocalipse 22:11).

Os cristãos são constantemente exortados a perseguir em sua experiência cristã o que Deus declarou ser verdadeiro deles em salvação. Os crentes também são prometidos que o que não está agora completo, Deus finalmente terminará em glória (Filipenses 2: 12-13; 1 Tessalonicenses 5:23). Estas passagens expressam um dos grandes paradoxos da Escritura: os cristãos devem tornar-se o que já são e um dia será. Tal certeza do futuro do cristão é captada em textos como estes:

> Pois todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (Romanos 10:13)

> Pois a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós que estamos sendo salvos é o poder de Deus. (1 Cor. 1:18)

> Além disso você sabe o tempo, que a hora chegou para você acordar do sono. Pois a salvação está mais próxima de nós agora do que quando cremos. (Romanos 13:11)

A santificação envolve o processo espiritual que é retratado por um corpo que cresce até a idade adulta (Hebreus 5: 11-14) ou uma árvore que produz frutos (Salmo 1: 3). O crescimento nem sempre é fácil ou uniforme; No entanto, deve ser a direção da vida de um verdadeiro cristão.

Vários obstáculos enfrentam o crente nesta busca ao longo da vida. Os cristãos precisam saber sobre eles e ficar em guarda para evitá-los ou corrigi-los se eles se tornarem parte do pensamento de alguém:

1. Pode-se pensar melhor do que se deveria e não perseguir a santidade como se deve (Rm 12: 3).
2. Pode-se presumir sobre a salvação e assumir que, uma vez que é salvo, a vida santa é opcional (Rm 6: 1-2).
3. Pode ter sido erroneamente ensinado sobre a natureza da vida cristã e assim negligenciar o senhorio de Cristo (1 Pedro 3:15).
4. Pode-se faltar o zelo ou a energia para fazer da santidade uma prioridade (2 Coríntios 7: 1).
5. Pode-se pensar que ele ou ela é salvo, mas não verdadeiramente ser assim e, em seguida, tentar viver uma vida santa no poder da carne (Mt 13: 5-7, 20-22).

A natureza ensina que o crescimento é normal e esperado; Inversamente, uma falta de crescimento deve soar um alarme de que algo está seriamente errado. As Escrituras

ensinam esse princípio também em um sentido espiritual. Freqüentemente, Atos relata que a igreja primitiva cresceu e se expandiu (ver 2:41, 4: 4, 5:14, 6: 7, 9:31, 35, 42, 11:21, 14: 1, 21, 16: 5 , 17:12). Deus também tem expectativas de crescimento individual na vida do cristão. Estas exortações da Escritura precisam ser levadas a sério (1 Pe 2: 2, 2 Pedro 3:18).

Os principais agentes para esse crescimento são a Palavra de Deus (João 17:17, 1 Pedro 2: 2) eo Espírito de Deus (Efésios 5: 15-21). Quando o crescimento ocorre, pode-se rapidamente reconhecer Deus como a causa (1 Coríntios 3: 6-7 e Colossenses 2:19). O Espírito Santo desempenha um papel proeminente no fornecimento de um verdadeiro crente com a garantia da salvação. Sua segurança conecta diretamente com o crescimento (Romanos 8: 16-17; 1 João 3:24).

Tendo sido anteriormente espiritualmente morto, mas agora vivificado para Deus, o crente pode verificar seus sinais vitais para comprovar o fato de que ele está realmente vivo, porque anda nas obras que Deus preparou (Efésios 2: 1-10). A fim de verificar a sua saúde espiritual, aqui estão alguns dos mais importantes sinais vitais de um verdadeiro cristão:

1. Fruto cristão (João 15: 8)
2. Amor pelo povo de Deus (João 13:35)
3. Preocupação com a santidade pessoal (1 Pe 1: 13-21)
4. Amor pela Palavra de Deus (1 Pe 2: 2-3)
5. O desejo de obedecer (João 14:15, 21, 23)
6. Um senso de intimidade com Deus (Romanos 8: 14-17)
7. Perseverança (Filipenses 1: 27-28)
8. A comunhão com o povo de Deus (Hb 10: 24-25)
9. O desejo de glorificar a Deus (Mt 5: 13-16)
10. Testemunha da realidade pessoal de Cristo (1 Pedro 3:15)

Como resultado de testar seus sinais vitais espirituais, os cristãos não devem permanecer ou permanecer no nível da infância, mas devem crescer em todas as coisas. À medida que essa maturidade ou crescimento individual ocorre, ele se estende à edificação e crescimento do corpo corporativo de Cristo (Efésios 4: 14-16).

A espiritualidade envolve o Espírito de Deus tomando a Palavra de Deus e amadurecendo o povo de Deus através do ministério dos servos de Deus para o crescimento espiritual dos crentes individuais, o que resulta no crescimento do corpo de Cristo. Este é o objetivo final da teologia sistemática - pensar cada vez mais e, então, agir de acordo com a vontade de Deus à medida que amadurece na fé cristã.

Como a teologia sistemática se relaciona com o ministério de alguém?

O notável teólogo Benjamin Warfield deu a seguinte resposta a esta pergunta vital:

> Se tal é o valor e o uso da doutrina, o teólogo sistemático é preeminentemente um pregador do evangelho; E o fim de seu trabalho não é obviamente o arranjo lógico das verdades que estão sob a sua mão, mas o movimento dos homens, através do seu poder, de amar a Deus com todos os seus corações e seus vizinhos como a si mesmos; Para escolher sua porção com o Salvador de suas almas; Para encontrá-Lo precioso; E para reconhecer e ceder às influências doces do Espírito Santo que Ele enviou. Com tal verdade, ele não se atreverá a lidar com um espírito frio e meramente científico, mas com justiça e necessariamente permitirá que a sua preciosidade e seu destino prático determinem o espírito no qual ele o maneja e despertar o amor reverencial com o qual sozinho Ele deve investigar suas relações recíprocas. Para isso, ele precisa ser absorvido em todos os momentos com um senso do valor indescritível da revelação que se encontra

diante dele como a fonte de seu material, e com os rolamentos pessoais de suas verdades separadas em seu próprio coração e vida; Ele precisa ter e ter uma experiência religiosa plena, rica e profunda das grandes doutrinas com as quais trata; Ele precisa estar perto do seu Deus, descansar sempre no seio do seu Redentor, para ser cheio em todos os momentos com as influências manifestas do Espírito Santo. O estudante da teologia sistemática precisa de uma natureza religiosa muito sensível, de um coração profundamente consagrado e de uma efusão do Espírito Santo sobre ele, que o preencha com esse discernimento espiritual, sem o qual todo o intelecto nativo é em vão. Ele precisa ser não apenas um estudante, não apenas um pensador,

Oração

Deus eterno e Pai celestial,
Fazemos eco ao salmista: Louvai ao Senhor!
Não confiamos nos líderes humanos, nos seres mortais;
Neles não há salvação.
Mas nós confiamos em Ti, o Senhor nosso Deus.
Criador do céu e da terra.
Você é para sempre fiéis. Um dia você trará justiça perfeita
Em toda a terra.

Entretanto, Tu providencias todas as necessidades do Teu povo.
Nós Te agradecemos que Tu encheste os fiéis famintos e libertados,
Dada a visão aos cegos, ressuscitou os que estão abatidos,
E consolou aqueles que são oprimidos.
Na verdade, quão abençoado é aquele cuja ajuda é o Deus de Jacó,
Cuja esperança está no Senhor seu Deus!
Nós Te agradecemos que Tu ames perfeitamente e eternamente
Aqueles que são cobertos com a tua justiça.
Nós Te adoramos, Senhor, como Criador e Sustentador de todas as coisas.
Damos graças a Ti, ó Deus; Nós Te glorificamos pelas Tuas maravilhas!

Por mais abençoado que estejamos sob a capa de Sua graça, porém,
Devemos confessar que pecamos. Rompemos a tua lei,
Que está escrito em nossos corações, assim como nas Escrituras.
Desconsideramos a voz da consciência e desprezamos a
A direção clara de Seu Espírito. Pior ainda, às vezes temos
Recusou os comandos claros de Sua santa Palavra.
No entanto, Tu diariamente mostra-nos graça e longanimidade
E em Cristo somos perdoados.
Purgar nossas vidas de pecado
Purificar nossas almas da culpa,
Livra-nos das afeições terrenas,
Guiar nossos pés longe do caminho do mal,
E nos fazem andar no caminho da justiça,
Por amor do teu santo nome.
Podemos perseguir a beleza da Tua santidade
E a segurança da esperança que Tu puseste diante de nós.
Que nunca percamos a firme certeza de uma salvação eterna.

Obrigado por nos equipando com armadura espiritual adequada para nos proteger
Contra as ciladas do maligno.
Obrigado por tal grande Sumo Sacerdote,
Que intercede por nós sempre.
Obrigado por sua Palavra,

Que nos guia e ensina.
Graciosamente nos capacitamos a prendê-lo em nossos corações,
E assim fixar nossas mentes em você.
Nós desejamos entender suas verdades e observar como você opera
Para que possamos ver bênção em cada prova e alegria em cada tristeza.

Encha nossos corações com gratidão e louvor,
E possamos ver Seu design em tudo!
Faze-nos, Senhor, proclamar o Vosso Evangelho a todos os que quiserem ouvir -
E possamos ganhar uma melhor audição porque tanto a nossa doutrina
E nossa prática manifesta a glória de Cristo em Sua obra salvífica.
Em todas as condições da vida
Se lutarmos ou prosperarmos,
Sofrer ou se alegrar,
Poderemos saber que em Suas mãos todos esses
Coisas estão sendo trabalhadas em conjunto
Para o nosso bem e para a tua glória eterna.
Temos o privilégio de sermos chamados de Seus filhos, e derramamos nossos corações
Em oração a Ti, amando Pai.
Em nome de Teu Filho, oramos. Um homem.

"Todas as pessoas que na Terra dormem"

Todas as pessoas que na terra moram,
Cantai ao Senhor com voz alegre.
Ele serve com medo, Seu louvor adiante diz,
Vinde a Ele e alegrai-vos.

Sabeis que o Senhor é Deus;
Sem a nossa ajuda, Ele nos fez;
Nós somos Seu rebanho; Ele nos dá alimento,
E pelas suas ovelhas Ele nos leva.

O entrar, então, as suas portas com louvor,
Aproximai-vos com alegria para os seus átrios;
Elogie, elogie e abençoe Seu Nome sempre,
Porque é digno de fazê-lo.

Por quê? O Senhor nosso Deus é bom,
Sua misericórdia é para sempre certa;
Sua verdade em todos os momentos firmemente,
E de idade em idade durará.

Ao Pai, Filho e Espírito Santo,
O Deus que o céu e a terra adoram,
Da terra e do anfitrião do anjo
Seja louvor e glória sempre.

~ William Kethe (desconhecido-1594)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 13-20.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 13-26.
Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 2005. 2-11.
Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 15-149.
Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 21-43.
Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 1-150.
Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 1: 7-58.
Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. xxv-xxxvi.
Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 1: 3-58; 3: 1-25.
Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 1-51.
Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 23-46.
Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 1-54.

Obras Específicas

Carson, DA "O Papel da Exegese na Teologia Sistemática". Em *Fazer a Teologia no Mundo de Hoje: Ensaios em Honra de Kenneth S. Kantzer* , editado por John D. Woodbridge e Thomas Edward McComisky, 39-76. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991.
Gaffin, Richard B., Jr. "Teologia Sistemática e Teologia Bíblica". *Westminster Theological Journal* 38, no. 3 (1976): 281-99.
Garrett, James Leo, Jr. "Por que a Teologia Sistemática?" *Criswell Theological Review* 3, no. 2 (1989): 259-81.
Holmes, Arthur F. *Contornos de uma Visão Mundial* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983.
Macleod, Donald. "Preaching and Systematic Theology". Em *The Preacher and Preaching: Reviving the Art* , editado por Samuel T. Logan Jr., 246-72. Phillipsburg, NJ: P & R, 2011.
McCune, Rolland. *Uma teologia sistemática do cristianismo bíblico* . Vol. 1, *Prolegomena e as Doutrinas da Escritura, Deus e Anjos* . Detroit, MI: Seminário teológico baptista de Detroit, 2009.
Murray, John. "Teologia Sistemática". Em *Collected Writings de John Murray* , 4: 1-21. Edimburgo: Banner of Truth, 1982.
Phillips, W. Gary e William E. Brown. *Fazendo o sentido de seu mundo de um ponto de vista bíblico* . Chicago: Moody Press, 1991.
Warfield, Benjamin B. "O Indispensibleness de Teologia Sistemática para o Pregador." Em *Selected Short Escritos de Benjamin B. Warfield* , editado por John Meeter, 2: 280-88. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1973.
Poços, David F. *Nenhum lugar para a verdade: Ou, o que aconteceu à teologia evangélica?* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993.

Palavra de Deus

Bibliologia

"Bíblia Sagrada, Livro Divino"

A Bíblia Sagrada, livro divino,
Precioso tesouro, tu és meu;
O meu para me dizer de onde vim;
O meu para me ensinar o que sou.

Meu para repreender-me quando eu rove;
Minas para mostrar o amor de um Salvador;
Tu és o guia e guarda;
Minas para punir ou recompensar.

Minas para conforto em angústia;
Suff'ring neste deserto;
Mina para mostrar, pela fé viva,
O homem pode triunfar sobre a morte.

Mina para contar de alegrias para vir,
E a desgraça do pecador rebelde:
Ó tu Santo Livro Divino,
Precioso tesouro, tu és meu. Um homem.

~ John Burton (1773-1822)

Principais temas abordados no Capítulo 2

Inspiração da Escritura

Autoridade das Escrituras

Inerrância da Escritura

Preservação da Escritura

Ensinando e Pregando as Escrituras

Obrigação à Escritura

A doutrina das Escrituras é absolutamente fundamental e essencial porque identifica a única fonte verdadeira para toda a verdade cristã. As Escrituras afirmam repetidamente ser a Palavra de Deus. Os profetas apelaram para ele como o fundamento para as promessas e os julgamentos de Deus. Cristo e seus apóstolos basearam toda a doutrina cristã nas Escrituras. Mais de 2.500 vezes no Antigo Testamento, a Bíblia afirma que Deus falou o que está escrito em suas páginas (Is 1: 2). Desde o princípio (Gênesis 1: 3) até o fim (Mal. 4: 3) e continuamente ao longo, isto é o que o Antigo Testamento alega.

A frase "a palavra de Deus" ocorre mais de quarenta vezes no Novo Testamento. É igualado com o Antigo Testamento (Marcos 7:13). Foi o que Jesus pregou (Lucas 5: 1). Foi a mensagem que os apóstolos ensinaram (Atos 4:31; 6: 2). Foi a palavra que os samaritanos receberam (Atos 8:14), tal como foi dada pelos apóstolos (Atos 8:25). Foi a mensagem que os gentios receberam como pregado por Pedro (Atos 11: 1). Foi a palavra que Paulo pregou em sua primeira viagem missionária (Atos 13: 5, 7, 44, 48-49; 15: 35-

36), sua segunda jornada missionária (Atos 16:32; 17:13; 18:11) , E sua terceira viagem missionária (Atos 19:10). Foi o foco de Lucas no livro de Atos, que relatou sua ampla e rápida expansão (Atos 6: 7; 12:24; 19:20). Paulo também foi cuidadoso em dizer aos coríntios que ele falava a palavra como foi dada por Deus, que não tinha sido adulterado, E que era uma manifestação da verdade (2 Cor. 2:17; 4: 2). E Paulo reconheceu isso como a fonte de sua pregação (Cl 1:25; 1 Tessalonicenses 2:13).

Salmos 19 e 119 e Provérbios 30: 5-6 fazem declarações poderosas sobre a Palavra de Deus, separando-a de qualquer outra escrita religiosa ou instrução na história da humanidade. Essas passagens defendem que a Bíblia seja chamada de "sagrada" (2 Timóteo 3:15) e "santa" (Rm 1: 2).

A Bíblia reivindica a máxima autoridade espiritual na doutrina, na reprovação, na correção e na instrução na justiça porque representa a Palavra inspirada do Deus Todo-Poderoso (2 Timóteo 3: 16-17). A Escritura afirma sua suficiência espiritual, tanto que reivindica a exclusividade para seu ensino (veja Isaías 55:11; 2 Pedro 1: 3-4).

A Palavra de Deus declara que ela é infalível (2 Tim. 3: 16-17) e é inerrante (Salmo 12: 6; 119: 140; Provérbios 30: 5; João 10:35). Em outras palavras, uma vez que é absolutamente verdade, é, portanto, totalmente confiável. Todas essas qualidades dependem do fato de que a Escritura é dada por Deus (2 Timóteo 3:16, 2 Pe 1: 20-21), que garante sua qualidade na fonte e em sua escrita original.

Na Escritura, a pessoa de Deus ea Palavra de Deus estão em toda parte inter-relacionadas, de tal forma que tudo o que é verdadeiro sobre o caráter de Deus é verdadeiro sobre a natureza da Palavra de Deus. Deus é verdadeiro, impecável e confiável; Portanto, assim é a sua Palavra. O que uma pessoa pensa sobre a Palavra de Deus na realidade reflete o que uma pessoa pensa sobre Deus.

A Bíblia possui muitas características importantes e únicas que o distinguem e imensamente além de qualquer literatura escrita pela humanidade. Sete de suas características mais significativas retratam-na como (1) ativa (1 Tessalonicenses 2:13, Hebreus 4:12); (2) certo (Isaías 55: 10-11; Lucas 16:17); (3) poderoso (Romanos 1: 16-17, 1 Coríntios 1:18); (4) viver (João 6:63, Hebreus 4:12, 1 Pedro 1:23); (5) purificação (Efésios 5:26); (6) nutritivo (1 Pe 2: 2); E (7) santificar (João 17: 17-19). A Tabela 2.1 descreve os vários símbolos que a Escritura usa para representar uma variedade de verdades espirituais relativas à Palavra de Deus.

Inspiração da Escritura

Revelação e Inspiração
Definição de Inspiração
Preparação para Inspiração
Provas de inspiração

Deus iniciou a revelação e revelação de si mesmo para a humanidade (Hb 1: 1). Os veículos variaram; Às vezes era através da ordem criada e em outras vezes através de visões / sonhos ou profetas falantes (Heb.1: 1-3). Entretanto, as auto-revelações mais completas e compreensíveis foram através das proposições escritas das Escrituras (1 Cor. 2: 6-16). A Palavra escrita de Deus é única, pois é a única revelação de Deus que claramente declara a pecaminosidade do homem e a provisão de Deus do Salvador.

Tabela 2.1 Símbolos para a Bíblia

Símbolo	**Realidade**	**Textos**
Jesus Cristo	Personificação da Palavra	João 1: 1; Apocalipse 19:13

Metais valiosos	Valor incalculável	Prata: Ps. 12: 6 Ouro: Pss. 19:10; 119: 127
Semente	Fonte de vida nova	Matt. 13: 10-23; Tiago 1:18; 1 Pet. 1:23
agua	Limpar do pecado	Eph. 5: 25-27; Ap 21: 6; 22:17
Espelho	Auto-exame	Tiago 1: 22-25
Comida	Alimentação para a alma	Leite: 1 Cor. 3: 2; 1 Pet. 2: 1-3 Pão: Deut. 8: 3; Matt. 4: 4 Carne: 1 Cor. 3: 2; Heb. 5: 12-14 Mel: Ps. 19:10
Roupas	Uma vida vestida de verdade	Tito 2:10; 1 Pet. 3: 1-5
Luminária	Luz para direção	Ps. 119: 105; Prov. 6:23; 2 Pet. 1:19
Espada	Arma espiritual	Externamente: Ef. 6:17 Interiormente: Heb. 4:12
Encanamento	Benchmark da realidade espiritual	Amós 7: 8
Martelo	Poderoso julgamento	Jer. 23:29
Fogo	Julgamento doloroso	Jer. 5:14; 20: 9; 23:29

A revelação de Deus foi capturada nos escritos da Escritura por meio da *inspiração* , que tem mais a ver com o processo pelo qual Deus revelou-se que o fato de sua auto-revelação. Segundo Timóteo 3:16, afirma: "Toda a Escritura é exalada por Deus". Pedro explica o processo: "Nenhuma profecia da Escritura vem da interpretação de alguém. Pois nenhuma profecia foi produzida pela vontade do homem, mas os homens falaram de Deus, como foram levados pelo Espírito Santo "(2 Pe 1: 20-21). Por este meio, a Palavra de Deus foi protegida do erro humano em seu registro original pelo ministério do Espírito Santo (Deuteronômio 18:18 e Mateus 1:22). Zacarias descreve o processo de inspiração mais claramente, LANÇANDO AS ESCRITURAS COMO "A LEI E AS PALAVRAS QUE O SENHOR dos exércitos havia enviado por seu Espírito através dos antigos profetas" (Zacarias 7:12). Este ministério do Espírito se estendeu tanto à parte (as palavras) quanto ao todo nos escritos originais.

Revelação e Inspiração

Por definição e como se relaciona com a revelação, a criatura finita eo Criador infinito diferem fundamentalmente. Deus desfruta de um conhecimento infinito e perfeito, enquanto a humanidade possui um conhecimento finito e imperfeito. De fato, a humanidade não pode conhecer plenamente o que a criação revela além da Escritura. Revelação envolve Deus (o Criador) transmitindo a verdade sobre si mesmo para a humanidade. De acordo com as Escrituras, esta revelação vem em duas formas: revelação geral (Salmo 19: 1-6) e revelação especial (Salmo 19: 7-14).

REVELAÇÃO GERAL

A revelação geral é o testemunho de Deus de si mesmo através da criação para suas criaturas. Davi o explica desta maneira: "Os céus declaram a glória de Deus, eo céu acima

proclama a sua obra" (Salmo 19: 1). Quando uma pessoa olha para o céu, o próprio universo atesta o fato de que tem um Criador - e que ele é incrível. O termo "glória" literalmente fala do peso ou do significado de Deus, e é precisamente isso que o olhar no céu no dia ou na noite revela. Aquele que criou este universo deve ser verdadeiramente incrível e poderoso para trazer tudo isso para a existência. O testemunho da Criação para o Criador é contínuo. Como Davi escreve: "O dia a dia derrama o discurso, ea noite à noite revela o conhecimento" (Salmo 19: 2). Embora seja um testemunho limitado porque é não-verbal, é todavia universalmente acessível a todos:

> Não há fala, nem palavras,
> Cuja voz não é ouvida;
> Sua voz sai por toda a terra,
> E suas palavras até o fim do mundo.
> (Salmo 19: 3-4, ver Atos 14:17, 17: 23-31, Romanos 1: 18-25, 10:18)

Os tipos de coisas que podem ser discernidos da revelação geral incluem uma apreciação da sabedoria e do poder de Deus. Quanto mais uma pessoa examina a vastidão do espaço ou as partículas mais finas em sua estrutura molecular, mais ele é obrigado a reconhecer com admiração e espanto a verdadeira grandeza do Criador. Não é diferente de olhar para uma pintura fina e apreciar o gênio do artista, admirando tudo, desde a escolha das cores para o ângulo dos pinceladas. Da mesma forma, pode-se observar incontáveis pinceladas e escolhas de cor na criação. A imensidão do oceano, a profundidade insondável do mar, o som e a força de cada onda que atinge a costa - todas estas coisas e muito mais falam ao poder de Deus. Ao mesmo tempo, A forma como o ciclo hidrológico trabalha para regar a terra e preservar a vida atesta a bondade de seu Criador. Essa chuva cai nos campos daqueles que amam e adoram a Deus, assim como aqueles que não revelam o amor que Deus tem por todas as suas criaturas (Mt 5:45). Para os crentes, o cuidado providencial de Deus ao trabalhar todas as coisas para seu bem também pode ser incluído na categoria de sua revelação geral (Romanos 8:28) - embora a doutrina da providência derive de promessas dadas em revelação especial. Todas estas coisas e muitas mais atestam a grandeza do Criador. O cuidado providencial de Deus ao trabalhar todas as coisas em seu bem também pode ser incluído na categoria de sua revelação geral (Romanos 8:28) - embora a doutrina da providência derive de promessas dadas em revelação especial. Todas estas coisas e muitas mais atestam a grandeza do Criador. O cuidado providencial de Deus ao trabalhar todas as coisas em seu bem também pode ser incluído na categoria de sua revelação geral (Romanos 8:28) - embora a doutrina da providência derive de promessas dadas em revelação especial. Todas estas coisas e muitas mais atestam a grandeza do Criador.

Outra forma de revelação geral complementa o que pode ser observado na criação com o que pode ser observado no próprio homem: o conhecimento inerente do certo e do errado eo trabalho da consciência, que acusa os pecadores de serem condenados diante de seu Criador e Juiz. Como disse Paulo: "Porque, quando os gentios, que não têm a lei, por natureza fazem o que a lei exige, eles são uma lei para si mesmos, embora eles não têm a lei. Eles mostram que a obra da lei está escrita em seus corações, enquanto sua consciência também testemunha, e seus pensamentos conflitantes acusam ou mesmo desculpam-nos "(Romanos 2: 14-15). A criação não só atesta o poder infinito ea sabedoria de seu Criador, mas também trabalha em conjunto com a compreensão inata que Deus colocou dentro do homem para levar a consciência do pecado e do julgamento. Salomão afirma que o homem sabe que há mais na vida do que esta existência física. Como ele explica, Deus colocou uma consciência da eternidade dentro do coração do homem (Ec.

3:11). Todo mundo começa com uma compreensão interna do fato de que, embora o homem seja finito, há mais em sua existência do que apenas essa realidade temporal.

Embora a revelação geral transmita muito sobre o poder, a sabedoria, a bondade, a retidão e a majestade do Criador, ela se limita ao que pode ser observado pelo homem pecador. O fim último da revelação geral é que deixa as pessoas sem desculpa por não reconhecerem a natureza de seu Criador. Mas não transmite nada a respeito do modo pelo qual um ser humano caído poderia ter acesso ou obter reconciliação com seu Criador para escapar do julgamento. É por isso que Deus julgou necessário revelar-se também diretamente através da revelação especial. Ele fez isso para que os humanos caídos soubessem (1) a plenitude de Deus, (2) como ser redimidos da ira de Deus para com os pecadores, e (3) como viver e agradar a Deus.

Várias observações finais podem ser feitas a partir da Bíblia sobre a revelação geral:

1. A amplitude do conteúdo inclui apenas o conhecimento de Deus, não todo conhecimento não qualificado.
2. O intervalo de tempo é todo o tempo, não apenas os tempos mais recentes.
3. A testemunha é para todas as pessoas, não apenas para alguns com formação científica.
4. A aquisição é feita pela visão humana e sentido, não com equipamento ou técnica científica.
5. Todo o corpus da revelação geral estava disponível imediatamente após a criação; Não se acumulava com o passar do tempo e a progressiva coleta de conhecimentos.

Portanto, o propósito da revelação geral na natureza como definido pela Escritura não deve ser ampliado ou expandido mais do que a revelação especial da Escritura permite. Fazer isso, seria fazer o impensável - adicionar à Escritura sem autorização divina. Ninguém pode ser salvo pela revelação geral (Romanos 10: 5-17, 1 Coríntios 1: 18-2: 5).

REVELAÇÃO ESPECIAL

Deus usa revelação especial quando se revela diretamente e em maior detalhe. Deus fez isso através de (1) atos diretos, (2) sonhos e visões, (3) encarnação de Cristo, e (4) Escritura. Deus se revelou por atos diretos em vários momentos e de maneiras variadas ao longo da história redentora (Hb 1: 1). Ele falou diretamente com Adão no jardim do Éden (Gênesis 2: 16-17; 3: 9, 11). Ele se dirigiu à nação de Israel de forma audível no Sinai (Dt 5: 4). Ele falou pessoalmente a Moisés e confirmou seu testemunho por muitos sinais poderosos e maravilhas (Deuteronômio 34: 10-12). Deus fez milagres em pontos-chave na história redentora para confirmar suas testemunhas (Êxodo 3-14), incluindo a confirmação vocal do Pai do Filho em três ocasiões distintas (Mt 3:17, 17: 5 e João 12:28).

Deus também se revelou diretamente através de sonhos e visões. Ele deu a Isaías uma visão do Filho de Deus em sua plena glória pré-encarnada (Isaías 6: 1-4). Daniel recebeu várias experiências reveladoras, incluindo uma em resposta direta à sua oração pela nação de Israel (Dn 9: 20-21). O apóstolo João viu uma visão do ressuscitado Senhor Jesus Cristo em glória plena na ilha de Patmos (Apocalipse 1: 10-16). Em cada caso, Deus revelou-se a um profeta humano, a fim de dar-lhe revelação especial.

A manifestação final da revelação especial é a encarnação do Filho. O Deus Criador tomou sobre si as limitações da carne humana e habitou entre suas criaturas (João 1: 1-5, 14). Embora não fosse geralmente reconhecido por quem ele realmente era (João 1: 10-11), ele ainda revelou a plenitude da pessoa de Deus aos homens (João 14: 9-10). Jesus é descrito como a "imagem do Deus invisível" (Col 1:15) e como a "representação exata de Sua natureza" (Hb 1: 3). Jesus foi uma revelação perfeita de Deus para os homens. Ele era a representação exata de quem Deus é e como ele é.

Uma forma igualmente autoritária de revelação especial é a Bíblia. Enquanto a Palavra encarnada é uma encarnação exata do Criador divino, a Escritura é também uma revelação especial e divina de Deus para os homens (Hb 1: 1). É um testemunho escrito fixo do Criador a suas criaturas. Foi composto por um período de mais de mil e quinhentos anos por quarenta diferentes autores humanos. Mas o que era composto era mais do que as palavras dos homens. Foram as palavras inspiradas do próprio Deus. Sua superioridade à revelação geral é atestada por Davi (Salmo 19: 7-11). As Escrituras revelam ao homem a mente de Deus, os caminhos de Deus, a justiça de Deus e os meios pelos quais o homem pode agradar a Deus. É superior à revelação geral porque é específica e verbal. É uma revelação escrita de Deus através de seus apóstolos e profetas (Deuteronômio 8: 3, Mateus 4:

Para entender completamente as diferenças qualitativas e funcionais entre revelação geral e revelação especial, basta considerar os três seguintes contrastes entre os dois. Primeiro, os agentes da revelação geral na natureza perecerão (Isaías 40: 8, Mateus 24:35, Marcos 13:31, Lucas 21:33, 1 Pedro 1:24, 2 Pedro 3:10), mas A Palavra de revelação especial não passará, porque é para sempre (Salmo 119: 89, Isaías 40: 8, Mateus 24:35, Marcos 13:31, Lucas 21:33, 1 Pedro 1:25) . Em segundo lugar, os meios de revelação geral na natureza foi amaldiçoado e está em escravidão à corrupção (Gn 3: 1-24, Romanos 8: 19-23). Portanto, não é o mundo perfeito que Deus originalmente criou (Gn 1:31). No entanto, a Palavra de revelação especial é inspirada por Deus e, portanto, sempre perfeita e santa (Salmo 19: 7-9; 119: 140; 2 Tim. 3:16; Romanos 7:12). Terceiro, O alcance da revelação geral na natureza é severamente limitado em comparação com a extensão multidimensional da revelação especial na Escritura. Para ampliar e esclarecer essa linha de pensamento, as diferenças adicionais estão listadas na tabela 2.2.

Tabela 2.2 Revelação Geral e Especial na Escritura

Revelação Geral nas Escrituras	**Revelação Especial na Escritura**
Só condena	Condena e resgata
Harmoniza com revelação especial, mas não fornece nenhum novo material	Não só aumenta e explica em detalhes o conteúdo da revelação geral, mas também vai muito além dessa explicação
Em sua mensagem percebida precisa ser confirmada pelas Escrituras	É auto-autenticação e auto-confirmação em sua reivindicação de ser a Palavra de Deus
Precisa ser interpretado à luz da revelação especial	Não precisa nenhuma outra revelação para ser interpretada desde que se interpreta
Nunca é igualado com a Escritura pelas Escrituras	Não tem pares

Definição de Inspiração

VISTAS DA INSPIRAÇÃO

Os estudiosos propuseram inúmeras teorias para explicar o processo divino de inspiração. Vamos resumir as principais opiniões aqui.

Teoria da Inspiração . Esta visão sugere que Deus deu aos autores humanos da Bíblia as palavras precisas para escrever. O processo de inspiração simplesmente os envolveu escrevendo estas palavras literalmente. O autor humano era apenas um instrumento usado

por Deus como uma caneta para compor suas palavras na página. A Escritura certamente inclui exemplos de ditado divino, como as instruções de Deus a Moisés ao registrar a lei no Monte Sinai (Êxodo 34:27), a Jeremias dirigindo-se à nação em Jerusalém (Jeremias 30: 2) e a João na ilha De Patmos dirigindo-se às sete igrejas na Ásia Menor (Apocalipse 2: 1, 8, 12, 18; 3: 1, 7, 14). Em cada um desses casos, Deus deu as palavras exatas aos autores humanos por meio de ditado. A inspiração nesses casos, de fato, envolve escrever a revelação de Deus palavra por palavra.

No entanto, se toda a Bíblia foi composta por meio de ditado divino, seria de esperar um estilo e um vocabulário consistente em todo. Seria um vazio recorde da individualidade da linguagem e estilo dos autores humanos. Mas o oposto é observado nos textos das Escrituras (Deuteronômio 3: 23-25, Romanos 9: 1-3). O principal argumento contra o ditado mecânico é que cada livro da Bíblia exibe evidências claras da personalidade do escritor. Cada livro tem um caráter e uma maneira diferentes de expressar-se. Cada autor tem um estilo diferente. Deus poderia ter usado exclusivamente ditado e dado a verdade dessa maneira. Na verdade, ele realmente não precisava usar homens. Mas a escrita na Bíblia apresenta variações de estilo. Exibe variações na linguagem e no vocabulário. De autor a autor, suas personalidades distintas brilham.

Ainda assim, a questão permanece: como a Bíblia poderia ser as palavras de homens como Pedro e Paulo e, ao mesmo tempo, ser as palavras de Deus? Parte da resposta a esta pergunta complexa é simplesmente porque Deus fez Pedro e Paulo e os outros escritores das Escrituras nos homens que ele queria que fossem formando suas próprias personalidades. Ele controlava sua herança e seus ambientes. Ele controlava suas vidas, enquanto lhes dava liberdade de escolha e vontade. E quando esses homens eram exatamente o que ele queria que fossem, ele dirigiu e controlou sua livre e desejável escolha de palavras para que eles escrevessem as próprias palavras de Deus.

Deus os transformou no tipo de homens que ele poderia usar para expressar sua verdade, e então Deus literalmente selecionou as palavras de suas vidas e suas personalidades, vocabulários e emoções. As palavras eram suas palavras, mas na realidade suas vidas tinham sido tão moldadas por Deus que eram palavras de Deus. Assim, é possível dizer que Paulo escreveu o livro de Romanos e também dizer que Deus o escreveu e estar certo em ambas as coisas.

Teoria Parcial ou Conceptual da Inspiração . Alguns teólogos, pregadores e outros estudiosos bíblicos ensinam inspiração conceitual. Em outras palavras, eles dizem que Deus nunca deu aos escritores da Bíblia as palavras exatas que eles escreveriam; Em vez disso, Deus lhes deu idéias gerais ou impressões, e elas as colocam em suas próprias palavras. Por exemplo, ele plantou o conceito de amor na mente de Paulo, e um dia Paulo sentou-se e escreveu 1 Coríntios 13.

Esta visão da inspiração afirma que Deus sugeriu uma tendência geral de revelação, mas os homens ficaram livres para dizer o que queriam, razão pela qual (na opinião daqueles que tomam essa posição) a Bíblia contém tantos erros. Esta visão é uma negação da inspiração verbal. Nega que Deus tenha inspirado as próprias palavras da Escritura. A visão conceitual da inspiração tem sido popular entre os teólogos neo-ortodoxos, que acreditam que a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não é a Palavra de Deus.

Nesta teoria, Deus inspirou as idéias dentro dos autores, mas não lhes deu esses conceitos em palavras reais. Dito de outra maneira, Deus transmitiu sua verdade aos escritores, mas a própria inspiração não se aplica às palavras, mas apenas à doutrina transmitida através de seus escritos. Essa abordagem permite que Deus seja verdadeiro no que ele transmitiu aos autores humanos, ao mesmo tempo em que deixa espaço para as inadequações no que realmente foi escrito. Nessa visão, Deus ou acomodou-se às limitações dos escritores humanos ou deixou-lhes a transmitir a sua verdade em suas

próprias palavras, explicando por que o que os autores humanos escreveu não é necessariamente precisa de fato.

No entanto, as Escrituras repetidamente afirmam ser totalmente verdadeiras (Salmo 119: 43, 160, 2 Tim. 2:15). O próprio Jesus afirma que a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Além disso, a Bíblia nunca fala da autoridade e da mensagem das Escrituras como limitada apenas aos conceitos ou às idéias geralmente transmitidas pelas palavras na página. Ao contrário, Deus expressa grande preocupação por sua Palavra e proíbe qualquer adulteração de seus mandamentos (Deuteronômio 4: 2; 12:32). As Escrituras confirmam a inspiração ao nível da palavra quando diz: "Toda palavra de Deus é verdadeira; Ele é um escudo para aqueles que se refugiam nele. Não acrescentem às suas palavras, para que não vos repreenda e sejais achados mentirosos "(Provérbios 30: 5-6). Esta preocupação é expressa tão seriamente no livro final da Bíblia como está na Lei de Moisés (Ap 22: 18-19). Uma injunção similar em Jeremias (26: 1-2) torna essa restrição divina um elemento notável nas quatro seções principais da revelação escrita: a Lei, os Profetas, os Escritos e o Novo Testamento. Deus a repete em cada seção principal, tornando-a enfática e clara: a preocupação de Deus não é apenas que os conceitos sejam verdadeiros, mas também que as próprias palavras sejam verdadeiramente inspiradas. A inspiração divina ocorreu no nível da palavra.

Teoria natural da inspiração . Aqueles que defendem essa visão argumentam que os autores bíblicos encontraram inspiração para escrever as Escrituras não de Deus, mas de dentro de si mesmas. Da mesma forma que compositores talentosos, artistas, arquitetos e autores foram inspirados em suas grandes obras-primas, os escritores bíblicos foram movidos naturalmente na escrita da Escritura. Eram homens que adquiriram incrível visão espiritual através de sua excepcional sensibilidade e superdotação. Como resultado, seus escritos foram de uma qualidade inspirada.

A objeção óbvia a este ponto de vista é que, embora reconheça a autoria humana das Escrituras, nega ou ignora a afirmação bíblica da autoria divina (2 Tim. 3:16; 2 Pedro 1: 20-21). Essa visão exalta os autores humanos da Bíblia, mas nega que Deus realmente tenha qualquer coisa a ver com sua autoria. De acordo com este ponto de vista, Deus não escreveu a Bíblia. Homens espertos e espirituais fizeram.

Outra falha fatal para esse ponto de vista é que homens inteligentes e religiosos não escreveriam um livro que os condenasse a todos. Tais homens não escreveriam um livro que forneceu a salvação somente de acima. Tais homens buscam prover sua própria salvação. Todas as outras religiões promovem a mentira mortal que o homem contribui para a salvação por obras de moralidade, caridade ou ritual. Eles não querem confiar unicamente no sacrifício perfeito feito pelo Filho de Deus. Como nota final, mesmo o mais nobre dos homens nunca poderia conceber uma personalidade como Jesus Cristo. Mesmo as mentes mais dotadas não poderiam fabricar um personagem que superasse qualquer ser humano que jamais viveu em sabedoria, pureza, amor, justiça e perfeição.

A Visão Bíblica: Verbal, Inspiração Plenária . Deus através de seu Espírito inspirou cada palavra escrita pelos autores humanos em cada um dos sessenta e seis livros da Bíblia nos documentos originais (isto é, os autógrafos). Inspiração descreve o processo de causação divina por trás da autoria da Escritura. Refere-se ao ato direto de Deus sobre o autor humano que resultou na criação de uma revelação perfeitamente escrita. Ela transmite a misteriosa obra do Espírito Santo através da qual ele usou a personalidade, a linguagem, o estilo e o contexto histórico individual de cada escritor para produzir escritos divinamente autorizados. Essas obras eram verdadeiramente o produto do autor humano e do Espírito Santo. Isso se encaixa na palavra Paulo usada em 2 Timóteo 3:16

(*theopneustos*). **Esta palavra grega carrega o sentido de "Deus expirando" as Escrituras através dos escritores bíblicos. "Toda a Escritura é exalada por Deus" (ESV) pode até ser a maneira mais precisa de traduzir 2 Timóteo 3:16. O que é mais importante aqui é reconhecer que a alegação bíblica de inspiração é de superintendência divina. Deus produziu as Escrituras influenciando os próprios pensamentos do autor humano. Isto resultou em palavras divinamente autoritativas e inerrantes escritas nos autógrafos.**

O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO

Os processos reais pelos quais os livros da Bíblia foram compostos são muitos e variados. Moisés escreveu o Pentateuco sob a supervisão direta de Deus. Às vezes, Deus lhe deu as palavras específicas para escrever (Êxodo 34:27); Em outros casos, ele incluiu seus próprios pensamentos (Deuteronômio 3: 23-26). Davi escreveu muitos salmos, que foram coletados no livro dos Salmos. Alguns foram o resultado de eventos específicos em sua vida (Salmos 32; 51), enquanto outros foram extraídos de suas experiências de vida em geral (Salmo 23). Alguns escritores pesquisaram seu assunto antes de escrever. Salomão procurou e coletou muitos provérbios (Eclesiastes 12: 9), e então ele e outros os compilaram no que agora é o livro de Provérbios (Provérbios 1: 1; 10: 1; 25: 1).

Mateus e João escreveram seus Evangelhos com base em suas experiências pessoais com Jesus. Lucas não foi uma testemunha ocular dos eventos registrados em seu Evangelho. Ele investigou tudo cuidadosamente antes de escrevê-lo cuidadosamente e em ordem (Lucas 1: 1-4). Isso quase certamente incluiu entrevistar muitos dos apóstolos e outras testemunhas oculares. Alguns escritores bíblicos receberam revelação especial através de um sonho ou visão que resultou na composição da Escritura. O apóstolo João recebeu uma visão do Senhor Jesus ressuscitado enquanto estava em exílio na ilha de Patmos e foi então instruído a escrever às sete igrejas o que lhe foi dito eo que viu (Apocalipse 1: 9-11).

Mesmo o próprio processo de escrita às vezes era exclusivo dos autores e dos livros que compunham. Jeremias ditou as palavras que Deus deu a seu escriba, Baruc, que fez a escrita real (Jeremias 36:32). Paulo freqüentemente usava um amanuense (ie, um escriba ou secretário de tipos) para escrever suas cartas conforme ele as ditava. É por isso que em muitos casos Paulo termina suas cartas com uma nota escrita em sua própria mão - para certificar que a carta é dele (1 Coríntios 16:21, Colossenses 4:18, 2 Tessalonicenses 3:17). Sua carta aos santos em Roma inclui até uma saudação de Tertius, que escreveu para Paulo (Romanos 16:22). Em algumas ocasiões, Paulo escreveu toda a carta em sua própria mão (Gálatas 6:11, Philem., 19). Através de todas estas características variadas e variadas de composição, Deus, o Espírito Santo estava superintending cada palavra da Escritura.

Pedro define melhor o processo de inspiração em 2 Pedro 1. No contexto de seu próprio martírio iminente, ele fala primeiro da necessidade de se apegar à verdade (2 Pedro 1: 12-14). Antes de advertir os falsos mestres, ele afirma a confiabilidade das Escrituras porque é o produto não apenas dos escritores humanos, mas do Espírito Santo através deles. Ele começa sua explicação referindo-se à sua própria experiência como um testemunho da transfiguração de Cristo (Marcos 9: 1-13, 2 Pedro 1:18). Com base nisso, ele diz: "E temos a palavra profética mais plenamente confirmada, à qual você fará bem em prestar atenção como uma lâmpada que brilha em um lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da manhã nasça em seus corações". 2 Pe 1:19). A "palavra de profecia" é claramente uma referência à Escritura dada a maneira como ela é expandida no versículo 20. A frase "mais plenamente confirmada" pode ser entendida de duas maneiras possíveis: confirmativa ou comparativamente. Se tomado em um sentido

confirmatório (como um predicativo), então significa que a palavra é ainda mais confiável por causa das experiências de primeira mão Peter e outros escritores tiveram. Esses tipos de sinais tornam a palavra profética ainda mais certa e crível. Uma escolha melhor seria tomar isso em um sentido comparativo (como um atributivo). Enquanto uma experiência como a que Pedro teve no Monte da Transfiguração é um incrível testemunho de Cristo, um testemunho ainda mais confiável para Deus é a sua "palavra profética" - isto é, a Escritura. A razão é por causa dos meios pelos quais foi composto. Então isso significa que a palavra é ainda mais confiável por causa das experiências de primeira mão Peter e outros escritores tiveram. Esses tipos de sinais tornam a palavra profética ainda mais certa e crível. Uma escolha melhor seria tomar isso em um sentido comparativo (como um atributivo). Enquanto uma experiência como a que Pedro teve no Monte da Transfiguração é um incrível testemunho de Cristo, um testemunho ainda mais confiável para Deus é a sua "palavra profética" - isto é, a Escritura. A razão é por causa dos meios pelos quais foi composto. Então isso significa que a palavra é ainda mais confiável por causa das experiências de primeira mão Peter e outros escritores tiveram. Esses tipos de sinais tornam a palavra profética ainda mais certa e crível. Uma escolha melhor seria tomar isso em um sentido comparativo (como um atributivo). Enquanto uma experiência como a que Pedro teve no Monte da Transfiguração é um incrível testemunho de Cristo, um testemunho ainda mais confiável para Deus é a sua "palavra profética" - isto é, a Escritura. A razão é por causa dos meios pelos quais foi composto. Enquanto uma experiência como a que Pedro teve no Monte da Transfiguração é um incrível testemunho de Cristo, um testemunho ainda mais confiável para Deus é a sua "palavra profética" - isto é, a Escritura. A razão é por causa dos meios pelos quais foi composto. Enquanto uma experiência como a que Pedro teve no Monte da Transfiguração é um incrível testemunho de Cristo, um testemunho ainda mais confiável para Deus é a sua "palavra profética" - isto é, a Escritura. A razão é por causa dos meios pelos quais foi composto.

A "palavra profética" (Escritura) é mais completa, mais permanente e mais autoritária do que a experiência. Mais especificamente, a Palavra de Deus é uma revelação mais confiável dos ensinamentos sobre a pessoa, expiação e segunda vinda de Cristo do que até mesmo as genuínas experiências de primeira-mão dos próprios apóstolos.

Pedro descreve o processo da composição desta maneira: "sabendo isto antes de tudo, que nenhuma profecia da Escritura vem da própria interpretação de alguém. Pois nenhuma profecia foi produzida pela vontade do homem, mas os homens falaram de Deus, como foram levados pelo Espírito Santo "(2 Pe 1: 20-21). A frase "profecia da Escritura" identifica "a palavra profética" definitivamente como o texto bíblico. A idéia de "interpretação de alguém" significa que o que os autores bíblicos escreveram não eram apenas suas próprias opiniões, idéias ou interpretações pessoais dos eventos que viram ou mensagens que escreveram. O que eles escreveram não foi "produzido pela vontade do homem". Em outras palavras, a iniciativa humana não estava por trás da criação dos livros bíblicos. Pelo contrário, Pedro afirma muito diretamente que quando os autores humanos escreveram, era Deus falando através deles. ISTO É SEMELHANTE AO TESTEMUNHO DE DAVI: "O ESPÍRITO DO SENHOR fala por mim; A sua palavra está na minha língua "(2 Sm 23: 2). Foi um processo milagroso que envolveu diretamente a atenção pessoal eo poder dirigido do Espírito Santo. A expressão "carregada" é a mesma usada em Atos para descrever um navio movido pelo vento (Atos 27:15, 17). Na escrita das Escrituras, foi o profeta comunicando a Palavra de Deus através de sua caneta. Foi também o Espírito que se move continuamente para transmitir a Palavra de Deus através do profeta. No resultado final, o que foi escrito foi inteiramente as palavras dos autores humanos em sua linguagem e estilo e de suas perspectivas pessoais, mas estava sob a

superintendência direta de Deus por seu Espírito produzindo na página as próprias palavras de Deus. O produto final é o divino,

EXPLICAÇÃO DA INSPIRAÇÃO

Um dos textos mais significativos em todo o Novo Testamento sobre a inspiração da Escritura é 2 Timóteo 3:16, onde Paulo afirma tanto uma reivindicação à inspiração de Deus principalmente nos escritos do Antigo Testamento (e, por extensão, para o Novo Testamento) E uma visão inerrante da Escritura. No entanto, devido ao significado deste texto, quase todas as palavras da declaração de Paulo foram atacadas por céticos. Algumas decisões específicas determinam a totalidade da interpretação deste versículo.

A primeira é a expressão "toda a Escritura". No original, o adjetivo feminino singular "todos", juntamente com o substantivo feminino singular "Escritura" pode ser tomado de várias maneiras. Não há dúvida de que o termo traduzido "Escritura" está realmente se referindo à Escritura. No entanto, os intérpretes debatem a extensão desse significado. Trata-se de uma referência a uma determinada passagem da Escritura, como alguns insistem, ou é uma referência à Escritura como um todo, como os outros afirmam? A primeira visão tem a vantagem da ausência do artigo definido para apoiar o seu caso em ambos os casos. Se esta é a visão correta, então Paulo está enfatizando a utilidade de "todas as passagens individuais que compõem o todo". No entanto, a segunda visão parece ser a melhor opção. É verdade que "tudo" geralmente significa "cada" quando unido a um substantivo sem o artigo, Mas isso não é uma regra absoluta. Um substantivo pode ser definido sem o artigo. Este é quase certamente o caso aqui. *A palavra "Escritura" (Gk graphē*) é usada em pelo menos duas outras ocasiões (Rm 1: 2; 16:26) de uma maneira definida - mesmo sem o artigo. O uso desta palavra em todo o Novo Testamento parece confirmar que a Escritura é usada coletivamente como um nome próprio para a totalidade da Bíblia. Essas considerações tornam "toda a Escritura" a visão preferida. Como resultado, o testemunho de Paulo nesta passagem é antes de tudo um que diz respeito à totalidade da Escritura. No entanto, mesmo se a visão alternativa for adotada, há pouca diferença real em enfatizar a "totalidade" ou as "partes individuais" como inspiradas. O ponto que Paulo está fazendo inequivocamente é que o todo e as partes da Escritura,

A segunda questão importante a ser resolvida é provavelmente a mais crucial para esta discussão. *Centra-se na definição do legomenon hapax* bíblico *comumente traduzido* "inspirado por Deus" (*theopneustos*), e em particular o seu significado em relação a "toda a Escritura." O termo em si é uma palavra composta, que é melhor traduzida "expirada por Deus. "A idéia de *inspiração realmente* vem, como é bem atestado, da representação da Vulgata de *inspirata* (latim para" inspiração "). A palavra, então, significa o ato divino no processo de escrever o texto bíblico.

Além da definição do termo em si, o argumento move-se para a relação do termo com a frase anterior, "toda a Escritura". Alguns vêem "inspirado por Deus" como um adjetivo atributivo. Se este é o caso (e é sintaticamente possível), então a expressão é "toda a Escritura inspirada por Deus". Esta leitura, no entanto, implica que algumas passagens da Escritura não são inspiradas. A visão correta é reconhecer a estrutura como um adjetivo predicativo. Neste caso, a expressão lê, como a maioria das traduções inglesas modernas, "toda a Escritura é inspirada por Deus". Esta interpretação é apoiada pela evidência sintáctica ligeiramente melhor em favor deste ponto de vista, argumentos contextuais e muitas afirmações bíblicas similares. Portanto, do próprio testemunho de Paulo a Timóteo, toda a Escritura é inspirada por Deus. Como um resultado, Pode ser absolutamente afirmado que é proveitoso para o homem de Deus. Sua autoria divina torna-o lucrativo. Por extensão, então, esta mesma autoria divina exige inerrância e

infalibilidade. Concluir o contrário é comprometer a integridade do Deus que é atribuído à sua autoria - e não apenas de algumas partes da Escritura, mas de toda ela.

Quanto à extensão da expressão "toda a Escritura", basta olhar para a primeira carta de Paulo a Timóteo, onde escreve: "Porque a Escritura diz: ' NÃO amordaças O BOI ENQUANTO TRILHA '; Digno do seu salário "(1 Timóteo 5:18). Paulo cita tanto a Lei de Moisés (Deuteronômio 25: 4) eo Evangelho de Lucas (Lucas 10: 7), e ele atribui o título da Escritura a ambos. Embora a ênfase principal do texto de 1 Timóteo não seja inspiração, não pode ser desperdiçada que Paulo usa o termo "Escritura" para descrever tanto o Antigo Testamento como a escrita de Lucas. A implicação que se desenha prontamente, então, é que a declaração de Paulo de que "toda a Escritura é inspirada por Deus" aplica a qualidade da autoria divina aos escritos de Lucas em igualdade de condições com o Antigo Testamento.

OBJECÇÕES À INSPIRAÇÃO

É verdade que Deus usou homens falíveis para registrar as Escrituras. Mas, ao mesmo tempo, Deus produziu palavras infalíveis e inerrantes através delas. Como uma pessoa pode desenhar uma linha reta com uma vara torta, Deus produziu uma Bíblia inerrante através de homens imperfeitos. O paralelo mais óbvio e direto é a encarnação. A Escritura registra a concepção milagrosa do Filho de Deus sem pecado no ventre de Maria (Mateus 1: 18-25 e Lucas 1: 26-38). Maria era uma pecadora como qualquer outro descendente de Adão, e ainda assim Deus a usou para trazer Jesus à Terra. O uso da instrumentalidade falível e pecaminosa de modo algum limitou a capacidade de Deus de trazer o Salvador sem pecado para o mundo (2 Co 5:21). Jesus era inteiramente o filho de Maria (Mt 1:25) e plenamente o Filho de Deus (João 1:14) - mas não contaminado pela natureza pecaminosa de Maria. Do mesmo jeito,

Isso é verdade mesmo que ele usou vários tipos de esforço humano no processo de escrita. Se Moisés escreveu as mesmas palavras que Deus lhe disse para escrever (Êx 24: 4, Levítico 1: 1, 4: 1, 6: 1, 8, 24, Núm 1: 1, 2: 1) ou escreveu profeticamente de Suas próprias experiências, tudo estava sob inspiração divina (Dt 31: 24-29). Lucas escreveu sua obra em dois volumes com base em sua pesquisa pessoal (Lucas 1: 1-4 e Atos 1: 1-3). Mateus e João escreveram com base em suas experiências de primeira mão e sua recordação inspirada pelo Espírito do que foi dito e feito (João 14:26). Paulo, às vezes, autoritariamente comunicou seu próprio raciocínio na composição da Escritura (1 Cor. 7:25; 14:37). Deus usou meios humanos para compor sua Palavra inerrante. Mas a Bíblia não é meramente o produto de homens falíveis; É ao mesmo tempo as próprias palavras do infalível Espírito Santo (1 Tessalonicenses 2:13, 2 Tm 3:16; 2 Pet. 1: 20-21).

Preparação para Inspiração

Por trás da composição dos sessenta e seis livros da Bíblia estava uma superintendência divina que providencialmente orquestrou todos os aspectos de sua criação. Isso abrangeu tudo, desde a ocasião da escrita para a composição pessoal única e experiências dos autores individuais. À medida que considerarmos esses fatores, obteremos uma plena apreciação da magnitude do poder divino e da sabedoria exposta nas Escrituras.

PREPARAÇÃO DAS ESCRITURAS

A preparação para a autoria de cada livro da Bíblia, obviamente, inclui o contexto histórico em que foi escrito. Muitos desses contextos são facilmente identificáveis. O Pentateuco foi escrito por Moisés no contexto imediato do êxodo e dos primórdios da

conquista da Terra Prometida. Os Salmos foram escritos freqüentemente nos contextos de vida imediata dos autores humanos ou como uma expressão de adoração derivada de algum ato (s) que Deus fez para seu povo. Eclesiastes dá uma conta inspirada das lições espirituais aprendidas por Salomão ao longo de sua vida. Os livros proféticos são atados com referências históricas que identificam os contextos em que foram escritos e as questões específicas imediatas e futuras que abordaram.

Um levantamento dos livros do Novo Testamento revela o mesmo. O Evangelho de Lucas é o único dos quatro que especificamente identifica seu autor. No entanto, todos os quatro claramente apresentam a pessoa ea obra de Jesus como uma demonstração de que ele é o Cristo. Eles também direcionam o leitor à conclusão de que a salvação está disponível através da fé nele e de sua obra na cruz. Só Lucas indica que ele escreveu não como uma testemunha ocular pessoalmente, mas com base em pesquisas cuidadas que ele fez para compor sua obra em dois volumes (Lucas 1: 1-4, Atos 1: 1-3). No entanto, é claro, com base no conteúdo dos quatro Evangelhos, que eles são derivados dos mesmos eventos históricos.

Cada epístola do Novo Testamento decorre de um contexto histórico específico que levou o autor humano a escrevê-lo. Romanos foi escrito por Paulo como uma introdução de si mesmo e do seu ministério evangélico aos santos em Roma - em parte porque ele buscou sua futura ajuda em seu caminho para a Espanha (Romanos 1: 11-13, 15: 22-25). Paulo escreveu as duas epístolas coríntias como resultado de inúmeras questões que surgiram na igreja de Corinto. Os pastores (1 e 2 Timóteo e Tito) foram dirigidos aos companheiros do ministério de Paulo. Cada um foi escrito a partir de uma vida distinta e situação de ministério, e todas as três cartas dão instruções específicas relacionadas com a manipulação de assuntos nos ministérios de Éfeso e Creta.

Cada um desses cenários históricos foi usado por Deus para fornecer o contexto do qual sua Palavra divinamente inspirada foi escrita. O arranjo providencial de todas as pessoas, problemas, louvores, personalidades, culturas, governos e desafios sociais e seculares - e todos os demais - coletivamente trabalham juntos para fornecer o contexto divinamente pretendido a partir do qual cada livro da Bíblia foi escrito.

PREPARAÇÃO DOS ESCRITORES

Além de orquestrar os acontecimentos da história, que estabeleceram o contexto para a escrita dos livros bíblicos, Deus também preparou os próprios autores. Como ilustração disso, considere o livro dos Salmos. São algumas das porções mais emocionais, inspiradoras e adoradoras da Bíblia. Elas descrevem vividamente tudo, desde exclamações de louvor a pedidos desesperados de libertação. Elas são explicita e implicitamente escritas de muitos e variados contextos históricos. Alguns são escritos de circunstâncias trágicas ou que ameaçam a vida. Outros foram escritos especificamente para definir a atitude adequada para o povo de Deus como eles subiram a Jerusalém para participar na adoração. Todos eles são atados com real emoção humana e pensamento, a partir de experiências da vida real.

Muitos dos salmos foram escritos por David - o doce salmista de Israel. Assim, quando ele diz que o Espírito do Senhor falou por ele e que a própria palavra de Deus estava em sua língua quando escreveu seus salmos, revela que o processo de inspiração envolveu mais do que simplesmente dar-lhe as palavras para escrever (2 Sm 23). : 2). Eram, de fato, as próprias palavras de Deus que estavam na língua de Davi e foram produzidas pela caneta de Davi quando ele escreveu. Ao mesmo tempo, essas palavras foram o produto do Espírito de Deus através do instrumento humano, Davi. Deus usou esse instrumento com todos os elementos de sua personalidade, linguagem, experiências, sentimentos, emoções e estilo.

Assim, por exemplo, no Salmo 23, as próprias palavras de Davi estão sendo articuladas. Quando ele descreve o cuidado amoroso do Senhor como seu Pastor nos versos iniciais como Aquele que "me faz deitar em verdes pastos", tanto a fé de Davi como as palavras inspiradas de Deus estão sendo expressas ao mesmo tempo (Sl 23: 2). Quando Davi muda para a segunda pessoa e se dirige a Deus diretamente, dizendo: "Não temerei mal algum, pois você está comigo" (Salmo 23: 4), estas são ainda as próprias palavras de Davi, mas são também as palavras de Deus Espírito produzindo esta escritura inspirada. O processo de inspiração em nenhum momento no tempo viola a personalidade, linguagem ou estilo do autor humano. Na verdade, inclui todos esses elementos, bem como o contexto histórico imediato em que o texto foi escrito.

Deus providencialmente preparou cada autor humano para ser o instrumento preciso que ele precisava ser para escrever o livro (ou livros) que ele escreveu. Ela começa com a criação de Deus do homem à sua imagem. Isso proporcionou ao homem a capacidade inata de pensar e comunicar com Deus de uma maneira que torna a revelação divina possível e compreensível. Deus pode se comunicar com o homem porque ele fez o homem de modo a facilitar a interação verbal eo pensamento racional. Esta preparação estendeu-se a ascendência e experiências de vida de cada autor - imediata e remota.

A providência de Deus estendeu-se aos antepassados remotos de um escritor. A herança pessoal de muitos escritores bíblicos é freqüentemente evidente nos textos das Escrituras. É provável que todo escritor bíblico, com exceção de Lucas, fosse judeu. Alguns eram de descendência sacerdotal. Outros tinham ascendência real. Todos foram escolhidos por seus ministérios divinamente ordenados, muito antes de sua entrada no mundo (Gênesis 1:15). Isso mostra que a seleção de Deus dos autores humanos não foi uma emergência de última hora. Deus guiou até mesmo todos os antepassados dos profetas para ser exatamente quem ele queria que fossem. Ele fez isso para que pudesse transmitir sua Palavra inspirada através de suas heranças únicas.

Esta preparação providencial trouxe a cada escritor uma perspectiva única que incluía quase todas as áreas da vida. Cada escritor foi condicionado por fatores relacionados ao seu lugar e tempo. Cada um tinha uma hereditariedade distinta, ambiente, educação e educação, bem como interesses, experiências e até mesmo relacionamentos pessoais. Cada escritor tinha seu próprio vocabulário e estilo único de escrita influenciado por todos esses variados fatores.

Além destas experiências contextuais é a obra direta de Deus. Ele providencialmente estava preparando e preservando os escritores bíblicos para se tornar seu povo e seus profetas através do curso normal da vida. Deus forneceu as necessidades materiais de vida para o profeta, para que ele pudesse viver e crescer até a maturidade. Ele preservou cada um deles de qualquer mal desqualificante antes de sua vocação. Ele reprimiu aqueles que de outra forma poderiam destruí-los. No seu tempo perfeito, ele os chamou para o ministério que havia ordenado para eles. E ele fez tudo isso depois de ter orquestrado cada uma das circunstâncias de suas vidas individuais para atraí-las para si mesmo. Deus trabalhou todas as coisas para o seu bem, até mesmo a sua penning Escritura inspirada (Romanos 8:28), de modo que ele poderia usá-los para esse mesmo propósito. Warfield expressou com precisão,

Um excelente exemplo de todo esse processo é Moisés e a autoria do Pentateuco. Moisés nasceu da tribo de Levi aos pais em cativeiro no Egito. No entanto, foi o edito do próprio faraó antes do nascimento de Moisés que levou à sua educação e educação únicas. A fim de preservar a vida de Moisés como um bebê, sua mãe foi forçada a subtly entregá-lo nas mãos da filha de Pharaoh para ser levantado como seu filho. Esta virada de eventos resultou em Moisés recebendo o mais alto e melhor treinamento que o Egito tinha para oferecer para os primeiros quarenta anos de sua vida (Atos 7:22). No

entanto, ele também conhecia sua própria ascendência. Ele observou em primeira mão o sofrimento ea injustiça que Faraó trouxe sobre seu povo. Isto o compeliu a tomar o assunto em suas próprias mãos, mas os esforços de Moisés terminaram em sua fuga do Egito,

É neste momento que a preparação de Deus de Moisés torna-se aparente. Em Êxodo 3, Deus apareceu a Moisés em uma sarça ardente. Ele chamou Moisés para ser o instrumento pelo qual ele livraria seu povo da escravidão no Egito. No entanto, o próprio Moisés foi humilhado a tal ponto que ele não estava convencido de que ele era o homem para o trabalho. Os primeiros oitenta anos da vida de Moisés tinham realmente lhe ensinado uma coisa: ele não era capaz de fazer este trabalho em sua própria força. Deus o preparou para seu chamado. Contudo, Moisés não livrou o povo de Deus da escravidão; Deus o fez. No entanto, ele usou um instrumento humano que tinha sido totalmente preparado para esta tarefa mais de oitenta anos. Os próximos quarenta anos de vida e ministério de Moisés são relatados nos livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Eles são um registro da realização divina através da instrumentalidade humana. Deus nunca foi dependente de Moisés para realizar suas intenções, o que é claramente evidenciado por Deus proibindo Moisés de entrar na Terra Prometida por causa de seu pecado (Nm 27: 12-14). Deus não precisava de Moisés para cumprir seus bons propósitos; Ele foi, no entanto, completamente capaz de usar um falso e mesmo pecador profeta humano para realizar esse plano perfeito.

O mesmo vale para a autoria de Moisés do Pentateuco. A extensa educação formal e formação Moisés recebido como resultado de crescer na casa do Faraó é facilmente aparente na autoria da Torá. Os cinco livros da Lei são formalmente compostos como documentos legais detalhados e registros históricos. É possível que Moisés tenha composto o Gênesis parcialmente com base em registros aos quais teria tido acesso durante seus estudos no Egito. Também é possível que o treinamento de Moisés incluísse exposição a outros tratados e códigos legais antigos do Oriente Próximo que até certo ponto influenciaram sua composição das seções judiciais da Lei. Ao mesmo tempo, Moisés teve uma experiência recorrente de acesso direto a Deus durante o tempo em que escreveu o Pentateuco. Como resultado, ele não dependia em última instância de fontes externas. Os primeiros cinco livros da Bíblia são a obra de Deus e de Moisés ao mesmo tempo. As emoções relatadas por Moisés mostram que elas são suas próprias palavras (por exemplo, Deuteronômio 1:37; 3: 23-26), mas essas palavras também transmitem, com a pluma de Moisés, as palavras de Deus.

As evidências desta dupla autoria são múltiplas e aparentes em toda a Bíblia. A Escritura destaca claramente a singularidade de cada autor. Moisés foi educado no Egito. Paulo recebeu treinamento rabínico no mais alto nível como estudante de Gamaliel (Atos 22: 3) e foi até versado nas filosofias gregas dos estóicos e epicuristas. Lucas era médico (Colossenses 4:14). Davi era pastor, soldado e rei. Salomão foi criado um príncipe e viveu como um rei. Daniel foi treinado como estadista. Pedro e João eram pescadores. Mateus era um cobrador de impostos. Tiago e Judas eram filhos de um carpinteiro. Cada escritor tinha uma herança única, educação, e de fundo. Cada um é uma combinação das experiências de vida que Deus providencialmente o levou através dele. E todos esses fatores trabalharam juntos para moldar esses homens nos instrumentos que Deus pretendia que fossem para produzir escritos divinamente autorizados. Esta singularidade é evidenciada em cada livro da Bíblia. Por exemplo, cada um dos quatro Evangelhos contém contas e conteúdos semelhantes, mas cada um reflete a perspectiva única e as escolhas de conteúdo de seu autor - sob a influência superintendente do Espírito Santo. Não há contradições entre os autores humanos e divinos.

Todos esses traços únicos sociais, culturais, históricos, emocionais, experienciais, educacionais e práticos são refletidos na linguagem e estilo do trabalho de cada autor humano. Ao mesmo tempo, uma coerente influência divina ofusca os livros da Escritura, indicando que na escrita desses sessenta e seis livros Deus usou profetas humanos para compor seus próprios escritos divinamente autorizados. Esses elementos preparatórios da inspiração afirmam necessariamente que a Escritura é uma obra completamente providencial e milagrosa, uma revelação escrita inerrante produzida por Deus.

Provas de inspiração

PROVAS DE INSPIRAÇÃO DO VELHO TESTAMENTO

A natureza da inspiração requer que o processo de verificar a inspiração da Bíblia seja igualmente divino. Essas provas auto-atestadas são múltiplas em todas as Escrituras.

O Velho Testamento é identificado como as Palavras de Deus . A Escritura afirma milhares de vezes que suas palavras são as próprias palavras de Deus. Numerosas vezes o texto especificamente afirma: "Deus disse" (Ex. 17:14; 19: 3, 6-7; 20: 1; 24: 4; 34:27). Esdras chamou o Velho Testamento de "as palavras do Deus de Israel" (Esdras 9: 4, ver 10: 3). Nos 176 versículos do Salmo 119, vinte e quatro vezes ele chama as Escrituras de "palavra (s) do SENHOR ", e 175 vezes exalta a Palavra de Deus usando vários sinônimos diferentes. Os profetas identificaram até mesmo suas mensagens escritas como a palavra do Senhor com declarações como "ouvir a palavra (s) do SENHOR " (1 Reis 22:19; 2 Reis 20:16) e expressões semelhantes. Do começo ao fim, o Antigo Testamento alega, em sua totalidade, ser a Palavra de Deus.

O Velho Testamento registra o Discurso Direto de Deus . A narrativa inicial de Gênesis afirma que Deus criou por declarações verbais diretas. Ele simplesmente expressou sua vontade de que algo existisse, e ele nasceu do nada (Gn 1: 3, 6, 9, 11, 14, 20, 24). Existem diretrizes divinas que autoritariamente transmitem as expectativas de Deus sobre suas criaturas (Gn 1:26, 28-29; 2: 16-17). Há julgamentos divinos prestados que registram a avaliação de Deus dos atos cometidos por suas criaturas e revelam as conseqüências que se seguirão (Gênesis 3: 13-19). Há também uma série de conversas registradas no Antigo Testamento entre Deus e indivíduos selecionados. Deus chamou Abrão da terra de Ur e falou diretamente com ele em várias ocasiões sobre os detalhes da aliança que ele fez com ele (Gn 12: 1-3; 15: 1-21). **O chamado de Moisés é um relato detalhado da conversa que Deus teve com ele explicando seu papel em livrar Israel da escravidão no Egito (Êxodo 3: 1-4: 23). Imediatamente após a morte de Moisés, Deus falou diretamente com Josué, instruindo-o sobre seu papel na conquista da Terra Prometida (Josué 1: 8-9). O Velho Testamento registra muitas declarações diretas ou conversas que Deus teve com seus profetas (1 Reis 14: 5). Algumas dessas revelações são verbais (1 Sam 3:21). Outros estão em visões ou sonhos (1 Reis 3: 5). Todos são um registro do discurso divino. O Velho Testamento registra muitas declarações diretas ou conversas que Deus teve com seus profetas (1 Reis 14: 5). Algumas dessas revelações são verbais (1 Sam 3:21). Outros estão em visões ou sonhos (1 Reis 3: 5). Todos são um registro do discurso divino. O Velho Testamento registra muitas declarações diretas ou conversas que Deus teve com seus profetas (1 Reis 14: 5).Algumas dessas revelações são verbais (1 Sam 3:21). Outros estão em visões ou sonhos (1 Reis 3: 5). Todos são um registro do discurso divino.**

O Velho Testamento registra o discurso profético de Deus . Começando com Moisés (Êxodo 3:15), os profetas de Deus foram reconhecidos como mensageiros autorizados de

Deus falando diretamente em seu nome. Sua autoridade era tal que o que eles diziam em nome de Deus era visto como o próprio Deus falando. Moisés foi dito para ir diretamente ao Faraó e dirigir-se a ele em nome de Deus, dizendo: "Assim diz o SENHOR " (Ex. 4:22). Esse padrão é seguido em todo o Antigo Testamento pelos profetas de Deus (ver Josué, Josué 7:13, 24: 2, 27, Gideão, Judas 6: 7-18, Samuel, 1 Sam. 2:27, 10:18; 15: 2, Nathan, 2 Sam. 12: 7, 11, e muitos outros, 1 Reis 11:31; 12:24; 13: 1-2; 13:21; 14: 3-7). Quando um profeta fala por Deus, a fórmula típica de decreto usada é "assim diz o SENHOR , **"E pode inclusive incluir o profeta falando por Deus na primeira pessoa (por exemplo, 1 Reis 20:13).** A FÓRMULA DE CONCLUSÃO PADRÃO É "DECLARA O SENHOR ", juntamente com o uso repetido de declarações em primeira pessoa para demonstrar que o que o profeta disse, Deus estava dizendo através dele (Ezequiel 20: 1-45).

Da mesma forma que Deus deu a Moisés as mesmas palavras que ele queria que fossem faladas ou escritas, ele permitiu que outros profetas falassem em seu nome (Ex 4: 11-12). Davi reconheceu que Deus estava falando através dele quando disse: "O Espírito do SENHOR fala por mim; A sua palavra está na minha língua "(2 Sm 23: 2). Foi o próprio fato de que os profetas falaram diretamente por Deus, o que exigiu que Deus desse instruções sobre como distinguir entre profetas verdadeiros e falsos (Deuteronômio 12:32; 13: 1-5; 18: 15-22).

O Velho Testamento registra o discurso ditado por Deus . Existem vários relatos no Antigo Testamento que foram escritos como as próprias palavras de Deus em sua instrução (Êxodo 34:27). No final de sua vida, Moisés foi ordenado a escrever no último livro da Lei todas as palavras que o Senhor lhe tinha ordenado (Dt 31: 24-26). Outras vezes, Deus simplesmente instruiu-o a escrever o que aconteceu (Êxodo 17:14). Ambas as formas são igualmente autoritativas e divinamente inspiradas em sua composição. No caso de Jeremias, ele foi instruído a escrever todas as palavras que Deus lhe falou (Jeremias 30: 1-4). Quando David escreveu seus salmos, ele sabia que era Deus falando através dele, contudo os salmos davídicos são claramente o resultado dos próprios pensamentos, palavras e emoções de Davi. Independentemente do processo real de composição, **O que foi escrito foi considerado como sendo as próprias palavras de Deus transmitidas através de seu profeta humano. O que o profeta escreveu, Deus revelou.**

NOVO TESTAMENTO DE INSPIRAÇÃO

O Novo Testamento dá um testemunho claro e consistente da inspiração do Antigo Testamento, cujos escritos são pensados como o discurso de Deus. Mateus diz que as palavras escritas por Isaías a respeito do Messias foram ditas por Deus através do profeta (Isaías 7:14 e Mateus 1: 22-23). Uma comparação com suas citações adicionais mostra que, do ponto de vista de Mateus, o que os profetas escreveram era equivalente a Deus falando (ver Mateus 2:15, 17-18, 4: 14-16). Esta inspiração divina de Davi pelo Espírito leva ao nível individual da palavra (Salmo 110: 1, Mateus 22: 44-45, ver Atos 2: 29-31). Mesmo os menores detalhes citados nos textos proféticos do Antigo Testamento são vistos como cumpridos em Cristo (Mt 5: 2 e Mateus 2: 5).

As narrativas históricas do Antigo Testamento são universalmente tratadas como relatos factuais por escritores do Novo Testamento, incluindo os principais eventos milagrosos (a destruição de Sodoma e Gomorra, 2 Pedro 2: 6, Judas 7 e o dilúvio global, Heb. 11: 7 1 Pedro 3:20, 2 Pedro 2: 5), e detalhes menores (Davi comendo os pães da proposição, Mateus 12: 3-4). O discurso de Estêvão registrado em Atos 7 demonstra uma clara afirmação da historicidade das Escrituras do Antigo Testamento de Abrão àquele

dia. Jesus baseou a totalidade do caso para sua obra de redenção no testemunho do Velho Testamento da Lei de Moisés aos Profetas e Salmos (Lucas 24: 25-27, 44-47). A prática universal dos escritores do Novo Testamento segue precisamente esta prática a partir do registro de sua pregação em Atos dos textos inspirados que escreveram que compõem o Novo Testamento.

O Novo Testamento também dá um testemunho claro de si mesmo como a Palavra de Deus. Ele apresenta vários relatos do discurso direto de Deus, incluindo Deus que atesta audivelmente a Cristo no batismo (Mt 3: 16-17, Lucas 3:22) ea transfiguração (Mateus 17: 5-7; Marcos 9: 7; Lucas 9:35). João registra a afirmação de Deus sobre a fidelidade de seu Filho em um ambiente público, embora a maioria não tenha sido capaz de discernê-lo como mais do que um trovão ou um anjo falando com ele (João 12: 27-30). Lucas relata o discurso direto do Ressuscitado Senhor Jesus a Saul no caminho de Damasco (Atos 9: 3-7). Enquanto seus companheiros não viram o Senhor, eles ouviram a voz. Imediatamente depois disso, ele registra o modo como o Senhor falou a Ananias em uma visão instrui-lo como receber Saul como um discípulo (Atos 9: 10-16). Jesus também aparece em uma visão gloriosa para João e através dele se dirige às sete igrejas na Ásia Menor, dando a João recomendações específicas e condenações diretamente relacionadas a cada igreja individual (Apocalipse 1-3). Além disso, o Novo Testamento equipara as palavras de Jesus mesmo antes de sua ascensão com as palavras de Deus (Lucas 5: 1; João 3:34; 6:63, 68). Esta mesma autoridade e habilitação foi concedida em ocasiões especiais aos apóstolos (Atos 4: 29-31) - tanto que Paulo declara que Cristo está falando através dele quando se dirige às igrejas (2Co 13: 2-3).

A VISÃO DE CRISTO DAS ESCRITURAS

Para um cristão, não pode haver melhor testemunho de uma correta compreensão do caráter, natureza e autoridade da Escritura do que o próprio Cristo. Sua opinião deve ser a opinião do crente. À medida que se trabalha através das muitas referências que Jesus faz às Escrituras, surge uma clara perspectiva. Jesus usou a Escritura em todos os assuntos de doutrina e prática. Ele baseou sua própria identidade e missão nela. Definiu-a pessoalmente como verdade. Tudo isso confirma que Jesus entendeu que as Escrituras eram a Palavra inspirada, inerrante e autoritária de Deus em ambos os Testamentos. Pode-se mostrar nas Escrituras que Jesus (1) afirmou o Antigo Testamento como Escritura (afirmando sua autoridade, inspiração e historicidade) e (2) preautenticou o Novo Testamento como Escritura.

Jesus Afirmou a Autoridade do Antigo Testamento . Em todos os usos das Escrituras, Jesus declarou a autoridade ea veracidade do Antigo Testamento.

Jesus apelou à autoridade do Antigo Testamento contra Satanás (Mateus 4: 1-11, Lucas 4: 1-13) . Quando desafiado a transformar pedras em pão, Jesus respondeu dizendo: "O homem não viverá de pão sozinho", citando Deuteronômio 8: 3. Quando Satanás referenciou o Salmo 91 ea promessa de preservação divina para aquele que confia em Deus, Jesus respondeu com o comando de Deuteronômio 6:16 para não pôr Deus à prova. No final, Jesus dispensou Satanás, dizendo: "Vá embora, Satanás! Porque está escrito: Adorareis ao Senhor vosso Deus e somente a ele servireis "(Mateus 4:10, citando Deuteronômio 6:13, 10:20). Em cada caso, o apelo de Jesus ao Antigo Testamento é apresentado como a palavra final sobre o assunto, porque é a Palavra de Deus autorizada.

Jesus apelou à autoridade do Antigo Testamento para resolver todos os assuntos de fé e prática . Quando seus discípulos foram acusados de quebrar o sábado, Jesus se referiu a princípios derivados da lei mosaica, citando 1 Samuel 21: 6 como a justificação bíblica para suas ações (Mateus 12: 1-8). Quando perguntado sobre o divórcio, Jesus respondeu

dizendo: "Você não leu?" E então apelou a Gênesis 2: 23-24 e Deuteronômio 24: 1-4 ao dar sua resposta (Mateus 19: 3-9). Em ambos os casos, ele usou a Escritura não apenas para afirmar o princípio em questão, mas também para confirmar a autoridade divina inerente ao próprio texto do Antigo Testamento. Quando Jesus purificou o templo pela segunda vez no final do seu ministério terreno (Mt 21: 12-13), *Ele construiu um argumento composto de duas passagens do Antigo Testamento para justificar suas ações e condenar a nação (Isaías 56: 7 e Jeremias 7:11). Jesus repetidamente citou o Velho Testamento usando expressões como "Você não leu?", Que ele afirmou não só o seu acordo com ele, mas também o seu reconhecimento de sua autoridade divina. Em todos esses casos (e muitos outros), Jesus nunca corrigiu nem um erro factual, nem uma instrução prática; Jesus considerou o Antigo Testamento como a Palavra de Deus, factualmente exata e divinamente autorizada. Jesus nunca corrigiu um erro factual ou uma instrução prática; Jesus considerou o Antigo Testamento como a Palavra de Deus, factualmente exata e divinamente autorizada. Jesus nunca corrigiu um erro factual ou uma instrução prática; Jesus considerou o Antigo Testamento como a Palavra de Deus, factualmente exata e divinamente autorizada.*

Jesus apelou à autoridade do Antigo Testamento para testemunhar sua identidade . Quando os líderes religiosos desafiaram seu ato de curar no sábado, ele reivindicou a igualdade com Deus (João 5: 17-18). Ele então trouxe várias provas de suas reivindicações. Ele começou mencionando o testemunho de João Batista (5: 33-35), mas foi além disso neste contexto porque não era em si um testemunho divino. Ele então forneceu três testemunhas divinas a sua pessoa: (1) o testemunho de suas obras (5:36); (2) o testemunho de seu Pai celestial (5: 37-38); E (3) o testemunho das Escrituras do Antigo Testamento, especificamente os livros de Moisés (5: 39-47). Dessa forma, Jesus disse que o que Moisés escreveu é igual ao que Deus disse. *É tanto um testemunho divino quanto as palavras de Deus faladas audivelmente do céu ou os milagres de Deus feitos na terra. De fato, ao concluir o ensinamento de Jesus sobre o rico e Lázaro, ele definiu o testemunho do Antigo Testamento como um testemunho superior ao dos milagres - mesmo o milagre da ressurreição (Lucas 16: 27-31).*

Jesus submeteu-se pessoalmente à autoridade do Antigo Testamento . No Sermão da Montanha, ele declarou que não tinha vindo para abolir a Lei ou os Profetas (isto é, as Escrituras do Antigo Testamento), mas para cumpri-las (Mt 5:17). Ele prosseguiu dizendo que qualquer violação das Escrituras ou instrução de outros para fazer o mesmo teria conseqüências eternas (Mt 5: 18-19). Jesus chegou mesmo a definir a Regra de Ouro como o ponto essencial das Escrituras (Mateus 7:12). Quando terminou de falar, os que ouviram reconheceram que sua instrução era diferente dos escribas. Ele ensinou como alguém que tem autoridade (Mt 7: 28-29). Jesus falou com a autoridade divina inerente em sua pessoa como Deus em carne humana, e ao mesmo tempo, ele consistentemente confirmou e se conformou com a autoridade das Escrituras. *Mesmo em seu próprio testemunho de sua identidade, ele se submeteu aos princípios e mandatos das Escrituras do Antigo Testamento. Assim, em João 5:31 ele disse: "Se eu sou o único que dê testemunho sobre mim mesmo, meu testemunho não é verdadeiro." Jesus não negava a veracidade de seu próprio testemunho (ver João 8: 14-20), mas submetia- O chamado do Testamento para duas ou três testemunhas (Dt 17: 6; 19:15).*

Jesus manteve a mesma visão das Escrituras do Antigo Testamento antes e depois de sua ressurreição . Lucas registra duas ocasiões em que Jesus se encontrou com seus discípulos imediatamente após a ressurreição. A primeira foi com dois discípulos na estrada que leva de Jerusalém a Emaús (Lucas 24: 13-35). O segundo estava de volta em Jerusalém, numa sala onde muitos dos discípulos haviam se reunido (Lucas 24: 36-47). Em ambos os casos, Jesus demonstrou as mesmas convicções sobre a autoridade das

Escrituras ea necessidade de sua realização. Na primeira ocasião, ele confirmou a necessidade de todas as coisas escritas no Velho Testamento referentes a ele próprio acontecendo - assim como o fizeram na sua morte, sepultamento e ressurreição (Lucas 24: 26-27). No segundo, *Ele declarou não só isso, mas também que o ministério futuro de seus seguidores de testemunhar a ele e sua obra também se baseava nas Escrituras do Antigo Testamento (Lucas 24: 44-47). A visão de Jesus sobre o Antigo Testamento, sua inspiração, inerrância e autoridade não mudou como resultado de sua glorificação. Este mesmo fato vai um longo caminho para refutar as teorias errantes de acomodação.*

Jesus Afirmou a Inspiração do Velho Testamento . Na visão de Jesus, a autoridade do Antigo Testamento descansava em sua natureza como Palavra inspirada de Deus.

Jesus afirmou a autoria divina e humana da Bíblia . Reconheceu repetidamente os homens que escreveram o Antigo Testamento. Ele falou diretamente de Moisés (João 5: 45-47), Davi (Lucas 20:42), Isaías (Mateus 13:14) e até Daniel (Mateus 24: 15-16) como autores dos textos que ele referenciou . Ao mesmo tempo, ele atribuiu seus escritos não apenas a eles unicamente, mas também à obra do Espírito Santo como autor divino. Jesus identificou tanto David como o Espírito Santo como o autor do Salmo 110 (Marcos 12:36). Ele se referia indistintamente a porções do Antigo Testamento como as palavras de Deus e a obra de escritores humanos como Moisés e Isaías (Mt 15,1-11). Quando se compara todo o uso de Cristo do Antigo Testamento, é claro que não há diferença em sua perspectiva entre "Deus diz", "a Escritura diz", ou "Davi mesmo, NO ESPÍRITO SANTO, DIZ: "AO CITAR OS AUTORES HUMANOS E DIVINOS DAS ESCRITURAS, JESUS CONFIRMOU O QUE DAVI DISSE:" O ESPÍRITO DO SENHOR fala por mim; A sua palavra está na minha língua "(2 Sm 23: 2).

Jesus afirmou a veracidade da Bíblia . O próprio Antigo Testamento contém mais de 3.800 alegações diretas de que o que está escrito consiste nas palavras reais de Deus. Ele também faz várias reivindicações universais sobre sua veracidade (Salmos 19: 7, 9, 119: 43, 160, 138: 2, Provérbios 30: 5). O teste dado para identificar um falso profeta estava diretamente ligado à veracidade de suas afirmações e se suas palavras estavam em completa conformidade com o conteúdo existente nas Escrituras (Dt 13: 1-5; 18: 20-22). Então, se o que um profeta disse não se tornou realidade, ele era um falso profeta. Se o milagre que ele predisse tivesse ocorrido, mas suas palavras fossem contrárias à Escritura, ele ainda deveria ser rejeitado como um falso profeta. De acordo com o Velho Testamento, o que as Escrituras dizem é verdadeiro e de absoluta integridade duradoura e autoridade.

O testemunho de Jesus à veracidade do Antigo Testamento é idêntico ao próprio testemunho do Antigo Testamento. Ele considerava a Escritura como sendo as próprias palavras e mandamentos de Deus. Como tal, devia ser reconhecido como plenamente autoritário (Mateus 15: 3-9). Sua repreensão dos escribas e fariseus neste mesmo trecho alinha-se com o testemunho do Antigo Testamento, que identificou aqueles que negaram essa crença como falsa - daí a rotulação de Jesus deles como "guias cegos" (Mt 15:14).

Ao dizer: "A tua palavra é a verdade" (João 17:17), Jesus identificou pessoalmente a Escritura como verdade objetiva. Isto está perfeitamente de acordo com o testemunho do Salmo 119: 160, pois os testemunhos do Senhor e do Antigo Testamento estão em perfeito acordo. Esta integridade absoluta, juntamente com o apelo à autoridade do Antigo Testamento tanto por Jesus quanto pelos escritores do Novo Testamento, apóia o fato de que Jesus considerava o Antigo Testamento a Palavra inspirada de Deus. Como tal, ele considerava que não era apenas a verdade, mas a verdade. Ele chamou a Palavra de Deus de "verdade" (João 17:17). Ele tratou cada testemunho do Antigo Testamento como uma declaração de fato. Isso incluiu até mesmo os eventos mais milagrosos. Jesus tratou o Velho Testamento como a verdadeira e verdadeira Palavra de Deus.

Jesus afirmou a inspiração verbal e plenária da Bíblia . Como mencionado acima, os termos *verbal* e *plenário* referem-se, respectivamente, a *cada palavra* e a *todas as palavras* da Escritura. Assim, a crença na inspiração verbal e plenária fala de um assentimento ao fato de que cada palavra na Escritura e toda ela são inspiradas por Deus. Que Jesus sustentou essa visão é evidenciada de duas maneiras. Primeiro, ele citou ou aludiu a muitos dos livros do Velho Testamento de várias maneiras e contextos. Ele citou os cinco livros de Moisés e as obras de outros profetas. Ele fez pelo menos oito referências diretas aos Salmos. Ele mencionou de alguma forma todas as divisões principais da Bíblia hebraica (a Lei, os Profetas e os Escritos). *Mesmo depois de sua ressurreição, ele se referiu a todo o Antigo Testamento como um testemunho divinamente inspirado e autoritário para sua própria vida e ministério (Lucas 24:27). Segundo, Jesus baseou argumentos não menos importantes do que a defesa de sua divindade em palavras, frases e letras individuais no texto do Velho Testamento. Este uso do Antigo Testamento pelo Senhor demonstra sua afirmação da inspiração divina e verbal da Escritura.*

Jesus diz em Mateus 5: 17-18 que nenhuma letra ou mesmo o traço de uma caneta que distinga entre letras passará até que toda a Escritura seja cumprida. Certamente, nenhuma visão mais elevada dos detalhes mais finos da Escritura poderia ser expressa mais do que isso. Há mais exemplos dignos de observação.

Na Festa da Dedicação, Jesus afirmou sua deidade afirmando a igualdade com o Pai (João 10: 22-30). Os judeus responderam pegando pedras para lançá-lo por causa de sua declaração blasfema percebida. Em João 10: 34-35, Jesus defendeu sua pretensão dirigindo a atenção de seus oponentes para o que parece ser uma frase obscura no Salmo 82: 6. O peso de seu argumento baseia-se em uma única palavra no texto: "deuses". Ele diz: "Não está escrito na tua Lei", eu disse, vocês são deuses? Se ele chamou deuses a quem a palavra de Deus veio - ea Escritura não pode ser quebrada - você diz daquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo, 'Você está blasfemando,' porque eu disse: 'Eu sou o Filho de Deus "? (João 10: 34-36). Cristo usou três termos diferentes nestes dois versículos para descrever o Salmo 82. Ele se referiu a ele como "Lei", "a palavra de Deus, "E" a Escritura ". A terminologia sinônima demonstra uma afirmação da inspiração plenária do texto. Quando ele disse: "A Escritura não pode ser quebrada" (João 10:35), ele estava declarando sua unidade perfeita, ecoando Mateus 5:18, "Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, não um iota, Não um ponto, passará da Lei até que tudo seja realizado ". Neste caso, Jesus baseou todo o seu ponto em uma única palavra:" deuses ". Se Deus puder usar essa palavra para descrever juízes injustos que serão condenados por ele, pode Ele também não usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. "A terminologia sinônima demonstra uma afirmação da inspiração plenária do texto. Quando ele disse: "A Escritura não pode ser quebrada" (João 10:35), ele estava declarando sua unidade perfeita, ecoando Mateus 5:18, "Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, não um iota, Não um ponto, passará da Lei até que tudo seja realizado ". Neste caso, Jesus baseou todo o seu ponto em uma única palavra:" deuses ". Se Deus puder usar essa palavra para descrever juízes injustos que serão condenados por ele, pode Ele também não usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. "A terminologia sinônima demonstra uma afirmação da inspiração plenária do texto. Quando ele disse: "A Escritura não pode ser quebrada" (João 10:35), ele estava declarando sua unidade perfeita, ecoando Mateus 5:18,

"Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, não um iota, Não um ponto, passará da Lei até que tudo seja realizado ". Neste caso, Jesus baseou todo o seu ponto em uma única palavra:" deuses ". Se Deus puder usar essa palavra para descrever juízes injustos que serão condenados por ele, pode Ele também não usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. Ecoando Mateus 5:18, "Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, nem um iota, nem um ponto, passará da Lei até que tudo seja consumado". Neste caso, Jesus baseou todo seu ponto em Uma única palavra: "deuses". Se Deus pode usar essa palavra para descrever juízes injustos que serão condenados por ele, ele também não pode usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. Ecoando Mateus 5:18, "Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, nem um iota, nem um ponto, passará da Lei até que tudo seja consumado". Neste caso, Jesus baseou todo seu ponto em Uma única palavra: "deuses". Se Deus pode usar essa palavra para descrever juízes injustos que serão condenados por ele, ele também não pode usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. Ele também não pode usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância. Ele também não pode usá-lo para seu Filho eterno? Jesus Cristo apresentou um argumento para a sua deidade a partir desta palavra no Antigo Testamento, mostrando que Jesus viu a inerrância dos menores detalhes do Antigo Testamento para ser de grande importância.

Quando questionado pelos saduceus sobre o tema da ressurreição dos mortos, Jesus baseou toda a sua refutação no tempo de um verbo (Mateus 22:32). Os saduceus vieram a Jesus em uma tentativa de coto-lo apresentando um caso extremo em um ponto fino da lei do Velho Testamento tendo a ver com a obrigação de um irmão casar com a esposa viúva e sem filhos de um irmão. Sua pergunta era ainda mais ridícula do que sua ilustração, pois perguntaram a quem esposa estaria na ressurreição. Mas Jesus respondeu não apenas afirmando a autoridade e a veracidade do mandamento de Deus por intermédio de Moisés, mas também identificando que seu erro era o fracasso em entender as Escrituras. Ele disse: "E quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram o que foi dito a vocês por Deus:" Eu sou o Deus de Abraão eo Deus de Isaque, E o Deus de Jacó? Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos "(Mt 22: 31-32). Ele quis dizer que esses patriarcas estão vivos, pois mesmo depois da morte deles, Deus declara: "Eu sou" seu Deus, e não "eu fui" o seu Deus. Novamente, a expressão "Você não leu?" É um apelo à autoridade da passagem de Êxodo 3: 6 que ele cita. Além disso, o argumento aqui é para uma doutrina não menos significativa do que a ressurreição - e é baseada no sentido derivado da copula implícita (ou verbo de ligação) da cláusula nominal no texto hebraico. "EU SOU " é um entendimento literal e exato da construção hebraica. A expressão "Você não leu?" É um apelo à autoridade da passagem de Êxodo 3: 6 que ele cita. Além disso, o argumento aqui é para uma doutrina não menos significativa do que a ressurreição - e é baseada no sentido derivado da copula implícita (ou verbo de ligação) da cláusula nominal no texto hebraico. "EU SOU " é um entendimento literal e exato da construção hebraica. A expressão "Você não leu?" É um apelo à autoridade da passagem de Êxodo 3: 6 que ele cita. Além disso, o argumento aqui é para uma doutrina não menos significativa do que a

ressurreição - e é baseada no sentido derivado da copula implícita (ou verbo de ligação) da cláusula nominal no texto hebraico. "EU SOU " é um entendimento literal e exato da construção hebraica.

Finalmente, Jesus silenciou o último de seus críticos quando ele respondeu aos fariseus, fazendo uma pergunta sobre a compreensão adequada de uma palavra no Salmo 110: 1. Mateus descreve assim:

> Enquanto os fariseus estavam reunidos, Jesus lhes fez uma pergunta, dizendo: "O que vocês pensam sobre o Cristo? Dizem-lhe: "Filho de Davi". E ele lhes disse: "Como é que Davi, no Espírito, o chama Senhor, dizendo: O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos sob os teus pés. Se, então, Davi o chama de Senhor, como é ele seu filho? "(Mateus 22: 41-45)

Jesus faz uma profunda declaração teológica neste texto a respeito de sua divindade. Ele nasceu como filho na linhagem de Davi, o que significa que a única maneira que David pode chamar seu filho de "Senhor" é se seu filho também é superior a ele. Seu filho só pode ser superior se ele também é Deus. Jesus baseou a totalidade de seu argumento na palavra "Senhor". David pode chamar seu filho de "Senhor" porque seu filho por nascimento humano não é outro senão o Senhor, o Filho encarnado de Deus. Novamente, uma única palavra serve como uma parte chave da base para uma doutrina tão significativa quanto a divindade de Cristo.

Jesus atestou a inspiração verbal do Antigo Testamento quando repreendeu os fariseus em uma ocasião diferente com estas palavras: "Mas é mais fácil passar o céu e a terra do que um ponto da Lei ficar vazio" (Lucas 16: 17). Embora o ponto aqui seja que a Escritura será cumprida à letra, isso não anula o fato de que é correspondentemente essencial para que seja preciso e confiável até a letra. Isto é similarmente refletido no Sermão da Montanha, no qual Jesus disse que toda letra está perfeitamente preservada no céu e se cumprirá (Mateus 5: 17-18). Jesus não só considerava a parte mais pequena do texto como inspirada, mas também considerava que cada carta era essencial. Ele alegou que mesmo a parte mais pequena é eterna. As implicações para a historicidade são enormes. Se Jesus atestou esse grau de precisão, confiabilidade e integridade no Antigo Testamento, então a Bíblia deve ser considerada como inspirada, inerrante e eternamente verdadeira - até a última palavra. No final, o uso que Jesus faz do Antigo Testamento demonstra uma confiança absoluta na inspiração verbal e plenária das Escrituras - no todo, em suas partes, e incluindo cada letra.

Jesus afirmou a necessidade do cumprimento da Escritura . Ele repetidamente atestou a necessidade de cumprir pessoalmente tudo o que as Escrituras do Antigo Testamento disseram sobre ele e seu ministério (Mateus 26:31, Marcos 9: 12-13, 14:27, 49, Lucas 20:17, 24: 25- 27, 44-46, João 5:39, 12:14, 13:18, 17:12). No contexto de sua traição, ele citou Zacarias 13: 7, afirmando que todos os seus próprios discípulos caíam porque as Escrituras diziam que isso aconteceria (Mateus 26:31). Esta citação encontrou-se com grandes objeções pelos discípulos. No entanto, Jesus ainda afirmou a necessidade dela porque toda Escritura seria cumprida. Mesmo quando ele estava pendurado na cruz, Jesus deliberadamente cumpriu as Escrituras à letra (João 19: 28-30). João vai ao ponto de afirmar que durante sua vida os discípulos não perceberam como a Escritura estava sendo cumprida. *No entanto, depois que Cristo ressuscitou, ele e o resto dos apóstolos se lembraram do que estava escrito no Antigo Testamento e viram como Jesus havia feito exatamente o que as Escrituras diziam que ele faria (João 12: 14-16). Jesus acreditava que toda palavra da Escritura tinha de ser cumprida. Isso é precisamente o que os apóstolos testemunharam sobre o que aconteceu na vida e no ministério de Jesus Cristo.*

Jesus afirmou a historicidade do Antigo Testamento . Além de afirmar a autoridade e inspiração do Antigo Testamento, Jesus declarou sua confiança na veracidade dos relatos históricos contidos nele.

Jesus afirmou a historicidade das pessoas no Antigo Testamento . Em cada referência que ele fez às pessoas mencionadas no Antigo Testamento, Jesus as tratou como pessoas reais. Ao discutir o tema do divórcio, Jesus confirmou os fatos históricos não só do relato da criação, mas também de Adão e Eva. Além disso, ele construiu seu argumento para a doutrina do casamento sobre a veracidade histórica do Gênesis (Mt 19: 4-5). Ele demonstrou uma firme confiança na factualidade da narrativa de Gênesis 4, incluindo não só a existência de Abel, mas também seu assassinato (Mt 23:35). Ele afirmou a factualidade dos registros históricos de numerosas pessoas do Antigo Testamento, incluindo Abraão, Isaque e Jacó (Mateus 8:11; 22:32; Lucas 13:28; João 8:56); Ló e sua esposa (Lucas 17:28, 32); Moisés (João 3:14; 5:45; 7:19); Davi (Mateus 12: 3, 22: 43-45); *Salomão (Mateus 6:29, Lucas 11:31); A rainha de Sabá (Mateus 12:42, Lucas 11:31); Elias e a viúva em Sidom (Lucas 4: 25-26); Eliseu e Naamã (Lucas 4:27); Jonas (Mateus 12: 39-41; Lucas 11: 29-32); Zacarias (Mt 23:35, Lucas 11:51); E Daniel (Mateus 24:15). Jesus falou de todos esses indivíduos como pessoas históricas reais, tratando os detalhes que as Escrituras registram sobre eles como fatos históricos. De Adão e Noé a Jonas e Daniel, Jesus atestou sem hesitação à historicidade, não apenas das próprias pessoas, mas também dos eventos que lhes dizem respeito, registrados no Antigo Testamento. Que Jesus comumente se referiu a esses indivíduos para fazer um importante ponto doutrinário mostra claramente que ele aceitou a precisão histórica desses textos. Elias e a viúva em Sidom (Lucas 4: 25-26); Eliseu e Naamã (Lucas 4:27); Jonas (Mateus 12: 39-41; Lucas 11: 29-32); Zacarias (Mt 23:35, Lucas 11:51); E Daniel (Mateus 24:15). Jesus falou de todos esses indivíduos como pessoas históricas reais, tratando os detalhes que as Escrituras registram sobre eles como fatos históricos. De Adão e Noé a Jonas e Daniel, Jesus atestou sem hesitação à historicidade, não apenas das próprias pessoas, mas também dos eventos que lhes dizem respeito, registrados no Antigo Testamento. Que Jesus comumente se referiu a esses indivíduos para fazer um importante ponto doutrinário mostra claramente que ele aceitou a precisão histórica desses textos. Elias e a viúva em Sidom (Lucas 4: 25-26); Eliseu e Naamã (Lucas 4:27); Jonas (Mateus 12: 39-41; Lucas 11: 29-32); Zacarias (Mt 23:35, Lucas 11:51); E Daniel (Mateus 24:15). Jesus falou de todos esses indivíduos como pessoas históricas reais, tratando os detalhes que as Escrituras registram sobre eles como fatos históricos. De Adão e Noé a Jonas e Daniel, Jesus atestou sem hesitação à historicidade, não apenas das próprias pessoas, mas também dos eventos que lhes dizem respeito, registrados no Antigo Testamento. Que Jesus comumente se referiu a esses indivíduos para fazer um importante ponto doutrinário mostra claramente que ele aceitou a precisão histórica desses textos. Jesus falou de todos esses indivíduos como pessoas históricas reais, tratando os detalhes que as Escrituras registram sobre eles como fatos históricos. De Adão e Noé a Jonas e Daniel, Jesus atestou sem hesitação à historicidade, não apenas das próprias pessoas, mas também dos eventos que lhes dizem respeito, registrados no Antigo Testamento. Que Jesus comumente se referiu a esses indivíduos para fazer um importante ponto doutrinário mostra claramente que ele aceitou a precisão histórica desses textos. Jesus falou de todos esses indivíduos como pessoas históricas reais, tratando os detalhes que as Escrituras registram sobre eles como fatos históricos. De Adão e Noé a Jonas e Daniel, Jesus atestou sem hesitação à historicidade, não apenas das próprias pessoas, mas também dos eventos que lhes dizem respeito, registrados no Antigo Testamento. Que Jesus comumente se referiu a esses indivíduos*

para fazer um importante ponto doutrinário mostra claramente que ele aceitou a precisão histórica desses textos.

Jesus afirmou a historicidade de lugares e eventos no Antigo Testamento . Jesus se referia freqüentemente aos relatos do Antigo Testamento em seus ensinamentos. Ele usou essas referências às vezes para provar um ponto. Em outras ocasiões, ele as usou como ilustrações ou confirmações de seu ensinamento. Em todos os casos, ele falou deles como lugares reais e eventos reais. Notàvelmente, citado geralmente aquelas histórias caracterizadas mais por eventos miraculous. Ele atestou a destruição de Sodoma e Gomorra por Deus como registrado em Gênesis 19 (Mateus 11: 20-24). Ele confirmou os dias de Jonas dentro do grande peixe (Mateus 12:40) e o arrependimento de Nínive (Lucas 11: 30-32). Ele afirmou um dilúvio literal, global nos dias de Noé (Mateus 24: 38-39). *Ele estava convencido de que Deus sobrenaturalmente forneceu maná do céu para Israel, quando eles vagaram no deserto por quarenta anos (João 6:49). Jesus não se referia a esses acontecimentos simplesmente de passagem; Ele usou essas mesmas narrativas para lançar as bases para doutrinas tão eternamente significativas quanto a sua ressurreição. Por exemplo, ele relatou a factualidade de sua ressurreição à veracidade histórica de Jonas 1:17 e seu relato do tempo de Jonas no grande peixe (Mateus 12: 38-42). Jesus ensinou que a Escritura não foi apenas inspirada por Deus, mas também, como corolário necessário, historicamente exata. Ele relatou a factualidade de sua ressurreição à veracidade histórica de Jonas 1:17 e seu relato do tempo de Jonas no grande peixe (Mateus 12: 38-42). Jesus ensinou que a Escritura não foi apenas inspirada por Deus, mas também, como corolário necessário, historicamente exata. Ele relatou a factualidade de sua ressurreição à veracidade histórica de Jonas 1:17 e seu relato do tempo de Jonas no grande peixe (Mateus 12: 38-42). Jesus ensinou que a Escritura não foi apenas inspirada por Deus, mas também, como corolário necessário, historicamente exata.*

Jesus afirmou a historicidade mesmo da autoria do Antigo Testamento . Em várias ocasiões, Jesus citou o autor humano dos livros do Antigo Testamento pelo nome. Isso demonstra sua confiança na historicidade da autoria humana dessas obras, desafiando, então, reivindicações posteriores mais críticas em contrário. Por exemplo, Cristo atribuiu a autoria do Pentateuco a Moisés (Mateus 8: 4, Marcos 12:26 e João 5: 45-46), mesmo afirmando em João 5 que os escritos de Moisés testemunharam a si mesmo - Jesus ligou diretamente a sua Afirma sobre si mesmo para a autoria mosaica do Pentateuco. Além disso, Jesus afirmou que Davi escreveu o Salmo 110 (Mateus 22: 43-44), que Isaías escreveu o livro de Isaías (Mateus 13: 14-15) e que Daniel escreveu o livro de Daniel (Mateus 24: 15). Baseado em seu uso do Antigo Testamento,

Jesus preautenticou o Novo Testamento como Escritura . Enquanto Jesus afirmou a autoridade, inspiração e historicidade do Antigo Testamento que já havia sido recebida, preautenticou os escritos que seriam escritos e recolhidos após sua ascensão para constituir o Novo Testamento.

Jesus afirmou que suas palavras eram as palavras do Pai . O próprio Cristo repetidamente declarou que, quando falava, suas palavras eram as mesmas palavras que o Pai lhe dera para falar. Ele colocou suas palavras em um plano igual com as palavras faladas de Deus e as próprias Escrituras. Nessa base, pode-se dizer que o registro apostólico de suas palavras é uma mensagem divinamente autorizada de Deus. Como Jesus disse,

> "Eu tenho muito a dizer sobre você e muito a julgar, mas aquele que me enviou é verdadeiro, e eu declaro ao mundo o que ouvi dele." Eles não entenderam que ele tinha falado com eles sobre o Pai. Então Jesus disse-lhes: "Quando tiverdes levantado o Filho

> do Homem, então saberão que eu sou ele, e que nada faço por minha própria autoridade, mas falo como o Pai me ensinou" (João 8: 26-28)

De acordo com Jesus, sua crucificação provaria a veracidade de sua identidade pessoal como Filho do Homem e a fonte divina de sua mensagem ao mundo (João 12: 49-50).

No alto, Jesus informou aos seus discípulos que suas palavras faziam parte das obras do Pai e que não somente revelavam o Pai aos homens, mas também lhes conferia a unidade do Pai e do Filho: "Não acreditais que eu Estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo não falo por minha própria autoridade, mas o Pai que habita em mim faz as suas obras "(João 14:10). Finalmente, de acordo com a oração de Cristo na noite em que ele foi traído, foi a recepção dos discípulos de suas palavras do Pai que distinguiu os onze de Judas e do resto do mundo incrédulo. Jesus orou: "Agora eles sabem que tudo o que me deste é de vocês. Porque eu lhes dei as palavras que me deste, e elas as receberam e vieram saber em verdade que eu vim de ti; E creram que tu me enviaste "(João 17: 7-8). Claramente, as palavras que Jesus deu aos seus discípulos tiveram origem em Deus Pai, que concedeu aos onze uma compreensão da verdadeira natureza e missão de Jesus Cristo (ver João 17:14, 17).

Jesus era um profeta "semelhante a" Moisés, mas muito maior do que Moisés. Deus falou a Moisés cara-a-cara e revelou-se a ele (Êxodo 33:11, Deuteronômio 34:10). Jesus Cristo é o Verbo encarnado, e como tal é ele próprio a revelação de Deus. Suas palavras eram as palavras do Pai diretamente. Ver Jesus era ver o Pai. Mas Jesus prometeu mais aos seus discípulos do que apenas suas lembranças da revelação divina que ele era e que ele lhes tinha dado; Ele prometeu que receberiam uma revelação adicional pelo Espírito Santo.

Jesus prometeu aos apóstolos revelação adicional . Desde o tempo da confissão de Pedro (Mateus 16:16), Jesus preparou seus discípulos para sua partida. Nas últimas horas de sua vida na terra, reuniu seus discípulos na sala superior para prepará-los para a crucificação. Ele havia falado sobre isso em muitas ocasiões anteriores - ainda sem sua compreensão. Mesmo na noite final, seus discípulos não conseguiram compreender nem aceitar seu testemunho sobre os eventos que estavam prestes a acontecer (João 13: 12-38). No entanto, ele passou a prepará-los para o seu futuro ministério, fazendo três promessas significativas.

Primeiro, ele prometeu-lhes que o Espírito os ajudaria a recordar com precisão as suas palavras: "Mas o Ajudador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e recordará tudo o que eu disse A vós "(João 14:26). O Espírito Santo de Deus concederia uma dupla bênção especial aos onze: (1) Ele lhes ensinaria todas as coisas. A implicação do contexto parece ser que ele iria instruí-los sobre as coisas que o próprio Jesus lhes havia ensinado, para que eles viessem a uma compreensão deles. (2) Ele os lembraria com precisão de tudo o que Jesus disse. Esta é a promessa de uma impecável lembrança das palavras de Jesus para estes onze homens. Como tal, esta é uma preautenticação da veracidade e inspiração dos Evangelhos de Mateus, Marcos (baseado no testemunho de Pedro) e João.

Em segundo lugar, Jesus prometeu que eles testemunhariam a respeito dele e que seu testemunho viria por meio da inspiração do Espírito Santo: "Mas, quando vier o Ajudador, a quem vos enviarei do Pai, o Espírito da verdade, que procede Do Pai, ele dará testemunho de mim. E tu também darás testemunho, porque estás comigo desde o princípio "(João 15: 26-27). Duas observações pertinentes a esta discussão surgem a partir deste texto: (1) O testemunho dos discípulos a respeito de Cristo seria baseado tanto na sua testemunha ocular de Cristo como na revelação do Espírito de verdade. O significado do duplo aspecto deste testemunho é que, embora fosse um testemunho do Senhor Jesus Cristo e um testemunho do Espírito Santo, ele ainda suportaria as marcas de sua própria

experiência de testemunha ocular. (2) Seria um testemunho verdadeiro. Jesus enfatizou especificamente a veracidade desse testemunho descrevendo o Ajudador neste contexto como o "Espírito da verdade". Portanto, embora o testemunho dos onze seja seu próprio testemunho, também seria o testemunho inspirado do Espírito Santo da verdade .

Terceiro, Jesus prometeu-lhes que receberiam revelação adicional além do que ele lhes havia confiado pessoalmente. Como ele declarou aos seus discípulos no quarto superior,

> Ainda tenho muitas coisas para dizer a você, mas você não pode suportá-las agora. Quando o Espírito da verdade vier, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará por sua própria autoridade, mas tudo o que ele ouve, ele falará, e ele vos declarará o que há de vir. Ele me glorificará, porque ele tomará o que é meu e o declarará. Tudo o que o Pai tem é meu; Portanto, eu disse que ele vai tomar o que é meu e declarar a você. (João 16: 12-14)

Há três observações chave a fazer a partir deste texto. Primeiro, Jesus indicou que ele pessoalmente tinha mais revelação para lhes dar, mas foi impedido de dispensá-lo por causa de sua incapacidade de recebê-lo naquele momento. Certamente, isso inclui todo o Novo Testamento - até mesmo o livro de Apocalipse, uma vez que ele se refere às "coisas que estão para vir" no versículo 13. Segundo, ele novamente diz que a fonte desta revelação será o Espírito da verdade. A ênfase na *verdade* não pode ser desperdiçada. Pre-autenticando o Novo Testamento, Jesus mostrou que seria caracterizado pela mesma veracidade que caracteriza Aquele que a inspiraria. Finalmente, como no Antigo Testamento, o Novo Testamento glorificará o Filho. Jesus viu o Velho Testamento como uma revelação perfeita de si mesmo e de sua obra mesmo depois de sua ressurreição. O Novo Testamento glorificaria a pessoa ea obra do Filho de uma maneira maior do que as Escrituras do Antigo Testamento. Seria uma revelação igualmente autoritária, inspirada e inerrante de Deus, mas completaria a mensagem divina das Escrituras. Seria, como o Antigo Testamento era, a palavra da Trindade (João 16: 14-15). Então, Jesus preautenticou o Novo Testamento como Palavra verbal, plenária, divinamente inspirada e autoritária de Deus.

Jesus deu revelação adicional pessoalmente . O Novo Testamento tem outro testemunho sobre Jesus Cristo que é relevante para esta discussão. O Apocalipse ou Revelação de Jesus Cristo é assim intitulado porque é a escrita do apóstolo João sobre a revelação que ele recebeu diretamente do próprio Cristo perto do final do primeiro século. Embora este seja certamente o testemunho de João sob a inspiração do Espírito Santo concernente às coisas que estão por vir (isto é, diretamente de acordo com a promessa de João 16:13), não é menos o testemunho do próprio Jesus (João 16 : 12, 14-15).

Jesus tinha mais a dizer pessoalmente a seus discípulos, e parece muito razoável concluir que ele viu sua mensagem pessoal a João no último livro do Novo Testamento como uma parte da revelação adicional que ele prometeu. Isto pode ser visto em Apocalipse 1: 10-18, onde João identifica a fonte desta revelação como Aquele que estava morto e está agora vivendo, que só pode ser o próprio Senhor Jesus. Isso significa que a revelação incluiu o resto do livro que ele deu a João: sua mensagem pessoal a cada uma das sete igrejas (Apocalipse 2-3) e a revelação adicional sobre o futuro derramamento da ira de Deus (Apocalipse 4-18), a Culminação da história redentora na segunda vinda (Apocalipse 19), o estabelecimento do reino milenar (Apocalipse 20),

Os escritores do Novo Testamento afirmaram a visão de Cristo . O testemunho dos escritores do Novo Testamento para seus próprios escritos afirma a preautenticação de Jesus do Novo Testamento. Isto é facilmente evidente quando se examina o que eles

disseram sobre o Antigo Testamento e como eles usaram. Alguns textos-chave também demonstrarão que consideraram seus escritos como sendo a Escritura, de acordo com a preautenticação de Jesus.

Os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento . Paulo fundou seu evangelho nas Escrituras do Antigo Testamento. Ele escreveu aos santos em Corinto dizendo: "Eu entreguei a vocês como de primeira importância o que eu também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as Escrituras, que ele foi sepultado, que ressuscitou no terceiro dia de acordo com Com as Escrituras "(1 Cor. 15: 3-4). A Escritura a que Paulo se refere é o Velho Testamento. Dessa forma, ele afirma que a vida, morte e ressurreição de Cristo foram um cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento. O que o Antigo Testamento diz é para ser tomado como revelação de Deus. Isto é mais apoiado pela avaliação de Luke dos Bereans. *Ele os descreveu como "mais nobres" do que os tessalonicenses porque também eles receberam a Palavra com ânsia quando Paulo os pregou a eles. No entanto, eles também verificaram o que ele pregou a eles contra as Escrituras do Antigo Testamento diariamente para verificar se o que ele lhes disse combinava com os ensinamentos do Antigo Testamento (Atos 17: 10-11). Isto é especialmente relevante para esta discussão sobre o Novo Testamento, já que Paulo louvou os tessalonicenses por receberem a sua mensagem pelo que ela realmente era - a Palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13). Isso mostra que os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento como a Palavra de Deus e que eles acreditavam que sua mensagem era igualmente de Deus e em conformidade com as Escrituras do Antigo Testamento. Eles também verificaram o que ele pregou para eles contra as Escrituras do Velho Testamento diariamente para verificar se o que ele lhes disse combinava com os ensinamentos do Velho Testamento (Atos 17: 10-11). Isto é especialmente relevante para esta discussão sobre o Novo Testamento, já que Paulo louvou os tessalonicenses por receberem a sua mensagem pelo que ela realmente era - a Palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13). Isso mostra que os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento como a Palavra de Deus e que eles acreditavam que sua mensagem era igualmente de Deus e em conformidade com as Escrituras do Antigo Testamento. Eles também verificaram o que ele pregou para eles contra as Escrituras do Velho Testamento diariamente para verificar se o que ele lhes disse combinava com os ensinamentos do Velho Testamento (Atos 17: 10-11). Isto é especialmente relevante para esta discussão sobre o Novo Testamento, já que Paulo louvou os tessalonicenses por receberem a sua mensagem pelo que ela realmente era - a Palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13). Isso mostra que os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento como a Palavra de Deus e que eles acreditavam que sua mensagem era igualmente de Deus e em conformidade com as Escrituras do Antigo Testamento. Já que Paulo louvou os tessalonicenses por receberem a sua mensagem pelo que ela realmente era - a Palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13). Isso mostra que os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento como a Palavra de Deus e que eles acreditavam que sua mensagem era igualmente de Deus e em conformidade com as Escrituras do Antigo Testamento. Já que Paulo louvou os tessalonicenses por receberem a sua mensagem pelo que ela realmente era - a Palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13). Isso mostra que os escritores do Novo Testamento reconheceram a autoridade do Antigo Testamento como a Palavra de Deus e que eles acreditavam que sua mensagem era igualmente de Deus e em conformidade com as Escrituras do Antigo Testamento.*

Os escritores do Novo Testamento reconheceram o Velho Testamento como a Palavra de Deus . Paulo descreveu o Antigo Testamento como "os oráculos de Deus" (Rm 3: 2),

uma frase que identifica as Escrituras como mensagens diretamente de Deus. Os próprios apóstolos declararam que o Antigo Testamento tinha de ser cumprido em todos os pontos (Atos 1:16; 2: 15-16; 3:18; 4: 8-12), e todos os escritores do Novo Testamento seguiram consistentemente esta prática. Os Evangelhos e Epístolas incluem numerosas citações do Antigo Testamento como a base para o evangelho. Além disso, os autores bíblicos se referiram repetidamente aos ensinamentos de Jesus ou às Escrituras do Antigo Testamento, estabelecendo-os como base para doutrinas ou práticas do Novo Testamento e demonstrando que eles afirmavam uma visão do Antigo Testamento e sua autoridade que era consistente com a visão de Jesus.

Todo escritor do Novo Testamento demonstrou uma reverência pelas Escrituras do Antigo Testamento. Às vezes, eles citaram do Antigo Testamento, dizendo: "A Escritura diz." Em outras ocasiões, eles atribuíram o que as Escrituras diziam a Deus. Essa falta de distinção deixa claro que os escritores do Novo Testamento não viam uma distinção real entre o que Deus diz eo que a Escritura diz. Essas duas idéias eram essencialmente sinônimas. Assim, quando os escritores do Novo Testamento dizem, "as Escrituras dizem," é igualmente apropriado entendê-las como dizendo: "Deus diz", não importa quem era o autor humano. Por exemplo, em Romanos 9:17, Paulo descreve a mensagem de Deus ao Faraó como a Escritura falando. O texto real de Êxodo 9:16, porém, torna evidente que o próprio Deus falou. *Deus diz, a Escritura diz* :

Os escritores do Novo Testamento reconheceram seus próprios escritos como Escritura . Mateus, Pedro e João foram todos testemunhas oculares do Ressuscitado Senhor Jesus. Eles foram incluídos entre os apóstolos escolhidos por Cristo desde o princípio. Seus escritos dão um relato inspirado da vida e ministério de Jesus Cristo, e freqüentemente baseiam seu testemunho em citações ou referências às Escrituras do Antigo Testamento. Embora esses Evangelhos omitem qualquer reivindicação direta de inspiração, as promessas de preautenticação de Cristo, juntamente com sua seleção desses homens como apóstolos, atestam sua autoridade. Na verdade, foi o ofício apostólico eo dom da profecia que transmitiu autoridade divina aos escritores e apóstolos do Novo Testamento, como aconteceu com os profetas do Antigo Testamento. Paulo, por exemplo, confirmou que sua pregação era de Deus (1 Tessalonicenses 2:13), *E também declarou que seus próprios escritos eram os mandamentos de Deus. Ele admoestou insistentemente os coríntios, dizendo: "Se alguém pensa que ele é um profeta, ou espiritual, ele deve reconhecer que as coisas que estou escrevendo para você são um comando do Senhor. Se alguém não reconhece isto, ele não é reconhecido "(1 Coríntios 14: 37-38). Não foi simplesmente Paulo quem declarou suas cartas autoritárias; Pedro também reconheceu as cartas de Paulo como Escritura inspirada quando escreveu: "E contai a paciência de nosso Senhor como salvação, assim como o nosso amado irmão Paulo também vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada, como faz em todas as suas cartas quando fala Nestas matérias. Há algumas coisas nelas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis torcem para sua própria destruição, como fazem as outras Escrituras "(2 Pedro 3: 15-16).*

E os escritores do Novo Testamento que não eram apóstolos? Alguns profetas do Novo Testamento (crentes que tinham o dom da profecia) só falavam, mas outros escreveram as Escrituras. Assim como alguns apóstolos não escreveram as Escrituras, alguns profetas também não o fizeram. Como explica Paulo, o mistério do evangelho "foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito" (Efésios 3: 5). Lucas diz que havia profetas em Jerusalém que desceram a Antioquia, como Agabus, que predisse pelo Espírito a fome que estava prestes a acontecer (Atos 11: 27-28). Que a fome se tornou realidade mostra que o dom da profecia estava ativo. Atos 13: 1 identifica a

liderança da igreja como profetas e mestres e incluiu em sua lista Barnabé, Simeão, Lúcio, Manaen e Saul (isto é, o apóstolo Paulo).

Paulo também igualou os escritos de Lucas com a Escritura quando escreveu: "Porque a Escritura diz: 'Não amordaças um boi quando pisa o grão', e 'O trabalhador merece o seu salário'" (1Tm 5:18) . Paulo aqui atribui o título da Escritura ao Deuteronômio (citando Deuteronômio 25: 4) e ao Evangelho de Lucas (citando Lucas 10: 7). Embora a principal ênfase do texto não seja a inspiração, não se pode deixar de notar que Paulo usa o termo "Escritura" para falar tanto do Antigo Testamento como da escrita de Lucas. A clara implicação é que a declaração de Paulo aplica a qualidade da autoria divina aos escritos de Lucas em igualdade de condições com o Antigo Testamento. Isso está completamente de acordo com a preautenticação de Jesus do Novo Testamento. Apenas o expande para incluir um escritor não-apostólico, assim como Pedro o expandiu com Paulo.

Juntamente com Paulo e Lucas, pode-se acrescentar Marcos, Tiago, o autor de Hebreus e Jude à lista de escritores não-apostólicos e inspirados do Novo Testamento. Cada um destes homens foi associado muito de perto com Cristo e seus apóstolos. Marcos era companheiro de Paulo em suas primeiras viagens (Atos 12:25; 13: 5). Enquanto o fracasso de Marcos resultou na dissolução de Paulo e Barnabé (Atos 15: 37-39), o próprio Paulo atestava a maturidade e progresso espiritual de Marcos (2 Tim. 4:11). O Evangelho de Marcos estava intimamente ligado à pregação de Pedro, mas sua composição foi o resultado da inspiração do Espírito Santo através do dom da profecia. O mesmo se pode dizer das epístolas de Tiago e Judas. James foi reconhecido como um pilar na igreja primitiva (Gálatas 2: 9), e ele foi o principal porta-voz da igreja em Jerusalém durante o concílio em Atos 15. Ele e Judas eram ambos meio-irmãos de Jesus escrevendo a Escritura sob a inspiração do Espírito Santo por meio do dom da profecia. O mesmo vale para o autor de Hebreus. Embora a identidade deste autor permaneça desconhecida, o dom da profecia através do Espírito Santo foi o meio pelo qual foi composto. Os vinte e sete livros do Novo Testamento auto-atestam o fato de sua inspiração.

Autoridade das Escrituras

Fontes secundárias
Fonte primária

A doutrina da autoridade resume-se a uma questão primária: como se torna convencido de que a Bíblia realmente é a Palavra de Deus? Ou, como uma pessoa se torna certa de que a Escritura é a verdade de Deus transmitida através do processo de inspiração e que, portanto, tem o direito de exercer autoridade sobre a própria vida?

A legítima idéia de autoridade sempre foi um campo de batalha. No início do século XXI, as formas ilegítimas e as expressões de autoridade variam do exercício ilegal e abusivo do autoritarismo ou do totalitarismo à autoridade individual que emerge de uma mentalidade pós-moderna do egoísmo.

A abordagem adequada a esta discussão começa com uma definição de trabalho da *autoridade* em geral, especialmente autoridade legítima exercida de forma adequada. Uma definição de dicionário representativa defende que a autoridade é o "poder ou o direito de impor a obediência; Supremacia moral ou legal; Direito de comandar ou dar uma decisão final ". O substantivo do Novo Testamento mais comumente traduzido como" autoridade "(102 vezes) - *exousia* - tem uma definição semelhante:" poder exercido por governantes ou outros em alta posição em virtude de seu ofício ".

As visões de mundo seculares oferecem muitas abordagens de autoridade, como as seguintes:

- *Oligárquica* : autoridade exercida por uma poderosa
- *Democrática* : autoridade exercida pelo povo
- *Hereditária* : autoridade exercida por aqueles em uma família particular
- *Despotismo* : autoridade exercida por um ou mais de uma maneira má
- *Pessoal* : autoridade exercida por uma pessoa

No entanto, numa cosmovisão bíblica, a autoridade original e final reside apenas em Deus e em Deus. Deus não herdou sua autoridade - não havia ninguém para legá-la a ele. Deus não recebeu sua autoridade - não havia ninguém para concedê-la a ele. A autoridade de Deus não veio por meio de uma eleição - não havia ninguém para votar nele. Deus não tomou sua autoridade - não havia ninguém de quem roubá-la. Deus não ganhou sua autoridade - já era dele.

A autoridade de Deus torna-se óbvia e inquestionável quando se considera três fatos. Primeiro, Deus criou os céus, a terra e tudo o que existe nele (Gênesis 1-2). Segundo, Deus é dono da terra, de tudo o que ela contém e dos que nele habitam (Salmo 24: 1). Em terceiro lugar, Deus consumirá tudo, assim como declarou: "Mas o dia do Senhor virá como um ladrão, e então os céus passarão com um rugido, e os corpos celestes serão queimados e dissolvidos , E a terra e as obras que são feitas nele serão expostas "(2 Pedro 3:10).

Compreender e aceitar a autoridade de Deus é tão simples quanto aceitar o fato do próprio Deus. Romanos diz o melhor: "Que cada pessoa esteja sujeita às autoridades governamentais. Para não há nenhuma autoridade venha de Deus; e as que existem foram instituídas por Deus”(Rom. 13: 1). Este *locus classicus* estabelece claramente a fonte de toda autoridade e articula o princípio da *delegação divina* (veja Jó 34:13; João 19:11).

Numerosas declarações no Antigo Testamento explicitamente testemunham a autoridade de Deus. Por exemplo, o Salmo 62:11 afirma que “o poder pertence a Deus”, e 2 Crônicas 20: 6 diz: “O SENHOR , Deus de nossos pais, não és Deus no céu? Vocês governam todos os reinos das nações. Na tua mão há poder e poder, para que ninguém possa suportar-te. "

O Novo Testamento atribui a mesma autoridade ao Senhor Jesus, que declarou após sua ressurreição que "toda autoridade no céu e na terra me foi dada" (Mt 28:18). Paulo afirmou que "no nome de Jesus todo joelho deve se curvar, no céu, na terra e debaixo da terra" (Filipenses 2:10). Judas escreveu assim: "Ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja a glória, a majestade, o domínio e a autoridade, antes de todo o tempo e agora e para sempre. Amém "(Jude 25).

Fontes secundárias

Ao longo da história da igreja, as pessoas argumentam que várias fontes estabelecem a autoridade das Escrituras. Entre os mais proeminentes estão (1) evidências racionais, (2) autoridade da igreja, e (3) o impacto existencial da Bíblia sobre o leitor. À medida que cada um deles é discutido brevemente, ficará claro que nenhum deles satisfatoriamente justifica a autoridade da Escritura.

EVIDÊNCIAS RACIONAIS

As evidências racionais incluem conclusões que podem ser extraídas fazendo observações do texto da Escritura e os fatos da história. As evidências arqueológicas fornecem um exemplo significativo. A Bíblia faz muitas referências históricas a pessoas, lugares e

eventos, e um número significativo deles é verificável por evidência tangível. Os arqueólogos descobriram tudo da cidade de Jericó (com alguma evidência de que as paredes caíram) até a estela de Tel Dan (que menciona o rei Davi pelo nome). Essas descobertas incluem artefatos que confirmam a existência de pessoas históricas ea ocorrência de eventos históricos mencionados nas Escrituras. Ao longo dos últimos séculos, a maioria das acusações de imprecisões históricas da Bíblia foram refutadas por meio desses tipos de descobertas. Além do que, além do mais, Não um evento histórico ou pessoa na Bíblia tem sido provada falsa. Mesmo inconsistências aparentes foram respondidas de uma forma que confirma a veracidade histórica das Escrituras.

Outro argumento racional implica o cumprimento da profecia. Só Isaías 53 dá provas abundantes de que Deus revelou detalhes relacionados com a crucificação que só ele poderia saber. Este texto foi escrito aproximadamente setecentos anos antes do nascimento de Cristo. Isaías 44:28 também faz referência a Ciro, rei da Pérsia, pelo seu nome, e até chega a declarar que será ele quem dará a ordem para reconstruir o templo em Jerusalém. Este texto foi escrito mais de cem anos antes da destruição do templo. Daniel registra a ascensão e a queda de todos os grandes impérios da Pérsia para Roma de tal forma que só pode ser explicada por uma revelação divinamente autorizada de Deus para os homens (Daniel 7-8). Adicione a isto as múltiplas profecias do Antigo Testamento cumpridas ao longo do curso da história redentora, E o caso torna-se insuperável em favor da inspiração e autoridade das Escrituras. Esses e outros argumentos racionais semelhantes podem ser usados para afirmar logicamente que a Escritura é a Palavra de Deus autorizada.

AUTORIDADE DA IGREJA

Uma segunda fonte potencial de autoridade para a Escritura é a autoridade da igreja. Isto inclui as declarações feitas pelos conselhos da igreja, os primeiros padres da igreja e os corpos eclesiásticos significativos. A Igreja Católica Romana fundamenta-se neste princípio. Em sua opinião, a Bíblia é a Palavra de Deus, porque a igreja romana decretou que fosse. O principal problema com esse argumento é este: Quem autorizou a igreja a fazer esse tipo de declaração? Qual é a fonte da autoridade da igreja? Se as Escrituras são a base para a autoridade suprema da igreja (veja Efésios 2:20), então tal autoridade é invalidada porque repousa no raciocínio circular. Se a autoridade suprema se basear em alguma outra fonte, como a sucessão apostólica, então a prova de tal autoridade deve ser dada, mas no caso da Igreja Católica Romana, Não há nenhuma evidência verdadeira para a sucessão apostólica. A igreja pode afirmar a autoridade da Escritura, mas não pode ser o testemunho final dela.

IMPACTO EXISTENCIAL

Um terceiro argumento para a autoridade da Escritura é seu impacto existencial na vida de um crente. Esta idéia inclui o impacto tangível na vida de um crente que sempre acompanha a verdadeira fé salvadora. Ele também tem sido usado em círculos liberais para falar das Escrituras como não sendo a Palavra, mas se tornando a Palavra quando ela tem um impacto existencial em um leitor. Em ambos os casos, isso equivale a fundamentar a convicção de que a Bíblia é a Palavra de Deus sobre o efeito prático ou emocional que seu conteúdo tem sobre a vida do indivíduo.

O problema com todos esses argumentos é que eles são todos subjetivos. Eles deixam ao indivíduo para determinar se a Bíblia é ou não verdadeiramente de Deus com base em seus próprios padrões de avaliação. Embora essas abordagens ofereçam evidência de

apoio para a Escritura como a Palavra de Deus, elas são inadequadas como a prova primária ou definitiva. Essa prova deve ser o testemunho da própria Escritura.

Fonte primária

A questão da autoridade é abordada freqüentemente em toda a Escritura. As descrições de Deus e os títulos aplicados a ele demonstram sua absoluta autoridade sobre sua criação. Ele é identificado desde o princípio como o Criador de todas as coisas (Gn 1: 1). Os títulos Senhor (Deuteronômio 10:17) e Deus Todo-Poderoso (Gênesis 17: 1) demonstram sua autoridade e poder sobre todas as coisas. A natureza de Deus expressa por seus atributos igualmente afirma sua autoridade. A Bíblia atesta a Deus como o Deus eterno, imortal e único (1 Tim. 1:17). Ele é descrito como onisciente (Salmo 139: 1-6), onipotente (Salmo 135: 5, Jeremias 32:17), onipresente (Salmo 139: 7-12) e justo (Salmo 92:15) . Sua sabedoria é insondável (Romanos 11: 33-36). Sua soberania é sobre toda a sua criação (Gênesis 1: 1, Salmos 89:11; 90: 2), agora e para sempre (Salmo 104; 1 Coríntios 15: 24-28).

O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO SANTO

Dada a natureza de Deus e sua Palavra, só ele é qualificado para estabelecer e atestar a autoridade divina das Escrituras. Isto é exatamente o que ele faz através do testemunho interno do Espírito Santo para um crente. Segundo a Bíblia, o Espírito Santo trabalha através das Escrituras para confirmar sua confiabilidade, dando ao crente a certeza de que ela é a Palavra de Deus. A autoridade é derivada de um ministério espiritual do Espírito Santo - não uma determinação subjetiva do crente.

Como funciona o testemunho interno do Espírito? Ela começa com as declarações objetivas feitas pelas próprias Escrituras. A Bíblia é uma declaração pressuposicional de Deus para o homem. Mesmo o primeiro verso da Bíblia começa com uma declaração de fato: "No princípio, Deus criou" (Gn 1: 1). As Escrituras não tentam provar sua lealdade ao leitor. Ele não oferece nenhuma lista de argumentos fundamentados como evidência. A Palavra de Deus simplesmente apresenta a verdade como verdade, enquanto espera e exige que o leitor a aceite como tal. Isto não quer dizer que não há evidências que corroborem o que a Bíblia diz como verdadeira. A Escritura apresenta muitos fatos históricos, geográficos, científicos, proféticos e até experienciais que podem ser confirmados. O que é mais,

No entanto, o homem em sua depravação será sempre fundamentalmente rebelde contra a Palavra de Deus como a verdade expressando o direito de Deus de exercer autoridade absoluta sobre ele. Como Paulo atesta em seus escritos, essa rebelião é natural, uma vez que o homem nasce espiritualmente morto em seu pecado (Efésios 2: 1, Romanos 3: 10-18, ver Salmo 51: 5), escurecido em seu entendimento (Romanos 8: 7), e não querendo aceitar as coisas de Deus, porque elas só podem ser avaliadas espiritualmente (1 Co 2:14). Somente a regeneração pode vir ao resgate gracioso. Quando o Espírito Santo regenera um pecador perdido, ele é "vivificado" num sentido espiritual (João 3: 3, Ef 2: 4-5). Junto com esta novidade de vida vem a iluminação - isto é, uma habilitação do Espírito Santo para discernir que as Escrituras são, de fato, a Palavra de Deus (1 João 2:20, 27). O próprio Jesus afirmou que a Bíblia é verdadeira (João 17:17). Ele também declarou que uma convicção confiante deste fato é dependente de um coração que está disposto a submeter-se à vontade de Deus (João 7:17). Isso requer um novo coração que somente o Espírito de Deus pode prover (João 3: 5-8).

O testemunho interno do Espírito Santo ilumina o crente para que ele saiba que as Escrituras são a Palavra de Deus. A base bíblica para esta clareza é derivada de duas fontes. Primeiro, as palavras da Escritura são auto-atestadas porque afirmam ser de Deus (2 Timóteo 3:16, 2 Pe 1: 20-21). Segundo, o poder dinâmico do Espírito Santo aplica a verdade da Escritura, resultando em uma confiança confiante na própria Palavra (1 Cor. 2: 4-16). Este ministério do Espírito é atuado através da leitura e proclamação da Escritura (Romanos 10:14, 17). Isso não significa que todos os que ouvem ou lêem crêem (Romanos 10: 14-21), mas isso significa que aqueles que crêem o fazem por causa da obra convincente e iluminadora do Espírito Santo.

CLARIDADE E SUFICIÊNCIA DA ESCRITURA

A iluminação não é uma obra do Espírito pela qual as Escrituras ganham vida de alguma forma subjetiva para cada crente. Ela não fornece nova revelação especial ao crente individual além do que o próprio texto diz. Também não garante que cada palavra seja imediatamente compreendida. É aqui que a clareza (ou perspicuidade) da Escritura entra na discussão. A Bíblia claramente articula a verdade de Deus. Não é uma coleção de escritos ou ditados misteriosos que requerem alguma chave reveladora para desvendar seu verdadeiro significado espiritual. A Bíblia revela e comunica claramente a mensagem de Deus. No entanto, os leitores ainda precisam estudar para garantir que eles entendam a Palavra corretamente (2 Tim. 2:15). Mesmo os escritores bíblicos tiveram que estudar para discernir o significado da Escritura (Daniel 10:12, 1 Pe 1: 10-12). Existem mistérios que não são totalmente revelados nas Escrituras (Deuteronômio 29:29). Enquanto a mensagem geral é clara, Deus não revelou em sua Palavra tudo relacionado à sua mente e planos para a história redentora. O que a obra iluminadora do Espírito providencia é (1) uma receptividade à autoridade da Palavra de Deus, (2) uma convicção de que é Verdadeira Palavra de Deus, e (3) uma capacidade auxiliada pelo Espírito Santo para discernir a Verdadeiro significado da Palavra de Deus.

A Bíblia também atesta a sua suficiência (Salmo 19: 7-11). É uma luz para o caminho de alguém (Salmo 119: 105). É mais confiável do que até mesmo as experiências espirituais mais espantosas (2 Pe 1: 19-20). Ele é capaz de levar uma pessoa à fé salvadora (2 Tm 3:15). Ele instrui a elite religiosa, bem como o crente comum (Deuteronômio 6: 4, Marcos 12:37, Filipenses 1: 1). Foi dado por Deus aos pais para instruir seus filhos (Deuteronômio 6: 6-7) e é capaz de trazer até mesmo uma criança para a fé salvadora (2 Timóteo 3: 14-15). Paulo escreveu que toda a Escritura é dada por inspiração e que é útil para ensinar, repreender, corrigir e treinar em retidão (2 Timóteo 3: 16-17).

Um olhar mais atento a cada uma dessas quatro características revela a suficiência total da Escritura para equipar um crente em viver a vida cristã. O primeiro termo, "ensinar", significa que a Bíblia instrui o crente em como viver, no que acreditar e no que Deus espera dele ou dela. Relaciona-se com conteúdo e doutrina. Este conceito se encaixa com a injunção de Jesus na Grande Comissão que os novos discípulos sejam ensinados a observar tudo o que ele ordenou (Mt 28: 18-20). As Escrituras instruem o povo de Deus em como viver em obediência a Ele.

O segundo termo, "repreensão", mostra o propósito da Escritura de admoestação. Tem a ver com apontar onde uma pessoa tem errado ou se afastou do que Deus requer. Escritura é capaz de julgar o coração quando um crente se desviou na doutrina ou na prática da fé uma vez por todas foi entregue aos santos (Heb. 4:12). O próximo termo, "correção", é o companheiro de repreensão. A Bíblia não só mostra uma pessoa em que ele está errado, ele também identifica a corrigido atitude, crença ou comportamento que ele deve colocar em em seu lugar (Ef. 4: 20-24).

Finalmente, o "treinamento em retidão" indica que a Bíblia mostra como colocar seus ensinamentos em prática diariamente com ilustrações e exemplos (Ef 4: 25-32). Entre as Escrituras e o Espírito Santo residente, o crente não precisa de nenhuma revelação adicional para ser informado sobre como viver a vida cristã. Pastores e mestres (Efésios 4: 11-12) são fornecidos para auxiliar no processo de crescimento espiritual até a maturidade, mas mesmo os seus ministérios são fundados e informados pela Palavra de Deus suficiente (2 Pedro 1: 3, ver 1 Pet 5: 2-3).

A IMPRESSÃO AUTORITATIVA DE DEUS SOBRE A ESCRITURA

Este princípio de verdade pode ser desenvolvido de forma silogística com o seguinte argumento:

1. Verdades conhecidas:
   uma. A Escritura afirma ser a Palavra de Deus.
   B. Deus é autoritário.
2. Conclusão: A Escritura é autoritária.

Tanto a base ontológica (Deus é) ea base epistemológica (Deus fala apenas verdade) da autoridade da Bíblia são estabelecidas na Escritura (Gênesis 1: 1, Salmo 119: 142, 151, 160). Assim, a própria natureza de Deus e a veracidade da Palavra de Deus são determinadas não indutivamente pela razão humana, mas dedutivamente do testemunho da Escritura (Salmo 119: 89, Isaías 40: 8).

A objeção é muitas vezes levantada, "Se as Escrituras foram escritas por homens, há a maior probabilidade de erro nos escritos!" Isto é contrabalançado com as seguintes observações:

1. A participação humana no processo de inscrição bíblica não é negada.
2. A idéia de ditado formal não é necessária, embora tenha ocorrido às vezes.
3. O fundo do escritor humano não é eliminado.
4. O poder, os propósitos e as obras de Deus Pai, por meio de Deus, o Espírito Santo, não são limitados.
5. Há um perfeito equilíbrio entre a iniciação divina e a participação humana na escrita dos autógrafos da Escritura (ou manuscritos originais).

No entanto, quando tudo é dito e feito, a Escritura é antes de tudo "a Palavra de Deus", não a "palavra dos homens" (Salmo 19: 7; 1 Tessalonicenses 2:13).

Uma vez que a origem das Escrituras pode ser explicada por inspiração divina (Zacarias 7:12, 2 Timóteo 3: 14-17, 2 Pedro 1: 20-21), como definido acima, a autoridade da Escritura é diretamente derivada de A autoridade de Deus. Aqueles que não reconhecem a autoridade de Deus nas Escrituras são condenados (Jeremias 8: 8-9, Marcos 7: 1-13). Por outro lado, os que legitimamente honram e se submetem à autoridade de Deus nas Escrituras são recomendados (Ne 8: 5-6 e Ap 3: 8).

Assim, o homem de Deus - isto é, o arauto de Deus - é "pregar a palavra" (2 Timóteo 4: 2). Esta declaração coloca a autoridade não com o pregador, mas com Deus (ver 2 Timóteo 3: 16-17). Paulo adverte Tito a falar a Palavra de Deus com toda a autoridade (Gk. *Epitagēs* , isto é, como a autoridade de um comandante militar), de modo que ninguém está isento da obediência - nem mesmo o próprio proclamador (Tito 2:15).

A revelação da autoridade de Deus nas Escrituras pode ser resumida por uma série de afirmações negativas (o que não é) e positivas (o que é):

1. Não é *uma* autoridade derivada outorgada por seres humanos; Antes , é a autoridade *original* de Deus.

2. Não *se* altera com os tempos, a cultura, a nação ou a origem étnica; *Antes* , é a *inalterável* autoridade de Deus.
3. É *não* uma autoridade entre muitas autoridades espirituais possíveis; *Antes* , é a *exclusiva* autoridade espiritual de Deus.
4. É *não* uma autoridade que pode ser contestada com sucesso ou legitimamente derrubado; *Antes* , é a *autoridade* permanente de Deus.
5. É *não* uma autoridade relativista ou subordinado; Antes , é a autoridade *suprema* de Deus.
6. É *não* apenas uma autoridade sugestiva; *Antes* , é a *autoridade* obrigatória de Deus.
7. É *não* uma autoridade benigna no seu resultado; *Antes* , é a *autoridade* consequente de Deus.

Inerrância da Escritura

Alojamento e Inerrancy
Infalibilidade e inerência
Jesus e Inerrância
Explicação da inerência

A inerrância da Escritura é uma doutrina que os incrédulos têm desafiado principalmente desde o período do Iluminismo (cerca de 1650-1815 dC). Está diretamente relacionada à doutrina da inspiração e à veracidade absoluta da Palavra de Deus. Não há menos em jogo nesta questão do que a veracidade e confiabilidade de Deus - seu próprio caráter e natureza.

Alojamento e Inerrancy

A distinção ontológica entre Deus, o Criador e o homem, a criatura necessita da dependência do homem em Deus para revelação. O homem é epistemologicamente dependente de Deus. O que o homem sabe sobre Deus é apenas o que Deus lhe revela. O Criador iniciou pessoalmente a revelação de si mesmo às suas criaturas. Enquanto a revelação geral revela verdades observáveis sobre o Criador, a revelação especial transmite, na linguagem, verdades sobre Deus que não podem ser discernidas meramente observando a criação. Alguns argumentam que a linguagem humana necessariamente obriga Deus a acomodar-se a meios de comunicação falíveis. No entanto, a linguagem não é uma invenção humana. É um meio divinamente criado de comunicação pessoal entre Deus e o homem, bem como entre homem e homem. Assim sendo, Não há sentido em que o processo de comunicação através de formas verbais e escritas seja inadequado para transmitir com precisão a verdade de Deus ao homem. Mesmo a confusão das línguas surgiu por um ato divino (Gênesis 11: 1-9). A revelação especial dada através do processo de inspiração é uma comunicação totalmente exata, verdadeira, suficiente e confiável de Deus Criador para o homem da criatura. Deus usou agentes humanos para produzir escritos divinamente autoritários por meio de seu Espírito Santo.

Historicamente, a acomodação referia-se a Deus se comunicando com as Escrituras usando símbolos e expressões que eram significativas para o homem. Estas incluíam formas culturais, figuras de fala, expressões antropomórficas e similares. Os Reformadores viam a acomodação como o uso gracioso de Deus de múltiplos símbolos na comunicação com a humanidade. No entanto, errantists redefiniram mais recentemente a acomodação como Deus sendo forçado a incluir erro na composição da Escritura porque ele usou falível autores humanos e linguagem. Esses defensores do erro afirmam que, uma vez que Deus usou escritores humanos finitos que eram pecadores para escrever sua Palavra, o texto é, portanto, sujeito a todos os erros que os seres humanos finitos e

pecaminosos cometem. Eles chegam mesmo a dizer que o uso desses meios humanos de composição torna os erros inevitáveis no processo. Eles concluem que a Bíblia é verdadeira em questões de fé e prática, porque estas estão em um nível de princípio geral. No entanto, eles sustentam que pode haver (e são) erros factuais em toda a Bíblia devido à falível instrumentalidade humana que Deus usou na composição do texto.

As seguintes respostas à visão errântica moderna demonstram a falibilidade de sua argumentação. Primeiro, confunde finitude com pecado e erro. A humanidade não é destruída se Deus supervisionou a escrita da Escritura através da inspiração para protegê-la de todos os erros. Os homens pecam, cometem erros e erram em incontáveis ocasiões ao longo de suas vidas. No entanto, eles não pecam ou erram em todas as ocasiões. É possível para um ser humano falível escrever uma frase sem errar. Por um lado, a superintendência das Escrituras de Deus não comprometeu a humanidade dos autores. Por outro lado, o processo de inspiração incluiu a obra de Deus de salvaguardar os escritores humanos para que eles não errar quando eles estavam escrevendo sua Palavra-palavra após palavra, sentença após frase.

Segundo, o testemunho unânime da Escritura afirma sua veracidade total. Reivindica repetidamente ser verdadeiro (Salmo 119: 43, 160, João 17:17, 2 Coríntios 6: 7, Col 1: 5, 2 Tim. 2:15, Tiago 1:18). Ele é identificado diretamente com os escritores humanos e com Deus que a inspirou. Os apelos diretos de Deus para deixá-lo inalterado demonstram que o que está escrito é exatamente o que Deus pretendia dizer (Deuteronômio 4: 2; 12:32, Provérbios 30: 5-6 e Apocalipse 22: 18-19). Deus não era de forma alguma limitado em sua capacidade de transmitir a verdade absoluta em cada palavra simplesmente porque ele usou falíveis escritores humanos. A inspiração por meio do envolvimento direto do Espírito facilitou a origem da Palavra inerrante de Deus (2 Pedro 1: 20-21).

Finalmente, a visão errante da acomodação é inconsistente consigo mesma. Como alguém pode ter certeza de que Deus pode transmitir corretamente as verdades espirituais do homem sobre as questões de fé e prática, se ele não pode garantir que os fatos da história estão corretamente registrados? Se alguém afirma que a Bíblia está livre do erro em levar o homem a um conhecimento correto de Deus na salvação, então o que o impede de igualmente afirmar a veracidade do resto? Se Deus é capaz de manter os escritores livres de erro em tudo, como por escrito verdades espirituais, então não há motivos razoáveis para concluir que ele foi incapaz de garantir um relato factual de registros científicos e históricos.

Infalibilidade e inerência

DEFINIÇÕES DE INERRÂNCIA E INFALIBILIDADE

Inerrancy significa literalmente "sem erro". Quando aplicado à Escritura, isso significa que a Bíblia é sem erro nas cópias originais. Portanto, é livre, quando devidamente interpretado, afirmar qualquer coisa que seja falsa ou contrária aos fatos.

O termo *infalibilidade* tem sido historicamente em grande parte sinônimo de uma visão evangélica da inerrância. Infalibilidade significa incapaz de enganar ou falhar na realização do propósito divinamente pretendido. O artigo 11 da Declaração de Chicago sobre Inerrância Bíblica (1978) relaciona-a desta maneira: "Afirmamos que a Escritura, tendo sido dada por inspiração divina, é infalível, de modo que, longe de nos enganar, é verdadeira e confiável em todos os assuntos Ele endereços. "

Historicamente, a inerrância e a infalibilidade estão inseparavelmente ligadas. No entanto, que remonta ao início dos anos 1960, *infalibilidade* tornou-se um termo usado de uma nova maneira por aqueles que *acreditam* em *inerrância limitada* . Eles o exigiram para significar que a Bíblia é infalível porque não ensina nenhuma doutrina falsa ou

enganosa relacionada à fé e à prática. No entanto, em sua opinião, isso não significa que a Escritura tem de ser exata de fato em todas as suas palavras. A principal motivação por trás da alteração na definição estava ligada a um esforço para negar a inerrância, mas manter uma identificação com os de uma fé ortodoxa. Mas biblicamente falando, não é ortodoxo afirmar a infalibilidade além da inerrância. A negação da inerrância é motivada por uma relutância em aceitar tudo o que a Escritura declara.

A BÍBLICA PARA A INERRÂNCIA

A reivindicação direta de Paulo para a Escritura é que ela é inspirada por Deus (2 Timóteo 3:16). É o produto da própria obra de Deus através dos autores humanos por meio de seu Espírito (2 Pe 1: 20-21). Visto que estas palavras escritas são as palavras do Deus da verdade, elas devem ser sem erro. Inspiração lida com os meios pelos quais o texto foi composto, mas também implica diretamente que ela é a obra de Deus. Como tal, o produto final é atribuído a ele. Independentemente do envolvimento da agência humana no processo de composição, a integridade do autor divino está em jogo na doutrina da inerrância. Antes dos assaltos mais críticos à doutrina das Escrituras no século XIX, O fato da inspiração levou necessariamente à afirmação de que as palavras escritas do Deus que é a verdade eram inteiramente verdadeiras e sem erro nos autógrafos originais. Isso corresponde à posição do próprio Jesus afirmado (João 17:17).

A visão da Bíblia de sua própria autoridade atesta o fato da inerrância. As declarações recorrentes de "assim diz o SENHOR " criam uma atmosfera na qual a inerrância é assumida em todo o Antigo Testamento. Os escritores do Novo Testamento assumem universalmente a verdade absoluta do Antigo Testamento. Seguindo um padrão estabelecido por Jesus, eles baseiam sua doutrina na verborragia literal dos textos bíblicos que citam (por exemplo, a referência de Paulo a "descendência", e não "descendentes", em Gálatas 3:16). Mais significativamente, baseiam sua fé na veracidade do Antigo Testamento sobre o caráter do Deus trino. Para Paulo, o Pai é o "Deus que nunca mente" (Tito 1: 2). No Evangelho de João, o Filho não é apenas o caminho e a vida, mas também a verdade (João 14: 6). Da mesma forma, o Espírito Santo é o Espírito da verdade (João 14:17; 15: 26; 16:13; 1 João 5: 6). João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. 1 João 5: 6). João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. 1 João 5: 6). João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra

de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. João também registra a afirmação de Jesus de que a "palavra de Deus é a verdade" (João 17:17). Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. Essa linguagem coincide diretamente com o testemunho do Velho Testamento de que a Palavra de Deus é verdade e que está fixa para sempre no céu (Salmo 119: 89, 160) - um testemunho de que não é apenas um testemunho temporal de Deus, mas um Eterna e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. 160) - um testemunho do fato de que não é apenas um testemunho terrestre temporal de Deus, mas um eterno e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e

duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. 160) - um testemunho do fato de que não é apenas um testemunho terrestre temporal de Deus, mas um eterno e celestial. Se Deus é o autor da Escritura, como afirma o texto, como pode haver erros no que afirma? Se há erros no que diz, como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. Como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras. Como Deus pode ser o Deus da verdade? Além disso, se esta é uma palavra eterna e duradoura, como a Escritura atesta, então como o Deus da verdade pode permitir que a falsidade seja transmitida por ela? Não há nada menos em jogo na doutrina da inerrância do que o caráter e a integridade do próprio Deus. Uma vez que Deus é verdadeiro, assim é sua revelação nas Escrituras.

Jesus e Inerrância

Que Jesus acreditou em uma Bíblia inerrante já foi mostrado na seção anterior "Provas de Inspiração" (p.86). No entanto, como uma demonstração adicional, podemos notar que Jesus nunca contestou a precisão ou a veracidade de uma única passagem do Antigo Testamento. De fato, ele nem sequer abordou o assunto de uma Escritura errante porque a integridade do texto sempre foi assumida e repetidamente afirmada. Cristo nunca indicou a menor necessidade de corrigir qualquer declaração no Antigo Testamento. Pelo contrário, ele afirmou sua veracidade aos mínimos detalhes (Mateus 5:18, João 10:35). Vale também ressaltar que de todas as perguntas que as pessoas fizeram a Jesus, ninguém perguntou se o Antigo Testamento era inspirado. Ninguém perguntou se continha algum erro. De seus discípulos e numerosos povos comuns a uma multidão de adversários, Não uma pessoa questionou a inspiração ea inerrância da Escritura. Além disso, a Escritura não fornece nenhuma evidência para apoiar a visão de que Jesus acreditava ou ensinava meramente inspiração conceitual. Não há nenhuma evidência de que Jesus acreditava que a Escritura continha um erro, mesmo no menor sentido. Embora um argumento do silêncio geralmente não seja o argumento mais forte, neste caso o silêncio é ensurdecedor. Se Jesus soubesse do erro (mesmo pequenas discrepâncias factuais) no texto, é difícil imaginar por que ele nunca abordou este assunto, especialmente com seus discípulos, para prepará-los para tal dificuldade doutrinária. Não há nenhuma evidência de que Jesus acreditava que a Escritura continha um erro, mesmo no menor sentido. Embora um argumento do silêncio geralmente não seja o argumento mais forte, neste caso o silêncio é ensurdecedor. Se Jesus soubesse do erro (mesmo pequenas discrepâncias factuais) no texto, é difícil imaginar por que ele nunca abordou este assunto, especialmente com seus discípulos, para prepará-los para tal dificuldade doutrinária. Não há nenhuma evidência de que Jesus acreditava que a Escritura continha um erro, mesmo no menor sentido. Embora um argumento do silêncio geralmente não seja o argumento mais forte, neste caso o silêncio é ensurdecedor. Se Jesus soubesse do erro (mesmo pequenas discrepâncias factuais) no texto, é difícil imaginar por que ele

nunca abordou este assunto, especialmente com seus discípulos, para prepará-los para tal dificuldade doutrinária.

É igualmente inexplicável por que Jesus nunca abordou este assunto com seus oponentes. Ao longo de seu ministério, Jesus nunca se acomodou a seus inimigos. Ele desafiou o comportamento e a doutrina errantes. Ele fez uma prática deliberada de confrontar falsas doutrinas rabínicas e práticas em todas as oportunidades. No entanto, Jesus nunca desafiou a veracidade das Escrituras. Ele só abordou a ignorância dos judeus e maltratando-a. O Sermão da Montanha era um confronto em grande escala com aqueles que tinham deturpado ou mal interpretado a lei de Deus (Mateus 5-7). No entanto, ao longo deste discurso Jesus corrigiu apenas a *interpretação errônea* da Escritura. Ele nunca chegou a insinuar a possibilidade de que a integridade bíblica possa estar em dúvida - e os relatos dos Evangelhos deixam claro que Jesus nunca hesitou em confrontar o erro. Ele fez uma prática de abordar até mesmo as questões mais controversas com seus discípulos ou os líderes religiosos do dia. Portanto, não é razoável concluir que Jesus teria se acomodado a seus inimigos ou mesmo a seus discípulos sobre esta questão. Não há argumento convincente que possa ser adiantado para explicar por que Jesus teria negligenciado abordar a questão se as Escrituras continham erros.

Explicação da inerência

INERRÂNCIA NÃO PODE SER PROVOCADA CIENTÍFICAMENTE

A doutrina da inerrância é um companheiro natural da doutrina da inspiração. É também uma conclusão razoável e necessária baseada no caráter de Deus e nas afirmações de verdade da Escritura. Em muitos casos, ela pode ser confirmada até por evidências empíricas externas. Como tal, a inerrância é uma doutrina bíblica e teologicamente presumida.

No entanto, não é possível demonstrar plenamente a doutrina em todos os casos com dados científicos. Isto é simplesmente porque algumas coisas não são reprodutíveis para escrutínio hoje. Os eventos de criação e inundação não podem ser repetidos. No entanto, havia uma testemunha ocular impecável e confiável - Deus - que escreveu um relato inerrante. Evidências arqueológicas não existem para confirmar cada fato histórico afirmado na Bíblia. Em última análise, em todos os casos, os eventos milagrosos registrados nas Escrituras só podem ser atestados pelas testemunhas oculares fornecidas pelos próprios escritores bíblicos.

Ao mesmo tempo, é igualmente verdade que não há maneira de refutar o registro bíblico. Todo desafio histórico lançado contra a veracidade da Escritura foi provado ser falso. Em muitos casos, as testemunhas externas confirmaram não apenas o relato bíblico em geral, mas também os próprios detalhes factuais. Em outros casos, uma harmonização ou solução interpretativa similar confirmou adequadamente a exatidão do relato bíblico. Além disso, as evidências de veracidade das escrituras e de precisão factual vão muito além das confirmações externas. O cumprimento da Escritura só atesta a veracidade e confiabilidade do registro bíblico. As afirmações de verdade da Escritura, a doutrina da inspiração, E o uso do Antigo Testamento pelos escritores do Novo Testamento confirmam a aceitação universal da total veracidade e confiabilidade do texto bíblico. Além disso, a doutrina da inspiração exige a aceitação do relato bíblico sobre qualquer registro humano externo baseado no fato de que ela é a Palavra de Deus.

A INERRÂNCIA APLICA-SE AOS AUTÓGRAFOS

Cada livro da Bíblia foi originalmente composto sob a inspiração do Espírito Santo por um autor humano. Essas obras *originais* - chamadas *autógrafos* - eram completamente sem erro como resultado da inspiração divina. Nenhum desses manuscritos originais existe hoje. Em vez disso, foram feitas cópias e, em seguida, cópias de cópias. Essas cópias e multidões de traduções foram transmitidas ao longo dos séculos. As doutrinas de transmissão e preservação serão discutidas mais adiante neste capítulo, mas aqui devemos salientar que o processo de cópia teve o potencial óbvio para introduzir erros no texto. Por esta razão, a doutrina da inerrância é restrita aos próprios autógrafos.

Ao contrário dos autógrafos, as cópias estão sujeitas a erros devido ao envolvimento humano falível, uma vez que as Escrituras nunca falam do Espírito Santo que supervisiona o trabalho dos copistas. Acrescente-se a isto o fato de que não existem manuscritos originais pelos quais as cópias possam ser confirmadas, e pode parecer que a doutrina da inerrância é nula e sem efeito. Isso poderia ser ainda mais extrapolado para incluir o processo de tradução. Como as traduções (como as cópias) não são produzidas por inspiração, elas também estão sujeitas a erros. Como alguém pode confiar nas Escrituras se não é o texto original composto pelo autor divinamente inspirado?

Deus não escolheu estender o milagre da inspiração aos processos de cópia e tradução. Mas Deus providencialmente preserva cópias e traduções na medida em que reproduzem com precisão o conteúdo dos autógrafos originais. Como será discutido abaixo, as evidências disponíveis hoje permitem que os estudiosos do texto mantenham a confiança de que as traduções das Escrituras hoje possuem mais de 99% dos autógrafos originais. As traduções podem ser facilmente verificadas contra um texto crítico para confirmar a precisão com que eles tornam os autógrafos bíblicos. Como tal, cópias e traduções podem ser ditas para refletir com precisão a Palavra inerrante originalmente escrita pelos autores divinamente inspirados. O processo de cópia supervisionado por Deus preserva a doutrina da inerrância.

INERRANCY PERMITE LÍNGUA ORDINÁRIA

A doutrina da inerrância não significa que as leis normais da linguagem sejam excluídas. A Bíblia faz uso freqüente de estimativas (1 Cr 5:21, Isaías 37:36), e tais números redondos não são erros factuais. Declarações cientificamente imprecisas não equivalem a erro; Eles são simplesmente parte do modo como normalmente usamos a linguagem. O mesmo é verdade em declarações relacionadas à distância. Além disso, a inerrância não exige o uso de linguagem técnica ou científica. Os autores bíblicos não pretendiam dar descrições ou explicações científicas em suas narrativas. Na verdade, em muitos casos a linguagem técnica de seu dia teria sido errada. Mas a maneira como ele é afirmado na Bíblia coincide com a realidade percebida - mesmo que seja transmitida em linguagem normal. Um exemplo perfeito é Jó 26: 7, onde se diz que Deus pendura a terra em nada. Esta não é uma descrição científica. Mas é completamente preciso, factualmente falando. A linguagem fenomenológica também não viola a inerrância. Josué orou para que o "sol ficasse quieto", e o versículo seguinte afirma que "o sol parou e a lua parou, até que a nação se vingou de seus inimigos" (Josué 10: 12-13). Esta descrição geocêntrica de modo algum viola a inerrância. Esta é uma afirmação completamente verdadeira de uma perspectiva terrena. A linguagem permite que a verdade seja transmitida da perspectiva do escritor ou orador. Até que a nação se vingasse dos seus inimigos "(Josué 10: 12-13). Esta descrição geocêntrica de modo algum viola a inerrância. Esta é uma afirmação completamente verdadeira de uma perspectiva terrena. A linguagem permite que a verdade seja transmitida da perspectiva do escritor ou orador. Até que a nação se vingasse dos seus inimigos "(Josué 10: 12-13). Esta descrição geocêntrica de modo algum viola a inerrância. Esta é uma afirmação completamente verdadeira de uma perspectiva

terrena. A linguagem permite que a verdade seja transmitida da perspectiva do escritor ou orador.

Inerrancy permite o uso de toda a gama de linguagem. Isso inclui citações livres do Antigo Testamento pelos escritores do Novo Testamento. Os manuscritos gregos mais antigos não continham sinais de pontuação. Isso faz com que identificar as citações precisas pelos escritores seja difícil às vezes. Uma vez que o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, os escritores bíblicos do Novo Testamento tiveram que usar uma tradução existente ou produzir a sua própria. Além disso, muitas vezes é óbvio que o autor não pretendia dar uma citação palavra a palavra, mas simplesmente uma referência ao original que o leitor a reconheceria. Esta é uma prática comum, mesmo na escrita contemporânea ou pregação. Uma citação livre ainda transmite com precisão o sentido no texto referenciado. Nenhuma dessas práticas são violações da integridade do texto bíblico. Em tais casos, É melhor descrever o uso do Novo Testamento do Velho Testamento como alusões, em vez de citações, porque os escritores claramente não estão tentando repeti-las textualmente. Uma vez que o leitor sabe ou tem acesso ao original do Antigo Testamento, as citações livres do Antigo Testamento no Novo não enganam o leitor nem comprometem a integridade do texto.

Inerrancy não requer gramática perfeita em todos os casos, nem *formulação* exata (*ipsissima verba*) ou mesmo detalhes exaustivos. Uma declaração pode ser gramaticalmente não convencional e ainda ser compreensível e verdadeira. Muitas vezes as escolhas sintáticas e lexicais meramente refletem o estilo e a habilidade dos autores humanos. As contas que escreveram são verdadeiras, mesmo quando eles não registraram todos os detalhes históricos. No caso de relatos paralelos em ambos os Testamentos, os escritores humanos naturalmente fizeram escolhas para manter o foco de suas narrativas que necessariamente resultou na inclusão e exclusão de certos detalhes de cada relato. A verdade inclui a soma de todas as contas. Nenhum desses fatores anula a factualidade da Palavra escrita.

A Bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível. É o resultado da inspiração divina, que produziu contas divinamente autoritativas e factuais que são verdadeiras no que elas registram. Esta doutrina se aplica diretamente aos autógrafos originais e indiretamente aos textos e traduções de hoje.

Preservação da Escritura

Explicação da Preservação
Canonicidade e Preservação
Crítica Textual e Preservação

Como se pode ter certeza de que a revelada e inspirada Palavra escrita de Deus, que a igreja primitiva reconheceu como canônica, foi transmitida até hoje sem qualquer perda de material? Além disso, como uma das principais preocupações do Diabo é minar a Bíblia, as Escrituras sobreviveram a essa implacável investida? No início, Satanás negou a palavra de Deus a Eva (Gênesis 3: 4). Ele mais tarde tentou distorcer a Escritura em seu encontro no deserto com Cristo (Mt 4: 6-7). Através do Rei Joaquim, ele até tentou literalmente destruir as Escrituras físicas (Jeremias 36:23). A batalha pela Bíblia rage, mas a Palavra de Deus tem e continuará a durar mais do que seu arquiinimigo e todos os outros inimigos.

Deus antecipou a maldade do homem, de Satanás e dos demônios em relação às Escrituras, fazendo promessas divinas de preservar sua Palavra. A constante existência das Escrituras está garantida em Isaías 40: 8: "A erva seca, a flor se desvanece, mas a

palavra de nosso Deus permanecerá para sempre" (1Pe 1: 24-25). Isso até significa que nenhuma Escritura inspirada se perdeu no passado que ainda espera a redescoberta.

O verdadeiro conteúdo da Escritura será perpetuado, tanto na terra (Isaías 59:21) como no céu (Sl 119: 89). Assim, os propósitos de Deus, tal como publicados nos escritos sagrados, nunca serão frustrados, mesmo com o menor detalhe (ver Mateus 5:18; 24:35; Marcos 13:31; Lucas 16:17).

Explicação da Preservação

DEFINIÇÃO DE PRESERVAÇÃO

Preservação como uma doutrina refere-se aos atos de Deus pelo qual ele tem preservado através dos séculos o registro escrito de sua revelação especial para seu povo. Começa com as instruções específicas que ele deu ao seu povo para preservá-lo. Inclui também a maneira providencial pela qual Deus manteve sua Palavra pelos diligentes esforços dos agentes humanos ao longo dos milênios. Começou quando foi escrito originalmente, e continuou com o tempo como foi recolhido nas coleções de escritos canônicos existentes até hoje.

A Confissão de Westminster (1646 dC) descreve a doutrina da preservação desta maneira: "O Antigo Testamento em hebraico ... eo Novo Testamento em grego ..., sendo imediatamente inspirado por Deus, e por seu singular cuidado e providência mantidos puros em todas as idades, são Portanto autêntico; Assim como em todas as controvérsias da religião, a Igreja está finalmente a apelar para eles "(1.8). Em outras palavras, Deus tanto inspirou os escritores durante a composição do texto e trabalhou providencialmente através dos séculos para preservar esses escritos. Nesta base, estes textos são autoritários e em suas línguas originais pode ser apelado como a palavra final em todos os assuntos de fé e prática.

A verdadeira questão é: a própria Bíblia afirma esta doutrina? Se isso acontecer, essa preservação é milagrosa ou providencial? Promete preservação em um manuscrito ou em um conjunto de manuscritos ou em uma edição grega ou hebraica? Em que lugar as versões (ou seja, traduções da Bíblia em outras línguas) desempenham um papel no processo? Que impacto têm os meios de preservação na canonização?

ENSINAMENTO BÍBLICO SOBRE A PRESERVAÇÃO

As Escrituras dizem alguma coisa sobre sua própria preservação através dos processos de transmissão (de uma geração para outra) e tradução (de uma língua para outra)? Um exame do que a Bíblia diz indica que Deus prometeu preservar sua Palavra para sempre no céu (Salmo 119: 160). Isso traz compreensão e confiança para a confiança na preservação de Deus das próprias Escrituras. As promessas bíblicas são para uma preservação divinamente providencial e não milagrosa do texto na Terra.

O Caso de Preservação Perfeita e Eterna . A Bíblia faz uma promessa direta a respeito da preservação da Palavra de Deus no céu. O Salmo 119: 89 declara: "Para sempre, ó SENHOR , a tua palavra está firmemente fixada nos céus". No original, o termo "firmemente fixado" significa literalmente a ser estabelecido ou estabelecido de forma duradoura. Isto é semelhante a um pilar que está permanentemente colocado dentro de um edifício quando construído. Assim, a Palavra de Deus é para sempre fixa. Mas a chave aqui é que o versículo diz que a Palavra de Deus está fixa no céu, não na terra. Isso indica que Deus tem um registro permanente e perfeito de sua inspirada revelação escrita para o homem, mas ele manteve esse registro no céu. O salmista continua dizendo: "Há muito

tempo tenho sabido de teus testemunhos que os fundaste para sempre" (Salmo 119: 152). Novamente, **A Palavra de Deus é fixa, imutável e eterna, mas a forma perfeitamente preservada dessa Palavra está no céu. Isaías contrasta a natureza transitória do homem com a perfeição eternamente duradoura da Palavra de Deus quando escreve: "A erva seca, a flor se desvanece, mas a palavra de nosso Deus permanecerá para sempre" (Isaías 40: 8). A Palavra de Deus é eterna, mas este texto não dá nenhuma indicação direta de que essa eternidade inclui uma promessa de uma cópia perfeitamente preservada dela aqui na terra. Pedro também se refere diretamente a este versículo e diz: "Esta é a boa notícia que vos foi anunciada" (1Pe 1:25). Esta declaração equipara a mensagem evangélica do Novo Testamento com o Antigo Testamento como a Palavra de Deus. Ela também torna sua preservação eterna uma certeza por implicação.**

A Escritura também afirma não apenas a certeza da preservação da Palavra de Deus, mas também a sua realização. Jesus fala da natureza duradoura da Palavra de Deus desta maneira: "Porque em verdade vos digo que, até que o céu ea terra passem, nem um iota, nem um ponto, passará da Lei até que tudo seja realizado" (Mateus 5). : 18). Há dois pontos importantes a serem feitos aqui. O primeiro refere-se aos termos "iota" e "ponto". O iota refere-se ao *yodh* , que é a menor letra no alfabeto hebraico. O ponto é na verdade a palavra para "um gancho", que aqui descreve até o menor traço de uma caneta que iria distinguir uma letra de outra. Isso pode ser comparado com a linha de hooked no *R* que o distingue de um *P* no alfabeto inglês. O ponto que Jesus está fazendo é claro: o que Deus disse, ele quer dizer. Nada impedirá Deus de realizar qualquer coisa - até o ponto mais pequeno.

Este texto é freqüentemente citado como prova de que Deus prometeu preservar sua Palavra escrita aqui na terra. No entanto, um exame atento do texto mostra que o ponto de Cristo não é que ele é necessariamente preservado na impressão aqui, mas que tudo isso será realizado ou acontecerá. Ainda assim, esta declaração parece implicar inerentemente que Deus irá preservar sua revelação escrita. Como pode ser uma testemunha para a humanidade se ela não é preservada na forma impressa para que o homem possa lê-la antes, durante e depois de acontecer? No entanto, a promessa é sobre a realização, não a preservação. Jesus continua a fazer a mesma declaração sobre suas próprias palavras quando diz: "O céu ea terra passarão, mas as minhas palavras não passarão" (Mateus 24:35). Novamente, a implicação é clara: quando Jesus fala, é tão duradoura e eternamente segura e vinculativa como quando Deus fala. Contextualmente, porém, Jesus estava falando sobre o cumprimento de tudo o que ele disse sobre os eventos que teriam lugar naquela geração e na era vindoura. Não era uma promessa diretamente relacionada ao registro de suas palavras ou dos ensinamentos no Novo Testamento.

Assim, a Bíblia afirma que Deus prometeu cumprir cada palavra e cada promessa dada nas Escrituras. Ele também confirma que Deus preservará sua Palavra para sempre, inalterada, no céu. Mas não há declaração direta ou garantia de uma preservação absolutamente impecável de uma cópia ou cópias de sua Palavra aqui na terra. Isso não significa que ele não a preservou de uma maneira completamente confiável. Significa que ele escolheu preservar o registro terrenal de sua revelação de maneira providencial através de diligentes esforços humanos. Como milhares de manuscritos do Antigo Testamento e do Novo Testamento foram recuperados e cuidadosamente comparados, os melhores estudiosos cristãos concluíram que o texto bíblico original foi essencialmente recuperado e reconstituído. Assim, a Palavra de Deus foi preservada perfeitamente no céu e fielmente na terra.

A Chamada para a Preservação Terrena Diligente . No reino celestial, Deus prometeu preservar sua Palavra sem defeito para sempre. No reino terrestre, ele providencialmente

o preservou através de seu povo, que tem a responsabilidade de protegê-lo e transmiti-lo. Isto é evidenciado antes de tudo pelos repetidos comandos que Deus deu ao seu povo para não acrescentar ou tirar nada da sua Palavra (Deuteronômio 4: 2; 12:32; Provérbios 30: 6; Jer. 26: 2; 22: 18-19). Essas repetidas acusações deixam claro que o que Deus disse através das canetas dos autores humanos era exatamente o que ele queria dizer. Seu povo era responsável não só para obedecer a tudo, mas também para preservá-lo à letra. Quando estas declarações são juntas com as palavras de Jesus em Mateus 5:18, **É óbvio que o padrão final pelo qual todos serão medidos são os autógrafos originalmente inspirados. Como tal, é essencial que o povo de Deus exerça extremo cuidado em copiar, traduzir e produzir sua Palavra, para não mencionar a diligência em interpretá-la. Deus fixou sua Palavra no céu, mas ele leva os crentes na responsabilidade de reter e assegurar sua integridade aqui.**

A melhor evidência de que Deus manteve sua Palavra sem falhas no céu ao confiar a preservação do registro terrestre ao seu povo é encontrada na própria Escritura. Em Êxodo diz que quando Deus terminou de falar, deu a Moisés "as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus" (Êx 31:18). Então, Deus pessoalmente escreveu esta parte da Escritura em pedra e deu a Moisés. Mas quando Moisés desceu do monte Sinai com as tábuas na mão, viu o pecado do povo e com raiva quebrou as tábuas (Êxodo 32:19). Deus realmente permitiu que Moisés destruísse a única cópia desses mandamentos - mesmo antes que o povo o visse ou ouvisse. Havia, neste momento e por um breve tempo depois disso, nenhuma cópia terrena desses mandamentos. Mesmo assim, Deus foi capaz de restaurar completamente e verbatim o que foi perdido através das ações de um homem. Ele instruiu Moisés a cortar duas tábuas como as primeiras e subir ao Monte Sinai. Então, nos quarenta dias seguintes, mandou que Moisés escrevesse nessas tábuas os mesmos mandamentos que ele originalmente dera (Êxodo 34: 1-2, 27-28). Deus confia o cuidado de sua Palavra ao seu povo.

Ele também é capaz de restaurá-lo à letra, se for perdido. O exemplo mais extenso da disposição de Deus para permitir que sua Palavra seja destruída e sua capacidade de restaurá-la está em Jeremias 36. Era o quarto ano do reinado de Jeoiaquim como rei sobre Judá. Deus disse a Jeremias para tomar um rolo e escrever sua palavra como uma mensagem a ser dada ao rei chamando-o ao arrependimento. O texto diz: "Então Jeremias chamou Baruque, filho de Néria, e Baruque escreveu em um pergaminho, segundo o ditado de Jeremias, todas as palavras do SENHOR que ele lhe tinha falado" (36: 4). Então, Baruc entregou aquele pergaminho aos oficiais, que o levaram ao rei. Quando um servo a lia para o rei, sua resposta ao chamado de Deus para se arrepender era clara: "Enquanto Jehudi lia três ou quatro colunas, O rei os cortaria com uma faca e os atiraria ao fogo na panela de fogo, até que todo o pergaminho fosse consumido no fogo que estava no pote do fogo "(36:23). Este pergaminho foi a primeira edição do livro de Jeremias. Deus novamente permitiu que um homem destruísse sua Palavra. Nesse caso, não foi a ira pelo pecado (como no caso de Moisés), mas uma rejeição exteriormente rebelde da Palavra de Deus! Que a Palavra de Deus não foi destruída é evidenciada pelo próximo evento. Deus novamente o restaurou literalmente: Que a Palavra de Deus não foi destruída é evidenciada pelo próximo evento. Deus novamente o restaurou literalmente: Que a Palavra de Deus não foi destruída é evidenciada pelo próximo evento. Deus novamente o restaurou literalmente:

> Depois que o rei queimou o livro com as palavras que Baruque escreveu a ditado de Jeremias, a palavra do SENHOR veio a Jeremias: "Toma outro pergaminho e escreve nele todas as palavras que estavam no primeiro pergaminho, que o rei Jeoiaquim De Judá queimou. "... Então Jeremias tomou outro pergaminho e deu-o a Baruc, o escrivão, filho de Nerias, que escreveu nele, por ditado de Jeremias, todas as palavras do livro que

> Jeoaquim, rei de Judá, queimara no fogo . E muitas palavras semelhantes foram acrescentadas a eles. (36: 27-28, 32)

O livro de Jeremias encontrado na Bíblia de hoje é o texto original destruído pelo rei juntamente com as revelações e julgamentos adicionais de Deus, que incluem o registro da rejeição de Jeoiaquim ea destruição do texto original. A Palavra de Deus está estabelecida no céu, e ele é capaz de recordá-la e inspirar um profeta a escrevê-la com precisão novamente.

Embora seja verdade que Deus tem atuado diretamente às vezes para restaurar porções de sua Palavra que foram perdidos ou destruídos na terra, ele também o reteve como um julgamento. Ele permitiu que os sacerdotes do templo deslocassem o livro da Lei por mais de cinqüenta anos (2 Reis 22: 8-10, 2 Crônicas 34: 14-16). Por mais de uma geração o povo de Deus estava sem sua Palavra por causa de sua infidelidade. No entanto, mesmo que uma geração ignorasse a Palavra de Deus, ele ainda os responsabilizava por ela. Deus puniu a nação pela maldade cometida durante o tempo de sua negligência.

Vindo neste ponto de um ângulo diferente, a exceção prova a regra. Por exemplo, pelo menos duas palavras faltam em todas as cópias existentes de Samuel que remontam a pelo menos dois mil anos (ver 1 Sam 13: 1). O significado dessas omissões é mínimo. As duas palavras que estão faltando são números relacionados à idade de Saul no momento em que ele se tornou rei e ao número de anos que reinou como rei. É um exercício bastante simples para fazer a matemática e discernir um número limitado de leituras potenciais que fazem sentido do texto. No entanto, esta porção perdida de texto por si só prova que a preservação terrena das Escrituras não é um ato perpétuo e milagroso de Deus. Em vez disso, ele confiou ao seu povo a responsabilidade de reter sua Palavra através de diligentes esforços humanos.

Se Deus não preservou perfeitamente sua Palavra na Terra - e, em vez disso, a deixou aos esforços dos homens - as cópias ainda são consideradas Escrituras? A Bíblia considera cópias das Escrituras como sendo a Palavra de Deus. Por exemplo, Deus deu instruções a Moisés a respeito das práticas que seriam seguidas pelos futuros reis de Israel:

> E quando o rei se assentar no trono de seu reino, ele escreverá para si mesmo em um livro uma cópia desta lei, aprovada pelos sacerdotes levitas. E será com ele, e ele lerá nela todos os dias da sua vida, para aprender a temer ao SENHOR seu Deus, guardando todas as palavras desta lei e estes estatutos, e fazendo-os, para que o seu coração possa Não se exalte acima de seus irmãos, e não se desvie do mandamento, nem à direita nem à esquerda, para que continue em seu reino, ele e seus filhos, em Israel. (Deuteronômio 17: 18-20)

Dois pontos-chave podem ser derivados desta passagem. Primeiro, a cópia do rei deveria ser feita sob o olhar atento dos sacerdotes, o que indica que as cópias deveriam ser feitas com extremo cuidado e precisão meticulosa. O rei foi instruído a fazer uma cópia tão exata quanto possível, que foi então certificada pelos sacerdotes como precisa. Deus espera que seu povo seja zeloso em preservar sua Palavra - mesmo no processo de copiar. Em segundo lugar, a cópia era para ser obedecido com promessas de obediência igual a seguir as instruções do próprio original. Desta forma, Deus amarrou as cópias da Escritura aos autógrafos da Escritura. Uma cópia da Palavra de Deus é a Palavra de Deus, na medida em que corresponde ao original.

Como afirmado, o trabalho de preservar o texto da Escritura é um ato providencial, não milagroso. Mesmo que Deus às vezes tenha agido diretamente para restaurar uma porção de sua Palavra que foi destruída, isso não provou ser sua prática padrão. Em vez disso, colocou o ônus da responsabilidade de reconhecer, preservar e transmitir sua

Palavra sobre o seu povo fiel. Assim, a preservação envolve dois elementos distintos - canonicidade e crítica textual.

Canonicidade e Preservação

A Bíblia é realmente um livro de um autor divino, embora tenha sido escrito durante um período de mil e quinhentos anos através das canetas de mais de quarenta homens. Começando com o relato da criação de Gênesis 1-2, escrito por Moisés em torno de 1405 aC, e estendendo-se ao relato do futuro da eternidade em Apocalipse 21-22, escrito pelo apóstolo João em torno de 95 dC, Deus progressivamente revelou a si mesmo e seus propósitos no Inspiradas.

Tudo isso levanta uma questão significativa: como se pode saber quais supostos escritos sagrados deveriam ser incluídos no cânon das Escrituras e quais seriam excluídos? Ao longo dos séculos, três princípios amplamente reconhecidos foram usados para validar os escritos que constituíram a revelação divina inspirada. Primeiro, a escrita deve ter sido escrita por um profeta ou apóstolo reconhecido ou por alguém associado a um, como no caso dos livros de Marcos, Lucas, Hebreus, Tiago e Judas. Segundo, a escrita não poderia discordar ou contradizer qualquer Escritura anterior. Terceiro, a igreja teve que mostrar um consenso geral de que uma escrita era um livro inspirado. Assim, quando vários conselhos se reuniram na história da igreja para considerar o cânone,

Com relação ao Antigo Testamento, no tempo de Cristo todo o Antigo Testamento tinha sido escrito e reconhecido pela comunidade judaica. O último livro, Malaquias, tinha sido concluído cerca de 430 aC. Não só o cânone do Antigo Testamento do dia de Cristo está em conformidade com o Antigo Testamento nas Bíblias Protestantes de hoje, mas não continha o apócrifo sem inspiração, aquele grupo de catorze escritos extrabíblicos que foram escritos depois de Malaquias e anexados ao Antigo Testamento na tradução grega Do Antigo Testamento hebraico chamado de Septuaginta (cerca de 200-150 aC). Embora rejeitados, esses escritos falsos estão incluídos em algumas versões da Bíblia. No entanto, nem uma passagem da Apócrifa é citada por um escritor do Novo Testamento, nem Jesus afirmou nada disso quando reconheceu o cânon do Antigo Testamento de sua época (Lc 24:27, 44).

Na época de Cristo, o cânone do Antigo Testamento tinha sido dividido em duas listas de vinte e dois ou vinte e quatro livros respectivamente, cada um dos quais continha o mesmo material que os trinta e nove livros de nossas versões protestantes modernas. No cânone de vinte e dois livros, alguns livros eram considerados como um - por exemplo, o Livro dos Doze (incorporando os Doze Profetas Menores), Jeremias e Lamentações, Juízes e Rute e 1 e 2 Samuel.

Os mesmos três testes-chave de canonicidade que se aplicavam ao Antigo Testamento também foram aplicados ao Novo Testamento. No caso dos atos de Marcos e Lucas, os autores não-aposotólicos foram considerados, na verdade, os penmen de Pedro e Paulo, respectivamente. Tiago e Judas foram escritos pelos próprios meio-irmãos de Cristo. Enquanto Hebreus é o único livro do Novo Testamento cuja autoria é desconhecida para certo, seu conteúdo está tão em linha com o Antigo eo Novo Testamento que a igreja primitiva concluiu que deve ter sido escrito por um associado apostólico. Desde cerca de 350-400 dC, os vinte e sete livros do Novo Testamento têm sido universalmente aceitos como inspirados por Deus.

Canonicidade refere-se ao reconhecimento e aceitação da igreja dos livros da Escritura como a Palavra inspirada de Deus. O termo em si vem da palavra grega *kanōn* , que originalmente significava uma "cana" ou uma "haste". Uma vez que uma vara era freqüentemente usada como uma vara de medição, a palavra começou a transmitir a idéia de um "padrão" ou "regra. "A palavra *kanon* é usada quatro vezes no Novo Testamento, sempre em um sentido metafórico. Paulo emprega três vezes em 2 Coríntios 10 (vv.13, 15-16) para se referir a uma fronteira geográfica. Em Gálatas 6:16, ele o usa para se referir a um padrão moral ou regra para os crentes viverem. Tudo isso ilustra que, no final da era apostólica, o termo foi predominantemente entendido como uma palavra que se referia metaforicamente a uma regra, uma medida, uma fronteira ou um padrão.

Não foi até meados do século IV dC que o termo foi usado para falar da coleção autoritária de livros reconhecidos como o produto da inspiração divina. De fato, Atanásio (295-373) aplicou pela primeira vez o termo *cânon* às Escrituras nos *Decretos do Concílio de Nicéia* , publicado pouco depois de 350 dC. Nesses escritos, ele se referiu ao *Pastor de Hermas* como não fazendo parte do cânon. Pouco tempo depois, o Conselho de Laodicéia usou os termos "canônico" e "não-canônico" para referir-se a livros individuais, tanto como aceitos como parte da Bíblia ou rejeitados como não inspirados por Deus. É neste sentido que o termo foi compreendido em referência às Escrituras.

Existem duas maneiras principais pelas quais o cânone tem sido definido historicamente. A visão tradicional do catolicismo romano sustenta que a Bíblia é uma coleção autoritária de escritos. Ou seja, a Bíblia contém os livros que a igreja coletou e autoritariamente determinada e afirmada como Escritura. De acordo com este ponto de vista, a igreja decide quais livros pertencem à Bíblia.

A visão bíblica entende que o cânon é uma coleção de escritos divinamente autoritários. Não é a igreja (ou o povo de Deus) que determina quais livros são inspirados por Deus e são, portanto, Escritura. Os próprios escritos são investidos da autoridade de Deus com base na inspiração divina. Eles são a Palavra de Deus porque foram escritos sob a inspiração do Espírito. O povo de Deus (a igreja para o Novo Testamento, Israel para o Antigo Testamento) meramente reconhecem a autoridade presente nesses escritos. A canonicidade é baseada no fato da inspiração, não no processo ou na agência que fez a coleta.

NECESSIDADE PARA O CANON

Começando com a composição da Torá, há uma injunção clara e divina para reconhecer e preservar a revelação escrita de Deus. Na época de Cristo, os trinta e nove livros do Antigo Testamento (talvez, na verdade, compreendendo vinte e dois em hebraico, com alguns livros como 1 e 2 Samuel combinados em um pergaminho) foram universalmente reconhecidos como Escritura. A necessidade de um cânon do Novo Testamento a par com o Velho Testamento também é aparente. Os apóstolos eram representantes formais e autorizados de Cristo (Lucas 24: 44-49, João 20: 19-23, Atos 1: 4-8, 15-26, 2:42). À medida que começavam a passar da cena (seja através da morte ou do martírio), tornou-se cada vez mais necessário preservar seus ensinamentos. Até mesmo os apóstolos estavam preocupados com esta questão (1 Coríntios 11: 2, 2 Tessalonicenses 2:15). Preservar o testemunho escrito dos apóstolos tornou-se cada vez mais significativo como o primeiro século chegou ao seu fim. Esse processo providencial de preservação começou com as igrejas individuais copiando, coletando e compartilhando esses escritos. Mais tarde, a igreja em geral reconheceu formalmente os inspirados vinte e sete livros do Novo Testamento como Escritura. Este processo de reconhecimento não estabeleceu o cânon, mas afirmou formalmente o que já estava estabelecido com base na inspiração.

O Antigo Test

O Antigo Testamento Canon . O Antigo Testamento foi escrito durante um período de cerca de mil anos. O Pentateuco foi concluído por Moisés imediatamente antes de sua morte em 1405 aC, com exceção de Deuteronômio 34: 5-12, que narra a morte de Moisés, possivelmente escrita por Josué. Esses cinco primeiros livros foram aceitos sem hesitação por Josué e os anciãos de Israel como a Palavra divinamente autoritária de Deus e foram colocados na arca (Dt 31: 24-26). O cânone do Antigo Testamento foi funcionalmente estabelecido por Esdras no século V aC após o retorno do cativeiro. É geralmente reconhecido que o cânone do Antigo Testamento foi estabelecido por uma avaliação de três princípios. Primeiro, o livro foi escrito através do próprio processo de inspiração - normalmente afirmado pelo próprio autor (2 Sam. 23: 1-2, Is 1: 1, Jer 1: 1-2). Segundo, **Os contemporâneos do profeta freqüentemente reconheciam a obra (Êxodo 24: 3, Josué 1: 8, Jeremias 26:18, Dn 9: 2). Terceiro, os contemporâneos do profeta decidiram preservar o livro como parte da Palavra de Deus (Dt 31:26, 1 Sam 10:25, Provérbios 25: 1, 2 Reis 23:24, Dn 9: 2). Além dessas considerações básicas, os líderes judeus compararam qualquer nova revelação com as Escrituras existentes, conforme exigido pela lei de Deus (Dt 12:32; 13: 1-5).**

Na época de Cristo, uma coleção universalmente aceita e fixa de livros foi reconhecida como o Antigo Testamento canônico. Esses livros coincidem com os trinta e nove livros contidos no Antigo Testamento Protestante; Israel nunca aceitou os apócrifos como canônicos. Os testemunhos de Jesus e dos apóstolos demonstram sua absoluta aceitação do cânon hebraico como Escritura. Jesus cita de cada uma das seções principais do Antigo Testamento - incluindo Moisés e o Pentateuco (Mateus 4: 1-11; João 3:14; 5: 45-47), Davi nos Salmos (Lucas 20: 41-44), E Isaías (Mateus 13: 13-15) e Jonas (Mateus 12: 39-40) dos Profetas. Ele afirma cada um como parte da Escritura autoritativa de Deus, baseando a doutrina ea prática no que ela diz. O testemunho dos apóstolos espelha o de Jesus. Eles citam o Antigo Testamento em sua pregação (Atos 2: 17-21, 25-28, 31, 34-35; 3:22, 25; 4: 25-26). Eles freqüentemente constroem seu caso para o evangelho no Novo Testamento de citações do Antigo Testamento (Mt 1: 22-23; 4: 14-16; 8:17; 12: 17-21; 13:35; 21: 4-5 , João 12: 38-41, 19:24, Romanos 1: 16-17, 3: 9-20, 4: 1-12, 9: 6-13, 15-17, 25-26, 27-29, 33). Mesmo a prática evangelística de Paulo de ir primeiro aos judeus nas sinagogas e raciocínio das Escrituras do Velho Testamento atesta sua aceitação sem reservas do cânone judaico (Atos 17: 2-3).

Uma distinção perceptível entre o Antigo Testamento hebraico e Bíblias modernas em inglês e outras línguas é o arranjo dos livros. Jesus e os escritores do Novo Testamento geralmente reconheciam um arranjo duas ou três vezes dos livros do Antigo Testamento - a Lei e os Profetas ou a Lei, os Profetas e os Escritos (Lucas 24:44). Parece que Jesus reconheceu um arranjo dos livros do Antigo Testamento que começou com o Gênesis e terminou com Crônicas, em grande parte baseado em sua referência (Lucas 11: 50-51) ao sangue dos profetas de Abel (Gênesis 4: 1- 16) a Zacarias (2 Crônicas 24: 20-22). Esta ordem é muito parecida com a encontrada na edição definitiva do Antigo Testamento hebraico, extraída do texto massorético. Enquanto o arranjo na Bíblia inglesa é derivado principalmente da Vulgata e secundariamente da Septuaginta,

O Novo Testamento Canon . O Novo Testamento foi escrito durante um período de cinquenta anos. É composto por vinte e sete livros compostos por oito ou nove diferentes autores humanos e inclui quatro Evangelhos, o livro de Atos (o volume companheiro do Evangelho de Lucas), vinte e uma Epístolas e o livro do Apocalipse. O primeiro escrito foi a epístola de Tiago, em 45 dC O último foi o Apocalipse, escrito por João em cerca de 95 dC. Antes destes livros do Novo Testamento, a igreja não tinha escritos de

autoridade além do Antigo Testamento, que Jesus e os apóstolos reconheceram Como a Palavra de Deus. Os livros do Novo Testamento foram reconhecidos como igualmente divinamente inspirados e autorizados como o Antigo Testamento na época em que foram escritos. Pedro atestou às cartas de Paulo como sendo Escritura (2 Pedro 3: 14-16). Paulo citou Deuteronômio e Lucas, **Afirmando tanto como Escritura (1 Tim. 5:18). João testificou que ele escreveu Apocalipse com a insistência direta do próprio Cristo como uma revelação de Deus para sua igreja (Ap 1:11, 19; 4: 1, 22: 8-13). Os livros do Novo Testamento foram adicionados à Escritura no ponto de inspiração e autoria original. Eles eram canônicos no momento da escrita - não quando a igreja os aceitou como tal. Houve, no entanto, um processo ao longo do tempo em que os vinte e sete livros do Novo Testamento foram individual e coletivamente reconhecidos como Escritura pelo povo de Deus. Este processo de canonização para o Novo Testamento incluiu três estágios históricos: circulação, coleta e reconhecimento. 8-13). Os livros do Novo Testamento foram adicionados à Escritura no ponto de inspiração e autoria original. Eles eram canônicos no momento da escrita - não quando a igreja os aceitou como tal. Houve, no entanto, um processo ao longo do tempo em que os vinte e sete livros do Novo Testamento foram individual e coletivamente reconhecidos como Escritura pelo povo de Deus. Este processo de canonização para o Novo Testamento incluiu três estágios históricos: circulação, coleta e reconhecimento. 8-13). Os livros do Novo Testamento foram adicionados à Escritura no ponto de inspiração e autoria original. Eles eram canônicos no momento da escrita - não quando a igreja os aceitou como tal. Houve, no entanto, um processo ao longo do tempo em que os vinte e sete livros do Novo Testamento foram individual e coletivamente reconhecidos como Escritura pelo povo de Deus. Este processo de canonização para o Novo Testamento incluiu três estágios históricos: circulação, coleta e reconhecimento.**

O período de circulação . A igreja primitiva reconheceu os trinta e nove livros do Antigo Testamento como a Escritura como uma verdade estabelecida. A autoridade divina destes livros era inquestionável. Este compromisso foi demonstrado através da prática consistente de Cristo e seus apóstolos citando do Antigo Testamento e identificando-a como a própria Palavra de Deus. Na época em que os livros do Novo Testamento foram originalmente escritos, as igrejas que inicialmente os receberam reconheceram-nos como Escritura e logo depois essas igrejas começaram a ler esses textos lado a lado com as Escrituras do Antigo Testamento em suas assembléias (1 Tessalonicenses 5: 27, 1 Tim. 4:13, Apocalipse 1: 3). As práticas de copiar e compartilhar esses textos com outras igrejas acompanharam o reconhecimento desses livros como Escritura, assim como alguns livros mesmo apelaram para tais práticas (Col. 4: *16). Este processo de coleta e circulação precoce resultou em uma grande conscientização de toda a igreja sobre a maioria dos vinte e sete livros do Novo Testamento no início do século II DC. No entanto, o início deste processo envolveu principalmente a circulação desses textos em uma base individual.*

O período de coleta . Os cultos corporativos da igreja primitiva seguiram os padrões estabelecidos pela sinagoga. Isso incluiu a leitura pública da Escritura e exposições ou homilias (sermões) muitas vezes derivadas desses textos (Lucas 4: 16-21, Atos 17: 2-3, 1 Tim. 4:13). Com o tempo, as igrejas copiaram, distribuíram e coletaram mais e mais livros do Novo Testamento para que pudessem ser lidos e incluídos nos cultos. No segundo século dC, essas coleções começaram a assegurar uma aceitação cada vez mais universal entre as igrejas, o que resultou na partilha desses textos com mais freqüência como coleções do que como livros individuais.

O século meados do século 2 viu a primeira controvérsia igreja significativa sobre a identificação do cânone em si. O herege do segundo século Marcion (cerca de 85-160) publicou sua própria lista formal do que ele considerava ser escritos autoritativos do Novo Testamento. Seu cânone incluiu uma forma abreviada do Evangelho de Lucas, e dez das epístolas de Paulo (excluindo os Pastorais). Talvez mais do que qualquer outro evento, foi este ato por parte de um herege que obrigou a igreja ortodoxa a começar a responder formalmente à pergunta, quais livros pertencem ao cânon do Novo Testamento?

A primeira resposta significativa das igrejas ortodoxas é refletida no Fragmento Muratoriano. Às vezes é referido como o Cânon Muratoriano (cerca de 170), porque ele lista tanto os livros do Novo Testamento que devem ser aceitos como autoritários e outros livros que devem ser excluídos. Este documento provavelmente reflete uma resposta formal a Marcion. Embora a condição do próprio documento o torne incompleto como uma testemunha absoluta dos livros aceitos, ela identifica vinte e um ou vinte e dois dos vinte e sete livros do Novo Testamento de hoje. Os desaparecidos incluem Hebreus, Tiago, e 1 e 2 Pedro. As epístolas de João são incluídas, mas não está claro se elas são referidas como uma única epístola ou se uma ou mais são excluídas. Independentemente do conteúdo ausente deste documento,

O período de reconhecimento . O início do século IV dC trouxe consigo o fim da perseguição à igreja e o estabelecimento do cristianismo como religião de Estado. Este período concluiu quase três séculos de esforços esporádicos e concentrados para acabar com a igreja em todo o Império Romano. Na perseguição mais recente, Diocleciano (245-311 dC) pediu a queima deliberada de incontáveis obras cristãs sagradas, incluindo cópias das Escrituras do Novo Testamento como resultado de seu edito em 303 DC. Quando Constantino (272-337 dC) tornou-se Imperador, ele não apenas legalizou o cristianismo em 313 dC, mas também comissionou Eusébio (cerca de 260 dC) para supervisionar a produção de cinquenta cópias do Novo Testamento.

Eusébio, tendo pessoalmente experimentado grande parte da perseguição sob Diocleciano, tornou-se talvez o mais significativo historiador da igreja primitiva. Ele registra em sua história não só muito relacionado com os eventos históricos em si, mas também muito sobre os desafios no reconhecimento do cânon do Novo Testamento. Eusébio dividiu os escritos da igreja primitiva em três categorias: os livros reconhecidos, os livros disputados e os livros heréticos. Como as categorias sugerem, sua lista começa identificando aqueles livros universalmente aceitos como canônicos (isto é, divinamente autorizados). Estes são todos os livros cuja autenticidade é indiscutível. O padrão normal incluiu a questão da autoria divinamente sancionada - ou seja, foi escrito por um apóstolo ou alguém que possuía uma autoridade apostólica derivada (por exemplo, Lucas). Dos vinte e sete livros do Novo Testamento, a lista de Eusébio incluía tudo menos Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João, e Judas nos livros reconhecidos. Ele também listou Apocalipse como possivelmente questionável devido principalmente a uma falta de circulação entre as igrejas orientais. No final, todos os vinte e sete livros do Novo Testamento foram incluídos.

A finalização do processo formal de reconhecimento do cânon do Novo Testamento foi, em grande parte, concluída por Atanásio (295-373 dC). Em sua Carta Festiva de 365 DC, ele definiu a extensão do cânon do Novo Testamento como os vinte e sete livros de nosso Novo Testamento hoje. Ele também proibiu estritamente o uso de quaisquer outros como canônicos - incluindo o *Didache* e *O Pastor de Hermas* (ambos os quais foram debatidos). Essas decisões foram posteriormente ratificadas pelo Conselho de Hipona em 393 dC. Desde então, houve em todo o cristianismo ortodoxo uma aceitação universal dos vinte e sete livros do Novo Testamento como canônicos.

CRITÉRIOS PARA A CANÓNICA

Como mencionado, a canonicidade de todos os sessenta e seis livros da Bíblia foi estabelecida no ponto da autoria inspirada. Só Deus, o Espírito Santo, pode testemunhar a autoridade de sua Palavra. Esta é a realidade do auto-testemunho da Escritura. Do ponto de vista cristão, o reconhecimento do cânone do Antigo Testamento foi resolvido por Jesus e a aceitação dos apóstolos dos trinta e nove livros do cânon hebraico. Para o Novo Testamento, embora os primeiros crentes vivessem pelas verdades dos livros inspirados durante séculos, o reconhecimento histórico levou algum tempo. No entanto, isso não sugere que não existia um cânone. Isso significa apenas que um consenso sobre os limites da coleção teve que triunfar sobre outras sugestões e opções.

Os critérios externos para aceitar qualquer livro como canônico incluíam as qualificações essenciais originais de (1) autoria apostólica ou profética evidenciando inspiração, (2) concordância doutrinária consistente com a Escritura existente e (3) aceitação universal pelo povo de Deus.

As credenciais autorais humanas são um critério válido para a canonicidade. Deus produziu sua Palavra através da agência de escritores humanos autenticamente divinizados. No Antigo Testamento, esses escritores freqüentemente autenticaram sua mensagem, executando sinais milagrosos ou fazendo declarações proféticas que validaram seu chamado divino. No Novo Testamento, Deus produziu sua Palavra por meio da agência ou autoridade de um apóstolo já autenticado (1 Coríntios 14: 37-38, Gálatas 1: 9; 1 Tessalonicenses 2:13).

Em segundo lugar, Deus deixou claro desde o início que qualquer revelação futura deveria ser examinada à luz da Escritura existente antes de ser aceita como autêntica (Deuteronômio 13: 1-5). Deus sempre se revelou através dos livros canônicos para que todos estejam de acordo uns com os outros e com o todo (Atos 17:11). Juntamente com isso, Deus limitou diretamente os dois cânones quando anunciou o fim de cada um. Para fechar o cânone do Antigo Testamento, Deus anunciou que o próximo profeta seria o Elias que havia de vir (Mal. 4: 4-6). No caso do Novo Testamento, Jesus declarou definitivamente o fim do cânon a João (Ap 22: 18-19). Assim com a passagem do último apóstolo veio a passagem de qualquer revelação adicional até que o Senhor retorna.

Em terceiro lugar, as evidências de inspiração podem ser divididas em duas categorias: (1) deve ser verdadeira e verdadeira no que diz, e (2) deve haver evidência na própria leitura da Palavra que é capaz tanto de transmitir a verdade E convencer o coração humano do pecado (Hebreus 4:12). Além disso, a Palavra de Deus deve ser capaz de persuadir seu povo coletivamente a reconhecer e afirmar a autenticidade de qualquer livro. Uma vez que o Espírito de Deus inspirou o escritor a produzir uma escritura divinamente autoritária, esse mesmo Espírito atestou isso nos corações do povo de Deus.

No final, somente Deus é capaz de dar um testemunho adequado para si mesmo e para o que ele inspirou (João 5: 33-47, Hebreus 6:13). A Palavra de Deus atesta a si mesma. É essencial que o povo de Deus aprenda a discernir por si próprio, a partir das páginas das Escrituras, como reconhecer as obras inspiradas de Deus. Como se relaciona com os cânones do Antigo e do Novo Testamento, há afirmação impressionante, definitiva e unânime de que os sessenta e seis livros da Bíblia Protestante, e nenhum outro, são inspirados por Deus.

CONCLUSÃO DA CANÓNICA

Como a igreja hoje sabe que Deus não irá alterar a Bíblia atual com um livro inspirado nos sessenta e sete? Em outras palavras, o cânon está fechado?

Os textos bíblicos advertem que ninguém deve deleitar ou acrescentar à Escritura (Deuteronômio 4: 2; 12:32, Provérbios 30: 6). Percebendo que os livros canônicos adicionais vieram realmente após estas palavras de advertência, só se pode concluir que, embora essas admoestações não permitiam deleções de qualquer tipo, elas de fato permitiram que escritos inspirados e autorizados fossem adicionados para completar o cânone protegido por estes Passagens

Várias observações significativas, quando tomadas em conjunto, convenceram a igreja ao longo dos séculos que o cânon da Escritura é realmente fechado, para nunca mais ser reaberto. Primeiro, o livro do Apocalipse é exclusivo da Escritura, na medida em que descreve com detalhes incomparáveis os eventos do tempo do fim que precedem a eternidade futura. Como Gênesis começou a Escritura através da ponte entre a eternidade passado e esta existência espaço-temporal presente com o único relato detalhado da criação (Gênesis 1-2), também o Apocalipse transita do espaço e do tempo para a eternidade futura (Apocalipse 20-22). Gênesis e Apocalipse, por seus conteúdos, são os bookends perfeitamente combinados da Escritura.

Segundo, assim como houve um silêncio profético depois que Malaquias completou o cânon do Antigo Testamento, houve um silêncio paralelo desde que João entregou o livro de Apocalipse. Isso leva à conclusão de que o cânon do Novo Testamento também estava fechado.

Terceiro, já que não houve, nem existem agora, profetas ou apóstolos autorizados no sentido do Antigo Testamento ou do Novo Testamento, não há autores potenciais de escritos canônicos mais inspirados. A Palavra de Deus, "de uma vez por todas entregue aos santos", nunca deve ser acrescentada, mas deve ser fervorosamente defendida (Judas 3).

Em quarto lugar, das quatro exortações bíblicas para não alterar a Escritura, apenas a de Apocalipse 22: 18-19 contém avisos de severo julgamento divino por desobediência. Além disso, o Apocalipse é o único livro do Novo Testamento para terminar com este tipo de admoestação e foi o último livro do Novo Testamento a ser escrito. Portanto, esses fatos sugerem fortemente que Apocalipse foi o último livro do cânon e que a Bíblia é completa; Para adicionar ou apagar traria desagrado severo de Deus.

Finalmente, a igreja primitiva, aqueles mais próximos aos apóstolos, acreditavam que Apocalipse concluiu os escritos inspirados de Deus, as Escrituras. Assim, baseado em sólido raciocínio bíblico, podemos concluir que o cânone é e permanecerá fechado. Não haverá sessenta e sete livros da Bíblia.

Crítica Textual e Preservação

Uma vez que a Bíblia tem sido freqüentemente traduzida em vários idiomas e distribuída por todo o mundo, como se pode ter certeza de que o erro não se insinuou, mesmo que involuntariamente? Certamente é verdade que, à medida que o cristianismo se espalhou, as pessoas desejavam ter a Bíblia em suas próprias línguas, o que exigia traduções das línguas hebraicas e aramaicas originais do Antigo Testamento e do grego do Novo Testamento. Não só o trabalho dos tradutores forneceu uma oportunidade para o erro, mas a publicação também ofereceu possibilidades contínuas de erro desde que as cópias foram feitas à mão até que a imprensa chegou por volta de 1450 DC.

Através dos séculos, os praticantes da crítica textual, uma ciência manuscrita precisa, descobriram, preservaram, catalogaram, avaliaram e publicaram uma incrível variedade de cópias bíblicas do Antigo e do Novo Testamento. Na verdade, o número de manuscritos bíblicos existentes dramaticamente supera os fragmentos existentes de

qualquer outra obra literária antiga. Comparando texto com texto, o crítico textual pode determinar com confiança o que a escrita profética / apostólica original continha.

Embora as cópias existentes do texto hebraico antigo (Masoretic) datam apenas do século X dC, duas outras linhas importantes de evidência textual reforçam a confiança dos críticos textuais de que eles recuperaram os originais. Primeiro, podemos comparar o texto do século X dC Masorético à Septuaginta, a versão grega traduzida por volta de 200-150 aC, com os mais antigos manuscritos existentes remonta a cerca de 325 d. Há, em geral, uma consistência surpreendente entre os dois , Que fala da precisão em copiar o texto hebraico por séculos. Em segundo lugar, a descoberta dos Pergaminhos do Mar Morto em 1947-1956 (manuscritos datados de 200-100 aC) revelou-se monumentalmente importante. Depois de comparar os textos hebraicos anteriores com os posteriores, apenas algumas poucas variantes foram descobertas, nenhuma das quais mudou o significado de qualquer passagem. Enquanto alguns defendem o desenvolvimento de uma pluralidade de textos autoritários para o Antigo Testamento devido a diferenças significativas periódicas entre a Septuaginta e o texto massorético, parece muito mais provável que uma única base de texto autorizada, masorética, tenha sido mantida por escribas seguindo a Babilônia exílio. Enquanto as variantes são evidenciadas nos Pergaminhos do Mar Morto e em várias versões, os registros existentes mostram uma consistente conformidade com o texto Masorético. Embora o Velho Testamento tenha sido traduzido e copiado durante séculos, a versão mais recente (o texto Masorético) é prontamente reconhecida como uma autêntica e autoritária representação dos autógrafos originais.

As descobertas do Novo Testamento são ainda mais decisivas porque uma quantidade muito maior de material está disponível para estudo. Há mais de cinco mil manuscritos do Novo Testamento gregos existentes que variam em tamanho de todo o Novo Testamento a pedaços de papiros que contêm tão pouco como parte de um único verso. Alguns fragmentos datam de vinte e cinco a cinqüenta anos da escrita original. Os eruditos textuais do Novo Testamento concluíram, em geral, que mais de 99% dos escritos originais foram recuperados e que, das leituras potencialmente alternativas restantes, não há variantes que afetem substancialmente qualquer doutrina cristã. Inclusive foi afirmado que se todas as variantes possíveis fossem aceitas, a mensagem de cada capítulo da Bíblia que seria afetada seria essencialmente a mesma.

Com essa riqueza de evidências manuscritas bíblicas nas línguas originais e com a atividade disciplinada dos críticos textuais para estabelecer com quase perfeita precisão o conteúdo dos autógrafos, muitos erros que foram introduzidos ou perpetuados pelas milhares de traduções ao longo dos séculos podem ser identificados E corrigido comparando a tradução ou cópia com o original remontado. Por este meio providencial, Deus cumpriu sua promessa de preservar as Escrituras.

EXPLICAÇÃO DA CRÍTICA TEXTUAL

Enquanto protestantes universalmente concordam sobre a identificação dos livros da Bíblia, algumas questões relacionadas com o conteúdo ainda exigem atenção. Isso se deve ao fato de que nenhuma das obras originais dos autores bíblicos sobreviveu até hoje. A única maneira que os livros bíblicos foram preservados e passados para baixo era copiá-los à mão até aproximadamente AD 1450, quando as imprensas começaram massa produzindo a Bíblia. Este processo de cópia de mão necessariamente introduziu erros de escritura no texto bíblico, o que explica algumas das questões relacionadas com a redação de passagens individuais e até alguns dos mais significativos problemas polêmicos de texto (por exemplo, Marcos 16: 9-20, João 7: 53-8: 11).

Neste ponto, o processo de crítica textual vem ajudar. A crítica textual é melhor definida como o exame cuidadoso das cópias antigas existentes da Escritura, a fim de

determinar as cópias mais puras do texto original. O processo em si é uma ciência, mas as decisões fundamentais de avaliação influenciam a equação ao escolher uma leitura sobre a outra, e estas envolvem o julgamento humano. O processo básico começa com um exame cuidadoso de cada cópia existente e confiável do texto bíblico em questão. O crítico textual considera várias leituras alternativas e identifica a leitura que tem a evidência textual mais forte para ser o original escrito pelo autor bíblico. Se mais de uma leitura tem fortes evidências, as secundárias são listadas como leituras marginais (muitas vezes em uma nota de coluna ou uma nota de rodapé na maioria das Bíblias). Fatores típicos de ponderação textual-crítica incluem a leitura mais antiga, a leitura mais curta, a leitura mais amplamente atestada geograficamente ea leitura que melhor explica a variante (s). Quando esses fatores são tomados em conjunto, o crítico textual pode tomar uma decisão educada para afirmar a leitura que provavelmente reflete o que o autor bíblico escreveu originalmente.

O processo de crítica textual envolve questões de diferentes níveis de complexidade entre os dois Testamentos. Há uma enorme quantidade de evidências textuais para o Novo Testamento. Como observado, alguns manuscritos gregos remontam a uma geração da escrita real do texto. Esta evidência também cobre uma área geográfica ampla e é confirmada durante o período de tempo completo de aproximadamente AD 100 a aproximadamente 1450, quando as primeiras imprensas começaram a publicar coleções completas do Novo Testamento grego. A título de comparação, o Antigo Testamento foi escrito durante um período de cerca de mil anos de 1400 a 400 aC. Há muito menos testemunhas existentes no texto do Antigo Testamento do que no texto do Novo Testamento. Grande parte da evidência textual está mais do que mil anos removida da escrita original. Mesmo a confiabilidade de algumas das testemunhas mais antigas (como os pergaminhos de Qumran) é debatida. Esses fatores contribuem coletivamente para uma maior dependência da evidência versional para o texto do Antigo Testamento.

No entanto, quando toda a evidência textual para ambos Testamentos é avaliada, a maioria dos estudiosos afirmam que a Bíblia está essencialmente de acordo palavra por palavra com o original do Gênesis através do Apocalipse. Mesmo além disso, quando todas as variantes são examinadas, a maioria delas é facilmente identificável e facilmente resolvível. Eles incluem coisas tão óbvias e insignificantes como erros de ortografia, omissão incidental de palavras, transposição de palavras ou letras dentro de uma palavra, e coisas do género. Ainda outras variantes são obviamente as inserções explicativas de um copista ou as alterações deliberadas por várias razões. Quando essas considerações adicionais são levadas em conta, a Bíblia pode ser mostrada como confiável como uma cópia fielmente preservada do que os autores originais escreveram. Para o que permanece, não há leituras significativas em dúvida, E ninguém altera nem mesmo põe em dúvida qualquer doutrina bíblica. Deus inspirou a escrita de sua Palavra. Ele também providencialmente a preservou através do processo de cópia humana.

Se a Bíblia realmente é a Palavra de Deus, então por que não existem manuscritos originais de nenhum dos sessenta e seis livros da Bíblia que existem atualmente? Será que um rápido olhar para a carta original Paulo escreveu aos santos em Roma ou nos rolos reais em que Moisés escreveu o livro de Gênesis imediatamente resolver quaisquer perguntas sobre o que a Bíblia originalmente disse? Por que não há autógrafos originais preservados de nenhum dos livros da Bíblia? A principal razão para isso é que o pergaminho, vellum e outros materiais não prontamente suportar ao longo de milhares de anos. Adicione a isto o desgaste normal que vem com uso repetido, negligência, transporte, desastres naturais, e até destruição deliberada em tempos de perseguição, e é fácil ver por que nenhum dos originais permanecem. Contudo, Uma motivação divina também pode estar por trás da perda de todos os autógrafos originais. Ele elimina a

possibilidade de hiper-reverência e culto veneração a ser dada aos próprios documentos em vez de ao Deus que os inspirou. Essa tendência humana obrigou Ezequias a destruir a serpente de bronze porque as pessoas começaram a adorá-la em vez do Deus que a usou (2 Reis 18: 4).

TRADUÇÕES BÍBLICAS

Como discutido acima, Deus providencialmente amarrou as cópias da Escritura aos autógrafos da Escritura. Uma cópia das Escrituras na língua original é a Palavra de Deus, na medida em que corresponde ao original. Da mesma forma, uma versão (ou seja, uma tradução) pode ser considerada a Palavra de Deus na medida em que corresponde ao significado da Palavra expressa na língua original. É por isso que deve haver tanto cuidado (se não mais) dado ao processo de tradução. O que uma tradução transmite em uma língua diferente deve corresponder o mais possível ao significado expresso no original. Se o processo de cópia é esperado para ser exato (e isso é apenas o processo de copiar palavra por palavra o que o original diz), quanto mais Deus espera daqueles que estão fazendo isso em uma língua diferente?

É por isso que um grande cuidado deve ser exercido na escolha de uma versão bíblica. A legibilidade é importante na escolha de uma versão. Deus quer que seu povo entenda o que ele diz e o que ele quer dizer com o que disse. Ao mesmo tempo, se uma versão traduz mal ou equivocadamente representa o que a Palavra de Deus diz na língua original, engana o povo de Deus. Deus não mudará seus padrões para corresponder aos erros dos homens. Assim, quanto mais literal for uma tradução e mais precisamente ela transmite o que as línguas originais dizem, mais confiável é como um testemunho ao povo de Deus. Uma boa tradução das Escrituras em qualquer idioma é a Palavra de Deus, pois reflete com precisão o significado transmitido na língua original. Traduções formais, palavra por palavra são as melhores. Mas não há nenhuma evidência, bíblica ou historicamente, Demonstrando que Deus milagrosamente dotou uma tradução com inspiração em si mesmo. Uma tradução é um testemunho derivado da Palavra de Deus. Não é uma correção ou uma versão atualizada do original.

Traduções antigas também podem desempenhar um papel fundamental para ajudar a confirmar uma leitura correta em um manuscrito original. Isso ocorre porque as versões antigas registram o que o tradutor entendia como o sentido transmitido pelo texto original à sua frente. Uma vez que estas versões foram escritas em alguns casos, muitos séculos antes dos mais antigos registros de língua original que ainda existem, foram traduzidos a partir de textos que são mais antigos do que aqueles que existem hoje. Como tal, podem ser úteis para confirmar uma leitura alternativa preferida.

As versões antigas mais significativas são a Septuaginta Grega, a Vulgata Latina e a Peshitta siríaca. A Septuaginta é o mais notável destes porque é uma tradução grega do Velho Testamento que os pais da igreja freqüentemente citados. Às vezes, pode até ser citado no próprio Novo Testamento. Ela remonta a cerca de dois séculos antes do nascimento de Cristo. A Vulgata começou como uma revisão do velho latim por Jerônimo. Ela remonta à época dos primeiros padres da igreja no início do século V dC. Sua característica mais significativa é que muito do Antigo Testamento foi baseado no exame de textos hebraicos (e não uma versão grega). Como tal, pode, em alguns casos, ler mais de perto o original do que a Septuaginta. O Peshitta é uma tradução da Bíblia em siríaco. É a primeira e mais antiga versão da Bíblia inteira (Antigo Testamento, cerca de 150 dC e Novo Testamento, cerca de 425 dC). A coisa surpreendente sobre estas versões é que todos eles concordam essencialmente (na maioria dos casos, quase literalmente) com o testemunho global das cópias dos manuscritos da língua original existentes até hoje. Mesmo onde variantes ocorrem, mais de 90 por cento deles são insignificantes ou

facilmente resolúveis (incluindo questões como ortografia e ordem das palavras). Deus, de fato, preservou providencialmente sua Palavra através dos diligentes esforços de seu povo. Mais de 90% deles são insignificantes ou facilmente resolúveis (incluindo questões como ortografia e ordem das palavras). Deus, de fato, preservou providencialmente sua Palavra através dos diligentes esforços de seu povo. Mais de 90% deles são insignificantes ou facilmente resolúveis (incluindo questões como ortografia e ordem das palavras). Deus, de fato, preservou providencialmente sua Palavra através dos diligentes esforços de seu povo.

Deus quis que sua Palavra permanecesse para sempre (preservação). Portanto, sua auto-revelação proposicional escrita (revelação) foi protegida do erro em sua escrita original (inspiração) e coletada nos sessenta e seis livros do Antigo e Novo Testamentos (canonicidade).

Através dos séculos, milhares de cópias e traduções foram feitas (transmissão) que introduziu alguns erros. No entanto, porque a abundância de antigos manuscritos do Antigo e do Novo Testamento permanecem hoje, a rigorosa ciência da crítica textual tem sido capaz de recuperar o conteúdo dos escritos originais (revelação e inspiração) até um grau extremo.

O livro sagrado que os cristãos hoje lêem, estudam, obedecem e pregam merece sinceramente ser chamado a Bíblia ou a Palavra de Deus, uma vez que seu autor é Deus e possui as qualidades de verdade total e total confiabilidade, todas as quais caracterizam sua fonte divina .

Ensinando e Pregando as Escrituras

Ensino
Pregação

O isolamento da doutrina bíblica do ministério cristão não pode ser sustentado biblicamente. J. Gresham Machen rotulou esse tipo de pensamento de "a hostilidade moderna à doutrina". O cristianismo resiste a ser separado da doutrina porque o movimento cristão é um modo de vida fundado em uma mensagem bíblica. Essa convicção é refletida em Paulo dizendo a Timóteo para assistir tanto a sua vida e doutrina de perto (1 Tim. 4:16).

Ensino

Cristo lamentou sobre seu dia, como Isaías fez em seu (29:13), que "esse povo me honra com seus lábios, mas seu coração está longe de mim; Em vão me adoram, ensinando como doutrinas os mandamentos dos homens "(Mt 15: 8-9). Os ensinamentos estranhos de todo tipo faziam cócegas aos ouvidos do povo do primeiro século, que foram levados da verdade porque não podiam suportar a sã doutrina (Ef 4: 4; 2 Tm 4: 3-4; Hb 13: 9).

Os cristãos devem revisar seriamente a pergunta de Pilatos: "O que é a verdade?" (João 18:38), e abraçar mais uma vez a resposta de Cristo aos seus discípulos de que a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Se a verdade é o objetivo, então a Escritura é a fonte. Reflita sobre as palavras de Moisés citado mais tarde por Jesus na luta contra as tentações do deserto de Satanás: "O homem não vive apenas de pão, mas o homem vive de toda palavra que vem da boca do SENHOR " (Deuteronômio 8: 3; 4: 4). A verdade bíblica é a essência da vida.

Biblicamente falando, o ensino cristão é a verdade bíblica. Duas palavras gregas do Novo Testamento são mais frequentemente traduzidas como "doutrina", "ensino" ou "instrução" - *didachē* e *didaskalia* . Comparando suas cinqüenta e uma aparições

combinadas, afirma que a doutrina cristã se refere à Escritura, seja lida, explicada ou até teologicamente sistematizada.

Talvez a evitação moderna da doutrina resida parcialmente no fato de que a *doutrina* tem sido entendida de forma muito estreita, como uma declaração doutrinária ou ensaio teológico, e não mais amplamente no sentido bíblico das escrituras. Contudo, as Escrituras nunca imaginaram uma doutrina referindo-se a reflexões sobre a especulação ou minúcias teológicas.

A Escritura sempre se refere à "doutrina sadia" em relação à doutrina cristã que encontra a sua fonte última em Deus, enquanto toda a outra doutrina é do homem (Col. 2:22) ou demônios (1 Tm 4: 1). A doutrina cristã é sólida - toda outra "doutrina" é inadequada (1 Tim. 1:10; 6: 3). A doutrina cristã é boa e, portanto, proveitosa, enquanto a outra é má e destituída de valor (1 Timóteo 4: 6; 2 Tim. 3:16).

Uma vez que o ensinamento cristão é tudo sobre a verdade bíblica e verdade bíblica é tudo sobre a Palavra de Deus, os cristãos devem, portanto, afirmar uma visão elevada da Escritura e da doutrina. Mas com igual importância, eles também devem fazer da Escritura a base para traduzir a doutrina cristã sólida em vida piedosa, "para que em tudo adornem a doutrina de Deus nosso Salvador" (Tito 2:10). Simplificando, a doutrina cristã serve como constituição da vida piedosa. Assim como o esqueleto é para o corpo ou oxigênio é para respirar, a doutrina prova indispensável para o cristianismo. Sem a doutrina cristã, os crentes seriam despojados da verdade ao viver a fé.

As epístolas do Novo Testamento transbordam de exortações para fazer da "sã doutrina" o coração da fé e do ministério cristãos. Os cristãos são lembrados por Paulo (1) para ser um bom ministro de Cristo Jesus, educado nas verdades da fé e do bom ensino (1 Timóteo 4: 6); (2) para manter como o teste padrão do ensino sadio o que foi ouvido dele (2 Tim. 1:13); (3) para pregar a Palavra (2 Tim. 4: 2); (4) para manter firmemente a mensagem de confiança, ao mesmo tempo que incentivar os outros pela sã doutrina (Tito 1: 9); E (5) ensinar o que está de acordo com a sã doutrina (Tito 2: 1). É desconcertante imaginar onde o evangelho seria se Paulo não tivesse confrontado publicamente Pedro sobre doutrina defeituosa (Gálatas 2: 11-21).

O ministério de Cristo (Mateus 7: 28-29), o ministério dos apóstolos (Atos 5:29) eo ministério da igreja primitiva (Atos 2:42) giravam em torno da sã doutrina. Com efeito, minimizar ou questionar o valor da doutrina despreza a Cristo, aos apóstolos e à igreja primitiva, para não mencionar inúmeros mártires cristãos como João Batista (Marcos 6: 21-29) e William Tyndale (1494-1536). Por que alguém não abraçaria plenamente a sã doutrina quando possuir um legado tão glorioso, provê valor eterno (2 Tm 3:16) e promete a bênção de Deus para a obediência (Jos. 1: 8 e Apocalipse 1: 3)?

Considere o que aconteceria se a igreja abandonasse o padrão da sã doutrina. Em que base os falsos mestres seriam rejeitados (Rm 16:17, 2 João 9-10) ou falsa doutrina ser refutada (Tito 1: 9)? Como os crentes saberiam o que era verdade e que valiam a pena segurar (1 Tim. 3: 9 e Apocalipse 2:24)? Como os cristãos distinguiriam entre o certo eo errado? Como o pecado seria confrontado e corrigido?

Esse tipo de desastre espiritual deve ser evitado a todo custo. Os cristãos modernos, como seus ancestrais espirituais, devem lutar fervorosamente pela fé "uma vez por todas entregue aos santos" (Judas 3). Historicamente, a indiferença à doutrina cristã tem produzido hereges, mas a atenção à doutrina tem coroado heróis. Assim, ao invés de ir além da doutrina, a igreja precisa urgentemente voltar à doutrina.

Nenhuma abordagem da doutrina além de tomá-la seriamente faz sentido do comando de Cristo para que seus discípulos ensinem obediência a tudo o que ele lhes ordenou (Mt 28:20). Considere os muitos exemplos dados no Novo Testamento:

1. O ministério de Paulo para proclamar toda a vontade de Deus aos anciãos de Éfeso (Atos 20:27)
2. O mandamento do anjo para que os apóstolos falem "todas as palavras desta Vida" (Atos 5:20)
3. O mandato de Paulo para Timóteo passar os ensinamentos apostólicos para a próxima geração (2 Timóteo 2: 2)
4. A recomendação de Cristo à igreja de Éfeso por ter levado seriamente a doutrina (Apocalipse 2: 2, 6)

As gerações cristãs anteriores trabalharam fielmente, sofreram e morreram para transmitir uma boa doutrina bíblica aos crentes atuais. Nada menos que perpetuá-la sem mancha será honrar a Cristo e digno dos antepassados espirituais dos cristãos.

É, portanto, nossa oração que a abordagem utilitarista ao cristianismo tenha executado seu curso insatisfatório e que aqueles temporariamente desviados retornarão agora à sua herança de verdade das escrituras: a doutrina cristã. Somente adotando esse compromisso de todo o coração os crentes protegerão seu legado bíblico de ser desperdiçados em uma era que não está inclinada a suportar a sã doutrina.

Pregação

A sã doutrina exige uma exposição exigente e uma poderosa pregação. Assim, esta discussão começa com cinco postulados logicamente seqüenciais baseados na verdade bíblica que introduzem e sustentam três proposições posteriores:

1. Deus é (Gênesis 1: 1, Salmos 14, 53, Hebreus 11: 6).
2. Deus é verdadeiro (Êxodo 34: 6, Números 23:19, Deuteronômio 32: 4, Salmos 25:10, 31: 5 [NASB], Isaías 65:16, Jeremias 10:10, João 14: 6, 17: 3, Tito 1: 2, Hebreus 6:18, 1 João 5: 20-21).
3. Deus fala em harmonia com sua natureza (Números 23:19, 1 Samuel 15:29, Romanos 3: 4, 2 Tim. 2:13, Tito 1: 2, Hebreus 6:18).
4. Deus fala somente a verdade (Salmos 31: 5), 119: 43, 142, 151, 160, Provérbios 30: 5, Isaías 65:16, João 17:17, Tiago 1:18.
5. Deus falou sua verdadeira Palavra como consistente com a sua verdadeira natureza para ser comunicada às pessoas (uma verdade evidente em 2 Timóteo 3: 16-17, Heb. 1: 1).

Portanto, considere as seguintes proposições:

1. Deus deu a sua verdadeira Palavra para ser comunicada inteiramente como ele a deu; Isto é, todo o conselho de Deus deve ser pregado (Mt 28:20, Atos 5:20; 20:27). Correspondentemente, cada porção da Palavra de Deus precisa ser considerada à luz de seu todo.
2. Deus deu a sua Verdadeira Palavra para ser comunicada exatamente como ele a deu. Ele deve ser dispensado precisamente como foi entregue sem alterar a mensagem (Deuteronômio 4: 2; 12:32, Jeremias 26: 2).
3. Somente o processo exegético que produz a proclamação expositiva realizará as proposições 1 e 2.

Essas proposições podem ser substanciadas por respostas a uma série de perguntas que devem canalizar o pensamento de alguém desde a nascente da revelação de Deus para o seu destino pretendido. Primeiro, por que pregar? Porque isso é o que Deus ordenou (2 Timóteo 4: 2). Pregar também é exatamente o que os apóstolos fizeram ao obedecer pessoalmente a Deus (Atos 5: 27-32; 6: 4). Em segundo lugar, o que deve ser pregado? A Palavra de Deus, isto é, somente a Escritura e a Escritura no total (1 Tim. 4:13; 2 Tm 4:

2). Terceiro, quem deve pregar? Santos homens de Deus (Lucas 1:70, Atos 3:21, Ef 3: 5, 2 Pedro 1:21, Apocalipse 18:20, 22: 6). Somente depois que Deus purificou os lábios de Isaías foi ordenado a pregar para Deus (Isaías 6: 6-13).

Para além destes fundamentos, qual é a responsabilidade do pregador? O pregador precisa perceber que a Palavra de Deus não é a palavra do pregador. Ele deve reconhecer-se como um mensageiro, não como um originador (1 Tessalonicenses 2:13). Ele é um semeador, não a fonte (Mt 13: 3, 19). Ele é um arauto, não a autoridade (1 Timóteo 2: 7). Ele é um mordomo, não o dono (Cl 1:25). Ele é o guia, não o autor (Atos 8:31). Ele é o servidor da comida espiritual, não o chef (João 21:15, 17).

O pregador precisa considerar que a Escritura é *a Palavra de Deus* . Quando ele está comprometido com esta incrível verdade e responsabilidade, como JI Packer coloca,

> Seu objetivo ... será estar sob a Escritura, não sobre ela, e permitir que, por assim dizer, falar através dele, entregando o que não é tanto a sua mensagem como a sua. Em nossa pregação, isso é o que sempre deve estar acontecendo. No seu obituário do grande maestro alemão Otto Klemperer, Neville Cardus falou da maneira pela qual Klemperer "pôs a música em movimento", mantendo-se em um estilo deliberadamente anônimo, auto-apagado, para que as notas musicais pudessem articular-se Sua própria integridade através dele. Assim deve ser na pregação; A própria Escritura deve fazer toda a conversa, ea tarefa do pregador é simplesmente "pôr a Bíblia em movimento".

Como foi com Cristo e com os apóstolos, assim é com os pregadores hoje: eles devem entregar a Escritura de tal maneira que eles possam dizer: "Assim diz o Senhor". Sua responsabilidade é entregá-la como ela foi originalmente dada e destinada .

Como a mensagem do pregador começou? Começou como uma verdadeira palavra de Deus e foi dada como verdade porque o propósito de Deus era transmitir a verdade. Ele foi ordenado por Deus como verdade e foi entregue pelo Espírito de Deus em cooperação com homens santos que o receberam exatamente como a qualidade pura que Deus queria (2 Pe 1: 20-21). Foi recebido como *Scriptura inerrantis* pelos profetas e *apóstolos* , isto é, sem vagar da formulação original da Escritura na mente de Deus. O termo *inerrância* , então, expressa a qualidade com que os escritores do cânon receberam o texto chamado Escritura.

Como a mensagem de Deus deve continuar em seu estado original e verdadeiro? Uma vez que a mensagem de Deus é verdadeira e deve ser entregue como recebida, que processos interpretativos exigidos por mudanças de linguagem, cultura e tempo podem ser aplicados sem comprometer sua pureza quando pregados hoje? A resposta é que somente uma abordagem exegética é aceitável para uma exposição precisa, para a pregação bíblica.

Então, puxando tudo isso de uma maneira prática, quais são os últimos passos na pregação? Primeiro, o pregador deve usar o texto verdadeiro. Os cristãos estão em dívida com aqueles eruditos seletos que trabalham tediosamente no campo da crítica textual. Seus estudos recuperam o texto original da Escritura do grande volume de cópias de manuscritos existentes que são falhas em lugares por variantes textuais. Este é o ponto de partida. Sem o texto como Deus o deu, o pregador ficaria impotente para livrá-lo como Deus pretendia.

Em seguida, tendo começado com o texto verdadeiro, o pregador precisa interpretar o texto com precisão. Isso envolve a ciência da *hermenêutica* . Hermenêutica apropriada são as regras interpretativas aplicadas pela exegese para encontrar o único significado que Deus pretende transmitir no texto. Ao empregar os princípios hermenêuticos da interpretação literal, gramatical-histórica, o aluno pode entender esse significado. *A exegese* pode ser definida como a aplicação habilidosa de sólidos princípios hermenêuticos ao texto bíblico nas línguas originais com o objetivo de discernir e declarar

o significado pretendido do autor tanto para o público imediato quanto para o posterior. Em conjunto, a hermenêutica e a exegese centram-se no texto bíblico para determinar o que ele disse eo que significava originalmente. Portanto, A exegese em seu sentido mais amplo incluirá várias disciplinas de contexto literário, estudos históricos, análise gramatical e teologia histórica, bíblica e sistemática. A exegese apropriada informará o aluno do que o texto diz eo que o texto significa, guiando-o para discernir as implicações pessoais apropriadas dele.

Finalmente, com base no fluxo desse pensamento, a pregação expositiva é realmente a pregação exegética. Como resultado desse processo exegético, que começa com um compromisso com a inerrância, o expositor é equipado com uma verdadeira mensagem, com verdadeira intenção e com aplicação verdadeira. Ele dá sua perspectiva de pregação historicamente, teológica, contextual, literária, sinótica e culturalmente. Sua mensagem é a mensagem intencional de Deus.

A tarefa do expositor, então, é pregar a mente de Deus como ela a encontra na Palavra inerrante de Deus. Ele a compreende através das disciplinas da hermenêutica e da exegese. Ele declara isso de maneira expositiva como a mensagem que Deus falou e comissionou-o a entregar.

A inerência exige uma preparação exegética e uma proclamação expositiva. Somente tal abordagem preserva inteiramente a Palavra de Deus, guardando o tesouro da revelação e declarando seu significado exatamente como ele pretendia que fosse proclamado. A pregação expositiva é o resultado essencial do processo exegético e da inerrância. Ele tem o mandato de preservar a pureza da Palavra inerrante originalmente dada por Deus e proclamar todo o conselho da verdade redentora de Deus (Atos 5:20; 20:27).

Obrigação à Escritura

Receber
Orar
Alimentação
Obedecer
Honra
Estude
Pregar / Ensinar
Obrigar
Discípulo
Tremer

Ao longo de seus escritos do Novo Testamento, o apóstolo João resumiu a obrigação de um cristão de obedecer às Escrituras. Ele deixou claro que andar nos caminhos da Palavra não era opcional.

Primeiro, Cristo disse que se alguém o ama, essa pessoa guardará seus mandamentos (João 14:15, 21, 23). Por outro lado, aquele que não o ama não cumprirá suas palavras (João 14:24). A obediência de um cristão à Bíblia *demonstra* o amor de alguém por Cristo e a autenticidade de sua salvação.

Segundo, João declarou claramente que o dever de um cristão é andar da mesma maneira como Cristo andou (1 João 2: 6). Deus *exige* obediência à sua Palavra.

Em terceiro lugar, João *definiu* amplamente o amor em termos inconfundíveis: "Este é o amor, para que andemos segundo os seus mandamentos" (2 João 6).

Em quarto lugar, João experimentou grande *prazer* em observar e ouvir os cristãos obedecerem à Palavra de Deus: "Não tenho maior alegria do que ouvir que os meus filhos andam na verdade" (3 João 4).

Finalmente, John anunciou o máximo *distinção* de um-o cristão a bênção de Salvador obediente (Rev. 1: 3). Agora, para ser mais específico, a Escritura fornece um perfil que compreende pelo menos dez características exemplares do que João imaginou.

Receber

Quando Paulo pregou em Tessalônica, o povo não só recebeu sua palavra, mas também a aceitou. Não a rejeitaram; Antes, eles abraçaram o que ele proclamou como a Palavra de Deus, não do homem:

> E nós também agradecemos a Deus constantemente por isso, que quando você recebeu a palavra de Deus, que você ouviu de nós, você a aceitou não como a palavra dos homens, mas como o que ela realmente é, a palavra de Deus, que está trabalhando em Vocês crentes. (1 Tessalonicenses 2:13)

Orar

O salmista compreendeu que Deus era o autor final das Escrituras e que seria assim mais apropriado pedir sua ajuda para compreendê-lo:

> Abra meus olhos, para que eu veja
> Coisas maravilhosas da tua lei. (Salmo 119: 18, ver Atos 6: 4)

Alimentação

A Bíblia figurativamente descreve a Escritura como leite (1 Pe 2: 2), pão (Deuteronômio 8: 3, Mateus 4: 4), carne (1 Coríntios 3: 2) e mel (Salmo 19:10) Para alimentar a alma. Jó testemunhou a eficácia do menu espiritual:

> Não me afastei do mandamento dos seus lábios;
> Tenho atesorado as palavras da sua boca mais do que a minha porção de comida. (Jó 23:12, veja Jeremias 15:16)

Obedecer

Caleb provou ser especial (em contraste com a nação desobediente) por causa de sua resposta totalmente obediente aos comandos de Deus:

> Nenhum dos homens que viram a minha glória e os meus sinais que fiz no Egito e no deserto, e ainda assim me puseram à prova estas dez vezes e não obedeciam a minha voz, verão a terra que jurei dar Seus pais. E nenhum daqueles que me desprezaram a verá. Mas meu servo Calebe, porque tem um espírito diferente e me seguiu completamente, farei entrar na terra em que ele foi, e os seus descendentes a possuirão. (Números 14: 22-24)

Honra

Os judeus que haviam retornado à terra depois de setenta anos de cativeiro na Babilônia honraram de bom grado Deus e sua Palavra:

> E Esdras abriu o livro aos olhos de todo o povo, porque estava acima de todo o povo, e ao abri-lo, todo o povo se levantou. E Esdras abençoou o SENHOR , o grande Deus, e todo o povo respondeu: "Amém, Amém", levantando as mãos. E inclinaram a cabeça e adoraram o SENHOR com o rosto em terra. (Ne 8: 5-6)

Estude

Esdras compreendeu que tinha que estudar a Palavra de Deus. Mas antes que ele pudesse falar, era imperativo que primeiro obedecesse o que aprendesse. Este princípio é verdade tanto para o pregador como para a congregação:

> Pois Esdras decidiu estudar a Lei do Senhor, e fazê-lo e ensinar os seus estatutos e as suas leis em Israel. (Esdras 7:10)

Pregar / Ensinar

Em toda parte, Jesus foi ensinado e pregou a preciosa Palavra de Deus:

> E ele foi por toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e proclamando o evangelho do reino e curando todas as doenças e todas as aflições entre o povo. (Mateus 4:23, ver 2 Tim. 4: 2)

Obrigar

Apolo não pregava apenas para dispensar informações. Ele apaixonadamente proclamou a verdade para convencer seus ouvintes e convertê-los para o caminho da verdade de Deus:

> Ora, um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, veio a Éfeso. Ele era um homem eloqüente, competente nas Escrituras. Ele tinha sido instruído no caminho do Senhor. E, sendo fervoroso em espírito, falou e ensinou com precisão as coisas concernentes a Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João. Começou a falar ousadamente na sinagoga, mas quando Priscila e Aquila o ouviram, levaram-no para o lado e explicaram-lhe o caminho de Deus com mais precisão. E quando ele queria atravessar a Acaia, os irmãos o encorajaram e escreveram aos discípulos para recebê-lo. Quando chegou, ajudou muito aqueles que pela graça haviam crido, pois ele refutou poderosamente os judeus em público, mostrando pelas Escrituras que o Cristo era Jesus. (Atos 18: 24-28)

Discípulo

Paulo compreendeu o efeito cumulativo e contínuo da multiplicação; Assim ele recomendou vivamente a Timóteo, o terceiro de cinco gerações até aquele tempo (Cristo, Paulo, Timóteo, homens fiéis e outros):

> E o que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas confiar a homens fiéis que serão capazes de ensinar outros também. (2 Tim. 2: 2)

Tremer

Isaías exemplificou um crente humilde que tomou muito a sério Deus e sua Palavra (veja Isaías 6: 1-13):

> Mas este é o único a quem eu vou olhar:
> Aquele que é humilde e contrito em espírito
> E treme com a minha palavra. (Isaías 66: 2)

Oração

Pai, que nossas vidas e nossa comunhão sejam marcadas por
Obras de fé, obras de amor e firmeza de esperança.
Pela Sua graça, somos pessoas santas, amadas e escolhidas por Você,
E quando o evangelho veio a nós,
Veio não apenas em palavra, mas também em poder,
No Espírito Santo, e com plena convicção.
Não que nós somos suficientes em nós mesmos
Para reivindicar qualquer coisa como vindo de nós,
Mas a nossa suficiência é de Ti.
Você é Aquele que realizou nossa salvação,
Nos desviando das coisas mundanas que uma vez idolatramos
Para te servir, o Deus vivo e verdadeiro.
Você é Aquele que nos despertou para receber Sua Palavra -
Não como a palavra dos homens, mas pelo que ela realmente é:
A Palavra de Deus, que realiza o seu trabalho perfeito
Em todos os que crêem.

Assim, nossa salvação vem unicamente de Ti.
Você enviou Seu Filho para morrer por nossa causa
Enquanto ainda estávamos jurados inimigos de justiça.
Você, graciosamente, removeu as escamas de nossos olhos e nos atraiu para a fé.
Abra nossos olhos para ver mais de Sua verdade;
Abra nossos corações para acreditar mais fervorosamente;
E abrir as nossas bocas para declará-lo mais fielmente.

Que sejamos imitadores de nosso Senhor Jesus Cristo
E exemplos de Deus para o outro.
Ajude-nos a crescer em plena maturidade e semelhança com Cristo.
Sabemos que o alimento necessário
Pois esse tipo de crescimento só se encontra em Tua Palavra.
Não podemos prosperar apenas com pão,
Mas por cada palavra que procede da tua boca.

Podemos, portanto, procurar nas Escrituras
Diligentemente e com simplicidade de coração,
Porque neles sabemos que temos a vida eterna.
Eles nos apontam para Cristo.
Eles revelam Sua glória.
Eles refletem Seu santo caráter.
A partir deles aprendemos de Seu sofrimento, morte, ressurreição, ascensão,
Intercessão e retorno glorioso.
Por eles, Tu nos falas do céu.
Neles ouvimos a voz do Espírito falando claramente.

Dê-nos corações atentos.
Faça-nos ouvir Sua verdade com toda humildade e obediência.
Abra nossos olhos para ver com clareza,
E abre nossos ouvidos para ouvir com entendimento.
Podemos atender a cada linha com medo e tremor -
Não só as instruções, mas também as repreensões;
Não apenas as promessas, mas também as ameaças.

Te bendizemos que a tua santa Palavra tenha sido traduzida
Em nossa própria língua para nos mostrar o caminho da vida.
Que nunca tenhamos esse privilégio como garantido.
Nunca podemos negligenciar

O rico conselho disponível para nós nessas páginas.
Que possamos beber profundamente da sua verdade
E alimente nossas almas famintas com seu alimento.

E que nossos corações, como os corações daqueles que estão no caminho de Emaús,
Arde em nós como Tu nos ensinas.
Oramos em nome de Jesus. Um homem.

"Como Firme uma Fundação"

Quão firme fundamento, vós santos do Senhor,
É colocado para a sua fé em Sua Palavra excelente!
O que mais Ele pode dizer que a você Ele disse:
A vós que por refúgio de Jesus fugiram?

Não tenha medo! Eu sou contigo; Não vos assusteis,
Porque eu sou teu Deus, e ainda te darei auxílio;
Eu te fortalecerei, te ajudarei e te farei levantar,
Sustentado pela Minha mão justa e onipotente.

Quando, por meio de provações ardentes, o teu caminho permanecer,
Minha graça, suficiente, será a tua oferta:
A chama não te fará mal; Eu só procuro
A tua escória para consumir e teu ouro para refinar.

A alma que em Jesus inclinou-se para o repouso
Não o farei; não desertará para os seus adversários;
Aquela alma, embora todo o inferno devesse esforçar-se para tremer,
Eu nunca, nunca, nunca, nunca abandone!

~ Autor desconhecido

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 21-58.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 183-220.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 153-259.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994, 47-138.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 151-88.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 1: 61-171.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 3-126.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reimpressão, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 1: 61-147.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 111-242.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 1-134.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 78-115.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 55-167.

Obras Específicas

Allison, Gregg R. "A Doutrina da Palavra de Deus." Em *Teologia Histórica: Uma Introdução à Doutrina* Cristã, 35-184. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011.

Barrick, William D. "Manuscritos Antigos e Exposição Bíblica". *The Master's Seminary Journal* 9, no. 1 (1998): 25-38.

Boice, James Montgomery, ed. *A Fundação da Autoridade Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978.

Bruce, FF *O cânone das Escrituras* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988.

Carson, DA *Coleta Escritos sobre as Escrituras* . Compilado por Andrew David Naselli. Wheaton, IL: Crossway, 2010.

Quadro, João M. *A Doutrina da Palavra de Deus* . A Theology of Lordship 4. Phillipsburg, NJ: P & R, 2010.

Geisler, Norman L., ed. *Inerrância* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1980.

Geisler, Norman L., e William E. Nix. *Uma Introdução Geral à Bíblia* . Chicago: Moody Press, 1986.

Grier, James M., Jr. "O valor apologético da auto-testemunha da Escritura". *Grace Theological Journal* 1, no. 1 (1980): 71-76.

Harris, R. Laird. *Inspiração e Canonicidade das Escrituras* . Rev. ed. Greenville, SC: Attic, 1995.

Henry, Carl FH *Deus, Revelação e Autoridade* . 6 vols. Waco, TX: Word, 1976-1983.

Kaiser, Walter C., Jr. *Recuperando a Unidade da Bíblia: Uma História Contínua, Plano e Propósito* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

Lightner, Robert P. *Um caso bíblico para Inerrancy Total: Como Jesus viu o Antigo Testamento* . Grand Rapids, MI: Kregel, 1998.

Lillback, Peter A., e Richard B. Gaffin Jr., eds. *Tua Palavra é Ainda Verdade: Escritos Essenciais sobre a Doutrina da Escritura desde a Reforma até hoje* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2013.

MacArthur, John, ed. *A Escritura Não Pode Ser Quebrada: Escritos do Século XX sobre a Doutrina da Inerrância* . Wheaton, IL: Crossway, 2015.

Mayhue, Richard L. "A Autoridade da Escritura." O Seminário do *Mestre Journal* 15, no. 2 (2004): 227-36.

Metzger, Bruce M. *O cânone do Novo Testamento: sua origem, desenvolvimento e significado* . Oxford: Clarendon, 1997.

---. *O Texto do Novo Testamento: Sua Transmissão, Corrupção e Restauração* . 3a ed. Nova York: Oxford University Press, 1992.

Packer, JI *"Fundamentalismo" ea Palavra de Deus: Alguns Princípios Evangélicos* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1958.

---. "A Necessidade da Palavra Revelada". Na *Bíblia: A Palavra Viva da Revelação* , editada por Merrill C. Tenney, 31-49. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1968.

Radmacher, Earl D., e Robert D. Preus, eds. *Hermenêutica, Inerrância e a Bíblia* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984.

Thomas, Robert L. *Como escolher uma versão da Bíblia* . Rev. ed. Fearn, Ross-Shire, Escócia: Mentor, 2005.

Warfield, Benjamin B. *A inspiração ea autoridade da Bíblia* . Editado por Samuel G. Craig. Filadélfia: Presbiteriana e Reformada, 1948.

Semanas, Noel. *A Suficiência das Escrituras* . Edimburgo: Banner of Truth, 1988.

Wenham, John. *Cristo e a Bíblia* . 3a ed. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2009.

Woodbridge, John D. *Autoridade Bíblica: Uma Crítica da Proposta Rogers-McKim* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982.

Jovem, EJ *Sua Palavra é Verdade: Alguns Pensamentos sobre a Doutrina Bíblica de Inspiração* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1957.

3

Deus Pai

Teologia adequada

"Imortal, Invisível, Deus Somente Sábio"

Imortal, invisível, Deus só sábio,
Na luz inacessível escondida de nossos olhos,
O mais abençoado, o mais glorioso, o Ancião dos Dias,
Todo-Poderoso, vitorioso - Teu grande Nome que louvamos.

Unresting, unhasting, e silencioso como a luz,
Nem querendo, nem desperdiçando, Tu dominas em poder;
Tua justiça, como montanhas, elevando-se acima
Tuas nuvens, que são fontes de bondade e amor.

A todos, a vida Tu dás - tanto aos grandes como aos pequenos;
Em toda a vida Tu vives - a verdadeira vida de todos.
Tua sabedoria tão ilimitada, Tua misericórdia tão livre,
Eterno Teu bondade para nada te muda.

Grande Pai da glória, puro Pai da luz,
Teus anjos te adoram, todos os seus olhos velados;
Todos os elogios que renderíamos-O nos ajudam a ver
Somente o esplendor da luz te esconde! Um homem.

~ Walter Chalmers Smith (1824-1908)

Principais temas abordados no Capítulo 3

A Existência de Deus

Os Nomes de Deus

Os Atributos (Perfeições) de Deus

A Trindade

O Decreto de Deus

Criação

Milagres Divinos

Providência divina

O Problema do Mal e da Teodicéia

Glorificando a Deus

Tendo estabelecido que a Bíblia é o fundamento inspirado e inerrante para o conhecimento humano sobre Deus e todas as coisas em sua relação com Deus, nossa discussão se move ao lado da doutrina de Deus. Esta seção apresentará o ensinamento da

Bíblia sobre a existência de Deus, atributos (perfeições), triunidade e obras em decretar, criar e governar todas as coisas fora de si mesmo.

A Existência de Deus

A Existência de Deus

Asserções Bíblicas
A Conhecibilidade ea Incompreensibilidade de Deus
Avaliação de "Provas Naturais"

"No princípio, Deus ..." (Gn 1: 1). A Bíblia não começa com um argumento racionalista para a existência de Deus, mas sim assume que ele existe, que ele existia antes do início de todas as coisas fora de si, e que há apenas um Deus. A teologia propriamente dita, como todas as outras áreas da teologia sistemática, é devidamente derivada do próprio testemunho de Deus em sua inspirada e inerrante Palavra, a Bíblia. O conceito de Deus não vem "de baixo", do raciocínio humano sobre o universo, porque a razão humana é finita em seus componentes e operações, corrompida pelo pecado interior e, portanto, nunca capaz de obter uma compreensão precisa de Deus, que É infinita e santa. A prova da existência de Deus deve vir, em primeiro lugar, do testemunho de Deus sobre si mesmo. Ele forneceu provas irrefutáveis para sua existência na Bíblia.

Asserções Bíblicas

Este volume não procura provar a existência de Deus a partir do raciocínio humano, mas sim pressupõe que o Deus da Bíblia existe e se esforça para expor o que a Bíblia ensina sobre Deus. A única prova confiável da existência do verdadeiro Deus consiste em declarações de e sobre ele em sua Palavra inspirada. Deus não deve ser excluído de testemunhar sobre si mesmo. Ao contrário, seu testemunho, dado por sua própria inspiração, deve ser aceito como único e perfeitamente confiável. Só a Escritura é inspirada, ou "expirada por Deus" (*Gc* 2: 3, 16), então é preciso primeiro olhar para a Bíblia sozinha para evidências que são puras e que transcende as limitações da finitude intelectual humana e da corrupção . Outras evidências da existência de Deus - por exemplo, aquelas no reino criado (Rm 1:

A Escritura afirma a existência do "único Deus verdadeiro" (João 17: 3). A Bíblia começa com a pressuposição fundacional de que Deus existia "no princípio" (Gn 1: 1). Assim, cada declaração da Bíblia sobre a natureza e ações de Deus é prova dele de sua existência.

PROVA DO REQUISITO REDEMPTIVO PARA ACREDITAR QUE DEUS EXISTE

Por exemplo, a Bíblia exige que todo aquele que quiser ser devidamente relacionado com Deus, primeiro acredite que ele existe: "Quem quer que se achegue a Deus deve acreditar que existe" (Heb 11: 6). Fazer o contrário faz um tolo. A Escritura chama aqueles que em seu coração e pensamento não acreditam que Deus existe "tolos" e "ímpios":

> O tolo diz em seu coração,
> "Não há Deus." (Salmo 14: 1, 53: 1)

> No orgulho do seu rosto, o ímpio não o procura;
> Todos os seus pensamentos são: "Não há Deus". (Salmo 10: 4)

PROVA DA ASSERÇÃO DE QUE DEUS É ETERNO

A Bíblia diz repetidamente que Deus é eterno. Deus é sem começo, sem fim e sem sucessão de momentos em sua experiência e conhecimento de si mesmo e de toda realidade fora de si. Na Bíblia, Deus é chamado de "Deus eterno" (Deuteronômio 33:27). O Salmo 90: 2 diz que Deus existiu eternamente no presente antes que o mundo fosse criado: "Antes que os montes fossem produzidos, ou sempre tivésseis formado a terra eo mundo, de eternidade a eternidade, vós sois Deus". Em Isaías 41: 4, Deus declara: "Eu, o SENHOR , o primeiro e o último; Eu sou ele. "Isaías acrescenta:" Assim diz o SENHOR , o Rei de Israel e seu Redentor, o SENHOR dos exércitos: "Eu sou o primeiro e eu sou o último; Além de mim, não há deus "(Isaías 44: 6). E Isaías 57:

PROVA DA ASSERÇÃO DA AUTO-EXISTÊNCIA DE DEUS

Uma prova final da existência de Deus é suas declarações de que ele "é", sem dependência de qualquer outra coisa para sua vida. Deus disse a Moisés por qual nome Israel deveria conhecê-lo: "Deus disse a Moisés:" EU SOU QUEM EU SOU ". E disse: Dizei isto aos filhos de Israel: Eu vos TENHO enviado a vós "(Êxodo 3:14). Deus é. Então ele não depende de nada para sua existência. Esta inferência do nome da aliança de Deus é refletida nas palavras do apóstolo Paulo: "Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas" (Romanos 11:36), e: "O Deus que fez o mundo e tudo nele, Sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos pelo homem, nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, já que ele mesmo dá a toda a humanidade a vida, o sopro e tudo "(Atos 17: 24-25).).

One could go on to multiply biblical proofs of God's existence from all the scriptural statements about God's being and works. However, these suffice to show that God affirms his existence in the statements of the Bible as the primary, foundational, and foremost proofs by which people must believe that he does exist.

A Conhecibilidade ea Incompreensibilidade de Deus

Because God has revealed the fact of his existence in Scripture, he has given humans statements by which they can have at least some knowledge of him. The Bible makes God knowable to humans, to the extent that the content of the Bible reveals truth about him. Scripture teaches that man may know God truly, yet not exhaustively. In the classical terminology, God is truly knowable but not exhaustively comprehensible.

GOD'S SUFFICIENT KNOWABILITY

The Bible affirms that God can be known, even known in a personal relationship of friendship. He walked with Adam and Eve in the garden of Eden (Gen. 3:8). He appeared to Moses in the burning bush (Ex. 3:3–4). He gave his law to Moses on Mount Sinai (Exodus 19). In ancient Israel, God made himself present in the tabernacle and in the temple on the mercy seat on top of the ark of the covenant (1 Sam. 4:4; 1 Kings 8:10–11). Jesus said that God can be personally known (John 17:3). Jesus himself is the incarnation of God (Col. 2:9). The New Testament reveals that God indwells the church (1 Cor. 3:16), dwells within believers (John 14:23), and is the friend of believers (James 2:23).

GOD'S INCOMPREHENSIBILITY

Embora Deus possa ser conhecido verdadeiramente, a Escritura também revela que Deus não é compreensível ou exaustivamente conhecível para os seres humanos em qualquer

aspecto de seu ser ou ações. Os seres humanos são limitados ao tempo e ao espaço e em Adão são corrompidos pelo pecado que habita interiormente (Romanos 7: 15-23), o que os tornou rebeldes a Deus e escureceu sua compreensão da revelação de Deus na Bíblia e na natureza (2 Coríntios. 4: 3-4, Ef 4: 17-19). Deus é eterno e santo, transcendendo o tempo e o espaço, infinitamente onisciente e absolutamente moralmente puro. Só Deus é grande. O homem foi criado como uma ordem de ser diferente e inferior. Mesmo em seu estado originalmente criado, a humanidade não poderia conhecer Deus exaustivamente, mas depois da queda de Adão, mesmo o conhecimento que os humanos *podem* ter de Deus é corrompido pelo pecado.

A Bíblia inequivocamente testifica ao fato de que Deus não pode ser plenamente conhecido pelos seres humanos, mesmo aparte do fator escurecimento de sua corrupção pecaminosa interna. O homem não pode ver Deus e viver (Êxodo 33:20, Levítico 16: 2). Deus "habita em luz inacessível, a quem ninguém jamais viu ou pode ver" (1 Timóteo 6:16, ver João 1:18, 6:46). A forma espiritual da essência de Deus não é revelada (Deuteronômio 4:12, 15). As profundezas de Deus são conhecidas somente por Deus (1 Coríntios 2:11).

Dando um passo adiante, Deus não pode ser totalmente pesquisado. Salmo 145: 3 diz: "Grande é o SENHOR , e grandemente a ser louvado, e sua grandeza é insondável". A palavra "insondável" é uma tradução do hebraico *"en kheqer* ", sem procurar. "A raiz hebraica *khaqar* , Do qual o substantivo para "procurar" vem, é usado no Antigo Testamento de "procurar exaustivamente". Por exemplo, a mesma frase é encontrada em Isaías 40:28: "Vocês não sabem? Você não ouviu? O SENHOR é o Deus eterno, o Criador dos confins da terra. Ele não desmaia nem se cansa; Seu entendimento é insondável ". A mesma palavra-raiz é usada em sua forma verbal para falar de mineiros procurando exaustivamente na terra por minério: "O homem põe fim às trevas e busca ao limite mais distante o minério em escuridão e escuridão profunda" (Jó 28: 3, cfr Job 11: 7-8, 36:26). Compare outras expressões do Antigo Testamento da incompreensibilidade de Deus:

> Estes são apenas os arredores dos seus caminhos,
> E quão pequeno é o sussurro que ouvimos dele! (Jó 26:14)
>
> Ele faz coisas grandes que não podemos compreender. (Jó 37: 5)

Acrescentando à afirmação bíblica da incompreensibilidade de Deus é o fato de que ele não nos revelou tudo o que é ou tudo o que sabe. Deuteronômio 29:29 diz: "As coisas secretas pertencem ao SENHOR nosso Deus, mas as coisas reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que possamos cumprir todas as palavras desta lei". De acordo com Apocalipse 10: 4 , João foi comandado a não escrever algo que ele tinha testemunhado: "E quando os sete trovões soaram, eu estava prestes a escrever, mas ouvi uma voz do céu dizendo: 'Selar o que os sete trovões têm dito, e não escrever Para baixo. "

Finalmente, a incompreensibilidade de Deus é vista nas afirmações bíblicas de que o pensamento de Deus transcende a capacidade intelectual, o processo e a produção do homem. Salmo 139: 6 diz que o conhecimento de Deus "é maravilhoso demais para mim; É alto; Eu não posso alcançá-lo. "Salmo 139: 17-18 afirma que os pensamentos de Deus são" mais do que a areia "em número. Deus contrasta a superioridade de seus pensamentos com a inferioridade dos pensamentos do homem: "Pois como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos e os meus pensamentos Do que os vossos pensamentos "(Isaías 55: 9). Essa incompreensibilidade do intelecto de Deus é o que Paulo proclamou em sua explosão de louvor em Romanos 11.33-34: "Oh, a profundidade das riquezas, a sabedoria eo

conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis são os seus caminhos! Pois quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi seu conselheiro? "

Ao tentar descobrir a natureza de Deus, descobrimos que ela está infinitamente além do que pode ser aprendido ou raciocinado. Isso vale para qualquer aspecto da natureza de Deus. Grudem resume útil:

> Não é apenas verdade que nunca podemos compreender plenamente a Deus; Também é verdade que *nunca podemos entender completamente qualquer coisa sobre Deus* . Sua grandeza (Sl 145: 3.), Seu entendimento (Sl 147: 5.), Seu conhecimento (Salmo 139: 6.), Suas riquezas, sabedoria, julgamentos e formas (. Rom 11:33) estão *todos* fora de nosso Capacidade de compreender plenamente ... Assim, podemos saber *algo* sobre o amor de Deus, poder, *sabedoria* , e assim por diante. Mas nunca podemos conhecer seu amor de forma completa ou *exaustiva* . Nunca poderemos conhecer seu poder exaustivamente. Nós nunca podemos conhecer exaustivamente a sua sabedoria, e assim por diante. Para conhecer qualquer coisa de Deus exaustivamente, precisamos conhecê-la como ele mesmo a conhece. Isso é, Teríamos que conhecê-lo em seu relacionamento com tudo o mais sobre Deus e em sua relação com tudo o mais sobre a criação durante toda a eternidade! Só podemos exclamar com Davi: "Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; É alto, não posso alcançá-lo "(Salmo 139: 6).

Avaliação de "Provas Naturais"

A teologia propriamente dita procura fundamentar o conhecimento da existência de Deus nas Escrituras e relegar todas as outras evidências da existência de Deus a um status secundário, subordinado à avaliação das Escrituras. Ainda assim, Deus se revelou por meios diferentes da Escritura. Ele se revelou não verbalmente a todas as pessoas através da natureza, da consciência e da história. Isso é referido como revelação *geral* ou *natural* , ea Bíblia afirma fortemente. Mas o conhecimento da revelação natural de Deus nunca deve ser considerado independente da Escritura, porque a Bíblia mostra que, deixada a seu próprio pensar, o homem corromperá a revelação de Deus na natureza. Mesmo o cristão precisa da orientação da Escritura para avaliar corretamente a revelação de Deus sobre si mesmo na natureza. João Calvino (1509-1564) retratou graficamente este último ponto,

> Assim como os velhos ou os de olhos azuis e aqueles com visão fraca, se você empurrar diante deles um belo volume, mesmo se eles reconhecem que é algum tipo de escrita, ainda pode mal interpretar duas palavras, mas com a ajuda de óculos vai Começar a ler distintamente; Assim a Escritura, reunindo o conhecimento de Deus, de outra forma confuso, em nossas mentes, tendo dispersado nossa monotonia, mostra-nos claramente o verdadeiro Deus.

Portanto, as chamadas "provas naturais" para a existência de Deus não podem ser permitidas como produtos da observação humana e da razão além da avaliação das Escrituras sobre eles. Quando olhamos para essas "provas naturais", devemos discernir se realmente "provam" o Deus da Bíblia. E então precisamos discernir se eles têm algum uso.

INADEQUAÇÃO DAS "PROVAÇÕES NATURAIS"

Consideradas em si mesmas, as "provas naturais" da existência de Deus não provam a existência do Deus da Bíblia. Na verdade, eles nem sequer provam a existência de qualquer deus. Os cristãos devem esperar que essas "provas" falhem em provar o

verdadeiro Deus, porque pelo menos alguns deles foram derivados de filósofos pagãos como Platão (cerca de 428-348 aC) e Aristóteles (cerca de 384-322 aC).

O Argumento Ontológico . O argumento ontológico para a existência de Deus afirma que a existência de Deus é provada pelo pensamento do homem que Deus existe como o ser perfeito. Em outras palavras, se o homem pode pensar que Deus existe como um ser perfeito, então este Deus deve existir, pois para ele não existir não faria dele um ser perfeito. Deve ser um cuidado para os cristãos que o filósofo grego Platão teve uma forma desse argumento, embora tenha concluído que apontou para muitas "formas" pessoais, não para um único Deus. Platão sustentou que os conceitos de coisas perfeitas do homem não podem ser derivados das coisas neste mundo imperfeito, então esses conceitos derivam de coisas reais no transcendente "mundo das formas".

A forma cristã clássica do argumento ontológico foi apresentada por Anselmo de Canterbury (1033-1109) em suas obras *Monologion* e *Proslogion* . Ele argumentou que podemos pensar em algo absolutamente perfeito ("algo do qual nada maior pode ser pensado"). Mas se não existe, então não é absolutamente perfeito, pois a existência deve ser um aspecto da perfeição. Nesse caso, podemos pensar em algo ainda maior - algo que existe não só em nossos pensamentos, mas também na realidade. Assim, Anselmo concluiu que uma coisa absolutamente perfeita deve necessariamente existir, e isso é Deus.

Devemos advertir o fato de que os pensadores não-evangélicos também mantiveram uma forma deste argumento, incluindo René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677), Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), George Hegel -1831), e Charles Hartshorne (1897-2000). O argumento ontológico não os levou ao Deus da Bíblia.

O Argumento Cosmológico . Outra "prova natural" é o argumento do reino criado para uma Causa Final para tudo. Foi capturado em Tomás de Aquino (1225-1274) "primeiro caminho", "segundo caminho" e "terceiro caminho" de provar a existência de Deus. Como Tomás de Aquino ensinou, não pode haver uma seqüência infinita de causas, então deve haver um motor imóvel (o "primeiro caminho"), uma "primeira causa" (o "segundo caminho"), um original e absolutamente necessário ser suficiente para produzir Todas as coisas criadas (a "terceira via"). E essa "primeira causa" é Deus.

No entanto, é preciso ter cuidado, pois o filósofo muçulmano Al-Ghazali (1058-1111) usou uma forma do argumento cosmológico para defender a existência de Deus. E o argumento cosmológico foi mais tarde mantido pelo filósofo não-evangélico Iluminismo Gottfried Wilhelm von Leibniz.

O argumento teleológico . Outra "prova natural" é o argumento teleológico, o argumento do design. Este argumento (a "quinta via" de Tomás de Aquino) sustenta que a ordem, o design, a finalidade e a inteligência complexas no universo são o resultado do trabalho de um criador inteligente e decidido, que é Deus. Esse argumento também foi sustentado por não-cristãos: Platão, Aristóteles e Immanuel Kant (1724-1804). Portanto, esse argumento também não aponta necessariamente as pessoas para o verdadeiro Deus.

O Argumento Moral . O argumento moral propõe que os fenômenos éticos no homem (consciência, recompensa e punição, valores morais e o medo da morte e punição) implicam um ser moral que criou e mantém a ordem moral no mundo. Uma forma do argumento moral é visível no "quarto caminho" de Aquino, que argumenta a partir da gradação de seres para um ser finalmente perfeito, que é a causa deles. Aquino acreditava que este ser supremo deve ser a causa de todas as perfeições que caracterizam outros seres, sejam eles bondade, verdade ou algo mais. E este ser supremo "chamamos de

Deus". Note, entretanto, que o filósofo Iluminismo Immanuel Kant também afirmou uma forma de argumento moral, e negou tanto a Trindade como a encarnação.

Outros Argumentos . Dois outros argumentos merecem uma breve menção. Em primeiro lugar, o argumento da "universalidade da religião" afirma que, como a maioria das pessoas no mundo acredita em algum tipo de poder pessoal, e porque a maioria delas ou adoram uma deidade pessoal ou deidades ou palavras suas devoções em termos pessoais, então essa universalidade da religião Aponta para algo na natureza do homem. A explicação mais razoável para a origem deste aspecto da natureza humana é que um poder superior tornou o homem como um ser religioso. Em segundo lugar, o argumento do "progresso da humanidade" afirma que o aparente progresso na civilização humana ao longo da história indica que o homem está no caminho para cumprir o plano de um sábio e onipotente governante mundial, que é Deus.

Resposta às "Provas Naturais". Todas as "provas naturais" representam uma teologia baseada na razão do homem e não conduzem necessariamente ao verdadeiro Deus. Essas "provas naturais" são exercícios na construção da teologia "de baixo", de medir Deus pelo pensamento humano. Como sugerido pelas precauções acima, esses argumentos não necessariamente apontam logicamente para o Deus trino da Bíblia, já que muitos que os usaram não acreditaram no Deus verdadeiro. Por si mesmos, essas "provas naturais" não são provas da existência de qualquer deus sem primeiro pressupor o que é um deus.

Eis algumas críticas gerais a estas chamadas "provas":

1. Nenhum desses argumentos exige apenas um Deus, e nenhum deles necessita do Deus da Bíblia. Esses argumentos podem apontar tão facilmente para múltiplos seres.
2. Nenhum desses argumentos aponta necessariamente para algo que é perfeitamente bom ou imutável, uma vez que o mundo é marcado por tanto mal e mudança.
3. Nenhum desses argumentos aponta necessariamente para o que é perfeito, uma vez que a perfeição pode transcender o que o homem pode pensar, uma vez que as idéias humanas existem necessariamente apenas no homem e que nem todas as pessoas têm um conceito comum de perfeição.
4. Nenhum desses argumentos prova que uma infinita seqüência de causas é inerentemente impossível, e nenhum desses argumentos exige que qualquer causa original ou designer seja um "deus", a menos que alguém tenha pressuposto uma definição de "deus".

UTILIDADE DAS "PROVAS NATURAIS" COMO ARGUMENTOS DE ESCRITURA

A resposta acima sobre a inadequação das "provas naturais" para a existência de Deus deve advertir contra vê-los como tendo valor inerente como evidências humanamente derivadas de que Deus existe. Como argumentos humanamente elaborados, eles são inúteis; Eles não provam o Deus trino da Escritura. Ainda assim, eles podem ser úteis. Quando derivadas da Bíblia, elas são formas de verdade bíblica e podem ser usadas pelo Espírito Santo para convencer as pessoas de sua veracidade.

Ao considerar a utilidade desses argumentos para a existência de Deus, é preciso primeiro fazer várias perguntas:

1. Algum desses argumentos é verdade sem pressuposições importadas?
2. Que pressupostos fazem com que cada argumento "funcione"?
3. O seu raciocínio é tão convincente que se deve esperar que qualquer um destes argumentos persuada uma pessoa de outra forma racional? Será que seu raciocínio exige que uma pessoa que, de outra forma, racional, os rejeite, está agindo irracionalmente?
4. Esses argumentos podem ser úteis no ministério evangélico? Se sim, como?

Como "provas naturais" - isto é, como argumentos baseados na observação e raciocínio do homem sobre a natureza - essas "provas" não provam logicamente a existência do Deus verdadeiro. Louis Berkhof escreve que "nenhum deles pode ser considerado portador de uma convicção absoluta". É claro que esse fato não significa que a existência de Deus seja contrária à lógica, mas sim que esses argumentos não demonstram a existência de Deus de forma convincente Aqueles que reprimem a verdade na injustiça (Romanos 1:18). Em vez disso, eles devem ser considerados em conjunto com pressupostos bíblicos - a saber, que o Deus da Bíblia existe, que ele é um, e que ele é soberanamente poderoso sobre toda a criação. Enquanto Deus deu provas suficientes de sua própria existência na criação e na consciência, os não regenerados suprimem a verdade da revelação geral na injustiça (Rm 1: 18-21).

Porque a depravação do homem é total, a maldição do pecado chega até à mente do homem, de modo que seu pensamento é fútil, seu entendimento é obscurecido, e ele anda na ignorância (Efésios 4: 17-18). Como resultado, a faculdade de raciocínio do homem natural é corrompida pelo pecado. Por esta razão, os crentes não podem e não devem confiar meramente nas "provas naturais" como evidência da existência do verdadeiro Deus.

De fato, uma mudança significativamente mais radical deve ocorrer para que o homem pecador chegue a um verdadeiro conhecimento do Deus trino das Escrituras. Como aqueles cujas mentes foram cegados para a glória de Deus revelada em Cristo (2 Cor. 4: 4), os incrédulos não precisam de mais evidências, sejam elas lógicas ou empíricas; Em vez disso, eles precisam de novos olhos para avaliar adequadamente a evidência suficiente que eles já têm. Eles precisam experimentar o milagre da regeneração, no qual Deus acelera o coração incrédulo, brilhando nele a luz do conhecimento de sua glória (2 Cor. 4: 6). Isto acontece somente pela proclamação do evangelho que Jesus Cristo é Senhor (2 Cor. 4: 5).

Em última análise, então, somente o dom da fé salvadora, transmitido pelo Espírito Santo através da Palavra de Deus (Romanos 10:17, Tiago 1:18, 1 Pedro 1: 23-25), fornece a base para O conhecimento de Deus (Hebreus 11: 1, 6). Como Berkhof observa a respeito dos cristãos: "A convicção deles em relação à existência de Deus não depende deles (as" provas naturais "), mas sim da aceitação crente da auto-revelação de Deus nas Escrituras." Os cristãos acreditam que Deus existe porque Deus brilhou A luz de sua auto-autenticação glória em seus corações através da Palavra de Deus. [8]

No entanto, as "provas naturais" servem a propósitos válidos de ministério - quando não são vistos como provas humanamente derivadas, mas como resumos bíblicos dados por Deus sobre a revelação natural e testemunhos da existência do Deus da Bíblia. Como Berkhof explica,

> São importantes como interpretações da revelação geral de Deus e como exibindo a razoabilidade da crença em um Ser divino. Além disso, eles podem prestar algum serviço no encontro com o adversário. Embora eles não provem a existência de Deus além da possibilidade de dúvida, de modo a compelir o assentimento, eles podem ser construídos de modo a estabelecer uma forte probabilidade e silenciar assim muitos incrédulos.

Bavinck acrescenta: "Mas embora sejam fracos como provas, são fortes como testemunhos. Eles não forçam a mente do incrédulo, mas são sinais e testemunhos que nunca deixam uma impressão na alma de qualquer pessoa ". Portanto, as" provas naturais "podem instruir e encorajar o crente e silenciar o incrédulo, mas apenas Quando são tirados da Escritura e assim participam da unidade da Escritura. Só então esses argumentos funcionarão como são projetados: uma parte válida de proclamar o evangelho como um testemunho da existência de Deus.

Um modelo importante de argumentar corretamente para a existência de Deus é o sermão de Paulo aos filósofos gregos em Marte Hill (Atos 17). É importante notar, primeiro, que Paulo não se envolveu no diálogo, mas pregou um sermão. Ele disse: "Pois, quando passei e observei os objetos de vossa adoração, também encontrei um altar com esta inscrição:" Ao deus desconhecido ". O que, pois, adorais como desconhecido, isto vos anuncio "(Atos 17:23). Paulo pregou aos filósofos. Ao fazê-lo, utilizou a teologia do Antigo Testamento de Deus e da criação e aplicou-a contra as falsas crenças do epicurismo, do estoicismo e de outras filosofias sobre Deus, a natureza, o propósito, a morte e o pecado.

Por exemplo, Paulo proclamou que Deus é o Criador transcendente, pessoal e soberano pelo seu poder imperial: Deus "fez o mundo e tudo nele, sendo Senhor do céu e da terra" (Atos 17:24). Esta declaração reflete a teologia do Antigo Testamento (1: 1, Ex 20:11, Isaías 42: 5) e contradiz diretamente o ponto de vista epicurista de que tudo aconteceu pelo acaso de átomos eternos. A afirmação de Paulo também se opõe ao conceito estóico de que tudo no mundo se originou de um princípio fatalista, impessoal e racional (o *logos*).

Além disso, Paulo confrontou os epicuristas com a verdade do Antigo Testamento de que o Deus pessoal e soberano existe independentemente dos edifícios artificiais: Deus "não vive em templos feitos pelo homem" (Atos 17:24). Paulo não negou que Deus poderia manifestar sua presença em edifícios terrestres, como o tabernáculo eo templo do Antigo Testamento, mas, antes, Paulo negou que Deus precisava de edifícios físicos para viver. Esta declaração também era verdade do Antigo Testamento. Ao refletir sobre o templo que Deus pediu a Salomão para edificar, Salomão disse a Deus: "Mas Deus habitará na terra? Eis que o céu e o céu mais alto não podem contê-lo; Quanto menos esta casa que edifiquei! "(1 Reis 8:27). E mais tarde, Isaías deu uma mensagem de Deus: "Assim diz o SENHOR : 'O céu é o meu trono, ea terra é o meu escabelo dos pés; Qual é a casa que você poderia construir para mim, e qual é o lugar do meu descanso? "(Isaías 66: 1). O uso de Paulo da teologia do Antigo Testamento opôs-se à crença epicurista de que os deuses viviam em templos feitos com mãos humanas.

Paulo também enfocou a teologia do Antigo Testamento contra as crenças estóicas e epicuristas sobre o dever do homem de servir os deuses adequadamente. Os estóicos ensinavam que o homem deveria viver impassivelmente aceitando e conformando-se ao destino impessoal. Eles acreditavam que se deveria viver pelo princípio da *apatheia* (indiferença sem paixão). Os epicuristas ensinavam que o homem deveria servir os deuses pelo princípio da *atarxia* (prazer mental), o que, para eles, era uma falta de desejo por qualquer prazer. Os estóicos e os epicuristas tinham visões diferentes sobre qual serviço aos deuses deveria parecer, mas ambos os sistemas acreditavam que os deuses precisavam do serviço do homem. Paulo não negou que o homem deveria servir a Deus, mas negou que o verdadeiro Deus precisava do serviço do homem: "nem é servido por mãos humanas, Como se ele precisasse de alguma coisa "(Atos 17:25). Paulo também poderia ter mostrado que o conceito do dever do Antigo Testamento para com Deus era uma questão de amor a Deus (Dt 6: 4-25). Independentemente disso, Paulo claramente pregou a teologia do Antigo Testamento. O Deus verdadeiro e soberano não precisa de nada do homem:

> Eu não aceitarei um touro de sua casa ou cabras de suas dobras. Pois todo animal da floresta é meu, o gado sobre mil colinas. Conheço todas as aves dos montes, e tudo o que se move no campo é meu. Se eu tivesse fome, eu não diria, porque o mundo e sua plenitude são meus. (Salmo 50: 9-12)

Outro exemplo de Paulo usando a teologia do Antigo Testamento para desafiar as crenças falsas dos epicuristas e dos estóicos é a pregação de Paulo de que Deus, como Criador pessoal e soberano, governa a vida do homem e do mundo pela sua providência. Ele fornece a todas as pessoas o que elas precisam para viver: "Ele mesmo dá a toda a humanidade vida, respiração e tudo" (Atos 17:25). E Deus deu às pessoas a sua vida nacional com o seu tempo e limites: "E fez de um homem cada nação da humanidade para viver em toda a face da terra, tendo determinados períodos determinados e os limites da sua morada" (Atos 17 : 26). Esta mensagem opôs-se à crença epicurista de que a vida surgiu a partir do concurso de acúmulo de átomos e que tudo na história ocorreu porque o homem exerce seu livre-arbítrio em cooperação com uma natureza impessoal. *E a pregação de Paulo era contra as afirmações estóicas de que a vida era pelo princípio impessoal e fatalista do logos* e que as nações e todas as coisas da história, em última análise, não tinham distinções e resultaram de um destino impessoal. Esses ensinamentos ecoavam a teologia do Antigo Testamento. Deus criou todas as coisas pessoalmente e deu vida a todas as criaturas vivas (Isaías 42: 5), e predestinou a existência política e os limites das nações: "Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando ele dividiu a humanidade, ele Fixou as fronteiras dos povos segundo o número dos filhos de Deus "(Deuteronômio 32: 8). *fatalista logos* princípio e que as nações e todas as coisas na história, em última análise não tinha distinções e resultou de destino impessoal. Esses ensinamentos ecoavam a teologia do Antigo Testamento. Deus criou todas as coisas pessoalmente e deu vida a todas as criaturas vivas (Isaías 42: 5), e predestinou a existência política e os limites das nações: "Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando ele dividiu a humanidade, ele Fixou as fronteiras dos povos segundo o número dos filhos de Deus "(Deuteronômio 32: 8). *fatalista logos* princípio e que as nações e todas as coisas na história, em última análise não tinha distinções e resultou de destino impessoal. Esses ensinamentos ecoavam a teologia do Antigo Testamento. Deus criou todas as coisas pessoalmente e deu vida a todas as criaturas vivas (Isaías 42: 5), e predestinou a existência política e os limites das nações: "Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando ele dividiu a humanidade, ele Fixou as fronteiras dos povos segundo o número dos filhos de Deus "(Deuteronômio 32: 8).

Ao proclamar o evangelho baseado em uma teologia do Antigo Testamento de Deus e da criação, Paulo expressou (1) que Deus é a primeira causa pessoal e designer de toda a criação, (2) que é independente do mundo, mas soberano sobre ele na direção de seu (3) que toda vida é dele e depende dele, (4) que ele é a fonte e juiz final da moral, e (5) que ele forneceu um caminho para que os pecadores sejam poupados de julgamento final Através do arrependimento do pecado e da idolatria. Assim, Paulo usou aspectos das várias "provas naturais", mas ele derivou esses conceitos não da razão humana, mas da auto-revelação de Deus no Antigo Testamento. Assim, Paulo usou uma citação do poeta pagão Epimênides (ca. Século VI aC) não como uma fonte de verdade, mas para ilustrar aos Aereopagitas que seus próprios ícones culturais sabiam a verdade, mesmo que a negassem (Atos 17:28, ver Tito 1:12). Ele proclamou a revelação de Deus para refutar o falso teísmo dos filósofos gregos, demonstrando que as "provas naturais" da existência de Deus não devem, em última instância, apelar para a percepção ou a razão humana, mas para a auto-revelação de Deus nas Escrituras.

Em resumo, Deus existe. Ele existe como ele é revelado pela Bíblia. A razão pela qual se deve acreditar que ele existe é porque ele disse que ele existe. Sua existência não deve ser aceita com base na razão humana, porque isso é limitado ao tempo e ao espaço e tem sido corrompido pelo pecado que habita interiormente. Deus revelou-se suficientemente na Bíblia, mas não se revelou exaustivamente. O homem só pode saber o que Deus revelou nas Escrituras sobre sua natureza e obras. Mas isso é suficiente para as pessoas

conhecê-lo em um relacionamento pessoal, salvar. Uma maneira pela qual Deus se revelou suficiente e pessoalmente ao homem é descrevendo-se na Escritura por vários nomes diferentes. É aos nomes de Deus que nos voltamos agora.

Os Nomes de Deus

Yahweh e compostos
El e compostos
Adon / *Adonai* : Senhor
Tsur : Rock
Ab : Pai

O nome de uma pessoa simboliza tudo o que é e faz. O significado do nome de uma pessoa é mais do que sua "definição de dicionário", que muitas pessoas nem sabem por seus próprios nomes. Em vez disso, o significado do nome de uma pessoa compreende o caráter, a posição e as ações dessa pessoa no contexto dessa pessoa. Assim o nome de uma pessoa é original a essa pessoa porque essa pessoa investe seu nome com significado individual.

Na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, o nome de uma pessoa era importante porque o significado lexical daquele nome refletia ou esperava refletir algo sobre a pessoa. Para Deus e para o povo de Israel, os nomes de Deus eram especialmente importantes porque revelavam aspectos de quem ele era em si mesmo, em suas ações dentro de si mesmo e em relação à sua criação. Os nomes de Deus representavam-no tanto que a maneira como se tratava o nome de Deus era equivalente a como se tratava a Deus (veja Mal. 1: 6-7, 11-14). Não é de admirar que, na sarça ardente, Moisés antecipou como os hebreus no Egito responderiam ao anúncio de que "o Deus de seus pais me enviou a você"; Eles perguntavam: "Qual é o seu nome?" (Êx 3:13). E não é surpreendente que Deus considere seu nome como santo e avalie cuidadosamente as atitudes das pessoas em relação ao seu nome.

A discussão a seguir se concentra nos nomes e títulos de Deus do Antigo Testamento. Os nomes e títulos do Novo Testamento para Deus devem ser vistos como continuando os significados do Velho Testamento, embora progressivamente revelando mais sobre suas implicações para as ações de Deus no tempo.

Yahweh e compostos

YAHWEH

O nome mais comum para Deus no Antigo Testamento é Yahweh, que aparece mais de 6.800 vezes e é derivado do tetragrammaton (as quatro consoantes hebraicas transliteradas para o inglês como "YHWH"). Deus revelou este nome como "seu nome" e "meu nome para sempre" na sarça ardente (Êxodo 3: 13-15). Ele fala da natureza eterna e imutável de Deus. Como pode ser visto em Êxodo 3:15, o nome Jeová é o que Deus pretendia por sua resposta à pergunta de Moisés sobre o nome de Deus em 3:13. Deus respondeu dizendo: " EU SOU QUEM EU SOU " e "Eu SOU " (Êxodo 3:14), e depois identificando " SENHOR " (Yahweh) como "meu nome para sempre" (Êx 3:15). Embora este nome de Deus fosse conhecido antes do tempo da sarça ardente (eg, Gn 4:26; 5:29; 9:26; 14:22), de acordo com Êxodo 6: 3, Deus disse a Moisés sobre Abraão, ISAQUE E JACÓ: "EM MEU NOME O SENHOR eu não me tornei conhecido deles". Não há contradição entre estas passagens da Gênesis e Êxodo 6: 3, porque o verbo para "conhecido" provavelmente se refere aqui ao conhecimento relacional. Quando os

patriarcas se dirigiam a Deus como Yahweh, eles não se relacionavam com Deus com o entendimento de que Yahweh era "seu nome". Outra explicação possível de Êxodo 6: 3 é entender "conhecido" como referindo-se ao conhecimento experiencial, Não ter "a experiência plena daquilo que está no nome".

Depois do exílio babilônico, o povo de Israel veio a abster-se de dizer o nome de Yahweh, substituindo-o pela pronúncia pelo nome hebraico *adonai* , ou pelo nome hebraico *elohim* quando Yahweh precedeu ou seguiu *adonai* no texto escrito como o nome de Deus . Esta mudança na leitura oral foi provavelmente devido à reverência por ela e ao medo de blasfemar. Os tradutores da Septuaginta grega e os escritores do Novo Testamento (sob a inspiração do Espírito Santo) respeitaram esta tradição judaica, escrevendo a palavra grega *kyrios* ("Senhor") ao citar uma passagem do Antigo Testamento com o nome de Yahweh. Quando os Masoretes inventaram o sistema de vogais apontando para a Bíblia hebraica, eles seguiram a tradição judaica ao pronunciar o nome de Javé, *Apontando "YHWH" com as vogais do nome adonai* (*a, o, a*). Embora o nome fosse escrito como "YHWH", era para ser pronunciado como *adonai* ("Senhor").

O apontar massorético de "YHWH" levou os cristãos latinos a transliterar a escrita massorética de "YHWH" com suas marcas de vogal como "Iehovah". Alguns alegaram que Petrus Galatinus (cerca de 1460 - 1539) inovou essa transliteração em 1518 , Mas aparece nos escritos cristãos latinos já no século XII dC. Assim, a igreja da Idade Média veio para combinar as consoantes de "YHWH" (transliterado como "IHVH") e as vogais de *adonai* para produzir o nome Iehovah. Os reformadores abraçaram essa transliteração, e William Tyndale também a usou em algumas passagens em sua tradução do Velho Testamento (1530). Então a Versão Autorizada (ou a Versão King James) de 1611 (Ex 6: 3) e a Versão Revisada em Inglês de 1885 usaram "Jeová" em algumas passagens,

O significado de Yahweh é importante para a teologia. Visto que é derivado do verbo hebraico para ser (*khavah*), especialmente no contexto de Êxodo 3: 14-15, o significado básico de Yahweh é "ele é" ou "ele será". Assim, o nome indica que Deus " É "e" vontade de ser ". O nome implica que ele não teve começo, não terá fim e está sempre presente. O nome também implica que seu ser é derivado de sua auto-determinação para ser e ser o que é, então ele é eternamente quem e o que ele é.

Uma vez que Deus revelou este nome a Moisés em uma circunstância histórica específica e porque Deus agiu como Yahweh em eventos anteriores e atuaria como Yahweh em atos futuros, seu nome indicaria a constância de seu ser em meio às condições mutáveis de sua criação, Seu povo. Por exemplo, como Yahweh, ele esteve e estaria presente como (1) o Revelador de si mesmo e sua vontade, (2) o Redentor (Gênesis 1: 1-2: 3 em comparação com Gênesis 2: 4-25; 9: 26-27, Ex. 3: 15-16, 6:26, Deuteronômio 7: 9, Salmo 19: 1-6 comparado com Salmo 19: 7-14, Isa. 26: 4), 3) O Eterno (Isaías 41: 4; 48:12), (4) o Dador da Vida (Gênesis 2: 4-25, Ezequiel 37: 13-14, 27), e (5) o Juiz Supremo de Toda a criação (Ezequiel 6: 13-14; 7:27; 11:10; 12:16). Mais tarde, as perfeições (atributos) de Deus serão especificadas, mas é preciso saber do nome de Javé que Deus é eterno, simples,

COMPOSTOS DE YAHWEH

Em sua Palavra, Deus revela a relevância de seu nome Javé aos humanos, especialmente ao seu povo, através dos compostos de seu nome. Eles são revelados em conexão com as ações de Deus.

Yahweh-tsabaoth . Deus é "o SENHOR dos exércitos" ou "exércitos". Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus criou, governa e conduz os anjos como "exércitos" do céu

(Salmos 24:10; Isaías 6: 1-5; 9: 7; Hg 2: 6-9; Zc 4: 6) e seu povo como seus "exércitos" (Ex 7: 4; 12:41; 1 Sam 17: 45) para realizar seus propósitos em sua criação.

Yahweh-yireh . Deus é "o SENHOR " que "proverá" ou "verá" (Gênesis 22:14). Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus vai ver e fornecer o que é necessário para cumprir a sua promessa. Em Gênesis 22:14, Abraão lembrou-se de Deus com este nome porque Deus havia providenciado um carneiro para sacrificar no lugar de Isaque.

Yahweh-rophe . Deus é "o SENHOR , o teu curador" (Êxodo 15:26). Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus libertará seu povo para cumprir sua vontade. Em Êxodo 15: 22-26, Moisés se lembrou de que Deus adocicou a água em Mara para que o povo pudesse beber e viver. A misericórdia de Deus, a compaixão e a bondade amorosa estão em exibição.

Yahweh-nissi . Deus é "O SENHOR é Minha Bandeira" (Êxodo 17:15). Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus será a "bandeira" ou "padrão" que levará seu povo à vitória sobre seus inimigos. Em Êxodo 17:15, Moisés adorava a Deus como aquele que deu a seu povo a vitória sobre Amaleque e destruiu completamente Amaleque da terra.

Yahweh-meqaddishkem . Deus é "o SENHOR " que santifica o seu povo. Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus santificará ou separará seu povo do pecado e das nações circunvizinhas para obedecê-lo. Manter os sábados santos ou apartados seria um sinal para o povo de que Deus os torna santos, separados das outras nações, para pertencer e servir somente a Ele (Êx 31:13).

Yahweh-shalom . Deus é "O SENHOR é a Paz" (Jz 6:24). Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus, por intermédio do anjo do Senhor, enviou Gideão para "salvar Israel" dos midianitas (Jz 6:14). O anjo do Senhor deu a Gideão um sinal - que a equipe do anjo consumiu o sacrifício de Gideão com fogo - para garantir que ele estava enviando Gideão e iria com ele para lhe dar a vitória. A palavra hebraica para "paz", *shalom* , significa integridade e bem-estar. Por intermédio de Gideão, Deus concederia ao seu povo total liberdade em relação aos inimigos e ao bem-estar na Terra Prometida.

Yahweh-roiy . Deus é "o SENHOR é o meu pastor" (Salmo 23: 1). Porque ele "é" e "será" quem ele é, de acordo com o Salmo 23, Deus irá fornecer tudo o que seu povo precisa nesta vida, na morte e para sempre. Ele guiará e protegerá seu povo.

Yahweh-tsidkenu . Deus é "o SENHOR é a nossa justiça" (Jeremias 23: 6). Porque ele "é" e "será" quem ele é, no futuro Deus estabelecerá o Messias como o Rei Davídico e "reinará como rei e tratará com sabedoria e executará justiça e justiça na terra" 23: 5). Quando este Rei Davídico reinar na justiça "na terra", então "Judá será salvo e Israel habitará em segurança" (Jeremias 23: 5-6).

Yahweh-shammah . Deus é "O SENHOR está Lá" (Ezequiel 48:35). Porque ele "é" e "será" quem ele é, Deus restaurará Israel como uma nação salva na Terra Prometida e estabelecerá um novo templo em uma Jerusalém renovada, que será chamada pelo nome "O SENHOR Está Lá. "

El e compostos

EL, ELOAH E *ELOHIM*

Como nomes *hebraicos para o verdadeiro* Deus, *el, eloah* e *elohim* indicam Deus como supremo poder, força e poder. Ao descrever o verdadeiro Deus, *el* é usado com o artigo

(por exemplo, Gn 31:13; 46: 3, Salmos 68:20; 77:14) ou com outros modificadores. Por exemplo, ele é chamado "o Deus de seu pai" (Gênesis 49:25), "Deus, a minha alegria" (Salmo 43: 4), "o Deus do céu" (Salmo 136: 26) O Deus fiel "(Deuteronômio 7: 9)," o Deus eterno "(Gênesis 21:33) e" o Deus vivo "(Josué 3:10, Salmo 42: 2, 84: 2). Deus é caracterizado por força total, e como tal, ele é vivo, eterno e fiel e assim dá alegria aos que confiam nele.

O nome *elohim* é um plural da raiz *el* (aparecendo mais de duas mil vezes), e quando se refere ao verdadeiro Deus, é provavelmente um plural de intensidade, indicando que Deus tem uma vasta plenitude ao seu poder que um nome plural É apropriado para ele. Este é o nome que aparece desde o início da revelação bíblica (Gênesis 1: 1) e é usado em muitas passagens de forma intercambiável com o singular *el* e outros nomes singulares de Deus (eg, Deuteronômio 7: 9, Josué 24: 19). Como a forma plural *elohim* é usada para um ser singular, a pluralidade deve se referir a algo diferente de múltiplos seres. Esta forma plural não prova que Deus é trino, mas certamente é compatível com a posterior revelação bíblica da triunidade de Deus (Gn 1:26; 3:22; 11:

EL / ELOHIM COMPOSTOS

Como mencionado acima, quando usado do verdadeiro Deus, o nome hebraico *el* é muitas vezes usado com modificadores diferentes de um artigo, resultando em um nome composto. Aqui estão alguns exemplos de *el que* aparecem em nomes compostos para Deus.

El Shaddai . Estudiosos têm debatido a raiz linguística de *shaddai* , alguns *sustentando* que é a partir da raiz hebraica *shadah* , indicando a suficiência de Deus para fornecer. Mas o caso mais forte é que *shaddai* é da raiz hebraica *shadad* , referindo-se ao poder. Com respeito ao Deus *verdadeiro* , *shaddai* tem sido tradicionalmente traduzido como "todo-poderoso", referindo-se à onipotência de Deus. No entanto, sendo onipotente, Deus fornece (Gn 17: 1; 28: 3-4; 35:11; 43:14; 48: 3-4; 49:25). Ele também age para proteger (Salmo 91: 1) e para corrigir ou destruir no julgamento (Rute 1: 20-21, Jó 5:17, 6: 4, 21:20, Salmo 68:14, Isaías 13: Joel 1:15). O Novo Testamento confirma que este nome do Antigo Testamento se refere a Deus como onipotente,

El Elyon . Traduzido "Deus Altíssimo", este título refere-se à suprema soberania de Deus. *El elyon* é usado geralmente no Velho Testamento em relação aos gentios e os inimigos de Deus e seu povo (Gênesis 14: 18-22, Nm 24:16, Deuteronômio 32: 8, Salmos 91: 1, 9; 92: 1, 97: 9, Dan. 3:26, 4: 2, 17, 24-25, 34, 5:18, 21, 7:25). Como tal, Deus tem autoridade suprema sobre o céu (Isaías 14: 13-14, Dn 4:35, 37) e terra (Deuteronômio 32: 8, 2 Sam. 22: 14-15, Salmos 9: 2- 5: 21: 7, 47: 2-4, 57: 2-3, 82: 6-8, 83: 16-18, 91: 9-12, Dan. 5: 18-21). Como *el elyon* , Deus divide as pessoas em nações e estabelece as fronteiras das nações (Atos 17:26).

El / Elohey Olam . Porque Deus é onipotente, ele é eterno. Ele é Deus eterno ou "o Deus Eterno" (Gênesis 21:33). Em Isaías 40:28, a forma plural do nome de Deus é usada (Salmos 90: 2; 93: 2; 103: 17).

El / Elohim Khayyim / Khay . A essência de Deus é o poder consumado, então ele *é a* vida em si mesmo e ele é a fonte de vida para todos os seres vivos (criados) e exerce autoridade sobre eles. Ele é "o Deus vivo" (Deuteronômio 5:26, Josué 3:10, 1 Sam. 17:26, 36, 2 Reis 19: 4, 16, Salmos 42: 2, 84: 2, Isaías 37 : 4, 17, Jeremias 10:10, 23:36, Dn 6:20, 26, Os. 1:10).

Adon / Adonai : Senhor

Embora o tetragrammaton, YHWH, é muitas vezes apontado com as vogais em *adonai* ("meu Senhor"), este hebraico nome / título para Deus (ou sua forma absoluta, *adon* ["Senhor"] também aparece. Uma vez que esse nome / título também é aplicado aos seres humanos, a palavra em si não significa a soberania mais suprema. Muitas vezes não indica soberania, mas é simplesmente um termo de respeito, semelhante à palavra inglesa *senhor* . Mas, na maioria dos usos, ele é dirigido por alguém a uma pessoa que é superior em algum sentido: reconhecimento geral de superioridade (Gn 24:18, 32: 5, 44: 7, Rute 2:13), mestre (Êx 21) : 4-8), superintendente (Gn 45: 8-9, Salmo 105: 21), proprietário (1 Reis 16:24), pai (Gn 31.35), marido (Gn 18:12) Rei (Gn 40: 1, Jz 3:25, 1 Sam. 22:12, Jeremias 22:18, 34: 5), príncipe (Gênesis 23: 6 e 42: 10), o capitão (2 Samuel 11:11), o governador (Ne 3: 5) e o profeta (1 Reis 18: 7; 2 Reis 2: 3; *Quando usado do verdadeiro Deus, adonai* indica que ele possui soberania suprema e autoridade final sobre todas as coisas externas a si mesmo.

Tsur : Rock

A Bíblia descreve Deus como "a Rocha", comparando-o a uma rocha física, a fim de comunicar sua força inexpugnável e, portanto, sua perfeita confiabilidade (Deuteronômio 32: 4, 15, 18, 30-31; 2 Sam. 22: 3; 23: 3; Salmo 18: 2, 31, 46; 19:14; 28: 1; 31: 2-3; 42: 9; 62: 2, 6-7; 71: 3; 78:35; 89: 26; 92:15; 94:22; 95: 1; 144: 1; Isa. 17:10; 26: 4; 30:29; 44: 8; Hab. 1:12). A palavra hebraica *tsur* descreve um penhasco ou pedreira (Isaías 51: 1). Às vezes, a Escritura usa uma metáfora com tanta frequência ou em afirmações tão definidoras que a metáfora se torna um nome ou um título. Por exemplo, embora "a Palavra" não seja uma designação freqüente para Jesus, ainda assim a declaração de tese muito significativa do Evangelho de João o chama de "a Palavra". Uma vez que esta expressão é empregada da mesma maneira "Deus" refere-se ao Pai , É legítimo concluir que "a Palavra" é um nome ou título de Jesus. O mesmo fenômeno pode estar em jogo com respeito à expressão "a Rocha" como um eterno nome ou título de Deus. No entanto, esta descrição de Deus parece mais do que metafórica no Antigo Testamento. Segundo o apóstolo Paulo, essa Rocha que cuidava de Israel era o Messias pré-encarnado, a "Rocha espiritual que os seguia" (1 Coríntios 10: 1-4). A "Pedra" do Antigo Testamento, portanto, se refere tanto a Yahweh quanto ao preincarnado Senhor Jesus. Assim como Paulo declarou explicitamente que "a rocha espiritual que os seguiu ... era Cristo" (1 Coríntios 10: 4), assim como em várias passagens do Antigo Testamento, Yahweh, o Deus de Israel, é chamado de "Rocha". Por exemplo, Deuteronômio 32: 3-4 diz: O mesmo fenômeno pode estar em jogo com respeito à expressão "a Rocha" como um eterno nome ou título de Deus. No entanto, esta descrição de Deus parece mais do que metafórica no Antigo Testamento. Segundo o apóstolo Paulo, essa Rocha que cuidava de Israel era o Messias pré-encarnado, a "Rocha espiritual que os seguia" (1 Coríntios 10: 1-4). A "Pedra" do Antigo Testamento, portanto, se refere tanto a Yahweh quanto ao preincarnado Senhor Jesus. Assim como Paulo declarou explicitamente que "a rocha espiritual que os seguiu ... era Cristo" (1 Coríntios 10: 4), assim como em várias passagens do Antigo Testamento, Yahweh, o Deus de Israel, é chamado de "Rocha". Por exemplo, Deuteronômio 32: 3-4 diz: O mesmo fenômeno pode estar em jogo com respeito à expressão "a Rocha" como um eterno nome ou título de Deus. No entanto, esta descrição de Deus parece mais do que metafórica no Antigo Testamento. Segundo o apóstolo Paulo, essa Rocha que cuidava de Israel era o Messias pré-encarnado, a "Rocha espiritual que os seguia" (1 Coríntios 10: 1-4). A "Pedra" do Antigo Testamento, portanto, se refere tanto a Yahweh quanto ao pre-

encarnado Senhor Jesus. Assim como Paulo declarou explicitamente que "a rocha espiritual que os seguiu ... era Cristo" (1 Coríntios 10: 4), assim como em várias passagens do Antigo Testamento, Yahweh, o Deus de Israel, é chamado de "Rocha". Por exemplo, Deuteronômio 32: 3-4 diz: Essa Rocha que cuidava de Israel era o Messias pré-encarnado, a "Rocha espiritual que os seguia" (1 Coríntios 10: 1-4). A "Pedra" do Antigo Testamento, portanto, se refere tanto a Yahweh quanto ao preincarnado Senhor Jesus. Assim como Paulo declarou explicitamente que "a rocha espiritual que os seguiu ... era Cristo" (1 Coríntios 10: 4), assim como em várias passagens do Antigo Testamento, Yahweh, o Deus de Israel, é chamado de "Rocha". Por exemplo, Deuteronômio 32: 3-4 diz: Essa Rocha que cuidava de Israel era o Messias pré-encarnado, a "Rocha espiritual que os seguia" (1 Coríntios 10: 1-4). A "Pedra" do Antigo Testamento, portanto, se refere tanto a Yahweh quanto ao preincarnado Senhor Jesus. Assim como Paulo declarou explicitamente que "a rocha espiritual que os seguiu ... era Cristo" (1 Coríntios 10: 4), assim como em várias passagens do Antigo Testamento, Yahweh, o Deus de Israel, é chamado de "Rocha". Por exemplo, Deuteronômio 32: 3-4 diz:

> Porque proclamarei o nome do SENHOR ;
> Atribui grandeza ao nosso Deus!
> "O Rock, seu trabalho é perfeito,
> Porque todos os seus caminhos são justiça.
> Um Deus de fidelidade e sem iniqüidade,
> Justo e reto é ele. "

Outro exemplo é encontrado em Habacuque 1:12:

> Não és de eternidade,
> Ó SENHOR, meu Deus, meu Santo?
> Não morreremos.
> Ó SENHOR , tu os ordenaste como um juízo,
> E tu, ó Rocha, estabeleceste-os para a repreensão.

Porque tanto Deus, o Pai como Deus Filho são igualmente divinos na Trindade, os nomes Yahweh e "a Rocha" podem e se aplicam ao Pai e ao Filho na Bíblia.

Ab : Pai

Desde que o Novo Testamento aplica o nome de "Pai" à primeira pessoa da Trindade, quando o Antigo Testamento descreve Deus como "pai", essa descrição hebraica deve ser considerada um nome / título de Deus. Deus é o "pai" de Israel em Deuteronômio 32: 6 (veja 32:18, veja também Salmo 89:26, Isaías 63:16, 64: 8, Jeremias 3: 4, 19). O tema de Deus como Pai é expandido no Novo Testamento, que revela que a primeira pessoa da Trindade é especialmente o Pai da segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus (Mateus 7:21; 10: 32-33). 11:26, 12:50, 15:13, 16:17, 18:10, 14, 19, 35, 25:34, 26:39, 42, 53, João 5:17, Romanos 15: 6, 1 Coríntios 15:24, 2 Coríntios 1: 3, 11:31, Ef 1: 3, Col 1: 3, 1 Pet 1: 3, Ap 2:27, 3: 5, 21), E é o Pai dos crentes (Mateus 5:45, 48, 6: 8-9, 14-15, 18, 26, 32, 10:20, 29, Romanos 1: 7; 8:15; 1 Cor. 1: 3; 8: 6; 2Co 1: 2; 6:18; Gálatas 1: 3-4; 4: 6; Eph. 1: 2; 4: 6; Phil. 1: 2; 4:20; Col 1: 2; 1 Tess. 1: 3; 3:11, 13; 2 Tess. 1: 1-2; 2:16; Philem. 3; Tiago 3: 9; 1 Pet. 1:17).

Pai é um nome eterno, indicando que nunca houve um tempo em que a primeira pessoa não era o Pai da segunda pessoa, seu Filho unigênito. Como o Pai não gerado, a primeira pessoa da Trindade é o eterno Mover Primordial em todos os seus relacionamentos e obras.

Os Atributos (Perfeições) de Deus

Método de Identificação
Relação com a Essência de Deus
Classificações
As Perfecções Incomunicáveis
As Perfeições Transmissíveis

Ao considerar os nomes e títulos de Deus, já observamos muitos dos atributos de Deus, ou perfeições (eg, eternidade, onipotência). A discussão a seguir os considera mais detalhadamente para descrever o indescritível (Isaías 40:28, Romanos 11:33) em termos básicos que os humanos podem entender.

Os atributos de Deus são suas características, os vários aspectos de sua essência ou natureza. O termo *perfeições* , derivado do termo grego *aretas* ("excelências") em 1 Pedro 2: 9, funciona melhor do que os *atributos* porque as *perfeições* especificam que as características de Deus são cada uma perfeita e inerentemente caracterizam o Deus que é perfeito. O termo *atributos* não especifica especificidades inerentes e pode sugerir que estes se originam no conceito de alguém de Deus, e não no próprio Deus.

Uma definição geral de *perfeições* é a seguinte: as perfeições de Deus são as características essenciais de sua natureza. Como essas características são necessárias à sua natureza, todos os seus atributos são absolutamente perfeitos e, portanto, justamente chamados perfeições. Além disso, uma vez que estas perfeições são essenciais para a natureza de Deus, se qualquer um deles foi negado, Deus não seria mais Deus.

Método de Identificação

ESCRITURA: O ÚNICO MÉTODO DIVINAMENTE ASSEGURADO

Uma vez que estas perfeições caracterizam Deus, elas não podem ser descobertas e definidas pelo homem, especialmente na sua depravação, pois o homem por si mesmo não pode conhecer completamente a Deus. Pelo contrário, Deus deve revelar-se para que o homem certamente saiba alguma coisa sobre Deus, incluindo suas perfeições. Deus se revelou na natureza, mas a humanidade corrompe esse conhecimento. Somente a Bíblia dá informações precisas sobre Deus e suas perfeições. Mesmo esta informação não é exaustiva, mas é verdade porque está escrito no texto inspirado da Escritura.

MÉTODOS FALSOS

As pessoas têm experimentado métodos baseados em humanos para descobrir as perfeições de Deus. Louis Berkhof esboça métodos tentados na Idade Média e nos tempos modernos.

Métodos Escolares . Na Idade Média, os teólogos escolásticos procuraram obter o conhecimento das perfeições de Deus a partir de observações sobre a criação:

1. O caminho da causalidade (quatro dos cinco caminhos de Aquino): Olhando para a ordem natural e moral da criação e induzindo uma Primeira Causa e um governante da Criação
2. O caminho da negação: discernir as imperfeições das criaturas, negando-as como características de Deus, e atribuindo a Deus o que é perfeitamente oposto às imperfeições das criaturas (eg, independente, infinito, incorpóreo)

3. O caminho da eminência: atribuir a Deus as boas características do homem, exceto da maneira mais eminente, baseando-se na suposição de que as características mais limitadas do homem têm sua origem numa causa perfeita

Métodos modernos . Os teólogos modernos tentaram seus próprios caminhos para conhecer as perfeições de Deus a partir de observações baseadas no raciocínio humano:

1. O caminho da intuição: Começando com certezas irracionais na experiência pessoal e induzindo as características de Deus dessas experiências
2. O caminho da necessidade: começando com as necessidades do homem e induzindo as características de Deus a partir dessas necessidades, com base na suposição de que Deus é absolutamente suficiente e confiável para atender às necessidades do homem
3. O modo de ação: Perceber as características de Deus de suas ações na ordem natural
4. O caminho do amor (Albrecht Ritschl [1822-1899]): Começando com a suposição de que Deus é amor e induzindo que Deus é pessoal, tem vontade soberana, é o Criador onipotente e é eterno

Problemas de métodos defeituosos . Todos os métodos escolásticos e modernos resumidos acima são inadequados, porque em vez de começar com a auto-revelação de Deus nas Escrituras, eles começam com suas próprias idéias. Em suma, eles praticam a "teologia de baixo". Eles constroem seu conceito de Deus da observação humana e do raciocínio, que são finitos na melhor das hipóteses e arruinados pelo pecado na pior das hipóteses. A teologia de baixo pressupõe que o que está no homem também está em Deus e torna o homem o padrão de medir Deus, sugerindo que o homem pode descobrir Deus sem a ajuda iniciada por Deus. Esses métodos muitas vezes dependem de pressupostos humanos errôneos sobre Deus, mesmo que possam descrevê-los com terminologia bíblica (enfatizando regularmente a imanência de Deus à custa de sua transcendência). **Quando derivado da Escritura e empregado por crentes cujas mentes foram redimidas pela obra de Cristo, esses métodos escolásticos podem servir para confirmar o que as Escrituras ensinam sobre Deus. Mas, em última instância, somente a Escritura é a única autoridade infalível para descobrir quem é Deus e como é.**

Relação com a Essência de Deus

Antes de se voltar para definir cada uma das perfeições de Deus, é necessário perguntar qual a relação que as perfeições de Deus têm com sua essência, ou natureza. Os atributos de Deus constituem as partes da essência de Deus? Eles são distintos da essência de Deus ou são idênticos a ela? Uma perfeição se destaca como aquela que define todos os outros? Voltamos a explorar essas questões.

CONCEITOS FALSOS DA RELAÇÃO

Perfeições: Partes de ou Distintas da Essência de Deus . Os realistas medievais afirmaram que as perfeições de Deus são partes da essência de Deus, já que cada uma delas tem um nome distinto, indicando realidades distintas correspondentes. Um pensamento semelhante é que as perfeições de Deus são distintas de sua essência. Herman Bavinck observou vários problemas com estes pontos de vista:

1. Se a justiça, poder ou amor eram apenas partes de essência de Deus, não poderia ser dito que Deus era *totalmente* justo, poderoso, ou amando, mas apenas parcialmente.
2. Se justiça, poder ou amor eram apenas partes da essência de Deus, não se poderia dizer que Deus era *absolutamente* justo, poderoso ou amoroso, mas apenas relativamente assim.

3. Deus seria então mutável em sua essência, já que os vários atributos que compõem sua natureza flutuariam. Às vezes ele enfatizava a sua justiça, enquanto em outras vezes ele poderia enfatizar seu amor. Ele não seria perfeito e absolutamente tanto amoroso e justo em cada momento no tempo.

Perfeições: Todas as Mesmas Coisas . Os nominalistas medievais disseram que todas as perfeições são a mesma coisa, já que os nomes das perfeições são distintos apenas nos nomes, não nas realidades correspondentes. Por exemplo, esses professores diriam que o amor de Deus *é a* sua justiça, que *é o* seu poder, que *é a* sua misericórdia, e assim por diante. Alguns primeiros teólogos luteranos e reformados - e, de maneira panteísta, os teólogos liberais (por exemplo, Baruch Spinoza [1632-1677] e Friedrich Schleiermacher [1768-1834]) - sustentaram igualmente que, porque Deus é simples (não composto) e, portanto, não pode ter Quaisquer componentes, não pode haver distinção real entre as perfeições, nem entre os atos de Deus. **A variedade dos efeitos de Deus sobre uma diversidade de criaturas foi dito ser a base para a diversidade das perfeições. No entanto, Bavinck respondeu com várias observações:**

1. Deus revelou seus nomes ao homem. O homem não inventou esses nomes, e esses nomes indicam seus atributos.
2. A essência de Deus não é uma realidade abstrata desprovida de propriedades, relações e características; É "plenitude absoluta de vida" e "infinitamente rico". Portanto, não pode ser "visto de relance", mas deve ser "revelado a nós neste, então em outra relação, agora a partir deste então de outro ângulo".
3. Há verdadeiras distinções no "pensamento" entre as várias perfeições de Deus, ainda que elas sejam a única unidade simples da essência de Deus.
4. Os muitos nomes e atributos de Deus criam uma impressão de sua "majestade transcendental".

Uma Perfeição Central como Essência de Deus enquanto outros Derivaram . Os teístas abertos sustentam que só o amor é a essência de Deus e que todos os outros atributos derivam e se subordinam ao seu amor (afinal, dizem eles, Deus não é apenas amor, mas é o próprio amor, 1 João 4: 8). Os teístas abertos também acreditam que Deus escolheu não conhecer os atos futuros da humanidade porque tal conhecimento determinaria as ações das pessoas, superando assim seu livre arbítrio. Eles acreditam ainda que Deus nunca determinaria as ações do homem, pois isso poderia comprometer qualquer relacionamento genuíno com o homem; Deus não seria capaz de responder com amor à livre escolha do homem para amar a Deus. Abra a visão do teísmo de que o amor é a perfeição superior de Deus é defeituoso pelas seguintes razões:

1. A Escritura diz não somente que Deus *é* amor (1 João 4: 8), mas também que ele *é* luz (1 João 1: 5), enfatizando tanto a sua santidade quanto o seu amor (Isaías 6: 3; Rev. 4: 8).
2. Essa visão tende a tornar as outras perfeições de Deus menos necessárias.
3. Historicamente - por exemplo, entre os liberais do século XIX - esse ponto de vista tende a diminuir a justiça de Deus, resultando em uma rejeição da expiação de Cristo como uma punição substitutiva, forense e sacrificial.

O VERDADEIRO CONCEITO DA RELAÇÃO

A essência de Deus é idêntica às suas perfeições. Não há distinção essencial entre a essência de Deus e suas perfeições, e não há diferença essencial entre as perfeições de Deus umas para as outras. Cada perfeição caracteriza a essência completa de Deus de forma simples e eterna. Ou seja, Deus é o que ele tem. Ele não apenas possui amor, justiça

e bondade; Ele é amor e justiça, eternamente, completamente e completamente. Deus é eternamente todo-poderoso, todo-santo e todo-amoroso.

Fundamentação . Se as perfeições de Deus não foram identificadas com a sua essência, mas sim concebidas como partes ou propriedades que compõem a essência de Deus, a simplicidade de Deus seria minada. Então as próprias perfeições não seriam divinas, mas apenas partes que compõem o divino. No entanto, isto está de acordo com o ensino da Escritura. Além disso, a Escritura nunca discute a essência de Deus (ser) no abstrato, mas sempre em conexão com suas perfeições. Mesmo a afirmação de Deus de sua existência em Êxodo 3:14 está no contexto de sua visitação pessoal para lembrar-se de sua aliança e redimir seu povo da escravidão. Além disso, termos como "deidade" (Colossenses 2: 9-10), "natureza divina" (Romanos 1:20, 2 Pedro 1: 4) e "forma de Deus" (Filipenses 2: 6) Falam da essência de Deus em conexão com suas perfeições, como "autoridade" (Colossenses 2:10), "poder" (Rom. **1:20), "glória" (2 Pedro 1: 3), e "amor" (Filipenses 2: 2). A Escritura também menciona certas perfeições com um verbo de ser, indicando que Deus é totalmente essa perfeição; Por exemplo, 1 João 4: 8 e 16 afirmam que "Deus é amor", e 1 João 1: 5 declara que "Deus é luz", significando a sua santidade. A Escritura também especifica algumas perfeições adjetivas (por exemplo, "o Deus vivo", "o Deus eterno", "o Santo").**

Ramificações . Esta compreensão das perfeições de Deus leva a várias ramificações:

Deus é plenamente cada uma de suas perfeições . Seja qual for Deus, ele está totalmente em sua essência. Se Deus não é plenamente e absolutamente amor, ou totalmente e absolutamente santo, ou plenamente e absolutamente bom, então ele não é plenamente e absolutamente Deus. As perfeições de Deus devem caracterizá-lo totalmente, eternamente e infinitamente, porque se não o fizerem, Deus não seria nem imutável nem simples. Sua natureza mudaria com o passar do tempo, porque ele teria que mudar de ser "amar" um momento para "santo" o próximo. Nem sua essência poderia ser vista como uncompounded e simples, uma vez que ele seria apenas em parte amor, em parte a justiça, em parte misericórdia, e assim por diante. Não, Deus *é* o que ele *possui* ; Ele é todas as suas perfeições, completa e completamente.

As perfeições de Deus se qualificam . Porque Deus é cada uma de suas perfeições em toda a sua essência, então cada uma de suas perfeições complementa e qualifica cada uma de suas outras perfeições. Por exemplo, sua justiça é uma santa justiça, e seu amor é um amor justo.

As perfeições de Deus são ativas . Cada uma das perfeições de Deus está totalmente ativa em sua essência. Deus nunca é passivo ou inativo em qualquer aspecto de sua essência. Se todas as perfeições de Deus não estão continuamente e completamente ativas em sua essência, Deus não é ativamente Deus em nenhum aspecto, porque algum aspecto de sua essência inteira não é ativo e suas outras perfeições estão sem um complemento e qualificador divino necessário. Seja qual for Deus, ele deve ser perfeitamente ativo em sua essência.

As perfeições de Deus devem ser estudadas em conjunto umas com as outras . Uma vez que Deus é totalmente cada uma de suas perfeições, não se deve estudar uma única perfeição de Deus em isolamento de todas as suas outras perfeições. Cada perfeição deve ser estudada como complementada e qualificada por (ou seja, integrada com) todas as outras perfeições e vice-versa. Todas as perfeições de Deus devem ser estudadas como influenciando umas às outras.

As perfeições de Deus são reflexivas . Outra ramificação da identidade total das perfeições de Deus com sua essência é que as perfeições de Deus são reflexivas. Ou seja, eles estão focados nele; Cada uma das perfeições é ativa em direção a Deus como seu

objeto perfeito. O que Deus é, ele é para e para si mesmo antes que suas perfeições sejam direcionadas para qualquer coisa ou para qualquer outra pessoa.

Esclarecimento . Enquanto Deus é eterna e infinitamente e completamente todas as suas perfeições, os seres humanos conscientemente se concentrar em apenas um atributo em um momento do tempo na Escritura. Este foco único é porque Deus condescende a revelar-se nas Escrituras a pessoas finitas. Mas sempre que ele se revela no tempo como uma de suas perfeições, ele está ainda plenamente e ativamente todas as suas perfeições. Assim, sempre que Deus revela uma perfeição particular em qualquer evento ou declaração da Escritura, ele está enfatizando essa perfeição nesse contexto específico, não excluindo as outras perfeições.

Classificações

Uma outra questão deve ser considerada antes de definir especificamente as perfeições de Deus. Ao longo dos anos, os teólogos têm procurado categorizar as perfeições divinas. A Bíblia não estabelece categorias explicitamente, de modo que estas são inventadas por teólogos. Esse fato deve alertar o aluno da Escritura contra a aceitação acrítica de qualquer categorização. No entanto, como vários tipos de categorias têm sido propostos na história da teologia, é necessário considerar se eles têm mérito.

NEGATIVO E POSITIVO

Seguindo os três caminhos de conhecimento de Scholasticism (causalidade, negação e eminência), esta classificação (negativa e positiva) é baseada em (1) perfeições negativas, ou que são o oposto de limitações de criatura (por exemplo, infinito, incorpóreo) e (2) perfeições positivas, ou aquelas que estão presentes no homem, mas são características de Deus de uma forma infinitamente perfeita (por exemplo, bondade, santidade, justiça, justiça).

O problema com essas categorias é que eles se sobrepõem. Quando se faz uma afirmação negativa sobre Deus, ele tem um conceito positivo em mente, mesmo que ele não seja capaz de articulá-lo. Por exemplo, dizer que Deus é imutável (negativo) implica que alguém conscientemente sabe que Deus é constante e fiel (positivo). O inverso também é verdadeiro. Quando alguém faz uma afirmação positiva sobre Deus, ele também implica uma afirmação negativa. Por exemplo, dizer que Deus é onipresente (positivo) é dizer que ele é infinito (negativo, isto é, não finito) em relação ao espaço.

NATURAL E MORAL (GRANDE E BONDADE, CONSTITUIÇÃO E PERSONALIDADE)

As perfeições naturais são aquelas que pertencem à constituição de Deus (eg, auto-existência, simplicidade, infinidade), enquanto as perfeições morais são as que pertencem à sua vontade e, portanto, tornam-no um ser moral (por exemplo, bondade, verdade, amor, santidade).

O problema com esta classificação é que os atributos morais são apenas tantos aspectos da essência de Deus como atributos naturais. As perfeições da bondade são também perfeições da grandeza de Deus (Salmo 145), e as perfeições da personalidade são também perfeições da constituição de Deus.

ABSOLUTO E RELATIVO

As perfeições absolutas caracterizam a essência de Deus considerada em si mesma (eg, auto-existência, infinidade, espiritualidade), enquanto as perfeições relativas caracterizam a essência de Deus considerada na relação de Deus com a sua criação (eg, onisciência, omnipresença).

O problema neste caso é que essa classificação supõe que o homem pode conhecer Deus em sua essência, mas a verdade é que todas as perfeições de Deus são relativas, reveladas em relação à sua criação. Mesmo as assim chamadas perfeições relativas são absolutas, porque são eternamente ativas nas relações entre os membros da Trindade, na existência essencial de Deus.

IMMANENTE / INTRANSITIVO / QUIESCENTE / ESTANDO VERSUS EMANANTE / TRANSITIVO / OPERATIVO / CAUSATIVO

Ao explicar essa classificação, é importante definir primeiro os seguintes termos:

Imanente : existente ou remanescente; inerente
Emanant : originar dentro mas produzindo resultados externos
Intransitivo : não requerendo um objeto direto para completar sua ação ou significado
Quiescente : inativo

De acordo com esta classificação, as primeiras são perfeições que funcionam fora da essência divina, mas permanecem imanentes em Deus (eg, imensidão, eternidade, simplicidade), enquanto que as últimas são perfeições que produzem coisas externas a Deus (por exemplo, a onipotência, a bondade, a justiça) .

Contrariamente a essa classificação, o homem não pode conhecer nenhuma característica de Deus como está em sua essência, mas apenas quando seu caráter é revelado em suas obras. Além disso, as perfeições operativas e causais também devem ser imanentes e intransitivas em Deus; Caso contrário, Deus precisaria de algo fora de si para ser completo. Além disso, nenhuma perfeição de Deus pode ser inativa; Caso contrário, Deus não estaria constantemente e ativamente todo seu ser / essência.

INCOMUNICÁVEL E COMUNICÁVEL

A melhor categorização é aquela que distingue entre perfeições incomunicáveis e comunicáveis. As perfeições incomunicáveis são características únicas de Deus (eg, auto-existência, simplicidade, imensidade), enquanto as perfeições comunicáveis são aquelas características que podem ser transferidas em parte para os seres humanos (por exemplo, bondade, justiça, amor).

Um problema com a categorização incomunicável versus comunicável é que, uma vez que o homem não pode conhecer a Deus em sua essência, além de suas relações com a sua criação, é impossível conhecer qualquer característica de Deus além dessas relações. Mesmo as perfeições incomunicáveis são pelo menos um pouco como características humanas, ou ninguém poderia entender nada sobre as perfeições de Deus. Além disso, as perfeições comunicáveis de Deus não são completamente como características humanas, ou Deus não seria maior do que o homem em cada característica.

Por exemplo, no que diz respeito à perfeição incomunicável de imutabilidade (imutabilidade) de Deus, pode-se ter uma compreensão limitada porque ele ou ela sabe o que é para outro ser humano ter pensamentos, princípios e comportamento consistentes durante um longo período de tempo. Mas tal entendimento é limitado porque nenhum humano sabe o que é para alguém ser sem a capacidade de mudar na natureza e no caráter. Em relação à perfeição transmissível do amor, as pessoas têm um quadro parcial porque sabem o que Deus revelou nas Escrituras sobre seu amor em suas relações com os

seres humanos, mas não sabem o que o amor de Deus é para si na Trindade, nem sabem exaustivamente O que o amor de Deus é para as pessoas.

A classificação incomunicável versus comunicável é empregada aqui pelas seguintes razões:

1. Uma classificação pode ser uma ferramenta útil no estudo das perfeições de Deus, pois pode ajudar as pessoas a se concentrarem em como Deus é único em comparação com a humanidade.
2. Esta classificação tem sofrido ao longo dos anos entre os teólogos de várias tradições.
3. Essa classificação enfatiza tanto a transcendência como a imanência de Deus, negando tanto o panteísmo quanto o deísmo.
4. Esta classificação é mais útil se não se divide estritamente os dois grupos de perfeições, mas vê os atributos incomunicáveis como qualificando os atributos comunicáveis e vice-versa.

PRECAUÇÕES SOBRE TODAS AS CLASSIFICAÇÕES

Mesmo a classificação incomunicável versus comunicável é uma observação humana, portanto nenhuma classificação deve ser aceita sem crítica. Todas as classificações devem ser acompanhadas pelas seguintes precauções.

Dividindo Deus em Dois . Todas as classificações das perfeições de Deus parecem dividir Deus em dois, deixando nenhuma harmonia entre as perfeições e, portanto, nenhuma unidade aparente em Deus. Essa fraqueza pode ser superada ao ver a primeira classe de perfeições (incomunicáveis) qualificando a segunda classe (comunicável) e vice-versa, "para que se possa dizer que Deus é um, absoluto, imutável e infinito em Seu conhecimento e sabedoria, Sua bondade e amor, Sua graça e misericórdia, Sua justiça e santidade ".

Dividindo Negativos de Positivos . Cada classificação tende a separar as descrições negativas de Deus das descrições positivas dele, mesmo quando, ao pensar sobre uma, as pessoas têm a outra em mente. Bavinck explica,

> Se eles fossem completamente incomunicáveis, eles também seriam absolutamente incognoscíveis. O próprio fato de sermos capazes de nomeá-los prova que de uma maneira ou de outra eles foram revelados por Deus na criação. Por isso, os atributos negativos têm um conteúdo positivo: embora precisemos da idéia do tempo para obter uma concepção da eternidade de Deus e do espaço para formar uma idéia de sua onipresença e de criaturas finitas e mutáveis, Tomar consciência de sua infinitude e imutabilidade; No entanto, esses atributos negativos nos fornecem um conhecimento positivo muito importante a respeito de Deus. Assim, mesmo que não possamos compreender a eternidade em qualquer sentido positivo, no entanto, saber que Deus é exaltado acima das limitações do tempo é muito importante.

Descrevendo Deus Essencialmente . Todas as classificações parecem implicar que podemos conhecer a Deus em sua essência, considerada fora de suas relações com suas criaturas. Mas Deus não pode ser conhecido pelas pessoas desta maneira. Ninguém, a não ser Jesus Cristo, pode conhecer qualquer característica divina em sua perfeição. Essa fraqueza deve ser superada ao ver até mesmo a primeira classe de perfeições como sendo, pelo menos de alguma forma, como características humanas e sendo ativa em relação às criaturas.

As Perfecções Incomunicáveis

Com estas observações preliminares sobre as perfeições divinas e como estudá-las, podemos agora defini-las com base nas Escrituras. À luz do fato de que as perfeições de Deus são idênticas à sua essência, e especialmente com base nas implicações desse fato, não devemos considerar essas perfeições sem pensar conscientemente sobre como elas se integram ativamente (isto é, complementam e qualificam) umas às outras. É preciso também lembrar que essas perfeições são direcionadas primeiramente a Deus antes de qualquer coisa ou alguém fora dele. As seguintes definições de perfeições divinas são acompanhadas por verdades bíblicas sobre as quais essas definições são baseadas. [22]

INDEPENDÊNCIA (ASEIDADE)

Deus é independente de todas as coisas. Ele é perfeitamente auto-suficiente, não dependendo de nada fora de si para nada, e é, portanto, o ser eterno, fundacional, a fonte de vida e sustento para todos os outros seres.

A lista a seguir apresenta evidências bíblicas para a asseitualidade de Deus:

1. Como Yahweh, Deus é auto-existente, tendo vida em si e por si mesmo (Êx 3:14, João 5:26).
2. Deus existia antes de todas as coisas, e por ele somente todas as coisas existem (Salmo 90: 2, 1 Coríntios 8: 6 e Apocalipse 4:11).
3. Deus é o Senhor de todos (Deuteronômio 10:17, Josué 3:13).
4. Ele não depende de nada; Todas as coisas dependem dele (Romanos 11:36).
5. Ele é a fonte de tudo (Deuteronômio 32:39, Isaías 45: 5-7, 54:16, João 5:26, 1 Coríntios 8: 6).
6. Ele faz o que quer (Salmo 115: 3, Isaías 46: 10-11, 64: 8, Jeremias 18: 6, Daniel 4:35, Romanos 9: 19-21, Ef 1: 5, Ap 4:11).
7. Seu conselho é a base de tudo (Salmos 33: 10-11, Provérbios 19:21, Isaías 46:10, Mateus 11: 25-26, Atos 2:23, 4: 27-28, Efe 1: 5, 9, 11).
8. Ele faz tudo por sua própria causa (Josué 7: 9, 1 Sam. 12:22, Salmo 25:11, 31: 3, 79: 9, 106: 8, 109: 21, 143: 11, Prov 16: 4, Isaías 48: 9, Jeremias 14: 7, 21, Ezequiel 20: 9, 14, 22, 44, Dn 9:19).
9. Ele não precisa de nada, sendo suficiente (Jó 22: 2-3 e Atos 17:25).
10. Ele é o primeiro e o último (Isaías 41: 4; 44: 6; 48:12; Apocalipse 1: 8; 21: 6; 22:13).
11. Ele é independente em sua mente (Romanos 11: 33-35), sua vontade (Dt 4:35, Romanos 9:19, Ef 1: 5, Ap. Isaías 46:10), seu amor (Os 14.4) e seu poder (Salmo 115: 3).

IMUTABILIDADE

A imutabilidade de Deus é sua perfeita imutabilidade em sua essência, caráter, propósito e promessas.

Evidências bíblicas . A seguinte lista resume o ensinamento bíblico sobre a imutabilidade de Deus:

1. Ele é eternamente o mesmo (Salmo 102: 25-27).
2. Ele é o primeiro e o último (Isaías 41: 4; 43:10; 44: 6; 48:12).
3. Ele é o que é (Êx 3:14).
4. Ele é incorruptível, tendo somente a imortalidade, permanecendo sempre o mesmo (Romanos 1:23, 1 Tim. 1:17, 6: 15-16, Heb. 1: 11-12).
5. Seu pensamento, propósito, vontade e decretos são imutáveis:
   uma. Ele executa suas ameaças e promessas (Números 23:19, 1 Sam. 15:29).
   B. Ele não se arrepende dos seus dons e da sua vocação (Romanos 11:29).
   C. Ele não rejeita as pessoas com quem fez uma aliança unilateral (Romanos 11: 1).
   D. Ele glorifica aqueles a quem ele conhece (Romanos 8: 29-30).

E. Ele aperfeiçoa o que ele começa (Sl 138: 8, Flp 1: 6).
F. Sua fidelidade nunca diminui (Lam. 3: 22-23).
6. Ele não muda (Mal. 3: 6, Tiago 1:17).

Perguntas sobre a Imutabilidade de Deus . As tensões são evidentes para as pessoas quando lêem passagens afirmando a imutabilidade de Deus ao lado de passagens afirmando que Deus se arrepende (Gênesis 6: 6, Ex. 32:12, 1 Sam. 15:11, 35, Jeremias 18:10, Amós 7: 3 , Jonas 3: 9-10, 4: 2), muda seu propósito (Gênesis 18: 23-32, Êxodo 32: 10-14, Jonas 3:10), fica zangado (Êxodo 4:14; Números 11: 1, 10, Salmo 106: 40, Zc 10: 3), se desvia de sua ira (Êxodo 32:14, Deuteronômio 13:17, 2 Crônicas 12:12, 30, 8; (Provérbios 11:20; 12:22), é puro para os puros, mas se opõe aos ímpios (Salmo 18: 25-26)), Encarna no tempo (Gálatas 4: 4), habita a igreja (1 Coríntios 3: 16-17, Ef 2: 19-22, Col. 1:27), rejeita Israel (Romanos 11:15)), Recebe os gentios depois de os ter rejeitado por anos (Atos 11:18, Romanos 11: 11-15),

Para resolver essa tensão, muitos, como os teístas abertos, disseram que Deus realmente muda sua mente, propósitos e promessas em resposta ao que os humanos fazem. Eles afirmam que não se pode justamente harmonizar as "mudanças" de Deus nas Escrituras com a doutrina tradicional de que Deus é imutável. Eles afirmam que se os pecadores se voltam do pecado e respondem com fé e amor a Deus, ele se voltará de (arrepender-se de, mudar de idéia sobre) o julgamento que ele pretende e dar-lhes bênção em seu lugar. Correspondentemente, se eles se voltam de confiar nele, ele vai revogar qualquer promessa de bênção. De acordo com os teístas abertos, Deus não sabe como as pessoas vão responder a ele, e ele espera para ver o que eles vão fazer em cada momento antes de ele escolhe sua resposta a eles.

Há muitos erros no teísmo aberto e outros falsos ensinamentos que negam a imutabilidade de Deus, cada um dos quais é refutado pela visão da imutabilidade de Deus na perspectiva bíblica apropriada. Imutabilidade não significa que Deus é estático ou inerte, nem significa que ele não age distintamente no tempo ou possui verdadeiras afeições. Deus é impassível - não no sentido de que ele está desprovido de sentimentos verdadeiros ou não tem afeições, mas no sentido de que suas emoções são expressões ativas e deliberadas de suas santas disposições, e não (como muitas vezes acontece com as emoções humanas) paixões involuntárias por Que ele é conduzido.

Uma boa maneira de entender as aparentes mudanças de Deus nas Escrituras é considerar que Deus se revela em suas relações com as pessoas. Eles percebem apenas um aspecto de Deus em um momento. Deus nunca muda, mas as criaturas mudam, e elas percebem as perfeições e ações de Deus de acordo com seu estado atual. Assim, as ações de Deus não implicam uma mudança de essência ou propósito.

Por exemplo, a linguagem de Deus "arrependendo-se" ou "mudando" de qualquer maneira é as expressões antropopáticas da linguagem-figuração que comunicam ao homem em seu nível de compreensão sobre mudanças de disposições ou ações. Assim, as "mudanças" percebidas de Deus estão sempre no contexto de sua onisciência e vontade eternas, então elas nunca são porque Deus está surpreso e tem de se ajustar. Eles são feitos em harmonia com a sua verdade e fidelidade (ver 1 Samuel 15:29). Todos os seus atos que podem ser percebidos como mudanças são eternamente conhecidos e predeterminados.

INFINIDADE

A infinidade de Deus descreve sua natureza como transcendendo perfeitamente (existindo e atuando além) todas as limitações do tempo e do espaço. A infinitude de Deus em

relação ao tempo é chamada sua eternidade ou omnitemporalidade, e sua infinitude em relação ao espaço é chamada de sua imensidão ou onipresença.

ETERNIDADE

Deus transcende perfeitamente todas as limitações do tempo, de modo que ele é sem começo, sem fim e sem sucessão de momentos na experiência de seu ser e em sua consciência de toda outra realidade. Em outras palavras, em sua experiência de si mesmo e de toda realidade fora de si, Deus não é limitado pelos momentos do tempo.

Evidências bíblicas . A lista a seguir apresenta evidências bíblicas para a eternidade de Deus:

1. Ele é o primeiro e o último de uma só vez (Isaías 41: 4 e Apocalipse 1: 8).
2. Ele existiu antes da criação (Gn 1: 1; João 1: 1; 17: 5, 24).
3. Ele durará para sempre (Salmo 102: 26-27).
4. Ele é Deus desde a eternidade até a eternidade (Salmos 90: 2, 93: 2).
5. O número de seus anos não pode ser descoberto (Jó 36:26).
6. Mil anos em sua visão são como um dia, devido à sua experiência imediata de todos os tempos (Salmo 90: 4, 2 Pedro 3: 8).
7. Ele é Deus eterno (Isaías 40:28).
8. Ele habita a eternidade (Isaías 57:15).
9. Ele vive para sempre (Dt 32:40, Ap 10: 6, 15: 7).
10. Ele é incorruptível e imortal (Romanos 1:23; 1 Tim. 6:16).
11. Ele era, é, e deve vir de uma só vez (Êxodo 3:14, Apocalipse 1: 4, 8).
12. Seu propósito é eterno (Ef 3:11).
13. Ele é o Rei eterno (1 Tim. 1:17).
14. Ele existiu e agiu "antes que começassem os séculos" (2 Tm 1: 9, Tito 1: 2).

A essência de Deus como " intemporal **".** Uma questão importante a respeito da perfeição de Deus da eternidade é se Deus existe somente nos momentos passados do tempo ou também existe fora da sucessão dos momentos do tempo. Deus é "intemporal", atemporal em sua vida interior, ou sua existência é temporal, somente nos momentos do tempo?

Deus está no tempo, já que interage com sua criação e suas criaturas de momento a momento. Mas Deus deve transcender o tempo, ou está limitado por outra entidade: o tempo. Em outras palavras, a eternidade de Deus significa que ele é distinto do tempo. No entanto, ele não está completamente separado dele; Em vez disso, ele está presente (imanente) em cada momento, controlando cada momento para seus propósitos e glória. A declaração bíblica "No princípio, Deus criou os céus ea terra" (Gn 1: 1) indica que Deus existiu antes do "princípio", que começou "o primeiro dia" (Gênesis 1: 5). Deus existia antes do primeiro momento do "primeiro dia" de toda a realidade fora de si mesmo. Portanto, a existência de Deus está fora dos limites do tempo. De fato, desde que Deus começou "o princípio" por sua ação criadora, Deus criou o tempo e mantém sua totalidade e cada um de seus momentos por seu poder. Deus está plenamente presente em cada momento do tempo, e ele conhece a sua totalidade e sua sucessão de momentos. Mas Deus nunca está sujeito ao tempo. Em vez disso, ele o usa como seu servo para revelar suas perfeições.

Em sua essência, Deus existe em um "presente" eterno. Ele está sempre com o "primeiro" do tempo e com o "último" dos tempos (Isaías 41: 4 e 44: 6). Deus se propôs a dar graça salvadora ao seu povo eleito "antes dos séculos" (2 Tm 1: 9, Tito 1: 2), assim ele agiu antes do primeiro momento dos séculos. Deus existe conscientemente fora dos momentos do tempo.

Deus não é confinado ou condicionado por limites ou comprimentos de tempo (ver Salmo 90: 1-4, 2 Pedro 3: 8). Deus é tanto o começo como o fim e permanece assim depois que o começo terminou e antes do fim ter começado. Em sua essência, ele engloba tanto o começo como o fim, e ambos são experiências conscientemente experimentadas e "presentes". E uma vez que a expressão "o princípio eo fim" (Ap 21: 6; 22:13) é provavelmente um merism (um dispositivo literário expressando um conjunto completo de itens, mencionando apenas os itens marcando os limites opostos do conjunto) Deus controla cada momento como realidades conscientemente experimentadas, "presentes". Deus *é* . E ele *está* antes do tempo começar, antes do primeiro momento dos "séculos." Deus em sua essência nunca começa a ser. Ele nunca se torna.

Argumento da onisciência de Deus . Todas as perfeições de Deus são consistentes com a afirmação de que Deus é sem sucessão de momentos em sua experiência de seu ser e de sua consciência de toda outra realidade. Por exemplo, Deus é onisciente ou omnisciente, de modo que seu conhecimento abrange todos os eventos como igualmente reais. Portanto, uma vez que suas perfeições são sua essência, em sua experiência de sua essência em si, não há passado, presente ou futuro. Embora Deus experimente a sucessão do tempo (tanto porque ele criou essa sucessão e porque Deus o Filho a experimenta especialmente através da encarnação), e embora seu pensamento tenha estrutura lógica (incluindo premissas e conclusões), sua experiência de sucessão não controla, Confinar ou condicionar sua existência e vida para que ela exista apenas nos momentos do tempo.

Argumento da imensidão e da omnipresença de Deus . Deus transcende todas as limitações do espaço. Ele existe fora do espaço físico e ainda existe com cada ponto do espaço e experimenta cada ponto do espaço com todo o seu ser. Portanto, ele deve existir fora dos momentos do tempo, ou então está confinado a estar presente no espaço como existe em apenas um momento do tempo.

Argumento da imutabilidade de Deus . Uma vez que a essência de Deus não pode mudar, ele não deve ser condicionado por mudar o tempo. Se Deus existe em cada momento, ele deve começar a existir em cada momento sucessivo - uma conclusão que contradiz sua imutabilidade.

Argumento da independência de Deus . Uma vez que a essência de Deus não depende de nada para a sua existência, mas é a fonte de toda a existência, não pode depender dos momentos de tempo para a sua existência. Pois, se Deus existe apenas momento a momento, depende da existência de cada momento.

Argumento da onipotência de Deus . Visto que Deus tem poder ativo sobre todas as coisas, ele deve exercer poder no futuro e no passado para ser onipotente. Se ele existe apenas no momento atual, ele não tem poder nos momentos passados e futuros.

A imensidão, a imutabilidade, a independência, a onipotência, a omnipresença e a onisciência de Deus estão comprometidas pela visão dos "momentos sucessivos". Se Deus existe somente de momento a momento, sua existência termina em um momento e começa no próximo. Ele também não tem controle sobre a mudança de momentos, mas sim é condicionado por sua mudança. Além disso, ele não transcende o espaço eo tempo, uma vez que ele está confinado ao momento atual e agir no espaço apenas como existe no momento atual. Finalmente, embora ele ainda possa governar os acontecimentos atuais para se mover inflexivelmente para a consumação final de seu plano, ele não no presente realmente controlar eventos no futuro, uma vez que os momentos futuros ainda não chegaram. Assim, dadas as várias considerações acima, é necessário ver Deus como existindo dentro e fora do tempo.

Deus está perfeitamente presente consigo mesmo, transcendendo toda limitação do espaço e, contudo, presente em cada ponto do espaço com tudo o que ele é. Transcendência significa que Deus é maior do que e independente da criação. A imensidade refere-se ao fato de que Deus transcende e preenche todo o espaço. E a onipresença indica que Deus está presente em cada ponto do espaço em todo o seu ser.

Evidências bíblicas . As evidências bíblicas da imensidão e omnipresença de Deus são visíveis nas seguintes observações:

1. Ele é o Criador e possuidor de todas as coisas (Gn 14:19, 22, Deuteronômio 10:14, Col. 1:16, Apocalipse 10: 6).
2. O céu ea terra não podem contê-lo (1 Reis 8:27, 2 Crônicas 2: 6, Isaías 66: 1, Atos 7: 48-49).
3. Ele enche o céu e a terra, de modo que nada está escondido de sua presença, e está próximo e distante (Sl 139: 7-10, Jeremias 23: 23-24, Atos 17: 27-28).
4. Ele se manifesta várias vezes em vários lugares:
   uma. Ele habita e tem seu trono nos céus (Dt 26:15, 2 Sam. 22: 7, 1 Reis 8:32, Salmo 11: 4, 33:13, 115: 3, 16, Isaías 63:15; Mateus 5:34, 6: 9, João 14: 2, Ef 1:20, Hebreus 1: 3, Apocalipse 1: 4-5).
   B. Ele desce do céu (Gn 3: 8; 11: 5, 7; 12: 7; 15: 1; 18: 1; Ex. 3: 7-8; 19: 9, 11, 18, 20; : 2, Judg. 5: 4).
   C. Ele habita no meio do seu povo (Êx 20:24; 25: 8; 40: 34-35; Deuteronômio 12:11; 1 Sam. 4: 4; 2 Sam. 6: 2; 1 Reis 8:10 2 Reis 19:15).
   D. Ele está longe (relacionalmente) dos ímpios (Sl 11: 5; 50: 16-21; 145: 20).
   E. Ele está próximo (em relação) aos justos (Salmo 11: 7, 51:19, Isaías 57:15).
   F. Cristo é a plenitude da Divindade corporalmente (Colossenses 2: 9).
   G. Deus habita a igreja (João 14:23, Romanos 8: 9, 11, 1 Cor. 3:16, 6:19, Ef 2:22, 3:17).

Específicos de Imensidade e Omnipresença . Deus transcende o espaço. Ele é intrinsecamente imenso e onipresente, independentemente da existência do tempo e da matéria - isto é, ele está sempre presente consigo mesmo. Ele é também imenso e onipresente em relação à criação. O espaço é um aspecto da criação, portanto não é parte de Deus. Essas perfeições significam que Deus não é difundido através do espaço de modo que somente uma parte dele está em cada lugar. Além disso, Deus não está ligado a um só lugar. Deus está plenamente presente em todos os lugares, mas também está sustentando o espaço pela sua imensidão. Sua imensidade não significa que ele está separado da criação em um sentido deísta, embora signifique que ele é distinto e maior do que a criação. Deus sustenta a ordem criada estando inteiramente presente em cada ponto do espaço. Isso é verdade, por exemplo, tanto no céu como no inferno (por exemplo, **Apocalipse 14: 9-10) e nos justos e nos ímpios.** *Na verdade, é melhor dizer que Deus está com o* tempo eo espaço, em vez de estar *no* tempo e no espaço (contra o conceito do liberalismo do século XIX de Deus como apenas imanente). Mas ambos estão corretos, desde que não se veja Deus como *de* ou ligado pelo tempo.

UNIDADE: UNIDADE NUMÉRICA

A unidade de Deus é a sua perfeita unicidade da essência, de modo que nem ele é mais de uma essência nem há mais de uma essência divina.

A lista a seguir apresenta evidências bíblicas para a unidade de Deus:

1. Deus é apenas uma essência (Deuteronômio 6: 4, Marcos 12:29).
2. Deus é único; Há somente um Deus (Deuteronômio 4:35, 32:39, Salmo 18:31, Isaías 40:18, 43: 10-11, 44: 6, 45: 5).

3. Os ídolos são vãos e vazios (Deuteronômio 32:21, Salmo 96: 5, Isaías 41:29, 44: 9-20, Jeremias 2: 5, 11, 10: 14-15, 16:18; 51: 17-18, Dan. 5:23, Hab., 2:19).
4. No Novo Testamento, a unidade de Deus é revelada em Jesus Cristo (João 17: 3, Atos 17:24, Romanos 3:30, 1 Coríntios 8: 4-6, Ef 4: 5-6, 1 Tim 2: 5).

UNIDADE: SIMPLICIDADE

A simplicidade de Deus é a sua indivisibilidade, a sua perfeita falta de composição. Isso significa que cada uma de suas perfeições e todas as suas *são* sua essência.

Evidências bíblicas . Esta perfeição é intencionada por declarações de que Deus é a verdade, a justiça, a sabedoria, o espírito, a luz, a vida, o amor e a santidade (Jeremias 10:10; 23: 6; João 1: 4-5, 9; : 6; 1 Coríntios 1:30; 1 João 1: 5; 4: 8, 16). Essas passagens revelam Deus como a completa plenitude de cada qualidade respectiva.

Compatibilidade com a Doutrina da Trindade . A simplicidade de Deus não contradiz a doutrina da Trindade. A essência de Deus não é composta de três pessoas. Em vez disso, a essência divina não dividida, indivisa existe em cada uma das três pessoas. As várias propriedades pessoais exclusivas de cada pessoa não são coisas adicionadas à essência divina, mas são apenas distinções de subsistência pessoal e de relacionamento. Em todas as obras externas da Trindade, cada pessoa age sem dividir a essência divina.

ONISCIÊNCIA

A onisciência de Deus é o seu perfeito conhecimento de si mesmo, de todas as coisas reais fora de si, e de todas as coisas que não se tornam realidade em um eterno e simples (não tendo quaisquer partes, mas tendo distinções) agir (esforço de energia). Note-se que esta definição não diz que Deus sabe coisas que são "possíveis", porque na mente e plano eternos de Deus existem apenas coisas reais, não possíveis. Ele sabe o que teria acontecido se as circunstâncias fossem diferentes, mas uma vez que, em sua mente e plano, nunca ocorreria, elas não são "possibilidades". Só o que está no plano de Deus é "possível", porque só isso poderia se tornar realidade em tempo.

Evidências bíblicas . A lista a seguir mostra os objetos do conhecimento de Deus a partir da Escritura:

1. Ele mesmo como trino (Mateus 11:27, João 1:18, 10:15, 1 Coríntios 2:10)
2. Todas as coisas (2 Crônicas 16: 9, Isaías 40:13, Romanos 11:34, Hebreus 4:13, 1 João 3:20)
3. Todas as necessidades (Mateus 6: 8, 32)
4. Mesmo as menores coisas físicas (Mt 10:30)
5. O coração do homem (1 Reis 8:39, Salmo 7: 9, Provérbios 15:11, Jeremias 11:20, 17: 9-10, 20:12, Lucas 16:15, Romanos 8: 27; 1 Tessalonicenses 2: 4; 1 João 3:20)
6. Os pensamentos e meditações do homem (Sl 139: 2, Ezequiel 11: 5, 1 Coríntios 3:20)
7. O homem na totalidade de seu ser e seus atos (Salmo 139)
8. Sheol e Abaddon (Provérbios 15:11)
9. O pecado e a iniqüidade do homem (Salmo 69: 5, Jeremias 16:17; 18:23; 32:19)
10. As coisas que são contingentes de uma perspectiva humana (1 Samuel 23: 10-13, 2 Reis 13:19, Sal. 81: 12-16, Jeremias 26: 2-7, 38: 17-20, Ezequiel. 3: 4-6, Mateus 11:21)
11. As pessoas antes que sejam concebidas (Salmo 139: 13-16, Jeremias 1: 5, Romanos 8: 28-30, Apocalipse 13: 8, 17: 8)
12. As coisas futuras (Isaías 41: 22-26; 42: 8-9; 43: 9-12; 44: 6-8; 46: 9-11)

13. Os dias e os limites geográficos ordenados para cada pessoa (Salmos 31:15, 39: 4-5, 139: 7-16, Jó 14: 5, Atos 17:26)

A Eterna Prioridade do Conhecimento de Deus . O conhecimento de Deus é eterno e *a priori* ("do anterior", isto é, procedendo de uma causa conhecida ou suposta a um efeito necessariamente relacionado), não *a posteriori* ("do subsequente", ou seja, dos particulares aos princípios, dos efeitos a causas). O conhecimento de Deus precede todas as coisas fora de Deus, nunca sendo derivado da realidade fora de si mesmo (Romanos 8:29, 1 Cor. 2: 7, Ef 1: 4-5, 2 Tim. 1: 9). O conhecimento de Deus também é perfeito, nunca aumentando (Isaías 40: 13-14, Romanos 11:34). É definido - claramente definido, preciso, certo, certo e abrangente (Salmo 139: 1-3, Hebreus 4:13). E o conhecimento de Deus é eternamente ativo, nunca passivo, porque a essência de Deus é eternamente ativa.

Os Efeitos do Conhecimento de Deus . Porque o conhecimento de Deus é ativo, produz efeitos. Estes são transitórios na experiência do homem, mas são uma realidade sempre presente para Deus - "presente" não no sentido do tempo, uma vez que ele está sem sucessão de momentos, mas no sentido de Deus conscientemente e eternamente percebendo-os. Os principais efeitos do conhecimento de Deus no tempo incluem a criação do reino físico (Salmos 104: 24; 136: 5); A formação da igreja (Efésios 3:10); Todas as ações de Deus no tempo, incluindo a aplicação da salvação (Romanos 11:33); E adoração do homem (Jó 11: 7-9, Salmo 139: 17-18, Romanos 11:33).

A Natureza do Conhecimento de Deus . Há dois aspectos do conhecimento de Deus. O *conhecimento natural de Deus* é o seu autoconsciente conhecimento de si mesmo. Seu *conhecimento livre* é o seu conhecimento de todas as coisas que se tornam reais no tempo por sua vontade livre, soberana baseada em seu decreto, (2) todas as coisas que não se tornam realidade, e (3) como ele se manifesta e não se manifesta Por todas as coisas fora de si.

É necessário distinguir entre o conhecimento natural de Deus e seu conhecimento livre. Não fazê-lo levaria ao panteísmo, pois tornaria o conhecimento de Deus sobre si mesmo contingente ao seu conhecimento da criação. No entanto, Deus é capaz de se conhecer perfeitamente, independente de sua criação.

Não obstante, seu conhecimento natural e livre não deve ser tão agudamente separado para tornar seu decreto arbitrário. Deus não escolheu arbitrariamente algumas de suas idéias para fazer coisas reais; Ao contrário, seu conhecimento natural resultou em seu conhecimento livre; Ou seja, o conhecimento perfeito de Deus sobre si mesmo inclui seu conhecimento de como se revelar às criaturas até sua maior glória. Guiado por este princípio para glorificar-se ao máximo, o conhecimento natural de Deus emite em seu decreto eterno e exaustivo, pelo qual prevalecia tudo o que acontece. Porque Deus é quem ele é, ele faz o que faz.

As pessoas podem conhecer a Deus através de seu conhecimento livre, à medida que ele se manifesta na ordem criada. Mas as pessoas não podem conhecer Deus através do seu conhecimento natural, uma vez que este conhecimento envolveria conhecer Deus como Deus se conhece. O homem pode, em grau limitado, possuir o conhecimento livre de Deus, mas a posse de Deus de seu conhecimento livre é perfeita, pois seu conhecimento é infinito.

O conhecimento de Deus também é arquetípico. É o padrão original para todas as coisas fora de si mesmo. Deus conhece o universo em sua idéia eterna, logicamente antes de sua existência finita no tempo e no espaço. O conhecimento de Deus é de si mesmo, independente de qualquer fonte externa, e assim antes de todas as coisas fora de si mesmo.

O conhecimento que Deus tem é intuitivo, inerente e imediato, não resultante da observação e raciocínio em momentos sucessivos do tempo. Ao mesmo tempo, ele tem estrutura lógica. O conhecimento de Deus se refere à sua atividade, não apenas ao conteúdo, e é simples e simultâneo em seu esforço. Ele sabe tudo de uma só vez, não uma coisa só antes de saber outra coisa. No entanto, ele também conhece as diferenças e a ordem existente entre todas as coisas.

O conhecimento de Deus é abrangente e completamente consciente. O conhecimento do homem é parcial e principalmente inconsciente. O conhecimento de Deus é "ato puro", nunca passivo (conhecimento baseado na aprendizagem) como o do homem, mas é eternamente querido por ele. E é imediata, não deísta. Ou seja, Deus não é removido das coisas que ele conhece. Ele sempre tem percepção direta e imediata de tudo o que sabe.

O conhecimento prévio de Deus no Novo Testamento . Da história do verbo grego *proginōskō* (a palavra por trás do conceito do Novo Testamento da presciência de Deus) e da evidência bíblica da onisciência de Deus, os teólogos estendem o conceito de pré-conhecimento para cobrir seu conhecimento íntimo e intencional de todas as coisas antes de se tornarem reais no tempo E espaço. Como prova dessa presciência mais geral, pode-se apontar para a profecia preditiva (eg, Isaías 41: 22-26, 42: 9, 43: 9-12, 44: 7, 46:10).

No entanto, quando usado para descrever a presciência de Deus, o verbo *proginōskō* e o *substantivo prognósis* são usados do conhecimento relacional perfeitamente proposto por Deus de todos os que estão em seu plano redentor antes que eles existam no tempo e no espaço. Entendido desta maneira, especialmente do Novo Testamento, a presciência de Deus é soteriológica. Deus de antemão elege os israelitas como seu povo do convênio (Romanos 11: 2); Jesus Cristo crucificado e ressuscitado (Atos 2: 23-24, 1 Pe 1: 18-20); E todos os cristãos como predestinados, escolhidos, chamados, crentes, santificados, justificados e glorificados (Rm 8:29; 1 Pe 1: 2). A presciência de Deus não é passiva, dependendo da previsão do que os seres humanos fariam. Pelo contrário, é eternamente proposto por Deus. Paulo afirmou que Deus "conheceu de antemão" (Gk. *Proginōskō*) somente aqueles que ele também "predestinou", "chamou", "justificou" e "glorificou" (Romanos 8: 29-30). É importante notar que em Romanos 8:28, essas pessoas foram "chamadas de acordo com seu propósito". Neste contexto, o conhecimento prévio de Deus é divinamente proposto, apenas conhecendo aqueles que seriam efetivamente chamados a tempo de salvar a fé em Cristo. Quando o Novo Testamento fala de *Deus* antecipando, o objeto é sempre pessoas, e não fatos, e essas pessoas são sempre objetos de sua redenção. Só conhecendo aqueles que seriam efetivamente chamados a tempo de salvar a fé em Cristo. *Quando o Novo Testamento fala de Deus* antecipando, o objeto é sempre pessoas e não fatos, e essas pessoas são sempre objetos de sua redenção. Só conhecendo aqueles que seriam efetivamente chamados a tempo de salvar a fé em Cristo. *Quando o Novo Testamento fala de Deus* antecipando, o objeto é sempre pessoas e não fatos, e essas pessoas são sempre objetos de sua redenção.

ONIPOTÊNCIA

A onipotência de Deus descreve sua capacidade de fazer qualquer coisa coerente com sua natureza.

Evidências bíblicas . A evidência bíblica para a onipotência de Deus é visível nas seguintes observações:

1. Os nomes e títulos de Deus mostrar seu poder: *el, Elohim* (Deus), *el Shaddai* (“Deus Todo-Poderoso”), *Adonai* , Senhor, *Yahweh-tsabaoth* (“ SENHOR dos Exércitos”),

"o Poderoso de Israel" (Isa 1:24), "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Timóteo 6:15, Apocalipse 19:16), "o Senhor Todo-Poderoso" (2 Coríntios 6:18, ver Apocalipse 1: 8) , 4: 8; 11:17), e "o bendito e único Soberano" (1 Timóteo 6:15).

2. Nada é muito difícil para Deus; Nada é impossível (Gênesis 18:14, Jó 42: 2, Jeremias 32:27, Zacarias 8: 6, Mateus 3: 9, 19:26, 26:53, Lucas 1:37, 18:27; Ef 3:20).
3. Deus faz o que lhe agrada (Sl 115: 3, Is 14:24, 27, 46:10, 55:11, Dan. 4:35).
4. As obras de Deus revelam sua onipotência (Salmos 8; 18; 19; 24; 29; 33; 104): criação (Gênesis 1, Salmo 8: 3, Isaías 42: 5, 44:24, 45:12, 18 , 48:13, Zacarias 12: 1, Romanos 1:20), providência (Hebreus 1: 3) e redenção (Romanos 1:16, 1 Coríntios 1:24).
5. O poder pertence a Deus (Salmos 62:11, 96: 7, Apocalipse 4:11, 5:12, 7:12, 19: 1).

O que Deus não pode fazer . Há coisas que as Escrituras dizem que Deus é incapaz de fazer porque elas contradizem seu caráter ou sua vontade revelada: arrepender-se (como um homem) ou mentir (Números 23:19, 1 Sam. 15:29, Hebreus 6:18); Negar a si mesmo (2 Tm 2:13); Ser tentado (de modo que ele sucumbe) (Tiago 1:13); Ou mudança em sua essência, propósitos ou promessas (Tiago 1:17, Mal. 3: 6).

Distinções corretas no Poder de Deus . Ao reconhecer distinções no poder de Deus, é preciso distinguir entre maneiras errôneas e bíblicas de descrevê-las.

Distinção defeituosa . Na história do pensamento, muitos têm afirmado que Deus tem poder absoluto no sentido de que ele é capaz de fazer qualquer coisa, incluindo pecar, sofrer, morrer, transformar-se em pedra ou animal, transformando o pão no corpo de Cristo, fazendo contradições Coisas, mudando o passado, e tornando verdadeiro o falso ou o falso. Outros disseram que Deus só pode fazer o que quiser (ordenar o poder).

Distinção bíblica . A Escritura revela que Deus em seu poder é (tecnicamente) capaz de fazer mais do que realmente ocorre, mas que seu poder opera dentro do contexto de sua vontade e de todas as suas outras perfeições (Gênesis 18:14, Jeremias 32:27; 8: 6, Mateus 3: 9, 19:26, 26:53, Lucas 1:37, 18:27, Ef 3:20). Assim, a distinção correta no poder de Deus é que ele tem um poder teoricamente absoluto para fazer mais do que o que ele realmente faz, mas não qualquer coisa inconsistente com sua essência. O único poder divino verdadeiro é o "poder ordenado" de Deus, isto é, sua capacidade de fazer tudo o que ele decretou que fará. Visto que o decreto de Deus é o resultado de todas as suas perfeições, então ele só faria o que decretou que fará. Portanto, sua capacidade está confinada ao que ele eternamente deseja fazer.

PERFEIÇÃO

A perfeição de Deus fala não apenas de sua perfeição moral - isto é, de que ele é perfeitamente santo, justo e bom - mas também que Deus é a soma total de todas as perfeições concebíveis.

A lista a seguir apresenta evidências bíblicas para a perfeição de Deus:

1. A grandeza de Deus em sua totalidade está além da descoberta humana (Sl 145: 3, Isaías 40:28).
2. A misericórdia de Deus para com os que o temem é maior do que a percepção do homem (Salmo 103: 11).
3. A obra de Deus é perfeita porque seus atos são perfeitamente verdadeiros e justos (Deuteronômio 32: 4).
4. O caminho de Deus é perfeito, assim sua Palavra é perfeitamente verdadeira (2 Sm 22:31).
5. Deus é moralmente perfeito (Mateus 5:48).

Herman Bavinck ilustra utilmente o que significa para Deus ser perfeito: "Uma criatura é perfeita ... em sua espécie e em sua maneira criticamente finita, quando a idéia

que é a sua norma é plenamente realizada nele. Da mesma forma, Deus é perfeito na medida em que a idéia de Deus corresponde plenamente ao seu ser e natureza. "Deus é absolutamente perfeito, perturbado por nada dentro de si mesmo e nada por fora de si. Ele é perfeitamente auto-suficiente. Bavinck mais tarde resume que Deus é "a soma de todas as perfeições concebíveis, a mais alta perfeição em pessoa, infinitamente longe de todos os defeitos e limitações" .[30] Por causa de sua absoluta perfeição e auto-suficiência, Deus é o ser mais feliz que pode ser concebido . Assim, a doutrina da perfeição divina implica a doutrina da bem-aventurança divina (ver "Bem-Aventurança").

As Perfeições Transmissíveis

ESPIRITUALIDADE E INVISIBILIDADE

A espiritualidade ea invisibilidade de Deus descrevem sua perfeita falta de material na essência divina, de modo que sua essência não pode ser percebida pelos sentidos físicos.

Evidências bíblicas . A lista a seguir resume o ensinamento bíblico sobre a espiritualidade e invisibilidade de Deus:

1. Deus é eterno (Salmo 90: 1-2), onipresente (Salmo 139: 7-12), e invisível (Romanos 1:20, Col. 1: 15-16, 1 Tim. 1:17; Hebreus 11:27, veja também Êxodo 33:20).
2. Embora Deus tenha uma forma essencial (Filipenses 2: 6), sua forma não é vista (Deuteronômio 4:12, 15, João 1:18, 5:37; 6:46; 1 Tim. 6:16; 1 João 4:12, 20) porque não é físico.
3. Deus está presente em sua criação de uma maneira espiritual (Gênesis 2: 7, Jó 33: 4, Salmos 33: 5-6, 104: 30, 139: 7).
4. Jesus Cristo disse que Deus é espírito (João 4:24).

E quanto à esperança de ver Deus? A invisibilidade de Deus parece contradizer a esperança que os crentes têm de ver Deus depois da ressurreição (Jó 19:26, Salmo 17:15, Mateus 5: 8, 1 João 3: 2 e Apocalipse 22: 4). Os cristãos passados chamaram essa visão de "visão beatífica". Como é que os humanos, mesmo depois de receberem seus corpos de ressurreição, "verão" o "rosto" de Deus? A resposta deve levar em conta que, mesmo em seus corpos de ressurreição, as pessoas ainda serão humanas e, portanto, ainda terão forma finita e capacidades. No entanto, no céu e no estado eterno, os crentes não terão qualquer corrupção causada pelo pecado que habita em si, para que tenham uma percepção maior de Deus, porque sua visão espiritual será maior. **As declarações sobre ver Deus e seu rosto no futuro devem ser interpretadas como relacionadas a uma visão espiritual comparativamente maior da revelação de Deus sobre si mesmo, e não como uma visão física de sua essência. No estado eterno, a percepção espiritual do crente de Deus alcançará além do que os sentidos físicos podem ver. (Nisto, veja João 14: 7-9, onde Jesus descreve como se pode ver Deus de uma forma mediada sem ver todos os aspectos dele, ver 1 João 3: 2.) Na Escritura, o "rosto" de Deus (por exemplo, Mateus 18:10) é um antropomorfismo para a mediação externa de Deus de sua presença. O "rosto" de Deus não é sua essência. Onde Jesus descreve como se pode ver Deus de uma forma mediada sem ver todos os aspectos dele; Cf. 1 João 3: 2.) Na Escritura, o "rosto" de Deus (por exemplo, Mateus 18:10) é um antropomorfismo para a mediação externa de Deus de sua presença. O "rosto" de Deus não é a sua essência. Onde Jesus descreve como se pode ver Deus de uma forma mediada sem ver todos os aspectos dele; Cf. 1 João 3: 2.) Na Escritura, o "rosto" de Deus (por exemplo, Mateus 18:10) é um antropomorfismo para a mediação externa de Deus de sua presença. O "rosto" de Deus não é sua essência.**

SABEDORIA

A sabedoria de Deus é seu conhecimento perfeito de como agir habilmente para que ele realize toda a sua boa vontade - glorificar a si mesmo. Esta definição é baseada na palavra hebraica para " *sabedoria* " , *hokmah* , que pode *significar* " *habilidade* ".

A evidência bíblica para este atributo é visível naquele Deus criado pela sua sabedoria (Jó 9: 4; 37-38; Salmo 19: 1-7; 104: 1-34; Provérbios 8: 22-31; Isa. 40 : 28, Jeremias 10:12) e que Deus redime com a sua sabedoria (Deuteronômio 4: 6-8, Romanos 11: 25-33 [16:25] 27], 1 Cor. 2: 6-13, Ef 3: 10-11, Apocalipse 5:12). Deus é a própria fonte da própria sabedoria (Provérbios 2: 6, 9:10, Tiago 1: 5). Além disso, ele é omnisapente, o que significa que ele é todo sábio (Jó 12:13, Salmo 147: 5, Isaías 40:28, Romanos 11:33, 16:27).

VERDADE E FIDELIDADE

A verdade e a fidelidade de Deus são a perfeita correspondência da natureza de Deus com o que Deus deve ser, com a confiabilidade de suas palavras e ações, e com a precisão de seu conhecimento, pensamentos e palavras.

A lista a seguir apresenta evidências bíblicas para este atributo:

1. Ele é o único Deus real; Portanto, ele é verdadeiro, em contraste com os deuses falsos (Deuteronômio 32:21, Salmos 96: 5, 97: 7, 115: 4-8, Isaías 44: 9-10, João 14: 6, 17: 3, 1 João 5:20).
2. Ele não pode mentir ou arrepender-se como um homem, isto é, de tal maneira que sua palavra é falsa (Números 23:19, 1 Sam. 15:29).
3. Ele é o Deus de *khesed* (Heb. Por "amor leal") e verdade (2Sm 2: 6; 15:20, Salmo 40:11).
4. Todas as palavras de Deus são verdadeiras e fiéis (2 Samuel 7:28, Salmos 19: 9, 25:10, 33: 4, 111: 7, 119: 86, 142, 151, Dan. 4:37; João 17:17, Efésios 1:13).
5. Deus é abundante na verdade (Êxodo 34: 6 NASB).
6. A fidelidade de Deus se estende às nuvens (Salmo 36: 5).
7. Deus é uma rocha de refúgio, por causa de sua firmeza confiável (Dt 32: 4, 15, 18, 30, 37, Salmos 18: 2-3, 31: 6, 36: 5, 43: 2-3 54: 7; 57: 3; 71:22; 96:13; 143: 1; 146: 6; Isa. 26: 4).
8. Deus guarda os seus convênios (Dt 4:31, 7: 9, Ne 1, 5, Salmo 40:11, Dn 9: 4).
9. Deus é fiel para dar uma salvação completa (1 Coríntios 1: 9; 10:13; 1 Tessalonicenses 5:24; 2 Tessalonicenses 3: 3; Hb 10:23; 11:11; 1 João 1: 9).
10. Todas as promessas de Deus em Cristo são respondidas por "Sim" e "Amém" (2 Cor. 1: 18-20).

Deus é verdadeiro metafisicamente. Ele é o que Deus deve ser. Ele não é como os falsos deuses, que são vaidades e mentiras (Salmos 96: 5; 97: 7; 115: 4-8, Isaías 44: 9-10).

Deus é eticamente verdadeiro. Sua revelação de si mesmo é perfeitamente fiável (Êxodo 34: 6, Números 23:19, Deuteronômio 32: 4, Salmos 25:10, 31: 6, Jeremias 10: 8, 10, João 14: 6, 17 : 3, Romanos 3: 4, Tito 1: 2, Hebreus 6:18, 1 João 5: 20-21). Isso significa que Deus é absolutamente fiel (Deuteronômio 7: 9, Salmo 89:33, Isaías 49: 7, Lam. 3: 22-23, 1 Coríntios 1: 9, 2 Tim. 2:13, Heb. 6: 17-18, 10:23).

Deus é verdadeiro logicamente. Ele sabe tudo como realmente é.

BONDADE

A bondade de Deus é que ele é a perfeita soma, fonte e padrão (para si e suas criaturas) do que é saudável (propício ao bem-estar), virtuoso, benéfico e belo.

Evidências bíblicas . A bondade de Deus é visível na seguinte evidência da Bíblia:

1. Não há um só bem senão Deus (Mateus 5:48, Marcos 10:18 e Lucas 18:19).
2. Todas as criaturas são chamadas a louvar a sua bondade (1 Crônicas 16:34, 2 Crônicas 5:13, Salmos 106: 1, 107: 1, 118: 1, 136: 1, Jeremias 33:11).
3. As pessoas são instadas a confiar no Senhor e descobrir que ele é bom (Sl 34: 8).

Explicação da bondade de Deus . Deus é *o* bem absoluto (Marcos 10:18, Lucas 18:19). Como tal, ele não pode estar satisfeito com nada menos que a perfeição absoluta. Portanto, em um sentido último, ele pode estar satisfeito apenas com ele mesmo. Conseqüentemente, quando ama suas criaturas, ama-as com uma consideração principal a se. Ele é absolutamente perfeito.

Deus é a fonte de todas as bênçãos de suas criaturas (Tiago 1:17). Ele é o bem supremo (Lat. *Summum bonum*) para suas criaturas - o objetivo apropriado de todos os que lutam pela verdadeira bondade.

AMOR

O amor perfeito de Deus é sua determinação em doar-se a si mesmo e aos outros, e é seu afeto por si mesmo e seu povo. Esta definição afirma que Deus tem afeições ou emoções, mas, mais uma vez, é necessário notar que os afetos de Deus não são paixões pelas quais ele é dirigido, mas princípios ativos pelos quais Deus expressa suas disposições santas. Deus não é insensível ou incapaz de compaixão; No entanto, é uma compreensão subbíblica das afeições de Deus que concebe Deus como sendo surpreendido por flutuações emocionais.

A lista a seguir apresenta o testemunho bíblico sobre o amor de Deus:

1. O Antigo Testamento testifica abundantemente do amor de Deus (Deuteronômio 4:37, 7: 8, 13, 10:15, 23, 5, 2 Crônicas 2:11, Isaías 43: 4, 48:14, 63: 9, Jeremias 31: 3, Hos. 11: 1, 4, 14: 4, Zeph. 3:17, Mal. 1: 2).
2. Deus não ama apenas as pessoas (Deuteronômio 4:37, 7: 8, 13, 23: 5, Salmos 78:68, 146: 8, Provérbios 3:12, 2 Crônicas 2:11, Jeremias 31 : 3, Mal. 1: 2), mas também virtudes (como imagens nas pessoas), como justiça e justiça (Sl 11: 7; 33: 5; 37:28; 45: 7).
3. O amor de Deus está finalmente entre as três pessoas da Trindade (João 3:35; 5:20; 10:17; 14:31; 15: 9; 17:24, 26). Que este amor inclui afeto é visto pelo uso do verbo grego *phileō* pelo amor que o Pai tem para o Filho (João 5:20).
4. O amor de Deus é manifestado no sacrifício de Cristo pelo pecado (João 15:13), pelo mundo e pela igreja (João 3:16, Romanos 5: 7-8; 8:37; 1 João 4: 9-10) , E para os indivíduos (João 14:23, 16:27, 17:23, Romanos 9:13, Gálatas 2:20). Em João 16:27, o amor de Deus Pai para os crentes inclui afeto, como atestado pelo uso do verbo *phileō* para o amor do Pai.
5. A essência de Deus é amor (1 João 4: 8, 16).

GRAÇA

A graça de Deus descreve Deus como perfeitamente concedendo favor àqueles que não podem meritê-lo porque o abandonaram e estão sob a sentença da condenação divina. Graça é simplesmente "favor" (Heb. *Khen* , Gk. *Charis*), por isso em si não inclui qualquer base no mérito ou falta de mérito. Deus sempre se favorece diante de qualquer coisa ou de qualquer outra pessoa.

A seguinte lista resume o ensinamento bíblico sobre a graça de Deus:

1. Seu objetivo é principalmente o povo de Deus (Gênesis 6: 8, Êxodo 33:12, 17, 34: 9, Provérbios 3:34).
2. Israel foi escolhido e abençoado por Deus devido somente à graça de Deus (Êxodo 15:13, 16, 19: 4, 34: 6-7, Deuteronômio 4:37, 7: 7-8, 8:14, 17 33: 3, Isa. 35:10, 43: 1, 15, 21, 54: 5, 63, 9, Jer. 3, 4, 19, 31, 9, 20, Ezek 16: 60-63, Hos. 8:14, 11: 1).
3. A graça de Deus é abundante (Êxodo 34: 6, 2 Crônicas 30: 9, Neemias 9:17, Salmos 86:15, 103, 8, 111, 4, 116, 5, Jonas 4: 2, Joel 2:13, Zc 12:10).
4. No Novo Testamento, a graça de Deus é especialmente seu favor livre e imerecido para com os pecadores ao lhes dar a salvação do pecado (Romanos 3:24, 5:15, 6:23, Ef 1: 6-7, 2: 5 , 7-8, 2 Tessalonicenses 2:16, Tito 3: 7, 1 Pedro 5:10). Esta é especial, eficaz, graça salvadora, em distinção à graça comum, que é o cuidado geral de Deus para sua criação. E é favor dado pela vontade soberana de Deus sem qualquer consideração de mérito ou falta de mérito. Deus sempre dá graça porque ele quer fazer isso.
5. A graça de Deus é manifestada em Jesus Cristo (João 1:14; 1 Pedro 1:13).
6. Os dons de Deus das bênçãos espirituais e terrenas são chamados de "graça" (Romanos 6: 1, 12: 6-8, Ef 4: 7-12, Filipenses 1: 2, Tiago 4: 6).
7. A graça de Deus é imerecida; Não permite obras de mérito (João 1:17, Romanos 4: 16, 6:14, 23, 11: 5-6, Gálatas 5: 3-4, Ef 2: 7-9) .

MISERICÓRDIA

A misericórdia de Deus descreve-o perfeitamente tendo profunda compaixão pelas criaturas (pessoas), de modo que ele demonstra bondade benevolente para com aqueles em condição lamentável ou miserável, mesmo que eles não mereçam. Esta definição é parcialmente baseada nas palavras usadas no texto original da Bíblia para " *misericórdia* " (Heb. *Rakhamim* , Gk. *Eleos*, *oiktirmos*). Como com a graça, esta perfeição não considera o mérito ou a falta de mérito do povo a quem Deus dá misericórdia.

A seguinte lista apresenta evidências bíblicas para a misericórdia de Deus:

1. É uma perfeição ou atributo de Deus (Êxodo 34: 6, Deuteronômio 4:31, 2 Crônicas 30: 9, Salmos 86:15, 103, 8, 111, 4, 112, 4, 145: 8).
2. É múltiplo (Êxodo 20: 6, Deuteronômio 5:10, 2 Sam. 24:14, Neemias 9:19, Salmos 51: 1-2, 57:10, 86: 5, Dn 9 : 9, 18).
3. Não falha (Lam. 3:22).
4. É um aspecto da afeição e do cuidado paterno de Deus (Salmo 103: 13).
5. Ele é dado aos pecadores após a disciplina divina (Isaías 14: 1; 49: 13-18; 54: 8; 55: 7; 60:10; Jeremias 12:15; 30:18; 31:20; 2: 21-23, Mic. 7:19).
6. Deus é chamado o "Pai das misericórdias" (2 Cor. 1: 3).
7. Deus mostrou sua misericórdia em Cristo (Lucas 1: 50-54).
8. Cristo mostrou a misericórdia de Deus em sua vida na terra e como o Grande Sumo Sacerdote no céu (Mateus 9:36; 14:14; 20:34; Hebreus 2:17).
9. Deus dá misericórdia ao prover a salvação em todos os seus aspectos, incluindo o sustento na vida cristã e a salvação final no retorno de Cristo (Romanos 9:23, 11:30, 1 Coríntios 7:25, 2 Cor. 4: 1; Ef 2: 4, Filipenses 2:27, 1 Tim. 1: 2, 13, 16, 2 Tim. 1: 2, 16, 18, Hebreus 4:16, 1 Pe 1: 3, 2:10 2 João 3; Judas 2, 21).

Longa duração

A longanimidade de Deus fala de seu ser perfeitamente plácido em si mesmo e para com os pecadores, apesar de sua contínua desobediência e desprezo por suas advertências. Deus não "perde o seu temperamento", mas sim age calmamente com o devido afeto de acordo com seu plano soberano eterno. A tranqüilidade não implica que Deus não tenha afeição, mas sim que os afetos de Deus não o dominem ou o façam agir contra sua natureza.

A evidência bíblica da longanimidade de Deus é visível nas seguintes observações:

1. Deus é paciente com aqueles que merecem o castigo divino (Êx 34: 6, Nm 14:18, Neemias 9:17, Salmos 86:15, 103: 8-9, 145: 8, Jeremias 15:15 Joel 2:13, Jonas 4: 2, Na 1: 3).
2. Deus era longânimo antes do tempo de Cristo (Romanos 3:25, 1 Pedro 3:20).
3. A longanimidade de Deus é mostrada aos pecadores agora, especialmente através de Jesus Cristo (Romanos 2: 4, 9: 22-23, 1 Tm 1:16, 2 Pm 3: 9, 15).
4. Deus é paciente em não responder imediatamente aos gritos de vingança justificada (Ap 6: 9-11).

SANTIDADE

A santidade de Deus é sua grandeza inerente e absoluta, na qual ele é perfeitamente distinto acima de tudo fora de si mesmo e está absolutamente moralmente separado do pecado. Esta definição é centrada no conceito de separação, que é significado pelas palavras hebraica e grega para "santo" (Heb. *Qadosh* , Gk. *Hosios, hagios*). Há dois aspectos da santidade de Deus na evidência encontrada nas Escrituras:

Santidade majestosa . Isto fala para o fato de que Deus é inerentemente grande e resiste todos os compromissos de seu caráter e, portanto, é transcendente distinto de todas as suas criaturas em majestade infinita. Ele é majestosamente único. Este sentido da santidade de Deus qualifica todos os seus outros atributos, e todos estes qualificam a sua santidade. Esta distinção transcendente é afirmada tanto pelo Antigo Testamento (Êxodo 15:11, 1 Sam. 2: 2, 2 Crônicas 30:27, Sal. 5: 7, 22: 3, 48: 1, 71:22, 89 : 18; 97:12; 98: 1; 99: 3, 5, 9; 103: 1; 105: 3; 145: 21; Prov. 30: 3; Isa. 5:16; 6: 3; 10:20 (29:23; 43: 14-15; 49: 7; 54: 5; 57:15; Jeremias 51: 5; Os. 11: 9; Hab. 1:12) eo Novo Testamento (Marcos 1:24). Lucas 1:49, 4:34, João 17:11, Apocalipse 4: 8, 6:10, 15: 4).

Ética, Santidade Moral . Visto que Deus é inerentemente grande e, portanto, transcendentalmente distinto de tudo que está fora de si, está certamente separado do pecado, moralmente e éticamente perfeito, abominando o pecado e exigindo pureza em suas criaturas morais (Levítico 11:44; 19: 2; Ezequiel 39: 7, Amós 2: 7, 5, 21, 21, 22, 24, 22, 32, Josué 24:19, Jó 34:10, Salmos 5: 5, 7:11, Isaías 1: 12-17, 23, Hab. 1:13, Zc 8:17, 1 Pedro 1: 15-16).

JUSTIÇA

A justiça de Deus é a justiça absoluta perfeita em si e para si, a sua prevenção de qualquer violação da justiça de seu caráter ea revelação de si mesmo em atos de justiça. Tanto o termo hebraico do Antigo Testamento (*tsedeqah*) como o termo grego do Novo Testamento (*dikaiosynē*) para "justiça" carregam o senso de conformidade a um padrão.

Categorização e evidência bíblica . A Bíblia descreve dois tipos de justiça:

Justiça rectoral . Esta é a retidão de Deus (do Lat. *Reto* , “reto”) como o governante moral, Legislador e Juiz da lei-impondo mundo com promessas de recompensa e punição (Dt 4: 8; 2 Sam 23:.. 3; Salmos 9: 4, 99: 4, 119: 7, 62, 75, 106, Isaías 33:22, Lucas 1: 6, Romanos 1:32, 2:26, 7:12, 8: 4, 9 : 31, Tiago 4:12).

Justiça distributiva . Este aspecto da justiça de Deus é a sua retidão na execução da lei, na distribuição de recompensa e punição (1 Reis 8:32, 2 Crônicas 6:23, Salmo 7:11, Isaías 3: 10-11, 11: 4 , 16: 5, 31: 1, Romanos 2: 6, 2 Tim. 4: 8, 1 Pedro 1:17). Duas categorias dentro da justiça distributiva de Deus são sua justiça retributiva e sua justiça remunerativa. A justiça retributiva é a imposição de castigo por Deus por desobedecer a

sua lei (2 Crônicas 12: 6, Esdras 9:15, Neemias 9: 26-30, Salmo 129: 4, Isaías 5: 15-16, Jeremias 11: 20: Ezequiel 28:22; 36:23; 38: 16-23; 39:27; 43: 8; Dn 9:14; Os. 10: 2; Zcf 3: 5; Romanos 1:32; 2: 9; 12:19; 2 Tessalonicidade 1: 8; Rev. 15: 3; 16: 5, 7; 19: 2, 11). A justiça remunerativa é a distribuição divina de recompensas por obedecer a sua lei (Deuteronômio 7: 9, 12-13, 2 Crônicas 6: 14-15, Salmo 58:11, Mateus 25:21, 34 Romanos 2: 7, Hebreus 11:26). *Deus não é obrigado a dar recompensas pela obediência, uma vez que o homem é obrigado a obedecer a Deus. Mas ele graciosamente dá-lhes (Jó 41:11, Lucas 17:10, 1 Cor. 4: 7).*

Santidade de Deus e Justiça na Salvação . Um Deus santo e justo exige santidade e justiça de pessoas que seriam corretamente relacionadas a ele (Levítico 11:44, Salmo 29: 2, 1 Pedro 1: 15-16). Deus está em oposição absoluta e essencial ao pecado, então ele deve julgar e punir o pecado. Na salvação dos pecadores, a santidade ea justiça de Deus são reveladas, porque na salvação Deus efetivamente julga o pecado e imputa a justiça às pessoas para que as possa aceitar como santas sem comprometer sua santidade e justiça essenciais.

Deus manifestou sua santidade e justiça em sua salvação passada de Israel e fará isso em sua futura salvação de seu povo. Por exemplo, em Ezequiel 39: 21-29, Deus julga e restaura Israel para manter e manifestar a sua santidade. Muitas passagens mostram similarmente que Deus manifesta sua santidade e justiça ao separar, julgar e salvar Israel (santidade: Levítico 20:26, Salmo 98: 1, 99, 9, 105, 3, 106, 47, 108, 7 , 111: 9, Isaías 10:20, 12: 6, 41:14, 20, 43: 3, 14; 45:11; 47: 4; 49: 7; 52:10; 55: 5; Ezequiel 36 : 21-23, Os. 11: 9, justiça: Ne 9: 8, Salmo 72: 2, 85:13, 116: 5, Isaías 45: 21-25, Jeremias 33:15, Mal. 4 : 2). A santidade ea justiça de Deus são especialmente manifestadas na salvação através do Senhor Jesus Cristo (Romanos 3: 21-22, 24, 26, 30, 4: 6, 25, 5: 1, 9, 8:30, 33; 6:11, Gálatas 2: 16-17, 3:24).

CIÚMES

O ciúme de Deus é a sua proteção zelosa de tudo o que lhe pertence (ele mesmo, seu nome, sua glória, seu povo, seu único direito de receber adoração e obediência última, sua terra e sua cidade).

O ciúme de Deus é visível nos seguintes ensinamentos da Escritura:

1. O nome de Deus é "Celoso" (Êxodo 34:14).
2. Deus é ciumento de ser o único Deus adorado e servido (Êxodo 20: 5, Deuteronômio 4:24; 5: 9; 6:15; 29: 18-20; 32:16, 21; 1 Reis 14: 22, Salmos 78: 58-59, 79: 1-7, 1 Coríntios 10:22).
3. Deus é ciumento para ser servido como o Deus santo (Josué 24:19, Tiago 4: 5).
4. Deus condena com júbilo o seu povo pecador (Salmo 79: 1-7, Ezequiel 16:42, 23:25).
5. Deus restaura seu povo pelo seu ciúme (2 Reis 19:31, Isaías 37:32 e 63:15).
6. Deus está com ciúmes do seu santo nome e glória (Ezequiel 39:25).
7. Deus, por seu ciúme, estabelecerá o reino davídico do Messias (Isaías 9: 6-7).
8. Deus zelosamente se vinga dos seus inimigos (Isaías 42:13, 59: 16-20, Ezequiel 5:13, 36: 5, 38:19, Na.1: 2, Zef 3: 8).
9. Deus é ciumento para a terra de Canaã e Jerusalém (Ezequiel 36: 5-38, Zacarias 1:14).

VAI

A vontade de Deus é a sua perfeita determinação e ordenação soberana de todas as coisas, pertencentes a si mesmo (incluindo os seus decretos e acções) e à sua criação (incluindo os acontecimentos da história e os pensamentos e acções das pessoas), tudo para a ampliação do seu máximo glória.

Evidências bíblicas . Tudo depende da vontade de Deus:

1. Criação e preservação (Salmo 135: 6, Jeremias 18: 6 e Apocalipse 4:11)
2. Governo (Provérbios 21: 1, Dan. 4:17, 25, 32, 35)
3. Eleição e reprovação (Rm 9: 15-16, 18, Ef 1: 11-12)
4. Sofrimento de Cristo (Lucas 22:42, Atos 2:23, 4: 27-28)
5. Regeneração (João 1:13, Tiago 1:18)
6. Santificação (Filipenses 2:13)
7. Sofrimento dos crentes (1 Pedro 3:17)
8. A vida eo destino do homem (Isaías 45: 9, Atos 18:21, Romanos 15:32, Tiago 4:15)
9. As coisas menores (Mt 10:29)

A vontade de Deus é soberanamente independente de tudo que está fora de si:

1. Ele age de acordo com seu próprio prazer (Salmo 115: 3, Provérbios 21: 1, Dn 4:35).
2. Ele não dá conta a ninguém (Jó 33:13, Isaías 46:10, Mateus 20:15, Romanos 9: 19-20).
3. Ele é retratado como o oleiro, suas criaturas como argila (Jó 10: 9, 33: 6, Isaías 29:16, 64: 8, Jeremias 18: 1-10, Romanos 9: 19-24).
4. As nações são "menos que nada" diante dele (Isaías 40: 15-17).
5. Ninguém pode impedi-lo de fazer o que bem entender (Jó 9: 2-13, 11:10, Isaías 10:15, Daniel 4:35).
6. Ele mostra misericórdia ou endurece somente de acordo com sua vontade (Romanos 9: 15-18).
7. O Espírito Santo divide os dons espirituais como ele deseja (1 Coríntios 12:11).
8. O homem não tem o direito de exigir que Deus expresse sua vontade de maneiras particulares (Mt 20: 13-16, Romanos 9: 20-21).

Pergunta . O ensino da Bíblia apresenta um problema com aparentes contradições dentro da vontade de Deus?

1. Deus quer o que o homem deve fazer (Mateus 7:21, 12:50, João 4:34, 7:17, Rm 12: 2), mas Deus também quer o que o homem faz (Salmo 115: 3; 4:17, 25, 32, 35, Romanos 9: 18-19, Ef 1: 5, 9, 11, Ap. 4:11). Às vezes parece que a vontade de Deus para o homem entra em conflito com sua vontade em suas próprias ações. Por exemplo, ele deseja que o homem obedeça, mas endurece o homem em desobediência e incredulidade (Êx 4:21, 7: 3-5, Romanos 9: 17-19).
2. Deus quer que Abraão abençoe seu filho, e então Deus impede Abraão de matar seu filho (Gênesis 22: 1-14).
3. Deus quer que Ezequias morra, mas então estende sua vida quinze anos (2 Reis 20: 1-11, Isaías 38: 1, 5).
4. Deus deseja que os justos não sejam condenados, mas Jesus foi entregue à crucificação pelo propósito determinado e presciência de Deus - e Deus considerou Israel responsável pelo assassinato do Messias (Atos 2:23, 3:18, 4: 27-28).
5. Deus odeia o pecado, não querendo que ele exista, de acordo com seus preceitos, mas ordenando que exista e o controle por sua meticulosa providência (Êx 4:21, Josué 11:20, 1 Sam 2:25; 2Sm 16:10, Habacuque 1, Atos 2:23, 4: 27-28, Romanos 1:24, 26, 28, 2 Tessalonicenses 2:11). Ele mesmo ordenou Adão e Eva a desobedecer no jardim e Satanás para afligir Jó (Jó 42:11, ver Efésios 1:11).
6. Deus deseja a salvação de todos em um sentido (Ezequiel 18:23, 32; 33:11), mas em outro sentido quer que alguns tenham misericórdia salvadora e que alguns se endureçam.

A solução para essas aparentes contradições encontra-se na distinção entre dois aspectos da vontade de Deus: sua vontade decretora e preceptiva.

Vontade decrescente . Alguns chamaram a "vontade secreta" deste Deus, e ainda assim, enquanto sua extensão total está escondida, aspectos dela são revelados (por exemplo, profecia preditiva).

Esta é a boa vontade de Deus, seu eterno e imutável conselho ou decreto no qual ele preordenou todas as coisas. A vontade decretante de Deus caracteriza toda a essência de Deus, por isso é eterna, imutável, independente e onipotente (Sl 33:11; 115: 3; Isaías 36:10; Dan. 4:25, 35; Mateus 11:25 -26, Romanos 9:18, Ef 1: 4 e Apocalipse 4:11). Isso não significa que ele é a causa imediata ou eficiente de todas as coisas, mas que todas as coisas existem ou ocorrem por seu decreto soberano eterno. A vontade decretante de Deus torna tudo certo, mas não coagula suas criaturas a fazer nada. Ele ordena as escolhas livres dos homens. Como diz a Confissão de Westminster (3.1): "Deus, de toda a eternidade, ordenou, livre e indissoluvelmente, pelo mais sábio e santo conselho de Sua própria vontade; Contudo assim, como tampouco Deus é o autor do pecado, Nem a violência é oferecida à vontade das criaturas; Nem é a liberdade ou contingência de segundas causas retiradas, mas sim estabelecidas. "

Assim, o pecado está no plano geral de Deus. Ele não tolera a desobediência de suas criaturas, nem é a causa imediata ou eficiente do pecado (Tiago 1:13). Ele não se deleita com a existência do pecado em si mesmo, mas o ordena por seu decreto, a fim de realizar o mais sábio e santo fim de trazer a glória final para si mesmo (Romanos 5: 20-21; 9: 17-24) .

Deve-se ter em mente duas advertências sobre a vontade decretante de Deus. Primeiro, sempre que a vontade decretada de Deus inclui o pecado, esse pecado certamente ocorrerá, mas será iniciado pela vontade do pecador. E segundo, a meticulosa providência de Deus inclui-o a defender os vários processos naturais e até mesmo a elaborar (sem comprometer a sua santidade) as circunstâncias da decisão do indivíduo de pecar.

Vontade preceptiva . Isto consiste nos preceitos de Deus na lei e no evangelho para a conduta do homem (Mateus 7:21, 12:50, João 7:17, Rom 12: 2, 1 Tessalonicidade 4: 3-8, 5:18; Hebreus 13:21, 1 João 2:17). É muitas vezes chamado Deus "revelado" ou "significa" vontade. Às vezes, a vontade decretória eo preceptivo coincidem, mas muitas vezes como parte de sua vontade decretada, Deus ordena que a criatura desobedece a sua vontade preceptiva. Deus revela sua vontade preceptiva por meio dos mandamentos, proibições, advertências, castigos e julgamentos da Escritura. A vontade preceptiva de Deus é a vontade de Deus somente em um sentido prescritivo. Sua vontade decretada é a perfeição que resulta em ocorrências reais. O preceptivo revelará não o que Deus fará, mas o que ele exige das pessoas.

Deus incluiu o pecado em seu plano, proibindo o homem de pecar ainda usando o pecado como um meio de trazer a maior quantidade de glória para si mesmo (Gênesis 50:20, Atos 2:23). Tanto em sua vontade decretada quanto em sua vontade preceptiva, Deus não tem prazer no pecado, nem determina absolutamente salvar todas as pessoas (por exemplo, Ezequiel 33:11 deve ser classificado sob a vontade preceptiva de Deus). A vontade decretada de Deus é executada por meio de sua vontade preceptiva.

A vontade decretória de Deus ea vontade preceptiva devem ser mantidas em tensão. Negar a sua vontade preceptiva é cometer injustiça contra a santidade de Deus e ignorar a gravidade do pecado, mas negar a vontade decretada de Deus é negar sua onisciência, sabedoria, onipotência e soberania.

Abençoada

A bem-aventurança de Deus fala de Deus como sendo perfeitamente encantado consigo mesmo. Esta definição reflete a palavra grega *makarios* , que tem o significado de

felicidade devido a um sentimento de grande privilégio. Estas palavras são representadas pela Latin *beatus* , que é a palavra da qual deriva das palavras inglesas *beatificar, bem-aventurança* , e *abençoada* . Visto que Deus é absolutamente perfeito, soberano e livre em todos os seus propósitos e obras para glorificar seu nome, ele é supremamente feliz - o mais feliz sendo concebível. (Para mais sobre este tema, veja "Perfeição" acima.)

A evidência bíblica é visível em 1 Timóteo, que descreve Deus como "o Deus abençoado" (1 Tm 1:11) e "o bendito e único Soberano" (1 Timóteo 6:15).

GLÓRIA

A glória de Deus se refere à beleza consumada da totalidade de suas perfeições. É seu supremo significado e esplendor. Esta definição reflete as palavras hebraicas para "glória" , *kabod, hod* e *hadar* . A palavra *kabod* tem o sentido de "peso" e, na extensão figurativa, "significado". As palavras *hod* e *hadar* têm o sentido de " *esplendor* ". A palavra grega para "glória" , *doxa* , também tem o *significado* primário de " Esplendor "ou" brilho ".

Quanto à evidência bíblica, a maioria das passagens que se referem à glória de Deus falam de sua glória manifestada. Tal manifestação é originada na glória da essência de Deus (Ef 3:16, Fil 4:19, Ap 15: 8). Deus manifestou sua glória para a criação (1 Crônicas 16: 26-29, Salmos 29: 3, 96: 6, 104: 1-5, 111: 4, 113: 4) e para Israel (Êxodo 16: 7, 10, 24:16, 33: 18-23, Levítico 9: 6, 23, Núm 14:10, 16:19, Deuteronômio 5:24). A glória de Deus encheu o tabernáculo e o templo (Êx 29:43; 40:34; 1 Reis 8:11). O "esplendor" de Deus foi dado a Israel (Ezequiel 16:14). No céu, a glória manifestada de Deus estava associada à santidade de Deus (Isaías 6: 3). Na terra, a glória de Deus foi vista como uma nuvem (1 Reis 8: 10-11, Isaías 6: 4) e um fogo consumidor (Êx 24:17, Levítico 9:24). Deus mais tarde manifestou sua glória em Cristo (João 1:14, 2 Coríntios 4: 4-6) e na igreja (Romanos 15: 7, 2 Coríntios 3:18, Ef 5:27).

Em resumo, as perfeições de Deus constituem sua essência, ou caráter, que transcende todas as coisas criadas em grandeza. A essência de Deus é um todo indivisível, de modo que todas e cada uma de suas perfeições caracterizam ativamente o ser inteiro de Deus. As perfeições de Deus devem ser pensadas como sempre activamente presentes em conjunto e mutuamente influenciando-se sem qualquer hierarquia, mesmo quando não são todos mencionados em uma determinada passagem da Escritura. Deus em sua natureza essencial está verdadeiramente além da compreensão humana, e as únicas respostas apropriadas para estudar até mesmo os limites de seus caminhos (Jó 26:14) são a reverência, o culto, a adoração, a confiança e o serviço.

A Trindade

Explicação
Indicações do Velho Testamento
Evidência do Novo Testamento
História inicial do desenvolvimento teológico

O sentido da incompreensibilidade de Deus só é aumentado quando o aluno da Escritura considera a realidade de que Deus é eternamente triuno. A doutrina cristã clássica da Trindade é bem resumida pelo que é conhecido como o Credo Atanasiano. Embora tenha seu nome, Atanásio (295-373 dC) não o escreveu; Em vez disso, parece ter sido escrito no quinto ou sexto século AD, o mais cedo. As principais afirmações definidoras são capturadas nesta frase: "Nós adoramos um Deus na Trindade, ea Trindade na

Unidade; não confundindo as Pessoas: nem dividindo a Substância “. [39] A doutrina da Trindade, simplesmente, é que Deus é absolutamente e eternamente uma essência subsistindo em três pessoas distintas e ordenados sem divisão e sem replicação da essência.

Como a Trindade não pode ser compreendida pela mente humana, a doutrina da Trindade deve ser definida com afirmações negativas (muitas vezes chamadas de "teologia apóftica" ou "teologia negativa"). Por exemplo, a expressão "sem divisão e sem replicação da essência", usada acima, é uma expressão da teologia negativa. Essas frases e afirmações são necessárias para colocar limites adequados nas afirmações positivas, como a feita acima: "Deus é absolutamente e eternamente uma essência subsistindo em três pessoas distintas e ordenadas". Esta afirmação positiva precisa de limites para impedir que as pessoas pensem que As três pessoas têm um terço da essência divina (parcialismo) ou uma essência divina completa que é distinta das essências completas, mas idênticas, das outras duas pessoas (tritheism). Se a essência fosse dividida entre as três pessoas, nenhuma das pessoas seria divina. E se a essência fosse replicada nas três pessoas, o resultado seria três deuses.

Embora várias heresias históricas e grupos de culto contemporâneos acusem a Trindade de ser uma doutrina ilógica derivada da filosofia humana, a triunidade de Deus não é nenhuma dessas coisas, porque é em primeiro lugar e acima de tudo uma doutrina bíblica. Embora possa ser em última instância incompreensível, não é contrário à razão e à lógica, mas pode ser racionalmente explicado, apoiado e compreendido através da revelação bíblica. Berkhof elabora:

> A doutrina da Trindade é muito decididamente uma doutrina da revelação. É verdade que a razão humana pode sugerir alguns pensamentos para fundamentar a doutrina, e que os homens às vezes, por razões puramente filosóficas, abandonaram a idéia de uma unidade nua em Deus e introduziram a idéia de movimento vivo e auto-distinção. E também é verdade que a experiência cristã parece exigir uma tal construção da doutrina de Deus. Ao mesmo tempo, é uma doutrina que não teríamos conhecido, nem teremos podido manter com algum grau de confiança, apenas com base na experiência, e que é trazida ao nosso conhecimento apenas pela auto-revelação especial de Deus. Portanto, é de extrema importância reunir as provas bíblicas para isso.

Explicação

UM DEUS SIMPLES

Há somente um Deus, e ele consiste em uma essência simples (não composta, indivisível) (Deuteronômio 6: 4, Marcos 12:29, João 17: 3, Tiago 2:19, ver "Unidade: Unidade Numérica" e "Unidade" : Simplicidade "acima [p.174]).

TRÊS PESSOAS

O único Deus existe eternamente como três pessoas *distintas* (também *conhecidas* como *subsistências* e *hipóstases*). As passagens seguintes revelam que há três pessoas divinas: Mateus 3: 16-17; 4: 1; João 1:18; 3:16; 5: 20-22; 14:26; 15:26; 16: 13-15. As distinções entre as pessoas são especificadas mais adiante pela ilustração antiga seguinte, consultada vària como "o protetor da trindade" ou "o protetor da fé" (a confirmação a mais adiantada data ao décimo terceiro século adiantado). [41]

1. O Pai é Deus.
2. O Filho é Deus.
3. O Espírito Santo é Deus.
4. O Pai não é o Filho.
5. O Pai não é o Espírito Santo.
6. O Filho não é o Espírito Santo.

COEQUALIDADE ESSENCIAL

Cada pessoa da Trindade (também conhecida como a Divindade) possui toda a essência simples (não dividida) de Deus. Este fato significa que as três pessoas, embora distintas uma da outra, são iguais em toda perfeição da essência divina. Eles são *essencialmente iguais* . Isto é, com respeito à essência de Deus, as três pessoas são iguais entre si. Outra maneira de dizer isso é que as três pessoas são ontologicamente (em relação ao seu ser ou essência) iguais entre si.

DISTINÇÕES PESSOAIS

Como cada uma das três pessoas da Trindade também possui a essência divina completa e indivisa e, portanto, são igualmente Deus, surge a questão de como essas pessoas podem ser distinguidas umas das outras. A melhor resposta é recorrer à própria Escritura e notar que a forma mais comum de falar das pessoas da Trindade é como "Pai", "Filho" e "Espírito Santo". Essas designações, também chamadas de modos de subsistência, Revelam as propriedades pessoais que distinguem cada membro da Trindade dos outros. Ao chamar a primeira pessoa da Trindade de "Pai" (Lat. *Pater*), a Escritura pretende atribuir-lhe a propriedade pessoal de *paternidade* em relação ao Filho.

Ao chamar a segunda pessoa da Trindade "Filho" (Lat. *Filius*), a Escritura pretende atribuir a propriedade pessoal da *filiação* , ou filiação, a ele com respeito ao Pai. Ao chamar a terceira pessoa do Espírito da Trindade (Lat. *Spiritum*), a Escritura pretende atribuir-lhe a propriedade pessoal da *espiração* , ou procissão, com respeito ao Pai e ao Filho. Em virtude de sua paternidade, o Pai é unbegotten mas gera eternamente (ou "gera," Gk. *Gennaō*) o filho. Em virtude de sua filiação, o Filho é gerado, ou eternamente gerado, pelo Pai. Em virtude de sua espiração, o Espírito procede eternamente do Pai e do Filho. Esses conceitos são melhor resumidos pelo Credo Atanasiano:

> O Pai não é feito de ninguém; Nem criado, nem gerado.
> O Filho é do Pai somente; Não feito, nem criado; Mas gerado.
> O Espírito Santo é do Pai e do Filho; Nem feito, nem criado, nem gerado; Mas procedendo.
> Assim há um Pai, não três Pais; Um Filho, não três Filhos; Um Espírito Santo, não três Espíritos Santos.

Esses modos distintos de relacionamento estabelecem uma ordem definida (Lat. *Taxis*) dentro da Trindade, de modo que é apropriado dizer (apenas com relação à sua relação, não com respeito à sua essência, glória ou majestade) que o Pai é o primeiro , O Filho é o segundo, eo Espírito é o terceiro.

Esses atos de geração eterna e procissão eterna são às vezes chamados de *ópera ad intra* , ou as obras internas, da Trindade. Isto é, são atos eternos dentro da vida interior da Trindade, que estabelecem os modos de subsistência pessoal de cada membro da Divindade. Eles diferem da *ópera ad extra* , ou as obras externas, que produzem efeitos fora da essência de Deus, ou seja, sobre a criação. A Escritura atribui as várias obras de Deus na economia da redenção a um membro particular da Trindade. O Pai é particularmente escolhido como o Criador (1 Pedro 4:19); O Filho é distinguido como o

Redentor e Mediador (Romanos 3:24, Ef 1: 7; 1 Tm 2: 5); E o Espírito é identificado como o agente da santificação (2 Tessalonicenses 2:13; 1 Pm 1: 2). As obras externas da Trindade na economia da redenção refletem, portanto, a ordem estabelecida pelas obras internas de geração e procissão eternas dentro da vida divina. O Pai envia o Filho na economia da redenção porque ele gera o Filho eternamente. *O Espírito é enviado pelo Pai e pelo Filho ad extra* porque Ele eternamente procede deles *ad intra* .

No entanto, em todas essas obras, as três pessoas da Trindade trabalham inseparavelmente juntas (João 14:10). Embora uma pessoa ou outra possa ser enfatizada em uma obra particular, nenhuma pessoa faz nenhum trabalho exclusivo das outras duas pessoas, pois, como diz o clássico ditmento, "as obras externas da Trindade são indivisas" (*Opéra Trinitatis ad extra indivisa Sunt*). Observe, por exemplo, as seguintes passagens, que atribuem as obras descritas acima às outras pessoas da Trindade:

1. Criação e preservação
    uma. Por meio do Filho (João 1: 3, 10, Col. 1: 16-17, 1 Coríntios 8: 6, Hebreus 1: 2-3, 10)
    B. Por meio do Espírito (Gênesis 1: 2, Jó 26:13, 32: 8, 33: 4, 34: 14-15, Salmo 104: 30)
2. Redenção
    uma. Através do Pai (1 Crônicas 17:21, Isaías 63:16, Gálatas 4: 4-5)
    B. Através do Espírito (Hebreus 9:14, Romanos 8:11)
3. Santificação
    uma. Através do Pai (João 17:17; 1 Tessalonicenses 5:23)
    B. Através do Filho (1 Coríntios 1:30, Ef 5: 25-27)

Um Mistério . A Trindade é um mistério em dois sentidos. É um mistério no sentido bíblico em que é uma verdade que foi escondida até revelada. Mas também é um mistério em que, em sua essência, é supraracional, em última análise, além da compreensão humana. É apenas parcialmente inteligível para o homem, porque Deus o revelou nas Escrituras e em Jesus Cristo. Mas não tem nenhuma analogia na experiência humana, e seus elementos centrais (três pessoas iguais, cada uma possuindo a essência divina completa e simples, e cada uma eternamente relacionada com as outras duas sem subordinação ontológica) transcende a razão do homem.

Conseqüentemente, a doutrina deve ser aceita pela fé, baseada em como a Divindade é revelada nas Escrituras. E deve ser articulada de tal maneira que a essência de Deus não seja dividida e que as distinções ea co-igualdade de ser entre as três pessoas não sejam comprometidas. A doutrina da Trindade precisa de teologia positiva e negativa.

Ilustrações . A Trindade não tem analogias perfeitas na experiência humana. Os teólogos tentaram encontrar uma ilustração perfeita da Trindade, mas todas essas tentativas dividiram a essência, comprometeram a distinção entre as três pessoas ou perderam a visão da essência *pessoal* de Deus . Nada na criação é exatamente como a Trindade. O que se segue é uma síntese dessas ilustrações, juntamente com suas fraquezas:

1. Ilustrações de natureza inanimada:
    uma. Água da fonte, creek, e rio
    B. Névoa crescente, nuvem e chuva
    C. Chuva, neve e gelo
    D. Raiz, tronco e ramos de uma árvore
    Fraqueza : A essência inteira não está presente, mas é dividida ou distribuída.

2. Ilustrações da vida e da mente do homem:
    uma. A unidade psicológica da memória, afeições e vontade (analogia de Agostinho)
    B. Unidade lógica de tese, antítese e síntese (analogia de Hegel)

C. A unidade metafísica do sujeito, do objeto e do sujeito-objeto (analogia de Shedd)
Fraqueza : Estes não têm qualquer unidade dos três.

3. Ilustração do amor: Necessita sujeito, objeto e união dos dois
Fraqueza : Duas pessoas (concretas) e um relacionamento (abstrato) compõem esta tríade, ao invés de três pessoas na essência divina. Além disso, o amor não é uma substância que é comumente possuído, mas uma qualidade.

Nenhuma ilustração pode comunicar plenamente a Trindade, porque a Trindade é Deus e sempre transcende a ordem criada em essência, pessoas e relacionamentos. Mas, enquanto os professores deixarem claro que cada analogia será, em certa medida, inadequada, ainda pode ser rentável usar essas ilustrações impróprias para explicar por que e como elas são insuficientes como representações adequadas da Trindade. Ao entender que a Trindade *não* é como os três estados de H_2O (gelo, água, vapor), o aluno aprende a rejeitar o modalismo. Ao saber que a Trindade não é como as três folhas de um único trevo, ele evita o parcialismo. Ao perceber que a Trindade não é como a luz eo calor que emana do sol, ele se recusa a arianismo.

Indicações do Velho Testamento

O NOME PLURAL *ELOHIM*

O nome hebraico divino *elohim* , sendo uma forma plural, permite uma pluralidade em Deus. Mas a forma plural não requer essa pluralidade, porque há razões para usar um plural diferente de indicar mais de uma entidade (por exemplo, para mostrar honra ou para indicar intensidade). Olhando para trás a partir da clareza da revelação do Novo Testamento, pode-se ver *elohim* como pelo menos uma preparação divina para a posterior revelação mais completa de Deus como triune.

OUTROS TÍTULOS PLURAIS PARA DEUS

Em Eclesiastes 12: 1, "teu Criador" traduz um particípio hebraico plural, e em Isaías 54: 5, "teu Criador" também traduz um particípio plural hebraico. Novamente, porque os plurais têm vários usos possíveis em hebraico, esses títulos não provam que Deus é mais do que uma pessoa, embora sejam compatíveis com e se preparem para a revelação mais clara do Novo Testamento da Trindade.

DEUS FALANDO DE SI MESMO COMO PLURAL

Outra evidência possível do Velho Testamento de que Deus é mais de uma pessoa é encontrada em passagens onde Deus fala de si mesmo usando outras formas plurais. Em Gênesis 1:26, Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem". O verbo em inglês com o pronome plural traduz um hebraico de primeira pessoa do verbo plural. Deus está falando de si mesmo e não inclui os anjos, porque o versículo 27 diz que "Deus criou o homem à sua própria imagem." Outro verbo em hebraico de primeira pessoa refere-se a Deus falando de si mesmo em Gênesis 11: 7: Nós descemos e confundimos a sua língua ". Deus está respondendo à decisão do homem de erguer a torre de Babel como um ato de rebelião contra o comando divino de se dispersar sobre a terra. Não há nenhuma indicação em Gênesis 11 de ninguém além de Deus no céu.

Em Gênesis 3:22, Deus usa um pronome plural para se referir a si mesmo: "Eis que o homem se tornou como um de nós". De acordo com a declaração de Gênesis 1:26, Gênesis 3:22 também se refere apenas a Deus. Um outro pronome plural é aplicado por Deus a si mesmo em Isaías 6: 8, onde Deus fala para que Isaías possa ouvi-lo: "A quem enviarei, e

quem irá por nós?" Aqui o verbo hebraico em primeira pessoa para o envio de Deus é Seguido por um pronome plural referindo-se a Deus.

Essas passagens mostram Deus falando de si mesmo como singular e plural. Como com o nome *elohim* , esses plurais poderiam ser plurais de intensidade. Mas a clareza progressiva do Novo Testamento a respeito da Trindade argumenta mais que esses plurais, considerados em combinação com verbos e pronomes singulares para Deus, constituem as afirmações de Deus de que ele é um e ainda plural.

MAIS DE UMA PESSOA COMO "DEUS"

No entanto, a evidência mais forte Antigo Testamento que Deus é mais do que uma pessoa entra em passagens em que mais de uma pessoa é chamado de “Deus” ou No Salmo 45 “Senhor”.: 6-7, o Messias é referido como “Deus” (*Elohim*) E é entronizado, tendo sido ungido por "Deus" (*elohim*):

> O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre.
> O cetro do teu reino é um cetro de retidão;
> Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade.
> Portanto, Deus, vosso Deus, vos ungiu
> Com o óleo de alegria além de seus companheiros.

Em Hebreus 1: 8-9, por inspiração do Espírito Santo, o autor de Hebreus prediz que "Deus" dirá as palavras do Salmo 45: 6-7 ao "Filho", que será entronizado como "Deus" por "Deus."

Ainda mais importante é o Salmo 110: 1: "O SENHOR diz ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha o teu inimigo por escabelo de teus pés". "Neste salmo messiânico - o texto do Antigo Testamento mais citado e aludido no Novo Testamento - Yahweh fala ao Messias como" meu Senhor "(Heb. *Adonai*). Por inspiração, os escritores do Novo Testamento identificam Jesus como o "Senhor" a quem o " SENHOR " fala. O próprio Jesus afirmou implicitamente aos fariseus que, neste salmo, David chamou o Messias de "Senhor" (Mateus 22: 41-45, Marcos 12: 35-37, Lucas 20: 41-44). Jesus estava reivindicando ser divino, e Davi se dirigiu a ele como tal. Em Atos 2: 32-36, Pedro disse que o Salmo 110: 1 foi cumprido pela exaltação de Jesus após sua ressurreição.

A importância destas passagens para o Trinitarianismo é que no Novo Testamento Deus o Espírito Santo afirmou que Salmos 45: 6-7 e 110: 1 revelaram que há pelo menos duas pessoas divinas, e uma delas é "o Filho" Que é tanto *elohim* e *adonai* .

Filho de YAHWEH

Há algumas passagens do Antigo Testamento que dizem que Deus tem um "filho". Salmo 2: 2, 6-7 prevê que o "Ungido" de Deus será entronizado "em Sião" com base no decreto de Deus declarando: "Você é meu Filho; Hoje, eu o gerei ". Assim, este" Rei "será entronizado como o" Filho "de Deus por causa de um decreto que o nomeia como" Filho "de Deus. Embora no Antigo Testamento, Salmo 2: 6-7 não seja por si só Afirme que o designado "meu Filho" é o eterno e divino Filho de Deus, o Novo Testamento inspirado pelo Espírito aplica esta passagem a Jesus como o Filho eterno e divino (Heb.1: 1-3).

"UM" EM DEUTERONOMIA 6: 4

O Shema em Deuteronômio 6: 4 declara: "Ouve, ó Israel: O SENHOR nosso Deus, o SENHOR é um." Este credo judeu, relativo a Yahweh como o único Deus verdadeiro e como único "um", permite uma pluralidade Deus como um só. A palavra "um" em

Deuteronômio 6: 4 traduz o adjetivo hebraico *ekhad* , que afirma a unidade de Deus, mas pode permitir a pluralidade nessa unidade. Esta palavra também é usada em Gênesis 2:24 da "única carne" do marido e da esposa em casamento. É verdade que em outros usos de *ekhad* , uma unidade composta não é *significada* . Mas se Deuteronômio 6:04 tinha a intenção de afirmar que Deus é apenas uma pessoa, outra palavra hebraica certamente teria sido usado, ou seja, *yakhid* , que tem o sentido de "só, solitário" (ver Salmos 68: 6). Deuteronômio 6: 4 é uma afirmação do monoteísmo, não do unitarismo. Ela não contradiz a doutrina da Trindade (ver 1 Coríntios 8: 6) e até permite que Deus seja mais de uma pessoa.

O ANJO DE YAHWEH (ANJO DE DEUS)

O Antigo Testamento revela essa pessoa como uma pessoa divina a quem algumas passagens se referem como Yahweh e Deus, e outras passagens retratam como falar a Yahweh. Assim, o Antigo Testamento apresenta o anjo de Yahweh como Yahweh e ainda assim distinto de Yahweh.

As provas de que o anjo de Yahweh era divino incluem o seguinte:

1. Seu nome era usado indistintamente com o nome de Deus (Gn 16: 7, 13; 21:17, 19-20; 22:11, 14; 31:11, 13; 48: 15-16; Ex. 3: 2 , 4, Judg. 6:11, 14, 16, 20-21, 23; 13: 3, 22-23).
2. Quando o anjo do Senhor fez promessas, Deus as criou (Gn 16:10; 22: 15-17, cfr 12: 2, 13:16).
3. O nome de Javé estava no anjo de Javé (Êxodo 23: 20-21).
4. As pessoas ofereceram sacrifícios ao anjo de Javé (Gn 22: 11-13, Jz 6:21, 13:16, 19-22).
5. Como o anjo previsto ("mensageiro") da aliança, ele seria "o Senhor" (Heb. *Adon* , Mal. 3: 1).
6. As pessoas que viram o anjo de Javé identificaram-no pelo nome como divino (Gênesis 16: 11-13, Jz 6: 22-23, 13: 21-22).
7. O anjo de Yahweh poderia perdoar pecados (Êx 23:21, Zc 3: 3-4).
8. O anjo de Yahweh afirmou ser "Deus" (Gn 31:11, 13, Ex. 3: 2-6).

O que é especialmente importante para o Trinitarianismo é que o Antigo Testamento mostra que o anjo de Yahweh era chamado Yahweh e Deus, mas também era distinto de Javé:

1. O Senhor enviou o anjo de Javé (Êxodo 23: 20-23, 32:34, Nm 20:16).
2. O anjo do SENHOR e Jeová falaram entre si (Zc 1: 12-13).

O ponto desta seção é que a revelação do Antigo Testamento do anjo de Yahweh é evidência de que o Velho Testamento inclui a verdade de que há mais de uma pessoa na Divindade. Não é de admirar que, à luz da revelação mais clara do Novo Testamento sobre a triunidade de Deus, muitos teólogos na história da igreja (por exemplo, Justino Mártir, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Cipriano, Hilário de Poitiers, Basílio de Cesaréia, E João Calvino) identificaram o anjo do Antigo Testamento de Javé como o pré-encarnado Jesus Cristo. Eles viram as passagens do Antigo Testamento sobre o anjo de Javé não como contraditórias, mas como apoiando a doutrina da Trindade.

O ESPÍRITO SANTO COMO DIVINO

O Antigo Testamento também fala do Espírito Santo como divino. As passagens do Antigo Testamento afirmam que o Espírito Santo tem perfeições divinas. De acordo com

Isaías 11: 2, o Espírito é a fonte da sabedoria, poder e conhecimento divinos, eo Salmo 139: 7 ensina que o Espírito é onipresente. O Antigo Testamento também descreve o Espírito como envolvido no ato original de criação e na obra de preservar o que Deus criou (Gênesis 1: 2, Jó 26:13; 34: 14-15, Salmos 33: 6; : 30). O Espírito de Deus ainda reprime o pecado (Gênesis 6: 3, Isaías 63:10). Qualquer que seja o Espírito Santo na revelação do Antigo Testamento, ele é pessoal e divino. Pode-se argumentar que não se pode construir uma doutrina do Espírito como uma pessoa distinta, divina de passagens do Velho Testamento, e que tais passagens não são mais do que representações poéticas da presença de Deus. Contudo, O Antigo Testamento não está sozinho; O Novo Testamento a complementa com uma revelação mais completa da doutrina da Trindade, incluindo que o Espírito Santo é uma pessoa distinta e divina na Divindade. Além disso, deve-se notar que os contemporâneos judeus de Jesus, especialmente seus discípulos, pareciam compreender que o Espírito Santo é uma pessoa distinta e divina (ver Mateus 1:20, 3:11, Lucas 1:15, 35, 11: 13, 12:10, João 14:26, 20:22). Claramente, eles chamaram este conceito do Antigo Testamento ou pelo menos o viram como totalmente consistente com ele. Pareceu compreender que o Espírito Santo é uma pessoa distinta e divina (ver Mateus 1:20, 3:11, Lucas 1:15, 35, 11:13, 12:10, João 14:26, 20:22) . Claramente, eles chamaram este conceito do Antigo Testamento ou pelo menos o viram como totalmente consistente com ele. Pareceu compreender que o Espírito Santo é uma pessoa distinta e divina (ver Mateus 1:20, 3:11, Lucas 1:15, 35, 11:13, 12:10, João 14:26, 20:22) . Claramente, eles chamaram este conceito do Antigo Testamento ou pelo menos o viram como totalmente consistente com ele.

A PALAVRA DE DEUS

Outro aspecto do Antigo Testamento que prepara o caminho para a revelação mais clara do Novo Testamento da doutrina da Trindade é o conceito da "palavra" de Deus (Heb. *Dabar*). A revelação do Novo Testamento do Filho de Deus como a "palavra" divina é apoiada e prenunciada pelas seguintes verdades do Antigo Testamento:

1. Deus criou por meio de sua palavra (Gn 1: 3, 6, 9, 11, 14, 20, 22, 24, Salmos 33: 6, 9, 104: 7, 147: 18; .
2. Deus estende o cuidado providencial por meio de sua palavra (Deuteronômio 8: 3, Salmos 106: 9, 147: 15-18).
3. Deus salva por meio de sua palavra: Deus dá a vida (Deuteronômio 32:47, Salmo 119: 25), guia (Salmo 119: 105), castiga (Isaías 9: 8) e Salvará a nação de Israel e restaurará o povo à sua terra (Isaías 55: 10-13).
4. A palavra de Deus tem o poder de Deus: a palavra de Deus quebra e corta (Isaías 9: 8-10), consome como fogo (Jeremias 5:14), destrói como um martelo (Jeremias 23:29), cumpre o propósito de Deus Isaías 55:11), e cura (Salmo 107: 20).

OUTRAS INDICAÇÕES DO VELHO TESTAMENTO

Existem pelo menos três outras facetas do Antigo Testamento que servem como preparação para a doutrina do Novo Testamento da Trindade.

Sabedoria Divina . A revelação do Antigo Testamento da sabedoria de Deus é compatível com o ensino do Novo Testamento de que a sabedoria de Deus é uma pessoa distinta e divina, a saber, Cristo. Assim, 1 Coríntios 1:24 chama Cristo de "sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:30). No Antigo Testamento, a sabedoria de Deus é seu meio de criar todas as coisas (Provérbios 3:19). Em Provérbios 8: 22-36, a sabedoria de Deus é poeticamente personificada como a possessão de Deus e como seu meio de dar vida,

instrução e graça. Assim, passagens como Provérbios 8 e Jó 28: 12-28 descrevem a sabedoria de Deus como uma entidade distinta. Talvez essas passagens descrevam a sabedoria como pessoa através da personificação poética e, portanto, não descrevem literalmente a sabedoria como pessoa.

Três Entidades Distintas e Divinas . Há algumas passagens em Isaías nas quais três entidades distintas atuam. Isaías 61: 1-2 profeticamente retrata o Messias ("eu") dizendo:

> O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim,
> Porque o SENHOR me ungiu
> Para trazer boas novas aos pobres;
> Ele me enviou para amarrar os quebrantados de coração,
> Para proclamar a liberdade aos cativos,
> E a abertura da prisão aos que estão presos;
> Para proclamar o ano DO favor DO SENHOR ,
> E o dia da vingança do nosso Deus;
> Para confortar todos os que choram.

Esta passagem contém "o SENHOR " (Yahweh), "o Espírito do Senhor", eo orador, que é o Messias. Os editores da NKJV estão corretos ao ver os comentários do Messias como começando no versículo 1 e continuando pelo versículo 9, o que significa que é o Messias que no versículo 8 diz: "Eu, o SENHOR, amo a justiça". Em outras palavras, o Messias é enviado Por Yahweh e chama-se Yahweh. Há pelo menos duas pessoas divinas nesta passagem, e porque "o Espírito" é nomeado, este contexto avança a preparação para a doutrina do Novo Testamento da Trindade.

Outra passagem a considerar é Isaías 63: 7-10:

> Contarei o amor firme do SENHOR ,
> Os louvores do SENHOR ,
> Segundo tudo o que o SENHOR nos concedeu,
> E a grande bondade para a casa de Israel
> Que ele lhes concedeu segundo a sua compaixão,
> Segundo a abundância de seu amor firme.
> Porque ele disse: Certamente eles são o meu povo,
> Filhos que não tratam falsamente ".
> E ele se tornou seu Salvador.
> Em toda a sua aflição ele foi afligido,
> E o anjo da sua presença os salvou;
> No seu amor e na sua compaixão os resgatou;
> Ele os levantou e os carregou todos os dias de antigamente.
> Mas eles se rebelaram e entristeceram o seu Espírito Santo;
> Portanto ele se transformou em seu inimigo,
> E ele mesmo lutou contra eles.

Aqui, "o SENHOR " (Javé), "seu Espírito Santo" e "o anjo de sua presença" são mencionados. Parece melhor ver o último como o anjo de Yahweh discutido anteriormente. Se é assim, então há pelo menos duas pessoas divinas neste contexto. E o Espírito Santo está aqui uma pessoa, porque ele está "triste". Como tal, o Espírito Santo também é divino, uma vez que foi o povo do luto por ele através da rebelião que resultou em retribuição divina. Esta passagem se move mais para a doutrina cheia do Novo Testamento da Trindade.

Mais uma passagem do Antigo Testamento que pode especificar três pessoas divinas é Isaías 48:12, 16:

"Ouça-me, ó Jacó,
E Israel, a quem eu chamei!
Eu sou ele; Eu sou o primeiro,
E eu sou o último ...
"Aproxime-se de mim, ouça:
Desde o começo eu não falei em segredo,
Desde o momento em que veio a ser eu estive lá. "
E agora o Senhor DEUS me enviou, e seu Espírito.

Há pelo menos duas entidades divinas nesta passagem: "o Senhor DEUS " e "seu Espírito" (Isaías 48:16). A personalidade do Espírito não pode ser pressionada imediatamente neste contexto, mas quando combinada com Isaías 63: 7-10, é claro que o Espírito é uma pessoa divina. Mas não está absolutamente claro se uma terceira entidade divina está retratada em Isaías 48:12, 16. As traduções inglesas estão divididas sobre se o orador do versículo 12, que é divino ("Eu sou ele, eu sou o primeiro, e eu Sou o último "), continua a falar até o final do versículo 16. A NASB e NKJV afirmam que tal é o caso, que é a visão preferida. Nesta tradução, o Messias está falando; Ele é o "Eu sou" e foi "enviado" pelo "Senhor DEUS " e "seu Espírito". Em tal construção,

Ênfase no Número Três . Finalmente, o Antigo Testamento coloca uma ênfase no número três de várias maneiras. Estes poderiam ter sido divinamente destinados a preparar-se para a doutrina mais explícita do Novo Testamento da Trindade. Algumas dessas ênfases são três fórmulas, como os serafins louvando a Yahweh em seu trono no céu como "santo, santo, santo" (Isaías 6: 3). Outro exemplo é a tripla bênção de Aarônico em Números 6: 24-27:

O SENHOR te abençoe e te guarde;
O SENHOR faça RESPLANDECER o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti;
O SENHOR levante o seu semblante sobre ti e te dê a paz.

Peter Toon observa que a igreja antiga viu esta tríplice bênção como indicando as três pessoas da Trindade, especialmente porque os apóstolos foram ordenados a batizar no "nome" (singular) da Trindade (Mt 28:19). Em Números 6:27, Javé disse que esta tríplice bênção seria colocar o nome de Javé sobre o povo de Israel.

Ainda outra construção tríplice é a bênção tripla de Jacó de José e seus filhos em Gênesis 48: 15-16:

E abençoou José e disse:

O Deus diante de quem andaram meus pais Abraão e Isaque,
O Deus que foi meu pastor toda a minha vida até hoje,
O anjo que me redimiu de todo mal, abençoe os meninos;
E neles o meu nome será carregado, eo nome de meus pais, Abraão e Isaque;
E cresçam em multidão no meio da terra.

À luz da discussão anterior do anjo de Yahweh, é bom observar que Jacó diz que "o anjo" redimiu Jacó e se uniu com "Deus" para abençoar os filhos de José. Uma vez que a oração de Jacó teve em vista que somente Deus poderia "abençoar" os meninos, é melhor entender que "o anjo" deve ser uma pessoa distinta e divina para abençoar conjuntamente com Deus o Pai.

Outras ênfases no número três podem ser vistas nas seguintes passagens: Gênesis 15: 9; 30:36; 40:10, 16; Êxodo 3:18; 19:11; 23:14; Levítico 19:23; Números 19:12; 22: 23-41; 31:19; Jeremias 7: 4 ("o templo do SENHOR " três vezes). Talvez o uso de três na

adoração cerimonial tivesse a intenção de testemunhar que o Deus de Israel era três ainda um.

À luz do Novo Testamento, os aspectos acima do Antigo Testamento se preparam progressivamente para a revelação mais clara do Novo Testamento de Deus como trino. Benjamin B. Warfield fez uma elaboração útil de como o Antigo Testamento mais do que preparou para a mais completa revelação do Novo Testamento da Trindade:

> O resultado disso tudo é que, de alguma forma, no desenvolvimento do Antigo Testamento da idéia de Deus, há uma sugestão de que a Divindade não é uma mônada simples e que, assim, uma preparação é feita para a revelação de A Trindade ainda está por vir. Parece claro que devemos reconhecer na doutrina do Antigo Testamento a relação de Deus com Sua revelação pela Palavra criadora e pelo Espírito, pelo menos o germe das distinções na Divindade, posteriormente plenamente divulgados na revelação cristã. E mal podemos parar por aí. Depois de tudo dito, à luz da revelação posterior, a interpretação trinitária continua a ser a mais natural dos fenômenos que os autores mais antigos interpretaram francamente como indicações da Trindade; Especialmente daqueles relacionados com as descrições do Anjo de Jeová, sem dúvida, Mas também de tal forma de expressão que nos encontra no "Façamos o homem à nossa imagem" de Gênesis 1: 26 - pois com certeza o versículo 27: "E Deus criou o homem à sua própria imagem", não nos encoraja Para tomar o verso precedente como anunciando que o homem devia ser criado à imagem dos anjos. Esta não é uma leitura ilegítima das idéias do Novo Testamento de volta para o texto do Antigo Testamento; É apenas a leitura do texto do Antigo Testamento sob a iluminação da revelação do Novo Testamento ... O mistério da Trindade não é revelado no Antigo Testamento; Mas o mistério da Trindade está subjacente à revelação do Antigo Testamento, e aqui e ali quase se vê. Assim, a revelação do Antigo Testamento de Deus não é corrigida pela revelação mais completa que a segue, mas apenas aperfeiçoada, estendida e ampliada.

Evidência do Novo Testamento

O Novo Testamento é essencial para uma clara apresentação da doutrina da Trindade. Como discutido acima, várias passagens do Antigo Testamento permitem e até indicam que há mais de uma pessoa divina em Deus, embora haja apenas um Deus. Mas as afirmações do Antigo Testamento não revelam detalhes suficientes para os crentes derivarem uma doutrina explicitamente trinitária de Deus. Tais evidências conclusivas são reveladas no Novo Testamento. A doutrina da Igreja da Trindade apela ao Antigo Testamento por evidência inspirada, mas sempre se baseou principalmente no progresso de toda a revelação de Deus.

SÓ UM DEUS

Como mostrado anteriormente na seção sobre a perfeição divina da unidade, a Bíblia afirma que Deus é numericamente apenas um. No Novo Testamento, Jesus repete Deuteronômio 6: 4 em Marcos 12:29: "O Senhor nosso Deus, o Senhor é um". Em João 17: 3, Jesus chama Deus de "o único Deus verdadeiro". Outras passagens também Afirmar o monoteísmo: "Deus é um" (Rm 3:30, Tiago 2:19); "Não há Deus senão um" (1 Coríntios 8: 4); E "há um só Deus" (1 Timóteo 2: 5). Em Romanos 3:30; 1 Coríntios 8: 4; E 1 Timóteo 2: 5, "Deus" é Deus o Pai, a primeira pessoa da Trindade, mas como demonstrado abaixo, o Novo Testamento às vezes se refere a Deus Pai como "Deus" para enfatizar que ele é Deus ao descrever que o Outras duas pessoas da Trindade também são divinas.

MAIS DE UMA PESSOA ASSOCIADA A DEUS

Em algumas passagens, o orador ou escritor associa duas pessoas a Deus. Em João 5: 17-18, Jesus afirmou que tinha a mesma autoridade para trabalhar no sábado como "meu Pai". Por causa dessa declaração, os líderes religiosos judeus procuravam matar Jesus, porque em suas mentes ele tinha Quebrantou o sábado e "chamava mesmo Deus seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (João 5:18). Em João 10:30, Jesus disse: "Eu e o Pai somos um". Por causa dessa declaração, os líderes judeus pegaram pedras para apedrejá-lo, acusando-o de blasfêmia, porque dizendo que ele era um com o Pai, eles acreditaram Que ele estava deificando a si mesmo: "Tu, sendo homem, faze-te Deus" (João 10:33). Jesus também disse que tem tudo o que o Pai tem (João 16:15; 17:10). Deus o Pai e Jesus Cristo trabalharam juntos na criação de todas as coisas (1 Cor.

Outras passagens associam as três pessoas da Trindade a Deus. As Escrituras denominam as três pessoas igualmente e divinamente nas seguintes atividades:

1. Eternamente planejando e fornecendo salvação às pessoas (Ef 1: 3-14; 2: 13-18; 1 Pedro 1: 2)
2. Testificar a Jesus como o Filho de Deus e os meios da vida eterna (1 João 5: 1-12)
3. Reconhecer publicamente Jesus como o Salvador de Israel (João 1: 29-34)
4. Estar presente e revelar a verdade aos discípulos de Jesus (João 14: 9-10, 26; 15:26; 16: 7-15)
5. Dar fé, esperança e amor nos corações dos crentes (Col. 1: 3-8)
6. Redimir, justificar e residir em crentes (Gálatas 3: 11-14)
7. Conceder dons espirituais (1 Coríntios 12: 4-6)
8. Unificar a igreja (Ef 4: 4-6)
9. Continuando a abençoar os crentes (2 Coríntios 13:14)
10. Proteger os crentes em Cristo (2 Coríntios 1: 20-22)

No contexto do Novo Testamento, somente Deus pode fornecer o que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são revelados como provendo a salvação eterna dos crentes em Cristo.

TRÊS PESSOAS DECLARADAS PARA SER DEUS

O Pai é Deus . O Novo Testamento especifica que cada uma das três pessoas da Trindade são "Deus". O nome Deus (Gk. *Theos*) combina com o nome Pai em muitas passagens (por exemplo, João 6:27, Romanos 15: 6, 1 Cor 8: 6, 15:24, Ef 4: 6, Tiago 3: 9). E como Murray Harris demonstrou, quando o nome *theos* aparece no Novo Testamento por si só em referência ao Deus verdadeiro, designa geralmente a primeira pessoa da Trindade, Deus o Pai (por exemplo, Tiago 1: 5; : 18).

Jesus é Deus . O Novo Testamento também declara explicitamente que Jesus é Deus. As palavras de Jesus afirmam que ele é divino. Ele diz que ele é o Filho de Deus (Mateus 26: 63-64, Marcos 14: 61-62, Lucas 22: 67-71). Ele afirma que ele é o "Eu sou" (Gk. *Ego eimi*), assim, com o nome divino do Velho Testamento de Javé. Muitas dessas declarações "Eu sou" estão ligadas a metáforas, como "Eu sou o pão da vida" (João 6:35, 48), "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12), "Eu (João 10: 9), "Eu sou o bom pastor" (João 10:11, 14), e "Eu sou a ressurreição ea vida" (João 11:25). Mas muitas dessas declarações são absolutas, sem quaisquer qualificadores (por exemplo, Marcos 14:62, João 8:24, 28, 58; 13:19; 18: 5-8). O uso absoluto em João 13:19 ocorre no contexto de Jesus predizer que um dos discípulos o trairá. **Ele diz a seus discípulos que ele faz essa declaração para que "quando acontecer, você pode acreditar que eu sou ele." As palavras gregas por trás da tradução inglesa são tiradas da tradução Septuaginta de Isaías 43:10, que afirma: A fim de que você possa conhecer e crer e entender que eu sou. "Esta afirmação aparece no contexto maior de Isaías 40-48, em que Deus prova que ele é o único Deus verdadeiro, porque só ele pode prever o futuro. Então Jesus está**

dizendo que quando sua predição de que um dos discípulos o trair será cumprida, provará que ele é Deus. "A fim de que você possa conhecer e crer e entender que eu sou." Esta afirmação aparece no contexto maior de Isaías 40-48, em que Deus prova que ele é o único Deus verdadeiro, porque só ele pode prever o futuro. Então Jesus está dizendo que quando sua predição de que um dos discípulos o trair será cumprida, provará que ele é Deus. "A fim de que você possa conhecer e crer e entender que eu sou." Esta afirmação aparece no contexto maior de Isaías 40-48, em que Deus prova que ele é o único Deus verdadeiro, porque só ele pode prever o futuro. Então Jesus está dizendo que quando sua predição de que um dos discípulos o trair será cumprida, provará que ele é Deus.

Jesus também afirma que o Pai o enviou, e assim ele veio do céu e teve autoridade divina para fazer as obras do Pai (João 3:13; 5: 26-37; 6: 31-58; 8:42; 16: 28-30). E Jesus diz que tem uma relação especial com "meu Pai" que ninguém mais tem (por exemplo, Mateus 7:21; 10: 32-33; 11: 25-27; Lucas 22:29; 24:49; João 2:16, 5: 19-23, 8: 36-38, 10: 29-30, 36-38, 14: 2-3, 11-12, 23, 15: 8-10, 15, 16:10, 26-28, 17: 1-26, 20:17).

João Batista diz que Jesus é "o Senhor" (João 1:15, 23, 30) e "o Filho de Deus" (João 1:34). Deus, o Pai, chama Jesus de "meu Filho amado" (Mt 3: 16-17; 17: 5). Anjos anunciam que Jesus é "o Filho de Deus" (Lucas 1: 31-35) e "o Senhor" (Lucas 2:11) - na última passagem, "Senhor" é um nome divino porque é um nome divino em O contexto próximo (Lucas 2: 9, 15). Em Mateus 14:33, os discípulos adoram a Jesus como "o Filho de Deus". Pedro confessa que Jesus é "o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:16), e Thomas confessa que Jesus ressuscitado é "meu Senhor E meu Deus "(João 20: 27-29). Antes do nascimento de Jesus, ele é chamado de "Senhor" por Isabel (Lucas 1:43) e Zacarias (Lucas 1:76). Um centurião na crucificação afirma: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus!" (Marcos 15:39).

Sob a inspiração do Espírito Santo, os escritores do Novo Testamento dizem que Jesus é divino. Mateus diz que Jesus é "Deus conosco" (Mt 1:23). Lucas cita Pedro referindo-se a Jesus como "Senhor" em cumprimento do Salmo 110: 1 (Atos 2: 34-36) e também cita Paulo insinuando a divindade de Jesus ao discutir "a igreja de Deus, que ele obteve com seu próprio sangue" 20:28). Paulo se refere a Cristo com as palavras "que é sobre todos, o Deus eternamente abençoado" (Romanos 9: 5). Romanos 10: 9 e 1 Coríntios 12: 3 dizem que a confissão salvadora é "Jesus é o Senhor". Em Romanos 14: 8-9, Paulo afirma que Cristo é "Senhor" - de fato, ele é "Senhor dos dois mortos E dos vivos ". Segundo Paulo, Jesus Cristo é" o Senhor da glória "(1 Coríntios 2: 8), e ele é o" único Senhor, Jesus Cristo, por meio do qual são todas as coisas e por meio do qual nós existimos " (1 Cor. 8: 6). Paulo proclama que Jesus existiu "na forma de Deus", mas "esvaziou-se, assumindo a forma de servo" (Filipenses 2: 6-7). Paulo continua dizendo que Jesus se humilhou ao tornar-se obediente até a morte na cruz, que Deus o Pai "altamente exaltou" a Jesus, e que um dia todos confessarão que "Jesus Cristo é o Senhor" (Flp. 2:11). Em Colossenses 2: 9, Paulo afirma que em Jesus "toda a plenitude da divindade habita corporalmente".

Várias passagens dos apóstolos chamam Jesus de "Deus" usando uma construção gramatical grega para a qual o gramático Granville Sharp (1735-1813) articulou uma regra (que agora leva seu nome) e especificou sua relevância para a identidade divina de Jesus Cristo em O Novo Testamento. A regra afirma que se a conjunção grega *kai* une dois singulares "substantivos ou particípios" de descrição pessoal e do mesmo caso, e se o artigo grego *ho* precede o primeiro substantivo ou particípio, mas não o segundo, então "este último ... denota um Descrição mais distante "da pessoa descrita pelo primeiro substantivo ou particípio. Os exemplos clássicos da construção de Granville Sharp são Titus 2:13 ("nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo"), 2 Pedro 1: 1 ("nosso Deus e

Salvador Jesus Cristo") e 2 Pedro 2: 20 ("o Senhor e Salvador Jesus Cristo", NASB). De acordo com Sharp, a construção dessas passagens significa que Jesus não é apenas "Salvador", mas também "Deus" e "Senhor".

Contudo, outra maneira pela qual os apóstolos identificam Jesus como Deus é referindo-se a Jesus com as passagens do Antigo Testamento que se referem a Yahweh. Em João 12: 36-41, por inspiração do Espírito Santo, João citou Isaías 53: 1 e Isaías 6:10 como razões pelas quais os judeus "não creram em" Jesus, apesar de "ter feito tantos sinais diante deles" (João 12:37). João diz que essa incredulidade cumpre as duas passagens do Antigo Testamento que ele citou. João conclui em João 12:41 que "Isaías disse estas coisas porque viu a sua glória e falou dele". O antecedente de "seu" e "ele" neste versículo é o "ele" do versículo 37, que se refere a " Jesus"no versículo 36. Assim, João identifica Jesus como o'Senhor'(Heb. *adonai* de Isaías 6): 1, a quem Isaías viu'sentado sobre um trono,'eo' SENHOR [Javé] dos exércitos'de Isaías 6 : 3,

Outras passagens do Novo Testamento também se referem a Jesus usando passagens do Antigo Testamento referindo-se a Yahweh. Atos 2:21 e Romanos 10:13 citam Joel 2:32 para indicar que a frase "invoca o nome do Senhor" (Yahweh em Joel 2:32) significa crer e confessar que Jesus é o Senhor. Hebreus 1: 10-12 afirma que Deus "diz" as palavras do Salmo 102: (. Hebreus 1: 8) 25-27 "para o filho", indicando assim que Jesus é o "Deus" (Heb. *El*) ea " ETERNO " do Salmo 102. E Efésios 4: 7-8 usa as palavras do Salmo 68:18 para expressar que quando Cristo ascendeu, deu presentes à sua igreja. Mas a passagem do Antigo Testamento refere-se a *Deus* subindo ao seu "monte" (Salmo 68:16) e "recebendo presentes" (Salmo 68:18). Assim, citando Efésios 4: 7-8,

O Espírito Santo é Deus . O Novo Testamento também identifica o Espírito Santo como divino. Seus títulos o associam com as outras pessoas da Trindade: "Espírito de Deus" (Mateus 3:16); "Espírito do Senhor" (Lucas 4:18); "Espírito de vosso Pai" (Mateus 10:20); "Meu Espírito" (Atos 2: 17-18); "Espírito de Cristo" (Romanos 8: 9); "O Senhor, o Espírito" (2 Cor. 3: 17-18 NASB).

Há outras afirmações ainda mais explícitas de que o Espírito Santo é Deus. Em Atos 5: 3-4, 9, Pedro diz que ao mentir ao Espírito Santo, Ananias e Safira "não mentiram ao homem senão a Deus". Em 2 Coríntios 3: 17-18, Paulo declara: "O Senhor é O Espírito ", e se refere ao Espírito como" o Senhor, o Espírito "(NASB). Paulo também diz em 1 Coríntios 3:16 que "o Espírito de Deus habita na igreja, porque a igreja é" templo de Deus ". E em Efésios 2:22, Paulo declara que é" pelo Espírito "que a igreja está" sendo Edificados juntos para morada de Deus ".

Além disso, o Novo Testamento afirma que o Espírito Santo falou as palavras do Antigo Testamento passagens, as palavras que essas passagens declaram que vêm diretamente de Deus. Em Atos 28: 25-27, Paulo diz que o Espírito Santo falou "através de Isaías" as palavras de Isaías 6: 9-10, embora em Isaías 6, era "a voz do Senhor", que disse estas palavras 6: 8). A mesma correspondência entre as palavras das passagens do Novo Testamento e passagens do Antigo Testamento é visível nos seguintes dísticos: Hebreus 3: 7-11 com Salmo 95: 7-11; Hebreus 10: 15-17 com Jeremias 31: 31-34.

TRÊS PESSOAS COM PERFECÇÕES DIVINAS

O Novo Testamento retrata cada pessoa da Trindade como tendo características que são perfeições divinas. Essas características são divinas porque o Novo Testamento afirma que elas são padrões pelos quais as características de outros seres são medidas. Deus o Pai é poderoso (Mt 19:26), onipresente (Mt 6: 4, 6), onisciente (Mt 6: 4, 6, 8, Lucas 16:15), verdadeiro (João 3:33) Justos (João 17:25, ver Atos 10:34), e vivos (Mateus 26:63, João 5:26, 6:57).

Deus, o Filho, encarnado como Jesus Cristo, é eterno (João 1: 1; 8:58; 17: 5; Rev. 1: 8; 21: 6; 22:13), onisciente (João 1: 47-48; : 24-25; 16:30; 21:17; Apocalipse 2:23), onipresente (Mt. 18:20; 28:20; João 1: 48-50), onipotente (Mt 8: 26-27; 9:25; 21:19; 28:18; Marcos 5: 11-15; Lucas 4: 38-41; 7: 14-15; João 2:11; 5:36; 10:25, 38; 11:43 1: 8), imutável (Hb 1: 10-12; 13: 8), amoroso (Ef 5: 2), santo (Lucas 1:35, João 8: 46, Hebreus 7: 26-27, 1 João 3: 5), vida (1 João 1: 2; 5:20) e verdade (João 14: 6).

Deus, o Espírito Santo é eterno (Hebreus 9:14), santo (Ef 4:30), onisciente (João 14:26; 16: 12-13, 1 Coríntios 2: 10-11), onipotente (Lucas 1 : 35, 37, 1 Coríntios 12:11, Romanos 15:19), glória (1 Pedro 4:14), vida (Romanos 8: 2), verdade (João 14:17; : 13; 1 João 4: 6), e graça (Hebreus 10:29).

TRÊS PESSOAS COM PREROGATAS DIVINAS

De acordo com o Novo Testamento, cada pessoa da Trindade tem prerrogativas divinas. Estes são divinos porque a Bíblia os atribui como se fossem direitos que nenhum outro ser. Deus o Pai tem o direito de receber adoração (João 4:23, Tiago 3: 9), dar ordens (João 14:31), perdoar o pecado (Mateus 6:14), e julgar (João 5:30). Deus, o Filho, tem o direito de receber adoração (Mateus 14:33; 28: 9, João 20:28, Hebreus 1: 6), dar ordens (João 15:12, 14), perdoar o pecado (Marcos 2: 8) 12), julgar (Mt 25: 31-32, João 5:22, Atos 10:42, 17:31, Romanos 14: 10-11, 2 Coríntios 5:10, 2 Timóteo 4: 1; 1 Pedro 4: 1, 5, Apocalipse 19: 11-15; 22: 12-13), e ser o objeto da fé (João 1:12; 20:31). Deus, o Espírito Santo tem o direito de receber adoração (Ef 4:30, 1 Tessalonicenses 5:19, Hebreus 10:29), conhecer as coisas profundas de Deus (1 Co 2:10), dar ordens (Atos 8:29; 10: 19-20), e conceder presentes (1 Co 12:

TRÊS PESSOAS QUE REALIZAM AÇÕES DIVINAS

O Novo Testamento especifica que cada pessoa da Trindade realiza atos divinos. Estes são divinos porque o Novo Testamento afirma que eles determinam toda a outra realidade. Deus criou o Pai (1 Coríntios 8: 6), sustenta a vida (Mateus 6:26), revela a verdade (Mateus 16:17, Hebreus 1: 1-2), ressuscita os mortos (Romanos 6: 4)), E os juízes (Mateus 15:13, Atos 17:31). Deus, o Filho, cria (João 1: 3, 10, 1 Coríntios 8: 6, Ef 3: 9, Colossenses 1:16, Hebreus 1: 2), sustenta todas as coisas (Colossenses 1:17; 1: 3), revela a verdade (João 16: 12-13), levanta os mortos (João 5: 28-29; 10: 17-18), e juízes (João 5:22, 27; Tim. 4: 1). Deus cria o Espírito Santo (Gênesis 1: 2, Jó 26:13, Salmo 33: 6), revela a verdade e inspira a sua escrita (João 16:13, 1 Coríntios 2: 12-13, 2 Pe 1: 21), ressuscita os mortos (Romanos 8:11), regenera (João 3: 5-6, Tito 3: 5), habita (2 Tim. 1:14), assegura selando (Efésios 1: 13-14)),

TRÊS PESSOAS COM RELAÇÕES DIVINAS: GERAÇÃO ETERNA E PROCESSÃO ETERNA

Como mencionado anteriormente, há relações eternas entre as pessoas da Trindade: o Pai, o Filho de Deus e o Espírito de Deus. O Pai eternamente gera o Filho e eternamente espirala o Espírito Santo. O Filho é eternamente gerado pelo Pai e eternamente espirita o Espírito Santo. O Espírito procede eternamente do Pai e do Filho.

A geração eterna do Filho e a eterna procissão do Espírito são duas das doutrinas mais incompreendidas do Trinitarianismo clássico, porque não há analogias adequadas no reino humano que possam ser usadas para explicar ou ilustrar a terminologia. Embora a Escritura fale expressamente de que o Pai gerou o Filho (Salmo 2: 7) e que o Espírito procede do Pai (João 15:26), a Bíblia não dá uma explicação clara e completa do significado dessas expressões. Na verdade, engendrar e respirar são atividades criaturas,

de modo que a linguagem sozinha é claramente inadequada para expressar toda a maravilha e glória das relações interiores dentro da Divindade eterna, imutável e inefável. As palavras devem, portanto, ser compreendidas (da melhor forma possível) à luz de tudo o que a Escritura diz sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

À primeira vista, *a geração eterna* parece oxímorica. No discurso humano normal, as palavras *geram* e *geram* falam de trazer alguém ou algo para a existência. No reino humano, gerar ocorre apenas uma vez, em um ponto definido no tempo. Emparelhar a idéia com o adjetivo *eterno* é mudá-la da maneira mais radical. E é absolutamente vital compreender e afirmar a diferença entre a geração de uma criança humana e a eterna geração do Filho de Deus. Quando dizemos que Cristo é eternamente gerado pelo Pai, não estamos falando de seu princípio, pois a Escritura claramente diz: "Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito "(João 1: 2-3). Nunca houve um tempo em que o Filho não existisse. Ele é "o Alfa eo Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim" (Apocalipse 22:13).

Como, então, Cristo pode ser gerado eternamente pelo Pai? A resposta é surpreendentemente simples. Quando termos como *gerar* ou *gerar* são usados para falar da relação do Pai *celestial* com seu Filho (por exemplo, Salmo 2: 7, ver Atos 13:33, Heb. 1: 5, 5: 5), o que essas palavras descrevem Não o seu começo (porque ele não tinha), mas o estabelecimento de toda a eternidade da relação filial entre a primeira e segunda pessoas da Trindade. A expressão assim descreve o ato eterno, necessário e auto-diferenciador de Deus, o Pai, pelo qual ele gera a subsistência pessoal do Filho e assim comunica ao Filho a essência divina inteira (João 5:26).

Esta relação é única; É a própria coisa que distingue o Filho do Pai e do Espírito. Em outras palavras, o Espírito não é gerado; Seu modo de subsistência é a *procissão* . Semelhante à geração eterna, a procissão do Espírito do Pai e do Filho descreve o ato eterno, necessário e auto-diferenciador do Pai e do Filho, através do qual eles espiran a subsistência pessoal do Espírito e assim comunicam-lhe toda a Essência divina. As Escrituras não definem explicitamente a diferença entre geração e procissão, mas a terminologia corresponde aos nomes Filho e Espírito. *Begetting* tem a conotação de filiação (ie, o que é próprio da filiação), *E procissão* é uma expressão adequada para emparelhar com os conceitos de espírito ou respiração. Claramente, a distinção entre *produzir* e *proceder* é intencional e importante, mesmo que não possamos explicar plenamente como os dois modos de subsistência diferem uns dos outros.

É bem conhecido que a divisão na igreja Oriental da igreja ocidental sobre a questão de saber se o Espírito Santo procede do Pai única ou do Pai *e do Filho* (Lat. *Filioque*). Em João 15:26, Jesus diz: "O Espírito da verdade ... procede do Pai". E em João 20:22, em uma de suas primeiras aparições pós-ressurreição aos discípulos, afirma que "soprou sobre eles e disse: "Receber o Espírito Santo" - simbolizando a própria idéia sugerida pela linguagem usada para falar da procissão do Espírito. Assim, afirmamos - com o resto da igreja ocidental - que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. O Credo Atanasiano (*Quicunque Vult*) estabelece as relações dentro da Divindade na linguagem mais sucinta possível: "O Pai não é feito de ninguém; Nem criado, nem gerado. O Filho é do Pai somente; Não feito, nem criado; Mas gerado. O Espírito Santo é do Pai e do Filho; Nem feito, nem criado, nem gerado; Mas procedendo. "

Como mencionado anteriormente, estas *óperas ad intra* estabelecem uma ordem definitiva (Lat. *Taxis*) dentro da Trindade, de modo que é próprio dizer (com respeito apenas à sua relação, não com respeito à sua essência, glória ou majestade) que a Pai é primeiro, o Filho é o segundo, eo Espírito é o terceiro. As *ad intra*- obras de eterna geração e procissão tornam-se o fundamento da ordem refletida nas obras *ad extra* na economia da redenção. O Filho submete-se ao Pai na economia da redenção (João 5:30; 6:38)

porque ele foi eternamente gerado pelo Pai. O Espírito é enviado pelo Pai e pelo Filho (João 14:26; 15:26), porque ele procede eternamente do Pai e do Filho. *No entanto, nada disso implica uma hierarquia ou hierarquia de essência* dentro da Trindade, pois cada pessoa possui plenamente a divina essência divina. O Credo de Atanásia resume igualmente o ensinamento claro da Escritura em uma notável economia de palavras: "E nesta Trindade ninguém é anterior ou posterior; Nenhum é maior ou menor que outro. Mas as três Pessoas inteiras são coeternas e iguais. De modo que em todas as coisas, como dito acima: a Unidade na Trindade ea Trindade na Unidade, deve ser adorada. " Mas as três Pessoas inteiras são coeternas e iguais. De modo que em todas as coisas, como dito acima: a Unidade na Trindade ea Trindade na Unidade, deve ser adorada. " Mas as três Pessoas inteiras são coeternas e iguais. De modo que em todas as coisas, como dito acima: a Unidade na Trindade ea Trindade na Unidade, deve ser adorada. "

História inicial do desenvolvimento teológico

Como conclusão para o estudo da Trindade, é importante observar brevemente como a doutrina da Trindade foi (1) observada na Escritura e (2) articulada pela antiga igreja. A palavra *Trindade* e outros termos técnicos (por exemplo, *pessoa, essência*) na doutrina ortodoxa tradicional da Trindade não são encontrados nas Escrituras, mas estão baseados na verbosidade bíblica. A doutrina da Trindade foi formalmente articulada pelos Concílios de Nicéia (325 dC) e Constantinopla (381 dC), mas esses conselhos não inventaram a doutrina; Em vez disso, eles estabelecem um dogma (proclamação oficial) para combater as heresias prevalecentes. Na história da igreja pós-Novo Testamento, a afirmação da doutrina remonta às expressões dos primeiros padres apostólicos (cerca de 90-150 dC). Esses homens - como Clemente de Roma (fl. 88-99), Policarpo (cerca de 69-155) e Inácio (cerca de 50 a 110) - afirmou a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo sem especular sobre suas relações entre si. Durante este período, a igreja começou a experimentar a perseguição romana, e alguns dos pais apostólicos morreram como mártires. A igreja também começou a lidar com a heresia gnóstica.

O período seguinte da igreja antiga (150-300 dC) testemunhou crescente perseguição romana e heresias frescas, além da propagação do gnosticismo. O gnosticismo era monista e dualista, negando verdadeiras distinções na realidade e tratando a matéria e a carne como inerentemente malignas, não criadas por Deus, que estava protegido da matéria por uma série de emanações. Os gnósticos negaram a encarnação de Cristo, pois acreditavam que Deus nunca se uniria à matéria nem viria à Terra, e eles produziram seus próprios livros espúrios, incluindo falsos evangelhos.

Outras heresias deste período incluíam várias formas de Monarchianism (um Unitarianism adiantado). O Monarchianism dinâmico (Adoptionistic) ensinou que o pai sozinho é deus e que Jesus era apenas um homem que fosse indwelt por uma força divine impessoal (o Logos) ou em seu nascimento, em seu baptism, ou em sua ressurreição. Ele tinha uma divindade delegada através deste poder divino residente, e sua divindade era limitada a este poder apenas e não apresentava essência divina.

O monarquianismo modalista (Modalismo, Sabelianismo e Patripassianismo) ensinou que o Pai e o Filho são um e o mesmo. Deus é chamado Pai ou Filho de acordo com a figura dos tempos. Nascido de uma virgem, ele é chamado Filho; Para aqueles que crêem nele, ele revelou que ele era o Pai. O único Deus foi metamorfoseado em forma externa de acordo com a necessidade do momento. Em outras palavras, há apenas um Deus que se apresenta em várias formas (Pai, Filho ou Espírito) como ele deseja. Nessa heresia, essas formas são modos de manifestação, não modos de ser.

Os líderes da igreja neste período - como Justin Martyr (cerca de 100-165), Irineu (cerca de 120-202), Tertuliano (cerca de 160-ca. 220), Clemente de Alexandria (cerca de 150-ca. 215) , E Orígenes (cerca de 184 a 254) - começaram a escrever mais amplamente como apologistas e teólogos para contrariar as falsas acusações que os pagãos fizeram contra os cristãos e para se oporem ao gnosticismo e ao monarquismo. Esses homens avançaram muito na explicação ortodoxa da doutrina trinitária. Irineu escreveu cinco livros contra o gnosticismo. Seus escritos eram mais detalhados sobre as relações do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tertuliano cunhou a palavra latina *trinitas* para a *Divindade* ea palavra latina *persona* para as pessoas. *Origen afirmou a divindade eterna do Filho e identificou as três pessoas pela palavra grega hypostasis* ea essência pela palavra grega *ousia* . Todos os apologistas afirmaram a essência divina ea personalidade distinta de cada membro da Trindade.

Um problema que ocorreu como os apologistas escreveram sobre a Trindade foi um subordinacionismo ontológico crescente. Justino, Irineu e Tertuliano começaram a escrever sobre a geração do Filho como se fosse uma produção eterna. Orígenes foi ainda mais longe, dizendo que o Filho era um "Deus secundário", inferior ao Pai.

O pensamento de Orígenes sobre o Pai e o Filho ajudou a preparar o caminho para que os ensinamentos de Ário (250-336) em Alexandria ganhassem alguma aceitação - mesmo que Arius subordinasse o Filho de uma forma que Orígenes nunca fez. Arius ensinou que Jesus era apenas um homem em quem o Logos veio. O Logos, o Filho, foi a mais alta e primeira criação de Deus. Assim, o Filho não era Deus, mas uma criatura.

A contemplação e a explicação teológicas avançaram no próximo período (300-600) à medida que a paz finalmente chegava à igreja, tornando possível para a igreja lidar com a heresia ariana, assim como outras heresias cristológicas. As perseguições romanas culminaram com uma perseguição de todo o império sob o Imperador Diocleciano no início do século IV. As perseguições terminaram sob o imperador Constantino, que tinha um zelo por promover a igreja. Com o fim das perseguições também veio o avanço do arianismo e divisão doutrinária na igreja. Em 325, Constantino convocou o primeiro concílio ecumênico, o Concílio de Nicéia, a restaurar a unidade. Através da influência de Atanásio, secretário e sucessor futuro de Alexandre, o bispo de Alexandria, *O conselho emitiu um credo afirmando que o Filho é "muito Deus de muito Deus" e "de uma substância" (homoousios*) com o Pai. Entretanto, havia muitos factions no conselho, including Arians, e cada um teve sua própria interpretação da palavra grega *homoousios* . Durante os cinqüenta anos seguintes, o conflito semântico e teológico continuou. A heresia macedônia, derivada do arianismo, argumentava que o Espírito Santo também era um ser criado. Gradualmente, a visão alexandrina das relações do Pai, do Filho e do Espírito Santo prevaleceu à medida que os eclesiásticos gregos e latinos discutiam e concordavam com a linguagem trinitária comum. No Concílio de Constantinopla (381), a fórmula de Nicéia foi reafirmada e ampliada.

Nos anos seguintes, as igrejas ortodoxas assumiram o ponto de vista de Nicéia e Constantinopla, aceitando a doutrina desses conselhos porque refletia o que eles já acreditavam. Entre 399 e 419, Agostinho de Hipona escreveu um extenso volume sobre a Trindade para explicar e defender mais o Trinitarianismo ortodoxo nas igrejas de língua latina. As igrejas ocidentais fizeram uma mudança formal no Credo de Constantinopla no Sínodo de Toledo em 589. A palavra latina *filioque* ("eo Filho") foi acrescentada no final da expressão que o Espírito Santo "procede do Pai" para Indicam que o Espírito Santo também procede do Filho. As igrejas orientais de língua grega resistiram a esta revisão do credo porque acreditavam que mudou o credo sem a aprovação de toda a igreja e colocar o Filho no mesmo plano que o Pai como uma "causa" da Trindade. As igrejas ocidentais instituíram a mudança no Credo Niceno-Constantinopolitano porque queriam

enfatizar (contra o Arianismo) a eterna e divina igualdade do Filho com o Pai. O desacordo sobre essa mudança foi um fator importante que levou à divisão permanente da igreja oriental da igreja ocidental em 1054.

O que é importante entender é que, no meio da política imperial e eclesiástica de 300-500, a motivação básica por trás do objetivo dos líderes da igreja de explicar mais claramente a doutrina da Trindade era que eles interpretavam corretamente as Escrituras. Testificar a influência da Escritura é o fato de que a redação grega do Credo Niceno foi baseada na linguagem grega de 1 Coríntios 8: 6, que foi o foco de muito conflito entre os bispos arianos e ortodoxos. A explicação da doutrina da Trindade se desenvolveu em última instância porque esses teólogos discordaram sobre o significado da Bíblia. Mais tarde, os Reformers principais reafirmaram a formulação do que se tornou conhecido como o Credo Niceno-Constantinopolitan. A Reforma tornou-se um renascimento da crença na Bíblia e do seu estudo nas línguas originais. Os reformadores nunca teriam afirmado a doutrina trinitária niceno-constantinopolitana a menos que acreditassem que concordava com a Escritura, um sentimento capturado nessa declaração de Martinho Lutero (1483-1546): "A Escritura prova claramente que há três Pessoas e um Deus. Pois eu não acreditaria nem nos escritos de Agostinho nem nos professores da Igreja, a menos que o Novo e o Velho Testamento mostrasse claramente esta doutrina da Trindade ".

O Decreto de Deus

Características
Respondendo às objeções

O decreto de Deus é o seu plano eterno, segundo o qual, de acordo com a sua vontade decretada e para a sua glória, predestinou tudo o que acontecer.

Características

A lista a seguir apresenta as principais características do decreto de Deus:

1. Solteiro: "o conselho da sua vontade" (Efésios 1:11)
2. Compreensivo: "opera todas as coisas" (Efésios 1:11), incluindo a ordenação das boas ações das pessoas (Efésios 2:10), bem como os atos pecaminosos (Provérbios 16: 4 e Atos 2:23; 4: 27-28), os eventos que são contingentes de uma perspectiva humana (Gênesis 45: 8; 50:20, Provérbios 16:33), os meios e os fins dos atos (Salmo 119: 89-91; 1: 4; 2 Tessalonicenses 2:13), e o comprimento (Jó 14: 5, Salmo 39: 4) eo lugar da vida de uma pessoa (Atos 17:26)
3. Incondicional e não baseado em influências externas: "segundo o conselho da sua vontade" (Efésios 1:11, ver também Atos 2:23, Romanos 8: 29-30, Ef 2: 8; 1: 2)
4. Eterno: "que nos salvou e nos chamou para um chamado santo, não por causa de nossas obras, mas por causa de seu próprio propósito e graça, que nos deu em Cristo Jesus antes dos séculos" (2 Tm 1: 9; Ver também Ef 1: 4)
5. Eficaz: "declarando o fim desde o princípio e desde a antiguidade coisas ainda não feitas, dizendo: 'Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito'" (Isaías 46:10, veja também Salmo 33: Provérbios 19:21)
6. Imutável: "Ele é imutável, e quem pode voltar para trás?" (Jó 23: 13-14, ver também Salmo 33:11, Isaías 14:24, 46:10, Atos 2:23)
7. Ordenando o pecado e controlando seus efeitos: "Deus os entregou ..." (Romanos 1:24, 26, 28, ver também Salmos 78:29, 106: 15, Atos 14:16, 17:30, Rom. 3:25)
8. Propósito do decreto: manifestar e louvar a glória de Deus (Romanos 11: 33-36, Ef 1: 6, 12, 14 e Apocalipse 4:11)

Respondendo às objeções

OBJEÇÃO 1: O DECRETO DE DEUS É CONTRÁRIO À AGÊNCIA MORAL LIVRE DO HOMEM

Resposta: Os agentes podem corretamente ser ditos livres desde que seus atos não sejam coagidos. As pessoas são livres para agir dentro dos limites de sua natureza. Visto que todos os homens caíram em Adão, sua natureza é corrompida pelo pecado e, portanto, não são livres para escolher a justiça. No entanto, eles ainda fazem livremente suas escolhas morais de acordo com seus pensamentos e desejos. Essas escolhas surgem de uma natureza humana caída, que é fundamentalmente oposta a obedecer a Deus. Assim, as pessoas agem livremente em seus pecados e não são coagidas por Deus a agir contra sua natureza. O decreto de Deus se estende às escolhas não-coagidas de agentes livres para agir dentro dos limites de sua natureza (ver, eg, Gen. 50: 19-20, Atos 2:23, 4: 27-28).

OBJEÇÃO 2: O DECRETO DE DEUS DESCULTA OBRAS HUMANAS

Resposta: O decreto não é dirigido aos homens "como uma regra de ação" e não pode ser uma regra porque o conteúdo do decreto não é conhecido até que os eventos tenham ocorrido. Mas Deus ordenou uma regra de vida e crença na Bíblia, para que o homem tenha a orientação disponível para fazer atos justos. Novamente, o homem é livre no decreto para fazer de acordo com seus pensamentos e desejos, e Deus não o impede coercivamente de fazer o bem. Além disso, o decreto de Deus inclui escolhas humanas livres que são determinadas por Deus para levar a cabo seus fins ordenados:

> Uma vez que o decreto estabelece uma inter-relação entre meios e fins, e os fins são decretados apenas como resultado de meios, eles incentivam o esforço em vez de desencorajá-lo. Firme crença no fato de que, de acordo com os decretos divinos, o sucesso será a recompensa do trabalho, é um estímulo para esforços corajosos e perseverantes.

Na Bíblia, há "uma distinção teológica entre certeza e compulsão" (ver Atos 2:23). Só porque Deus decretou um evento, tornando-o assim certo, não significa que ele coage as pessoas a ir contra seus pensamentos e desejos. Enquanto não houver coerção em condições que levem uma pessoa a agir de uma determinada maneira, uma ação humana pode ser determinada por Deus e ter certeza de ocorrer, e mesmo assim a pessoa pode permanecer livre para fazer o que lhe agrada. [67]

OBJEÇÃO 3: O DECRETO DE DEUS É FATALISMO

Resposta: O fatalismo é impessoal, é ininteligente e não tem nenhum fim final pretendido. Em contraste, a determinação soberana de Deus de seu decreto é o ato pessoal do Deus que é sabedoria perfeita, onisciência, justiça, amor e graça. Além disso, um dos fins do decreto é que as pessoas sejam salvas do pecado e vivam eternamente em bem-aventurança eterna. O fatalismo não permite nenhum ato livre, lançando a humanidade como impessoalmente coagida por forças cósmicas. Mas o decreto de Deus não inclui coerção moral. O fatalismo também não tem nenhuma distinção entre o certo eo errado, nenhum significado moral no universo. Mas o decreto de Deus é baseado em sua justiça eterna e perfeita e resulta em crentes vivendo em bondade moral imaculada para sempre.

OBJEÇÃO 4: O DECRETO DE DEUS FAZ DEUS A CAUSA CARGO DO PECADO

Resposta: Deve-se admitir que o pecado é uma parte do plano eterno de Deus, porque ele opera *todas* as coisas segundo o conselho da sua vontade (Efésios 1:11). Isso inclui o

maior pecado na história humana: o assassinato do Filho de Deus (Atos 2: 22-23, 4: 27-28). Deus não permitiu meramente a crucificação; Ele deliberada e sabiamente ordenou-o para sua honra e glória. Da mesma forma, ele não se limitou a permitir que os irmãos de José o vendessem como escravo no Egito, mas *significava* sua ação pecaminosa por seus mais sábios e santos fins (Gn 45: 5-8; 50:20).

No entanto, enquanto Deus ordena as más escolhas dos agentes morais livres, ele não incorrerá em culpa ou perversidade, porque ele não causa nenhum mal direta ou eficientemente. Ele provoca as ações malignas do homem através da causação secundária de acordo com seus próprios desejos perversos. Deus é absolutamente soberano, eo homem é inteiramente responsável por suas ações.

Criação

Criação Divina
Criação de Fiat

A criação de Deus é definida como a sua obra pela sua Palavra e para a sua glória em criar o universo a partir do nada para que a sua condição original fosse sem corrupção física ou espiritual. O propósito desta discussão não é apresentar argumentos apologéticos para o criacionismo, mas resumir a doutrina bíblica da obra de criação de Deus e expor o modelo criacionista fiat como a interpretação correta da narrativa da criação bíblica.

Criação Divina

As seguintes características resumem as principais afirmações bíblicas a respeito da criação divina do universo.

O COMEÇO DO UNIVERSO E DO TEMPO

O universo teve um começo, e esse começo começou com o primeiro momento do tempo (Gn 1: 1, Mt 19: 4, 8, Marcos 10: 6, João 1: 1-2, 17: 5, Heb. : 10). Desde que Deus criou "no princípio", o início também deve incluir o tempo. Deus começou a criar no primeiro momento do tempo, o início do primeiro dia (Gn 1: 5). Gênesis 1: 1 evidencia que Deus existe fora do tempo e que ele é seu Criador.

A CRIAÇÃO FOI RAPIDA E FORA DE NADA

Deus criou o universo em seis dias literais de vinte e quatro horas, e ele o criou por meio de sua Palavra *ex nihilo* ("da nada") (Gênesis 1: 1, Salmos 33: 6, 9, 148: 5; Romanos 4:18, João 1: 3, Atos 4:24, 14:15, 17: 24-25, Romanos 4:17, Col. 1:16, Hebreus 11: 3, Apocalipse 4:11, 10 : 6). Deus criou a primeira energia física e matéria porque não existia quando ele começou seus atos de criação. Deus é a única causa do começo do universo.

O UNIVERSO É DISTINTO E DEPENDENTE DE DEUS

O universo foi criado por Deus, é distinto dele, mas depende dele (Jó 12:10, Salmo 104: 30, 139: 7-10, Isaías 42: 5, Jeremias 23:24, Atos 17: 24-28, Ef 4: 6, Col. 1: 15-17, Hebreus 1: 3). Deus é maior do que ele criou.

O UNIVERSO FOI CRIADO PELO TRIUNO DEUS

O Deus que criou o universo é o Deus trino revelado na Bíblia. Deus, o Pai, iniciou a obra divina da criação e a governou (1 Coríntios 8: 6). Em submissão ao Pai como seu meio, Deus o Filho criou o universo (João 1: 3, 1 Coríntios 8: 6, Col 1: 15-17, Hebreus 1:10). E o Espírito Santo também participou da obra divina de criar o universo (Gênesis 1: 2, Jó 26:13, 33: 4, Salmo 104: 30, Isaías 40: 12-13). Este trabalho não foi distribuído; Em vez disso, cada pessoa da Trindade agia de acordo com as outras duas pessoas. Deus o Pai é visto como a fonte; Deus, o Filho, é visto como o Mediador dos atos da criação; E o Espírito Santo é visto como o agente desses atos. Cada pessoa trabalhou de forma plena e em conjunto uns com os outros nos atos de criação.

A criação de Deus foi uma lei livre

Deus agiu livremente na criação (Efésios 1:11 e Apocalipse 4:11). A criação não é necessária à essência de Deus. Mesmo o decreto de Deus não é essencial para Deus, mas sim um produto eterno necessário da essência de Deus. A criação depende do decreto soberano de Deus, de modo que a criação não é em si mesma uma necessidade de Deus ser Deus. Mas a criação é um resultado necessário da integração de tudo o que Deus é (suas perfeições / essência).

O HOMEM FOI CRIADO DIRECTAMENTE, CLIMÁTICAMENTE E ESPECIALMENTE

Deus criou Adão e Eva diretamente e especialmente como o clímax da obra divina da criação (Gênesis 2: 7, 21-23). Adão foi criado primeiro "de pó do chão", e então Eva foi formada por Deus de uma de suas costelas. Eles eram pessoas individuais e foram criados no sexto e último dia da criação, o culminar da obra de criação de Deus. Deus criou o homem não de outros seres durante eons de tempo, mas do chão no sexto dia literal da criação. Deus criou o homem não de animais mortos, mas diretamente do pó do solo à imagem de Deus (Gênesis 1:27). E quando Deus formou Eva de Adão, eles foram os primeiros parceiros de casamento e o padrão para todos os casamentos (Gênesis 2:24).

O HOMEM FOI CRIADO PARA REGULAR A TERRA

Deus criou Adão e Eva e deu-lhes um comando para governar a terra (Gn 1: 27-31). Eles eram servos de Deus para governar a terra para ele.

TODAS AS CRIATURAS ERAM REPRODUZIR "DE ACORDO COM SEUS TIPOS"

Deus criou cada criatura para produzir "de acordo com a sua espécie" (Gn 1:11, 12, 21, 24, 25). Como resultado, haveria limites invioláveis na natureza genética de cada tipo.

TODAS AS COISAS FORAM CRIADAS

Deus criou todas as coisas maduras, com a aparência da idade. Os seres vivos foram criados prontos para se reproduzir, incluindo a vida vegetal (Gn 1:12), os animais (Gn 1: 20-25) e os seres humanos (Gn 1: 26-30). Adão e Eva foram criados prontos para receber domínio sobre o mundo. De fato, todo o universo foi criado com todos os sistemas em operação madura. Por exemplo, as estrelas foram criadas com sua luz já alcançando a terra (Gn 1: 14-19).

O UNIVERSO FOI CRIADO "MUITO BOM"

Deus criou completamente e perfeitamente; O universo era "muito bom" por seu padrão de perfeição para a criação (Gênesis 1:31). Neste ponto, não houve corrupção ou morte. A evolução do mundo é descartada por esta afirmação, uma vez que a evolução requer decadência e morte.

A CRIAÇÃO ERA GLORIFICAR A DEUS

Deus criou para manifestar a sua glória (Isaías 43: 7; 60:21; 61: 3; Ezequiel 36: 21-22; 39: 7; Lucas 2:14; Romanos 9:17; 11:36; 15:28, Ef 1: 5-6, 9, 12, 14, 3: 9-10, Col. 1:16). Deus não teria proposto um fim último diferente de si mesmo, já que ele é superior a tudo fora de si mesmo. Só ter sua própria glória como seu propósito primordial preservaria a independência e soberania de Deus. Além disso, nenhum outro propósito último englobaria todas as coisas, e qualquer propósito menor estaria sujeito ao fracasso, já que as criaturas são finitas.

Criação de Fiat

A explicação da criação que melhor se ajusta à doutrina bíblica da criação divina é o *criacionismo fiat* , que afirma que Deus criou o universo por decreto. Esta visão afirma e argumenta que Deus criou tudo em seis dias literais de vinte e quatro horas e que ele criou o homem como especial e distinto de todas as outras criaturas à imagem de Deus. Que Deus criou diretamente por sua Palavra é explicitamente declarado nas Escrituras (Gn 1: 1-31, 2: 7, Ex. 20:11, 31:17, Salmos 33: 6, 148: 1-6, João 1: 3, Col 1:16, Hebreus 1: 2, 11: 3, Apocalipse 4:11).

Os componentes essenciais do criacionismo fiat incluem os seguintes princípios:

1. A criação foi completa e imediata pelo decreto do projetista pessoal, omnisciente e onipotente em seis dias literais.
   uma. O uso *principal da* palavra hebraica *yom* ("dia") é de um dia literal de vinte e quatro horas, usado dessa maneira mais de 1.900 vezes em mais de 2.200 ocorrências do Velho Testamento.
   B. A palavra hebraica *yom* refere-se a um dia literal de vinte e quatro horas quando qualificado por um número cardinal ou ordinal, como em Gênesis 1. Lá, os números ordinais também são acompanhados pelo artigo, o que significa que os dias literais estão definitivamente à vista.
   C. "Noite" e "manhã" normalmente definem um dia de vinte e quatro horas.
   D. A ordem dos seis dias da criação, seguida por um dia de descanso, é a base para a lei do sábado (Êx 20: 8-11; 31: 15-17).
2. A criação foi inteligentemente intencional. Tudo foi intencionalmente planejado e criado por Deus para atingir seus objetivos específicos.
3. Gênesis 1: 1 resume os atos de criação de Deus, enquanto o restante do capítulo ensaia os detalhes. Gênesis 1: 1 afirma todo o processo de criação; 1: 2 descreve o primeiro estágio da criação como "sem forma e vazio"; E 1: 3-31 desdobra os estágios subseqüentes de Deus de moldar a criação original.
4. Os organismos vivos foram criados inteiros e em "tipos" bem definidos, que têm uma adaptabilidade inata às mudanças ambientais, uma adaptabilidade dentro de si que não transcende os limites do "tipo".
5. O homem e a mulher foram criados por Deus como o clímax da criação. Eles foram criados inteiros e separados do resto da criação à imagem de Deus para ter domínio sobre o mundo (Gn 1: 26-30, 2: 7, 18-25, Salmo 8: 3-8, Mateus 19 : 4-5, Lucas 3:38, Romanos 5: 12-14, 1 Coríntios 15: 45-49, 2 Coríntios 11: 3, 1 Tim. 2: 12-14, Judas 14). O corpo humano foi criado a partir do pó da terra, mas a alma / espírito foi criado diretamente pelo ato imediato de Deus. O homem tem aspectos materiais e imateriais.

6. A criação foi seguida por processos de conservação.
7. A Terra é relativamente jovem - talvez com menos de dez mil anos de idade.
8. Há uma diminuição líquida na complexidade na ordem criada com o avanço do tempo.
9. A história geológica é marcada pelo catastrofismo global pós-criação. A Bíblia indica uma inundação mundial, que criou agitação atmosférica, topográfica e geológica (Gênesis 6-8). Envolveu águas no céu que desciam em torrentes, águas sob e sob a terra subindo para cobrir toda a terra até a altura das mais altas montanhas agora na terra, e uma separação da terra.

Milagres Divinos

A Bíblia define um milagre usando várias palavras que descrevem o "espectro de efeito" de um milagre. Quatro diferentes palavras hebraicas no Velho Testamento revelam as várias tonalidades de um milagre:

1. *Pele '* tem a idéia básica de "admiração" (Êx 15:11, Salmo 77:11).
2. *'Ot* indica um "signo" que estabelece uma certeza que não estava presente anteriormente (Êxodo 4: 8-9, Números 14:22, Deuteronômio 4:34).
3. *Geburah significa* "força" ou "poder" (Sl 145: 4, 11-12; 150: 2).
4. *Mophet significa* basicamente "maravilha", "sinal" ou "portento". É usado freqüentemente em conjunto com *'ot* , como em Deuteronômio 4:34; 6:22; Neemias 9:10.

O Novo Testamento usa quatro palavras gregas que correspondem exatamente aos termos em hebraico do Antigo Testamento:

1. *Teras* ("maravilha") descreve o milagre que surpreende ou impõe. Seu caráter extraordinário indica a maravilha ou maravilha que o milagre inspira. *Teras* não ocorre sozinho no Novo Testamento, mas é sempre acompanhado de *semeion* ("sinal"). Forma a contraparte grega para *mophet* e *pele '* (ver Deuteronômio 4:34 na Septuaginta). Cristo ilustra o uso em Atos 2:22, assim como os apóstolos em Hebreus 2: 4.
2. *Semeion* ("sinal") leva uma pessoa a algo além do milagre. É valioso não pelo que é, mas sim pelo que aponta. É a contraparte grega de *'ot* (ver Números 14:22 na Septuaginta).
3. *Dynamis* ("poder" ou "milagre") retrata o poder por trás do ato e aponta para um novo e maior poder. Corresponde ao seu equivalente hebraico, *geburah* (ver Salmo 144: 4 na Septuaginta).
4. *Ergon* ("trabalho") é usado por Jesus nos Evangelhos para descrever obras distintivas que ninguém mais fez (ver João 15:24).

Estes vários elementos constituem um milagre bíblico. Ao integrar cada aspecto descritivo, um milagre de Deus pode ser definido da seguinte forma:

> Um fenômeno observável entregue poderosamente por Deus diretamente ou através de um agente autorizado (*dynamis*), cujo caráter extraordinário capta a atenção imediata do *espectador* (*teras*), aponta para algo além do fenômeno (*semeion*), e é uma obra distinta cuja fonte pode ser Atribuído a ninguém mais que a Deus (*ergon*).

Fervido até o seu significado central, um milagre pode ser descrito como Deus suspendendo leis naturais e pessoalmente atingindo a vida para reorganizar as pessoas e suas circunstâncias de acordo com sua vontade.

O esboço abaixo descreve as várias obras de Deus. Usando estas definições, alguma confusão semântica pode ser evitada.

I. As obras de criação originárias de Deus
II. As obras contínuas de providência de Deus
    A. Sobrenatural / milagroso / imediato
        1. Sem agência humana
        2. Com a agência humana
    B. Natural / unmiraculous / mediate
        1. Explicável / leis conhecidas
        2. Leis inexplicáveis / desconhecidas

Todas as obras acima envolvem a participação divina de Deus em algum nível. Com relação à cura, por exemplo, qualquer *recuperação* física pode ser chamada *cura divina* , mas nem todas as *curações* podem ser chamadas de *milagrosas* .

Milagres, de acordo com a definição bíblica, excluem a necessidade de meios secundários e não são limitados pelas leis da natureza. Envolvem a intervenção sobrenatural de Deus. Os milagres de Jesus nunca foram limitados; Eles nunca foram duvidosos; Eles foram realizados em público; Eles eram abundantes e instantâneos. Qualquer coisa que reivindicaria o título de *milagre* hoje também deve possuir essas qualidades. Infelizmente, a igreja contemporânea tende a trivializar a idéia de milagres rotulando qualquer coisa fora do comum como *milagrosa* .

Além disso, os milagres não produzem automaticamente espiritualidade naqueles que os testemunham. Os israelitas, libertados da escravidão egípcia por milagres, rapidamente degeneraram em adoradores de ídolos (Êxodo 32), embora os milagres maravilhosos de Deus estivessem frescos em suas mentes. Elias realizou milagres espetaculares de Deus, contudo o remanescente crente de Israel tornou-se tão pequeno (sete mil pessoas) que Elias pensou que estava lutando sozinho (1 Reis 19). Depois que Jesus alimentou os cinco mil e falou do significado do milagre, muitos de seus discípulos se retiraram e não mais andariam com ele (João 6:66).

O contrário acontece hoje. Enquanto as testemunhas do primeiro século dos milagres autênticos de Cristo se afastaram deles e dele (João 9: 13-22), os cristãos do século XXI parecem ser curiosamente atraídos por experiências que nem sequer são dignas de ser comparadas com os milagres de Cristo.

Providência divina

Escopo
Cuidado com as "Leis da Natureza"
Preservação Divina do Universo
Divina Concorrência em Todos os Eventos
Governação Divina de Todas as Coisas a Preordained Ends

A Divina Providência é que Deus está preservando sua criação, operando em todos os eventos do mundo e dirigindo as coisas no universo para o fim que lhes foi designado.

Escopo

A providência de Deus engloba o seguinte: o universo como um todo (Salmo 103: 19, Dn 4:35, Ef 1:11), o reino físico (Jó 37: 1-13, Salmos 104: 14, 135: Mateus 5:45), os animais (Salmo 104: 21, 28, Mateus 6:26, 10:29), as nações (Jó 12:23, Salmos 22:28, 66: 7, Atos 17:26), o nascimento e a vida do homem (1 Samuel 1: 19-20, Salmo 139: 16, Isaías 45: 5, Gálatas 1: 15-16), os sucessos e fracassos do homem (Salmo 75: 6 - Lucas 1:52), coisas aparentemente acidentais ou sem importância (Provérbios 16:33, Mateus 10:30), proteção do seu povo (Salmo 4: 8; 5:12; 63: 8; 121: 3). , Rom 8:28), a provisão para o seu povo

(Gn 22: 8, 14, Deuteronômio 8: 3, Fil. 4:19), respondendo a orações (1 Samuel 1: 9-19; : 13, Salmo 65: 2, Mateus 7: 7, Lucas 18: 7-8) e julgar os ímpios (Sl 7: 12-13; 11: 6).

Uma distinção importante no estudo da providência de Deus está entre sua providência geral e sua providência especial / específica. A providência geral de Deus envolve seu controle de todo o universo (Salmo 103: 19, Dan.2: 31-45, Efésios 1:11). Sua providência especial / específica abrange seu controle dos detalhes do universo, incluindo os detalhes da história (Atos 2:23) e os detalhes nas vidas de pessoas individuais, especialmente os eleitos (Efésios 1: 3-12). Alguns, como os teístas abertos, estão dispostos a admitir que Deus tem providência geral, mas negam que ele tem providência específica na vida das pessoas. No entanto, Romanos 8: 28-30 e Efésios 1: 1-12 mostram que o controle de Deus se estende à vida das pessoas, particularmente aos seus eleitos.

Cuidado com as "Leis da Natureza"

Antes de olhar para os principais componentes das obras de providência de Deus, é importante notar que as "leis da natureza" não são regras que Deus é obrigado a seguir. Pelo contrário, as leis da natureza são o que as pessoas percebem como os princípios e processos normais do universo. Desde o Iluminismo dos séculos XVII e XVIII, muitos negaram a possibilidade de milagres porque os milagres violam as leis da natureza. Em resposta a tais argumentos, as Escrituras ensinam que Deus é o Criador, governante e sustentador da natureza. As leis da natureza são as maneiras normais em que ele defende o universo. No entanto, essas leis estão sob o controle soberano de Deus, então ele tem o direito e o poder de suspendê-las em milagres operacionais. Uma vez que Deus é um Deus de ordem, sua operação do universo tem regularidade. Mas as leis da natureza não devem ser consideradas como independentes de Deus e fechando o universo à sua interferência. Em vez disso, eles devem ser vistos como os meios pessoais que Deus ordenou para operar normalmente o universo. E as leis da natureza não devem ser vistas como invioladas quando se produzem os mesmos efeitos em todas as condições. Em vez disso, eles devem ser vistos como a maneira normal de Deus de produzir efeitos no universo, embora Deus os use freqüentemente em combinações diferentes, resultando em vários efeitos. Assim, uma "lei" normalmente não funciona por si mesma; Em vez disso, Deus emprega várias circunstâncias, combinando diferentes "leis" como ele entender. E as leis da natureza não devem ser vistas como invioladas quando se produzem os mesmos efeitos em todas as condições. Em vez disso, eles devem ser vistos como a maneira normal de Deus de produzir efeitos no universo, embora Deus os use freqüentemente em combinações diferentes, resultando em vários efeitos. Assim, uma "lei" normalmente não funciona por si mesma; Em vez disso, Deus emprega várias circunstâncias, combinando diferentes "leis" como ele entender. E as leis da natureza não devem ser vistas como invioladas quando se produzem os mesmos efeitos em todas as condições. Em vez disso, eles devem ser vistos como a maneira normal de Deus de produzir efeitos no universo, embora Deus os use freqüentemente em combinações diferentes, resultando em vários efeitos. Assim, uma "lei" normalmente não funciona por si mesma; Em vez disso, Deus emprega várias circunstâncias, combinando diferentes "leis" como ele entender.

Preservação Divina do Universo

O primeiro aspecto importante da providência de Deus é a sua preservação do universo. Essa preservação é a obra sempre trágica de Deus através de Deus, o Filho, em manter as coisas que criou com todas as características e dinâmicas que ele lhes deu.

Deus o Filho sempre "sustenta [Gk. *phéro* , 'transporta ativamente'] do universo pela palavra do seu poder"(Hebreus 1: 3.). Em Cristo, "todas as coisas subsistem [Gk. *Synistēmi* , 'ficar juntos'] "(Cl 1:17). O apóstolo Paulo disse que em Deus "vivemos, nos movemos e temos nosso ser" (Atos 17:28). E Pedro disse que "os céus ea terra que agora existem são guardados para o fogo, sendo mantida até o dia do juízo e da perdição dos ímpios" (2 Pe. 3: 7). Deus revelou que ele sustenta a respiração de pessoas e animais, e se ele iria "se reúnem para si o seu espírito eo seu fôlego, toda a carne juntamente expiraria, eo homem voltaria para o pó" (Jó 34: 14-15). E quando Deus tira o fôlego dos animais "morrem, e voltam para o seu pó" (Sl. 104: 29).

Deus preserva todas as coisas de acordo com suas próprias propriedades, desde que as deseje. Deus preserva o que criou; Ele não cria novos átomos, moléculas e energia. Deus preserva a dinâmica da natureza em relativa estabilidade e previsibilidade, de modo que a ciência ea tecnologia são possíveis. Mas Deus sempre mantém o direito soberano de suspender ou terminar os processos normais da natureza. No futuro, ele dará ao seu povo corpos de ressurreição que nunca morrerão, e os processos atuais de morte e de decadência não existirão mais. As "leis da natureza" serão diferentes no estado eterno (Ap 21: 1-22: 5).

Divina Concorrência em Todos os Eventos

O segundo aspecto principal da providência de Deus é a sua concordância em todos os eventos. A Concordância de Deus é a sua operação com as coisas criadas, causando-as (agindo diretamente ou ordenando-as através de causas secundárias), através de suas propriedades, para agir.

Exemplos na Escritura abundam. José disse que Deus, e não seus irmãos, o enviou ao Egito (Gn 45: 5-8). O Senhor (Javé) disse que estaria com a boca de Moisés para capacitá-lo a falar por Deus (Êxodo 4: 11-12). O Senhor prometeu entregar os inimigos a Josué e ao povo de Israel - os israelitas ainda tinham de atacar, mas o Senhor lhes deu uma grande vitória (Josué 11: 6). Deus transforma o coração de um rei para fazer como Deus quer (Provérbios 21: 1), e o Senhor virou o coração do rei da Assíria para ajudar o povo a construir o templo (Esdras 6:22). O Senhor deu ao povo de Israel a habilidade de adquirir riqueza (Deuteronômio 8:18). Deus trabalha nos fiéis "para querer e trabalhar para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13). Deus ordenou atos malignos, como quando ele moveu Simei para amaldiçoar Davi (2Sm 16:11). Ele usou a Assíria para castigar seu povo (Isaías 10: 5).

A concordância de Deus em todos os eventos não o envolve no pecado. Os homens pecam de acordo com a predeterminação de Deus em seu decreto, mas por causas secundárias, de modo que Deus não causa direta e efetivamente os atos do pecado (Gn 45: 5-8; 50: 19-20; Ex 10: 1, 20; Sam. 16: 10-11, Isaías 10: 5-7, Atos 2:23, 4: 27-28). Além disso, Deus muitas vezes restringe o pecado (Jó 1:12, 2: 6) ou transforma um ato mau para que tenha bons efeitos (Gênesis 50:20, Salmos 76:10, Atos 3:13).

O uso de Deus de causas secundárias (causas indiretas) ajuda a explicar sua concordância em eventos. A dinâmica da natureza não funciona por si só, mas Deus fornece sua energia em cada ato (contra deísmo). As segundas causas são reais, não idênticas ao poder de Deus, ou então não há concordância da Primeira Causa (Deus) com as segundas causas (coisas criadas). Deus faz mais do que simplesmente dar a energia às segundas causas para fazer algo; Ele dirige as ações de segundas causas para o seu fim pretendido. Desta forma, Deus, não o homem, está no controle. Naturalmente, Deus também pode trabalhar por causação direta, se assim o desejar.

Esta concordância não é um sinergismo cooperativo, que envolveria a participação parcial de Deus e do homem. Em vez disso, ambos estão totalmente envolvidos em causar esta ação. A vontade de Deus está em última análise por trás do ato, e ele fornece energia. Mas o homem como segunda causa inicia a ação no tempo, em resposta à causação direta de Deus ou em resposta aos próprios desejos do homem como estimulados pelas circunstâncias. A concorrência é iniciada por Deus, e ele tem a prioridade na ação, ou então o homem seria soberano independente em suas ações. A concordância de Deus é logicamente anterior à ação humana e predetermina tudo fora de Deus. O arranjo nunca é que o homem inicia um ato e que Deus se une depois da iniciação. Deus não fornece energia em geral, mas energia real para fazer atos específicos em seu decreto.

Concorrência de Deus também é simultânea. O homem nunca trabalha independentemente de Deus em nada. Deus sempre acompanha o homem com sua vontade efetiva (de Deus), mas sem coagir o homem a violar sua natureza em qualquer ato. Há um trabalho simultâneo, eo ato é o produto de ambas as causas (Deus e homem), embora de maneiras diferentes. Como Berkhof descreve: "Esta atividade divina acompanha a ação do homem em cada ponto, mas sem roubar o homem de qualquer forma de sua liberdade. A ação continua a ser o ato livre do homem, um ato pelo qual ele é considerado responsável. "

Governação Divina de Todas as Coisas a Preordained Ends

O terceiro aspecto principal da providência de Deus dentro e sobre o universo é o seu *governo* divino de todas as coisas. Essa governança envolve o governo ativo contínuo de Deus sobre todas as coisas, para que, por meio delas, ele realize seu propósito último de glorificar a si mesmo.

Deus governa como Rei do universo. O tema principal da Bíblia é o glorioso reino do Deus trino, de modo que seu ponto central é o reino de Deus sobre toda a criação. Deus sempre retém e exerce o domínio soberano sobre e sobre todos os assuntos do universo. Deus é Rei como Pai (Mateus 11:25, Atos 17:24, 1 Tim. 1:17, 6:15, Apocalipse 1: 6, 19: 6).

Deus adapta sua governança à natureza das criaturas. Ele ordinariamente governa o reino físico por suas leis da natureza e da mente através das propriedades da mente. Deus governa mediatamente os seres humanos em suas escolhas morais por meio de "influências morais, tais como circunstâncias, motivos, instrução, persuasão e exemplo", e também através da operação divina direta do Espírito Santo em sua natureza interior.

O governo de Deus se estende por todas as suas obras - passado, presente e futuro (Salmos 22: 28-29, 103: 17-19, Dn 4: 34-35, 1 Tm 6:15). É detalhado, mesmo sobre as coisas menores (Mateus 10: 29-31), sobre coisas que comumente podem ser atribuídas ao acaso (Provérbios 16:33) e sobre os atos bons e maus dos homens (Flp 2:13 Atos 14:16). Deus é o Rei de Israel que salvará e restaurará seu povo (Isaías 33:22), e ele é o Rei sobre todas as nações, tendo autoridade final sobre toda a terra (Salmo 47).

O Problema do Mal e da Teodicéia

Teodicéia Bíblica
Uma perspectiva bíblica sobre o mal
Teodicéia Compatibilística
Teodiceia em Evangelismo

Um dos argumentos mais persistentes contra a existência de Deus é baseado na existência de mal físico e moral no mundo. A questão de que muitos incrédulos voz é, se Deus é

real, perfeitamente bom, e onipotente, como pode o mal existir? John Frame detalha o clássico "problema do mal" da seguinte forma:

> Premissa 1: Se Deus fosse todo-poderoso, ele seria capaz de prevenir o mal.
> Premissa 2: Se Deus fosse todo-bom, ele desejaria evitar o mal.
> Conclusão: Então, se Deus fosse todo-poderoso e todo-bom, não haveria mal.
> Premissa 3: Mas há o mal.
> Conclusão: Portanto, não há um Deus todo-poderoso, todo-bom.

O problema do mal tem em vista o mal físico (por exemplo, catástrofes, doença, dor, morte) eo mal moral (pecado).

A resposta cristã ao problema do mal é chamada teodicéia, que vem das palavras gregas *theos* e *dikē* . Estas palavras *combinadas significam* " *audiência* judicial de Deus" (para *dikē* , ver 2 *Tessalonicenses* 1: 9, Jude 7), ou a "justificação de Deus." Teodiceia envolve uma vindicação da justiça de Deus contra a acusação de que a presença do mal em A criação mostra que ele é injusto, impotente, ambos, ou inexistente. Teodiceia declara que Deus é todo-poderoso e todo-bom mesmo que isto possa não parecer ser o caso desde que o mal existe na criação.

Teodicéia Bíblica

A única teodiceia adequada vem da Bíblia. Quando Deus é aquele que está sendo acusado perante o tribunal da opinião humana, a Palavra de Deus fornece uma defesa suficiente. Deus fornece sua própria teodicéia como ele é revelado em sua Palavra. John Frame estabeleceu princípios de estabelecer Deus e sua Palavra como a teodiceia que é a resposta legítima ao problema do mal.

As Escrituras nunca supõem que Deus deve explicar suas ações, mas sim afirma que ele tem o direito de ser confiável. No relato do Gênesis 3 sobre o início do mal moral e físico, Deus não explica a origem do mal em Satanás ou como Adão e Eva poderiam pecar num mundo perfeito. Adão implicava que Deus estava em falta, mas Deus não se defendeu e, em vez disso, condenou Adão. No relato do Gênesis 22 sobre o sacrifício de Isaque, Deus não explica como sua ordem de sacrificar Isaque se harmoniza com sua bondade. De acordo com Êxodo 33:19, Deus não se submeterá ao julgamento do homem, mas mostrará graça e misericórdia a quem quiser sem precisar explicar suas ações.

Em Jó 38-41, depois que os amigos de Jó o culparam por ser a causa de seu sofrimento, e depois que Jó expressou seu desejo de apelar a Deus, Deus faz as perguntas, afirmando que o homem é incapaz de compreender as obras de Deus na distribuição do bem e mal. Deus nunca explica por que Job teve que sofrer. E o livro de Jó nunca explica por que Jó teve que sofrer como uma resposta às acusações de Satanás. Jó queria questionar a Deus, mas foi questionado por Deus. Em Ezequiel 18: 25-30, Deus não se defende contra a acusação de injustiça de Israel, mas sim condena Israel por injustiça.

Na parábola dos trabalhadores na vinha em Mateus 20: 1-16, o mestre não se defende contra a acusação de distribuição injusta de pagamento, mas reverte a acusação sobre os acusadores. A soberania divina é assim afirmada. O mestre apresenta sua palavra como confiável. Perspectiva adequada mostra a generosidade do mestre, não qualquer injustiça.

Similarmente, em Romanos 3: 4-6, Paulo não faz perguntas sobre a justiça de Deus, mas sim repreende tais questões afirmando os direitos de Deus como o Senhor soberano. Em Romanos 9: 15-20, Paulo afirma o direito soberano de Deus de fazer o que bem entender; Questionar Deus é "conversa de volta" desrespeitosa. Segundo Paulo, o homem é desobediente em queixar-se contra Deus. Deus não é obrigado a explicar suas ações para satisfazer o intelecto humano com respeito ao problema do mal. A soberania

de Deus deve sempre ser reafirmada. A Palavra de Deus é absolutamente confiável, ea Escritura é clara: Deus é santo, não é injusto.

Uma perspectiva bíblica sobre o mal

Uma teodicéia bíblica apropriada reconhece o direito de Deus de fazer o que bem entender, de não se explicar, de condenar os pecadores pelo mal do mundo e de chamar os pecadores para aceitá-lo como remédio para o mal. Deus é justo e bom porque justiça e bondade são sua própria natureza. Deus vindica sua justiça ajudando as pessoas a ver a história de sua perspectiva.

Primeiro, Deus dá perspectiva sobre o passado. Deus sempre se reivindicou trazendo períodos de sofrimento ao fim por um ato de graça. Ele forneceu Moisés para acabar com quatrocentos anos de escravidão. E mesmo Moisés teve que esperar quarenta anos para sua comissão. A viagem do deserto foi um período de espera que culminou em entrar na Terra Prometida. Até mesmo a jornada tinha períodos de espera de água e comida, tudo terminado pela graciosa preservação de Deus. A alternância entre períodos de espera e visitas divinas continuou nos ciclos de escravidão e libertação sob os juízes e no reino dividido. Todo o período do Antigo Testamento foi um período de espera pelo cumprimento da aliança abraâmica. No período do Antigo Testamento, o período de tempo envolvia uma dialética entre justiça e misericórdia, Que colocava uma questão sobre a consistência da justiça e misericórdia de Deus. A justiça foi predita, mas Deus também prometeu cumprir suas promessas. No entanto, esse fato levantou a questão de como a justiça e a misericórdia de Deus poderiam ser reconciliadas e harmonizadas sem comprometer uma ou ambas. A justiça de Deus causou perguntas sobre sua misericórdia e sua misericórdia sobre sua justiça.

Jesus resolveu o problema do mal do Antigo Testamento ao harmonizar a justiça ea misericórdia divinas. Por sua morte expiatória , ele *é* a teodiceia divina, vindicando tanto a justiça divina como a misericórdia na cruz (Romanos 3:26; 5: 8-9, 20-21). A graça reina pela justiça, que é revelada pelo evangelho da graça (Romanos 1:17). E assim através da graça Deus nos move a louvar a sua justiça. Muitos santos do Antigo Testamento sofreram mais severamente do que qualquer crente contemporâneo, e mesmo assim eles morreram antes de ver a conquista do mal por parte de Deus através da cruz de Cristo. Eles tinham que confiar que Deus um dia se vindicaria. Quanto mais os novos crentes da aliança devem confiar em Deus para vindicar sua justiça ao retorno de Cristo de acordo com suas promessas fieles.

Segundo, Deus dá uma perspectiva sobre o presente. As Escrituras nos mostram que Deus sempre usou e atualmente está usando o mal para cumprir seus propósitos para o bem. A solução do problema do mal deve ser teocêntrica, não antropocêntrica. Não deve ter como objetivo tornar o homem mais feliz ou mais livre, mas glorificar a Deus. A defesa do bem maior só é válida se o bem maior for visto como aquele que glorifica a Deus mais plenamente do que um bem menor. A felicidade do homem só vem através de caminhos glorificadores de Deus: obediência, abnegação e sofrimento enquanto se antecipa a glória final. Quando o maior bem de divina glorificação de Deus for realizado, os crentes e toda a criação (excluindo os incrédulos) terão seu próprio bem maior (Romanos 8:28).

Apesar de não dar explicações exaustivas de todo o mal e ao mesmo tempo chamar paciência no meio das adversidades, a Escritura mostra algumas maneiras pelas quais Deus usa o mal para promover seus propósitos: mostrar a graça divina e justiça (Romanos 3:26; 5: 8, 20-21; 9:17); Para julgar o mal no presente e no futuro (Mt 23:35; João 5:14); Para redimir através dos sofrimentos de Cristo (1 Pedro 3:18); Para expandir o

testemunho do evangelho através do sofrimento do povo de Cristo (Cl 1:24); Chocar os incrédulos, chamar a atenção deles e pedir uma mudança de coração (Zacarias 13: 7-9, Lucas 13: 1-5; João 9); Disciplinar os crentes (Hebreus 12: 3-17); E para vindicar a Deus (Romanos 3:26).

Deus assegura que ele sempre tem um propósito para a glória de si mesmo eo bem de seu povo em cada evento (Romanos 8:28). Toda evidência de Deus usando o mal para o bem deve encorajar seu povo a confiar na fé que os males inexplicáveis atualmente são propostos divinamente para o bem.

Terceiro, Deus dá uma perspectiva sobre o futuro. A Escritura promete que Deus será finalmente reivindicado e os crentes totalmente libertos do mal. No futuro, o sofrimento terminará em glória para os crentes, ea prosperidade terminará em juízo para os ímpios (Salmo 73, Isaías 40, Mateus 25, Lucas 1: 46-55). Quando Deus parece injusto no presente, é preciso esperar pela glória e julgamento de Deus (Hab. 2: 2-3) e lembrar-se de seus atos passados (Hab 3: 1-18). Na consumação futura, ninguém duvidará da justiça e da misericórdia de Deus. Não que ele dê uma teodicéia teórica final e exaustiva, mas quando ele for revelado a todos no segundo advento de Cristo, todas as dúvidas serão transformadas em silêncio vergonhoso ou louvor reverente. E quando Cristo reinar em perfeita justiça, não haverá mais problema do mal. Se alguém acredita na vindicação divina final, Basta confiar agora que o problema do mal está resolvido na mente e no conselho soberano de Deus. Assim, a Escritura responde ao problema do mal não com o raciocínio filosófico, mas com a certeza divina da vindicação divina final. Todos os cristãos devem seguir esse padrão articulando uma teodicéia ao mundo no presente.

Finalmente, a Escritura fornece uma perspectiva apropriada servindo como o meio pelo qual Deus dá um coração novo aos crentes. Através da Palavra de Deus, o Espírito salva e transforma a dúvida na fé, humilhando as pessoas de sua orgulhosa autonomia e levando-as a dar graças pela misericórdia de Deus. Através de sua Palavra, Deus dá um novo coração pelo qual se vê Cristo, crê e se louvam (1 Cor. 2: 12-13). A mudança de valores dada com o novo coração levanta os olhos para além dos males desta vida para o Deus que finalmente vai acabar com o mal e está agora usando-o para seu propósito. Esta nova perspectiva é a teodicéia do cristão.

Teodicéia Compatibilística

O compatibilismo sustenta que, quando devidamente definido, o livre-arbítrio humano e o determinismo divino são idéias complementares; Isto é, é possível aceitar ambos sem ser logicamente inconsistentes. O compatibilismo sustenta que a vontade de alguém é livre dentro dos limites da própria natureza. A vontade humana não regenerada é livre somente dentro das limitações da finitude e da depravação humanas. Uma vez que a natureza humana depravada não pode obedecer a Deus, os humanos caídos são livres apenas para pecar. Os humanos caídos pecam livremente porque querem pecar, sem coerção. Uma teodicéia bíblica concorda com uma visão compatibilística da liberdade humana. Uma teodicéia bíblica não assume que o homem em sua queda tem a capacidade de obedecer a Deus, mas sim que os seres humanos caídos em sua natureza corrompida escolher apenas o que serve o seu próprio prazer e poder.

1. Deus predetermina todos os eventos (Efésios 1:11).
2. A queda resultou em dificuldades físicas e catástrofes (Isaías 45: 7, Romanos 8: 20-22).
3. Deus predetermina o pecado, mas torna o homem responsável pelo seu pecado (Atos 2:23, 4: 27-28, 14:16).
4. Deus endurece os pecadores no pecado (Romanos 9:18).

5. Deus nunca tenta as pessoas a pecar (Tiago 1:13).
6. Deus nunca é culpado nas Escrituras pelo pecado ou retratado como desfrutando o pecado que ele permite (Sl 5: 4).
7. Deus nunca coagula o homem ao pecado, mas ordena que o homem pecado livremente e assim ser culpado (Tiago 1: 14-15).
8. Deus controla o pecado das pessoas, trabalhando misteriosamente por causas secundárias (2 Samuel 24: 1, 10; 1 Crônicas 21: 1).
9. Deus é glorificado em sua justiça quando causa calamidades e julga o pecado (Isaías 45: 5-7, Ezequiel 28:22, João 9: 2-5).
10. Deus ofereceu graciosamente a salvação do pecado para aqueles que crêem em Cristo (Romanos 3: 24-26).

Teodiceia em Evangelismo

À medida que os cristãos se envolvem com os incrédulos, eles não devem pensar que podem vindicar Deus por princípios fora da Palavra de Deus. Em vez disso, eles devem expressar a teodicéia escrita inspirada de Deus articulando seus princípios. Estes princípios bíblicos podem ser ilustrados por relatos pessoais, mas os princípios devem ser o fundamento da conversa. Basear a teodicéia nos princípios extrabíblicos deixa de apresentar Deus como ordenou na Escritura.

A Bíblia, sendo a teodiceia de Deus, vindica todas as suas perfeições pelo que revelou sobre o que fez no passado, está fazendo no presente e fará no futuro. Quando se apresenta a teodiceia de Deus, não se deve cair na armadilha de lidar com o que o homem não salvo pensa que é melhor para sua felicidade, mas deve procurar chamar as pessoas do egocentrismo pecaminoso ao arrependimento humilde e submisso do pecado e da fé no verdadeiro Deus através de Jesus Cristo. Não se deve permitir que o homem não salvo estabeleça o bem-estar humano de acordo com os desejos humanos, fazendo do pensamento humano o padrão da justiça divina e da misericórdia.

Glorificando a Deus

Deus Dirigido
Direção Cristã
Unbeliever Dirigido

A glória de Deus domina a Escritura. Alguns sugeriram que a *glória* é o tema unificador da Bíblia. Que a palavra aparece mais de quatrocentas vezes na Escritura suporta esta possibilidade. Entretanto, como a glória de Deus está completa, como os cristãos podem acrescentar algo a ela? Por que as Escrituras ordenam aos crentes que lhe dêem glória? Como 2 Coríntios 3:18 explica, "E todos nós, com rosto desvelado, vendo a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de um grau de glória para outro. Pois isso vem do Senhor, que é o Espírito ".

Por analogia Deus é para os cristãos como o sol é para a lua. Como o sol é a fonte exclusiva de luz, Deus é a única fonte de glória; Como a lua reflete a luz, assim os crentes refletem a glória de Deus. Porque a imagem de Deus no homem foi fraturada pela queda, os seres humanos pecaminosos refract a glória de Deus mais do que eles refletem-lo de volta para ele. Mas uma vez que os crentes começam a ser transformados na mesma imagem no momento da salvação, eles refletem mais do que refratam. Assim, a glória de Deus é cada vez mais devolvida a ele tal como ele a transmitiu aos seus amados. É assim que os cristãos podem dar a Deus algo que só ele possui e não compartilha com ninguém (Isaías 42: 8; 48:11).

O que se pode fazer para glorificar a Deus? Três reinos distintos podem ser identificados e explorados. As atividades glorificadoras de um crente aparecem sob três categorias: atividades que são (1) Deus dirigido, (2) dirigido por cristãos e (3) descrente dirigido.

Deus Dirigido

Ser Deus por definição inclui ser glorioso. Muitos títulos refletem a glória de Deus:

1. "O Senhor da glória" (1 Cor. 2: 8)
2. "A glória majestosa" (2 Pedro 1:17)
3. "O Rei da glória" (Sl 24: 7-10)
4. "O Espírito da glória" (1 Pedro 4:14)

A maior parte da glória de Deus refletida para ele pelos cristãos vem através de atos de devoção pessoal e adoração que são dirigidos por Deus. Abaixo estão listadas 20 atividades de adoração pessoal que glorificam a Deus, começando com aquelas que são dirigidas por Deus e, em seguida, movendo-se para aqueles que são dirigidos por cristãos e descrentes dirigidos.

1. Viver com propósito: "Portanto, quer comais, bebais ou façais o que fizerdes, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Coríntios 10:31). O famoso pregador americano do século XVIII, Jonathan Edwards (1703-1758), aplicou este pensamento à sua vida, resolvendo: "Que eu farei tudo o que eu penso ser mais para a glória de Deus." Ele moldou o quadro da vida em todos os aspectos glória. Ao imitar esse objetivo, os crentes podem ser uma resposta à oração de Paulo pelos filipenses (Fil. 1: 9-11).
2. Confessando pecados: "Disse, pois, Josué a Acã: Filho meu, dá glória ao SENHOR Deus de Israel, e louvai-o. E me diga agora o que você fez; Não o escondas de mim "(Josué 7:19). Continuar no pecado é uma afronta à santidade de Deus (Ap 16: 9), mas confessar seus pecados reconhece a santidade de Deus e lhe dá glória.
3. Orando com expectativa: "Tudo o que pedirdes em meu nome, farei isto, para que o Pai seja glorificado no Filho" (João 14:13). Orações em nome de Cristo trazem a glória do Pai. Seria prudente começar a orar com a petição de Moisés: "Por favor, mostre-me a sua glória" (Êxodo 33:18).
4. Viver puramente: "Fuja da imoralidade sexual. Todo outro pecado que uma pessoa comete está fora do corpo, mas a pessoa sexualmente imoral peca contra seu próprio corpo. Ou você não sabe que seu corpo é um templo do Espírito Santo dentro de você, que você tem de Deus? Você não é seu, porque você foi comprado com um preço. Assim, glorifiquem a Deus em seu corpo "(1 Coríntios 6: 18-20). Ele glorifica a Deus para viver à luz de seu santo caráter.
5. Submetendo-se a Cristo: "Por isso Deus o exaltou e lhe concedeu o nome que está acima de todo nome, para que no nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua Confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai "(Flp 2: 9-11).
6. Louvando a Deus: "Porque tudo é por vossa causa, para que, à medida que a graça se estende a mais e mais pessoas, possa aumentar a ação de graças, para a glória de Deus" (2 Cor. 4:15). O samaritano curado de lepra glorificou a Deus com louvor, como fizeram os anjos no nascimento de Cristo (Lucas 2:14; 17: 11-19). As bocas dos cristãos devem ser cheias do louvor e glória do Senhor durante todo o dia (Salmo 71: 8).

7. Obedecendo a Deus: "Com a aprovação deste serviço, glorificarão a Deus por causa da vossa submissão que vem da vossa confissão do evangelho de Cristo e da generosidade da vossa contribuição para eles e para todos os outros" (2Co 9). : 13).

8. Crescendo na fé: "Nenhuma incredulidade o fez hesitar em relação à promessa de Deus, mas se fortaleceu na sua fé, ao dar glória a Deus, plenamente convencido de que Deus podia fazer o que havia prometido" (Romanos 4: 20-21).

9. Sofrendo por causa de Cristo: "Mas nenhum de vós sofra como assassino, ladrão, malfeitor ou medidor. Mas se alguém sofre como cristão, não se envergonhe, mas glorifique a Deus naquele nome "(1 Pedro 4: 15-16). Pedro sabia do que ele escreveu, por muitos anos Cristo lhe havia dito por que tipo de morte ele iria glorificar a Deus (João 21:19).

10. Regozijar-se em Deus: "Glória ao seu santo nome; Regozije-se o coração daqueles que procuram o SENHOR ! "(1 Crônicas 16:10).

11. Adorando a Deus: "Todas as nações que fizeste virão e adorarão diante de ti, ó Senhor; E glorificará o teu nome "(Salmo 86: 9).

12. Dando fruto espiritual: "Nisto meu Pai é glorificado, para que dêis muito fruto e assim sejais meus discípulos" (João 15: 8).

Direção Cristã

A vida cristã começa por ser correta com Deus, mas não termina aí. Da direção ascendente, agora nos voltamos para os caminhos pelos quais os crentes podem glorificar a Deus na igreja e entre eles.

13. Proclamando a Palavra de Deus: "Finalmente, irmãos, rogai por nós para que a palavra do Senhor avance e seja honrada" (2 Tessalonicenses 3: 1).

14. Servir o povo de Deus: "Como cada um recebeu um dom, use-o para servir uns aos outros, como bons mordomos da variada graça de Deus: quem fala, como alguém que fala oráculos de Deus; Quem serve, como aquele que serve pela força que Deus fornece - a fim de que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo. A ele pertencem a glória eo domínio para todo o sempre. Amém "(1 Pedro 4: 10-11).

15. Purificando a igreja de Cristo: "Para que se apresentasse a igreja em esplendor, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, para ser santa e sem mácula" (Efésios 5:27).

16. Dando sacrifício: "Com a aprovação deste serviço, glorificarão a Deus por causa da vossa submissão que vem da vossa confissão do evangelho de Cristo e da generosidade da vossa contribuição para eles e para todos os outros" (2 Cor 9) : 13).

17. Os crentes unificadores: "Eu lhes dei a glória que me deste, para que sejam um como nós somos um" (João 17:22). Como Cristo nos aceitou, assim devemos aceitar uns aos outros, para a glória de Deus (Romanos 15: 7).

Unbeliever Dirigido

Primeiramente acima, então dentro, e agora para fora. Isso completa o ciclo. Alguém pode perguntar, qual destes três é o mais importante? Todos são igualmente importantes, mas a ordem na qual alguém glorifica a Deus é crucial. Em primeiro lugar, um deve ser fixado nele antes de ministrar uns aos outros. Então, a menos que alguém esteja certo no corpo de Cristo, nunca se pode esperar alcançar os perdidos com o evangelho de Cristo.

Proclamando a salvação aos perdidos: "Sua glória é grande pela vossa salvação; Esplendor e majestade que você lhe concede "(Salmo 21: 5). A linguagem de

"para louvor da sua glória" domina os comentários de Paulo sobre a salvação (Efésios 1: 6, 12, 14). E assim, a glorificação de Deus caracterizou a salvação de Paulo (Gálatas 1: 23-24) e Cornélio (Atos 11:18). Uma vez que todos ficaram aquém da glória de Deus (Romanos 3:23), então ser salvo é ter essa glória restaurada.

19. Ilumina a luz de Cristo: "Deixa brilhar a tua luz diante dos outros, para que vejam as tuas boas obras e glorifiquem a teu Pai que está nos céus" (Mt 5:16).

20. Espalhando o evangelho de Deus: "Porque tudo é por vossa causa, para que, à medida que a graça se estende a mais e mais pessoas, possa aumentar a ação de graças, para a glória de Deus" (2 Cor. 4:15). Isto provou ser a experiência de Paulo em sua primeira viagem missionária. Quando os gentios ouviram o evangelho, eles se alegraram, glorificaram a Deus e creram (Atos 13:48).

Ichabod , que significa "nenhuma glória" em hebraico, seria a pior coisa imaginável para um crente (1 Sam 4:21). Para a glória de Deus estar ausente de um crente ou a igreja é impensável. A glória de Deus precisa ser a busca consumidora de um cristão.

Que a beatitude do salmista ea doxologia de Paulo sejam praticadas agora e para sempre:

> Bendito seja o SENHOR , o Deus de Israel, que só faz maravilhas. Bendito seja o seu nome glorioso para sempre; Que toda a terra se encha da sua glória! Amém e Amém. (Salmo 72: 18-19)
>
> A nosso Deus e Pai seja a glória para todo o sempre. Um homem. (Filipenses 4:20)

Oração

Ó Pai, os céus falam claramente da tua incompreensível glória,
E sua expansão declara repetidamente a obra de Suas mãos:
"O dia a dia derrama o discurso, ea noite à noite revela o conhecimento"
De Você, nosso incrível Criador-
E este é o discurso que todos podem entender.
O sol se move sob Sua direção em um vasto circuito.
Sua glória está em exibição em todo nosso sistema solar e além,
De uma extremidade dos céus para a outra.
Estamos maravilhados com o Seu incompreensível poder.

E ainda mais maravilhoso para nós do que a Sua criação gloriosa
É a revelação de si mesmo na Escritura:
Sua lei, testemunho, preceitos, mandamentos e julgamentos,
Todos os quais são perfeitos, certos, certos, puros, limpos e verdadeiros.
Sua Palavra converte a alma, nos faz sábios,
Nos traz alegria, nos ilumina,
E pondera a justiça em nós.
Portanto, desejamos a Vossa Palavra mais do que
Ouro, encontrando-o mais doce do que mel.
Precioso Pai Celestial, todo o nosso deleite está em Ti.
O anseio mais profundo de nossos corações é ver e celebrar Sua glória.
Não estaremos verdadeiramente satisfeitos
Até que contemplemos o Vosso rosto em justiça.
É por isso que agora derramamos nosso amor e adoração a Ti em oração.
Confiamos em Suas promessas,
Regozijai-vos na vossa fidelidade,
Glória em tua bondade,
Esperança em sua palavra,

Acredite em Seu Filho,
E descanse em Sua graça.

Obrigado por nos permitir descansar em plena garantia.
Sabemos que o passado, o presente e o futuro estão todos a Seu cuidado.
Nós alegremente confessamos que Seu plano é melhor,
Seus mandamentos são justos,
Sua sabedoria é impecável,
Seu poder é supremo,
E todos os Seus caminhos são perfeitos.
Você está cheio de misericórdia, misericordioso, santo, reto e gracioso -
A fonte de tudo o que é realmente bom.
Nós cedemos a Ti como nosso Rei e nosso Redentor,
Pedindo que a Tua vontade seja feita em nós.

Dê-nos corações que confiam sem suspirar ou reclamar
Sobre o que Sua providência traz para nossas vidas.
Chupe-nos com misericórdia e graça, como sempre fazes,
E vivamos em constante gratidão.
Sempre que pecamos e agimos de maneira rebelde,
Ajude-nos a reconhecer nossa loucura rapidamente e nos arrependermos.
Então tire nossa triste tristeza e
Emblazon nossos corações com gladness.
Encha nossos corações com canções sagradas de louvor.
Restaura-nos para que possamos ser faróis de tua graça.
Viemos adorá-Lo, Pai, confiando em Seu perdão e poder
Para que possamos entrar na Sua presença
E ser recebidos como verdadeiros adoradores.
Viemos em nome de nosso Salvador. Um homem.

"Louvor, Minha alma, o Rei dos Céus"

Louvado, minha alma, o Rei do Céu,
Aos Seus pés o seu tributo traz.
Ransomed, curado, restaurado, perdoado,
Evermore Seus louvores cantam.
Aleluia! Aleluia!
Louvado seja o Rei eterno!

Louve-Lhe por Sua graça e favor
A nossos pais em perigo;
Louvado seja Ele, ainda o mesmo de sempre,
Lento para repreender, e rápido para abençoar.
Aleluia! Aleluia!
Glorioso em Sua fidelidade!

Frágil como o fluxo do verão, florescemos;
Sopra o vento e ele se foi.
Mas, enquanto os mortais se elevam e perecem,
Deus permanece imutável.
Aleluia! Aleluia!
Louvado seja o Altíssimo Eterno!

Anjos no alto, adorem-no;
Você O contempla face a face.
Santos triunfantes, curvam-se diante dEle,
Reunidos de cada raça.

Aleluia! Aleluia!
Louvai-nos o Deus da graça!

~ Henry F. Lyte (1793-1847)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 59-94.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939. 19-178.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 27-182.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 2005. 12-225.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 5-193.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 263-432.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 141-396.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 189-482, 535-636.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 1: 177-335.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 129-414.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 1: 151-546; 3: 89-248.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 52-110; 243-443.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 137-287.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 51-75, 119-88.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 169-538.

Obras Específicas

Allison, Gregg R. *Teologia Histórica: Uma Introdução à Doutrina Cristã* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011.

Ames, William. *A medula da teologia* . Tradução de John Dykstra Eusden. 3a ed. 1629. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1997.

Bavinck, Herman. *A Doutrina de Deus* . Traduzido por William Hendriksen. 1951. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 2003.

Beilby, James K. e Paul R. Eddy, eds. *Divino conhecimento prévio: Quatro visões* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

Berkhof, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs* . 1937. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1975.

Bray, Gerald. *Deus é amor: uma teologia bíblica e sistemática* . Wheaton, IL: Crossway, 2012.

Calvin, John. *Institutos da Religião Cristã* . Editado por John T. McNeill. Traduzido por Ford Lewis Battles. 2 vols. Biblioteca de clássicos cristãos. 1559. Reimpressão, Louisville: Westminster John Knox, 1960.
Carson, DA *O amordaçamento de Deus: O cristianismo confronta o pluralismo* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.
Charnock, Stephen. *Discursos sobre a Existência e Atributos de Deus* . 2 vols. 1853. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1979.
Feinberg, John S. *As muitas caras do mal: sistemas teológicos e os problemas do mal* . Rev. ed. Wheaton, IL: Crossway, 2004.
---. *Ninguém como Ele: A Doutrina de Deus* . Fundamentos da Teologia Evangélica. Wheaton, IL: Crossway, 2001.
Frame, John M. *Apologética à Glória de Deus: Uma Introdução* . Phillipsburg, NJ: P & R, 1994.
---. *A Doutrina de Deus* . Uma teologia do senhorio. Phillipsburg, NJ: P & R, 2002.
---. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Crença Cristã* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2013.
Ganssle, Gregory E., ed. *Deus e Tempo: Quatro Vistas* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.
Geisler, Norman L. *Criando Deus na imagem do homem?* Minneapolis: Casa de Bethany, 1997.
Hannah, John D. *Nosso Legado: A História da Doutrina Cristã* . Colorado Springs: NavPress, 2001.
Harris, Murray J. *Jesus como Deus: O Novo Testamento Uso de* Theos *em referência a Jesus* . Grand Rapids, MI: Baker, 1992.
Helm, Paul. *A Providência de Deus* . Contornos da Teologia Cristã. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.
Huffman, Douglas S., e Eric L. Johnson. *Deus sob o Fogo: A Bolsa Moderna Reinventa Deus* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002.
Letham, Robert. *A Santíssima Trindade: Nas Escrituras, História, Teologia e Adoração* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2004.
MacArthur, John. *A Batalha pelo Princípio: Criação, Evolução e a Bíblia* . Rev. ed. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
Packer, JI *Conhecendo Deus* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973.
Rosa, Arthur W. *Os Atributos de Deus* . 1920. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Guardian, 1975.
Piper, John, Justin Taylor e Paul Kjoss Helseth, eds. *Além dos limites: O teísmo aberto e o enfraquecimento do cristianismo bíblico* . Wheaton, IL: Crossway, 2003.
Sexton, Jason S., ed. *Dois pontos de vista sobre a doutrina da Trindade* . Contraponto: Bíblia e Teologia. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2014.
Toon, Peter. *Nosso Deus Triúno: Um retrato bíblico da Trindade* . Wheaton, IL: Victor, 1996.
Tozer, AW *O Conhecimento do Santo: Os Atributos de Deus: Seu Significado na Vida Cristã* . Nova Iorque: Harper & Brothers, 1961.
Ware, Bruce A. *Pai, Filho e Espírito Santo: Relacionamentos, Papéis e Relevância* . Wheaton, IL: Crossway, 2005.
---. *A Pequena Glória de Deus: O Deus Diminuído do Teísmo Aberto* . Wheaton, IL: Crossway, 2000.
---. *Perspectivas sobre a Doutrina de Deus: 4 Vistas* . Nashville: B & H Academic, 2008.
Ware, Bruce A., e John Starke, eds. *Um Deus em Três Pessoas: Unidade de Essência, Distinção de Pessoas, Implicações para a Vida* . Wheaton, IL: Crossway, 2015.
Warfield, Benjamin Breckinridge. *Estudos Bíblicos e Teológicos* . Editado por Samuel G. Craig. 1952. Reimpressão, Filadélfia: Presbiteriana e Reformada, 1968.

4

Deus, o Filho

Cristologia

"Todos Saudam o Poder do Nome de Jesus"

Todos saudam o poder do Nome de Jesus!
Deixe os anjos caírem prostrados;
Traga adiante o diadema real,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Traga adiante o diadema real,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Escolheu a descendência de Israel,
Você resgatou da queda,
Salve Aquele que te salva pela Sua graça,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Salve Aquele que te salva pela Sua graça,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Cada parente, cada tribo,
Nesta bola terrestre,
A Ele toda a majestade atribui,
E coroá-Lo Senhor de todos;
A Ele toda a majestade atribui,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Oh, que com essa multidão sagrada
Nós, a Seus pés, podemos cair!
Nós nos uniremos à canção eterna,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Nós nos uniremos à canção eterna,
E coroá-Lo Senhor de todos!

~ Edward Perronet (1726-1792)
Adaptado por John Rippon (1751-1836)

Principais assuntos abordados no Capítulo 4

Preincarnate Christ

Cristo Encarnado

Cristo glorificado

A testemunha bíblica sobre o Senhor e Salvador Jesus Cristo é tecida como um fio escarlate por toda a Palavra escrita de Deus. Como a segunda pessoa da Divindade, a pessoa e a obra do Salvador constituem o testemunho central de toda a Escritura: "Adorai a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia "(Apocalipse 19:10).

Preincarnate Christ

Eternidade Passado

Eterno Filho de Deus
Aparições do Velho Testamento
Atividades do Velho Testamento
Profecias do Velho Testamento

A Escritura fala da divindade e da humanidade de Cristo. A pessoa de Cristo é totalmente divina e totalmente humana, um princípio que a igreja primitiva defendeu uma e outra vez. Somente uma descrição completamente bíblica pode fornecer uma revelação precisa da existência do Filho de Deus desde a eternidade passada à eternidade futura. Um arranjo cronológico da existência da segunda pessoa deve começar com a eternidade passada.

Eternidade Passado

Triunidade

Em todo o Antigo e Novo Testamento, os escritores fazem referência a distinções entre as pessoas na Divindade. Pai, Filho e Espírito Santo aparecem como pessoas distintas com operações individuais. Além disso, os escritores bíblicos atribuem atributos divinos a essas pessoas. Baseado em evidências bíblicas, a mente sem preconceitos não pode duvidar da existência de uma pluralidade de pessoas na Divindade sem impugnar a clareza, a inerrância ea inspiração das Escrituras. Qualquer discussão precisa sobre a Trindade deve começar e terminar com o que a Bíblia declara.

A revelação que João recebeu de Deus descreveu a segunda pessoa como sendo "com Deus" (João 1: 1), uma frase que indica uma identidade distintamente separada. Além disso, somente uma pessoa distinta da Divindade pode receber o amor de outra pessoa da Divindade (João 17:24). Suas identidades distintas também aparecem na submissão do Filho de Deus ao Pai na economia da redenção (Filipenses 2: 6-7, Hebreus 10: 5-7, veja "Aparições do Velho Testamento", p.240) . Eles também comunicam uns com os outros e uns com os outros: "Meu Pai, se for possível, passe este cálice de mim; No entanto, não como eu quero, mas como quiserdes "(Mateus 26:39). A formulação batismal trinitária indica co-igualdade entre as três pessoas da Trindade: "Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações,

Ao afirmar este testemunho bíblico sobre a triunidade de Deus, William GT Shedd identificou doze ações e relações demonstrando que uma pessoa na Divindade pode fazer ou experimentar algo pessoalmente que é recebido por outra pessoa da Divindade:

> Uma Pessoa divina ama a outra, João 3:35; Habita em outro, João 14:10, 11; Sofre de outro, Zech. 13: 7; Sabe outro, Matt. 11:27; Endereços outro, Heb. 1: 8; É o caminho para o outro, João 14: 6; Fala de outro, Lucas 3:22; Glorifica outro, João 17: 5; Confere com outro, Gn 1:26, 11: 7; Planos com outro, Isa. 9: 6; Envia outro, Gn 16: 7, João 14:26; Recompensa outro, Phil. 2: 5-11; Heb. 2: 9.

PREEXISTÊNCIA

Que tipo de existência Cristo tinha antes de sua encarnação? Em outras palavras, qual era o estado de sua preexistência apenas na divindade antes de assumir a humanidade? A segunda pessoa da Trindade residia no céu e veio para a terra do céu no momento da concepção milagrosa de sua natureza humana no ventre da Virgem Maria (Mateus 1: 18-25 e Lucas 1: 26-38). Ele foi enviado pela primeira pessoa da Trindade (Deus Pai) como resultado do amor de Deus pela humanidade: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, vida. Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo

fosse salvo por meio dele "(João 3: 16-17). O Filho desceu do céu (João 3:31) quando o Pai o enviou (João 6:38; 17: 3; 1 João 4: 9).

A segunda pessoa da Divindade existia antes da criação do universo. Na verdade, a Bíblia identifica-o como o Criador: "Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito" (João 1: 3), 1 Coríntios 8: 6; 1: 16-17, Heb. 1: 2, 10). O Criador de todas as coisas deve existir antes de seu ato de criação - antes da existência de todas as coisas criadas. Assim, as Escrituras testemunham o fato de que ele possuía a glória divina "antes que o mundo existisse" (João 17: 5). Naquela existência pré-encarnada dentro da Divindade, a segunda pessoa da Trindade experimentou o amor da primeira pessoa (João 17:24). As pessoas da Divindade exerceram este atributo divino, comunicável entre si, ao longo da eternidade passada.

A segunda pessoa da Divindade é eterna em sua natureza e existência. A declaração bíblica mais clara aparece em João 1: 1: "No princípio era a Palavra, ea Palavra estava com Deus, ea Palavra era Deus". Para que o leitor não pense que "o princípio" se refere apenas ao começo da criação, O escritor da epístola aos hebreus contrasta claramente a existência temporária e finita da criação com a existência eterna e permanente do Criador, o próprio Filho de Deus: "Tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra no princípio, e Os céus são obra de tuas mãos; Eles perecerão, mas você permanecerá; Todos se desgastarão como uma veste, como uma veste que os enrolarás, como uma veste eles serão mudados. Mas vós sois os mesmos, e os vossos anos não terão fim "(Hb 1: 10-12, ver Salmo 102: 25-27). O Antigo Testamento descreve sua existência como "desde os tempos antigos, desde os tempos antigos" (Mic 5: 2). Isaías atribui a ele os títulos de "Deus Poderoso" e "Pai Eterno" e indica que a encarnação do Deus-homem consistia não apenas no nascimento de uma criança, mas também na doação de um filho (Isaías 9: 6). Cristo sempre existiu como Filho de Deus, mas se tornou uma criança apenas no momento de sua concepção milagrosa.

Eterno Filho de Deus

A existência eterna da segunda pessoa levanta uma questão sobre o relacionamento que ele tinha dentro da Divindade. Como a segunda pessoa da Trindade (ou "a Palavra", como João 1: 1 fala dele), ele existiu desde a eternidade passada. Mas ele sempre existiu na *eternidade* como *Filho* ? Duas visões principais surgiram: filiação eterna e filiação encarnacional.

Hebreus 1: 5, à primeira vista, parece falar do Pai gerando o Filho como um evento que acontece em um ponto no tempo: "Tu és meu Filho, *hoje* eu te gerei" e "Eu *serei* para ele um Pai, e ele *será* para mim um filho. "Esse versículo apresenta alguns conceitos muito difíceis. *Gerar normalmente* fala da origem de uma pessoa. Além disso, os filhos são geralmente subordinados a seus pais. Portanto, o texto parece falar de algo incompatível com uma eterna relação Pai-Filho, que exige que entre as pessoas da Trindade exista perfeita igualdade e eternidade.

A visão de filiação eterna repousa sobre a observação de que o título *Filho de Deus* , quando aplicado a Cristo na Escritura, parece sempre falar de sua divindade essencial e absoluta igualdade com Deus, não sua subordinação voluntária. Os líderes judeus da época de Jesus entenderam isso. João 5:18 diz que eles buscaram a pena de morte contra Jesus, acusando-o de blasfêmia "porque não só ele estava quebrando o sábado, mas ele estava chamando Deus de seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus". O filho adulto do dignitário era considerado igual em estatura e privilégio com seu pai. A mesma deferência exigida por um rei era concedida a seu filho adulto. O filho era, afinal de contas, da mesma essência que seu pai, herdeiro de todos os direitos e privilégios do pai - e, portanto, igual

em todos os aspectos significativos. Assim, quando Jesus foi chamado de "Filho de Deus", foi categoricamente entendido por todos como um título de divindade, declarando-o igual a Deus e (mais significativamente) à mesma essência do Pai. *É precisamente por isso que os líderes judeus consideravam o título de Filho de Deus* a máxima blasfêmia.

Se a filiação de Jesus significa sua deidade e absoluta igualdade com o Pai, não pode ser um título que pertence apenas à sua encarnação. De fato, a essência principal do que se entende por filiação (e certamente isso incluiria a essência divina de Jesus) deve pertencer aos atributos eternos de Cristo, não apenas à humanidade que assumiu.

A proclamação mencionada no Salmo 2 e Hebreus 1 não é um evento que ocorre no tempo. Mesmo que, à primeira vista, a Escritura pareça empregar terminologia com toques temporais ("hoje eu o gerei"), o contexto do Salmo 2: 7 certamente se refere ao eterno "decreto" de Deus. É razoável concluir que o que nasce do Salmo 2 também é algo que pertence à eternidade e não a um ponto no tempo. A linguagem temporal deve, portanto, ser entendida como figurativa, não literal.

Os teólogos ortodoxos desde o Primeiro Concílio de Constantinopla (381) reconheceram isso, e ao tratar da filiação de Cristo, eles empregam o termo *geração eterna* - que é uma expressão reconhecidamente difícil. Nas palavras de Spurgeon, é "um termo que não nos transmite grande significado; Simplesmente encobre nossa ignorância ". No entanto, o conceito em si é bíblico. A Escritura refere-se a Cristo como "o único Filho do Pai" (João 1:14, ver 1:18, 3:16, 18). A palavra grega traduzida "o único Filho" (ESV, " *unigênito* ," KJV, NASB) é *monogenēs* . O impulso de seu significado tem a ver com a singularidade de Cristo. Literalmente, pode ser tornado "um de um tipo" - e, no entanto, também significa claramente que ele é da mesma essência que o Pai. Assim sendo,

Dizer que Cristo é "gerado" é em si um conceito difícil. Dentro do reino da criação, o termo *gerado* fala da origem da prole. O gerar de um filho denota sua concepção - o ponto em que ele vem a ser. Alguns assumem assim que "unigênito" se refere à concepção do Jesus humano no ventre da Virgem Maria. No entanto, Mateus 1:20 atribui a concepção do Cristo encarnado ao Espírito Santo, não a Deus, o Pai. A geração mencionada no Salmo 2: 7 e João 1:14 refere-se claramente a algo mais do que a concepção da humanidade de Cristo no ventre de Maria.

De fato, há outra importância, mais vital, para a idéia de *gerar* do que *meramente* a origem da prole. No desígnio de Deus, cada criatura gera descendência "de acordo com sua espécie" (Gênesis 1: 11-12, 21-25). A descendência tem a exata semelhança do pai. O fato de que um filho é gerado pelo pai garante que o filho compartilha da mesma natureza que o pai. Cristo em sua divindade, entretanto, não é um ser criado (João 1: 1-3). Ele não teve começo, mas é tão atemporal quanto o próprio Deus. Portanto, o "engendramento" mencionado no Salmo 2 e suas referências não tem nada a ver com a origem de sua divindade ou de sua humanidade. Mas tem tudo a ver com ele compartilhando a mesma essência do Pai. Expressões como "geração eterna", "Filho unigênito, "E outros referentes à filiação de Cristo devem ser entendidos como sublinhando a unicidade absoluta da essência entre Pai e Filho. Em outras palavras, tais expressões não se destinam a evocar a idéia de procriação; Eles são destinados a transmitir a verdade sobre a unidade essencial compartilhada pelos membros da Trindade.

Uma visão encarnacional da filiação de Cristo pressupõe que a Escritura emprega a terminologia pai-filho antropomorficamente - acomodando verdades celestiais insondáveis para nossas mentes finitas, lançando-as em termos humanos. Mas os relacionamentos homem-filho são meramente imagens terrenas de uma realidade celestial infinitamente maior. Na visão da filiação eterna, a única e verdadeira relação arquetípica pai-filho existe eternamente dentro da Trindade. Todos os outros são simplesmente

réplicas terrenas, imperfeitas porque estão ligadas à finitude da humanidade e ainda ilustram uma realidade eterna e vital.

Se a filiação de Cristo é toda sobre sua divindade, alguém se perguntará por que essa filiação se aplica apenas à segunda pessoa da Divindade e não à terceira. Afinal, os teólogos não se referem ao Espírito Santo como o Filho de Deus. Contudo, o Espírito também é da mesma essência que o Pai. A essência completa, não diluída e não dividida de Deus pertence igualmente ao Pai, Filho e Espírito Santo. Deus é apenas uma essência, mas ele existe em três pessoas. As três pessoas são iguais, mas ainda são pessoas distintas. As principais características que distinguem as pessoas estão envolvidas nas propriedades sugeridas pelos nomes Pai, Filho e Espírito Santo. Os teólogos rotularam essas propriedades de paternidade, filiação e espiração. Que essas distinções são vitais para a nossa compreensão da Trindade é claro a partir da Escritura. Como explicá-los completamente permanece algo de um mistério. De fato, muitos aspectos dessas verdades podem permanecer para sempre inescrutáveis, mas essa compreensão básica das relações eternas dentro da Trindade representa, no entanto, o melhor consenso do entendimento cristão ao longo dos séculos da história da igreja. As doutrinas da filiação eterna de Cristo e da geração eterna devem, portanto, ser afirmadas, mesmo reconhecendo-as como mistérios nos quais não podemos esperar arriscar demais.

Os pontos de vista da filiação encarnacional normalmente apresentam um caso baseado em declarações divinas sobre o Filho em seu nascimento (Marcos 1: 1, Lucas 1:32, 35), em seu batismo (Mateus 3:17) ou em sua transfiguração (Mateus 17: 5), ou sobre a declaração apostólica sobre sua ressurreição (Atos 13: 30-33, Romanos 1: 4). À luz dos argumentos apresentados acima contra a filiação encarnacional, as declarações divinas no seu batismo e transfiguração meramente expressam a aprovação e o endosso do Pai, e não a nomeação inicial da segunda pessoa da Trindade para a posição e o papel de Filho. A referência em Lucas 1:35, quando tomada à luz de Lucas 3:38, poderia ser a identificação de Jesus como o segundo Adão. Os textos que mencionam sua filiação no contexto ou em associação com sua ressurreição não afirmam que sua ressurreição "o fez" Filho de Deus. Em vez disso, a ressurreição revelou de forma poderosa que ele era o Filho de Deus, não um mero homem, e era evidência provando sua filiação, ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai? Ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai? Ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai?

> Ao chamar a Jesus Seu Filho amado, o Pai declarou não só uma relação de natureza divina, mas uma relação de amor divino. Eles tinham uma relação de amor mútuo, compromisso e identificação em todos os sentidos.
>
> Ao dizer, "com quem me comprazo", o Pai declarou Sua aprovação com tudo o que o Filho era, disse e fez. Tudo sobre Jesus estava em perfeito acordo com a vontade e o plano do Pai.

Aparições do Velho Testamento

Uma das principais ocasiões do fenômeno referido como uma *teofania* ("aparência de Deus") envolve a presença de Deus no Monte Sinai (Êxodo 19). Outros casos de manifestação divina surgem com o ministério de "o anjo do SENHOR [Javé]" em passagens como a seguinte:

1. Gênesis 16: 7-13: Nesta passagem o narrador (Moisés, não Agar) identifica o mensageiro de Javé como Yahweh: "Então ela chamou o nome do SENHOR que falou com ela" (16:13).
2. Êxodo 3: 2-4: Mais tarde na história, o mensageiro de Yahweh aparece a Moisés em uma sarça ardente no monte Horeb no deserto do Sinai. O narrador (mais uma vez, Moisés) declara que "Deus o chamou do mato" (3: 4).
3. Juízes 6: 11-23: O escritor do livro de Juízes (não Gideão ou o mensageiro de Javé) relata que "o SENHOR se voltou para ele e disse ..." (6:14).

Tais aparências parecem possuir uma característica significativa: todas elas, como diz James Borland, "revelam, pelo menos parcialmente, algo sobre o próprio Deus ou a Sua vontade para o destinatário". Devemos identificar o divino Pessoa em aparências como o Filho pre-encarnado de Deus (isto é, um christophany)? Borland define essas aparências como "aquelas manifestações indesejadas, intermitentes e temporárias, visíveis e audíveis de Deus, o Filho em forma humana, pelas quais Deus comunicou algo a certos seres humanos conscientes na terra antes do nascimento de Jesus Cristo". Quando o relato bíblico Associa "o anjo do SENHOR " com uma teofania, "mensageiro" poderia fornecer uma tradução melhor do que "anjo", porque este título denota a função ou o cargo do indivíduo, não a sua natureza. Além do que, além do mais, A Escritura fala dele como realmente sendo Deus. ELE TEM O NOME DE " SENHOR " , ele fala como Deus, e ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. A frase "o fez *conhecido* " em grego (*exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. E ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. E ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. Ele o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. Ele o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da

qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade.

Atividades do Velho Testamento

As obras da segunda pessoa da Divindade no Antigo Testamento incluem criação, providência, revelação e julgamento. Estes são atos de deidade e demonstram que ele é Deus. As obras de Jesus no Novo Testamento (eg, ressurreição) são paralelas às obras atribuídas a ele no Antigo Testamento e acrescentam significativamente a essas obras.

CRIAÇÃO

Obviamente, este trabalho da segunda pessoa da Divindade ocorre em seu estado pré-encarnado. As referências do Antigo Testamento ao Criador ou Criador não distinguem a pessoa divina fazendo a criação de outras pessoas da Divindade. O Novo Testamento, no entanto, enfaticamente faz essa distinção:

> Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito. (João 1: 3)
>
> Ele estava no mundo, eo mundo foi feito através dele, contudo o mundo não o conhecia. (João 1:10)
>
> Porque por ele todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou domínios, governantes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. (Cl 1:16)
>
> Mas nestes últimos dias nos falou pelo seu Filho, a quem designou herdeiro de todas as coisas, por meio de quem também criou o mundo. (Hb 1: 2)
>
> Tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra no princípio, e os céus são obra de tuas mãos. (Hebreus 1:10)

O título do Filho "a Palavra" (João 1: 1) afirma que Deus criou todas as coisas por meio de sua palavra falada - ele falou todas as coisas na existência (veja a repetição de "Deus disse" em Gênesis 1: 3, 6, 11, 14, 20, 24, e as declarações diretas em Sl 33: 6 no Antigo Testamento e Heb. 11: 3 no Novo Testamento). Embora as três pessoas da Divindade tenham participado de alguma maneira na criação, a Escritura identifica o Filho de Deus como tudo falando em existência.

PROVIDÊNCIA

Providência envolve o cuidado de Deus sobre toda a sua criação. Ele inclui o desenrolar de todos os seus decretos, a fim de que ele poderia vir a ser glorificado em tudo o que ele tem feito, ou seja, na execução dos seus programas de reino e redenção em todos os seus detalhes. Desde o Trinity agiram em conjunto para criar o homem à imagem de Deus (“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”, Gn 1:26), o Filho de Deus, o Cristo pré-encarnado, participou de iniciar o programa reino . Quando a humanidade se rebelou contra Deus após o dilúvio, novamente a Trindade (incluindo o Filho) interveio na história do mundo para direcionar o resultado (dividindo a linguagem da humanidade e espalhando-os sobre a superfície da terra) e para garantir que o programa divino no mundo faria Continuam a se desenvolver sob a direção de todas as três pessoas da Divindade (Gênesis 11: 7).

O Filho de Deus, como Messias, age pessoalmente e diretamente para intervir na história do mundo para estabelecer o reino de Deus na terra (ver Dan.2: 31-46, Mateus 23: 37-25: 46 e Apocalipse 11:15). Cristo estava envolvido na rejeição do Israel descrente e no estabelecimento da igreja - e ainda estará envolvido na salvação de Israel (Romanos 11: 13-36). Cristo também trabalha para redimir as pessoas e estabelecê-las em toda boa obra (2 Tessalonicenses 2). Além disso, Cristo continuamente sustentou a criação, sustentando-a e dirigindo-a em seu papel relacionado com o programa do reino de Deus (Hb 1: 3) - mais do que apenas preservar todas as coisas como em Col. 1:17. E ele governou o desenvolvimento do programa de Deus entre a humanidade.

Um aspecto significativo da providência de Deus relaciona-se com a sua bondade. No Antigo Testamento, a bondade de Deus surge nas ações de alguém que parece ser a segunda pessoa da Divindade. O Salmo 23 fala de Yahweh como pastor - alguém que cuida e fornece. Sua bondade persegue seu povo todos os dias de suas vidas (Sl 23: 6). Jesus se identificou como aquele pastor (João 10:11, "o bom pastor"). Atos 14:17 também descreve a bondade de Deus ao mostrar que ele "fez o bem, dando-lhe chuvas do céu e épocas férteis, satisfazendo seus corações com alimento e alegria". Em todas as idades, a obra de salvar a humanidade de seus pecados foi obra de O Filho de Deus, cuja bondade apareceu na mesma ação de providenciar o perdão dos pecados:

> Mas quando a bondade ea benignidade de Deus, nosso Salvador apareceu, ele nos salvou, não por causa de trabalhos realizados por nós em justiça, mas segundo a sua própria misericórdia, pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo, que ele derramou Sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornemos herdeiros segundo a esperança da vida eterna. (Tito 3: 4-7)

REVELAÇÃO

O termo *inspiração* identifica a obra de Deus ao dar revelação escrita à humanidade. O texto bíblico fundamental sobre a inspiração é 2 Timóteo 3:16: "Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa ..." A frase "expirada por Deus" é apenas uma palavra em grego, e essa palavra é um adjetivo que modifica Bíblica, a Escritura, e não os escritores, possui a qualidade de ser "inspirada" ou "inspirada por Deus" - apenas como "proveitosa" É também uma qualidade da Escritura, não os escritores. O ponto da palavra para "inspirado por Deus" é que as Escrituras devem sua "origem e conteúdo ao sopro divino, o Espírito de Deus". Assim,

Cada pessoa divina da Divindade estava envolvida como autor e sujeito das Escrituras. A segunda pessoa da Divindade cumpriu um papel vital na produção da Bíblia. Os escritores do Antigo Testamento falam muitas vezes do aparecimento de Deus em alguma manifestação ao seu povo com o propósito de entregá-los, guiá-los ou comunicar-se com eles (ver "Aparições do Velho Testamento". Essas teofanias revelam algo sobre Deus ou sua vontade para aqueles que testemunham a aparência. Uma vez que esses eventos consistem em aparições do Filho de Deus, eles revelam o papel da segunda pessoa da Divindade em dar revelação levando à produção da Escritura. O próprio Jesus confirma que o Pai enviou a sua palavra pelo seu mensageiro:

> Pois eu não falei por minha própria autoridade, mas o Pai que me enviou me deu um mandamento - o que dizer eo que falar. (João 12:49)

> Vocês não crêem que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não falo por minha própria autoridade, mas o Pai que habita em mim faz as suas obras. (João 14:10)

> Eu manifestei o teu nome ao povo que me deste do mundo. Teus eram, e você os deu a mim, e eles guardaram sua palavra. Agora eles sabem que tudo que você me deu é de você. Porque eu lhes dei as palavras que me deste, e elas as receberam e vieram saber em verdade que eu vim de ti; E eles creram que você me enviou. (João 17: 6-8)
>
> Eu lhes dei a vossa palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. (João 17:14)

O Filho de Deus aparece tanto no Antigo Testamento quanto no Novo como alguém que fala ao povo de Deus. Assim, a Bíblia revela que o porta-voz divina é o próprio Filho de Deus, o próprio Aquele que o apóstolo João descreve como "a Palavra" na abertura do seu Evangelho: "No princípio era o Verbo, eo Verbo estava com Deus, E o Verbo era Deus "(João 1: 1). O Deus que fala é a segunda pessoa da Divindade, o Cristo pré-encarnado - o mesmo que falou o universo e tudo o que ele contém na existência em Gênesis 1 (ver João 1: 2-3, 10). Quando Deus revelou revelação aos profetas, o Filho de Deus freqüentemente estava pessoalmente presente.

Gênesis 15: 1-16 registra como "a palavra do SENHOR " apareceu a Abrão (15: 1). Ele mesmo trouxe Abram fora de sua tenda para mostrar pessoalmente as estrelas (15: 5). Então o Senhor apareceu como um "pote de fogo fumegante e uma tocha flamejante" (15:17) passando entre os pedaços dos sacrifícios que Abrão havia preparado. A semelhança da fumaça e da tocha com a coluna de nuvem durante o dia ea coluna de fogo durante a noite durante o êxodo de Israel do Egito é significativa, especialmente neste contexto, que contém a profecia sobre Deus trazendo Israel de volta do Egito (15: 13-14). Essas aparições pessoais de uma pessoa da Divindade testemunham o papel do "anjo do SENHOR ", o Cristo pré-encarnado em uma teofania. O encontro de Moisés com Deus na sarça ardente no Monte Sinai (Êxodo 3: 1-12) FORNECE OUTRA OCASIÃO EM QUE "O ANJO DO SENHOR " (Êx 3: 2, ver Atos 7:30, 35) deu revelação por meio de sua presença pessoal. Outros incidentes deste tipo são relatados em Juízes 6: 11-18; Isaías 6 (ver João 12:41); E Jeremias 1: 4-10.

O Espírito também desempenha um papel fundamental na gravação dos profetas dessa revelação. Portanto, o Pai envia seu mensageiro (o Filho pré-encarnado) a seu povo com a mensagem divina, e o Espírito Santo supervisiona a inscrição dessa mensagem. Embora este envolvimento trinitário na inspiração pareça representar fielmente funções centrais para cada pessoa, ainda permanecem algumas áreas de revelação e inscrição nos quais suas funções se sobrepõem. Por exemplo, Davi diz: "O Espírito do SENHOR fala por mim; A sua palavra está na minha língua "(2 Sm 23: 2).

JULGAMENTO

O Filho de Deus, como o Filho do Homem (um título messiânico de Daniel 7:13), julgará os ímpios e os justos: "Quando ele vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então ele se sentará O seu trono glorioso ... Então ele dirá aos que estão à sua esquerda: 'Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos' "(Mt 25:31, 41). O Evangelho de João explica a designação do Filho de Deus como Juiz de todos: "O Pai não julga ninguém, mas deu todo o juízo ao Filho, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai" (João 5: 22-23). Autoridade para trazer julgamento repousa sobre o fato de que ele é o Filho do Homem (João 5:27). Quem melhor do que a única pessoa da Divindade que é verdadeiramente humana e que experimentou a vida como um homem em um mundo caído e permaneceu irrepreensível, Sem pecado? O Filho de Deus veio a este mundo para ser o Filho do Homem e para executar o juízo (João 9:39). Assim, Pedro declara que Jesus havia ordenado aos discípulos que "pregassem ao povo e testificassem que ele é aquele designado por Deus para ser juiz dos vivos e dos mortos"

(Atos 10:42). O apóstolo Paulo confirma a nomeação de Jesus como o Juiz, dizendo: "De acordo com o meu evangelho, Deus julga os segredos dos homens por Cristo Jesus" (Romanos 2:16).

Por outro lado, Jesus diz que, na sua primeira vinda, não julgou aqueles que não obedecem às suas palavras, porque "não veio para julgar o mundo, mas para salvar o mundo" (João 12:47). Contudo, "no último dia", na sua segunda vinda, as palavras de Jesus julgarão aqueles que o rejeitam e não dão ouvidos às suas palavras. Jesus não falou por sua própria autoridade; O Pai ordenou a Jesus o que dizer (João 12:49). Porque ele é um com o Pai, seu julgamento é sempre justo (João 5:30) e justo. Portanto, o Pai "ordena a todos os povos em todo lugar se arrependerem, porque ele fixou um dia em que ele julgará o mundo em justiça por um homem que ele designou; E disso deu a todos a segurança, ressuscitando-o dentre os mortos "(Atos 17: 30-31).

Além de julgar os injustos, Jesus também se sentará em um juízo de avaliação dos crentes com o propósito de recompensá-los: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que é devido pelo que fez em O corpo, seja bom ou mau "(2 Coríntios 5:10). Em outro lugar, Paulo fala de si mesmo de pé no julgamento de Cristo: "De agora em diante, está guardada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me concederá naquele Dia, e não só a mim, Amaram a sua vinda "(2 Timóteo 4: 8).

Profecias do Velho Testamento

Uma razão muito boa para pesquisar no Antigo Testamento as profecias concernentes a Cristo é que o próprio Jesus declarou que os Profetas haviam falado dele: "Examinais as Escrituras porque pensais que nelas tens a vida eterna; E são eles que dão testemunho de mim "(João 5:39). Depois de sua crucificação e ressurreição, Jesus expôs as Escrituras ("Moisés e todos os Profetas", Lucas 24:27), dizendo: "Estas são as minhas palavras que eu lhes disse enquanto ainda estava com vocês, que tudo escrito Sobre mim na Lei de Moisés e os Profetas e os Salmos devem ser cumpridos "(Lucas 24:44). Esta é a única vez na Escritura que os Salmos estão incluídos com a Lei e os Profetas com referência ao Messias. A Tabela 4.1 identifica quais salmos Jesus poderia ter incluído na instrução que ele deu no caminho para Emaús.

Tabela 4.1 Cristo nos Salmos (Lucas 24:44)

Salmos	**Citações do Novo Testamento**	**Significado**
2: 1-12	Atos 4: 25-26; 13:33; Heb. 1: 5; 5: 5	Encarnação, crucificação, ressurreição
8: 3-8	1 Cor. 15: 27-28; Eph. 1:22; Heb. 2: 5-10	Criação
16: 8-11	Atos 2: 24-31; 13: 35-37	Morte, ressurreição
22: 1-31	Matt. 27: 35-46; João 19: 23-24; Heb. 2:12; 5: 5	Encarnação, crucificação, ressurreição
40: 6-8	Heb. 10: 5-9	Encarnação
41: 9	João 13:18, 21	Traição
45: 6-7	Heb. 1: 8-9	Divindade
68:18	Eph. 4: 8	Ascensão, entronização

69: 20-21, 25	Matt. 27:34, 48; Atos 1: 15-20	Traição, crucificação
72: 6-17	-	Realeza milenar
78: 1-2, 15	Matt. 13:35; 1 Cor. 10: 4	Teofania, ministério de ensino terrenal
89: 3-37	Atos 2:30	Realeza milenar
102: 25-27	Heb. 1: 10-12	Criação, eternidade
109: 6-19	Atos 1: 15-20	Traição
110: 1-7	Matt. 22: 43-45; Atos. 2: 33-35; Heb. 1:13; 5: 6-10; 6:20; 7:24	Deidade, ascensão, sacerdócio celestial, realeza milenar
118: 22-23	Matt. 21:42; Marcos 12: 10-11; Lucas 20:17; Atos 4: 8-12; 1 Pet. 2: 7	Rejeição como Salvador
132: 12-18	Atos 2:30	Realeza milenar

Os próprios judeus leram a Bíblia hebraica de tal maneira que muitos chegaram a entender suas profecias como previsões diretas do Messias vindouro. Depois que Filipe fora chamado para servir como discípulo de Jesus (João 1:43), procurou Natanael para lhe dizer que Jesus de Nazaré era verdadeiramente aquele de quem Moisés e os profetas haviam escrito (João 1:45). Dito isto, é necessário injetar neste ponto o reconhecimento de uma tendência perigosa de ler o Senhor Jesus Cristo em cada texto do Antigo Testamento. Essa prática ignora as verdadeiras profecias, rejeita a hermenêutica essencial da intenção autoral, mata a autêntica exegese e a exposição, e torna sem sentido o Antigo Testamento aos seus leitores judeus originais. Tal não é uma abordagem espiritual, mas sim um ataque ao significado divino do Antigo Testamento.

Então, quais são as profecias do Antigo Testamento a respeito de Cristo? O que o Antigo Testamento revelou sobre a vinda de Jesus e sua obra? A Tabela 4.2 apresenta 120 dessas profecias do Antigo Testamento. Um estudo das profecias do Antigo Testamento constituiria um grande volume por si só. No entanto, alguns exemplos-chave serão suficientes para os propósitos deste volume.

Tabela 4.2 Profecias messiânicas do Antigo Testamento

Profecia	**Referências do Velho Testamento**	**Cumprimento do Novo Testamento**
Semente da mulher	Gn 3:15	Gal. 4: 4; Heb. 2:14
Através dos filhos de Noé	Gn 9:27	Lucas 3:36
Semente de Abraão	Gn 12: 3	Matt. 1: 1; Gal. 3: 8, 16
Bênção por Abraão	Gn 12: 3; 28:14	Gal. 3: 8, 16; Heb. 6:14
Semente de Isaac	Gn 17:19; 21:12	ROM. 9: 7; Heb. 11:18
Bênção às nações	Gn 18:18; 22:18; 26: 4	Gal. 3: 8
Da tribo de Judá	Gênesis 49:10	Rev. 5: 5

Nenhum osso quebrado	Ex. 12:46	João 19:36
Bênção para o filho primogênito	Ex. 13: 2	Lucas 2:23
Nenhum osso quebrado	Num. 9:12	João 19:36
Serpente no deserto	Num. 21: 8-9	João 3: 14-15
Uma estrela de Jacob	Num. 24: 17-19	Matt. 2: 2; Lucas 1:33, 78; Apocalipse 22:16
Rei dos reis, o Senhor dos senhores	Deut. 10:17	1 Tim. 6:15; Apocalipse 17:14; 19:16
Como um profeta	Deut. 18:15, 18-19	João 6:14; 7:40; Atos 3: 22-23
Amaldiçoado na árvore	Deut. 21:23	Gal. 3:13
O trono de David estabelecido para sempre	2 Sam. 7: 12-13, 16, 25-26; 1 Crôn. 17: 11-14, 23-27; 2 Crôn. 21: 7	Matt. 19:28; 25: 31; Marcos 12:37; Lucas 1:32; Atos 2:30; 13: 22-23; ROM. 1: 3; 2 Tim. 2: 8; Heb. 1: 5, 8; 8: 1; 12: 2; Apocalipse 22: 1
Um Redentor prometido	Jó 19: 25-27	João 5: 28-29; Gal. 4: 4-5; Eph. 1: 7, 11, 14
Declarado ser o Filho de Deus	Ps. 2: 1-12	Matt. 3:17; Marcos 1:11; Atos 4: 25-26; 13:33; Heb. 1: 5; 5: 5; Ap 2: 26-27; 19: 15-16
Sua ressurreição	Ps. 16: 8-10	Atos 2:27; 13:35; 26:23
Zombado e insultado	Ps. 22: 7-8	Matt. 27: 39-43, 45-49
Mãos e pés perfurados	Ps. 22:16	Matt. 27:31, 35-36
Soldados lançam sortes para casaco	Ps. 22:18	Marcos 15:20, 24-25; Lucas 23:34; João 19: 23-24
Acusado por falsas testemunhas	Ps. 27:12	Matt. 26: 59-60; Marcos 14: 57-58
Ele comete o seu espírito	Ps. 31: 5	Lucas 23:46
Nenhum osso quebrado	Ps. 34:20	João 19:36
Acusado por falsas testemunhas	Ps. 35:11	Matt. 26: 59-61; Marcos 14: 57-58
Odiado sem razão	Ps. 35:19	João 15: 24-25
Amigos estão longe	Ps. 38:11	Matt. 27:55; Marcos 15:40; Lucas 23:49
Veio fazer a vontade do Pai	Ps. 40: 6-8	Heb. 10: 5-9
Traído por um amigo	Ps. 41: 9	Matt. 26: 47-50; Marcos 14: 17-21; Lucas 22: 21-23; João 13: 18-19
Conhecido pela justiça	Ps. 45: 6-7	Heb. 1: 8-9
Sua ressurreição	Ps. 49:15	Marcos 16: 6

Traído por um amigo	Ps. 55: 12-14	João 13:18
Sua ascensão	Ps. 68:18	Eph. 4: 8
Odiado sem razão	Ps. 69: 4	João 15:25
Picada por reproches	Ps. 69: 9	ROM. 15: 3
Dado galhas e vinagre	Ps. 69:21	Matt. 27:34, 48; Marcos 15:23; Lucas 23:36; João 19:29
Exaltado por Deus	Ps. 72: 1-19	Matt. 2: 2; Phil. 2: 9-11; Hebreus 1-8
Ele fala em parábolas	Ps. 78: 2	Matt. 13: 34-35
Sementes de Davi exaltadas	Ps. 89: 3-4, 19, 27-29, 35-37	Lucas 1:32; Atos 2:30; 13:23; ROM. 1: 3; 2 Tim. 2: 8
Filho do homem vem em glória	Ps. 102: 16	Lucas 21:27; Apocalipse 12: 5-10
Continua o mesmo	Ps. 102: 24-27	Heb. 1: 10-12
Reza pelos seus inimigos	Ps. 109: 4	Lucas 23:34
Outro para suceder a Judas	Ps. 109: 7-8	Atos 1: 16-26
Um sacerdote como Melquisedeque	Ps. 110: 1-7	Matt. 22: 41-45; 26:64; Marcos 12: 35-37; 16:19; Atos 7:56; Eph. 1:20; Heb. 1:13; 2: 8; 5: 6; 6:20; 7:21; 8: 1; 10: 11-13; 12: 2
A principal pedra angular	Ps. 118: 22-23	Matt. 21:42; Marcos 12: 10-11; Lucas 20:17; João 1:11; Atos 4:11; Eph. 2:20; 1 Pet. 2: 4
O Rei vem em nome do Senhor	Ps. 118: 26	Matt. 21: 9; 23:39; Marcos 11: 9; Lucas 13:35; 19:38; João 12:13
Sementes de Davi para reinar	Ps. 132: 11; Ver 2 Sam. 7: 12-13, 16, 25-26, 29	Matt. 1: 1
Declarado ser o Filho de Deus	Prov. 30: 4	Matt. 3:17; Marcos 14: 61-62; Lucas 1:35; João 3:13; 9: 35-38; ROM. 1: 2-4; 2 Pet. 1:17
Arrependimento para as nações	É um. 2: 2-4	Lucas 24:47
Corações endurecidos	É um. 6: 9-10	Matt. 13: 14-15; João 12: 39-40; Atos 28: 25-27
Nascido de uma virgem	É um. 7:14	Matt. 1: 22-23
Deus conosco	É um. 7:14	Matt. 1:23
Uma pedra de ofensa	É um. 8: 14-15	ROM. 9:33; 1 Pet. 2: 8
Luz da escuridão	É um. 9: 1-2	Matt. 4: 14-16; Lucas 2:32
Cheio de sabedoria e poder	É um. 11: 1-10	Lucas 2:52; 1 Cor. 1:30

Reinando no trono de Davi	É um. 16: 4-5	Lucas 1: 31-33
A chave de Davi	É um. 22: 21-25	Rev. 3: 7
Morte engolida em vitória	É um. 25: 8	1 Cor. 15:54
Uma pedra em Sião	É um. 28:16	ROM. 9:33; 1 Pet. 2: 6
Os surdos ouvem, os cegos vêem	É um. 29:18	Matt. 11: 5; João 9:39
Cura para os necessitados	É um. 35: 5-6	Matt. 9:30; 11: 5; 12:22; 20:34; 21:14; Marcos 7:30; João 5: 9
Preparai o caminho do Senhor	É um. 40: 3-5	Matt. 3: 3; Marcos 1: 3; Lucas 3: 4-5; João 1:23
O Pastor morre por suas ovelhas	É um. 40:11	João 10:11; Heb. 13:20; 1 Pet. 2: 24-25
O servo manso	É um. 42: 1-6	Matt. 12: 17-21
Uma luz para os gentios	É um. 49: 6	Lucas 2:32; Atos 13:47; 2 Cor. 6: 2
Scourged e cuspiu sobre	É um. 50: 6	Matt. 26:67; 27:26, 30; Marcos 14:65; 15:15, 19; Lucas 22: 63-65; João 19: 1
Rejeitado pelo seu povo	É um. 52: 13-53: 12	Matt. 27: 1-2; Lucas 23: 1-25
Sua palavra não acreditou	É um. 53: 1	João 12: 37-38
Sofrido vicariamente	É um. 53: 4-5, 11-12	Matt. 8:17; João 11: 49-52; Atos 10:43; 13: 38-39; ROM. 5: 18-19; 1 Cor. 15: 3; Eph. 1: 7; 1 Pet. 2:24; 1 João 1: 7
Silencioso quando acusado	É um. 53: 7	Matt. 27: 12-14; Marcos 15: 3-4; Atos 8: 28-35; 1 Pet. 2:23
Nenhuma decepção em suas palavras	É um. 53: 9	1 Pet. 2:22
Enterrado com os ricos	É um. 53: 9	Matt. 27: 57-60
Crucificado com transgressores	É um. 53:12	Matt. 27:38; Marcos 15:27 [-28]; Lucas 23: 32-34, 39-41; João 19:18
Líder e comandante	É um. 55: 4	Atos 5:31; Rev. 1: 5
Chamando aqueles que não são Israel	É um. 55: 5	João 10:16; ROM. 9: 25-26
Libertador de Sião	É um. 59: 20-21	ROM. 11: 26-27
Nações caminham na luz	É um. 60: 1-3	Lucas 2:32
Ungido pelo Espírito	É um. 61: 1	Lucas 4:18; Atos 10:38
Ungido para pregar a liberdade	É um. 61: 1-2	Lucas 4: 17-19

Chamado por um novo nome	É um. 62: 1-4, 12	Ap 2:17; 3:12
Um vesture mergulhado no sangue	É um. 63: 1-3	Apocalipse 19:13
Os eleitos herdarão	É um. 65: 9	ROM. 11: 5, 7
Céus novos e uma nova terra	É um. 65: 17-25	2 Pet. 3:13; Ap 21: 1
O Senhor nossa justiça	Jer. 23: 5-6	1 Cor. 1:30; Phil. 3: 9
Nasceu um rei	Jer. 30: 9	João 18:37; Rev. 1: 5
Massacre de bebês	Jer. 31:15	Matt. 2: 17-18
Concebido pelo Espírito Santo	Jer. 31:22	Matt. 1:20; Lucas 1:35
Uma nova aliança	Jer. 31: 31-34	Matt. 26: 27-29; Marcos 14: 22-24; Lucas 22: 15-20; 1 Cor. 11:25; Heb. 8: 8-12; 10: 15-17; 12:24; 13:20
Uma casa espiritual	Jer. 33: 15-17	João 2: 19-21; Eph. 2: 20-21; 1 Pet. 2: 5
Uma árvore plantada por Deus	Ezek. 17: 22-24	Matt. 13: 31-32
O humilde exaltado	Ezek. 21: 26-27	Lucas 1:52
O bom Pastor	Ezek. 34: 23-24	João 10:11
Pedra cortada sem as mãos	Dan. 2: 34-35	Atos 4: 10-12
Seu reino triunfante	Dan. 2: 44-45	Lucas 1:33; 1 Cor. 15:24; Apocalipse 11:15
O Filho do Homem vindo sobre as nuvens em glória	Dan. 7: 13-14	Matt. 24:30; 25: 31; 26:64; Marcos 14: 61-62; Atos 1: 9-11; Rev. 1: 7
Reino para os santos	Dan. 7:27	Lucas 1:33; 1 Cor. 15:24; Apocalipse 11:15
Hora da sua morte	Dan. 9: 24-27	Matt. 24: 15-21; Lucas 3: 1
Israel restaurado	Hos. 3: 5	ROM. 11: 25-27
Vôo para o Egito	Hos. 11: 1	Matt. 2:15
Promessa do Espírito	Joel 2: 28-32	Atos 2: 17-21; ROM. 15:13
O sol escureceu	Amós 8: 9	Matt. 24:29; Atos 2:20; Rev. 6:12
Restauração do tabernáculo	Amós 9: 11-12	Atos 15: 16-18
Israel reunido	Microfone. 2: 12-13	João 10:14, 26
O reino estabelecido	Microfone. 4: 1-8	Lucas 1:33
Nascido em Belém	Microfone. 5: 2	Matt. 2: 1; Lucas 2: 4, 10-11

Terra cheia do conhecimento da glória do Senhor	Hab. 2:14	Ap 21: 23-26
O Cordeiro no trono	Zech. 2: 10-13	Apocalipse 5:13; 21:24; 22: 1-5
Um santo sacerdócio	Zech. 3: 8	1 Pet. 2: 5
Um Sumo Sacerdote celestial	Zech. 6: 12-13	Heb. 4:14; 8: 1-2
O rei vem	Zech. 9: 9	Matt. 21: 5
Entrada triunfal	Zech. 9: 9	Matt. 21: 4-5; Marcos 11: 9-10; Lucas 19:38; João 12: 13-15
Vendido para peças de prata	Zech. 11: 12-13	Matt. 26: 14-15
O dinheiro compra o campo do oleiro	Zech. 11: 12-13	Matt. 27: 9-10
Piercing de seu corpo	Zech. 12:10	João 19:34, 37
Shepherd smitten, ovelhas espalhadas	Zech. 13: 7	Matt. 26:31; João 16:32
Precedido por um precursor	Mal. 3: 1	Matt. 11:10; Marcos 1: 2; Lucas 7:27
Nossos pecados purgados	Mal. 3: 3	Heb. 1: 3
A luz do mundo	Mal. 4: 2-3	Lucas 1:78; João 1: 9; 12:46; 2 Pet. 1:19; Ap 2:28; 22:16
A vinda de Elias	Mal. 4: 5-6	Matt. 11:14; 17: 10-12

O MESSIAS É A SEMENTE DA MULHER (Gênesis 3:15)

O veredicto de Deus a respeito da serpente não foi completado com a maldição de rastejar em seu ventre em Gênesis 3:14. Ele continuou: "Porei inimizade entre você ea mulher, e entre sua descendência e sua descendência" (Gn 3:15). Os efeitos físicos e corporais da maldição eram uma coisa. Alienação para alguma outra coisa viva era outra. A serpente não só rastejaria sobre seu ventre toda a sua vida, mas também entraria em uma espécie de guerra com Eva e sua prole. Esta guerra duraria para além da vida de uma serpente. Envolveria sua própria prole.

O que significa "sua descendência [semente]"? Alguns sugeriram que se trata de uma figura de fala que se refere a homens maus. Eles acreditam que Gênesis 3:15 descreve um conflito entre homens bons e homens maus. Outros, no entanto, acreditam que o significado é mais amplo do que isso. Eles acreditam que existe um reino do mal sobre o qual Satanás governa. Ele foi quem deu poder à serpente e quem foi o responsável final pelo que aconteceu. O Novo Testamento confirma tal interpretação em Romanos 16:20: "O Deus de paz em breve esmagará Satanás debaixo de vossos pés", e em Apocalipse 12: 9, "E o grande dragão foi derrubado, a serpente antiga, que é chamada O diabo e Satanás, o enganador de todo o mundo ".

Esta interpretação afirma que Deus destinou a prole da mulher em um sentido mais amplo também. Refere-se a um reino de bem sobre o qual algum descendente da mulher acabará se tornando o governante. Esse futuro indivíduo derrotará finalmente Satanás e pôs fim ao conflito entre os dois reinos: "Ele te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3:15). Como no caso de Jesus dirigindo-se a Satanás através de Pedro em Mateus

16:23, Deus dirigiu Satanás através da serpente. Satanás atacará o calcanhar da prole da mulher. O ataque resultará em dano, mas não em derrota. A prole da mulher, no entanto, fará mais do que atacar Satanás - ele vai esmagar sua cabeça. O esmagamento da cabeça simboliza a derrota total. Os escritores do Novo Testamento entenderam que a prole da mulher é o Messias (ver Mateus 1:23, Gálatas 4: 4, 1 Timóteo 2: 15; Heb. 2:14; 1 João 3: 8). Tal interpretação faz deste versículo a primeira profecia messiânica nas Escrituras.

O resto de escritura ecoa Genesis 3:15 com os seus dois protagonistas da *cabeça* e do *calcanhar* (Sl 22:16; Lc. 24: 39-40; Rev. 13: 3). Um esqueleto recuperado de pelo menos uma crucificação do primeiro século fornece evidência de que os carrascos romanos colocaram as unhas para que a vítima não pudesse rasgar livre. Os pés foram pregados através da estrutura do pé abaixo do tornozelo em um lugar que poderia ser identificado como estreitamente relacionado com o calcanhar-quer pregar cada pé de um lado do feixe vertical ou torcer o corpo inferior para os lados para pregar ambos os pés com um unha.

A serpente (representante de Satanás) enganou Eva. Portanto, uma mulher será a mãe do vencedor final sobre Satanás. No meio do pronunciamento de Deus sobre a serpente, Moisés escreve uma nota de esperança, um vislumbre da misericórdia e graça de Deus. Um fim ao conflito das eras que começou na queda do homem virá. Assim, alguns *estudiosos* da Bíblia têm chamado Gênesis 3:15 o *protoevangelium* ("o primeiro *evangelho* "), porque é a primeira profecia prometendo um futuro libertador.

O MESSIAS É O FILHO DE DEUS (SALMO 2)

Muitos estudiosos da Bíblia tratam o Salmo 2 como meramente uma referência a um dos reis davídicos, não como uma profecia messiânica. No entanto, o Novo Testamento trata o salmo como profético e messiânico, citando-o dezoito vezes (sete vezes nos Evangelhos, cinco vezes em Apocalipse, três vezes em hebreus, duas vezes em Atos e uma vez em Filipenses). Os versículos 1-3 revelam uma rebelião mundial contra o Senhor e seu rei, o ungido de Deus. Nos versos 4-6, ele confirma seu rei escolhido sobre as nações, e nos versos 7-9, Deus confirma que seu rei é também seu Filho. Então ele convida o mundo a contemplar seu Filho e a obedecer-lhe completamente (2: 10-12). Nenhum rei histórico de Judá na linha davídica jamais cumpriu os elementos deste salmo. O salmista descreve o Filho de Deus como exercendo domínio universal e juízo. De fato, Deus exige que os líderes mundiais rendam ao seu Filho o serviço espiritual e o medo por sua submissão a ele. A bênção espiritual acumula-se para aqueles que "se refugiam no" Filho de Deus - algo que nunca prometeu submeter a um rei humano. A semelhança do indivíduo e suas ações no Salmo 2 e Isaías 9: 6 indica que eles são indivíduos idênticos.

REFERÊNCIAS TRINITÁRIAS PARA MESSIAS

Várias passagens do livro de Isaías identificam três pessoas distintas e divinas:

- Isaías 42: 1: "Eu", "meu servo", e "meu Espírito"
- Isaías 48:16: "o Senhor DEUS ", "eu" e "o seu Espírito"
- Isaías 61: 1: "o SENHOR ", "eu", e "o Espírito do Senhor DEUS "
- Isaías 63: 7-10: "o SENHOR ", "o anjo da sua presença" e "o seu Espírito Santo"

Nestes textos o servo do Senhor será enviado pelo Senhor, e o Senhor o capacitará com seu Espírito. Jesus confirma que Isaías 61: 1 fala dele como servo do Senhor (Lucas 4: 17-21). Tal especificidade em relação a pessoas distintas da Trindade pode ser rastreada

até referências muito anteriores do Velho Testamento a múltiplas pessoas divinas. As seguintes são apenas uma breve amostragem de tais referências:

- Gênesis 1: 1-2: Deus e o Espírito de Deus
- Gênesis 19:24: duas pessoas chamadas Yahweh ("o SENHOR "), uma no céu e outra na terra (ver 18:17, 22-33)
- Josué 5: 13-15: "o comandante DO exército DO SENHOR " e "o próprio SENHOR "

O MESSIAS É O MEDIADOR ENTRE DEUS E HOMEM (Jó 33: 23-28)

A identificação do apóstolo Paulo de Jesus como o Deus-homem servindo como Mediador entre Deus e a humanidade (1 Tim. 2: 5) concorda com o que o livro mais antigo do Antigo Testamento havia revelado anteriormente. Job admitiu que Deus era tão justo ou justo que uma pessoa não podia estar apenas na sua presença (Jó 9: 2). A questão não era como um indivíduo poderia ser justificado, mas como alguém poderia ter a qualidade de ser justo. As pessoas são pecadoras diante de um Deus santo. Eles não podem ter relações com seu Deus justo e santo. Existe apenas uma maneira de uma pessoa se comunicar efetivamente com Deus - por meio de um mediador. O trabalho enfrentou um futuro impossível a menos que alguém intervir em seu interesse (trabalho 33: 24-28). Ele estava destinado ao "poço". A morte acabaria por levá-lo, e então ele precisaria aparecer diante do Deus santo. Já, em Jó 19:25, Job havia expressado sua convicção de que seu Redentor vivia e estaria na terra nos últimos dias. Quem é este e como ele se qualifica como Redentor de Jó?

O Redentor-Mediador de Jó deve ser Deus e o homem (Jó 9: 32-33; 16:21). De acordo com Jó 33:23, esse indivíduo é um "anjo" ("mensageiro"), um "mediador" e "um de mil" (que significa "um de um tipo", como o uso do Novo Testamento de *monogenēs* , Unigênito ", em textos como João 1:14, 18, 3:16, 1 João 4: 9). Este indivíduo é capaz de declarar o que é certo (Jó 33:33) e para libertar Jó da cova por meio do "resgate" que este Mediador possui (Jó 33:24). O restante da imagem a respeito deste Redentor-Mediador no livro de Jó inclui as seguintes descrições:

1. Ser a testemunha fiel no céu (Jó 16:19, ver Apocalipse 1: 5)
2. Possuir um registro no alto (Jó 16:19, ver Heb 9:16, 24)
3. Ser Redentor (Jó 19:25, 33:24, 28, ver Gênesis 48:16, Gálatas 3: 8-22)
4. Ser Mediador (Jó 33:23, ver 1 Timóteo 2: 5-6)
5. Ser o único (Jó 33:23, ver João 3:16)
6. Ser Aquele que purifica do pecado (Jó 9: 30-31, ver 1 João 1: 5-2: 2)
7. Ser o curador (Jó 33:25, ver Tiago 5:16, 1 Pedro 2:24)
8. Sendo o doador da canção (Jó 33:27, veja Efésios 5: 18-19 e Colossenses 3:16)

O MESSIAS É PROFETA, SACERDOTE E REI

A promessa do ofício profético do Messias aparece primeiro em Deuteronômio 18 na revelação a respeito de um profeta "maior do que Moisés" (Deuteronômio 18: 15-22). Profetas como Moisés (e outros profetas que o seguiram de Josué a Malaquias) cumpriram um cargo de mediador. O povo de Israel não podia se aproximar nem suportar a gloriosa presença do Senhor. Sua revelação falada também transcendeu sua capacidade de preservar, propagar e obedecer corretamente o que o Senhor exigiu deles. Deuteronômio 5: 23-27 descreve esse estado de coisas em relação à presença divina e à palavra divina. Israel precisava de um mediador que pudesse agir em seu nome comunicando-se com Deus e transmitindo-lhes as palavras. Este ministério mediador continuou a ser necessário para as gerações subseqüentes com quem Deus estabeleceu seus convênios.

Revelação e exigência do pacto requerem um representante divino, um grande Profeta. Em Atos 3: 22-23, o apóstolo Pedro declarou que o Messias cumpriu a profecia de Deuteronômio 18: 15-22. Estevão afirmou o mesmo cumprimento e associou o grande profeta com a teofania à sarça ardente (Atos 7: 35-38, ver Ex. 3: 2). Os judeus do primeiro século entendiam a profecia de Moisés como uma referência ao seu Messias (João 1:21, 25), eo povo de Jerusalém reconheceu Jesus como um profeta (Mateus 21:11, ver Lucas 7:16, 24:19). O próprio Jesus identificou seu próprio ofício profético quando declarou que devia morrer em Jerusalém, "pois não pode ser que um profeta perca longe de Jerusalém" (Lucas 13:33).

No futuro, esse profeta, o sumo sacerdócio e o reinado sobre o povo de Deus serão combinados em *uma só* pessoa. O Antigo Testamento anunciou que esta pessoa também teria o título de "Ramo" (Isaías 4: 2, 11: 1, Jeremias 23: 5-6, 33: 14-22, Zc 3: 8, 6:12). Zacarias 6: 12-13 especificamente revelou que este Messias-Sacerdote-Rei iria construir o templo sobre o qual Haggai havia profetizado (Hg. 2: 1-9). A Tabela 4.3 apresenta a compilação de Walter C. Kaiser dessas referências do Velho Testamento ao "Ramo" em comparação com as ênfases individuais dos quatro Evangelhos do Novo Testamento.

Tabela 4.3 "A Filial" em Vista dos Evangelhos

O Título Messiânico	**Os Evangelhos**
"Davi, um ramo justo, um rei" (Jeremias 23: 5; 33:15)	O Evangelho de Mateus: aspecto real
"Meu servo, o Ramo" (Zacarias 3: 8)	O Evangelho de Marcos: aspecto servo
"O homem, cujo nome é Ramo" (Zacarias 6:12)	O Evangelho de Lucas: aspecto humano
"O Ramo de Javé" (Isaías 4: 2)	O Evangelho de João: aspecto divino

É claro que o futuro Sumo Sacerdote é o próprio Senhor Jesus Cristo. Hebreus 5: 5-6 diz: "Assim também Cristo não se exaltava para ser feito sumo sacerdote, mas foi designado por aquele que lhe disse: Tu és meu filho, hoje te gerei; Como ele diz também em outro lugar: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". "Então, em Hebreus 7:14, o escritor aponta que Davi e seus descendentes são da tribo de Judá:" Porque é evidente que nosso Senhor era descendente de Judá, e em conexão com essa tribo, Moisés não disse nada sobre os sacerdotes. "O sumo sacerdócio de Jesus é maior do que qualquer sacerdócio que Israel jamais experimentou, e sua realeza é para sempre (ver Salmo 110). O Messias é divino, o grande Sacerdote-Rei para vir.

Assim, a realeza e o sacerdócio messiânicos movem-se através da revelação bíblica e da história de Israel até que convergem no Messias nas profecias de Zacarias. Jesus sacrificou seu próprio sangue de maneira sacerdotal e propiciou a ira de Deus todo-poderoso, que havia sido despertado pelos pecados de seu povo. Então Jesus subiu triunfantemente do túmulo para sentar-se em um trono eterno, do qual ele governa o universo inteiro cada vez mais e convida todos a vir e dobrar o joelho com fé e submissão a ele como o grande Rei-Sacerdote. A identificação da atual entronização de Jesus tem grande influência na compreensão precisa de suas atuais e futuras intervenções nos assuntos deste planeta. Jesus hoje não se assenta no trono de Davi que foi prometido ao Filho maior de Davi em 2 Samuel 7: 13-16 (Apocalipse 3:21). Hoje, Jesus é o Rei sobre o reino universal de Deus. No futuro ele voltará a sentar-se no trono de Davi (Mt 25:31) e reinará por mil anos como o Rei Davídico sobre o que tem sido chamado de "reino

messiânico", "reino intermediário" e " O reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel). "E" o reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel). "E" o reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel).

Cristo Encarnado

Encarnação
Ensinamentos
Milagres
Detenção e julgamentos
Morte e Expiação
Ressurreição e Ascensão

Encarnação

DIVINDADE

Jesus era o Deus-homem - verdadeiramente e plenamente Deus, assim como verdadeiramente e plenamente humano. Em sua encarnação ele manifestou exteriormente sua essência divina interna (Gk. *Morphē* , "forma", Fil. 2: 6). Cristo possuía a glória divina (João 17: 5, veja Isaías 42: 8). Assim, o escritor de Hebreus proclama enfaticamente que Cristo era a representação exata da Deidade: "Ele é o resplendor da glória de Deus e a marca exata de sua natureza, e ele sustenta o universo pela palavra do seu poder". Hebreus 1: 3, ver Col 1:15). Como Deus, ele é o digno destinatário da adoração: "E, outra vez, quando ele trouxer o primogênito ao mundo, ele diz: 'Que todos os anjos de Deus o adorem'" (Hebreus 1: 6, ver Mateus 2: 2; 14:33, Filipenses 2: 10-11).

> Bendito és tu, ó SENHOR , Deus de Israel, nosso pai, para todo o sempre. Tu, ó SENHOR , é a grandeza, o poder, a glória, a vitória ea majestade, porque tudo o que há nos céus e na terra é teu. Teu é o reino, ó SENHOR , e tu és exaltado como cabeça acima de tudo. (1 Cr. 29: 10-11)

> Agora, o Deus da paz que trouxe de volta dos mortos o nosso Senhor Jesus, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da aliança eterna, equipá-lo com tudo o que é bom para que faça a sua vontade, operando em nós o que é agradável Em sua vista, por Jesus Cristo, a quem seja glória pelos séculos dos séculos. Um homem. (Hb 13: 20-21)

> ... que em tudo Deus pode ser glorificado por Jesus Cristo. A ele pertencem a glória eo domínio para todo o sempre. Um homem. (1 Pedro 4:11)

> Mas cresce na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória agora e até o dia da eternidade. Um homem. (2 Pedro 3:18)

> Digno é você, nosso Senhor e Deus, para receber glória, honra e poder, pois você criou todas as coisas e, por sua vontade, elas existiram e foram criadas. (Ap 4:11)

> Digno és de tomar o livro e abrir os seus selos, porque foste morto, e pelo teu sangue resgataste o povo de Deus de toda tribo, língua, povo e nação, e fizeste deles um reino e sacerdotes do nosso Deus, E reinarão sobre a terra. (Ap 5: 9-10)

Em outras palavras, Cristo deve ser adorado com adoração igual ao culto dado ao Deus do Antigo Testamento. A segunda pessoa da Trindade não era apenas "com Deus" na criação, ele próprio era Deus (João 1: 1-3). Ao criar o universo, a segunda pessoa realizou uma obra que só Deus poderia realizar (note que a palavra hebraica *bara '* ,' criar ', só toma Deus como seu sujeito).

A oração a Jesus Cristo constitui mais uma evidência para sua divindade. Jesus instruiu seus discípulos a orar a ele (João 14:14; 15:16; 16: 23-24). Atos 1: 24-25 registra que os discípulos oraram a Cristo por orientação na escolha de um substituto para Judas Iscariotes. Estêvão expressou dois pedidos de oração a Jesus: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito", e "Senhor, não tenha este pecado contra eles" (Atos 7: 59-60). Em Damasco, Ananias instruiu Saul para ser batizado e invocar o nome de Jesus (Atos 22:16). O apóstolo Paulo escreveu mais tarde que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Romanos 10:13, ver 1 Coríntios 1: 2). Paulo também apelou a Cristo para remover dele o "mensageiro de Satanás" (2 Coríntios 12: 7-8). De fato, o Novo Testamento fecha com uma oração a Cristo: "Vinde, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22:20).

A adoração inclui mais do que apenas oração; Também envolve elogios. Efésios 5: 18-20 aborda a questão de falar "uns aos outros em salmos, hinos e canções espirituais, cantando e fazendo melodia ao Senhor com seu coração" (Efésios 5:19). O contexto distingue "Deus o Pai" de "nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5:20, veja também 5:21), fazendo de Cristo o referente primário do "Senhor". O cântico de louvor em Apocalipse 5: 9-10 Também se concentra no Senhor Jesus, que pagou o preço do resgate por seu próprio sangue. Dois hinos bíblicos na igreja primitiva elogiam a Jesus por quem ele é eo que ele realizou: Filipenses 2: 6-11 e 1 Timóteo 3:16. Estes hinos de credo se concentram na doutrina da cristologia. Mesmo o Antigo Testamento contém hinos cristológicos, na forma de salmos messiânicos como Salmos 2; 22; 24; 45; 72; E 110. Assim,

Um conceito central associado ao reconhecimento da divindade pelo crente consiste no que a Escritura denomina "o temor do SENHOR " (2 Crônicas 19: 9, Salmo 111: 10, ver Deuteronômio 6: 2, 8: 6, 10: 12). Jesus Cristo é também o objeto de tal temor (Colossenses 3: 22-24, ver Ef 5:21, "por reverência a Cristo", NASB: "no temor de Cristo"), e que o temor divino forma um Seção chave do "canto do Cordeiro" (Apocalipse 15: 3):

> Quem não temerá, ó Senhor,
> E glorificar o teu nome?
> Só tu és santo.
> Todas as nações virão
> E te adorar,
> Porque os teus atos justos foram revelados. (Apocalipse 15: 4)

A segunda pessoa da Divindade também exibe e exerce plenamente todas as características e atributos divinos de Deus. A Tabela 4.4 fornece exemplos da grande semelhança de Jesus Cristo com Deus.

De acordo com os escritores do Novo Testamento, Jesus é "a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15, ver 2 Cor. 4: 4, Heb. 1: 3). Portanto, qualquer um que viu a Cristo poderia ser dito ter visto o Pai (João 12:45; 14: 7-10). Em outras palavras, os atributos e características do Pai residem também na pessoa de seu Filho.

Tabela 4.4 A Divina Semelhança de Jesus

Características Divinas ou Atributos	**Referências Bíblicas**

Eternidade	Microfone. 5: 2; João 1: 1; 8:58; Col. 1:17
Glória	Matt. 16:27; 24:30; Lucas 9:32; João 17: 5
Graça	João 1:14, 16-17; Romanos 1: 7; 16:20
Santidade	Lucas 4:34; João 6:69; Heb. 7:26
Imutabilidade	Heb. 1: 10-12 (Salmo 102: 25-27); 13: 8
Vida	João 1: 4; 5:21; 11:25; 14: 6; Atos 3:15; Apocalipse 1:18
Ame	Marcos 10:21; João 11: 3, 5; 14:21, 31; 15: 9-11
Misericórdia	Marcos 5:19; 1 Tim. 1: 2; Heb. 2:17
Onipotência	1 Cor. 1: 23-24; Heb. 1: 2-3
Onipresença	Matt. 18:20; Eph. 4:10
Onisciência	João 1: 47-49; 21:17; Atos 1:24; 1 Cor. 4: 5
Justiça	Atos 3:14; 7:52; 22:14; 2 Pet. 1: 1
Auto-existência (asseity)	João 1: 1-3; Col. 1: 16-17; Apocalipse 1: 8, 17-18
Soberania	Eph. 1:21; Colossenses 2:10; 1 Pet. 3:22
Verdade	João 1:14, 17; 14: 6; Eph. 4:21

A Bíblia menciona muitos títulos diferentes para o Filho de Deus. No entanto, muitos na lista de James Large, que pretende identificar 280 títulos e símbolos de Cristo na Bíblia, são meros símbolos e às vezes são subjetivos, tipológicos ou figurativos (por exemplo, Aaron como um retrato humano das funções sacerdotais cumpridas em Cristo, Ou "porção" como uma referência ao crente que herda Cristo). Para efeitos de uma cristologia, uma lista mais teológica pode ser dividida por uma seleção mais cuidadosa de nomes referentes à deidade de Jesus e nomes referentes à sua humanidade. Portanto, os títulos mais provavelmente relacionados com sua divindade estão listados aqui, enquanto os títulos apropriadamente associados com sua humanidade serão listados sob essa discussão abaixo (p.263).

- "Comandante DO exército DO SENHOR " (Josué 5: 14-15)
- "Maravilhoso" (Jz 13:18)
- "O SENHOR dos Exércitos" (Salmo 24:10, Isaías 6: 3, 5 com João 12:41, Isaías 24:23, Tiago 5: 4)
- "O Senhor", ou *adonai* (Salmo 110: 1 com Mateus 22: 41-45, Romanos 10: 9-10, Fil. 2: 9-11)
- "Sabedoria" / "Sabedoria de Deus" (Provérbios 8, Lucas 11:49, 1 Coríntios 1:24)
- "Emanuel", ou "Deus conosco" (Isaías 7:14, Mateus 1:23)
- "Pai eterno" (Isaías 9: 6)
- "Deus Poderoso" (Isaías 9: 6)
- "Conselheiro Maravilhoso" (Isaías 9: 6)
- "o SENHOR ", ou Yahweh (Isaías 40: 3 com Marcos 1: 3, Joel 2:32 com Romanos 10:13)

- "Criador" (de Israel, Isaías 43:15, das almas, 1 Pedro 4:19, e de todas as coisas, com este título implicado, João 1: 3, Colossenses 1:16, Hebreus 1: 2)
- "O braço do SENHOR " (Isaías 53: 1)
- "O disjuntor" (Mic 2:13 NASB)
- "O anjo [mensageiro] do SENHOR " (veja Zacarias 1: 11-21, onde 1:20 identifica o anjo como Yahweh enquanto 1: 12-13 mostra-o orando a Javé como uma pessoa distinta)
- "O noivo" (Mateus 9:15)
- "O Filho de Deus" (Marcos 1: 1, João 3:18, 5:25, Romanos 1: 4, Ef 4:13, Apocalipse 2:18)
- "O Santo" (Marcos 1:24, João 6:69, Atos 3:14, Ap 3: 7)
- "Filho do Altíssimo" (Lucas 1:32)
- "A Palavra" (João 1: 1)
- "O *unigênito* " (*monogenēs* = único, João 1:14, 18, 3:16, 18; 1 João 4: 9 NASB)
- "Eu sou" (João 6:35; 8:12; 10: 7, 11; 11:25; 14: 6; 15: 1, "Eu SOU ", Ex. 3: 13-14)
- "O pastor" (João 10:14, 1 Pedro 2:25, 5: 4, ver Salmo 23: 1)
- "A vida" (João 14: 6)
- "A verdade" (João 14: 6)
- "O caminho" (João 14: 6)
- "Deus" (João 20:28, Romanos 9: 5)
- "O Autor da vida" (Atos 3:15)
- "O poder de Deus" (1 Coríntios 1:24)
- "O Senhor da glória" (1 Cor. 2: 8)
- "A cabeça da igreja" (Ef 4:15, 5:23)
- "O bendito e único Soberano" (1 Timóteo 6:15)
- "Rei dos reis" (1 Timóteo 6:15, Apocalipse 17:14, 19:16, ver Dan. 4:37)
- "Senhor dos senhores" (1 Timóteo 6:15, Apocalipse 17:14; 19:16)
- "Salvador" (Tito 2:13, 2 Pe 1: 1)
- "O fundador da sua salvação" (Hebreus 2:10)
- "A fonte da salvação eterna" (Hb 5: 9)
- "O fundador e consumador da nossa fé" (Hb 12: 2)
- "O Todo-Poderoso" (Apocalipse 1: 8)
- "O Alfa eo Ômega" (Apocalipse 1: 8)
- "O Senhor Deus" (Apocalipse 1: 8)
- "O primeiro e o último" (Apocalipse 1:17; 2: 8)
- "O verdadeiro" (Apocalipse 3: 7)
- "Fiel e Verdadeiro" (Apocalipse 19:11)
- "O princípio eo fim" (Ap 21: 6)

Kenose

Em sua encarnação, Cristo voluntariamente cedeu o exercício independente de seus atributos divinos à vontade de seu Pai celestial. A base bíblica para esse fato é encontrada em Filipenses 2: 5-7:

> Tenha essa mente entre vocês, a qual é a vossa em Cristo Jesus, que, embora fosse na forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser compreendido, mas se esvaziou, assumindo a forma de um servo, nascendo À semelhança dos homens.

Desenho da palavra grega para "esvaziou-se", *kenoō* , teólogos têm escolhido para se referir a este conceito como a "kenosis" ou "esvaziamento". O apóstolo Paulo refere-se a um ato voluntário que envolve a encarnação pelo qual o Filho de Deus tomou sobre si A forma de um escravo (Gk. *Doulos*). A cláusula "embora ele estivesse na forma de Deus" (Filipenses 2: 6) fala sobre o estado preexistente de Cristo, bem como sobre sua humilhação.

A declaração de que Cristo "estava na forma [Gk. *morphe*] de Deus"(Fp 2: 6.) deve ser entendida como uma referência à realidade da divindade de Cristo, assim como'tomando a forma [*morphe*] de um escravo'(Fl 2:.. 7, trans do autor) fala Sobre a realidade de sua escravidão. "Forma" (*morfo*) não *significa* que Cristo se tornou um escravo apenas na aparência, nem que ele era Deus apenas na aparência externa. Paulo não usa a palavra grega usual para "ser" aqui. Em vez disso, o apóstolo emprega outro termo que enfatiza a essência da natureza de uma pessoa - seu estado ou condição contínua. Ele também usa a palavra grega para "forma" que especificamente denota o caráter essencial, imutável de algo - o que é em si mesmo. A mente de Cristo "é revelada em dois sublimes atos de auto-renúncia, *O descrito como um kenōsis* , o outro como um *tapeinōsis* . No primeiro Ele "se esvaziou", inclinando-se de Deus para a humanidade; No segundo, "se humilhou", inclinando-se da humanidade para a morte.

De que o Filho pré-encarnado se esvaziou em sua encarnação? Essa pergunta foi respondida de várias maneiras infelizes pelo que veio a ser conhecido como teologia kenótica. Nomeados para o " *esvaziamento* " falado no *kenōsis* , os *teólogos kenóticos* interpretaram mal este conceito e indicaram que Cristo se esvaziou de algum aspecto de sua deidade durante sua encarnação. Em algumas formas, esse ensino errôneo afirma que Cristo reteve o que eles chamam de seus atributos essenciais da deidade (por exemplo, a santidade, a graça), mas rendeu o que eles chamam de seus atributos relativos (eg, onisciência, imutabilidade).

No entanto, é por definição impossível para o Deus eterno e imutável deixar de existir como Deus. Este fato relativo ao Senhor Jesus é confirmado em todo o Novo Testamento. Mesmo em seu estado de humilhação, o Senhor Jesus poderia dizer: "Eu eo Pai somos um" (João 10:30). Longe de uma expressão metafórica de unidade em propósito ou plano, esta era uma declaração metafísica da essência compartilhada do Filho com o Pai. Os judeus entenderam isso claramente, pois sua reação foi apedrejar Jesus por blasfêmia: "Tu, sendo homem, faz-te Deus" (João 10:33). Mesmo como homem, ele poderia legitimamente afirmar que vê-lo era ver o Pai (João 14: 9), declarar que ele tinha autoridade sobre toda a carne (João 17: 2) e receber o culto de seus discípulos (João 20:28).). No Monte da Transfiguração, a divindade do Filho encarnado foi revelada visivelmente, Enquanto ele retirava o véu de sua humanidade, por assim dizer, e permitia que a expressão de sua própria essência divina brilhasse (Mateus 17: 2, veja "Transfiguração", p. É claro, portanto, que o Filho não se esvaziou de sua divindade ou de seus atributos divinos em sua encarnação.

A questão permanece, então, de o que ele esvaziar-se? No entanto, esta questão em si parece mal interpretar a linguagem de Paulo em Filipenses 2. Embora o verbo *kenoo signifique* "esvaziar", ele é usado exclusivamente em um sentido metafórico no Novo Testamento. Nunca significa "derramar", como se Jesus estivesse despejando seus atributos divinos de si mesmo. Se essa fosse a intenção de Paulo, ele teria usado a palavra *ekcheo* (por exemplo, Lucas 22:20, João 2:15, Tito 3: 6). Em vez disso, *kenoō significa* "fazer vazio", "anular" ou "fazer de nenhum efeito". Paulo emprega o termo neste sentido em Romanos 4:14, onde ele diz: "Se os que são da Lei São *herdeiros* , a fé é anulada [*kekenōtai*] ea promessa é anulada "(NASB). No entanto, não se pergunta, Do que a fé foi esvaziada? Pelo contrário, Paulo pretende dizer que se a justiça pudesse vir pela lei, a fé seria anulada - ela acabaria em nada. Do mesmo modo, é a pergunta errada a fazer, do que Cristo se esvaziou? O próprio Cristo é o objeto desse esvaziamento; *Ele se* anulou . Como a Versão do Rei Tiago o traduz, ele "não se fez reputo" (Filipenses 2: 7).

O restante do versículo diz como Cristo se anulou em sua encarnação: "tomando a forma de um servo, sendo nascido à semelhança dos homens" (Flp 2: 7). Cristo se fez de

nenhuma reputação precisamente ao assumir uma natureza humana. Ele se esvaziou não derramando porções de sua divindade, mas acrescentando a si próprio a plena e verdadeira humanidade. Seu foi um esvaziamento por adição, não por subtração. Se ele realmente se rendeu ou desistiu de seus atributos divinos, então poderia sugerir que ele deixou de ser Deus - mas isso resultaria em algo em desacordo com a forma como a Bíblia o identifica como sendo completamente e verdadeiramente Deus (veja "Deidade", p. 255]). No entanto, mesmo ao assumir a natureza humana, o Filho de Deus possuía plenamente sua natureza divina, atributos e prerrogativas.

Qual era, então, a sua humilhação? Para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel, ele tinha de ser feito como seus irmãos em todos os aspectos (Hebreus 2:17). Portanto, enquanto o Filho de Deus possuía plenamente sua natureza divina, atributos e prerrogativas, ele não as expressava plenamente. Eles estavam velados. Às vezes ele as expressava, como quando lia a mente das pessoas (Mateus 9: 4) e fazia milagres divinos (por exemplo, Lucas 5: 3-10). Mas o Mestre submeteu-se voluntariamente à vida de um escravo (Filipenses 2: 7, ver 2 Coríntios 8: 9). Ele entregou as glórias pré-encarnadas das quais ele veio. Ele deixou a adoração de santos e anjos para ser desprezado e rejeitado pelos homens (Isaías 53: 3), submetendo-se a mal-entendidos, negação, incredulidade, acusações falsas e todo tipo de injúria e perseguição. Como Deus, o Filho, Ele tinha todo o direito de exercer suas prerrogativas divinas à vontade. No entanto, como servo sofredor de Javé, ele se entregou à vontade do Pai em tudo (João 5:19, 30). Assim, embora conhecesse Natanael sem conhecê-lo (João 1:47) e conhecia todos os homens (João 2:25), na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36) . Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu completamente divino. Na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36). Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu completamente divino. Na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36). Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu totalmente divino.

Nenhuma conceptualização da kenose pode ser consistente com a Escritura se esse conceito torna impossível que Cristo afirme "igualdade com Deus" (Filipenses 2: 6). Embora igual a Deus, o Filho de Deus se submeteu voluntariamente à humanidade e à morte como aquele que possuía plenamente a vontade soberana, livre, santa e amorosa para ser limitado pela sua escolha de obedecer ao Pai para o propósito do programa de redenção e da salvação Glória da Divindade.

Nascimento virgem

O anúncio da "descendência" vitoriosa (ou semente) da mulher em Gênesis 3:15 implica que este indivíduo não será a prole de um homem (ver Gálatas 4: 4). Assim, a primeira profecia messiânica dirige a atenção para a mulher, ao contrário da genealogia de Gênesis 5, que lista apenas os pais. Ao omitir qualquer relação com Adão, Deus sugere que a descendência prometida não participará do pecado de Adão. Como o primeiro Adão foi gerado por Deus (ver Lucas 3:38, "Adão, o filho de Deus"), assim o segundo Adão, Jesus Cristo, foi gerado por Deus, não por um homem humano (Mateus 1: 18- 20). Mateus enfatiza essa justaposição do primeiro Adão com o segundo Adão na maneira como ele introduz seu Evangelho: "O livro da genealogia de Jesus Cristo ..." (Mateus 1: 1). Esta é a mesma fraseologia encontrada apenas em outros lugares em Gênesis 5: 1:

1. um novo livro de revelação - o Evangelho de Mateus como o livro de abertura do Novo Testamento;
2. uma nova mensagem - a boa notícia a respeito de Jesus, o Messias e Salvador que é "Deus conosco" (Emanuel, Mateus 1: 1, 23);
3. uma nova criação - um filho do sexo masculino nascido de uma virgem (Mateus 1: 18-23); e
4. um novo começo - uma nova *gênese* (a palavra grega para " nascimento " em Mateus 1:18).

No reinado do rei Acaz, rei de Judá, o profeta Isaías recebeu uma revelação de Deus para passar ao rei: "Portanto, o próprio Senhor vos dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e porá o nome de Emanuel "(Isaías 7:14). De acordo com Mateus 1: 22-23, essa profecia foi cumprida na concepção milagrosa de Jesus no ventre da Virgem Maria. Alguns se opõem a essa interpretação, insistindo na identificação da "virgem" como a esposa de Isaías ou outra jovem daquela época. No entanto, o próprio contexto indica a precisão do próprio comentário do Novo Testamento de Deus:

1. No contexto imediato, Isaías 1-12 profetiza o juízo divino contra Israel e a eventual paz, que o Messias trará à nação e ao mundo inteiro.
2. Isaías não fornece qualquer realização contemporânea específica - ele deixa a "virgem" não identificada.
3. Uma vez que Acaz se recusa a pedir um sinal para si e para seu tempo (Isaías 7: 10-12), Deus anuncia um sinal para a "casa de Davi", um não limitado a Acaz ou seu tempo (Isaías 7: 13-14).
4. A palavra "virgem" (Heb. *'Almah*) refere-se a uma jovem que não teve relações íntimas com um homem (ver Gênesis 24:43, Ex. 2: 8, Canção 1: 3). A sugestão de que *betulah* é a palavra hebraica correta para "virgem" parece ser contradita pelo uso do termo em Gênesis 24:16, que acrescenta "a quem nenhum homem tinha *conhecido* " (Gênesis 24:16), a fim de fazer *betulah* ("Donzela") se referem a uma virgem. O termo *"almah"* não requer essa qualificação. A Septuaginta, a antiga tradução judaica do Antigo Testamento em grego, traduz o termo hebraico com *parthenos* , a mesma palavra que aparece no Novo Testamento em Mateus 1:23.

O que é significativo sobre a doutrina da virgem concepção e nascimento de Jesus? Em primeiro lugar, a integridade do registro evangélico referente a Jesus repousa pesadamente sobre a verdade do nascimento virginal. Se Mateus e Lucas não são confiáveis nos relatos de que a gravidez de Maria ocorre sem o envolvimento humano masculino, então suas histórias inteiras de Jesus tornam-se suspeitas. Os cientistas podem afirmar que uma concepção virgem é impossível, mas a evidência do Evangelho permanece autêntica e credível à luz do testemunho consistente dos escritores do Novo Testamento sobre a natureza humana sem pecado de Jesus. Em outras palavras, a falsidade em relação à afirmação bíblica sobre o nascimento virginal compromete seriamente a inerrância ea infalibilidade das Escrituras. Além disso, uma vez que o autor final das Escrituras é o próprio Deus,

Segundo, o nascimento virginal permite a preexistência da pessoa divina e da natureza. O eterno Filho de Deus existia antes da concepção milagrosa no seio de Maria. O processo humano normal de concepção teria produzido uma segunda pessoa, não apenas um corpo humano e natureza. Jesus, como o Deus-homem, é apenas uma pessoa com duas naturezas. Isaías disse isso tão bem: "Porque um menino nos nasceu, um filho nos é dado" (Isaías 9: 6). O Filho de Deus já existia - como uma pessoa divina. A adição de uma segunda pessoa a Jesus exigiria a existência de quatro pessoas na Divindade, em vez de preservar os três. E essa quarta pessoa, embora fosse um ser humano sem pecado, seria inferior às outras três pessoas pela finitude de sua

humanidade. A humanidade de Jesus não é eterna - teve um começo. (Ver "Humanidade" [p.

Terceiro, sem uma concepção virgem de Jesus, não pode haver garantia de sua impecabilidade. Os descendentes de Adão são pecadores porque Adão pecou; Os descendentes de Adão morrem (Romanos 3:23, 5: 12-19, 6:23, ver Salmo 51: 5). A morte pode ocorrer antes que o bebê saiba a diferença entre o certo eo errado e antes que esse pequeno seja capaz de entender o evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo. A morte infantil exige a doutrina do pecado original, pois não há morte separada do pecado. O Jesus sem pecado só pode experimentar a morte de seu corpo humano por Deus colocando sobre ele todo o pecado e culpa dos eleitos (2 Coríntios 5:21).

Em quarto lugar, a eliminação do nascimento virginal comprometeria a totalidade da vida e do ministério de Jesus e as doutrinas que o acompanham. Estes incluem o seu ser verdadeiramente Deus e verdadeiramente o homem, a sua vida sem pecado, as suas acções milagrosas, o seu ensinamento cheio da verdade, o seu sacrifício voluntário como um substituto para os pecadores, a sua ressurreição corporal, a sua ascensão corporal eo seu regresso futuro. Se alguma doutrina única dentro do ensino bíblico referente a Jesus fracassou, levaria a questionar tudo o que o concernia no registro do Novo Testamento.

Por fim, a virgem concepção / nascimento de Jesus deve fazer parte da confissão de fé do cristão. O nascimento de Jesus deu-lhe um corpo de carne. O espírito do anticristo nega que Jesus veio em carne (1 João 4: 1-3; 2 João 7). A confissão do crente afirma que Jesus tomou sobre si mesmo carne e sangue (Hebreus 2:14) para afastar o pecado (1 João 3: 5). Essa confissão aparece na primeira linha do hino cristão primitivo citado por Paulo em 1 Timóteo 3:16: "Ele foi manifestado na carne".

4

Deus, o Filho

Cristologia

"Todos Saudam o Poder do Nome de Jesus"

Todos saudam o poder do Nome de Jesus!
Deixe os anjos caírem prostrados;
Traga adiante o diadema real,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Traga adiante o diadema real,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Escolheu a descendência de Israel,
Você resgatou da queda,
Salve Aquele que te salva pela Sua graça,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Salve Aquele que te salva pela Sua graça,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Cada parente, cada tribo,

Nesta bola terrestre,
A Ele toda a majestade atribui,
E coroá-Lo Senhor de todos;
A Ele toda a majestade atribui,
E coroá-Lo Senhor de todos!

Oh, que com essa multidão sagrada
Nós, a Seus pés, podemos cair!
Nós nos uniremos à canção eterna,
E coroá-Lo Senhor de todos;
Nós nos uniremos à canção eterna,
E coroá-Lo Senhor de todos!

~ Edward Perronet (1726-1792)
Adaptado por John Rippon (1751-1836)

Principais assuntos abordados no Capítulo 4

Preincarnate Christ

Cristo Encarnado

Cristo glorificado

A testemunha bíblica sobre o Senhor e Salvador Jesus Cristo é tecida como um fio escarlate por toda a Palavra escrita de Deus. Como a segunda pessoa da Divindade, a pessoa e a obra do Salvador constituem o testemunho central de toda a Escritura: "Adorai a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia "(Apocalipse 19:10).

Preincarnate Christ

Eternidade Passado
Eterno Filho de Deus
Aparições do Velho Testamento
Atividades do Velho Testamento
Profecias do Velho Testamento

A Escritura fala da divindade e da humanidade de Cristo. A pessoa de Cristo é totalmente divina e totalmente humana, um princípio que a igreja primitiva defendeu uma e outra vez. Somente uma descrição completamente bíblica pode fornecer uma revelação precisa da existência do Filho de Deus desde a eternidade passada à eternidade futura. Um arranjo cronológico da existência da segunda pessoa deve começar com a eternidade passada.

Eternidade Passado

Triunidade

Em todo o Antigo e Novo Testamento, os escritores fazem referência a distinções entre as pessoas na Divindade. Pai, Filho e Espírito Santo aparecem como pessoas distintas com operações individuais. Além disso, os escritores bíblicos atribuem atributos divinos a essas pessoas. Baseado em evidências bíblicas, a mente sem preconceitos não pode duvidar da existência de uma pluralidade de pessoas na Divindade sem impugnar a clareza, a inerrância ea inspiração das Escrituras. Qualquer discussão precisa sobre a Trindade deve começar e terminar com o que a Bíblia declara.

A revelação que João recebeu de Deus descreveu a segunda pessoa como sendo "com Deus" (João 1: 1), uma frase que indica uma identidade distintamente separada. Além disso, somente uma pessoa distinta da Divindade pode receber o amor de outra pessoa da Divindade (João 17:24). Suas identidades distintas também aparecem na submissão do Filho de Deus ao Pai na economia da redenção (Filipenses 2: 6-7, Hebreus 10: 5-7, veja "Aparições do Velho Testamento", p.240) . Eles também comunicam uns com os outros e uns com os outros: "Meu Pai, se for possível, passe este cálice de mim; No entanto, não como eu quero, mas como quiserdes "(Mateus 26:39). A formulação batismal trinitária indica co-igualdade entre as três pessoas da Trindade: "Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações,

Ao afirmar este testemunho bíblico sobre a triunidade de Deus, William GT Shedd identificou doze ações e relações demonstrando que uma pessoa na Divindade pode fazer ou experimentar algo pessoalmente que é recebido por outra pessoa da Divindade:

> Uma Pessoa divina ama a outra, João 3:35; Habita em outro, João 14:10, 11; Sofre de outro, Zech. 13: 7; Sabe outro, Matt. 11:27; Endereços outro, Heb. 1: 8; É o caminho para o outro, João 14: 6; Fala de outro, Lucas 3:22; Glorifica outro, João 17: 5; Confere com outro, Gn 1:26, 11: 7; Planos com outro, Isa. 9: 6; Envia outro, Gn 16: 7, João 14:26; Recompensa outro, Phil. 2: 5-11; Heb. 2: 9.

PREEXISTÊNCIA

Que tipo de existência Cristo tinha antes de sua encarnação? Em outras palavras, qual era o estado de sua preexistência apenas na divindade antes de assumir a humanidade? A segunda pessoa da Trindade residia no céu e veio para a terra do céu no momento da concepção milagrosa de sua natureza humana no ventre da Virgem Maria (Mateus 1: 18-25 e Lucas 1: 26-38). Ele foi enviado pela primeira pessoa da Trindade (Deus Pai) como resultado do amor de Deus pela humanidade: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, vida. Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele "(João 3: 16-17). O Filho desceu do céu (João 3:31) quando o Pai o enviou (João 6:38; 17: 3; 1 João 4: 9).

A segunda pessoa da Divindade existia antes da criação do universo. Na verdade, a Bíblia identifica-o como o Criador: "Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito" (João 1: 3), 1 Coríntios 8: 6; 1: 16-17, Heb. 1: 2, 10). O Criador de todas as coisas deve existir antes de seu ato de criação - antes da existência de todas as coisas criadas. Assim, as Escrituras testemunham o fato de que ele possuía a glória divina "antes que o mundo existisse" (João 17: 5). Naquela existência pré-encarnada dentro da Divindade, a segunda pessoa da Trindade experimentou o amor da primeira pessoa (João 17:24). As pessoas da Divindade exerceram este atributo divino, comunicável entre si, ao longo da eternidade passada.

A segunda pessoa da Divindade é eterna em sua natureza e existência. A declaração bíblica mais clara aparece em João 1: 1: "No princípio era a Palavra, ea Palavra estava com Deus, ea Palavra era Deus". Para que o leitor não pense que "o princípio" se refere apenas ao começo da criação, O escritor da epístola aos hebreus contrasta claramente a existência temporária e finita da criação com a existência eterna e permanente do Criador, o próprio Filho de Deus: "Tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra no princípio, e Os céus são obra de tuas mãos; Eles perecerão, mas você permanecerá; Todos se desgastarão como uma veste, como uma veste que os enrolarás, como uma veste eles serão mudados. Mas vós sois os mesmos, e os vossos anos não terão fim "(Hb 1: 10-12, ver Salmo 102: 25-27). O Antigo Testamento descreve sua existência como "desde os tempos

antigos, desde os tempos antigos" (Mic 5: 2). Isaías atribui a ele os títulos de "Deus Poderoso" e "Pai Eterno" e indica que a encarnação do Deus-homem consistia não apenas no nascimento de uma criança, mas também na doação de um filho (Isaías 9: 6). Cristo sempre existiu como Filho de Deus, mas se tornou uma criança apenas no momento de sua concepção milagrosa.

Eterno Filho de Deus

A existência eterna da segunda pessoa levanta uma questão sobre o relacionamento que ele tinha dentro da Divindade. Como a segunda pessoa da Trindade (ou "a Palavra", como João 1: 1 fala dele), ele existiu desde a eternidade passada. Mas ele sempre existiu na *eternidade* como *Filho* ? Duas visões principais surgiram: filiação eterna e filiação encarnacional.

Hebreus 1: 5, à primeira vista, parece falar do Pai gerando o Filho como um evento que acontece em um ponto no tempo: "Tu és meu Filho, *hoje* eu te gerei" e "Eu *serei* para ele um Pai, e ele *será* para mim um filho. "Esse versículo apresenta alguns conceitos muito difíceis. *Gerar normalmente* fala da origem de uma pessoa. Além disso, os filhos são geralmente subordinados a seus pais. Portanto, o texto parece falar de algo incompatível com uma eterna relação Pai-Filho, que exige que entre as pessoas da Trindade exista perfeita igualdade e eternidade.

A visão de filiação eterna repousa sobre a observação de que o título *Filho de Deus* , quando aplicado a Cristo na Escritura, parece sempre falar de sua divindade essencial e absoluta igualdade com Deus, não sua subordinação voluntária. Os líderes judeus da época de Jesus entenderam isso. João 5:18 diz que eles buscaram a pena de morte contra Jesus, acusando-o de blasfêmia "porque não só ele estava quebrando o sábado, mas ele estava chamando Deus de seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus". O filho adulto do dignitário era considerado igual em estatura e privilégio com seu pai. A mesma deferência exigida por um rei era concedida a seu filho adulto. O filho era, afinal de contas, da mesma essência que seu pai, herdeiro de todos os direitos e privilégios do pai - e, portanto, igual em todos os aspectos significativos. Assim, quando Jesus foi chamado de "Filho de Deus", foi categoricamente entendido por todos como um título de divindade, declarando-o igual a Deus e (mais significativamente) à mesma essência do Pai. *É precisamente por isso que os líderes judeus consideravam o título de Filho de Deus* a máxima blasfêmia.

Se a filiação de Jesus significa sua deidade e absoluta igualdade com o Pai, não pode ser um título que pertence apenas à sua encarnação. De fato, a essência principal do que se entende por filiação (e certamente isso incluiria a essência divina de Jesus) deve pertencer aos atributos eternos de Cristo, não apenas à humanidade que assumiu.

A proclamação mencionada no Salmo 2 e Hebreus 1 não é um evento que ocorre no tempo. Mesmo que, à primeira vista, a Escritura pareça empregar terminologia com toques temporais ("hoje eu o gerei"), o contexto do Salmo 2: 7 certamente se refere ao eterno "decreto" de Deus. É razoável concluir que o que nasce do Salmo 2 também é algo que pertence à eternidade e não a um ponto no tempo. A linguagem temporal deve, portanto, ser entendida como figurativa, não literal.

Os teólogos ortodoxos desde o Primeiro Concílio de Constantinopla (381) reconheceram isso, e ao tratar da filiação de Cristo, eles empregam o termo *geração eterna* - que é uma expressão reconhecidamente difícil. Nas palavras de Spurgeon, é "um termo que não nos transmite grande significado; Simplesmente encobre nossa ignorância ". No entanto, o conceito em si é bíblico. A Escritura refere-se a Cristo como "o único Filho do Pai" (João 1:14, ver 1:18, 3:16, 18). A palavra grega traduzida "o único Filho" (ESV, " *unigênito* ," KJV, NASB) é *monogenēs* . O impulso de seu significado tem a ver

com a singularidade de Cristo. Literalmente, pode ser tornado "um de um tipo" - e, no entanto, também significa claramente que ele é da mesma essência que o Pai. Assim sendo,

Dizer que Cristo é "gerado" é em si um conceito difícil. Dentro do reino da criação, o termo *gerado* fala da origem da prole. O gerar de um filho denota sua concepção - o ponto em que ele vem a ser. Alguns assumem assim que "unigênito" se refere à concepção do Jesus humano no ventre da Virgem Maria. No entanto, Mateus 1:20 atribui a concepção do Cristo encarnado ao Espírito Santo, não a Deus, o Pai. A geração mencionada no Salmo 2: 7 e João 1:14 refere-se claramente a algo mais do que a concepção da humanidade de Cristo no ventre de Maria.

De fato, há outra importância, mais vital, para a idéia de *gerar* do que *meramente* a origem da prole. No desígnio de Deus, cada criatura gera descendência "de acordo com sua espécie" (Gênesis 1: 11-12, 21-25). A descendência tem a exata semelhança do pai. O fato de que um filho é gerado pelo pai garante que o filho compartilha da mesma natureza que o pai. Cristo em sua divindade, entretanto, não é um ser criado (João 1: 1-3). Ele não teve começo, mas é tão atemporal quanto o próprio Deus. Portanto, o "engendramento" mencionado no Salmo 2 e suas referências não tem nada a ver com a origem de sua divindade ou de sua humanidade. Mas tem tudo a ver com ele compartilhando a mesma essência do Pai. Expressões como "geração eterna", "Filho unigênito, "E outros referentes à filiação de Cristo devem ser entendidos como sublinhando a unicidade absoluta da essência entre Pai e Filho. Em outras palavras, tais expressões não se destinam a evocar a idéia de procriação; Eles são destinados a transmitir a verdade sobre a unidade essencial compartilhada pelos membros da Trindade.

Uma visão encarnacional da filiação de Cristo pressupõe que a Escritura emprega a terminologia pai-filho antropomorficamente - acomodando verdades celestiais insondáveis para nossas mentes finitas, lançando-as em termos humanos. Mas os relacionamentos homem-filho são meramente imagens terrenas de uma realidade celestial infinitamente maior. Na visão da filiação eterna, a única e verdadeira relação arquetípica pai-filho existe eternamente dentro da Trindade. Todos os outros são simplesmente réplicas terrenas, imperfeitas porque estão ligadas à finitude da humanidade e ainda ilustram uma realidade eterna e vital.

Se a filiação de Cristo é toda sobre sua divindade, alguém se perguntará por que essa filiação se aplica apenas à segunda pessoa da Divindade e não à terceira. Afinal, os teólogos não se referem ao Espírito Santo como o Filho de Deus. Contudo, o Espírito também é da mesma essência que o Pai. A essência completa, não diluída e não dividida de Deus pertence igualmente ao Pai, Filho e Espírito Santo. Deus é apenas uma essência, mas ele existe em três pessoas. As três pessoas são iguais, mas ainda são pessoas distintas. As principais características que distinguem as pessoas estão envolvidas nas propriedades sugeridas pelos nomes Pai, Filho e Espírito Santo. Os teólogos rotularam essas propriedades de paternidade, filiação e espiração. Que essas distinções são vitais para a nossa compreensão da Trindade é claro a partir da Escritura. Como explicá-los completamente permanece algo de um mistério. De fato, muitos aspectos dessas verdades podem permanecer para sempre inescrutáveis, mas essa compreensão básica das relações eternas dentro da Trindade representa, no entanto, o melhor consenso do entendimento cristão ao longo dos séculos da história da igreja. As doutrinas da filiação eterna de Cristo e da geração eterna devem, portanto, ser afirmadas, mesmo reconhecendo-as como mistérios nos quais não podemos esperar arriscar demais.

Os pontos de vista da filiação encarnacional normalmente apresentam um caso baseado em declarações divinas sobre o Filho em seu nascimento (Marcos 1: 1, Lucas 1:32, 35), em seu batismo (Mateus 3:17) ou em sua transfiguração (Mateus 17: 5), ou

sobre a declaração apostólica sobre sua ressurreição (Atos 13: 30-33, Romanos 1: 4). À luz dos argumentos apresentados acima contra a filiação encarnacional, as declarações divinas no seu batismo e transfiguração meramente expressam a aprovação e o endosso do Pai, e não a nomeação inicial da segunda pessoa da Trindade para a posição e o papel de Filho. A referência em Lucas 1:35, quando tomada à luz de Lucas 3:38, poderia ser a identificação de Jesus como o segundo Adão. Os textos que mencionam sua filiação no contexto ou em associação com sua ressurreição não afirmam que sua ressurreição "o fez" Filho de Deus. Em vez disso, a ressurreição revelou de forma poderosa que ele era o Filho de Deus, não um mero homem, e era evidência provando sua filiação, ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai? Ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai? Ao invés de instalá-lo como Filho. Como Schreiner acertadamente observa: "É crucial lembrar que aquele que é exaltado como Filho de Deus no poder já era o Filho" .7 Os endossos em seu batismo e transfiguração sustentam tal conclusão, uma vez que essas ocasiões precederam a ressurreição de Jesus, mas enfaticamente Declarar sua filiação. Qual era, então, o propósito dos endossos de aprovação do Pai?

> Ao chamar a Jesus Seu Filho amado, o Pai declarou não só uma relação de natureza divina, mas uma relação de amor divino. Eles tinham uma relação de amor mútuo, compromisso e identificação em todos os sentidos.
>
> Ao dizer, "com quem me comprazo", o Pai declarou Sua aprovação com tudo o que o Filho era, disse e fez. Tudo sobre Jesus estava em perfeito acordo com a vontade e o plano do Pai.

Aparições do Velho Testamento

Uma das principais ocasiões do fenômeno referido como uma *teofania* ("aparência de Deus") envolve a presença de Deus no Monte Sinai (Êxodo 19). Outros casos de manifestação divina surgem com o ministério de "o anjo do SENHOR [Javé]" em passagens como a seguinte:

1. Gênesis 16: 7-13: Nesta passagem o narrador (Moisés, não Agar) identifica o mensageiro de Javé como Yahweh: "Então ela chamou o nome do SENHOR que falou com ela" (16:13).
2. Êxodo 3: 2-4: Mais tarde na história, o mensageiro de Yahweh aparece a Moisés em uma sarça ardente no monte Horeb no deserto do Sinai. O narrador (mais uma vez, Moisés) declara que "Deus o chamou do mato" (3: 4).
3. Juízes 6: 11-23: O escritor do livro de Juízes (não Gideão ou o mensageiro de Javé) relata que "o SENHOR se voltou para ele e disse ..." (6:14).

Tais aparências parecem possuir uma característica significativa: todas elas, como diz James Borland, "revelam, pelo menos parcialmente, algo sobre o próprio Deus ou a Sua vontade para o destinatário". Devemos identificar o divino Pessoa em aparências como o Filho pre-encarnado de Deus (isto é, um christophany)? Borland define essas aparências como "aquelas manifestações indesejadas, intermitentes e temporárias, visíveis e audíveis de Deus, o Filho em forma humana, pelas quais Deus comunicou algo a certos seres

humanos conscientes na terra antes do nascimento de Jesus Cristo". Quando o relato bíblico Associa "o anjo do SENHOR " com uma teofania, "mensageiro" poderia fornecer uma tradução melhor do que "anjo", porque este título denota a função ou o cargo do indivíduo, não a sua natureza. Além do que, além do mais, A Escritura fala dele como realmente sendo Deus. ELE TEM O NOME DE " SENHOR " , ele fala como Deus, e ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. A frase "o fez *conhecido* " em grego (*exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. E ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. E ele exibe atributos divinos e autoridade. Mais significativamente, porém, ele recebe adoração (Mt 2: 2, 11; 14:33; 28: 9, 17). Dado o que João 1:18 diz sobre o Filho - que "ninguém jamais viu a Deus; O único Deus, que está do lado do Pai, o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. Ele o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade. Ele o fez conhecido "- as aparições de Deus no Antigo Testamento devem ter sido o Filho, não o Pai. *A frase "o fez conhecido " em grego (exēgeomai*) é a palavra da qual *derivamos* o verbo *exegete* e seu substantivo cognato, *exegese* . Literalmente, o Filho de Deus "exegeted" o Pai para a humanidade.

Atividades do Velho Testamento

As obras da segunda pessoa da Divindade no Antigo Testamento incluem criação, providência, revelação e julgamento. Estes são atos de deidade e demonstram que ele é Deus. As obras de Jesus no Novo Testamento (eg, ressurreição) são paralelas às obras atribuídas a ele no Antigo Testamento e acrescentam significativamente a essas obras.

CRIAÇÃO

Obviamente, este trabalho da segunda pessoa da Divindade ocorre em seu estado pré-encarnado. As referências do Antigo Testamento ao Criador ou Criador não distinguem a pessoa divina fazendo a criação de outras pessoas da Divindade. O Novo Testamento, no entanto, enfaticamente faz essa distinção:

> Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito. (João 1: 3)
>
> Ele estava no mundo, eo mundo foi feito através dele, contudo o mundo não o conhecia. (João 1:10)

> Porque por ele todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou domínios, governantes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. (Cl 1:16)
>
> Mas nestes últimos dias nos falou pelo seu Filho, a quem designou herdeiro de todas as coisas, por meio de quem também criou o mundo. (Hb 1: 2)
>
> Tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra no princípio, e os céus são obra de tuas mãos. (Hebreus 1:10)

O título do Filho "a Palavra" (João 1: 1) afirma que Deus criou todas as coisas por meio de sua palavra falada - ele falou todas as coisas na existência (veja a repetição de "Deus disse" em Gênesis 1: 3, 6, 11, 14, 20, 24, e as declarações diretas em Sl 33: 6 no Antigo Testamento e Heb. 11: 3 no Novo Testamento). Embora as três pessoas da Divindade tenham participado de alguma maneira na criação, a Escritura identifica o Filho de Deus como tudo falando em existência.

PROVIDÊNCIA

Providência envolve o cuidado de Deus sobre toda a sua criação. Ele inclui o desenrolar de todos os seus decretos, a fim de que ele poderia vir a ser glorificado em tudo o que ele tem feito, ou seja, na execução dos seus programas de reino e redenção em todos os seus detalhes. Desde o Trinity agiram em conjunto para criar o homem à imagem de Deus (“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”, Gn 1:26), o Filho de Deus, o Cristo pré-encarnado, participou de iniciar o programa reino . Quando a humanidade se rebelou contra Deus após o dilúvio, novamente a Trindade (incluindo o Filho) interveio na história do mundo para direcionar o resultado (dividindo a linguagem da humanidade e espalhando-os sobre a superfície da terra) e para garantir que o programa divino no mundo faria Continuam a se desenvolver sob a direção de todas as três pessoas da Divindade (Gênesis 11: 7).

O Filho de Deus, como Messias, age pessoalmente e diretamente para intervir na história do mundo para estabelecer o reino de Deus na terra (ver Dan.2: 31-46, Mateus 23: 37-25: 46 e Apocalipse 11:15). Cristo estava envolvido na rejeição do Israel descrente e no estabelecimento da igreja - e ainda estará envolvido na salvação de Israel (Romanos 11: 13-36). Cristo também trabalha para redimir as pessoas e estabelecê-las em toda boa obra (2 Tessalonicenses 2). Além disso, Cristo continuamente sustentou a criação, sustentando-a e dirigindo-a em seu papel relacionado com o programa do reino de Deus (Hb 1: 3) - mais do que apenas preservar todas as coisas como em Col. 1:17. E ele governou o desenvolvimento do programa de Deus entre a humanidade.

Um aspecto significativo da providência de Deus relaciona-se com a sua bondade. No Antigo Testamento, a bondade de Deus surge nas ações de alguém que parece ser a segunda pessoa da Divindade. O Salmo 23 fala de Yahweh como pastor - alguém que cuida e fornece. Sua bondade persegue seu povo todos os dias de suas vidas (Sl 23: 6). Jesus se identificou como aquele pastor (João 10:11, "o bom pastor"). Atos 14:17 também descreve a bondade de Deus ao mostrar que ele "fez o bem, dando-lhe chuvas do céu e épocas férteis, satisfazendo seus corações com alimento e alegria". Em todas as idades, a obra de salvar a humanidade de seus pecados foi obra de O Filho de Deus, cuja bondade apareceu na mesma ação de providenciar o perdão dos pecados:

> Mas quando a bondade ea benignidade de Deus, nosso Salvador apareceu, ele nos salvou, não por causa de trabalhos realizados por nós em justiça, mas segundo a sua própria misericórdia, pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo, que ele derramou Sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, para que,

> justificados pela sua graça, nos tornemos herdeiros segundo a esperança da vida eterna. (Tito 3: 4-7)

REVELAÇÃO

O termo *inspiração* identifica a obra de Deus ao dar revelação escrita à humanidade. O texto bíblico fundamental sobre a inspiração é 2 Timóteo 3:16: "Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa ..." A frase "expirada por Deus" é apenas uma palavra em grego, e essa palavra é um adjetivo que modifica Bíblica, a Escritura, e não os escritores, possui a qualidade de ser "inspirada" ou "inspirada por Deus" - apenas como "proveitosa" É também uma qualidade da Escritura, não os escritores. O ponto da palavra para "inspirado por Deus" é que as Escrituras devem sua "origem e conteúdo ao sopro divino, o Espírito de Deus". Assim,

Cada pessoa divina da Divindade estava envolvida como autor e sujeito das Escrituras. A segunda pessoa da Divindade cumpriu um papel vital na produção da Bíblia. Os escritores do Antigo Testamento falam muitas vezes do aparecimento de Deus em alguma manifestação ao seu povo com o propósito de entregá-los, guiá-los ou comunicar-se com eles (ver "Aparições do Velho Testamento". Essas teofanias revelam algo sobre Deus ou sua vontade para aqueles que testemunham a aparência. Uma vez que esses eventos consistem em aparições do Filho de Deus, eles revelam o papel da segunda pessoa da Divindade em dar revelação levando à produção da Escritura. O próprio Jesus confirma que o Pai enviou a sua palavra pelo seu mensageiro:

> Pois eu não falei por minha própria autoridade, mas o Pai que me enviou me deu um mandamento - o que dizer eo que falar. (João 12:49)

> Vocês não crêem que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não falo por minha própria autoridade, mas o Pai que habita em mim faz as suas obras. (João 14:10)

> Eu manifestei o teu nome ao povo que me deste do mundo. Teus eram, e você os deu a mim, e eles guardaram sua palavra. Agora eles sabem que tudo que você me deu é de você. Porque eu lhes dei as palavras que me deste, e elas as receberam e vieram saber em verdade que eu vim de ti; E eles creram que você me enviou. (João 17: 6-8)

> Eu lhes dei a vossa palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. (João 17:14)

O Filho de Deus aparece tanto no Antigo Testamento quanto no Novo como alguém que fala ao povo de Deus. Assim, a Bíblia revela que o porta-voz divina é o próprio Filho de Deus, o próprio Aquele que o apóstolo João descreve como “a Palavra” na abertura do seu Evangelho: “No princípio era o Verbo, eo Verbo estava com Deus, E o Verbo era Deus "(João 1: 1). O Deus que fala é a segunda pessoa da Divindade, o Cristo pré-encarnado - o mesmo que falou o universo e tudo o que ele contém na existência em Gênesis 1 (ver João 1: 2-3, 10). Quando Deus revelou revelação aos profetas, o Filho de Deus freqüentemente estava pessoalmente presente.

Gênesis 15: 1-16 registra como "a palavra do SENHOR " apareceu a Abrão (15: 1). Ele mesmo trouxe Abram fora de sua tenda para mostrar pessoalmente as estrelas (15: 5). Então o Senhor apareceu como um "pote de fogo fumegante e uma tocha flamejante" (15:17) passando entre os pedaços dos sacrifícios que Abrão havia preparado. A semelhança da fumaça e da tocha com a coluna de nuvem durante o dia ea coluna de fogo durante a noite durante o êxodo de Israel do Egito é significativa, especialmente neste contexto, que contém a profecia sobre Deus trazendo Israel de volta do Egito (15: 13-

14). Essas aparições pessoais de uma pessoa da Divindade testemunham o papel do "anjo do SENHOR ", o Cristo pré-encarnado em uma teofania. O encontro de Moisés com Deus na sarça ardente no Monte Sinai (Êxodo 3: 1-12) FORNECE OUTRA OCASIÃO EM QUE "O ANJO DO SENHOR " (Êx 3: 2, ver Atos 7:30, 35) deu revelação por meio de sua presença pessoal. Outros incidentes deste tipo são relatados em Juízes 6: 11-18; Isaías 6 (ver João 12:41); E Jeremias 1: 4-10.

O Espírito também desempenha um papel fundamental na gravação dos profetas dessa revelação. Portanto, o Pai envia seu mensageiro (o Filho pré-encarnado) a seu povo com a mensagem divina, e o Espírito Santo supervisiona a inscrição dessa mensagem. Embora este envolvimento trinitário na inspiração pareça representar fielmente funções centrais para cada pessoa, ainda permanecem algumas áreas de revelação e inscrição nos quais suas funções se sobrepõem. Por exemplo, Davi diz: "O Espírito do SENHOR fala por mim; A sua palavra está na minha língua "(2 Sm 23: 2).

JULGAMENTO

O Filho de Deus, como o Filho do Homem (um título messiânico de Daniel 7:13), julgará os ímpios e os justos: "Quando ele vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então ele se sentará O seu trono glorioso ... Então ele dirá aos que estão à sua esquerda: 'Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos' "(Mt 25:31, 41). O Evangelho de João explica a designação do Filho de Deus como Juiz de todos: "O Pai não julga ninguém, mas deu todo o juízo ao Filho, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai" (João 5: 22-23). Autoridade para trazer julgamento repousa sobre o fato de que ele é o Filho do Homem (João 5:27). Quem melhor do que a única pessoa da Divindade que é verdadeiramente humana e que experimentou a vida como um homem em um mundo caído e permaneceu irrepreensível, Sem pecado? O Filho de Deus veio a este mundo para ser o Filho do Homem e para executar o juízo (João 9:39). Assim, Pedro declara que Jesus havia ordenado aos discípulos que "pregassem ao povo e testificassem que ele é aquele designado por Deus para ser juiz dos vivos e dos mortos" (Atos 10:42). O apóstolo Paulo confirma a nomeação de Jesus como o Juiz, dizendo: "De acordo com o meu evangelho, Deus julga os segredos dos homens por Cristo Jesus" (Romanos 2:16).

Por outro lado, Jesus diz que, na sua primeira vinda, não julgou aqueles que não obedecem às suas palavras, porque "não veio para julgar o mundo, mas para salvar o mundo" (João 12:47). Contudo, "no último dia", na sua segunda vinda, as palavras de Jesus julgarão aqueles que o rejeitam e não dão ouvidos às suas palavras. Jesus não falou por sua própria autoridade; O Pai ordenou a Jesus o que dizer (João 12:49). Porque ele é um com o Pai, seu julgamento é sempre justo (João 5:30) e justo. Portanto, o Pai "ordena a todos os povos em todo lugar se arrependerem, porque ele fixou um dia em que ele julgará o mundo em justiça por um homem que ele designou; E disso deu a todos a segurança, ressuscitando-o dentre os mortos "(Atos 17: 30-31).

Além de julgar os injustos, Jesus também se sentará em um juízo de avaliação dos crentes com o propósito de recompensá-los: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que é devido pelo que fez em O corpo, seja bom ou mau "(2 Coríntios 5:10). Em outro lugar, Paulo fala de si mesmo de pé no julgamento de Cristo: "De agora em diante, está guardada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me concederá naquele Dia, e não só a mim, Amaram a sua vinda "(2 Timóteo 4: 8).

Profecias do Velho Testamento

Uma razão muito boa para pesquisar no Antigo Testamento as profecias concernentes a Cristo é que o próprio Jesus declarou que os Profetas haviam falado dele: "Examinais as Escrituras porque pensais que nelas tens a vida eterna; E são eles que dão testemunho de mim "(João 5:39). Depois de sua crucificação e ressurreição, Jesus expôs as Escrituras ("Moisés e todos os Profetas", Lucas 24:27), dizendo: "Estas são as minhas palavras que eu lhes disse enquanto ainda estava com vocês, que tudo escrito Sobre mim na Lei de Moisés e os Profetas e os Salmos devem ser cumpridos "(Lucas 24:44). Esta é a única vez na Escritura que os Salmos estão incluídos com a Lei e os Profetas com referência ao Messias. A Tabela 4.1 identifica quais salmos Jesus poderia ter incluído na instrução que ele deu no caminho para Emaús.

Tabela 4.1 Cristo nos Salmos (Lucas 24:44)

Salmos	**Citações do Novo Testamento**	**Significado**
2: 1-12	Atos 4: 25-26; 13:33; Heb. 1: 5; 5: 5	Encarnação, crucificação, ressurreição
8: 3-8	1 Cor. 15: 27-28; Eph. 1:22; Heb. 2: 5-10	Criação
16: 8-11	Atos 2: 24-31; 13: 35-37	Morte, ressurreição
22: 1-31	Matt. 27: 35-46; João 19: 23-24; Heb. 2:12; 5: 5	Encarnação, crucificação, ressurreição
40: 6-8	Heb. 10: 5-9	Encarnação
41: 9	João 13:18, 21	Traição
45: 6-7	Heb. 1: 8-9	Divindade
68:18	Eph. 4: 8	Ascensão, entronização
69: 20-21, 25	Matt. 27:34, 48; Atos 1: 15-20	Traição, crucificação
72: 6-17	-	Realeza milenar
78: 1-2, 15	Matt. 13:35; 1 Cor. 10: 4	Teofania, ministério de ensino terrenal
89: 3-37	Atos 2:30	Realeza milenar
102: 25-27	Heb. 1: 10-12	Criação, eternidade
109: 6-19	Atos 1: 15-20	Traição
110: 1-7	Matt. 22: 43-45; Atos. 2: 33-35; Heb. 1:13; 5: 6-10; 6:20; 7:24	Deidade, ascensão, sacerdócio celestial, realeza milenar
118: 22-23	Matt. 21:42; Marcos 12: 10-11; Lucas 20:17; Atos 4: 8-12; 1 Pet. 2: 7	Rejeição como Salvador
132: 12-18	Atos 2:30	Realeza milenar

Os próprios judeus leram a Bíblia hebraica de tal maneira que muitos chegaram a entender suas profecias como previsões diretas do Messias vindouro. Depois que Filipe fora chamado para servir como discípulo de Jesus (João 1:43), procurou Natanael para

lhe dizer que Jesus de Nazaré era verdadeiramente aquele de quem Moisés e os profetas haviam escrito (João 1:45). Dito isto, é necessário injetar neste ponto o reconhecimento de uma tendência perigosa de ler o Senhor Jesus Cristo em cada texto do Antigo Testamento. Essa prática ignora as verdadeiras profecias, rejeita a hermenêutica essencial da intenção autoral, mata a autêntica exegese e a exposição, e torna sem sentido o Antigo Testamento aos seus leitores judeus originais. Tal não é uma abordagem espiritual, mas sim um ataque ao significado divino do Antigo Testamento.

Então, quais são as profecias do Antigo Testamento a respeito de Cristo? O que o Antigo Testamento revelou sobre a vinda de Jesus e sua obra? A Tabela 4.2 apresenta 120 dessas profecias do Antigo Testamento. Um estudo das profecias do Antigo Testamento constituiria um grande volume por si só. No entanto, alguns exemplos-chave serão suficientes para os propósitos deste volume.

Tabela 4.2 Profecias messiânicas do Antigo Testamento

Profecia	**Referências do Velho Testamento**	**Cumprimento do Novo Testamento**
Semente da mulher	Gn 3:15	Gal. 4: 4; Heb. 2:14
Através dos filhos de Noé	Gn 9:27	Lucas 3:36
Semente de Abraão	Gn 12: 3	Matt. 1: 1; Gal. 3: 8, 16
Bênção por Abraão	Gn 12: 3; 28:14	Gal. 3: 8, 16; Heb. 6:14
Semente de Isaac	Gn 17:19; 21:12	ROM. 9: 7; Heb. 11:18
Bênção às nações	Gn 18:18; 22:18; 26: 4	Gal. 3: 8
Da tribo de Judá	Gênesis 49:10	Rev. 5: 5
Nenhum osso quebrado	Ex. 12:46	João 19:36
Bênção para o filho primogênito	Ex. 13: 2	Lucas 2:23
Nenhum osso quebrado	Num. 9:12	João 19:36
Serpente no deserto	Num. 21: 8-9	João 3: 14-15
Uma estrela de Jacob	Num. 24: 17-19	Matt. 2: 2; Lucas 1:33, 78; Apocalipse 22:16
Rei dos reis, o Senhor dos senhores	Deut. 10:17	1 Tim. 6:15; Apocalipse 17:14; 19:16
Como um profeta	Deut. 18:15, 18-19	João 6:14; 7:40; Atos 3: 22-23
Amaldiçoado na árvore	Deut. 21:23	Gal. 3:13
O trono de David estabelecido para sempre	2 Sam. 7: 12-13, 16, 25-26; 1 Crôn. 17: 11-14, 23-27; 2 Crôn. 21: 7	Matt. 19:28; 25: 31; Marcos 12:37; Lucas 1:32; Atos 2:30; 13: 22-23; ROM. 1: 3; 2 Tim. 2: 8; Heb. 1: 5, 8; 8: 1; 12: 2; Apocalipse 22: 1
Um Redentor prometido	Jó 19: 25-27	João 5: 28-29; Gal. 4: 4-5; Eph. 1: 7, 11, 14

Declarado ser o Filho de Deus	Ps. 2: 1-12	Matt. 3:17; Marcos 1:11; Atos 4: 25-26; 13:33; Heb. 1: 5; 5: 5; Ap 2: 26-27; 19: 15-16
Sua ressurreição	Ps. 16: 8-10	Atos 2:27; 13:35; 26:23
Zombado e insultado	Ps. 22: 7-8	Matt. 27: 39-43, 45-49
Mãos e pés perfurados	Ps. 22:16	Matt. 27:31, 35-36
Soldados lançam sortes para casaco	Ps. 22:18	Marcos 15:20, 24-25; Lucas 23:34; João 19: 23-24
Acusado por falsas testemunhas	Ps. 27:12	Matt. 26: 59-60; Marcos 14: 57-58
Ele comete o seu espírito	Ps. 31: 5	Lucas 23:46
Nenhum osso quebrado	Ps. 34:20	João 19:36
Acusado por falsas testemunhas	Ps. 35:11	Matt. 26: 59-61; Marcos 14: 57-58
Odiado sem razão	Ps. 35:19	João 15: 24-25
Amigos estão longe	Ps. 38:11	Matt. 27:55; Marcos 15:40; Lucas 23:49
Veio fazer a vontade do Pai	Ps. 40: 6-8	Heb. 10: 5-9
Traído por um amigo	Ps. 41: 9	Matt. 26: 47-50; Marcos 14: 17-21; Lucas 22: 21-23; João 13: 18-19
Conhecido pela justiça	Ps. 45: 6-7	Heb. 1: 8-9
Sua ressurreição	Ps. 49:15	Marcos 16: 6
Traído por um amigo	Ps. 55: 12-14	João 13:18
Sua ascensão	Ps. 68:18	Eph. 4: 8
Odiado sem razão	Ps. 69: 4	João 15:25
Picada por reproches	Ps. 69: 9	ROM. 15: 3
Dado galhas e vinagre	Ps. 69:21	Matt. 27:34, 48; Marcos 15:23; Lucas 23:36; João 19:29
Exaltado por Deus	Ps. 72: 1-19	Matt. 2: 2; Phil. 2: 9-11; Hebreus 1-8
Ele fala em parábolas	Ps. 78: 2	Matt. 13: 34-35
Sementes de Davi exaltadas	Ps. 89: 3-4, 19, 27-29, 35-37	Lucas 1:32; Atos 2:30; 13:23; ROM. 1: 3; 2 Tim. 2: 8
Filho do homem vem em glória	Ps. 102: 16	Lucas 21:27; Apocalipse 12: 5-10
Continua o mesmo	Ps. 102: 24-27	Heb. 1: 10-12
Reza pelos seus inimigos	Ps. 109: 4	Lucas 23:34

Outro para suceder a Judas	Ps. 109: 7-8	Atos 1: 16-26
Um sacerdote como Melquisedeque	Ps. 110: 1-7	Matt. 22: 41-45; 26:64; Marcos 12: 35-37; 16:19; Atos 7:56; Eph. 1:20; Heb. 1:13; 2: 8; 5: 6; 6:20; 7:21; 8: 1; 10: 11-13; 12: 2
A principal pedra angular	Ps. 118: 22-23	Matt. 21:42; Marcos 12: 10-11; Lucas 20:17; João 1:11; Atos 4:11; Eph. 2:20; 1 Pet. 2: 4
O Rei vem em nome do Senhor	Ps. 118: 26	Matt. 21: 9; 23:39; Marcos 11: 9; Lucas 13:35; 19:38; João 12:13
Sementes de Davi para reinar	Ps. 132: 11; Ver 2 Sam. 7: 12-13, 16, 25-26, 29	Matt. 1: 1
Declarado ser o Filho de Deus	Prov. 30: 4	Matt. 3:17; Marcos 14: 61-62; Lucas 1:35; João 3:13; 9: 35-38; ROM. 1: 2-4; 2 Pet. 1:17
Arrependimento para as nações	É um. 2: 2-4	Lucas 24:47
Corações endurecidos	É um. 6: 9-10	Matt. 13: 14-15; João 12: 39-40; Atos 28: 25-27
Nascido de uma virgem	É um. 7:14	Matt. 1: 22-23
Deus conosco	É um. 7:14	Matt. 1:23
Uma pedra de ofensa	É um. 8: 14-15	ROM. 9:33; 1 Pet. 2: 8
Luz da escuridão	É um. 9: 1-2	Matt. 4: 14-16; Lucas 2:32
Cheio de sabedoria e poder	É um. 11: 1-10	Lucas 2:52; 1 Cor. 1:30
Reinando no trono de Davi	É um. 16: 4-5	Lucas 1: 31-33
A chave de Davi	É um. 22: 21-25	Rev. 3: 7
Morte engolida em vitória	É um. 25: 8	1 Cor. 15:54
Uma pedra em Sião	É um. 28:16	ROM. 9:33; 1 Pet. 2: 6
Os surdos ouvem, os cegos vêem	É um. 29:18	Matt. 11: 5; João 9:39
Cura para os necessitados	É um. 35: 5-6	Matt. 9:30; 11: 5; 12:22; 20:34; 21:14; Marcos 7:30; João 5: 9
Preparai o caminho do Senhor	É um. 40: 3-5	Matt. 3: 3; Marcos 1: 3; Lucas 3: 4-5; João 1:23
O Pastor morre por suas ovelhas	É um. 40:11	João 10:11; Heb. 13:20; 1 Pet. 2: 24-25
O servo manso	É um. 42: 1-6	Matt. 12: 17-21
Uma luz para os gentios	É um. 49: 6	Lucas 2:32; Atos 13:47; 2 Cor. 6: 2

Scourged e cuspiu sobre	É um. 50: 6	Matt. 26:67; 27:26, 30; Marcos 14:65; 15:15, 19; Lucas 22: 63-65; João 19: 1
Rejeitado pelo seu povo	É um. 52: 13-53: 12	Matt. 27: 1-2; Lucas 23: 1-25
Sua palavra não acreditou	É um. 53: 1	João 12: 37-38
Sofrido vicariamente	É um. 53: 4-5, 11-12	Matt. 8:17; João 11: 49-52; Atos 10:43; 13: 38-39; ROM. 5: 18-19; 1 Cor. 15: 3; Eph. 1: 7; 1 Pet. 2:24; 1 João 1: 7
Silencioso quando acusado	É um. 53: 7	Matt. 27: 12-14; Marcos 15: 3-4; Atos 8: 28-35; 1 Pet. 2:23
Nenhuma decepção em suas palavras	É um. 53: 9	1 Pet. 2:22
Enterrado com os ricos	É um. 53: 9	Matt. 27: 57-60
Crucificado com transgressores	É um. 53:12	Matt. 27:38; Marcos 15:27 [-28]; Lucas 23: 32-34, 39-41; João 19:18
Líder e comandante	É um. 55: 4	Atos 5:31; Rev. 1: 5
Chamando aqueles que não são Israel	É um. 55: 5	João 10:16; ROM. 9: 25-26
Libertador de Sião	É um. 59: 20-21	ROM. 11: 26-27
Nações caminham na luz	É um. 60: 1-3	Lucas 2:32
Ungido pelo Espírito	É um. 61: 1	Lucas 4:18; Atos 10:38
Ungido para pregar a liberdade	É um. 61: 1-2	Lucas 4: 17-19
Chamado por um novo nome	É um. 62: 1-4, 12	Ap 2:17; 3:12
Um vesture mergulhado no sangue	É um. 63: 1-3	Apocalipse 19:13
Os eleitos herdarão	É um. 65: 9	ROM. 11: 5, 7
Céus novos e uma nova terra	É um. 65: 17-25	2 Pet. 3:13; Ap 21: 1
O Senhor nossa justiça	Jer. 23: 5-6	1 Cor. 1:30; Phil. 3: 9
Nasceu um rei	Jer. 30: 9	João 18:37; Rev. 1: 5
Massacre de bebês	Jer. 31:15	Matt. 2: 17-18
Concebido pelo Espírito Santo	Jer. 31:22	Matt. 1:20; Lucas 1:35
Uma nova aliança	Jer. 31: 31-34	Matt. 26: 27-29; Marcos 14: 22-24; Lucas 22: 15-20; 1 Cor. 11:25; Heb. 8: 8-12; 10: 15-17; 12:24; 13:20
Uma casa espiritual	Jer. 33: 15-17	João 2: 19-21; Eph. 2: 20-21; 1 Pet. 2: 5
Uma árvore plantada por Deus	Ezek. 17: 22-24	Matt. 13: 31-32

O humilde exaltado	Ezek. 21: 26-27	Lucas 1:52
O bom Pastor	Ezek. 34: 23-24	João 10:11
Pedra cortada sem as mãos	Dan. 2: 34-35	Atos 4: 10-12
Seu reino triunfante	Dan. 2: 44-45	Lucas 1:33; 1 Cor. 15:24; Apocalipse 11:15
O Filho do Homem vindo sobre as nuvens em glória	Dan. 7: 13-14	Matt. 24:30; 25: 31; 26:64; Marcos 14: 61-62; Atos 1: 9-11; Rev. 1: 7
Reino para os santos	Dan. 7:27	Lucas 1:33; 1 Cor. 15:24; Apocalipse 11:15
Hora da sua morte	Dan. 9: 24-27	Matt. 24: 15-21; Lucas 3: 1
Israel restaurado	Hos. 3: 5	ROM. 11: 25-27
Vôo para o Egito	Hos. 11: 1	Matt. 2:15
Promessa do Espírito	Joel 2: 28-32	Atos 2: 17-21; ROM. 15:13
O sol escureceu	Amós 8: 9	Matt. 24:29; Atos 2:20; Rev. 6:12
Restauração do tabernáculo	Amós 9: 11-12	Atos 15: 16-18
Israel reunido	Microfone. 2: 12-13	João 10:14, 26
O reino estabelecido	Microfone. 4: 1-8	Lucas 1:33
Nascido em Belém	Microfone. 5: 2	Matt. 2: 1; Lucas 2: 4, 10-11
Terra cheia do conhecimento da glória do Senhor	Hab. 2:14	Ap 21: 23-26
O Cordeiro no trono	Zech. 2: 10-13	Apocalipse 5:13; 21:24; 22: 1-5
Um santo sacerdócio	Zech. 3: 8	1 Pet. 2: 5
Um Sumo Sacerdote celestial	Zech. 6: 12-13	Heb. 4:14; 8: 1-2
O rei vem	Zech. 9: 9	Matt. 21: 5
Entrada triunfal	Zech. 9: 9	Matt. 21: 4-5; Marcos 11: 9-10; Lucas 19:38; João 12: 13-15
Vendido para peças de prata	Zech. 11: 12-13	Matt. 26: 14-15
O dinheiro compra o campo do oleiro	Zech. 11: 12-13	Matt. 27: 9-10
Piercing de seu corpo	Zech. 12:10	João 19:34, 37
Shepherd smitten, ovelhas espalhadas	Zech. 13: 7	Matt. 26:31; João 16:32
Precedido por um precursor	Mal. 3: 1	Matt. 11:10; Marcos 1: 2; Lucas 7:27

Nossos pecados purgados	Mal. 3: 3	Heb. 1: 3
A luz do mundo	Mal. 4: 2-3	Lucas 1:78; João 1: 9; 12:46; 2 Pet. 1:19; Ap 2:28; 22:16
A vinda de Elias	Mal. 4: 5-6	Matt. 11:14; 17: 10-12

O MESSIAS É A SEMENTE DA MULHER (Gênesis 3:15)

O veredicto de Deus a respeito da serpente não foi completado com a maldição de rastejar em seu ventre em Gênesis 3:14. Ele continuou: "Porei inimizade entre você ea mulher, e entre sua descendência e sua descendência" (Gn 3:15). Os efeitos físicos e corporais da maldição eram uma coisa. Alienação para alguma outra coisa viva era outra. A serpente não só rastejaria sobre seu ventre toda a sua vida, mas também entraria em uma espécie de guerra com Eva e sua prole. Esta guerra duraria para além da vida de uma serpente. Envolveria sua própria prole.

O que significa "sua descendência [semente]"? Alguns sugeriram que se trata de uma figura de fala que se refere a homens maus. Eles acreditam que Gênesis 3:15 descreve um conflito entre homens bons e homens maus. Outros, no entanto, acreditam que o significado é mais amplo do que isso. Eles acreditam que existe um reino do mal sobre o qual Satanás governa. Ele foi quem deu poder à serpente e quem foi o responsável final pelo que aconteceu. O Novo Testamento confirma tal interpretação em Romanos 16:20: "O Deus de paz em breve esmagará Satanás debaixo de vossos pés", e em Apocalipse 12: 9, "E o grande dragão foi derrubado, a serpente antiga, que é chamada O diabo e Satanás, o enganador de todo o mundo ".

Esta interpretação afirma que Deus destinou a prole da mulher em um sentido mais amplo também. Refere-se a um reino de bem sobre o qual algum descendente da mulher acabará se tornando o governante. Esse futuro indivíduo derrotará finalmente Satanás e pôs fim ao conflito entre os dois reinos: "Ele te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3:15). Como no caso de Jesus dirigindo-se a Satanás através de Pedro em Mateus 16:23, Deus dirigiu Satanás através da serpente. Satanás atacará o calcanhar da prole da mulher. O ataque resultará em dano, mas não em derrota. A prole da mulher, no entanto, fará mais do que atacar Satanás - ele vai esmagar sua cabeça. O esmagamento da cabeça simboliza a derrota total. Os escritores do Novo Testamento entenderam que a prole da mulher é o Messias (ver Mateus 1:23, Gálatas 4: 4, 1 Timóteo 2: 15; Heb. 2:14; 1 João 3: 8). Tal interpretação faz deste versículo a primeira profecia messiânica nas Escrituras.

O resto de escritura ecoa Genesis 3:15 com os seus dois protagonistas da *cabeça* e do *calcanhar* (Sl 22:16; Lc. 24: 39-40; Rev. 13: 3). Um esqueleto recuperado de pelo menos uma crucificação do primeiro século fornece evidência de que os carrascos romanos colocaram as unhas para que a vítima não pudesse rasgar livre. Os pés foram pregados através da estrutura do pé abaixo do tornozelo em um lugar que poderia ser identificado como estreitamente relacionado com o calcanhar-quer pregar cada pé de um lado do feixe vertical ou torcer o corpo inferior para os lados para pregar ambos os pés com um unha.

A serpente (representante de Satanás) enganou Eva. Portanto, uma mulher será a mãe do vencedor final sobre Satanás. No meio do pronunciamento de Deus sobre a serpente, Moisés escreve uma nota de esperança, um vislumbre da misericórdia e graça de Deus. Um fim ao conflito das eras que começou na queda do homem virá. Assim, alguns *estudiosos* da Bíblia têm chamado Gênesis 3:15 o *protoevangelium* ("o primeiro *evangelho* "), porque é a primeira profecia prometendo um futuro libertador.

O MESSIAS É O FILHO DE DEUS (SALMO 2)

Muitos estudiosos da Bíblia tratam o Salmo 2 como meramente uma referência a um dos reis davídicos, não como uma profecia messiânica. No entanto, o Novo Testamento trata o salmo como profético e messiânico, citando-o dezoito vezes (sete vezes nos Evangelhos, cinco vezes em Apocalipse, três vezes em hebreus, duas vezes em Atos e uma vez em Filipenses). Os versículos 1-3 revelam uma rebelião mundial contra o Senhor e seu rei, o ungido de Deus. Nos versos 4-6, ele confirma seu rei escolhido sobre as nações, e nos versos 7-9, Deus confirma que seu rei é também seu Filho. Então ele convida o mundo a contemplar seu Filho e a obedecer-lhe completamente (2: 10-12). Nenhum rei histórico de Judá na linha davídica jamais cumpriu os elementos deste salmo. O salmista descreve o Filho de Deus como exercendo domínio universal e juízo. De fato, Deus exige que os líderes mundiais rendam ao seu Filho o serviço espiritual e o medo por sua submissão a ele. A bênção espiritual acumula-se para aqueles que "se refugiam no" Filho de Deus - algo que nunca prometeu submeter a um rei humano. A semelhança do indivíduo e suas ações no Salmo 2 e Isaías 9: 6 indica que eles são indivíduos idênticos.

REFERÊNCIAS TRINITÁRIAS PARA MESSIAS

Várias passagens do livro de Isaías identificam três pessoas distintas e divinas:

- Isaías 42: 1: "Eu", "meu servo", e "meu Espírito"
- Isaías 48:16: "o Senhor DEUS ", "eu" e "o seu Espírito"
- Isaías 61: 1: "o SENHOR ", "eu", e "o Espírito do Senhor DEUS "
- Isaías 63: 7-10: "o SENHOR ", "o anjo da sua presença" e "o seu Espírito Santo"

Nestes textos o servo do Senhor será enviado pelo Senhor, e o Senhor o capacitará com seu Espírito. Jesus confirma que Isaías 61: 1 fala dele como servo do Senhor (Lucas 4: 17-21). Tal especificidade em relação a pessoas distintas da Trindade pode ser rastreada até referências muito anteriores do Velho Testamento a múltiplas pessoas divinas. As seguintes são apenas uma breve amostragem de tais referências:

- Gênesis 1: 1-2: Deus e o Espírito de Deus
- Gênesis 19:24: duas pessoas chamadas Yahweh ("o SENHOR "), uma no céu e outra na terra (ver 18:17, 22-33)
- Josué 5: 13-15: "o comandante DO exército DO SENHOR " e "o próprio SENHOR "

O MESSIAS É O MEDIADOR ENTRE DEUS E HOMEM (Jó 33: 23-28)

A identificação do apóstolo Paulo de Jesus como o Deus-homem servindo como Mediador entre Deus e a humanidade (1 Tim. 2: 5) concorda com o que o livro mais antigo do Antigo Testamento havia revelado anteriormente. Job admitiu que Deus era tão justo ou justo que uma pessoa não podia estar apenas na sua presença (Jó 9: 2). A questão não era como um indivíduo poderia ser justificado, mas como alguém poderia ter a qualidade de ser justo. As pessoas são pecadoras diante de um Deus santo. Eles não podem ter relações com seu Deus justo e santo. Existe apenas uma maneira de uma pessoa se comunicar efetivamente com Deus - por meio de um mediador. O trabalho enfrentou um futuro impossível a menos que alguém intervir em seu interesse (trabalho 33: 24-28). Ele estava destinado ao "poço". A morte acabaria por levá-lo, e então ele precisaria aparecer diante do Deus santo. Já, em Jó 19:25, Job havia expressado sua convicção de que seu Redentor vivia e estaria na terra nos últimos dias. Quem é este e como ele se qualifica como Redentor de Jó?

O Redentor-Mediador de Jó deve ser Deus e o homem (Jó 9: 32-33; 16:21). De acordo com Jó 33:23, esse indivíduo é um "anjo" ("mensageiro"), um "mediador" e "um de mil" (que significa "um de um tipo", como o uso do Novo Testamento de *monogenēs* , Unigênito ", em textos como João 1:14, 18, 3:16, 1 João 4: 9). Este indivíduo é capaz de declarar o que é certo (Jó 33:33) e para libertar Jó da cova por meio do "resgate" que este Mediador possui (Jó 33:24). O restante da imagem a respeito deste Redentor-Mediador no livro de Jó inclui as seguintes descrições:

1. Ser a testemunha fiel no céu (Jó 16:19, ver Apocalipse 1: 5)
2. Possuir um registro no alto (Jó 16:19, ver Heb 9:16, 24)
3. Ser Redentor (Jó 19:25, 33:24, 28, ver Gênesis 48:16, Gálatas 3: 8-22)
4. Ser Mediador (Jó 33:23, ver 1 Timóteo 2: 5-6)
5. Ser o único (Jó 33:23, ver João 3:16)
6. Ser Aquele que purifica do pecado (Jó 9: 30-31, ver 1 João 1: 5-2: 2)
7. Ser o curador (Jó 33:25, ver Tiago 5:16, 1 Pedro 2:24)
8. Sendo o doador da canção (Jó 33:27, veja Efésios 5: 18-19 e Colossenses 3:16)

O MESSIAS É PROFETA, SACERDOTE E REI

A promessa do ofício profético do Messias aparece primeiro em Deuteronômio 18 na revelação a respeito de um profeta "maior do que Moisés" (Deuteronômio 18: 15-22). Profetas como Moisés (e outros profetas que o seguiram de Josué a Malaquias) cumpriram um cargo de mediador. O povo de Israel não podia se aproximar nem suportar a gloriosa presença do Senhor. Sua revelação falada também transcendeu sua capacidade de preservar, propagar e obedecer corretamente o que o Senhor exigiu deles. Deuteronômio 5: 23-27 descreve esse estado de coisas em relação à presença divina e à palavra divina. Israel precisava de um mediador que pudesse agir em seu nome comunicando-se com Deus e transmitindo-lhes as palavras. Este ministério mediador continuou a ser necessário para as gerações subseqüentes com quem Deus estabeleceu seus convênios.

Revelação e exigência do pacto requerem um representante divino, um grande Profeta. Em Atos 3: 22-23, o apóstolo Pedro declarou que o Messias cumpriu a profecia de Deuteronômio 18: 15-22. Estevão afirmou o mesmo cumprimento e associou o grande profeta com a teofania à sarça ardente (Atos 7: 35-38, ver Ex. 3: 2). Os judeus do primeiro século entendiam a profecia de Moisés como uma referência ao seu Messias (João 1:21, 25), eo povo de Jerusalém reconheceu Jesus como um profeta (Mateus 21:11, ver Lucas 7:16, 24:19). O próprio Jesus identificou seu próprio ofício profético quando declarou que devia morrer em Jerusalém, "pois não pode ser que um profeta perca longe de Jerusalém" (Lucas 13:33).

No futuro, esse profeta, o sumo sacerdócio e o reinado sobre o povo de Deus serão combinados em *uma só* pessoa. O Antigo Testamento anunciou que esta pessoa também teria o título de "Ramo" (Isaías 4: 2, 11: 1, Jeremias 23: 5-6, 33: 14-22, Zc 3: 8, 6:12). Zacarias 6: 12-13 especificamente revelou que este Messias-Sacerdote-Rei iria construir o templo sobre o qual Haggai havia profetizado (Hg. 2: 1-9). A Tabela 4.3 apresenta a compilação de Walter C. Kaiser dessas referências do Velho Testamento ao "Ramo" em comparação com as ênfases individuais dos quatro Evangelhos do Novo Testamento.

Tabela 4.3 "A Filial" em Vista dos Evangelhos

O Título Messiânico	**Os Evangelhos**
"Davi, um ramo justo, um rei" (Jeremias 23: 5; 33:15)	O Evangelho de Mateus: aspecto real

"Meu servo, o Ramo" (Zacarias 3: 8)	O Evangelho de Marcos: aspecto servo
"O homem, cujo nome é Ramo" (Zacarias 6:12)	O Evangelho de Lucas: aspecto humano
"O Ramo de Javé" (Isaías 4: 2)	O Evangelho de João: aspecto divino

É claro que o futuro Sumo Sacerdote é o próprio Senhor Jesus Cristo. Hebreus 5: 5-6 diz: "Assim também Cristo não se exaltava para ser feito sumo sacerdote, mas foi designado por aquele que lhe disse: Tu és meu filho, hoje te gerei; Como ele diz também em outro lugar: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". "Então, em Hebreus 7:14, o escritor aponta que Davi e seus descendentes são da tribo de Judá:" Porque é evidente que nosso Senhor era descendente de Judá, e em conexão com essa tribo, Moisés não disse nada sobre os sacerdotes. "O sumo sacerdócio de Jesus é maior do que qualquer sacerdócio que Israel jamais experimentou, e sua realeza é para sempre (ver Salmo 110). O Messias é divino, o grande Sacerdote-Rei para vir.

Assim, a realeza e o sacerdócio messiânicos movem-se através da revelação bíblica e da história de Israel até que convergem no Messias nas profecias de Zacarias. Jesus sacrificou seu próprio sangue de maneira sacerdotal e propiciou a ira de Deus todo-poderoso, que havia sido despertado pelos pecados de seu povo. Então Jesus subiu triunfantemente do túmulo para sentar-se em um trono eterno, do qual ele governa o universo inteiro cada vez mais e convida todos a vir e dobrar o joelho com fé e submissão a ele como o grande Rei-Sacerdote. A identificação da atual entronização de Jesus tem grande influência na compreensão precisa de suas atuais e futuras intervenções nos assuntos deste planeta. Jesus hoje não se assenta no trono de Davi que foi prometido ao Filho maior de Davi em 2 Samuel 7: 13-16 (Apocalipse 3:21). Hoje, Jesus é o Rei sobre o reino universal de Deus. No futuro ele voltará a sentar-se no trono de Davi (Mt 25:31) e reinará por mil anos como o Rei Davídico sobre o que tem sido chamado de "reino messiânico", "reino intermediário" e " O reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel). "E" o reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel). "E" o reino milenar "(Apocalipse 20: 1-6). O Antigo eo Novo Testamento revelam as diferenças entre estes dois reinos distintos (eterno versus mil anos), que têm papéis distintos (rei celestial versus rei terrestre) e propósitos distintos (cumprindo o programa do reino de Deus desde a criação em diante vs. Os convênios com Israel).

Cristo Encarnado

Encarnação
Ensinamentos
Milagres
Detenção e julgamentos
Morte e Expiação
Ressurreição e Ascensão

Encarnação

DIVINDADE

Jesus era o Deus-homem - verdadeiramente e plenamente Deus, assim como verdadeiramente e plenamente humano. Em sua encarnação ele manifestou exteriormente sua essência divina interna (Gk. *Morphē* , "forma", Fil. 2: 6). Cristo possuía a glória divina (João 17: 5, veja Isaías 42: 8). Assim, o escritor de Hebreus proclama enfaticamente que Cristo era a representação exata da Deidade: "Ele é o resplendor da glória de Deus e a marca exata de sua natureza, e ele sustenta o universo pela palavra do seu poder". Hebreus 1: 3, ver Col 1:15). Como Deus, ele é o digno destinatário da adoração: "E, outra vez, quando ele trouxer o primogênito ao mundo, ele diz: 'Que todos os anjos de Deus o adorem'" (Hebreus 1: 6, ver Mateus 2: 2; 14:33, Filipenses 2: 10-11).

> Bendito és tu, ó SENHOR , Deus de Israel, nosso pai, para todo o sempre. Tu, ó SENHOR , é a grandeza, o poder, a glória, a vitória ea majestade, porque tudo o que há nos céus e na terra é teu. Teu é o reino, ó SENHOR , e tu és exaltado como cabeça acima de tudo. (1 Cr. 29: 10-11)

> Agora, o Deus da paz que trouxe de volta dos mortos o nosso Senhor Jesus, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da aliança eterna, equipá-lo com tudo o que é bom para que faça a sua vontade, operando em nós o que é agradável Em sua vista, por Jesus Cristo, a quem seja glória pelos séculos dos séculos. Um homem. (Hb 13: 20-21)

> ... que em tudo Deus pode ser glorificado por Jesus Cristo. A ele pertencem a glória eo domínio para todo o sempre. Um homem. (1 Pedro 4:11)

> Mas cresce na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória agora e até o dia da eternidade. Um homem. (2 Pedro 3:18)

> Digno é você, nosso Senhor e Deus, para receber glória, honra e poder, pois você criou todas as coisas e, por sua vontade, elas existiram e foram criadas. (Ap 4:11)

> Digno és de tomar o livro e abrir os seus selos, porque foste morto, e pelo teu sangue resgataste o povo de Deus de toda tribo, língua, povo e nação, e fizeste deles um reino e sacerdotes do nosso Deus, E reinarão sobre a terra. (Ap 5: 9-10)

Em outras palavras, Cristo deve ser adorado com adoração igual ao culto dado ao Deus do Antigo Testamento. A segunda pessoa da Trindade não era apenas "com Deus" na criação, ele próprio era Deus (João 1: 1-3). Ao criar o universo, a segunda pessoa realizou uma obra que só Deus poderia realizar (note que a palavra hebraica *bara '* ,' criar ', só toma Deus como seu sujeito).

A oração a Jesus Cristo constitui mais uma evidência para sua divindade. Jesus instruiu seus discípulos a orar a ele (João 14:14; 15:16; 16: 23-24). Atos 1: 24-25 registra que os discípulos oraram a Cristo por orientação na escolha de um substituto para Judas Iscariotes. Estêvão expressou dois pedidos de oração a Jesus: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito", e "Senhor, não tenha este pecado contra eles" (Atos 7: 59-60). Em Damasco, Ananias instruiu Saul para ser batizado e invocar o nome de Jesus (Atos 22:16). O apóstolo Paulo escreveu mais tarde que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Romanos 10:13, ver 1 Coríntios 1: 2). Paulo também apelou a Cristo para remover dele o "mensageiro de Satanás" (2 Coríntios 12: 7-8). De fato, o Novo Testamento fecha com uma oração a Cristo: "Vinde, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22:20).

A adoração inclui mais do que apenas oração; Também envolve elogios. Efésios 5: 18-20 aborda a questão de falar "uns aos outros em salmos, hinos e canções espirituais, cantando e fazendo melodia ao Senhor com seu coração" (Efésios 5:19). O contexto

distingue "Deus o Pai" de "nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5:20, veja também 5:21), fazendo de Cristo o referente primário do "Senhor". O cântico de louvor em Apocalipse 5: 9-10 Também se concentra no Senhor Jesus, que pagou o preço do resgate por seu próprio sangue. Dois hinos bíblicos na igreja primitiva elogiam a Jesus por quem ele é eo que ele realizou: Filipenses 2: 6-11 e 1 Timóteo 3:16. Estes hinos de credo se concentram na doutrina da cristologia. Mesmo o Antigo Testamento contém hinos cristológicos, na forma de salmos messiânicos como Salmos 2; 22; 24; 45; 72; E 110. Assim,

Um conceito central associado ao reconhecimento da divindade pelo crente consiste no que a Escritura denomina "o temor do SENHOR " (2 Crônicas 19: 9, Salmo 111: 10, ver Deuteronômio 6: 2, 8: 6, 10: 12). Jesus Cristo é também o objeto de tal temor (Colossenses 3: 22-24, ver Ef 5:21, "por reverência a Cristo", NASB: "no temor de Cristo"), e que o temor divino forma um Seção chave do "canto do Cordeiro" (Apocalipse 15: 3):

> Quem não temerá, ó Senhor,
> E glorificar o teu nome?
> Só tu és santo.
> Todas as nações virão
> E te adorar,
> Porque os teus atos justos foram revelados. (Apocalipse 15: 4)

A segunda pessoa da Divindade também exibe e exerce plenamente todas as características e atributos divinos de Deus. A Tabela 4.4 fornece exemplos da grande semelhança de Jesus Cristo com Deus.

De acordo com os escritores do Novo Testamento, Jesus é "a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15, ver 2 Cor. 4: 4, Heb. 1: 3). Portanto, qualquer um que viu a Cristo poderia ser dito ter visto o Pai (João 12:45; 14: 7-10). Em outras palavras, os atributos e características do Pai residem também na pessoa de seu Filho.

Tabela 4.4 A Divina Semelhança de Jesus

Características Divinas ou Atributos	**Referências Bíblicas**
Eternidade	Microfone. 5: 2; João 1: 1; 8:58; Col. 1:17
Glória	Matt. 16:27; 24:30; Lucas 9:32; João 17: 5
Graça	João 1:14, 16-17; Romanos 1: 7; 16:20
Santidade	Lucas 4:34; João 6:69; Heb. 7:26
Imutabilidade	Heb. 1: 10-12 (Salmo 102: 25-27); 13: 8
Vida	João 1: 4; 5:21; 11:25; 14: 6; Atos 3:15; Apocalipse 1:18
Ame	Marcos 10:21; João 11: 3, 5; 14:21, 31; 15: 9-11
Misericórdia	Marcos 5:19; 1 Tim. 1: 2; Heb. 2:17
Onipotência	1 Cor. 1: 23-24; Heb. 1: 2-3
Onipresença	Matt. 18:20; Eph. 4:10
Onisciência	João 1: 47-49; 21:17; Atos 1:24; 1 Cor. 4: 5
Justiça	Atos 3:14; 7:52; 22:14; 2 Pet. 1: 1

Auto-existência (asseity)	João 1: 1-3; Col. 1: 16-17; Apocalipse 1: 8, 17-18
Soberania	Eph. 1:21; Colossenses 2:10; 1 Pet. 3:22
Verdade	João 1:14, 17; 14: 6; Eph. 4:21

A Bíblia menciona muitos títulos diferentes para o Filho de Deus. No entanto, muitos na lista de James Large, que pretende identificar 280 títulos e símbolos de Cristo na Bíblia, são meros símbolos e às vezes são subjetivos, tipológicos ou figurativos (por exemplo, Aaron como um retrato humano das funções sacerdotais cumpridas em Cristo, Ou "porção" como uma referência ao crente que herda Cristo). Para efeitos de uma cristologia, uma lista mais teológica pode ser dividida por uma seleção mais cuidadosa de nomes referentes à deidade de Jesus e nomes referentes à sua humanidade. Portanto, os títulos mais provavelmente relacionados com sua divindade estão listados aqui, enquanto os títulos apropriadamente associados com sua humanidade serão listados sob essa discussão abaixo (p.263).

- "Comandante DO exército DO SENHOR " (Josué 5: 14-15)
- "Maravilhoso" (Jz 13:18)
- "O SENHOR dos Exércitos" (Salmo 24:10, Isaías 6: 3, 5 com João 12:41, Isaías 24:23, Tiago 5: 4)
- "O Senhor", ou *adonai* (Salmo 110: 1 com Mateus 22: 41-45, Romanos 10: 9-10, Fil. 2: 9-11)
- "Sabedoria" / "Sabedoria de Deus" (Provérbios 8, Lucas 11:49, 1 Coríntios 1:24)
- "Emanuel", ou "Deus conosco" (Isaías 7:14, Mateus 1:23)
- "Pai eterno" (Isaías 9: 6)
- "Deus Poderoso" (Isaías 9: 6)
- "Conselheiro Maravilhoso" (Isaías 9: 6)
- "o SENHOR ", ou Yahweh (Isaías 40: 3 com Marcos 1: 3, Joel 2:32 com Romanos 10:13)
- "Criador" (de Israel, Isaías 43:15, das almas, 1 Pedro 4:19, e de todas as coisas, com este título implicado, João 1: 3, Colossenses 1:16, Hebreus 1: 2)
- "O braço do SENHOR " (Isaías 53: 1)
- "O disjuntor" (Mic 2:13 NASB)
- "O anjo [mensageiro] do SENHOR " (veja Zacarias 1: 11-21, onde 1:20 identifica o anjo como Yahweh enquanto 1: 12-13 mostra-o orando a Javé como uma pessoa distinta)
- "O noivo" (Mateus 9:15)
- "O Filho de Deus" (Marcos 1: 1, João 3:18, 5:25, Romanos 1: 4, Ef 4:13, Apocalipse 2:18)
- "O Santo" (Marcos 1:24, João 6:69, Atos 3:14, Ap 3: 7)
- "Filho do Altíssimo" (Lucas 1:32)
- "A Palavra" (João 1: 1)
- "O *unigênito* " (*monogenēs* = único, João 1:14, 18, 3:16, 18; 1 João 4: 9 NASB)
- "Eu sou" (João 6:35; 8:12; 10: 7, 11; 11:25; 14: 6; 15: 1, "Eu SOU ", Ex. 3: 13-14)
- "O pastor" (João 10:14, 1 Pedro 2:25, 5: 4, ver Salmo 23: 1)
- "A vida" (João 14: 6)
- "A verdade" (João 14: 6)
- "O caminho" (João 14: 6)
- "Deus" (João 20:28, Romanos 9: 5)
- "O Autor da vida" (Atos 3:15)
- "O poder de Deus" (1 Coríntios 1:24)
- "O Senhor da glória" (1 Cor. 2: 8)

- "A cabeça da igreja" (Ef 4:15, 5:23)
- "O bendito e único Soberano" (1 Timóteo 6:15)
- "Rei dos reis" (1 Timóteo 6:15, Apocalipse 17:14, 19:16, ver Dan. 4:37)
- "Senhor dos senhores" (1 Timóteo 6:15, Apocalipse 17:14; 19:16)
- "Salvador" (Tito 2:13, 2 Pe 1: 1)
- "O fundador da sua salvação" (Hebreus 2:10)
- "A fonte da salvação eterna" (Hb 5: 9)
- "O fundador e consumador da nossa fé" (Hb 12: 2)
- "O Todo-Poderoso" (Apocalipse 1: 8)
- "O Alfa eo Ômega" (Apocalipse 1: 8)
- "O Senhor Deus" (Apocalipse 1: 8)
- "O primeiro e o último" (Apocalipse 1:17; 2: 8)
- "O verdadeiro" (Apocalipse 3: 7)
- "Fiel e Verdadeiro" (Apocalipse 19:11)
- "O princípio eo fim" (Ap 21: 6)

Kenose

Em sua encarnação, Cristo voluntariamente cedeu o exercício independente de seus atributos divinos à vontade de seu Pai celestial. A base bíblica para esse fato é encontrada em Filipenses 2: 5-7:

> Tenha essa mente entre vocês, a qual é a vossa em Cristo Jesus, que, embora fosse na forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser compreendido, mas se esvaziou, assumindo a forma de um servo, nascendo À semelhança dos homens.

Desenho da palavra grega para “esvaziou-se”, *kenoō* , teólogos têm escolhido para se referir a este conceito como a “kenosis” ou “esvaziamento”. O apóstolo Paulo refere-se a um ato voluntário que envolve a encarnação pelo qual o Filho de Deus tomou sobre si A forma de um escravo (Gk. *Doulos*). A cláusula "embora ele estivesse na forma de Deus" (Filipenses 2: 6) fala sobre o estado preexistente de Cristo, bem como sobre sua humilhação.

A declaração de que Cristo "estava na forma [Gk. *morphe*] de Deus”(Fp 2: 6.) deve ser entendida como uma referência à realidade da divindade de Cristo, assim como‘tomando a forma [*morphe*] de um escravo’(Fl 2:.. 7, trans do autor) fala Sobre a realidade de sua escravidão. "Forma" (*morfo*) não *significa* que Cristo se tornou um escravo apenas na aparência, nem que ele era Deus apenas na aparência externa. Paulo não usa a palavra grega usual para "ser" aqui. Em vez disso, o apóstolo emprega outro termo que enfatiza a essência da natureza de uma pessoa - seu estado ou condição contínua. Ele também usa a palavra grega para "forma" que especificamente denota o caráter essencial, imutável de algo - o que é em si mesmo. A mente de Cristo "é revelada em dois sublimes atos de auto-renúncia, *O descrito como um kenōsis* , o outro como um *tapeinōsis* . No primeiro Ele "se esvaziou", inclinando-se de Deus para a humanidade; No segundo, "se humilhou", inclinando-se da humanidade para a morte.

De que o Filho pré-encarnado se esvaziou em sua encarnação? Essa pergunta foi respondida de várias maneiras infelizes pelo que veio a ser conhecido como teologia kenótica. Nomeados para o " *esvaziamento* " falado no *kenōsis* , os *teólogos kenóticos* interpretaram mal este conceito e indicaram que Cristo se esvaziou de algum aspecto de sua deidade durante sua encarnação. Em algumas formas, esse ensino errôneo afirma que Cristo reteve o que eles chamam de seus atributos essenciais da deidade (por exemplo, a santidade, a graça), mas rendeu o que eles chamam de seus atributos relativos (eg, onisciência, imutabilidade).

No entanto, é por definição impossível para o Deus eterno e imutável deixar de existir como Deus. Este fato relativo ao Senhor Jesus é confirmado em todo o Novo Testamento. Mesmo em seu estado de humilhação, o Senhor Jesus poderia dizer: "Eu eo Pai somos um" (João 10:30). Longe de uma expressão metafórica de unidade em propósito ou plano, esta era uma declaração metafísica da essência compartilhada do Filho com o Pai. Os judeus entenderam isso claramente, pois sua reação foi apedrejar Jesus por blasfêmia: "Tu, sendo homem, faz-te Deus" (João 10:33). Mesmo como homem, ele poderia legitimamente afirmar que vê-lo era ver o Pai (João 14: 9), declarar que ele tinha autoridade sobre toda a carne (João 17: 2) e receber o culto de seus discípulos (João 20:28).). No Monte da Transfiguração, a divindade do Filho encarnado foi revelada visivelmente, Enquanto ele retirava o véu de sua humanidade, por assim dizer, e permitia que a expressão de sua própria essência divina brilhasse (Mateus 17: 2, veja "Transfiguração", p. É claro, portanto, que o Filho não se esvaziou de sua divindade ou de seus atributos divinos em sua encarnação.

A questão permanece, então, de o que ele esvaziar-se? No entanto, esta questão em si parece mal interpretar a linguagem de Paulo em Filipenses 2. Embora o verbo *kenoo signifique* "esvaziar", ele é usado exclusivamente em um sentido metafórico no Novo Testamento. Nunca significa "derramar", como se Jesus estivesse despejando seus atributos divinos de si mesmo. Se essa fosse a intenção de Paulo, ele teria usado a palavra *ekcheo* (por exemplo, Lucas 22:20, João 2:15, Tito 3: 6). Em vez disso, *kenoō significa* "fazer vazio", "anular" ou "fazer de nenhum efeito". Paulo emprega o termo neste sentido em Romanos 4:14, onde ele diz: "Se os que são da Lei São *herdeiros* , a fé é anulada [*kekenōtai*] ea promessa é anulada "(NASB). No entanto, não se pergunta, Do que a fé foi esvaziada? Pelo contrário, Paulo pretende dizer que se a justiça pudesse vir pela lei, a fé seria anulada - ela acabaria em nada. Do mesmo modo, é a pergunta errada a fazer, do que Cristo se esvaziou? O próprio Cristo é o objeto desse esvaziamento; *Ele se* anulou . Como a Versão do Rei Tiago o traduz, ele "não se fez reputo" (Filipenses 2: 7).

O restante do versículo diz como Cristo se anulou em sua encarnação: "tomando a forma de um servo, sendo nascido à semelhança dos homens" (Flp 2: 7). Cristo se fez de nenhuma reputação precisamente ao assumir uma natureza humana. Ele se esvaziou não derramando porções de sua divindade, mas acrescentando a si próprio a plena e verdadeira humanidade. Seu foi um esvaziamento por adição, não por subtração. Se ele realmente se rendeu ou desistiu de seus atributos divinos, então poderia sugerir que ele deixou de ser Deus - mas isso resultaria em algo em desacordo com a forma como a Bíblia o identifica como sendo completamente e verdadeiramente Deus (veja "Deidade", p. 255]). No entanto, mesmo ao assumir a natureza humana, o Filho de Deus possuía plenamente sua natureza divina, atributos e prerrogativas.

Qual era, então, a sua humilhação? Para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel, ele tinha de ser feito como seus irmãos em todos os aspectos (Hebreus 2:17). Portanto, enquanto o Filho de Deus possuía plenamente sua natureza divina, atributos e prerrogativas, ele não as expressava plenamente. Eles estavam velados. Às vezes ele as expressava, como quando lia a mente das pessoas (Mateus 9: 4) e fazia milagres divinos (por exemplo, Lucas 5: 3-10). Mas o Mestre submeteu-se voluntariamente à vida de um escravo (Filipenses 2: 7, ver 2 Coríntios 8: 9). Ele entregou as glórias pré-encarnadas das quais ele veio. Ele deixou a adoração de santos e anjos para ser desprezado e rejeitado pelos homens (Isaías 53: 3), submetendo-se a mal-entendidos, negação, incredulidade, acusações falsas e todo tipo de injúria e perseguição. Como Deus, o Filho, Ele tinha todo o direito de exercer suas prerrogativas divinas à vontade. No entanto, como servo sofredor de Javé, ele se entregou à vontade do Pai em tudo (João

5:19, 30). Assim, embora conhecesse Natanael sem conhecê-lo (João 1:47) e conhecia todos os homens (João 2:25), na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36) . Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu completamente divino. Na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36). Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu completamente divino. Na humildade de sua encarnação ele não sabia a hora de seu retorno (Mateus 24:36). Sua glória divina interna ainda estava presente, embora temporariamente velada por ele estar na forma de um servo. Embora ele fosse verdadeiramente humano, ele também permaneceu totalmente divino.

Nenhuma conceptualização da kenose pode ser consistente com a Escritura se esse conceito torna impossível que Cristo afirme "igualdade com Deus" (Filipenses 2: 6). Embora igual a Deus, o Filho de Deus se submeteu voluntariamente à humanidade e à morte como aquele que possuía plenamente a vontade soberana, livre, santa e amorosa para ser limitado pela sua escolha de obedecer ao Pai para o propósito do programa de redenção e da salvação Glória da Divindade.

Nascimento virgem

O anúncio da "descendência" vitoriosa (ou semente) da mulher em Gênesis 3:15 implica que este indivíduo não será a prole de um homem (ver Gálatas 4: 4). Assim, a primeira profecia messiânica dirige a atenção para a mulher, ao contrário da genealogia de Gênesis 5, que lista apenas os pais. Ao omitir qualquer relação com Adão, Deus sugere que a descendência prometida não participará do pecado de Adão. Como o primeiro Adão foi gerado por Deus (ver Lucas 3:38, "Adão, o filho de Deus"), assim o segundo Adão, Jesus Cristo, foi gerado por Deus, não por um homem humano (Mateus 1: 18- 20). Mateus enfatiza essa justaposição do primeiro Adão com o segundo Adão na maneira como ele introduz seu Evangelho: "O livro da genealogia de Jesus Cristo ..." (Mateus 1: 1). Esta é a mesma fraseologia encontrada apenas em outros lugares em Gênesis 5: 1:

1. um novo livro de revelação - o Evangelho de Mateus como o livro de abertura do Novo Testamento;
2. uma nova mensagem - a boa notícia a respeito de Jesus, o Messias e Salvador que é "Deus conosco" (Emanuel, Mateus 1: 1, 23);
3. uma nova criação - um filho do sexo masculino nascido de uma virgem (Mateus 1: 18-23); e
4. um novo começo - uma nova *gênese* (a palavra grega para " nascimento " em Mateus 1:18).

No reinado do rei Acaz, rei de Judá, o profeta Isaías recebeu uma revelação de Deus para passar ao rei: "Portanto, o próprio Senhor vos dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e porá o nome de Emanuel "(Isaías 7:14). De acordo com Mateus 1: 22-23, essa profecia foi cumprida na concepção milagrosa de Jesus no ventre da Virgem Maria. Alguns se opõem a essa interpretação, insistindo na identificação da "virgem" como a esposa de Isaías ou outra jovem daquela época. No entanto, o próprio contexto indica a precisão do próprio comentário do Novo Testamento de Deus:

1. No contexto imediato, Isaías 1-12 profetiza o juízo divino contra Israel e a eventual paz, que o Messias trará à nação e ao mundo inteiro.
2. Isaías não fornece qualquer realização contemporânea específica - ele deixa a "virgem" não identificada.

3. Uma vez que Acaz se recusa a pedir um sinal para si e para seu tempo (Isaías 7: 10-12), Deus anuncia um sinal para a "casa de Davi", um não limitado a Acaz ou seu tempo (Isaías 7: 13-14).
4. A palavra "virgem" (Heb. *'Almah*) refere-se a uma jovem que não teve relações íntimas com um homem (ver Gênesis 24:43, Ex. 2: 8, Canção 1: 3). A sugestão de que *betulah* é a palavra hebraica correta para "virgem" parece ser contradita pelo uso do termo em Gênesis 24:16, que acrescenta "a quem nenhum homem tinha *conhecido* " (Gênesis 24:16), a fim de fazer *betulah* ("Donzela") se referem a uma virgem. O termo *"almah"* não requer essa qualificação. A Septuaginta, a antiga tradução judaica do Antigo Testamento em grego, traduz o termo hebraico com *parthenos* , a mesma palavra que aparece no Novo Testamento em Mateus 1:23.

O que é significativo sobre a doutrina da virgem concepção e nascimento de Jesus? Em primeiro lugar, a integridade do registro evangélico referente a Jesus repousa pesadamente sobre a verdade do nascimento virginal. Se Mateus e Lucas não são confiáveis nos relatos de que a gravidez de Maria ocorre sem o envolvimento humano masculino, então suas histórias inteiras de Jesus tornam-se suspeitas. Os cientistas podem afirmar que uma concepção virgem é impossível, mas a evidência do Evangelho permanece autêntica e credível à luz do testemunho consistente dos escritores do Novo Testamento sobre a natureza humana sem pecado de Jesus. Em outras palavras, a falsidade em relação à afirmação bíblica sobre o nascimento virginal compromete seriamente a inerrância ea infalibilidade das Escrituras. Além disso, uma vez que o autor final das Escrituras é o próprio Deus,

Segundo, o nascimento virginal permite a preexistência da pessoa divina e da natureza. O eterno Filho de Deus existia antes da concepção milagrosa no seio de Maria. O processo humano normal de concepção teria produzido uma segunda pessoa, não apenas um corpo humano e natureza. Jesus, como o Deus-homem, é apenas uma pessoa com duas naturezas. Isaías disse isso tão bem: "Porque um menino nos nasceu, um filho nos é dado" (Isaías 9: 6). O Filho de Deus já existia - como uma pessoa divina. A adição de uma segunda pessoa a Jesus exigiria a existência de quatro pessoas na Divindade, em vez de preservar os três. E essa quarta pessoa, embora fosse um ser humano sem pecado, seria inferior às outras três pessoas pela finitude de sua humanidade. A humanidade de Jesus não é eterna - teve um começo. (Ver "Humanidade" [p.

Terceiro, sem uma concepção virgem de Jesus, não pode haver garantia de sua impecabilidade. Os descendentes de Adão são pecadores porque Adão pecou; Os descendentes de Adão morrem (Romanos 3:23, 5: 12-19, 6:23, ver Salmo 51: 5). A morte pode ocorrer antes que o bebê saiba a diferença entre o certo eo errado e antes que esse pequeno seja capaz de entender o evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo. A morte infantil exige a doutrina do pecado original, pois não há morte separada do pecado. O Jesus sem pecado só pode experimentar a morte de seu corpo humano por Deus colocando sobre ele todo o pecado e culpa dos eleitos (2 Coríntios 5:21).

Em quarto lugar, a eliminação do nascimento virginal comprometeria a totalidade da vida e do ministério de Jesus e as doutrinas que o acompanham. Estes incluem o seu ser verdadeiramente Deus e verdadeiramente o homem, a sua vida sem pecado, as suas acções milagrosas, o seu ensinamento cheio da verdade, o seu sacrifício voluntário como um substituto para os pecadores, a sua ressurreição corporal, a sua ascensão corporal eo seu regresso futuro. Se alguma doutrina única dentro do ensino bíblico referente a Jesus fracassou, levaria a questionar tudo o que o concernia no registro do Novo Testamento.

Por fim, a virgem concepção / nascimento de Jesus deve fazer parte da confissão de fé do cristão. O nascimento de Jesus deu-lhe um corpo de carne. O espírito do anticristo nega que Jesus veio em carne (1 João 4: 1-3; 2 João 7). A confissão do crente afirma que

Jesus tomou sobre si mesmo carne e sangue (Hebreus 2:14) para afastar o pecado (1 João 3: 5). Essa confissão aparece na primeira linha do hino cristão primitivo citado por Paulo em 1 Timóteo 3:16: "Ele foi manifestado na carne".

HUMANIDADE

A Bíblia menciona muitos títulos diferentes para Jesus em sua humanidade. Os títulos relacionados à sua divindade estão listados acima (ver em "Deidade" [p.225]). Os nomes dão uma visão da pessoa de Jesus, da obra de Jesus, e da maneira como as pessoas o identificam e se relacionam com ele.

- A "descendência" ou semente da mulher (Gn 3,15, Gálatas 4: 4)
- "Shiloh" (Gén. 49:10 ESV mg.)
- "Redentor" (Jó 19: 25-27, Gálatas 3:13)
- "Messias" ou "Ungido" (Heb.) E "Cristo" (Gk.) (Salmo 2: 2, João 1:41, 4:25 e Atos 18:28)
- "O ramo" (Isaías 4: 2, Jeremias 23: 5, 33:15, Zc 3: 8, 6:12)
- "Servo" (Isaías 52:13, Atos 4:27)
- "O desejo de todas as nações" (Hg 2: 7 KJV)
- "O sol da justiça" (Malaquias 4: 2)
- "Jesus" (Mateus 1:21)
- "Um Nazareno" (Mateus 2:23)
- "Filho de Davi" (Mateus 12:23, 21: 9, Marcos 12: 35-37, Romanos 1: 1-4)
- "Filho do Homem" (Marcos 2:10, João 12:34, Atos 7:56, Apocalipse 1:13, ver Dan. 7:13)
- "Escolhido" (Lucas 9:35, ver Mateus 12:18, 1 Pedro 1:20)
- "O Cordeiro de Deus" / "O Cordeiro" (João 1:29, Ap 5: 6, 8, 12, 13)
- "Mestre" (João 3: 2)
- "Ajudante" (João 14:16, por implicação)
- "Jesus Cristo" (Atos 2:38, 3: 6)
- "Líder" (Atos 5:31)
- "O primogênito", ou preeminente (Romanos 8:29, Col. 1:15, Hebreus 1: 6)
- "O último Adão" (1 Coríntios 15: 45-49, Romanos 5:14, 1 Coríntios 15: 21-22)
- "A pedra angular" (Efésios 2:20, 1 Pedro 2: 4)
- "Mediador" (1 Tim. 2: 5-6)
- "Irmão" (Heb 2: 11-12, por implicação)
- "Apóstolo" (Hb 3: 1)
- "Sumo Sacerdote" (Hb 3: 1)
- "Legislador e juiz" (Tiago 4:12, ver Mateus 28:18)
- "A estrela da manhã" (2 Pedro 1:19)
- "Advogado" (1 João 2: 1)
- "A testemunha fiel" (Apocalipse 1: 5, 3:14)
- "O Amém" (Apocalipse 3:14)
- "O início da criação de Deus" (Apocalipse 3:14)
- "O Leão da tribo de Judá" (Ap 5: 5)
- "A raiz de Davi" (Ap 5: 5)
- "A estrela brilhante da manhã" (Apocalipse 22:16)

A União Hipostática . Em 325 dC, o Concílio de Nicéia afirmou a revelação das Escrituras de Jesus sendo verdadeiramente Deus. Então, em 451 dC, o Concílio de Calcedônia concordou que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino, envolvendo uma "união hipostática" das duas naturezas sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação. O Credo dos Apóstolos (século V dC) afirma assim: "Creio em ... Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem

Maria". Em outras palavras, a união hipostática consiste Das duas naturezas de Cristo em uma pessoa teantrópica (Deus-homem). Esta união mantém a divindade de Cristo sem diminuição e sua humanidade sem exaltação.

A união hipostática é distinta do nascimento virginal e da encarnação. A encarnação refere-se a todo o conceito de Deus manifestando-se em carne humana. O nascimento virginal constituiu o meio pelo qual a encarnação foi realizada. Como explicou uma vez Charles Feinberg: "A união hipostática é aquilo que foi efetuado e trazido à existência pela encarnação". A união hipostática difere das teofanias em que havia múltiplas teofanias temporárias, enquanto a existência de duas naturezas em Cristo desde sua encarnação É eterno. Ele é agora e para sempre o Deus-homem.

Enquanto a natureza humana que o Filho de Deus recebeu em sua encarnação lhe permite experimentar a humanidade, ele não existe como duas pessoas. Ele é apenas uma pessoa com duas naturezas - a divina e a humana. A deidade de Cristo afeta a individualização (envolvendo caráter e personalidade) de sua natureza humana. Deus, o Pai, preparou o corpo físico de Cristo para a encarnação, para que o Filho de Deus fizesse a vontade do Pai. (Hebreus 10: 5-7, ver Salmos 40: 6-8). Cada natureza possui sua própria vontade. Em João 17:24, a vontade divina de Cristo aparece em sua relação trinitária com o Pai antes da fundação do mundo. Mas no jardim do Getsêmani, Jesus ajusta sua vontade humana à vontade do Pai (Mt 26:39). Esta dualidade dentro de uma pessoa pode ser vista também na juventude de Jesus quando ele surpreendeu os professores no templo com sua sabedoria e conhecimento das Escrituras enquanto falava de sua natureza divina, mas então submetia sua vontade humana aos desejos de seus pais (Lucas 2:47, 51-52). Não se trata de personalidades em duelo, mas de duas naturezas distintas, mas perfeitas.

Humanidade envolve submeter-se, e não apenas encontrar, o que a humanidade comumente experimenta. Desde o início de sua vida encarnada até o fim de sua jornada terrena, Jesus experimentou nascimento (Mateus 2: 1), crescimento (Lucas 2:40), exaustão (João 4: 6), sono (Marcos 4:38) Fome (Mateus 4: 2; 21:18), sede (João 4: 7; 19:28), raiva (Marcos 3: 5), tristeza (Mateus 26:37), choro (Lucas 19:41; 11:35), a compaixão (Mt 9:36), o amor (Marcos 10:21, João 11: 3, 5, 36), a alegria (Lucas 10:21, João 15:11), a tentação (Mateus 4: 1, Hebreus 4:15), oração (Mateus 14:23, Hebreus 5: 7), sofrimento (Mateus 16:21, Lucas 22:44, Hebreus 2:18) e morte (Marcos 15: 37-39, Lucas 23: 44-46, João 12:24, 33, Romanos 5: 6, 8, Fil. 2: 8). Ele também experimentou primeiro o que todos os humanos eventualmente experimentarão: ressurreição (Mt 17: 9, João 2:22, 21:14, Atos 3:15, 1 Coríntios 15:20). Jesus foi, de fato,

O escritor da epístola aos hebreus escreveu de forma sucinta e linda sobre a necessidade da humanidade de Cristo e a grande bênção que a humanidade merece para a humanidade: "Portanto, ele tinha de ser feito como seus irmãos em todos os aspectos, para que pudesse tornar-se Um misericordioso e fiel sumo sacerdote no serviço de Deus, para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois porque ele mesmo sofreu quando foi tentado, pode ajudar os que são tentados "(Heb 2: 17-18). Ele é "Jesus de Nazaré, um homem atestado a ti por Deus" (Atos 2:22). Ele é o "único mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus" (1 Timóteo 2: 5). Sim, "Eis aqui o homem!" (João 19: 5).

Sobre este mistério maravilhoso da união hipostática das duas naturezas de Cristo, John Walvoord observa que "enquanto os atributos de uma natureza nunca são atribuídos ao outro, os atributos de ambas as naturezas são devidamente atribuídos a Sua pessoa". Os leitores das Escrituras discernem justamente a chamada comunicação de propriedades (Lat. *communicatio idiomatum*) no registro bíblico, a fim de entender corretamente quem é Jesus e o que ele realizou. Ou seja, tudo o que pode ser dito de uma das naturezas de Cristo pode ser justamente dito de Cristo como uma pessoa inteira. Por exemplo, o

comentário de Paulo em Atos 20:28 não significa que a natureza divina tem sangue, pois Deus é espírito (João 4:24). Mas porque o "sangue" é uma propriedade da natureza humana de Cristo e "Deus" é uma propriedade de sua natureza divina, Paulo pode dizer de Jesus que Deus comprou a igreja com seu próprio sangue. As propriedades de ambas as naturezas podem ser atribuídas à única pessoa de Cristo. Walvoord provê servilmente sete classificações, resumidas abaixo, para distinguir entre referências bíblicas às naturezas e à pessoa de Cristo:

1. Referências bíblicas à pessoa inteira de Cristo, em que ambas as naturezas são essenciais:

   Para nós uma criança nasce,
   Para nós um filho é dado;
   E o governo estará sobre seu ombro,
   E seu nome será chamado
   Maravilhoso Conselheiro, Poderoso Deus,
   Pai Eterno, Príncipe da Paz.
   Do aumento de seu governo e de paz
   Não haverá fim
   No trono de Davi e sobre o seu reino,
   Para estabelecê-lo e mantê-lo
   Com justiça e com justiça
   Desde agora e para sempre.
   O zelo do SENHOR dos exércitos fará isto. (Isaías 9: 6-7)

   Ela dará à luz um filho, e lhe chamarás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. (Mateus 1:21)

   Desde então, temos um grande sumo sacerdote que passou pelos céus, Jesus, o Filho de Deus, mantenhamos firme a nossa confissão. (Hebreus 4:14)

2. Referências a toda a pessoa, mas os atributos são verdadeiros de sua deidade:

   Mas Jesus, por sua vez, não se confiou a eles, porque conhecia todos os homens e não precisava de ninguém para dar testemunho sobre o homem, pois ele mesmo sabia o que havia no homem. (João 2: 24-25)

   Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem. (João 3:13)

   Mas Jesus lhes respondeu: "Meu Pai está trabalhando até agora, e eu estou trabalhando." (João 5:17)

3. Referências a toda a pessoa, mas os atributos são verdadeiros de sua humanidade:

   Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. E depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, ele estava com fome. (Mateus 4: 1-2)

   E deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em panos e o pôs numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. (Lucas 2: 7)

   E a criança cresceu e tornou-se forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava sobre ele. (Lucas 2:40)

   O poço de Jacó estava lá; Assim Jesus, cansado como estava de sua jornada, estava sentado ao lado do poço. Era quase a sexta hora. (João 4: 6)

4. Contradição aparente em referências que descrevem a pessoa inteira de acordo com um atributo de sua natureza divina, mas fundamentada em sua natureza humana:

   Prestai muita atenção a vós mesmos e a todo o rebanho, no qual o Espírito Santo vos fez superintendentes, para cuidar da igreja de Deus [atributo divino], que ele obteve com seu próprio sangue [atributo humano]. (Atos 20:28) Quando o vi, caí a seus pés como morto. Mas ele colocou a sua mão direita sobre mim, dizendo: "Não temas, eu sou o primeiro e o último, eo vivo [atributo divino]. Eu morri [atributo humano], e eis que estou vivo para sempre, e tenho as chaves da Morte e do Hades. "(Apocalipse 1: 17-18)

5. Contradição aparente em referências que descrevem a pessoa inteira de acordo com um atributo de sua natureza humana, mas fundamentada em sua deidade:

   Então, e se você visse o Filho do Homem [atributo humano] subindo para onde estava antes [atributo divino]? (João 6:62)

   A eles pertencem os patriarcas, e de sua raça, de acordo com a carne [atributo humano], é o Cristo, que é Deus sobre todos [atributo divino], abençoado para sempre. Um homem. (Romanos 9: 5)

6. Referências descrevendo a pessoa inteira de acordo com sua divindade, mas predicado de ambas as naturezas:

   E ele lhe disse: "Em verdade, eu digo a você, hoje você estará comigo no Paraíso." (Lucas 23:43)

   Jesus, então, tomou os pães e, quando deu graças, distribuiu-os aos que estavam sentados. Assim também o peixe, tanto quanto eles queriam. (João 6:11)

   Mas Jesus, sabendo em si mesmo que seus discípulos estavam murmurando sobre isto, disse-lhes: "Você se ofende por isso?" (João 6:61)

   Porque tu morreste, ea tua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo que é sua vida aparecer, então você também aparecerá com ele em glória. (Colossenses 3: 3-4)

7. Referências descrevendo a pessoa inteira de acordo com sua humanidade, mas predicado de ambas as naturezas:

   E por volta da hora nona, Jesus clamou com grande voz, dizendo: "Eli, Eli, lema sabachthani", isto é, "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46) Deus não pode Deixa ou abandona a Deus, e Jesus está na cruz, mas o Pai abandona-o temporariamente de acordo com a sua humanidade, como o Deus-homem, Jesus morre com respeito à sua humanidade, pois a natureza divina não pode morrer.

   E deu-lhe autoridade para executar o juízo, porque ele é o Filho do Homem. (João 5:27)

Assim, uma teologia bíblica da pessoa e naturezas de Cristo deve descansar em uma leitura cuidadosa das Escrituras juntamente com um reconhecimento de nossa compreensão limitada. O leitor discernimento vai prestar muita atenção a cada detalhe do texto bíblico, de modo a justamente interpretá-lo sobre a compreensão teológica de quem Jesus Cristo é eo que ele tem feito, está fazendo e vai fazer.

Conhecimento Limitado de Cristo . Marcos 13:32 apresenta aos leitores uma questão relativa ao conhecimento auto-limitado de Cristo: "Quanto a esse dia ou aquela hora,

ninguém sabe, nem mesmo os anjos no céu, nem o Filho, mas somente o Pai." Jesus falou estas palavras Durante o tempo de sua encarnação (também referida como sua humilhação). Depois de sua ressurreição, Atos 1: 6-7 parece indicar que Jesus sabia o tempo da restauração do reino a Israel, mas não o revelaria naquela época a seus discípulos. A limitação do conhecimento de Cristo no tempo da restauração não significa que suas declarações sobre a historicidade dos eventos do Antigo Testamento ou a autoria mosaica do Pentateuco também devem ser reconsideradas. Afinal de contas, ele confiava plenamente no Velho Testamento como Palavra de Deus, **E sua humanidade poderia ter derivado toda essa informação diretamente das Escrituras. No entanto, mesmo durante a encarnação, como Deus, o Filho, Jesus permaneceu onisciente (João 16:30). Seu conhecimento limitado neste caso é resultado de sua rendição voluntária do uso independente de seus atributos divinos (ver "Kenosis").**

VISTAS ERRONEAS

Erroneous conceitos de Jesus surgem de uma leitura descuidada e undiscerning da Bíblia. Portanto, por meio dessa negligência, agravada pela natureza caída do homem e pela inimizade dos incrédulos, a pessoa de Cristo tem sido atacada desde o início. Na igreja primitiva, o erro relativo à natureza e à pessoa de Cristo surgiu mesmo no primeiro século e desafiou a ortodoxia cristológica dos crentes bíblicos. Tal como acontece com moeda falsa, a melhor estratégia para identificar a falsidade vem através de um foco na verdade. Estudar o que as Escrituras dizem sobre Jesus Cristo expõe o erro daqueles que procuram negar verdades bíblicas ou oferecer um Cristo falsificado. Uma breve consideração das principais heresias cristológicas merece atenção (a tabela 4.5 apresenta um resumo dessas heresias).

Ebionismo . Um dos primeiros erros para infectar a igreja insistiu na humanidade de Cristo para a exclusão de sua divindade porque seus proponentes negaram a preexistência de Cristo - uma visão influenciada pelos ensinamentos judaicos do primeiro século. Esta heresia ficou conhecida como Ebionismo. Jesus, para os ebionitas, era um grande homem, um profeta de Deus, aquele que foi dotado com o Espírito de Deus e exaltado à realeza após a sua morte. Alguns dos ebionitas aceitaram a concepção milagrosa de Jesus, mas outros a rejeitaram.

No século V, este ponto de vista havia deixado a igreja. Alguns adeptos provavelmente retornaram ao judaísmo, enquanto outros capitularam para o ponto de vista bíblico (ou talvez para outra visão errônea popular na época) e permaneceram na igreja. Embora a igreja tenha deixado essa visão para trás, a visão islâmica de Jesus é essencialmente a do Ebionismo, como observa Heick: "O sincretismo religioso evidente neste movimento foi de grande significado histórico, pois contribuiu para a origem e ascensão do Maometanismo como o terceiro Grande religião monoteísta do mundo ".

Gnosticismo . Como um movimento com raízes precedendo a igreja do Novo Testamento, o Gnosticismo gradualmente assimilou elementos cristãos. Consistia de um culto eclético do século II que combinava a filosofia grega, o dualismo persa, o pensamento judaico, os elementos das religiões de mistérios orientais e o cristianismo. O princípio principal do gnosticismo ecoou o conceito de Platão de que a matéria é má e o espírito é bom. Seus defensores acreditavam que uma série de emanações tinham vindo de Deus. Essas emanações eram denominadas *eons* , e cada uma se tornava progressivamente mais matéria e menos espírito - assim, mais mal e menos bom. Desde que o Yahweh do Antigo Testamento foi o criador de todas as coisas (apenas outra eon), o Gnosticismo o rotulou de *Demiurgo* . O Demiurgo era um ser celestial subordinado a

outro, maior eon, **O Ser Supremo. Como o criador e o controlador do mundo físico, o Demiurgo era representado pelos gnósticos como antagônicos àquilo que é espiritual. No pensamento gnóstico, Cristo era um fantasma aparentemente aparecendo num corpo (veja "Docetismo" abaixo), ou uma eon que se uniu a Jesus algum dia entre o batismo ea morte na cruz.** *O conceito gnóstico de salvação consistia em uma gnose* especial (ou conhecimento) dada por meio de Cristo somente à elite através de um processo intelectual.

Adopcionismo / Modalismo . Alguns na igreja *adiantada* aceitou uma opinião que prende que o deus adotou (assim o termo *Adoptionism*) o homem Jesus como seu filho em algum ponto que segue seu nascimento - seja em seu batismo ou em sua ressurreição. Artemon foi associado frequentemente a esta heresia, mas pouco se sabe sobre ele. Paulo de Samosata (século III dC) e Theodotus o Sapateiro (cerca de 190 dC) propagaram o ponto de vista dos adopcionistas. Os adopcionistas podem ser considerados um dos grupos monarquistas, aqueles que negaram a Trindade e se referiram a um Deus como um governante ou monarca. O monarquismo enfatizava a unicidade de Deus - uma visão unitária. Os defensores entenderam que as três pessoas da Trindade eram apenas três modos diferentes da existência e da obra de um só Deus. **Como não acreditavam que o Pai e o Filho fossem pessoas distintas, falavam de patripassianismo - a noção de que Deus Pai morreu na cruz do Calvário. Sabellius se tornou um defensor do movimento Modalista no início do terceiro século, e embora ele foi excomungado em 217 dC, o movimento resultante de sua liderança tornou-se conhecido como Sabellianism.**

Docetismo . Os Docetistas derivam seu nome do termo grego *dokeō* , que *significa* "parecem" ou "aparecem". Este grupo tomou o extremo oposto dos Adocionistas e insistiu na deidade de Cristo enquanto rejeitava sua humanidade. Para os Docetistas, a existência material é inerentemente má - a visão proposta por Platão. Portanto, era impossível para o puro e santo Filho de Deus tomar sobre si carne pecaminosa. Eles acreditavam que o Filho de Deus apareceu na terra como uma ilusão, uma espécie de teofania. Jesus não tinha corpo humano e não podia sofrer ou morrer uma morte real. Valentinus (ca. AD 136-ca 165) tornou-se uma personalidade proeminente neste movimento herético. Irineu (cerca de 120-202 dC) opôs-se a Valentino, escrevendo um trabalho de cinco volumes contra os erros dos docetistas. Marcion (ca. AD 85-ca. **160) foi outro membro famoso da seita Docetista, e Tertuliano (cerca de 160 dC) tomou a caneta para fazer batalha com os ensinamentos de Marcion (AD 207-208). O bispo de Antioquia insistiu no uso de "realmente" e "verdadeiramente" como uma descrição das naturezas divinas e humanas de Cristo em contraposição ao uso dos Docetistas de " Aparentemente "para se referir à humanidade de Cristo.**

Arianismo . A próxima heresia para atacar a pessoa ea obra de Cristo surgiu dos ensinamentos de Ário (AD 250-336), um ancião na igreja de Alexandria, no Egito. Ele e seus seguidores supuseram que a submissão temporária do Filho à vontade do Pai no programa da redenção envolveu uma eterna desigualdade entre o Pai e o Filho. Arianos encaravam Cristo como um simples ser criado, embora ele fosse o primeiro e o mais supremo de todas as criaturas. Cristo não era da *mesma* substância como Deus, mas de um *semelhante* substância. Assim, colocaram Cristo em um reino em algum lugar entre Deus e o homem como uma criatura a ser adorada por causa da autoridade que Deus lhe tinha delegado.

Os Concílios de Nicéia (325 dC) e Constantinopla (381 dC) responderam a esta heresia. O debate centrou-se na presença ou ausência de um *iota* ("i") em uma única

palavra grega: *homoiousia* ("substância similar") ou *homoousia* ("mesma substância"). A diferença se resumiu a saber se Cristo era ou não verdadeiramente Deus, e o conselho declarou sua convicção das Escrituras de que Cristo era verdadeiramente e completamente Deus e homem. Atanásio (295-373 dC), que mais tarde se tornou bispo de Alexandria, levantou-se em defesa do testemunho bíblico sobre a verdadeira divindade de Jesus Cristo. Os conselhos resultaram na afirmação de que Cristo era "Deus de Deus, Luz de Luz, Deus de Deus, gerado, não feito, sendo uma só substância com o Pai".

Apolinário . O próximo erro que surgiu na igreja primitiva afirmou a verdadeira divindade de Cristo, mas negou sua plena humanidade. Os apolinários - nomeados para Apollinaris (bis 315 - ca 392), bispo de Laodicéia - acreditavam que Cristo possuía um corpo real e uma alma imortal sensível, mas lhe negaram uma mente verdadeiramente humana (ou alma racional). Na verdade, eles acreditavam que Cristo era Deus mascarado em carne humana. Portanto, atribuíram todas as fraquezas humanas de Jesus à sua divindade - tais como ignorância, sofrimento, obediência e adoração. Na realidade, Apollinaris também foi infectado pelo dualismo de Platão, que ensinou que o espírito é bom, mas o corpo é ruim. Apollinaris sustentou que Cristo, se Deus, não poderia ter uma vontade humana.

O Concílio de Constantinopla condenou os ensinamentos apolinários como hereges em 381 dC e o Concílio de Calcedônia fez o mesmo em 451 dC Os que na igreja primitiva responderam a Apolinar indicaram que ele não poderia explicar a luta entre a vontade divina ea vontade humana De Jesus em um texto como Lucas 22:42. Além disso, como o pecado afeta o corpo, a vontade e a mente, uma obra redentora completa de Jesus exigiu que sua mente se envolvesse em redimir a mente do crente. Certamente, imaginar um ser verdadeiramente humano sem uma mente seria inconcebível.

Nestorianismo . Uma divisão significativa aconteceu na igreja primitiva devido aos falsos ensinamentos de Nestorius de Constantinopla (cerca de 381 aC 451). Ele atribuiu uma personalidade dupla a Cristo - duas pessoas e duas naturezas, ao invés de uma pessoa e duas naturezas. Nestorius corretamente compreendeu que Maria não concebeu a natureza divina de Cristo, no entanto, ele, de fato, propôs que Jesus era um homem deificado. Ele comparou o relacionamento de Jesus com o Pai basicamente como o relacionamento de um crente com Cristo.

Alguns historiadores argumentam que Nestório recebeu uma má reputação daqueles que entendiam mal sua visão de que a impassibilidade do Logos e a plena humanidade de Jesus deve ser preservada. Mesmo Martinho Lutero defendeu Nestorius contra a acusação de que ele ensinava que Cristo deveria ser dividido em duas pessoas ou hipóstases. Nichols explica que Nestorius "tão enfatizou a humanidade ea divindade de Cristo que ele virou muito perto de dizer que as duas naturezas são tão distintas em Cristo que Cristo é uma pessoa dividida, uma pessoa humana e pessoa divina, que Cristo é dois 'ele' E não apenas duas naturezas " .[28] Depois de sua condenação nos conselhos de Efeso (AD 431) e Calcedônia (451 dC), Nestorius insistiu que ele tinha sido mal-entendido e que ele sempre tinha aderido a Cristo existindo em duas naturezas e uma pessoa. Assim, Nestorius pode não ter aderido ao sistema doutrinário errôneo que se tornou conhecido como nestorianismo. No entanto, ele poderia ter exagerado as duas naturezas de Cristo de tal maneira que minimizasse a unidade de Cristo em uma só pessoa, tirando com razão o fogo de Cyril, bispo de Alexandria, bem como a repreensão dos conselhos de Éfeso e Calcedônia. É claro que os crentes estavam exigindo doutrinas precisas sobre o Senhor Jesus Cristo.

Eutychianism . A visão do apolinismo levou a outra controvérsia chamada monofisismo (crença em "uma natureza") ou eutychianismo, referindo-se ao seu originador, Eutíches de Constantinopla (cerca de 378 aC). Eutyches sustentava que a divindade e a humanidade de Cristo eram desprovidas de distinção - as duas estavam fundidas em uma terceira natureza que não era nem Deus nem homem, mas algo intermediário. Uma vez que Jesus possuía apenas uma vida, uma mente e uma vontade, ele deve ter possuído uma única natureza em uma única pessoa. A variação de Eutychianism que focalizou em um se tornará conhecido como Monotheletism. O Concílio de Calcedônia condenou o eutychianismo em 451 dC, eo terceiro conselho de Constantinopla condenou o monotelismo em 680 DC.

BATISMO

Deus escolheu o precursor profetizado do Messias para batizar Jesus na água do Rio Jordão (Marcos 1: 1-10, João 1: 19-31 e Atos 19: 4). O propósito no batismo era revelar a presença pessoal do Messias em cumprimento das profecias do Antigo Testamento. João Batista associou essa revelação do Messias com a identificação de Cristo como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Uma vez que o pai de João era um sacerdote (Lucas 1: 5), João era o "sacerdote e profeta designado por Deus e providenciado por Deus" que batizou Jesus.

Tabela 4.5 Conselhos Primitivos da Igreja

Conselho	**Encontro**	**Questão**
Nicaea	AD 325	Defendeu a divindade de Cristo; Arianismo oposto
Constantinopla I	AD 381	Defendeu a divindade de Cristo; Arianismo e Apolinarismo opostos
Éfeso	AD 431	Defendeu as duas naturezas de Cristo; Oposto ao nestorianismo
Chalcedon	AD 451	Defendeu as duas naturezas de Cristo; Oposição ao Apolinarismo, Nestorianismo e Eutychianismo / Monofisismo
Constantinopla II	AD 553	Defendeu as duas naturezas de Cristo; Oposição ao Eutychianism / Monophysitism
Constantinopla III	AD 680-681	Defendeu as duas naturezas de Cristo; Oposição ao monotelismo
Nicéia II	AD 787	Defendeu o uso de ícones

Por que Jesus foi batizado? De acordo com a própria explicação de Jesus, "É justo para nós cumprir toda a justiça" (Mt 3:15). Ao submeter-se ao batismo de João, Cristo obedeceu à vontade de Deus e identificou-se com os pecadores. Ele acabaria suportando seus pecados para que sua justiça perfeita pudesse ser imputada a eles (2 Coríntios 5:21). Este ato de obediência no batismo exemplificou uma parte necessária da vida justa que ele viveu para ser imputada aos crentes. Este primeiro evento público do ministério de Jesus possuía profundidade de significado:

1. Ele prefigurou o significado do batismo cristão.
2. Ele marcou sua primeira identificação pública com aqueles cujos pecados ele iria suportar (Isaías 53:11; 1 Pedro 3:18).
3. Afirmou publicamente sua messianidade por testemunho diretamente do céu (Mateus 3:17, que combinava a linguagem messiânica de Salmo 2: 7 e Isaías 42: 1).

TENTAÇÃO

Depois que João batizou Jesus (Mateus 3: 13-17), o Espírito Santo levou Jesus ao deserto, onde foi tentado por Satanás (Mateus 4: 1-11). O Espírito Santo desempenhou um papel significativo na vida e no ministério de Jesus. O Espírito foi o agente da concepção de Jesus no ventre de Maria (Mateus 1:20); Ele ungiu e capacitou Jesus em seu ministério (Mateus 12:28, Lucas 4: 18-19, ver Isaías 61: 1); E ele também foi o agente ativo na ressurreição de Jesus (Romanos 8:11). O envolvimento do Espírito na condução de Jesus na situação com Satanás demonstra que este teste concordou com o propósito soberano de Deus no programa de redenção.

As tentações de Satanás atacaram Jesus em sua humanidade, já que o próprio Deus (e portanto a natureza divina de Jesus) "não pode ser tentado com o mal" (Tiago 1:13). De fato, Deus nunca age mesmo como o agente tentando alguém ao mal. No entanto, ele usa demônios, Satanás e homens para tentar quando ele se encaixa seus propósitos soberanos (Jó 1-2, Lucas 22: 31-32, 2 Cor 12: 7-10). De acordo com as categorias listadas em 1 João 2:16, Satanás tentou Jesus com a fome como um dos "desejos da carne" (Mateus 4: 2-3, 1 João 2:16), com a colocação de Deus à prova Como uma exposição da "soberba da vida" (Mt 4: 5-6, 1 João 2:16), e com a posse dos reinos do mundo e toda a sua glória para cumprir "os desejos dos olhos" (Mt 4: 8-9, 1 João 2:16). Através deste tempo específico de testes como em toda a sua vida terrena, Jesus foi tentado "em todos os aspectos ... como nós somos, Mas sem pecado "(Hebreus 4:15). Jesus foi capaz de ser tentado, mas foi incapaz de pecar.

Ao longo dos anos alguns têm perguntado, foi Cristo capaz de pecar em pensamento ou ação? Duas respostas principais a esta pergunta foram representadas por duas frases latinas. A frase latina que descreve a impecabilidade de Jesus é *non posse peccare* ("não poder pecar"). Esse conceito contrasta com *posse non peccare* ("capaz de não pecar"), o que implica que Jesus poderia ter pecado, mas se manteve impedido de fazê-lo. Para ser claro, *peccability* e *impeccability* não são *sinónimos* de *pecaminosidade* e *impecabilidade* . O primeiro não pressupõe uma natureza pecaminosa. Ambas as visões admitem que Jesus não pecou (1 João 3: 5).

A posição de peccabilidade afirma que Cristo poderia ter pecado mesmo que não o fizesse. Esta é de longe a visão minoritária entre os teólogos de hoje. Argumentos incluem o seguinte:

1. *A plena* humanidade *de Cristo* : Se Cristo em sua encarnação assumiu a plena humanidade com todos os seus atributos, ele deve ter tido a capacidade de pecar, pois por si só a natureza humana não caída é capaz de pecar, como a queda de Adão e Eva mostra (Gn 3: 1-6).
2. A *capacidade de Cristo para ser tentado* : Cristo foi tentado em todos os pontos como os outros são (Hb 4:15). Ele sofreu várias tentações ao longo de sua vida (Mateus 4: 1-11), ea capacidade de ser tentado implica a habilidade de pecar. Esse argumento é o que os defensores da peccabilidade apelam para a maioria das vezes.
3. *O livre arbítrio de Cristo* : Que Cristo teve, como Adão fez antes da queda, um livre-arbítrio implica peccabilidade.

Os defensores da pecabilidade vêem muito em jogo neste debate, preeminentemente a realidade da humanidade de Cristo, sua tentação e um sacerdócio verdadeiramente solidário. Eles afirmam que todos os acima estão comprometidos se Cristo não tinha capacidade de pecar.

A Escritura, no entanto, defende a impecabilidade de Cristo. A posição de impecabilidade afirma que Cristo era incapaz de pecar. Esta é de longe a visão majoritária dentro do evangelicalismo do passado e do presente. Argumentos para este ponto de vista incluem o seguinte:

1. *A deidade de Cristo* : Visto que Cristo é Deus e que Deus não pode pecar (Tiago 1:13), segue-se que Cristo também não podia pecar. Uma vez que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23), Deus teria que morrer se pecasse - mas Deus não pode morrer e, por implicação, não pode pecar.
2. *Os decretos de Deus* : Desde que Deus decretou o plano de redenção a ser cumprido por Jesus Cristo, segue-se que Cristo não poderia ter pecado, pois se tivesse pecado, o plano de redenção teria falhado.
3. *Os atributos divinos de Cristo* : Alguns defensores da impecabilidade argumentam a partir da *imutabilidade* de Cristo (ver Hb 13: 8). O raciocínio é que se Cristo pudesse ter pecado enquanto estava na terra, então poderia pecar agora. Uma vez que ele não pode pecar agora, e como ele é imutável, segue-se que ele não podia pecar na terra. Outros atributos apelavam para incluir a onipotência de Cristo (a capacidade de pecar implica fraqueza, mas Cristo não tinha fraqueza) e onisciência (João 5:25). Alguém poderia argumentar que os argumentos dos atributos da deidade de Cristo são indecisos para a questão da pecabilidade, porque na kenose Cristo voluntariamente cedeu o exercício independente de seus atributos divinos à vontade de seu Pai celestial (ver "Kenosis", p. Portanto, Enquanto a impecabilidade pode ser implicada por cada um desses atributos divinos que estão sozinhos, Cristo sempre os exerceu em subordinação à vontade de seu Pai. E o Pai jamais dirigiria o Filho para restringir seus atributos divinos, a fim de tornar possível que Cristo violasse a vontade do Pai.
4. *A relação trinitária de Cristo* : Estar "cheio do Espírito Santo" (Lucas 4: 1), Jesus não podia deixar de provar. O Espírito Santo não podia falhar no que fora enviado a fazer por Jesus.

Mesmo que Jesus não pudesse pecar, as tentações que enfrentava eram genuínas - sua realidade não dependia de sua capacidade de responder. Na verdade, como nunca cedeu a eles, ele suportou toda a sua força. Assim, a tentação para Jesus era mais real e mais poderosa do que para qualquer outro ser humano. Uma comparação entre a tentação de Adão ea tentação de Jesus revela grandes diferenças e torna a vitória de Jesus ainda mais notável:

1. Adão enfrentou a tentação no melhor dos cenários, o jardim do Éden; Jesus enfrentou a tentação em um ambiente rígido, o deserto da Judéia.
2. Adão viveu na perfeição do mundo da precidência; Jesus viveu em um mundo caído profundamente corrupto e pecaminoso.
3. Adão cedeu-se à primeira tentação que enfrentou; Jesus enfrentou tentações repetidas ao longo de sua vida terrena e ministério (Hebreus 4:15), mas nunca cedeu.
4. Adão entrou em seu tempo de tentação adequadamente alimentado em um delicioso jardim cheio de frutas e água fresca; Jesus foi enfraquecido por quarenta dias de jejum antes de sua tentação no deserto.
5. As consequências da queda de Adão à tentação foram mortais para toda a raça humana; As conseqüências do triunfo de Jesus sobre a tentação lhe permitiram completar o programa de redenção com sucesso.

O relato da tentação de Jesus levanta a questão da relação e dependência de Jesus com o Espírito Santo. Várias profecias do Antigo Testamento predisseram que o Messias dependeria do Espírito Santo:

E o Espírito do SENHOR repousará sobre ele,
O Espírito de sabedoria e entendimento,
O Espírito de conselho e poder,
O Espírito de conhecimento e o temor do SENHOR .
E o seu deleite será no temor do SENHOR . (Isaías 11: 2-3)

Eis aqui o meu servo, a quem sustentei,
Meu escolhido, em quem me deleita a minha alma;
Eu coloquei o meu Espírito sobre ele;
Ele trará justiça às nações. (Isaías 42: 1)

O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim,
Porque o SENHOR me ungiu
Para trazer boas novas aos pobres;
Ele me enviou para amarrar os quebrantados de coração,
Para proclamar a liberdade aos cativos,
E a abertura da prisão aos que estão presos;
Para proclamar o ano DO favor DO SENHOR ,
E o dia da vingança do nosso Deus;
Para confortar todos os que choram;
Para conceder aos que choram em Sião -
Para dar-lhes uma bonita cocar em vez de cinzas,
O óleo de alegria em vez de luto,
A veste de louvor em vez de um espírito fraco;
Para que sejam chamados carvalhos de justiça,
A plantação do SENHOR , para ser glorificado. (Isaías 61: 1-3)

A dependência de Cristo ao Espírito Santo pode ser testemunhada em sua concepção (Mateus 1:20), seu batismo (Mt 3: 16-17) e sua tentação no deserto (Mateus 4: 1). João escreve que Cristo "pronuncia as palavras de Deus, porque ele dá o Espírito sem medida" (João 3:34). Na verdade, Cristo confiou no Espírito para o poder em seu ministério (Lucas 4:14) e especialmente em sua pregação (Lucas 4: 17-22, cumprindo Isaías 61: 1-2, Mateus 12: 15-21, cumprindo Isa 42: 1-3). Cristo "através do Espírito" deu mandamentos aos seus apóstolos escolhidos (Atos 1: 2), e "expulsou demônios pelo Espírito de Deus" (Mateus 12:28). Quando Jesus curou, ele o fez pelo poder do Espírito (Atos 10:38).

No final de sua jornada terrena, Jesus se ofereceu como sacrifício na cruz pelo Espírito: "Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu sem defeito a Deus, purificará nossa consciência de obras mortas para Servir ao Deus vivo "(Hb 9:14). O Espírito Santo permitiu que Jesus suportasse as horas de julgamento antes e durante a crucificação - as agonias interiores do Getsêmani, a humilhação diante de Pilatos e Herodes, a flagelação ea coroa de espinhos, o caminho para o Gólgota ea crucificação. O Espírito preservou Jesus fisicamente e de outra forma, ajudando-o a manter seu propósito de se oferecer na cruz como o sacrifício substitutivo pelos pecadores em submissão à vontade do Pai. A decisão de Cristo, ainda que habilitada pelo Espírito, era ainda sua: "Por isso o Pai me ama, Porque eu dou minha vida para que eu possa retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a deito por vontade própria. Eu tenho a autoridade de colocá-lo para baixo, e tenho autoridade para retomá-lo. Este mandamento tenho recebido de meu Pai "(João 10: 17-18).

Na ressurreição de Cristo dos mortos, as três pessoas da Divindade desempenharam um papel. O Pai e o Espírito estavam envolvidos: "Se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou a Jesus Cristo dentre os mortos dará também vida aos vossos corpos mortais pelo seu Espírito que habita em vós" 8:11). E a passagem citada acima (João 10: 17-18, ver também 2: 19-22) demonstra o envolvimento do Filho em sua própria ressurreição.

Desde a concepção até a ressurreição, e, por inferência, mesmo através da glorificação, Jesus foi sustentado pelo Espírito Santo. Isso não admite nenhuma fraqueza, mas no estado de submissão de Cristo ao Pai (especialmente em sua encarnação), o Espírito permitiu que sua natureza humana realizasse plenamente a redenção e todos os outros aspectos de sua missão na Terra. Tal condescendência foi confirmada quando os líderes judeus determinaram que Jesus era satânico, mas ele não os acusou de blasfemar, mas de falar contra o Espírito Santo (Mateus 12: 30-32).

TRANSFIGURAÇÃO

Antes de Jesus começar a série de eventos que levariam à sua crucificação, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão ao céu, ele queria assegurar a seus discípulos que ele retornaria e estabeleceria seu reino. O evento conhecido como transfiguração de Jesus deu aos discípulos essa certeza. O foco do reino do ministério de Jesus tinha atingido um ponto de viragem marcado por Mateus 16:21: "Desde então Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que ele deveria ir a Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, e ser morto , E ao terceiro dia ressuscitar. "Jesus sofreu a transfiguração não primariamente para provar sua divindade, revelar sua glória celestial, ou profetizar de sua morte e ressurreição vindouras. Pelo contrário, ele pretendia dar uma prévia da glória que ele exibiria em seu retorno para estabelecer seu reino.

> Pois não seguimos mitos inteligentemente inventados quando lhes fizemos conhecer o poder ea vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas éramos testemunhas oculares de sua majestade. Pois, quando recebeu a honra ea glória de Deus Pai, ea voz lhe foi levada pela glória majestosa: "Este é o meu Filho amado, com quem me comprazo", nós mesmos ouvimos esta mesma voz levada do céu, pois Estávamos com ele no monte santo. (2 Pe 1: 16-18)

A luz brilhante do semblante de Cristo na montanha ("o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes ficaram brancas como a luz", Mat. 17: 2) apresentou a glória de "o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder E grande glória "(Mateus 24:30). O apóstolo João descreveu uma visão semelhante da glória de Cristo em Apocalipse 1: 14-16:

> Os cabelos de sua cabeça eram brancos, como a lã branca, como a neve. Seus olhos eram como uma chama de fogo, seus pés eram como bronze bronzeado, refinado em uma fornalha, e sua voz era como o rugido de muitas águas. Na sua mão direita ele segurava sete estrelas, de sua boca veio uma espada afiada de dois gumes, e seu rosto era como o sol brilhando em força total.

Esta visão traz semelhanças marcadas com a descrição do Rei Jesus em Apocalipse 19: 11-16 como ele vem em julgamento:

> Então vi o céu aberto, e eis um cavalo branco! Aquele que está sentado nele é chamado Fiel e Verdadeiro, e com justiça ele julga e faz a guerra. Seus olhos são como uma chama de fogo, e em sua cabeça há muitos diademas, e tem um nome escrito que ninguém sabe além de si mesmo. Ele está vestido com um manto mergulhado em sangue, eo nome pelo qual ele é chamado é a Palavra de Deus. E os exércitos do céu, vestidos de linho fino,

> branco e puro, o seguiam em cavalos brancos. Da sua boca sairá uma espada afiada para derrubar as nações, e ele as governará com uma vara de ferro. Ele pisará o lagar da fúria da ira de Deus, o Todo-Poderoso. Sobre o seu manto e sobre a coxa tem um nome escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores.

A glória de Deus é mais plenamente e claramente manifestada no Senhor Jesus Cristo (Hb 1: 1-3). Assim, o apóstolo Paulo o chamou de "o Senhor da glória" (1 Coríntios 2: 8) e em 2 Coríntios 4: 3-6 afirmou:

> E mesmo que nosso evangelho seja velado, ele é velado para aqueles que estão perecendo. Em seu caso, o deus deste mundo cegou a mente dos incrédulos, para impedi-los de ver a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Pois o que proclamamos não somos nós mesmos, mas Jesus Cristo como Senhor, com nós mesmos como seus servos por causa de Jesus. Para Deus, que disse: "Que brilhe luz das trevas", brilhou em nossos corações para dar a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.

O evento de transfiguração mais poderosa e dramaticamente demonstrou que Jesus era a verdadeira glória de Deus, embora velado enquanto andava em carne nesta terra. As duas vindas de Cristo, a primeira em humildade vestida de carne e a segunda em glória revestida de luz, são os dois grandes temas da profecia bíblica.

Os dois companheiros de Jesus em sua transfiguração, Moisés e Elias (Mateus 17: 3), podem ser simbólicos de duas categorias daqueles santos que entram no reino - aqueles que morreram e aqueles que não morreram, mas são transformados no arrebatamento . No entanto, uma identificação mais segura de seu significado vem da visão em Zacarias 4. Nessa visão, o candelabro de ouro (menorah) e as duas oliveiras garantem a Zorobabel que ele receberá capacitação divina para a tarefa de reconstruir o templo. Deus também revela que ele fornecerá seu Espírito e poder infinito (Zc 4: 6), até a futura glória do reino e do templo do Messias. As duas oliveiras "são os dois ungidos que estão ao lado do Senhor de toda a terra" (Zacarias 4:14). Na transfiguração, Jesus é o Senhor de toda a terra, E Moisés e Elias são os ungidos ao lado dele. João depois identifica essas duas oliveiras como as duas testemunhas que profetizam por 1.260 dias no período da tribulação (Apocalipse 11: 3-4). Os milagres que eles realizam (Apocalipse 11: 5-6) parecem confirmar que eles poderiam ser Moisés e Elias:

> Embora seja impossível ser dogmático sobre a identidade dessas duas testemunhas, várias observações sugerem que eles poderiam ser Moisés e Elias: 1) como Moisés, eles atingem a terra com pragas, e como Elias, eles têm o poder de mantê-lo de chover ; 2) A tradição judaica esperava que tanto Moisés (Deuteronômio 18: 15-18) quanto Elias (Mc 4: 5-6) retornassem no futuro (João 1:21); 3) tanto Moisés como Elias estavam presentes na transfiguração, a antevisão da segunda vinda de Cristo; 4) tanto Moisés como Elias usaram meios sobrenaturais para provocar o arrependimento; 5) Elias foi levado vivo para o céu, e Deus sepultou o corpo de Moisés onde ele nunca seria encontrado; E 6) o comprimento da seca que as duas testemunhas trazem (três anos e meio, ver Apocalipse 11: 3) é o mesmo que trazido por Elias (Tiago 5:17).

Ensinamentos

Os ensinamentos de Jesus revelam o fato de que ele era um mestre e um mestre contador de histórias que possuía conhecimento e sabedoria além de qualquer outra pessoa. Em cada ambiente e com cada ouvinte, Jesus demonstrou um domínio da comunicação. Porque cada pessoa aprende de forma diferente, ele empregou uma

variedade de métodos. AB Bruce fala do desafio que Jesus enfrenta ao ensinar apenas seus doze discípulos:

> Os humildes pescadores da Galiléia tinham muito a aprender antes de poderem satisfazer essas altas exigências; Tanto, que o tempo de seu aprendizado para sua obra apostólica, mesmo contando desde o início do ministério de Cristo, parece muito curto. Eles eram de fato homens piedosos, que já haviam demonstrado a sinceridade de sua piedade abandonando tudo por causa do Mestre. Mas na hora de seu chamado eles eram extremamente ignorantes, estreitos de espírito, supersticiosos, cheios de preconceitos judaicos, equívocos e animosidades. Eles tinham muito a desaprender do que era ruim, bem como muito a aprender do que era bom, e eles eram lentos tanto para aprender como para desaprender. Antigas crenças já na posse de suas mentes fizeram a comunicação de novas idéias religiosas uma tarefa difícil. Homens de bom coração honesto, O solo de sua natureza espiritual estava preparado para produzir uma colheita abundante; Mas era duro, e precisava de muita laboriosa lavoura antes de produzir seus frutos.

O fato de que Jesus os treinou e eles lideraram a pregação do evangelho pós-ressurreição e escreveram dois dos quatro Evangelhos (Mateus e João), um número de Epístolas do Novo Testamento (1 e 2 Pedro e 1, 2 e 3 João) eo Livro de Apocalipse demonstra sua preparação bem sucedida pelo Mestre. Pedro também pode ter influenciado o autor do Evangelho de Marcos, estendendo assim seu envolvimento, embora indiretamente, na redação do Novo Testamento.

JESUS COMO PROFESSOR MESTRE

Os Evangelhos revelam uma série de detalhes significativos sobre Jesus como um professor mestre. A seguir, uma amostragem de observações que podem ser feitas a partir do texto bíblico:

1. Jesus não era um mestre profissional "pago": "Mas você não deve ser chamado rabino, porque você tem um mestre" (Mt 23: 8).
2. Jesus escolheu os seus alunos (mesmo aquele que o traísse): "Não estou falando de todos vós; Eu sei quem eu escolhi. Mas a Escritura será cumprida: "Aquele que comeu o meu pão levantou o seu calcanhar contra mim" (João 13:18).
3. Jesus não estava restrito a um local específico ou único; Ensinou no templo (Mateus 21: 12-13), na sinagoga (Marcos 1:21), numa montanha (Mateus 5: 1), em barcos de pescadores (Lucas 5: 1-11), em um Casamento (João 2: 1-11), em um funeral (Lucas 7: 11-17), em um poço (João 4: 1-26) e em muitos outros cenários.
4. Jesus possuía uma autoridade única: "Ele os estava ensinando como alguém que tinha autoridade, e não como seus escribas" (Mateus 7:29).
5. O currículo de Jesus era seu, embora dirigido pelo Pai: "Não faço nada pela minha própria autoridade, mas falo como o Pai me ensinou" (João 8:28).
6. Jesus compreendeu seus alunos:
   - uma. Ele conhecia suas capacidades plena e precisamente: "Vocês são o mestre de Israel, e vocês não entendem essas coisas?" (João 3:10), e "Ainda tenho muitas coisas para lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora "(João 16:12).
   - B. Ele usou a repetição de forma eficaz, ensinando múltiplas parábolas do reino que repetem as mesmas lições em Mateus 13 ou repetindo referências ao Espírito Santo como o "Ajudador" (João 14:16, 26; 15:26; 16: 7).
   - C. Ele encorajou os estudantes sinceros, instruindo alguns particularmente sobre parábolas (Mateus 13: 36-43) e dando especial atenção a Pedro, João e Tiago em sua transfiguração (Lucas 9: 28-36) e no jardim de Getsêmani (Mt. 26: 37-38).
   - D. Ele assegurou uma atitude correta para com ele mesmo, como em seu ensinamento da mulher samaritana em João 4: 1-26.

E. Ele estabeleceu e manteve boas relações entre os seus discípulos: "Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, que alguém dê a vida por seus amigos "(João 15: 12-13).

7. As qualidades e habilidades pessoais de Jesus mantiveram o controle de classe:
   uma. Ele tinha uma habilidade extraordinária para manter o interesse e a atenção dos alunos: "A grande multidão o ouvia com alegria" (Marcos 12:37); E, "Depois de três dias o encontraram no templo, sentados entre os professores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. E todos os que o ouviram ficaram surpresos com o seu entendimento e as suas respostas "(Lucas 2: 46-47).
   B. Ele possuía grande paciência, autocontrole e autodisciplina, como em seu silêncio diante de seus acusadores, escarnecedores e perseguidores (Mt 26:63; 27: 11-14; Lucas 23: 9).
   C. Ele manteve uma atitude digna: "Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão para João, para ser batizado por ele. João o teria impedido, dizendo: 'Eu preciso ser batizado por você, e você vem a mim?' Respondeu-lhe Jesus: Seja assim agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele consentiu "(Mateus 3: 13-15).
   D. Ele tinha uma capacidade sobrenatural de liderar: "Então Jesus lhes disse claramente: 'Lázaro morreu, e por causa de vós me alegro de não estar lá, para que vocês possam crer. Mas vamos até ele. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse a seus companheiros discípulos: 'Vamos também, para que morramos com ele' "(João 11: 14-16).
   E. Ele corrigiu o pensamento errado, como quando explicou a seus discípulos que eles haviam falhado em reconhecer um alimento maior do que o sustento físico (João 4: 31-38).
   F. Ele usou um olhar eficaz para Pedro quando aquele discípulo pronunciou sua terceira negação de associação com Cristo (Lucas 22:61).
   G. Ele poderia nivelar uma severa repreensão quando necessário: "Mas ele se virou e disse a Pedro: 'Saiam atrás de mim, Satanás! Você é um obstáculo para mim. Pois não vos preocupais nas coisas de Deus, mas nas coisas do homem "(Mateus 16:23).
   H. Ele advertiu sobre as conseqüências: "Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, nunca entrareis no reino dos céus" (Mateus 5:20).
   Eu. Ele exemplificou viver corajoso baseado na convicção bíblica, como quando ele limpou os cambistas do templo (Mateus 21: 12-13) e como quando ele enviou Judas de entre os discípulos (João 13: 27-30).

8. Jesus usou uma variedade de dispositivos literários e comunicativos em seu ensino:
   uma. Ele usou diferentes tipos de dispositivos linguísticas e estilos para uma comunicação eficaz, incluindo simbolismo (Mat. 5:13), paralelismo sinónimo (Mat. 12:30), paralelismo antitético (Mat. 10:39), metáfora (Mat. 15:26), Hipérbole (Mateus 5: 29-30), parábola (Mateus 13) e provérbio (Lucas 4:23). Dispositivos lingüísticos adicionais aparecem na língua original (grego) que tornam os ensinamentos de Jesus inesquecíveis. A assonância e a aliteração são um dos dispositivos linguísticos que nem sempre podem ser reproduzidos na tradução. Matthew 7: 2 fornece apenas um exemplo: “Porque com o juízo com que pronunciar sereis julgados, e com a medida que você usá-lo será usada para medir vocês.” No grego, trigêmeos climáticas memoráveis incorporar as declarações nas mentes de Jesus de Público: *en hō gar krimati krinete krithēsesthe,*
   B. Ele empregou ajudas visuais: "E disse-lhes uma parábola:" Olhe para a figueira, e todas as árvores. Logo que saem em folhas, vocês vêem por si mesmos e sabem que o verão já está perto "'(Lucas 21: 29-30).

C. Ele usou a novidade, como quando enviou alguém para encontrar uma moeda na boca de um peixe pelo qual ele e um outro poderia pagar o imposto do templo (Mateus 17: 24-27).
D. Ele transformou o ambiente de seus alunos em ajudas visuais: "Vocês não dizem: 'Ainda há quatro meses, então vem a colheita'? Eis que vos digo: levantai os vossos olhos, e vede que os campos são brancos para a ceifa "(João 4:35).
E. Ele usou milagres como auxílios visuais, como em sua secura da figueira em Mateus 21: 18-22.
F. O próprio Jesus serviu como um auxílio visual: "Vinde a mim, todos os que trabalham e estão carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, eo meu fardo é leve "(Mt 11: 28-30).

9. Jesus empregou questões como um método de ensino:
uma. Suas perguntas eram um ponto de contato: "Jesus disse a ela:" Mulher, por que você está chorando? Quem você está procurando? "(João 20:15).
B. Suas perguntas suscitaram interesse e pensamento guiado: "O que é mais fácil, dizer, 'Seus pecados são perdoados', ou dizer: 'Levanta-te e anda'?" (Lucas 5:23).
C. Ele sondou com perguntas de exame: "Ele disse a eles, 'Mas quem você diz que eu sou?' "(Mateus 16:15).
D. Ele usou as perguntas feitas pelos seus discípulos: "Então Pedro subiu e disse-lhe: 'Senhor, quantas vezes o meu irmão pecará contra mim, e eu o perdôo? Até sete vezes? "(Mateus 18:21).

Jesus foi, de fato, o Profeta maior do que Moisés (Deuteronômio 18: 15-22, João 1:17, Hebreus 3: 3), o Mestre profético (Isaías 30:20, Mateus 26:18, João 13:13) , E o sábio Pastor que era maior do que Salomão (Ec 12:11, Mateus 12:42). Estas três representações do ministério de ensino do Messias surgem de cada uma das três seções principais da Bíblia hebraica: a Lei, os Profetas e os Escritos. Jesus realmente cumpre o que o Antigo Testamento anunciou a respeito do Messias - não apenas como Profeta, Sacerdote e Rei (ver "Profecias do Antigo Testamento"), mas como Mestre.

PARABLES DE JESUS

Os antigos judeus costumavam usar parábolas como forma de ensinar. Uma parábola consiste no que poderia ser uma analogia longa, mas é lançada na forma de uma história engenhosamente simples e muitas vezes breve retirada da vida cotidiana. Jesus se destacou no uso de parábolas. Suas parábolas "resumem a profundeza clara e poderosa de Sua mensagem e Seu estilo de ensino". Dito isto, vários intérpretes mal interpretam e deturpam o método eo significado das parábolas de Jesus.

Primeiro, Jesus não falou em parábolas apenas para tornar seu ensino acessível às multidões. No início de seu ministério, Jesus empregou muitas analogias gráficas (ver Mateus 5: 13-16) cujo significado era bastante claro no contexto de seu ensinamento. As parábolas exigiram mais explicação (ver Mateus 13:36), e Jesus as empregou para obscurecer a verdade dos incrédulos como um julgamento, ao mesmo tempo em que o tornava mais claro para seus discípulos (Mt 13: 11-12). Em um ponto em seu ministério Galileu, ele começou a falar às multidões apenas em parábolas (Mateus 13:34). O encobrimento de Jesus com a verdade dos incrédulos agiu como juízo e misericórdia. Foi o julgamento porque os manteve na escuridão que eles amavam (ver João 3:19), mas foi misericórdia porque eles já haviam rejeitado a luz,

Tabela 4.6 As parábolas de Jesus

Parábola	**Mateus**	**Marca**	**Luke**

1. A lâmpada debaixo de uma cesta	5: 14-16	4: 21-22	8: 16-17; 11: 33-36
2. Um homem sábio constrói sobre a rocha e um homem insensato constrói na areia	7: 24-27		6: 47-49
3. Unshrunk (novo) pano em uma roupa velha	9:16	2:21	5:36
4. Vinho novo em odres velhos	9:17	2:22	5: 37-38
5. O semeador	13: 3-23	4: 2-20	8: 4-15
6. As ervas daninhas	13: 24-30		
7. A semente de mostarda	13: 31-32	4: 30-32	13: 18-19
8. O fermento	13:33		13: 20-21
9. O tesouro escondido	13:44		
10. A pérola de grande preço	13: 45-46		
11. A rede	13: 47-50		
12. A ovelha perdida	18: 12-14		15: 3-7
13. O servo implacável	18: 23-35		
14. Os trabalhadores na vinha	20: 1-16.		
Os dois filhos	21: 28-32		
16. Os inquilinos maus	21: 33-45	12: 1-12	20: 9-19
17. A festa de casamento	22: 2-14		
18. A figueira	24: 32-44	13: 28-32	21: 29-33
19. As virgens sábias e tolas	25: 1-13		
20. Os talentos	25: 14-30		
21. A semente de cultura		4: 26-29	
22. O capitão em uma viagem		13: 33-37	
23. O mutuante e dois devedores			7: 41-43
24. O bom samaritano			10: 30-37

25. Um amigo em necessidade	11: 5-13
26. O rico tolo	12: 16-21
27. Os servos vigilantes	12: 35-40
28. O servo fiel eo servo mau	12: 42-48
29. A figueira estéril	13: 6-9
30. O grande banquete	14: 16-24
31. Construindo uma torre e um rei fazendo guerra	14: 25-33
32. A moeda perdida	15: 8-10
33. O filho perdido	15: 11-32
34. O gerente desonesto	16: 1-13
35. O homem rico e Lázaro	16: 19-31
36. Os servos indignos	17: 7-10
37. A viúva persistente	18: 1-8
38. O fariseu eo cobrador de impostos	18: 9-14
39. As dez minas	19: 11-27

Segundo, Jesus usou parábolas não porque provaram ser um melhor método de ensino do que discursos didáticos ou exortação sermônica. Na verdade, os quatro evangelhos registram mais discursos (pelo menos quarenta e cinco) do que parábolas (trinta e nove, de acordo com a tabela 4.6).

Jesus empregou uma variedade de métodos para apresentar a verdade proposicional. Ele não ensinou histórias alegóricas com significados ocultos e complexos. A interpretação das parábolas de Jesus deve procurar seu ponto principal, sem complicações. Os elementos menores dentro da narrativa da parábola não devem ser considerados como possuindo algum significado simbólico ou espiritual. Quando o simbolismo de uma parábola tende a ser mais complexo, Jesus geralmente explica o simbolismo para seus ouvintes, para que eles não percam seu ponto principal.

MARCAS DO ENSINO DE JESUS

Um olhar sobre o ministério de ensino de Jesus descobre suas características significativas:

1. *Originalidade* : o *ensinamento de* Jesus foi mais do que um eco dos profetas do Antigo Testamento e dos sábios. Ele disse coisas que Moisés e os profetas não haviam dito - pelo menos não com a clareza com que ele as falava. Seis vezes no Sermão da Montanha Jesus disse: "Ouvistes que foi dito ... Mas eu vos digo ..." (Mateus 5: 21-22, 27-28, 31-32, 33-34, 38 -39, 43-44).
2. *Simplicidade* : Seus ensinamentos eram simples, porque ele usava a linguagem comum e falava no contexto da vida cotidiana. Seu ensino era direto e direto ao ponto: "Quando jejuardes, não fiquem tristes como os hipócritas, pois desfiguram seus rostos para que o jejum seja visto pelos outros" (Mt 6:16).
3. *Profundidade* : a *sabedoria de* Jesus surpreendeu e espantou seus ouvintes (Mateus 13:54, Marcos 6: 2 e Lucas 2:47). Sua sabedoria superou a dos sábios do Antigo Testamento. Não é de admirar que ele tenha dito a si mesmo: "A sabedoria é justificada por todos os seus filhos" (Lucas 7:35), e, "Algo maior do que Salomão está aqui" (Mateus 12:42).
4. *Imagery* : Algumas das fontes para as imagens que Jesus usou em seu ensino incluem os fenômenos naturais (relâmpago, terremoto, tempestades, luz, pores do sol), animais (bois, ovelhas, cães, lobos, pássaros, serpentes) (Espigas, sementes), agricultura (agricultura, oliveiras, vinhas, figueiras, trigo), comércio (alfaiates, pescadores, comerciantes, construtores) e cenários sociais familiares (casamentos, hospitalidade, festas, Jesus era um atento observador da vida humana, juntamente com todos os seus desafios, dores e alegrias.
5. *Praticidade* : A ênfase em ambas as parábolas e discursos recai sobre fazer algo: "Assim é lícito fazer o bem no sábado" (Mateus 12:12); "Pois sempre tendes o pobre com vós, e sempre que quiserdes, podereis fazer o bem por eles" (Marcos 14: 7); "Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a fazem" (Lucas 8:21); "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19); E: "Quem crê em mim também fará as obras que eu faço" (João 14:12).
6. *Autoridade* : Quando Jesus ensinou, ele ensinou com autoridade, não com adivinhação ou com tentativas de ser correto: "Ele estava ensinando-os como alguém que tinha autoridade, e não como seus escribas" (Mateus 7:29). Quando Jesus expulsou os demônios, ele exerceu sua autoridade divina eo povo a reconheceu: "Eles questionaram entre si, dizendo: 'O que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Ele manda até os espíritos imundos, e eles lhe obedecem "(Marcos 1:27). Como Jesus ensinou na sinagoga de Cafarnaum, o povo "ficou maravilhado com a sua doutrina, pois a sua palavra possuía autoridade" (Lucas 4:32).
7. *Finalidade* : De certa forma, este aspecto do ensino do Senhor se relaciona com sua autoridade. Os resultados que ele prediz são inescapáveis e certos: "Aquele que me rejeita e não recebe minhas palavras tem um juiz; A palavra que eu tenho falado o julgará no último dia "(João 12:48).

Como professor mestre, Jesus lidou com perguntas difíceis, demonstrou compaixão e compreensão por seus alunos, silenciou críticos e perturbadores e apontou seus ouvintes repetidamente para a revelação divina. Ele se comunicava com os educados e sem instrução, os ricos e os pobres, a elite e os marginais, os jovens e os velhos. Ele era a encarnação do divino Mestre: "E, ainda que o Senhor vos dê o pão da adversidade e a água da aflição, contudo o vosso Mestre não se esconderá mais, mas os vossos olhos verão o vosso Mestre" (Isaías 30:20) .

Milagres

Jesus provou sua divindade e seu papel como Messias por meio de muitos milagres que ele realizou durante seu ministério terrenal (Mateus 11: 4-5). Um milagre consiste em um ato do poder de Deus pelo qual ele intervém no mundo físico em suspensão e contradição com a lei natural. Em outras palavras, um milagre é um evento sobrenatural dentro do

reino do mundo natural. Os profetas e os apóstolos também fizeram milagres, mas fizeram isso por um poder fora de si mesmos (Êx 14:13, Jos. 3: 5, Atos 3:12). Os milagres de Jesus surgiram por meio de seu poder inerente (João 10:25, 37-38; 15:24). Embora os Evangelhos registrem apenas trinta e sete milagres, listados na tabela 4.7, esses representam a explosão de seu poder divino (Mt 4: 23-24 e João 20: 30-31).

Tabela 4.7 Os Milagres de Jesus

Milagre	**Mateus**	**Marca**	**Luke**	**John**
1. Limpar um leproso	8: 2-4	1: 40-45	5: 12-14	
2. Cura do servo de um centurião (da paralisia)	8: 5-13		7: 1-10	
3. Cura a sogra de Pedro	8: 14-15	1: 30-31	4: 38-39	
4. Curar os doentes à noite	8:16	1: 32-34	4:40	
5. Acalmar a tempestade	8: 23-27	4: 35-41	8: 22-25	
6. Demônios entrando em um rebanho de suínos	8: 28-34	5: 1-20	8: 26-39	
7. Curar um paralítico	9: 2-7	2: 3-12	5: 18-26	
8. Levantando a filha do governante	9: 18-19, 23-25	5: 22-24, 35-43	8: 41-42, 49-56	
9. Cura a mulher com hemorragia	9: 20-22	5: 25-34	8: 43-48	
10. Curando dois homens cegos	9: 27-31			
11. Curar um homem demônio-possuído, mudo	9: 32-33			
12. Curar a mão seca de um homem	12: 9-14	3: 1-6	6: 6-11	
13. Curar um homem endemoninhado, cego e mudo	12:22		11:14	
14. Alimentando os cinco mil	14: 13-21	6: 30-44	9: 10-17	6: 1-15
15. Caminhando sobre o mar	14: 22-33	6: 45-52		6: 16-21
16. Cura da filha da mulher cananéia	15: 22-28	7: 25-30		
17. Alimentando os quatro mil	15: 32-39	8: 1-10		

18. Curar o menino com o demônio	17: 14-20	9: 14-29	9: 37-43
19. Imposto de dois dracmas na boca do peixe	17: 24-27		
20. Cura de dois homens cegos	20: 29-34	10: 46-52	18: 35-43
21. Desaparecendo a figueira	21: 18-19	11: 12-14, 20-25	
22. Expulsar um espírito impuro		1: 23-28	4: 33-37
23. Curar um surdo-mudo		7: 31-37	
24. Cura de um cego em Betsaida		8: 22-26	
25. Escape da multidão hostil			4: 28-30
26. Captura de peixes			5: 1-11
27. Criação do filho de uma viúva em Nain			7: 11-17
28. Cura a mulher aflita e dobrada			13: 10-17
29. Cura o homem com hidropisia			14: 1-6
30. Limpar os dez leprosos			17: 11-19
31. Restaurando a orelha de um servo			22: 50-51
32. Transformar a água em vinho			2: 1-11
33. Curando o filho do oficial real (de febre)			4: 46-54
34. Cura de um homem aflito em Bethesda			5: 1-9
35. Cura do cego de nascença			9: 1-7
36. Criação de Lázaro			11: 1-44
37. Segunda captura de peixe			21: 1-8

Os milagres que Jesus produziu às vezes resultaram em crença (João 2:11; 9: 30-33; 11:45) ou criaram uma disposição nos ouvintes de Jesus para escutar seus ensinamentos (Marcos 12:37, Lucas 5:15). A grande maioria, no entanto, rejeitou Jesus apesar de seus milagres. Milagres não necessariamente convencer as pessoas a crer no Senhor ou em sua mensagem do evangelho (Mateus 13:58, Lucas 16:31, João 2: 23-25, 12:37, 15:24). Aqueles que rejeitaram (e que agora também rejeitam) os seus milagres serão severamente julgados (Mt 10: 1-15; Lucas 10: 1-15).

Os milagres de Jesus Cristo demonstram sua deidade, sua origem sobrenatural, seu poder como Criador e sua autoridade como o Senhor soberano de toda a criação. Seu ministério confrontou a visão de mundo antisupernatural de seu dia e confronta igualmente o mundo atual com a cegueira de vender para o naturalismo uniformista de cientistas seculares. "É impossível remover os elementos sobrenaturais da vida e do trabalho de Jesus, como críticos anti-sobrenaturais tentaram fazer. O Jesus histórico de Nazaré e o divino Cristo estão inseparavelmente ligados, pois são uma só e mesma pessoa. Jesus era e é o Deus-homem ".

O casamento em Caná tornou-se a ocasião para o primeiro e mais memorável exemplo do poder milagroso que Jesus demonstrou durante seu ministério (João 2: 1-11). Jesus ordenou aos servos que encherem grandes poças de pedra (João 2: 7), de modo que as encheram até as suas covas. A grande quantidade de água (120-180 galões) proporcionaria uma abundância de vinho para o resto da celebração do casamento. A transformação de Jesus da água em vinho foi instantânea - os criados distribuíram imediatamente aos convidados. O milagre consistia em criar fora da água não viva um vinho que só poderia vir do fruto de videiras vivas. O processo normal de fermentação, ou envelhecimento, ocorreu instantaneamente. Jesus demonstrou que ele era o mesmo Criador que instantaneamente criou seres vivos maduros fora da terra não-viva durante os seis dias da criação (Gên. 1: 1-31). A negação da criação instantânea em Gênesis 1 deve, para ser consistente, negar igualmente o milagre pelo qual Jesus criou o vinho em Caná. Rejeitar seu milagre em Cana resulta em rejeitar Jesus como o Deus-homem e como o Redentor.

Detenção e julgamentos

Que significado têm a prisão e as provações de Jesus para a doutrina bíblica de Cristo? Essas considerações pertencem mais propriamente a um estudo da vida histórica de Jesus Cristo? O apóstolo Paulo lembra a Timóteo que "toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja completo e preparado para toda boa obra". 3: 16-17). Portanto, os relatos bíblicos da prisão e dos julgamentos de Jesus não podem ser meros dados históricos, mas são uma prova explícita de sua messianidade.

ARRESTAMENTO DE JESUS

A descrição profética do Messias acusado e levado ao julgamento implicava algo como uma prisão (Isaías 53: 8), e ele próprio anunciou sua prisão de antemão (Mateus 17:22; 20:18). Esse cumprimento da revelação prévia demonstra a autenticidade das pretensões de Jesus de ser o Messias. Sua prisão também abate a humanidade caída (os descendentes do primeiro Adão) contra o inocente e sem pecado segundo Adão (Romanos 5: 17-19). Acima de tudo, a prisão revela o plano perfeito de Deus ea obediência voluntária de

Cristo a esse plano, não importando as conseqüências para ele pessoalmente (Mateus 26:39 e Atos 2:23).

As provações de Jesus destacam sua perfeição sem pecado, sua obediência perfeita e a estridente injustiça que prevaleceu do ponto de vista meramente humano em comparação com a misericórdia severa de Deus do ponto de vista divino. Antes de suas provações, os líderes judeus já haviam lançado uma conspiração para "prender Jesus por sigilo e matá-lo" (Mt 26.4). Os líderes religiosos tinham sido picado pelas acusações de hipocrisia de Jesus (Mt 21:45; 23: 1-36) e desejavam acabar com ele, para o assassinar. Seu medo do povo, entre os quais Jesus era muito popular, impediu-os de perseguir um assassinato público (Mateus 21:46). Os líderes estavam tão convencidos de que Jesus era um falso profeta e um blasfemador que aceitaram voluntariamente a responsabilidade pela sua morte (Mt 27:25).

Se somente os judeus eram responsáveis pela morte de Jesus, essa culpa não se aplicaria a todas as pessoas. Portanto, era necessário que os gentios também estivessem envolvidos em sua execução, para que todos pudessem ser responsabilizados. Como Boice e Ryken indicam: "Um rei de Idume, chamado Herodes, entregou Jesus aos romanos. Um governador romano chamado Pôncio Pilatos ordenou que Jesus fosse crucificado. Soldados romanos realizaram ordens de Pilatos, cravando Jesus em uma cruz de madeira e pendurando-o para morrer. Os judeus levaram Jesus a julgamento, mas no final os gentios o mataram ". O testemunho bíblico aparece na oração dos crentes aguardando a libertação de Pedro e João da prisão:" Porque nesta cidade, verdadeiramente, estavam reunidos contra vossos santos Servo Jesus, a quem tu ungiste, tanto Herodes como Pôncio Pilatos, juntamente com os gentios e os povos de Israel "(Atos 4:

O lado divino da prisão, dos julgamentos e da crucificação de Jesus também aparece na mesma oração, que afirma que essas pessoas foram reunidas "para fazerem tudo o que sua mão e seu plano tinham predestinado para acontecer" (Atos 4:28). Como Isaías profetizou: "Todavia foi a vontade do SENHOR esmagá-lo" (Isaías 53:10). De fato, tudo estava de acordo com o plano de precreação do Deus onisciente:

> ... sabendo que fostes resgatados dos caminhos fúteis herdados de vossos antepassados, não com coisas perecíveis como a prata ou o ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem defeito nem mancha. Ele foi conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado nos últimos tempos por amor de vós, que por meio dele são crentes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e deu-lhe glória, para que a vossa fé e esperança estejam em Deus . (1 Pe 1: 18-21)

Deus não tem nenhum "plano B" - tudo ainda está operando pelo seu único plano para sua redenção e reino.

Além de "saber tudo o que lhe aconteceria" (João 18: 4), Jesus no momento de sua prisão forneceu evidência externa adicional de sua deidade. Ele perguntou a quem o grupo de soldados e oficiais do sumo sacerdote procurava, e eles responderam: "Jesus de Nazaré" (João 18: 3-5). Logo que ele se identificou dizendo: "Eu sou ele", "recuaram e caíram no chão" (João 18: 5-6). Por que eles reagiram de tal forma? Não é irracional supor que sua retirada pode ser devido ao seu medo de Jesus dada a sua reputação como um milagre trabalhador. Mas por que todos eles caíam no chão? O poder de sua palavra e de sua presença pode muito bem ter sido devido à maneira em que ele disse: "Eu sou ele." "Ele" não está no grego. A auto-declaração reveladora de Jesus foi simplesmente "Eu sou, "O mesmo título de divindade revelado a Moisés na sarça ardente em Êxodo 3:14. Esta é a última autodeclaração expressa por Jesus durante o seu ministério terreno (veja "As Declarações do Eu Sou" abaixo para uma lista de todas estas declarações no

Evangelho de João. Declarações semelhantes ocorrem apenas três vezes nos outros Evangelhos: Mateus 22:32, Marcos 6:50, 14:62). O poder da palavra falada de Jesus fez com que os soldados e oficiais caíssem no chão diante dele. Até o seu traidor, Judas, caiu. O poder da palavra falada de Jesus fez com que os soldados e oficiais caíssem no chão diante dele. Até o seu traidor, Judas, caiu. O poder da palavra falada de Jesus fez com que os soldados e oficiais caíssem no chão diante dele. Até o seu traidor, Judas, caiu.

As Declarações "Eu Sou"

Vinte e três vezes encontramos o significado do nosso Senhor "eu sou" (*egō eimi*) no texto grego deste *Evangelho* (João 4:26, 6:20, 35, 41, 48, 51, 8:12, 18, 24, 28, 58, 10: 7, 9, 11, 14, 11:25, 13:19, 14: 6, 15: 1, 5, 18: 5, 6, 8). Em vários deles, ele se junta ao seu "Eu sou" com sete tremendas metáforas que expressam sua relação de salvação com o mundo:

"Eu sou o pão da vida" (João 6:35, 41, 48, 51).
"Eu sou a luz do mundo" (João 8:12).
"Eu sou a porta das ovelhas" (João 10: 7, 9).
"Eu sou o bom pastor" (João 10:11, 14).
"Eu sou a ressurreição ea vida" (João 11:25).
"Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14: 6).
"Eu sou a videira verdadeira" (João 15: 1, 5).

Como se isso fosse insuficiente para provar que Jesus é verdadeiramente Deus, um incidente adicional levou o ponto para casa. Quando Pedro puxou sua espada e cortou a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote (João 18:10), Jesus, milagrosamente, voltou a colocá-lo na cabeça de Malco (Lucas 22:51). Além desse milagre físico de cura, Jesus disse: "Você acha que eu não posso apelar a meu Pai, e ele me enviará imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como, então, as Escrituras devem ser cumpridas, para que assim seja? "(Mateus 26: 53-54). O próprio Deus predestinou os mínimos detalhes de como Jesus morreria (Atos 2:23; 4: 27-28). Portanto, morrer foi o consumado ato de submissão à vontade do Pai. Em tudo isso, o próprio Jesus estava no controle absoluto (ver João 10: 17-18).

JESUS'S TRIALS

O Sinédrio . Como é claro nos relatos evangélicos das provações de Jesus,

Ele foi julgado em duas fases gerais: primeiro, diante das autoridades religiosas (o Sanhedrin judeu), e segundo, diante das autoridades políticas seculares (Roma, representada pelo governador Pôncio Pilatos). Cada uma dessas fases tinha três partes: interrogatório preliminar, formal arraignment, e sentença formal. Nenhum dos escritores do evangelho fornece uma descrição abrangente de todos os detalhes e estágios desses ensaios. Uma imagem completa requer que o material de todos os quatro evangelhos seja combinado.

Durante o período entre o Antigo eo Novo Testamento, as autoridades judaicas estabeleceram o Grande Sinédrio em Jerusalém como o mais alto tribunal em Israel. Eles o modelaram depois do conselho dos anciãos que Moisés convocou em Números 11:16: "Então o SENHOR disse a Moisés: 'Reuni-me setenta homens dos anciãos de Israel, que vós sabeis serem os anciãos do povo e oficiais sobre eles E levá-los à tenda da revelação, e que eles fiquem ali com você. "Aqueles setenta homens mais Moisés formaram um conselho de setenta e um anciãos cujo trabalho era governar os israelitas no deserto.

Desde que o conselho de anciãos de Moisés serviu como padrão para o Sinédrio, esse conselho também contou setenta e um membros - compreendendo vinte e quatro principais sacerdotes (os chefes das vinte e quatro divisões sacerdotais, ver 1 Crônicas 24: 4) Seis mais anciãos escolhidos dentre os escribas, fariseus e saduceus. O sumo sacerdote atuou como superintendente e membro votante do Sinédrio, elevando o número para setenta e um. (O número ímpar assegurou que as decisões poderiam ser alcançadas por maioria de votos.)

Na época de Jesus, o Sinédrio se tornara um corpo corrompido e politicamente motivado. Os homens podiam comprar uma nomeação ao conselho com favores políticos e às vezes mesmo com dinheiro. O favoritismo e o partidarismo eram comuns, e a oportunidade política muitas vezes determinava quem subia ao poder ou caísse dele dentro do Sinédrio. Roma exercia o último controle sobre o sumo sacerdócio, porque Roma podia nomear ou depor o sumo sacerdote. Tanto o sumo sacerdote quanto os sacerdotes do templo eram todos saduceus, que negavam abertamente os elementos sobrenaturais do Antigo Testamento. Devido às tensões políticas entre as várias facções do Sinédrio, os cidadãos de Israel, Roma e Herodes, o Sinédrio muitas vezes tomava decisões politicamente motivadas. De fato, além de sua óbvia animosidade religiosa ao ensino de Cristo,

Princípios de Justiça . Apesar da corrupção ubíqua, as regras de evidência e princípios de imparcialidade que tinham sido estabelecidas sob Moisés ainda governavam o sistema de justiça. Essas regras exigiam duas testemunhas credíveis para estabelecer a culpa. O acusado tinha direito a um julgamento público e uma defesa, incluindo o direito de chamar testemunhas e apresentar provas. Para dissuadir alguém de trazer falsos testemunhos contra um acusado, a lei de Moisés estabeleceu o princípio de uma penalidade para falsa testemunha equivalente à pena para um réu culpado (Dt 19.16-19). Portanto, se alguém testemunhou falsamente contra uma pessoa acusada de um crime capital, o próprio testemunho falso poderia ser condenado à pena de morte.

A tradição rabínica acrescentou outra restrição aos casos de pena de morte. O concílio teve que observar um dia inteiro de jejum entre a sentença ea execução do criminoso. Essa exigência não só impediu julgamentos e execuções precipitadas, mas também manteve casos importantes fora do dossiê durante as festas. Depois do dia obrigatório de jejum, os membros do conselho foram novamente vistos para ver se eles haviam mudado de opinião. Os veredictos culpados poderiam assim ser anulados, mas veredictos inocentes não podiam ser revogados.

Todos esses princípios foram estabelecidos para assegurar que os julgamentos fossem justos e misericordiosos. Para manter a equidade, o conselho poderia tentar casos apenas quando uma parte externa tinha trazido as acusações. Se os membros do conselho tinham levado acusações contra o acusado, o conselho inteiro foi desqualificado de tentar o caso. Todas as testemunhas tiveram que dar um testemunho preciso e consistente quanto à data, hora e local do evento em questão. As mulheres, as crianças, os escravos e os mentalmente incompetentes não podiam testemunhar. As pessoas de caráter duvidoso também foram impedidas de ser testemunhas. O conselho teve que presumir o acusado para ser inocente até que alcancem um veredicto culpado oficial. Os julgamentos criminais não deveriam ser convocados à noite, e se um julgamento já estava em andamento quando caiu a noite, tribunal foi recesso até o dia seguinte.

Quase todos esses regulamentos foram abertamente desrespeitados no julgamento de Cristo. Seu julgamento foi injusto e ilegal por praticamente todos os princípios de jurisprudência conhecidos na época. Caifás, o sumo sacerdote e o Sinédrio, converteram o seu conselho numa corte de canguru com o propósito predeterminado de matar Jesus. O julgamento que lhe impuseram foi um ato prolongado de injustiça deliberada, o maior

aborto da justiça na história do mundo. As várias provações de Jesus que levaram à sua execução são resumidas na tabela 4.8 e expostas no que se segue.

Tabela 4.8 Os Julgamentos de Jesus

Ensaios	Passagens das Escrituras	Foco Teológico
PROVAS RELIGIOSAS		
Antes de Anás - uma audiência preliminar sobre os discípulos de Jesus e seu ensinamento	João 18: 12-14, 19-23	Ensino geral
Antes de Caifás e do Sinédrio - a primeira *audiência* formal, encontrando Jesus culpado de blasfêmia e merecedor da morte	Matt. 26: 57-27: 2 (ver também Marcos 14: 53-15: 1, Lucas 22: 54-23: 1, João 18:24)	A divindade de Jesus
JULGAMENTOS CIVIS		
Antes de Pôncio Pilatos , o governador romano - em que os judeus acusam Jesus de sedição, em vez de blasfêmia, mas Pilatos declara-o inocente	João 18: 28-38 (ver também Mateus 27: 2, 11-14, Marcos 15: 1-5, Lucas 23: 1-5)	A humanidade e a realeza de Jesus
Antes de Herodes Antipas , o tetrarca da Galiléia - em que Herodes aparentemente conclui, como Pilatos, que Jesus era inocente da acusação de sedição	Lucas 23: 6-12	A humanidade e divindade de Jesus
Antes de Pôncio Pilatos , o governador romano - em que Pilatos capitula aos judeus e condena Jesus a morrer	João 18: 39-19: 16 (ver também Mateus 27: 15-26, Marcos 15: 6-15, Lucas 23: 13-25)	

Os ensaios religiosos . Jesus foi levado primeiro a Anás, diante de quem enfrentaria seu primeiro julgamento legal (João 18: 12-14). Anás, o sogro de Caifás, havia anteriormente funcionado como sumo sacerdote ca. AD 6-15 (até que o antecessor de Pilatos o tirou de seu ofício sacerdotal). Ele continuou a exercer grande influência sobre o cargo, mesmo depois de seu mandato, muito provavelmente porque os judeus ainda o consideravam como o verdadeiro sumo sacerdote e também porque cinco de seus filhos e seu genro Caifás cada um manteve a posição em momentos diferentes. O julgamento sob Anás consistiu em um exame preliminar (João 18: 12-14, 19-23), provavelmente para dar tempo para o Sinédrio ser apressadamente reunidos. Anás questionou Jesus sobre seus discípulos e seus ensinamentos. **Jesus respondeu apontando que Annas precisava de testemunhas para estabelecer justa causa para fazer um caso contra ele. Um dos oficiais de pé perto de Jesus atingiu Jesus por repreender Annas. Quando Jesus indicou que todos sabiam que ele estava certo sobre a necessidade de testemunhas, ninguém respondeu porque seus oponentes judeus não tinham intenção de oferecer um julgamento justo (João 11: 47-57). Anás o entregou a Caifás e ao Sinédrio (João 18:24).**

Seguiu-se então uma sessão perante o Sinédrio, com Caifás presidindo o conselho formal (Mateus 26: 57-27: 2). O prefeito romano, Valerius Gratus, havia designado Caifás como sumo sacerdote ca. AD 18. Caifás permaneceu no cargo até AD 36, quando, juntamente com Pôncio Pilatos, ele foi removido pelos romanos. Ele tomou uma parte principal neste primeiro julgamento formal e condenação de Jesus. Na residência de

Caifás, os principais sacerdotes (que eram em sua maioria saduceus) e os fariseus haviam se reunido "para prender Jesus com furtividade e matá-lo" (Mateus 26: 3-4). Agora eles se reuniram para julgá-lo. Embora tivessem procurado muitas testemunhas falsas, essas testemunhas não concordaram de forma substancial que justificasse a continuação do julgamento. Jesus manteve seu silêncio, uma vez que as testemunhas obviamente não tinham nada de substantivo a oferecer contra ele - ele não viu necessidade de defesa contra uma exibição tão fraca. Finalmente, Caifás pediu-lhe que declarasse se ele era de fato "o Cristo, o Filho de Deus" (Mateus 26:63). Jesus afirmou a identificação, apelando ao Salmo 110: 1 e Daniel 7:13, que ele cumpriria. Com isso, Caifás rasgou suas roupas e declarou Jesus culpado de blasfêmia, eo conselho expressou sua conclusão, pedindo a sua execução. Estritamente falando, as palavras de Jesus não constituíam blasfêmia ou qualquer irreverência desafiadora para Deus - ele falava a verdade sobre sua divindade. Então, os que o rodeavam começaram a cuspir em Jesus e a golpeá-lo, pedindo-lhe que exercitasse sua suposta deidade, identificando frivolamente aqueles que o haviam golpeado secretamente. Jesus, no entanto,

Os julgamentos civis . Os julgamentos religiosos tinham terminado. O terceiro julgamento ocorreu diante do governador romano, Pôncio Pilatos, abrindo a fase civil das provações de Jesus (João 18: 28-38). Quando Pilatos perguntou às autoridades judaicas por que acusação Jesus poderia ser julgado por ele, eles não mencionaram blasfêmia. Eles indicaram que não tinham autoridade para executá-lo, porque estavam sob a lei romana sobre crimes de capital. Então, deliberadamente, mentiram acusando Jesus de dizer às pessoas que não pagassem impostos a César (Lucas 23: 2, ver 20: 20-25) e de se declararem rei - em outras palavras, acusações de sedição e não de blasfêmia. Pilatos focou-se na segunda das acusações e perguntou a Jesus se ele era "Rei dos Judeus" (João 18:33). Jesus respondeu dizendo que seu reino não era "deste mundo" (João 18:36). **Ele assim estabeleceu o fato de que o reino do Messias se originou não com os esforços dos seres humanos, mas com o próprio Filho do Homem a conquistar poderosa e decisivamente o pecado na vida de seu povo. Na sua segunda vinda, ele conquistaria o maligno sistema mundial e estabeleceria a forma terrena temporária de seu reino. Por enquanto, porém, seu reino não apresentava nenhuma ameaça física ou política a Israel ou a Roma.**

Jesus não negou que ele era rei, mas indicou um propósito mais elevado para sua vinda: "dar testemunho da verdade" (João 18:37). Para um judeu, a declaração de Jesus sobre sua vinda "ao mundo" teria sido entendida como outra reivindicação à deidade. Mas Pilatos era um romano, não um judeu, então ele perdeu este detalhe mais fino. Pilatos continuou com uma pergunta sobre a verdade sobre a qual Jesus falara. Se Jesus respondeu a essa pergunta, os Evangelhos não a revelam. Talvez Pilatos não esperasse uma resposta, já que sua mente já havia sido inventada: ele não encontrou culpa em Jesus digna da morte (João 18:38). Os judeus renovaram suas acusações e seu chamado para a morte de Jesus, mas Jesus manteve seu silêncio, para espanto de Pilatos (Mateus 27: 12-14). Jesus pode ter ficado em silêncio em cumprimento da profecia (Isaías 42: 1-2, 53:

O quarto julgamento de Jesus continuou no campo político com sua aparição diante de Herodes Antipas (Lucas 23: 6-12). Apesar das tentativas desesperadas dos líderes judeus de acusar Jesus, Pilatos estava convencido de que não era insurrecionista. No entanto, a ferocidade do povo o fez temer de exonerar Jesus. Ele ficou aliviado ao ouvir que Jesus era um galileu, porque isso lhe deu uma desculpa para enviá-lo a Herodes (Lc 23: 5-6). Herodes Antipas era um dos governantes judeus designados por Roma sobre quatro distritos de Israel. Antipas era o tetrarca sobre a Galiléia, a casa de Jesus. Herodes tinha chegado a Jerusalém para as festas, e Pilatos aproveitou a oportunidade para libertar-se de um dilema político, enviando Jesus para o seu rival.

Ninguém era mais curioso ou mais ansioso para colocar os olhos em Jesus do que Herodes Antipas, um membro da dinastia Herodiana. Ele havia matado João Batista um ano ou dois antes (Mateus 14: 1-12). O ministério de Jesus abrangeu toda a região da Galiléia, mas as Escrituras nunca mencionam que ele já visitou Tiberíades, a capital de Herodes Antipas. Pode ser que Jesus tenha deliberadamente mantido sua distância de Herodes. Havia rumores de que Herodes também estava procurando matar Jesus. Enquanto está claro que Jesus não foi intimidado por Herodes, ele sabia que ele deve morrer em Jerusalém para que as Escrituras possam ser cumpridas (Lucas 13: 31-33).

Como Cristo diferente deve ter olhado do trabalhador de milagre forte e profético que Herodes esperava ver! Seu rosto já estava gravemente ferido e inchado pelo abuso que ele havia tomado. Spittle e sangue estavam secando em seu cabelo emaranhado. Cansado e fisicamente enfraquecido de uma noite sem dormir, ele se levantou diante de Herodes, atado e sob guarda como um criminoso comum. Herodes viu Jesus em sua plena humanidade, que velou a divindade de Jesus de seus olhos cegos espiritualmente. Jesus se recusou a realizar qualquer milagre para Herodes que pudesse revelar que Jesus era mais do que um homem. Herodes "interrogou-o um pouco, mas não respondeu" (Lucas 23: 9). O Sinédrio ainda perseguia a Cristo, de pé ali perto e gritando veementemente denúncias e acusações contra ele (Lc 23:10). Mas Jesus se recusou a proferir até mesmo uma palavra (veja Mateus 27:

Somente antes de Herodes, ele permaneceu em completo e completo silêncio. Por que isso poderia ser? Em primeiro lugar, Herodes não tinha jurisdição legítima em Jerusalém. Se Herodes pretendia impor qualquer sentença neste caso, Jesus precisaria primeiro ser levado de volta para a Galiléia e posto em julgamento lá. Então Jesus não tinha obrigação legal de responder a ele de qualquer maneira. Mas pode haver outra razão pela qual Jesus se calou. O tratamento de Herodes do precursor de Jesus, João Batista, deixou claro onde ele estava com respeito à verdade de Cristo. Pois Jesus para responder a ele teria sido como dar o que é santo aos cães ou lançar pérolas antes de suínos. Herodes já estava pronto para virar e rasgar Cristo em pedaços (ver Mateus 7: 6). O silêncio era a única resposta adequada em tais circunstâncias.

Pouco tempo depois, Herodes cansou-se de questionar Jesus e decidiu fazer-se dele: "E Herodes, com seus soldados, tratou-o com desprezo e zombou dele. Então, apresentando-o em roupas esplêndidas, ele o enviou de volta a Pilatos "(Lucas 23:11). Lucas acrescenta uma nota de rodapé histórica: "E Herodes e Pilatos tornaram-se amigos entre si naquele mesmo dia, pois antes disto tinham estado em inimizade uns com os outros" (Lucas 23:12). Era uma aliança profana, uma amizade baseada na única coisa que tinham em comum: seu tratamento covarde e desdenhoso de Cristo. Tanto Herodes como Pilatos sabiam que Cristo não representava uma ameaça imediata aos seus interesses políticos. Sua aparência e seu comportamento falavam por si mesmos. Como poderia um tal aparentemente passivo, sereno, Homem frágil - cuja reivindicação à fama era como um professor e um curandeiro - representam qualquer ameaça política para alguém? Era tão claro para Herodes como tinha sido para Pilatos que as acusações do Sinédrio foram fabricadas e mal-motivadas. Mas Herodes felizmente se juntou ao jogo. Ele vestiu Jesus com uma bela túnica, e então ele e suas forças de segurança o submeteram a escárnio diante da crescente multidão de espectadores.

Herodes Antipas devolveu Jesus a Pilatos para o julgamento final (Mateus 27: 15-26, Marcos 15: 6-15, Lucas 23: 13-25, João 18: 39-19: 16). Pilatos anunciou que Herodes e ele tinham encontrado Jesus inocente de qualquer das acusações judaicas de sedição (Lucas 23: 13-16). O governador romano procurou um jeito de libertar Jesus, oferecendo-se para torná-lo o prisioneiro libertado habitualmente libertado na Páscoa, mas os judeus

não o permitiam, chamando Barabbas para ser libertado (Mateus 27: 18-22). Pilatos perguntou aos judeus: "Por que, que mal fez?" (Mateus 27:23), mas insistiram na crucificação de Jesus. Lavando as mãos para simbolizar sua inocência, Pilatos anunciou que os próprios judeus eram culpados do sangue deste homem inocente (Mateus 27:24). O ato final de Pilatos neste drama foi libertar Barrabás, ter Jesus açoitado, E entregá-lo aos verdugos romanos para a crucificação (Mateus 27:26). Grave injustiça perpetrada contra o caráter irrepreensível e sem pecado de Cristo, o Filho do Homem, tornou todos os participantes no julgamento culpado.

A EXECUÇÃO DE JESUS

Sofrimento antes da crucificação . Os soldados romanos não tinham idéia de quem estavam atormentando. No que lhes dizia respeito, estavam simplesmente crucificando outro criminoso sob ordens de Pilatos, seu comandante-em-chefe. As ordens de Pilatos eram flagelar e crucificar Jesus, mas a cruel escárnio que amontoaram sobre ele revelou sua própria maldade. Quando levaram Jesus de volta ao pretório, deliberadamente fizeram um espetáculo dele para a diversão da multidão provocadora. O tumulto atraía toda a guarnição de soldados para vigiar.

A coorte (seiscentos soldados) estava estacionada na fortaleza de Antonio (que negligenciava a montagem do templo a partir do norte). Eles eram uma unidade de elite, designada para servir ao governador e manter a paz tão frágil nesta região mais volátil do Império Romano. Como os judeus estavam isentos do serviço militar, todos esses soldados seriam gentios. Eles provavelmente assumiram que Jesus merecia qualquer ridículo e tormento que pudessem amontoar sobre ele. Condenados prisioneiros romanos foram considerados jogo justo para tal abuso, desde que não foram mortos antes da sentença de crucificação poderia ser realizada.

Jesus já havia sido abusado e espancado repetidamente, mesmo antes de ser entregue a Pilatos, de modo que seu rosto estava indubitavelmente inchado e sangrando já. Depois da flagelação, suas costas teriam sido uma massa de feridas sangrentas e músculos trêmulos, eo roupão que formaram para ele só teria adicionado à dor dessas feridas. Despojaram-lhe as suas vestes, afora o manto que formaram para ele. O roupão era provavelmente feito de uma túnica velha - provavelmente uma peça de roupa que tinha sido descartada por um dos soldados. Mateus diz que a túnica era escarlate (Mateus 27:28), mas Marcos e João a chamavam de "púrpura" (Marcos 15:17, João 19: 2) - sugerindo que era uma túnica mal desbotada. Era provavelmente a coisa a mais próxima ao roxo (significando a realeza) que os soldados poderiam encontrar.

Seu objetivo era claramente fazer uma completa zombaria de sua alegação de que ele era um rei. Com esse fim, eles também formaram uma coroa de espinhos. César usava uma coroa de louro como uma coroa; Espinhos eram uma corrupção cruel daquela coroa de flores. Estes eram sem dúvida os espinhos mais longos e mais nítidos que podiam ser encontrados. Muitas dessas variedades crescem em Jerusalém até hoje - algumas com caniços de duas polegadas que penetrariam profundamente em sua cabeça enquanto a coroa estava pressionada contra ele. A cana em sua mão para representar um cetro era uma tentativa mais adicional de lampoon sua reivindicação real.

O silêncio de Jesus pode convencê-los de que ele era apenas um louco, e eles mostraram seu desprezo total por ele fingindo o tipo de veneração que se mostrava à realeza, curvando-se a seus pés, mas dizendo: "Salve, Rei dos Judeus! Tons zombadores. Então, como os sacerdotes judeus tinham feito, eles cuspiu nele, e um deles tomou a cana de sua mão e usou-o para golpeá-lo repetidamente em sua cabeça. A cana, embora um cetro frágil, teria sido firme o suficiente para infligir grande dor em sua já golpeada cabeça. O apóstolo João registra que eles também o bateram com as mãos (João

19: 3) - provavelmente batendo com as mãos abertas, enquanto o insultava um pouco mais. Mas Jesus permaneceu em silêncio. "Quando ele foi injuriado, ele não insultou em troca; Quando sofreu, não ameaçou, mas continuou confiando-se àquele que julga justamente "(1 Pe 2:23). Jesus sabia que essas coisas eram parte do plano do Pai para ele, então ele as sofreu de boa vontade e paciência. Ele suportou a zombaria, a flagelação, a humilhação ea vergonha:

> Dei as minhas costas aos que atacam,
> E minhas bochechas para aqueles que puxam a barba;
> Eu não escondi o meu rosto
> De desgraça e cuspir.
> Mas o Senhor DEUS me ajuda;
> Portanto, não tenho sido desonrado;
> Por isso tenho o meu rosto como um pederne,
> E sei que não me envergonharei. (Isaías 50: 6-7)

"E, havendo-o zombado dele, tiraram-lhe o manto, vestiram-no e o levaram para o crucificar" (Mateus 27:31). As vítimas da crucificação eram geralmente feitas para usar um cartaz em torno do pescoço em que foi escrito o crime pelo qual foram condenados. Fazia parte da vergonha que foi deliberadamente infligida às vítimas da crucificação (ver Hebreus 12: 2; 13:13). Foram levados pelas ruas e levados a caminhar em procissão pública para maximizar a humilhação do espetáculo. Eles também foram forçados a levar sua própria cruz para o local de execução. Uma cruz romana suficientemente grande para crucificar um homem adulto pode pesar até 200 libras - uma carga extremamente pesada para suportar em qualquer circunstância. Mas para alguém na condição severamente enfraquecida de Jesus, Teria sido praticamente impossível arrastar uma tal carga do Praetorium para o local da crucificação fora dos muros de Jerusalém. De fato, Mateus registra que Jesus precisava de ajuda para carregar a sua cruz: "Ao saírem, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão. Eles compeliram este homem a carregar a sua cruz "(Mateus 27:32).

A última mensagem pública de Cristo foi dada no caminho para o Calvário. Lucas descreve:

> E seguiu-o uma grande multidão do povo e das mulheres que estavam de luto e se lamentavam por ele. Mas voltando-se para eles, Jesus disse: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas chorem por vocês mesmos e por seus filhos. Pois eis que virão dias em que dirão: Bem-aventurados os estéril, e os úteros que nunca levaram, e os seios que nunca cuidaram! Então começam a dizer aos montes: Caem sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos. Pois, se fizerem estas coisas quando a madeira for verde, o que acontecerá quando estiver seco? "(Lucas 23: 27-31)

Parte da mensagem era uma referência a Oséias 10: 8: "Dirão aos montes: Cobri-nos, e aos montes cair sobre nós. "Era uma advertência terrível do desastre a vir. Uma vez que nessa cultura a maternidade era entendida como a mais alta bênção que Deus podia dar a uma mulher, somente a pior espécie de praga ou desastre poderia fazer com que alguém dissesse: "Bem-aventurados os úteros e os úteros que nunca tiveram e os seios que nunca cuidaram ! "(Lucas 23:29).

A árvore verde representava um tempo de abundância e bênção, ea árvore seca representava tempos ruins. Jesus estava dizendo que se uma tragédia como essa pudesse acontecer nos bons tempos, o que aconteceria à nação nos tempos ruins? Se os romanos crucificaram alguém que eles admitiram ser inocente, o que eles fariam com a nação judaica quando se rebelaram? Cristo estava se referindo a eventos que aconteceriam menos de uma geração depois, em 70 dC, quando o exército romano iria sitiar Jerusalém,

destruir completamente o templo e matar milhares e milhares de judeus - multidões deles por crucificação. Cristo havia falado antes do holocausto vindouro (ver Lucas 19: 41-44).

Na mente judaica, a crucificação era uma maneira particularmente execrável de morrer. Era semelhante ao enforcamento em uma árvore que Moisés descreveu em Deuteronômio 21: 22-23: "E se um homem cometeu um crime punível com a morte e é morto, e você o pendurar em uma árvore, seu corpo Não permanecerá toda a noite na árvore, mas o sepultará no mesmo dia, pois um enforcado é amaldiçoado por Deus ". A lei mosaica também exigia que todas as execuções ocorressem fora dos muros da cidade (Números 15:35, ver Heb. 13:12). Os romanos tinham um conceito ligeiramente diferente. Eles se certificaram de que todas as crucificações ocorreram perto de grandes vias, a fim de gerar medo, tornando a pessoa condenada um exemplo público para todos os transeuntes. Assim, a crucificação de Jesus ocorreu fora da cidade, mas em um local de tráfico pesado cuidadosamente selecionado para torná-lo um espetáculo público.

Mateus escreve: "E quando chegaram a um lugar chamado Gólgota (que significa Lugar de uma Caveira), ofereceram-lhe vinho para beber, misturado com fel, mas, quando o provou, não o quis beber" (Mateus 27: 33-34). Marcos 15:23 diz que a substância amarga era a mirra, que age como um narcótico suave. Os soldados podem tê-lo oferecido por seu efeito entorpecente pouco antes que eles dirigissem as unhas através da carne. Jesus cuspiu, porque não queria seus sentidos entorpecidos. Ele tinha chegado à cruz para ser um portador do pecado, e ele sentiria o pleno efeito do pecado que ele carregava; Ele suportaria toda a medida de sua dor. Seu coração ainda estava firme em fazer a vontade do Pai, e ele não anestesiaria seus sentidos antes de ter realizado toda a sua obra.

O vinagre e o fel cumpriram uma profecia messiânica de Salmo 69: 19-21:

> Você sabe minha censura,
> E minha vergonha e minha desonra;
> Meus inimigos são todos conhecidos por você.
> Violações quebraram meu coração,
> De modo que estou em desespero.
> Eu olhei para a piedade, mas não havia nenhum,
> E para consoladores, mas eu não encontrei nenhum.
> Eles me deram veneno para comer,
> E para minha sede me deram vinho azedo para beber.

Crucificação . A intensa vergonha da crucificação foi acompanhada por uma dor física igualmente intensa, e mesmo assim nesse sofrimento incomparável, Cristo proferiu palavras de verdade e graça. Exploramos estas questões abaixo.

As profecias referentes à crucificação . Como discutimos anteriormente, a "cabeça" e o "calcanhar" dos dois protagonistas em Gênesis 3:15 prevêem detalhes importantes sobre o conflito entre a prole de Satanás e a prole da mulher. A promessa em relação à prole vitoriosa ("semente") da mulher envolveu o seu ser ferido no calcanhar. Salmos 22:16 expande esta imagem para incluir as mãos, referindo-se a feridas sofridas em o que parece ser uma execução, feridas que se encaixam o método de crucificação romana do primeiro século: "Eles transpassaram minhas mãos e pés." A Septuaginta grega suporta Esta tradução quase duzentos anos antes de Cristo. O texto hebraico poderia, alternativamente, ler: "Como um leão, minhas mãos e meus pés". No entanto, *Mesmo que a leitura permite feridas que um leão poderia ter causado por morder ou arranhar-ambas as ações podem "furar" mãos e pés. Lucas 24: 39-40 confirma que a crucificação de Jesus deixou feridas em suas mãos e pés: "Veja minhas mãos e meus pés, que sou eu mesmo. Toque-me e veja. Pois um espírito não tem carne e ossos como você vê que eu tenho. E quando ele disse isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. "Salmo 22:16 preserva*

uma profecia sobre a execução do Messias torna-se bastante claro quando repetidos paralelos ocorrem entre os eventos que cercam a crucificação de Jesus, conforme registrado nos Evangelhos e Os eventos descritos no Salmo 22. A Tabela 4.9 identifica os paralelos. Toque-me e veja. Pois um espírito não tem carne e ossos como você vê que eu tenho. E quando ele disse isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. "Salmo 22:16 preserva uma profecia sobre a execução do Messias torna-se bastante claro quando repetidos paralelos ocorrem entre os eventos que cercam a crucificação de Jesus, conforme registrado nos Evangelhos e Os eventos descritos no Salmo 22. A Tabela 4.9 identifica os paralelos. Toque-me e veja. Pois um espírito não tem carne e ossos como você vê que eu tenho. E quando ele disse isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. "Salmo 22:16 preserva uma profecia sobre a execução do Messias torna-se bastante claro quando repetidos paralelos ocorrem entre os eventos que cercam a crucificação de Jesus, conforme registrado nos Evangelhos e Os eventos descritos no Salmo 22. A Tabela 4.9 identifica os paralelos.

O método e os efeitos da crucificação . A crucificação era uma forma de execução que os romanos tinham aprendido com os persas, que desenvolveram um método de crucificar as vítimas empalando-os em um poste, elevando-os assim acima da terra, onde foram deixados para morrer. Na época de Cristo, a crucificação tornou-se o método favorito de execução em todo o Império Romano, e especialmente na Judéia, onde foi regularmente usado para fazer um exemplo público de revoltosos e insurrectos.

O processo exato usado na crucificação de Jesus é uma questão de alguma conjectura. Nenhum dos relatos evangélicos fornece uma descrição detalhada do método usado nele. Depois da crucificação de Jesus, Tomás disse aos outros discípulos: "Se eu não vir nas mãos a marca das unhas, e colocar o dedo na marca dos pregos, e colocar a mão no seu lado, jamais crerei" (João 20:25). De sua observação sabemos que Cristo foi pregado na cruz, em vez de ser amarrado por correias de couro.

Os pregos tinham que ser conduzidos através dos pulsos (não as palmas das mãos) porque nem os tendões nem a estrutura óssea nas mãos poderiam suportar o peso do corpo. Pregos nas palmas simplesmente rasgariam a carne entre os ossos. Pregos através dos pulsos normalmente quebrar os ossos do carpo e rasgar os ligamentos do carpo, mas a estrutura do pulso foi, no entanto, forte o suficiente para suportar o peso do corpo. Como o prego entrou no pulso, que normalmente causam danos graves para o nervo mediano sensorimotor, causando dor intensa em ambos os braços. Os esqueletos recuperados de crucificações do primeiro século preservam a evidência que os pés foram pregados através da estrutura do pé entre o osso do tornozelo eo osso do calcanhar. Isso coincide com a descrição, em Gênesis 3:15, da prole da mulher, sustentando uma ferida no "calcanhar".

Depois que a vítima foi pregada no lugar, vários soldados lentamente elevar o topo da cruz e cuidadosamente deslizar o pé em um poço profundo. A cruz iria cair com um golpe jarring no fundo do buraco, fazendo com que todo o peso da vítima para ser imediatamente suportado pelos pregos nos pulsos e pés. Isso causaria uma dor ossada em todo o corpo, como articulações principais foram de repente torcida fora de sua posição natural. Esse é provavelmente o que Cristo profeticamente mencionou no Salmo 22, que diz: "Eu sou derramado como água, e todos os meus ossos estão fora de junção" (22:14).

A morte normalmente vinha da sufocação lenta. O corpo da vítima pendurava de tal forma que o diafragma estava severamente apertado. Para exalar, ele teria que empurrar para cima com os pés para que o diafragma tivesse espaço para se mover. Em última análise, fadiga, dor intensa ou atrofia muscular tornariam a vítima incapaz de fazer isso e ele finalmente morreria devido à falta de oxigênio. Uma vez que a força ou sentimento nas pernas se foi, a vítima seria incapaz de empurrar para cima para respirar, ea morte iria

ocorrer rapidamente. É por isso que os romanos às vezes quebravam as pernas abaixo dos joelhos, para acelerar o processo (ver João 19:31).

Tabela 4.9 Cronologia da crucificação de Cristo

Tempo	**Escritura do Novo Testamento**	**Evento**	**Salmo 22**
9 horas da manhã	Lucas 23:26	Jesus é conduzido ao Calvário.	
	Lucas 23:33	Jesus é crucificado.	Ps. 22:16
10 horas da manhã	Lucas 23: 34a	Jesus ora: "Pai, perdoa-lhes".	
	Lucas 23: 34b	Os soldados dividem as roupas de Jesus.	Ps. 22:18
	Matt. 27: 39-43	As pessoas arremessam "abusos contra ele, abanando a cabeça".	Ps. 22: 6-8
	Lucas 23:35	Os principais sacerdotes e governantes zombam: "Ele salvou os outros ..."	Ps. 22: 12-13
	Lucas 23:39	Um criminoso zomba, "Salve-se e nós!"	
11 da manhã	Lucas 23:40, 42	O outro criminoso defende: "Jesus, lembre-se de mim ..."	
	Lucas 23:43	Jesus assegura ao criminoso: "Hoje estarás comigo no Paraíso".	
	João 19: 26-27	Jesus diz: "Mulher, eis que teu filho!"	
Meio-dia	Lucas 23:44	A escuridão cobre toda a terra por três horas.	
1 pm	Matt. 27:46	Jesus clama: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"	Ps. 22: 1
	João 19:28	Jesus diz: "Tenho sede".	Ps. 22: 14-15
2 pm	João 19:30	Jesus declara: "Está consumado."	Ps. 22:31
	Lucas 23:46	Jesus ora: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!"	Ps. 22: 19-21
15:00	Matt. 27:51	Um terremoto atinge, e a cortina do templo é rasgada em dois.	
	Matt. 27:52	Túmulos abrem.	

Matt. 27:54	Um centurião exclama: "Verdadeiramente este era o Filho de Deus".	
Lucas 23:48	Uma multidão testemunha o sofrimento de Jesus e bate em seus seios.	
João 19: 31-32	Os soldados quebram as pernas dos dois criminosos.	
João 19:34	Um soldado perfura o lado de Jesus com uma lança.	
Matt. 27: 57-60	Jesus está sepultado.	Ps. 22:15
18:00	O sábado começa.	

A zombaria dos membros do Sinédrio foi uma tentativa desesperada de convencer a si mesmos e a todas as outras testemunhas de que Jesus não era o Messias de Israel. Eles acreditavam que o Messias não poderia ser conquistado. O fato de que Jesus estava pendurado lá morrendo tão desamparadamente era prova, no que lhes dizia respeito, de que ele não era quem ele dizia ser. Então eles se deleitaram em seu triunfo, pavoneando-se e arrogantes entre a multidão de observadores, anunciando a todos, mas a ninguém em particular: "Ele salvou outros; Ele não pode salvar a si mesmo. Ele é o Rei de Israel; Desça agora da cruz, e creremos nele. Ele confia em Deus; Deixe Deus livrá-lo agora, se ele o deseja. Porque ele disse: 'Eu sou o Filho de Deus' "(Mateus 27: 42-43). Se eles tivessem sido o tipo de líderes espirituais que deveriam ser,

Estes eram os líderes espirituais em Israel. Eles tinham tudo a ver com a religião, mas nada a ver com Deus. Eles, portanto, suportaram a maior culpa de todos os que participaram da humilhação de Cristo. Embora eles fingissem sentar-se no assento de Moisés (Mateus 23: 2), eles não acreditavam em Moisés (João 5:46). Embora alegassem ser porta-vozes de Deus, na verdade eram filhos de Satanás (João 8:44).

Como sempre, Jesus não insultou os que o insultavam. Em vez disso, suas únicas palavras sobre seus atormentadores enquanto ele pendurava na cruz eram um apelo suave a Deus por misericórdia em seu favor (Lucas 23:34). Ele havia chegado à cruz voluntariamente, com conhecimento de causa e em submissão obediente a Deus - para morrer pelos pecados dos outros. Embora o abuso e os homens de tortura amontoados sobre ele ascendesse a uma agonia além de sua capacidade de entender, aqueles não eram nada comparado com a ira de Deus contra o pecado que ele levou em seu nome.

Os sete últimos ditos de Jesus na cruz . Como Cristo pendurou na cruz do Calvário, ele falou sete vezes (veja a tabela 4.9). Seus gritos da cruz têm atingido um acorde com os crentes ao longo dos tempos. As últimas palavras proferidas por uma pessoa antes da morte muitas vezes têm significado para seus entes queridos. Aqueles dos lábios de Cristo são incomparáveis em sua riqueza. Os sete poderiam ser apresentados da seguinte forma:

1. Um pedido de perdão: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).
2. Uma promessa de salvação: "Em verdade vos digo que hoje estarão comigo no Paraíso" (Lucas 23:43).
3. Uma provisão para a sua mãe: "Mulher, eis que teu filho! ... Eis a tua mãe!" (João 19: 26-27).
4. Uma petição ao Pai: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46).
5. Um pedido de alívio: "Tenho sede" (João 19:28).

6. Proclamação da vitória: "Está consumado" (João 19:30).
7. Oração de consumação: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lucas 23:46).

As sete palavras de Jesus na cruz são ponderadas com profundo significado teológico que ajuda os crentes a entender melhor a sua pessoa, seu caráter, seu sofrimento e seu trabalho redentor.

1. Um pedido de perdão: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

O perdão divino consiste em que Deus abandona a justa retribuição que os pecadores merecem por seus pecados cometidos contra ele. Jesus sofreu a violência impiedosa nas mãos de homens maus antes e durante sua crucificação. Era seu direito exigir sua punição por seus crimes contra ele. No entanto, Jesus voluntariamente deixou de lado esse direito e escolheu perdoá-los incondicionalmente. Ele os perdoou porque, na sua divindade, sabia muito bem que eles não entendiam completamente quem ele era eo que estavam fazendo.

Como Deus-homem, o perdão de Cristo vem de uma natureza humana compassiva e compassiva combinada com o poder divino, justiça, santidade, misericórdia e graça através de sua divindade (ver Ex. 34: 6-7). Este grito de perdão revela a natureza inexorável do plano soberano de Deus de prover um Salvador cujo sacrifício compraria o perdão que o sangue de touros e cabras nunca poderia fornecer (Hb 10: 3, ver Mateus 26:28, Hb 9: 22). Assim, as primeiras palavras de Jesus da cruz destacam o que ele veio realizar: "a redenção, o perdão dos pecados" (Cl 1:14), para aqueles que se arrependessem (Romanos 2: 4).

2. Uma promessa de salvação: "Em verdade vos digo que hoje estarão comigo no Paraíso" (Lucas 23:43).

O segundo dito da cruz veio como uma resposta ao pedido sincero de um dos criminosos crucificados ao lado de Jesus:

> Um dos criminosos que foram enforcados gritou com ele, dizendo: "Não és tu o Cristo? Salve a si mesmo e a nós! "Mas o outro repreendeu-o, dizendo:" Não temeis a Deus, visto que estais sob a mesma condenação? E nós, de fato, justamente, porque estamos recebendo a recompensa devida de nossas ações; Mas este homem não fez nada de errado. "E ele disse:" Jesus, lembre-se de mim quando você entrar em seu reino. "(Lucas 23: 39-42)

Novamente, como com o primeiro dito, Jesus agiu em seu papel de Deus-homem, exibindo os atributos de ambas as naturezas por meio de sua simpatia humana e compaixão e sua onisciência divina. Ele sabia que as palavras deste homem revelavam um coração verdadeiramente arrependido, ferido de seu próprio pecado e desejando a misericórdia eo perdão do Salvador. A promessa revela a divindade de Cristo em que só Deus pode conhecer o estado do coração eo destino final de qualquer indivíduo. O relato do Evangelho indica que Jesus morreu antes dos dois criminosos - quando os executores quebraram as pernas desses dois homens, eles descobriram que Jesus já havia expirado (João 19: 31-34). Portanto, Jesus fez esta promessa ao criminoso arrependido, sabendo que ele estaria no céu primeiro e cumprimentaria o homem quando ele chegasse.

3. Uma provisão para a sua mãe: "Mulher, eis que teu filho! ... Eis a tua mãe!" (João 19: 26-27).

Um dos episódios mais pungentes que ocorrem durante a crucificação de Jesus encontra Jesus dirigindo-se à mãe que lhe deu sua humanidade (Isaías 49: 1). A profecia de Simeão tinha chegado ao seu fruto amargo:

> E Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: Eis que este menino é designado para a queda e ressurreição de muitos em Israel, e para um sinal que se opõe (e uma espada transpassará também a tua própria alma), para que Os pensamentos de muitos corações podem ser revelados. "(Lucas 2: 34-35)

Na declaração de Jesus aqui, o filho de Maria deu toda sua atenção a ela e sua necessidade de cuidado. Para João, o discípulo mais próximo do coração de Jesus, o Salvador cometeu o cuidado de sua mais preciosa relação terrena - sua mãe. Nisto o homem perfeito demonstrou o cumprimento do mandamento de honrar os pais (Êxodo 20:12, Ef 6: 2-3). Ele deixou para os seus seguidores um excelente exemplo do que ele quis dizer, instruindo-os a priorizar o cuidado com os pais antes de apresentarem seus dons a Deus:

> E por que você quebra o mandamento de Deus por causa de sua tradição? Porque Deus ordenou: "Honra a teu pai ea tua mãe", e "Todo aquele que insulta pai ou mãe certamente morrerá". Mas você diz: "Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe:" O que você ganhou de mim é dado A Deus, "ele não precisa honrar seu pai". Assim, por causa de sua tradição, você anulou a palavra de Deus. Vocês hipócritas! (Mateus 15: 3-7)

Enquanto Jesus deu sua vida completamente como um sacrifício diante de seu Pai celestial, ele se esforçou para não fazer a Palavra de Deus vazia ao não honrar adequadamente a mãe, que exigiu cuidar dela em seus últimos anos. Antes que seu sacrifício fosse concluído, ele cuidara de sua mãe como deveria - um ato ainda mais urgente, já que o silêncio das Escrituras sobre José parece indicar que ele já havia morrido e deixou Maria como uma viúva.

4. Uma petição ao Pai: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46).

Nenhum homem pode compreender plenamente o significado deste grito dos lábios de Jesus. Aqui reside o mistério da união hipostática (ver "Humanidade", p. A presença das trevas (Mt 27:45) simbolizava tanto a perda da luz da comunhão como a realidade do abandono.

O Pai e o Filho não foram separados em seu ser ou em sua essência por meio dessa experiência. A unidade da Trindade permaneceu intacta. A escuridão de três horas ocorreu devido à ira do Pai onipresente que agiu fielmente em seu papel para levar à conclusão do perfeito e substitutivo sacrifício de Cristo.

Alguns intérpretes da Bíblia concluíram que Jesus simplesmente estava recitando as palavras do Salmo 22: 1 neste momento. No entanto, dado que o Salmo 22 é uma profecia ampliada sobre a crucificação, o salmo realmente apresenta uma antecipação profética do coração de Jesus chorar como ele levou os pecados dos eleitos na cruz. Portanto, sua declaração não deve ser tomada simplesmente como uma recitação do salmo ou uma mera identificação com os sofrimentos humanos do salmista.

As dores físicas da crucificação não eram nada em comparação com a ira do Pai derramado sobre Jesus. Em antecipação a este evento, Jesus suava como sangue no jardim de Getsêmani (Lucas 22:44). Todos piores temores da humanidade sobre os horrores do inferno foram realizados por Jesus como ele recebeu a penalidade devida pelos pecados de todos os que acreditam nele. Naquele período de escuridão, de alguma maneira incompreensível, o Pai o havia abandonado. “Embora houvesse certamente nenhuma interrupção no amor do Pai para Ele *como um filho* , Deus, no entanto, se afastaram Dele e abandonaram *como nosso substituto* .”

Este aspecto substitutivo da morte de Cristo não se baseia apenas na sua morte física. Cristo teve de suportar o derramamento da ira absoluta de Deus contra o pecado, a fim de satisfazer completamente a justiça. A verdadeira expiação substitutiva, portanto,

envolveu um sentimento doloroso de estranhamento do Pai, expresso por Cristo em sua petição sincera em Mateus 27:46: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Embora tenha sido temporário, Absorver a ira do Pai era o equivalente completo do inferno.

Este é o sofrimento que Jesus antecipou no jardim de Getsêmani quando orou: "Deixa que este cálice passe de mim" (Mateus 26:39). A "taça" refere-se ao maior de todos os sofrimentos para o perfeitamente impecável Deus-homem - a ira de Deus derramado sobre ele quando ele foi feito para ser uma oferta pelo pecado. Um copo é muitas vezes o símbolo da ira divina contra o pecado no Antigo Testamento (Isaías 51:17, 22, Jeremias 25: 15-17, 27-29, Lam. 4: 21-22, Ezequiel 23: 31- 34, Hab., 2:16). Cristo "levaria os pecados de muitos" (Hb 9:28), e a plenitude da ira divina cairia sobre ele (Isaías 53: 10-11, 2 Coríntios 5:21). Este foi o preço do pecado que ele levou, que ele pagou na íntegra. Seu grito de angústia em Mateus 27:46 refletia a extrema amargura da taça de ira que ele logo receberia.

O sofrimento de Jesus incluiu sua separação temporária do Pai (representada pelas três horas de trevas na cruz) enquanto experimentava a plenitude da ira divina antes de sua morte física. A subseqüente sétima palavra na cruz: "Pai, entre as tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lucas 23:46), exige esta cronologia, uma vez que demonstra a restauração da comunhão eterna porque a separação temporária tinha terminado. Esta seqüência se encaixa na experiência daqueles para quem Jesus morreu - todos estão mortos espiritualmente antes de morrerem fisicamente. Cristo primeiro realizou a vitória sobre a morte espiritual enquanto ainda estava na cruz. Três dias depois, ele seria vitorioso sobre a morte física e eterna quando ele ressuscitou dos mortos.

5. Um pedido de alívio: "Tenho sede" (João 19:28).

Uma única palavra no texto grego, o quinto ditado de Jesus a partir da cruz revela a humanidade dessa experiência - sede física decorrente de intensa exaustão e agonia física. No entanto, este dito muito conciso revela mais do que sua humanidade; Revela seu conhecimento das Escrituras e sua determinação em cumprir tudo o que as Escrituras dizem sobre ele. O salmista tinha escrito: "Por causa da minha sede me deram vinho ácido para beber" (Salmo 69:21). João fez questão de dizer que a declaração de Jesus era "cumprir a Escritura" (João 19:28). E o próprio Jesus descreveu a sede como uma característica dos injustos em sua experiência após a morte (Lucas 16:24). Novamente, além da existência de um inferno eterno, a obra de Cristo na cruz não pode ser totalmente compreendida e apreciada.

6. Proclamação da vitória: "Está consumado" (João 19:30).

O sexto ditado de Jesus da cruz, como o ditado anterior, é apenas uma palavra no texto grego: *Tetelestai!* Seu grito foi triunfante e cheio de significado rico, pois a forma grega implica que o estado de conclusão continuaria. Jesus não se referiu à sua vida terrena como mais; Ele quis dizer que ele havia completado a obra que o Pai lhe tinha dado para realizar. Na verdade, a declaração no Salmo 22:31 é "Ele fez isto" - também apenas uma palavra no hebraico. Jesus celebrou o maior triunfo na história do universo, porque sua obra expiatória estava terminada. Todas as profecias da Escritura referentes à obra redentora do Messias tinham sido cumpridas, e a justiça de Deus estava plenamente satisfeita. O resgate de Sin foi pago na íntegra; O salário do pecado foi estabelecido para sempre para todos os escolhidos de Deus ao longo de toda a história. Tudo o que restava a Cristo para fazer era morrer para ressuscitar dos mortos. Nada pode ser acrescentado à obra consumada de Cristo para a salvação.

7. Oração de consumação: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lucas 23:46).

Cristo dirigiu a sua declaração final da cruz ao Pai, como havia feito no primeiro ("Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem", Lucas 23:34) eo quarto (" Por que me desamparaste? "Mateus 27:46). Estes três eram orações - as orações do Filho do Homem. Em sua humanidade, Jesus viveu como um homem de oração, e ele morreu como um homem de oração (ver Mateus 14:23; 19:13; 26: 36-44; Hb 5: 7).

Cristo morreu como nenhum outro homem já morreu. Em certo sentido, ele foi assassinado pelas mãos de homens ímpios (Atos 2:23). Em outro sentido, o Pai o enviou à cruz e o colocou em sofrimento (Isaías 53:10). No entanto, em outro sentido, ninguém tomou a vida de Jesus. Ele próprio a entregou voluntariamente para aqueles a quem amou desinteressadamente e sacrificialmente:

> Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para que a retome. Ninguém a tira de mim, mas eu a deito por vontade própria. Eu tenho a autoridade de colocá-lo para baixo, e tenho autoridade para retomá-lo. Esse encargo tenho recebido de meu Pai. (João 10: 17-18)

Quando expirou, não houve luta frenética contra os seus carrascos. Nenhuma testemunha observou uma agonia de morte frenética. Sua passagem final para a morte foi um ato deliberado de sua própria vontade soberana. Ele "inclinou a cabeça e entregou o seu espírito" (João 19:30). Simplesmente, silenciosamente, submissamente, ele propositalmente entregou sua vida, no total controle de sua morte.

Morte e Expiação

Os sete ditos na cruz apresentam a morte de Jesus como uma experiência que ele propositadamente e voluntariamente entrou. Como ele morreu é uma coisa; Por que ele morreu é infinitamente mais importante. O fato bíblico é que sua morte foi necessária, determinada desde antes da fundação da terra, e uma necessidade para a salvação dos pecadores.

A MORTE DE CRISTO

A teologia cristã se concentra na obra salvadora de Jesus Cristo em sua morte substitutiva e em sua ressurreição dos mortos. Essas duas verdades formam a mensagem central do evangelho a respeito da salvação. O apóstolo Paulo escreveu:

> Agora, lembrando-vos, irmãos, do evangelho que eu vos preguei, que recebestes, no qual sois, e pelo qual vós estais sendo salvos, se vos apegardes à palavra que vos preguei - a menos que tenhais crido em vão .
>
> Pois eu vos entreguei de primeira importância o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados de acordo com as Escrituras, que foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu Cefas, então para os doze. (1 Coríntios 15: 1-5)

Esses dois elementos principais do evangelho também aparecem na defesa de Paulo diante de Agripa: "Eu estou aqui testemunhando aos pequenos e grandes, dizendo nada além do que os profetas e Moisés disseram que aconteceria: que o Cristo deve sofrer e que, ao ser O primeiro a ressuscitar dos mortos, proclamaria luz ao povo e aos gentios "(Atos 26: 22-23).

O apóstolo Pedro, falando da "salvação de vossas almas" (1Pe 1: 9), esboçou a mesma obra de duas partes de Cristo com relação ao evangelho:

> Em relação a esta salvação, os profetas que profetizaram sobre a graça que deveria ser sua procuraram e inquiriram cuidadosamente, indagando que pessoa ou tempo o Espírito de Cristo neles estava indicando quando ele predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias subsequentes. Foi-lhes revelado que não estavam servindo a si mesmos, mas a vós, nas coisas que agora vos foram anunciadas por meio daqueles que vos anunciaram as boas novas pelo Espírito Santo enviado do céu, coisas nas quais os anjos anseiam olhar. (1 Pe 1: 10-12)

Deve-se notar que "indagar qual é a pessoa ou o tempo" (1Pe 1:11) também pode ser entendido como "indagar qual o tempo ou o caráter do tempo", tornando os aspectos desconhecidos do cumprimento messiânico apenas o momento. Os profetas entenderam que eles falavam sobre o Messias. Os profetas do Antigo Testamento revelaram a pessoa do Messias por meio de uma série de profecias que o ligavam à linhagem de Abraão (Gn 12: 3, ver Gálatas 3: 8), a nação de Israel (Nm 24:17; Ver Mateus 2: 2 e Apocalipse 22:16), a tribo de Judá (Gn 49:10, ver Mateus 1: 2-3, 2: 6, Hb 7:14), o clã de Efrata em A cidade de Belém (Mic 5: 2, ver Mateus 2: 5-6, Lucas 2:11), uma concepção virgem (Isaías 7:14, ver Mateus 1:23), e um ministério para a Galiléia de Os gentios (Isaías 9: 1-2, ver Mateus 4: 12-16). Isaías 53 fornece uma profecia detalhada do ministério do Messias, rejeição, julgamento,

A EXPIAÇÃO DE CRISTO

Revelação do Antigo Testamento sobre Sacrifício . Substituição penal significa que Cristo se deu a si mesmo para sofrer e morrer, trazendo a penalidade completa pelo pecado no lugar de todos os pecadores que Deus salva. Deus preparou a humanidade para o sacrifício expiatório e substitutivo de Cristo, fornecendo instrução precoce sobre o sacrifício. O Antigo Testamento apresenta doze princípios básicos sobre sacrifícios de animais:

1. Só os crentes devem oferecer sacrifícios do Antigo Testamento - crentes que devem ser doutrinados e obedientes (isto é, exibindo um ensino correto e um comportamento correto). Levítico 1: 2-3 e 2: 1 falam de crentes israelitas, enquanto Levítico 17: 8 e 22:18, 25 falam de crentes estrangeiros (Nm 15: 14-16, Isaías 56: 6-8).
2. Os sacrifícios do Antigo Testamento devem ser a demonstração externa de uma fé vital. Sem fé os sacrifícios são inúteis (Heb 11: 4, veja 1 Sam. 15: 22-23, Sl 51: 15-19, Isaías 1: 11-15, Mic. 6: 6-8).
3. Os sacrifícios do Antigo Testamento não salvam do pecado ou perdem pecados. Os sacrifícios levíticos não incluem provisão para remover ou acabar com a natureza pecaminosa de qualquer indivíduo. Os sacrifícios de animais são insuficientes para expiar completa e definitivamente os pecados dos seres humanos - somente uma vida humana pode expiar completamente a vida humana (Levítico 1: 3 com Salmo 49: 5-9, ver Gálatas 3:10 -14, Hebreus 10: 1-18, 1 Pe 1: 18-19).
4. Os sacrifícios do Antigo Testamento não eliminam a punição temporal pelo pecado, especialmente o pecado deliberado e desafiador. Muitos pecados exigem punição capital - nenhum sacrifício animal pode servir para tal pecado (Levítico 24: 10-23, Núm. 15:30). O pecado premeditado e deliberado requer a morte do pecador. Portanto, devido ao padrão do pecado voluntário e deliberado, cada indivíduo encontra-se sob sentença de morte, e devido à universalidade do pecado, reina a morte, como evidenciado pelas genealogias registrando aquelas mortes (Gn 5: 5, 8, 11 , 14, 17, 20, 27, 31). "Morto" como um termo repetitivo fornece o epitáfio para pessoa após pessoa (ver também Gênesis 11:32; 23: 2; 35:19; 50:26). Isso levanta uma correta questão: não há realmente sacrifício para o pecado deliberado? E não há perdão para tal rebelião deliberada?

5. Os sacrifícios do Antigo Testamento têm como principal objetivo a comunhão com Deus. Eles exteriormente simbolizam o perdão pelos pecados, o que trouxe uma reconciliação medida com o Deus de Israel, que mantém o pacto (Êx 29: 42-43; 30:36). De acordo com John Oswalt,

> Embora a punição temporal pelo pecado seja séria e não deva ser descartada, ela não é tão séria quanto a punição espiritual: a alienação de Deus. Isto é o que todo o sistema sacrificial é sobre: tornando possível para os seres humanos pecadores ter comunhão com um Deus santo. Os sacrifícios não mitigam os efeitos temporais do pecado, então o que eles fazem? Eles lidam com os efeitos espirituais do pecado; Eles se dirigem às verdades de que a alma que pecará morrerá (não apenas fisicamente, Ezequiel 18: 4, 20), e que não há perdão para o pecado além do derramamento de sangue (Levítico 17:11, Hebreus 9: 22).

6. Os sacrifícios do Antigo Testamento declaram, enfatizam e magnificam o pecado e suas conseqüências (Rm 3: 19-20, 5:20, 7: 5-11, Gálatas 3: 21-22).
7. Os sacrifícios do Antigo Testamento declaram, enfatizam e magnificam a santidade, a justiça, o amor, a graça, a misericórdia ea soberania de Deus (Salmo 119: 62, Neemias 9:13, Mateus 23:23, Romanos 7:12). A combinação dessas duas declarações sobre o pecado eo caráter de Deus expressa a dupla função do sacrifício no Antigo Testamento. Por um lado, o pecado é essencialmente "theofugal" - leva a humanidade *longe de Deus* . Por outro lado, o sacrifício, que por seu sangue exibe a natureza terrível e conseqüências do pecado, é teocêntrico, voltando a atenção dos pecadores *para Deus* . Eles começam a ver os efeitos de seu pecado em Deus. Seu pecado é inimizade contra Deus, alienando-os de Deus e provando sua rebelião contra a autoridade e o caráter divinos.
8. Os sacrifícios do Antigo Testamento demonstram que a legislação Mosaica oferece ao crente do Antigo Testamento nenhum acesso independente a Deus (Hebreus 9: 8-10).
9. Os sacrifícios do Antigo Testamento demonstram que o desejo de Deus em relação às ofertas de seu povo (doação) não excede sua capacidade normal. Os objetos de sacrifício (gado, ovelhas, cabras, pombas, farinha, óleo, vinho e incenso) estão todos imediatamente disponíveis para o indivíduo israelita. Deus não exige que seu povo traga algo exótico ou além de seus meios normais. Ele não exige que eles se estendam até o ponto de desconforto financeiro ou desastre (ver 1 Coríntios 16: 2, 2 Coríntios 8-9).
10. Os sacrifícios do Antigo Testamento enfatizam o ministério do sacerdócio (Levítico 1: 9, 2: 8, 4:20, 6: 6, Hebreus 5-10, 1 Pedro 2: 5).
11. Os sacrifícios do Antigo Testamento envolvem o reconhecimento da aliança de Deus com seu povo (Levítico 2:13, Salmo 50: 5, 16).
12. Deus comanda sacrifícios do Antigo Testamento em parte para sustentar o sacerdócio. A comunidade da aliança fornece para aqueles que ministram (Levítico 7: 34-35, Ne 13: 5, Mal. 3: 8-10).

Em resumo, esses doze princípios fornecem evidências de que os sacrifícios lidam principalmente com a adoração corporativa. Eles são corporativos no sentido de que os crentes do Antigo Testamento trazem oferendas publicamente para o santuário, onde os sacerdotes participam dos rituais acompanhantes. Benefícios dos sacrifícios podem ser pessoais ou individuais, mas não há sacrifício privado. O cordeiro da Páscoa pode parecer privado, uma vez que envolve uma casa, mas os transeuntes podem ver o sangue nos batentes na entrada da casa - e o cordeiro pode ser compartilhado com um vizinho (Êxodo 12: 4). Os sacrifícios do Antigo Testamento são confessionais, porque demonstram fé arrependida em Yahweh e obediência a seus estatutos e leis. Ao oferecer sacrifícios, o crente do Antigo Testamento identifica-se externamente com o Deus da aliança e seu povo da aliança. Essa demonstração exterior deve ser o resultado da fé verdadeira. No

entanto, quando essa fé iniciadora está ausente, o sacrifício é inútil - um gesto vazio, desprovido de qualquer valor espiritual (isto é, uma falsa confissão). Deus odeia o falso sacrifício e não pode aceitá-lo como adoração verdadeira (ver 1 Samuel 15:22, Sl 50: 7-15, Is 1: 13-15).

Com estes princípios em mente, o leitor pode considerar como o Antigo Testamento lida com sacrifícios de substituição penal. O carneiro fornecido pelo "anjo [mensageiro] do SENHOR " como um substituto de Isaac em Gênesis 22: 1-14 ilustra a doação de uma vida como um substituto. Eugene Merrill oferece um tratamento excelente em seu volume sobre a teologia do Antigo Testamento, onde afirma que a própria morte de Isaque "foi decretada por meio de um substituto, um animal cuja morte literal proporcionou plena satisfação às exigências de Deus".

Revelação do Antigo Testamento sobre o Sacrifício Substitucional de Cristo . Os diferentes sacrifícios descritos e ordenados no livro de Levítico forneceram a Israel a instrução de Deus a respeito da natureza do sacrifício e ajudaram a prepará-los para a necessidade do sacrifício substituto do Messias pelo pecado. A Tabela 4.10 identifica algumas das lições que Deus queria que seu povo aprendesse com os sacrifícios no Antigo Testamento. A Tabela 4.11 compara o próprio sacrifício de Jesus Cristo aos sacrifícios sob a legislação mosaica.

Para entender a relação do sistema sacrificial do Antigo Testamento com a pessoa do Messias, vários textos-chave devem ser examinados mais de perto. O mais significativo destes textos é Êxodo 12 (a festa da Páscoa), Levítico 16 (o Dia da Expiação) e, talvez o mais importante de tudo, Isaías 52: 13-53: 12. A Páscoa e o Dia da Expiação representam duas das principais festas religiosas no calendário de Israel, todas as quais introduzem conceitos envolvidos na pessoa e no trabalho do Messias (ver tabela 4.12).

Êxodo 12: A Páscoa . Ao concluir as pragas imediatamente antes do êxodo de Israel do Egito, Deus instituiu a observância da Páscoa em que o cordeiro da Páscoa serviu como um sacrifício substitutivo para os filhos primogênitos dos israelitas. Em Êxodo 12: 3, o Senhor instrui Moisés a respeito do sacrifício do cordeiro da Páscoa: "Cada um tomará um cordeiro segundo as casas de seus pais, um cordeiro para uma casa". A expressão "para uma família" pode significar substituição. Na verdade, o sacrifício parece prevenir a pena de morte para aqueles que estão dentro da casa - especialmente os filhos primogênitos. Embora o cordeiro signifique substituição, o texto não afirma que o sangue expia ou expia o pecado; Só protege e preserva a casa do juízo temporal.

Tabela 4.10 Cristo nas Ofertas Leviticas

Oferta	**Passagens das Escrituras**	**Provisão de Cristo**	**Caráter de Cristo**
Oferta queimada	Lev. 1: 3-17; 6: 8-13	Expiação	A natureza sem pecado de Cristo
Oferta de cereais	Lev. 2: 1-16; 6: 14-23	Dedicação / consagração	Cristo foi totalmente dedicado aos propósitos do Pai
Oferta de paz	Lev. 3: 1-17; 7: 11-36	Reconciliação companheirismo	/Cristo estava em paz com Deus
Oferta pecaminosa	Lev. 4: 1-5: 13; 6: 24-30	Propiciação	A morte substituta de Cristo
Oferecimento de violação	Lev. 5: 14-6: 7; 7: 1-10	Arrependimento	Cristo pagou tudo por redenção

Tabela 4.11 Sacrifícios do Antigo Testamento Comparados ao Sacrifício de Cristo

Levítico	Passagens das Escrituras	Hebreus
Antiga aliança (temporária)	Heb. 7:22; 8: 6, 13; 10:20	Nova aliança (permanente)
Promessas obsoletas	Heb. 8: 6-13	Melhores promessas
Uma sombra	Heb. 8: 5; 9: 23-24; 10: 1	A realidade
Sacerdócio Aarônico (muitos)	Heb. 6: 19-7: 25	O sacerdócio melquisedequiano (um)
Sacerdócio pecador	Heb. 7: 26-27; 9: 7	Sacerdote sem pecado
O sacerdócio de morte por morte	Heb. 7: 16-17, 23-24	Para sempre sacerdócio
Sacrifícios diários	Heb. 7:27; 9:12, 25-26; 10: 9-10, 12	O sacrifício de uma vez por todas
Sacrifícios de animais	Heb. 9: 11-15, 26; 10: 4-10, 19	Sacrifício do Filho de Deus
Sacrifícios contínuos	Heb. 10: 11-14, 18	Sacrifícios não mais necessários
Um ano de expiação	Heb. 7:25; 9:12, 15; 10: 1-4, 12	Propiciação eterna

Tabela 4.12 Cristo Cumpre as Festas de Israel

As Festas (Levítico 23)	Cumprimento de Cristo
Páscoa (março / abril)	Morte de Cristo (1 Coríntios 5: 7)
Pães ázimos (março / abril)	A ausência de Cristo (1 Coríntios 5: 8)
Primeiros frutos (março / abril)	Ressurreição de Cristo (1 Coríntios 15:23)
Pentecostes (maio / junho)	Efusão do Espírito de Cristo (Atos 1: 5 e 2: 4)
Trombetas (Setembro / Outubro)	O recolhimento de Israel por Cristo (Mateus 24:31)
Expiação (Setembro / Outubro)	Sacrifício substituto por Cristo (Romanos 11:26)
Estandes (Setembro / Outubro)	Descanso e reunião com Cristo (Zc 14: 16-19)

Em Êxodo 12:12, o Senhor diz que executará o juízo como ele passa pela terra do Egito. Os israelitas que seguem as instruções e aplicam o sangue do cordeiro abatido aos batentes de suas casas, escaparão a esse julgamento (Êxodo 12:13, 23, 27). E os israelitas obedientes realmente escapam à morte (Êxodo 12:30). O que os israelitas fizeram que mereciam a morte? Por que eles estariam sujeitos à morte e ao juízo como os egípcios? Dois textos ajudam a explicar o assunto. Êxodo 12:12 indica que a morte do primogênito do Egito trouxe juízo contra os deuses dos egípcios. Ezequiel 20: 4-10 revela que os israelitas adoravam ídolos enquanto estavam no Egito (esp 20: 7-8), uma realidade Josué 24:14 confirma: "Agora, pois, temei ao SENHOR e servi-o com sinceridade e fidelidade. TIRAI OS DEUSES QUE OS VOSSOS PAIS SERVIRAM ALÉM DO RIO E NO EGITO, E SERVEM AO SENHOR . "Na verdade, a idolatria israelita no Egito faz com que o Senhor responda com ira e derrame juízo sobre eles (Ezequiel 20: 8). Assim como os egípcios, os israelitas ficam sob a sentença de morte. Que surpresa que prova ser para os israelitas, que estão confortáveis com a seqüência precedente de nove pragas,

desde que os egípcios são os que sofrem. Mas os israelitas haviam pecado como os egípcios e, portanto, na décima praga Deus revela os pecados do seu povo, bem como a sua provisão para a sua salvação. Os julgamentos de Javé sobre os deuses do Egito provam que só ele pode livrar um do pecado da pena de morte. O Salmo 49 ensina a mesma verdade, mas enfoca a humanidade sendo incapaz de reunir tal libertação - somente Deus pode fornecer o pagamento "resgate" que ele requer (Salmo 49: 7-9, 15). Como Merrill salienta com referência ao Salmo 49: 14-15, "Este vislumbre da imortalidade, se não a ressurreição, marca um ponto alto da revelação do Velho Testamento com respeito à questão do estado dos justos após a morte e no futuro. "

Ao oferecer o sacrifício da Páscoa, o Senhor graciosamente dispensa os israelitas culpados por meio do sangue sacrificial de animais e preserva sua própria santidade cumprindo suas promessas de libertar seu povo do Egito (Ex 12: 12-13, veja Levítico 22: 32-33). Segundo Leon Morris, "O óbvio simbolismo é que uma morte ocorreu, e esta morte substitui a morte do primogênito". Bruce Waltke concorda, descrevendo o cordeiro da Páscoa como "substitutivo e propiciatório. Isso *anula* a ira de Deus contra o povo pecador porque *satisfaz* a *santidade de* Deus ". Mais uma vez, é evidente que a ira divina sobre os pecadores se relaciona com o aspecto de penalidade da substituição penal. O Novo Testamento confirma a natureza substitutiva do sacrifício da Páscoa. Em 1 Coríntios 5: 7, Paulo, no mínimo, Traça uma analogia entre a natureza substitutiva do cordeiro da Páscoa ea morte sacrificial de Cristo na cruz. Assim, não é surpresa ver que Jesus foi crucificado durante a Páscoa (Mateus 26: 2).

Levítico 16: O Dia da Expiação . Merrill Unger apresenta a seguinte visão geral dos três primeiros livros da Torá: "Gênesis é o livro dos primórdios, Êxodo o livro da redenção, e Levítico o livro da expiação e uma caminhada santa. No Gênesis vemos o homem arruinado; No Êxodo, o homem redimido; No Levítico, o homem purificado, adorando e servindo. "Levítico fala de mais do que apenas purificação para os pecadores e preparação para a adoração. Ele descreve como pessoas pecadoras podem entrar na presença do Deus santo. Levítico lida com a relação espiritual da humanidade com Deus por meio de rituais sacrificais que prefiguram a morte expiatória de Cristo. Alguns referem-se a Levítico como o berço da teologia do Novo Testamento. Por um lado, *O tema da santidade de Levítico revela a má notícia de que a santidade de Deus não pode permitir que seres humanos pecaminosos tenham acesso a ele. Por outro lado, no entanto, Levítico apresenta a boa notícia de que Deus fornece um meio para os pecadores serem aceitos e entrar na sua presença através de sacrifícios.*

De todos os sacrifícios e festivais, o Dia da Expiação excede todos os outros em seu significado para a relação de Israel com Javé. O cenário histórico de Levítico é encontrado no julgamento de Deus sobre os sacerdotes Nadabe e Abiú (Levítico 10: 1-20) - um amplo lembrete da santidade de Deus e sua incompatibilidade com a pecaminosidade humana. A ênfase recai, portanto, sobre a necessidade de expiação, mesmo para os pecados dos sacerdotes. Se os sacerdotes estão contaminados, não podem mediar entre o povo e Deus. Sem mediadores, os israelitas pecaminosos não podem se aproximar da presença de Deus, ea presença de Deus não pode continuar a residir no meio deles.

O "bode expiatório" (Levítico 16: 8-10) simboliza a remoção do pecado da presença da glória de Deus no meio de seu povo (ver Salmo 103: 12, Mic 7:19). "Bode expiatório" (tradução de William Tyndale do termo hebraico *'azazel*) não é mencionado novamente no Antigo Testamento ou no Novo Testamento. No Dia da Expiação, tanto o bode expiatório quanto o outro bode foram suficientes como oferta pelo pecado (Levítico 16: 5). Alguns intérpretes vêem uma alusão ao bode expiatório em Isaías 53: 6 e Hebreus 13:12. *"Azazel* é mais provável uma referência geral para o deserto para que a cabra foi banido. Bons argumentos podem ser feitos para tomar o termo hebraico como

significando "remoção". Qualquer que seja o significado, não altera materialmente a natureza essencial do ritual.

A descrição de colocar as mãos sobre a cabeça do bode (Levítico 16: 21-22) representa a transferência dos pecados de Israel para o bode vivo. Ele serve como seu substituto - condenado a morrer no deserto, isolado de Israel. O bode expiatório carrega sobre ele "todas as iniqüidades" dos israelitas (Levítico 16:22). Além disso, Levítico 16:24, 29-34 indica que todo o ritual proporciona expiação pelos pecados dos sacerdotes, bem como pelo povo. Snaith, discutindo os pontos de vista de Rabi Ismael, menciona que "em todos os casos de pecado deliberado, o Dia da Expiação, no máximo, combina com o arrependimento para suspender o castigo, mas nunca é eficaz mesmo para isso e ainda menos para expiação". Certo sentido em que Rabi Ismael está correto. Paulo escreveu que Deus mostrou a Jesus Cristo "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé. Isto era para mostrar a justiça de Deus, porque em sua paciência divina ele tinha passado sobre os pecados anteriores "(Romanos 3:25). O Dia da Expiação antecipou o sacrifício propiciatório do Messias pelo seu sangue. Assim, tendo planejado exatamente assim (ver Hebreus 9:26, 1 Pe 1: 18-21, Apocalipse 13: 8), Deus poderia suspender a pena à luz de sua remoção final e completa através do perfeito e completo Cristo expiação. A suspensão da pena temporal aplica-se igualmente ao crente e ao incrédulo em Israel, porque o "período de graça" envolve os benefícios temporários da substituição remota, em comparação com a aplicação permanente e plena da substituição íntima após a morte de Cristo. O Dia da Expiação antecipou o sacrifício propiciatório do Messias pelo seu sangue. Assim, tendo planejado exatamente assim (ver Hebreus 9:26, 1 Pe 1: 18-21, Apocalipse 13: 8), Deus poderia suspender a pena à luz de sua remoção final e completa através do perfeito e completo Cristo expiação. A suspensão da pena temporal aplica-se igualmente ao crente e ao incrédulo em Israel, porque o "período de graça" envolve os benefícios temporários da substituição remota, em comparação com a aplicação permanente e plena da substituição íntima após a morte de Cristo. O Dia da Expiação antecipou o sacrifício propiciatório do Messias pelo seu sangue. Assim, tendo planejado exatamente assim (ver Hebreus 9:26, 1 Pe 1: 18-21, Apocalipse 13: 8), Deus poderia suspender a pena à luz de sua remoção final e completa através do perfeito e completo Cristo expiação. A suspensão da pena temporal aplica-se igualmente ao crente e ao incrédulo em Israel, porque o "período de graça" envolve os benefícios temporários da substituição remota, em comparação com a aplicação permanente e plena da substituição íntima após a morte de Cristo.

O ritual do Dia da Expiação indica o aspecto penal da substituição de forma explícita ou implícita? A palavra Hebrew para “resgate” (*koper*) representa o conceito de “substituto”, porque descreve que os meios pelos quais o mal ou culpa é transferido e, assim, eliminado. O termo tem esse significado nas seguintes situações:

- a lei do censo em que o resgate evita a pena de peste quando a lei é violada (Êx 30: 12-16)
- leis sobre homicídio em que a morte é a penalidade pelo crime (Números 35: 31-33, Deuteronômio 21: 1-9)
- a questão dos levitas que guardam a santidade do santuário para evitar a ira, a praga e a morte na congregação (Números 1:53; 8:19; 18: 22-23; compare-os com o caso de Finéias em 25.11; Salmos 106: 30-31)
- a incapacidade de Babilônia de resgatar-se do juízo divino (Isaías 47:11, ver Salmo 49: 7-9)
- o significado expiatório do sangue do sacrifício (Levítico 17:11)

Assim, o uso do termo *koper* como "resgate" relaciona-se explicitamente com a substituição e a pena.

O Dia da Expiação representa a observância central do sistema sacrificial no livro de Levítico. Ele enfatiza, mais do que qualquer outra observância judaica, a santidade de Deus ea pecaminosidade de seu povo. Para Israel, o Dia da Expiação forneceu purificação simbólica ou purificação para que eles pudessem ter acesso ao culto a Javé. Portanto, o Dia da Expiação fornece um símbolo da verdadeira expiação pelo Senhor Jesus Cristo (Hebreus 8-10). O ponto principal de Hebreus (ver Heb 8: 1) está em contraste direto com o ponto principal da lei mosaica (ver Hb 9: 8). Em resumo, o Dia da Expiação temporal e temporariamente *expiou* os pecados da nação, *limpou* o santuário da poluição causada por esses pecados, e *removido* os pecados da comunidade, Para que Deus aceitasse sua adoração. Esta não era a salvação pessoal, que sempre foi pela fé somente (Romanos 4:13).

Isaías 52: 13-53: 12: O sacrifício do servo sofredor . Este é verdadeiramente o primeiro Evangelho, seguido pelos outros quatro no Novo Testamento. Revela setecentos anos antes de sua vinda a vida ea obra do único e verdadeiro Sacrifício perfeito que realmente tirou o pecado. Isaías primeiro descreve os sofrimentos do servo de Javé, cujas tristezas e tristezas não são suas. Esse fato identifica os sofrimentos do servo como substitutivos: "Certamente ele suportou nossas enfermidades e levou nossas dores" (Isaías 53: 4). A imagem substitutiva de Isaías 53: 6- "O SENHOR colocou sobre ele a iniqüidade de todos nós" - é tirada diretamente de Levítico 16. Os elementos vicários nos sofrimentos de Cristo em sua morte se relacionam bastante com os elementos substitutivos em Isaías 52: 13-53: 12. Segundo, *A linguagem de Isaías 53 claramente inclui o aspecto penal (ver 53: 5, "perfurado ... esmagado ... chastisement ... feridas"). Terceiro, referências chaves do Novo Testamento incluem um aparente eco de Isaías 53, como em Mateus 26:28: "Porque este é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para o perdão dos pecados" (ver também Rm 8). : 3, Gálatas 1: 4, Heb. 5: 3, 10: 8, 18, 26, 13:11, 1 Pedro 3:18, 1 João 2: 2, 4:10).*

O servo de Yahweh voluntariamente levou o castigo pelas iniqüidades de "muitos". Sua morte sacrificial não ocorreu por algum tipo de abuso ou ação forçada. Em vez disso, decidiu propositadamente, aceitou e submeteu-se ao seu sofrimento. Isaías 53:10 ("quando sua alma faz uma oferta por culpa") e 53:12 ("derramou sua alma até a morte") fazem o mesmo ponto a respeito do sacrifício voluntário do servo. Eugene Merrill afirma que o próprio profeta compreendeu o que estava escrevendo:

> Pela reflexão sobre sua pessoa e experiência, tornou-se claro para o profeta que este servo do Senhor sofria vicariamente por nós, isto é, para Israel e, por extensão, para o mundo inteiro (vv 4-6). Surpreendente de tudo, o que ele fez foi em conformidade com a vontade de Deus que, por meio da morte do servo e subseqüente ressurreição (assim implicitamente em vv 10b-11a), justificará pecadores com base no papel substitutivo do servo (v 11b). Então, finalmente, no tempo de Deus, ele reinará triunfante, tendo ganhado a vitória sobre o pecado ea morte (v. 12).

Na verdade, o servo de Yahweh cumpre todos os requisitos para ser um sacrifício substitutivo: (1) identificação com pecadores condenados ("pela transgressão do meu povo", Isaías 53: 8), (2) sendo irrepreensível e sem mancha ou mancha 53: 9, "o justo", 53:11), e (3) ser aceitável a Yahweh ("era a vontade do SENHOR para esmagá-lo", 53 : 10).

No ritual do Dia da Expiação, o bode expiatório não poderia ser abatido como um sacrifício porque carregava os pecados de Israel, tornando-o assim impuro. Se o servo do Senhor fosse um simples ser humano (o próprio profeta ou mesmo a nação de Israel), o mesmo problema surgiria. Esta é uma razão pela qual as pessoas pecaminosas não podem servir como resgate ou preço de expiação para qualquer outra pessoa (ver Salmo 49: 7-9). Tais verdades reveladas tornam necessário que o servo de Yahweh em Isaías 53 seja

alguém que não pode ser contaminado mesmo carregando ou levando os pecados de muitos - em outras palavras, ele deve ser uma pessoa da Divindade. A morte de Cristo corresponde ao ritual do bode expiatório, porque Jesus (1) levou os pecados do povo (2 Coríntios 5:21, ver Gálatas 3:13, Hebreus 9:28, 1 Pedro 2:24) e (2) morreu fora do acampamento (Hb 13:12, ver Mt 21:39, Lucas 20:15, João 19:17).

Também deve ser observado que a frase "pela opressão e julgamento" (ou "justiça", Isaías 53: 8) refere-se ao aspecto judicial da pena que o servo tinha. As traduções variam de acordo com a linha "quando sua alma faz uma oferta por culpa" (53:10). O servo do Senhor se torna uma oferta pela culpa, um sacrifício que carrega o pecado e que imputa a justiça. Por que o profeta identifica o sacrifício do servo de Yahweh como uma oferta pela culpa (*'asham*)? Poderia referir-se geralmente a qualquer sacrifício expiatório. David Baron distingue entre a oferta pela culpa e a oferta pelo pecado, da seguinte maneira: "Enquanto a oferta pelo pecado *visava* o estado *pecaminoso do ofertante* , a oferta pela culpa foi designada para *enfrentar transgressões reais* , o fruto do estado *pecaminoso* . A oferta pelo pecado apresentou propiciação, A oferta da culpa apresentou satisfação ". A satisfação refere-se ao fato de que Cristo pagou pelos eleitos toda a dívida pecaminosa devida a Deus. A oferta de culpa envolve pecado não intencional (Levítico 5: 15-19) e pecado intencional (como roubo ou fraude, Levítico 6: 1-5; 19: 20-22). Uma vez que a maioria dos sacrifícios lida apenas com pecados involuntários, qualquer sacrifício expiatório em última instância deve ir além desses sacrifícios para proporcionar expiação por pecados intencionais. Isso responde à pergunta anterior sobre a disponibilidade do sacrifício para o pecado deliberado. Sim, o sacrifício perfeito do servo cuida do pecado deliberado e proporciona perdão para a rebelião planejada. Além disso, a oferta de culpa, em vez de purificação, santifica; Ele reconstitui Israel como uma nação santa, restaurando o povo à terra e ao seu Deus.

Motyer resume o versículo 11, apontando seis elementos separados da obra expiatória do servo de Javé:

> Isaías 53:11 é uma das declarações mais completas da teologia da expiação jamais escritas. (I) O Servo sabe as necessidades a serem cumpridas eo que deve ser feito. (Ii) Como "aquele justo, meu servo", ele é completamente aceitável ao Deus que nossos pecados ofenderam e foi designado por ele para sua tarefa. (Iii) Como justo, ele está livre de todo contágio de nosso pecado. (Iv) Ele se identificou pessoalmente com o nosso pecado e necessidade. (V) O pronome enfático "ele" sublinha seu compromisso pessoal com esse papel. (Vi) Ele realiza a tarefa completamente. Negativamente, no porte da iniqüidade; Positivamente, na provisão da justiça.

Portanto, não devia haver dúvida de que o sacrifício do servo era vicário e substitutivo (substituição penal - punição pelo pecado). Seu foi o único sacrifício verdadeiro e satisfatório para Deus.

Os escritores do Novo Testamento entenderam corretamente a intenção clara do profeta, encontrando todas as razões para tomar o texto como diretamente messiânico. Observe os paralelos entre a passagem de servo em Isaías e Marcos 10: 43-45 como um exemplo: O servo sofredor de Yahweh (Isaías 52:13) é o "escravo de todos" (Marcos 10:44, Isaías 53 : 6, "de todos nós"), que é "grande" (Marcos 10:43), porque ele é "elevado e elevado e exaltado" (Isaías 52:13). Como "escravo", ele se entregou a si mesmo (lit., "sua alma") como uma oferta de culpa (Isaías 53:10) - o equivalente direto de "dar sua vida [lit., alma] como resgate" 10:45). A oferta / resgate de culpa do servo foi além da pena de sacrifício para cobrir o pecado intencional e não intencional no lugar de "muitos" (Marcos 10:45, Isaías 52: 14-15 e 53:12).

A obra expiatória de Cristo realizou a salvação para os eleitos. Jesus Cristo é o Salvador - "não há salvação em ninguém, porque não há outro nome debaixo do céu dado

entre os homens pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12, ver 2 Tim. 1:10, Tito 2:13). Seu sangue purifica do pecado (Hb 13:12; 1 João 1: 7). Ele é o Mediador da nova aliança (Hb 12:24). Como Salvador, Cristo dá vida aos crentes no presente (2 Coríntios 4:10 e 2 Tim. 1: 1) e é ele mesmo o padrão para a futura ressurreição dos crentes (2 Coríntios 4:14; 1 Tessalonicenses 4: 14). Cristo, por meio de sua obra expiatória, é o Pastor que torna possível aos crentes fazer boas obras (Hebreus 13: 20-21). Ele é Aquele em quem a igreja é colocada e abençoada (Efésios 2:13).

Ressurreição e Ascensão

Sem a ressurreição de Cristo, sua morte sacrificial não fornece o terreno para a salvação do pecado (1 Coríntios 15: 13-19). Portanto, nenhuma consideração do ensino bíblico a respeito da obra de Cristo pode terminar com a sua morte expiatória.

REVELAÇÃO DO VELHO TESTAMENTO SOBRE A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Desde que Jesus e os escritores do Novo Testamento declaram que os fatos significativos sobre Cristo já haviam sido revelados através dos profetas do Antigo Testamento (Lucas 24: 25-27, 44-47, Atos 2: 25-32, 1Co 15: 3-4), é importante considerar a evidência textual para sustentar sua reivindicação. Outro fator que impõe um desafio ao ver a ressurreição de Cristo no Antigo Testamento surge da maneira como os escritores do Novo Testamento tendem a se referir indiretamente à sua ressurreição, falando de sua "glória". Por exemplo, Pedro explica que os profetas do Antigo Testamento eram " Indagando que pessoa ou tempo o Espírito de Cristo neles estava indicando quando ele previu os sofrimentos de Cristo e as glórias subsequentes "(1 Pe 1:11). A demonstração da glória de Jesus é mais frequentemente associada ao seu segundo advento, não à sua ressurreição.

O apóstolo Paulo correlaciona a ressurreição de Jesus com a glória divina - "assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai" (Romanos 6: 4) - o que explica ainda mais a associação da glória e da ressurreição na mente dos dois profetas E apóstolos. Na verdade, ele usa uma analogia sobre a glória em seu tratado sobre a ressurreição em 1 Coríntios 15: 40-41: "Há corpos celestes e corpos terrestres, mas a glória do celestial é de um mesmo tipo, ea glória do terreno é De outro. Há uma glória do sol, e outra glória da lua, e outra glória das estrelas; Porque a estrela difere da estrela na glória ". O corpo ressuscitado é" ressuscitado na glória "(1 Coríntios 15:43), e a ressurreição do crente compartilha a mesma glória:" Quando Cristo que é a tua vida aparecer, então também aparecerás Com ele em glória "(Colossenses 3: 4).

Portanto, ao procurar no Velho Testamento referências à ressurreição do Messias, os leitores devem prestar atenção às referências à sua glória. Assim, o Salmo 24 fala do Messias em seu papel de "Rei da glória" (24: 7-10) quando ele vem para reinar como rei em Jerusalém. Naquele tempo, "a lua se confundirá e o sol se envergonhará, porque o SENHOR dos exércitos reina no monte Sião e em Jerusalém, e a sua glória será perante os seus anciãos" (Isaías 24:23).

De acordo com Ezequiel, a glória de Javé partiu do templo e da cidade para descansar brevemente na montanha a leste da cidade: "A glória do SENHOR subiu do meio da cidade e ficou sobre o monte que está no leste Lado da cidade "(Ezequiel 11:23). Na hora do futuro templo milenar, a glória de Javé voltará ao templo da mesma direção - do leste:

> E eis que a glória do Deus de Israel estava vindo do oriente. E o som da sua vinda era como o som de muitas águas, ea terra brilhou com a sua glória. E a visão que eu vi foi exatamente como a visão que eu tinha visto quando ele veio para destruir a cidade, e apenas como a visão que eu tinha visto pelo canal de Chebar. E eu caí no meu

rosto. Quando a glória do SENHOR entrou no templo pela porta que estava virada para o oriente, o Espírito me levantou e me levou para o pátio interior. (Ezequiel 43: 2-5)

Zacarias exprime esta profecia especificando o Monte das Oliveiras como o lugar a leste da cidade e o Messias como aquele com glória divina: "Naquele dia os seus pés ficarão sobre o Monte das Oliveiras que se encontra diante de Jerusalém, a leste , E o Monte das Oliveiras será dividido em dois de leste a oeste por um vale muito largo, de modo que uma metade do Monte se moverá para o norte, ea outra metade para o sul "(Zc 14: 4). Isso coincide exatamente com a afirmação que os anjos entregaram na ascensão de Jesus do Monte das Oliveiras após sua ressurreição dos mortos: "Homens da Galiléia, por que vocês estão olhando para o céu? Este Jesus, que foi levado de cima de vós para o céu, virá do mesmo modo como o vistes ir para o céu "(Atos 1:11).

Várias referências do Antigo Testamento à ressurreição do Messias aparecem em Jó e no Saltério. A passagem saliente de Jó diz o seguinte:

Pois eu sei que meu Redentor vive,
E no último ele permanecerá sobre a terra.
E depois que minha pele foi assim destruída,
Todavia, na minha carne, eu verei a Deus,
Quem eu ver por mim mesmo,
E os meus olhos verão, e não outro. (Jó 19: 25-27)

Desde que Jó fala de ver seu Redentor seguindo sua própria morte (implícita pela destruição de sua própria carne) e desde que ele o vê de pé na terra, a referência de tempo implícita tem que ser após o segundo advento do Messias.

Outro texto importante aparece no Salmo 16:10:

Pois não abandonarás a minha alma ao Seol,
Ou deixe o seu santo ver a corrupção.

Tanto Pedro como Paulo discutem este texto mais tarde. Em Atos 2: 22-31, Pedro diz:

Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré, um homem atestado a vós por Deus com obras poderosas, maravilhas e sinais que Deus fez por meio dele no meio de vós, como vós mesmos sabeis - este Jesus, entregue segundo o plano definido E presciência de Deus, crucificado e morto pelas mãos de homens sem lei. Deus o ressuscitou, afrouxando as dores da morte, porque não era possível para ele ser mantido por ela. Pois Davi diz a respeito dele:

"Eu vi o Senhor sempre diante de mim,
Porque ele está à minha direita, para que eu não seja abalado;
Por isso o meu coração se alegrou, ea minha língua se alegrou;
Minha carne também habitará em esperança.
Pois você não abandonará minha alma ao Hades,
Ou deixe o seu Santo ver a corrupção.
Tu me fizeste conhecer os caminhos da vida;
Tu me farás cheio de alegria com a tua presença. "

Irmãos, posso dizer-vos com confiança sobre o patriarca David que ele morreu e foi sepultado, e seu túmulo está conosco até hoje. Sendo, portanto, um profeta, e sabendo que Deus tinha jurado com juramento que ele colocaria um de seus descendentes em seu trono, ele previu e falou sobre a ressurreição do Cristo, que ele não foi abandonado ao Hades, Carne ver corrupção.

Ao tratar o Salmo 16:10, Paulo também explica (Atos 13: 34-37),

> E quanto ao fato de que ele o ressuscitou dos mortos, não mais para voltar à corrupção, ele falou desta maneira,
>
> > "Eu lhes darei as santas e seguras bênçãos de Davi".
>
> Portanto, ele também diz em outro salmo:
>
> > "Você não permitirá que seu Santo veja a corrupção."
>
> Pois Davi, depois de ter servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu, foi posto com seus pais e viu a corrupção, mas aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.

Segundo Paulo, portanto, a ressurreição de Cristo era um pré-requisito para que algum dia ele ocupasse o trono de Davi na Terra.

Além disso, Pedro cita o Salmo 110: 1 logo após sua exegese do Salmo 16:10:

> Este Jesus Deus ressuscitou, e de que todos nós somos testemunhas. Sendo, pois, exaltados à destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós mesmos estais vendo e ouvindo. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo diz:
>
> > "O Senhor diz ao meu Senhor:
> > "Sente-se à minha mão direita,
> > Até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés. "(Atos 2: 32-35)

Em outras palavras, o próprio fato de que o Messias toma seu lugar à direita do Pai prova que ele ressuscitou dentre os mortos. Sua exaltação (equivalente à sua glória) supõe que ele não está mais na sepultura. Como Davi não está sentado à direita do Pai, é óbvio para Pedro que Davi não falava de si mesmo, mas de seu futuro descendente, o Filho maior de Davi. Jesus já usou o Salmo 110: 1 para revelar aos fariseus que ele era realmente o Senhor (Mateus 22: 41-46), então Pedro está simplesmente transmitindo o que Jesus ensinou.

HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO DA RESURRECÇÃO DE CRISTO

O próprio Jesus anunciou de antemão que ressuscitaria dentre os mortos:

> E como eles estavam descendo o monte, Jesus ordenou-lhes, "Não diga a ninguém a visão, até que o Filho do Homem ressuscitou dentre os mortos." (Mateus 17: 9)
>
> E, tomando os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e tudo o que está escrito sobre o Filho do homem pelos profetas será consumado. Pois ele será entregue aos gentios e será escarnecido e vergonhosamente tratado e cuspido. Depois de açoitá-lo, matá-lo-ão, e no terceiro dia ele ressuscitará. "(Lucas 18: 31-33)
>
> Respondeu-lhes Jesus: Destrói este templo, e em três dias o levantarei. Então os judeus disseram: Levou quarenta e seis anos para edificar este templo, e você o levantará em três dias? Ele estava falando sobre o templo de seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos se lembraram de ter dito isto, e creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito. (João 2: 19-22)

Todos os quatro escritores do Evangelho são unânimes em registrar que Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana (Mateus 28: 1-10, Marcos 16: 1-11, Lucas 24: 1-12, João 20: 1-10). A Tabela 4.13 mostra as aparições pós-ressurreição de Jesus.

Quando Jesus ressuscitou dos mortos, ele experimentou uma ressurreição corporal que envolveu sua plena humanidade. Seu corpo de ressurreição lhe permitiu digerir comida: "E enquanto eles ainda não acreditavam com alegria e estavam maravilhados, disse-lhes: 'Você tem alguma coisa para comer aqui?' Eles lhe deram um pedaço de peixe assado, e ele o tomou e comeu diante deles "(Lucas 24: 41-43, ver Atos 10:41). Outros seres humanos que ainda estavam em sua carne mortal podiam tocar o corpo de Jesus: "E eis que Jesus os encontrou e disse: 'Saudações!' E subiram, tomaram-lhe os pés e adoraram-no "(Mt 28: 9, ver Lucas 24: 38-40, João 20:17). As feridas da crucificação de Jesus permaneceram presentes e visíveis em seu corpo ressuscitado, como testemunhado por Tomé, o discípulo duvidoso:

Tabela 4.13 Aparições pós-ressurreição de Cristo

Aparência	**Mateus**	**Marca**	**Luke**	**John**	**Atos**	**1 Coríntios**
A Maria Madalena no túmulo		16: 9-11		20: 11-18		
Para as outras mulheres na estrada	28: 9-10		24: 9-11			
A dois discípulos viajando para Emaús		16: 12-13	24: 13-32			
Para Peter			24:34			15: 5a
Aos dez discípulos reunidos			24: 36-43	20: 19-25		
Aos onze discípulos reunidos		16:14		20: 26-31		15: 5b
Aos sete discípulos que pescam				21: 1-23		
Aos onze discípulos na Galiléia	28: 16-20	16: 15-18				
Para mais de quinhentas pessoas						15: 6
Para Tiago, seu irmão						15: 7a
A todos os apóstolos			24: 44-49		1: 4-8	15: 7b
A todos os discípulos em sua ascensão		16:19	24: 50-53		1: 4-11	

A Paul no caminho para Damasco	9: 1-6; 18: 9-15: 8 10; 22: 6-11; 26: 12-18
A Paulo preso em Jerusalém	23:11

Então os outros discípulos lhe disseram: "Vimos o Senhor". Mas ele disse-lhes: "Se eu não vir nas mãos a marca das unhas, e colocar o dedo na marca dos pregos, Seu lado, eu nunca vou acreditar. "

Oito dias mais tarde, seus discípulos estavam dentro de novo, e Thomas estava com eles. Embora as portas estivessem trancadas, Jesus veio e ficou entre eles e disse: "A paz esteja convosco." Então ele disse a Tomé: "Ponha aqui o seu dedo e veja as minhas mãos; E estende a mão, e coloque-a no meu lado. Não creiais, mas crede. "Tomé respondeu:" Meu Senhor e meu Deus! "Jesus lhe disse:" Você já acreditou porque me viu? Bem-aventurados os que não viram e creram. "(João 20: 25-29)

Jesus será para sempre plenamente Deus, assim como plenamente homem. Ele é o último Adão, o Cabeça da igreja, e a Cabeça representativa de toda a humanidade redimida. Esse fato de sua contínua humanidade é tão significativo para a realização da redenção quanto a sua deidade contínua. Cristo tinha de ser homem para representar os crentes em viver uma vida santa na Terra que poderia ser imputada aos crentes e ser o seu substituto sacrificial na cruz. Ele também teve que ser seu líder através da morte em ressurreição.

A ressurreição de Cristo alcançou os seguintes resultados vastos e gloriosos:

1. O cumprimento das profecias do Antigo Testamento (ver "Revelação do Antigo Testamento sobre a Ressurreição de Cristo" [p.315])
2. O cumprimento das próprias predições de Jesus (ver "História do Novo Testamento da Ressurreição de Cristo" [p.318])
3. Confirmação da divindade do Filho (Romanos 1: 4)
4. A exaltação do Pai, manifestando suas perfeições (Atos 2: 23-24, Romanos 6: 4)
5. A perfeição da obediência de Jesus à vontade de seu Pai (João 10: 17-18)
6. Prova de que o Pai aceitou a obra expiatória de Cristo em sua morte sacrificial na cruz (Romanos 4:25)
7. Provisão de regeneração para os eleitos (1 Pe 1: 3)
8. A garantia de que os crentes não perecerão devido a seus pecados (1 Coríntios 15: 17-18)
9. Protegendo a justificação dos crentes e assegurando que eles nunca serão condenados por Deus (Romanos 8: 1-11, 31-34)
10. Abrindo o caminho para que Cristo envie o Espírito Santo para habitar os crentes e formá-los na igreja, o corpo de Cristo (João 16: 7)
11. Declaração de Cristo como Cabeça da igreja e governante da criação (Efésios 1: 19-23, Col. 1: 15-19)
12. Estabelecimento do padrão de poder de Deus em levantar espiritualmente os crentes da morte espiritual em seus delitos (Ef 1: 19-20; 2: 1-6)
13. Motivação para a vida espiritual, já que os crentes já estão sentados com Cristo no céu e assegurados de estar com Ele em glória (Efésios 2: 5-6, Colossenses 3: 1-4)
14. Prestação de serviço obrigatório, válido e proveitoso para Cristo (Romanos 7: 4, 1 Coríntios 15:14, 58)
15. Incentivo para estabelecer o primeiro dia da semana para adorar a Cristo e servi-lo nas assembléias locais (Mateus 28: 1, João 20:19, Atos 20: 7, 1 Cor. 16: 2)
16. Estabelecimento de um fundamento inabalável para a esperança (espera confiante) para que Deus cumpra todas as suas promessas (Romanos 8: 23-25, 1 Coríntios 15: 19-20, 1 Pedro 1: 3)

17. A garantia de uma futura vida de ressurreição para todos os crentes (João 5: 26-29, 14:19, Romanos 4:25, 6: 5-10, 1 Coríntios 15:20, 23)
18. Confirmação do cumprimento futuro da aliança Davídica (Atos 2: 29-36; 13: 34-37)
19. A garantia de que Cristo julgará o mundo (João 5: 24-30, Atos 17:31)
20. A glorificação e exaltação do Filho com a glória que ele uma vez compartilhou com o Pai (João 17: 5, Filipenses 2: 8-9, 1 Pedro 1: 10-11, 20-21)

Não existe maior evento na história da redenção do que a ressurreição de Cristo, porque completa e valida a sua morte sacrificial e avança o programa do reino com um Rei eternamente vivo. A ressurreição deve ser acreditada para que alguém experimente a salvação (Romanos 10: 9-10).

A ASCENSÃO DO CRISTO RESULTADO

As Escrituras ensinam que Cristo subiu de volta ao céu para se sentar à direita de seu Pai, e este ensinamento é essencial porque está associado à superioridade do Filho de Deus:

> Ele é o resplendor da glória de Deus e a marca exata de sua natureza, e ele sustenta o universo pela palavra de seu poder. Depois de fazer a purificação dos pecados, sentou-se à direita da Majestade no alto, tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que ele herdou é mais excelente do que o deles.
>
> Pois a qual dos anjos disse Deus alguma vez,
>
> "Você é meu filho,
> Hoje eu te gerei "?
>
> Ou ainda,
>
> "Eu serei para ele um pai,
> E ele será para mim um filho "?
>
> E outra vez, quando traz o firstborn no mundo, diz,
>
> "Que todos os anjos de Deus o adorem."
>
> Dos anjos ele diz,
>
> "Ele faz seus anjos ventos,
> E os seus ministros uma chama de fogo ".
>
> Mas do Filho ele diz:
>
> "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre,
> O cetro da retidão é o cetro do teu reino.
> Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade;
> Portanto, Deus, vosso Deus, vos ungiu
> Com óleo de alegria além de seus companheiros. "(Hebreus 1: 3-9)
>
> Os discípulos tinham ouvido de Jesus que ele iria ascender ao seu Pai:
>
> "Um pouco, e você não me verá mais; E outra vez um pouco, e você me verá. "Então alguns de seus disciples disseram um ao outro," que é este que nos diz, 'um pouco quando, e você não me verá, e outra vez um pouco quando , E você me verá '; E "porque eu vou para o Pai?" (João 16: 16-17, ver 7: 33-34; 8:21; 14:19, 28-29)

Jesus cumpriu suas declarações, saindo fisicamente da terra e subindo ao céu do Monte das Oliveiras (Atos 1: 9-11). O Pai o recebeu em sua glória (1 Tim. 3:16), e Cristo está agora sentado no trono do Pai (Apocalipse 3:21), à sua mão direita (Atos 5:31, Ef 1:19).

-20), o trono do reino universal e eterno de Deus (Marcos 16:19, Atos 5:31, 7: 55-56, Ef 1: 19-20). Sua sessão no trono do Pai testifica a realidade de sua obra completa de redenção (Hb 10: 12-13; 12: 2).

A ascensão de Cristo foi confirmada pelas visões de Estêvão (Atos 7: 55-56), Paulo (Atos 9: 3-5, 22: 6-8, 26: 13-15) e João (Ap 4: 1; : 6). Para Paulo, a ascensão de Jesus deixou uma impressão duradoura e foi um elemento-chave em sua experiência de salvação - o Cristo vivo, ressuscitado, ascendido e celestial lhe falou do céu.

Cristo glorificado

Intercessor Celestial
Êxtase
Juiz de julgamento
Segunda vinda
Reinado Milenar
Grande julgamento do trono branco
Futuro da Eternidade

Intercessor Celestial

O presente ministério de Cristo em glória em favor de seu povo ocorre em sua intercessão celestial em seu favor. Ele ascendeu à direita do Pai, onde ele medeia como defensor dos crentes e Sumo Sacerdote (Romanos 8:34, Heb 7:25; 9:24; 1 João 2: 1). Lá o Salvador "está intercedendo por nós" (Romanos 8:34), servindo como o Sumo Sacerdote exaltado para todos os crentes: "Ora, o que estamos dizendo é que temos um sumo sacerdote, um que está sentado À direita do trono da Majestade no céu, ministro nos lugares santos, na verdadeira tenda que o Senhor estabeleceu, não o homem "(Hb 8: 1-2). Assim, a esperança do piedoso Jó foi percebida: "Agora mesmo, eis que o meu testemunho está nos céus, e quem testifica por mim está no alto" (Jó 16:19).

Êxtase

Todos os aspectos restantes do ministério pós-ressurreição de Cristo se relacionam com sua obra futura. Sua igreja aguarda seu chamado para a verdadeira igreja, que é seu corpo, para chegar a estar com ele. Isso tem sido chamado de "arrebatamento" da igreja, significando um encontro de crentes mortos e vivos no céu. A primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses descreve o arrebatamento:

> Mas nós não queremos que vocês sejam desinformados, irmãos, sobre aqueles que estão dormindo, para que vocês não sofram como os outros que não têm esperança. Pois, já que cremos que Jesus morreu e ressuscitou, mesmo assim, por meio de Jesus, Deus trará consigo aqueles que dormem. Por isso vos declaramos por uma palavra do Senhor, que nós que estamos vivos, que ficamos até a vinda do Senhor, não precederemos aqueles que dormem. Pois o próprio Senhor descerá do céu com um grito de comando, com a voz de um arcanjo, e com o som da trombeta de Deus. E os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então nós que estamos vivos, que ficamos, seremos apanhados [Gk. *Harpazō* ; Lat. *Rapiemur* , de *raptus*] *juntamente* com eles nas nuvens para *encontrar* o Senhor no ar, E assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto encorajem uns aos outros com estas palavras. (1 Tessalonicenses 4: 13-18)

Assim como Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Cristo (1 Coríntios 15: 51-58; 1 Tessalonicenses 4:14). Não há nenhum julgamento conectado a

este evento; É para os crentes. Esta iminente coleção divina de crentes no céu é um evento sem signos e é a próxima na agenda redentora.

Aqueles que estão vivos e aqueles que morreram experimentarão o recolhimento do Senhor no céu em corpos glorificados. Aparentemente, os tessalonicenses foram informados completamente sobre o julgamento no dia do Senhor (1 Tessalonicenses 5: 1-2), mas não sobre o evento precedente - o arrebatamento da igreja. Até que Paulo o recebeu como revelação de Deus, a única alusão anterior apareceu nos ensinamentos de Jesus em João 14: 1-3. Porque Paulo não sabia o momento de Deus para este evento, ele viveu e falou como se pudesse acontecer em sua vida. Como com todos os cristãos primitivos, ele acreditava que era iminente (Romanos 13:11, 1 Coríntios 6:14, 10:11, 16:22, Filipenses 3: 20-21, 1 Timóteo 6:14, Tito 2:13).

A frase "o próprio Senhor descerá" (1 Tessalonicenses 4:16) cumpre a promessa de Jesus em João 14: 1-3. Até então, ele permanece no céu (1 Tessalonicenses 1:10, Hebreus 1: 1-3). Os crentes que morreram ressuscitarão primeiro (1Ts 4:16, 1Co 15:52). Aqueles vivos no êxtase irão acompanhar aqueles mortos, que se erguem primeiro, e todos "encontrarão o Senhor no ar" (1 Tessalonicenses 4:17).

Juiz de julgamento

O Senhor Jesus Cristo é Aquele através do qual Deus julgará todas as pessoas (João 5: 22-23). Ele julgará os crentes no que é chamado o tribunal de Cristo: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que é devido pelo que fez no corpo, seja bom ou mau" (2 Cor. 5:10). Uma comparação deste texto com 1 Coríntios 3: 10-15 indica que a madeira, o feno e a palha são inúteis em vez de especificamente pecaminosos e, portanto, não resistirão ao teste do valor eterno. Isso descreve a motivação mais profunda do crente e o maior objetivo em agradar a Deus - a percepção de que todo cristão é inevitavelmente e, finalmente, responsável perante ele.

O termo "tribunal" metaforicamente refere-se ao lugar onde o Senhor se sentará para avaliar a vida dos crentes com o propósito de lhes dar recompensas eternas. O assento (*bēma*) era uma *plataforma* elevada onde os atletas gregos vitoriosos (por exemplo, durante as Olimpíadas) foram receber suas coroas. O termo também é usado no Novo Testamento para referir-se ao lugar de julgamento, como quando Jesus estava diante de Pôncio Pilatos (Mt 27:19, João 19:13), mas Paulo usa-o com a analogia atlética. Corinto tinha tal plataforma onde tanto recompensas atléticas e veredictos legais foram dispensados (Atos 18: 12-16), assim os coríntios entenderam a referência de Paulo. Cristo julgará as ações que ocorrem durante o tempo de ministério terrestre do crente. Isso não inclui os pecados, uma vez que sua penalidade foi paga na íntegra na cruz (Ef 1: 7). Paulo estava se referindo a todas aquelas atividades que os crentes fazem durante suas vidas que se relacionam com sua recompensa eterna e louvor de Deus. O que os cristãos fazem por sua glória em seus corpos temporais terá, segundo Deus, um impacto eterno.

Segunda vinda

O termo grego *parousia* (Mateus 24: 3, 27, 37, 39, 2 Tessalonicenses 2: 8 e Tiago 5: 7-8) significa literalmente "presença". No Novo Testamento, este termo descreve a visitação de pessoas importantes . Assim, a palavra aponta para uma "vinda" única e distinta. Os escritores do Novo Testamento usam este termo às vezes para designar a segunda vinda de Cristo (também é usado para se referir ao arrebatamento em 1 Tessalonicenses 2:19 e 3:13 4:15, 5:23). Outro *substantivo* grego, *apokalypsis* (1 *Coríntios* 1: 7, 2 *Tessalonicenses* 1: 7, 13, 4:13), que significa "descobrir ou desvendar", também

descreve a revelação da segunda vinda de Cristo . Este glorioso retorno revelará Cristo como Rei sobre todos.

Jesus voltará à Terra com poder e glória divinos para julgar os habitantes vivos da terra (Mateus 24:30, 25: 31-46, Lucas 9:26, ver Dan. 7:13, Tito 2:13, 2 Pet 3:12, Jude 14, Apocalipse 1: 7). Os profetas do Antigo Testamento falam muitas vezes do futuro julgamento de Deus. Um dos profetas, Sofonias, retrata explicitamente o julgamento de Deus apresentando o Messias como "um poderoso" que trará a salvação à terra (Zeph. 3:17). O próprio Cristo fez alusões a Sofonias (Zeph. 1: 3 em Mateus 13:41, Zeph. 1:15 em Mateus 24:29), conectando ainda mais as profecias de Sofonias e a segunda vinda de Cristo.

O Pai já deu toda a autoridade ao Filho para a execução do juízo: "E deu-lhe autoridade para executar o juízo, porque ele é o Filho do Homem" (João 5:27, ver Mateus 25: 31-32) . Com essa atribuição em mente, Deus forneceu sua revelação escrita com um grande final enfocando o julgamento final. O que o livro final da Bíblia, o livro de Apocalipse, revela ou revela são as características do retorno de Jesus Cristo em glória.

Reinado Milenar

Voltando com sua igreja arrebatada e glorificada, Cristo estabelecerá seu reino milenar na terra (Atos 1: 9-11; 1 Tessalonicenses 4: 13-18; Apocalipse 20: 1-6). Seis vezes, Apocalipse 20 menciona o reino de Cristo que durará mil anos. Não há razão para não tomar essas referências como um período literal de mil anos durante o qual Jesus Cristo reinará na terra em cumprimento de ambas as numerosas profecias do Antigo Testamento (2 Samuel 7: 12-16, Salmo 2, Isaías 11: 6-12, 24:23, Amós 9: 8-15, Mic. 4: 1-8, Zacarias 14: 1-11) e o próprio ensinamento de Jesus (Mateus 24: 29-31, 36-44).

No reino da sociedade, Cristo abolirá a guerra e estabelecerá a paz (Isaías 9: 7, Mic 4: 3-4). A justiça prevalecerá em todas as classes e raças da humanidade (Salmo 72: 4, Isaías 65: 21-22), e Deus recuperará os desperdícios sociais (Salmo 72:16, Isaías 61: 4). Cristo ensinará a humanidade a enfatizar relacionamentos valiosos, como, por exemplo, através de seu tratamento gentil com os oprimidos e machucando (Isaías 42: 3) ou com a cura das relações entre pais e filhos (Mal 4: 6).

No local político, Cristo se estabelecerá como o governante absoluto internacional (Salmo 2: 8-10, Isaías 2: 2-4) e estabelecerá sua capital mundial em Jerusalém (Jeremias 3:17). Em seu reino, Cristo vai pôr fim à animosidade das nações em relação aos judeus (Zc 8:13, 23). Como uma inversão da maldição em Babel, a linguagem deixará de ser uma barreira para todas as interações e relações humanas (Isaías 19:18, Zeph 3: 9).

Eclesiásticamente, Cristo governará como Sacerdote-Rei sobre Israel ea comunidade mundial (Salmo 110: 4, Zacarias 6: 12-13). No reino messiânico, Israel se tornará o líder religioso do mundo (Êxodo 19: 6, Isaías 61: 6, 9), e a capital religiosa do mundo será Jerusalém (Zc 14: 16-17). Como resultado, o templo em Israel será o ponto focal de adoração (Ezequiel 40-48, Hg. 2: 6-9).

A queda interrompeu a criação de Deus e o mandato para a humanidade. Por causa de sua desobediência, Adão não podia mais exercer sua vice-regência da maneira que Deus tinha planejado. Qualquer exercício desse domínio original tornou-se e continua a ser incompleto e imperfeito. O salmista se refere a esse alto e sublime papel no Salmo 8: 3-9:

> Quando eu olho para seus céus, o trabalho de seus dedos,
> A lua e as estrelas, que você colocou no lugar,
> O que é o homem que você está atento a ele,
> E o filho do homem que você cuida dele?

Contudo, você o fez um pouco menor do que os seres celestiais
E o coroou de glória e honra.
Tu lhe deste domínio sobre as obras das tuas mãos;
Você colocou todas as coisas debaixo de seus pés,
Todas as ovelhas e bois,
E também os animais do campo,
As aves dos céus e os peixes do mar,
O que quer que passe ao longo dos caminhos dos mares.

Ó SENHOR , nosso Senhor,
Como majestoso é o teu nome em toda a terra!

Com estas palavras, o salmista apresenta o ideal para a humanidade, não a realidade atual - o futuro projetado da regra do reino do Senhor, não o triste e passado presente. Naturalmente, Jesus Cristo, como o "filho do homem" final (Salmo 8: 4), cumprirá o papel da humanidade como o único representante perfeito da raça humana. Hebreus 2: 5-14 revela que "ainda não vemos tudo em sujeição" a Cristo (2: 8), porque seu reino mediador não começou. No final, até mesmo o príncipe atualmente reinando deste mundo, Satanás (João 12:31, Ef 2: 2), virá sob o reino de Cristo e poder do reino. Enquanto Satanás reinar como príncipe deste mundo, o reino de Cristo ainda não foi estabelecido. Por isso Jesus ensinou seus discípulos a orar: "Venha o teu reino" (Mt 6:10). "Um homem. Vinde, Senhor Jesus! "(Apocalipse 22:20).

Grande julgamento do trono branco

Depois do reino milenar, Cristo julgará os mortos incrédulos no grande trono branco (Apocalipse 20: 11-15). Como Mediador entre Deus e as pessoas (1 Timóteo 2: 5); A Cabeça de seu corpo, a igreja (Ef 1:22, 5:23, Col. 1:18); E o próximo Rei universal que reinará no trono de Davi (Isaías 9: 6-7, Ezequiel 37: 24-28, Lucas 1: 31-33), Cristo é o juiz final de todos os que não conseguem Confie nele como Senhor e Salvador (Mateus 25: 14-46, Atos 17: 30-31).

Futuro da Eternidade

No final da história deste mundo, Deus reunirá os crentes juntos no reino milenar, o que Efésios 1:10 chama de "um plano para a plenitude dos tempos", significando a conclusão da história (ver Apocalipse 20: 1-6). Depois disso, Deus irá reunir tudo para si mesmo no novo céu e nova terra que ele irá criar (Ap 21: 1-5). O novo estado eterno será totalmente unificado sob Cristo:

> Pois "Deus sujeitou todas as coisas sob seus pés". Mas quando diz que "todas as coisas estão sujeitas", é claro que ele é excluído, que sujeitou todas as coisas sob ele. Quando todas as coisas lhe são submetidas, então o próprio Filho também estará sujeito àquele que sujeitou todas as coisas sob ele, para que Deus seja tudo em todos. (1 Coríntios 15: 27-28)

O paraíso da eternidade é assim revelado como um reino magnífico onde tanto o céu como a terra se unem em uma glória que ultrapassa os limites da imaginação humana e os limites das dimensões terrenas. Mas a verdadeira glória do futuro da eternidade repousa no fato de que todos os crentes residirão na presença do Senhor Jesus Cristo. Eles terão comunhão com o próprio Senhor no céu, uma gloriosa comunhão com Deus em Cristo, que é a perfeição da felicidade. Como os crentes derivam a sua graça do Cordeiro, assim eles também derivarão a sua glória. O homem Cristo Jesus será o centro da glória divina

no céu, de onde se difunde a todos os santos. As Escrituras expressam a felicidade do céu como sendo com Cristo: "Em verdade vos digo que hoje estarão comigo no Paraíso" (Lucas 23:43). Essa alegria parece ser aquilo que o próprio Cristo deseja e experimentará: "Pai, desejo que também aqueles que me deste, estejam comigo onde estou, para ver a minha glória que me deste porque amaste Eu antes da fundação do mundo "(João 17:24). O apóstolo Paulo, falando do iminente arrebatamento da igreja, resume o significado do evento dizendo: "Assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, animai-vos uns aos outros com estas palavras "(1 Tessalonicenses 4: 17-18). "Assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, animai-vos uns aos outros com estas palavras "(1 Tessalonicenses 4: 17-18). "Assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, animai-vos uns aos outros com estas palavras "(1 Tessalonicenses 4: 17-18).

De fato, tal comunhão com Cristo parece ser a importância da Escritura falando em conjunto com Deus e com o Cordeiro (o Salvador morto) ao revelar a felicidade dos santos no céu: "Porque o Cordeiro no meio do trono será o seu pastor, E ele os guiará a fontes de água viva, e Deus enxugará de seus olhos toda lágrima "(Apocalipse 7:17). Também, "Eis que a morada de Deus está com o homem. Ele habitará com eles, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles como seu Deus. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima, e a morte não haverá mais, nem haverá pranto, nem choro, nem dor, pois as primeiras coisas já passaram "(Apocalipse 21: 3-4). A palavra traduzida "morada" aqui é a mesma palavra às vezes traduzida "tabernáculo" em significar a carne de Cristo (João 1:14). Finalmente, O apóstolo João declara: "E não vi templo na cidade, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro. E a cidade não precisa de sol nem de lua para brilhar sobre ela, porque a glória de Deus a alumia, ea sua lâmpada é o Cordeiro "(Apocalipse 21: 22-23).

Oração

Nosso Deus gracioso, nós Te agradecemos por nosso Advogado celestial,
Jesus Cristo, o Justo, cuja morte na cruz
Fez propiciação pelos nossos pecados -
Perfeitamente satisfazendo cada exigência de Sua santa justiça.
Foi Ele quem nos trouxe
Por culpa e por perdão,
Da escuridão para a luz,
Fora de nossa rebelião e em Seu amor,
Da morte e da vida.
Ele nos livrou deste mundo mau, para o teu glorioso reino.
Como te louvamos pela maravilha do teu amor em Jesus Cristo!
Nós Te agradecemos por enviar Teu Filho, o Encarnado,
Que foi desprezado, rejeitado, espancado, zombado e crucificado -
Tudo para expiar nosso pecado.

Nele Seu amor tem outloved todos os outros amores.
Sua misericórdia vai além da compreensão para os pecadores
Com perdão completo e permanente de nossos pecados
Através da fé em Jesus Cristo.
Por isso, desejamos amar você com um amor como o seu.
Sabemos que não é possível, assim também com o apóstolo Pedro
Nós imploramos que você conheça nossos corações, sabendo que nós verdadeiramente o amamos
Apesar do que muitas vezes parece.
Nossos corações são muito parecidos com pedra; Nós pedimos que
Você os derrete com Sua graça.

Nossas vidas privadas são muitas vezes fechadas e trancadas como se pudéssemos desligá-lo
E assim fazer o que queremos.
Ajude-nos a abrir a porta e perder a chave! Que Sua vontade reine nossas vidas.

Te adoramos, Pai, pelo teu grande amor e o dom de Jesus Cristo,
Seu Filho unigênito, que é dizer Deus, o Filho.
Nós Te louvamos, Senhor Jesus, pelo maravilhoso dom da salvação
Você forneceu para nós.
Nós Te adoramos, Espírito abençoado, por nos revelar a verdade do evangelho
E por fazer dos nossos corações a vossa morada.
Pai Celestial, em nós pode Seu Filho ver o fruto
Da angústia de Sua alma e ser feliz.
Traga-nos para longe de tudo o que falsamente confiar,
E ensina-nos a descansar somente nele.
Nunca nos deixemos insensíveis à grandeza assombrosa do dom da salvação.
Que possamos perseguir a santificação - cada vez maior
Santidade - com todas as nossas forças!

Senhor Jesus, Mestre, Redentor, Salvador, tome
Posse de cada parte de nossas vidas -
Seu por direito através da compra.
Santificar cada faculdade.
Encha nossos corações de esperança.
Que fugamos das muitas tentações que nos perseguem incansavelmente
E mortificar os pecados que continuamente nos flagelam.
Que não haja hipocrisia em nós.
Ajude-nos a confiar em Você na hora da angústia.
Protege-nos quando os malfeitores nos perseguirem.
E livrai-nos do mal deste mundo presente.

Caro Pai das luzes, com quem não há variação ou sombra cambiante,
Nós confessamos que somente Tu és o doador de todo dom bom e perfeito,
E Tu nos deste tantas coisas,
Ricamente fornecendo-nos com coisas para desfrutar.
E somos lembrados pela passagem [1 João 2: 1-19] que
O maior dom de todos é o Vosso Filho, Jesus Cristo,
Que sacrificou Sua própria vida para que
Poderíamos ser libertados da escravidão do pecado.
Encha nossos corações com gratidão, e que nossas vidas
Refletem a gratidão transbordante
Para que todos os que vêem te honrem.
Em nome de Jesus Cristo, oramos. Um homem.

"O para mil línguas"

Ó por mil línguas para cantar
O louvor do meu grande Redentor,
As glórias do meu Deus e do Rei,
Os triunfos de Sua graça.

Jesus! O nome que encanta nossos medos,
Que faz cessar as nossas dores,
É música nos ouvidos do pecador,
É vida, saúde e paz.

Ele quebra o poder do pecado cancelado,

Ele liberta o prisioneiro;
Seu sangue pode tornar o mais sujo limpo;
Sua sangue serviu para mim.

Ouvi-o, surdo; Seu louvor, mudo,
Suas línguas afrouxadas empregam;
Vós, cegos, eis que vem o vosso Salvador;
E salte, coxo, de alegria.

Meu gracioso Mestre e meu Deus,
Ajude-me a proclamar,
Para espalhar toda a terra no exterior,
As honras de Teu nome.

~ Charles Wesley (1707-1788)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 95-156.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 305-412.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 2: 17-69.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 419-638.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 182-93, 500-553.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 661-841.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 529-633.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 483-521; 2: 378-638.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 2: 251-496.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 545-801.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 2A: 261-349; 3: 378-400.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907, 669-776.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 291-387.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 283-340.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 282-302; 2: 271-449.

Obras Específicas

Banks, William L. *O Dia em que Satanás Conheceu Jesus: A Tentação de Cristo - Elenco, Ação e Efeitos do Drama da Selva* . Chicago, Moody Press, 1973.

Beilby, James K. e Paul R. Eddy, eds. *O Jesus Histórico: Cinco Vistas* . Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009.
Berkouwer, GC *A Pessoa de Cristo* . Estudos em Dogmática. 1954. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975.
Boettner, Loraine. "A Pessoa de Cristo." Em *Estudos em Teologia* , 140-351. 12a ed. Np: Presbyterian & Reformed, 1974.
Boice, James Montgomery e Philip Graham Ryken. *Jesus em julgamento* . Wheaton, IL: Crossway, 2002.
Borland, James A. *Cristo no Antigo Testamento: Aparições do Velho Testamento de Cristo em Forma Humana* . Rev. ed. Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 1999.
Bowman, Robert M., Jr., e J. Ed Komoszewski. *Colocando Jesus em Seu Lugar: O Caso da Deidade de Cristo* . Grand Rapids, MI: Kregel, 2007.
Charnock, Stephen. *Cristo Crucificado: O Sacrifício de Uma Vez para Todos* . 1830. Reimpressão, Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 2012.
Feinberg, Charles Lee. *É o nascimento da Virgem no Antigo Testamento?* Whittier, CA: Emeth, 1967.
Gaffin, Richard B., Jr. *A centralidade da ressurreição: um estudo na soteriologia de Paulo* . Grand Rapids, MI: Baker, 1978.
Geisler, Norman L., e F. David Farnell, eds. *A Busca de Jesus: O Perigo de Dentro* . [Maitland, FL?]: Xulon, 2014.
Gromacki, Robert Glenn. *O Nascimento Virginal: Doutrina da Deidade* . Nashville: Thomas Nelson, 1974.
Heick, Otto W. *Uma História do Pensamento Cristão* . 2 vols. Filadélfia: Fortaleza, 1965.
Hengstenberg, Ernst Wilhelm. *Cristologia do Velho Testamento e um Comentário sobre as Predições Messiânicas* . Kregel Reprint Library. 1847. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 1970.
Janowski, Bernd, e Peter Stuhlmacher, eds. *O Servo Sofredor: Isaías 53 em Fontes Judaicas e Cristãs* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
Kiehl, Erich H. *A Paixão de Nosso Senhor* . Grand Rapids, MI: Baker, 1990.
Lawlor, George L. *Quando Deus Se Tornou Homem* . Chicago: Moody Press, 1978.
MacArthur, John. *O Jesus que você não pode ignorar: o que você deve aprender das contradições bold (realce) de Christ* . Nashville: Thomas Nelson, 2008.
---. *O assassinato de Jesus: um estudo de como Jesus morreu* . Nashville: Palavra, 2000.
---. *Uma Vida Perfeita: A História Completa do Senhor Jesus* . Nashville: Thomas Nelson, 2012.
---. *Nossa Suficiência em Cristo* . Dallas: Palavra, 1991.
---. *Parábolas: Os Mistérios do Reino de Deus revelados pelas histórias que Jesus contou* . Nashville: Thomas Nelson, 2015.
---. *O Cenáculo: A Parada de Jesus Promete Corações Incomodados* . [The Woodlands, TX]: Kress Recursos Bíblicos, 2014.
MacArthur, John e Richard Mayhue. *Os Planos Proféticos de Cristo: Um Primer Premilenário Futurista* . Chicago: Moody Publishers, 2012.
McClain, Alva J. "A Doutrina da Kenosis em Filipenses 2: 5-8." *O* Seminário *do Mestre Journal* 9, no. 1 (1998): 85-96.
Nichols, Stephen J. *Para Nós e para Nossa Salvação: A Doutrina de Cristo na Igreja Primitiva* . Wheaton, IL: Crossway, 2007.
Pentecostes, J. Dwight. *As Palavras e Obras de Jesus Cristo: Um Estudo da Vida de Cristo* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981.
Rydelnik, Michael. *A Esperança Messiânica: A Bíblia Hebraica é realmente Messiânica?* NAC Estudos em Bíblia e Teologia 9. Nashville: B & H Academic, 2010.
Ryrie, Charles Caldwell. *Teologia bíblica do Novo Testamento* . 1959. Reimpressão, Chicago: Moody Press, 1973.
Scroggie, W. Graham. *Um Guia para os Evangelhos* . Velho Tappan, NJ: Revell, nd
---. *O Drama da Redenção: A Bíblia como um todo* . 3 vols. 1953-1970. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976.

Thomas, Robert L., e F. David Farnell, eds. *A Crise de Jesus: As incursões da crítica histórica na bolsa evangélica* . Grand Rapids, MI: Kregel, 1998.
Walvoord, John F. *Jesus Cristo Nosso Senhor* . Chicago: Moody Press, 1969.
Warfield, Benjamin B. *A Pessoa ea Obra de Cristo* . Editado por Samuel G. Craig. Filadélfia: Presbiteriana e Reformada, 1950.
Wells, David F. *A Pessoa de Cristo: Uma análise bíblica e histórica da Encarnação* . Fundamentos para a Fé. Westchester, IL: Crossway, 1984.
Wilson, Clifford A. *Jesus o Professor* . Melbourne: Hill of Content, 1974.
Wilson, William Riley. *A Execução de Jesus: Uma Investigação Judicial, Literária e Histórica* . Nova Iorque: Scribner, 1970.

5

Deus, o Espírito Santo

Pneumatologia

"Louvado seja o Deus Triúno"

Louvai o Pai pela Sua bondade,
Ternamente cuida de Seus filhos errantes.
Louvai-o, ó anjos, louvai-o nos céus,
Louvai a Jeová!

Louvai o Salvador, grande é a Sua compaixão;
Graciosamente se preocupa com Ele pelo Seu povo escolhido.
Jovens e donzelas, vós anciãos e crianças,
Louvai vós o Salvador!

Louvai o Espírito, Consolador de Israel,
Enviado do Pai e do Filho para nos abençoar;
Louvai o Pai, o Filho eo Espírito Santo -
Louvai o Deus Triúno!

~ Elizabeth R. Charles (1828-1896)

Principais temas abordados no Capítulo 5

Introdução ao Espírito Santo

Deidade e Triunidade

salvação

Santificação

Serviço

Criação

Escritura

Ministério Profético

Este capítulo introduz o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade Trina, que aparece através das Escrituras desde Gênesis até o Apocalipse.

Introdução ao Espírito Santo

Velho Testamento
Pesquisa do Novo Testamento
Realidade do Espírito Santo
Nomes e Títulos
Holy Spirit Word Imagens
Ministério do Espírito Santo para Cristo
Ministérios do Espírito Santo
Pecados contra o Espírito Santo

Velho Testamento

A palavra hebraica *ruakh* aparece 378 vezes no Antigo Testamento, enquanto a palavra aramaica idêntica ocorre 11 vezes (apenas em Daniel). Ele significa principalmente "espírito" (1 Sm 16:14), "vento" (Êx 10:13), ou "sopro" (Gênesis 6:17). O contexto quase sempre determina a referência pretendida, distinguindo, por exemplo, entre o Espírito de Deus (Gênesis 6: 3) e o espírito do homem (Jó 10:12) ou entre uma atitude (Provérbios 16:18) eo imaterial Parte do homem (Salmo 31: 5).

Esta palavra, *ruakh* , aparece em todos, exceto em sete (Levítico, Rute, Ester, Cântico de Salomão, Obadias, Nahum e Sofonias) dos trinta e nove livros do Velho Testamento (cerca de 82%). No entanto, ele se refere especificamente ao Espírito Santo em apenas 79 de 378 aparições (21 por cento) e em apenas vinte e um dos trinta e nove livros do Antigo Testamento (51 por cento), incluindo Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Juízes, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Neemias, Jó, Salmos, Isaías, Ezequiel, Joel, Miquéias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O Espírito Santo é referido desde o tempo da criação (Gênesis 1: 2) até o último livro do Antigo Testamento (Mal. 2:15). O Espírito de Deus aparece mais frequentemente em Isaías (15 vezes), Ezequiel (15 vezes), Números (7 vezes), Juízes (7 vezes), 1 Samuel (7 vezes) e Salmos (5 vezes).

Pesquisa do Novo Testamento

A revelação do Novo Testamento sobre o Espírito Santo excede em muito a do Velho Testamento. A palavra grega *pneuma* ocorre 379 vezes no Novo Testamento (quase o mesmo que no Antigo Testamento), mas refere-se ao Espírito Santo em mais de 245 ocasiões (65 por cento), triplicando o número de ocorrências do Velho Testamento. Das referências combinadas do Antigo Testamento e do Novo Testamento à tradução genérica de "espírito", cerca de 43% (324 de 757 ocorrências) se referem ao Espírito Santo.

Pneuma aparece em vinte e cinco livros do Novo Testamento (93 por cento), estando ausente de apenas 2 e 3 João. Refere-se ao Espírito Santo em vinte e três livros (85%) - Philemon, Tiago, 2 João e 3 João, exceto.

O Espírito Santo aparece em todo o Novo Testamento de Mateus 1:18 a Apocalipse 21:10. O Espírito Santo é mencionado mais freqüentemente em Atos (56 vezes), Romanos (28 vezes) e 1 Coríntios (22 vezes). Um dos temas mais dominantes é que o Espírito Santo

é um dom de Deus para todo crente (Romanos 5: 5, 2 Coríntios 1:22, 5: 5, Gálatas 3: 5, Ef 1: 13-14 1 Tessalonicenses 4: 8; 1 João 3:24; 4:13).

Realidade do Espírito Santo

Biblicamente falando, não pode haver dúvida sobre a existência do Espírito Santo, pois ele é mencionado mais de 320 vezes. Mas o Espírito Santo é uma pessoa, como Deus, o Pai e Deus, o Filho? A personalidade não é medida por elementos físicos como partes do corpo, carne, sangue e ossos. Em vez disso, é determinada pela posse de três características básicas: (1) cognição / intelecto, (2) volição / vontade, e (3) emoção / afeto. A Bíblia fornece evidências mais do que suficientes de que o Espírito Santo possui todos os três fundamentos da personalidade. Assim, o Espírito pode ser classificado como a terceira pessoa da Trindade Trindade.

COGNITION / INTELLECT

1. Ele aconselha (Isaías 11: 2).
2. Ele dá sabedoria (Isaías 11: 2).
3. Ele inspirou a Escritura (Atos 1:16, Hebreus 3: 7, 10:15, 1 Pedro 1:11, 2 Pedro 1:21).
4. Ele intercede (Romanos 8:26).
5. Ele sabe (Isaías 11: 2).
6. Ele possui uma mente (Romanos 8:27, 1 Coríntios 2: 10-13).
7. Ele lembra (João 14:26).
8. Ele fornece a verdade (João 14:17, 26; 15:26; 16:13; 1 João 4: 6).
9. Ele fala (Atos 8:29; 10:19; 11:12; 13: 2; 28:25; Apocalipse 2: 7-3: 22).
10. Ele ensina (Lucas 12:12, João 14:26, 1 Coríntios 2:13, Hebreus 9: 8).
11. Ele testifica (João 15:26; 1 João 5: 7-8).

VOLIÇÃO / VONTADE

1. Ele contende com os pecadores (Gênesis 6: 3 e Atos 7:51).
2. Ele dirige (Atos 16: 6-7).
3. Ele distribui dons espirituais (1 Coríntios 12:11, Hebreus 2: 4).
4. Ele regenera (João 3: 7-8, Tito 3: 5).

AFEIÇÃO / EMOÇÃO

1. Ele experimenta alegria (1 Tessalonicenses 1: 6).
2. Ele pode ser insultado (Hebreus 10:29).
3. Ele chora pelo pecado (Isaías 63:10, Ef 4:30).
4. Ele ama (Romanos 5: 5 e 15:30, Gálatas 5:22).

Nomes e Títulos

Uma das principais evidências para a triunidade da Divindade envolve os nomes usados em relação ao Espírito Santo. Alguns se relacionam com o Pai, outros com o Filho, enquanto outros são únicos com o Espírito Santo. Estes são listados nas seguintes quatro seções:

O ESPÍRITO SANTO EO PAI

"Seu Espírito" (Números 11:29 e Rm 8:11)
"Meu Espírito" (Gênesis 6: 3)

"O vosso Espírito" (Salmo 139: 7)
"Vosso Espírito Santo" (Salmo 51:11)
"A promessa do Pai" (Atos 1: 4)
"O Espírito de Deus" (Gn 1: 2, Mateus 3:16, 1 Coríntios 2:11)
"O Espírito do nosso Deus" (1Co 6:11)
"O Espírito do Deus vivo" (2 Cor. 3: 3)
"O Espírito dele" (Romanos 8:11)
"O Espírito de vosso Pai" (Mateus 10:20)
"O Espírito do SENHOR " (Jz 3:10)
"O Espírito do Senhor" (Lucas 4:18)
"O Espírito do Senhor DEUS " (Isaías 61: 1)
"O Senhor que é o Espírito" (2 Coríntios 3:18)

O ESPÍRITO SANTO EO FILHO

"O Espírito de Jesus" (Atos 16: 7)
"O Espírito de Cristo" (Romanos 8: 9; 1 Pedro 1:11)
"O Espírito de Jesus Cristo" (Filipenses 1:19)
"O Espírito do Senhor" (Atos 5: 9; 8:39)
"O Espírito de seu Filho" (Gálatas 4: 6)

ÚNICO PARA O ESPÍRITO SANTO

"O Espírito" (Números 11:17 e Mateus 4: 1)
"O Espírito eterno" (Hb 9:14)
"Seu bom Espírito" (Salmo 143: 10)
"O Espírito Santo" (Mateus 1:18)
"Um só Espírito Santo" (Efésios 4: 4, 4: 6, "um só Deus e Pai" e 4: 5, "um só Senhor")
"Os sete Espíritos" (Apocalipse 1: 4; 3: 1; 4: 5; 5: 6)

ATRIBUTOS DO ESPÍRITO SANTO

"O Espírito do conselho e do poder" (Isaías 11: 2)
"O Espírito da fé" (2 Cor. 4:13)
"O Espírito da glória" (1 Pedro 4:14)
"O Espírito da graça" (Hebreus 10:29, ver Zacarias 12:10)
"O Espírito de santidade" (Romanos 1: 4)
"O Espírito de conhecimento eo temor do SENHOR " (Isaías 11: 2)
"O Espírito da vida" (Romanos 8: 2)
"O Espírito Santo prometido" (Efésios 1:13)
"O Espírito da verdade" (João 14:17; 15:26; 16:13; 1 João 4: 6, 1 João 5: 6)
"O Espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele" (Efésios 1:17)
"O Espírito de sabedoria e entendimento" (Isaías 11: 2)
"O Ajudador" (João 14:26; 15:26; 16: 7)

Holy Spirit Word Imagens

A Bíblia usa oito imagens de palavras que ligam clara e explicitamente o Espírito Santo à ilustração em um sentido metafórico. Alguns dos emblemas podem aparecer em outra parte da Escritura sem necessariamente se referir ao Espírito Santo, como o fogo, que também pode simbolizar o julgamento (Mt 25:41, 1 Coríntios 3:13). Estas metáforas vêm do mundo natural (pomba, fogo, óleo, água e vento), o mundo jurídico (penhor e selo) eo mundo doméstico (vestuário).

Tabela 5.1 Palavra do Espírito Santo Fotos

Roupas	Capacitação / habilitação pelo Espírito Santo
Pomba	Justiça do Espírito Santo
Fogo	Presença visível do Espírito Santo
Óleo	Unção com o Espírito Santo
Juramento	Garantir com o Espírito Santo
Foca	Propriedade e segurança com o Espírito Santo
agua	Salvação, capacitação e indução pelo Espírito Santo
Vento	Salvação e capacitação invisível pelo Espírito Santo

Os contextos desses emblemas mostram que eles podem representar o ministério do Espírito Santo a Cristo (pomba e óleo), aos apóstolos (roupas, fogo, óleo, água e vento) e aos crentes (óleo, penhor, E vento). Todas as cinco imagens relacionadas com os apóstolos referem-se a vários elementos que ocorrem no dia de Pentecostes. Os símbolos para Cristo e para os crentes referem-se ao batismo e à salvação, respectivamente. O óleo envolve os três assuntos (Cristo, apóstolos e crentes); Água e vento se relacionam com apóstolos e crentes; As cinco imagens restantes se aplicam a apenas um sujeito ou grupo.

Curiosamente, muito poucas das imagens aparecem claramente no Antigo Testamento (somente água e vento), enquanto as oito são encontradas no Novo Testamento. Eles aparecem nos Evangelhos (vestuário, pomba, água e vento), Atos (fogo, óleo, água e vento), as epístolas paulinas (óleo, penhor e selo), as epístolas petrinas Epístolas de Johannine (óleo). As imagens e as realidades que elas representam estão resumidas na tabela 5.1.

ROUPA (LUKE 24:49)

O Filho instruiu aos discípulos que o Pai enviaria "a promessa" (o Espírito, ver João 14: 16-17) para que pudessem ser "vestidos" (Gk. *Endyō*) com "poder do alto" (Lucas 24: 49). Isso foi antecipado (Atos 1: 4-5) e cumprido (Atos 2: 1-4), assim como Cristo disse. Os discípulos foram todos poderosamente capacitados pelo Espírito Santo para realizar os propósitos de Cristo (Atos 2: 4). Esta imagem da palavra envolve Deus soberanamente vestindo os seres humanos, e não os seres humanos se vestem (Col. 3: 12-14). Isto explica como os apóstolos fizeram o que não podiam fazer antes como resultado do Pentecostes.

DOVE (Mateus 3:16, Marcos 1:10, Lucas 3:22, João 1:32)

O que a pomba (Gk. *Peristera*) representa sobre a realidade do Espírito Santo? A pomba é inocente e irrepreensível (Gk. *Akeraios* , Mateus 10:16). Em Romanos 16:19 e Filipenses 2:15, os crentes são descritos com a mesma palavra grega (*akeraios*) para mostrar que eles são " *inocentes* quanto ao mal" e "filhos de Deus sem defeito", respectivamente. É por isso que no sistema de sacrifício do Antigo Testamento uma pomba poderia ser oferecida pelos pobres, que não podiam ter um cordeiro, como um holocausto aceitável para cobrir o pecado (Levítico 1:14; 5: 7; Lucas 2: 22- 24). Na Escritura, uma pomba representa a justiça.

Como a *justiça* se *relaciona* com o Espírito Santo eo batismo de Cristo? O contexto do batismo de Cristo concentra-se particularmente na justiça. O Filho identificou seu ministério como um de cumprir toda justiça (Mt 3:15). Portanto, o Espírito (representado pela pomba, que representava a justiça) inaugurou o ministério de justiça de Cristo (Mt 3:16). Como resultado, o Pai autenticou Cristo como o Filho justo (Mt 3:17) com o testemunho do Espírito.

FOGO (Atos 2: 3)

A presença de Deus é proeminentemente representada pelo fogo (Êxodo 3: 2-6, 13:21, Levítico 9:24 e Atos 7: 30-33). O uso do fogo em Atos 2: 3 ocorre no dia de Pentecostes e retrata melhor a presença visível do Espírito Santo. Paulo deve ter tido esse imaginário em mente quando décadas mais tarde ele exortou os tessalonicenses a evitar a extinção do Espírito com o pecado (1 Tessalonicenses 5:19).

ÓLEO (2 COR 1:21, 1 JOÃO 2:20, 27)

A unção com óleo no Antigo e Novo Testamento simboliza a nomeação para uma posição importante. Os sacerdotes do Antigo Testamento foram ungidos ao sacerdócio (Êxodo 40: 12-15). Davi foi ungido por Samuel para ser rei de Israel (1Sm 16:13). Os discípulos do Novo Testamento foram ungidos para serem apóstolos (2 Coríntios 1:21).

Do mesmo modo, Cristo - que *significa* "ungido" em hebraico (*meshiakh*) e grego (*christos*) - foi ungido com o Espírito Santo (Atos 4:27, 10:38) para o *ministério* , que *provavelmente* ocorreu na época de Seu batismo. Os crentes, chamados sacerdócio real (1Pe 2: 9), são ungidos com o Espírito Santo para que eles possam conhecer a verdade sobre Cristo (1 João 2:20, 27). Paulo foi ungido com o Espírito Santo para seu apostolado (2 Coríntios 1: 21-22).

Assim teve que ser com os apóstolos no dia de Pentecostes. Por inferência, o que aconteceu a Paulo (2 Coríntios 1:21) também ocorreu aos discípulos quando foram ungidos com o Espírito Santo para seu apostolado, que é retratado em Atos 2: 1-4.

PLEDGE (2 COR 1:22, 5: 5, EPH 1:14)

Em três textos do Novo Testamento (2 Coríntios 1:22, 5: 5, Ef 1:14), diz-se que o Espírito Santo é dado a todo crente como garantia (Gk *arrabōn*) de sua salvação plena, Que não seria completamente cumprido até a ressurreição. Este termo pode ser descrito com muitos sinônimos, tais como *pagamento, sério* , ou *promessa* , garantindo que uma promessa feita e começaram seria, sem dúvida, ser cumprida totalmente no futuro. O Espírito Santo é o compromisso de Deus de que o que ele começou quando uma pessoa primeiro crê em Cristo para a vida eterna acabará por resultar em vida eterna (Filipenses 1: 6).

SEAL (2 COR 1:22, EPH 1:13, 4:30)

O Pai pôs o seu selo sobre o Filho (João 6:27). Deus colocou seu selo sobre os apóstolos (2 Coríntios 1:22). O Senhor colocou seu selo sobre os crentes (Efésios 1:13; 4:30). O selo que Deus colocou sobre todos os crentes (Gk. *Sphragizō*) é o Espírito Santo. Este selo redentor marca a propriedade dos crentes por Deus, que os redimiu do domínio das trevas e os colocou no reino de luz de Cristo (Cl 1:13). O selo indica que os crentes olham para Deus por sua segurança espiritual nesta vida e na próxima (veja "Salvação" para uma expansão desta discussão).

ÁGUA (JOÃO 7: 38-39, ATOS 1: 5, 2:33, 1 COR 12:13 [2 ×], TÍTULO 3: 5-6)

O Espírito Santo é retratado como (1) água vivificante, isto é, salvação (João 7: 38-39; 1Co 12: 13b; Tito 3: 5-6); (2) a água que permite a vida, ou seja, o empoderamento (Atos 1: 5; 2:33); E (3) a água que sustenta a vida, ou seja, a indução (1Co 12: 13a).

Usando a palavra imagem da água, Cristo olhou para a frente (Atos 1: 5) e Pedro olhou para trás (Atos 2:33) para a habilitação poderosa dos discípulos com o Espírito Santo no dia de Pentecostes. Os discípulos foram "batizados" (Atos 1: 5), e o Pai "derramou" a promessa do Espírito Santo (Atos 2:33).

Paulo falou salvifi- camente do Espírito Santo como água quando é consumido em 1 Coríntios 12: 13b (ver João 4:14). Cristo falou sobre o Espírito Santo sendo rios de água viva (João 7: 38-39, Ezequiel 36: 25-27). Paulo descreveu o Espírito Santo como água derramada para a lavagem da regeneração (Tito 3: 5-6). Na época do reino milenar de Cristo, Deus derramará seu Espírito redentivamente sobre a casa de Israel (Isaías 32:15, 44: 3, Ezequiel 39:29, Joel 2: 28-29).

Cristo batiza os crentes com o Espírito Santo no momento da salvação, introduzindo-os na igreja (1Co 12: 13a). Assim como a salvação e o empoderamento, essa indução no corpo de Cristo é permanente e, portanto, irreversível.

VENTO (JOÃO 3: 8, ATOS 2: 2, 2 PET 1:21)

A palavra grega *pneuma* pode ser traduzida como "espírito" (Mt 5: 3), "Espírito" (Mt 1:18), "vento" (João 3: 8) ou "respiração" (Apocalipse 13:15) , Como o contexto determina. Em João 3: 8, Jesus comparou o fenômeno do vento à obra do Espírito de Deus na salvação por ser invisível, inesperado, imprevisível, mas sempre poderosamente realizando seu fim (Ezequiel 37: 9-14).

Lucas descreveu o som da vinda do Espírito Santo no Pentecostes como o de um poderoso vento impetuoso (Atos 2: 2). Ele só podia ser ouvido, não visto, e criou um efeito poderoso que culminou na pregação notável de Pedro naquele dia. O Espírito invisível capacitou um inesquecível e inesquecível começo para a igreja de Jesus Cristo.

Pedro descreveu a escrita da Escritura usando o vento como um emblema da obra de inspiração do Espírito Santo (2 Pedro 1:21). Como o vento leva ao longo de um navio no mar, assim o Espírito Santo levou ao longo dos apóstolos na escrita da Bíblia. Os navios estão "mortos na água" sem o poder propulsor do vento, e da mesma forma, os escritores das Escrituras eram impotentes para escrever a Palavra de Deus sem o poder concomitante do Espírito Santo.

Ministério do Espírito Santo para Cristo

O Espírito Santo ministrou a Cristo de muitas maneiras:

1. Profetizando seus ministérios (Isaías 11: 1-2, 42: 1-4, 61: 1-3, Zc 12:10)
2. Implementando a sua concepção virgem e nascimento (Mateus 1:18, 20; Lucas 1: 34-35)
3. Descendente sobre ele no batismo (Mateus 3: 13-17, Marcos 1: 9-11, Lucas 3: 21-22, João 1: 29-34)
4. Ungindo-o para pregar (Mateus 12: 15-21, Lucas 4: 17-21)
5. Empoderando-o (Mateus 12:28, Lucas 4: 14-15, 11:20, Atos 10:38)
6. Enchendo-o (Lucas 4: 1-2, João 3:34)
7. Liderando-o (Mateus 4: 1, Marcos 1:12, Lucas 4: 1, 14, Atos 1: 2)
8. Regozijar-se com ele (Lucas 10:21)
9. Ajudando-o a oferecer-se para a crucificação (Hb 9:14)

10. Ressuscitando-o dos mortos (Rm 1: 4; 8:11)

Ministérios do Espírito Santo

Este resumo básico dos ministérios do Espírito Santo demonstra o que Cristo quis dizer quando disse aos discípulos que era vantajoso para o Filho partir para poder enviar o Espírito Santo (João 16: 7):

1. Ele adota (Romanos 8:15).
2. Ele batiza (1 Coríntios 12:13).
3. Ele dá testemunho (Atos 5:32, Romanos 8:16, 9: 1, 1 João 5: 6-8).
4. Ele chama ao ministério (Atos 13: 2-4).
5. Ele condena (João 16: 8-11).
6. Ele capacita (Êx 31: 1-3, Jz 13:25, Atos 1: 8).
7. Ele enche (Lucas 4: 1, Atos 2: 4, Ef 5:18).
8. Ele garante (2 Coríntios 1:22, 5: 5, Ef 1:14).
9. Ele guarda (2 Tim. 1:14).
10. Ele ajuda (João 14:16, 26; 15:26; 16: 7; 2 Tim. 1:14).
11. Ele ilumina (1 Cor. 2: 10-13).
12. Ele habita em (Romanos 8: 9-11, 1 Coríntios 3:16 e 6:19).
13. Ele intercede (Romanos 8: 26-27, Ef 6:18, Judas 20, ver 1 João 5: 14-15).
14. Ele lidera (Salmo 143: 10, Mateus 4: 1, Marcos 1:12, Lucas 4: 1, Atos 20: 22-23, Romanos 8:14).
15. Ele produz frutos (Gálatas 5: 22-23).
16. Ele fornece caráter espiritual (Gálatas 5:16, 18, 25).
17. Ele regenera (João 3: 5-6, 8, Tito 3: 5).
18. Ele lembra (João 14:26).
19. Ele restringe / condenado do pecado (Gênesis 6: 3, Atos 7:51, 2 Tessalonicenses 2: 6-7).
20. Ressuscita (Romanos 1: 4 e 8:11).
21. Ele revela a verdade (2 Samuel 23: 2, Neemias 9:30, Zacarias 7:12, João 14:17, 1 Cor 2:10, Ef 3: 5).
22. Ele santifica (Romanos 15:16, 1 Coríntios 6:11, 2 Tessalonicenses 2:13, 1 Pm 1: 2).
23. Ele sela (2 Coríntios 1:22, Ef 1: 13-14 e 4:30).
24. Ele seleciona superintendentes (Atos 20:28).
25. Ele envia (Atos 13: 4).
26. Ele fortalece (Efésios 3:16).
27. Ele ensina (João 14:26, Atos 15:28, 1 João 2:20, 27).

O Espírito Santo é também a fonte das seguintes realidades:

1. Fellowship (2 Coríntios 13:14, Filipenses 2: 1)
2. Liberdade (2 Cor. 3: 17-18)
3. Vida e paz (Romanos 8: 6)
4. Poder (Romanos 15:13, 1 Cor. 2: 4, Ef 3:16)
5. Dons espirituais (1 Coríntios 12: 4-11)
6. Verdade (João 14:17; 15:26; 1 João 5: 6)
7. Unidade (Ef 2:18, 4: 3-4)
8. Sabedoria (Isaías 11: 2)
9. Adoração (Filipenses 3: 3)

Pecados contra o Espírito Santo

Não está totalmente claro como a vontade do homem se opõe à vontade de Deus. No entanto, é um fato, como ilustrado por muitas passagens nas Escrituras.

Os crentes se opõem à vontade de Deus nas seguintes ações contra o Espírito Santo:

1. Lamentando-o (Ef 4:30)
2. Deitado para ele (Atos 5: 3)
3. Negligenciá-lo (Gálatas 3: 3-6, 5:17)
4. Extinguindo-o (1 Tessalonicenses 5:19)
5. Testá-lo (Atos 5: 9)

Os incrédulos se opõem à vontade de Deus nas seguintes ações contra o Espírito Santo:

1. Blasfemando dele (Mateus 12:31, Marcos 3:29, Lucas 12:10)
2. Lamentando-o (Isaías 63:10)
3. Insultar / provocá-lo (Hebreus 3:10, 10:29)
4. Rebelião contra / resistir a ele (Gênesis 6: 3 [NASB], Neh 9:30, Isaías 30: 1, 63:10, Atos 7:51, Gálatas 5:17)
5. Testando-o (Salmo 78:41, Hebreus 3: 8-9)

Tanto os crentes como os incrédulos podem pecar contra o Espírito Santo das seguintes maneiras:

1. Lamentando-o (Isaías 63:10, Ef 4:30)
2. Testá-lo (Salmos 78:41, Atos 5: 9, Hebreus 3: 8-9)

Deidade e Triunidade

Divindade
Triunidade

A deidade e a triunidade do Espírito Santo ocasionalmente foram questionadas, mas não freqüentemente. Quando isso ocorreu, é porque o conteúdo da Escritura foi desconsiderado, ou devido à lógica humana suplantando indevidamente a revelação impecável de Deus na Bíblia ou devido à descrença simples e sem verniz. O que se segue revela evidências significativas que apóiam a divindade do Espírito Santo ea triunidade da Divindade.

Divindade

ATRIBUIÇÕES

Em Atos 5, Pedro confronta Ananias, dizendo: "Por que Satanás encheu seu coração de mentir ao Espírito Santo?" (5: 3). Ele então processa Ananias: "Você não mentiu ao homem, mas a Deus" (5: 4). Ao fazê-lo, o apóstolo equivale a uma mentira ao Espírito Santo com uma mentira a Deus. Assim, ele identifica o Espírito Santo como Deus.

As palavras de Iahweh no Antigo Testamento são às vezes atribuídas ao Espírito Santo no Novo Testamento. Assim, o Espírito Santo, como Javé, é Deus. Compare o Salmo 95: 8-11 com Hebreus 3: 7-11; Isaías 6: 8-10 com Atos 28: 25-27; E Jeremias 31: 33-34 com Hebreus 10: 15-17.

Os cristãos são ditos servir como o templo de Deus (1 Coríntios 3:16 e 6:19) porque o Espírito Santo é Deus e habita neles individualmente (Romanos 8: 9, 11, 2 Tm 1:14). Assim como a glória de Deus habitou dentro do Lugar Santíssimo durante os

tempos do Velho Testamento, então o Espírito de Deus agora habita em verdadeiros crentes.

A obra de Deus na formação da igreja, o corpo de Cristo (1Co 12:18, 24, 28), também é atribuída ao Espírito Santo (1 Coríntios 12:11). Porque isso é descrito como *a* obra *de Deus* , a deidade do Espírito Santo é assim confirmada novamente.

Em um dos momentos mais inesquecíveis do ministério de Cristo na terra, ele disse: "Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca tem perdão, mas é culpado de um pecado eterno" (Marcos 3:29, ver Mateus 12: 31-32; Lucas 12:10). Esta passagem demonstra novamente a divindade do Espírito Santo, pois só Deus pode ser blasfemado.

APELAÇÕES

Veja "O Espírito Santo e o Pai" e "O Espírito Santo e o Filho" sob "Nomes e Títulos" (p.335). Para os nossos propósitos aqui, os nomes do Espírito Santo estão relacionados tanto com Deus, o Pai, como com Deus, o Filho, uma vez que o Espírito Santo possui a mesma essência divina do Pai e do Filho.

ATRIBUTOS

O Espírito Santo possui as perfeições de Deus, isto é, os atributos incomunicáveis da divindade. Essas qualidades são exclusivas de Deus em espécie e extensão. Essas características divinas atestam que o Espírito Santo é de fato Deus:

1. Eternidade (Hb 9:14)
2. Glória (1 Pedro 4:14, Isaías 42: 8; 48:11)
3. Santidade (Salmo 51:11, Isaías 63: 10-11, Mateus 1:18, Romanos 1: 4)
4. Onipotência (Gn 1: 1-2, Lucas 1:35, Romanos 1: 4)
5. Omnipresença (Salmo 139: 7-10, ver Jeremias 23:24)
6. Onisciência (Isaías 40:13, 1 Cor. 2: 10-11)
7. Verdade (João 14:17; 15:26; 16:13)

AÇÕES

Somente Deus pode estar envolvido nas seguintes atividades divinas. Portanto, o Espírito Santo é Deus e trabalha em perfeita harmonia e unidade com Deus, o Pai e Deus, o Filho:

1. Criação (Gênesis 1: 2, Jó 26:13; 33: 4)
2. Ajuda / conforto (João 14:16, 26; 15:26; 16: 7)
3. Inspiração (2 Pe 1: 20-21)
4. Intercessão (Romanos 8: 26-27, Efésios 6:18, Judas 20) 5. Milagres (Mateus 12:28, 1 Coríntios 12: 9, 11)
6. Regeneração (João 3: 5-8, Tito 3: 5)
7. Ressurreição (Romanos 8:11)
8. Santificação (2 Tessalonicenses 2:13, 1 Pedro 1: 2)

ASSOCIAÇÕES

Várias passagens nas Escrituras claramente associam o Espírito Santo à divindade:

1. Mateus 28:19: As instruções batismais de Jesus aqui unem Pai, Filho e Espírito juntos como participantes iguais na salvação de um crente, que o batismo por imersão representa.
2. João 14:16, 26; 15:26; 16: 7: Nessas passagens, Jesus se refere ao Espírito da verdade, que ele pedirá ao Pai para enviar como "outro Ajudador." O termo grego para

"outro" , *allos* , *significa* "outro do mesmo tipo", que É, outro membro da Trindade Trindade. Jesus faz isto para que os discípulos não fiquem órfãos quando Cristo ascende ao céu (Atos 1: 9). Quatro vezes no Evangelho de João (14:16, 26; 15:26 [2 ×]) Pai, Filho e Espírito Santo estão associados juntos como iguais.

3. 1 Coríntios 2: 10-13: Esta passagem mostra que o Pai eo Espírito Santo se complementam igualmente na revelação, iluminação e interpretação da Palavra de Deus.
4. 2 Coríntios 13:14: Os três membros da divindade são mencionados e colocados em pé de igualdade nesta bênção trinitária paulina.
5. Apocalipse 1: 4-5: Esta invocação trinitária joanina liga o Pai, o Espírito e o Filho como co-homens.

ATAQUES

As mais graves heresias históricas a respeito do Espírito Santo se dividem em duas categorias: (1) a negação de que o Espírito Santo era uma pessoa, e (2) a negação de que o Espírito Santo era Deus eterno, o que era consequentemente uma negação da triunidade de Deus.

Sabelianismo . Esta heresia blasfema que data do final do segundo ou início do século III propôs que havia um Deus em três manifestações, modos, nomes ou papéis. Afirmou a única pessoa de Deus, mas negou a personalidade de Cristo e do Espírito Santo, negando assim a triunidade de Deus.

Sabelianismo, também conhecido como Modalismo, ensinou que o Pai é também o Filho e também o Espírito Santo, dependendo de qual modo ou papel Deus está assumindo em qualquer momento no tempo. Ele também tem sido chamado de monarquianismo, porque tentou "proteger o único Deus", embora a despesa inaceitável da triunidade de Deus. Uma versão foi até chamada Patripassianismo ("o Pai sofreu") porque, supostamente, quando o Pai assumiu o modo / papel do Filho, ele foi crucificado. Alguns ensinaram que esse Deus assumiu papéis sucessivos: primeiro como o Pai na criação, depois como o Filho na redenção e, finalmente, como Espírito Santo na regeneração e na santificação.

Esses falsos mestres procuraram proteger a doutrina de um Deus da acusação falsa de que estavam ensinando três deuses, ou politeísmo. Sem querer, essa tentativa de proteger o monoteísmo resultou em um erro igualmente notório de negar as pessoas de Cristo e do Espírito Santo. Ao fazê-lo, ele rejeitou a triunidade de Deus. A verdadeira doutrina bíblica da Trindade Trindade afirma que há um Deus (não três) em três pessoas (não uma) que são coexistentes, coeternas e co-iguais. A visão errônea do sabelianismo continua de forma modificada no movimento unitário moderno.

Arianismo . Esta heresia do início ao século IV ensinou que o único Deus criou Cristo na eternidade passada, que por sua vez criou o Espírito Santo. Enquanto este falso ensino afirmava a personalidade de Cristo e do Espírito Santo (ao contrário do Sabelianismo), negava sua divindade e, consequentemente, a triunidade de Deus. Como o Sabelianismo, o Arianismo ensinava que a Divindade consistia em uma pessoa com a essência da divindade. Essa falsa doutrina foi confrontada no Concílio de Nicéia (325 dC) e no Concílio de Constantinopla (381 dC).

Socinianismo . Esta aberração do século XVI afirmou a personalidade de Cristo ao negar sua divindade. Também negou a personalidade do Espírito Santo e, portanto, a divindade do Espírito Santo e resultante da triunidade de Deus. Vários movimentos unitários modernos afirmam muito do socinianismo.

A Tabela 5.2 resume os elementos-chave desses três grandes ataques históricos à deidade do Espírito Santo e à triunidade de Deus. Analisando os resultados do gráfico nas seguintes declarações resumidas:

1. Todos os três pontos de vista afirmou a personalidade de Deus, o Pai.
2. Somente o Sabelianismo negou a personalidade de Cristo.
3. Apenas o Arianismo afirmou a personalidade do Espírito Santo.
4. Todos os três pontos de vista afirmou a divindade de Deus, o Pai.
5. Todas as três visões negaram a triunidade de Deus.

Triunidade

A triunidade de Deus (Trinitarianismo) permanece inquestionavelmente como uma *condição sine qua non* , ou um fato indispensável, do cristianismo. Tem sido, é, e para sempre será uma base incontestável da fé cristã.

Tabela 5.2 Ataques históricos da Trindade e do Espírito Santo

		Sabelianismo	**Arianismo**	**Socinianismo**
Pessoa	Pai	Afirmado	Afirmado	Afirmado
	Filho	Negado	Afirmado	Afirmado
	Espírito Santo	Negado	Afirmado	Negado
Divindade	Pai	Afirmado	Afirmado	Afirmado
	Filho	Afirmado	Negado	Negado
	Espírito Santo	Afirmado	Negado	Negado
Triunidade		Negado	Negado	Negado

A declaração doutrinária do Seminário do Mestre resume sucintamente esta preciosa verdade: "Ensinamos que só existe um Deus vivo e verdadeiro (Deuteronômio 6: 4, Isaías 45: 5-7, 1 Coríntios 8: 4), um infinito, Perfeito em todos os Seus atributos, um em essência, eternamente existente em três Pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo (Mateus 28:19, 2 Coríntios 13:14) - cada um Igualmente merecedor de adoração e obediência ". Portanto, há um Deus em três pessoas, que são distintas entre si, mas são inseparáveis em essência e coexistentes, coeternas e iguais.

Embora a triunidade de Deus apareça de forma implícita e explícita em toda a Bíblia, nenhum texto declara ou explica a plenitude associada ao incompreensível Deus trino (Isaías 40:28). No entanto, a infinidade de evidências tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, além dos escritos da igreja primitiva, tornam este um princípio esmagadoramente inegável da ortodoxia bíblica.

Começando no Velho Testamento, encontramos imediatamente Gênesis 1:26 e 3:22, onde Deus usa o pronome plural "nós" em referência a si mesmo:

> Então Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. E dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre o gado e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra "(Gênesis 1:26).

> Então o SENHOR Deus disse: "Eis que o homem se tornou como um de nós no conhecimento do bem e do mal. Agora, para que ele não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva para sempre - "por isso o SENHOR Deus o enviou do jardim do Éden para trabalhar a terra de onde foi levado. (Gn 3: 22-23)

O mesmo uso de "nós" também aparece em Isaías 6: 8: "E ouvi a voz do Senhor, dizendo: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então eu disse: 'Aqui estou eu! Me envie.' "

Mas como pode um ser três? Deuteronômio 6: 4 sugere a resposta: "Ouve, ó Israel: O SENHOR nosso Deus, o SENHOR é um". A palavra hebraica traduzida "um" aqui (*'ehad*) comunica freqüentemente a idéia de unidade na diversidade. Por exemplo, veja Gênesis 1: 5 (um dia em duas partes - noite e manhã); Gênesis 2:24 (um casal em dois parceiros - macho e fêmea); Êxodo 24: 3 (uma voz em muitas pessoas); Êxodo 26: 6 (um tabernáculo em várias partes); E Números 13:23 (um cacho em muitas uvas). Portanto, não é surpresa ver Deus revelando uma alusão a um Deus em três pessoas no último livro do Pentateuco.

Com especificidade ainda maior, Isaías escreve de três pessoas ao se referir ao único Deus de Israel: "o Senhor DEUS ", "eu" (isto é, Cristo) e "seu Espírito" (Isaías 48:16). Isaías 61: 1 também diz: "O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim", isto é, Cristo, e de fato, Cristo interpretou este texto de tal maneira em Lucas 4: 18-19.

No progresso da revelação escrita de Deus, a evidência do Novo Testamento torna-se mais direta e freqüente mostrando que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são da mesma essência divina e são iguais, um Deus em três pessoas expressando unidade na diversidade. Todos os três aparecem juntos em numerosos textos do Novo Testamento:

> E, quando Jesus foi batizado, imediatamente subiu da água, e eis que lhe foram abertos os céus, e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e descendo sobre ele; E eis que uma voz do céu disse: "Este é o meu Filho amado, com quem me comprazo." (Mateus 3: 16-17)

> Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Mt 28:19)

> E o anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti, eo poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; Por isso o filho a nascer será chamado santo - o Filho de Deus. "(Lucas 1:35)

> Mas quando vier o Ajudador, a quem eu vos enviarei do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, dará testemunho de mim. (João 15:26, ver 14:16, 26, 16: 7-10, 14-15)

> Se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou a Jesus Cristo dentre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais por meio do seu Espírito que habita em vós. (Romanos 8:11)

> Apelo a vós, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, a lutar junto comigo em vossas orações a Deus em meu favor. (Rm 15:30)

> A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus ea comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós. (2 Co 13:14)

> Pois, se o sangue de bodes e de touros e a aspersão de pessoas contaminadas com as cinzas de uma novilha santificam para a purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu sem defeito a Deus Purificar nossa consciência de obras mortas para servir ao Deus vivo? (Hb 9: 13-14)

> Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus. (1 João 4: 2)

> Mas vós, amados, edificando-vos na vossa santíssima fé e orando no Espírito Santo, conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, que conduz à vida eterna. (Judas 20-21)

Os textos adicionais do Novo Testamento com a mesma opinião listados abaixo elimina qualquer dúvida quanto à triunidade de Deus, com o Espírito Santo sendo o terceiro membro:

Atos 2:33
Romanos 5: 5-6
Romanos 8: 3-4
Romanos 8: 8-9
Romanos 8: 15-17
Romanos 8: 26-29
Romanos 15:16
1 Coríntios 2: 2-5
1 Coríntios 6:11
2 Coríntios 1: 21-22
Gálatas 3: 1-5
Efésios 2: 19-22
Efésios 3: 16-19
Efésios 4: 4-6
Efésios 5: 18-20
Filipenses 3: 3
1 Tessalonicenses 1: 3-5
2 Tessalonicenses 2: 13-14
Tito 3: 4-6
Hebreus 10: 29-31
1 Pedro 1: 2
1 Pedro 4:14

O *magnum opus* das passagens trinitárias vem em Efésios 1: 3-14, que fala do envolvimento de cada pessoa na salvação dos crentes:

- Deus, o Pai: 1: 3-6
- Deus, o Filho: 1: 7-12
- Deus, o Espírito Santo: 1: 13-14

Na verdade, e não inesperadamente, os três membros da única Divindade aparecem por alusão ou menção direta no início e no fim do Antigo e do Novo Testamento, desde Gênesis até Malaquias e Mateus até Apocalipse, como ilustrado na tabela 5.3.

Com o passar do tempo além do canon completo da Escritura e dos apóstolos, os primeiros pais da igreja começaram a escrever sobre a Trindade com mais detalhes. Observe esses três exemplos:

> *Irenaeus (cerca de 120-202 AD)* :
> E esta é a elaboração da nossa fé, a fundação do edifício ea consolidação de um modo de vida. Deus, o Pai, incriado, inacessível, invisível, um só Deus criador de tudo; Este é o *primeiro e mais importante artigo* de nossa fé. Mas o *segundo artigo* é a Palavra de Deus, o Filho de Deus, Cristo Jesus nosso Senhor, que foi revelado pelos profetas de acordo com o desígnio de sua profecia e de acordo com a maneira pela qual o Pai dispunha; E por Ele foram feitas todas as coisas. Ele também, *no final dos tempos* , para a recapitulação de todas as coisas, tornou-se um homem entre os homens, visível e tangível, a fim de abolir a morte e trazer à luz a vida, e promover a comunhão de Deus e do homem.

Tabela 5.3 Referências trinitárias no Testament Bookends

Livro	**Passagem**	**Alusão / Menção**
Gênese	1:26	"nos"
Malaquias	2:15	Espírito Santo
	2:16	Pai
	3: 1-2	Cristo
Mateus	1:18	Cristo
	1:18	Espírito Santo
	1:22	Pai
Revelação	22:17	Espírito Santo
	22: 18-19	Pai
	22: 20-21	Cristo

> *Gregório de Nazianzus (cerca de 330 dC)* :
> O Filho não é Pai; ... mas ele é o que o Pai é. O Espírito não é Filho ... Contudo, qualquer que seja o Filho, ele é. Os três são um todo único em sua Divindade e o todo único é três em personalidades.

> *Agostinho (354-430 dC)* :
> Tudo o que é falado de Deus em relação a si mesmo, é falado individualmente de cada pessoa, isto é, do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; E juntos da própria Trindade, não plurally mas no singular.

Não só os homens estavam escrevendo como indivíduos, mas também os grupos começaram a compor declarações de credo. Vários dos primeiros mais importantes incluem o seguinte:

> *O Credo Niceno-Constantinopolitano (cerca de 381 dC)* :
> Nós cremos em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso ... E em um só Senhor Jesus Cristo ... Deus do próprio Deus ... E no Espírito Santo ... que com o Pai e o Filho juntos é adorado e glorificado.

> *O (Pseudo) Credo Atanasiano (cerca de 375-525 dC)* :
> E a fé católica é esta: Que adoramos um Deus na Trindade, ea Trindade na Unidade;
> Nem confundindo as Pessoas: nem dividindo a Substância.
> Pois há uma Pessoa do Pai: outra do Filho e outra do Espírito Santo.
> Mas a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma só: a Glória igual, a Majestade coeterna.

Desde a época do Credo Atanasiano, os teólogos observaram que pelo menos sete linhas de pensamento podem ser desenvolvidas a partir de toda a seção (parágrafos 3-28):

1. O Pai é Deus.
2. O Filho é Deus.
3. O Espírito Santo é Deus.
4. O Pai não é o Filho.

5. O Pai não é o Espírito Santo.
6. O Filho não é o Espírito Santo.
7. Existe exatamente um Deus.

Essas sete verdades, quando resumidas, ensinam que há um Deus vivo e verdadeiro, um em essência e eternamente existente em três pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo. Não pode haver nenhuma outra conclusão alcançada, bíblica ou logicamente.

salvação

Regeneração
Batismo
Selagem

Embora a humanidade tenha sido criada à imagem de Deus, perfeitamente adequada para a comunhão com ele, como resultado do pecado de Adão, toda a raça humana nasce no pecado, alienada de Deus e sujeita ao seu julgamento. Como um transbordamento de sua graça, o Deus Trino se propôs salvar um remanescente de sua criação através da obra expiatória de Deus, o Filho. As Escrituras ensinam, no entanto, que os benefícios de salvação comprados pela cruz de Cristo são aplicados aos crentes através da obra do Espírito Santo. Nesta seção, descrevemos seu trabalho com respeito à salvação.

Regeneração

O primeiro passo na aplicação da salvação pelo Espírito é a regeneração. Fundamental para a compreensão da regeneração são as realidades da morte espiritual e da vida. Todo ser humano que já viveu sofreu de morte espiritual (Romanos 3:23, Ef 2: 1, 5). Será que eles vão viver de novo, e se assim for, como isso vai acontecer? Deus, o Pai, Deus, o Filho e Deus, o Espírito Santo dão nova vida espiritual aos que antes estavam mortos em seus pecados (Rm 8: 2, 6, 10-11). A regeneração aborda diretamente este ato gracioso de Deus.

FOTOS DE PALAVRA

As Escrituras retratam a regeneração usando quatro imagens diferentes: (1) nascimento espiritual, (2) limpeza espiritual, (3) criação espiritual e (4) ressurreição espiritual.

Nascimento Espiritual (Tito 3: 5) . A palavra grega normalmente traduzida "regeneração" (*palingenesia*) aparece apenas duas vezes no Novo Testamento (Mt 19:28, Tito 3: 5). Mateus o usa para se referir ao milênio como um mundo regenerado, mas em Tito se refere à salvação. Uma combinação de duas palavras, *palingenesia literalmente* significa "nascido de novo" (ver Gálatas 4:29). A mesma idéia aparece em 1 Pedro no termo grego *anagennaō* , que também significa literalmente "nascido de novo" (1 Pedro 1: 3, 23) e foi traduzido assim. Ao falar com Nicodemos, Jesus lhe disse: "Você deve nascer de novo", usando duas palavras gregas que literalmente significam "nascido de cima" e que se referem ao renascimento espiritual de Deus que habita acima (João 3: 3, 7; 1:17). **A primeira epístola de João refere-se repetidamente a nascer de Deus (1 João 2:29; 3: 9; 4: 7; 5: 1, 4, 18). No ato da regeneração, o Espírito Santo trouxe convicção do pecado, da justiça e do juízo (João 16: 8-11), e ele fornece segurança de salvação depois de testemunhar o crente de sua realidade (Rm 8:16. 1 João 3:24).**

Limpeza Espiritual (Tito 3: 5) . Paulo usa duas vezes a palavra grega *loutron* para se referir àqueles que são imundos com o pecado (Isaías 64: 6) sendo lavados pela

regeneração (Ef 5:26, Tito 3: 5). Depois que Paulo relata os muitos pecados hediondos dos Coríntios (1 Coríntios 6: 9-10), ele usa a palavra grega *apolouō* para *descrever* a sua lavagem, que ele associa com a santificação da salvação e justificação (1 Coríntios 6:11).).

Criação Espiritual (Tito 3: 5) . Em Tito 3: 5, Paulo usa a palavra grega *anakainōsis* , que literalmente significa "novo outra vez" e é traduzido Esta é uma palavra composta usando "renovação". *Kainos* , que significa "nova em qualidade", em contraste com *neos* , o que significa "Novo no tempo." Paulo empregou ambas as palavras para "novo" em suas epístolas. Ao enfatizar a novidade na qualidade de vida, ele escolheu *kainos* para descrever a criação redentora de Deus (2 Coríntios 5:17, Gálatas 6:15, Ef 4:24); Quando pretendia a novidade no tempo da renovação da vida espiritual, ele se voltou para *neos* (Colossenses 3:10). Por causa da regeneração no sentido de renovação espiritual, os cristãos têm uma nova natureza (2 Coríntios 5:17) com novas capacidades espirituais (Romanos 6:18, 20; 1 Coríntios 12: 3). O regenerado, **Renovado crente foi agraciado com uma condição ainda melhor do que o que Adão originalmente tinha antes de sua queda no pecado e sua experiência da maldição de Deus. Adão era inocente, mas o crente regenerado é declarado justo - a recriação espiritual do Espírito Santo, viva para Deus.**

Ressurreição Espiritual (João 6:63) . Tanto Paulo (2 Cor. 3: 6) quanto João (João 6:63) declaram que o Espírito dá vida. Em outras partes, as Escrituras afirmam que Deus dá vida (João 5:21, Romanos 4:17, 6:13, Ef 2: 5 e Colossenses 2:13). João revela que Cristo dá a vida (João 5:21). Obviamente, um esforço trinitário coordenado está envolvido em trazer vida espiritual para aqueles que de outra forma estariam espiritualmente mortos. Assim, a Escritura retrata a regeneração como uma ressurreição espiritual.

O VELHO TESTAMENTO

Os crentes do Antigo Testamento foram regenerados ou a regeneração começou no Pentecostes? A resposta é definitivamente que os crentes do Antigo Testamento e do Novo Testamento experimentaram a regeneração.

Duas linhas de raciocínio diferentes revelam a mesma conclusão afirmativa. Primeiro, já que somente aqueles que são "nascidos de novo" - isto é, regenerados - podem estar no reino de Deus (João 3: 3, 5, 7), e segundo, já que os crentes do Antigo Testamento estavam salvificalmente no reino de Deus, Os santos do Antigo Testamento foram necessariamente regenerados. Aproximando-a de um ângulo diferente, já que é impossível para um crente ser justificado por Deus sem ser regenerado, e desde que os crentes do Antigo Testamento foram justificados (Rm 4: 1-12, ver Sal. 32: 1-2), então Os santos do Antigo Testamento foram regenerados.

ENVOLVIMENTO TRINITÁRIO

Todos os três membros da Divindade estavam envolvidos em algum aspecto da regeneração, já que as Escrituras dizem que os três dão vida:

1. Deus, o Pai (João 1:13, 2 Coríntios 5: 17-19, Ef 2: 4-6, Colossenses 2:13, Tiago 1:18, 1 Pedro 1: 3, 1 João 5: 11)
2. Deus, o Filho (João 1:12, 5:21)
3. Deus, o Espírito Santo (João 3: 5-7, 6:63, Tito 3: 5)

É por isso que Jesus deu a fórmula batismal: "... batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). Esta declaração reconhece cada membro da Divindade por causa de seus envolvimentos individuais e combinados na regeneração.

O ESPÍRITO SANTO EA PALAVRA DE DEUS

A salvação vem somente pela vontade de Deus, não pela vontade humana (João 1:13, Ef 2: 8-10, Tiago 1:18). Enquanto os três membros da Divindade fazem contribuições únicas para o esforço de regeneração, a Escritura enfatiza que é pela interação complementar do Espírito de Deus (João 3: 3, 5-7, Gálatas 3: 2-3, 14; 1: 5) com a Palavra de Deus (Romanos 1:16; 1 Tessalonicenses 1: 5; 2:13; 1 Pd 1:23) que a regeneração ocorre.

Portanto, a regeneração envolve a imparidade instantânea da vida espiritual eterna de Deus com as pessoas que antes estavam espiritualmente mortas, mas abraçaram Cristo pela fé por causa da graça de Deus. Este ato de graça eficaz é efetuado inteiramente, sem ajuda humana, pelo Espírito Santo através da Palavra de Deus. Esta criação de vida nova resulta em crentes sendo novas criações com uma nova natureza, novas habilidades, novos desejos, novos relacionamentos e novas responsabilidades para sempre.

A BLASFEMIA DO ESPÍRITO SANTO E APOSTASIA

Apesar da glória da obra do Espírito na salvação, a Escritura identifica dois casos em que as pessoas se excluem decisivamente da obra regeneradora do Espírito. Primeiro, há aqueles que cometem o pecado imperdoável ou imperdoável, a blasfêmia do Espírito Santo (Mateus 12: 31-32, Marcos 3: 28-30 e Lucas 12:10). Jesus ensinou sobre isso como os fariseus repetidamente confrontado ele e acusou-o de quebrar o sábado. Jesus explicou que sua compaixão por seus discípulos famintos (Mateus 12: 1-7) e por um homem com mão murchada (Mateus 12: 9-13) eram exemplos do cumprimento verdadeiro da lei de Deus. Não só isso, mas também a pretensão de ser Senhor do sábado (Mateus 12: 8), juntamente com as curas divinas (Mateus 12:13) e exorcismos (Mateus 12:22), inegavelmente demonstrou que Jesus era o divino Messias (Mateus 12:23). Incapaz de negar seu poder, Os fariseus procuravam influenciar as multidões, insistindo que Jesus operou seus milagres pelo poder de Satanás em vez do poder de Deus. Jesus notou o absurdo (Mateus 12: 25-26) e hipocrisia de tal acusação (Mateus 12:27). Eles não tinham boas razões para supor que os milagres de Jesus fossem demoníacos; Eles simplesmente não queriam aceitar sua autoridade divina.

Nesse contexto, Jesus identificou as acusações dos fariseus como blasfêmia contra o Espírito Santo (Mateus 12:31), pois foi pelo Espírito que ele realizou essas obras. Tal blasfêmia é imperdoável (Mateus 12:32). Embora os fariseus tivessem recebido a mais clara revelação da autoridade de Jesus, seus corações estavam tão endurecidos que recusaram aceitar o que sabiam ser verdade, e levaram uma acusação caluniosa numa tentativa maliciosa de silenciá-lo. Como resultado, Jesus declarou que eles estavam além do ponto de arrependimento e perdão. É essa rejeição e incredulidade endurecidas, determinadas e obstinadas - mesmo diante da evidência mais inegável - que caracteriza o pecado imperdoável. Em suma, alguém comete o pecado imperdoável ao testemunhar os atos do Espírito de Deus em Jesus e, por causa de um coração duro de incredulidade, atribuindo esses atos a Satanás.

Segundo, a Escritura também identifica aquelas pessoas que falsificam sua profissão de fé em Cristo - exteriormente e temporariamente dando a aparência de serem verdadeiramente regeneradas pelo Espírito, apenas para eventualmente cair e abandonar a fé (por exemplo, Hebreus 2: 1-3; 3: 7-13; 6: 4-6; 2 Pedro 2:20). Esta é a *apostasia* , um termo que significa "cair". Professar os cristãos que se identificam com Cristo e,

posteriormente, renunciam a ele, provam que nunca foram verdadeiramente convertidos, demonstrando por sua saída da comunhão da fé que nunca foram Realmente em Cristo (1 João 2:19). Pedro escreveu que, para esses impostores espirituais, seu último estado se torna pior do que o primeiro, E que teria sido melhor para eles não ter conhecido o caminho da justiça do que ter conhecido e depois se afastado (2 Pedro 2: 20-21). Isto é porque é impossível que alguém que verdadeiramente abandonou a fé à luz da revelação plena, seja renovado novamente para arrependimento (Hebreus 6: 4-6). Semelhante à blasfêmia do Espírito Santo, a apostasia consiste em uma rejeição dura e decidida a Cristo e de considerar falsa a verdade de Deus, da qual há, por assim dizer, um ponto de não retorno. Embora esse ponto só possa ser cognoscível para Deus, há uma espécie de rejeição que exclui a possibilidade de arrependimento. Semelhante à blasfêmia do Espírito Santo, a apostasia consiste em uma rejeição dura e corajosa de Cristo e de considerar falsa a verdade de Deus, da qual há um ponto de não retorno, por assim dizer. Embora esse ponto só possa ser cognoscível para Deus, há uma espécie de rejeição que exclui a possibilidade de arrependimento. Semelhante à blasfêmia do Espírito Santo, a apostasia consiste em uma rejeição dura e corajosa de Cristo e de considerar falsas a verdade de Deus, da qual há um ponto de não retorno, por assim dizer. Embora esse ponto só possa ser cognoscível para Deus, há uma espécie de rejeição que exclui a possibilidade de arrependimento.

Muitas vezes as consciências sensíveis dos crentes genuínos os incomodam quanto a ter pecado tão severamente quanto ter cometido o pecado imperdoável ou apostatado. No entanto, ambos os atos graves envolvem uma dureza de coração e um ódio severo para o Salvador. Estas não são as marcas daqueles que amam a Cristo de tal modo que temem cair longe dele. Os crentes pecadores devem continuar a se virar do pecado e confiar na suficiência da vida, morte e ressurreição de Cristo para salvá-los da ira de Deus. Para aqueles que o fazem, Cristo prometeu nunca deixar os seus próprios (Mateus 28:20, Hebreus 13: 5) ou que lhes sejam arrebatados (João 10: 28-29). Deus promete terminar sua obra de salvação (Filipenses 1: 6), para que nada possa separar os verdadeiros crentes do amor de Deus em Cristo (Romanos 8: 38-39). Os crentes temerosos devem examinar-se,

Batismo

Depois que o Espírito de Deus regenera aqueles que antes estavam mortos em seus pecados (Efésios 2: 1-3) para que eles herdem a vida eterna, pelo menos seis melhorias espirituais significativas envolvendo o Espírito ocorrem simultaneamente:

1. Cristo *batiza* o crente com o Espírito no corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13).
2. O Pai *sela* o crente com o Espírito Santo como demonstração de propriedade e garantia de sua salvação (Efésios 1:13).
3. O Espírito *habita* o crente (1 Cor. 3:16).
4. O Espírito *enche / controla* o crente (Efésios 5:18).
5. O Espírito *produz* frutos espirituais na vida do crente (Gálatas 5: 22-23).
6. O Espírito *dá* o *presente* ao crente para o serviço na igreja (1 Coríntios 12: 4).

Esses recursos serão discutidos consecutivamente nesta seção e nas seções de "Santificação" (p.359) e "Serviço" (p.379) abaixo. Todos os seis ocorrem concomitantemente com a salvação, mas cada um é tratado individualmente nas Escrituras.

O momento mais apropriado para iniciar a promessa de Cristo de vir do Espírito (João 14: 16-17, Atos 1: 4-5) foi Pentecostes (cinqüenta dias após a Páscoa, em maio ou junho),

que celebrou a Festa Judaica das Semanas 34:22), também conhecida como a Festa da Colheita (Êxodo 23:16). Como os judeus celebraram as primícias da colheita física (Levítico 23: 15-17), a nova era da aliança para a igreja inaugurou as primícias da salvação do Espírito Santo (Atos 2: 1-4 - ver Romanos 8:23) Colheita (ver João 4:35 para a imagem). O Espírito agora ministra sob a autoridade da nova aliança, não a antiga (Romanos 7: 6, 2 Coríntios 3: 2-11, Hebreus 8: 6-7, 13; 9:15; 10: 1).

CONSIDERAÇÕES SCRIPTURAIS

A *expectativa* do batismo do Espírito aparece em todos os quatro *Evangelhos* e em Atos 1. A *experiência* do batismo no Espírito começou em Atos 2, como *recordado* em Atos 11. A *explicação* do batismo no Espírito veio mais tarde, em 1 Coríntios 12.

Expectativa . Mateus 3: 11-12; Marcos 1: 8; Lucas 3: 16-17; E João 1: 32-34 relatam a referência de João Batista a Cristo batizando com o Espírito Santo. A preposição grega *en* deve ser traduzida "in" ou "with" uma vez que estas renderizações foram usadas anteriormente no sentido óbvio de "por meio de" com referência à água. Como alguém está imerso (*baptizō*) "em", "com", ou "por meio de" água, assim é um batizado "em", "com" ou "por meio do" Espírito Santo.

Três batismos diferentes aparecem nesses textos: (1) batismo com água, significando arrependimento prévio; (2) O batismo espiritual, significando salvação e entrada na igreja universal, o corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13); E (3) o batismo de fogo, apontando para o julgamento dos incrédulos (Mateus 3:12; 25:41; Lucas 3:16; João 15: 6; Apocalipse 20: 14-15).

Em Mateus, Marcos e Lucas, este evento ocorre antes do batismo de Cristo (por volta da primavera de 26 dC), enquanto João se refere a outra ocasião após o batismo de Cristo (ca. Mais de três anos depois, Cristo deu aos discípulos instruções de última hora sobre o batismo no Espírito (Atos 1: 4-5). Ao preparar-se para subir ao céu do Monte das Oliveiras na primavera de 30 dC, o Senhor lembrou-lhes o que João Batista havia dito anteriormente e indicou que o cumprimento inicial seria apenas alguns dias como eles esperavam em Jerusalém (Atos 1 : 4-5).

Experiência . Dez dias depois, no Pentecostes, os pronunciamentos anteriores de João e Cristo passaram (Atos 2: 1-21). Como se pode extrair essa conclusão, já que Luke não a registrou explicitamente como tal? Cerca de seis anos depois (cerca de 36 dC), quando Pedro visitou a casa do centurião romano Cornélio em Cesaréia (Atos 11: 13-18), ele pregou o evangelho a esta casa dos gentios. Eles foram salvos e receberam o Espírito Santo. Pedro recordou (1) que era como o dia de Pentecostes em Atos 2 e (2) que era semelhante às palavras da expectativa de Cristo em Atos 1: 5. Assim, ele concluiu que o que ocorreu no Pentecostes estava acontecendo com a família de Cornélio. Mais tarde, no Concílio de Jerusalém (cerca de 49 dC), Pedro confirmou e repetiu o que havia dito anteriormente treze anos antes em Cesaréia (Atos 15: 6-11).

Explicação . As narrativas históricas dos Evangelhos e dos Atos relatam os fatos da *expectativa* e da *experiência* do batismo do Espírito, mas não fornecem qualquer *explicação* quanto ao seu significado ou significado. No entanto, Paulo escreveu à igreja coríntia (cerca de 55 dC) e explicou a realidade resultante do batismo do Espírito: "Porque em um só Espírito fomos todos batizados em um corpo - judeus ou gregos, escravos ou livres - e todos foram Feito para beber de um Espírito "(1 Co 12:13).

Para fazer mais sentido dos aspectos únicos do batismo do Espírito, a Tabela 5.4 mostra o padrão paralelo de seis fatores essenciais para três cenários batismais. Para resumir, o batismo espiritual ocorre quando Jesus Cristo, Senhor de sua igreja, de

Pentecostes, pelo Espírito, coloca os cristãos em seu corpo, a igreja, no momento em que uma pessoa deposita sua fé em Cristo como Salvador e Senhor. Ao fazê-lo, os cristãos estão imersos e participam no corpo universal de Cristo pela vontade soberana do Salvador.

O livro de Atos apresenta alguns cenários que, quando comparados com essa explicação, levantam algumas perguntas. Jesus havia dito aos discípulos que pregassem o evangelho em Jerusalém, na Judeia, em Samaria e até os confins da terra (Atos 1: 8). Os apóstolos obedeceram, e os marcos desta expansão são relatados em Atos 2; 8; 10-11; E 19. Como eles procediam de Jerusalém para Éfeso, de judeu para gentio, cada progressão foi marcada por circunstâncias especiais.

Tabela 5.4 Comparando três cenários batismais

	Batismo de arrependimento	**Batismo na Igreja Local**	**Batismo espiritual**
O batizador	João Batista	Pastor	Cristo
O significado	agua	agua	Espírito Santo
Os batizados	Pessoa arrependida antes de Pentecostes	Crente de Pentecostes	Crente de Pentecostes
A condição	Arrependimento	Fé em Cristo	Fé em Cristo
O modo	Imersão em água	Imersão em água	Imersão no Espírito Santo
Os resultados	Reconhecido como um crente do Antigo Testamento	Obediência ao comando de Cristo na igreja local	Entrada no corpo universal de Cristo

Atos descreve a chegada do Espírito Santo em seu papel de ajudante prometido (João 14:17) como um evento audiovisual surpreendente (Atos 2: 1-13), que foi parcialmente e seletivamente repetido (Atos 8: 14-19; 10 : 44-48; 19: 1-7). Estas repetições foram casos especiais em que os crentes foram relatados para ter recebido ou sido preenchido com o Espírito Santo. Cada um destes casos faltou o som de um vento impetuoso poderoso e as línguas como de fogo que estavam presentes no evento original (Atos 2: 1-13); Contudo, as pessoas falavam em línguas que não sabiam, mas que outros reconheciam. Esses eventos não devem ser tomados como base para ensinar que os crentes de hoje devem esperar que as mesmas línguas - a evidência acompanhem o preenchimento do Espírito Santo. Mesmo nos Atos, Conversões genuínas não conduziram necessariamente a fenômenos extraordinários que acompanham o preenchimento pelo Espírito Santo. Por exemplo, uma multidão de três mil pessoas acreditaram e foram batizadas no mesmo dia de Pentecostes que começou tão drasticamente (Atos 2:41), contudo as Escrituras não mencionam línguas em seu caso.

Então por que em alguns casos as línguas acompanham a confirmação da fé? Que isso realmente ocorreu provavelmente demonstrou que os crentes estavam sendo atraídos de grupos muito diferentes para a igreja. Cada novo grupo recebeu uma recepção especial do Espírito Santo. Assim, os samaritanos (Atos 8: 14-19), os gentios (Atos 10: 44-48) e os crentes da antiga aliança (Atos 19: 1-7) foram acrescentados à igreja e a unidade da igreja foi estabelecida . Para demonstrar essa unidade, era imperativo ter alguma replicação em cada exemplo do que ocorrera no Pentecostes com os judeus crentes, como a presença dos apóstolos ea vinda do Espírito, manifestamente indicada através do

discurso nas línguas de Pentecostes. A Tabela 5.5 resume os detalhes destes quatro casos especiais.

Durante um período de cerca de duas décadas, o evangelho se espalhou de Jerusalém para Éfeso, para judeus e gentios. Estes quatro passos significativos representam a expansão da igreja, que foi marcada pelo batismo do Espírito com o falar em línguas usadas como um sinal para autenticar a genuinidade do evangelismo de Deus. Alguns concluíram que estes quatro cameos históricos representaram a norma na época, que continua até o presente. No entanto, as Epístolas como um todo dar a sensação muito diferente que estes eram realmente momentos extraordinários para não ser repetido.

Tabela 5.5 Quatro Casos Especiais de Conversão

Localização	Jerusalém / Judéia	Samaria	Caesarea	Éfeso
Texto	Atos 2: 1-21	Atos 8: 14-24	Atos 10: 1-11: 18	Atos 19: 1-7
Tempo	Dia de Pentecostes, ca. AD 30	Ca. AD 31-32	Ca. AD 36	Ca. AD 52
Pessoas	judeus	Samaritanos	Gentios	Discípulos de João Batista
Espírito Santo	Batizado e cheio do Espírito Santo	Recebeu o Espírito Santo	Recebeu o Espírito Santo	Recebeu o Espírito Santo
Placa	Falou em línguas como um sinal para os judeus	Nenhum registrado	Falou em línguas como um sinal para os judeus	Falou em línguas e profetizou como um sinal para os judeus
Circunstâncias	Acomodando-se juntos	Deitado nas mãos	Pedro pregando	Deitado nas mãos

Qual abordagem está correta? Duas regras clássicas e clássicas de interpretação bíblica, quando objetivamente e consistentemente aplicadas a Atos e às Epístolas, dão a resposta:

1. Empregar Escritura, não experiência pessoal, para determinar a verdade doutrinária.
2. Use seções de ensino (didáticas) das Escrituras, não porções históricas (narrativas), para determinar o que é prescritivo e não o que é meramente descritivo - o que é excepcional em comparação com o que deve ser considerado normativo.

A aplicação desses princípios leva a acreditar que as experiências descritas em Atos 2; 8; 10-11; E 19 eram exceções à norma, dada a fim de validar e ilustrar historicamente a difusão do evangelho durante o período único de transição do judaísmo temente a Deus para o novo cristianismo da aliança, conforme relatado no livro de Atos. Eles não foram a expectativa normativa e as experiências do ministério evangélico nos séculos subseqüentes até o presente.

Há quatro outros textos do Novo Testamento que falam de batismo de maneira tão vaga que os comentaristas detêm opiniões significativamente divergentes. Algumas breves observações estão em ordem:

1. Romanos 6: 3: "batizados em Cristo". Esta passagem aborda a união cristã "com Cristo"; Portanto, não se referiria ao batismo com água.
2. Gálatas 3:27: "batizados em Cristo". Este texto ensina a mesma verdade que Romanos 6: 3. A preposição grega *eis* , não *en* , é usada, significando "uma união inseparável e submissão total a".

3. Efésios 4: 5: "um batismo". Muito possivelmente este texto se refere ao batismo em água "em Cristo". Parece que isso se aplica sem exceção a todo cristão.
4. Colossenses 2:12: "sepultado com ele no batismo". Esta linguagem é bastante semelhante a Romanos 6: 3-4, e Paulo, portanto, provavelmente significa a união cristã "com Cristo".

Na mais alta probabilidade, todas estas quatro declarações paulinas referem-se à união cristã "com Cristo".

RESUMO POR CONTRASTES

A fim de ser claro sobre o que o batismo do Espírito é e não é, a lista a seguir fornece uma série de contrastantes afirmações positivas e negativas:

1. O batismo espiritual é um dom gracioso de Deus; Não é algo a ser procurado, agonizado ou orado.
2. O batismo espiritual é exclusivamente associado à regeneração / salvação; Não é normativo que ele seja associado com o dom temporário do dom de línguas ou com outros dons milagrosos limitados à era apostólica.
3. O batismo espiritual é um evento permanente e único; Não é um evento reversível ou recorrente.
4. O batismo espiritual é evidência da salvação de alguém; Não é por si só a medida da maturidade espiritual de alguém.
5. O batismo espiritual é uma bênção inicial e um resultado duradouro da salvação; Não é uma segunda obra de graça ou segunda bênção.
6. O batismo espiritual está inseparavelmente ligado à salvação; Não é separado ou posterior à salvação.
7. O batismo espiritual é soberanamente iniciado por Cristo; Ele não é obtido por qualquer ato de um crente.
8. O batismo espiritual é assumido pelo Novo Testamento como a experiência fornecida por Cristo de cada crente; Nunca é comandado por crentes para adquiri-lo ou reter.
9. O batismo espiritual é experimentado por todo cristão desde o Pentecostes até o tempo presente; Não era uma experiência de crentes do Antigo Testamento ou da era do Evangelho.
10. O batismo espiritual inclui todo crente; Não se limita aos espiritualmente maduros.
11. O batismo espiritual concede livremente a entrada no corpo universal de Cristo; Não se baseia em realizações espirituais individuais subsequentes.
12. O batismo espiritual é distinto, embora associado a, habitação e enchimento; Não deve ser equiparado a nenhum dos dois.

O batismo do Espírito Santo é um ato posicional, que ocorre na vida de cada cristão simultaneamente com a regeneração. Os textos em Atos que se referem a um batismo de pós-conversão do Espírito estão associados com a natureza transitória do período descrito em Atos. Primeira Coríntios 12:13 registra a doutrina normativa do batismo do Espírito, afirmando que resulta em uma nova posição no corpo de Cristo para todos os cristãos no momento da fé em Cristo. Pode-se inferir da natureza carnal dos cristãos coríntios, a quem Paulo escreveu esta passagem, que ela não tem necessariamente qualquer influência sobre a santidade subsequente. A igreja, o corpo espiritual de Cristo, é formada enquanto os crentes são imersos por Cristo no Espírito e unidos com todos os outros cristãos a partir do Pentecostes.

Selagem

O próprio Espírito de Deus vem regenerar, habitar e proteger a salvação de um crente no momento em que se arrepende do pecado e crê pela fé na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. O Espírito da promessa (Efésios 1:13) é dado por Deus como garantia da herança futura de um crente na glória.

Paulo desenvolveu este tema de *selagem* usando duas palavras gregas: *sphragizō* , "para selar", e *arrabōn* , "uma promessa" (2 *Coríntios* 1: 21-22; 5: 5 [AD 55-56], Ef 1:13 -14; 4:30 [AD 60-62]). Ambos os termos se originaram com um sentido secular, mas Paulo mais tarde apropriou-os como imagens de palavras espirituais para descrever um importante ministério de salvação envolvendo o Espírito Santo. *Sphragizō* , ou "selagem", retratou uma antiga prática de colocar cera macia em correspondência ou propriedade, que foi então carimbada com uma marca única que inequivocamente identificado o proprietário ou originador. Simbolizava segurança, proteção, propriedade, autoridade e autenticidade. *Arrabão* , ou "garantia, "Foi um adiantamento financeiro ou depósito dado de boa fé que o (s) pagamento (s) restantes estariam próximos para concluir uma transação comercial. Comunicou a idéia de uma promessa de promover certeza e segurança.

No contexto da salvação, o selo aponta para a propriedade de Deus sobre o crente, que foi comprado com um preço - o sangue do Filho de Deus Jesus Cristo (1 Coríntios 6: 19-20). Deus sela o crente (2 Coríntios 1:22; 5: 5) com o Espírito Santo, assim como anteriormente selou Cristo (João 6:27). Assim, o Espírito Santo é o selo real (2 Coríntios 1:22) que autentica o cristão como filho de Deus.

Todos os crentes verdadeiros recebem o selo do Espírito Santo por causa de sua salvação (Romanos 8: 9). Assim como um é salvo pela graça através da fé em Cristo, um também é selado por Deus com o Espírito Santo por causa de sua graça. Os crentes nunca são instruídos a buscar vedação ou a trabalhar para ela. É sempre assumido que eles são selados por causa de sua salvação. Em vez disso, os cristãos são advertidos para não entristecer o Espírito Santo, por quem eles foram selados por Deus (Ef 4:30).

O propósito imediato do selo é identificar aqueles que um dia receberão o benefício completo e final da salvação, isto é, a ressurreição (Romanos 8: 20-23). É por isso que Romanos 8:23 fala da vida presente de um crente como tendo "as primícias do Espírito", uma vez que há muito mais para vir na ressurreição e redenção do futuro dia do corpo do crente (2Cor 5: 4-5 Ef 1:14 e 4:30). A selagem imediata é atual, mas temporária, porque prediz o resultado final, que ainda é futuro e permanente. Como um crente selado por Deus com o Espírito Santo, a salvação é concedida pela autoridade de Deus e autenticada pela posse do próprio Espírito de Deus. Por serem de propriedade de Deus, os cristãos são espiritualmente seguros e protegidos por seus recursos espirituais onipotentes e invencíveis.

O Espírito não é apenas o selo de Deus sobre os crentes, mas também a garantia de Deus (2 Coríntios 1:22, 5: 5, Ef 1:14) de que cumprirá em última instância sua promessa de vida eterna com um corpo ressuscitado e glorificado. O Espírito é a promessa de Deus, o pagamento e o depósito que certifica com impecável certeza a certeza de que o que Deus começou, ele também completará (Filipenses 1: 6). É por isso que Paulo se refere ao Espírito como "o Espírito Santo prometido, que é a garantia de nossa herança até que possamos possuir, para o louvor da sua glória" (Efésios 1: 13-14). O Espírito é a garantia imediata de receber a promessa final de Deus (ver João 10: 28-29, Rm 8: 31-39) - vida eterna.

Santificação

Introdução
Residência

O preenchimento
Fruta

Introdução

O Novo Testamento emprega uma variedade de termos para se referir aos crentes no Senhor Jesus Cristo. O mais usado na terminologia contemporânea é o termo "cristão" (Gk. *Christianos*). No entanto, este nome aparece nas Escrituras em apenas três ocasiões (Atos 11:26; 26:28; 1 Pedro 4:16). A conotação originalmente pretendida (positiva ou negativa) permanece incerta; Contudo, aplica-se somente àqueles que creram e seguiram o caminho de Cristo Jesus.

Um termo favorito nos *Evangelhos* e Atos era " *discípulo* " (Gk. *Mathētēs*), que aparece mais de 250 vezes, mais *frequentemente* usado daqueles que seguiram a Cristo. De sua conexão com os "cristãos" em Atos 11:26, pode-se concluir que o uso de "discípulo" precedeu o de "cristão" e, mais importante, definiu um cristão como um autêntico discípulo de Cristo.

Ao longo do Novo Testamento, a imagem da família espiritual do *novo* nascimento é sugerida pelo uso freqüente de "irmão" (Gk *adelphos*) e a aparição rara de "irmã" (Gk. *Adelphē* , Philem. A um relacionamento espiritual em Cristo. Outra expressão marcante é "escravo" (Gk. *Doulos*) em contraste com Cristo como "Senhor" (Gk. *Kyrios*).

Cada um dos cinco termos acima parece bastante apropriado e óbvio. No entanto, uma referência adicional a um crente não é "santo" (Gk. *Hagios*). É o mais surpreendente, o mais intrigante, eo menos merecido. Usado escassamente nos Evangelhos e Atos, "santo" é a terminologia preferida nas Epístolas e Apocalipse.

Por que os cristãos, discípulos, irmãos, irmãs e escravos são chamados de "santos" ou "santos"? Eles não eram santos antes da salvação; Eles não são santos durante sua vida na terra, como só Deus é santo; E eles não serão sem pecado até depois da morte no céu. Mas a Escritura claramente, freqüentemente e enfaticamente declara que os crentes são "santos" ou "santos".

O conceito de ser santo ou santificado serve como encadernador no cânon: "Então, Deus abençoou o sétimo dia e o santificou" (Gênesis 2: 3); "... os justos ainda façam o que é reto, eo santo ainda é santo" (Apocalipse 22:11). Mais adiante, Deus ordenou a Moisés: "Sereis santos, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo" (Levítico 19: 2), e Pedro repetiu o mandamento: "Como é santo o que vos chamou, Santo em toda a vossa conduta, porque está escrito: Vós sereis santos, porque eu sou santo. "(1Pe 1: 15-16). Essa idéia de ser "separado", "devotado a" ou "santo" permeia toda a Escritura - tanto o Antigo Testamento como o Novo. Embora não se limite ao trabalho do Espírito Santo, a santificação é muitas vezes diretamente associada com o Espírito Santo (Romanos 8:23, 1 Coríntios 6:11, 1 Tessalonicenses 4: 7-8, 2 Tessalonicenses 2:13; Tito 3: 5, 1 Pe 1: 2).

Por que "santo"? É o único nome das seis designações mencionadas anteriormente que se concentra no atributo de santidade de Deus (Isaías 6: 1-8) e seu design que todos os verdadeiros crentes em Cristo cada vez mais demonstram e imitam essa qualidade como marca de autenticidade cristã (Hb 12:10). O Espírito de santidade (Romanos 1: 4), em outro lugar referido como o Espírito Santo (Salmo 51:11, Isaías 63:11, Mateus 1:18, Judas 20), personifica este atributo preeminente. Ao enfocar este título para os crentes, a discussão que se segue explorará as implicações salvíficas da santificação e da santidade, como aparecem em textos bíblicos tão familiares como o seguinte:

> Portanto, vocês devem ser perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito. (Mateus 5:48)

E sabemos que para os que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem, para aqueles que são chamados de acordo com seu propósito. Pois aqueles que ele conheceu de antemão também predestinou a ser conformado à imagem de seu Filho, a fim de que ele possa ser o primogênito entre muitos irmãos. E também os que predestinou, e os que ele chamou, também os justificou, e os que justificou glorificou. (Romanos 8: 28-30)

E eu tenho certeza disso, que aquele que começou uma boa obra em vós a fará completa no dia de Jesus Cristo. (Filipenses 1: 6)

Amados, agora somos filhos de Deus, eo que seremos ainda não apareceu; Mas sabemos que quando ele aparecer, seremos como ele, porque o veremos como ele é. E todo aquele que assim espera nele se purifica como é puro. (1 João 3: 2-3)

Ora, àquele que pode impedir-vos de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis diante da presença da sua glória com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja a glória, a majestade, o domínio ea autoridade, Antes de todo o tempo e agora e para sempre. Um homem. (Judas 24-25)

Três grupos distintos de palavras no Novo Testamento sinonimamente descrevem a salvação em termos daquilo que é passado, presente e futuro. A Tabela 5.6 ilustra este padrão com passagens representativas da Escritura, e os dados lá podem ser melhor resumidos com estas dez observações:

Tabela 5.6 Grupos de Palavra Descrevendo a Salvação

	Conclusão / Perfeição (Gk *teleioō, teleios*)	**Salvação (Gk. *Sōzō, sōtēria, sōtērion*)**	**Santificação (Gk *hagiazō, hagiasmos, hagios*)**
Passado	"Porque por uma só oferta *aperfeiçoou* para sempre os que estão santificados" (Hb 10:14).	"Ele nos *salvou* , não por causa das obras feitas por nós em justiça, mas segundo a sua própria misericórdia, pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo" (Tito 3: 5).	"E esses foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, vocês foram *santificados* , vocês foram justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus. "(1 Coríntios 6:11)
Presente	"Desde que temos estas promessas, amados, purifiquemo-nos de toda impureza de corpo e espírito, trazendo a *santidade* a *consumação* no temor de Deus." (2 *Coríntios* 7: 1)	"Portanto, amados meus, como sempre obedecestes, assim agora, não só como em minha presença, mas muito mais na minha ausência, *desenvolvei* a vossa *salvação* com temor e tremor." (Filipenses 2:12)	"Porque esta é a vontade de Deus, a vossa *santificação* : que vos abstenhais da imoralidade sexual; Que cada um de vós sabe como controlar seu próprio corpo em santidade e honra ... Porque Deus não nos chamou por impureza, mas em santidade. "(1 Tessalonicenses 4: 3-4, 7)
Futuro	"Mas você veio ... a Deus, o juiz de todos, aos espíritos dos justos *perfeito* ". (Heb. 12: 22-23)	"Além disso você sabe o tempo, que a hora chegou para você acordar do sono. Pois a *salvação* está mais próxima de nós agora do que quando primeiro cremos. "(Romanos 13:11)	"Que o próprio Deus de paz *vos* santifique completamente, e que todo o seu espírito, alma e corpo sejam mantidos irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Tessalonicenses 5:23).

1. "Salvação", "santificação" e "conclusão" / "perfeição" podem ser usados sinônimo na Escritura como grupos de palavras com significativa importância salvífica.

2. A salvação é parte da santificação em seu sentido mais amplo, e a santificação é parte da salvação em seu sentido mais pleno.
3. Portanto, a salvação ea santificação são inseparáveis. Você não pode ter um sem o outro.
4. Cada um desses três grupos de palavras pode descrever o passado, o presente ou o futuro.
5. Cada um desses três grupos de palavras pode descrever a inauguração, continuação ou culminação no contexto da redenção.
6. Cada um desses três grupos de palavras pode descrever a parte ou a totalidade da salvação.
7. A menos que se aceite essa tensão bíblica, conclusões errôneas certamente serão alcançadas no desenvolvimento da soteriologia.
8. Uma pessoa é dita pelas Escrituras para já ser o que uma pessoa está realmente se tornando.
9. Uma pessoa é ordenada na Bíblia para ser agora o que não se pode ser completamente até a eternidade.
10. A chave para manter a clareza no meio de uma possível confusão interpretativa é identificar corretamente as partes individuais em cada texto bíblico.

Esses pensamentos introdutórios lidam com a santificação em suas várias partes e como um todo para fornecer um contexto para o que se segue. Por design, a discussão subseqüente focalizará principalmente a *santificação progressiva* , ou seja, aquilo que ocorre na vida de um cristão após a salvação. Porém, sem avançar precipitadamente para a santificação progressiva, a tabela 5.7 introduz vários aspectos da santificação para destacar sua complexidade.

Tabela 5.7 Aspectos da Santificação

Agentes divinos primários	**PAI**	**FILHO**	**ESPÍRITO SANTO**
	"Porque Deus não nos chamou por impureza, mas em *santidade* ." (1 Tessalonicenses 4: 7)	"À igreja de Deus que está em Corinto, àqueles *santificados* em Cristo Jesus, chamados a ser santos , *juntamente* com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, tanto o Senhor deles como o nosso ..." 1: 2)	"Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu como as primícias para serem salvos, pela *santificação* pelo Espírito e pela crença na verdade" (2 Tessalonicenses 2:13).
Sequência temporal	**PASSADO**	**PRESENTE**	**FUTURO**
	"E agora vos recomendo a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificar-vos e dar-vos a herança entre todos os que são *santificados* " (Atos 20:32).	"... que cada um de vós saiba controlar seu próprio corpo em *santidade* e honra ..." (1 Tessalonicenses 4: 4)	"... para que ele possa confirmar os corações inocentes em *santidade* diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos." (1 Ts. 3:13)
Meios primários	**GOSPEL**	**GLÓRIA / ESCRITURA**	**RESSURREIÇÃO**
	"... para poder *santificá-* la, purificando-a pela lavagem da água com a palavra ..." (Efésios 5:26)	"E todos nós, *contemplando a glória* do Senhor, somos *transformados* na mesma imagem de um grau de glória para outro" (2 Coríntios 3:18).	"E não somente a criação, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente enquanto esperamos ansiosamente por adoção como filhos, a *redenção* de

			nossos corpos." (Romanos
		" *Santifica* -os na verdade; A	8:23)
		vossa palavra é a verdade	
		"(João 17:17).	
Efeitos	**INAUGURAÇÃO**	**CONTINUAÇÃO**	**CULMINAÇÃO**
	"E por essa vontade	"Uma vez que temos essas	"Que o maligno ainda faça o
	fomos *santificados* pela	promessas, amados,	mal, e os imundos ainda
	oferta do corpo de Jesus	purifiquemo-nos de toda	sejam imundos, e os justos
	Cristo uma vez por todas."	contaminação de corpo e	ainda façam o que é certo,
	(Hebreus 10:10)	espírito, trazendo *a*	eo *santo* ainda seja *santo* ."
		santidade de conclusão no	(Apocalipse 22:11)
		temor de Deus." (2 Cor. 7: 1)	
Resultados principais	**POSIÇÃO**	**PROGRESSÃO**	**PERFEIÇÃO**
	"... para lhes abrir os olhos,	"Mas agora que *fostes*	"... para que estabeleça os
	para que se convertam das	*libertados* do pecado e	vossos
	trevas à luz e do poder de	vos *tornastes* escravos de	corações *irrepreensíveis em*
	Satanás a Deus, para que	Deus, o fruto	*santidade* diante de nosso
	recebam o perdão dos	que *recebestes* leva	Deus e Pai, na vinda de nosso
	pecados e um lugar entre os	à *santificação* e ao seu fim, a	Senhor Jesus com todos os
	que são *santificados* pela fé	vida eterna" (Romanos 6:22).	seus santos" (1
	em mim" (Atos 26: 18)		Tessalonicenses 3:13).
Resultados pessoais	**JUSTIFICAÇÃO**	**SANTIFICAÇÃO**	**GLORIFICAÇÃO**
	"E esses foram alguns de	"Porque esta é a vontade de	"E sabemos que para aqueles
	vocês. Mas vocês foram	Deus, a vossa *santificação* :	que amam a Deus todas as
	lavados,	vocês que se abstenham	das coisas cooperam para o bem,
	foram *santificados* ,	vocês imoralidade sexual."	(1 para aqueles que são
	foram justificados em nome	Tessalonicenses 4: 3)	chamados de acordo com seu
	do Senhor Jesus Cristo e pelo		propósito. Pois aqueles que
	Espírito de nosso Deus. "(1		ele conheceu de antemão
	Coríntios 6:11)		também predestinou a ser
			conformado à imagem de seu
			Filho, a fim de que ele possa
			ser o primogênito entre
			muitos irmãos. E também os
			que predestinou, e os que
			chamou, também os
			justificou, e os que justificou,
			também
			os *glorificou* "(Romanos 8:
			28-30).
Realidades espirituais	**DECLARAÇÃO FORENSE**	**SUBMISSÃO OBEDIENTE**	**CONCLUSÃO SOBRENATURAL**
	"Porque por uma única	"Estou falando em termos	"Que o próprio Deus de
	oferenda aperfeiçoou para	humanos, por causa de sua	paz *vos* santifique
	sempre os que estão	limitações naturais. Pois,	completamente, e que todo
	sendo *santificados* " (H	assim como, uma vez,	vosso espírito, alma e corpo
	10:14).	apresentastes vossos	sejam mantidos
		membros como escravos da	irrepreensíveis na vinda de
		impureza e da iniquidade que	nosso Senhor Jesus Cristo" (1
		conduzem a mais iniquidade,	Tessalonicenses 5:23).
		agora apresentai os vossos	
		membros como escravos da	
		justiça que conduz	
		à *santificação* . "(Romanos	
		6:19)	

Embora alguém possa ser tentado a pensar que esta discussão da santificação é impraticável, apenas o oposto é verdadeiro. *A* teologia *sistemática* produz o plano de Deus para a teologia *espiritual* . A doutrina cristã traduz-se na vida cristã. Num sentido muito real, toda a teologia e toda a vida cristã podem ser discutidas, desenvolvidas e discernidas estudando e aplicando o que a Bíblia diz sobre a santificação.

As seguintes listas permitem que as Escrituras falem por si mesmas a respeito das três perspectivas temporais da santificação: posicionais, progressivas e perfeitas.

INAUGURAÇÃO: SANCTIFICAÇÃO POSIÇÃO (DEFINITIVA)

> E agora vos recomendo a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificar-vos e dar-vos a herança entre todos os que são *santificados* . (Atos 20:32)
>
> Para abrir os olhos, para que se convertam das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, para que recebam o perdão dos pecados e um lugar entre os que são *santificados* pela fé em mim. (Atos 26:18)
>
> À igreja de Deus que está em Corinto, aos *santificados* em Cristo Jesus, chamados para serem santos , *juntamente* com todos aqueles que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, tanto o Senhor como o nosso ... "(1 Cor. : 2)
>
> E por causa dele você está em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós sabedoria de Deus, justiça, *santificação* e redenção. (1 Coríntios 1:30)
>
> E esses foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, vocês foram *santificados* , vocês foram justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus. (1 Coríntios 6:11)
>
> ... para que a *santificasse* , purificando-a pela lavagem da água com a palavra ... (Efésios 5:26)
>
> Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu como as primícias para sermos salvos, mediante *santificação* pelo Espírito e crença na verdade. (2 Tessalonicenses 2:13)
>
> E por essa vontade fomos *santificados* por meio da oferta do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas. (Hb 10:10)
>
> ... segundo a presciência de Deus Pai, na *santificação* do Espírito, pela obediência a Jesus Cristo e por aspersão do seu sangue: Que a graça e a paz vos sejam multiplicadas. (1 Pe 1: 2)

CONTINUAÇÃO: SANCTIFICAÇÃO PROGRESSIVA

> *Santifica* -os na verdade; Sua palavra é verdade. (João 17:17)
>
> Estou falando em termos humanos, por causa de suas limitações naturais. Pois assim como, uma vez, apresentastes vossos membros como escravos da impureza e da iniqüidade que levaram a mais iniquidade, agora apresentai os vossos membros como escravos da justiça que conduz à *santificação* . (Romanos 6:19)
>
> Mas agora que vocês foram *libertados* do pecado e se tornaram escravos de Deus, o fruto que recebem leva à *santificação* e ao seu fim, a vida eterna. (Romanos 6:22)

E todos nós, com rosto *desvendado* , *vendo a glória* do Senhor, estamos sendo *transformados* na mesma imagem de um grau de glória para outro. (2 Coríntios 3:18)

Uma vez que temos essas promessas, amados, purifiquemo-nos de toda contaminação de corpo e espírito, trazendo *a santidade* de conclusão no temor de Deus. (2 Cor. 7: 1)

Pois esta é a vontade de Deus, a vossa *santificação* : que vos abstenhais da imoralidade sexual. (1 Tessalonicenses 4: 3)

... que cada um de vós sabe como controlar o seu próprio corpo em *santidade* e honra ... (1 Tessalonicenses 4: 4)

Porque Deus não nos chamou por impureza, mas em *santidade* . Portanto, quem não faz caso disso, não ignora o homem, mas Deus, que vos dá o Espírito Santo. (1 Tessalonicenses 4: 7-8)

Portanto, se alguém se purificar do que é desonroso, ele será um recipiente para uso honroso, separado como *santo* , útil ao dono da casa, pronto para toda boa obra. (2 Tim. 2:21)

CULMINAÇÃO: SANCTIFICAÇÃO PERFEITA

... para que ele possa confirmar os corações inocentes em *santidade* diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos. (1 Tessalonicenses 3:13)

Agora, que o próprio Deus de paz *vos* santifique completamente, e que todo vosso espírito, alma e corpo sejam mantidos irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Tessalonicenses 5:23)

As oito descrições que se seguem resumem o essencial da santificação como é ensinado nas Escrituras:

1. Uma obra salvífica inaugurada por Deus e na qual todos os três membros da Divindade participam
2. Uma obra salvífica que é continuada por Deus nesta vida até a sua conclusão no céu
3. Uma obra salvífica que não pode ser separada da justificação ou glorificação
4. Uma obra salvífica de Deus que é capacitada pela Palavra de Deus e pelo Espírito de Deus
5. Uma obra salvífica de Deus que, uma vez iniciada, não pode ser perdida, parada ou desfeita
6. Uma obra salvífica de Deus que provoca uma santa resposta da obediência bíblica à obra do Espírito Santo daqueles que são santos genuínos
7. Uma obra salvífica de Deus que não erradica o pecado do crente até a glorificação
8. Uma obra salvífica que proporciona esperança confiante nesta vida por causa de uma certa esperança eterna para a próxima vida

Residência

Encontramos duas conclusões extremas quando estudamos o Espírito Santo. Primeiro, uma continuidade radical supõe que tudo o que o Espírito Santo fez no Novo Testamento também foi certamente feito no Antigo Testamento. Em contraste, uma descontinuidade radical avança que tudo o que o Espírito Santo fez no Novo Testamento era essencialmente diferente de qualquer coisa feita no Antigo Testamento. Essas conclusões extremas seguem o mesmo padrão de um outro conjunto de extremos opostos: a idéia de que o Espírito Santo estava essencialmente adormecido no Antigo Testamento, mas

hiperativo no Novo Testamento contra a idéia de que o Espírito Santo era igualmente e identicamente ativo em ambos os Testamentos .

As posições polarizadas são particularmente comuns quando se discute o ministério de habitação do Espírito Santo. Embora seja exato afirmar que o Espírito Santo habitou os crentes em ambos os Testamentos, que é essencialmente onde o acordo termina. Os estudiosos cristãos diferem aqui. Um lado promove habitar no Antigo Testamento como sendo o mesmo que no Novo Testamento. O outro lado apoia a visão de que o ministério de habitação do Espírito, que começou no Pentecostes em Atos 2, diferia significativamente do Velho Testamento.

Antes que a questão possa ser adequadamente compreendida, um olhar sobre o que o Antigo Testamento eo Novo Testamento dizem sobre habitação está em ordem. Depois que a evidência foi recolhida, então uma conclusão sadia pode ser alcançada.

ANTIGO TESTAMENTO

Em pelo menos quatro ocasiões, diz-se que vários crentes do Antigo Testamento foram habitados pelo Espírito Santo. Primeiro, Josué é descrito como "um homem em quem há o Espírito" (Números 27:18) por causa do futuro papel de liderança que ele desempenhará como sucessor de Moisés. Segundo, a Escritura revela que o Espírito entrou em Ezequiel em preparação para ele enfrentar a nação extremamente rebelde de Israel (Ezequiel 2: 2, 3:24). Curiosamente, isso parece ter acontecido em duas ocasiões distintas, o que significa que o Espírito Santo partiu após o primeiro morar e retornou para o segundo - assim, o primeiro não era um morador permanente. Terceiro, o Novo Testamento comenta um tempo de atividade profética do Antigo Testamento quando o Espírito de Cristo estava habitando nos profetas (1Pe 1: 10-11).

Foi alegado que José e Daniel também foram habitados (Gênesis 41:38, Dan. 4: 8-9, 18; 5: 11-14; 6: 3). No entanto, este testemunho veio de vários governantes pagãos (Faraó, Nabucodonosor, a rainha de Belsazar, Belsazar e Dario) que não sabiam nada sobre o Espírito Santo de Deus e, portanto, não são qualificados para ser testemunhas peritas. No entanto, eles estavam tentando explicar os ministérios extraordinários desses dois homens especiais de Deus. Se José e Daniel foram habitados não pode ser determinado nesses casos.

Existem vários textos do Antigo Testamento que falam de Deus colocando seu Espírito no coração da nação de Israel (Ezequiel 11:19; 36: 26-27; 37:14). Esta promessa divina será cumprida no reinado milenar de Cristo após seu segundo advento.

Tabela 5.8 Casos de Capacitação do Espírito Santo

Pessoa	**Referência das Escrituras**
Bezalel	Ex. 31: 3; 35: 30-31
Moisés	Num. 11:17
Setenta anciãos	Num. 11:25
Balaam	Num. 24: 2
Joshua	Deut. 34: 9
Othniel	Judg. 3:10
Gideon	Judg. 6:34

Jephthah	Judg. 11:29
Sansão	Juiz. 14: 6, 19; 15:14
Saul	1 Sam. 10:10; 11: 6; 19:23
David	1 Sam. 16:13
Mensageiros de Saul	1 Sam. 19:20
Amasai	1 Crôn. 12:18
Azariah	2 Crôn. 15: 1
Jahaziel	2 Crôn. 20:14
Zacarias	2 Crôn. 24:20
Isaías	É um. 61: 1
Ezequiel	Ezek. 3:24; 11: 5

Em muitas ocasiões mais numerosas do que residindo, o Velho Testamento fala do Espírito Santo vindo "sobre" líderes particulares de Israel como um ato de capacitação. Esta era também a linguagem usada por Simeão, que detinha Cristo como uma criança no templo (Lucas 2: 25-35). Esta linguagem, que impede habitação, aparece no Antigo Testamento do Êxodo a Joel (ver tabela 5.8).

O Espírito também em raras ocasiões fisicamente pessoas deslocadas (1 Reis 18:12, 2 Reis 2:16, Ezequiel 3:12, 14; 8: 3; 11: 1, 24; 37: 1; 43: 5). Isso também ocorreu na era pós-Pentecostes com Felipe e João (Atos 8: 39-40 e Apocalipse 21:10).

As principais características de habitar no Antigo Testamento podem ser resumidas da seguinte forma:

1. Infreqüente
2. Envolvendo líderes selecionados em Israel somente
3. Temporário
4. Uma capacitação para o serviço

NOVO TESTAMENTO

Os termos gregos *intimamente relacionados oikeō, enoikeō* e *katoikētērion descrevem* o Espírito Santo "habitando dentro" dos verdadeiros crentes. Sem o Espírito Santo residente, uma pessoa não é um verdadeiro crente (Romanos 8: 9, Judas 19). As seis passagens principais que discutem os crentes que habitam no Espírito incluem Romanos 8: 9, 11; 1 Coríntios 3:16; 6:19; Efésios 2:22; E 2 Timóteo 1:14. Tomado em contexto, todo uso, exceto um, se refere aos crentes como indivíduos. Efésios 2:22, no entanto, parece falar de habitar tanto em um sentido individual e em um sentido coletivo, referindo-se ao corpo de Cristo, a igreja. Deus habitou em um templo físico na Jerusalém do Antigo Testamento; O Espírito de Deus habita individualmente em cada membro do corpo do Novo Testamento, bem como coletivamente neles completamente.

As principais características de residência no Novo Testamento podem ser resumidas da seguinte forma:

1. Sempre na salvação

2. Inclusão de todos os crentes individualmente
3. Permanente
4. Coesivo no sentido coletivo da Igreja universal
5. Um empoderamento para viver santo e serviço frutífero

Ao comparar as qualidades do Velho Testamento habitando com as características de habitação do Novo Testamento, pode-se observar alguns contrastes muito distintos. Isto levanta então a pergunta: o Antigo Testamento e os crentes evangélicos estavam habitados pelo Espírito Santo da mesma maneira que os crentes em Pentecostes (Atos 2) e além?

OS VELHOS E NOVOS CRENTES DO TESTAMENTO INDWELT IDENTICAMENTE?

O trabalho do Espírito no Antigo Testamento não era exatamente o mesmo que o Novo Testamento apresenta. Pentecostes marcou o início de certas diferenças distintivas. Quando se examina a vinda do Espírito no Pentecostes e mais além, isso não significa que o Espírito estava ausente da cena antes disso. No entanto, a situação era significativamente diferente na medida em que o Espírito assumiu residência permanente em crentes em Pentecostes.

Pelas seguintes razões, parece certo que os crentes do Antigo Testamento não foram habitados pelo Espírito Santo da mesma maneira que os crentes em Pentecostes e além:

1. As características principais seriamente diferentes mencionadas acima mostram um contraste dramático entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento habitando.
2. Enquanto todos os crentes do Antigo Testamento, como os crentes do Novo Testamento, foram regenerados pelo poder do Espírito de Deus, em nenhum lugar as Escrituras ensinam que o habitar era um componente necessário da salvação no Antigo Testamento.
3. Em João 7:39, Jesus explicitamente disse que o Espírito Santo ainda não havia sido dado no sentido de Batismo do Espírito, Espírito habitando e Espírito para todos os crentes.
4. Em João 14:17, Cristo disse do Espírito Santo: "Ele habita convosco e estará em vós". O verbo grego *menō* , aqui traduzido como "habita", seria mais apropriadamente traduzido como "permanece", uma vez que nem *oikeō , Enoikeō* , nem *katoikētērion* é usado. Além disso, enquanto o tempo futuro do verbo "ser" tem uma variante textual no tempo presente, a evidência do manuscrito é muito superior em apoiar o futuro. Assim, Cristo estava ensinando sobre um futuro habitar (pós-Pentecostes) que era diferente da permanência que Jesus estava descrevendo a seus discípulos naquele tempo.
5. Em João 13-17, Jesus disse aos apóstolos que esperassem algo significativo, porque quando ele partiu, o Espírito Santo seria enviado em seu lugar. A antiga aliança estava sendo substituída pela nova aliança (Hebreus 8). A habitação do Espírito Santo seria uma parte do novo.
6. Não haveria necessidade de as Escrituras falarem explicitamente das poucas moradas no Antigo Testamento se todos os santos do Antigo Testamento tivessem sido habitados.
7. Primeiro, Samuel 16:14 registra que o Espírito Santo partiu de Saul, e no Salmo 51:11, Davi reza para que Deus não tire dele o Espírito Santo. Essas passagens fazem o melhor sentido se forem entendidas como falando do empoderamento do Espírito Santo e não da salvação, uma vez que o habitar teria sido irreversível de outra forma.
8. O habitar no Novo Testamento não se refere apenas aos indivíduos, mas também corporativamente à igreja. Como a igreja não começou até o Pentecostes, o Antigo Testamento não teria habitado como o Novo Testamento.

9. Segundo Coríntios 6:16, citando Êxodo 29:45 e Levítico 26:12, registra Deus dizendo: "Farei a minha morada entre eles e andarei entre eles". Nenhum destes três textos afirma que Deus por seu Espírito habitará "Em" eles, quer nacionalmente ou individualmente, mas sim que ele vai morar "entre" eles externamente.

O preenchimento

O ministério de enchimento do Espírito Santo ocorreu tanto no Antigo como no Novo Testamento. Se alguém estivesse lendo as Escrituras do Gênesis ao Apocalipse, as referências ao preenchimento do Espírito seriam encontradas primeiro em Êxodo 31: 3 e último em Colossenses 1: 9. Três períodos serão usados para discutir variações de ênfase e manifestação: (1) pré-Pentecostes (Gênesis a João, cerca de 1440 aC-30 dC), (2) Pentecostes (Atos 1-2, AD 30) e (3) Pós-Pentecostes (Atos 3 até o arrebatamento, 30 dC até o arrebatamento). Ser preenchido produziu os efeitos das capacidades aumentadas pelo Espírito ou do caráter produzido pelo Espírito.

A palavra hebraica *masculina '* (Gk. *Empimplēmi* [Septuaginta]) é usada no Antigo Testamento. O Novo Testamento emprega três termos gregos que são diferentes, mas muito semelhantes em significado: (1) *pimplēmi* , (2) *plērēs* , e (3) *plēroō* . Todas essas palavras possuem a idéia básica de dominação ou controle total. Ao descrever a obra do Espírito Santo, eles transmitem a idéia geral da soberania divina como a causa e a submissão humana como o efeito.

PRE-PENTECOST

Velho Testamento . A era pré-Pentecostes pode ser dividida em dois períodos amplos. A primeira abrange o Antigo Testamento, que descreve um punhado de recheios do Espírito.

Ocasiões . Cinco menções de "enchimento" ocorreram durante (1) a construção do tabernáculo (cerca de 1444 aC), (2) a liderança de Josué (cerca de 1405 aC), (3) a construção do templo de Salomão), E (4) o ministério de Micah (cerca de 700 aC). Eles incluem especificamente o seguinte:

1. Bezalel foi (explicitamente) equipado pelo Espírito Santo para construir o tabernáculo e seu conteúdo (Êx 31: 2-3).
2. Bezalel e Oholiab foram (explicitamente) equipados pelo Espírito Santo com habilidades artísticas especiais para trabalhar nos conteúdos do tabernáculo (Êxodo 35: 31-35).
3. Josué foi (implicitamente) equipado pelo Espírito Santo com sabedoria para liderar Israel como o sucessor de Moisés (Dt 34: 9).
4. Hiram foi (implicitamente) equipado pelo Espírito Santo para ajudar Salomão a construir o templo original em Israel (1 Reis 7:14, 40, 45).
5. Miquéias foi (implicitamente) equipado pelo Espírito Santo para funcionar como um profeta de confrontação (Miquéias 3: 8, ver Zacarias 4: 6).

Observações . As ocasiões de preencher o Antigo Testamento eram notavelmente infreqüentes, embora seja possível que o Espírito enchesse outros sem que as Escrituras mencionassem tais ocasiões. O enchimento do Velho Testamento envolveu somente o Espírito Santo equipando ou permitindo que os líderes selecionados realizassem os planos de Deus em momentos especiais na história de Israel. Nenhum dos eventos de enchimento envolveu o caráter produzido pelo Espírito. Em termos de causa e efeito, o preenchimento do Espírito Santo se parece muito com essas outras descrições do Antigo Testamento: "o Espírito repousou sobre eles" (Números 11:26), Deus "pôs seu Espírito sobre eles" (Números 11:29) , E "o Espírito de Deus veio sobre ele" (Nm 24: 2).

Evangelhos . O segundo período antes de Pentecostes é o tempo do ministério de Jesus, que também apresentou apenas alguns exemplos de preenchimento do Espírito.

Ocasiões . "Enchimento" é mencionado explicitamente apenas quatro vezes nos Evangelhos - tudo por Lucas. Estes e dois recheios implícitos ocorreram durante um período de aproximadamente trinta anos, envolvendo quatro pessoas diferentes:

1. João Batista foi (explicitamente) "cheio" do tempo de sua concepção (Lucas 1:15).
2. Elizabeth foi (explicitamente) "cheia" durante o tempo em que ela carregava João (Lucas 1:41).
3. Zacarias foi (explicitamente) "cheio" para profetizar (Lucas 1:67).
4. Jesus foi (implicitamente) "cheio" como uma criança (Lucas 2:40).
5. Cristo foi (explicitamente) "preenchido" no início de seu ministério adulto (Lucas 4: 1, ver Lucas 3:22).
6. Muito possivelmente, Cristo (implicitamente) causou um enchimento quando ele soprou sobre os discípulos, dizendo: "Recebe o Espírito Santo" (João 20:22). Este ato pode ser entendido como a promessa de Cristo de que o Espírito Santo viria no Pentecostes, assim como ele prometeu (João 14: 26-27, Atos 1: 4 e 2: 4).

Observações . Como no Antigo Testamento, preencher os Evangelhos envolveu apenas indivíduos selecionados para ministérios únicos, que não devem ser repetidos. Os recheios envolveram habilitação do Espírito. Desde a primeira menção do "enchimento" até a menção final do Evangelho - todo o período anterior ao Pentecostes, que durou cerca de 1.475 anos - apenas nove indivíduos (não incluindo os onze discípulos) são citados como tendo sido preenchidos pelo Espírito Santo. Os recheios espirituais anteriores a Pentecostes eram raros, limitados e muito excepcionais.

PENTECOST

Ocasião . Atos 1-2 registra a transição de um foco primário sobre a nação de Israel para um foco primário na igreja. Esta transição ocorreu no dia de Pentecostes, depois da ressurreição de Cristo e da ascensão ao céu (Atos 1: 1-11). Os onze (mais tarde acompanhados por Matthias, Atos 1:13, 15-26), membros próximos da família (Atos 1:14) eo restante dos crentes (Atos 1:15) se reuniram em Jerusalém para esperar e orar pelo que Cristo prometeu No quarto superior (João 13-17) e em Atos 1: 4-5 sobre o iminente ministério do Espírito Santo.

Quando chegou o dia de Pentecostes, assim também o Espírito Santo (Atos 2: 1-4). Todos os 120 crentes foram batizados por Cristo com o Espírito Santo na igreja (ver "Batismo", 1 Coríntios 12:13) e foram preenchidos com o Espírito Santo (Atos 2: 3-4). Todos os 120 foram Espírito habilitado para falar outras línguas existentes que eles não sabiam anteriormente (Atos 2: 4-12). Além disso, todos eles foram preenchidos pelo Espírito Santo no sentido do caráter produzido pelo Espírito, que seria explicado mais tarde por Paulo (Efésios 5: 18-21).

Observações . A habilitação seletiva e especial do Espírito continuou, como havia sido o padrão histórico no Antigo Testamento e nos Evangelhos. No Pentecostes, o preenchimento tornou-se a experiência de todos os cristãos, não apenas alguns indivíduos selecionados para ocasiões especialmente significativas. Uma nova dimensão envolvendo o caráter produzido pelo Espírito para todos os cristãos também começou no Pentecostes (Efésios 5: 18-21).

POST-PENTECOST

O Espírito Santo continuou a capacitar indivíduos seletos e vários grupos seletos de pessoas para o ministério, até a primeira viagem missionária inclusive (Atos 11:24; 13: 9, 52). Pode-se supor que o Espírito Santo continuou a produzir caráter divino em todos os cristãos, como começado em Pentecostes e explicado por Efésios 5: 18-21.

Até ca. AD 48 . O período de Pentecostes através da primeira viagem missionária de Paulo dá mais ilustrações do Espírito preenchendo a era da igreja. A Escritura registra oito ocasiões de capacitação do Espírito Santo de 30 a 48 dC:

1. Pedro pregou em sua língua nativa, como havia feito em Atos 2: 14-40 (Atos 4: 8).
2. Os cristãos falaram a Palavra de Deus com ousadia em suas línguas nativas (Atos 4:31).
3. Sete homens foram escolhidos para ajudar os apóstolos (Atos 6: 3, 5).
4. Estêvão pregou sem medo (Atos 7:55, ver 6:10).
5. Paulo foi preenchido pouco depois de sua conversão (Atos 9:17).
6. Barnabé ministrava em Antioquia (Atos 11:24).
7. Paulo repreendeu Elymas, o mágico (Atos 13: 9-11).
8. Paulo, Barnabé e seus discípulos ministravam na primeira viagem missionária (Atos 13:52).

AD 48 e além . De Atos 14 a Apocalipse 22 e mais além (pelo menos até o arrebatamento da igreja), não há menções de "preenchimento" relacionadas com habilitação ou equipamento, como aconteceu no Antigo Testamento, nos Evangelhos, em Pentecostes e no Período pós-Pentecostes através da primeira viagem missionária. Assume-se, assim, que o "enchimento" descrito em Efésios 5: 18-21 prevaleceu como forma exclusiva de enchimento, começando com a segunda jornada missionária, que começou em Atos 14.

Efésios 5: 18-21. Paulo escreveu: "E não vos embriagueis com vinho, porque isso é deboche, mas sede cheios do Espírito" (5:18). Desde que o apóstolo começou explicando o que está sendo enchido *não* é , seria bom começar esta discussão da mesma maneira.

Primeiro, estar cheio do Espírito Santo não é uma experiência dramática e esotérica de repente ser energizado e espiritualizado em um estado permanente de piedade avançada por um segundo ato de bênção posterior à salvação. Nem é algum efeito temporário que resulta em fala extática ou visões.

Segundo, estar cheio do Espírito não é uma noção no outro extremo - estóico- mente tentando fazer o que Deus quer que façamos, com a bênção do Espírito Santo, em nosso próprio poder. Não é meramente um ato humano que tem a aprovação de Deus.

Terceiro, estar cheio não é o mesmo que possuir ou ser habitado pelo Espírito Santo, porque ele habita em cada crente no momento da salvação. Paulo declara em Romanos 8: 9: "Todo aquele que não tem o Espírito de Cristo, não lhe pertence." Ao contrário dos crentes antes do Pentecostes, sobre quem o Espírito Santo viria temporariamente (Jz 13:25, 16:20; Sam. 16:14, Sl 51:11), todos os cristãos são habitados permanentemente pelo Espírito.

Quarto, estar cheio do Espírito não descreve um processo de recebê-lo gradualmente. Todo cristão não só possui o Espírito Santo, mas também o possui em sua plenitude. Deus não distribui o Espírito, como se ele pudesse de alguma forma ser dividido em várias partes.

Em quinto lugar, também está claro, a partir de 1 Coríntios 12:13, que o preenchimento com o Espírito não é o mesmo que o batismo do Espírito porque todo crente foi batizado e recebeu o Espírito. Embora seus resultados sejam experimentados e desfrutados, o batismo e a recepção do Espírito não são realidades que se possam sentir e certamente não são experiências reservadas apenas para crentes especialmente abençoados. O batismo espiritual é uma realidade espiritual que ocorre em cada crente no momento em que se torna cristão e é colocado por Cristo em seu corpo pelo Espírito

Santo, que então se instala nessa vida. O preenchimento pode ser interrompido pelo pecado pessoal.

Paulo não acusou os coríntios de serem imaturos e pecaminosos porque ainda não tinham o Espírito Santo ou ainda não haviam sido batizados na igreja e então exortavam-nos a buscarem o Espírito para remediar a situação (1 Coríntios 1: 1-8). Pelo contrário, ele lembrou-lhes que cada um deles já possuía o Espírito Santo (1Co 12: 7, 11). Eles estavam pecando não por causa da ausência do Espírito Santo, mas apesar da presença do Espírito Santo. Mesmo quando um cristão peca, um ainda é habitado pelo Espírito Santo, e é esse mesmo fato que torna o pecado de alguém ainda pior. Quando um cristão aflige o Espírito (Ef 4:30) ou apaga o Espírito (1 Tessalonicenses 5:19), alguém aflige ou apaga o Espírito que reside dentro.

Finalmente, estar cheio do Espírito não é o mesmo que ser selado ou protegido por ele. Esse é um fato consumado (Efésios 1:13). Em nenhum lugar os crentes são ordenados ou exortados a serem habitados, batizados ou selados pelo Espírito Santo. O *único* comando deve ser preenchido.

Por outro lado, Paulo usa o termo "preencher" em relação à salvação em Filipenses 1:11 ("fruto da justiça", veja também Tiago 3:18). Ele também emprega "encher" para explicar a santificação aqui em Efésios 5: 18-21 (veja Col. 1: 9-10). Efésios 1:23 e 3:19 são ecos de 5:18, enquanto Romanos 15: 13-14 e Colossenses 3: 12-4: 6 paralelam o contexto maior em Efésios 5: 15-6: 9. O foco de Paulo assume a salvação de Efésios, e em 5: 18-21 ele explica sua responsabilidade no processo de santificação como sendo preenchido com o Espírito.

Comando . Ao contrário de todos os anteriores menções de Espírito “enchimento”, em Efésios 5:18 Paulo ordena os crentes a *continuar* a ser preenchido ou controlado pelo Espírito Santo. Ele emprega um imperativo para insistir que continuamente se submetem ao controle do Espírito Santo porque é a vontade de Deus (Efésios 5:17).

Os seres humanos têm duas escolhas: ser preenchidos pela carne na incredulidade (Romanos 1: 29-32), ou ser preenchidos pelo Espírito Santo em salvação e santificação (Ef 5: 5) : 18). Ser cheio autentica a salvação genuína de alguém permitindo que a vontade de Deus prevaleça em obediência ao ensinamento das Escrituras e à direção do Espírito Santo.

Condições . Como um cristão pode cumprir com a vontade de Deus? Ao não afligir o Espírito Santo (Ef 4:30) ou saciar o Espírito Santo (1 Tessalonicenses 5:19) com hábitos pecaminosos, como estar embriagado com vinho (Efésios 5:18) ou mentir ao Espírito Santo, como Ananias e Safira (Atos 5: 3, 9).

Por outro lado, os cristãos precisam andar com sabedoria (Efésios 5:15). Em outros lugares Paulo adverte os crentes a caminhar e viver no Espírito (Gálatas 5:16, 25). A Palavra de Deus aplicada pelo Espírito de Deus energiza ou capacita o cristão a fazê-lo. Em Colossenses 3:16, Paulo insiste que a Palavra de Cristo habite ricamente nos cristãos. Não surpreendentemente, a causa da Escritura produz o efeito de ser enchido com o Espírito (veja Col. 3: 12-4: 6 com Efésios 5: 15-6: 9).

Confirmações . A característica principal da salvação e da subseqüente santificação é uma obediência contínua, habitual e crescente à Palavra de Deus que é fortalecida pelo Espírito Santo que mora no lar, que controla o estilo de vida de um verdadeiro cristão. Efésios 5: 19-6: 9 ilustra alguns detalhes primários.

Primeiro, a evidência do preenchimento do Espírito inclui a natureza das conversas (Efésios 5:19). Eles devem ser para fora, um para o outro. Eles devem ser interior, do coração. E eles devem ser para cima, para o Senhor.

Em segundo lugar, a resposta continuamente grata ao Senhor, independentemente das circunstâncias, prova o ministério de enchimento do Espírito (Efésios 5:20, ver 1

Tessalonicenses 5:18). Esta reação deve ser manifestada sempre em todos os eventos da vida.

Terceiro, o ministério do Espírito na vida de um cristão influencia fortemente o relacionamento humilde de alguém com os outros. Isso inclui cristãos com outros cristãos (Efésios 5:21), esposas com maridos (Efésios 5: 22-24), maridos com esposas (Efésios 5: 25-33), filhos com pais (Ef 6: 1- 3), pais com filhos (Efésios 6: 4), empregados com empregadores (Ef 6: 5-8) e empregadores com empregados (Ef 6: 9).

Todos os indicadores representativos em Efésios 5-6 são expandidos em outros textos do Novo Testamento, como 1 Coríntios 13: 4-7; Gálatas 5: 22-23; E 2 Pedro 1: 5-11. É obrigação do crente ser preenchido com o Espírito Santo individual, corporativamente, continuamente, normalmente, submisso, voluntariamente e obedientemente.

Fruta

Isaías profetizou que o Espírito do Senhor capacitaria a Deus, o Filho, com o fruto da sabedoria e do entendimento, conselho e força, conhecimento e temor do Senhor, justiça e fidelidade (Isaías 11: 2, 5). Este ministério terá lugar durante o cumprimento do Messias da aliança Davídica (2 Sam 7: 12-16) no tempo de seu reinado milenar na terra (Isaías 11: 6-16).

João Batista exortou aqueles que afirmam ser crentes a produzir bons frutos em suas vidas apropriados para - isto é, autenticando - o arrependimento deles (Mt 3: 8-10; Lucas 3: 8-9). De acordo com Cristo, o caráter inerente de uma árvore é dado a conhecer externamente pelo tipo de fruto que produz (Mt 7: 16-20, 12:33, Lucas 6: 43-44). O Salmista concordou (Salmo 1: 3-6).

Em João 15, Cristo comparou um ramo que não dá fruto (João 15: 2, 6, ver Mateus 13: 18-22) com um que dá fruto (João 15: 2, 5, ver Mateus 13:23) . Aquele que dá fruto será podado para dar mais fruto (João 15: 2) e, finalmente, muito fruto (João 15: 5). Paulo falou disso como o fruto da justiça (Filipenses 1:11), como fez Tiago (Tiago 3:18). O ramo infrutífero será eventualmente posto de lado como inútil e queimado (João 15: 6).

Paulo escreveu extensivamente sobre a obra do Espírito em Gálatas. Ele primeiro discutiu a obra de salvação do Espírito Santo (Gálatas 3: 2-3, 5, 15, 4: 6, 29, 5: 5) e depois seguiu com a obra de santificação do Espírito Santo (Gálatas 5: 16-18 , 22-25). Ali, ele contrastava os despojos da carne (Gálatas 5: 19-21) com o fruto do Espírito (Gálatas 5: 22-23). Mais tarde, em Efésios, ele também falou dos feitos infrutíferos das trevas (Efésios 5: 3-7, 11) em comparação com o fruto da luz (Efésios 5: 8-9).

Ao todo, como ilustram estas variadas passagens da Escritura, o fruto produzido pelo Espírito pode ser definido como o pensamento cristão e viver em obediência às Escrituras que honram a Deus. Pode ser classificado de acordo com seis categorias:

1. Fruto de atitudes (Gálatas 5: 22-23, Ef 5: 9)
2. Fruto de ações (Col. 1:10, Tito 3: 8, 14)
3. Fruto de adoração (Hb 13:15)
4. Fruto do evangelho (Romanos 1:13 e Col. 1: 5-6)
5. Fruto da revelação da verdade (Ef 5: 9; 1 João 4: 2)
6. Fruto de doação abundante (Romanos 15: 26-28, 2 Coríntios 9: 6-8, 13, Fil. 4:17)

O FRUTO DO ESPÍRITO

Os Gálatas foram exortados a "andar pelo Espírito" (Gálatas 5:16, 25), para serem "guiados pelo Espírito" (Gálatas 5:18), para levar "o fruto do Espírito" : 22-23) e, ao fazê-lo, "viver pelo Espírito" (Gálatas 5:25). Este estilo de vida santo, elogiado por Paulo e

inaugurado na salvação, que traz a presença interior do Espírito Santo (1 Coríntios 3:16 e 6:19), deve então provar que está "cheio do Espírito" (Ef 5:18)). Paulo concluiu Gálatas com o mesmo pensamento (Gálatas 6: 7-16).

O fruto (Gk. *Karpos*) em Gálatas 5:22 é singular, não plural, na medida em que os verdadeiros crentes podem manifestar todos esses elementos simultaneamente. Paulo descreveu mais tarde esta obra santificadora como "o fruto da justiça" (Filipenses 1:11). Assim, as nove qualidades representativas (Gálatas 5:23, "tais coisas") se referem a toda a obra do trabalho santificador do Espírito na vida de alguém que foi justificado, isto é, declarado justo pela fé no Senhor Jesus Cristo. Este quadro é semelhante em espécie às quinze facetas do diamante chamado "amor" em 1 Coríntios 13: 4-7, as qualidades de um ancião (1 Tm 3: 1-7, Tito 1: 6-9), e As qualidades recomendadas e comandadas por crentes em Cristo (Colossenses 3: 12-17, 2 Pedro 1: 5-11).

Na noite anterior à sua crucificação, Cristo disse: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros" (João 13:35). Não é de surpreender que Paulo comece a sua discussão sobre o fruto espiritual com a característica do amor.

Amor . A morte substituta de Cristo forneceu o exemplo final do amor (Gk. *Agapē*). Ele disse: "Ninguém tem maior amor do que este, que alguém dê a vida por seus amigos" (João 15:13). Paulo chamou este amor supremo para ser característico do amor do marido pela sua esposa: "Maridos, amai a vossas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela" (Efésios 5:25). Primeira Coríntios 13: 8 promete que "o amor nunca falha" (NASB).

Assim, o amor é um atributo transmissível, divino, que é central para o caráter do Pai (1 João 4: 8), posto em exposição por Cristo na cruz e habilitado nos crentes pelo Espírito Santo. O amor pode ser definido amplamente como o compromisso consciente, sacrificial e volitivo para o bem-estar de outra pessoa, em obediência à Palavra de Deus (2 João 6), independentemente da resposta dessa pessoa ou o que ela recebe ou não recebe dela, Ou o amor custa um para dar. Esse amor dos cristãos para com os outros cristãos (Col. 1: 8), como era de se esperar, é a resposta "um ao outro" mais elogiada no Novo Testamento.

Alegria . Alegria (Gk. *Chara*) é uma felicidade baseada em promessas divinas imutáveis e realidades espirituais eternas. É o sentimento de bem-estar experimentado por alguém que sabe que tudo está bem entre si e o Senhor (1 Pe 1: 8). A alegria não é o resultado de circunstâncias favoráveis, mas ocorre mesmo quando essas circunstâncias são as mais dolorosas e severas (João 16: 20-22; 1 Tessalonicenses 1: 6). A alegria é um dom de Deus, e como tal, os crentes não devem fabricá-la, mas deleitar-se com as bênçãos que já possuem (Fp 4: 4).

Produzida pelo Espírito Santo (Romanos 14:17), a alegria é apropriada nos bons tempos (3 João 4) e nos tempos de provação (Tiago 1: 2-4). A alegria é uma profunda e permanente gratidão interior a Deus pela sua bondade que não é diminuída ou interrompida quando circunstâncias menos do que desejáveis invadem a vida de alguém.

Paz . A paz (Gk. *Eirēnē*) resulta em uma resposta ordenada, estabelecida e imperturbável a qualquer vida que traga o caminho. A paz produzida pelo Espírito Santo está além da compreensão humana (Filipenses 4: 6), uma calma interior que resulta da confiança na relação salvífica de alguém com Cristo. A forma verbal do termo grego denota ligação e reflete-se na expressão "tendo tudo junto". Como a alegria, a paz não é determinada pelas circunstâncias (João 14:27, Romanos 8:28, Filipenses 4: 7 , 9). A paz durante as tempestades da vida envolve uma tranqüilidade e confiança de coração que estão

ancoradas na consciência esmagadora de que a vida está nas mãos do Deus soberanamente poderoso.

Paciência . A *paciência* (*Makrothymia de* Gk.) Envolve auto-contenção que não retalia de forma reativa. Ele sofre ferimentos infligidos por outros sem a necessidade de vingança e aceita de bom grado situações irritantes ou dolorosas. *A longanimidade* capta o sentido essencial em uma só palavra.

Paulo mostrou sua própria paciência no ministério aos coríntios, atribuindo sua longanimidade ao Espírito Santo (2Co 6: 1-10, esp 6: 6). Tiago exaltava paciência em tempos de sofrimento pela fé (Tiago 5: 7-11). Pedro lembrou seus leitores da paciência de Deus antes de sua salvação (1 Pedro 3:20, 2 Pedro 3:15). A paciência é um elemento de amor (1 Coríntios 13: 4) e, no final, deve ser demonstrada para com todos (Ef 4: 2; 1 Tessalonicenses 5:14).

Bondade . A bondade (*Gk.chrēstotēs*) é expressa como uma preocupação suave e delicada para os outros que procuram ativamente maneiras de servi-los. O Pai (Rm 2: 4, Tito 3: 4) eo Filho (Mateus 11:30) mostraram bondade no ato da salvação. Os crentes devem ser bondosos uns para com os outros (Efésios 4:32 e Colossenses 3:12) e devem recomendar-se aos outros pela bondade (2 Cor. 6: 6).

Bondade . A bondade (Gk *agathōsynē*) exibe uma capacidade ativamente determinada para lidar com as pessoas no melhor interesse da glória de Deus, mesmo quando a confrontação e a correção são necessárias. A bondade está associada ao "fruto da luz" (Efésios 5: 9). A palavra grega para "bondade" aparece em nenhum lugar na literatura grega, exceto na Bíblia, onde na tradução Septuaginta do Antigo Testamento, "bondade" é dito ser um atributo de Deus (Ne 9:25).

Fidelidade . Fidelidade (Gk. *Pistis*) é um compromisso interior que se expressa consistentemente como uma lealdade exterior que permanece fiel às convicções espirituais de cada um. O décimo primeiro capítulo de Hebreus relata a fé ea fidelidade de santos notáveis do Antigo Testamento. Deus exemplifica a fidelidade em seu próprio caráter divino (Romanos 3: 3). E os santos na septuagésima semana de Daniel são exortados a serem fiéis diante do possível martírio (Apocalipse 13:10; 14:12).

Gentleness . Gentleness (Gk. *Prautēs*), traduzido às vezes "mansidão", basicamente retrata a força controlada expressa por um coração humilde. Em seu antigo sentido secular, o termo grego significava uma brisa suave ou uma besta domesticada, ou seja, a força usada para o bem, não para o mal. Paulo caracterizou Cristo dessa maneira (2Co 10: 1, ver Mateus 11:29). E Cristo ensinou: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mt 5: 5). A mansidão descreve três atitudes: (1) submissão à vontade de Deus (Colossenses 3:12); (2) ensino (Tiago 1:21); E (3) a consideração dos outros (Ef 4: 2).

Auto-Controle . O *autocontrole* (Gk. *Enkrateia*), que literalmente significa "em força", refere-se a uma restrição interna de apetites e paixões resultando em um domínio espiritual que se submete consistentemente à causa maior da vontade de Deus, não do homem. Esta é uma qualidade de piedade louvável (2 Pedro 1: 6), com a qual Paulo descreveu a disciplina de um atleta vencedor (1 Coríntios 9:25). Para a igreja em Creta pastoreada por Tito, Paulo listou essa qualidade consistentemente praticada como um traço identificável de um ancião (Tito 1: 8).

A Tabela 5.9 resume o ensinamento da Bíblia sobre frutos produzidos pelos Espíritos em termos de exortações do Novo Testamento à fecundidade e exemplos do Novo

Testamento de frutos semelhantes a Cristo. Pelo menos seis conclusões significativas podem ser extraídas da discussão de Paulo sobre o fruto do Espírito:

1. Este ensinamento é dirigido a todos os verdadeiros crentes como básicos para a sua vida cristã (2 Timóteo 3: 16-17).
2. Essas qualidades são ordenadas no contexto da acusação de "andar pelo Espírito" (Gálatas 5:16, 25).
3. Essas qualidades habilitadas pelo Espírito representam atributos comunicáveis de Deus que são marcas autênticas da piedade cristã (Gálatas 5: 22-23).
4. Porque o "fruto" é singular, não plural, Paulo pretendeu que ele fosse entendido como um fruto com características múltiplas, todas as quais deveriam ser refletidas a qualquer momento.
5. Esses traços frutíferos (Gálatas 5: 22-23) certificam a autenticidade de um cristão genuíno em contraste com os despojos da carne (Gálatas 5:13, 16-17, 19-21), que condenam os incrédulos 5:21).
6. Enquanto a lei era completamente contra as ações da carne, não há lei contra a obra do Espírito Santo (Gálatas 5:23). Este fruto representa a verdadeira liberdade espiritual para aquele que foi libertado da lei (Gálatas 5:18) e agora vive na era da nova aliança.

OS SPOILS DA CARNE

Paulo precedeu sua discussão de "fruto" com uma discussão contrastante sobre a "carne" (Gálatas 5: 19-21). No contexto, ele listou as atitudes e ações que poderiam ser explicadas apenas pela carne não redimida dos incrédulos, não pela obra santificadora do Espírito nos cristãos. Elas abrangem as categorias de pecado sexual, espiritual, atitudinal e relacional (Romanos 1: 24-32, 1 Coríntios 6: 9-10).

O apóstolo escreveu quinze exemplos específicos para ilustrar seu ponto. A lista pretendia ser não exaustiva mas representativa. Ele também tomou uma abordagem ilustrativa em outros lugares, tanto em contextos positivos quanto negativos, usando a frase "tais coisas" (Rm 1:32; Gálatas 5:21, 23).

Tabela 5.9 Fruto semelhante a Cristo

A fruta	**Exortações aos cristãos**	**Exemplos de semelhança com Cristo**
Ame	Matt. 22: 34-40 João 13:34 1 Cor. 16:14 Eph. 5: 2 Col. 3:14 1 João 4: 7	João 10: 11-18; 13: 1; 15: 9-10, 13 Eph. 5: 2
Alegria	ROM. 12:12, 15 Phil. 3: 1; 4: 4 Tiago 1: 2 1 Pet. 4:13	João 15:11; 17:13 Heb. 12: 2
Paz	2 Cor. 13:11 Eph. 4: 3 Phil. 4: 7-8 Col. 3:15 2 Tim. 2:22 1 Pet. 3:11	João 14:27; 16:33; 20:19, 21
Paciência	Eph. 4: 2 Col. 3:12 1 Tess. 5:14 2 Tim. 4: 2	1 Tim. 1:16 2 Pet. 3:15

Bondade	Col. 3:12 2 Tim. 2:24	Matt. 11:30 Tito 3: 4
Bondade	ROM. 12: 9, 21 Gal. 6:10 Eph. 4:28	Lucas 18: 18-19 João 7:12
Fidelidade	Apocalipse 2:10	Rev. 1: 5
Mansidão	Gal. 6: 1 Eph. 4: 2 Col. 3:12 1 Tim. 6:11	Matt. 11:29
Autocontrole	2 Pet. 1: 5-6	É um. 53: 7 1 Pet. 2:23

Paulo enfatizou não um pecado ocasional, mas sim a prática habitual e intencional de muitos pecados, indicando um estilo de vida ímpio contínuo. Ele concluiu (Rm 1:32) que esses tipos de pessoas merecem morrer, pelo que ele quis dizer a segunda morte de Apocalipse 20: 11-15. Em Gálatas 5, Paulo raciocinou da mesma maneira que "aqueles que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus" (Gálatas 5:21, ver também Mateus 5:20, João 3: 5, 1Co 6: 10, Ef 5: 5).

Em resumo, o Novo Testamento usa a imagem de um fruto com duas variações para contrastar os cristãos com os não cristãos, que não têm a obra de santificação do Espírito Santo. Primeiro, a falta de fruto identifica um incrédulo, enquanto abundante fruta autentica um verdadeiro crente (Mt 13: 18-23, esp 13:23, João 15: 2-6). Segundo, os crentes dão bons frutos, enquanto os incrédulos produzem frutos podres (Mateus 7: 16-20, 12:33, Lucas 6: 43-44, Gálatas 5: 19-23).

Serviço

Visão Geral dos Presentes
Presentes temporários (Revelatory / Confirmatory)
Presentes Permanentes (Falando / Servindo)
Questões importantes

No Antigo Testamento, apenas algumas pessoas seletas foram capacitadas pelo Espírito Santo para o serviço espiritual. No entanto, no Novo Testamento, cada crente é dotado para servir no corpo de Cristo, a igreja.

Várias palavras gregas do Novo Testamento ajudam a explicar como isso funciona. Primeiro, *charis* (Romanos 12: 6, 1 Pedro 4:10), normalmente traduzida como "graça", indica um favor imerecido / não merecido. É a base para o termo *carisma* (Romanos 11:29, 12: 6, 1 Coríntios 1: 7, 12: 4, 9, 28, 30-31, Ef 4: 7, 1 Pedro 4:10), Que significa "dom da graça". Ambas as palavras são usadas juntas em Romanos 12: 6 e 1 Pedro 4:10 para prover o mais completo senso de doutrina espiritual na igreja. Em segundo lugar, *pneumatikos* , usado em 1 Coríntios 12: 1 e 14: 1 no contexto dos dons, acrescenta a dimensão de ser *espiritual* em oposição a ser *natural* (ver *psychikos* em 1 Cor. 2: 14-15, 15:46). Em outras palavras, Estes são presentes associados com o Espírito Santo que têm uma natureza espiritual e que são dados para um propósito espiritual. *Finalmente , merismos* (Heb. 2: 4) transmite a idéia de que o originador e distribuidor desses dons é Deus, não os seres humanos.

Os dons espirituais do Novo Testamento têm um envolvimento trinitário. Deus o Pai planejou e designou os dons (1Co 12:18, 28). Deus, o Filho, forneceu esses dons (Efésios 4: 7-8, 11). Deus, o Espírito Santo habita e capacita as pessoas com dons espirituais (1 Coríntios 12:11). Todas as três pessoas da Divindade estão envolvidas (1 Coríntios 12: 4-6).

Visão Geral dos Presentes

Pelo menos sete listas de presentes podem ser encontradas no Novo Testamento. Nenhuma lista é idêntica; Portanto, são representativas e não exaustivas (ver quadro 5.10). Eles estão localizados em 1 Coríntios 12-13 (AD 55), Romanos 12 (AD 56), Efésios 4 (cerca de 61 dC) e 1 Pedro 4 (cerca de 64 dC).

Enquanto as listas discutem principalmente os dons dados pelo Espírito Santo, vários falam tanto aos dons como aos escritos dotados. Apóstolos, profetas e mestres estão incluídos com os dons em 1 Coríntios 12: 28-30. Em contraste, Efésios 4:11 lista exclusivamente apóstolos, profetas, evangelistas e pastores / mestres.

As seguintes observações constituem algumas das mais importantes descrições e conclusões da revelação de Deus sobre dons espirituais:

1. A salvação é um dom do *carisma* , isto é, um dom imerecido pela graça de Deus (Romanos 6:23, Ef 2: 8 e Tito 2:11).
2. O Espírito Santo é também um dom do *carisma* , isto é, um dom imerecido pela graça de Deus (Romanos 5: 5, 1 Tessalonicenses 4: 8, 1 João 3:24, 4:13, ver também Atos 2:38 10:45, Hebreus 6: 4).

Tabela 5.10 Presentes Espirituais

1 Coríntios 12: 8-10	**1 Coríntios 12: 28-30**	**1 Coríntios 13: 1-3**	**1 Coríntios 13: 8-9**	**Romanos 12: 6-8**	**Efésios 4:11**	**1 Pedro 4: 10-11**
Pronunciação de sabedoria	Apóstolos	Línguas	Profecia	Profecia	Apóstolos	Falando
Ponderação do conhecimento	Profetas	Profecia	Línguas	Serviço	Profetas	Servindo
Fé	Professores	Conhecimento	Conhecimento	Ensino	Evangelistas	
Presentes de cura	Milagres	Fé		Exortando	Pastores / professores	
Trabalho de milagres	Presentes de cura	Dando		Contribuições generosas (dando)		
Profecia	Ajudando			Conduzindo		
Distinguir entre espíritos	Administração			Misericórdia		
Vários tipos de línguas	Vários tipos de línguas					
Interpretação de línguas	Interpretação de línguas					

3. Como o batismo espiritual, os dons espirituais acompanham a salvação.
4. A vontade de Deus, não a vontade humana, determina o dom individual (1 Coríntios 12:11, 18, 24, Hebreus 2: 4).
5. Os dons espirituais são permanentes e irrevogáveis (Romanos 11:29).
6. Os dons espirituais recebidos com a salvação devem ser distinguidos dos talentos naturais possuídos pelo nascimento físico (1 Coríntios 12:11). No entanto, o Espírito Santo pode certamente usar ambos os tipos de doação para seus próprios propósitos divinos.
7. O dom espiritual apenas não necessariamente faz um cristão espiritual, como demonstrado pela igreja de Corinto (1 Coríntios 14:20). O caráter espiritual é a maior prioridade (Cl 1:28).
8. Todos os cristãos são dotados sem exceção (1 Coríntios 12: 7, 11, Ef 4: 7 e 1 Pedro 4:10) e podem ter mais de um dom, resultando em uma combinação de presente único.
9. O Espírito Santo produz uma variedade de dons (1 Coríntios 12: 4), que os cristãos empregam em uma variedade de ministérios (1 Coríntios 12: 5-6) com uma variedade de resultados (1Co 12: 6) .
10. O talento individual aumenta o bem corporativo (1Co 12: 7) por meio dos cristãos servindo uns aos outros (1Pe 4:10).
11. Os dons devem ser exercidos no amor (1 Coríntios 13: 8, 13), porque sem amor, a prática do dom é inútil (1 Coríntios 13: 1-3).
12. Os dons diferem de acordo com a graça de Deus dada (Romanos 12: 6 e Ef 4: 7) e devem ser ministrados pelos cristãos como bons mordomos da graça de Deus (1Pe 4:10).
13. A Escritura ordena aos cristãos que exerçam seus dons (Romanos 12: 6 e Ef 4: 11-14) como responsabilidade e obrigação humanas.
14. O propósito primário dos dons permanentes é para a edificação da igreja (1 Coríntios 14: 4-5, 12, 17, 26, ver Efésios 4: 12-13).
15. O exercício frutífero do seu dom dá glória a Deus (1 Pedro 4:11).

Presentes temporários (Revelatory / Confirmatory)

A discussão a seguir trata de dons temporários que cessaram com a idade apostólica e dons permanentes que continuam até o fim da era da igreja. As sete listas de presentes registram provisões temporárias e permanentes de três maneiras. Primeiro, duas listas enfatizam presentes temporários (1 Coríntios 12: 8-10; 13: 8-9). Segundo, duas listas se concentram em dons permanentes (Rm 12: 6-8, 1 Pv 4: 10-11). Finalmente, três listas contam uma mistura de presentes temporários e permanentes (1 Coríntios 12: 28-30, 13: 1-3, Ef 4:11). Começaremos com dons temporários, que serviriam tanto de fins revelatórios como confirmatórios na autenticação dos mensageiros especiais de Deus e na inauguração da nova era da aliança.

Três declarações do Novo Testamento falam diretamente sobre milagres divinamente iniciados envolvendo presentes temporários feitos através de pessoas. Primeiro, considere o comentário inspirado de Pedro sobre o propósito dos milagres de Jesus em Atos 2:22: "Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré, um homem atestado a vós por Deus com obras poderosas, maravilhas e sinais que Deus fez por meio dele No meio de vós, como vós mesmos sabeis ... "Aqui Pedro essencialmente fez eco a Cristo, que afirmou que as suas obras certificavam as suas pretensões de divindade e mesianismo. Os milagres de Jesus atestavam inegavelmente a verdade de sua pretensão de ser o Deus-homem (João 11: 47-48). Eles distinguiram Cristo, que tinha impecáveis credenciais milagrosas, como o verdadeiro Messias em contraste com todos os falsos cristos ao longo da história.

Segundo, Paulo fez uma declaração direta sobre milagres em relação aos apóstolos em 2 Coríntios 12:12. Ele observou enfaticamente que as marcas (*sēmeia*) de um apóstolo eram sinais, *maravilhas* e milagres. Deus usou esses fenômenos sobrenaturais para autenticar o mensageiro apostólico e assim validar sua mensagem (Atos 2:43, 5:12, Romanos 15:19, Hebreus 2: 1-4). Muito o mesmo método foi usado por Deus para autenticar os profetas do Antigo Testamento - Deus cumpriu a mensagem dos profetas e realizou milagres através deles (ver Deuteronômio 13: 1-5; 18: 21-22). Milagres distinguidos entre os verdadeiros e falsos profetas e apóstolos.

Terceiro, o autor de Hebreus argumentou que Deus usou milagres para autenticar a mensagem de salvação. Hebreus 2: 3-4 afirma que Deus testemunhou a verdadeira salvação através dos apóstolos por milagres.

Essas passagens de Atos, 2 Coríntios e Hebreus ensinam que o propósito primordial de Deus para os milagres que ele operou através de homens com doação temporária foi *autenticar seus mensageiros como tendo uma verdadeira revelação de Deus* . Isso era verdade tanto para presentes temporários de revelação quanto para dons temporários de confirmação.

O PADRÃO BÍBLICO DOS MILAGRES AUTENTICANTES

Há muitas ilustrações deste tipo principal de propósito no Velho Testamento. Em Êxodo 3 e 4, Deus finalmente convenceu Moisés de que ele deveria representá-lo no Egito. A cada uma das objeções de Moisés, Deus respondeu com um sinal sobrenatural que autenticaria a comissão de Moisés. Em Êxodo 4: 30-31, os sinais foram realizados, e os judeus acreditavam. Depois de um sinal e três pragas, os mágicos do faraó acreditavam (Êxodo 8: 18-19). Depois de dez pragas e do incidente do Mar Vermelho, pode-se supor que o faraó acreditou (Êxodo 14: 26-30), e a fé dos judeus foi reavivada (Êxodo 14:31).

Depois de alimentar Elias com seus últimos bocados, a viúva de Sarepta viu sua comida reabastecida sobrenaturalmente (1 Reis 17: 8-16). Na morte de seu filho, ela duvidou (1 Reis 17: 17-18), mas quando seu filho foi trazido de volta à vida sobrenatural, ela acreditou (1 Reis 17:24). Elias tinha sido atestado como autêntico por um milagre de Deus. Isso aconteceu novamente no Monte Carmelo, quando, sob o comando de Elias, o fogo veio do céu e fez crentes do povo no meio da incredulidade rampante e grossa idolatria (1 Reis 18: 30-40). Naamã estava convencido da credibilidade de Eliseu depois de ser curado da lepra (2 Reis 5: 14-15). Nabucodonosor conhecia a confiabilidade de Daniel depois de corretamente revisar e interpretar o sonho do rei (Daniel 2: 46-47).

Claramente, Deus usou milagres através dos homens para autenticar seus mensageiros. Os milagres nunca foram usados apenas para exibição, para frivolidade, ou para exaltar o mensageiro.

Uma revisão da história bíblica revela três períodos principais durante os quais Deus realizou milagres através dos homens. Tais milagres através de agentes humanos ocorreram em outras eras, mas raramente em comparação. Estes três períodos principais incluem o seguinte:

1. Os ministérios de Moisés e Josué, ca. 1450-1390 aC
2. Os ministérios de Elias e Eliseu, ca. 860-800 aC
3. Os ministérios de Cristo e seus apóstolos, ca. AD 30-60

Ainda assim, mesmo nesses períodos, milagres não eram a norma para todos os servos de Deus. Falando de João Batista, o Senhor disse: "Digo-vos, entre os nascidos de mulheres, ninguém é maior do que João. Contudo, aquele que é o menor no reino de Deus é maior do que ele "(Lucas 7:28). Mas João, o apóstolo, escreve do Batista: "João não fez

nenhum sinal, mas tudo o que João disse sobre este homem era verdadeiro" (João 10:41). Mais tarde, a mensagem de João foi reivindicada pelos milagres de Cristo. Assim, a estatura de um homem de Deus foi principalmente evidenciada não por sinais de milagres, mas pela veracidade da mensagem.

CUIDADO DA HISTÓRIA EXTRABÍLICA

Relatos de milagres não se limitam à história bíblica ou mesmo ao cristianismo. De fato, se o mero número de supostos milagres fosse usado para medir a autenticidade de uma religião, o verdadeiro cristianismo seria eclipsado pela falsa religião. O fato de que supostos milagres acontecem fora da fé cristã deve levar os cristãos a serem cautelosos com aqueles que afirmam fazer o milagre.

A história de supostos milagres dentro da esfera do cristianismo desde AD 100 é abundante na área de cura. O notável teólogo Benjamin Warfield observou,

> Há pouca ou nenhuma evidência para milagres durante os primeiros cinqüenta anos da igreja pós-apostólica; É leve e sem importância para os próximos cinqüenta anos; Cresce mais abundante durante o próximo século (o terceiro); E torna-se abundante e preciso apenas no século IV, para aumentar ainda mais no quinto e além. Assim, se a evidência vale alguma coisa em tudo, em vez de uma diminuição regularmente progredindo, houve um aumento constante do trabalho do milagre desde o início.

No entanto, o caráter ea qualidade dos milagres pós-apostólicos relatados correspondem aos registrados na Escritura? O eminente historiador da igreja Philip Schaff oferece essas pesadas considerações contra esses milagres:

1. Eles são de "um tom moral muito menor" e "excedem em muito" os milagres bíblicos "em pompa externa".
2. Eles não servem "para confirmar a fé cristã em geral".
3. "Quanto mais eles forem removidos da era apostólica, mais numerosos eles são".
4. Os pais da igreja não relataram com veracidade tudo o que havia para saber sobre os supostos milagres.
5. Os padres da igreja admitiram que havia "fraudes extensivas".
6. "Os milagres de Nicéia encontraram dúvidas e contradições mesmo entre os contemporâneos".
7. Os pais da igreja se contradizem ao ensinar que os milagres não mais aconteciam e então relatavam a ocorrência de milagres reais.

Os cristãos precisam prestar atenção aos avisos da história, independentemente de sua própria posição sobre os milagres feitos por meio de agentes humanos. Satanás fará tudo o que puder para enganar e enganar os cristãos ao longo do caminho sem saída dos supostos milagres (2 Coríntios 11: 13-15). Aqueles que estão no caminho um dia se aproximarão de Jesus com pretensões de terem feito milagres em seu nome, mas a eles responderão: "Eu nunca vos conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade "(Mateus 7:23).

A CESSAÇÃO DOS PRESENTES REVELATÓRIOS E CONFIRMATIVOS

Ter milagres e dons temporários através de homens realmente continuaram além da era apostólica? As Escrituras ensinam que os milagres serviram para autenticar o mensageiro de Deus e, finalmente, a mensagem de Deus. No entanto, quando o livro de Apocalipse foi gravado por João, o cânone do Novo Testamento ea revelação total da Escritura de Deus foi concluída. Depois de 95 dC, Deus não tinha razão para realizar milagres através dos homens, porque ele não estava mais revelando a verdade que precisava ser

autenticada; O cânone fechou com a conclusão do Apocalipse. Portanto, cessou a obra de milagres de Deus e os dons temporários por meio dos homens.

Não há nenhuma afirmação bíblica única e explicitamente clara que especifique se os milagres através dos homens e os dons temporários cessaram com os apóstolos ou continuaram, mas se alguém consultar todo o conselho de Deus, encontrar-se-á a resposta. Aqui estão alguns indicadores do Novo Testamento que a idade dos milagres através dos homens e dons temporários realmente cessou com a idade apostólica.

Atos 2:22; Romanos 15: 18-19; 2 Coríntios 12:12; E Hebreus 2: 4 indicam que Deus deu milagres de sinal para autenticar o mensageiro de Deus. Com a conclusão do cânon, esses sinais não serviram mais ao seu propósito de Deus.

Seguindo o progresso histórico dos apóstolos que escreveram sobre dons milagrosos, os milagres diminuíram em escopo com o passar do tempo. Em Atos 19: 11-12 (AD 52); 1 Coríntios (55 dC); E Romanos (AD 56), os escritores relatam milagres extraordinários que estavam ocorrendo. Epístolas posteriores indicam que esses fenômenos estavam diminuindo. Paulo não curou Epafrodito (Filipenses 2:27, 60 dC). Paulo prescreveu vinho para a doença do estômago de Timóteo (1 Timóteo 5:23, 62-64 dC) em vez de recomendar que Timóteo se submeta a alguém que pudesse curar. Trófimo foi deixado doente por Paulo em Mileto (2 Timóteo 4:20, AD 66-67).

Tiago, escrevendo por volta de 45-49 dC, exortou crentes que estavam seriamente doentes para chamar os anciãos a ungir-los e orar sobre eles ao invés de chamar para alguém que tinha a capacidade de curar. Nas sete cartas às sete igrejas (Apocalipse 2-3, AD 95), nenhuma menção é feita de dons milagrosos. Essas epístolas eram as últimas e finais palavras bíblicas de Cristo à sua igreja.

As Escrituras ensinam que milagres através de agentes humanos servem a um propósito muito específico. Esse propósito se concentrou em autenticar os profetas e apóstolos de Deus como mensageiros certificados com uma palavra certa do céu (Atos 2:22, 2 Coríntios 12:12, Hebreus 2: 1-4). Quando o cânon da Escritura fechou com a Revelação de João, já não existia uma razão divina para realizar milagres através dos homens. Portanto, tais milagres cessaram junto com presentes temporários.

Os nove dons / escritórios temporários e milagrosos serviram para fins reveladores ou confirmatórios e cessaram na conclusão da era apostólica porque seus propósitos tinham sido cumpridos:

1. Apóstolo (1 Coríntios 12:28, Ef 4:11): Homens diretamente comissionados pelo Cristo ressuscitado e enviados para fundar e estabelecer a igreja
2. Distinguir entre os espíritos (1 Coríntios 12:10): A habilitação divina para discernir afirmações verdadeiras de falsas feitas por pessoas que enganosamente alegaram que suas palavras eram revelações proféticas de Deus
3. Cura (1 Coríntios 12: 9, 28, 30): A habilitação divina para restaurar os doentes à saúde imediata sem uma resposta de fé necessária por um (s) que está sendo curado
4. Milagres (1 Coríntios 12:28): A capacitação divina para realizar obras de poder que contrariam ou exacerbam os processos normais da natureza
5. Profecia (1 Cor. 12:10, Ef 4:11): A habilitação divina de receber e comunicar revelação verbal direta de Deus para o homem
6. Línguas (1 Coríntios 12:10, 28; 13: 1): A capacitação divina para falar em uma linguagem real, humana, que não havia sido previamente aprendida
7. Interpretação das línguas (1Co 12:10, 30, ver 14: 26-28): A habilitação divina para interpretar as palavras de alguém que fala em línguas
8. Concordância do conhecimento (1 Coríntios 12: 8; 13: 2, 8): A capacitação divina para comunicar uma palavra direta do discernimento do Senhor para guiar a igreja local na compreensão de uma profecia (considerada um presente revelador porque é Ligado com profecia em 13: 8)

9. Discurso de sabedoria (1 Coríntios 12: 8): A capacitação divina para dar uma palavra direta do Senhor para guiar habilmente a igreja local em uma decisão específica (considerada um presente revelador porque está conectada com a palavra de conhecimento, Que está ligado à profecia em 13: 8)

Presentes Permanentes (Falando / Servindo)

Os onze presentes / ofícios permanentes permanentes envolvem propósitos de falar e servir que continuaram além da era apostólica até o presente momento:

1. Evangelista (Ef 4:11): A capacitação divina para explicar, exortar e aplicar efetivamente o evangelho aos não salvos
2. Exortando (Romanos 12: 8): A capacitação divina para efetivamente incitar a santidade prática no coração e na ação por meio de encorajamento, conforto, admoestação e súplica
3. Fé (1 Coríntios 12: 9; 13: 2): A capacitação divina para confiar em Deus em todos os detalhes de sua obra, mesmo quando o resultado parece incerto. Esse dom produz uma garantia estelar de que Deus realizará seus propósitos.
4. Dar (Romanos 12: 8 e 1 Coríntios 13: 3): A habilitação divina para dar generosamente, com alegria e sacrificialmente bens terrenos ao Senhor para a obra do ministério
5. Ajudando / servindo (Romanos 12: 7 e 1 Coríntios 12:28): A capacitação divina para oferecer, de forma sacrificial e submissa, ajuda a satisfazer as necessidades de outros cristãos
6. Dirigir / administrar (Romanos 12: 8, 1 Coríntios 12:28): A capacitação divina para governar zelosamente os cristãos com o objetivo de realizar a vontade de Deus
7. Misericórdia (Romanos 12: 8): A habilitação divina para detectar alegremente, simpatizar e ajudar a satisfazer as necessidades físicas, emocionais e espirituais de outras pessoas
8. Profecia / pregação (Romanos 12: 6): A habilidade divina não-reveladora de anunciar, ou seja, de proclamar as Escrituras
9. Pastor / mestre (Ef 4:11): A habilitação divina para pastorear os cristãos liderando, fornecendo, alimentando, protegendo e cuidando deles
10. Discernimento espiritual (1 Coríntios 12:10): A habilitação divina para identificar formas de erro doutrinário e decepção religiosa. Isso representa o aspecto permanente do ministério do dom. Como "o pai da mentira" (João 8:44), Satanás procura continuamente falsificar a verdadeira obra de Deus disfarçando-se como um anjo de luz (2 Coríntios 11:14), trabalhando principalmente através de falsos mestres, que Dispensar as "doutrinas dos demônios" (1 Timóteo 4: 1 NASB). Há aqueles na igreja hoje que foram dados uma abilidade significativa de identificar a falsidade comparando a verdade bíblica.
11. Ensinamento (Romanos 12: 7 e 1 Coríntios 12:28): A habilitação divina para interpretar, explicar e aplicar as Escrituras aos cristãos

Questões importantes

O que se segue são cinco das perguntas mais freqüentes sobre o dom espiritual acompanhado de suas respostas baseadas nas escrituras.

Pergunta 1. Os cristãos recebem apenas um presente?

Resposta: Muito provavelmente, cada cristão tem uma mistura única de vários presentes, não apenas um dom exclusivo.

Pergunta 2: O que os cristãos precisam saber sobre o dom espiritual?

Responda:

- A salvação é um *carisma* , isto é, um dom gratuito (Romanos 6:23).
- O Espírito Santo de Deus é um dom como parte da salvação (Romanos 5: 5; 1 Tessalonicenses 4: 8; 1 João 3:24; 4:13).
- Todo crente recebeu um dom espiritual - espiritual na fonte e na natureza (1 Coríntios 1: 7; 7: 7; 1 Pedro 4:10).
- A vontade de Deus, não a do homem, é a base para quem recebe o dom (1 Coríntios 12:11, 18).
- Os dons espirituais são diversos (1 Coríntios 12: 12-27), pois das várias listas de presentes no Novo Testamento, não há duas iguais (Romanos 12: 6-8, 1Co 12: 8-10, 28-30, 13: 1-3, 8, ver 1 Cor. 7: 7).
- Nas qualidades desejadas para os líderes da igreja e os crentes maduros, os dons espirituais não são enfatizados (Gálatas 5: 22-23, 1 Tm 3: 1-7, Tito 1: 5-9, 1 Cor 13: 4 -7).
- O tipo de dons espirituais que as pessoas recebem não indica necessariamente o seu nível de espiritualidade.

Pergunta 3. Como os cristãos podem identificar o dom espiritual?
Responda:

- Acreditando que Deus dá dons aos indivíduos individualmente, deve-se focar mais em um dom multifacetado do que em dons múltiplos (1 Pedro 4:10).
- Um indicador claro é que um crente é capaz de maximizar um ministério específico com o mínimo de esforço.
- Os dons espirituais serão usados mais eficazmente no contexto da igreja local, onde, mais cedo ou mais tarde, outros cristãos reconhecerão e comentarão sobre o seu dom espiritual.
- As inclinações pessoais e as observações dos outros levarão a um ministério frutífero.

Pergunta 4. O que os cristãos devem fazer com o dom espiritual?
Resposta: Eles devem usar seus dons para edificar a igreja (1 Coríntios 14:12) e servir uns aos outros (1Co 12: 7; 1 Pedro 4:10).

Questão 5. Que erros os cristãos devem evitar ao exercer o dom espiritual?
Responda:

- Auto-edificação em vez da edificação dos outros (1 Pedro 4:10)
- Auto-exercício, em vez de ser exercido pelo Espírito (1 Pedro 4:11)
- Auto-exaltação em vez de usar o dom de alguém para a glória de Deus (1 Pedro 4:11)

Criação

Muito pouco está escrito nas Escrituras sobre o Espírito Santo ea criação. No entanto, a participação do Espírito Santo aparece no primeiro capítulo da Bíblia, exatamente onde se esperaria encontrá-la. Quando Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança", ele usou o pronome plural três vezes (Gn 1:26). Aqui as Escrituras indubitavelmente implicam que Deus, o Pai, Deus, o Filho e Deus, o Espírito Santo foram todos três envolvidos na criação. Gênesis 1: 2 na verdade descreve um aspecto da contribuição do Espírito Santo.

Olhando para outras partes da Escritura, os comentaristas ligaram o Espírito Santo à criação em duas passagens em Jó (um livro escrito possivelmente antes do Gênesis). No entanto, entendido em contexto, nem Jó 26:13 nem Jó 33: 4 parecem referir-se à criação original. Além disso, dois versículos nos Salmos (Salmos 33: 6; 104: 30) às vezes foram ligados ao relato da criação em Gênesis 1-2. No entanto, no contexto, o termo

hebraico *ruakh* nessas *passagens* seria melhor traduzido como "respiração", o que significa que esses textos provavelmente não se referem à criação.

É preciso perguntar, quantas referências bíblicas são necessárias para estabelecer um ensino como verdadeiro? Na verdade, é preciso apenas uma, clara e corretamente interpretada, para estabelecer a verdade. Neste caso, Gênesis 1: 2 e 1:26 são mais do que suficientes para estabelecer a verdade irrefutável de que Deus, o Espírito Santo, se uniu a Deus Pai ea Deus Filho na criação dos céus e da terra (Gn 1: 1).

Escritura

Revelação e Inspiração
Instrução, Iluminação e Afirmação
Utilização

O Espírito de verdade (João 14:17, 26; 15:26; 16: 7, 13; 1 João 4: 6; 5: 7) tem se empenhado ativamente em todos os aspectos da mediação da Palavra de Deus, como ilustrado abaixo:

Deus dando	**Crentes Recebendo**
Revelação	salvação
Inspiração	Santificação
	Instrução
	Iluminação
	Afirmação
	Utilização

Cristo ensinou a seus discípulos que o Espírito de Deus era o Paráclito, o amigo divino que faria o que fosse necessário para transmitir o melhor interesse de Deus através dos apóstolos. Como Cristo havia discipulado esses homens para dar testemunho dele e levar os outros ao conhecimento da verdade, então, na ausência de Cristo, o Paráclito viria ao lado dos apóstolos para prepará-los e exortá-los a continuar ensinando o que Cristo havia ensinado (Jo 14:16). , 26), para ajudar os discípulos a darem testemunho de Cristo (João 15: 26-27), e para ajudar os discípulos a convencer o mundo com sua mensagem de verdade (João 16: 7-11). Em todas estas *passagens do Evangelho de* João, o termo grego *paraklētos* é melhor traduzido como "Ajudador". Em todos os casos, como mostram os contextos imediatos desses versículos, *A ênfase de João é sobre o Paráclito ajudando os discípulos especificamente a conhecer* e *lembrar* e *pregar* a verdade sobre Cristo. Os primeiros cinco capítulos de Atos confirmam ainda que o Paráclito veio e ajudou os discípulos a conhecer a verdade ea declará-la com poder (Atos 1: 8, 2: 4, 33, 4: 8, 31, 5:32).

Esta obra do Espírito com os apóstolos estabelece o fundamento do ministério do Espírito Santo com relação às Escrituras. Paulo falou deste aspecto do ministério do Espírito em 1 Coríntios 2: 10-16, abordando a obra de revelação e inspiração do Espírito (2: 10-11), instrução (2: 12-13), e iluminação, afirmação e utilização (2: 14-16).

Revelação e Inspiração

O termo *revelação* geralmente se refere à revelação divina, seja por meios gerais ou especiais, do que era anteriormente incognoscível para os seres humanos (1 Cor. 2: 10-11). A inspiração aplica-se apenas à Palavra de Deus escrita, através da qual o Espírito Santo protege a revelação de Deus através de escritores humanos de erro, a fim de fornecer uma escrita completamente verdadeira e confiável, até as palavras usadas (2Tm 3: 16-17). Pedro explicou ainda mais a inspiração afirmando que a profecia da Escritura foi feita não por um ato de vontade humana, mas sim por homens que foram dirigidos pelo Espírito Santo (2 Pe 1: 20-21). João estava no Espírito (Apocalipse 1:10) quando recebeu revelação inspirada dos sete espíritos (Apocalipse 1: 4), um idioma que se refere ao Espírito Santo usando o número de perfeição (sete), que fala da A plenitude do Espírito (ver Ap. 4: 5; 5: 6).

O papel do Espírito Santo na revelação encontra confirmação de muitos que falaram em nome de Deus:

Profetas, durante e depois do êxodo (Neemias 9:20, 30, Isaías 63:11, 14, Hg 2: 5)
Davi (2 Sm 23: 2)
Ezequiel (Ezequiel 3:24, 27)
Miquéias (Mic 3: 8)
Zacarias (Zacarias 7:12)
Simeão (Lucas 2:26)
Os discípulos de Cristo (Mateus 10:20, Marcos 13:11, Lucas 12:12)
Agabus (Atos 11:28)
Paulo (1 Cor. 2:10)
Pedro (1 Pe 1: 10-12)

Testemunhos semelhantes de outros confirmam que o Espírito Santo deu ajuda não apenas na revelação, mas também na inspiração:

Isaías (Isaías 59:21)
João (João 16:13, Ap 1: 4, 10)
Paulo (Ef 3: 5)

Às vezes, os escritores bíblicos falam especificamente dos textos bíblicos que foram ambos revelados e inspirados pelo Espírito Santo:

Mateus (Mateus 22:43, Marcos 12:36, citando Salmo 110: 1)
Lucas (Atos 1:16, 20, citando Salmos 41: 9; 69:25; 109: 8)
Lucas (Atos 4: 25-26, citando Salmos 2: 1-2)
Lucas (Atos 28: 25-27, citando Isaías 6: 9-10)
Paulo (1Tm 4: 1, possivelmente citando Mateus 7:15; 24:24)
Autor de Hebreus (Hebreus 3: 7-11, citando Salmos 95: 7-11)
Autor de Hebreus (Hebreus 9: 1-8, citando Êxodo 25-26)
Autor de Hebreus (Hebreus 10: 15-17, citando Jeremias 31: 33-34)
João (Apocalipse 2: 7, 11, 17, 29; 3: 6, 13, 22; 14:13, exemplos gerais)

Instrução, Iluminação e Afirmação

Neemias escreveu: "Tu deste o teu bom Espírito para instruí-los" (Ne 9:20). Paulo testificou: "Nós transmitimos isso em palavras não ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito" (1 Cor. 2:13). João encorajou seus leitores, "Você não precisa que ninguém lhe ensine. Mas como a sua unção [ver 'o Santo,' 1 João 2:20] ensina-vos sobre tudo ... "(1 João 2:27, ver também 1 Cor. 2: 14-16). Paulo orou pelos Efésios para

que "o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai da glória, vos dê o Espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele, tendo os olhos de vossos corações iluminados, para que vós saibais ..." (Efésios 1: 17-18).

De todos os capítulos da Bíblia, o Salmo 119 menciona com mais freqüência a necessidade humana de instrução divina. Em nove ocasiões, o salmista pede urgentemente: "Ensina-me os teus estatutos" (Salmo 119: 12, 26, 33, 64, 66, 68, 108, 124, 135). Pode-se supor que ele olhou para o Espírito Santo para instrução. O que Cristo fez para os discípulos ao abrir suas mentes para entender a Escritura (Lc 24:45), o Espírito Santo faz para os cristãos.

A iluminação pode referir-se à salvação de alguém (2 Cor. 4: 4, 6, ver Atos 26:18, Hebreus 6: 4) ou à necessidade de um crente de maior compreensão ou iluminação com relação à Bíblia. O salmista que orava para que o Espírito Santo ensinasse também pediu iluminação: "Abre os meus olhos para que eu possa contemplar as maravilhas da tua lei" (Salmo 119: 18, ver também 119: 18, 27, 34, 73, 125 , 144, 169, Ef 1, 18). Então ele testificou para o benefício da iluminação: "O desenrolar das tuas palavras dá luz; Dá entendimento aos simples "(Salmo 119: 130).

Enquanto a iluminação do Espírito Santo é indispensavelmente útil, há certas coisas que não é e certas coisas que ela não pode fazer. Estas limitações recordam aos crentes que não esperam o que a Escritura não promete:

1. A iluminação não funciona fora da Palavra de Deus (Salmo 119: 18, Lucas 24:45).
2. A iluminação não garante que todo cristão concordará doutrinariamente, porque o elemento humano pode causar falsa doutrina (Gálatas 2: 11-21).
3. A iluminação não significa que tudo sobre Deus é cognoscível (Dt 29.29).
4. A iluminação não torna desnecessária a necessidade de professores humanos (Ef 4:11, 1 Tim. 3: 2, 2 Tm 4: 2).
5. A iluminação não é um substituto para o estudo dedicado e pessoal da Bíblia (2 Tim. 2:15).
6. A iluminação não é uma experiência única (2 Tim. 2:15).

Além de instruir e iluminar o cristão, o Espírito Santo também testifica ao crente que as Escrituras são verdadeiras e dignas de confiança. Pelo menos três textos do Novo Testamento falam sobre esse aspecto do ministério do Espírito em relação à Palavra de Deus (Atos 5:32, Hebreus 10:15, 1 João 5: 6). De longe, o testemunho mais estelar e inquebrantável da Bíblia é o Espírito da Verdade (João 14:17).

Utilização

Não somente o Espírito Santo está envolvido nos aspectos de entrega e ensinamento das Escrituras (1Co 2: 4-5, 1 Tessalonicenses 1: 5), mas também capacita os crentes em sua obediência. Os resultados muito semelhantes de deixar a palavra de Cristo morar em um crente (Colossenses 3: 16-17) e de deixar o Espírito Santo controlar a vida do crente (Efésios 5: 18-20) ilustram que, além do intelectual Lado de conhecer a Escritura, o Espírito Santo está igualmente envolvido em energizar a vontade dos crentes em obedecer às Escrituras.

O Espírito também fornece aos cristãos e os ajuda a empregar armas espirituais na luta contra as trevas espirituais de Satanás e demônios. Uma parte vital do armamento do cristão é "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Efésios 6:17). Portanto, se envolve andar no caminho de Cristo ou lutar pela glória de Cristo, a conexão inseparável do Espírito Santo com a Escritura impulsiona o crente para a vitória.

Ministério Profético

Regeneração
Ressurreição
Sétima Semana de Daniel
O Milênio
Futuro da Eternidade

Relativamente falando, a Escritura diz muito pouco sobre o papel do Espírito em assuntos proféticos. O que se segue é um resumo do que está escrito.

Regeneração

As pessoas de todos os tipos serão convertidas durante a septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 6: 9-11; 7: 9-17; 14: 6) e o reino milenar de Cristo (Isaías 25: 9; 44: 2-5; : 6-7, Ezequiel 36: 25-31). De Adão e Eva à última pessoa que é salva, todos terão sido vivificados espiritualmente pela obra regeneradora do Espírito Santo (João 3: 1-15).

Ressurreição

É pelo poder do Espírito Santo que todo crente, desde o primeiro (1 Tessalonicenses 4: 13-18) até o último (Ap 20: 5-6), será ressuscitado do túmulo (Rm 1: 4; 8:11, 23).

Sétima Semana de Daniel

Cristo recitou Isaías 61: 1-2a na sinagoga de Nazaré, alegando que estava cumprindo o que ele lia naquele tempo. Ele cumprirá depois Isaías 61: 2b-3 na sua segunda vinda. Em ambos os casos, o Espírito Santo é Aquele que o capacita (ver Lucas 4: 17-21).

O Espírito Santo executará a vontade de Deus no julgamento das nações (Is 34: 8-16, esp 34:16). A obra de Deus nesse tempo será fortalecida pelo Espírito Santo (Zc 4: 3-6, ver 4: 11-14, Apocalipse 11: 3-4).

Um refreador é mencionado em 2 Tessalonicenses 2: 6. Numerosas sugestões foram feitas sobre a identidade do restrainer: (1) o Império Romano, (2) o governo humano, (3) o Estado judaico, (4) pregação do evangelho, (5) a ligação de Satanás, (6) Anjos, (7) a providência de Deus, (8) alguma pessoa profética como Elias ou Paulo, (9) a igreja, ou (10) o Espírito Santo.

O iníquo mencionado nesta passagem é capacitado por Satanás (2 Tessalonicenses 2: 9, ver Apocalipse 13: 2, 4), então a questão é: quem ou o que é suficientemente poderoso para restringir severamente a influência de Satanás durante milhares de anos? Ao analisar as alternativas, o Espírito Santo parece mais provável. No início das Escrituras, o Espírito Santo exerceu esse tipo de ministério (Gênesis 6: 3), e não há razão para crer que ele o abandonou (ver João 16: 8-11, Atos 7:51). Somente Deus tem o poder de controlar efetivamente Satanás e seu mal delegado (veja Jude 9, onde Miguel o arcanjo difere a Deus em um conflito com Satanás). A maneira como o Espírito Santo reprime não é mencionada, embora possivelmente poderia ser através de uma combinação de meios como o governo humano (Romanos 13: 1-7) e verdadeiros crentes, isto é, a igreja.

O Milênio

Isaías escreveu sobre o reinado milenar de Cristo e a restauração de Israel no reino davídico prometido (Isaías 11: 2-16, ver 2 Sam. 7: 10-17). Durante esse tempo, quando

Cristo governar, o Espírito Santo o capacitará (Isaías 11: 2). Isaías descreveu o propósito geral do ministério milenar de Cristo (Isaías 42: 1-4).

Sobre a nação de Israel, a Bíblia faz três tipos de referências gerais ao Espírito Santo. Primeiro, Deus "derramará" o seu Espírito sobre a nação (Isaías 32:15, 44: 3, Ezequiel 39:29, Joel 2: 28-29, Zacarias 12:10). Segundo, Deus promete colocar seu Espírito "dentro deles" (Ezequiel 11:19; 36: 26-27; 37:14). Terceiro, Deus diz que seu Espírito estará "sobre eles" (Isaías 59:21). Como tal, o Espírito reunirá Israel de volta à terra no tempo escolhido por Deus no futuro (Isaías 34:16).

Futuro da Eternidade

As Escrituras não mencionam especificamente o Espírito Santo em relação ao futuro da eternidade. No entanto, a divindade do Espírito ea triunidade de Deus garantem que Deus, o Espírito Santo, continuará a trabalhar em perfeita harmonia com Deus, o Pai e Deus, o Filho, para sempre.

Oração

Nosso grande Pai celestial,
Filho bendito e Espírito eterno,
Nós viemos adorá-lo - Deus em três Pessoas,
Um em essência,
Perfeito em todos os sentidos,
O único Deus verdadeiro.
Nossos corações estão cheios de gratidão pela redenção de nosso Pai celestial
Nos forneceu em Cristo, o Filho
E aplicada a nós pelo Espírito Santo.
Não merecendo que sejamos, Você nos acolheu
Em Seu Reino eterno,
Para que fôssemos participantes da vossa inefável glória.

Mais uma vez, Pai, nós Te agradecemos que na plenitude da Tua graça,
Você nos amou e enviou Seu único filho para nos redimir.

Senhor Jesus, embora existindo eternamente na forma de Deus,
Você não contava isso como algo a ser agarrado.
Você se humilhou, assumiu a forma de servo,
E foram feitos à semelhança dos homens.
Como um homem, você se tornou um servo, sendo obediente à vontade do Pai -
Até a morte na cruz.
Esse sacrifício expiou pelos nossos pecados para sempre
E nos forneceu uma coberta, tal como precisávamos -
O manto impecável da tua perfeita justiça.

Espírito Santo, tu também nos amaste eternamente,
E agora Tu fazes a tua morada permanente em nossos corações,
Deixando sua vida e poder fluir através de nós,
Produzindo frutos abundantes e conformes
Para a imagem de Cristo.

Ó Deus - um Deus ainda três Pessoas - te louvamos e te agradecemos
Por misericórdia tão imerecida e por graça além da medida.
Sua benignidade é inesgotável;
As vossas misericórdias permanecem para sempre;

A tua fidelidade se estende por todas as gerações;
Sua glória é vista em todas as Suas obras;
E o teu amor firme é a nossa canção.

Nós vimos a Ti, o Deus trino,
Entronizado em nossas vidas,
Presidindo o universo,
E humildemente pedimos que Tu nos fortaleças onde estamos fracos,
Começando com nossos atos de adoração.
Você que falou o universo na existência com mas uma palavra
São Aquele que brilhou em nossos corações
Para dar a Luz do conhecimento da glória de Deus
Na face de Cristo.
Como nós Te agradecemos novamente por comandar a salvação em nosso favor!

Senhor, nós viemos diante de Ti em oração para te trazer nosso louvor.
Defina nossas vidas em ordem antes de Você,
E renovar nosso compromisso com o amor ea obediência,
Utilidade e fidelidade.
Seja honrado através de nossas vidas, oramos,
Em nome de Cristo. Um homem.

"Venha, Rei Todo-Poderoso"

Vem, Rei Todo-Poderoso,
Ajude-nos Seu nome para cantar,
Ajude-nos a louvar.
Pai glorioso,
Todos vitoriosos,

Venha e reine sobre nós,
Antigo de Dias.

Vem, Tua Palavra Encarnada,
Cinge-te com a tua poderosa espada;
Nossa oração atende.
Vinde, e Tua gente abençoe,
E dar Thy palavra sucesso.
Espírito de santidade,
Em nós descemos.

Vem, Santo Consolador,
Tua testemunha sagrada
Nesta hora de alegria.
Tu, que a arte Todo-Poderoso,
Agora, regra no coração ev'ry
E ne'er de nós partem,
Espírito do poder.

Para Ti, grande Um em Três,
Eternos louvores sejam,
Daí para sempre;
Thy sov'reign majestade
Que nós, na glória, vejamos,
E para a eternidade
Amar e adorar. Um homem.

~ Autor desconhecido

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 157-82.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 82-99; 423-31.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edinburgh: Banner of Truth, 1985. 193-201.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 845-83.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 634-53.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 522-34.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 304-52.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 389-536.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 144-46.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 302-10.

Obras Específicas

Bickersteth, Edward Henry. *O Espírito Santo: Sua Pessoa e Obra* . 1869. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 1976.

Biederwolf, William Edward. *Estudo do Espírito Santo* . 1903. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 1985.

Carson, DA *Mostrando o Espírito: Uma Exposição Teológica de 1 Coríntios 12-14* . Grand Rapids, MI: Baker, 1987.

Cole, Graham A. *Quem dá a vida: A doutrina do Espírito Santo* . Fundamentos da Teologia Evangélica. Wheaton, IL: Crossway, 2007.

Cumming, James Elder. *Através do Espírito Eterno: Um Estudo Bíblico sobre o Espírito Santo* . Nova Iorque: Revell, 1896.

Firth, David G., e Paul D. Wegner. *Presença, Poder e Promessa: O Papel do Espírito de Deus no Antigo Testamento* . Downers Grove, IL: IVP Academic, 2011.

Hamilton, James M., Jr. *Presença Habitante de Deus: O Espírito Santo no Antigo e Novo Testamentos* . Nashville: B & H Academic, 2006.

MacArthur, John. *O Pastor Silencioso: O Cuidado, Conforto e Correção do Espírito Santo* . 2a ed. Colorado Springs: Cozinhe, 2012.

Owen, John. *O Espírito Santo: Seus dons e poder* . Edição abreviada. Editado por George Burder. 1792. Reprint, Grand Rapids, MI: Kregel, 1954. Trabalho completo de Owen, *Pneumatologia* , publicado pela primeira vez em 1674.

Pache, René. *A Pessoa ea Obra do Espírito Santo* . Traduzido por JD Emerson. Chicago: Moody Press, 1979.

Smeaton, George. *A doutrina do Espírito Santo* . 2a ed. 1889. Reimpressão, Carlisle, PA: Banner of Truth, 1958.

Swete, Henry Barclay. *O Espírito Santo na Igreja Antiga: Um Estudo do Ensinamento Cristão na Era dos Pais* . 1912. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1966.

---. *O Espírito Santo no Novo Testamento: Um Estudo do Ensino Cristão Primitivo* . 1910. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1964.

Thomas, Robert L. *Compreender os dons espirituais: Um estudo de versículo por versículo de 1 Coríntios 12-14* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Kregel, 1999.
Thomas, WH Griffith. *O Espírito Santo* . 1913. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 1986.
Walvoord, John F. *O Espírito Santo: Um Estudo Abrangente da Pessoa e da Obra do Espírito Santo* . 1954. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991.
Ware, Bruce A. *Pai, Filho e Espírito Santo: Relacionamentos, Papéis e Relevância* . Wheaton, IL: Crossway, 2005.
Madeira, Leon J. *O Espírito Santo no Velho Testamento* . 1976. Reprint, Eugene, OR: Wipf & Stock, 1998.

Questões carismáticas / pentecostais

Chantry, Walter J. *Sinais dos Apóstolos: Observações sobre o Pentecostalismo Antigo e Novo* . 2a ed. Edimburgo: Banner of Truth, 1976.
Edgar, Thomas R. *Satisfeito com a promessa do Espírito: Afirmar a plenitude da provisão de Deus para a vida espiritual* . Grand Rapids, Michigan: Kregel, 1996.
Frost, Henry W. *Cura milagrosa: um testemunho pessoal e estudo bíblico* . 1931. Reimpressão, Londres: Evangelical Press, 1972.
Gaffin, Richard B., Jr. *Perspectivas sobre o Pentecostes: Estudos no Novo Testamento Ensinando sobre os dons do Espírito Santo* . Phillipsburg, NJ: P & R, 1979.
Gromacki, Robert G. *O* Movimento das *Línguas Modernas* . Rev. ed. Phillipsburg, NJ: P & R, 1972.
Grudem, Wayne A., ed. *Presentes milagrosos para hoje? Quatro Vistas* . Contra-pontos. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.
Hanegraaff, Hank. *Cristianismo em Crise: Século XXI* . Nashville: Thomas Nelson, 2009.
Horton, Michael. *A Agonia do Engano* . Chicago: Moody Press, 1990.
Kole, André e Al Janssen. *Milagres ou magia?* Eugene, OR: Harvest House, 1987.
MacArthur, John F., Jr. *Caos Carismático* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992.
---. *Fogo Estranho: O Perigo de Ofender o Espírito Santo com Adoração Falsificada* . Nashville: Thomas Nelson, 2013.
Mestres, Peter. *A Epidemia de Cura* . Londres: Wakeman, 1988.
Mayhue, Richard L. *O Padrão Bíblico para a Cura Divina* . 1979. Reimpressão, Lago Winona, IN: BMH, 2001.
---. *A promessa de cura: É sempre a vontade de Deus curar?* Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 1997.
McConnell, DR *Um Evangelho Diferente: Uma Análise Histórica e Bíblica do Movimento da Fé Moderna* . Peabody, MA: Hendrickson, 1988.
Moriarty, Michael G. *Os novos carismáticos: Uma voz preocupada responde a novas e perigosas tendências* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992.
Napier, John. *Desafio Carismático: Quatro Questões-Chave* . Homebush West, Austrália: Anzea, 1991.
Nolen, William A. *Healing: um médico em busca de um milagre* . Greenwich, CT: Fawcett, 1976.
Smith, Charles R. *Tongues in Perspectiva Bíblica: Um resumo das conclusões bíblicas sobre línguas* . 2a ed. Lago Winona, IN: BMH, 1973.
Tada, Joni Eareckson. *Um Lugar de Cura: Luta com os Mistérios do Sofrimento, da Dor e da Soberania de Deus* . Colorado Springs: Cozinhe, 2010.
Torrey, RA *Cura divina: Deus realiza milagres hoje?* 1924. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1974.
Warfield, Benjamin B. *Milagres falsificados* . 1918. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1972.

6

Homem e Pecado

Antropologia e Hamartiologia

"Eu canto o poderoso poder de Deus"

Eu canto o poderoso poder de Deus
Isso fez subir as montanhas,
Isso espalhou os mares que fluem para o exterior,
E construído o céu elevado.
Eu canto a sabedoria que ordenou
O sol para governar o dia;
A lua brilha no seu comando,
E todas as estrelas obedecem.

Eu canto a bondade do Senhor,
Que encheu a terra de alimento;
Ele formou as criaturas com Sua palavra,
E então os pronunciou bem.
Senhor, como as Tuas maravilhas são exibidas
Onde eu viro meu olho:
Se eu examinar o chão que eu piso,
Ou olhar para o céu!

Não há uma planta ou flow'r abaixo,
Mas torna Tua glória conhecida;
E surgem nuvens e sopram tempestades
Por ordem do teu trono;
Enquanto tudo o que empresta a vida de Ti
Está sempre em Teu cuidado,
E em qualquer lugar que esse homem possa ser,
Tu, Deus, estás presente lá.

~ Isaac Watts (1674-1748)

Principais temas abordados no Capítulo 6

HOMEM	**PECADO**
Introdução ao Homem	Introdução ao Pecado
Criado na imagem de Deus	Conseqüências da Queda
A Constituição Humana	Questões de pecado
Origem da Alma	Teologia bíblica do pecado
Gênero	
Personhood	
Homem e Sociedade	
Teologia bíblica do homem	

HOMEM

Introdução ao Homem

Importância da Antropologia
Criacionismo súbito
Adão como Pessoa Histórica

Importância da Antropologia

Há um velho ditado: "Cuidado com a esterilidade de uma vida ocupada." A vida é muitas vezes agitada, ea maioria das pessoas raramente contemplam o que é mais importante. Mas poucos assuntos são tão significativos quanto considerar quem somos e por que existimos. O Rei Davi era um homem ocupado, mas quando olhou para os céus e viu a lua e as estrelas, pensou profundamente e perguntou: "O que é o homem, que você [Deus] está atento a ele, eo filho do homem que você se importa Ele? "(Salmo 8: 4). Contra o pano de fundo da maravilhosa criação de Deus, o homem parecia pequeno e insignificante. A pergunta de David é aquela que todos devem contemplar.

A pergunta do salmista, "O que é o homem?" Refere-se à doutrina da antropologia. O termo grego *anthrōpos significa* "homem" ou "humanidade". Portanto, a antropologia é o estudo da humanidade. Mas a antropologia deve ser perseguida do ponto de vista apropriado. As universidades e escolas seculares oferecem cursos sobre antropologia, mas o fazem de uma perspectiva centrada no homem. Ao excluir Deus da discussão, eles sentem falta de quem é o homem e de como ele se encaixa neste mundo. Para entender corretamente o homem, é preciso fazê-lo de uma perspectiva centrada em Deus.

Por que a antropologia é tão importante? Primeiro, a antropologia é um tópico em que o aluno se estuda. O que pode ser mais pessoal e prático? A antropologia responde a perguntas fundamentais como, quem sou eu? Por que estou aqui? Por que sou capaz de raciocinar e sentir? Qual é o meu propósito na vida? Para onde estou indo?

Segundo, criado o último no sexto dia da semana da criação, o homem é o ponto alto da criação de Deus. Como observa Louis Berkhof: "O homem é representado como estando no ápice de todas as ordens criadas. Ele é coroado como rei da criação inferior, e é dado domínio sobre todas as criaturas inferiores. "Com a doutrina do homem, aprendemos que o homem é único. Isso ajuda a informar o papel do homem na ordem criada.

Terceiro, a antropologia nos ajuda a compreender nossa relação com Deus. Visto que o homem é uma criatura à imagem de Deus, aprendemos como ele deve agir e se relacionar com Deus. Aqueles preocupados com a doutrina bíblica do homem podem aprender o que Deus pensa e espera deles.

Em quarto lugar, uma antropologia bíblica ajuda a abordar questões específicas como aborto, eutanásia, homossexualidade, transgenderismo e ambientalismo. Grande parte do mundo hoje é confuso e age pecaminosamente em relação a estas questões, uma vez que o mundo opera a partir de uma visão defeituosa de Deus e do homem. Mas uma antropologia da perspectiva de Deus nos instrui sinceramente sobre estas e outras questões. Uma antropologia bíblica nos guia na aplicação de uma cosmovisão cristã aos assuntos críticos que enfrentam nosso mundo.

Em quinto lugar, uma visão bíblica do homem refuta as falsas filosofias. O naturalismo secular afirma que não há Deus e que o universo é apenas material. O homem é apenas uma coleção acidental de moléculas que evoluíram aleatoriamente a partir de

formas de vida inferiores sem nenhum design intencional. Uma vez que o homem está aqui por acaso, nada que ele faz tem valor real ou significado eterno. Ele é apenas uma forma superior de animal. A própria humanidade vai um dia expirar, sendo apagada da existência.

Algumas filosofias do século passado enfatizaram certos aspectos da humanidade. O comunismo enfatizou que o homem é principalmente um ser econômico impulsionado por necessidades materiais. Alegou que a história é a progressão inevitável do homem da escravidão para o feudalismo para o capitalismo e, em seguida, para o ideal mais elevado do comunismo, onde não haverá propriedade privada e onde o Estado será o dono de todos. Sigmund Freud (1856-1939) afirmou que o homem é principalmente um ser sexual com seu comportamento decorrente da motivação sexual. O pós-modernismo ensinou que as pessoas são produtos de suas configurações sociais e que não existem realidades morais transcendentes. Supostas "verdades" são construções mentais, significativas apenas para as pessoas dentro de certas culturas. Grandes histórias ou metanarrativas que ajudam as pessoas a entender seu lugar em uma história maior são vistas com desprezo.

As religiões orientais como o hinduísmo e o budismo alegaram que o destino do homem é uma união espiritual ou mística com uma força impessoal como Brahman. Como uma gota de água colocada no oceano, o objetivo do homem é perder personalidade, sentimentos e desejos, a fim de alcançar uma união impessoal com o divino, seja o que for.

Mas todas as visões falsas do homem são refutadas por uma antropologia bíblica que revela que o homem é uma criação direta de um Deus pessoal que projetou o homem com dignidade e propósito para servir a Deus. Para saber o que fazer, devemos saber quem somos. Este é o benefício de uma doutrina bíblica do homem.

Uma vez que a humanidade é composta por homens e mulheres, é apropriado usar o termo *homem* para se referir à humanidade ? O termo hebraico traduzido "homem" na Bíblia, *"adam"* , é usado tanto para a humanidade em geral como para o homem como um homem distinto de uma mulher. O sentido universal de *'adam* é encontrado em Gênesis 1:27 e 5: 1-2:

> Então Deus criou o homem [*'adam*] à sua imagem,
> À imagem de Deus o criou;
> Macho e fêmea os criou. (Gênesis 1:27)

> Este é o livro das gerações de Adão [*adam*]. Quando Deus criou o homem [*'adam*], ele o fez na semelhança de Deus. Homem e mulher os criou, e os abençoou e os nomeou Homem [*'adam*] quando foram criados. (Gn 5: 1-2)

Em ambas as passagens *adam* (ou "homem") inclui masculino e feminino. No entanto, *'adam* (ou "homem") também é usado do macho como distinto da fêmea, como os dois exemplos seguintes revelam:

> E a costela que o SENHOR Deus tomara do homem [*adam*], transformou-a numa mulher e a trouxe ao homem [*adam*]. (Gênesis 2:22)

> E o homem [*adam*] ea sua mulher estavam ambos nus e não se envergonharam. (Gênesis 2:25)

Portanto, há suporte bíblico para usar o *homem* para a humanidade . Alguns pensam que usar o *homem* reflete um preconceito negativo contra as mulheres e que, portanto, apenas termos como *a humanidade* ou a *humanidade* deve ser usado. Estes termos certamente podem ser usados para descrever a humanidade, mas o *homem* tem sido um termo apropriado para a humanidade e não deve ser evitado. O uso do *homem* para toda a

humanidade também é consistente com o conceito de liderança masculina na liderança da família e do homem na igreja. Em 1 Coríntios 11: 2-16 e 1 Timóteo 2: 8-15, Paulo usou as verdades da criação para enfatizar as distinções funcionais entre homens e mulheres na igreja. Este capítulo usará termos como *humanidade , humanidade ,*

Criacionismo súbito

A origem do universo físico emergiu como um dos mais significativos campos de batalha bíblicos do século XXI. As comunidades seculares e cristãs debatem a veracidade dos relatos de criação em Gênesis 1-2. Mesmo muitos cristãos questionam seriamente o registro bíblico e preferem fortemente as conclusões científicas sobre o testemunho das Escrituras. Hoje, apenas uma minoria de teólogos acredita no *criacionismo súbito* , a visão de que o processo criativo descrito em Gênesis 1 ocorreu em seis dias literais e consecutivos. Muitos afirmam que o universo é milhões ou mesmo bilhões de anos e que existe um longo intervalo entre a origem da terra e os primeiros seres humanos.

Uma discussão completa dos vários pontos de vista da criação está além do propósito deste capítulo, mas a posição aqui apresentada é o criacionismo súbito. Esta é a visão da Escritura eo contexto para a compreensão da criação do homem no sexto dia. Verdades-chave, incluindo a grandeza eo poder de Deus, são perdidas quando se abandona o sentido claro de Gênesis 1 e 2 que a Terra foi criada diretamente por Deus em seis dias literais.

A criação do universo não foi um longo processo, nem a criação do homem. O poder ea glória de Deus se manifestaram em uma criação súbita, que incluiu tanto a terra como o homem. Declarações específicas sobre o poder de Deus na criação ocorrem em toda a Escritura:

> Você é o SENHOR , você só. Tu fizeste o céu, o céu dos céus, com todo o seu exército, a terra e tudo o que nela há, os mares e tudo o que neles há; E você preserva todos eles; E o exército do céu te adora. (Ne 9.6)

> Assim diz o SENHOR , vosso Redentor,
> Que vos formou desde o ventre:
> "Eu sou o SENHOR , que fez todas as coisas,
> "Que sozinho estendeu os céus,
> Que espalhou a terra por mim mesmo. "(Isaías 44:24)

> Ah, Senhor DEUS ! É você que fez os céus ea terra pelo seu grande poder e pelo seu braço estendido! Nada é muito difícil para você. (Jeremias 32:17)

> Homens, por que você está fazendo essas coisas? Nós também somos homens de natureza semelhante a vós, e vos trazemos boas novas, para que se convertam destas coisas vãs para um Deus vivo, que fez os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há. (Atos 14:15)

> Tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra no princípio, e os céus são obra de tuas mãos. (Hebreus 1:10)

> Digno é você, nosso Senhor e Deus,
> Para receber glória e honra e poder,
> Para você criou todas as coisas,
> E por sua vontade eles existiram e foram criados. (Ap 4:11)

Além dessas fortes afirmações de que Deus criou o universo, a Bíblia também faz afirmações definitivas a respeito da natureza da criação. Para ilustrar como o quarto mandamento do descanso do sábado deve ser celebrado, Deus, através de Moisés, referiu-se à criação como o modelo:

> Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus. Nela não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o peregrino que está dentro das tuas portas. Pois em seis dias o SENHOR fez o céu ea terra, o mar e tudo o que neles há, e descansou no sétimo dia. Portanto, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou . (Êx 20: 8-11)

O homem deve trabalhar por seis dias porque Deus fez o céu ea terra em seis dias. Como os dias de trabalho eram medidos em segmentos de vinte e quatro horas, os períodos de criação que serviam de protótipo também tiveram que ser de duração igual. A mesma lógica também se aplica ao sétimo dia de descanso. A menos que fossem destinados dias de igual duração, a ilustração não teria sentido.

O escritor de Hebreus falou como o mundo veio a existir: "Pela fé entendemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê não foi feito das coisas visíveis" (Hb 11: 3) . Deus falou o universo para a existência (Sl 33: 6, 9). Ele não usou matéria preexistente (Romanos 4:17). Nem a matéria é eterna. A criação era *ex nihilo* - a criação material e espiritual surgiu do nada.

A majestade da criação reflete o poder, a glória e o domínio de Deus: "Os céus declaram a glória de Deus, eo céu acima proclama a sua obra" (Salmo 19: 1). Nenhum processo mecanicista de evolução poderia apontar para a grandeza e poder de Deus. Somente o criacionismo súbito atesta o poder de Deus desde o início. Paulo declarou: "Porque os atributos invisíveis de Deus, ou seja, o seu eterno poder e natureza divina, foram claramente percebidos, desde a criação do mundo, nas coisas que foram feitas. Portanto, eles não têm desculpa "(Rm 1:20).

Um súbito e divino ato de criação é sustentado pela verdade de que o homem foi criado à imagem de Deus (Gênesis 1:26). Os seres humanos não poderiam ter evoluído para a imagem de Deus, porque não há intervalo de tempo entre a criação do homem eo homem sendo feito à semelhança de Deus. Assim Gênesis 5: 1 registra: "Este é o livro das gerações de Adão. Quando Deus criou o homem, ele o fez na semelhança de Deus. "Deus, em um momento de tempo, criou o homem à sua imagem. O processo evolutivo não pode explicar a natureza única do homem ou o fato de que a humanidade foi contaminada pelo pecado. Deus enviou seu Filho para redimir a humanidade, não a multidão de outras formas de vida.

A evidência para o criacionismo repentino é encontrada também com Jesus Cristo. Jesus estava diretamente envolvido na própria criação: "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele [Jesus], e sem Ele nada do que foi feito foi feito" (João 1: 3). Além disso, "por ele todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou domínios, governantes ou autoridades, tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1:16). A maioria das explicações alternativas da criação requer um intervalo significativo entre a criação da matéria e a origem do homem. Mas Jesus disse: "Mas desde o princípio da criação, 'Deus os fez macho e fêmea'" (Marcos 10: 6). Jesus afirmou que o homem era uma parte da criação desde o início e não um desenvolvimento posterior.

Os milagres criativos de Jesus também falam desta questão. Jesus criou vinho fora da água (João 2: 1-11), e duas vezes ele criou alimento para alimentar milhares (Mt 14: 13-21; 15: 34-39). Esses milagres ocorreram imediatamente, além de qualquer processo ou passagem de tempo.

Evidências para o criacionismo súbito também podem ser obtidas olhando para a próxima glorificação dos crentes. Em um momento, Deus ressuscitará e glorificará os corpos de seu povo (Daniel 12: 2, João 5:29, Romanos 8:23, 1 Coríntios 15:51, 1 Tessalonicenses 4: 16-17). Eles serão instantaneamente recriados do pó da terra. Isto é

como uma repetição da criação de Adão, só que desta vez, não apenas um corpo será recriado, mas milhões. Uma vez que multidões receberão corpos recriados na ressurreição, quão fácil deve ter sido para Deus criar apenas Adão e Eva no começo?

Além disso, o que Deus fará a esta terra no final de sua existência é evidência do criacionismo súbito. Em um rápido esforço do poder divino, Deus destruirá a presente maldita terra e universo em uma implosão atômica ardente. Em seu lugar ele criará "novos céus e uma nova terra" (2 Pedro 3: 10-13). O novo não vai evoluir a partir do antigo. Em um rápido esforço de poder divino, Deus rapidamente e poderosamente destruir e criar, inaugurando a idade final. Se ele de repente criar o novo universo a partir do nada, é razoável considerar que Deus iniciou o presente da mesma maneira.

Gênesis 1-2 também contém apoio para Deus criando a terra em um curto período de tempo. Primeiro, o termo traduzido "dia" (Heb. *Yom*) em Gênesis 1 refere-se ao período de luz dentro de um ciclo de vinte e quatro horas ou a todo o período de escuridão e luz (vinte e quatro horas). A única exceção é Gênesis 2: 4, onde "dia" se refere a todo o período da criação.

Segundo, a palavra hebraica para "dia" (*yom*), quando acompanhada por um adjetivo numérico, como "terceiro" ou "quarto" (ie, um ordinal) nunca é usada figurativamente. É sempre um período de vinte e quatro horas. Além disso, o plural hebraico para "dia" nunca é usado figurativamente no Antigo Testamento fora de um contexto de criação (por exemplo, Ex. 20: 9).

Terceiro, os termos "noite" e "manhã" em Gênesis 1 nunca são usados figurativamente no Velho Testamento. Eles sempre descrevem um dia de vinte e quatro horas. Deus define o "dia" em Gênesis 1: 5 como um período de luz e depois de escuridão. Depois de criar a luz (Gênesis 1: 3) e causando uma separação espacial entre a escuridão ea luz em relação à Terra (Gênesis 1: 5), Deus estabeleceu o ciclo de luz e escuridão como uma medida do tempo - um dia (Gn 1: 5). Este ciclo é uma rotação total da terra ou um dia de vinte e quatro horas.

Juntos, esses pontos mostram que Deus criou a Terra e tudo o que há nela em seis dias consecutivos de vinte e quatro horas. A espécie humana não evoluiu a partir de formas de vida inferiores, mas foi criada por fiat divino através do esforço da vontade divina de Deus de pó sem vida (Gênesis 2: 7; 3:19, Eccles. 3:20; 12: 7). Além disso, a fêmea não evoluiu do macho, mas foi pessoal e imediatamente moldada por Deus (Gn 2: 21-23, 1 Coríntios 11: 8, 12). Quando a mulher (que constituiria uma mutação em qualquer outro sistema de origens) veio do homem, não houve grandes intervalos de tempo para permitir que ela "se desenvolva". Porque o sexo masculino e feminino entrou em existência em uma seqüência de tempo próxima, Poder criativo proposto pelo súbito modelo do criacionismo.

Como ponto crucial, a testemunha do Novo Testamento a Gênesis 1-2 confirma o testemunho do Velho Testamento. O Novo Testamento cita diretamente ou alude a Gênesis 1-2 mais de trinta vezes. Em cada caso, os escritores do Novo Testamento entenderam o texto de Gênesis em um sentido normal, não simbólico e não figurativo (por exemplo, Mateus 19: 4, Romanos 5:12, 1 Coríntios 15:38, 2 Cor. 4: 6; Col. 3:10, 1 Tim. 2:13, 2 Pe 3: 5).

Adão como Pessoa Histórica

Outra questão de debate diz se Adão no Gênesis era ou não uma pessoa real. A igreja historicamente afirmou que Adão era um homem histórico, mas com a aceitação da ciência evolucionária, alguns afirmam agora que este não é o caso. Aqueles que acreditam que a Terra tem milhões ou bilhões de anos não aceitarão que Deus formou

completamente o Adão humano alguns dias depois de criar o universo. No entanto, Gênesis apresenta Adão como um homem histórico real, não o resultado de eons de evolução.

A interpretação mais simples e natural de Gênesis 1 declara que Deus criou a pessoa específica Adão no sexto dia da criação. Gênesis 2, em seguida, oferece mais detalhes sobre a criação de Adão e Eva. A conexão de Adão com outras pessoas históricas suporta a afirmação de que ele era de fato uma pessoa específica. Adão é o pai de Caim, Abel e Set (Gn 4: 1-2, 25; 5: 1-3). Adão também é dito ter tido relações conjugais com sua esposa Eva para suportar Caim e Seth, e Gênesis 5: 3 afirma ainda que Adão gerou Seth na idade 130. Estes detalhes não podem ser legitimamente identificados como linguagem poética ou figurativa descrevendo algo diferente da realidade .

A longa lista de descendentes de Adão que viveram e morreram até Noé em Gênesis 5 confirma que Adão é uma pessoa histórica específica. Assim, Gênesis 5: 1 declara explicitamente: "Este é o livro das gerações de Adão". Adão é real, assim como aqueles que descem dele são pessoas reais. Não só a criação de Adão é mencionada, como também é a sua morte. Adão morreu aos 930 anos (Gênesis 5: 5).

A teologia da semente no Gênesis afirma um Adão literal. O termo hebraico para "semente", *zera* , é usado seis vezes em Gênesis 1, tudo sobre a vegetação. A presença de semente significa que cada planta e árvore produzirá outra vegetação segundo a sua espécie. Em Gênesis 3:15, Deus promete que uma "semente da mulher" vindoura (NASB) acabará por derrotar o poder por trás da serpente (Satanás). O resto do Gênesis desenvolve o tema das sementes enquanto Deus desenvolve seus planos para salvar e restaurar a humanidade. Noé, Sem, Abraão, Isaque e Jacó são parte do plano de sementes de Deus. Eles são a prole de Adão, e assim como eles são pessoas reais, assim também é Adão, seu antepassado. Além disso, não se deve aceitar a historicidade de Gênesis 12-50 - incluindo Abraão, Isaque e Jacó - e então desconectar esta seção historicamente das pessoas em Gênesis 1-11.

Os escritores do Novo Testamento também afirmam Adão como uma figura histórica. A genealogia de Jesus em Lucas inclui Adão (3:38). Isso é consistente com 1 Crônicas 1: 1, que também inclui Adão em sua genealogia. O apóstolo Paulo claramente acreditava num Adam literal. Em Romanos 5:12 e 14, Paulo afirma: "O pecado veio ao mundo através de um homem [Adão]" e "a morte reinou de Adão a Moisés, mesmo sobre aqueles cujo pecado não era como a transgressão de Adão". Adão como pessoa, assim como ele trata Moisés como uma pessoa. Além disso, em Romanos 5: 12-21, Paulo faz várias comparações entre Adão e Jesus, mostrando que ambos são literais chefes da humanidade que trazem certas conseqüências para a humanidade. O homem Adão traz a morte, a culpa e a condenação a todos os que estão nele (isto é, todos os que possuem a vida humana, com exceção do Senhor Jesus) Enquanto o homem Cristo Jesus traz vida, justiça e justificação a todos aqueles a quem se concede a vida espiritual através da sua união de fé com ele. Se Adão não é uma pessoa, então a comparação colapsa, incluindo o papel de Jesus como Aquele que representa a humanidade como Salvador. Rejeitar a historicidade de Adão realmente mina o próprio evangelho.

> Da mesma forma, Paulo contrasta várias vezes com Adão e Jesus em 1 Coríntios 15:
>
> Pois, como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. (1 Coríntios 15:22)
>
> Assim está escrito: "O primeiro homem Adão tornou-se um ser vivente"; O último Adão se tornou um espírito vivificante. (1 Co 15:45)

> O primeiro homem [Adão] foi da terra, um homem de pó; O segundo homem [Jesus] é do céu. (1 Cor. 15:47)
>
> Assim como nós levamos a imagem do homem de pó, também iremos ter a imagem do homem do céu. (1 Co 15:49)

O ponto de Paulo é que, assim como nós, seres humanos, temos a imagem de Adão, assim com a glorificação vindoura iremos suportar a imagem de Jesus. A comparação pressupõe que tanto Adão como Jesus são pessoas históricas que representam a humanidade. Jesus como pessoa só pode ser um "último Adão" se Adão também fosse um ser humano real. Além disso, em 1 Timóteo 2:13, Paulo faz um argumento para distinções funcionais entre homens e mulheres na igreja porque "Adão foi formado primeiro, depois Eva." Seu ponto não faria sentido se Adão fosse meramente uma figura simbólica.

A historicidade de Adão não é uma questão trivial. Um Adam literal é fundamental para a compreensão da origem e história da raça humana, a natureza da humanidade, a origem do pecado, o início da morte humana e animal, a necessidade de salvação, a base para os eventos históricos no Gênesis, a razão para Ordem funcional dentro da igreja, e até mesmo a existência futura da humanidade.

Criado na imagem de Deus

Homem Criado Diretamente por Deus
Homem como imagem de Deus (*Imago Dei*)
Jesus como imagem de Deus
A História da Bíblia e a Imagem de Deus

Homem Criado Diretamente por Deus

A existência do homem é inteiramente um resultado da criação divina. Tal reconhecimento leva a uma antropologia bíblica que aborda três aspectos da existência do homem: (1) a ontologia ou essência do homem, (2) as relações do homem e (3) a função do homem.

Gênesis 1: 1 declara: "No princípio, Deus criou os céus ea terra". Deus é a eterna causa transcendente de tudo. Em seis dias literais de vinte e quatro horas, Deus fez todas as coisas materiais e imateriais (ver Col 1:16). Gênesis 1 é estruturado para destacar a criação do homem no dia seis. Sendo criado o último destaca o significado do homem. Além disso, nos cinco primeiros dias e no começo do dia seis, as frases "Que haja ..." ou "Deixe lá ..." são usadas para descrever os atos criativos de Deus (Gn 1: 3, 6, 9, 11, 14, 20, 24). No entanto, com a criação do homem, uma frase diferente é usada: "Façamos o homem ..." (Gênesis 1:26). Essa mudança enfatiza que o homem é único dentro da criação de Deus. Além disso, a palavra "então" em Gênesis 1: 26- " *Então* Deus disse:" Façamos o homem ... "- marca a criação do homem como especial.

O propósito do homem também é destacado em Gênesis 1-2. Somente se faz referência passageira à criação do sol, da lua, das estrelas, das plantas e das criaturas vivas em Gênesis 1. Contudo, Gênesis 2 é inteiramente dedicado à criação da humanidade, incluindo como o primeiro homem e a primeira mulher foram feitos. Além disso, vários termos como "fazer" / "feito", "criar" e "formar" enfatizam o envolvimento ativo de Deus na criação do homem:

> 1. "Fazer" / "Feito" (Heb. *'Asah*)
>
> Então Deus disse: "Façamos *o* homem" (Gn 1:26).

E Deus viu tudo o que tinha *feito* . (Gen. 1:31)

Então o SENHOR Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só; Vou *fazer* dele um ajudante adequado para ele. "(Gênesis 2:18)

Este é o livro das gerações de Adão. Quando Deus criou o homem, ele o *fez* na semelhança de Deus. (Gênesis 5: 1)

Então o SENHOR disse: "Eu apagarei o homem que eu criei da face da terra, o homem e os animais, e os répteis, e os pássaros dos céus, porque sinto que os *fiz* " (Gênesis 6: 7)

2. "Criar" (Heb. *Bara '*)

Deus *criou o* homem à sua imagem,
À imagem de Deus o *criou* ;
Macho e fêmea os *criou* . (Gênesis 1:27)

Este é o livro das gerações de Adão. Quando Deus *criou o* homem, ele o fez na semelhança de Deus. Homem e mulher os *criou* , e os abençoou e os nomeou Homem quando foram *criados* . (Gn 5: 1-2)

3. "Formado" (*Heats* .)

Então o SENHOR Deus *formou* o homem de pó da terra. (Gênesis 2: 7)

E o SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, no oriente, e ali pôs o homem que tinha *formado* . (Gênesis 2: 8)

A criação direta de Deus do homem é afirmada em toda a Escritura. O Salmo 100: 3 afirma: "Sabei que o SENHOR é Deus! Jesus disse: "Não lestes que aquele que os criou desde o princípio [isto é, Deus] os fez homem e mulher?" (Mateus 19: 4). Tiago se referiu ao "povo que é feito à semelhança de Deus" (Tiago 3: 9).

A criação do homem por Deus tem implicações significativas. Primeiro, os seres humanos não existem no vácuo. A condição prévia para o homem é Deus, eo homem só pode ser entendido a partir do ponto de partida do Criador. Ao dirigir-se aos filósofos pagãos em Atenas, Paulo começou com a criação, ou seja, "o Deus que fez o mundo e tudo nele" (Atos 17:24). Ele então disse que as pessoas só existem e funcionam por causa de Deus: "Nele vivemos, nos movemos e temos nosso ser" (Atos 17:28). A única razão pela qual estamos vivos é porque Deus existe, nos criou e sustenta nossas vidas. Algumas pessoas tentam imaginar que não há Deus, mas na realidade, não haveria nenhum ato de imaginar e ninguém para fazer a imaginação se Deus não existisse. Algo não pode vir do nada. Ninguém vezes nada não igualar tudo. As pessoas não vêm do impessoal. Não imaginar nenhum céu e nenhum Deus é imaginar nada. Deus é a pré-condição para tudo.

Segundo, a criação direta significa que o homem não é Deus. O homem não é divino nem o ser mais elevado existente. Existe uma lacuna metafísica ou ontológica entre Deus e o homem. O homem nunca pode ser Deus, nem procurar ser Deus. O líder Mórmon Lorenzo Snow declarou: "Como o homem agora é, Deus uma vez foi; Como Deus agora é, o homem pode ser. "Isto é falso. Deus nunca foi homem (a encarnação de Cristo como o Deus-homem sendo a única exceção), eo homem nunca pode ser Deus. Oséias 11: 9 declara: "Porque eu sou Deus e não um homem, o Santo entre vós". As criaturas estarão sempre sob o Criador eterno que as criou.

Terceiro, como uma criatura, o homem é obrigado a se submeter a Deus. O homem não é livre para fazer o que quiser, como se suas ações não tivessem conseqüências para Deus (Ec 11: 9). Tudo o que o homem faz deve ser visto à luz da vontade de Deus para ele. De acordo com Romanos 1, o principal problema com o homem caído é que ele age

independentemente de seu Criador. Ele não dá glória a Deus, e serve criaturas ao invés do Criador. Paulo disse que as pessoas incrédulas "trocaram a verdade sobre Deus por uma mentira e adoraram e serviram a criatura em vez do Criador" (Romanos 1:25).

Para mostrar que as pessoas não podem agir independentemente de Deus, Jesus contou a parábola do rico insensato, que viveu sozinho para descobrir que Deus o faria responsável naquela noite: "Mas Deus lhe disse: Esta noite a tua alma é exigida de ti, e as coisas que preparaste, de quem será a vontade? "(Lucas 12:20). As pessoas muitas vezes agem de forma independente e convencem-se de que podem viver separadas e desafiando Deus, mas sem arrependimento e fé salvadora estão acumulando ira por si mesmas. Paulo adverte as pessoas a não levar a paciência e a bondade de Deus levemente (Romanos 2: 4), pois isso significa "você está armazenando a ira para si mesmo no dia da ira quando o justo juízo de Deus será revelado" (Rm 2: 5).). Mesmo com condições perfeitas na nova terra que vem, o povo de Deus servirá a Deus; Eles não se tornam Deus.

Em quarto lugar, o homem tem um papel único na criação de Deus. Gênesis 1: 26-28 revela que o homem é chamado a multiplicar, a encher a terra ea subjugá-la. O salmista declarou: "Os céus são os céus do SENHOR , mas a terra deu aos filhos do homem" (Salmo 115: 16). Mesmo na eternidade, o homem reinará para sempre na nova terra (ver Apocalipse 21: 1; 22: 5).

Em quinto lugar, o homem foi criado para dar glória a Deus. Isaías 43: 6-7 descreve Deus chamando seus "filhos" e "filhas" para vir a ele, "todo aquele que é chamado pelo meu nome, a quem eu criei para a minha glória, a quem eu formei e fiz". As pessoas são criadas para a sua glória. Paulo declara que os cristãos foram "predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade" (Efésios 1:11). Tudo o que o homem faz deve ser para a glória de Deus (1 Coríntios 10:31).

Homem como imagem de Deus (*Imago Dei*)

Compreender a humanidade envolve compreender o fato de que o homem é a "imagem" e a "semelhança" de Deus. Como afirmam Beck e Demarest: "As implicações das pessoas humanas criadas à imagem de Deus são imensas para a teologia, a psicologia, o ministério ea vida cristã. As ramificações da *imago* abrangem questões de dignidade e valor humano, ética pessoal e social, relações entre os sexos, solidariedade da família humana ... e justiça racial ". Passagens que se referem explicitamente à" imagem "(Heb. *Tselem*) ou" *Semelhança* "(Heb. *Demuth*) de Deus incluem o seguinte:

> Então Deus disse: "Façamos o homem à *nossa imagem* , conforme a *nossa semelhança* " (Gênesis 1:26).

> Deus criou o homem à *sua própria imagem* ,
> À *imagem de Deus* o criou;
> Macho e fêmea os criou. (Gênesis 1:27)

> Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, ele o fez na *semelhança de Deus* . Homem e mulher os criou, e os abençoou e os nomeou Homem no dia em que foram criados. (Gn 5: 1-2)

> Quem derramar o sangue do homem,
> Pelo homem será derramado o seu sangue,
> Porque Deus fez o homem *à sua imagem* . (Gen. 9: 6)

> Porque o homem não deve cobrir a sua cabeça, porquanto é a *imagem* e a glória *de Deus* . (1 Coríntios 11: 7)

> Com ele bendizemos nosso Senhor e Pai, e com ele amaldiçoamos os homens que foram feitos à *semelhança de Deus* . (Tiago 3: 9 NASB)

O termo hebraico para "imagem" significa uma "cópia", mas também carrega a idéia de "representação". No mundo antigo, um rei ou governante iria colocar uma imagem ou ídolo de si mesmo em seu reino para simbolizar sua soberania lá. Quando os outros viram a imagem, eles sabiam quem tinha o controle. Da mesma forma, os portadores da imagem de Deus representam Deus no mundo. Mas, ao contrário das estátuas sem vida, os portadores da imagem de Deus estão vivos. Eles devem operar como representantes de Deus e mediadores na terra. Assim, a "imagem" tem implicações para a realeza. Enquanto Deus é *o* Rei, Deus criou o homem como *um* rei, um vice-regente e mediador sobre a criação em nome de Deus.

Complementando esta palavra, o termo hebraico para " *semelhança* " (*demuth*) pode se referir a "padrão", "forma" ou "forma". Significa algo modelado após um original. Seu uso em Gênesis 1:26 indica que o homem é modelado segundo Deus; Ele é um filho de Deus. Esta compreensão é apoiada por Gênesis 5: 3, que revela que Seth era um filho na "semelhança" de seu pai, Adão. Para unir esses dois significados juntos, podemos concluir que, por ser filho de Deus, o homem pode funcionar como representante de Deus.

IMPLICAÇÕES DOS SERES HUMANOS NA IMAGEM DE DEUS

Embora os seres humanos não sejam divinos, o fato de serem criados na "imagem" e "semelhança" de Deus traz verdades significativas. Primeiro, a imagem de Deus é afirmada para todas as pessoas - tanto homens quanto mulheres. Gênesis 1:27 afirma: "Assim criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; Macho e fêmea, ele os criou ". Embora gêneros distintos, tanto homens como mulheres são iguais como pessoas e iguais em valor.

Segundo, mesmo depois da queda (ver Gênesis 3), todas as pessoas ainda possuem a imagem e semelhança de Deus. Isso é afirmado em Gênesis 5: 1-3, tanto para o homem como para a mulher e para a prole de Adão e Eva:

> Este é o livro das gerações de Adão. Quando Deus criou o homem, ele o fez na semelhança de Deus. Homem e mulher os criou, e os abençoou e os nomeou Homem quando foram criados. Quando Adão viveu 130 anos, gerou um filho à sua própria semelhança, segundo a sua imagem, e o nomeou Seth.

Gênesis 9: 6 diz que a pena capital é a pena apropriada para o homicídio, já que o homem ainda é a imagem de Deus: "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu sangue, porque Deus fez o homem à sua imagem. Os humanos inundados ainda são a imagem de Deus. Da mesma forma, Tiago 3: 9 condena as pessoas amaldiçoadas por serem "feitas à semelhança de Deus". Isto também afirma que as pessoas após a queda ainda têm algo parecido com Deus. Os portadores da imagem de Deus foram certamente manchados com a maldição, mas a imagem e semelhança de Deus, embora distorcida, não foi destruída.

Terceiro, a imagem de Deus explica a necessidade da humanidade de viver em relação com os outros. O Deus trino é três pessoas em um: Pai, Filho e Espírito Santo. Esta é a definição fundamental da natureza essencial de Deus. Por toda a eternidade, os membros da Trindade desfrutaram de comunhão perfeita e pessoal uns com os outros. Se Deus fosse simplesmente um ser solitário e unipessoal - como deuses falsos - ele não poderia ser eternamente amoroso, porque antes da criação não haveria ninguém para amar. Mas Deus é amor, e esse amor foi perfeitamente expresso na eternidade passada dentro da Trindade (João 5:20; 17:24, 26).

O amor de Deus também é dirigido para a sua criação. Deus ama o mundo (João 3:16) e especialmente seus próprios filhos (João 13: 1; 15: 9; 16:27; 17:23, 26, Romanos 5: 5), que são capacitados por ele a amar a sua Inimigos (Mateus 5: 42-48), crentes (João 13: 34-35; 15: 12-13), e o próprio Deus (João 14: 21-24). Assim, o homem é projetado à imagem de Deus como um ser relacional, que não só é capaz de se relacionar com outras pessoas e com Deus de uma forma amorosa, mas também é obrigado a fazê-lo para experimentar a realização (Gênesis 2:18 , 22-24).

Em quarto lugar, a imagem de Deus está relacionada com a tarefa do homem de "governar" e "subjugar" a terra em favor de Deus. Imediatamente depois de declarar que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, Deus diz: "Dominem os peixes do mar, as aves do céu, o gado e toda a terra, e sobre todo o rastejar que rasteja Sobre a terra "(Gn 1:26). Então Deus diz: "Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e subjugai-a; E governai os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo ser vivente que se move sobre a terra "(Gn 1:28, NASB). O termo hebraico para "regra", usado duas vezes em Gênesis 1: 26-28, é *radah* e *significa* "ter domínio", "governar" ou "dominar". Mais tarde, no Salmo 110: 2, o termo refere-se ao Messias Regra futura "O SENHOR envia de Sião teu poderoso cetro. Regra [*radah*] no meio de seus inimigos. "Também, a palavra hebraica traduzida" subjugar "em Gênesis 1:28 é *kabash* , que *significa* " trazer para a *escravidão* ", mesmo por meios *enérgicos* . O termo é usado em 2 Samuel 8:11 sobre a subjugação de nações do rei Davi.

Ambos "governam" e "subjuguem" estão ligados à autoridade real e mostram, como observa Eugene Merrill, que "o homem é criado para reinar de uma maneira que demonstra sua soberania, sua dominação (por força se necessário) sobre toda a criação". Autoridade é vista no nome do homem dos animais, uma demonstração de domínio (ver Gênesis 2: 19-20). Assim, há um aspecto real e real para o homem ser à imagem de Deus.

Esta autoridade para governar sobre a criação não é a posse exclusiva de Adão e Eva. Deus diz: "Que eles tenham domínio" (Gênesis 1:26). O plural "eles" poderia se referir especificamente a Adão e Eva, mas tal limitação é improvável. Desde que Adão e Eva foram multiplicar e encher a terra, "eles" provavelmente inclui toda a humanidade que vem de Adão. A humanidade como um todo, através de Adão, recebeu autoridade para governar e subjugar a criação de Deus.

O direito do homem de governar a criação é afirmado no Salmo 8: 4-8:

> O que é o homem que Tu pensas nele,
> E o filho do homem que você cuida dele?
> Contudo, Tu o fizeste um pouco mais baixo do que Deus,
> E Tu o coroas de glória e majestade!
> Tu o fazes governar as obras das tuas mãos;
> Puseste todas as coisas debaixo dos seus pés,
> Todas as ovelhas e bois,
> E também os animais do campo,
> As aves dos céus e os peixes do mar,
> O que quer que passe pelos caminhos dos mares. (NASB)

Hebreus 2: 5-9 afirma que no "mundo vindouro", a humanidade governará a terra. A humanidade fará isso através do homem supremo - Jesus, o Messias, que também compartilhará seu reinado com aqueles que estão unidos a ele (ver 1 Coríntios 15:27 e Apocalipse 5:10). O homem é o portador da imagem de Deus que funciona como um rei mediador na terra. Deus faz com que o homem gerencie o mundo como seus representantes.

Três pontos de vista foram oferecidos em resposta à pergunta de como exatamente o homem é a imagem de Deus: substantivo, funcional e relacional. Primeiro. A visão substantiva diz que a imagem de Deus é intrinsecamente estrutural para o homem. É uma característica dentro da composição do homem. A imagem é parte do homem, não apenas algo que ele faz. Alguns afirmaram que a imagem é o corpo físico do homem ou alguma característica física como andar ereto. Alguns dizem que a imagem é uma qualidade psicológica ou espiritual, como razão, memória, vontade ou capacidade moral.

Segundo, a visão funcional afirma que a imagem de Deus é algo que os humanos fazem. Uma vez que Gênesis 1: 26-28 liga a imagem com governar e subjugar a terra, alguns acreditam que a imagem é o domínio do homem sobre a criação. O teólogo protestante alemão Hans Walter Wolff (1911-1993) declarou: "É precisamente em sua função de governante que ele [homem] é a imagem de Deus".

Terceiro, a visão relacional afirma que a relação é a imagem de Deus. Resumindo essa visão, Millard Erickson escreve: "Pode-se dizer que os seres humanos estão na imagem ou para exibir a imagem [de Deus] quando estão em uma relação particular, que de fato é a imagem". Esta perspectiva era popular entre os teólogos neo-ortodoxos e existenciais . O apoio à visão relacional é encontrado na maneira como a imagem de Deus está intimamente ligada ao homem que está sendo criado, homem e mulher (Gênesis 1:27). Uma vez que o conceito de relação é central para a conexão do homem com Deus e as pessoas, a imagem é vista como o homem está em relação.

Então, qual posição está correta? Todos os três pontos de vista estão intimamente ligados à imagem de Deus, ea verdade pode ser recolhida de cada um deles. A melhor visão, no entanto, é que a imagem de Deus é substantiva ou estrutural para o homem. Função e relacionamento são as *conseqüências* do homem ser a imagem de Deus estruturalmente. Essa visão reconhece a importância da função e da relação, mas ela molda a estrutura como base para a realização da função e da relação. Uma vez que o homem é a imagem de Deus, ele é capaz de exercer relações de domínio e experiência. De acordo com Gênesis 1: 26-28, o homem é feito à imagem de Deus (Gênesis 1: 26a), e *então* ele é encarregado de governar e subjugar a terra e estar em relação (Gênesis 1: 26b-28).

Qual é essa estrutura que torna o homem a imagem de Deus? É melhor não estreitar a estrutura para qualquer característica ou qualidade. A imagem permeia o ser do homem. A estrutura provavelmente consiste nas qualidades e atributos complexos do homem que o tornam humano. Isso inclui seus componentes físicos e espirituais. A imagem também poderia ser ligada à personalidade e personalidade e aos poderes de se relacionar e operar. Poderia estar ligado ao pensamento e ao raciocínio. Grudem pode ser mais próximo quando diz: "Toda a maneira em que o homem é como Deus faz parte do seu ser à imagem e semelhança de Deus". Tudo o que faz de uma pessoa humana está relacionada com a imagem de Deus. As seguintes características ajudam a definir ainda mais o homem como portador da imagem:

Ontologicamente , o homem é um ser vivo, pessoal, auto-consciente, ativo com personalidade. Ele é uma unidade complexa de alma / espírito e corpo. Enquanto Deus é espírito (João 4:24) e concede um espírito ao homem, a componente corporal do homem está relacionada com a imagem de Deus. Robert Culver observa: "Há algo no corpo humano que é análogo a algo na Divindade ... É evidente que, embora o corpo humano, *por si só* , não seja de modo algum uma imagem do Deus da Bíblia, A natureza física foi originalmente criada para suportar essa imagem ".

Voluntariamente , o homem tem uma vontade e a *capacidade* de escolher entre várias opções. Ele pode discernir o certo do errado. Este aspecto volitivo separa o homem dos animais e de outras criaturas mencionados em Gênesis 1-2.

Intelectualmente , o homem tem uma mente racional. Ele está consciente de si mesmo, do seu ambiente, dos outros e de Deus. Ele pode pensar criticamente e logicamente. Ele possui memória, imaginação, criatividade e habilidades de linguagem para comunicar e entender os pensamentos dos outros.

Emocionalmente , um ser humano experimenta uma ampla gama de emoções e sentimentos, tais como medo, raiva, culpa, ansiedade, arrependimento, vergonha, felicidade e alegria. Ele pode tanto rir e chorar. Além disso, a emocionalidade humana é complexa, como as pessoas podem experimentar duas ou mais emoções quase simultaneamente. Por exemplo, os pais podem sentir tristeza, orgulho, nervosismo e felicidade quando sua filha sai da cidade para a faculdade.

Relacionalmente , o homem está preparado para participar de relações com Deus e com outras pessoas. Jesus disse que os maiores mandamentos são amar a Deus e amar os outros (Mt 22: 36-40). Só as pessoas podem dar e receber amor.

Funcionalmente , o homem tem o que precisa para *preencher* , governar e subjugar a terra em favor de Deus para a glória de Deus. Machos e fêmeas têm corpos capazes de se reproduzir e interagir com um ambiente físico. A humanidade possui a ingenuidade de implementar uma estratégia bem-sucedida para a Terra.

Embora não seja Deus, o homem reflete a imagem ea semelhança de Deus de maneiras maravilhosas, complexas e misteriosas.

Jesus como imagem de Deus

A melhor maneira de entender a imagem de Deus é olhar para o Senhor Jesus, em quem é perfeitamente revelado. Paulo refere-se a Jesus como o "último Adão" (1 Coríntios 15:45), conectando Jesus com a humanidade. Ele também diz: "Ele [Jesus] é a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). O termo grego para "imagem" é *eikōn* e compara ao termo hebraico para imagem, *tselem* . Ele transmite tanto "representação" e "manifestação". Deus é espírito e é, portanto, invisível, mas Jesus como o Deus-homem é a imagem do Deus invisível.

Além disso, Hebreus 1: 3 declara: "Ele [Jesus] é o resplendor da glória de Deus e a marca exata de sua natureza". O termo grego para " *impressão* " , *charaktēr* , refere-se a um "selo" ou " *impressionar* " "Feito em uma moeda ou selo. Assim, Jesus como o último Adão é a marca ou selo perfeito de Deus. Quando olhamos para Jesus, vemos tudo o que Deus pretende para o homem. Jesus disse: "Quem me viu, viu o Pai" (João 14: 9).

Jesus manifestou plenamente a imagem divina em três conexões: com Deus, com as pessoas e com a criação. Ao fazê-lo, Jesus mostra a humanidade como manifestar a imagem corretamente. Primeiro, Jesus manifestou a natureza fundamental do Deus trino por sua relação com o Espírito Santo e por sua comunhão com o Pai. Ele amava e obedecia perfeitamente ao Pai no poder do Espírito Santo. Segundo, Jesus amava as pessoas. Ele amava aqueles que o odiavam. E João 13: 1 diz de Jesus: "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim". A frase "até o fim" traduz a frase grega *eis telos* , que significa "infinitamente" ou "eternamente" (João 17:23). O maior mandamento para o homem é amar a Deus e amar as pessoas (Mt 22: 36-40). Jesus exibiu o amor perfeito para ambos. E terceiro, Jesus mostrou domínio sobre a criação com seus milagres e curas. Quando caminhou sobre a água, multiplicou o pão e os peixes, ou acalmou uma tempestade, Jesus mostrou o controle absoluto sobre a natureza, um domínio que será plenamente manifestado em seu reino milenial vindouro na terra (Isaías 11,35).

O Senhor Jesus fez visível a imagem de Deus. Deus está chamando e salvando pecadores para serem conformados e transformados na imagem de seu Filho. Paulo diz: "Para aqueles a quem ele [Deus] conheceu de antemão, ele também predestinou para ser

conformado à imagem de seu Filho" (Romanos 8:29). Ele também afirma: "E todos nós, com rosto desvelado, vendo a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de um grau de glória para outro" (2 Coríntios 3:18). Deus está trabalhando nos crentes para torná-los mais semelhantes ao seu Filho. Conseqüentemente, eles cada vez mais evidenciam o que a imagem de Deus deve ser. Crescer mais como Cristo em santificação está manifestando a imagem de Deus. A imagem de Deus não é uma doutrina misteriosa e abstrata. Jesus é a imagem de Deus em ação eo modelo a seguir.

Quando os cristãos forem glorificados no retorno de Jesus, o processo transformador será completo. Como diz 1 João 3: 2, "Amados, agora somos filhos de Deus, e o que seremos ainda não apareceu; Mas sabemos que quando ele aparecer, seremos como ele, porque o veremos como ele é. "Ao discutir a ressurreição que vem, Paulo declarou:" Assim como levamos a imagem do homem de pó [Adão], nós Também dará a imagem do homem do céu "(1 Coríntios 15:49). Antes de Jesus vir, estamos sendo transformados na imagem de Cristo, mas na sua vinda, em um momento, seremos como ele.

A História da Bíblia e a Imagem de Deus

A imagem de Deus se relaciona com o enredo da Bíblia das seguintes maneiras:

Criação : O homem, incluindo homens e mulheres, é criado à imagem de Deus. Como seu Criador, o homem evidencia unidade e diversidade em uma relação de amor. O "homem" compreende macho e fêmea, contudo o macho e a fêmea são distintos no género e têm papéis diferentes. Na criação, o homem funcionava em relacionamentos apropriados com Deus, outros seres humanos e criação.

Queda : O homem violou a distinção Criador / criatura agindo de forma autônoma e se rebelando contra Deus. A imagem de Deus ficou manchada, mas não perdida. As tríplices relações do homem sofreram: (1) em relação a Deus, o homem está espiritualmente morto; (2) em relação aos seres humanos, a tensão afecta homens e mulheres, e as mulheres devem sofrer dor no parto; (3) em relação à criação, a terra agora trabalha contra o homem e frustra-o, ea terra engolirá o homem na morte.

Encarnação (Jesus Cristo) : Jesus, o Deus-homem, é a imagem perfeita de Deus. Ele manifesta a imagem exatamente por amar perfeitamente a Deus, amar as pessoas e exercer autoridade sobre a natureza. Os que pertencem a Jesus através da fé salvadora tornam-se novas criaturas, e por seu amor exibem a imagem restaurada de Deus, embora imperfeitamente antes da ressurreição final. A santificação é o processo pelo qual os cristãos estão sendo conformados à imagem de Cristo, que é a imagem perfeita de Deus.

Restauração : Quando Jesus voltar, os cristãos serão glorificados e feitos como Jesus. Eles exibirão perfeitamente a imagem de Deus para sempre.

A Constituição Humana

Corpo
Alma
Espírito
Coração
Consciência
Três visões da constituição humana

Vários termos são usados para se referir a pessoas humanas nas Escrituras. Cinco dos termos mais comuns incluem *corpo, alma, espírito, coração* e *consciência* . É útil examinar cada uma delas.

Corpo

Constituição do homem inclui um componente físico. De acordo com Gênesis 2: 7, "O SENHOR Deus formou o homem de pó da terra." Existe um elo entre a terra eo homem. O homem vem do chão. Assim como a criação é material, os portadores da imagem de Deus possuem um elemento material, muitas vezes chamado de "corpo".

No Velho Testamento, dois termos hebraicos primários se referem ao "corpo". *Gewiyyah* ocorre doze vezes para um corpo vivo (Gênesis 47:18, Neemias 9:37) ou uma carcaça morta (1Sm 31:10, 12) . *Basar* , muitas vezes traduzido "carne", ocorre 266 vezes. Refere-se a (1) um parente de sangue (Gênesis 29:14; 2 Sam. 5: 1); (2) humanidade coletivamente (Gênesis 6: 12-13; Jó 34:15); (3) todo ser vivo (Gn 9: 15-17); (4) a substância material do corpo (Gênesis 2:23, 17:14, Jó 19:26); (5) toda a pessoa (Levítico 17:11, Salmo 16: 9, 63: 1, Ec. 4: 5); E (6) a pessoa como fraca, dependente e temporária (Gênesis 6: 3; 2 Crônicas 32: 8; Salmo 78:39; Isaías 40: 6).

No Novo Testamento, a palavra grega para "corpo" é *sōma* . Pode se referir a (1) o corpo físico (Marcos 5:29, Romanos 8:11, Gálatas 6:17 e Tiago 2:16); (2) a pessoa inteira (Romanos 12: 1, Ef 5:28, Fil. 1:20); E (3) a natureza caída e carnal (Rm 6: 6; 8:13, Fp 3:21).

Gênesis 1:31 afirma que tudo o que Deus fez foi "muito bom". Isso inclui o corpo humano. A criação do mundo físico é o contexto para a criação do homem. Deus deu ao homem um corpo físico para governar um mundo material (Gn 1:26, 28). Os corpos dos cristãos são também a residência do Espírito Santo. Paulo perguntou: "Vocês não sabem que seu corpo é um templo do Espírito Santo dentro de vocês?" (1 Coríntios 6:19). O corpo é tão essencial para ser humano que Deus dará às pessoas um corpo ressuscitado apto para sua morada eterna (João 5: 25-29, Romanos 8:23).

A bondade do corpo foi rejeitada por muitos na história. Tradições filosóficas dualistas ligadas a Platão convenceram muitos de que o corpo humano - e de fato, toda matéria - é inferior. Sócrates, por exemplo, acreditava que o corpo humano era uma prisão para a alma. Ele desejava a morte para que pudesse ser liberado para sempre de sua estrutura carnal. O gnosticismo ameaçava o cristianismo com suas visões ultrapiritualizadas e antimateriais. Religiões orientais como o hinduísmo eo budismo ensinam que o corpo humano e as realidades materiais são ilusões (*maya*). Mesmo muitas das sociedades ocidentais hoje acreditam que o céu ou o ideal final é uma existência eterna e sem corpo.

A visão bíblica do corpo humano, entretanto, contrasta intensamente com essas filosofias não-bíblicas. O corpo de Adão na criação era sem pecado e imortal, mas o pecado trouxe uma mudança dramática no corpo humano. Deus prometeu a morte pelo pecado, e com o pecado de Adão, seu corpo experimentou decadência levando à morte, passando sua corrupção para todos os corpos humanos. O corpo atual é um "corpo humilde" (Filipenses 3:21) e um "corpo de morte" (Romanos 7:24). Os anseios e desejos corporais contribuem para o estado pecaminoso do homem, e assim o corpo necessita de disciplina (1 Coríntios 9:27, 1 Timóteo 4: 8). Ele anseia pela redenção da corrupção (Romanos 8:23). Embora os corpos não regenerados não possam entrar no reino eterno de Deus (1 Coríntios 15:50), há esperança para o corpo. Jesus morreu e foi ressuscitado corporalmente,

Paulo comparou a existência sem o corpo à nudez (2 Coríntios 5: 3). Ele anseia por um corpo glorificado cuja fonte é o céu (2 Coríntios 5: 1-5). A igreja experimentará a ressurreição do corpo no arrebatamento (1 Tessalonicenses 4: 13-18). Esta é uma grande esperança para os cristãos que "esperam um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso humilde corpo para ser como o seu corpo glorioso" (Filipenses 3: 20-21). Os santos do Antigo Testamento e os santos martirizados durante o período da

tribulação serão ressuscitados no tempo do reino de Jesus (Daniel 12: 2 e Apocalipse 20: 4).

A ressurreição corporal, porém, não é apenas para os crentes. Os ímpios serão ressuscitados para castigo eterno (Daniel 12: 2). Jesus disse: "Não se admirem disso, pois uma hora vem quando todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairem, os que fizeram o bem para a ressurreição da vida e os que fizeram o mal à ressurreição De julgamento "(João 5: 28-29). Assim como os santos justos são ressuscitados, assim também os ímpios se levantarão e receberão um corpo apto para punição no lago de fogo (Ap 20: 11-15). Nesta época, a morte traz uma separação temporária entre corpo e espírito (Tiago 2:26), mas com o programa de ressurreição de Deus, todas as pessoas - crentes e incrédulos - terão um corpo apto para a vida eterna na nova terra ou para a eterna Separação de Deus no lago de fogo.

Alma

Outro aspecto importante da natureza do homem é a *alma* . A palavra hebraica para "alma", *nephesh* , ocorre cerca de 750 vezes no Antigo Testamento. No que diz respeito aos seres humanos, *nephesh* muitas vezes se refere a uma pessoa em sua totalidade como um ser vivo. Genesis 2: “soprou em suas narinas o fôlego da vida, eo homem se tornou um ser vivente [7 afirma que depois de formar o homem do pó da terra, Deus *nephesh*].” Em Êxodo 04:19, Deus disse a Moisés, “ Volte para o Egito, pois todos os homens que estavam buscando sua vida [*nephesh*] estão mortos. " Novamente , *nephesh* aqui é sinônimo de ser uma pessoa.

Há também lugares onde *nephesh* carrega o sentido mais restrito de se referir apenas à parte imaterial de uma pessoa. Ao dar à luz a Benjamim, a alma de Raquel deixou seu corpo: "Sua alma [*nephesh*] estava partindo (porque ela estava morrendo)" (Gênesis 35:18). Neste exemplo, a alma se distingue do corpo porque deixa o corpo. Às vezes *nephesh* se refere ao princípio de vida que anima o corpo. Levítico 17:11 declara: "Porque a vida [*nephesh*] da carne está no sangue." Também pode estar ligada às funções interiores da pessoa, tais como intelecto, vontade e emoções: "Minha alma [*nephesh*] continuamente Lembra-se dele [aflições] e está curvado dentro de mim "(Lam. 3:20).

A palavra grega do Novo Testamento para "alma" é *psychē* e ocorre cerca de 110 vezes. Ela é traduzida como "alma", "vida" e "I." Este termo denota (1) a pessoa inteira (Atos 2:41, Romanos 13: 1, 2Co 12:15); (2) o ser essencial ou o lugar da identidade pessoal, muitas vezes em relação a Deus e à salvação (Mt 10:28, 39; Lucas 1:46; João 12:25); (3) a vida interior do corpo (Atos 20:10, Ef 6: 6); (4) o intelecto (Atos 14: 2, Fil. 1:27); (5) a vontade (Mt 22:37, Ef 6: 6); (6) as emoções (Mateus 26:38; Marcos 14:34); E (7) a vida moral e espiritual (Hb 6:19, 1 Pedro 1:22, 3 João 2).

Na morte física, a alma sobrevive e está imediatamente na presença de Deus. Na parábola do rico, Deus disse ao insensato rico: "Esta noite, a tua alma é exigida de ti" (Lucas 12:20). Este homem rico morreria, mas sua alma estaria na presença de Deus para uma contabilidade. Da mesma forma, em Apocalipse 6: 9, os santos mortos na terra encontram as suas almas no céu: "Vi debaixo do altar as almas dos mortos pela palavra de Deus e pelo testemunho que haviam dado" (Apocalipse 6: 9). Assim, a alma retorna a Deus na morte física.

Em última análise, todas as almas serão unidas com corpos ressuscitados. No retorno de Jesus à Terra, os mártires de Apocalipse 6: 9-11 serão ressuscitados para que possam reinar no reino de Jesus na terra (Apocalipse 5:10). Apocalipse 20: 4 afirma: "Também vi as almas dos que haviam sido decapitados para o testemunho de Jesus e para a palavra de Deus, e aqueles que não adoraram a besta ou a sua imagem e não haviam recebido a

marca na testa Ou suas mãos. Eles voltaram à vida e reinaram com Cristo por mil anos. "As almas no céu receberão um dia um corpo físico e glorificado.

Espírito

A parte imaterial do homem também é referida como "espírito". A palavra hebraica para "espírito" é *ruakh* que ocorre 378 vezes no Antigo Testamento. O termo é usado para o vento (Gn 8: 1, Amós 4:13), respiração física (Jó 9:18, Sl 135.17), o Espírito de Deus (Isaías 51:11; 42: 1), ea força vital das criaturas inferiores (Gênesis 6:17, Eccles. 3:19, 21).

Em relação aos seres humanos, *ruakh* refere-se a (1) a pessoa inteira (Salmo 31: 5, Ezequiel 21: 7); (2) o poder vital da vida de Deus que anima o corpo (Gênesis 2: 7, Júlio 15:19, Jó 27: 3); (3) a vida interior, incluindo a sede do intelecto (Gênesis 41: 8, Ezequiel 20:32), o entendimento espiritual (Jó 20: 3; 32: 8), a sabedoria Dan 5:20), e emoções (1 Samuel 1:15, Provérbios 15:13); E (4) a abertura da alma a Deus (Sl 51:10, Isaías 26: 9).

O termo grego para "espírito" é *pneuma* . Como com *ruakh* , a palavra *pneuma* pode se referir a várias realidades. No sentido antropológico, connota a força da vida que anima o corpo e parte à morte (Mateus 27:50, Atos 7:59, Tiago 2:26 e Apocalipse 11:11). Refere-se ao eu que interage com Deus. *Pneuma* muitas vezes se refere à interação com Deus eo reino espiritual (Romanos 1: 9, 8:16, 1 Coríntios 14:14 e Apocalipse 21:10). E é comumente usado do Espírito Santo (Gálatas 5:18).

Em suma, *ruakh* e *pneuma* são usados nas Escrituras para referir-se a (1) vento ou respiração (Gn 8: 1, João 3: 8), (2) uma atitude ou disposição (Mateus 5: 3) O Espírito Santo (Gn 1: 2, Mateus 1:18, 20), (4) espíritos angélicos (1 Samuel 16:14, Mateus 8:16, Lucas 7:21) e (5) o ser humano Espírito (Gn 41: 8 e Atos 17:16). O sentido mais comum do *ruakh* no Velho Testamento é "vento", enquanto no *pneuma* do Novo Testamento o mais frequentemente se refere ao Espírito Santo. No que diz respeito aos seres humanos, "espírito" muitas vezes significa a capacidade dos seres humanos para estar em relação com Deus, e "espírito" é por vezes usado de forma intercambiável com "alma" (Salmo 31: 5, Ec 12: 7, Hebreus 12:23 Lucas 1: 46-47).

Coração

A Bíblia diz muito sobre o coração - não o órgão físico, mas o centro de controle de uma pessoa e o lugar para pensamentos, atitudes, motivações e ações. As palavras *hebraicas* para "coração" são *leb* (598 vezes) e *lebab* (252 vezes). Em relação aos seres humanos, esses dois termos podem se referir à pessoa inteira (Salmo 22:26) ou ao núcleo da vida interior (Êxodo 7: 3, 13, Salmo 9: 1, Jeremias 17: 9) . Do coração fluem "as fontes da vida" (Provérbios 4:23). Ambos os pensamentos bons e maus vêm do coração (Gênesis 6: 5, 1 Reis 3:12, Jó 8:10). As intenções vêm do coração (Êxodo 35: 5 e Dn 5:20), assim como as emoções e paixões (Deuteronômio 19: 6; 1 Sam 1: 8). A consciência está ligada ao coração (1 Samuel 24: 5, Jó 27: 6). As ações são do coração. Isaías 32: 6 declara: "Pois o insensato fala insensatez, eo seu coração está ocupado com iniqüidade".

A palavra grega para "coração" é *kardia* . Refere-se à faculdade governante da pessoa (Mateus 18:35, Romanos 6:17, 2 Coríntios 5:12). Jesus reafirmou o ensino do Antigo Testamento de que todos os pensamentos e ações fluem do coração: "Porque do coração vêm os maus pensamentos, os assassinatos, o adultério, a imoralidade sexual, os furtos, o falso testemunho, as calúnias" (Mt 15:19). Ele também disse: "O bom homem do bom tesouro do seu coração produz o que é bom; E o homem mau do mal tesouro traz para

fora o que é mau; Porque a sua boca fala daquilo que preenche o seu coração "(Lucas 6:45 NVI). O coração também é a fonte do intelecto: "Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: 'Por que pensais mal em vossos corações?' "(Mateus 9: 4, ver Atos 8:22).

Todas as pessoas nascem com um coração escuro e maligno. A avaliação de Deus sobre a humanidade no dilúvio global foi esta: "Toda a intenção dos pensamentos de seu coração era apenas o mal continuamente" (Gênesis 6: 5). Deus também disse: "A intenção do coração do homem é má desde a sua juventude" (Gn 8:21). Jeremias 17: 9 declarou da mesma forma: "O coração é mais enganoso do que tudo e está desesperadamente doente: quem pode entendê-lo?" (NASB). Quanto aos incrédulos, Paulo observou: "Os seus corações insensatos foram obscurecidos" (Romanos 1:21).

Deus muda corações maus substituindo-os por novos. Na passagem da nova aliança de Ezequiel 36:26, Deus declarou: "Eu lhes darei um coração novo, e um espírito novo eu colocarei dentro de vocês. E retirarei o coração de pedra de sua carne e lhe darei um coração de carne ". Também Jeremias 31:33 prometeu que Deus escreveria sua lei sobre esses corações novos. O próprio Jesus declarou: "Bem-aventurados os puros de coração" (Mateus 5: 8), e também disse: "Mas a semente no solo bom, estes são os que ouviram a palavra em um coração honesto e bom, E mantê-la firme, e dar fruto com perseverança "(Lucas 8:15 NVI). Paulo referiu-se a "aqueles que invocam o Senhor de coração puro" (2 Timóteo 2:22), enquanto o escritor de Hebreus proclamava: "Cheguemo-nos com um coração sincero, com plena certeza de fé, Tendo os nossos corações purificados da má consciência "(Hb 10:22). O cristão experimenta um novo coração que ama a Deus, deseja obedecê-lo, é purificado e produz bons frutos.

Consciência

Deus criou todos com uma consciência, a faculdade de avaliação moral sobre o certo eo errado, o bem eo mal. Conectada à auto-consciência e capacidade racional, a consciência alerta uma pessoa sobre a moralidade de suas ações. A consciência funciona como um árbitro moral divino. A falta de atenção à consciência muitas vezes leva à culpa e vergonha.

Embora o conceito esteja claramente lá, o Antigo Testamento não tem um termo específico para "consciência". Por exemplo, Salomão pediu a Deus "uma mente compreensiva" para que ele pudesse "discernir entre o bem e o mal" (1 Reis 3: 9). Abigail disse a Davi que ele "não deve ter causa de dor ou dores de consciência por ter derramado sangue sem causa" (1Sm 25:31).

O termo grego para "consciência" é *syneidēsis* , que ocorre trinta vezes no Novo Testamento, com mais de dois terços dessas ocorrências encontradas nos escritos de Paulo. Romanos 2: 14-15 explica a consciência. Lá, Paulo disse que os gentios que não têm acesso à lei mosaica escrita ainda sabem o que Deus exige deles. Como? "Eles [gentios] mostram que a obra da lei está escrita em seus corações, enquanto sua consciência também dá testemunho, e seus pensamentos conflitantes acusam ou mesmo desculpam" (Rm 2:15). Como portadores da imagem de Deus, todas as pessoas nascem com um conhecimento inato do certo e do errado baseado na lei de Deus. A consciência reage ao comportamento baseado em sua conformidade com aquela lei moral ou sua violação dela. Ao afirmar seu amor pelos irmãos judeus, Paulo declarou: "Estou falando a verdade em Cristo - não estou mentindo;

Mentiras e erros podem substituir a lei moral que Deus deu a cada pessoa e, assim, desinformar a consciência. O pecado também pode romper e chamuscar a consciência. Ambos levam a situações perigosas e mortais. Paulo declarou: "Para os

puros, todas as coisas são puras, mas para os impuros e incrédulos, nada é puro; Mas suas mentes e suas consciências são contaminadas "(Tito 1:15). Ele também descreveu "a insinceridade dos mentirosos cujas consciências são chamuscadas" (1 Timóteo 4: 2). A luz de advertência de consciência nunca deve ser violada.

Em 1984, um avião da Avianca Airlines caiu na Espanha. A caixa preta recuperada de gravadores de cockpit revelou que vários minutos antes do impacto, o sistema de aviso automático do avião repetidamente disse à tripulação: "Puxa para cima! Puxa para cima! "O piloto, pensando que o sistema estava funcionando mal, estalou," Cala-te, Gringo! "E desligou o sistema. Minutos depois, o avião bateu em uma montanha. Todos a bordo morreram. Essa história trágica ilustra os resultados catastróficos de desinformar a consciência ou ignorar suas advertências.

Três visões da constituição humana

De um modo geral, o homem é descrito por vários termos: *corpo, alma, espírito, coração* e *consciência* . Mas quantos componentes reais ou elementos uma pessoa possui? 1? Dois? Três? Mais de três? As principais visões da constituição humana são consideradas abaixo.

MONISMO

Monismo é a visão de que a pessoa humana é um elemento. O homem é um eu unificado, não uma combinação de múltiplas partes. O materialismo secular afirma que a matéria é a única substância no universo. Nenhum Deus ou entidades espirituais existem. Não há alma ou parte imaterial para ninguém. Todas as atividades mentais e espirituais são produtos químicos do cérebro. O homem é um pedaço de matéria pensante. Na morte física, não há nenhuma parte imaterial para sobreviver. Uma visão monista menos mantida, o idealismo afirma que toda a realidade é composta apenas de mente ou idéias. George Berkeley (1685-1753) defendeu a noção de que as idéias ou percepções são as únicas realidades existentes.

John AT Robinson, em seu trabalho *The Body: A Study in Pauline Theology* (1952), argumentou que não há distinção entre alma e corpo. Robinson afirmou que os antigos hebreus tinham uma visão unitária da pessoa humana e que lhes faltava uma palavra para "corpo" comparável ao termo grego *sōma* . Supostamente, a distinção entre corpo e alma é uma idéia grega estranha ao pensamento hebraico e bíblico. Com essa perspectiva, corpo e alma não são realidades contrastantes; Em vez disso, eles são sinônimos intercambiáveis. O mesmo é afirmado para termos como "carne" (Gk. *Sarx*), "alma" (Gk. *Psychē*) e "espírito" (Gk. *Pneuma*). Estes são sinônimos para toda a pessoa. Assim, nesta visão, a Bíblia não ensina uma distinção entre corpo e alma.

DICOTOMISMO

O dicotomismo sustenta que o homem é um ser de duas partes constituído por um corpo e um elemento imaterial chamado "alma" ou "espírito". Não há distinção real entre os dois termos, que são intercambiáveis. O dicotomismo, então, afirma a pessoa humana como uma combinação de corpo e alma / espírito. Este ponto de vista difere do monismo materialista, uma vez que o dicotomismo afirma que a realidade e a humanidade consistem em mais do que na matéria; Um elemento espiritual também existe. Enquanto uma pessoa tem um corpo físico, a alma / espírito anima o corpo e sobrevive à morte física.

Os dicotomistas cristãos apontam para Gênesis 2: 7, onde Deus criou o homem envolvido Deus formando o homem a partir da terra (material) e Deus respirando a vida nele (imaterial). Jesus também afirmou uma distinção entre corpo e alma em Mateus 10:28: "E não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Pelo contrário, temei aquele que pode destruir alma e corpo no inferno. "Além disso, a Bíblia diz que o elemento imaterial sobrevive à morte física. As almas dos santos martirizados aparecem no céu em Apocalipse 6: 9-11. Tanto o homem rico como Lázaro existem após sua morte, de acordo com Lucas 16: 19-31. E no meio de ser apedrejado, Estêvão esperava que Jesus recebesse seu espírito (Atos 7:59).

TRICHOTOMISMO

O tricotomismo também afirma que o homem é composto de múltiplas partes, mas sustenta que o homem é um corpo de três partes que compreende corpo, alma e espírito. O termo *tricotomia* vem da combinação dos termos gregos *tricha* , "três" e *temno* , "cortar". O primeiro elemento do homem é o corpo, que é a parte material de uma pessoa. A segunda parte é a alma, que é o elemento psicológico do homem ea parte que permite a interação com as pessoas eo mundo natural. A alma é a base da razão, emoção, personalidade e interação social. A terceira parte é o espírito, que geralmente é identificado como o elemento religioso que percebe e responde às questões espirituais e a Deus. Enquanto a alma é dita para interagir com áreas horizontais relacionadas com a experiência do homem com as pessoas ea natureza, o espírito interage com questões verticais, como a experiência do homem com Deus. A presença de espírito distingue alegadamente seres humanos de animais.

Duas passagens são freqüentemente usadas para apoiar tricotomia. Primeiro Tessalonicenses 5:23 declara: "E o próprio Deus da paz vos santifique inteiramente; E que vosso espírito, alma e corpo sejam preservados completos, sem culpa pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo "(NASB). Aqui os três componentes - "espírito", "alma" e "corpo" - são mencionados lado a lado. Hebreus 4:12 também menciona a alma e o espírito: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, mais afiada que qualquer espada de dois gumes, penetrando na divisão da alma e do espírito".

O tricotomismo era popular entre os padres alexandrinos da igreja primitiva, especialmente Clemente de Alexandria (cerca de 150 a 215) e Orígenes (cerca de 184 a 254). Esta visão passou por um declínio geral até o século XIX, quando se tornou mais popular.

AVALIAÇÃO DAS TRÊS VISTAS

O monismo materialista deve ser rejeitado porque nega a existência de Deus e de todas as realidades espirituais. O monismo idealista também deve ser rejeitado. A realidade não é simplesmente toda a mente ou espírito ou idéias. Deus criou um universo físico com criaturas materiais e as declarou "muito boas" (Gn 1:31). Além disso, Deus não criou nossos sentidos para nos enganar a pensar que interagimos com um mundo material.

As formas cristãs de monismo afirmam com razão que a pessoa humana é um eu unificado, mas não reconhecem a diversidade dentro da unidade. A Bíblia afirma uma distinção entre corpo e alma (Mateus 10:28) e uma parte imaterial que sobrevive à morte física (Apocalipse 6: 9-11). Paulo esperava que a morte física o colocasse na presença de Jesus (Filipenses 1:23), e Jesus disse que o ladrão arrependido na cruz estaria com ele naquele dia no paraíso (Lucas 23:43). A realidade de um estado intermediário refuta as variações cristãs do monismo.

Tanto o dicotomismo como o tricotomismo afirmam corretamente que o homem consiste em mais do que na matéria. A questão de divisão centra-se sobre se existe uma distinção substantiva entre alma e espírito. A evidência bíblica indica que não existe. "Alma" e "espírito" são usados indistintamente na Escritura, e ambos os termos indicam funções semelhantes em relação a Deus, outras pessoas e natureza. Portanto, é difícil argumentar que eles são partes distintas de uma pessoa. Alguns versos colocam "alma" e "espírito" juntos em forma paralela, mostrando que o mesmo conceito está em vista:

> Portanto, não contenderei a minha boca;
> Falarei na angústia do meu espírito [*ruakh*];
> Eu me queixarei na amargura da minha alma [*nephesh*]. (Jó 7:11)

> Minha alma [*nephesh*] anseia por você durante a noite;
> Meu espírito [*ruakh*] dentro de mim te procura sinceramente. (Isaías 26: 9)

> E Maria disse:
> "Minha alma [*psychē*] magnifica o Senhor,
> E meu espírito [*pneuma*] se alegra em Deus, meu Salvador. "(Lucas 1: 46-47)

Essas passagens demonstram que "alma" e "espírito" na Bíblia são intercambiáveis e abordam as mesmas realidades. Em Isaías 26: 9 e Lucas 1: 46-47, a alma está interagindo com Deus, o que significa que tal atividade não está restrita ao espírito.

Os dois exemplos seguintes também revelam que "alma" e "espírito" se referem à mesma entidade. Primeiro, Jesus expressa pesar por seu sofrimento vindo:

> Agora é a minha alma [*psychē*] *incomodado* . E o que devo dizer? "Pai, salva-me desta hora?" (João 12:27)

> Depois de dizer estas coisas, Jesus estava perturbado em seu espírito [*pneuma*]. (João 13:21)

Segundo, duas passagens descrevem santos no céu:

> E à assembléia dos primogênitos que estão inscritos no céu, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos [*pneuma*] dos justos aperfeiçoados ... (Hb 12:23)

> Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas [*psychē*] dos que haviam sido mortos pela palavra de Deus. (Apocalipse 6: 9)

Mas que dizer de 1 Tessalonicenses 5:23 e Hebreus 4:12? Esses textos devem ser vistos como apoiando o tricotomismo? Não. A Escritura dá ao aspecto imaterial da pessoa diferentes termos, mas nem toda designação significa uma parte distinguível. Às vezes, os termos podem ser empilhados ou combinados para enfatizar. Em Lucas 10:27, por exemplo, Jesus menciona amar a Deus com todo o "coração", "alma", "força" e "mente". Ele usa quatro termos e nem menciona o "espírito". Que há quatro ou cinco ou mais partes para a pessoa humana? Não, a parte imaterial da pessoa pode ser chamada de "alma", "espírito", "coração" ou "mente", e, no entanto, às vezes essas designações podem se referir a toda a pessoa. Portanto, estes são conceitos sobrepostos, não partes distinguíveis. A posição do dicotomismo, portanto, tem o suporte mais forte das escrituras.

No entanto, há uma melhor designação do que o dicotomismo? Como a Escritura apresenta uma pessoa como um eu unificado e complexo, a designação de "unidade complexa" é preferida. O material (corpo) e imaterial (alma / espírito) funcionam juntos em uma pessoa, abraçando unidade e diversidade. Esta unidade complexa é condicional,

uma vez que a morte num mundo caído separa o corpo eo espírito (Tiago 2:26). No entanto, esta separação é temporária, uma vez que todas as pessoas estão indo para a ressurreição, uma reunião do corpo e do espírito em formas eternas. O conceito de unidade complexa é paralelo a outras realidades. Por exemplo, há um Deus, mas Deus também é pluralidade. Deus é Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo. Além disso, Jesus é uma pessoa, mas é Deus e homem.

O homem como uma unidade complexa também cobre todos os aspectos das necessidades físicas e espirituais de uma pessoa. Ao discutir a importância de salvar a fé, Tiago menciona a importância de satisfazer as necessidades físicas: "Se um irmão ou irmã estiver mal vestido e sem comida diária, e um de vós lhes disser: 'Vai em paz, "Sem lhes dar as coisas necessárias para o corpo, de que serve isso?" (Tiago 2: 15-16). Além disso, a salvação de Deus eventualmente traz restauração para a pessoa inteira. O Espírito Santo regenera os pecadores mortos, tornando-os espiritualmente vivos para Deus (Tito 3: 5), mas Jesus também redimirá e glorificará seus corpos (Romanos 8:23 e Fil. 3: 20-21).

Origem da Alma

Preexistência
Criacionismo
Traducianism
Avaliação dos Três Pontos de Vista

A personalidade é a expressão de uma alma / espírito imaterial. Mas qual é a sua origem? A alma é criada diretamente por Deus na concepção, ou é transmitida de seus pais através de processos naturais? Há três visões principais a respeito da origem da alma: preexistência, criacionismo e traducianismo.

Preexistência

Alguns, como os antigos gregos, acreditavam que as almas preexistiam antes da concepção. O teólogo da igreja primitiva Orígenes (cerca de 184 a 254) ensinou que Deus originalmente criou um número fixo de espíritos, alguns dos quais foram unidos a corpos materiais e se tornaram humanos. O islamismo também mantém uma forma de preexistência antes do nascimento. Este ponto de vista não tem apoio bíblico e tem sido justamente rejeitado pelos cristãos ortodoxos, exceto Orígenes.

Criacionismo

O criacionismo ensina que cada alma individual é criada por Deus em algum momento entre a concepção e o nascimento, em vez de ser transmitida dos antepassados como o corpo é. O suporte bíblico para esta visão é extraído de Gênesis 2: 7, que afirma que Deus criou a alma de Adão e uniu-a ao seu corpo. Do mesmo modo, Eclesiastes 12: 7 declara que, ao morrer, "o espírito volta a Deus que o deu". Isaías 42: 5 descreve Deus como Criador do céu e da terra, "que dá alento ao povo e espírito aos que andam "Zacarias 12: 1 diz que Deus" formou o espírito do homem dentro dele. "Também, Deus é" o Pai dos espíritos "(Hb 12: 9). Um considerável apoio à visão criacionista pode ser encontrado na história da igreja; Jerônimo (340-420), Tomás de Aquino (1225-1274) e João Calvino (1509-1564) afirmaram essa visão.

Traducianism

Traducianism diz que a alma é transmitida dos pais às crianças pelo processo natural da procriação, apenas como o corpo é. Enquanto Deus certamente é o Criador do homem e enquanto o corpo e a alma de Adão foram criados diretamente por Deus, a constituição de todas as pessoas após Adão é transmitida através da procriação humana ordenada por Deus. A criação direta de cada corpo e alma não é necessária. Deus usa os meios secundários da procriação humana. Traducionistas argumentam que Adão não pode ser usado como suporte para o criacionismo desde que Adão é único como o primeiro homem e desde que sua situação não é normativa para seus descendentes. Gênesis 5: 3 afirma que Adão teve um filho em sua própria semelhança e imagem, e isso provavelmente inclui a alma. Os adeptos da visão traducianista na história da igreja incluem Tertuliano (cerca de 160 aC 220), Gregório de Nissa (cerca de 330 aC 395) e Martinho Lutero (1483-1546).

Avaliação dos Três Pontos de Vista

A posição traducianist parece melhor. Uma fraqueza importante do criacionismo é que os atos de criação direta de Deus teriam cessado no sexto dia da criação. Se o criacionismo fosse verdadeiro, então Deus estaria constantemente envolvido em atos de criação "fora do nada" desde o sexto dia da criação. Mas esta noção vai contra o fato de que Deus descansou de criar no sétimo dia (Gênesis 2: 1-2).

Além disso, não há evidência bíblica para concluir que, enquanto os corpos humanos são criados por meios naturais, as almas são criadas diretamente por Deus. A visão criacionista introduz um elemento assimétrico desnecessário na origem de uma pessoa humana. Embora seja verdade que vários versículos falam de Deus fazendo a alma de uma pessoa ou espírito, isso também é verdadeiro para o corpo. Davi declarou: "Porque formastes as minhas partes internas; Me tricoteaste no ventre de minha mãe ... O meu corpo não estava escondido de ti, quando eu estava sendo feito em segredo, intrincadamente tecido nas profundezas da terra "(Salmo 139: 13,15). Essas afirmações não significam que o corpo é criado diretamente por Deus além da procriação natural. Deus é o Criador do homem, mas Deus também ordenou a procriação humana para o preenchimento da terra (Gênesis 1:28). Deus usa meios naturais para a procriação, Contudo é a causa final do processo. Como uma complexa unidade de corpo e alma / espírito, todo o nosso ser, incluindo a alma, é um resultado do processo de procriação ordenado por Deus.

Gênero

Sexo criado por Deus
Gênero e Casamento
Gênero e Procriação
Homossexualidade

A sociedade moderna está cada vez mais confusa em gênero e papéis de gênero. Isso é triste porque o gênero é estratégico para os propósitos de Deus para a humanidade e desde que Deus claramente revelou sua vontade sobre o assunto. A seção fundamental para a criação e propósito do gênero encontra-se em Gênesis 1-2. Outras passagens complementam as verdades lá.

Sexo criado por Deus

Deus criou o gênero e a sexualidade humana. Gênesis 1:27 afirma: "Assim criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; Homem e mulher os criou ". Jesus

repetiu esta verdade:" Não lestes que aquele que os criou desde o princípio os fez macho e fêmea "(Mateus 19: 4). O gênero não é vago, flexível, ou determinado pessoalmente por preferência, nem ocorre por acidente ou por processo evolutivo.

Gênesis 2 acrescenta detalhes à criação do primeiro homem e mulher. O homem foi formado primeiro do pó da terra, e então Deus soprou nele o sopro da vida. Com esta respiração, "o homem tornou-se uma criatura viva" (Gênesis 2: 7). Mais tarde, Deus tomou uma costela do homem e transformou-a em uma mulher (Gênesis 2: 21-22). Assim, o primeiro homem e a primeira mulher foram criados diretamente por Deus como parte da criação "muito boa" (Gen. 1:31).

Além de ser criado por Deus, o homem ea mulher foram criados de forma diferente. Deus formou o homem do pó, mas Deus não criou a mulher da mesma maneira. Deus tomou uma costela de Adão para fazer a mulher (Gênesis 2:22). Assim a mulher foi feita do homem. Longe de um detalhe incidental, isso tem significado para distinções funcionais entre homens e mulheres. Ao discutir a ordem entre homens e mulheres na igreja, Paulo destacou este ponto dizendo: "Porque o homem não foi feito de mulher, mas de homem" (1 Coríntios 11: 8). Ao explicar por que os homens devem fazer o ensinamento na igreja, Paulo declarou: "Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva" (1 Tim. 2:13). Os papéis que os homens e as mulheres têm na sociedade, na família e na igreja estão fundamentados nas diferenças entre homens e mulheres que Deus instituiu na criação.

O gênero está profundamente enraizado na identidade humana e é estabelecido na concepção. Quando um espermatozóide portador de um cromossomo X fertiliza o óvulo, uma menina é produzida, enquanto um cromossomo Y traz um menino. Quando uma criança nasce, muitas vezes a primeira reação é: "É um menino!" Ou "É uma menina!" Ao nascer, todos reconhecem que o gênero existe. Os pais não escolhem o sexo de seus filhos ou dizem que isso não importa. Nem eles têm que esperar para ver se o menino mais tarde se tornará uma menina ou vice-versa. O gênero é definido permanentemente na concepção e revelado no nascimento.

Tanto a criação de Deus quanto a realidade biológica do gênero mostram que a sexualidade é objetiva. Não é subjetivo, como se pudesse ser determinado pelos caprichos dos indivíduos e das sociedades. Ninguém pode legitimamente afirmar que ele ou ela é realmente outro gênero, nem alguém pode realmente mudar seu gênero. Confusão de gênero é tratada em Deuteronômio 22: 5: "A mulher não vestirá o manto de um homem, nem o homem se vestirá com o manto de uma mulher, pois quem faz estas coisas é abominação ao SENHOR teu Deus". Como mulheres e homens para se apresentarem como homens. Para uma mulher se vestir como um homem ou vice-versa é considerado "uma abominação", uma ofensa extrema contra Deus. Isso mostra que Deus espera que a pessoa viva de acordo com o gênero que Deus lhe concedeu no nascimento.

Infelizmente, o transgenderismo está se tornando mais aceitável em algumas sociedades. Isso ocorre quando uma pessoa identifica, se veste ou se apresenta contra si mesma ao seu gênero biológico. Isso inclui travestis ou crossdressers. Ainda assim, apesar do que é verdadeiro e óbvio, o gênero é visto cada vez mais na cultura moderna como subjetivo. Supostamente, um macho pode declarar-se uma fêmea ou vice-versa, ea sociedade deve acomodar tal reivindicação. Alguns até usam tecnologias médicas para tentar alterar o gênero. Mas confusão de gênero e adulteração assaltam os propósitos criativos de Deus para a humanidade. A cosmovisão cristã afirma que o gênero e a estrutura biológica de nossos corpos são importantes. Eles têm um propósito concedido por Deus. Eles não são o produto de um acidente evolutivo sem implicações morais, mas são dons de Deus para serem usados para seus propósitos e glória. Desde que Deus fez

macho e fêmea, ele é o ponto de partida para definir o gênero. Desviar-se dos planos de Deus para o gênero ea sexualidade é a rebelião contra Deus (ver Rm 1: 24-27).

Gênero e Casamento

Masculino e feminino foram criados para relacionamento, não isolamento. Quando Deus avaliou o homem recém-criado, ele disse: "Não é bom que o homem esteja só; Eu o tornarei um ajudante adequado para ele "(Gênesis 2:18). Assim, Deus faria um "ajudante" (Heb. *Ezer*) para ajudar a Adão. As outras criaturas eram maravilhosas, mas não eram adequadas para o homem. O desejo de companheirismo humano não é, portanto, defeituoso, como se fosse um desenvolvimento de pós-produção. Adão não estava errado por desejar a companhia humana, e não é um desafio ao relacionamento do homem com Deus. Deus desejou e projetou humanos para relacionamentos.

Quando Deus fez a mulher da costela de Adão, ele a trouxe diante do homem, e Adão então exclamou:

> Este é o osso dos meus ossos
> E carne da minha carne;
> Ela será chamada Mulher,
> Porque ela foi tirada do Homem. (Gênesis 2:23)

Adão imediatamente percebeu que a mulher era o companheiro adequado para ele. Sua incompletude deu lugar à totalidade. Esta mulher era como ele. Ela era "osso dos meus ossos" e "carne da minha carne". No entanto, ela era diferente. Ela foi projetada para complementá-lo e trazer cumprimento à sua vida. Ela trouxe a feminilidade para complementar sua masculinidade. Ele a chamou de "Mulher", porque ela veio do homem.

Gênesis 2:24 resume então a intenção de Deus para o homem e para a mulher: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne". A relação matrimonial envolve deixar pai e mãe para se tornarem " Uma só carne "no casamento. O termo para "licença" (Heb. *'Azab*) é vigoroso e *significa "abandonar* " ou " *abandonar* ". Também, a palavra para "guardar" (Heb. *Dabaq*) *significa* "forte apego pessoal e devoção". Costumava prescrever como Israel devia mostrar seu compromisso com Deus - "Mas tu te *aferrarás* ao SENHOR teu Deus" (Josué 23: 8). O resultado desse apego conjugal está se tornando "uma só carne". Esta unidade envolve certamente a união sexual no coração da unicidade, Assim como as crianças que são um de dois. Contudo, vai além disso, de modo a envolver a dependência mútua em todas as áreas da vida. Unidade e intimidade devem permear o relacionamento.

O casamento é uma instituição graciosa e boa de Deus. Pretende-se ser uma bênção. 1 Pedro 3: 7 chama isso de "a graça da vida". Provérbios 18:22 declara: "Aquele que encontra uma esposa, encontra uma coisa boa e obtém o favor do SENHOR ". Em Mateus 19: 4-6, Jesus reafirma aquele - união flesh do homem e da mulher no casamento. Paulo também diz: "Por causa da tentação da imoralidade sexual, cada homem deve ter sua própria esposa e cada mulher, seu próprio marido" (1 Coríntios 7: 2). Em última análise, o casamento aponta para Cristo ea igreja: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne. Este mistério é profundo, e estou dizendo que se refere a Cristo e à igreja "(Efésios 5: 31-32). O casamento deve ilustrar o relacionamento amoroso de Cristo e sua igreja, Com o marido amando sua esposa como Cristo ama a igreja e a esposa respondendo à liderança amorosa de seu marido como a igreja responde a Cristo (Efésios 5: 22-33). Embora o casamento esteja sujeito à maldição depois da queda do homem, os cristãos sob o controle do Espírito Santo

devem experimentar casamentos pacíficos, produtivos e cumpridos. Os crentes devem casar apenas com outros crentes (1 Coríntios 7:29, 2 Coríntios 6:14).

O casamento tem apenas uma definição, e é sancionado por Deus: a união de um homem e uma mulher (Gênesis 2: 23-24). O casamento deve ser uma aliança pública, formal e oficialmente reconhecida entre um homem e uma mulher. A coabitação conjugal prolongada não estabelece e não é equivalente ao casamento (João 4:18). Onde um casamento válido foi estabelecido antes da fé em Cristo, o casal deve manter a aliança e permanecer casado (1 Coríntios 7:24).

Gênero e Procriação

A relação homem-mulher no casamento é projetada para a procriação. De acordo com Gênesis 1:28, Deus abençoou o homem e a mulher e disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra". As estruturas biológicas projetadas por Deus de homens e mulheres produzem filhos.

A humanidade deveria expandir-se para além do primeiro homem e da mesma mulher e reproduzir-se de modo que a terra fosse preenchida com outros portadores da imagem de Deus. Essas crianças, por sua vez, também deveriam se multiplicar e encher a terra. Deus usaria a procriação para salvar a humanidade e restaurar a criação após a queda. Quando Adão e Eva pecaram, Deus disse ao poder atrás da serpente (Satanás), "Porei inimizade entre você e a mulher, e entre sua descendência e sua prole; Ele te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar "(Gn 3:15). A "prole" da mulher experimentaria uma batalha em curso que culminaria em um "ele" que daria um golpe fatal ao poder por trás da serpente. Quando Eva deu à luz seu primeiro filho, Caim, ela declarou: "Consegui um homem com a ajuda do SENHOR " (Gênesis 4: 1). Alguns acreditam que isso poderia ser traduzido, "Eu tenho um homem, mesmo o Senhor." Se assim for, Eva pode ter acreditado que seu primeiro filho, Caim, foi o libertador Deus prometido em Gênesis 3:15. MAIS TARDE, LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DO CHÃO QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio Do nosso trabalho e do trabalho doloroso de nossas mãos "(Gn 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). "Eu tenho um homem - até o Senhor". Se assim for, Eva pode ter acreditado que seu primeiro filho, Caim, foi o libertador Deus prometido em Gênesis 3:15. MAIS TARDE, LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DO CHÃO QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio Do nosso trabalho e do trabalho doloroso de nossas mãos "(Gn 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). "Eu tenho um homem - até o Senhor". Se assim for, Eva pode ter acreditado que seu primeiro filho, Caim, foi o libertador Deus prometido em Gênesis 3:15. MAIS TARDE, LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU

UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DO CHÃO QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio Do nosso trabalho e do trabalho doloroso de nossas mãos "(Gn 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). Eva pode ter acreditado que seu primeiro filho, Caim, foi o libertador Deus prometido em Gênesis 3:15. MAIS TARDE, LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DO CHÃO QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio Do nosso trabalho e do trabalho doloroso de nossas mãos "(Gn 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). Eva pode ter acreditado que seu primeiro filho, Caim, foi o libertador Deus prometido em Gênesis 3:15. MAIS TARDE, LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DO CHÃO QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio Do nosso trabalho e do trabalho doloroso de nossas mãos "(Gn 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DA TERRA QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio da nossa Trabalho e do doloroso trabalho de nossas mãos "(Gênesis 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). LAMEQUE ACHOU QUE SEU FILHO NOÉ PODERIA SER O LIBERTADOR PROMETIDO: "QUANDO LAMEQUE VIVEU 182 ANOS, GEROU UM FILHO E CHAMOU SEU NOME NOÉ, DIZENDO: 'DA TERRA QUE O SENHOR amaldiçoou, este nos trará alívio da nossa Trabalho e do doloroso trabalho de nossas mãos "(Gênesis 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). Este nos trará alívio da nossa obra e do doloroso trabalho de nossas mãos "(Gênesis 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). Este nos trará alívio da nossa obra e do doloroso trabalho de nossas mãos

"(Gênesis 5: 28-29). Ambas as expectativas de um libertador foram unfulfilled. Caim assassinou seu irmão Abel. E Noé, embora muito usado por Deus, também era pecador e não qualificado para ser o Salvador prometido (Gn 9: 20-23). Eventualmente, o filho de Maria, Jesus, nasceu para ser a "descendência" prometida, ou "semente", que restauraria todas as coisas (Atos 3:21 e Gálatas 3:16). 21; Gal. 3:16). 21; Gal. 3:16).

O mandamento de procriação dado a Adão foi repetido a Noé: "E Deus abençoou Noé e seus filhos e disse-lhes:" Sede frutíferos, multiplicai-vos e enchei a terra "(Gn 9: 1, 7). Este mandato era necessário após a inundação global, quando todos menos oito pessoas pereceram. Uma grande ameaça à multiplicação e enchimento da terra, no entanto, foi o assassinato de outros seres humanos. Assim, com a aliança de Noé, Deus sancionou a pena capital para aqueles que assassinarem os portadores da imagem de Deus: "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu sangue, porque Deus fez o homem à sua imagem" (Gn 9,6) . Deus deu ao homem o direito de proteger a vida executando aqueles que matam seus companheiros portadores da imagem. Isso mostra quão valioso Deus considera a vida humana ser.

Após a queda, a maldição sobre a mulher significava dar à luz seria doloroso. Deus disse a Eva: "Com certeza multiplico sua dor na maternidade; Na dor produzirás filhos "(Gn 3:16). A procriação, com todas as suas bênçãos, é dolorosa para a mulher em um mundo caído e muitas vezes está cheia de tragédia. Raquel morreu ao dar à luz a Benjamim (Gênesis 35: 16-18). Algumas crianças vão morrer no útero, e outras terão suas vidas cortadas por aborto. Algumas mulheres que desejam ter filhos serão estéril (Gênesis 30: 1).

Os perigos de dar à luz serão removidos durante o reino vindouro do Messias após o retorno de Jesus. Isaías profetizou daquele tempo, dizendo: "Não haverá mais naquela cidade um bebê que viva apenas alguns dias" (Isaías 65:20), e: "Não trabalharão em vão, nem terão filhos para a calamidade , Porque serão a descendência dos bem-aventurados do SENHOR , e seus descendentes com eles "(Isaías 65:23). O reino milenar de Jesus reverterá as dolorosas e trágicas conseqüências da queda para mulheres e crianças (Ap 20: 1-6). Como não haverá casamento no estado eterno depois do milênio, também não haverá procriação (Mt 22:30).

Homossexualidade

Satanás e os homens continuamente tentam perverter tudo o que é bom na criação de Deus, incluindo o sexo eo casamento. Essa corrupção ocorreu rapidamente em Gênesis. Uma vez que Adão e Eva pecaram, imediatamente se tornaram conscientes da sua nudez: "Então os olhos de ambos foram abertos, e eles sabiam que estavam nus. E coseram folhas de figueira juntas e fizeram-se espessas "(Gn 3: 7). Inocência foi substituída por culpa e vergonha (Gn 3: 8-10). Mesmo o dom sagrado de seu relacionamento físico e sexual estava poluído. Foi-se a sua pureza. Pensamentos maus e impuros foram introduzidos. Ao costurar folhas de figueira, o primeiro casal tentou cobrir sua vergonha, e desde então, a roupa foi uma expressão universal da modéstia humana.

A perversão sexual também se espalhou rapidamente. A poligamia aparece em Gênesis 4:19. A perversão sexual demoníaca ocorre em Gênesis 6: 2. Outros desvios incluem a luxúria (Gn 9:22), o adultério (ou quase o adultério) (Gênesis 12: 15-19), a fornicação (Gênesis 16: 4), o incesto (Gênesis 19:36), a violação (Gen. 34: 2), prostituição (Gênesis 38:15) e assédio sexual (Gênesis 39: 7). A homossexualidade aparece em larga escala em Gênesis 19.

O casamento é bom e santo, mas a homossexualidade é uma rebelião perversa que ameaça a intenção de Deus para o casamento e a família. Deus não criou homens para se

envolver em atos sexuais com outros homens, nem mulheres com mulheres. Nos últimos tempos, a homossexualidade atingiu um nível de aceitabilidade incomparável na história humana. Sociedades que uma vez vi como o desvio é, agora promovê-lo como aceitável. Quando amanheceu o século XXI, nenhum país havia legalizado o casamento homossexual. Mas desde então, vários países o fizeram, inclusive os Estados Unidos, que legalizaram o casamento homossexual em 2015.

A Bíblia apresenta a homossexualidade como pecado e afirma explicitamente que os homossexuais praticantes não herdarão o reino de Deus (1 Coríntios 6: 9-10). A homossexualidade perverte o designio de Deus de que o matrimônio reflete a relação de Cristo com sua igreja: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne. Esse mistério é profundo, e estou dizendo que se refere a Cristo e à igreja "(Efésios 5: 31-32). O casamento ilustra o relacionamento do Senhor Jesus com sua igreja; A liderança amorosa de um marido retrata a liderança amorosa de Cristo sobre sua noiva, ea alegria de submissão de uma esposa retrata a alegre submissão da igreja ao seu Senhor. Ao mexer com os participantes do casamento, a atividade homossexual ou casamento homossexual distorce a imagem do evangelho que Deus queria que o casamento retratasse.

Em Gênesis 1:27, as palavras hebraicas para "masculino" e "feminino" são enfáticas, dando o sentido de "um homem e uma mulher". Somente um homem e uma mulher existiam no início, de modo que monogamous, heterosexual Casamento poderia ocorrer. Este é o paradigma de Deus para o casamento. Baseado neste paradigma de um homem e uma mulher estabelecidos na criação, o restante da Escritura proíbe estritamente qualquer atividade sexual fora do casamento - incluindo toda fornicação (Atos 15:29, 1Co 6: 9, Hb 13: 4), adultério (Ex 20:14, Levítico 20:10, Mateus 19:18), bestialidade (Êxodo 22:19, Levítico 18:23, 20: 15-16, Deut. 27:21) e homossexualidade Levítico 18:22, 20:13, Romanos 1: 26-27).

As uniões homossexuais não podem ser corretamente chamadas de "casamentos", uma vez que envolvem apenas um gênero, não possuem capacidade de procriar e não podem fornecer o tipo de companhia sexual que Deus pretendia. Também não retratam a relação entre Jesus e sua igreja. A homossexualidade não é outra opção para dois adultos que consentem; É uma aberração do desígnio de Deus para a procriação, o prazer e a preservação da raça humana. Em 1 Timóteo 1: 9-10, Paulo denunciou "homens imorais e homossexuais" como aqueles que são "sem lei e rebeldes" e agem "contrariamente ao ensino sadio" (NASB). A palavra grega que ele usou para homossexuais, *arsenokoitais* , literalmente significa "machos no leito conjugal" e parece ter sido extraída da terminologia da Septuaginta (Levítico 18:22; 20:13).

HOMOSSEXUALIDADE EM GENESIS

A oposição de Deus ao comportamento homossexual é ilustrada em sua resposta aos homens em Sodoma em Gênesis 19. Durante uma missão de salvação angélica para salvar Lot, os habitantes de Sodoma demonstraram a extensão terrível de sua luxúria. Uma multidão selvagem de todas as partes da cidade era consumida pela luxúria imoral. Mesmo depois de serem cegados, eles tatearam a entrada (Gn. 19: 10-11). Ló reconheceu suas paixões homossexuais como inerentemente ímpios (Gênesis 19: 7), e Deus os destruiu por causa de sua grande iniqüidade (Gênesis 18: 20-33; 19: 23-29).

Alguns dizem que o incidente foi simplesmente uma violação das antigas leis de hospitalidade, mas tal idéia ignora o contexto. A multidão não queria "saber" (Gênesis 19: 5) os convidados de Lot de uma maneira social. Suas intenções eram inteiramente sexuais, como evidenciado pela condenação de Ló no versículo 7, onde ele chama suas ações de "ímpios". Além disso, Ló ofereceu suas filhas no versículo 8, onde o mesmo

verbo "saber" é usado. Embora sua violência merecesse condenação, sua luxúria homossexual era particularmente desprezível a Deus, um ponto que Jude 7 e 2 Pedro 2: 6-7 asseguram. Assim, não é apenas a violência ou mesmo a estupro homossexual condenada. É qualquer ato ou estilo de vida homossexual. Porque os sodomitas eram tão perversos, o Senhor destruiu toda a cidade com fogo e enxofre. O termo *sodomia* , vindo deste incidente,

Tanto Judas 7 e 2 Pedro 2: 6 afirmam que a perversão sexual foi a principal característica da cidade ea principal razão foi julgado. Judas escreve sobre "Sodoma e Gomorra e as cidades ao redor deles" que eles "se entregaram à imoralidade grosseira e seguiram carne estranha" (NASB). Usando uma palavra para "imoralidade sexual" (Gk. *Ekporneuō*), Judas revela que seu comportamento homossexual era especialmente desprezível aos olhos de Deus. A "carne estranha" que perseguiram eram os convidados angelicais de Ló, a quem os homens da cidade pensavam ser visitantes do sexo masculino (Gênesis 19: 5). Pedro disse que Sodoma e Gomorra foram caracterizadas pela "conduta sensual dos ímpios" e foram, portanto, "condenadas ... à extinção" (2 Pedro 2: 6-7). Lote, porém, Era considerado justo porque "atormentava a sua alma justa por causa das suas iniquidades, que via e ouvia" (2 Pedro 2: 8). Lot e suas filhas foram poupados, enquanto as pessoas que ficavam em Sodoma e as cidades vizinhas foram destruídas.

Sodoma estabelece que os homens depravados não podem perseguir a sensualidade e a impiedade e escapar do julgamento de Deus (Mateus 25:41, Romanos 1:18, 2: 5, 8, Ef 5: 6, 1 Tessalonicenses 2:16, 2 Tessalonicenses 1 : 8, Hebreus 10: 26-27, Apocalipse 6:17). A Escritura se refere a Sodoma e Gomorra mais de vinte vezes como uma ilustração e advertência sobre o que acontecerá com aqueles que vivem tais vidas ímpias (ver Mateus 10: 14-15, 11: 23-24, Lucas 17: 28-32) .

HOMOSSEXUALIDADE E O CÓDIGO MOSAICO

O código legal mosaico declara que a homossexualidade é detestável diante de Deus. Levítico 18:22 diz: "Não mentirás com um homem como com uma mulher; É uma abominação ". E as conseqüências são igualmente claras:" Para todo aquele que praticar alguma dessas abominações, as pessoas que as praticarem serão extirpadas do meio do seu povo "(Levítico 18:29). A proibição também é reiterada mais tarde em Levítico: "Se um homem está com um macho como com uma mulher, ambos cometiam uma abominação; Certamente serão mortos; Seu sangue está sobre eles "(Levítico 20:13).

A homossexualidade está listada em Levítico 18 e 20 no contexto de outros pecados sexuais e é tratada como moralmente igual ao adultério, incesto e bestialidade. O fato de que os cristãos não estão mais sob o código Mosaico não significa que as atitudes de Deus em relação a esses pecados sexuais, incluindo a homossexualidade, mudaram. O Novo Testamento reafirma que a atividade homossexual é pecado.

A visão de Deus sobre o comportamento homossexual é revelada na palavra "abominação". A palavra ocorre repetidamente neste contexto (Levítico 18:22, 26, 27, 29, 30; 20:13) e é também um termo encontrado freqüentemente no livro Do Deuteronômio (ver Deuteronômio 7:25; 12:31; 17: 1, 4; 18: 9-14; 27:15). Assim como a idolatria é uma ofensa perpétua ao caráter moral de Deus, assim também é qualquer perversão do desígnio de Deus para o casamento.

HOMOSSEXUALIDADE E ROMANOS 1

O apóstolo Paulo reitera a proibição contra a homossexualidade em Romanos 1: 26-27:

> Por isso Deus os entregou a paixões desonrosas. Pois suas mulheres trocavam relações naturais por aqueles que são contrários à natureza; E os homens também desistiram de relações naturais com as mulheres e foram consumidos com paixão um pelo outro, os homens cometer atos desavergonhados com os homens e recebendo em si a penalidade devida por seu erro.

Tanto a homossexualidade masculina como o lesbianismo estão em vista nesta passagem. O julgamento de Deus cai sobre ambos porque envolvem atos não naturais. A palavra traduzida "relações" (*Gk.chrēsis*) era uma maneira comum de falar de relações sexuais e neste contexto se refere a atos homossexuais. Esse comportamento deriva de "paixões degradantes" guiadas pela luxúria egoísta, não pelo amor. Eles são uma expressão torcida do design criativo de Deus. Quando o homem abandona o autor da natureza, ele inevitavelmente abandona a ordem da natureza.

O casamento é uma instituição sagrada, e qualquer atividade sexual com alguém que não seja o cônjuge é estritamente proibida por Deus (Gálatas 5:19, Hebreus 13: 4). Isto inclui não só fornicação e adultério, mas qualquer forma de homossexualidade, uma vez que estes são contrários ao design divino estabelecido na criação.

Personhood

Início da Personhood
Fim da Vida Humana
Destino na Morte

Início da Personhood

Como a questão do gênero, as visões da personalidade humana também foram distorcidas pela sociedade moderna, que muitas vezes nega a personalidade àqueles que a Bíblia considera pessoas. Segundo a Bíblia, todos os seres humanos são pessoas que possuem dignidade porque são feitas à imagem de Deus. Isso inclui os muito jovens, os muito velhos, e todos no meio.

Quando a personagem começa? Vários pontos de vista sobre o início da personalidade foram oferecidos. Apenas um é bíblico. A personalidade começa na concepção.

O fato científico demonstra que a vida humana começa na concepção, quando todos os vinte e três pares de cromossomos estão completos. O ovo fertilizado contém então uma estrutura genética fixa (DNA). Entre os dias doze e vinte e oito, um coração começa a bater. As células do sangue se formam no dia dezessete, e os olhos começam a se formar no dia dezenove. Entre as semanas quatro e seis, as ondas cerebrais podem ser medidas. Em um mês, o embrião parece uma pessoa humana distinta. As impressões digitais existem há dois meses. O esqueleto, sistema circulatório e sistema muscular estão completos pela oitava semana. A manifestação da personalidade aparece rapidamente após a concepção.

No entanto, nem todos associam a personalidade humana à vida biológica humana. Alguns especulam que a personalidade começa após a concepção, mas antes do nascimento, talvez com o desenvolvimento de ondas cerebrais ou a viabilidade do feto. Em 1973, com a infame *decisão Roe v. Wade* , a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou que o conceito de "pessoa", tal como é usado na Constituição dos Estados Unidos, só se aplica no momento do nascimento. Como resultado, milhões de pessoas no ventre foram mortas porque são consideradas "não-pessoas". O bioético Michael Tooley até argumentou que a personalidade não começa até a autoconsciência, bem depois do

nascimento. Em seu trabalho, *Aborto e Infanticídio* , Tooley *argumentou* que a plena personalidade não é alcançada até cerca de um ano de idade.

A Bíblia refere-se a bebês no útero como pessoas, sem indicação de que qualquer processo deve ocorrer após a concepção antes que a pessoa comece. Por exemplo, quando Isaque orou para que sua estéril esposa, Rebeca, pudesse ter filhos, foi-nos dito: "E o SENHOR concedeu a sua oração, e Rebeca, sua esposa, concebeu. Os filhos lutaram juntos dentro dela "(Gn 25: 21-22). Aqui, existe uma estreita ligação entre "concebido" e "filhos". Jó relacionou de modo semelhante a concepção com a personalidade quando declarou: "Que perece o dia em que eu nasci, ea noite que diz:" Um homem é concebido " 3: 3). Então Jó era uma pessoa, "um homem", na sua concepção. Lucas 1:41 também registra: "E quando Isabel ouviu o cumprimento de Maria, o bebê saltou em seu ventre." Então Isabel disse: "Pois eis que, Quando o som da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê no meu ventre saltou de alegria "(Lucas 1:44). Aquele no ventre de Isabel (João Batista) é chamado de "bebê" e expressa emoção - "alegria". Deus também se referiu a Jeremias como uma pessoa antes de seu nascimento: "Antes de te formar no ventre eu te conhecia e antes Você nasceu eu o consagrei "(1: 5). Outras passagens referem-se ao conhecimento íntimo de Deus e ao envolvimento com as pessoas no útero (por exemplo, Jó 10: 8-11, Salmo 139: 13-16, Isaías 44:24).

Além disso, Êxodo 21: 22-25 mostra fortemente que os não nascidos devem ser considerados pessoas:

> Quando os homens se esforçam juntos e bater numa mulher grávida, de modo que seus filhos sair, mas não há nenhum dano, a pessoa que bateu nela, certamente será multado, como o marido da mulher fará incidir sobre ele, e ele pagará como os juízes determinam . Mas se há danos, então você pagará vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, listra para distribuição.

Esta passagem indica que se uma mulher grávida é atingida por um homem ea criança dentro dela nasce viva sem sofrer dano, o homem que a atingiu deve pagar uma multa. Mas se a criança é prejudicada, então a lei da retaliação deve ser executada, incluindo a morte, se a criança morrer ("pagar a vida pela vida"). O bebê no ventre deve ser uma pessoa, uma vez que a pena de morte é necessária se o bebê no útero é morto. Qualquer bebê no útero é uma pessoa e deve ser tratado como uma pessoa.

A personalidade não é um desenvolvimento; É um evento. Ocorre na concepção. As tentativas de separar a personalidade da vida humana biológica são não-científicas, arbitrárias e perigosas. Tudo o que constitui fisicamente uma pessoa é feito imediatamente na concepção. A vida humana biológica significa que a personalidade existe. Uma vida humana é uma pessoa. Separar a vida humana da pessoa resultou na morte de pessoas no útero através do aborto e até mesmo levou ao assassinato de bebês depois do nascimento. Beck e Demarest observam que devem existir quatro condições para que um ato seja considerado assassinato:

1. Uma pessoa deve ser morta.
2. A pessoa deve ser morta intencionalmente.
3. A vítima deve ser inocente.
4. Um motivo ilícito ou pecaminoso deve estar envolvido no assassinato.

Eles também concluem corretamente: "O aborto, como comumente praticado hoje, satisfaz esses critérios".

Fim da Vida Humana

Em um mundo caído, a morte humana é a dura e inevitável realidade final. A morte envolve a separação do espírito do corpo (Tiago 2:26). Na morte física o corpo retorna ao chão, onde ele decai. Exceto para aqueles vivos no êxtase que são levados ao céu sem morrer, e para os raros exemplos de Enoque e Elias, a morte vence a todos. Deus disse a Adão que se ele pecasse, a morte viria (Gênesis 2:17). Romanos 5:12 afirma que "o pecado veio ao mundo através de um homem [Adão] ea morte através do pecado". Gênesis 5 funciona como um cemitério ao registrar os descendentes de Adão que viveram e depois morreram. Salomão afirmou que há "um tempo para nascer e um tempo para morrer" (Ec 3: 1-2) e que um dia "o cordão prateado" da vida seria "estalado" eo corpo retornaria ao Terra (Ec 12: 6-7).

A morte é "o rei dos terrores" (Jó 18:14) e é usado por Satanás para causar medo e escravidão (Heb 2:15). Paulo referiu-se à morte como um "inimigo" que deve ser derrotado (1 Coríntios 15:26). Não só a morte extingue a vida, ela deixa para trás a carnificina da dor. Quando Sara morreu, Abraão chorou e chorou por ela (Gênesis 23: 2). Quando Jacó morreu, seu filho José "caiu sobre o rosto de seu pai e chorou sobre ele eo beijou" (Gênesis 50: 1).

Enquanto a morte é muitas vezes vista como natural, a morte é uma intrusão na criação de Deus. Deus criou os seres humanos para a vida, não para a morte. Em seu estado original, o homem não foi criado para morrer, embora a morte fosse, no entanto, uma possibilidade se ele se rebelasse contra seu Criador. Jesus conquistou a morte por sua ressurreição eo fato de que a morte será finalmente removida no estado eterno que vem (Ap 21: 4) demonstra que a morte não é inerente ao ser humano.

Deus detém o controle soberano sobre a vida ea morte. Primeiro Samuel 2: 6 afirma: "O SENHOR mata e traz à vida; Jó disse: "Na mão de [Deus] está a vida de todo ser vivente eo sopro de toda a humanidade" (Jó 12:10). No futuro, a morte será lançada no lago de fogo depois do grande julgamento do trono branco, antes do estado eterno (Apocalipse 20:14).

A Bíblia liga a morte com a respiração final de uma pessoa (Jó 14:10). Gênesis 25: 8 diz: "Abraão soprou o seu último e morreu." O mesmo é dito de Ismael (Gn 25:17). Na cruz, "Jesus soltou um grito alto e expirou" (Marcos 15:37).

A realidade da pessoa começa no útero e se estende até este último suspiro, o fim da vida. A Bíblia trata todos os seres humanos através da morte como pessoas com dignidade. Uma vez que estar à imagem de Deus é estrutural para ser humano, nunca chega um ponto em que uma pessoa se torna nada menos que uma pessoa plena. Isso inclui os idosos e os portadores de deficiência grave. Alguns argumentam que a personalidade existe somente se alguém pode funcionar em uma certa capacidade. Mas isso torna a pessoa dependente do que o ser humano faz, e não do que ele é. Entender este ponto exclui a morte de pessoas que a sociedade poderia considerar indignas de viver. Uma compreensão bíblica da vida humana coloca uma barreira antes da terminação de uma vida simplesmente porque essa pessoa não pode "contribuir para a sociedade", no entanto, que pode ser definida. Desde a concepção até à última respiração,

Destino na Morte

O que acontece com uma pessoa quando morre? Os desafios são altos nesta questão, impactando muito como devemos viver no presente. Há vários pontos de vista.

CESSAÇÃO DE EXISTÊNCIA

Aqueles que defendem uma cosmovisão naturalista acreditam que a morte significa a cessação da existência. Uma vez que os naturalistas acreditam que a realidade e os seres

humanos consistem apenas em matéria, a morte do corpo significa um fim permanente para a própria existência. Uma vez que a consciência e os pensamentos estão ligados apenas ao tecido cerebral, uma vez que o corpo humano morre, toda consciência e pensamento cessam totalmente. Nada transporta para uma próxima vida. O corpo é enterrado ou cremado, e esse é o fim. As pessoas vivem apenas nas memórias daqueles que as conheciam. E até mesmo essas memórias desaparecem como aqueles que os conhecem também morrem. Nesta visão, o universo é dirigido para a extinção eventual.

O filósofo antigo Epicuro (341-270 aC) é aquele que negou a vida após a morte. Para ele, porque a morte está deixando de existir, não deve ser temida. Nenhum juízo divino aguarda, e uma vez que a morte é o fim da autoconsciência, ela é uma não-ética. O ateu Richard Dawkins, que igualmente afirma que a morte é inexistência, argumenta que as pessoas devem estar satisfeitas que viveram. Sabendo que eles viveram, Dawkins diz, indica que eles são os "sortudos", que "ganhou a loteria do nascimento contra todas as probabilidades" .

CONTINUAÇÃO DA ALMA APENAS

Alguns acreditam que as pessoas possuem uma alma imaterial que sobrevive à morte física para existir em outro reino - seja no céu ou em alguma existência alma. O corpo físico, no entanto, é temporário e não será ressuscitado. Somente a alma é imortal. O filósofo grego Sócrates (cerca de 470-399 aC) acreditava que o corpo era uma prisão para a alma. Ele desejava a morte física para que sua alma pudesse ser liberada de seu encaixe carnal e mover-se para uma maior existência espiritual. Platão (cerca de 428-348 aC) também acreditava que a alma sozinha sobreviveu à morte. Esta visão da imortalidade da alma tem sido promovida por alguns adeptos do liberalismo protestante. Harry Emerson Fosdick (AD 1878-1969) disse: "Eu acredito na persistência da personalidade através da morte, mas eu não acredito na ressurreição da carne".

ANNIHILATIONISM

O Annihilationism ensina que somente alguns povos deixarão de existir. Ao contrário da visão cessacionista, os aniquilacionistas afirmam que os crentes viverão para sempre, experimentando a ressurreição do corpo. Os ímpios, no entanto, em algum momento serão apagados da existência. Os defensores sugerem que isso poderia ocorrer na morte física, em um julgamento próximo, ou após um período finito de punição no inferno.

Essa visão propõe uma relação assimétrica no destino dos salvos e dos perdidos. Os salvos receberão a imortalidade e viverão para sempre, enquanto os perdidos deixarão de existir. Supostamente, passagens que falam de punição "eterna" ou "para sempre" para os perdidos não significam tormento interminável e consciente. São apenas as conseqüências de ser extinguido que durar para sempre. Philip Edgcumbe Hughes (1915-1990) afirmou, “morte eterna é a destruição sem fim ..., a destruição de obliteração”. Para Edward Fudge, a linguagem bíblica de um lago de fogo é um símbolo de “aniquilação irreversível.” [25]

Duas supostas crenças teológicas sustentam a visão da aniquilação. A primeira é que o caráter de Deus é inconsistente com a punição consciente e eterna. Alegadamente, o amor de Deus não pode ser harmonizado com tal destino. O segundo é que a imortalidade não é inerente à existência do homem. A imortalidade é concedida àqueles que confiam em Deus, enquanto ela é recusada àqueles que estão perdidos. É uma recompensa para aqueles que recebem a salvação, mas é retido daqueles que não o fazem.

SOUL SLEEP

A noção de sono da alma, ou *psychopannychia* , afirma que a morte física traz um fim temporário à existência consciente de alguém até um dia subsequente de ressurreição. Assim como uma pessoa pode estar em um sono profundo por muitas horas sem memória do período de sono, também ocorre uma lacuna na consciência entre a morte ea ressurreição. Esta visão nega um estado intermediário de existência consciente após a morte e afirma que as almas dos crentes dormem em vez de ir imediatamente para o céu. Os defensores afirmam que o apoio das Escrituras é para o sono da alma em Eclesiastes 9: 5, "Porque os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem nada, e não têm mais recompensa, porque a memória deles é esquecida". , "E muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a vida eterna,

Reencarnação

A reencarnação, ou a transmigração da alma, afirma que na morte física a alma de uma pessoa habita outra entidade, como um ser humano ou animal. Na maioria das vezes ligada à religião oriental do hinduísmo, a reencarnação é a crença de que todos os seres vivos experimentam um ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos até alcançar uma união impessoal com a realidade mais elevada. No hinduísmo esta maior realidade é Brahman. Então o ciclo de reencarnação cessa. Uma vez que a união com o divino é muito difícil, a maioria das reencarnações milhares de vezes e mais. A lei do karma governa alegadamente o processo de reencarnação. Karma funciona como uma lei de causa e efeito que determina a existência de alguém na próxima vida. Se alguém age corretamente, a dívida cármica pode ser liberada, e uma pode alcançar uma forma mais elevada de existência. Contudo,

A reencarnação é realizada por milhões de hindus, budistas e jainistas. O crescente pluralismo religioso trouxe a reencarnação às sociedades ocidentais. Formas de reencarnação são encontradas no neopaganismo, bruxaria, ocultismo e filosofias da Nova Era. A pesquisa Pew Research Center 2009 "Many Americans Mix Multiple Faiths" revelou que 24% dos americanos acreditam na reencarnação.

ENTRADA EM UM ESTADO INTERMEDIÁRIO ESPERANDO RESSURREIÇÃO

A visão cristã tradicional é que a alma / espírito vive em um estado intermediário entre a morte ea ressurreição corporal. Enquanto a pessoa humana é uma complexa unidade de corpo e alma / espírito, a morte provoca uma separação temporária de corpo e alma. O corpo retorna ao chão, enquanto a alma reside em outro reino. A alma do crente reside com Deus no céu, mas a alma do incrédulo é separada de Deus no inferno. Na ressurreição que vem, as almas e corpos de todas as pessoas estarão unidos para sempre no céu final ou no inferno.

AVALIAÇÃO DAS VISTAS

A evidência bíblica está fortemente ligada à visão de que as almas entram em um estado intermediário aguardando ressurreição. O caso contra os outros pontos de vista é encontrado principalmente na forte evidência para este entendimento, que se baseia em três verdades: (1) a pessoa humana possui uma alma imaterial; (2) existe um estado intermediário; E (3) há uma ressurreição que vem.

Que a pessoa humana possui uma alma imaterial foi discutida em seções anteriores sobre a alma ea constituição humana. Em relação ao estado intermediário, Paulo disse que estar separado do corpo significava estar com o Senhor (2 Coríntios 5: 8). Ele também disse que partir para estar com Cristo era melhor do que sua vida atual na terra (Filipenses

1: 22-24). A presença de Moisés e Elias na transfiguração de Jesus revela sua existência consciente além de suas carreiras terrenas (Lucas 9: 30-31). Tanto o rico como Lázaro existiram depois de suas mortes (Lucas 16: 19-31), e Jesus disse ao ladrão na cruz que estaria com ele no paraíso naquele dia (Lc 23:43). Estêvão também orou para que Jesus recebesse seu espírito enquanto fosse apedrejado (Atos 7: 59-60). Esses exemplos refutam as perspectivas da cessação da existência, da reencarnação e do sono da alma.

Várias passagens também ensinam uma ressurreição do corpo. Job expressou esperança em sua ressurreição corporal em conexão com a presença de seu Redentor na terra: "Pois eu sei que meu Redentor vive, e no último ele estará sobre a terra. E depois que minha pele for assim destruída, ainda em minha carne eu verei a Deus "(Jó 19: 25-26). No que diz respeito ao futuro reino de Deus, Isaías declarou: "Vossos mortos viverão; Seus corpos se levantarão. Vocês que habitam no pó, acordam e cantam de alegria! Porque o orvalho é o orvalho da luz, ea terra dará à luz os mortos "(Isaías 26:19). Daniel declarou: "E muitos daqueles que dormem no pó da terra acordarão, alguns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno" (Daniel 12: 2). Como Daniel, Jesus advertiu sobre a ressurreição corporal dos justos e dos ímpios em João 5: 28-29. Paulo disse que os cristãos esperam "a redenção de nossos corpos" (Romanos 8:23) e que Jesus "transformará o nosso humilde corpo para ser semelhante ao seu corpo glorioso" (Flp 3:21). Além disso, Jesus é descrito como as primícias da ressurreição (1 Coríntios 15:23); Desde que Jesus foi ressuscitado do túmulo, uma ressurreição histórica já aconteceu.

O ensinamento claro da Bíblia sobre a ressurreição corpórea refuta a visão de que somente a alma continua após a morte. Além disso, essa noção não explica a bondade do reino material na criação de Deus, incluindo o corpo (Gênesis 2: 7). Em vez disso, ele mantém o destino do homem para ser uma existência puramente espiritual e trata o corpo como uma carga alegremente descartada.

A perspectiva da aniquilação nega o testemunho da Escritura de que os ímpios experimentará tormento eterno e consciente. A Bíblia usa a linguagem do "fogo eterno" (Mt 25:41) e diz que "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre" (Apocalipse 14:11) e que "eles não têm descanso, de dia ou de noite "(Apocalipse 14:11). Não ter repouso indica auto-consciência. Finalmente, Jesus estabeleceu a vida eterna eo castigo eterno lado a lado em Mateus 25:46: "E estes [os ímpios] irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna." Como a vida eterna é interminável para os crentes, também O castigo eterno para o incrédulo será interminável. A relação entre os dois é simétrica, não assimétrica.

Homem e Sociedade

Etnicidade e Nações
Governo Humano
Cultura Humana

Etnicidade e Nações

Uma parte importante, mas frequentemente negligenciada, da antropologia bíblica diz respeito à etnia e às nações. Aproximadamente 196 nações existem atualmente na terra, que consiste em milhares de grupos étnicos. Como os vários grupos de pessoas se encaixam nos propósitos de Deus?

Assim como Deus é unidade (um Deus) e pluralidade (três pessoas), os portadores de imagem de Deus evidenciam unidade e diversidade. A humanidade é unificada, uma vez

que todos os seres humanos são descendentes de Adão, mas existem muitos grupos étnicos e nações. Paulo referiu-se tanto à unidade quanto à diversidade na humanidade quando declarou: "E [Deus] fez de um homem [Adão] toda a nação da humanidade para viver em toda a face da terra" (Atos 17:26). As pessoas vêm de "um homem" (unidade), mas isso leva a "cada nação" (diversidade / pluralidade).

Adão, que transcende a diversidade étnica e as nações, era a cabeça da raça humana. Deus criou Adão e Eva com a habilidade genética de produzir uma multiplicidade de raças e várias cores de pele. Deus ordenou ao homem para multiplicar e encher a terra (Gn 1: 26-28). A revelação posterior deixa claro que essa multiplicação e preenchimento envolveria grupos de pessoas diferentes. Gênesis 10-11 registra vários povos originários dos três filhos de Noé. Paulo diz que Deus "determinou períodos determinados e os limites de sua [ou seja, as nações] habitação" (Atos 17:26).

Após a inundação global, Noé representou a humanidade como aquela de quem a diversidade emergiria novamente. Os filhos de Noé - Cam, Sem e Jafé - tornaram-se chefes de vários povos no mundo. Gênesis 9:19 declara: "Estes três eram os filhos de Noé, e deles foi dispersado o povo de toda a terra". Muitas vezes mal interpretada, a maldição sobre Canaã em Gênesis 9: 18-27 era uma previsão da vitória eventual de Israel sobre Os habitantes cananeus da Terra Prometida. Não era uma maldição sobre o filho de Noé, Ham, nem uma previsão de que os descendentes de pele escura de Ham seriam escravos de outros grupos.

A tabela das nações de Gênesis 10-11 é central para compreender a importância dos grupos étnicos. É também o pano de fundo para o plano de Deus usar Abraão para abençoar todos os povos (Gn 11: 27-12: 3). O catalisador para a diversidade é o evento Torre de Babel descrito em Gênesis 11: 1-9. Pessoas pecadoras se estabeleceram na terra de Sinar e construíram uma torre para fazerem um grande nome para si mesmos e permanecerem localizadas em um lugar (Gn 11,4), rebelando-se contra o mandamento de Deus para encher a terra (Gn 9,1). Deus frustrou seus planos confundindo sua linguagem. Esta foi a origem de múltiplas línguas, e isso fez com que as pessoas se dispersassem sobre a Terra.

A dispersão está relacionada com a disseminação dos descendentes dos três filhos de Noé. Gênesis 10 registra os descendentes de Jafé (Gn 10: 2-5), os filhos de Cão (Gn 10: 6-20) e, finalmente, os filhos de Sem (Gn 10: 21-31). Esta genealogia dos descendentes dos filhos de Noé ocorre antes do relato da Torre de Babel em Gênesis 11, indicando que a disseminação de grupos de pessoas não era o julgamento de Deus, mas era parte do plano de Deus desde o princípio.

Eventualmente, a composição étnica do mundo do Velho Testamento refletia diversidade. Havia asiáticos (israelitas e seus primos semitas - cananeus, moabitas, edomitas, amonitas), negros africanos (cusitas / etíopes), asiáticos negros e egípcios e indo-europeus (filisteus e hititas). O Antigo Testamento se concentra principalmente em Israel, mas o chamado de Deus a Abraão (da linha de Shem) revela a intenção de Deus para abençoar o mundo. Uma "grande nação", Israel, virá de Abraão. O propósito de Abraão e Israel é uma bênção mundial: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12: 3). A promessa posterior de Deus a Abraão em Gênesis 22:18 enfatiza o conceito mais amplo de "nações" sendo abençoadas.

As unidades de pessoas podem variar, desde famílias e tribos até clãs, grupos maiores e nações. O próprio Israel passou de Abraão para a família de Abraão através de Isaque e Jacó e depois estendeu-se a um grupo maior de pessoas (hebreus) e, finalmente, a uma nação (Israel). Apocalipse 5: 9 promete que a salvação de Deus se estenderá a "toda tribo, língua, povo e nação".

De Gênesis 12 a Malaquias, o Antigo Testamento enfatiza Israel, mas também discute bênçãos com outros grupos. Gênesis 49: 8-10 revela que um líder da tribo de Judá será aquele a quem as nações darão obediência. Durante o êxodo do Egito, uma "multidão mista" viajou com o povo de Israel (Êxodo 12:38), que provavelmente consistia de estrangeiros, incluindo alguns egípcios, e famílias que eram uma mistura de povos egípcios e hebreus. Moisés casou-se com um Cusita, mulher africana da Etiópia (Números 12: 1).

Êxodo 19: 6 afirma que Israel deveria ser um reino de sacerdotes para Deus para o mundo. Se Israel agisse corretamente, atrairia outras nações para o Deus de Israel (Dt 4: 5-6). A lei Mosaica mandava que o povo de Israel tratasse bem os estrangeiros. Eles não deveriam abusar ou oprimi-los (Êxodo 22:21). Em vez disso, eles deveriam lidar com estrangeiros como os israelitas nativos: "Tratarás ao estrangeiro que peregrina convosco como o nativo entre vós, e o amareis como a vós mesmos, porque fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o SENHOR Vosso Deus "(Levítico 19:34).

Alguns gentios no Antigo Testamento acreditavam no Deus de Israel. Rahab, a prostituta, uma mulher cananéia, ajudou a Israel e se tornou um exemplo de um gentio com fé (Heb 11:31). Rute, mulher moabita, expressou fé e se tornou um ancestral de Jesus (Mt 1: 5). Durante o tempo de Jonas, o povo de Nínive se arrependeu e evitou a ira de Deus por algum tempo.

No entanto, o Messias precisava chegar para que os gentios participassem dos convênios e promessas de Israel como gentios, sem se converterem ao judaísmo. Paulo lembrou aos crentes gentios: "Lembrem-se de que estavam separados de Cristo, alienados da comunidade de Israel e estranhos aos convênios da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo" (Ef 2: 11- 12). A morte de Jesus e sua nova aliança rompem a barreira divisória entre judeus e gentios (Ef 2: 14-16).

Tragicamente, Israel na era do Antigo Testamento não obedeceu a Deus. Não só Israel falhou em ser um testemunho para outras nações, ela realmente adorou os deuses das nações. Como resultado, Deus fez o povo cativo para Assíria e Babilônia e depois para Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Contudo, os profetas predisseram uma restauração do reino para Israel, e prometeram bênçãos às nações. Isaías previu um dia em que Deus estabeleceria a harmonia internacional de Jerusalém e quando as nações viessem a aprender a lei de Deus (Isaías 2: 2-4). Ele ensinou que Deus levantaria um servo final do Senhor, um Israelita final, que restauraria a nação de Israel e traria bênçãos aos gentios (Isaías 49: 1-6). Isaías também predisse que os estrangeiros seriam incluídos entre o povo de Deus (Isaías 56).

À medida que o Novo Testamento se abre, Jesus é Aquele que abençoará Israel e os gentios. Assim, Simeão profetizou que Jesus seria "luz para revelação aos gentios e glória para o teu povo Israel" (Lucas 2: 31-32). O anjo Gabriel disse a Maria que seu filho Jesus reinaria do trono de Davi sobre Israel para sempre (Lucas 1: 32-33), e quando os Magos visitaram Jesus em Mateus 2: 1-12, os gentios adoravam o Rei de Israel. Em Mateus 8: 5-13, Jesus elogiou a fé de um centurião romano e disse que os gentios participariam do banquete do reino de Deus diante dos líderes judeus incrédulos.

No início de seu ministério, Jesus dirigiu a mensagem do reino unicamente a Israel (Mateus 10: 5-7), mas depois da morte e ressurreição de Jesus, o evangelho foi proclamado ao mundo inteiro, com o próprio Jesus comandando seus seguidores: Portanto, e fazei discípulos de todas as nações "(Mt 28:19). No dia de sua ascensão, Jesus afirmou a expectativa de um reino restaurado para o Israel nacional, mas proclamou a necessidade de levar o evangelho a todos os grupos do mundo (Atos 1: 6-8). Como o livro de Atos registra, o evangelho se espalhou de Jerusalém para Samaria para o mundo gentio mais amplo. O Conselho de Jerusalém também testemunhou que o Filho ressuscitado de

David trouxe a salvação messiânica aos gentios como gentios (Atos 15: 13-18), o que significava que eles não precisavam ser incorporados em Israel ou manter a lei mosaica.

Refletindo esses desenvolvimentos históricos, o apóstolo Paulo deu ensinamentos claros em suas epístolas sobre etnicidade para a igreja. Assim, Gálatas 3:28 explica que os crentes compartilham igualmente a salvação e as bênçãos espirituais em Cristo, independentemente de raça, sexo ou status social. Efésios 2: 11-3: 6 diz que os gentios crentes são iguais aos judeus crentes no povo de Deus e participam juntos nos convênios e promessas mediados por Israel. Os gentios crentes não se tornam judeus espirituais; Em vez disso, judeus e gentios compartilham vida comum juntos na igreja. A unidade entre judeus e gentios está fundamentada na morte de Jesus e na remoção da lei mosaica (Ef 2: 13-16). E assim Colossenses 3: 9-11 fala de uma renovação em Cristo ", na qual não há distinção entre o grego eo judeu, circuncidado e incircunciso, bárbaro, cita, Escravo e freeman "(NASB). A salvação é igualmente acessível a todos os grupos.

O último livro da Bíblia também descreve bênçãos universais. Representantes de cada tribo, língua, povo e nação serão salvos por Cristo e reinarão quando o reino vier à terra (Apocalipse 5: 9-10). Apocalipse 7: 4-9 revela a salvação de ambas as tribos de Israel e pessoas de todas as nações. Apocalipse 21: 3 usa o termo grego *laoi* para se referir aos "povos" de Deus (ESV mg.), Mostrando a diversidade étnica na nova terra. Apocalipse 21:24, 26 testifica que nações com seus reis trarão contribuições para a Nova Jerusalém. E Apocalipse 22: 2 diz que as folhas da árvore da vida mantêm a cura ea harmonia entre as nações. Nunca mais haverá hostilidade étnica ou nacional, apenas harmonia.

Uma teologia bíblica de etnia e nações revela as seguintes verdades e princípios:

1. Todas as pessoas de todas as etnias são feitas à imagem de Deus.
2. Nenhum grupo de pessoas é superior ou inferior a qualquer outro.
3. O racismo é um pecado hediondo, na medida em que nega a pessoa plena a certos grupos de pessoas, violando assim a dignidade de todos os portadores da imagem de Deus.
4. Israel foi escolhido para ser a nação através da qual Deus restauraria a humanidade caída e traria salvação e restauração a todo o mundo.
5. A salvação é dada a todos através do Israelita final, Jesus o Messias, que restaurará a nação de Israel e trará bênçãos aos gentios por salvação.
6. A morte de Cristo eo estabelecimento da nova aliança trazem unidade a todos os que se identificam com Jesus. A verdadeira unidade e harmonia racial são encontradas somente em Jesus, o Messias, não simplesmente na educação, na reforma social, na legislação ou em qualquer outra tentativa centrada no homem.
7. A igreja deve evidenciar a harmonia racial e servir como um exemplo para o mundo da intenção de Deus.
8. Quando Jesus voltar, ele governará as nações de Israel e abençoará todas as nações (Isaías 27: 6 e Romanos 11:12).
9. No estado eterno, as nações e os líderes governamentais existirão em harmonia.

Governo Humano

Deus é um Deus de ordem, não de caos. O governo humano é uma instituição criada por Deus para fornecer ordem social no mundo.

PRINCÍPIOS BÍBLICOS DO GOVERNO HUMANO

A discussão mais extensa sobre o propósito do governo é encontrada em Romanos 13: 1-7:

> Que cada pessoa esteja sujeita às autoridades governantes. Porque não há autoridade senão de Deus, e os que existem foram instituídos por Deus. Portanto, quem resiste às autoridades resiste ao que Deus designou, e aqueles que resistem irão incorrer em julgamento. Para os governantes não são um terror para a boa conduta, mas para o mal. Você não teria medo de quem está em autoridade? Então faça o que é bom, e você receberá sua aprovação, pois ele é servo de Deus para o seu bem. Mas, se fizerdes injustiça, temei, porque não leva a espada em vão. Porque ele é o servo de Deus, o vingador que leva a ira de Deus contra o malfeitor. Portanto, deve-se estar em sujeição, não apenas para evitar a ira de Deus, mas também por causa da consciência. Porque, por isso, também pagais impostos, porque as autoridades são ministros de Deus, atendendo a esta mesma coisa.

Pedro expressou a mesma visão do governo humano em 1 Pedro 2: 13-14:

> Sede sujeito, por causa do Senhor, a toda instituição humana, seja ao imperador como supremo, ou aos governadores, como enviados por ele, para punir os que praticam o mal e louvar os que praticam o bem.

Várias verdades vêm dessas duas passagens.

1. Deus designou o governo humano (Romanos 13: 1-2) como seu "servo" (Romanos 13: 4). O governo é parte da bondade comum de Deus para a humanidade.
2. Desde que Deus designou o governo, resistir ao governo é resistir a Deus. Aqueles que resistem à sua autoridade serão julgados (Romanos 13: 2).
3. Um dos propósitos do governo é "punir os que praticam o mal" (1Pe 2:14). Assim, o que está em autoridade é "um vingador que leva a ira de Deus sobre o malfeitor" (Romanos 13: 4). O governo funciona como o mediador de Deus para conter o mal.
4. O governo tem o direito de executar a pena de morte: "Ele não leva a espada em vão" (Romanos 13: 4). Quando Pilatos disse a Jesus que tinha autoridade para crucificá-lo (João 19:10), Jesus não contestou isso, mas informou a Pilatos que sua autoridade veio de Deus: "Você não teria autoridade sobre mim a menos que tivesse Te foi dado de cima "(João 19:11).
5. Outra função do governo é aprovar e louvar aqueles que fazem o bem (Romanos 13: 3, 1 Pedro 2:14). Os cidadãos pacíficos e respeitadores da lei não precisam temer as autoridades. Poucos governos prejudicarão aqueles que obedecerem às suas leis; Em vez disso, eles procuram honrá-los.
6. O governo é motivo de "terror" para aqueles que fazem coisas más (Romanos 13: 3). Aqueles que quebram a lei devem ter medo do castigo conseqüente. Mesmo os governos mais ímpios podem dissuadir o comportamento criminoso.
7. Todas as pessoas, e especialmente os cristãos, devem ser "sujeitas" ao governo humano (Romanos 13: 1, 5; 1 Pedro 2:13). A palavra "sujeito" foi usada da obediência absoluta de um soldado a seu superior. A única exceção surge se obedecer a um comando civil significa desobedecer a um mandamento de Deus (Êx 1: 7, Dn 3: 16-18, 6: 7, 10). Neste caso, "devemos obedecer a Deus antes que aos homens" (Atos 5:29).
8. Obedecer governo facilita a consciência (Romanos 13: 5).
9. As pessoas devem pagar impostos e mostrar respeito às autoridades governantes (Romanos 13: 7). Jesus afirmou a tributação quando disse: "Dai a César o que é de César" (Mt 22:21).

O GOVERNO HUMANO NA HISTÓRIA DESTANTE DA ESCRITURA

Enquanto as sociedades existiam após a criação, Deus estabeleceu o poder do governo como uma instituição mediadora após o dilúvio. Caim assassinou seu irmão Abel e temeu retribuição pessoal. "Eu serei um fugitivo e um errante na terra, e quem me achar me matará", disse Caim (Gênesis 4:14). Contudo, Deus protegeu Caim colocando uma marca

nele que advertiu de vingança para qualquer um que tentou matá-lo (Gênesis 4:15). Lamech também matou um jovem que o feriu (Gen. 4: 23-24). Caim e Lamech eram assassinos que temiam retribuição, mas não por um magistrado civil. Caim moveu-se para construir uma cidade a leste do Éden na terra de Nod e deu-lhe o nome de seu filho Enoque (Gênesis 4: 16-17). Esta é a primeira cidade mencionada na Bíblia.

A força ea ameaça final do governo começaram após o dilúvio, quando Deus introduziu a pena capital. Ele declarou que "exigiria um cálculo para a vida do homem" e que "quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu sangue, porque Deus fez o homem à sua imagem" (Gn 9.5-6).). Aqui Deus concedeu ao governo o direito de infligir punição de morte aos que assassinarem uma pessoa feita à imagem de Deus. Isso não deve ser feito em atos de vingança pessoal, mas por um governo estabelecido, dado a responsabilidade eo direito de punir os malfeitores.

Uma tentativa de um governo humano centralizado ocorreu em Gênesis 11: 1-9. Aqueles que construíram a Torre de Babel na terra de Shinar queriam fazer um nome por si mesmos, permanecendo em um local em desobediência ao mandamento de Deus para encher a terra (Gênesis 9: 1). Deus viu seus orgulhosos planos como desafiando sua vontade, então ele os confundiu introduzindo milagrosamente diferentes línguas. A longa lista de grupos étnicos em Gênesis 10-11 foi o resultado da dispersão de Babel.

Na época dos patriarcas de Israel, as interações sociais ocorreram em um nível menor através de famílias e grupos de famílias reunidas em tribos. Mais tarde, o crescente povo hebreu que desceu de Abraão, Isaque e Jacó foi escravizado pelo governo do Egito, a superpotência daquela época. Depois do êxodo do Egito, o povo hebreu tornou-se um reino (Ex. 19: 6), e a aliança mosaica funcionou como constituição de Israel. Sob Josué, a terra foi dada como o lugar onde Israel operaria seu governo. Gênesis 17: 6 revelou a intenção de Deus para que Israel acabasse por ter um rei, e Saul se tornou o primeiro rei de Israel. O próximo rei, Davi, recebeu a aliança davídica, que prometeu um reino eterno sobre Israel e o mundo com um herdeiro de Davi reinando para sempre (2 Samuel 7: 12-19 e Lucas 1: 32-33).

Israel, no entanto, foi caracterizado pela desobediência, que levou ao cativeiro e à dispersão. O reino de Israel, tanto os líderes quanto as pessoas, não conseguiram governar com justiça. O reino alcançou seu ponto culminante em 1 Reis 8-10 quando a presença de Deus encheu o templo e quando as promessas abraâmicas de terra, semente e bênção universal apareceram em seu caminho para o cumprimento. Mesmo governos fora de Israel estavam buscando a sabedoria do rei de Israel, Salomão (1 Reis 10: 1-13, 23-25). Mas a idolatria de Salomão (1 Reis 11) colocou o reino de Israel em uma trajetória que levou as doze tribos dividindo-se em dois reinos e eventualmente se dispersando por todas as nações. O governo de Israel terminou em fracasso, não só para os hebreus, mas também para o mundo que foi projetado para abençoar. Este fracasso monumental seria devastador, mas não terminal.

Governos humanos em um mundo caído são sempre misturados com corrupção e maldade. Babilônia, em particular, era uma cidade que representava auto-glória, orgulho e oposição aos propósitos de Deus, tanto religiosa como politicamente. Os governos do Egito e da Assíria eram ímpios, embora Deus ainda os usasse como seus instrumentos. Ao interpretar o sonho da estátua do monarca babilônico Nabucodonosor, Daniel revelou que cinco governos sucessivos - Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma e um Império Romano reavivado - governariam o mundo até que o reino de Deus do céu chegasse dramaticamente e esmagasse esses gentios Governos. Então o reino de Deus, centrado em Israel, seria o poder global proeminente na terra (Daniel 2). Isaías previu que, quando o reino de Deus fosse estabelecido,

Central para um governo justo é um líder justo. Sobre o futuro Messias, Isaías previu: "O governo estará sobre os seus ombros ... Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, no trono de Davi e sobre o seu reino" (Isaías 9: 6- 7); Referindo-se a este líder davídico "do toco de Jessé", Isaías disse também: "A justiça será o cinto de sua cintura" (Isaías 11: 5), e: "Com justiça ele julgará os pobres e decidirá com Equidade para com os mansos da terra "(Isaías 11: 4).

Quando Jesus chegou, ele foi identificado como o legítimo descendente de Abraão e Davi que governaria Israel (Mateus 1: 1, Lucas 1: 32-33). No entanto, o povo não acreditava nele, e assim seu reinado sobre as nações aguardava sua segunda vinda. Naquele tempo futuro ele virá com seus anjos para julgar as nações da terra (Mateus 25: 31-46) e estabelecer seu reinado. Os doze apóstolos então governarão sob ele com a igreja sobre uma nação restaurada de Israel (Mateus 19:28, Ap 2: 26-27; 5:10).

No entanto, pouco antes do retorno de Jesus, Satanás exercerá o domínio sobre as nações através do Anticristo a quem ele dará poder (2 Tessalonicenses 2: 3-12, Apocalipse 13), ea cidade de Babilônia funcionará como seu capital (Apocalipse 17-18). Quando Jesus voltar, porém, "derrubará as nações, e as governará com uma vara de ferro" (Apocalipse 19:15).

As nações e os governos existirão durante o reino milenar de Jesus, já que Apocalipse 20: 3 diz que Satanás será removido da terra naquele tempo para "não enganar mais as nações". Isto significa que as nações existirão naquela época. Isaías 2: 2-4 revela que o Senhor tomará decisões executivas em nome das nações e estabelecerá a harmonia internacional. Quando o reinado milenar de Jesus estiver chegando ao fim, Satanás será libertado de sua prisão e "sairá para enganar as nações" (Apocalipse 20: 7-8). Aqueles que se juntarem a ele das nações serão destruídos pelo fogo do céu (Ap 20: 9-10).

As nações também existirão no estado eterno. Apocalipse 21:24, 26 refere-se a "nações" e "reis da terra" que "trazem sua glória" para a Nova Jerusalém. As folhas da árvore da vida manterão a harmonia entre estas nações (Rev. 22: 2), e estas nações reinarão sobre a nova terra na presença de Deus, o Pai e de Jesus, o Filho (Ap 22: 1-5) .

Cultura Humana

A cultura humana tem raízes em Gênesis 1-2. O comando para o homem de governar e subjugar a terra e suas criaturas (Gên. 1:26, 28) é muitas vezes referido como "o mandato cultural", uma vez que o homem deveria usar suas habilidades e status como portador da imagem de Deus para controlar a criação em Em nome de Deus. Isso incluiu a terra, vegetação, animais, pássaros e criaturas aquáticas. Em Gênesis 2:15, Deus colocou Adão "no jardim do Éden para trabalhá-lo e guardá-lo". O homem foi dado uma vocação terrena, e isso criou a cultura.

Cultura inclui obras, arte, música, educação e todas as áreas onde o homem interage com seu ambiente. Deus é o Criador da cultura, eo homem é chamado a realizá-la em favor de Deus. A capacidade humana de desenvolver uma cultura que honra a Deus foi prejudicada pela queda de Gênesis 3. O homem foi condenado à morte e o ambiente e todos os seus componentes foram amaldiçoados. A humanidade trabalharia duramente, mas a terra trabalharia contra ele com espinhos e cardos e acabaria por consumi-lo na morte (Gn 3: 17-19).

Ainda assim, a cultura se desenvolveu com os eventos de Gênesis 4. Jabal, descendente de Enoque através de Lameque, tornou-se o primeiro fazendeiro de gado ou morador com rebanhos. Ele era "o pai dos que habitam em tendas e têm gado" (Gn 4:20). O irmão de Jabal, Jubal, tornou-se o primeiro a compor e tocar música. Ele "foi o pai de todos os que tocam a lira eo cachimbo" (Gênesis 4:21). Outro filho de Lamech,

Tubal-cain, foi o primeiro a se especializar em metais. Ele "era o falsificador de todos os instrumentos de bronze e de ferro" (Gênesis 4:22).

Mesmo com esses desenvolvimentos culturais, o período antes do dilúvio global do dia de Noé foi caracterizado por dominar a iniqüidade (Gn 6: 5). Após o dilúvio, a aliança de Noé prometeu estabilidade na natureza como fundamento para a realização dos planos de Deus. Isso teria resultados positivos para a agricultura e agricultura: "Enquanto a terra permanecer, a semeadura ea colheita, o frio e o calor, o verão e o inverno, dia e noite, não cessarão" (Gn 8:22).

Noé dedicou-se à agricultura: "Noé começou a ser um homem da terra, e plantou uma vinha" (Gn 9:20). No entanto, a pecaminosidade de Noé se manifestou quando "ele bebeu do vinho e ficou embriagado e ficou deitado em sua tenda" (Gn 9:21). A cultura também foi adaptada para usos coletivos e nefastos, como em Gênesis 11, quando as pessoas se reuniram na terra de Shinar (atual Iraque) para construir uma torre no céu:

> E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos, e queimemos bem. E tinham tijolo de pedra e betume de argamassa. Então eles disseram: "Vinde, construamos-nos uma cidade e uma torre com a sua cimeira nos céus, e façamos um nome para nós mesmos, para que não sejamos dispersos sobre a face de toda a terra" (Gênesis 11: 3-4)

Os detalhes do "tijolo para a pedra" e do "betume para o almofariz" mostram a proeza cultural na arquitetura, embora aqui os homens a usassem para fazer um grande nome para se e permanecer situados em uma área de encontro ao comando do deus multiplicar (Gen. 9: 1) . Deus estava tão preocupado com esse ato rebelde que desceu do céu para frustrar seus planos, confundindo sua linguagem e fazendo com que o povo se dispersasse sobre a terra (Gênesis 11: 5-9). Deus continua a intervir no julgamento para frustrar a engenhosidade cultural do homem se ele se opõe aos seus propósitos (Rm 1: 18-32).

Durante o tempo dos patriarcas de Israel, a cultura se concentrou em pastorear rebanhos (Gênesis 37: 13-17). As pessoas construíram temporariamente moradias no inverno, e na primavera buscaram pastagens para seus rebanhos. Mais tarde, o povo hebreu cruzou com o Egito, que tinha uma cultura sofisticada para o seu dia. Enquanto estava preso, Joseph interagiu com o "principal copero" do Faraó e "padeiro-chefe" (Gênesis 40: 1-2). Quando colocado na liderança no Egito, José ajudou os egípcios a colher grãos para uma seca próxima (Gênesis 41: 53-57). À medida que o povo hebreu se tornou escravo no Egito, eles foram encarregados de construir "cidades de lojas" para o Faraó (Ex 1:11).

Moisés foi treinado na cultura do Egito (Atos 7:22), embora sua lealdade era com o povo de Deus - os hebreus. Quando os hebreus foram libertados do Egito no êxodo, saquearam a riqueza dos egípcios (Êxodo 12:36). A aliança mosaica dada no Sinai continha instruções culturais, como a construção do tabernáculo, que seria o centro da vida de adoração de Israel. Dois artesãos talentosos, Bezalel e Oholiab, dirigiriam este trabalho, e Êxodo 31: 2-6 mostra sua grande habilidade:

> Eis que eu chamei por nome Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e enchi-o com o Espírito de Deus, com habilidade e inteligência, com conhecimento e toda habilidade, para conceber artística, Para trabalhar em ouro, prata e bronze, em pedras de corte para a colocação, e em madeira de escultura, para trabalhar em cada ofício. E eis que pus com ele a Ooliabe, filho de Aisamac, da tribo de Dã. E dei a todos os homens capazes a habilidade, para que façam tudo quanto vos tenho ordenado.

No entanto, o mau uso da cultura de Israel se manifestou quando o povo construiu um bezerro de ouro para adorar (Êxodo 32). O contraste entre o Êxodo 31 e 32 destaca a cultura em um mundo caído. Como portadores da imagem de Deus, os homens são

capazes de grandes obras culturais, mas, para além da vontade de Deus, a cultura pode ser usada para a idolatria e a maldade.

A cultura era proeminente na vida de David. Ele era um talentoso músico e salmista. Seu exemplo mostra que os instrumentos musicais devem ser usados para louvar ao Senhor, incluindo trombetas, pandeiros, cordas, tubos e címbalos (Sl 150: 3-5). Salomão também investiu muito esforço artístico e materiais na construção do glorioso e belo Primeiro Templo (1 Reis 7-8). Quando a rainha de Sabá viu a sabedoria de Salomão, o templo, a comida na mesa de Salomão, a ordem de seus servos e suas roupas, ela a deixou sem ar (1 Reis 10: 4-5). Ela foi dominada pela beleza e ordem da cultura de Israel durante este ponto alto do reino de Israel.

Infelizmente, tanto Salomão como o povo de Israel se apaixonam pelas culturas idólatras de outras nações. Isso levaria ao juízo divino na forma de dispersão e escravização. A conquista de Babilônia de Israel trouxe a destruição do templo ea pilhagem do seu ouro e itens preciosos (2 Reis 24:13). Enquanto em cativeiro, Daniel e três associados se tornaram um exemplo de ser educados nos caminhos da cultura babilônica sem comprometer sua devoção ao Deus da Bíblia. Eles se recusaram a participar da comida do rei ou adorar uma estátua de ouro (Daniel 1 e 3).

Enquanto perseguiam a desobediência da aliança de Israel, os profetas de Israel também predisseram uma futura restauração de Israel com glória cultural. Isaías 60: 5-7 retrata este tempo florescente:

> Então você verá e será radiante;
> Seu coração se emocionará e exultará,
> Porque a abundância do mar se voltará para vós,
> A riqueza das nações virá a ti.
> Uma multidão de camelos te cobrirá,
> Os jovens camelos de Midiã e Efá;
> Todos os de Sabá virão.
> Trarão ouro e incenso,
> E trazer boas novas, os louvores do SENHOR .
> Todos os rebanhos de Quedar serão reunidos para ti;
> Os carneiros de Nebaiote te servirão;
> Eles subirão com aceitação no meu altar,
> E eu embelezarei minha bela casa.

As condições do reino também incluem agricultura, arquitetura e interação com o reino animal, de acordo com Isaías 65: 17-25.

Quando Jesus chegou, proclamou a proximidade do reino de Deus em todas as suas dimensões (Mateus 4:17), mas ambos os líderes e povo de Israel o rejeitaram (Mateus 11-12). No entanto, a morte de Jesus expiou pelos pecados e estabeleceu as bases para a reconciliação e restauração de Israel, de todas as nações e de todas as coisas (Atos 3:21, Col. 1:20, Ap 5: 9-10). Quando Jesus voltar em glória, haverá um "novo mundo". Aqueles que deixaram tudo para segui-lo receberão casas, membros da família e terras em seu reino (Mt 19: 28-29).

Durante a era atual, Satanás é o governante deste sistema mundial do mal (Efésios 2: 2). Ele continua a roubar, matar e destruir (ver João 8:44; 1 Pedro 5: 8). O ponto alto de sua decepção virá durante o período da tribulação futura, quando a cidade de Babilônia cometer rebelião religiosa, econômica e política (Apocalipse 17-18). Essa é a cultura inspirada em Satanás no seu pior. Contudo, a Babilônia final chegará a um final miserável quando o Senhor Jesus voltar. Satanás será removido da terra (Apocalipse 20: 1-3), e as nações florescerão sob a liderança de Cristo (Isaías 2: 2-4). O reino vindouro de Jesus incluirá uma restauração da cultura (Isaías 11; 35; 65-66). Até o estado eterno possuirá o

melhor da cultura humana, à medida que as nações e os reis da terra trazerem sua "glória" para a Nova Jerusalém. Essa "glória" provavelmente se refere às contribuições culturais das nações. Toda a cultura durante este tempo existirá para a glória de Deus, e sua sede será a Nova Jerusalém, feita de ouro puro e jóias preciosas (Ap 21: 9-21).

Em suma, Deus criou a cultura. Ele criou um mundo diverso e mandou o homem governar e subjugá-lo para sua glória. Não há dicotomia entre Deus e a cultura ou o homem ea cultura. Deus espera que o homem com êxito controle sobre a sua criação (Salmos 8: 4-8), embora o cumprimento completo desta expectativa aguarda o reino de Jesus no "mundo vindouro" (Hb 2: 5-8). A cultura neste mundo caído está infestada com o pecado, então também deve haver uma purificação com fogo de todos os remanescentes negativos de um mundo caído, incluindo a cultura humana caída (2 Pedro 3: 8-13). Na terra nova, a cultura sempre apontará para a glória de Deus. A cultura do Céu fará isso com absoluta perfeição santa.

Teologia bíblica do homem

A doutrina do homem pode ser resumida da seguinte maneira:

No culminar de uma criação literal de seis dias, Deus criou o homem em dois gêneros: masculino e feminino. A partir do primeiro homem (Adão) e da primeira mulher (Eva), a humanidade foi mandatada tanto para multiplicar e encher a terra e para governar e subjugar a criação em nome de Deus. Estas são as principais responsabilidades do homem.

O homem foi criado na "imagem" e "semelhança" de Deus, o que significa que ele é como Deus em alguns aspectos e que ele representa Deus na Terra. O homem é um rei e um filho. No entanto, ao mesmo tempo, ele não é Deus. O homem está inerentemente ligado à terra e à ordem criada, embora seja o pináculo da criação de Deus. A humanidade é colocada em três relações: (1) com Deus, (2) com outros seres humanos e (3) com a criação. Como portador da imagem de Deus, o homem é constituído para relacionar-se eficazmente com os três. Cada pessoa humana é também uma complexa unidade de corpo e alma / espírito. Como um ser volitivo e raciocínio, o homem é chamado a amar a Deus ea mostrar sua fidelidade obedecendo a Deus.

O homem, no entanto, desobedeceu a Deus e falhou o comando do reino para governar e subjugar a criação. Ele morreu espiritualmente, eo processo de morte física começou. Seu relacionamento com outros humanos sofreu, assim como seu relacionamento com a terra, que começou a trabalhar contra ele. O homem ainda era a imagem de Deus, mas esta imagem estava manchada e distorcida pelo pecado. O homem se tornou totalmente corrupto em seu ser, e ele não podia fazer nada para se salvar. A esperança não foi perdida, no entanto, como Deus iniciou um plano para salvar a humanidade e reverter a maldição através de uma semente vindoura da mulher. A humanidade caiu, mas um homem específico vindo seria o Salvador do mundo. Adão e Eva e seus descendentes anteciparam este Libertador que vem, embora eles não soubessem o momento de sua chegada (ver Gênesis 4: 1; 5: 28-29). O direito do homem de governar o mundo foi afirmado mesmo depois da queda (Salmo 8: 4-8), Embora nesta idade atual não esteja governando a terra com sucesso. Essa habilidade aguarda o "mundo vindouro" (Hb 2: 5-8).

Deus levantou pessoas, salvas pela graça através da fé, para promover seu plano para salvar a humanidade e a criação. Estes incluíam líderes do convênio como Noé, Abraão, Moisés e Davi. Mas cada um desses homens era pecador e incapaz de ser o Salvador. Israel como uma nação seria usada para promover os propósitos de Deus, embora a nação também se mostrou pecaminosa. O mesmo era verdade para os reis na

linha de Davi, que deveriam modelar obediência e justiça em Israel, mas também fracassaram.

Quando Jesus chegou, ele foi o "último Adão" (1 Coríntios 15:45), o Messias e a descendência última da mulher (Gálatas 3:16). Em outras palavras, ele era (e é) o homem supremo - o homem de Deus. Ele era a imagem perfeita de Deus, que manifestava a intenção de Deus para a humanidade. Jesus cumpriu os planos de Deus para o homem. Ele era justo e obediente. Relacionalmente, Jesus amava a Deus e amava as pessoas infinitamente. Funcionalmente, ele mostrou seu domínio sobre a terra por meio de seus milagres.

Jesus apresentou-se como rei e seu reino como próximo (Mateus 4:17). Mas o povo não o recebeu. Com a sua morte, Jesus expiou os pecados dos portadores da imagem de Deus e estabeleceu as bases para o reino de Deus e para a restauração de todas as coisas (Colossenses 1:20, Hebreus 2: 5-9, Ap 5: 9-10) . Jesus subiu ao céu como o exaltado Messias e sentou-se à direita de Deus no céu, governando o seu reino espiritual de salvação enquanto aguardava o seu governo terrena do seu trono davídico na sua segunda vinda (Sl 110: 1-2, Mt 25: 31, Ap 3:21).

Com base na obra expiatória de Cristo e no estabelecimento da nova aliança na cruz, aqueles que estão unidos a Jesus recebem a salvação e estão sendo conformados à imagem de Cristo, que é a imagem perfeita de Deus. Santificação é o processo pelo qual o povo de Deus nesta era se torna mais semelhante a Cristo, manifestando cada vez mais o que a imagem de Deus deveria ser. No entanto, este mundo ainda é maligno, eo governo bem-sucedido do homem sobre a terra aguarda o reino de Jesus em seu retorno. Quando Jesus voltar à terra, ele ligará Satanás e removerá sua presença da terra. Então, com aqueles que pertencem a ele, Cristo governará por um milênio sobre um reino terrestre que cumpre o mandato do reino de Gênesis 1: 26-28. Jesus governará as nações (Salmo 2) e compartilhará seu governo com seus santos (Apocalipse 2: 26-27; 3:21).

Quando Jesus cumpre o destino do homem na Terra e finalmente e consegue plenamente onde o primeiro Adão fracassou, seu reino se transferirá para o reino do Pai no estado eterno (1 Coríntios 15: 24-28, Apocalipse 20-21). Como resultado do trabalho do homem supremo, Jesus, a terra terá sido governada e subjugada com sucesso, Satanás terá sido derrotado, os incrédulos terão sido julgados ea maldição será para sempre removida. Os santos de Deus terão eternamente um relacionamento perfeito com Deus, com os outros e com a nova criação. A tarefa do homem será um sucesso por causa de Jesus! O último versículo que descreve a atividade na nova terra proclama: "E eles reinarão para todo o sempre" (Ap 22: 5). O que foi impossível durante milhares de anos acontecerá - a história termina bem para a humanidade redimida!

PECADO

Introdução ao Pecado

Sin Definido
Relação do pecado com outras doutrinas
Origem do Pecado

A pecaminosidade universal do homem é óbvia e verificável. O pecado permeia todos os aspectos de nossa existência. Ela nos afeta individualmente e socialmente. Ela está profundamente enraizada dentro de nós e manifesta-se continuamente. Ao longo da história, as sociedades reconheceram consistentemente o pecado natural do homem. Desde o Iluminismo, porém, a civilização ocidental tornou-se cada vez mais

antagônica à realidade do pecado, especialmente como é definida biblicamente. Há quatro razões principais para esta mudança.

Primeiro, a modernidade tende a ver os seres humanos como naturalmente bons. Antes das mudanças filosóficas do século XVIII prevaleceu uma compreensão geral da depravação humana. A Reforma Protestante, por exemplo, estava ligada à angústia de Martinho Lutero por sua própria pecaminosidade. Com a chegada da era moderna, porém, a visão tradicional da pecaminosidade do homem começou a diminuir, eo homem foi visto como inerentemente bom. Os problemas humanos e o sofrimento estavam ligados à ignorância. Na falsa euforia do Iluminismo, muitos concluíram a partir dos avanços na educação, ciência e tecnologia que o homem era inerentemente bom e que, à medida que era educado, o mundo ficaria melhor. O século XX claramente obliterou essa ilusão, ea depravação do homem foi posta em exposição, Como o mundo explodiu com a maior escala de guerra e derramamento de sangue na história, incluindo duas devastadoras guerras mundiais, o Holocausto ea Guerra Fria. O século XXI até agora também tem estado repleto de guerras, nações instáveis perseguindo ou possuindo armas nucleares, e aumentando o terrorismo islâmico. A mídia global expôs exponencialmente a depravação humana a um nível nunca antes imaginado. A educação, ciência e tecnologia que trouxeram grandes avanços e confortos médicos, ao mesmo tempo, desenvolveram armas de destruição em massa. As sociedades se opõem cada vez mais aos padrões de Deus, mesmo redefinindo os aspectos básicos da identidade humana, como o gênero eo casamento. Contrariamente à mentalidade moderna e pós-moderna, a realidade do pecado está viva e em plena exibição. O século XXI até agora também tem estado repleto de guerras, nações instáveis perseguindo ou possuindo armas nucleares, e aumentando o terrorismo islâmico. A mídia global expôs exponencialmente a depravação humana a um nível nunca antes imaginado. A educação, ciência e tecnologia que trouxeram grandes avanços e confortos médicos, ao mesmo tempo, desenvolveram armas de destruição em massa. As sociedades se opõem cada vez mais aos padrões de Deus, mesmo redefinindo os aspectos básicos da identidade humana, como o gênero eo casamento. Contrariamente à mentalidade moderna e pós-moderna, a realidade do pecado está viva e em plena exibição. O século XXI até agora também tem estado repleto de guerras, nações instáveis perseguindo ou possuindo armas nucleares, e aumentando o terrorismo islâmico. A mídia global expôs exponencialmente a depravação humana a um nível nunca antes imaginado. A educação, ciência e tecnologia que trouxeram grandes avanços e confortos médicos, ao mesmo tempo, desenvolveram armas de destruição em massa. As sociedades se opõem cada vez mais aos padrões de Deus, mesmo redefinindo os aspectos básicos da identidade humana, como o gênero eo casamento. Contrariamente à mentalidade moderna e pós-moderna, a realidade do pecado está viva e em plena exibição. Ciência e tecnologia que trouxeram grandes avanços e confortos médicos têm ao mesmo tempo idealizado armas de destruição em massa. As sociedades se opõem cada vez mais aos padrões de Deus, mesmo redefinindo os aspectos básicos da identidade humana, como o gênero eo casamento. Contrariamente à mentalidade moderna e pós-moderna, a realidade do pecado está viva e em plena exibição. Ciência e tecnologia que trouxeram grandes avanços e confortos médicos têm ao mesmo tempo idealizado armas de destruição em massa. As sociedades se opõem cada vez mais aos padrões de Deus, mesmo redefinindo os aspectos básicos da identidade humana, como o gênero eo casamento. Contrariamente à mentalidade moderna e pós-moderna, a realidade do pecado está viva e em plena exibição.

Segundo, visões deterministas da humanidade desafiaram a compreensão bíblica do pecado. As pessoas são vistas principalmente como produtos de seu ambiente, educação social, ou unidades psicológicas ou privações. A sociedade tem ido tão longe em acomodar sua própria depravação que é relutante em manter qualquer moralmente

culpado por quase qualquer comportamento. Este alojamento é coerente com a visão de que o homem é basicamente uma máquina que faz o que ele está pré-programado para fazer.

Em terceiro lugar, com o surgimento do pós-modernismo, nossa sociedade mudou para o relativismo moral. Hoje, o certo eo errado, o bem eo mal, não são definidos em termos absolutos, mas são vistos subjetivamente. Indivíduos e sociedades, não Deus, são vistos como tendo a autoridade para determinar o que está errado. Uma forte maioria de pessoas agora acreditam que a verdade e a moral são flexíveis e subjetivas, não fixas. E eles não têm interesse no que a Escritura diz.

Quarto, o pecado é um assunto desagradável. Em nossa idade de auto-estima e subjetividade, as pessoas não gostam de pensar em si mesmas como mal. Millard Erickson observa: "Falar de seres humanos como pecadores é quase como gritar uma profanidade ou obscenidade em uma reunião muito formal, digna, gentil, ou mesmo na igreja. É proibido. Esta atitude geral é quase um novo tipo de legalismo, cuja principal proibição é: "Você não deve falar nada negativo". "

Sin Definido

Dos sessenta e seis livros da Bíblia e de 1.189 capítulos, apenas dois livros e quatro capítulos não mencionam pecado ou pecadores. Gênesis 1-2 e Apocalipse 21-22 são únicos como capítulos únicos que ensaiam a criação antes do pecado, do novo céu e da nova terra, que nunca serão contaminados pelo pecado. O resto da Bíblia, de Gênesis 3: 1 a Apocalipse 20:15, abunda nos temas do pecado humano e da necessidade de salvação. O pecado é uma doutrina importante.

O estudo do pecado é chamado de *hamartiologia* . Esta designação vem da palavra grega para "pecado", *hamartia* . Vários termos e conceitos associados indicam que o pecado é uma realidade multifacetada e complexa. No hebraico do Antigo Testamento, *khata '* é muitas vezes traduzido "pecando" ou "pecou" (Gn 20: 6, Ex. 10:16). A palavra também está ligada com a falta da marca (Juízes 20:16). Provérbios 19: 2 afirma, "Quem se apressa com os seus pés perde [*khata*] o seu caminho." Este termo está *intimamente relacionado* com o grego *hamartia* ("pecado") e sua forma de verbo *hamartanō* , que *significa* "perder a marca" "Errar", ou "ser confundido". A forma verbal é encontrada em Romanos 3:23:

Pasha ' é outro forte termo hebraico para o pecado no Antigo Testamento. A palavra significa "rebelar-se", "transgredir" ou "trair". É usado da revolta de Israel contra Deus em Isaías 1: 2: "Mas eles se *rebelaram* contra mim". Palavra *'abar* significa "transgredir" ou "passar por cima". Num contexto moral, refere-se a transgressão de um mandamento ou violação de um pacto. Moisés disse: “Por que então você está transgredindo [*'abar*] o comando do SENHOR , quando ele não vai ter sucesso?” (Nm. 14:41). Em Juízes 2:20, Deus estava irado com Israel porque “este povo transgrediu a [*'abar*] a minha aliança que tinha ordenado a seus pais e não deram ouvidos à minha voz.”

Vários termos gregos para "pecado" existem no Novo Testamento. A palavra *adikia significa* "injustiça" ou "injustiça" (Romanos 1:18). Paulo referiu-se a certas pessoas "que não creram na verdade, mas que tiveram prazer na iniqüidade [*adikia*]" (2 *Tessalonicenses* 2:12). O termo *planaō* enfatiza o "vaguear" ou o "desvio" (2 Tm 3:13; 2 Pedro 3:17). O pecado também é *anomia* , que significa "iniqüidade", isto é, rejeitando a lei de Deus. Primeiro João 3: 4 simplesmente declara: "O pecado é iniquidade".

Apeiteu carrega a sensação de ser desobediente e voluntariamente obstinado em relação à vontade de Deus (Rm 11:31, João 3:36). *Asebeia* pode ser traduzida como “impiedade”, “maldade”, ou “impiedade.” Jude disse: “No último tempo, haverá

escarnecedores, seguindo seus próprios ímpios [*asebeia*] paixões" (Judas 18). *Agnoia* refere-se à ignorância ou à ausência de compreensão. Paulo disse que os incrédulos estavam obscurecidos em seu entendimento "por causa da ignorância [*agnoia*] que há neles" (Efésios 4:18). *Parábola* é uma ruptura ou desvio da lei de Deus. Romanos 2:23 declara: "Vós, que *vangloriais* na lei, desonras a Deus, *quebrantando* a lei."

O acima não é uma lista exaustiva, mas juntos esses termos bíblicos representativos demonstram a natureza multidimensional do pecado. O pecado está claramente errado de muitas maneiras. Mas há um elemento central ou central do pecado? Várias respostas a esta pergunta foram oferecidas. Agostinho afirmou que o orgulho é o coração do pecado, porque é o motivo por trás da tentativa do homem de viver sua vida no poder de si mesmo. Outros postularam que a falta de *shalom* , ou paz, é o núcleo do pecado, uma vez que traz sempre ruptura e dor. O egoísmo ea idolatria são outras sugestões. O egoísmo é amar a si mesmo mais do que a Deus. A idolatria está adorando uma criatura em vez do Criador. O primeiro mandamento adverte contra a idolatria: "Eu sou o SENHOR teu Deus ... Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20: 2-3).

O pecado deve ser entendido de um ponto de vista teocêntrico ou centrado em Deus. Em seu núcleo, o pecado é uma violação da relação Criador-criatura. O homem só existe porque Deus o fez, eo homem está em todos os sentidos obrigado a servir ao seu Criador. O pecado faz com que o homem assuma o papel de Deus e afirme autonomia para si mesmo, além do Criador. A visão mais abrangente da fonte do pecado, portanto, é a exigência de autonomia.

Porque Deus é o Criador de tudo, todas as criaturas são obrigadas a obedecê-lo e viver de acordo com sua vontade. As quedas de Satanás e depois Adão e Eva estão ligadas a agir de forma autônoma e desobedientemente buscando ser como Deus. Através de um rei humano, Satanás declarou: "Eu me farei como o Altíssimo" (Isaías 14:14). Mais tarde, a serpente inspirada por Satanás disse a Eva: "Quando você comer dela [a árvore do conhecimento do bem e do mal], seus olhos serão abertos e você será como Deus" (Gn 3: 5). Eva e, então, Adão, sem considerar o mandamento de Deus, agiram com base nessa crença: "Quando a mulher viu que a árvore era boa para comer e que era um deleite para os olhos e que a árvore era desejável para fazer Uma sábia, tomou do seu fruto e comeu, e também deu um pouco ao marido que estava com ela, e ele comeu "(Gn 3: 6).

Nos casos de Satanás e de Adão e Eva, eles não estavam satisfeitos em obedecer a Deus. Eles foram criados para amar a Deus com todo o seu ser e para interpretar o mundo de sua perspectiva. Mas eles não desejavam amar a Deus por meio da obediência. Agindo de forma autônoma, eles saíram sozinhos em um esforço para ser como Deus. Essa presunção perversa é repetida com cada pecado. Em vez de dizer: "A vontade de Deus seja feita", o pecador diz: "Seja feita a minha vontade". O pecado, portanto, está agindo de forma autônoma e usurpando a autoridade de Deus.

Em seu detalhado tratado sobre a pecaminosidade da humanidade em Romanos 1-3, Paulo explicou como as criaturas pecaminosas violaram sua relação com o Criador: "Eles trocaram a verdade sobre Deus por uma mentira e adoraram e serviram a criatura ao invés do Criador, que é Abençoado para sempre Amém "(Rm 1:25). Assim, a idolatria ocorre quando as pessoas trocam a adoração de Deus pela adoração das criaturas. A paz e plenitude que só vem de adorar o verdadeiro Deus é perdida quando a adoração é dirigida em vez de criaturas. Ao rejeitar o Criador, o coração incrédulo procura satisfazer-se com o que não pode trazer alegria duradoura ou realização verdadeira - sejam posses materiais, sucesso, admiração, relações imorais, drogas, álcool, jogos de azar ou muitos outros substitutos.

No contexto de Romanos 1, Paulo disse que as pessoas insensatas com corações escuros "trocaram a glória do Deus imortal por imagens que se assemelham ao homem mortal e aves e animais e coisas rastejantes" (Rm 1:23). Ele destacou a homossexualidade por mulheres e homens: "Porque suas mulheres trocaram relações naturais por aqueles que são contrários à natureza; E os homens também desistiram das relações naturais com as mulheres e foram consumidos com paixão um pelo outro, homens cometendo atos desavergonhados com os homens e recebendo em si o devido castigo por seu erro "(Rm 1: 26-27).

À luz desses fatores, oferecemos essa curta definição de pecado: o *pecado é qualquer falta de conformidade com a vontade de Deus em atitude, pensamento ou ação, seja cometida ativa ou passivamente. O centro de todo pecado é a autonomia, que é a substituição de Deus por si mesmo. Sempre estreitamente associados com o pecado são seus produtos - orgulho, egoísmo, idolatria e falta de paz (shalom)* .

Relação do pecado com outras doutrinas

Doutrina de Deus

A doutrina do pecado é inseparável de todas as outras doutrinas bíblicas. A doutrina do pecado está ligada a Deus, uma vez que o pecado é principalmente contra Deus. Salmo 51: 4 diz: "Contra ti, somente eu pequei e fiz o que é mau aos teus olhos." Além disso, somente Deus pode tomar a iniciativa de remover a inimizade entre o homem e Deus (2Co 5:19).).

Doutrina do homem

A doutrina do pecado define diretamente a humanidade como caída e afeta a todos desde que o pecado define cada vida no nascimento; Corrompe o relacionamento de todos com Deus, com outras pessoas e com a criação; E traz tudo para a morte. O pecado afeta toda a nossa constituição e existência humana, distorcendo todos os aspectos de nosso ser - corpo e alma. O pecado também afeta a capacidade do homem de governar e subjugar completamente a criação. Somente um homem justo - Jesus - pode ter sucesso perfeitamente onde Adão e a humanidade fracassaram. Somente o Filho do Homem pode e vai reverter a maldição.

Doutrina da Salvação

A doutrina do pecado, obviamente, afeta a doutrina da salvação, pois os pecadores precisam ser resgatados, mas são incapazes de salvar a si mesmos. Por serem profundamente e profundamente pecaminosos, os pecadores precisam de salvação pela graça. Sem a salvação somente pela graça divina, o homem não só deixa de cumprir as suas relações e funções de Deus, mas também é deixado para enfrentar a ira eterna de Deus.

Doutrina de Cristo

A doutrina do pecado refere-se a Jesus Cristo desde que Jesus é o último Adão, o servo sofredor, o Messias ea semente da mulher - Aquele que vence o pecado e todas as suas formas e efeitos, redime os crentes, restaura a criação e derrota Satanás . Jesus faz tudo isso expiando os pecados de seu povo. Sem a sua morte perfeita e substitutiva, não haveria salvação do pecado. E sem a sua ressurreição e exaltação como Senhor de todos, o homem não seria capaz de governar sobre a criação como Deus prometeu e espera.

Doutrina dos anjos

Tanto Satanás quanto os anjos caídos pecaram contra Deus e foram removidos de sua presença. Nenhuma salvação é fornecida para Satanás e os demônios que o seguiram. Enquanto os santos anjos são espíritos ministradores que servem as pessoas que herdam a salvação (Hb 1:14), Satanás e seus espíritos malignos são enganadores que tentam a humanidade a desobedecer a Deus. Satanás e todos os anjos caídos serão punidos sendo feitos para habitar para sempre no lago de fogo preparado para eles.

Doutrina da Igreja

A igreja é a comunidade de pessoas salvas do pecado nesta era. É também o embaixador global de Deus para proclamar a reconciliação aos pecadores. A igreja proclama o evangelho do perdão dos pecados encontrados em Jesus Cristo. A graça de Deus nos cristãos quebra o poder do pecado em suas vidas, e eles devem experimentar a vitória sobre o pecado, obedecendo a Palavra de Deus no poder do Espírito Santo, que testemunha o poder de Deus na salvação.

DOUTRINA DA ESQUATOLOGIA

O mundo caído é dominado pelo pecado e seus efeitos. Mas não é tão ruim quanto poderia ser ou será, porque um tempo está chegando quando o Espírito Santo deixará de restringir o pecado como ele faz atualmente. Quando esse tempo ocorrer, a figura do Anticristo aparecerá, sendo o homem de Satanás que personifica a iniqüidade (2 Timóteo 2: 3-4, Apocalipse 13: 1-10). Os demônios que foram longamente ligados serão libertados da cova e virão à terra para tentar e atormentar (Apocalipse 9: 1-11). Em seu retorno à Terra, Jesus derrotará o Anticristo e seus seguidores (Apocalipse 19: 19-21). Satanás e seus demônios ficarão presos durante o período milenar (Ap 20: 1-6) e serão finalmente lançados no lago de fogo (Ap 20:10), e o pecado e seus efeitos serão finalmente removidos com a vinda Estado eterno Em relação à nova terra, Apocalipse 21: 4 afirma,

Origem do Pecado

SATAN

A Bíblia coloca a culpa pelo pecado e morte no mundo sobre o primeiro homem, Adão (Romanos 5:12). Contudo, em Gênesis 3 e seu relato da queda do homem, uma figura espiritual escura espreita com intenções malignas. Essa criatura tentou os portadores da imagem de Deus e lançou dúvidas sobre o que Deus lhes havia dito. Ele os seduziu a interpretar o mundo de sua perspectiva, não de Deus. Embora essa criatura fosse uma serpente literal (Gênesis 3: 1), a força por trás da cobra era o anjo caído Lúcifer, agora conhecido como Satanás, que significa "adversário".

Gênesis não descreve a queda de Satanás, mas o demônio chefe chega em Gênesis 3 como um ser caído ferozmente oposto a Deus. A queda de Satanás provavelmente está sendo referida em Ezequiel 28 e Isaías 14. Ambas as passagens falam de reis humanos (de Tiro e Babilônia), mas o que é descrito vai muito além de qualquer monarca humano. Pelo contrário, ambas as passagens descrevem o primeiro pecado no cosmos. Ezequiel 28:13 diz: "Estava no Éden, o jardim de Deus." Dizem-nos que Satanás era um "querubim guardião ungido ... no monte santo de Deus" (Ezequiel 28:14). A referência a "querubim" significa que Satanás era um anjo na presença de Deus. Ezequiel 28:15 então declara: "Vocês foram irrepreensíveis em seus caminhos desde o dia em que foram criados, até que a injustiça foi encontrada em vocês". Satanás passou de

"irrepreensível" a "injustiça". Deus não é a causa exigível da injustiça. A injustiça foi encontrada em Satanás; A culpa é dele. Isaías 14:14 diz que o desejo de ser como Deus ("o Altíssimo") foi a razão para a rebelião deste líder angelical de adoração (Isaías 14: 11-12).

ADÃO E EVA

A Serpente se aproximou de Eva com a mentira de que comer da árvore do conhecimento do bem e do mal traria a iluminação e a faria como Deus. Eva foi seduzida pela mentira e comeu primeiro da árvore e depois deu o fruto a Adão (Gênesis 3: 6). Ainda assim, a Escritura coloca a responsabilidade primária por este ato sobre Adão, já que Adão, e não Eva, era a cabeça representativa da humanidade. Adão e Eva imediatamente se tornaram pecadores e se esconderam de terrível culpa. Deus chamou especificamente Adão: "Mas o SENHOR Deus chamou o homem e disse-lhe: 'Onde estás?' "(Gn 3: 9). Paulo diz que tanto Adão quanto Eva pecaram, mas a principal diferença é que "Adão não foi enganado, mas a mulher foi enganada e se tornou um transgressor" (1 Timóteo 2:14). Romanos 5:12 coloca explicitamente a culpa pelo pecado e morte no mundo sobre Adão,

Há paralelos entre as duas primeiras rebeliões. Satanás e Adão pecaram depois de serem criados sem pecado e experimentando diretamente a presença de Deus. Satanás estava na presença de Deus no céu, enquanto Adão caminhava com Deus no jardim do Éden (Gênesis 3: 8). Ambos estavam insatisfeitos com suas condições perfeitas, desejando rebeldemente ser como seu Criador (Gênesis 3: 5). Mas ao invés de torná-los iguais a Deus, sua rebelião os fez muito menos como Deus do que eles já haviam sido e os separou de Deus.

Uma vez que Deus não pode ser o autor do pecado e não tenta ninguém a pecar (Tiago 1:13), e desde que Lúcifer, os anjos que o seguiram, e Adão e Eva foram todos criados sem pecado, surge a questão de onde o pecado se originou. Muitos acreditam que, uma vez que Deus é todo-poderoso, a culpa pelo pecado deve pertencer a ele. Isto é falso. Certamente, a origem do pecado é um mistério profundo e escuro, mas Deus não é a causa exigível do pecado. Porque as pessoas criadas pecaram, a capacidade de pecado tinha de existir como uma possibilidade dentro deles. O pecado ocorreu porque Satanás, Adão e Eva escolheram exercer sua vontade de desobedecer a Deus em vez de amar a Deus. Consequentemente, como criaturas, elas não podem escapar da responsabilidade perante o seu Criador.

O pecado não surpreende a Deus. Ele é capaz de vencer o pecado e até mesmo ordenou-o para mostrar plenamente a sua glória, mas a culpa pelo pecado está nos pés das pessoas que optam por desobedecer. A soberania absoluta de Deus não mina a responsabilidade do homem. Isso é verdade tanto para Satanás quanto para anjos caídos, e para Adão e Eva, que transmitiram sua pecaminosidade a todos os seus descendentes.

Conseqüências da Queda

Consequências Pessoais
O impacto da queda sobre os relacionamentos
Três formas de morte
Transmissão do Pecado de Adão
Auto-velho e novo eu
Depravação total

Consequências Pessoais

O pecado sempre decepciona e nunca satisfaz. Adão e Eva foram instantaneamente confrontados com esta realidade. As conseqüências de seu ato pecaminoso revelam as conseqüências do pecado. Abraçando a mentira da Serpente, Adão e Eva esperavam se tornar como Deus, iluminado e cumprido. No entanto, ocorreu o contrário. Quando Eva e Adão comeram da árvore proibida, seus olhos "foram abertos", mas não da maneira que esperavam (Gênesis 3: 7). Eles não descobriram contentamento e bem-aventurança. Em vez disso, experimentaram culpa e vergonha. Eles imediatamente perceberam a sua nudez e cosearam folhas de figueira para cobrir sua condição (Gn 3: 7). A pureza ea inocência de seu estado de prefall terminou. Tudo mudou de repente. A caixa de Pandora de perversão e consequências negativas foi desencadeada. Eles eram completamente diferentes de Deus.

Satanás prometeu a Eva que comer da árvore traria conhecimento do bem e do mal (Gênesis 3: 5), e isso se tornou realidade de uma maneira que Eva jamais esperaria. Adão e Eva agora conheciam o mal de maneira experiente, juntamente com suas conseqüências devastadoras. Além da vergonha veio outra conseqüência - o medo. Quando o casal ouviu Deus andando no jardim, eles "se esconderam da presença do SENHOR Deus entre as árvores do jardim" (Gn 3: 8). Adão disse: "Eu estava com medo" (Gn 3:10). O pecado provoca medo e se esconde de Deus. Quando Adão e Eva comeram da árvore, deixaram Deus de lado e focalizaram seus desejos. Mas agir autonomamente não significava escapar de Deus. Seu Santo Criador veio buscá-los, e pela primeira vez, com o pecado em suas mentes, eles estavam com medo.

Outro resultado do pecado foi a culpa. Quando Deus confrontou Adão, Adão pareceu culpar Eva: "A mulher que você deu para estar comigo, ela deu-me o fruto da árvore, e eu comi" (Gn 3:12). Na verdade, Adão culpou a Deus quando disse: "A mulher que *você* deu para estar comigo ..." Então, quando Deus perguntou a Eva o que ela tinha feito, ela culpou o animal, dizendo: "A serpente me enganou e eu comi". Gn 3:13). A posição padrão universal entre as pessoas caídas é culpar alguém por seu pecado.

Estas conseqüências pessoais para o pecado são graves. O pecado promete iluminação e paz, mas em vez disso traz vergonha, medo e culpa, assim como a morte (Gênesis 2:17). E, como mostra a próxima seção, as conseqüências vão muito além disso.

O impacto da queda sobre os relacionamentos

As conseqüências negativas para o pecado vão além do tumulto pessoal e do desespero. O homem foi criado para relacionamentos com Deus, com outras pessoas e com a criação. Todas as três conexões foram danificadas pela queda do homem.

DEUS

Primeiro e mais importante, o relacionamento do homem com Deus foi cortado. O homem tornou-se espiritualmente morto. (Mais sobre o que implica a morte espiritual será discutido abaixo [p.460]).

Além disso, o pecado traz a ira de Deus, que é o descontentamento justo de Deus em relação ao pecado. Romanos 1:18 diz: "Porque a ira de Deus é revelada do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que por sua iniqüidade suprimem a verdade" (Col. 3: 5-6). Efésios 5: 6 afirma: "A ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência". A ira de Deus paira sobre todos em rebelião contra ele e se manifestará no futuro dia do Senhor e no juízo final no lago de fogo 20: 11-15). Paulo disse ao impenitente: "Tu estás guardando a ira para ti no dia da ira, quando o justo juízo de Deus for revelado" (Romanos 2: 5).

O pecado também convida a punição de Deus. Por ser santo e justo, Deus deve punir o pecado. Jesus disse que o ímpio "irá para o castigo eterno" (Mt 25:46). A gravidade da penalidade do pecado foi demonstrada quando o Filho de Deus tomou sobre si o castigo pelos pecados de todos os eleitos de Deus na cruz.

O pecado cria inimizade, uma situação hostil entre as partes. Romanos 5:10 diz que antes da salvação em Cristo, as pessoas são "inimigas" de Deus. Os incrédulos estão "alienados da vida de Deus" (Efésios 4:18). Além disso, "a mente que está posta sobre a carne é hostil a Deus" (Romanos 8: 7). A responsabilidade pela inimizade reside apenas no homem.

PESSOAS

Em seguida, o pecado interrompeu todas as relações humanas. Primeiro, Deus disse que a mulher teria aumentado a dor no parto, de modo que até a procriação de outra pessoa seria difícil: "À mulher, ele disse: 'Com certeza multiplicarei sua dor na maternidade; Na dor produzirás filhos "(Gn 3: 16a).

Em segundo lugar, a tensão entre o homem ea mulher na união básica e necessária do casamento também ocorreria. Deus disse a Eva: "O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3: 16b). Enquanto "desejo" poderia se referir a um desejo físico para seu marido, um desejo de controle provavelmente está em vista. Gênesis 4: 7, que tem uma construção paralela, usa o "desejo" em um sentido controlador: "E se você [Caim] não fizer o bem, o pecado está agachado na porta. Seu desejo é para você, mas você deve governá-lo. "Assim Gênesis 3:16 prevê luta e conflito dentro do casamento, o relacionamento de amor mais íntimo.

Terceiro, a luta entre as pessoas na sociedade em geral é prometida e realizada. Caim matou seu irmão Abel por razões ciumentas (Gênesis 4: 8). Lamech matou um jovem que o feriu (Gênesis 4:23). A história da humanidade manifesta ódio contínuo, contendas, assassinatos e guerras.

CRIAÇÃO

O pecado do homem afetou negativamente sua relação com a criação. O mandato do homem de governar e subjugar a terra e suas criaturas não é revogado (Salmo 8: 4-8), mas a criação agora trabalha contra o homem e frustra seus esforços. Deus disse a Adão: "Maldito é o solo por causa de ti; Na dor comerás dela todos os dias da tua vida "(Gn 3:17). O terreno amaldiçoado levará à "dor" para o homem. Adão também é dito, "Espinhos e cardos que trará para você; E comerás as plantas do campo. Pelo suor do teu rosto comerás pão "(Gn 3: 18-19a). Assim, a interação do homem com a terra será difícil, ea terra até o consumirá na morte (Gênesis 3: 19b). A expectativa de Deus para uma regra de sucesso do homem permanece insatisfeita. Hebreus 2: 5-8 reafirma que Deus criou o homem para governar a criação, mas reconhece que "no presente, Nós ainda não vemos tudo em sujeição a ele "(Hb 2: 8). Ele tomará o último Adão, Jesus (1 Coríntios 15:45), e aqueles que crêem nele, para governar com sucesso a terra (Apocalipse 5:10). Isso ocorrerá quando Jesus retornar e estabelecer seu reinado milenar (Ap 20: 1-6).

Em suma, não só Adão e seus descendentes sofrerão e morrerão como indivíduos, mas também todos os seus relacionamentos sofrerão. Somente o Senhor Jesus será capaz de restaurar a relação da humanidade com Deus, entre si e com a criação. Como o "último Adão" (1 Coríntios 15:45), ele amará Deus e as pessoas perfeitamente e manifestará controle absoluto sobre a criação.

Três formas de morte

Os resultados generalizados e devastadores do pecado podem ser resumidos em uma palavra - morte. Deus disse a Adão: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dele comeres certamente morrerás" (Gênesis 2:17). A morte é a penalidade pela desobediência. É um conceito complexo envolvendo (1) morte espiritual, (2) morte física e (3) morte eterna.

MORTE ESPIRITUAL

Quando Adão e Eva pecaram, a morte física não ocorreu imediatamente. Adão viveu 930 anos (Gn 5: 5). A morte espiritual, no entanto, aconteceu instantaneamente. A morte espiritual é o estado de alienação espiritual de Deus. Como resultado do pecado de Adão, todos os seres vivos nascem espiritualmente mortos (com exceção do Senhor Jesus Cristo). Paulo refere-se à morte espiritual em Efésios 2: 1: "E vós estavas mortos em [vossas] ofensas e pecados". Em Efésios 2: 5, Paulo diz que as pessoas não salvas estão "mortas em suas ofensas". Para Adão e Eva , O pecado trouxe a separação de Deus, o banimento da sua presença e a perda da vida espiritual (Gênesis 2: 23-24). Todos os seus descendentes também nasceram num estado de morte espiritual. Esta morte também faz com que uma pessoa não responda à verdade espiritual (Romanos 8: 7-8, 1 Coríntios 2:14, 2 Cor. 4: 4 e Ef 4: 17-18).

MORTE FÍSICA

Enquanto Deus misericordiosamente não impôs a morte física em Adão e Eva imediatamente, o processo de morte física começou quando eles pecaram. Deus disse a Adão: "Com o suor do teu rosto comerás pão, até que voltes à terra, porque dele foste tomado; Pois vós sois pó, e ao pó voltarás "(Gn 3:19).

Adão foi formado de poeira, mas aqui uma trágica ironia foi introduzida. Por causa do pecado, ele voltaria ao pó e a terra o engolira na morte. A morte física aconteceria desde que Adão e Eva foram excluídos da árvore da vida (Gn 3:24).

Além disso, mesmo antes de qualquer ser humano morrer, a morte animal ocorreu quando Deus matou um animal para usar sua pele para vestir Adão e Eva (Gênesis 3:21). A morte humana ocorreu pela primeira vez quando a descendência inicial de Adão e Eva-Caim matou seu irmão Abel (Gênesis 4: 8). A lista dos descendentes de Adão, em Gênesis 5, revela que a morte se tornou o fim de toda vida humana, repetindo depois de cada pessoa listada: "... e morreu" (Gn 5: 5, 8, 11, 14, 17, 20, 27, 31). Além das exceções passadas de Enoque e Elias e as futuras exceções daqueles que estarão vivos no arrebatamento (1 Tessalonicenses 4: 13-18), a morte física consumirá todos os descendentes de Adão. O escritor de Hebreus declara: "É designado para o homem morrer uma vez, e depois disso vem o julgamento" (Hb 9:27). A vida física tornou-se breve após o dilúvio. Moisés disse: "Os anos da nossa vida são setenta, Ou mesmo por força de oitenta; Mas a sua extensão é apenas labuta e aflição; Eles logo se foram, e voamos para longe "(Salmo 90:10).

Morte eterna

A morte eterna espera aqueles que morrem fisicamente enquanto estão espiritualmente mortos. Aqueles que morrerem na incredulidade enfrentarão o lago de fogo para sempre (Ap 20: 11-15). João refere-se a isso como "a segunda morte" (Apocalipse 20: 6). Enquanto isso não faz com que as pessoas deixem de existir, a morte eterna ainda é uma espécie de morte, uma vez que envolve a ruína eterna, a punição pelos pecados ea separação da presença de Deus para abençoar. Somente aqueles que são libertos pela obra

graciosa do Senhor Jesus escapam à morte eterna. Apocalipse 20: 6 afirma: "Bem-aventurado e santo é aquele que participa da primeira ressurreição! Sobre tal a segunda morte não tem nenhum poder. "

Transmissão do Pecado de Adão

Como o pecado do primeiro homem afeta todos os que nasceram depois dele? Os teólogos freqüentemente se referem a esta realidade como *pecado original* , do latim *peccatum originale* . Em um sentido, o pecado original refere-se ao primeiro pecado cometido por Adão. Mas o pecado original também engloba o estado pecaminoso ea condição de todas as pessoas por causa de sua relação com Adão, que é a razão pela qual as pessoas são depravadas e contaminadas com o pecado desde a concepção.

Vários versos apóiam o conceito de pecado original, incluindo o Salmo 51: 5: "Eis que fui criado em iniqüidade, e no pecado me concebeu minha mãe", e Efésios 2: 3: "Nós ... éramos por natureza filhos da ira , Como o resto da humanidade ". Além disso, o pecado de Adão está ligado à pecaminosidade do homem em Romanos 5: 12-21, a passagem mais detalhada sobre este assunto. Esta passagem é também uma das seções mais debatidas em Romanos, já que várias visões foram proferidas sobre como o pecado de Adão choca a humanidade.

Romanos 5:12 declara: "Assim como o pecado veio ao mundo por um só homem ea morte pelo pecado, e assim a morte se espalhou para todos os homens porque todos pecaram ..." Quatro verdades são afirmadas aqui. Primeiro, o pecado entrou no mundo através de "um homem" - Adam. Segundo, o pecado trouxe a morte. Terceiro, a morte se espalhou para todas as pessoas. Quarto, a razão pela qual a morte se espalhou para todas as pessoas é "porque todos pecaram". É este último ponto que é mais contestado. Agostinho usou as traduções latinas de Romanos 5:12 que interpretavam a frase grega *eph hō* no sentido de *in quo* ("em quem"), traduzindo a última parte do verso como "em quem [ie, Adão] pecaram". As traduções de hoje optam corretamente por um sentido causal: "porque todos pecaram".

Mas como "todos pecaram" em Adão? Paulo está se referindo ao fato de que todas as pessoas cometem atos de pecado? Ou "todos pecaram" de algum modo conectam o pecado de Adão com todas as pessoas que são pecadoras? Em Romanos 5: 18-19, Paulo explica que "uma transgressão levou à condenação de todos os homens" e que "pela desobediência de um só, muitos foram feitos pecadores". Em Romanos 5:15, ele também afirma: "Muitos morreram por A *transgressão de* um homem ". Além disso, o tempo aoristo para" pecar "(Gk. *Hēmarton*) no final de Romanos 5:12 aponta para um evento histórico específico. Assim, existe uma conexão direta entre o pecado de Adão ea pecaminosidade dos descendentes de Adão. Mas qual é essa conexão? Várias respostas foram oferecidas.

SOLIDARIEDADE INEXPLICADA

Uma visão é que Romanos 5: 12-21 revela uma vaga solidariedade entre Adão e todas as pessoas que não é explicado. Certamente existe alguma conexão, mas os defensores desta idéia opaca sugerem que ela não pode ser conhecida com certeza. Devemos nos contentar em não saber. Esta inexplicável posição de solidariedade parece ser o padrão para aqueles que não estão satisfeitos com os outros pontos de vista mencionados abaixo.

MAU EXEMPLO

Alguns sustentam que o pecado de Adão é um mau exemplo deixado para todas as pessoas. Quando as pessoas pecam, seguem o mau precedente de Adão. Os seres humanos não são realmente culpados pelo pecado de Adão, nem herdar uma natureza pecaminosa dele. Eles preferem seguir o mau exemplo de Adão. Nenhuma transmissão direta do pecado existe entre as pessoas e Adão. Esta visão de Adam-como-mau-exemplo está historicamente ligada com Pelagius (cerca de 354-ca 420), o monge britânico que rejeitou a doutrina de que todos os seres humanos possuem uma natureza pecaminosa. Ele ensinou que as pessoas são capazes de obedecer a Deus sem a graça divina. Assim, todas as pessoas são como Adão quando ele foi criado, e todos são livres para obedecer ou desobedecer a Deus.

Esta visão de mau exemplo é falha, uma vez que não compreende adequadamente a pecaminosidade das pessoas após a queda de Adão (Efésios 2: 1, 5). Também não faz justiça à comparação entre Adão e Cristo em Romanos 5: 12-21. Além disso, se Adão é apenas um mau exemplo, isso significa que Cristo é apenas um bom exemplo e que somos deixados para nos salvar? A julgar pela confiança de Pelágio na liberdade da vontade humana para a salvação, é preciso responder afirmativamente. Sua condenação por heresia no Concílio de Éfeso em 431 é, portanto, justificada.

NATUREZA PECADORA HEREDITADA

A idéia de uma natureza pecaminosa herdada afirma que todas as pessoas recebem uma natureza corrupta e pecaminosa de Adão. A prole de Adão é concebida com uma disposição inclinada para o pecado. Esta compreensão faz uma conexão real entre Adão ea transmissão da pecaminosidade. Adam realmente transmite uma natureza corrupta para a raça humana. No entanto, a culpa de Adão não é colocada sobre os outros. Assim, a poluição ou corrupção de Adão é transmitida naturalmente a uma pessoa, mas a culpa pelo pecado de Adão não é. Alguns que defendem este ponto de vista reconhecem que a natureza pecaminosa herdada é suficiente para tornar uma pessoa condenada por Deus como um pecador, mas eles sustentam que tal condenação não é por causa da culpa de Adão sendo imputada ou contada a seus descendentes.

Existem variações dessa perspectiva entre os arminianos, que afirmam que tanto a culpa de Adão quanto a corrupção passam a todos os descendentes de Adão, mas essa graça preventiva remove a culpa e a depravação vindas de Adão. Ninguém além de Adão é responsabilizado pelo que Adão fez. Uma pessoa só se torna responsável como um pecador quando escolhe pecar.

Este ponto de vista tem sido criticado por não ir longe o suficiente. Embora corretamente afirmando que todas as pessoas têm uma natureza corrupta de Adão, ele não reconhece que o pecado de Adão diretamente traz culpa para todas as pessoas. Paulo disse: "A *transgressão* levou à *condenação* de todos os homens" (Romanos 5:18), um termo intrinsecamente legal que estabelece a culpa. Este versículo ensina, portanto, que as pessoas recebem mais do que apenas uma natureza corrupta, já que a transgressão de Adão conduz à condenação. Todos os seres humanos são constituídos pecadores por sua ação (Romanos 5:19). Além disso, o conceito arminiano de graça preveniente, que remove ou neutraliza a culpa de Adão, não tem suporte bíblico.

REALISMO

Também conhecido como o ponto de vista agostiniano ou seminal, o realismo afirma que toda a humanidade estava fisicamente presente em Adão quando pecou. Como o primeiro homem, Adam representou coletivamente a natureza humana, da qual os descendentes de Adão são todos uma parte. E todos estavam em Adão em forma de semente quando

pecou. Isso significa que os descendentes de Adão estavam nos lombos de Adão participando de seu pecado. E uma vez que todos participaram do pecado de Adão, todas as pessoas são moralmente culpadas e condenadas por fazê-lo. Assim, tanto a natureza corrupta quanto a culpa são transmitidas naturalmente de Adão.

O apóio para a visão do realismo é extraído de Hebreus 7: 9-10: "Podemos até dizer que Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos por meio de Abraão, porque ainda estava nos lombos de seu antepassado quando Melquisedeque o encontrou". Era bisneto de Abraão, no entanto Levi pagou os dízimos por meio de seu bisavô Abraão, já que Levi estava "ainda nos lombos de seu antepassado [Abraão] quando Melquisedeque o encontrou". Aqui se diz que um descendente distante de Abraão tem ativamente Pagou dízimos através de Abraão. A ação de Abraão foi a ação de Levi, e isso também pode ser verdade para os descendentes de Adão, que pecou quando Adão pecou.

A visão de realismo afirma que a conexão entre o pecado de Adão e o pecado da humanidade é mais do que apenas um mau exemplo de Adão ou uma natureza de pecado herdada. Em vez disso, todas as pessoas realmente participaram do pecado de Adão. Assim, a culpa ea condenação são merecidas porque todos realmente pecaram. O realismo oferece uma explicação sobre como todas as pessoas podem apropriadamente ser culpadas pelo pecado de Adão. Quando Adão pecou, todos pecaram nele. Se assim é, os defensores dizem, ninguém pode fazer a acusação de que pessoas "inocentes" são erroneamente imputadas com o pecado de Adão, já que todos realmente participaram de sua transgressão.

No entanto, não cabe a nós sentar-se em juízo sobre a "adequação" das declarações jurídicas de Deus. A suposição de que seria injusto imputar o pecado de Adão ao homem, a menos que tivéssemos "realmente participado" na transgressão de Adão, viola o paralelo entre Adão e Cristo em Romanos 5: 12-21. Ninguém questiona a "adequação" da imputação forense da justiça aos pecadores. Nós não diriam que os pecadores são erroneamente imputados com a justiça de Cristo, a menos que realmente participassem, seminalmente, em sua obediência.

E, claro, nós não. A união entre Cristo e seu povo não é uma união seminal, pois Cristo não gerou filhos físicos. Pelo contrário, é uma união legal. Como nosso representante, a obediência de Cristo é contada - legalmente imputada ou julgada judicialmente - por Deus como nossa obediência. Para que o paralelo entre o primeiro e o último Adão se mantenham unidos (Romanos 5: 12-21, 1 Coríntios 15:45), o pecado de Adão deve ser transmitido da mesma maneira que a justiça de Cristo. Portanto, porque Adão era o representante de toda a humanidade, sua desobediência é contada - legalmente imputada ou judicialmente contada - por Deus como sendo a desobediência de todos os que estavam nele. Aqueles que alegam que tal imputação é errada ou inadequada porque nem todos realmente participaram do pecado de Adão mostram sua inconsistência quando não fazem a mesma acusação contra a imputação da justiça de Cristo. O primeiro chama objeções porque é punição, enquanto o último é desculpado porque é um dom. Como John Murray explica,

> A analogia instituída em Romanos 5: 12-19 (1 Coríntios 15:22) apresenta uma formidável objeção à construção realista. É admitido pelo realista que não existe uma união "realista" entre Cristo e os justificados ... Em premissas realistas, portanto, deve ser colocada uma disparidade radical entre o caráter da união que existe entre Adão e sua posteridade, por um lado A mão ea união que existe entre Cristo e os que são seus, por outro ... Mas não há indício desse tipo de discrepância que obteria se a distinção entre a natureza da união nos dois casos fosse tão radical quanto O realismo deve supor ... [E] o caso não é meramente que não há nenhuma sugestão deste tipo de diferença; O paralelismo sustentado milita contra qualquer suposição.

A posição mais aceitável é que o pecado de Adão é imputado a todos os que se uniram a ele como representante da humanidade. A culpa de Adão é nossa culpa. Embora afirmando que uma natureza corrupta é transmitida de Adão, a liderança representativa ensina que todas as pessoas são condenadas por causa de sua relação direta com Adão.

O ponto de vista representativo-chefe (muitas vezes chamado de *chefia federal*) afirma que a ação de um representante é determinante para todos os membros unidos a ele. Quando Adão pecou, representou todas as pessoas; Portanto, seu pecado é contado a seus descendentes.

Um exemplo de liderança que afeta outros é encontrado em Josué 7 com Acã e sua família. A derrota de Israel em Ai foi atribuída a Acão, que desobedeceu a Deus confiscando a prata e o ouro em sua tenda. Enquanto Achan sozinho cometeu esta ação pecaminosa, seus filhos e filhas foram apedrejados com ele, suportando a punição juntamente com Acã por sua ação (Josué 7: 24-25). Da mesma forma, a culpa do pecado de Adão é imputada ou colocada sobre o resto da família da humanidade.

Aqueles que afirmam a visão de liderança representativa apelam primeiro para os paralelos feitos com Jesus em Romanos 5: 12-21 (discutido acima sob a visão de realismo). Romanos 5:18 diz que o "um ato de justiça de Jesus leva à justificação e vida para todos os homens". O ato de Jesus de morrer na cruz traz justificação aos pecadores. Romanos 5:19 acrescenta: "Porque como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um só homem muitos serão feitos justos." A obediência de Jesus é imputada aos outros como a sua justiça. A lógica aqui sugere que se a justificação e justiça do Senhor Jesus é imputada aos que estão nele, também a culpa do pecado de Adão foi imputada àqueles que ele representou. Como já foi dito, o paralelo de Adão-Cristo em Romanos 5: 12-21 é melhor explicado pela idéia de representação.

Os adeptos deste ponto de vista também apelar a 1 Coríntios 15:22, que diz: "Porque como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados." Este versículo mostra que a morte ea vida estão ligados com Adão e Cristo como dois Representantes da humanidade. Além disso, Romanos 5:14 declara que "a morte reinou de Adão a Moisés, mesmo sobre aqueles cujo pecado não era como a transgressão de Adão." Este versículo explicitamente ensina que a prole de Adão não cometeu o pecado de Adão. Assim, Adão se relaciona com sua descendência como sua cabeça representativa, e assim o ato de Adão é imputado aos outros, mesmo que os outros não cometeram o pecado que Adão fez.

Em suma, ambos os homens - Adão e Cristo - são vistos como representantes da humanidade, e para ambos, os efeitos de suas ações são colocados sobre os outros. Adão é o representante da humanidade pecadora, e Jesus é o representante da humanidade justa. Significativamente, enquanto esta visão enfatiza a imputação via liderança com Adão, ela também engloba a corrupção herdada passada de Adão para toda a humanidade.

A visão representativa foi promovida por Johannes Cocceius (1603-1669) e tornou-se popular entre muitos na tradição da teologia da aliança, que conectam esta perspectiva com uma suposta "aliança de obras", na qual Adão como cabeça da raça humana foi encarregado Com obediência perfeita para o objetivo de obter a vida eterna. Quando Adão violou este chamado pacto de obras, falhou em favor de toda a humanidade, de modo que seu pecado foi contado como o fracasso de todos os seus descendentes. No entanto, nem todos os covenantalists que afirmam chefia federal vinculá-lo a um pacto de obras. Por exemplo, Anthony Hoekema declarou: "Embora ... rejeitei a doutrina da aliança das obras, isso não implica a rejeição da imputação direta, contanto que sustentemos que Adão era de fato a cabeça e o representante da raça humana.

Embora historicamente referido como *representação federal* , o rótulo *representante liderança* é preferível, uma vez que transmite melhor o fato de que tanto Adão e Cristo atuam como representantes legais para aqueles que estão a ser contados neles. Como explicado acima, esta posição faz o melhor sentido fora dos paralelos entre Adão e Cristo articulado em Romanos 5 e 1 Coríntios 15.

Alguns sugerem que a visão de liderança representativa é contrária ao forte testemunho bíblico de que as crianças não serão responsabilizadas pelos pecados de seus pais. Por exemplo, Deuteronômio 24:16 declara: "Os pais não serão mortos por causa de seus filhos, nem os filhos serão mortos por causa de seus pais. Cada um será morto por seu próprio pecado. "Ezequiel 18:20 acrescenta:" A alma que pecar, morrerá. O filho não sofrerá por causa da iniqüidade do pai, nem o pai sofrerá pela iniqüidade do filho. A justiça dos justos será sobre si mesmo, ea maldade dos ímpios será sobre si mesmo ". No entanto, não há nenhuma conexão real entre a doutrina do pecado original e essas passagens, que abordam a culpa e punição pelo pecado *pessoal* .

Auto-velho e novo eu

A relação de Adão e Jesus Cristo com a humanidade está também ligada aos conceitos de "velho eu" e "eu novo", encontrado duas vezes nas cartas de Paulo:

> ... despojar-se do vosso *antigo ser* , que pertence ao vosso modo de vida e é corrupto através de desejos enganosos, e ser renovado no espírito das vossas mentes, e revestir-se do *novo eu* , criado segundo a semelhança de Deus na verdade Retidão e santidade. (Ef 4: 22-24)

> Não mintais uns aos outros, visto que desprezais o *velho eu* com as suas práticas e revestiram-se do *novo eu* , que se renova no conhecimento segundo a imagem do seu Criador. (Colossenses 3: 9-10)

A palavra grega para "eu" em ambas as *passagens* é *anthropos* e refere-se a "homem". Alguns justificadamente traduzir estes como "velho" e "homem novo".

Paulo está fazendo um contraste com implicações significativas. Em Colossenses 3: 9-10, ele lembra aos leitores cristãos que o velho eu foi adiado enquanto o novo eu foi colocado. Esta é uma declaração de fato, não um comando. Os cristãos não são mais o velho eu, mas agora são o novo eu. Essa mudança ocorreu quando eles creram em Cristo.

Em relação a Efésios 4: 22-24, existe um debate sobre se Paulo está ordenando a seus leitores para adiar o velho eu e colocar no novo eu ou se ele está afirmando um fato de que os cristãos são já um novo eu, bem como Colossenses 3: 9-10. De qualquer maneira, Paulo enfatiza que em Cristo ocorreu uma transformação. Os cristãos passaram de ser o velho eu para ser o novo eu. E eles devem viver à luz desta realidade.

Mas o que Paulo quer dizer com "o velho eu [homem]" e "o novo eu [homem]", e como isso se relaciona com as doutrinas do homem e do pecado? O velho eu é o eu não regenerado, conectado com Adão. Ela engloba tudo o que uma pessoa está em Adão antes da união com Cristo. O novo eu é o eu regenerado, unido a Cristo, que substitui o velho. Quando uma pessoa se torna um cristão, ele se coloca no novo eu e se torna uma "nova criação" em Cristo (2 Coríntios 5:17). Ele não é mais o velho. O eu não regenerado em Adão se foi para sempre. O novo eu em Cristo é a realidade. No entanto, uma vez que a glorificação do corpo não ocorreu e os cristãos ainda lutam com a carne, os crentes devem continuamente deixar de lado os desejos carnais. Eles devem andar pelo poder do Espírito Santo para que eles "não satisfaçam os desejos da carne" (Gálatas 5:16).

Esses paradigmas de "homem velho" e "homem novo" são distinções importantes que contrastam a humanidade em Adão e a humanidade em Cristo. Um é ou em Adão ou em

Cristo; Nenhuma outra opção existe. De acordo com Romanos 5: 18-19, estar em Adão significa morte, culpa e condenação. Estar em Cristo, no entanto, significa vida, justificação e justiça.

Depravação total

A Bíblia ensina o que foi chamado de depravação total (ou pervasiva) para descrever a corrupção e poluição do pecado transmitida de Adão. A depravação total enfatiza o impacto devastador do pecado na pessoa e abrange três conceitos relacionados: (1) a poluição ea corrupção de todos os aspectos de uma pessoa; (2) a completa incapacidade de uma pessoa para agradar a Deus; E (3) universalidade, na medida em que todos são concebidos e nascidos como pecadores. Juntos, estes mostram o estado abismal da humanidade não redimida, todos os quais são incapazes e não querem glorificar a Deus.

A depravação total não significa que as pessoas não salvas sempre agem tão mal quanto possível. Nem significa que as pessoas não salvas não podem fazer atos relativos de bondade. Os incrédulos podem fazer coisas boas para a sociedade, seus amigos e sua família. Eles podem parar uma luta, dar a caridade, realizar a cirurgia de salvamento. Eles podem ajudar uma criança perdida a encontrar seus pais. Esses atos têm uma bondade relativa, o que corresponde ao que Jesus disse: "Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos ..." (Mateus 7:11).

Com relação à primeira característica, o pecado é total ou penetrante, na medida em que todos os componentes de uma pessoa são poluídos pelo pecado. Assim como a fumaça de um fogo permeia tudo numa sala, toda a pessoa é corrompida pelo pecado. Nenhuma parte do homem escapa. Isso inclui os aspectos materiais e imateriais de uma pessoa-corpo e alma. O corpo decae e é dirigido para a morte física, e ao longo do caminho, o corpo funciona como um instrumento para a atividade do mal. A parte espiritual do homem também é totalmente corrupta. Isso inclui todo o pensamento, a razão, os desejos e as afeições do homem. Assim Paulo conclui: "Para os corruptos e incrédulos, nada é puro; Mas suas mentes e suas consciências são contaminadas "(Tito 1:15). Falando dos ímpios, Paulo se refere à "futilidade de suas mentes" (Efésios 4:17). O coração também é degradado; Assim Jeremias 17: 9 diz: "O coração é enganoso acima de todas as coisas, e desesperadamente doente; Quem pode entendê-lo? "Jesus também ensina que é do coração que ocorrem ações perversas (Marcos 7: 21-23). Em várias ocasiões, a Bíblia aborda o pensamento corrupto e o coração mau. Paulo disse: "Eles estão obscurecidos em seu entendimento, alienados da vida de Deus por causa da ignorância que neles há, devido à sua dureza de coração" (Efésios 4:18). Também, a humanidade pecadora "tornou-se fútil em seu pensamento, e seus corações insensatos foram obscurecidos" (Romanos 1:21). João Calvino afirmou corretamente: "Somos tão inteiramente controlados pelo poder do pecado, que toda a mente, todo o coração e todas as nossas ações estão sob sua influência". Em várias ocasiões, a Bíblia aborda o pensamento corrupto e o coração mau. Paulo disse: "Eles estão obscurecidos em seu entendimento, alienados da vida de Deus por causa da ignorância que neles há, devido à sua dureza de coração" (Efésios 4:18). Também, a humanidade pecadora "tornou-se fútil em seu pensamento, e seus corações insensatos foram escurecidos" (Romanos 1:21). João Calvino afirmou corretamente: "Somos tão inteiramente controlados pelo poder do pecado, que toda a mente, todo o coração e todas as nossas ações estão sob sua influência". Em várias ocasiões, a Bíblia aborda o pensamento corrupto e o coração mau. Paulo disse: "Eles estão obscurecidos em seu entendimento, alienados da vida de Deus por causa da ignorância que neles há, devido à sua dureza de coração" (Efésios 4:18). Também, a humanidade pecadora "tornou-se fútil em seu pensamento, e seus

corações insensatos foram obscurecidos" (Romanos 1:21). João Calvino afirmou corretamente: "Somos tão inteiramente controlados pelo poder do pecado, que toda a mente, todo o coração e todas as nossas ações estão sob sua influência". E os seus corações insensatos se obscureceram "(Romanos 1:21). João Calvino afirmou corretamente: "Somos tão totalmente controlados pelo poder do pecado, que toda a mente, todo o coração e todas as nossas ações estão sob sua influência". E os seus corações insensatos se obscureceram "(Romanos 1:21). João Calvino afirmou corretamente: "Somos tão inteiramente controlados pelo poder do pecado, que toda a mente, todo o coração e todas as nossas ações estão sob sua influência".

Segundo, o pecado é total em que o homem é incapaz de agradar a Deus por conta própria. Paulo declara: "Pois a mente que está posta sobre a carne é hostil a Deus, pois ela não se submete à lei de Deus; Na verdade, não pode. Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus "(Romanos 8: 7-8). E Jesus diz: "Fora de mim nada podereis fazer" (João 15: 5).

Terceiro, o pecado é universal porque todos os seres humanos são pecadores. Primeiro Reis 8:46 declara: "Porque não há quem não peque". E Salmo 14: 3 afirma: "Todos se desviaram; Juntos eles se tornaram corruptos; Não há quem faça o bem, nem mesmo um. "Toda a seção de Romanos 1: 18-3: 20 é dedicada a mostrar que todas as pessoas são pecadoras e incapazes de salvar a si mesmas, concluindo que" todos pecaram e estão aquém do Glória de Deus "(Rm 3:23).

Portanto, o estado espiritual do homem não é de relativa neutralidade, no qual ele é capaz de aceitar ou rejeitar Deus e seu evangelho. Ele é um odiador ativo de Deus (Romanos 8: 7) que não pode aceitar a verdade espiritual (1 Cor. 2:14). A depravação total do homem demonstra a absoluta soberania de Deus na salvação. O homem não pode fazer nada. Deus deve realizar tudo como um dom da graça soberana.

Questões de pecado

Alguns pecados são piores que outros?
O Pecado Imperdoável
Pecado levando à morte
Existem pecados mortais e veniais?
O pecado eo cristão
O Vindo Homem do Pecado
Deus e o Problema do Mal

Alguns pecados são piores que outros?

Todos os pecados são os mesmos aos olhos de Deus, ou alguns pecados são piores do que outros? Todos os pecados são os mesmos no sentido de que cada um torna uma pessoa culpada e digna da ira de Deus. A raiz de todo pecado é a autonomia e a substituição de Deus por si mesmo. Por mais pequeno que um pecado possa parecer, é uma afirmação de que a pessoa está agindo independentemente de Deus. Comer frutas de uma árvore em um jardim, como Adão e Eva, não pode parecer imoral e pode parecer menor em comparação com outros crimes, mas foi um ato de iniqüidade que teve graves conseqüências para a raça humana. Quebrar qualquer comando é um ataque contra o Legislador divino. Tiago declarou: "Porque quem guarda toda a lei, mas falha em um ponto, tornou-se responsável por tudo isso. Porque aquele que disse: Não cometas adultério, também disse: Não assassines. Se você não comete adultério, mas assassinar, Você se tornou um transgressor da lei "(Tiago 2: 10-11). Grudem está certo de que "em termos de nossa posição legal perante Deus, qualquer pecado, mesmo o que

pode parecer muito pequeno, nos torna legalmente culpados perante Deus e, portanto, dignos de punição eterna". Mesmo um pecado contra um infinitamente santo Deus exige um castigo infinito.

Ao mesmo tempo, as Escrituras falam da realidade de que alguns pecados são considerados maiores do que outros. Ao ser mostrado abominações no templo, Ezequiel foi dito, "Você vai ver ainda maiores abominações que eles cometem" (Ezequiel 8:13). Aqui algumas abominações eram "maiores" do que outras. Jesus explicou que aqueles que o entregaram a Pilatos cometiam "o pecado maior" (João 19:11). Em Mateus 11: 20-24, Jesus disse que as cidades judaicas que ouviram a mensagem do reino ficariam piores no dia do juízo do que as cidades gentias que não o fizeram. Maior conhecimento traz maior responsabilidade. Em Lucas 12: 47-48, Jesus ensinou que um servo que conhecia a vontade do Mestre mas não a fazia seria tratado com mais severidade do que aquele que não conhecia a vontade do Mestre. Além disso, Tiago disse que um juízo mais rigoroso aguarda professores: "Não muitos de vocês devem se tornar professores,

Essas duas realidades bíblicas são harmonizadas considerando que há tanto um aspecto quantitativo quanto um aspecto qualitativo ao pecado e à punição. Toda a humanidade é culpada de pecar contra um Deus infinitamente santo. Portanto, todos os que morrem sem se arrepender e confiar em Cristo enfrentam o mesmo castigo quantitativamente eterno por seus pecados. E ainda, porque Deus é estritamente justo, ele punirá aqueles que cometeram ofensas qualitativamente maiores com uma punição qualitativamente maior. O caráter de seu sofrimento será exatamente proporcional aos crimes que cometeram (por exemplo, 2 Pedro 2:17, Jude 13).

O Pecado Imperdoável

Jesus diz que há um pecado que nunca será perdoado:

> Por isso vos digo que todo o pecado e a blasfêmia serão perdoados, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. E quem fala uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado, mas quem quer que falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta idade nem no futuro. (Mateus 12: 31-32)

O que é esse pecado imperdoável ou imperdoável? O contexto para a declaração de Jesus é o confronto com os fariseus em Mateus 12. Em 12: 1-21, Jesus foi acusado de agir ilegalmente no sábado, e ao responder aos fariseus, ele declarou que tinha autoridade sobre o sábado porque ele Era o Senhor do sábado (12: 8). Em 12: 22-24, os fariseus acusaram Jesus de expulsar demônios pelo poder de Satanás. Jesus respondeu em vários níveis. Primeiro, ele observou que se ele expulsasse demônios por Satanás, então Satanás estaria trabalhando contra si mesmo. Não só essa estratégia não fazia sentido, como também estava condenada ao fracasso (12: 25-26). Segundo, os exorcistas judeus também expulsaram demônios (12:27). Então por que os líderes judeus aceitaram esses exorcistas, mas não Jesus? Terceiro, A verdade é que Jesus expulsou demônios pelo poder do Espírito Santo para demonstrar que o reino tinha chegado sobre o povo (12:28). Este era o significado correto de seus milagres. A expulsão de demônios pelo Espírito Santo mostrou que o reino de Deus estava operando através do Messias.

Jesus então falou do pecado imperdoável (12: 30-32), que envolveu blasfemar o Espírito Santo. Este pecado não poderia ser perdoado nem na era presente, nem na era vindoura. Esse pecado era mais do que fazer declarações depreciativas sobre Jesus ou o Espírito Santo a distância ou da ignorância. Envolveu desprezar as obras claras que o Espírito Santo estava fazendo através do Filho de Deus. *O pecado imperdoável, portanto, é a rejeição intencional e final do Espírito Santo que está trabalhando através de Jesus,*

atribuindo a obra de Deus em Cristo a Satanás . Para os líderes religiosos hostis em Mateus 12, esta era uma incredulidade determinada e final diante da revelação clara. Depois de ver em primeira mão o que o Senhor tinha feito e ouvindo o seu ensinamento, Esses líderes fizeram a conclusão final de que ele era satânico - exatamente o oposto da verdade. Tal rejeição terminal não poderia ser perdoada. Uma vez que as condições necessárias para cometer o pecado imperdoável eram limitadas ao ministério terreno de Jesus, o próprio pecado estava restrito ao período de sua carreira na terra.

Mas há algum paralelo com o pecado imperdoável além do ministério terreno de Jesus? A resposta poderia ser sim. A questão principal com o pecado imperdoável foi a incredulidade endurecida e obstinada, apesar do testemunho claro do Espírito Santo. Hebreus 6: 4-6 refere-se àqueles que "uma vez foram iluminados" e foram feitos "participantes do Espírito Santo". No entanto, eles são advertidos contra a queda da fé, uma vez que "é impossível renová-los novamente ao arrependimento . "Esta passagem refere-se a pessoas que tinham grande conhecimento do Espírito Santo. Eles viram o Espírito fazer milagres através dos apóstolos (Hb 2: 3-4), mas eles pararam de se comprometer com Jesus. Ao persistir na incredulidade, eles estavam em perigo de chegar a um ponto de não retorno. Mesmo hoje, é possível que as pessoas conheçam o evangelho e continuamente o rejeitem.

A realidade é que todos os que rejeitam o Senhor Jesus nesta vida, nunca o abraçando na fé salvadora, não podem ser perdoados, uma vez que o perdão só é oferecido àqueles que crêem nele. Embora o pecado imperdoável descrito em Mateus 12 envolva dureza de coração final contra Jesus quando ele estava na terra, a rejeição impenitente do Senhor Jesus Cristo é sempre um pecado que permanece imperdoável, uma vez que o perdão é encontrado somente através da fé arrependida em Cristo. Por outro lado, todo aquele que vier a Cristo em verdadeiro arrependimento e fé genuína será perdoado (João 6:37, Romanos 10: 9).

Pecado levando à morte

Em 1 João 5:16, o apóstolo menciona dois tipos de pecado a respeito de um companheiro cristão ("irmão"). Primeiro, ele diz que há um pecado que não leva à morte. E em segundo lugar, ele fala de um pecado que leva à morte:

> Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não conduz à morte, ele pedirá, e Deus lhe dará vida - àqueles que cometem pecados que não levam à morte. Há pecado que leva à morte; Eu não digo que alguém deve orar por isso.

De particular interesse é o "pecado que leva à morte". Que pecado é esse? Uma resposta dada é que João está se referindo a um crente professante que demonstra através do pecado habitual que ele não é um cristão autêntico (1 João 3: 6). Assim, o pecado em questão diz respeito ao pecado de um incrédulo que leva à morte eterna. Tal rejeição de Jesus tem a mesma conseqüência que a cometida pelos líderes judeus que atribuíram os milagres de Jesus ao poder de Satanás (Mateus 12: 31-32). A apostasia é imperdoável. Orar por restauração neste caso é inútil porque Deus já definiu o futuro do rejeitador (Hebreus 6: 6).

Outro ponto de vista é que o pecado para a morte poderia referir-se a um verdadeiro crente cuja vida, como a de alguns em Corinto (1 Cor. 11: 29-30), trouxe vergonha para Cristo, e, portanto, a disciplina de Deus resultou na morte prematura. O pecado do cristão é tão sério que Deus toma a vida da pessoa. Por exemplo, Ananias e Safira morreram no local quando eles mentiram ao Espírito Santo na frente da igreja (Atos 5: 1-11). Da mesma forma, em 1 Coríntios 5: 5, Paulo disciplina obrigatória para um membro pecado da igreja

envolvidos em imoralidade: “Você é entregar esse homem a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor .”Se um cristão está sob a disciplina da igreja, crentes na igreja não deve orar pelas consequências de tal disciplina para ser removida até que o pecador se arrepende. Com o objetivo de que esta pessoa se arrependa, A igreja o entrega ao reino de Satanás. O pecado que leva à morte em 1 João 5:16, então, não é um pecado em particular, mas qualquer pecado que o Senhor determine é suficientemente sério para castigo drástico.

Ambas as opiniões refletem a verdade bíblica, e é difícil saber com certeza qual John pretendia. Em ambos os casos, João conclui que a oração para aqueles que cometem um pecado que conduz à morte não terminará como se poderia antecipar porque a oração não está de acordo com a vontade de Deus (1 João 5: 14-15).

Existem pecados mortais e veniais?

A Igreja Católica Romana promove os conceitos de pecados mortais e veniais. Alegadamente, os pecados mortais resultam na morte espiritual da alma. São pecados intencionais e graves, como assassinato, adultério e fornicação. Se uma pessoa morre com um pecado mortal em sua alma, ele está perdido para sempre. O remédio para um pecado mortal é o sacramento da penitência, que traz uma pessoa de volta ao relacionamento com Deus. Um pecado venial é um pecado menor ou perdoável que não rompe a comunhão com Deus ou que resulta em uma alma eternamente separada de Deus. Por exemplo, enquanto a calúnia intencional é um pecado mortal, uma pessoa que diz algo cruel em um momento sem muita reflexão poderia ser culpada de um pecado venial.

A Bíblia não afirma as idéias católicas romanas dos pecados mortais e veniais - ou o contexto sacramental e penitencial no qual eles são compreendidos. Todos os pecados estabelecem culpa legal e, sem fé em Cristo, os pecadores são dignos da eterna separação de Deus. As duas categorias de pecados mortais e veniais operam dentro de uma visão defeituosa da salvação, na qual a justificação é vista como um processo durante o qual uma pessoa pode cometer certos pecados que o removem de um relacionamento com Deus, enquanto outros pecados não separam essa comunhão. O ponto de vista bíblico é que no momento da fé salvadora, o cristão é declarado justo por causa da justiça imputada de Cristo (Romanos 4: 3-5). Todos os pecados são perdoados para que nada possa separar o cristão da comunhão com Deus (Romanos 8: 1, 38-39). Além disso, A idéia católica romana de penitência meritória como necessária para a remoção de um pecado mortal é um erro que atinge a suficiência do sacrifício expiatório de Jesus pelo pecado. Ao invés de olhar para seus próprios atos de penitência, o cristão olha para o sacrifício de Cristo como o pagamento integral de todo o seu pecado (Hb 10: 10-18).

O pecado eo cristão

Qual é o efeito de um pecado cristão? A Bíblia não ensina o perfeccionismo nesta vida ou antes da ressurreição, assim os cristãos pecarão. Em 1 João 1: 8 afirma: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós". Mas quando uma pessoa confia em Cristo, recebe tanto o perdão dos pecados como a justiça de Cristo. Como resultado, Paulo declara: "Portanto, agora não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8: 1). Cristo morreu por nossos pecados (1 Coríntios 15: 3), assim todos os pecados - passado, presente e futuro - são perdoados. Deus, que começou uma boa obra em nós, será fiel para completar o que começou (Filipenses 1:

6). O pecado não removerá um cristão do amor de Deus; Na verdade, Paulo diz que nada "poderá separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:39).

No entanto, enquanto exemplos de pecado pessoal não podem quebrar a *união* do crente com Cristo, eles têm um impacto negativo na *comunhão* do crente com Cristo. Quando os cristãos pecam, afligem o Espírito Santo (Ef 4:30). O pecado também traz a disciplina de Deus. Jesus disse: "Aqueles a quem eu amo, eu repreendo e disciplino, assim seja zeloso e se arrependa" (Apocalipse 3:19). Além disso, "Porque o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo filho a quem recebe" (Hb 12: 6). Os cristãos devem examinar-se pelo pecado e estar abertos à amorosa exortação e repreensão de outros crentes (Gálatas 6: 1). Jesus instituiu um processo de disciplina da igreja para lidar com o pecado na vida de um cristão que professava (Mateus 18: 15-20). O pecado não arrependido deve levar à expulsão da igreja,

O pecado na vida de um cristão é um assunto sério. Isso prejudica o crescimento espiritual e o testemunho de Cristo. Enquanto os cristãos nunca enfrentarão a punição judicial pelos pecados, eles estarão diante do tribunal de Cristo para dar conta de suas ações feitas no corpo, sejam elas boas ou más (2 Co 5:10). A escória será queimada, ea recompensa eterna refletirá o que resta (1 Coríntios 3: 12-15).

O Vindo Homem do Pecado

O pecado tem um impacto devastador e mortal no passado e no presente da humanidade. O futuro será diferente? Antes da segunda vinda de Cristo, a Bíblia prediz um "homem de pecado" específico, uma figura suprema do Anticristo, que será a encarnação consumada do pecado e do mal. Durante o próximo dia do Senhor, esta pessoa será a falsificação de Satanás ao Senhor Jesus (2 Ts 2: 3-4). Jesus é o Deus-homem que é a personificação da justiça e do amor. Mas o homem de Satanás será o oposto. Paulo o chamou de "o homem da iniqüidade" (2 Tessalonicenses 2: 3).

As condições que cercam este "homem da iniqüidade" estão detalhadas em 2 Tessalonicenses 2. Lá, Paulo refutou a crença errônea de que o "dia do Senhor" já havia começado. Ele revelou que dois eventos coincidiriam com a vinda do dia do Senhor, e como nenhum deles tinha ocorrido, o dia do Senhor ainda não poderia ter chegado. O primeiro evento seria uma rebelião maciça na qual uma grande apostasia contra Deus ocorreria. O segundo seria a chegada do homem de pecado que se opor a Deus e exigir culto de si mesmo:

> Que ninguém vos engane de modo algum. Porque esse dia não virá, a menos que a rebelião venha primeiro, eo homem da iniqüidade seja revelado, o filho da destruição, que se opõe e exalta a si mesmo contra todos os chamados deus ou objetos de adoração, de modo que ele toma seu lugar no Templo de Deus, proclamando-se Deus. (2 Ts 2: 3-4)

A palavra para "anarquia" vem do termo grego *anomia* , que significa " contra a lei" ou "sem lei". Neste contexto, significa "estar contra a lei e os propósitos de Deus." O vindouro homem da iniqüidade incorporará uma rebelião flagrante contra Deus e será conhecido como "o filho da destruição" (2 Tessalonicenses 2: 3). Anteriormente, Jesus disse que Satanás vem para "roubar e matar e destruir" (João 10:10); Assim também este representante de Satanás.

A passagem de 2 Tessalonicenses passa a descrever a atividade desse homem de pecado. Ele vai se opor a Deus e exaltar-se contra todos os objetos de adoração, incluindo o verdadeiro Deus. Ele exigirá que somente ele seja adorado (2 Tessalonicenses 2: 4). Ele também se sentará no templo de Deus em Jerusalém e declarará ser Deus (ver Dan. 9:27 e Mateus 24:15). Enquanto o Espírito Santo atualmente impede que essa figura perversa

apareça, ele será "revelado em seu tempo", quando o Espírito deixar de impedi-lo (2 Tessalonicenses 2: 6). Isso não significa que o pecado já não esteja em operação, porque "o mistério da iniqüidade já está em ação" (2 Ts 2: 7). Mas quando o restriço for removido, "então o iníquo será revelado" (2 Ts 2,8). Seu trabalho abrangerá essas atividades: "A vinda do iníquo é pela atividade de Satanás com todo o poder e falsos sinais e prodígios, e com todo o engano perverso para os que perecem, porquanto se recusaram a amar a verdade e assim ser salvos" (2Ts.2). : 9-10). O homem escatológico da iniqüidade fará sua obra "pela atividade de Satanás". Assim como Jesus fez seus milagres no poder do Espírito Santo, este homem será capacitado por Satanás. Ele virá com "sinais falsos e maravilhas" que promovem a "fraude perversa" de pessoas perdidas que estão perecendo. Este homem será capacitado por Satanás. Ele virá com "sinais falsos e maravilhas" que promovem a "fraude perversa" de pessoas perdidas que estão perecendo. Este homem será capacitado por Satanás. Ele virá com "sinais falsos e maravilhas" que promovem a "fraude perversa" de pessoas perdidas que estão perecendo.

O homem de pecado terá uma curta carreira: "E então o iníquo será revelado, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro da sua boca e não trará à toa pela aparência da sua vinda" (2 Ts 2.8).). O homem de Satanás será lançado no lago de fogo, e seu reino de maldade será substituído pelo reino de justiça, governado pelo Senhor Jesus Cristo (Isaías 11, Zacarias 4).

Deus e o Problema do Mal

A realidade do mal e do sofrimento é usada por alguns como uma razão para rejeitar a Deus. Supostamente, se Deus fosse todo-bom e todo-poderoso, então o mal e o sofrimento não existiriam. Mas, ao contrário de refutar a Deus, a existência do mal e do sofrimento só pode ser explicada adequadamente a partir de uma cosmovisão cristã enraizada na perspectiva bíblica da criação e da queda. Mais sobre a teodicéia - a defesa de Deus à luz do problema do mal - é encontrada no capítulo 3 ("O Problema do Mal e da Teodicéia", p.221) e no capítulo 7 ("O Decreto de Deus eo Problema do Mal" , P. 491, "A Justificação de Deus", p. Mas alguns comentários são apropriados aqui à luz do papel do pecado na produção do mal e do sofrimento.

Deve-se lembrar que Deus é o Rei soberano do universo que faz o que quer, sem precisar responder ao homem (Romanos 9:20). Deus não está em julgamento, e quaisquer aparentes contradições entre a existência de Deus e a realidade do mal são simplesmente isso - aparente, não real. Com esta realidade compreendida, vários pontos podem ajudar a compreender o mal e o sofrimento.

Primeiro, Deus criou o mundo e chamou tudo nele de "muito bom" (Gn 1:31). Nenhum pecado ou morte existiu durante a semana da criação. Estes foram introduzidos mais tarde por Adão (Gênesis 3, Romanos 5:12). Deus disse a Adão que comer da árvore do conhecimento do bem e do mal traria a morte (Gênesis 2: 15-17), mas Adão, no entanto, deliberadamente desobedeceu ao seu Criador, a quem ele era responsável. A responsabilidade pelo pecado está nos pés do homem pecador. Deus não é a causa exigível do mal (Rm 3: 5-6; 9:14).

Segundo, quando Adão desobedeceu a Deus, Adão introduziu o mal moral e natural no mundo. Ao pecar contra Deus, o homem introduziu a hostilidade nas relações humanas e o mal moral na criação. O pecado também afetou a ordem natural. Visto que o homem era o pináculo da criação e foi encarregado de governar e subjugar o resto da criação, seu pecado afetou toda a natureza. Deus amaldiçoou a terra por causa do pecado do homem, e assim, a natureza agora trabalha contra o homem (Gn 3:17). Paulo diz que a criação foi

sujeita à futilidade contra a sua vontade (Romanos 8:20). Assim, a responsabilidade pelo mundo caído reside no homem, não em Deus.

Mas por que Deus não simplesmente fixa o mundo ou intervém para parar tragédias e atos do mal? Parte da resposta é que a humanidade está experimentando as conseqüências para o pecado. Ele está enfrentando a bagunça que ele criou. Deus fez o homem seu vice-regente, eo homem possuía tudo o que precisava para governar a terra com sucesso. No entanto, quando ele pecou, Deus não estava obrigado a proteger o homem das consequências de sua rebelião.

Terceiro, Deus não deixou o homem sozinho para chafurdar e sofrer sem esperança. Ele introduziu a promessa de restaurar a criação e derrotar o poder maligno por trás da serpente (Gênesis 3:15), um plano que finalmente culmina em Jesus Cristo e será cumprido por sua primeira e segunda vindas. Além disso, Deus traz bondade imerecida comum para a humanidade (Mateus 5:45). Ele impede o mal (2 Ts 2: 7), e instituiu a consciência para restringir a liberdade do pecador (Rm 2: 14-15) eo governo humano para punir os malfeitores (Romanos 13: 1-7). O próprio Deus também experimentou os efeitos de um mundo caído quando Jesus se tornou um "homem de dores" (Isaías 53: 3) que viveu, sofreu e morreu na cruz como portador do pecado sob a ira divina. A morte e ressurreição de Jesus lançaram o fundamento para a restauração de todas as coisas (Col. 1:20, Ap 5: 9-10). Ninguém pode dizer corretamente que Deus é um observador distante do mal e do sofrimento. Jesus deixou o céu e sofreu como nenhuma pessoa jamais sofreu, a fim de libertar os pecadores do sofrimento eterno.

Finalmente, um dia de julgamento está chegando quando Deus fará todas as coisas certas. Ele recompensará o que é certo e punirá o que está errado. Todos os pensamentos e ações de todas as pessoas serão julgados imediatamente. Paulo observou que quando Jesus vier, ele "trará à luz as coisas agora escondidas nas trevas e revelará os propósitos do coração. Então cada um receberá sua recomendação de Deus "(1 Cor. 4: 5). Os justos, que receberam a salvação em Cristo, experimentarão a glória muito além dos sofrimentos desta vida. Paulo disse: "Pois eu considero que os sofrimentos deste tempo presente não valem a pena comparar com a glória que deve ser revelada a nós" (Romanos 8:18). Esta verdade dá uma eterna perspectiva aos nossos sofrimentos temporais neste mundo caído. Chegará um dia em que todas as lágrimas de tristeza serão removidas e quando a morte não existir mais (Apocalipse 21: 3). Os crentes experimentarão as alegrias de uma nova terra para sempre, eo pecado cessará para sempre. Como Paulo explicou: "O aguilhão da morte é pecado ... Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15: 56-57). E todos os filhos de Deus serão eternamente amados por Deus, como ele sempre amou seu Filho eterno (João 17: 24-26).

Teologia bíblica do pecado

Muitas questões relativas ao pecado já foram examinadas neste capítulo, mas é importante concluir com um resumo da doutrina bíblica do pecado. Ambos os anjos e os seres humanos foram criados com volição e a capacidade de obedecer ou pecar contra Deus. Satanás cometeu o primeiro pecado no cosmos desejando e aspirando a elevar-se acima de Deus. Um terço dos anjos, agora conhecidos como demônios, escolheu segui-lo em sua rebelião. O pecado de Satanás não trouxe o pecado e a morte para o mundo, mas Satanás tentaria o homem ao pecado, o que levaria à morte.

Deus advertiu Adão que ele morreria se desobedecesse comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus não tentou Adão nem o forçou a pecar contra sua vontade, mas apresentou a Adão uma escolha de obedecer ou desobedecer. Em Gênesis 3, uma serpente tentadora apareceu, habilitada pelo já-caído anjo Satanás. A serpente

tentou Eva ao pecado lançando dúvidas sobre a Palavra de Deus e dizendo-lhe que ela poderia ser como Deus se ela comesse da árvore proibida. Eva e depois Adão comiam da árvore. Este ato desobediente de autonomia levou ao medo, à vergonha, à evasão de Deus e à culpa de outro. O pecado introduziu a morte e a maldição no mundo.

Adão e Eva morreram espiritualmente, e seus corpos ficaram sujeitos à decadência e à morte. O conflito também foi introduzido na relação homem-mulher e em todos os outros relacionamentos, como mostrado quando seu filho primogênito assassinou seu segundo filho. Além disso, a criação foi amaldiçoada, ea capacidade do homem para cumprir sua comissão de governar a terra foi transformada em constante fracasso. Em vez de governar uma terra submissa e flexível, o solo lutou para frustrar o homem e consumi-lo na morte. O pecado torna o homem um fracasso tanto em seus relacionamentos quanto em sua capacidade de funcionar como governador da terra em favor de Deus.

Gênesis 3:15 ofereceu a primeira promessa de esperança para o homem amaldiçoado. Deus predisse uma semente vencedora da mulher que iria reverter a maldição e derrotar o poder satânico atrás da serpente. O pecado resultou em uma luta entre a semente da mulher ea semente da serpente, mas Satanás e seus seguidores seriam um dia derrotados por uma pessoa que vinha de Eva. Eva pensou que seu primeiro filho, Caim, poderia ser o homem que iria entregar a raça humana (Gênesis 4: 1). Mas Caim também era um assassino. O pai de Noé, Lameque, acreditava que Noé poderia ser o salvador prometido (Gênesis 5: 28-29). Mas enquanto Noé era muito usado por Deus, ele era pecador e não podia qualificar-se para ser o libertador prometido de Gênesis 3:15.

A genealogia da morte em Gênesis 5 revelou que todos os descendentes de Adão, exceto Enoque, morreram. No tempo de Noé, a avaliação de Deus sobre o homem era que ele sempre foi perverso (Gn 6: 5, 11-13). Deus julgou a humanidade pecadora através do dilúvio global, salvando somente Noé e sua família e dois de cada animal (Gênesis 7-8). Com a aliança de Noé, Deus prometeu não destruir o homem pecador, para que o reino de Deus e os planos de salvação pudessem ser cumpridos (Gn 8: 20-9: 17). Depois do dilúvio, o homem se rebelou contra Deus na Torre de Babel. Homens pecadores se reuniram para fazerem um nome para si mesmos e permaneceram localizados em um só lugar, contra o mandato de Deus de cobrir a terra (Gênesis 11: 1-9), mas Deus puniu a raça humana separando-os linguisticamente.

A seqüência de eventos em Gênesis 1-11 revelou que o pecado permaneceu o problema principal da humanidade. O dilúvio global puniu o mundo dos pecadores, mas não pôde remover o pecado desde que habitou nos corações dos homens. A espera para um Libertador e Salvador do pecado continuou. O plano para derrotar o pecado avançou quando Deus escolheu Abraão e a grande nação (Israel) para vir dele. Juntos seriam os meios escolhidos por Deus para abençoar e salvar o mundo (Gn 12: 2-3 e 22:18). Abraão era um grande homem, mas ele também era pecador e não podia ser o próprio salvador (Gn 20: 2). O povo de Israel multiplicou numericamente, e depois do êxodo do Egito, eles receberam o pacto Mosaico e se tornou uma nação. O evento da Páscoa, no qual o sangue de um cordeiro protegia as pessoas da morte, retratava o próximo sacrifício de um Libertador,

Israel foi chamado para ser um reino de sacerdotes para as nações, e a obediência de Israel a Deus deveria ter sido um testemunho para as nações (Êxodo 19: 6, Deuteronômio 4: 5-6). Em vez disso, Israel pecou de forma flagrante contra Deus na adoração do bezerro de ouro e continuou a violar o pacto mosaico. Israel se deteriorou muito após a idolatria de Salomão (1 Reis 11) e estava em uma trajetória de divisão e dispersão. Não só o povo de Israel falhou, mas também os reis na linha de Davi - que eram supostamente modelo obediência a Deus - mostraram-se pecaminosas falhas.

Os profetas repreendiam Israel por desobedecer continuamente a aliança mosaica e, portanto, com o próprio Deus. Eles predisseram dispersões vindouras para as nações. Mas a esperança veio como Isaías predisse um futuro servo de Israel que sacrificaria expiação pelos pecados de Israel e traria salvação aos gentios (Isaías 49: 3-6; 52: 13-53: 12). A solução para o problema do pecado do homem devia ser resolvida pelo servo justo que assumiria a culpa dos pecados dos outros. Ele sofreria o julgamento divino em seu lugar (Isaías 53).

Este servo apareceu na abertura do Novo Testamento na pessoa de Jesus, o Libertador e Salvador sem pecado. Um descendente de Abraão e David, Jesus é Messias e Rei. E João Batista declarou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). João Batista e Jesus pregaram a mesma palavra: "Arrependei-vos, porque o reino dos céus se aproxima" (Mt 3: 2, 4:17). Esta mensagem mostrou que a entrada no reino do Messias requeria o arrependimento do pecado. Jesus disse que ele veio para dar a sua vida em resgate por muitos (Marcos 10:45), e com a sua morte, Jesus expiou pelos pecados do seu povo como um substituto sacrificial (2 Coríntios 5:21; : 24).

O apóstolo Paulo revelou que todas as pessoas, sejam judeus ou gentios, são pecadoras e incapazes de salvar a si mesmas (Rm 1: 18-3: 20). A salvação do pecado pode ser encontrada e recebida, mas somente através da fé em Jesus e da justiça que ele dá (Romanos 3: 21-5: 21). O sofrimento de Jesus ea nova aliança estabelecida por sua morte rompem o poder do pecado para todos os que estão unidos com ele (Rm 6: 1-8: 17). Os crentes no Senhor Jesus são salvos do pecado e recebem a vida espiritual e eterna. Eles são uma nova criação (2 Coríntios 5:17). No entanto, a remoção da morte e dos efeitos do pecado do corpo físico aguarda o retorno do Salvador e a ressurreição (Romanos 8:23; 1 Coríntios 15: 20-24).

Enquanto Jesus conquistou a morte na cruz, a derrota final do pecado aguarda o futuro. O próximo dia do Senhor será um tempo em que Deus julga e castiga os pecadores na terra (Isaías 13: 9, 11). Um homem iminente de pecado e iniqüidade aparecerá em conexão com o dia do Senhor, eo Espírito Santo cessará seu ministério restritivo para permitir que esse homem de pecado seja revelado e a iniqüidade continue seu curso (2 Ts 2: 1- 12). Contudo, este homem de pecado, juntamente com todos os que o seguirem, será destruído por Jesus quando voltar à Terra (Apocalipse 19: 11-21).

O reino do Senhor Jesus será positivamente caracterizado pela justiça e bênçãos para as nações. Também será uma regra com uma vara de ferro (Salmos 2: 9), e todos os que desobedecerem ao Rei Jesus serão punidos (Isaías 65:20, Zc 14: 16-19). O reinado milenar do Messias e seus santos será o cumprimento do reinado bem-sucedido do reino que Deus esperava de Adão e da humanidade na criação (Gn 1: 26-28). Depois do reino de mil anos de Jesus, uma rebelião final ocorrerá, enquanto Satanás é libertado do Abismo para liderar uma última revolta contra o Senhor em Jerusalém. Os incrédulos restantes se juntarão a esta revolta, mas serão todos instantaneamente destruídos pelo fogo do céu (Apocalipse 20: 7-10). Mesmo com a presença de Satanás removida e perfeita ordem estabelecida no lugar durante o reino milenar, o coração dos pecadores será corrompido, e quando for dada a oportunidade, Aqueles que rejeitarem Cristo nesse período se unirão na rebelião final. Depois, todos os incrédulos serão reunidos para o grande julgamento do trono branco. Seu julgamento será baseado em ações, mas como nenhum ato pode salvar, todos serão enviados para o lago de fogo para sempre. O pecado nunca mais ocorrerá, e os santos de Deus reinarão para sempre na presença de Deus na nova terra (Apocalipse 22: 3-5). O pecado e seus efeitos serão removidos para sempre (Apocalipse 21: 3-4). Todos serão glória, paz, alegria e amor. E os santos de Deus reinarão para sempre na presença de Deus na nova terra (Ap 22: 3-5). O pecado e seus efeitos serão removidos para sempre (Apocalipse 21: 3-4). Todos serão glória, paz, alegria e amor. E os santos de

Deus reinarão para sempre na presença de Deus na nova terra (Apocalipse 22: 3-5). O pecado e seus efeitos serão removidos para sempre (Apocalipse 21: 3-4). Todos serão glória, paz, alegria e amor.

Oração

Pai, obrigado pela verdade vital
Que o Vosso Espírito nos transforma.
Sabemos que a vida transformada é um fruto,
Não a causa, de nossa salvação.
Você é Aquele que escolheu e nos atraiu,
E Cristo é o autor e consumador de nossa fé.
Seu trabalho é o único fundamento e razão para nossa justificação.
Nós não somos salvos por causa de qualquer mérito ou bondade de nossa própria,
Porque não temos nenhum.

Mas nós também sabemos que quando Tu nos dás uma posição pela fé em Cristo,
Você nos transforma completamente.
Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura;
As coisas velhas passaram; Eis que coisas novas vieram.
Seu Espírito nos dá novos corações.
Desde o momento da nossa conversão, Ele habita em nós,
E através de Sua presença viva em nossos corações,
Você está constantemente nos conformando com a imagem de Cristo.

Compreendemos, é claro,
Que nunca alcançaremos a perfeição sem pecado nesta vida,
Porque não seremos totalmente como Cristo
Até que finalmente o vejamos cara a cara.
Mas quando pecamos, sabemos que temos um Advogado com o Pai,
Jesus Cristo, o justo.
Nós Te agradecemos que Ele está implorando por nós ainda agora,
Buscando nosso bem-estar diante do teu trono
Com orações que deram vergonha a nossas miseráveis orações.
O vosso Espírito também intercede por nós,
Com gemidos que não podem ser proferidos.

Mais e mais, Senhor, estamos conscientes de nossa culpa,
E envergonhados do nosso pecado.
Ajude-nos, portanto, a abençoá-lo cada vez mais
Pelo teu amor em nós.
Empower nos mais e mais
Para Te servir com fidelidade e alegria.
Acima de tudo, faça-nos cada vez mais como Cristo.
E lembre-nos, Senhor, que agora somos escravos da justiça
Em vez de escravos do pecado.
Eu venho antes de Você humildemente,
Grato por Sua misericórdia e grato pela transformação
Que nos fez amar e fazer as coisas que Vos agradam.

Ó Deus, nosso Criador e Senhor,
Nós nos deleitamos em tua justiça e sabedoria.
Nós fomos abençoados por Sua misericórdia e graça.
Regozijamo-nos em Tua misericórdia e compaixão
Para com pecadores como nós.
Embora nós estejamos totalmente indignos do Seu favor,

Você graciosamente nos salvou da culpa e condenação
Do nosso próprio pecado.
Nosso julgamento foi dado a Cristo no Calvário,
Que afastou nossos pecados pelo sacrifício de si mesmo,
E você o ressuscitou dos mortos
Como afirmação de Sua grande realização.

Sua misericórdia e graça foram assim asseguradas para nós
Por Cristo nosso Salvador.
É por isso que desejamos honrá-Lo através do nosso serviço.
Mas não devemos nunca pensar em nossas próprias obras como meritório-
Ou mesmo como suplementos dignos de Sua obra acabada.
Confessamos que nosso melhor serviço
É totalmente inútil,
E quando nós fizemos a nossa melhor obediência,
Ainda somos meramente escravos indignos
Que não fizeram mais do que o que devemos fazer.

Possamos, portanto, sempre confiar apenas em Cristo,
Confiar nEle,
Honra-o,
E servi-Lo fielmente, mas humildemente.
Rejeitamos nossos pecados e confiamos em Sua contínua purificação e perdão.
Permitir-nos viver de uma forma
Que atrai outros para as glórias de Cristo,
Em cujo nome oramos. Um homem.

"Graça Maior que Nosso Pecado"

Maravilhosa graça de nosso amoroso Senhor,
Graça que excede nosso pecado e nossa culpa,
Lá no monte do Calvário aflorou,
Lá onde o sangue do Cordeiro foi derramado.

Refrão :

Graça, graça, graça de Deus ,
Graça que vai perdoar e purificar dentro!
Graça, graça, graça de Deus ,
Graça que é maior do que todo o nosso pecado!

Pecado e desespero, como as ondas do mar frio,
Ameaçar a alma com perda infinita;
Graça que é maior, sim, graça incontável,
Aponta para o refúgio, a cruz poderosa.

A escuridão é a mancha que não podemos esconder -
O que pode servir para lavá-lo?
Veja! Há fluindo uma maré carmesim;
Mais branco do que a neve você pode ser hoje.

Maravilhosa, infinita, incomparável graça,
Livremente concedido a todos que acreditam!
Vocês que estão desejando ver Sua face,
Você receberá neste momento Sua graça receber?

~ Julia H. Johnston (1849-1919)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias: Homem

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 183-210.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 181-218.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 221-430.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 2005. 227-335.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 292-305.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 455-558.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 439-89.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 2: 3-122.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 2: 17-180.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 415-40.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 2A: 3-147; 3: 249-331.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907. 465-532.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 641-722.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 214-37.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 569-89.

Teologias Sistemáticas Primárias: Pecado

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 211-35.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 219-61.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 255-320.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 337-417.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 306-51.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 561-658.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 490-514.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 2: 123-309.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 2: 183-245.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 440-58.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 2A: 148-257; 3: 331-77.
Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907, 533-664.
Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 723-800.
Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 238-72.
Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 591-685.

Obras Específicas

Barrick, William D. "Um Adão Histórico: Young-Earth Creation View." Em *Quatro Vistas sobre o Adam Histórico* , editado por Matthew Barrett e Ardel B. Caneday, 197-254. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2013.
Berkouwer, GC *Homem: A Imagem de Deus* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962.
---. *Pecado* . Estudos em Dogmatics 11. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971.
Clark, Gordon H. *A doutrina bíblica do homem* . Trinity Paper 7. Jefferson, MD: Fundação Trindade, 1984.
Hoekema, Anthony A. *Criado na imagem do deus* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994.
Hughes, Philip Edgcumbe. *A Imagem Verdadeira: A Origem e o Destino do Homem em Cristo* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.
Laidlaw, John. *A doutrina bíblica do homem* . 1895. Reimpressão, Minneapolis: Klock & Klock, 1983.
MacArthur, John. *A Batalha pelo Princípio: Criação, Evolução e a Bíblia* . Rev. ed. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
---. *A consciência desaparecendo* . Dallas: Palavra, 1994.
Machen, J. Gresham. *A visão cristã do homem* . 1937. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1984.
Mortenson, Terry e Thane H. Ury, eds. *Vindo a Grips com Gênesis: Autoridade Bíblica e a Era da Terra* . Green Forest, AR: Livros Mestres, 2008.
Rosa, Arthur W. *Gleanings das Escrituras: Depravity total do homem* . Chicago: Moody Press, 1969.
Ramm, Bernard. *Ofensa à razão: uma teologia do pecado* . São Francisco: Harper & Row, 1985.
Whitcomb, John Clement. *A Primeira Terra: Uma Introdução ao Criacionismo Bíblico* . 3a ed. Lago Winona, IN: BMH, 2010.

Problemas sociais

Clouse, Robert G., ed. *Guerra: Quatro pontos de vista cristãos* . Rev. ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1991.
DeYoung, Kevin. *O que a Bíblia realmente ensina sobre homossexualidade?* Wheaton, IL: Crossway, 2015.
Feinberg, John S., e Paul D. Feinberg. *Ética para um Novo Mundo Valente* . 2a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
Köstenberger, Andreas J. *Deus, Casamento e Família: Reconstruindo a Fundação Bíblica* . Com David W. Jones. 2a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
MacArthur, John. *Diferentes por Design* . Colorado Springs: Victor, 1994.
---. *O Dilema do Divórcio: A Última Palavra de Deus sobre o Compromisso Duradouro* . Leominster, Inglaterra: Primeiro dia, 2009.
Murray, John. *Princípios de Conduta: Aspectos da Ética Bíblica* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1957.

Piper, John e Wayne Grudem, eds. *Recuperando a masculinidade bíblica e Womanhood: uma resposta ao feminismo evangélico* . Wheaton, IL: Crossway, 1991.
Strauch, Alexander. *Homens e mulheres, iguais e diferentes: um breve estudo das passagens bíblicas sobre gênero* . Littleton, CO: Lewis e Roth, 1999.
Jovem, Curt. *O mínimo destes: O que todos devem saber sobre o aborto* . Chicago: Moody Press, 1983.

7

salvação

Soteriologia

"E pode ser?"

E será que eu deveria ganhar
Um int'rest no sangue do Salvador?
Morreu Ele por mim, que causou Sua dor?
Para mim, quem Ele a morte perseguiu?
Amor incrível! Como pode ser,
Que Tu, meu Deus, deveria morrer por mim?

Refrão :
Amor incrível! Como pode ser ,
Que Tu, meu Deus, deveria morrer por mim?

Ele deixou o trono de Seu Pai acima,
Tão livre, tão infinita Sua graça.
Esvaziou-se de tudo menos o amor,
E sangraram pela raça indefesa de Adão.
É misericórdia, imensa e livre,
Pois, ó meu Deus, ele me descobriu.

Durante muito tempo meu espírito preso
Rapidamente ligado no pecado e na noite da natureza.
Seu olho difundiu um raio rápido,
Acordei, a masmorra flamejava com a luz.
Minhas correntes caíram; Meu coração estava livre.
Levantei-me, saí, e segui-Te.

Nenhuma condenação agora eu temo;
Jesus, e tudo Nele, é meu!
Vivo Nele, minha cabeça viva,
E revestido de justiça divina;
Bold Eu me aproximo th'eternal trono
E reivindicar a coroa, thro 'Cristo, o meu próprio.

~ Charles Wesley (1707-1788)

Principais temas abordados no Capítulo 7

O Plano de Redenção

A Realização da Redenção

A Aplicação da Redenção

Introdução à Soteriologia

O propósito final da salvação
Graça comum

Ao chegar à doutrina da soteriologia, o aluno da Escritura chega ao auge da teologia cristã porque os temas e tópicos abordados no estudo da salvação correm até o próprio coração do evangelho e ao centro da história redentora. Como foi demonstrado no capítulo 6, o homem foi criado à imagem de Deus e foi acusado de governar sobre a criação como representante de Deus na terra. No entanto, o homem falhou completamente nessa comissão, tendo pecado contra Deus na desobediência de Adão e caído do estado original de comunhão abençoada que experimentou no jardim. Como resultado, todos os descendentes de Adão são concebidos no pecado e são inimigos nascidos de Deus. Por natureza, o homem é relacionalmente alienado de Deus e judicialmente responsável perante ele,

E, no entanto, Deus é um Salvador que agiu na graça salvadora para redimir do pecado e da morte aqueles que crerem. Seu plano de redenção começou na eternidade passada, quando Deus o Pai estabeleceu seu amor de eleição sobre pecadores indignos, determinando resgatá-los da queda e das conseqüências merecidas de sua desobediência. Ele designou o Senhor Jesus Cristo, Deus Filho, para realizar a redenção em favor dos eleitos, tornando-se homem, tornando obediência perfeita a Deus como homem e morrendo como substituto no lugar de seu povo para pagar a penalidade por Seu pecado. O Pai eo Filho enviaram a Deus o Espírito Santo para aplicar aos eleitos todos os benefícios que o Filho comprou para seu povo. Assim, este capítulo segue uma forma trinitária na qual o plano de redenção do Pai, a realização da redenção pelo Filho,

O propósito final da salvação

Antes de abordar a doutrina da soteriologia, é necessário considerar que o propósito motriz para o qual Deus salva seu povo está de acordo com seu propósito último para todas as coisas - a saber, trazer glória e honra para si mesmo. Porque os crentes recebem tais imensas bênçãos na mão da graça salvadora de Deus, é um equívoco comum assumir que a principal consideração de Deus na salvação é para os próprios pecadores. O privilégio de ser escolhido por Deus para a salvação com base em nada em si mesmo; De ser fornecido um substituto de dignidade e honra como o próprio Filho de Deus; De receber o dom do novo nascimento além de qualquer obra própria; De estar unido a Cristo, declarado justo, separado das obras, adotado na família de Deus e conformado à sua imagem, Progressivamente na terra e perfeitamente no céu - o dilúvio de benefícios graciosos que o homem desfruta na salvação tenta o aluno da Escritura a acreditar que o amor salvífico de Deus termina finalmente no homem. A Escritura, entretanto, revela que a salvação não é centrada no homem, mas centrada em Deus. Deus salva os pecadores para "o louvor da sua graça gloriosa" (Efésios 1: 6).

As Escrituras estão repletas de testemunho do compromisso fundamental de Deus para perseguir a glória de seu nome. O arquétipo do Antigo Testamento da salvação de Deus é a redenção de Israel da escravidão no Egito. Falando deste pináculo terrena da libertação salvadora de Deus, o salmista comenta: "E ele os salvou por causa do seu nome, para que desse a conhecer o seu grande poder" (Sl 106: 8). Enquanto Deus certamente tinha compaixão sobre a situação de seu povo e desejava vê-los livres do seu jugo de escravidão (Ex 2: 23-25, 3: 7-8, 16), e enquanto ele inequivocamente desejava trazer justiça No Egito para sua cruel opressão (Ex 3: 9; 6: 1-9), no entanto, sua preocupação final na redenção de Israel era honrar seu nome (Ex. 9:16; 14: 4, 17-18).). Mais tarde, como Deus promete a vinda de seu servo cheio do Espírito para estabelecer a justiça na terra, Para abrir os olhos cegos e libertar os prisioneiros das trevas (Isaías 42: 1-7), ele proclama: "Eu sou o Senhor; esse é meu nome. E a minha glória não darei a outro "(Isaías 42: 8, trans do autor). Isto é como se para dizer, "eu não permitirei que a honra eo elogio que pertence a meu nome sejam dados a qualquer um mais. *De modo* semelhante, em resposta à obstinação de Israel, Deus declara: "Por amor do meu nome adiei a minha ira, por causa do meu louvor, eu o reprimo por vós, para que eu não corte (Isaías 48: 9). Embora Israel receba a misericórdia da ira de Deus contida, a motivação final do Senhor é exaltar a sua pessoa. Ele enfatiza esse propósito mais adiante em Isaías 48:11: "Por minha causa, por minha causa, eu o faço, pois como será profanado o meu nome? Minha glória eu não darei a outro. "O leitor ouve a lógica que sustenta o raciocínio de Deus: agirá por sua própria causa, pois é impensável que ele não receba a glória da qual ele é digno. Além disso, a centralização de Deus da salvação estende-se à decisão de Deus não apenas para retardar a ira, mas também para finalmente salvar da ira. No precipício do exílio babilônico, Deus declara que eventualmente salvará e restaurará Israel, mas nega explicitamente que os salvará por si mesmos:

> Não é por causa de vós, ó casa de Israel, que vou agir, mas por causa do meu santo nome ... Eu vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, e que tu Profanaram entre eles. E as nações saberão que eu sou o SENHOR ... quando através de vós eu vindicar a minha santidade diante dos seus olhos. (Ezequiel 36: 22-23)

Deus tem tão ligado seu nome ao seu povo que sua destruição mancharia sua reputação (Ex. 32: 7-14, Dn 9: 18-19). Portanto, ele livrará o seu povo para a sua própria glória. Em última análise, o Deus salvador enxuga as transgressões por sua própria causa (Isaías 43:25); Perdoa os pecados por causa do seu nome (1 João 2:12).

Não há maior testemunho do compromisso principal de Deus para com a sua glória na salvação do que aquele declarado no glorioso hino de louvor ao Deus-Salvador revelado em Efésios 1. Ao exaltar o divino Doador de toda bênção espiritual, Paulo declara que todos os aspectos A salvação do homem - a eleição pelo Pai (1: 4-6), a redenção realizada pelo Filho (1: 7-12) eo ministério de selamento do Espírito Santo (1: 13-14) - foram realizadas "Para o louvor da glória da sua graça" (1: 6), "para o louvor da sua glória" (1:12), "para louvor da sua glória" (1:14). Embora o homem seja o destinatário do grande amor de Deus na salvação (Rm 5: 8, Ef 2: 4), ele não é a preocupação última da graça salvadora de Deus. O próprio Deus e a glória de seu nome são os mais importantes nos afetos de Deus.

Graça comum

Outra questão preliminar é o tratamento da doutrina da graça comum. Não é, estritamente falando, soteriológico, porque a graça comum não é a graça salvadora. Como expressão da bondade e benevolência universal de Deus (Salmo 145: 9), a graça comum é vivida

por todas as pessoas sem exceção, incluindo aqueles que nunca receberão a salvação (Salmos 33: 5; 52: 1; : 8; 119: 68). Ele se destaca pela *graça especial* , ou *graça* salvadora , pela qual Deus resgata seus eleitos da penalidade e do poder do pecado (Ef 2: 5 e Col 1: 13-14), regenerando-os e santificando-os através da obra do Espírito Santo (2 Coríntios 5:17 e Tito 3: 5). A graça comum, então, não concede perdão para o pecado, nem regenera corações incrédulos. Embora revele verdades sobre o Criador (Rm 1: 18-20) e traz a convicção de transgressão (Romanos 2:15), não pode levar à salvação por si só, além da graça salvadora. Por esta razão, poderia muito bem ter sido tratado no capítulo 3, "Deus, o Pai", como uma expressão dos atributos de Deus de graça e misericórdia. No entanto, porque a graça comum é preparatória para o gozo da graça salvadora, trata-se aqui.

A graça comum de Deus proporciona à raça humana pelo menos três benefícios. Primeiro, ele temporariamente restringe o pecado e milita contra os efeitos prejudiciais do pecado. Além da graça divina, a expressão plena da natureza caída da humanidade seria desencadeada na sociedade - com resultados catastróficos. Embora os pecadores sejam totalmente depravados, significando que o pecado afeta cada aspecto de seu ser (Romanos 3: 10-18, 23, ver Jeremias 17: 9, Ef 2: 1, Tito 3: 3), a manifestação completa de Que a pecaminosidade é restringida através da consciência, o que capacita os pecadores a entenderem a diferença entre o certo eo errado (Romanos 2:15); A autoridade dos pais, que ensinam e disciplinam as crianças (Provérbios 2: 1-5; 3: 1-2; 13: 1-2, 24; 19:18); E o governo civil, que mantém a ordem na sociedade humana (Romanos 13: 1-5).

Segundo, a graça comum permite que os incrédulos desfrutem da beleza e bondade nesta vida (Sl 50: 2). Tanto os justos como os injustos experimentam numerosas bênçãos físicas da mão de Deus (Salmo 104: 14-15, Mateus 5:45, Atos 14: 15-17, 17:25). Cada respiração tomada, cada bocado comido, toda beleza terrena, e cada momento saudável só é possível pela provisão graciosa de Deus (Jó 12:10, Atos 17:28). Ele é a única fonte de toda bondade (Salmo 106: 1, Marcos 10:18, 1 Tim. 4: 4, Tiago 1:17). Por conseguinte, tudo o que é bom e vale a pena vem de sua mão benevolente. Embora este mundo tenha sido devastado pela maldição do pecado (Romanos 8: 20-22), a graça comum de Deus permite que os pecadores provem sua abundante bondade amorosa (ver Salmos 34: 8).

Terceiro, a graça comum dá aos pecadores o tempo de ouvir o evangelho para que eles possam ser motivados a se arrependerem. Embora Deus pudesse justamente executar juízo contra pecadores instantaneamente, ele temporariamente retém a punição que eles deveriam receber (Ezequiel 18: 4, 32, Romanos 6:23; 9: 22-23; 1 Tim. 4:10). Como o apóstolo Paulo explicou: "Vocês presumem sobre as riquezas de sua bondade e tolerância e paciência, sem saber que a bondade de Deus está destinada a levá-los ao arrependimento?" (Rm 2: 4, 2 Pedro 2: 5) 3: 9, 15). Embora os pecadores suprimam a verdade do evangelho na injustiça, a graça comum de Deus torna sua rejeição dele indesculpável (Rm 1: 18-20).

Enquanto a graça comum expressa a bondade e bondade de Deus para toda a humanidade, é nas abundantes bênçãos de sua graça especial que o caráter de Deus como Salvador é plenamente exibido. O restante deste capítulo detalha a revelação e operação da soberana graça salvadora de Deus.

O Plano de Redenção

O Decreto de Deus
O Decreto de Eleição
O Decreto de Reprovação
Conclusão

O desenrolar da graça salvadora de Deus sobre os pecadores começa muito antes de qualquer pecador individual experimentar os benefícios dessa graça. Antes da conversão e da justificação do pecador, antes da expiação substitutiva do Salvador, e mesmo antes da criação do próprio mundo, a graça redentora de Deus tem sua origem na eternidade passada no conselho soberano da vontade do Deus trino. Como Paulo escreveu a Timóteo, Deus salva seu povo de acordo com seu próprio propósito eterno, tendo prodigado graça "em Cristo antes dos séculos" (2 Tm 1: 9). Em liberdade soberana, unicamente a partir do transbordamento de sua benevolência e graça, Deus colocou seu amor em indivíduos particulares, escolheu-os para serem salvos do pecado e da morte, e propôs que eles seriam restaurados para um relacionamento correto com ele através da Redentora do seu Filho, aplicada pelo seu Espírito.

O Decreto de Deus

Porque o decreto de eleição é um subconjunto do decreto geral de Deus (1 Coríntios 2: 7) pelo qual ele determinou infalivelmente tudo o que acontece e segundo o qual ele opera todas as coisas (Efésios 1:11), ele É necessário rever brevemente o ensinamento bíblico sobre o decreto de Deus, pois tudo o que é verdade do seu decreto em geral deve ser verdade do seu decreto para eleger e salvar. A Escritura emprega vários termos para identificar o decreto de Deus, incluindo seu propósito eterno (Efésios 3:11, Isaías 46:10, Romanos 8:28, 9:11, Ef 1: 9, 2 Tim. 1: 9 , Hebreus 6:17), seu plano definido (Atos 2:23, 4:28), seu conselho (Sl 33:11, Isaías 5:19, 46:10), o conselho da sua vontade (Ef. 1:11), o propósito da sua vontade (Efésios 1: 5), o seu bom prazer (Lucas 12:32, Fil 2:13), e sua vontade (Romanos 9:19).

O CARÁTER DA DECRETA DE DEUS

Um exame destas e de outras passagens produz as características chaves do decreto de Deus. Em primeiro lugar, a Escritura apresenta o decreto de Deus como tendo sido determinado antes da criação do tempo, e assim ele é dito ser eterno. Davi louvou a Deus porque todos os seus dias foram ordenados e escritos no livro de Deus antes de qualquer um deles acontecer (Salmo 139: 16). Paulo explica que o plano de salvar os gentios foi realizado de acordo com o propósito eterno de Deus (Efésios 3:11), um mistério que "Deus decretou antes dos séculos" (1Cor 2,7). Ele também ensina explicitamente que Deus escolheu salvar a sua própria "antes da fundação do mundo" (Ef 1: 4, ver 2 Tim. 1: 9), e assim Jesus pode dizer que o reino foi preparado para os eleitos "Desde a fundação do mundo" (Mt 25:34). Em Isaías 46:10, Javé afirma que cumprirá toda a sua boa vontade e estabelecerá todas as coisas de acordo com seu propósito. Paulo faz uma declaração similar em Efésios 1:11, quando afirma que os crentes foram "predestinados de acordo com o propósito daquele que faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade". Assim, todas as providências providenciais de Deus no tempo estão em conformidade com um Fixo que precede o tempo.

Em segundo lugar, uma implicação significativa da eternidade do decreto de Deus é que ele é necessariamente incondicional. Ou seja, porque o Deus triúno eterno e auto-existente era a única entidade presente na eternidade passada (Isaías 43:10; 44:24), é impossível que algo externo a Deus o movesse a decretar uma coisa em oposição A outro, pois não *havia* nada externo a ele (Gn 1: 1, João 1: 1-3).Assim, toda decisão que é parte do decreto de Deus foi uma decisão livre e não influenciada, de acordo com o "bom prazer" de Deus, ou o que lhe agrada (Sl 115: 3; 135: 6; Isaías 46:10; 48:14 Filipenses

2:13). Tão longe de seu decreto ser contingente sobre as escolhas ou ações dos homens, a Escritura proclama: "Todos os habitantes da terra são considerados como nada,

Terceiro, o decreto de Deus é imutável e, portanto, eficaz. Da mesma forma que nada poderia influenciar o decreto soberano de Deus desde seu início na eternidade passada, então nada no tempo pode mudar seu decreto. Nenhuma criatura pode alterar o que Deus determinou fazer acontecer; Ao invés disso, o salmista declara que é *Deus* quem anula o conselho *da criatura* , mesmo frustrando os planos dos povos (Sl 33:10). O versículo subseqüente cimentos que a realidade: "O conselho do SENHOR permanece para sempre, os planos do seu coração para todas as gerações" (Sl 33:11). Nabucodonosor confessa que "ninguém pode ficar com a sua mão" ou chamá-lo para prestar contas de suas ações (Dn 4:35); Quando Deus põe sua mão para realizar alguma coisa, ela não pode ser revertida. De maneira semelhante, o próprio Deus provocou as nações, perguntando: "PORQUE O SENHOR dos exércitos tem proposto, e quem a anulará? Sua mão está estendida, e quem a fará voltar? "(Isaías 14:27). Jó resume a imutabilidade do decreto de Deus: "Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum propósito seu pode ser frustrado" (Jó 42: 2) . Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E quem vai anulá-lo? Sua mão está estendida, e quem a fará voltar? "(Isaías 14:27). Jó resume a imutabilidade do decreto de Deus: "Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum propósito seu pode ser frustrado" (Jó 42: 2) . Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E quem vai anulá-lo? Sua mão está estendida, e quem a fará voltar? "(Isaías 14:27). Jó resume a imutabilidade do decreto de Deus: "Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum propósito seu pode ser frustrado" (Jó 42: 2) . Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). Jó resume a imutabilidade do decreto de Deus: "Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum propósito seu pode ser frustrado" (Jó 42: 2) . Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). Jó resume a imutabilidade do decreto de Deus: "Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum propósito seu pode ser frustrado" (Jó 42: 2) . Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E que nenhum propósito seu pode ser frustrado "(Jó 42: 2). Os planos do

homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E que nenhum propósito seu pode ser frustrado "(Jó 42: 2). Os planos do homem muitas vezes precisam ser revisados porque os homens não têm sabedoria ou a capacidade de realizar seus planos. No entanto, Deus não tem nem a sabedoria nem o poder para levar o seu sábio sábio para passar. Seu decreto é imutável e, portanto, eficaz, pois ele diz: "Meu conselho permanecerá, e cumprirei todo o meu propósito ... Eu falei, e farei que aconteça; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E eu o farei passar; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11). E eu o farei passar; Eu tenho proposto, e vou fazê-lo "(Isaías 46: 10-11).

Finalmente, o decreto eterno, incondicional, imutável e eficaz de Deus também é exaustivo. "Deus faz com que *todas as coisas* cooperem" de acordo com seu propósito (Rm 8:28 NVI) e trabalha " *todas as coisas de* acordo com o conselho da sua vontade" (Efésios 1:11). O salmista repete que o Senhor faz *o que* lhe agrada (Sl 115: 3; 135: 6). O próprio Deus declara que cumprirá *toda a* sua "boa vontade" (Isaías 46:10 NVI).

Além disso, esta exaustividade aponta não apenas para um controle geral, mas também para a governança providencial específica e meticulosa de Deus de todas as coisas. A Escritura declara que Deus é a causa de vários tipos de tempo: neve, chuva, gelo, ventos e relâmpago, todos "se voltam e circundam por sua orientação, para realizar tudo o que ele ordena sobre o rosto do mundo habitável. Seja por correção, seja por sua terra ou por amor, ele faz com que isso aconteça "(Jó 37: 12-13, ver 37: 6-12, Sl 148: 8). Deus faz com que o sol - que Jesus chama de *seu* sol - brilhe tanto sobre os justos quanto os injustos (Mateus 5:45), o que, por sua vez, faz crescer a erva e produz o produto da terra (Salmo 104: 14) . Ele determina a vida até mesmo do mais pequeno dos pássaros (Mateus 10:29) e fornece alimento para os animais que vagam sua criação (Salmo 104: 27; Matt. 6:26). Ele determina os limites das nações (Atos 17:26) e governa sobre eles (Salmo 22:28), removendo e estabelecendo reis (Daniel 2:21) e até mesmo transformando seus corações onde quer que deseje (Provérbios 21: 1). Que Deus transforma o seu coração indica que ele ordena até mesmo os desejos e escolhas livres dos homens, seja para o bem (Efésios 2:10) ou para o mal (Gn 45: 5-8; 50:20; 1 Sam. 2:25 , 2 Sam. 24: 1, Isaías 10: 1-8, Atos 2:23, 4: 27-28). MESMO EVENTOS APARENTEMENTE ALEATÓRIOS SÃO DETERMINADOS POR DEUS, POIS "A SORTE É LANÇADA NO COLO, MAS CADA DECISÃO É DO SENHOR " (Provérbios 16:33). Nem os eventos da vida pessoal dos homens escapam da ordenança soberana de Deus, porque ele supre todas as suas necessidades (Fil 4:19, Tiago 1:17), determina a duração de suas vidas (Jó 14: 5, Salmo 139: 16), e até mesmo dirige seus passos individuais (Provérbios 16: 9, Jeremias 10:23).

O DECRETO DE DEUS EO PROBLEMA DO MAL

Uma objeção natural que surge à doutrina da soberania exaustiva é que ela parece tornar Deus moralmente culpado pelo pecado. No entanto, enquanto Deus é propriamente dito para ordenar - e assim ser a causa final de - todas as coisas, ele nunca é a causa exigível do mal. A Escritura distingue entre a (1) Causa Final de uma ação e (2) as causas próximas e eficientes de uma ação, indicando que somente as causas próximas e eficientes são culpadas por uma ação maligna. Além disso, a Escritura também leva em consideração o motivo para uma ação maligna. Enquanto Deus ordena as más escolhas dos agentes morais livres, ele não os coagula; Em vez disso, agem de acordo com sua própria

liberdade de inclinação. Porque Deus nunca é a causa eficiente do mal e porque ele sempre ordena o mal para o bem, ele não incorre em culpa.

Esta teodicéia é substanciada por numerosas passagens na Bíblia, como o papel de Deus em enviar José para a escravidão (Gênesis 45: 5-8; 50:20), ao enviar Assíria para destruir Israel (Isaías 10: 1-8) E em incitar Davi a fazer o censo de Israel (2 Samuel 24: 1, 1 Crônicas 21: 1). Mas o exemplo mais claro vem do registro apostólico do maior evento do mal na história: o assassinato do Filho de Deus. Se Deus pode ser absolvido do erro para ordenar o maior mal, então não pode haver objeção à sua justiça em ordenar males menores.

Por exemplo, Herodes, Pôncio Pilatos, os gentios e o povo de Israel foram justamente culpados pela crucificação de Cristo (Atos 4:27). Na verdade, Pedro acusou abertamente os homens de Israel por seu crime (Atos 2:23, 36). E, no entanto, Pedro também disse explicitamente que esse mal era cumprido pelo decreto de Deus, isto é, "de acordo com o plano definido e a presciência de Deus" (Atos 2:23). De fato, Herodes, Pilatos, os judeus e os gentios se ajuntaram contra Jesus "para fazer o que *Deus* [*a*] mão e *seu* plano tinham *predestinado* para *acontecer* " (Atos 4: 27-28).

Pode-se observar, primeiramente , que Deus é a Causa *Final* da crucificação, tendo predestinado cada circunstância que levou à sua ocorrência e assim tornando-a certa. Segundo, os judeus eram uma causa *próxima* , tendo incitado os romanos a crucificar Cristo. Terceiro, Herodes, Pilatos e outros homens ímpios foram a causa *eficiente* , porque a crucificação foi realizada pela autoridade romana. Os judeus foram assim considerados como uma causa próxima, como Pedro lhes disse: " *Vocês* crucificaram e mataram [Jesus] *por mãos de* homens sem lei" (Atos 2:23). Que foram os romanos que realmente pregado Jesus a uma cruz fez os judeus não menos culpados por esse crime. E, no entanto, Deus, por cuja mão todas essas coisas aconteceram, Não é a causa exigível de qualquer mal, porque, enquanto os perpetradores significava que para o mal, Deus quis dizer para o bem. Como explica Jonathan Edwards (1703-1758)

> [É consistente dizer] que Deus decretou todas as ações dos homens, sim, cada ação que eles fazem que é pecaminosa, e cada circunstância dessas ações; [Que] ele determina que eles serão em todos os aspectos como eles são depois; [Que] ele determina que haverá tais ações, e assim obtém que eles serão tão pecaminosos como eles são; E ainda que Deus não decreta as ações pecaminosas como pecaminosas, mas decreta-as como boas. [...] decretando uma ação como pecaminosa, quero dizer decretando-a por causa da pecaminosidade da ação. Deus decreta que será pecaminoso por causa do bem que ele faz surgir da sua pecaminosidade, enquanto que o homem decreta por causa do mal que nele há.

Assim, Herodes, Pilatos, Judas e os judeus conspiraram para levar a cabo a crucificação porque queriam livrar-se deste homem que os acusou de seu pecado. Mas Deus ordenou o mal da cruz *para o bem* que traria, a saber, a salvação do seu povo do seu pecado. Tal explicação pode não satisfazer todas as objeções do homem caído, mas tal é a teodicéia que surge da própria Escritura. Nessa base, deve-se aceitar que, enquanto Deus é a causa suprema de todas as coisas, ele não é a causa exigível do mal.

DECRETO DE DEUS E PREDESTINAÇÃO

Porque o decreto de Deus é exaustivo, sua soberania se estende ao plano de redenção. De fato, a doutrina do decreto eterno e universal de Deus ea doutrina da predestinação não são doutrinas separadas; O último é um subconjunto do primeiro. Portanto, o que caracteriza o decreto de Deus para realizar todas as coisas também caracteriza seu decreto

relativo à salvação e condenação do homem. A predestinação de Deus para o homem é, portanto, eterna, incondicional, imutável e eficaz. O termo *predestinação* é muitas vezes *empregado* como sinônimo do decreto de Deus, uma vez que predestina todas as coisas. No entanto, também é usado de forma mais restrita para resumir as relações de Deus com o homem caído em relação à salvação e, nesse sentido, tem um significado duplo: A doutrina da predestinação diz respeito à decisão de Deus de eleger alguns para a salvação (eleição) e sua decisão de passar sobre os outros e puni-los por seus pecados (reprovação). Tal verdade necessita de uma discussão sobre eleição e reprovação por sua vez.

O Decreto de Eleição

O decreto de eleição é a escolha livre e soberana de Deus, feita na eternidade passada, para fixar seu amor em certos indivíduos e, com base em nada em si mesmos, mas somente por causa do bom prazer de sua vontade, escolhê-los para Ser salvo do pecado e da condenação e herdar as bênçãos da vida eterna através da obra mediadora de Cristo.

O CONCEITO BÍBLICO DA ELEIÇÃO

A doutrina da eleição é uma das doutrinas mais controversas da teologia cristã. As concepções equivocadas sobre a natureza de Deus, uma concepção não bíblica do amor e as noções de justiça humanas caídas fizeram com que muitos recusassem a idéia de que Deus escolheu incondicionalmente alguns e não outros para receber a salvação. Porque a soberana liberdade de Deus escandaliza a mente humana subversiva, alguns teólogos negaram totalmente o ensino bíblico sobre a eleição ea predestinação.

No entanto, tanto a terminologia como o conceito de eleição são ensinados explicitamente em toda a Escritura. Em Efésios 1: 4-5, Paulo escreve que o Pai " *escolheu* [Gk. *Eklegomai*] nEle [Cristo] antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele. No amor ele *predestinou* [Gk. *Proorizō*] nós para a adoção como filhos. "Em Romanos 8: 29-30, ele diz:" Para aqueles que ele [o Pai] foreknew previamente [Gk. *Proginōskō*] ele também *predestinou* [Gk. *Proorizō*] para ser conformado à imagem de seu Filho, a fim de que ele poderia ser o primogênito entre muitos irmãos. E aqueles que ele *predestinou* [Gk. *Proorizō*] ele também chamado. "No próximo capítulo,

> Embora ainda não tivessem nascido e não tivessem feito nada bom ou mau - para que o *propósito de* Deus *de eleição* [Gk. *Hē kat 'eklogēn prótese tou theou* , lit. "O propósito segundo a eleição de Deus"] pode continuar, não por causa das obras, mas por causa daquele que chama - foi-lhe dito: "O mais velho servirá o mais jovem." Como está escrito: "Eu amei, Esaú, eu odiava. "(Romanos 9: 11-13)

Talvez a declaração mais clara sobre a soberana eleição de Deus na salvação vem nas observações de Paulo aos Tessalonicenses: "Deus *escolheu* [Gk. *Haireomai*] desde o princípio *para a salvação* [*eis sōtērian*] através da santificação pelo Espírito e da fé na verdade "(2 Tessalonicenses 2:13).

Além dessas várias referências à escolha soberana e predestinada de Deus, o Novo Testamento também reconhece uma categoria de indivíduos designados "os eleitos" (Gk. *Hoi eklektoi*). Eles são os objetos específicos da escolha de salvação de Deus. É costumeiro que os apóstolos se refiram a todos os crentes como "escolhidos por Deus" (Colossenses 3:12, Tito 1: 1) ou "aqueles que são eleitos" (1 Tm 1: 1) 1: 4). É para os "eleitos de Deus" que Cristo foi entregue à morte; São justificados e salvos de todas as acusações e condenações (Romanos 8: 32-34). Por serem seus, Deus não se demora em

"dar justiça aos seus eleitos, que clamam a ele dia e noite" (Lucas 18: 7). É "por amor dos eleitos" que os dias da grande tribulação serão abreviados (Mateus 24:22, Marcos 13:20), Para que Cristo volte com seus anjos e "ajunte seus eleitos dos quatro ventos" a si mesmo (Mateus 24:31, Marcos 13:27). E é "por amor dos eleitos" que o apóstolo Paulo suportará suas muitas dificuldades ministeriais, para que aqueles que foram escolhidos por Deus na eternidade passada possam finalmente chegar a "obter a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna". 2 Tim. 2: 9-10). O leitor da Escritura simplesmente não pode negar que a doutrina da eleição é um ensinamento bíblico que permeia as páginas da revelação divina. Que aqueles que foram escolhidos por Deus na eternidade passada podem finalmente chegar a "obter a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna" (2 Timóteo 2: 9-10). O leitor da Escritura simplesmente não pode negar que a doutrina da eleição é um ensinamento bíblico que permeia as páginas da revelação divina. Que aqueles que foram escolhidos por Deus na eternidade passada podem finalmente chegar a "obter a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna" (2 Timóteo 2: 9-10). O leitor da Escritura simplesmente não pode negar que a doutrina da eleição é um ensinamento bíblico que permeia as páginas da revelação divina.

AS CATEGORIAS DE ELEIÇÃO

A Escritura emprega a terminologia da eleição em vários sentidos. Primeiro, Deus é dito para escolher, ou eleger, certas pessoas para um escritório ou para realizar uma tarefa específica de serviço. Ele escolheu as pessoas para a liderança sobre a nação de Israel, como no caso de Moisés (Números 16: 5-7) e Zorobabel (Hg 2:23). As Escrituras indicam que Deus escolheu aqueles que ele agradava ao ministério sacerdotal de Israel, tanto a tribo de Levi em geral (Deuteronômio 18: 1-5; 21: 5; 1Cr 15: 2) quanto os homens individualmente (por exemplo, 1 Sam. 2: 27-28). Assim como com o ofício de sacerdote, assim também Deus elegeu seus escolhidos para servir nos escritórios do rei (Deuteronômio 17:15, 1 Samuel 10:24, 1 Crônicas 28: 4-6, 29: 1) e profeta (Jer 1:10). O Pai também, de maneira especial, escolheu o Filho para a tarefa de realizar a salvação para os eleitos (Isaías 42: 1, Lucas 9:35, 1 Pedro 1:20, 2: 4, 6). Então,

Segundo, a Escritura também fala de eleição corporativa - a escolha de certas nações ou grupos para desfrutar de privilégios especiais ou prestar serviços exclusivos a Deus. Isso nunca é mais claro do que no caso da escolha de Deus de Israel para ser o destinatário de seu amor de pacto e bênçãos. Como Moisés declarou a lei de Deus para a segunda geração de israelitas se preparando para entrar na Terra Prometida, ele insistiu que sua relação de aliança com Yahweh estava enraizada em sua eleição soberana:

> O SENHOR teu Deus escolheu [Heb. *Bakhar*] para que *sejais* um povo para a sua possessão preciosa, de todos os povos que estão sobre a face da terra. Não foi porque você era mais em número do que qualquer outro povo que o SENHOR colocou seu amor [Heb. *Khashaq*] sobre você e escolheu [Heb. *Bakhar*] você, pois você era o menor de todos os povos. (Deuteronômio 7: 6-7)

> No entanto, em seus pais o SENHOR colocou Sua afeição [Heb. *Khashaq*] para amá-los, e Ele escolheu [Heb. *Bakhar*] seus descendentes depois deles, até mesmo você acima de todos os povos. (Deuteronômio 10:15 NASB, 4:37, 1 Reis 3: 8, Isaías 41: 8, 44: 1, 45: 4, Amós 3: 2)

Deus estabeleceu seu amor e afeição eleitor em Israel para ser sua possessão especial entre todas as nações da terra. Ele entrou em aliança com eles, e, como tal, sua escolha dessa nação é irrevogável. Embora a grande maioria da nação judaica seja atualmente inimiga do evangelho e cortada da bênção da aliança, no entanto chegará um tempo em

que "todo Israel será salvo" (Romanos 11:26), pois "Deus não rejeitou o seu povo A quem ele conheceu de antemão [Gk. *Proginōskō*] "(Romanos 11: 2). "Quanto à *eleição* [Gk. *Eklogē*], "Paulo diz," eles são amados por causa de seus antepassados. Pois os dons ea vocação de Deus são irrevogáveis "(Romanos 11: 28-29).

Finalmente, além da eleição para o serviço ea eleição corporativa, a Escritura claramente ensina que Deus escolhe certos indivíduos para a salvação. Alguns teólogos apontam para as várias passagens da Escritura que ensinam eleição vocacional ou eleição corporativa, a fim de argumentar contra a doutrina da eleição individual incondicional. No entanto, tal argumento é inválido. Não é contestado que a Escritura emprega a terminologia da eleição em múltiplos sentidos, mas a mera ocorrência de um sentido não é em si um argumento contra a legitimidade de qualquer outro sentido. Na verdade, a Escritura está repleta de referências à eleição individual à salvação. No Antigo Testamento, Neemias proclamou que Deus escolheu Abrão e entrou em aliança com Ele (Ne 9: 7), que o próprio Deus declarou desde o princípio: "Pois eu o escolhi, PARA QUE ELE ORDENE AOS SEUS FILHOS E À SUA CASA DEPOIS DELE QUE GUARDEM O CAMINHO DO SENHOR , fazendo justiça e justiça, para que o SENHOR possa trazer a Abraão o que prometeu "(Gênesis 18:19). Ele também escolheu Isaque sobre Ismael (Gn 17: 19-21, 21:12 e Rm 9: 7-9) e Jacó sobre Esaú (Romanos 9: 10-13) para ser filhos da promessa.

O Novo Testamento é especialmente claro que Deus escolheu indivíduos particulares para a salvação. Em primeiro lugar, torna explícita a relação entre eleição e salvação. O conhecimento e a predestinação de Deus estão intimamente ligados aos outros aspectos da aplicação da redenção, incluindo o chamado efetivo, justificação, santificação e glorificação (Romanos 8: 29-30). Paulo declara que a esfera da eleição de Deus está *em Cristo* (Efésios 1: 4), para que aqueles que são receptores da eleição de Deus sejam escolhidos em união com o Mediador de sua salvação. Além disso, ele indica que o propósito da eleição de Deus é para aqueles que ele escolheu para ser santo e irrepreensível diante dele como filhos adotados (Efésios 1: 5), claramente ligando a eleição à soteriologia. Lucas narra a conversão dos gentios na Antioquia Pisídica, observando que "todos os que foram nomeados [Gk. *Tassō*] para a vida eterna crida "(Atos 13:48), uma afirmação explícita de que os indivíduos acreditam porque são nomeados para a vida eterna. Usando uma linguagem semelhante, Paulo declarou aos tessalonicenses que Deus os "destinou [...] para obter a salvação [Gk. *Etheto ... eis peripoiēsin sōtērias*] "(1 *Tessalonicenses* 5: 9). E ele proclamou-lhes explicitamente: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Tessalonicenses 2:13). No caso da nação de Israel, embora a maioria tivesse rejeitado o Messias e estivesse endurecido, "os eleitos obtiveram" a salvação pela graça de Deus (Romanos 11: 7). *Tassō*] para a vida eterna crida "(Atos 13:48), uma afirmação explícita de que os indivíduos acreditam porque são nomeados para a vida eterna. Usando uma linguagem semelhante, Paulo declarou aos tessalonicenses que Deus os "destinou [...] para obter a salvação [Gk. *Etheto ... eis peripoiēsin sōtērias*] "(1 *Tessalonicenses* 5: 9). E proclamou-lhes explicitamente: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Tessalonicenses 2:13). No caso da nação de Israel, embora a maioria tivesse rejeitado o Messias e estivesse endurecido, "os eleitos obtiveram" a salvação pela graça de Deus (Romanos 11: 7). *Tassō*] para a vida eterna crida "(Atos 13:48), uma afirmação explícita de que os indivíduos acreditam porque são nomeados para a vida eterna. Usando uma linguagem semelhante, Paulo declarou aos tessalonicenses que Deus os "destinou [...] para obter a salvação [Gk. *Etheto ... eis peripoiēsin sōtērias*] "(1 *Tessalonicenses* 5: 9). E proclamou-lhes explicitamente: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Tessalonicenses 2:13). No caso da nação de Israel, embora a maioria tivesse rejeitado o

Messias e estivesse endurecido, "os eleitos obtiveram" a salvação pela graça de Deus (Romanos 11: 7). Paulo declarou aos tessalonicenses que Deus os "destinou [...] para obter a salvação" (Gk. *Etheto ... eis peripoiēsin sōtērias*] "(1 *Tessalonicenses* 5: 9). E proclamou-lhes explicitamente: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Tessalonicenses 2:13). No caso da nação de Israel, embora a maioria tivesse rejeitado o Messias e estivesse endurecido, "os eleitos obtiveram" a salvação pela graça de Deus (Romanos 11: 7). Paulo declarou aos tessalonicenses que Deus os "destinou [...] para obter a salvação [Gk. *Etheto ... eis peripoiēsin sōtērias*] "(1 *Tessalonicenses* 5: 9). E proclamou-lhes explicitamente: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Tessalonicenses 2:13). No caso da nação de Israel, embora a maioria tivesse rejeitado o Messias e estivesse endurecido, "os eleitos obtiveram" a salvação pela graça de Deus (Romanos 11: 7).

Como, portanto, não pode haver dúvida de que a eleição está intimamente ligada à salvação, os opositores desta doutrina questionam os objetos próprios da eleição. Isto é, enquanto admitem que a eleição se refere claramente à salvação, eles afirmam que essa eleição é corporativa e não individual. Em outras palavras, Deus não escolhe pessoas específicas para receber a salvação, mas prefere salvar uma classe ou categoria de pessoas que confiam em Cristo. Assim como Deus escolheu a nação de Israel corporativamente no Antigo Testamento, agora, na época da nova aliança, Deus elege a igreja como um corpo corporativo. Assim, quando Paulo declara que Deus " *nos* escolheu em [Cristo] antes da fundação do mundo" (Efésios 1: 4), o "nós" é plural e portanto refere-se à igreja como um corpo corporativo, não Para indivíduos.

No entanto, esta é uma afirmação tênue, já que o pronome em primeira pessoa do plural era a única opção que não confundia a intenção de Paulo. Se ele tivesse usado a primeira pessoa singular *eu* , ele teria comunicado que Deus tinha escolhido apenas ele, o que certamente não era a sua intenção. Nem ele teria usado a segunda pessoa do singular *você* , pois ele estava escrevendo para todos os santos (gr. *Hagioi toi* , Ef 1:. 1) em Éfeso, não apenas um indivíduo. Além disso, se ele tinha usado a segunda pessoa do plural *você* , ele poderia ter se enganado ao dizer que apenas os Efésios foram escolhidos, que também não era a sua intenção. *A primeira pessoa do plural nós* era a única opção que iria comunicar que Deus tinha escolhido cada crente em Cristo de acordo com a sua vontade soberana. Assim, esse argumento isolado para a eleição corporativa com base na pluralidade do objeto direto em Efésios 1: 4 não derruba o ensinamento claro da Escritura.

Outro argumento para a eleição corporativa é construído sobre a declaração de Paulo que os crentes são escolhidos em Cristo. Uma vez que Cristo é o arquétipo de Deus, eleito um (Isaías 42: 1, Lucas 9:35, 1 Pedro 1:20, 2: 4, 6), Deus escolheu somente Cristo como um indivíduo; Os crentes se tornam parte dos eleitos no momento da fé em virtude de sua união com Cristo. Vários problemas surgem desta posição. Primeiro, ele não faz justiça ao fato de que Paulo diz que Deus " *nos* escolheu " em Cristo (Efésios 1: 4); O objeto direto da eleição de Deus é "nós", não "ele". Segundo, a eleição corporativa é estranha ao contexto, pois cada uma das bênçãos salvíficas descritas em Efésios 1: 3-14 é recebida por indivíduos. Na salvação, os indivíduos recebem bênçãos espirituais (1: 3); Os indivíduos são santificados e irrepreensíveis (1: 4); Os indivíduos são adotados como filhos e filhas de Deus (1: 5); Os indivíduos recebem graça livremente concedida (1: 6); E os indivíduos foram redimidos (1: 7-8) e selados com o Espírito (1:13). Essas duas bênçãos finais são inquestionavelmente pessoais e individuais; Cada crente individual, não apenas um grupo indefinido, foi resgatado por Cristo e selado com o Espírito. Da mesma forma, os indivíduos são o objeto próprio da bênção espiritual da eleição. Em terceiro lugar, Paulo ensina que Deus escolheu indivíduos insensatos, fracos e baixos - não apenas uma massa sem nome e sem rosto - para que nenhum indivíduo se glorie

diante dele (1Cor 1,27-31). Deus não escolheu Cristo e deixou a humanidade unir-se a Cristo pela fé. Como diz Boettner, Tal esquema "faz com que os propósitos do Deus Todo-Poderoso sejam condicionados pelas precárias vontades dos homens apóstatas e faz com que os eventos temporais sejam a causa de Seus atos eternos". No entanto, Paulo ensina que Deus nos escolheu em Cristo "antes da fundação do mundo "(Efésios 1: 4), não no momento de nossa fé. *É por sua* ação - não nossa - que estamos em Cristo Jesus (1 Coríntios 1:30).

Portanto, embora seja verdade que Deus escolheu seu povo para ser uma comunhão, o corpo corporativo da igreja é composto de membros individuais, a quem Deus conhece pessoalmente pelo nome (Êxodo 33:12, 17, Isaías 45: 4). Jesus, como o Bom Pastor, insistiu que ele conhecia pessoalmente as suas ovelhas (João 10:14) - mesmo aqueles que ainda não existiam (João 17: 20-21) - que lhe foram dados pelo Pai (João 10:28). 6:37, 39, 44, 65, 17: 2). Ele disse ao Pai de suas ovelhas: "Teus são, e tu me destes a mim" (João 17: 6). De toda a eternidade, o Pai escolheu tanto os indivíduos particulares que se dizem que são dele, e são estas ovelhas preciosas que ele confia ao Pastor. A eleição é tão intimamente pessoal que os nomes dos escolhidos pelo Pai foram escritos no livro da vida desde antes da fundação do mundo (Apocalipse 13: 8; 17: 8; 21:27). Claramente, Deus escolheu indivíduos para a salvação.

A BASE DA ELEIÇÃO

Na definição acima de eleição, foi afirmado que a escolha de Deus de certos indivíduos é feita não com base em nada nesses indivíduos, mas apenas por causa do soberano e bom prazer da vontade de Deus. Isso quer dizer que a eleição é *incondicional* ; A escolha de Deus dos indivíduos para a salvação não se baseia em qualquer virtude ou dignidade que Deus vê nesses indivíduos. Como Moisés disse ao povo de Israel: "Não foi porque sois mais numeroso do que qualquer outro povo, que o SENHOR lhe deu o seu amor e te escolheu, pois tu és o menor de todos os povos" (Deuteronômio 7: 7) . Em outras palavras, não havia nada em Israel que os recomendasse a Deus como uma base para escolhê-los. Em vez disso, ele continuou, "É PORQUE O SENHOR O ama e está guardando o juramento que jurou a seus pais" (Dt 7: 8). Moisés é quase tautológico: Deus estabeleceu o seu amor no seu povo na eleição, porque ele os ama. Quando a pergunta é feita, por que Deus escolhe uma pessoa sobre outra? A resposta não pode ser porque essa pessoa fez isso ou aquilo, mas sim porque Deus agiu de acordo com a liberdade soberana da sua vontade (Efésios 1: 5).

A Doutrina Arminiana da Eleição Condicional . Os teólogos arminianos rejeitam o ensino da eleição incondicional. Eles alegam que seria injusto para Deus salvar alguns e não outros, todas as coisas sendo iguais entre eles. Em vez disso, com base no comentário de Paulo sobre a presciência de Deus em Romanos 8:29, postulam que Deus escolheu aqueles a quem salvará, porque na eternidade passada olhou para o futuro e previu quem creria em Cristo e quem o rejeitaria . Deus é muitas vezes retratado como "olhando para os corredores do tempo" e descobrir aqueles que, de acordo com sua própria vontade, crerem em Cristo - eles escolheram salvar com base na sua fé prevista. Descobrindo que o resto iria rejeitar Cristo, ele decidiu não salvá-los com base na sua falta de fé. Por esta razão, Esse ponto de vista é muitas vezes chamado de visão de *fé prevista* , a visão *prescient* , ou a visão de *preconceito simples* de eleição. Assim, a concepção

arminiana de eleição repousa a causa última da salvação no homem, não em Deus; Eleição é simplesmente a ratificação de Deus das escolhas que ele prevê que os indivíduos fariam.

Há vários problemas significativos com a visão presciente da eleição. Em primeiro lugar, postula que os eventos da realidade estão de alguma forma desconectados do próprio Deus. Quando Deus "olha para o futuro", diz-se, ele descobre o que acontecerá independentemente de seu decreto soberano e então tomará decisões com base no que aprende por sua chamada presciência. Além de minar fundamentalmente a onisciência de Deus, esta posição não entende que os eventos do futuro ocorrem precisamente porque Deus decretou que eles ocorressem. Como foi demonstrado acima, Deus "faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua própria vontade" (Efésios 1:11, Salmos 115: 3, 135: 6, Isaías 46:10, Dn 4:35). Assim, Deus não forma seu decreto porque conhece o futuro; Antes, ele conhece o futuro porque decretou o futuro.

Segundo, a visão presciente da eleição também mal interpreta fundamentalmente a natureza da presciência de Deus, especialmente como ensinado em Romanos 8:29. Para começar, este versículo não diz que Deus conheceu de antemão fatos relativos às ações ou escolhas de suas criaturas; Diz que Deus conheceu de antemão as *pessoas* particulares: "Porque *aqueles que* ele conheceu", isto é, "os que amam a Deus" e "os que são chamados segundo o seu propósito" - também predestinou "(Romanos 8: 28-29).). Se o conhecimento prévio mencionado em Romanos 8:29 é, como argumenta o Arminiano, equiparado simplesmente a "conhecer antecipadamente" (isto é, a simples presciência), que sentido poderia fazer para falar de um subconjunto de pessoas dentro do conjunto maior Daqueles a quem Deus tem conhecido? Se ele é onisciente, ele deve ter conhecido antecipadamente todos, Não apenas aqueles a quem predestinou para se conformar à imagem de Cristo. Contudo, se "aqueles a quem ele conheceu" inclui cada indivíduo na história sem exceção, deve-se comprometer com a doutrina da salvação universal e final. Para Romanos 8: 29-30 ensina que aqueles a quem ele conheceu de antemão também predestinou a tornar-se conformado à imagem de Cristo, e aqueles que ele predestinou ele efetivamente chamado por seu Espírito, e aqueles que ele chamou de justificado e glorificado. A interpretação arminiana empala assim seus defensores nos chifres de um dilema: para ser coerente com sua interpretação da presciência, eles devem ou (a) negar a onisciência de Deus (isto é, afirmar que conheceu de antemão apenas aqueles que são salvos), ou (b) Abraçar a salvação final universal (ou seja, afirmar que todos aqueles que ele conheceu de antemão, ou seja, todos, Será finalmente justificado e glorificado). O Arminiano nega, com razão, ambas as conclusões, que violam a Escritura, mas o faz às custas da consistência do sistema arminiano.

Na *realidade* , o verbo grego *proginōskō* em Romanos 8:29 não fala de simples presciência, mas do conhecimento que caracteriza uma relação íntima e pessoal. Há dois outros lugares no Novo Testamento em que *proginōskō* fala da *presciência* de Deus. Na primeira, o apóstolo Pedro escreve: "Ele [Cristo] foi conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado nos últimos tempos por amor de vós" (1 Pe 1:20). Se a presciência não significa nada mais do que Deus olhando para frente para ver o que vai acontecer, este versículo não tem sentido. Para ser coerente com a definição do simples conhecimento prévio, ter-se-ia que dizer que este versículo significa que Deus olhou para os corredores do tempo, descobriu que Cristo voluntariamente deitaria sua vida pelos pecadores, E então nessa base decidiu nomeá-lo o Mediador entre Deus eo homem. Em vez disso, a intenção de Pedro é apontar para o conhecimento íntimo da relação pessoal entre o Pai e o Filho no conselho trinitário da redenção. A outra ocorrência vem em Romanos 11: 2, onde Paulo emprega o termo com respeito a Israel, dizendo: "Deus não rejeitou o seu povo que ele conheceu". Mais uma vez, não podemos concluir que Israel era o único povo de quem Deus era consciente; Em vez disso, o ponto de Paulo é enfatizar

a íntima relação entre Deus e Israel fundada sobre os convênios da promessa. Onde Paulo emprega o termo com respeito a Israel, dizendo: "Deus não rejeitou o seu povo que conheceu de antemão". Mais uma vez, não podemos concluir que Israel era o único povo de quem Deus estava ciente; Em vez disso, o ponto de Paulo é enfatizar a íntima relação entre Deus e Israel fundada sobre os convênios da promessa. Onde Paulo emprega o termo com respeito a Israel, dizendo: "Deus não rejeitou o seu povo que conheceu de antemão". Mais uma vez, não podemos concluir que Israel era o único povo de quem Deus estava ciente; Em vez disso, o ponto de Paulo é enfatizar a íntima relação entre Deus e Israel fundada sobre os convênios da promessa.

Esta compreensão do *proginōskō* é substanciada pelo seu equivalente hebraico do Antigo Testamento, *yada ′* , que, embora muitas vezes usado para falar de conhecimento simples, muitas vezes carrega a conotação de íntimo, conhecimento pessoal. Talvez a ilustração mais vívida desse significado seja o uso da *yada* por parte das Escrituras para se referir às relações sexuais entre um homem e uma mulher. Os registros relato de Gênesis, "E conheceu Adão [*yada′*] Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim" (Gn 4: 1), e "Adam sabia [*yada′*] a sua mulher, e ela deu à luz um filho e Chamou seu nome Seth "(Gênesis 4:25, 4:17, 19: 5, 8, 24:16, 38:26, Judg. 11:39, 19:25, 21: 11-12, 1 Sam 1:19). *Tão pessoal e íntimo é o conhecimento conotado por yada ′* que descreve adequadamente a união sexual entre um marido e uma esposa. Nenhum simples "conhecimento simples" resulta na concepção de crianças! Além disso, como Deus contempla escondendo a destruição de Sodoma de Abraão, ele diz: "Porque eu escolhi [*yada′*] ele, para que ordene a seus filhos ea sua casa depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR , fazendo justiça e justiça , Para que o SENHOR possa trazer a Abraão o que lhe prometeu "(Gênesis 18:19). O conhecimento conotado por *yada* descreve tão apropriadamente a eleição pessoal e soberana de Deus que todas as traduções modernas traduzem como "escolhido" (ESV, HCSB, NASB, NIV). Uma dinâmica semelhante está em jogo em Amós 3: 2, *em que Deus diz a Israel: "Você somente conheci [yada′*] de todas as famílias da terra." Assim como em Romanos 11: 2, isso não pode significar que Israel foi o grupo únicas pessoas que Deus tinha conhecido *sobre* mas sim Aponta para a íntima relação de aliança entre Deus e Israel fundamentada em sua escolha soberana deles (Dt 7: 6-8). De fato, várias traduções tornam *yada ′* como *′* escolhido *′* para adequadamente trazer a força do verbo (NASB, NIV). *isso não pode significar que Israel foi o grupo únicas pessoas que Deus tinha conhecido sobre* mas sim aponta para a relação de aliança íntima entre Deus e Israel baseada na sua escolha soberana deles (Deut. 7: 6-8). De fato, várias traduções tornam *yada ′* como *′* escolhido *′* para adequadamente trazer a força do verbo (NASB, NIV). *isso não pode significar que Israel foi o grupo únicas pessoas que Deus tinha conhecido sobre* mas sim aponta para a relação de aliança íntima entre Deus e Israel baseada na sua escolha soberana deles (Deut. 7: 6-8). De fato, várias traduções tornam *yada ′* como *′* escolhido *′* para adequadamente trazer a força do verbo (NASB, NIV).

Ainda mais, como Moisés pede para a presença de Deus para acompanhar Israel, Deus lhe diz: "Esta mesma coisa que você falou eu o farei, pois achaste graça aos meus olhos, e eu sei [*yada′*] pelo nome" (Êxodo 33:17, ver 33:12). Aqui o conceito de ser conhecido pelo nome é paralelo a ter encontrado favor à vista de Deus. Naturalmente, Deus conhece cada indivíduo pelo nome no sentido literal, porque é onisciente. Mas, nesse sentido, Deus, conhecendo-o por nome, é sinônimo de ter-lhe agraciado com seu favor. Um comentário semelhante conclui o primeiro salmo, onde o salmista declara: "O SENHOR sabe [*yada′*] o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá" (Sl. 1: 6). Em virtude de sua onisciência, Deus conhece o caminho de cada homem. No

entanto, a intenção do salmista é dizer que Deus graciosamente favorece o justo e protege o seu caminho de perecer. *Finalmente, a conexão entre esse conhecimento íntimo e amor é desenhada no paralelismo sinônimo do Salmo 91:14, onde Deus fala do crente: " Porque Ele me amou* , então eu o livrarei; Eu o colocarei firmemente no alto, *porque ele conheceu o meu nome* "(NASB).

O termo *yada '* é a contraparte hebraica não só para *proginōskō,* mas também para o seu *ginōskō* cognato , que pode ter um *significado semelhante* também. Para aqueles que chamaram a Cristo, mas nunca fez a vontade de seu Pai, Jesus declara: "Eu nunca conheci [*ginōskō*] você" (Mateus 7:23). Em 1 Coríntios 8: 3, Paulo define o crente e amante de Deus como aquele que é " *conhecido* por Deus" (Gálatas 4: 9), e em 2 Timóteo 2:19, ele declara: "O O Senhor conhece [*ginōskō*] aqueles que são seus "(João 10:15, 27). Se alguém aceitar o conceito arminiano de simples presciência, o conhecimento nesses versículos não seria o conhecimento íntimo da relação, mas o conhecimento nu. No entanto, isso tornaria impossível para Jesus dizer, "Eu nunca vos conheci" (Mateus 7:23), porque o Senhor conhece todos os homens; Ele é onisciente (João 16:30; 21:17). Mais uma vez, a doutrina da presciência simples é mostrada para fazer violência à onisciência de Deus.

Portanto, o testemunho de *proginōskō* , seu próximo *ginōskō* cognato , e sua contraparte do Antigo Testamento, *yada '* , confirma que o sentido do conhecimento de Deus usado em Romanos 8:29 não fala de um simples conhecimento de fatos, mas sim de uma íntima relação de aliança Fundamentado na escolha soberana de Deus e marcado por seu favor e amor. Quando Paulo declara que Deus tem *pessoas* conhecidas, ele está indicando que Deus determinou estabelecer seu amor e favor eleitorizante sobre elas, separando-as para um relacionamento íntimo, pessoal e salvador com ele. Para antecipar é "amar". Nesse sentido, tanto a presciência de Romanos 8:29 quanto a predestinação que Paulo traz na próxima frase são simplesmente sinônimos da eleição de Deus. A predestinação fala de eleição sob a perspectiva da soberania de Deus, enquanto a presciência fala de eleição sob a perspectiva de seu amor. Assim, a doutrina arminiana da simples presciência não pode ser sustentada a partir de Romanos 8:29, e sem ela não há apoio bíblico para a doutrina da eleição condicional baseada na fé prevista.

Deus incondicional, Eleger amor . Não só não existe base bíblica para a eleição condicional, mas também as Escrituras explicitamente testificam o contrário. Em Efésios 1: 4, depois de identificar os beneficiários da eleição (isto é, cada crente individual) ea esfera de eleição (isto é, a união com Cristo), Paulo comenta sobre o momento da eleição, ou seja, "antes da fundação do mundo . "A eleição do Pai foi um decreto eterno, anterior à criação e à história. Assim como o Pai amou o Filho "antes da fundação do mundo" (João 17:24) e conheceu de antemão o Filho "antes da fundação do mundo" (1Pe 1:20), assim foram os eleitos amados e conhecidos antes O fundamento do mundo, em virtude de Deus escolhê-los - essa graça tendo sido "concedido em Cristo Jesus *de toda a eternidade* " (2 Tim. **1: 9 NASB). Uma implicação importante dessa realidade - de fato, o ponto de Paulo ao discutir o momento da eleição - é excluir o mérito pessoal como seu fundamento. Nenhuma circunstância temporal ou características pessoais influenciaram a eleição de seu povo pelo Pai, pois era um decreto feito antes do tempo começar.**

Paulo então passa a declarar explicitamente a base da escolha de Deus: "Em amor nos predestinou para a adoção como filhos através de Jesus Cristo para si mesmo, de acordo com o beneplácito de sua vontade" (Gk. *Kata tēn eudokian tou thelēmatos autou*] "(Efésios 1: 4-5, trans do autor). A frase preposicional "de acordo com" (*kata* mais o acusativo) indica o padrão ou base de uma ação. Assim, Paulo diz que a predestinação é realizada de acordo com o padrão ou com base no bom prazer da vontade de

Deus. Embora tanto o *eudokia* ("bom prazer") quanto o *thelēma* ("vontade") por si mesmos expressassem adequadamente a intenção de Paulo, ele emprega ambos os termos em repetição sinônima para enfatizar a liberdade absoluta de Deus na eleição. Isso causa um golpe fatal à suposição de que a eleição foi condicionada à fé - ou a qualquer outra coisa que o pecador possa pensar ou fazer. *Se a base da escolha de Deus fosse a fé prevista ou as ações daqueles que ele escolheu, Paulo teria que escrever que Deus "nos predestinou ... de acordo com sua presciência de nossa fé". No entanto, ele afirma explicitamente que foi o bom prazer de A vontade de Deus* , não a vontade do homem, essa foi a base de sua escolha. Simplesmente, se a eleição foi condicionada à fé, como argumenta o Arminiano, Paulo falou em Efésios 1: 5. Ao contrário, semelhante aos comentários de Moisés a Israel em Deuteronômio 7: 6-8, a razão pela qual o Senhor colocou seu amor por conta própria não é porque eles se recomendaram a ele de qualquer maneira, mas apenas porque, no exercício de seu soberano liberdade,

Paulo desenvolve e ilustra este conceito mais em Romanos 9: 6-18. Ele relata as relações de Deus com Isaque sobre Ismael e Jacó sobre Esaú para ilustrar sua liberdade soberana ao escolher a sua própria para a salvação. Enquanto sua escolha de Isaac sobre Ismael ilustra que ele é um Deus discriminador, sua escolha de Jacó sobre Esaú dá uma visão específica sobre a natureza incondicional da eleição. Paulo escreve: "Ainda que ainda não nascessem e não tivessem feito nada bom ou mau - para que o propósito de eleição de Deus pudesse continuar, não por causa das obras, mas por causa daquele que chama - [Rebeca] foi dito: Servir o mais novo. Como está escrito: "Eu amava a Jacó, mas Esaú odiava" (Romanos 9: 11-13). Assim como Paulo fez quando declarou que a eleição ocorreu "antes da fundação do mundo" em Efésios 1: 4, Então aqui ele faz o ponto de que a escolha de Deus é anterior a Jacó e Esaú precisamente para excluir o mérito pessoal como o fundamento de sua decisão. No ponto da escolha de Deus, eles não tinham feito nada de bom ou mau; Nenhuma das ações malignas de Esaú prejudicou Deus contra ele, e nenhuma das ações justas de Jacó prejudicou Deus a seu favor. Em vez disso, Deus escolheu Jacó sobre Esaú "para que o propósito de eleição de Deus pudesse continuar" (Romanos 9:11) - novamente fundamentando a escolha de Deus em seu próprio propósito soberano.

Paul fica mais claro enquanto ele continua. Acrescentando uma negação explícita, ele continua dizendo que a eleição de Deus "não é por causa das obras, mas por causa daquele que chama" (Romanos 9:11). À declaração de que Deus havia escolhido Jacó sobre Esaú *antes de* terem feito algo bom ou mau, alguns respondem que, embora isso seja verdade, Deus ainda poderia ter baseado sua escolha nas ações *futuras* previstas de Jacó e Esaú. Aqui, porém, Paulo repudia essa noção. Ele afirma inequivocamente que a escolha *não* foi por causa de obras em tudo, em qualquer sentido. Pelo contrário, foi por causa *daquele* que chama.

Esta declaração é a anulação da eleição condicional baseada na fé prevista. Em todas as cartas de Paulo, ele contrasta regularmente obras e fé:

> Então o que acontece com a nossa jactância? É excluído. Por que tipo de lei? Por uma lei de *obras* ? Não, mas pela lei da *fé* . Porque acreditamos que alguém é justificado pela *fé*, sem as *obras* da lei. (Romanos 3: 27-28)

> O que diremos, então? Que os gentios que não perseguiram a justiça alcançaram isto, isto é, uma justiça que é pela fé; Mas que Israel, que perseguia uma lei que levaria à justiça, não conseguiu alcançar essa lei. Por quê? Porque eles não a perseguiram pela *fé* , mas como se ela fosse baseada em *obras* . (Romanos 9: 30-32)

> Contudo, sabemos que uma pessoa não é justificada pelas *obras* da lei, mas pela *fé* em Jesus Cristo, assim também nós cremos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela *fé* em Cristo e não pelas *obras* da lei. (Gálatas 2:16)
>
> Recebestes o Espírito por *obras* da lei ou ouvindo com *fé* ? ... O que vos entrega o Espírito e faz milagres entre vós faze-o por *obras* da lei, ou ouvindo com *fé* ? (Gálatas 3: 2, 5)

Portanto, quando alguém chega a sua declaração em Romanos 9:11 e lê que a eleição é "não por causa das obras", é natural esperar que ele diga, "mas por causa da fé". Se o Espírito quisesse transmitir que o condicionamento Base da eleição foi a fé, não houve melhor oportunidade para revelá-lo do que nesta passagem. No entanto, o apóstolo rompe com seu padrão consistente de obras e fé contrastantes, precisamente porque a eleição não é baseada na fé. Ele declara, antes, que "não é por causa das obras, mas por causa *daquele* que chama". Mais uma vez, a base da escolha eletiva de Deus baseia-se no próprio Deus, o que significa que a eleição é baseada no bom prazer da própria vontade de Deus (Efésios 1: 5). Enquanto a fé é uma condição de justificação, não é uma condição de eleição. A eleição é incondicional.

Paulo reconhece que quando sua doutrina confronta o raciocínio humano caído, a resposta será acusar Deus de injustiça (Romanos 9:14). Isso é significativo porque a doutrina arminiana da eleição condicional nunca atrairia essa objeção. Quem acusaria Deus de ser injusto por escolher salvar as pessoas com base na sua aceitação ou rejeição previstas de Jesus? Somente a doutrina da escolha incondicional de Deus de alguns e não de outros provoca acusações de injustiça. Mas Paulo não desiste. Ele cita a própria declaração de Deus a Moisés: "Terei misericórdia de quem tenho misericórdia, e terei misericórdia de quem tenho misericórdia" (Romanos 9:15), e conclui: "Então, [eleição] não depende do homem que quer [Gk. *Ou tou thelontos*] ou o homem que corre [Gk. *Oude tou trechontos*], mas a Deus que tem *misericórdia* "(Romanos 9:16). Este versículo deve ser suficiente para terminar a controvérsia sobre a salvação ea vontade do homem. Paulo nega inequivocamente que a vontade humana eo esforço humano têm algo a ver com a base da eleição de Deus para a salvação. Nem a fé nascida da vontade humana, nem as obras de amor nascidas do esforço humano constituem a base da escolha de Deus por seu povo. Em vez disso, a eleição depende de *Deus* que tem misericórdia, uma vez mais uma afirmação de que a base decisiva para a eleição é a própria vontade soberana de Deus. A eleição é incondicional. Paulo nega inequivocamente que a vontade humana eo esforço humano têm algo a ver com a base da eleição de Deus para a salvação. Nem a fé nascida da vontade humana, nem as obras de amor nascidas do esforço humano constituem a base da escolha de Deus por seu povo. *Em vez disso, a eleição depende de Deus* que tem misericórdia, uma vez mais uma afirmação de que a base decisiva para a eleição é a própria vontade soberana de Deus. A eleição é incondicional. Paulo nega inequivocamente que a vontade humana eo esforço humano têm algo a ver com a base da eleição de Deus para a salvação. Nem a fé nascida da vontade humana, nem as obras de amor nascidas do esforço humano constituem a base da escolha de Deus por seu povo. *Em vez disso, a eleição depende de Deus* que tem misericórdia, uma vez mais uma afirmação de que a base decisiva para a eleição é a própria vontade soberana de Deus. A eleição é incondicional.

Um problema final relativo à doutrina da eleição condicional é que ela é incapaz de escapar da acusação de minar a doutrina da salvação somente pela graça (*sola gratia*). Fundamentando o propósito de eleição de Deus na fé prevista do homem e não na vontade soberana de Deus, o Arminiano finalmente torna o homem a causa determinante da salvação e não Deus. Nesta visão, o que diferencia a pessoa salva dos não salvos não é algo que Deus fez, mas algo que o homem fez. Para a pergunta de Paulo

em 1 Coríntios 4: 7, "Para quem faz você diferir de outro?" (NKJV), o Arminiano, se ele deve ser consistente, deve finalmente responder: "Faço a diferença. Deus me escolheu e não o meu próximo porque ele previu que eu creria livremente e meu vizinho não o faria. "Nesse caso, o crente tem motivos para se vangloriar. Mas Paulo responde que Deus escolheu os insensatos, os fracos ea base, não os sábios, os fortes e os fiéis, "para que ninguém se glorie diante de Deus. *Mas, por meio dele* , vocês estão em Cristo Jesus "(1 Coríntios 1: 29-30 NVI). Grudem resume útil:

> O que *finalmente* faz a diferença entre aqueles que acreditam e aqueles que não acreditam? Se a nossa resposta é que ela é baseada em algo que Deus faz (isto é, sua eleição soberana daqueles que seriam salvos), então vemos que a salvação em seu nível mais fundamental é baseada *somente* na *graça* . Por outro lado, se respondemos que a diferença última entre aqueles que são salvos e aqueles que não são é por causa de *algo no homem* (isto é, uma tendência ou disposição de acreditar ou não crer), então a salvação depende em última análise de uma combinação Da graça mais a capacidade humana.

O Decreto de Reprovação

As bênçãos salvadoras que fluem da eleição soberana de Deus não são desfrutadas por todos os que são feitos à Sua imagem. O Senhor Jesus diz que poucos entrarão no portão estreito que leva à vida, mas que muitos vão percorrer o caminho largo para a destruição (Mateus 7: 13-14). Ele ensina que haverá ovelhas e cabras - aqueles que herdarem a vida eterna e outros que vão para o castigo eterno (Mt 25:46). Mais sucintamente, ele declara que "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" (Mt 22:14). Assim, a Escritura instrui que, em sua inescrutável sabedoria, Deus não escolheu salvar todos os homens. Sua eleição é particular, não universal. Diante disso, devemos indagar sobre o destino daqueles que ele não escolheu salvar.

Porque o decreto de Deus é exaustivo, a doutrina da predestinação se estende não só à sua decisão de eleger alguns para a salvação, mas também à sua decisão de não eleger os outros e assim deixá-los à destruição que seus pecados merecem. Assim como Deus determinou o destino eterno dos pecadores que eventualmente serão salvos, assim também determinou o destino daqueles pecadores que eventualmente serão perdidos. O primeiro é o decreto de eleição; O último é o decreto de reprovação.

A DECLARAÇÃO DA DOUTRINA

O decreto de reprovação é a escolha livre e soberana de Deus, feita na eternidade passada, para passar por cima de certos indivíduos, escolhendo não estabelecer seu amor salvador sobre eles, mas sim determinando puni-los por seus pecados para a ampliação de sua justiça.

A doutrina da reprovação é um ensinamento difícil de aceitar. Não é agradável contemplar as misérias do sofrimento eterno em si, e muito menos considerar que o Deus que é amor e é por natureza um Salvador, determinou soberanamente entregar os pecadores a um fim tão miserável. Porque tão facilmente ofende a sensibilidade do homem caído, muitos cristãos que abraçam a doutrina da eleição, rejeitam completamente a doutrina da reprovação. Esse é também o caso porque a doutrina é tão facilmente e tão frequentemente mal interpretada. Devido a isso, é necessário afirmar o que precisamente fazemos e não acreditamos em relação à doutrina da reprovação.

Em primeiro lugar, a reprovação é freqüentemente confundida erradamente com a doutrina da igualdade final. A igualdade absoluta ensina que as ações de Deus na eleição e na reprovação são perfeitamente simétricas, de modo que Deus é tão ativo na

incredulidade no coração do réprobo quanto na fé no coração dos eleitos. Ele retrata Deus na eternidade passada, contemplando toda a humanidade ainda não caída e moralmente neutra e arbitrariamente decidindo trabalhar o pecado e a incredulidade no réprobo, a fim de ser justificada em relegá-los ao castigo eterno. Embora isto seja o que muitos pensam quando ouvem os termos *reprovação* ou *dupla predestinação* , é uma caricatura grosseira da doutrina bíblica da reprovação que é totalmente estranha à Escritura, repugnante ao amor e à justiça de Deus,

Em vez disso, as Escrituras ensinam uma dualidade desigual com relação à eleição e reprovação - isto é, enquanto Deus de fato decreta a salvação de alguns e a condenação de outros, há uma assimetria necessária nesses decretos. Tal assimetria é observada em Romanos 9: 22-23, por exemplo, onde Paulo usa a voz ativa para falar do envolvimento de Deus na eleição ("vasos de misericórdia, que ele preparou de antemão para a glória") ea voz passiva para falar De seu envolvimento na reprovação ("vasos de ira preparados para a destruição"). Quando Deus escolheu alguns e não outros para a salvação, ele os considerou não como moralmente neutros, mas como criaturas já caídas. Isso não quer dizer que eles já foram criados e caídos, pois o decreto de Deus é eterno e, portanto, pré-temporal. Pelo contrário, desde a eternidade, antes que alguém tivesse sido criado, Deus concebeu ou contemplou todas as pessoas à luz de sua queda em Adão e, portanto, como criaturas pecaminosas. No caso dos eleitos, ele intervém ativamente - estabelecendo seu amor neles, determinando nomear Cristo como seu Salvador e enviar o Espírito para vivificá-los soberanamente da morte espiritual para nova vida em Cristo. No caso do não-eleito, no entanto, ele não intervém, mas simplesmente os passa, escolhendo deixá-los em seu estado pecaminoso e depois puni-los por seu pecado. Enquanto ele é a causa eficiente da bem-aventurança dos eleitos, ele não é a causa eficiente da miséria do não-eleito; Antes, os ordena à destruição por meio de causas secundárias. Assim, os eleitos recebem misericórdia, pois eles não são punidos como seus pecados merecem, mas o não-eleito recebe justiça, Porque eles são justamente condenados como seus pecados merecem. Em nenhuma das partes Deus pode ser acusado de injustiça, porque todos são culpados e porque ele não é obrigado a mostrar graça a qualquer um.

Às vezes, a fim de distinguir corretamente a reprovação da igualdade absoluta, as pessoas fazem declarações imprecisas sobre precisamente como a eleição ea reprovação são desiguais ou assimétricas. Em particular, muitas vezes afirmam erroneamente que a eleição é positiva e incondicional, enquanto a reprovação é negativa e condicionada ao pecado do homem. Embora tais afirmações possam ser verdadeiras dependendo do que se pretende, elas são confusas porque não conseguem distinguir entre os dois elementos do decreto de reprovação: (1) a decisão de passar por cima de alguns, chamada *preterição* , e (2) a determinação de Condenar os passados, chamados *precondemnation* . Com respeito à distinção positiva-negativa, a preterição é de fato uma ação negativa ou passiva da parte de Deus; Deus simplesmente passa sobre o homem e o deixa em seu estado pecaminoso. A precondenação, no entanto, é uma ação positiva na qual Deus determina ativamente visitar a punição judicial sobre o pecado. Os "vasos da ira" estão "preparados para a destruição" (Romanos 9:22), destinados à desobediência (1Pe 2: 8), e "designados para esta condenação" (Judas 4). Com respeito à distinção incondicional-condicional, a precondenção é de fato condicional, pois Deus atribui os homens à condenação com base em seu pecado e culpa. A preterição, no entanto, é incondicional. O pecado não pode ser a base sobre a qual Deus passa por cima de alguns homens, pois todos os homens sem exceção são pecadores. Como a eleição, a decisão de Deus de não escolher alguém para a salvação é baseada em nada naquele indivíduo, mas sim é um ato soberano do bom prazer de Deus. Portanto, A preterição é passiva e incondicional, enquanto a precondenação é ativa e condicional. Dizer que a

eleição é positiva enquanto a reprovação é negativa é deixar de enfatizar adequadamente a natureza ativa da precondenção. E dizer que a eleição é incondicional enquanto a reprovação é condicional é deixar de enfatizar adequadamente a natureza incondicional da preterição. Evitar ambas as afirmações imprecisas garantirá uma compreensão precisa da doutrina da reprovação.

A VINDICAÇÃO DA DOUTRINA

Tendo compreendido o que é e não se entende por reprovação, é essencial provar a justeza desta doutrina a partir da Escritura. Mais uma vez, reconhece-se que a reprovação é uma doutrina difícil, que Calvino chamou de *decretum horribile* , "um decreto temeroso". No entanto, a doutrina da reprovação *é* ensinada na Bíblia, e somos, portanto, obrigados a submeter reverentemente nossas mentes E nossas emoções à sabedoria infinita da revelação de Deus, confiando que o que ele diz e faz é certo e justo (Romanos 3: 4).

Em primeiro lugar, a reprovação é uma implicação necessária do ensino bíblico sobre a eleição. Se Deus escolheu apenas alguns pecadores para a salvação, ele não necessariamente escolheu salvar os outros. A própria existência de uma categoria de pessoas chamado *eleitos* (Mt 24:22; Lc. 18: 7; Rom 08:33; 11:.. 7; 2 Tm 2:10; 1 Pe 1: 1.) Implica necessariamente uma categoria De pessoas que *não* são *eleitas* . A decisão de não escolher é, por si só, uma escolha determinante. Assim, como Boettner conclui corretamente,

> Aqueles que detêm a doutrina da Eleição, mas negam a da Reprovação, podem estabelecer pouca pretensão de coerência. Afirmar o primeiro, ao negar o último, torna o decreto da predestinação um decreto ilógico e desordenado. O credo que afirma o primeiro, mas nega o último será semelhante a uma águia ferida tentando voar com apenas uma asa.

Não só a reprovação está implícita na doutrina bíblica da eleição, mas também é explicitamente explicada no Novo Testamento. Em sua primeira epístola, o apóstolo Pedro fala de incrédulos que "tropeçam porque desobedecem à palavra, como estavam destinados a fazer" (1 Pe 2: 8). Significativamente, Pedro não se limita a dizer que seu tropeço ou desobediência estava destinado, embora é claro que isso é verdade. Em vez disso, usando um verbo de terceira pessoa do plural (Gk. *Etethēsan*), ele diz que essas pessoas estavam destinadas a desobedecer e tropeçar. Quando perguntamos, por quem foram assim destinados? A única resposta razoável é que eles foram destinados pelo único que destina qualquer coisa: o próprio Deus. Similarmente, Judas fala dos falsos mestres que incomodaram a igreja com seu ensino de que a salvação pela graça permite licenciosidade e sensualidade. Ele os descreve como "certas pessoas ... que há muito tempo foram designadas para esta condenação" (Jude 4). *O termo grego traduzido "previamente marcado" é prographo* , que significa literalmente "para escrever de antemão." Jude imagens de reprovação desses falsos mestres de Deus como a escrita de um script na eternidade passada que foi a acontecer no tempo, a fim de Que é a sua condenação. Eles estão entre aqueles "cujo nome não foi escrito antes da fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro" (Apocalipse 13: 8, 17: 8; 20:15; 21 : 27). "Jude retrata a reprovação de Deus a esses falsos mestres como a escrita de um roteiro na eternidade passada que viria a acontecer no tempo, cujo fim é a condenação deles. Eles estão entre aqueles "cujo nome não foi escrito antes da fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro" (Apocalipse 13: 8, 17: 8; 20:15; 21 : 27). "Jude retrata a reprovação de Deus a esses falsos mestres como a escrita de um roteiro na eternidade passada que viria a acontecer no tempo, cujo fim é a condenação deles. Eles estão entre aqueles "cujo nome

não foi escrito antes da fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro" (Apocalipse 13: 8, 17: 8; 20:15; 21 : 27).

A parte mais clara da Escritura que afirma a doutrina da reprovação é Romanos 9, em que Paulo discute a liberdade soberana de Deus na eleição incondicional. Assim como Deus amou Jacó (eleição), ele também odiou Esaú (reprovação) (9:13). Paulo continua a usar as relações de Deus com Faraó para ilustrar a verdade de que "ele tem misericórdia de quem quer, e endurece quem quer" (9:18), e que o faz para demonstrar seu poder e proclamar seu Nome em toda a terra (ver 9:17, 22). Tendo ensinado, então, que Deus determina inviolably o destino de ambos os salvos e os perdidos sem respeito à vontade humana, esforço ou mérito (ver 9:11, 16), Paulo antecipa esta objeção: "Você vai dizer-me então , 'Por que ele ainda encontrar falha? Pois quem pode resistir à sua vontade? "(9:19). Se ninguém pode resistir à vontade ou decreto soberano de Deus, Como ele pode justamente responsabilizar as pessoas pelaquilo que elas são incapazes de fazer? Paulo responde aos que repreendem a Deus, lembrando-lhes que os meros mortais não estão em condições de chamar a Deus em conta: "Mas, quem és tu, ó homem, para responder a Deus? Será que o que é moldado dizer ao seu molder, 'Por que você me fez assim?' "(9:20). Paulo então continua com esta analogia e retrata Deus como um oleiro, comparando a eleição de alguns para moldar um vaso de barro para uso honroso e comparando a reprovação de outros para moldar outro vaso de barro para uso desonroso (9:21). Ao defender a liberdade de Deus para fazer o que ele quer com o que é seu (Mt 20:15), Paulo então passa a descrever os eleitos como "vasos de misericórdia, que preparou de antemão para a glória" e os reprovados como "vasos Da ira preparada para a destruição "(Rm 9: 22-23).

Embora essas passagens sejam suficientes para justificar a doutrina da reprovação, a Escritura também fala claramente sobre os meios que Deus emprega para causar a destruição que ele decretou para o réprobo. Porque o próprio Paulo usou as relações de Deus com Faraó para ilustrar a reprovação, é apropriado considerar o endurecimento de Deus do coração de Faraó como evidência dos meios de reprovação (Êx 4:21; 8:19; 9: 7; 10: 1; 11: 10, 14: 4, 8). O propósito do Senhor era mostrar a glória de seu poder redentor na libertação de Israel da escravidão, e para fazê-lo, endureceu o coração do Faraó em numerosas ocasiões (ver também Deuteronômio 2:30, Josué 11:20; 1 Sam. 2:25). Da mesma forma, o seu propósito na reprovação é justamente punir os pecados daqueles que ele não escolheu para salvar, endurecendo seus corações como os meios para alcançar esse fim. Paulo ensina explicitamente esta idéia em 2 Tessalonicenses 2: 11-12: "Por isso Deus lhes envia uma forte ilusão, para que eles possam crer o que é falso, a fim de que todos sejam condenados que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça . "Porque Deus decretou a condenação destes incrédulos, ele também ordenou os meios pelos quais essa condenação seria trazida, neste caso, deliberadamente enganando-los. Em outros lugares, diz-se que cegou os olhos e endureceu os corações dos incrédulos precisamente para que eles não pudessem ver, compreender e se arrepender (João 12: 37-40, ver Isaías 6: 9-10). A própria resposta de Jesus a esta realidade é agradecer publicamente ao Pai por esconder a verdade dos sábios e da compreensão e ainda por revelá-la às crianças, Que ele não atribui a outra base senão o bom prazer da vontade do Pai (Mt 11: 25-26). Assim, é claro que Deus ordenou tanto os fins quanto os meios de reprovação.

A JUSTIFICAÇÃO DE DEUS

Como mencionado, a principal acusação contra a doutrina da reprovação é que ela é incompatível com a justiça de Deus. No entanto, deve-se lembrar que Deus não está sujeito a noções caídas de justiça, nem será julgado ao nível da razão humana. Para

aqueles que levariam tais acusações, a repreensão de Paulo é a propósito: "Mas quem és tu, ó homem, para responder a Deus?" (Romanos 9:20). Todas essas acusações nascem da presunção errônea de que se Deus dá graça a qualquer de suas criaturas, ele deve dar graça a todos. Boettner diz: "Muitas pessoas falam como se a salvação fosse uma questão de primogenitura humana. E, esquecendo-se do fato de que o homem perdeu sua chance supremamente favorável em Adão, eles nos informam que Deus seria injusto se Ele não desse a todas as criaturas culpadas a oportunidade de ser salvos. *"Contudo, mina a própria natureza da graça de supor que é devida* a seres humanos pecaminosos . Verdadeiramente, a pergunta a respeito do decreto de predestinação de Deus não é, por que Deus não escolheu a *todos* ? Mas sim, como pode ser que este Deus supremamente santo escolheria *alguém* ? É a maravilha das maravilhas que o Rei dos reis, cuja glória é exaltada acima dos céus, levante um dedo para resgatar até mesmo um de tais viles traidores como os filhos de Adão. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. *A questão sobre o decreto de predestinação de Deus não é, por que Deus não escolheu a todos* ? Mas sim, como pode ser que este Deus supremamente santo escolheria *alguém* ? É a maravilha das maravilhas que o Rei dos reis, cuja glória é exaltada acima dos céus, levante um dedo para resgatar até mesmo um de tais viles traidores como os filhos de Adão. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. *A questão sobre o decreto de predestinação de Deus não é, por que Deus não escolheu a todos* ? Mas sim, como pode ser que este Deus supremamente santo escolheria *alguém* ? É a maravilha das maravilhas que o Rei dos reis, cuja glória é exaltada acima dos céus, levante um dedo para resgatar até mesmo um de tais viles traidores como os filhos de Adão. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. *Como pode ser que este Deus supremamente santo escolheria alguém* ? É a maravilha das maravilhas que o Rei dos reis, cuja glória é exaltada acima dos céus, levante um dedo para resgatar até mesmo um de tais viles traidores como os filhos de Adão. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. *Como pode ser que este Deus supremamente santo escolheria alguém* ? É a maravilha das maravilhas que o Rei dos reis, cuja glória é exaltada acima dos céus, levante um dedo para resgatar até mesmo um de tais viles traidores como os filhos de Adão. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. Então, para saber que este Rei infinitamente digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória. Então, para saber que este Rei infinitamente

digno tem proposto para redimir não uma, mas incontáveis multidões ao custo da vida de seu próprio Filho quer curvar o coração do pecador em humilde maravilha. Para aqueles com olhos para ver, todas as objeções a estas doutrinas difíceis são respondidas nas revelações de tal glória.

E esta é precisamente a defesa que Paulo dá em Romanos 9: 22-23. O objetor arrogante é repreendido severamente e disse para colocar a mão sobre a boca. Mas ao adorador submisso e curioso, para quem a coisa mais distante de sua mente é achar culpa a Deus, que simplesmente quer conhecer seu Deus e adorá-lo por quem ele é, Paulo dá outra resposta sobre como Deus ainda pode achar defeito com Aqueles que não podem resistir à sua vontade. Ele diz: "E se Deus, desejando mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência vasos de ira preparados para a destruição, a fim de dar a conhecer as riquezas de Sua glória para os vasos de misericórdia que ele preparou De antemão para a glória? "Deus ordenou o pecado eo mal - até mesmo o castigo eterno dos ímpios - para mostrar aos eleitos todas as glórias de seu nome.

> É uma coisa boa e excelente para a glória infinita brilhar; E pela mesma razão, é próprio que o resplendor da glória de Deus seja completo; Isto é, que todas as partes de sua glória resplandeçam, que toda beleza deve ser proporcionalmente efusiva, para que o espectador possa ter uma noção apropriada de Deus. Não era apropriado que uma glória fosse manifestada em excesso e outra não ... De modo que é necessário que a majestade terrível de Deus, sua autoridade e terrível grandeza, e justiça e santidade [sejam manifestadas]; E isso não poderia ser senão o pecado e o castigo fossem decretados, ou pelo menos poderiam ser decretados. Para que a glória brilhando fosse muito imperfeita, tanto porque essas partes da glória divina não brilhariam como as outras, E porque a glória de sua bondade, amor e santidade desfaleceria sem eles; Não, eles mal podiam brilhar.
>
> Se não fosse correto que Deus decretasse e permitisse e punisse o pecado, [...] não poderia haver manifestação da santidade de Deus no ódio ao pecado, nem mostrar qualquer preferência em sua providência à piedade antes dela.
>
> Não seria nenhuma manifestação da graça de Deus ou da verdadeira bondade ser livre de todos os tipos de mal, pois seria absolutamente impossível que qualquer um deveria ser de outra forma; E quanta felicidade ele outorgou, sua bondade não seria nada tão apreciada e admirada, ea sensação de que não perto tão grande ...
>
> E como é necessário que haja mal, porque a glória de Deus não podia deixar de ser imperfeita e incompleta sem ela, assim é necessário para a felicidade da criatura, para a plenitude daquela comunicação de Deus pelo qual ele fez o mundo; Porque a felicidade da criatura consiste no conhecimento de Deus e no sentido de seu amor, e se o conhecimento dele for imperfeito, a felicidade deve ser proporcionalmente imperfeita.

Deus ordenou o que quer que venha a acontecer - até a preparação de vasos de ira para destruição - a fim de que o seu povo possa desfrutar da mais plena exibição de sua glória. Aqueles que repreendem a Deus por ordenar o destino dos ímpios para sua própria glória devem lembrar que, longe de um narcisismo megalomaníaco, a busca de Deus de sua própria glória é, como disse Edwards, "para a felicidade da criatura ... porque a A felicidade da criatura consiste no conhecimento de Deus ". Nosso conhecimento de Deus seria imperfeito se não vislumbrássemos a plena expressão de seus atributos: graça, misericórdia, perdão, justiça, justiça e o resto da panóplia de suas perfeições. E ainda nenhum desses atributos poderia ser expressa plenamente se não houvesse pecado para punir e perdoar ou pecadores para quem ser gracioso ou sobre quem exercer justiça. Deus não é menos glorioso, mas mais glorioso porque ordenou o mal, e quanto mais ele engrandece a sua glória, maior é o seu amor ao seu povo. Certamente Deus não pode ser acusado de iniqüidade por fazer o que é o maior benefício para aqueles que são dele.

Nem as doutrinas de eleição e reprovação minam a realidade de que todos são ordenados a se arrepender e crer no evangelho. Aqueles que supor que a escolha soberana

de Deus é incompatível com a responsabilidade do homem de acreditar não fazem justiça a toda a revelação de Deus. De fato, imediatamente após o que é o ensinamento mais exaltado sobre a soberania divina em Romanos 9, Paulo tão claramente ensina a responsabilidade humana em Romanos 10. Ele declara que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (10:13) , Ordena que os pregadores do evangelho sejam enviados para chamar a todos ao arrependimento (10.14-17), e retrata a benevolência amorosa de Deus até ao obstinado, descrevendo-o como aquele que estende as mãos e os chama à salvação (10:21).). As Escrituras nunca ensinam que a soberania absoluta de Deus evita a responsabilidade do pecador em abandonar seus pecados e confiar em Cristo. Nem o pecador é exortado a determinar se Deus o escolheu para salvação ou não. A responsabilidade do pecador não é discernir os conselhos secretos do decreto de Deus, mas sim prestar atenção aos comandos claros das Escrituras para se arrependerem e crerem no evangelho (Marcos 1:15; At 17:30).

Conclusão

Paulo conclui seu tratamento das doutrinas de eleição e reprovação inclinando-se diante da magnificência deste Deus soberano: "Oh, a profundidade das riquezas, a sabedoria eo conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis são os seus caminhos! "(Romanos 11:33). Meditar nessas verdades fez com que, nos versos iniciais de sua carta aos efésios, brotassem em louvor ao Deus que "nos abençoou em Cristo com toda bênção espiritual nos lugares celestiais, assim como nos escolheu nele antes da fundação de O mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele "(Efésios 1: 3-4). O mesmo deve ser assim para nós, que são os beneficiários de tal graça gloriosa. Acima de tudo, As doutrinas da soberana eleição e reprovação deveriam levar-nos a inclinar nossas mentes em humilde maravilha do Deus cuja sabedoria é inescrutável e cuja graça é tão abundante a ponto de salvar tais infelizes rebeldes como a nós mesmos. Somos agraciados com todas as bênçãos espirituais, não por causa de qualquer qualidade louvável ou resgatável em nós mesmos, mas por causa da misericórdia livre e soberana do Deus que se deleita em estabelecer seu amor nos que não merecem. Tal verdade deve evocar o louvor das profundezas de nossas almas: "A ele seja glória para sempre. Amém "(Romanos 11:36). Tal verdade deve evocar o louvor das profundezas de nossas almas: "A ele seja glória para sempre. Amém "(Romanos 11:36). Tal verdade deve evocar o louvor das profundezas de nossas almas: "A ele seja glória para sempre. Amém "(Romanos 11:36).

No entanto, a generosa administração da graça de Deus não parou com sua escolha de nós na eternidade passada. Deus não apenas planejou nossa redenção, mas também enviou o Senhor Jesus Cristo para realizar nossa redenção. É para a realização da redenção que nos voltamos agora.

A Realização da Redenção

O Plano de Salvação ea Missão do Filho
A Causa da Expiação
A Necessidade da Expiação
A Natureza da Expiação
Teorias Incompletas da Expiação
A Suficiência Perfeita da Expiação
A Extensão da Expiação
Ressurreição, Ascensão e Intercessão

Praticamente todas as religiões têm algum conceito de *expiação* - um meio pelo qual as reparações são feitas, o pecado é expiado, a deidade é satisfeita e a reconciliação é alcançada entre a divindade eo pecador. As religiões artificiais propõem alguns meios pelos quais o pecador deve fazer uma expiação aceitável para ganhar mérito que compensará ou apagará o pecado, removendo a culpa através de boas obras, ritual religioso, restituição, o pagamento de uma pena, a oferta de um sacrifício, Ou algum tipo de auto-humilhação. O ensinamento distintivo do cristianismo bíblico é que o próprio Deus fez a expiação completa pelos pecadores - e ele realizou isso pelo sacrifício substitutivo de seu próprio Filho na cruz. Os pecadores não contribuem com mérito ou sacrifício para a expiação.

Esta doutrina é o fundamento do próprio evangelho. Deus é perfeitamente justo e, portanto, por definição, não pode admitir uma justiça menos que perfeita em quem quer que tenha comunhão com ele (Mateus 5:48; 1 João 1: 5). Os pecadores, por definição, já violaram a lei de Deus e se rebelaram contra ele, e porque o pecado contaminou o cerne de seu ser, eles não têm como pagar pelo pecado ou garantir a justiça necessária para estar diante dele. Eles não têm inclinação ou habilidade para submeter-se à autoridade de Deus (Romanos 8: 7-8) e estão condenados a enfrentar o castigo justo do derramamento da justa ira de Deus (João 3:36; 2 Tessalonicenses 1: 9). A divisão entre a depravação do pecador ea santidade inacessível de Deus é tão vasta, o pecador, mesmo com seus mais nobres esforços, não tem esperança de sempre estar em uma relação correta com um Deus santo. A única esperança para a salvação vem - como deve ser - de fora do pecador. Encontra-se na provisão de Deus de completa e livre expiação pelo pecado. Essa gloriosa provisão satisfaz a justiça e libera a graça do perdão.

Em 1 Coríntios 15, o apóstolo Paulo nos diz que o próprio coração do evangelho é "que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as Escrituras, que foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia de acordo com as Escrituras" (1 Cor. 15: 3-4). Como foi demonstrado no capítulo 6, a depravação do homem estabeleceu a *necessidade* para a salvação. E como foi observado na parte anterior do presente capítulo, a eleição incondicional do Pai formou o *plano* de salvação. Mas é a expiação de Deus, o Filho, que *realiza* essa redenção no espaço e no tempo. Se vamos estar fundamentalmente comprometidos com o evangelho, devemos nos dedicar a uma compreensão precisa, robusta e bíblica da expiação.

O Plano de Salvação ea Missão do Filho

Na discussão anterior, examinamos o ensinamento bíblico sobre o plano de redenção do Pai - sua intenção de resgatar suas criaturas do pecado e da morte e restaurá-las para uma relação correta consigo mesmo. Esse plano gracioso materializou-se no decreto de eleição incondicional de Deus - sua decisão livre e soberana de estabelecer seu amor em determinados indivíduos e, sem base em nada em si mesmos, mas somente por causa do bom prazer de sua vontade, escolhê-los para receber sua salvação . Contudo, em sua sabedoria, Deus não decretou que sua salvação seria cumprida e aplicada ao pecador meramente por essa escolha soberana. Em vez de, O Deus trino criou um plano eterno no qual a salvação do homem seria realizada pela obra redentora de Deus, o Filho, e em que os benefícios salvadores assegurados por essa obra redentora seriam aplicados por Deus, o Espírito. O segundo membro da Trindade tomaria toda a fraqueza e enfermidade (mas não o pecado) da natureza humana e asseguraria para o seu povo a justiça, o perdão e a purificação que nunca poderiam obter por si mesmos. Ele viveria como um homem em perfeita obediência ao Pai, morreria na cruz como um sacrifício substitutivo para expiar os pecados daqueles que o Pai havia escolhido e ressuscitar na vitória sobre o pecado ea

morte, tudo no poder da Espírito Santo. A redenção seria realizada pela encarnação milagrosa, vida vicária, morte penal-substitutiva,

É imperativo para o aluno da Escritura entender que a missão do Filho para realizar a redenção é criada a partir deste plano trinitário de salvação. A expiação operada pelo Filho está inextricavelmente enraizada no propósito do Pai de salvar aqueles que Ele escolheu. Assim, ao comprometer-se a pagar pelo pecado e a prestar justiça, Cristo não estava "se desviando", embarcando desordenadamente em uma missão de sua própria invenção. Ele declarou explicitamente que ele veio para não fazer a sua própria vontade, mas a vontade daquele que o enviou (João 6:38). Ou seja, ele estava agindo estritamente de acordo com um plano específico, acordado, concebido nos conselhos eternos da Trindade.

Várias passagens da Escritura testificam desse plano de salvação pré-temporal, determinado. Em primeiro lugar, algumas passagens identificam o trabalho expiatório do Filho como divinamente predeterminado. Paulo fala disso como o "propósito eterno do Pai que Ele realizou em Cristo Jesus nosso Senhor" (Efésios 3:11). Este versículo afirma claramente que a obra que Cristo realizou durante a sua missão terrena foi realizada de acordo com um plano predeterminado - de acordo com o propósito do Pai que foi concebido na eternidade (ver também Efésios 1: 9, 11). Da mesma forma, quando Jesus previu sua traição na Última Ceia, ele disse: "Porque o Filho do Homem vai como foi determinado [Gk. *Kata para hōrismenon* , lit. 'Segundo a determinação'] "(Lucas 22:22). Embora fosse traído por Judas, A morte do Messias havia sido determinada na eternidade passada. *Por esta razão Jesus é dito ser "conhecido antes da fundação do mundo" (1Pe 1:20) e Aquele em quem a graça é concedida de toda a eternidade de acordo com o "propósito" (Gk. Prothesis*) de Deus (2 Tim. 1: 9). De fato, a própria crucificação é meramente a execução do eterno propósito de Deus, pois Pedro afirma que Jesus foi "entregue de acordo com o plano definido [Gk. *Tē hōrismenē boulē*] ea presciência de Deus "(Atos 2:23), e toda a igreja confessa a Deus que Herodes, Pilatos, os gentios e Israel fizeram apenas" tudo o que sua mão e seu plano predestinaram ". *Proorisen*] para *acontecer* "(Atos 4: 27-28). *1:20) e Aquele em quem a graça é concedida de toda a eternidade de acordo com o "propósito" (Gk. Prothesis*) de Deus (2 Tim. 1: 9). De fato, a própria crucificação é meramente a execução do eterno propósito de Deus, pois Pedro afirma que Jesus foi "entregue de acordo com o plano definido [Gk. *E* toda a igreja confessa a Deus que Herodes, Pilatos, os gentios e Israel fizeram apenas "tudo o que a vossa mão e o vosso plano haviam predestinado" (Gc 2, 3). *Proorisen*] para *acontecer* "(Atos 4: 27-28). *1:20) e Aquele em quem a graça é concedida de toda a eternidade de acordo com o "propósito" (Gk. Prothesis*) de Deus (2 Tim. 1: 9). De fato, a própria crucificação é meramente a execução do eterno propósito de Deus, pois Pedro afirma que Jesus foi "entregue de acordo com o plano definido [Gk. *E* toda a igreja confessa a Deus que Herodes, Pilatos, os gentios e Israel fizeram apenas "tudo o que a vossa mão e o vosso plano haviam predestinado" (Gc 2, 12). *Proorisen*] para *acontecer* "(Atos 4: 27-28). Pois Pedro afirma que Jesus foi "entregue de acordo com o plano definido [Gk. *E* toda a igreja confessa a Deus que Herodes, Pilatos, os gentios e Israel fizeram apenas "tudo o que a vossa mão e o vosso plano haviam predestinado" (Gc 2, 12). *Proorisen*] para *acontecer* "(Atos 4: 27-28). Pois Pedro afirma que Jesus foi "entregue de acordo com o plano definido [Gk. *E* toda a igreja confessa a Deus que Herodes, Pilatos, os gentios e Israel fizeram apenas "tudo o que a vossa mão e o vosso plano haviam predestinado" (Gc 2, 3). *Proorisen*] para *acontecer* "(Atos 4: 27-28).

Além dessas afirmações gerais de predeterminação, a missão do Filho é freqüentemente mencionada como uma questão de obediência à vontade do Pai, indicando que ele havia feito sua vontade conhecida do Filho em um acordo

prévio. Quando Jesus fala de dar sua vida como um sacrifício pelo pecado, ele diz: "Este mandamento eu recebi de Meu Pai" (João 10:18). Em outros lugares ele fala de se oferecer como um sacrifício pelo pecado, estando pronto para fazer a vontade do Pai (Hb 10: 7). Ao orar ao Pai na véspera da sua traição, ele fala da comunhão eterna que desfrutou com o Pai (João 17: 5) e declara que cumpriu a obra que o Pai lhe deu para fazer (João 17: 4) , Indicando que ele agiu obedientemente de acordo com o plano do Pai. Cada um desses exemplos mostra que Jesus estava agindo em consistência com uma diretriz anterior de seu Pai. Assim, Paulo caracteriza a obra redentora de Jesus como uma questão de obediência: "E sendo encontrado na forma humana, humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, até a morte na cruz" (Filipenses 2: 8).

Um terceiro aspecto deste plano eterno foi a promessa do Pai de recompensar o Filho uma vez que ele completou sua obra. No diálogo entre o Pai e o Filho, o Filho fala do *decreto* do Pai , no qual prometeu ao Filho, como recompensa pela sua obediência, "as nações [como] a vossa herança e os confins da terra, Sua possessão "(Salmo 2: 7-8). Na profecia do servo sofredor, Isaías comenta os termos deste acordo com respeito à obediência e recompensa:

> Mas o SENHOR estava satisfeito
> Para esmagá-Lo, colocando-O em sofrimento;
> Se Ele se render a si mesmo como uma oferta pela culpa,
> Ele verá Sua prole,
> Ele prolongará seus dias,
> E o bom prazer do SENHOR prosperará em Sua mão.
> Como resultado da angústia de Sua alma,
> Ele o verá e ficará satisfeito;
> Pelo seu conhecimento, o Justo,
> Meu Servo, justificará os muitos,
> Como Ele levará as suas iniqüidades.
> Portanto, eu lhe darei uma porção com os grandes,
> E Ele dividirá o saque com o forte;
> Porque Ele se derramou até a morte,
> E foi contado com os transgressores;
> Todavia, Ele mesmo levou o pecado de muitos,
> E intercedeu pelos transgressores. (Isaías 53: 10-12 NASB)

Assim, neste concílio intra-trinitário, o Pai ordenou ao Filho que entregasse a sua vida pelos pecadores como oferta de sacrifício, e prometeu-lhe a recompensa de uma herança de nações povoadas com sua descendência espiritual que ele justificaria e de O gozo da prosperidade do Senhor. E imediatamente depois que Paulo menciona a obediência de Cristo até a morte, ele declara: "Portanto" - isto é, por esta razão - "Deus o exaltou e lhe concedeu o nome que está acima de todo nome" (Filipenses 2: 9). Como resultado de sua obediência a esta eterna comissão divina, o Pai recompensa o Filho com o título exaltado de "Senhor", em que nome todo joelho se dobrará e toda língua confessará que o Crucificado como um escravo se tornou o Mestre de todos (Filipenses 2: 10-11).

Finalmente, talvez o aspecto mais significativo do plano eterno de salvação seja que o Pai dá indivíduos específicos ao Filho em cujo nome ele deve realizar a redenção. Ou seja, o Pai ordena ao Filho ser o sacrifício representativo e substitutivo de um povo particular - isto é, todos e somente aqueles que o Pai escolheu para a salvação. Vários comentários de Jesus no Evangelho de João sustentam isso, como ele fala do povo que o Pai lhe deu:

> *Tudo o que o Pai me dá* virá a mim, e quem quer que venha a mim não o lançarei fora. Porque desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele

> que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou, para que eu não perca nada *de tudo o que ele me deu* , mas levantá-lo no último dia. Pois esta é a vontade de meu Pai: todo aquele que olha para o Filho e crê nele, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6: 37-40)
>
> Eu sou o bom pastor. Eu sei que os meus e os meus conhecem-me, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; E eu dou a minha vida pelas ovelhas ... Meu Pai, *que me as deu* , é maior do que todos, e ninguém é capaz de arrebatá-las da mão do Pai. (João 10: 14-15, 29)
>
> Pai, a hora chegou; Glorificai a vosso Filho, para que o Filho vos glorifique, porquanto lhe deste autoridade sobre toda a carne, para dar vida eterna a *todos os que lhe deste* . E esta é a vida eterna, que eles te conhecem, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste ... Eu manifestei o teu nome ao povo *que me* deste do mundo. *Teus são, e você os deu a mim* , e eles cumpriram a sua palavra ... Eu estou orando por eles. Eu não estou orando pelo mundo, senão por *aqueles que me deste, porque eles são teus* ... Pai, desejo que também eles, *que me* deste , estejam comigo onde estou, para ver a minha glória que tu Me deu porque me amaste antes da fundação do mundo. (João 17: 1-3, 6, 9,

Nessas passagens do Evangelho de João, Jesus declara que veio à terra para realizar não a sua própria vontade, mas sim a vontade de seu Pai que o enviou (6:38; 17: 4). Assim, mais uma vez, Jesus afirma que sua missão está ligada e impulsionada pelo propósito eterno do Pai. No contexto desse plano trinitário e eterno de salvação, Jesus afirma que o Pai lhe deu um grupo de indivíduos em cujo nome ele realiza sua obra redentora. Ele os chama de seus próprios (10:14) e de suas ovelhas (10:15). Como Bom Pastor, Jesus nunca perderá estas ovelhas (6:39), nem permitirá que sejam arrebatadas da sua mão (10:29). Porque são eficazmente atraídos a Cristo pelo Pai (6:44, 65), as ovelhas vêm a Cristo (6:37), olham para ele com fé (6:40), conhecem-no intimamente (10:14), recebem A vida eterna dele (6:40; 10:28; 17: 2), Gozar o benefício exclusivo de sua intercessão que é negada ao mundo (17: 9), eventualmente participar da ressurreição dos mortos (6:40), e morar com Jesus para sempre em admiração de sua glória (17:24). E o Senhor declara que quando o Pai comissionou o Filho para realizar a redenção como parte do plano eterno de salvação, ele deu esses indivíduos particulares ao Filho. Eles são os eleitos, aqueles que o Pai escolheu para a salvação (Efésios 1: 4) - ou seja, aqueles que ele conheceu de antemão, predestinou, chamou, justificou e glorificou em Cristo (Romanos 8: 29-30) : 33). Aqueles que ele escolheu o Pai dá ao Filho para ser sua noiva (Apocalipse 19: 7, ver João 3:29, Ef 5: 23-24), que o Filho purificaria à custa de sua própria vida (Ef 5, 25-27, Tito 2:14), que seria apresentado a ele em perfeita santidade como um presente de amor do Pai para o amor, honra,

Este eterno plano intra-trinitário de salvação molda e condiciona cada aspecto da missão do Filho enquanto se compromete a realizar a redenção. O Pai tem proposto salvar a sua própria, e os meios pelos quais ele vai realizar a redenção para a sua própria é dar-lhes ao Filho. Tendo confiado a seu Filho, ele convida o Filho a nascer como o Deus-homem pelo Espírito Santo (Mateus 1:18, Lucas 1:35), para viver uma vida de perfeita obediência ao Pai no poder de O Espírito Santo (Mt. 3:15, Romanos 5: 18-19), para dar sua vida como um sacrifício pelos pecados de seu povo (João 10: 14-15, Hebreus 9-10, Ap 5: 9), E ressuscitar como as primícias e garantia de sua ressurreição (Romanos 4:25, 1 Coríntios 15: 22-23, 42-57). John Murray fornece um sumário útil:

A Causa da Expiação

Qual foi a motivação do Deus trino para conceber este plano de redenção? Muitas vezes, o conceito de expiação penitencial-substitutiva, em que o Filho deve morrer no lugar dos pecadores para amenizar a ira do Pai, é censurado pelos inimigos e incompreendido pelos amigos. Para muitos, esta visão da expiação representa o Pai como inerentemente irado e irado para com o homem e como conquistado apenas relutantemente pelo sacrifício amoroso do Filho. No entanto, este é precisamente para trás. O Pai não ama seu povo estritamente com base em que Jesus morreu por eles; Antes, Jesus morreu por seu povo, porque o Pai os amava. Nesse sentido, então, o amor de Deus não é o resultado da morte de Cristo, mas sim sua causa, pois é porque Deus *amou tanto* o mundo que deu seu Filho único para ser sacrificado na cruz (João 3:16). *O próprio Deus é* amor (1 João 4: 8), e o envio do Filho para propiciação pelos pecados do homem é a consequência, expressão e demonstração do amor de Deus ao seu povo (Romanos 5: 8; 1 João 4: 9-10). Em outras palavras, o plano de redenção nasce do bom prazer do amor livre e soberano do Pai (Ef 1: 4-5, 9). É porque o Senhor "estabeleceu o seu amor em ... e escolheu" o seu povo (Dt 7: 7) que ele decretou para realizar a sua redenção pela obra expiatória de Cristo. O amor de Deus é causa e fonte da expiação de Cristo. O plano da redenção nasce do bom prazer do amor livre e soberano do Pai (Efésios 1: 4-5, 9). É porque o Senhor "estabeleceu o seu amor em ... e escolheu" o seu povo (Dt 7: 7) que ele decretou para realizar a sua redenção pela obra expiatória de Cristo. O amor de Deus é causa e fonte da expiação de Cristo. O plano da redenção nasce do bom prazer do amor livre e soberano do Pai (Efésios 1: 4-5, 9). É porque o Senhor "estabeleceu o seu amor em ... e escolheu" o seu povo (Dt 7: 7) que ele decretou para realizar a sua redenção pela obra expiatória de Cristo. O amor de Deus é causa e fonte da expiação de Cristo.

Além de seu amor, a justiça de Deus em um sentido real também restringe a expiação de Cristo. Uma vez que o Deus trino decretou em seu amor reconciliar consigo aqueles que ele havia escolhido, era necessário que ele decretasse para realizar isso de uma maneira que fosse consistente com sua justiça. Por causa do pecado, a humanidade é culpada de quebrar a lei de Deus, tem incorrido em sua justa ira e, portanto, alienada dele. Embora o amor de Deus o motive a salvar e perdoar, o pecado do homem não pode simplesmente ser negligenciado. Para que Deus concilie tais pecadores culpados com ele mesmo, o pecado deve ser punido, a lei quebrada deve ser satisfeita ea ira de Deus deve ser justamente aliviada. Todos esses objetivos são cumpridos na pessoa e na obra do Senhor Jesus Cristo, que cumpriu a lei (Mateus 3:15, Romanos 5: 18-19, Gálatas 4: 4-5), pagou a penalidade do pecado (1 Pet 2:24), e extinguiu a ira de Deus (Hebreus 2: 17) em nome dos eleitos. Como Paulo diz, o Pai colocou o Filho "como propiciação pelo Seu sangue, pela fé, para demonstrar Sua justiça" (Romanos 3:25 NVI). A ira de Deus é satisfeita pela cruz, porque na cruz Jesus carregou em sua própria pessoa o pleno exercício da justa ira do Pai contra os pecados de seu povo. O pecado não é negligenciado, mas punido em Cristo, e por isso Deus "mostra a sua justiça no tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26). Porque na cruz Jesus carregou em sua própria pessoa o pleno exercício da justa ira do Pai contra os pecados de seu povo. O pecado não é negligenciado, mas punido em Cristo, e por isso Deus "mostra a sua justiça no tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26). Porque na cruz Jesus carregou em sua própria pessoa o pleno exercício da justa ira do Pai contra os pecados de seu povo. O pecado não é negligenciado, mas punido em Cristo, e por isso Deus "mostra a sua justiça no tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26).

Portanto, o amor de Deus ea justiça de Deus constituem a dupla causa da expiação realizada pelo Filho. É o seu amor que o move a agir salvando-se em tudo, e é a sua justiça

que garante que ele realizará a salvação de uma maneira consistente com a sua santidade. Nenhum deles pode ser esquecido. A incapacidade de enfatizar o amor de Deus como motivação para a salvação reduz a expiação a uma transação impessoal ou, pior ainda, uma exibição arbitrária de vingança e ódio. E, no entanto, a incapacidade de enfatizar a justiça de Deus como aquilo que guia e constrange seu amor obscurece a plenitude do caráter de Deus e torna o significado da cruz ininteligível, pois a propiciação - a satisfação da ira justa - é o auge da expressão de amor de Deus 1 João 4:10). Como tem sido acertadamente dito, "Se nós rompemos as bordas afiadas da cruz,

A Necessidade da Expiação

A liberdade do bom prazer de Deus para salvar os pecadores levou muitos a levantar a questão da necessidade da expiação de Cristo. Em outras palavras, era possível que Deus tivesse realizado a salvação para o seu povo de qualquer outra forma, ou teria sido obrigado a fazê-lo pela morte substituta de seu Filho? Poderia Deus simplesmente ter exercido seu poder inesgotável para destruir o pecado de outra maneira? Poderia ele, em virtude de sua autoridade infinita, ter declarado o seu povo salvo simplesmente por fiat divino? Ou há algo inerente à pessoa e obra de Cristo que faz da cruz não apenas o único caminho *real* de salvação, mas também o único caminho *possível* de salvação? Embora os alunos das Escrituras tenham respondido a essas perguntas de várias maneiras, podemos nos preocupar com apenas as duas visões mais populares.

Vários dos padres da igreja (por exemplo, Atanásio, Agostinho), teólogos medievais (por exemplo, Tomás de Aquino) e reformadores iniciais (por exemplo, João Calvino) *abraçaram* o que é *conhecido* como a *hipotética necessidade* da expiação. Esta visão ensina que, com base na liberdade soberana do Deus para quem nada é impossível, ele poderia ter escolhido salvar seu povo por um outro meio que não a expiação vicária de Cristo. Embora ele finalmente *tenha* decretado para salvar pelo derramamento do sangue de Cristo, não há nada inerente à natureza de Deus ou a natureza de perdão que faz com que este seja absolutamente necessário.

Em contraste, uma esmagadora maioria de teólogos (por exemplo, Ireneu, Anselmo, John Owen, Francis Turretin, Charles Hodge, AA Hodge, Louis Berkhof, John Murray) mantém o que se chama a *conseqüente necessidade absoluta* vista da expiação. Este ponto de vista reconhece que não é absolutamente necessário que Deus salve ninguém do pecado - fato ilustrado pela sua condenação imediata de anjos pecadores, para os quais nenhuma provisão de salvação jamais foi feita (2 Pedro 2: 4; Hebreus 2:16). Como no caso dos anjos caídos, Deus estava inteiramente dentro de seus direitos de abandonar a humanidade pecadora à miséria e de reivindicar sua justiça, enviando todos para o inferno. Nesse sentido, a expiação não era absolutamente necessária; Que Deus escolheu graciosamente para resgatar alguém é um ato livre do bom prazer de sua vontade (Efésios 1: 5). Contudo, *Uma vez que Deus tinha* determinado salvar o homem, a cruz de Cristo era, portanto, absolutamente necessária. Murray explica: "Em uma palavra, embora não fosse inerentemente necessário para Deus salvar, contudo, uma vez que a salvação tinha sido proposto, era necessário garantir esta salvação através de uma satisfação que poderia ser prestada apenas através de um sacrifício substitutivo e comprado por sangue redenção."

A Escritura claramente vindica esta última visão, como muitas vezes fala da necessidade da cruz de Cristo. Em Hebreus 2:10, o autor declara que era apropriado - isto é, que era consistente com a natureza de Deus, pecado e salvação - que o Pai, ao trazer muitos filhos à glória, tornasse Cristo perfeito através dos sofrimentos. Alguns versos mais adiante, ele acrescenta que não só era apropriado, mas também necessário: Jesus

" *tinha* de ser feito como seus irmãos em todos os aspectos, para que se tornasse um sumo sacerdote misericordioso e fiel ao serviço de Deus, para fazer propiciação Pelos pecados do povo "(Hebreus 2:17). O homem não poderia ser salvo pelos sacrifícios levíticos, "porque é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados" (Hb 10: 4). Em vez de, *"Era necessário* que as cópias das coisas celestiais fossem purificadas com estes ritos, mas as próprias coisas celestiais com melhores sacrifícios do que estes" (Hb 9:23). Por causa do padrão da santidade de Deus, ninguém que não tem justiça perfeita pode ter qualquer comunhão com ele (Mateus 5:48; 1 João 1: 5). Contudo, o homem não pôde alcançar a sua própria justiça guardando os ditames da lei de Deus, pois não havia lei dada que pudesse dar vida (Gálatas 3:21). Em vez disso, a lei serviu apenas como nosso tutor para nos conduzir a Cristo, cuja justiça é creditada como um dom através da fé em sua obra expiatória (Gálatas 3: 22-27). Além disso, o próprio Senhor Jesus torna claro que, se Deus não tivesse amado o mundo enviando seu único Filho para ser levantado como um sacrifício pelo pecado, toda a humanidade teria perecido em seus pecados (João 3: 14-16; .

Em última análise, o amor ea justiça de Deus que causam a expiação também são o fundamento de sua necessidade. As Escrituras indicam que o sacrifício substitutivo de Cristo para fazer propiciação em favor dos pecadores é a demonstração suprema do amor de Deus ao homem (Romanos 5: 8; 1 João 3:16; 4:10). A magnitude do amor de Deus é manifestada pelo extraordinário custo que ele está disposto a absorver para realizar o nosso resgate. No entanto, é impensável que o Pai desencadeie a plenitude de sua justa fúria em seu Filho amado, em quem ele estava satisfeito, a menos que fosse absolutamente necessário - a menos que esse preço fosse o único meio de assegurar seu fim desejado. Além disso, a justiça ea veracidade de Deus exigem que o pecado seja punido. Deus declarou que "de modo algum eliminará o culpado" (Êxodo 34: 7). Deus não pode mentir (Hb 6:18), E portanto a plenitude da sua ira justa deve ser derramada contra o pecado. É precisamente através da cruz de Cristo que Deus vindica sua justiça, pois o pecado do homem é punido em seu substituto (Romanos 3:25, Gálatas 3:13). A inabalável exigência de justiça de Deus exigia que a salvação fosse realizada por um sacrifício propiciatório, pois de nenhuma outra maneira Deus poderia ser "justo e justificador" de seu povo (Rm 3:26).

Como povo de Deus, vemos o brilho especial da infinita glória e valor da expiação de Cristo quando consideramos que nem mesmo o Todo-Poderoso Deus poderia ter realizado a nossa salvação de qualquer outro modo. Se alguém desfrutasse da graça salvadora e da misericórdia benéfica do Deus que salva, a cruz de Cristo era absolutamente necessária.

A Natureza da Expiação

A Escritura emprega vários temas para descrever o que Cristo realizou na cruz. A obra de Cristo foi uma obra de sacrifício substitutivo, em que o Salvador suportou a penalidade do pecado no lugar dos pecadores (1Pe 2:24); É uma obra de propiciação, na qual a ira de Deus contra o pecado é plenamente satisfeita e esgotada na pessoa de nosso substituto (Romanos 3:25); É uma obra de reconciliação, na qual a alienação entre o homem e Deus é vencida e a paz é feita (Cl 1:20, 22); É uma obra de redenção, na qual os escravizados ao pecado são resgatados pelo preço do precioso sangue do Cordeiro (1Pe 1: 18-19); E é uma obra de conquista, na qual o pecado, a morte e Satanás são derrotados pelo poder de um Salvador vitorioso (Hebreus 2: 14-15). Cada um destes temas é digno de estudo e será o tema da discussão desta seção.

No entanto, há um princípio unificador nas Escrituras que engloba as muitas facetas da expiação de Cristo: a obediência.

Há três sentidos nos quais a obediência encapsula toda a obra substitutiva de Cristo. Primeiro, a Escritura caracteriza a obra de Cristo como obediência ao plano divino de salvação, que foi delineado acima. O Pai enviou o Filho do céu à terra para cumprir a missão divina de redenção, e o Filho declara que "desceu do céu, não para fazer a minha própria vontade, senão a vontade daquele que me enviou" (João 6: 38, ver 12:49). Com relação a oferecer-se como um sacrifício final, o Messias declara ao Pai: "Eu vim para fazer a tua vontade" (Hb 10: 7, 9), pois ele sempre faz as coisas que agradem a seu Pai (João 8:29). Ele livremente e voluntariamente estabelece a sua vida como um sacrifício pelo pecado porque, diz ele, "Este mandamento eu recebi de Meu Pai" (João 10: 17-18 NASB), E "faço exatamente como o Pai me ordenou" (João 14:31 NVI). *Assim, no hino de Paulo de louvor a respeito da encarnação e expiação do Filho de Deus, ele descreve a obra de Cristo como seu "tornando-se obediente* ao ponto de morte, e morte de cruz" (Fil. 2: 8). A obra expiatória de Cristo foi uma obra de obediência ao Pai.

Segundo, era necessário que Cristo fosse obediente a todos os mandamentos do Pai para que ele fosse um sacrifício substitutivo adequado para os pecadores. No sistema de sacrifício levítico, era imperativo que qualquer animal oferecido ao Senhor fosse sem defeito: "Não oferecereis coisa alguma que tenha defeito, porque não será aceitável para vós ... Ser aceitos deve ser perfeito; Não haverá defeito nele "(Levítico 22: 20-21, 1: 3, 10, 3: 1, 6, 22: 18-25). O mesmo se aplica ao cordeiro da Páscoa de Israel; Se fosse para ser aceito como um substituto adequado, Deus estipulou: "O seu cordeiro será sem defeito" (Ex 12: 5). Se a pena para pecadores fosse executada em um substituto, esse substituto era exigido para ser sem qualquer mancha ou defeito. O mesmo princípio se estende ao sacrifício expiatório de Cristo, O cumprimento dos sacrifícios levíticos (Hb 9:23). O próprio Cristo é o nosso Cordeiro da Páscoa (1 Coríntios 5: 7, Isaías 53: 7, João 1:29, Ap 5.12) e, portanto, é pelo seu precioso sangue "como o de um cordeiro sem Mancha ou mancha ", que somos redimidos (1 Pe 1: 18-19). Para Cristo ter sido um substituto apropriado para suportar o castigo pelo pecado no lugar dos pecadores, ele mesmo tinha de ser sem pecado - santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores (Hb 7:26). Por esta razão, a Escritura liga a vida de Cristo, na qual "aprendeu a obediência pelo que sofreu" (Hb 5: 8), com sua aptidão para se tornar "fonte de salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (Heb. 5: 9). Naturalmente, sua obediência de aprendizagem não era um processo de adiar o pecado e aumentar na justiça prática, como é para nós. No entanto, antes de sua encarnação, Jesus nunca soube o que era obedecer ao Pai na enfermidade da carne humana, com todas as fraquezas e tentações que os homens e as mulheres enfrentam enquanto se esforçam para obedecer a Deus. Mas como ele experimentou o sofrimento da vida em um mundo caído, ele aprendeu a obedecer como um homem sofredor, assim como devemos. E "porque ele próprio sofreu quando foi tentado, pode ajudar aqueles que são tentados" (Hebreus 2:18, ver 4:15). Tendo aprendido a obediência através dos sofrimentos que a vida humana trouxe, ele estava preparado para ser obediente nos sofrimentos que a morte traria também. E "porque ele próprio sofreu quando foi tentado, pode ajudar aqueles que são tentados" (Hebreus 2:18, ver 4:15). Tendo aprendido a obediência através dos sofrimentos que a vida humana trouxe, ele estava preparado para ser obediente nos sofrimentos que a morte traria também. E "porque ele próprio sofreu quando foi tentado, pode ajudar aqueles que são tentados" (Hebreus 2:18, ver 4:15). Tendo aprendido a obediência através dos sofrimentos que a vida humana trouxe, ele estava preparado para ser obediente nos sofrimentos que a morte traria também.

Finalmente, era necessário que Cristo fosse obediente à lei de Deus, a fim de prover a justiça que é o fundamento da justificação. O padrão perfeito da justiça de Deus expressa em sua lei consistia de dois aspectos fundamentais: mandamentos prescritivos que exigiam obediência total e sanções penais para a quebra desses mandamentos. Não só o homem pecador não obedeceu às exigências positivas da lei de Deus, ele não tem como pagar a penalidade prescrita pela sua desobediência, já que o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23, ver Tito 3: 5). Para ser nosso Salvador, portanto, Cristo teve de satisfazer as duas necessidades. Ao tornar-se obediente à morte na cruz (Filipenses 2: 8), "Cristo nos redimiu da maldição da lei, tornando-se uma maldição por nós" (Gálatas 3:13, ver Deuteronômio 21:23) - que É, trazendo a plenitude da ira divina contra si mesmo. Mas se este era o fim do trabalho do nosso substituto, nunca poderíamos ser salvos. Nesse caso, as sanções penais da lei seriam cumpridas, e nossa culpa seria removida, mas nós ainda não teríamos a justiça positiva que a lei exigia de nós. Seríamos deixados no estado em que Adão estava antes da queda - inocente, mas sem a justiça positiva que Deus exigiu para a comunhão com Ele (Mt 5:20, 48). Portanto, o homem precisa de um substituto que não apenas morrerá obedientemente em nosso lugar para perdoar pecados, mas também viverá obedientemente em nosso lugar para prover a justiça que nos é creditada por meio da fé (Romanos 4: 3-5; 3: 9). Por esta razão, Paulo contrasta o primeiro Adão com Cristo, o último Adão (1 Coríntios 15:22, 45), dizendo: "Pois como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, Assim, pela obediência de um só homem, muitos serão feitos justos "(Romanos 5:19, Gálatas 4: 4-5). O pecado de Adão fornece um registro real e vivido da desobediência humana, que, contada para ser nossa através de nossa união com ele, torna-se a base sobre a qual Deus justamente constitui todos os homens culpados (Romanos 5:12). Da mesma forma, a obediência vicária de Cristo fornece o registro real, vivido-out da justiça humana, que, contado para ser nosso através de nossa união com ele, torna-se a base sobre a qual Deus justamente constitui pecadores culpados justos. *Os pecadores justificados não são justos em si mesmos, mas o registro da vida perfeita de Cristo é contado como sendo deles por sua união com ele por meio da fé: "Por ele [Deus] está em* Cristo Jesus, que se tornou para nós ... *justiça* " Coríntios 1:30, Romanos 10: 4, 2 Coríntios 5:21).

O Senhor Jesus Cristo fez mais do que apenas morrer por nossos pecados; Ele também viveu para cumprir a nossa justiça. A interação de Jesus com João Batista em seu batismo fala a esse fato. João Batista entrou na região ao redor do Jordão "proclamando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados" (Mt 3:11; Lucas 3: 3). Originalmente desenvolvido no período intertestamental, esse batismo era um rito cerimonial para os gentios convertidos ao judaísmo pelo qual confessavam sua impureza e necessidade de limpeza espiritual. Nos dias de João, Israel multiplicou tanto a sua iniqüidade - isto é, eles precisavam de tal limpeza - que os judeus étnicos se submeteram a proselitismo do batismo para significar seu arrependimento. Os povos de Jerusalém, toda a Judéia e toda a região do rio Jordão vieram confessar seus pecados e ser batizados (Mt 3: 5-6). Assim, quando Jesus veio a seu primo para ser batizado, João estava justamente incrédulo: "João o teria impedido, dizendo: 'Eu preciso ser batizado por você, e você vem a mim?' "(Mateus 3:14). João sabia que Jesus era o Filho de Deus sem pecado (João 1:29, ver Lucas 1:41); Por que ele deveria estar pedindo um batismo de arrependimento? A breve resposta de Jesus é cheia de significado: "Seja assim agora, pois assim nos convém cumprir toda justiça" (Mt 3:15). Jesus não tinha necessidade de submeter-se ao rito de um batismo prosélito para o arrependimento. Ele não tinha pecados para os quais se arrepender. Sua justiça divina inerente o teria qualificado para ser um sacrifício justo; Ele não teria sido menos apto a ser o impecável Cordeiro de Deus se não tivesse sido batizado. Ele se submeteu a este batismo "para cumprir toda a justiça" - não

por causa de si, mas por causa do seu povo que precisava de justiça para ser cumprida em seu favor. Desde o início de sua vida, Jesus continuou a reunir um registro perfeito da justiça humana que seria imputado aos pecadores que confiarem nele para a salvação (Romanos 4: 4-5). Dessa maneira, "pela obediência de um só homem muitos serão feitos justos" (Romanos 5:19).

Assim, a Escritura identifica ambos os aspectos do trabalho substitutivo de Cristo - a saber, o pagamento pelo pecado e a provisão da justiça - como tendo sido cumpridos pela sua obediência ao Pai. Por sua obediência, ele cumpriu toda a justiça, tornou-se um sumo sacerdote simpatizante, demonstrou ser apto a ser o sacrifício perfeito para os pecadores, e submeteu-se a essa morte sacrificial. Como conclui John Murray: "Foi por obediência que ele assegurou nossa salvação porque foi por obediência que ele operou a obra que a garantiu".

SUBSTITUIÇÃO PENAL

Depois da rubrica de obediência ao Pai, a descrição mais fundamental que se pode atribuir à expiação é que ela é uma obra de substituição penal. Ou seja, na cruz, Jesus sofreu a penalidade pelos pecados do seu povo (daí *penal*) como um substituto para eles (daí a *substituição*). Quando o homem pecou contra Deus, seu pecado erigiu uma barreira legal e relacional entre ele e Deus. A lei divina foi quebrada; O homem assim incorrido culpa e é obrigado a pagar a pena de morte espiritual. A santidade de Deus foi ofendida, e assim a ira de Deus foi despertada contra o pecado. Isso deixa o homem alienado de Deus; A comunhão quebrada e até mesmo a hostilidade marcam a relação entre Deus eo homem, que está em cativeiro ao pecado e à morte. Se houver alguma redenção do pecado e reconciliação com Deus, O pecado do homem deve ser expiado. E ainda assim a morte espiritual do homem ea depravação o deixam incapaz de pagar a penalidade por seu pecado. No entanto, Deus, em seu amor, determinou que o Senhor Jesus Cristo ficasse no lugar dos pecadores para suportar seu pecado, culpa e castigo e assim satisfazer a ira de Deus em seu favor.

Por esta razão, Isaías caracteriza o servo sofredor como aquele que "suportou nossas enfermidades e levou nossas dores" (Isaías 53: 4), que "levou o pecado de muitos" (Isaías 53:12). "O SENHOR lançou sobre ele a iniquidade de todos nós" (Isaías 53: 6), e assim "levará as suas iniquidades" (Isaías 53:11). Assim, quando Jesus vem ao mundo, João Batista o anuncia como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29) - isto é, tomando o pecado sobre si mesmo. O apóstolo Paulo declara que “por nossa causa [o Pai] fez [Jesus] para *ser* pecado” (2 Cor. 5: 21a), que não pode significar que o Pai entregou Jesus *para* o pecado em qualquer sentido ontológico, mas sim que ele fez Para ser pecado no mesmo sentido em que ele nos faz para se tornar a justiça de Deus (2 Coríntios 5: 21b): Por imputação - ou seja, por considerar nossa culpa como sua. A maldição da lei em que estivemos, foi suportada por Cristo, que se tornou uma maldição por nós (Gálatas 3:13). O apóstolo Pedro diz: "Ele mesmo levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore, para que pudéssemos morrer ao pecado e viver para a justiça." Então, citando o relato de Isaías sobre o servo sofredor, ele acrescenta: "Por suas feridas você foi Curado "(1 Pe 2:24, ver Hb 9:28). O Senhor Jesus Cristo suportou o castigo dos pecados do seu povo e, assim, trouxe-lhes bênção: "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões; Ele foi esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz "(Isaías 53: 5). "Ele mesmo levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore, para que pudéssemos morrer ao pecado e viver para a justiça". Então, citando o relato de Isaías sobre o servo sofredor, ele acrescenta: "Por suas feridas você foi curado" 2:24, ver Hb 9:28). O Senhor Jesus Cristo suportou o castigo dos pecados do seu povo e, assim, trouxe-lhes bênção: "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões; Ele foi

esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz "(Isaías 53: 5). "Ele mesmo levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore, para que pudéssemos morrer ao pecado e viver para a justiça". Então, citando o relato de Isaías sobre o servo sofredor, ele acrescenta: "Por suas feridas você foi curado" 2:24, ver Hb 9:28). O Senhor Jesus Cristo suportou o castigo dos pecados do seu povo e, assim, trouxe-lhes bênção: "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões; Ele foi esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz "(Isaías 53: 5). Ele foi esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz "(Isaías 53: 5). Ele foi esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz "(Isaías 53: 5).

Além destas declarações claras, o Novo Testamento atribui o conceito de substituição penal para a cruz de Cristo, usando quatro preposições gregas que todos têm uma força substitutiva: *peri* (“para”, “sobre”), *diâmetro* (“por causa de, "Para o bem de"), *anti* ("no lugar de", "em vez de"), e *hyper* ("em nome de"). Primeiro, Cristo "sofreu ... pelos pecados" (Gk. *Peri hamartiōn* , 1 Pedro 3:18) e, portanto, é "a propiciação pelos nossos pecados" (*Gn* 2: 2, 4:10) . Esses textos ensinam que nossos pecados exigiram que soframos sob a ira de Deus, mas que Cristo fez isso em nosso lugar. Em segundo lugar, diz-se que Jesus morreu "por causa de vós" (Gk. *Di 'hymas* , 2 *Coríntios* 8: 9; Cf. 1 Cor. 8:11), outro indicador claro de substituição.

Em terceiro lugar, a preposição *anti* é talvez o mais forte indicador de substituição, literalmente significando “no lugar de”. Este sentimento é mais clara em Mateus 02:22, onde ele fala de “Arquelau ... reinando na Judéia em lugar de [*anti*] seu pai Herodes "Mateus 5:38 também usa *anti* para traduzir a *lex talionis* -" Um olho para [*anti*] um olho e um dente para [*anti*] um dente "- que mandou que um ofensor ser privado de seu olho ou dente no lugar de O olho ou dente de que ele privou alguém. Jesus usa esta frase com respeito à sua própria morte quando diz: "Porque nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Gk. *Anti pollōn* , Mt 20). : 28; Marcos 10:45). Isto é, enquanto os pecadores mereciam morrer por causa de seu pecado, Jesus deu sua vida como preço de resgate no lugar da vida de seu povo, para que pudessem ir livres.

Finalmente , enquanto *anti* tem as mais fortes conotações de substituição, *hyper* é um segundo próximo , significando "em nome de". É também, de longe, a preposição mais comum para significar a relação substitutiva entre Cristo e seu povo. O corpo de Cristo é "dado para você" (Gk. *Hyper hymōn* , Lucas 22:19, 1 *Coríntios* 11:24) e "para a vida do mundo" (Gk. *Hyper tēs tou kosmou zōēs* , João 6 : 51), e o sangue da nova aliança é *derramado* "por muitos" (Gk *hyper pollōn* , Marcos 14:24) e "para você" (Gk. *Hyper hymōn* , Lucas 22:20). Isto é, o corpo e o sangue de Cristo são dados como um sacrifício substitutivo em favor dos pecadores, para que eles possam evitar a ira e o castigo. Como o Bom Pastor, *Jesus estabelece sua vida em favor das ovelhas (Gk. Hyper tōn probatōn* , João 10:11, 15, ver 1 João 3:16), e ele morreu em favor de nós, os impios (Gk. *Hiper asebōn* , Rom 5: 6, *hyper hēmōn* , Romanos 5: 8; 1 Tessalonicenses 5:10). Ele se entregou por sua noiva, a igreja (Efésios 5:25), que Paulo descreve coletivamente (Efésios 5: 2, Tito 2:14) e pessoalmente (Gálatas 2:20). Em nosso favor (Gk. *Hyper hēmōn*) ele foi feito pecado (2 *Coríntios* 5:21), tornou-se uma maldição (Gálatas 3:13), e provou a morte (Hb 2: 9). O Justo sofreu a penalidade do pecado em favor dos injustos (Gk *dikaios hyper adikōn*) para que ele pudesse reconciliar aqueles pecadores com Deus (1 Pedro 3:18). João 10:11, 15; Cf. *1 João 3:16), e ele morreu em nome de nós, os impios (Gk. Hiper asebōn* , Romanos 5: 6, *hyper hēmōn* , Romanos 5: 8; 1 Tessalonicenses 5:10). Ele se entregou por sua noiva, a igreja (Efésios 5:25), que Paulo descreve coletivamente (Efésios 5: 2, Tito 2:14) e pessoalmente (Gálatas 2:20). Em nosso favor (Gk. *Hyper*

hēmōn) ele foi feito pecado (2 *Coríntios* 5:21), tornou-se uma maldição (Gálatas 3:13), e provou a morte (Hb 2: 9). O Justo sofreu a penalidade do pecado em favor dos injustos (Gk *dikaios hyper adikōn*) para que ele pudesse reconciliar aqueles pecadores com Deus (1 Pedro 3:18). João 10:11, 15; Cf. *1 João 3:16), e ele morreu em nome de nós, os impios (Gk. Hiper asebōn* , Romanos 5: 6, *hyper hēmōn* , Romanos 5: 8; 1 Tessalonicenses 5:10). Ele se entregou por sua noiva, a igreja (Efésios 5:25), que Paulo descreve coletivamente (Efésios 5: 2, Tito 2:14) e pessoalmente (Gálatas 2:20). Em nosso favor (Gk. *Hyper hēmōn*) ele foi feito pecado (2 *Coríntios* 5:21), tornou-se uma maldição (Gálatas 3:13), e provou a morte (Hb 2: 9). O Justo sofreu a penalidade do pecado em favor dos injustos (Gk *dikaios hyper adikōn*) para que ele pudesse reconciliar aqueles pecadores com Deus (1 Pedro 3:18). Ele se entregou por sua noiva, a igreja (Efésios 5:25), que Paulo descreve coletivamente (Efésios 5: 2, Tito 2:14) e pessoalmente (Gálatas 2:20). *Em nosso favor (Gk. Hyper hēmōn*) ele foi feito pecado (2 *Coríntios* 5:21), tornou-se uma maldição (Gálatas 3:13), e provou a morte (Hb 2: 9). O Justo sofreu a penalidade do pecado em favor dos injustos (Gk *dikaios hyper adikōn*) para que ele pudesse reconciliar aqueles pecadores com Deus (1 Pedro 3:18). Ele se entregou por sua noiva, a igreja (Efésios 5:25), que Paulo descreve coletivamente (Efésios 5: 2, Tito 2:14) e pessoalmente (Gálatas 2:20). *Em nosso favor (Gk. Hyper hēmōn*) ele foi feito pecado (2 *Coríntios* 5:21), tornou-se uma maldição (Gálatas 3:13), e provou a morte (Hb 2: 9). O Justo sofreu a penalidade do pecado em favor dos injustos (Gk *dikaios hyper adikōn*) para que ele pudesse reconciliar aqueles pecadores com Deus (1 Pedro 3:18).

Como mostram as passagens acima, não há doutrina mais bem atestada em todo o Novo Testamento do que o sofrimento vicário do Senhor Jesus Cristo em favor de seu povo. A expiação penitencial-substitutiva é tecida no tecido da revelação da nova aliança do começo ao fim, pois é o próprio coração da mensagem do evangelho. Na obediência livre e voluntária ao seu Pai, o Senhor Jesus Cristo tem estado em lugar de pecadores, morreu como um sacrifício pelo seu pecado e culpa, tem propiciado a ira do Pai para com eles, reconciliou-os com o Deus por quem eles foram Criou, os redimiu da escravidão do pecado e da morte, e conquistou a regra do pecado e Satanás em suas vidas. Cada um desses temas - sacrifício, propiciação, reconciliação, redenção,

Sacrifício . O Novo Testamento identifica explicitamente a morte de Cristo como um sacrifício pelos pecados: "Mas, como é, ele apareceu uma vez por todas no fim dos séculos para afastar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:26) . Tais imagens extraem da história de Israel e as prescrições do Velho Testamento para a adoração sacrificial a Deus. O livro de Hebreus identifica explicitamente a obra expiatória de Cristo como o antitipo e o cumprimento dos sacrifícios levíticos instituídos sob a aliança mosaica (Hb 9:23). Por isso, para entender corretamente o significado da morte de Cristo como sacrifício, devemos nos voltar para a lei levítica.

O livro de Levítico começa imediatamente depois que a glória de Deus encheu o tabernáculo completado (Êxodo 40: 34-38), simbolizando que a presença espiritual do Senhor agora habita no meio de seu povo. Na verdade, o termo hebraico para "tabernáculo", *mishkan* , significa "morada". Assim, a presença de Deus é um tema chave no livro de Levítico, como confirmado pelos cinquenta e nove ocorrências no livro da frase " Diante do Senhor "(Heb. *Liphne Yahweh* , lit.," para a face de Javé ", presença significante). Levítico também ensina que este Deus que está presente é fundamentalmente *santo* ; A palavra hebraica para "santo" e seus cognados aparecem 150 vezes nos vinte e sete capítulos do livro, mais freqüentemente do que em qualquer outro livro. A questão que Leviticus procura responder, então, é, Como pode a santa presença de Deus habitar no meio de um povo pecador? A RESPOSTA A ESSA PERGUNTA É QUE OS PECADORES DEVEM FAZER SACRIFÍCIOS AO SENHOR QUE

EXPIARÃO OS SEUS PECADOS E OS TORNARÃO ACEITÁVEIS NA SUA PRESENÇA: "ELE OFERECERÁ [O SEU SACRIFÍCIO] À ENTRADA DA TENDA DA REVELAÇÃO, PARA QUE POSSA SER ACEITO DIANTE DO SENHOR . Ele porá a mão sobre a cabeça do holocausto, para que lhe seja permitido fazer expiação por ele "(Levítico 1: 3-4 NVI).

Embora nem todo sacrifício levítico seja prescrito para expiar o pecado, as cerimônias do Dia da Expiação certamente o são. Uma vez por ano, o sumo sacerdote de Israel estava para entrar no Lugar Santíssimo, a fim de "fazer expiação por si e por sua casa e por toda a congregação de Israel" (Levítico 16:17; , 32-34). Dois bodes foram oferecidos: um como um sacrifício e outro como um bode expiatório que levou os pecados do povo e foi banido da presença do Senhor (Levítico 16: 8-10). O sangue do bode de sacrifício deveria ser aspergido no propiciatório, a cobertura da arca da aliança onde a expiação foi feita (Levítico 16: 15-19). Porque "a vida da carne está no sangue, [Deus] a deu para vós no altar para fazer expiação pelas vossas almas, porque é o sangue que faz expiação pela vida" (Levítico 17:11). Depois disto,

> E Arão colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e confessará sobre ele todas as iniqüidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, todos os seus pecados. E ele os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á para o deserto pela mão de um homem que está pronto. O bode levará sobre si todas as suas iniqüidades, para um lugar remoto, e deixará o bode se libertar no deserto. (Levítico 16: 21-22)

Colocando as mãos sobre a cabeça do bode expiatório e confessando todos os pecados de Israel sobre ele, o sumo sacerdote estava simbolizando que Deus tinha contado o pecado ea culpa do povo para ser transferido para o bode. Em vez de levar a sua própria iniqüidade (Levítico 5: 1, 17; 7:18; 17:16; 19: 8; 20:17, 19; 22:16) e, assim, sofrer o castigo de ser banido do santo de Deus (Isto é, "cortado do seu povo", Lv 7: 20-27, 17: 4, 9, 10, 14; 18:29; 19: 8; 20: 3-6, 17-18; 22: 3; 23:29), o povo de Israel teve seu pecado imputado a um substituto. O bode expiatório inocente suportou o pecado, a culpa e o castigo do povo e foi banido em seu lugar. Por aspersão do sangue sacrificial de um substituto no propiciatório, e em virtude da imputação do pecado a um segundo substituto, os sacerdotes expiaram pelos pecados de Israel,

Outro retrato do sacrifício do Antigo Testamento - o único outro que rivaliza com o Dia da Expiação em significado para Israel - é o sacrifício da Páscoa do Êxodo 12. A maneira pela qual Deus redimiu seu povo da escravidão no Egito tornou-se uma imagem de como ele Finalmente, redimir seu povo da escravidão do pecado e da morte. Deus prometeu matar toda criança e animal primogênito em todo o Egito. Apesar de Israel ter sido poupado das primeiras nove pragas, elas não foram automaticamente isentas da décima, pois caíram em idolatria e se voltaram para adorar os deuses do Egito (Ezequiel 20: 8). A fim de ser poupado de sua ira, Deus exigiu que cada família em Israel matasse um cordeiro sem defeito e colocasse seu sangue nos batentes da porta da casa. Ele disse: "O sangue será um sinal para você, nas casas onde você está. E quando eu vejo o sangue, Sobre ti passarei, e não haverá praga para te destruir, quando eu ferir a terra do Egito "(Êxodo 12:13). O cordeiro da Páscoa morreu como um substituto no lugar dos primogênitos filhos de Israel. A ira de Deus foi desviada pelo sangue de um cordeiro imaculado. Israel deveria "observar este rito como um estatuto para [eles] e para [seus] filhos para sempre" (Ex. 12:24) para comemorar o Senhor perdoando seus pecados por sacrifício substitutivo (Êxodo 12:27).

Ambos os sacrifícios levíticos como epitomized no Dia da Expiação eo rito da Páscoa retratam a obra sacrificial do Senhor Jesus Cristo. A refeição da Páscoa foi o cenário da última Ceia de Jesus com seus discípulos, onde instituiu a nova aliança, declarando que

seu corpo seria quebrado e seu sangue derramado por eles (Mateus 26: 17-29; Marcos 14: 12-25 Lucas 22: 7-20). Dessa forma, declarou que sua morte seria o cumprimento da festa da Páscoa: "Enquanto a Páscoa antiga se concentrava no corpo e sangue de um cordeiro, morto como um sacrifício penal substitutivo para a redenção de Israel, a Ceia do Senhor se concentra No corpo e no sangue de Cristo, que se entregou como um sacrifício de substituição penal para o seu povo ". Jesus é" o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo "(João 1:29) . É por "o sangue precioso de Cristo, como o de um cordeiro sem mancha ou mancha" que o povo de Deus é redimido (1Pe 1: 18-19). Paulo identifica explicitamente Jesus como o cumprimento da Páscoa quando diz: "Porque Cristo, nosso cordeiro da Páscoa, foi sacrificado" (1 Coríntios 5: 7). Assim como o sangue do cordeiro morto protegeu Israel da execução do juízo de Deus, assim também o sangue do Cordeiro morto, Jesus, protege o seu povo da ira do Pai contra o seu pecado.

Da mesma forma, o Novo Testamento identifica Jesus como o cumprimento do sacerdócio levítico e do sistema sacrificial. Enquanto Deus se permitiu ser temporariamente propiciado pelos sacrifícios de Israel, isso nunca mudou o fato de que esses sacrifícios "não podem aperfeiçoar a consciência do adorador" (Hb 9: 9):

> Pois, visto que a lei tem apenas uma sombra das coisas boas vindouras, em vez da verdadeira forma dessas realidades, nunca pode, com os mesmos sacrifícios que são oferecidos continuamente todos os anos, aperfeiçoar aqueles que se aproximam ... Porque é impossível Para o sangue de touros e cabras para tirar os pecados. (Hb 10: 1, 4)

Portanto, o autor de Hebreus nos instrui,

> Mas quando Cristo apareceu como um sumo sacerdote dos bens que vieram, então através da tenda maior e mais perfeita (não feita com mãos, isto é, não desta criação), ele entrou uma vez por todas nos lugares santos, não por Meios do sangue de cabras e de bezerros mas por meio de seu próprio sangue, assim assegurando uma redenção eterna. (Hb 9: 11-12)

As imagens paralelas são surpreendentes. Assim como o sumo sacerdote entrou além do véu para o Lugar Santíssimo, assim também Cristo é o Grande Sumo Sacerdote (Hebreus 3: 1; 4:15; 7:26; 8: 1) que entrou além do véu Do tabernáculo celestial (que a Escritura caracteriza como sua própria carne, Hebreus 10:20), na própria presença do próprio Deus. E enquanto o sumo sacerdote espargia o sangue do bode expiatório no propiciatório para fazer expiação, o Senhor Jesus espargiu o seu próprio sangue (Hb 9: 21-22; 12:24; 1 Pedro 1: 2), e Como seu sangue é infinitamente mais valioso do que o de cabras e bezerros, ele assim assegurou uma redenção eterna. Ele é, portanto, o cumprimento tanto do sumo sacerdote como do sacrifício; Ele é oferecedor e oferecedor, pois "se ofereceu sem mácula a Deus" (Hb 9:14, Ef 5: 2, Hebreus 7:27, 9:23, 26, 28, 10:10,

Não só é Jesus o cumprimento tanto do sumo sacerdote como do sacrifício, mas ele também é o cumprimento do propiciatório próprio. O sumo sacerdote foi ordenado a espargir o sangue no *propiciatório* (Hb. *Kapporet* , Gk. *Hilastērion* [Septuaginta]), onde a santa presença de Deus foi manifestada exclusivamente para comunhão com Israel (Êxodo 25:22 e 30: 6). O próprio Deus advertiu que qualquer um que se aproximasse do propiciatório, exceto o sumo sacerdote no Dia da Expiação, morreria "porque", ele disse, "eu aparecerei na nuvem sobre o propiciatório" (Levítico 16: 2). E, no entanto, o apóstolo Paulo declara que Deus mostrou a Jesus "como propiciação [Gk. *Hilastērion*] pelo seu sangue "(Rm 3:25), Usando a mesma palavra grega para "propiciação" como é usado para a palavra "sede de misericórdia" na versão Septuaginta do Êxodo. Assim como o propiciatório era o lugar onde a expiação foi feita e a ira de Deus contra o pecado foi evitada, então agora Jesus é o lugar onde a expiação é feita ea ira de Deus contra o pecado

é evitada. Jesus é o Sumo Sacerdote que oferece o sacrifício, o sacrifício oferecido e o propiciatório em que o sacrifício é oferecido.

Finalmente, Jesus cumpre perfeitamente o bode expiatório também. A imputação do pecado de Israel para o bode expiatório é sintetizada pelo Pai que impõe sobre ele a iniqüidade de todos nós (Isaías 53: 6), considerando-o pecado em nosso favor (2 Co 5:21), para que ele Levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore (1Pe 2:24). Como o sol do meio-dia estava envolto em trevas, o Pai estava, por assim dizer, colocando as mãos sobre a cabeça do Filho e confessando sobre ele os pecados de seu povo. Como resultado de suportar o seu pecado, o Filho foi banido da presença do Pai, deixando-o sofrer fora da porta (Hb 13:12) e experimentar o terrível abandono de seu Pai (Mateus 27:46). "Fora do acampamento, longe da presença do Senhor e do seu povo, era onde os sacrifícios deveriam ser eliminados" (Levítico 4:12, 21, 6:11, 8:17, 9:11, 16: 27, ver Hb 13: 11); Era aquele lugar solitário onde o leproso estava isolado para suportar sua vergonha (Levítico 13:46) e onde o blasfemador devia ser apedrejado (Levítico 24:14, 23). E é a esse lugar de vergonha e isolamento que o Filho de Deus foi banido para que pudéssemos ser acolhidos na santa presença de Deus.

Propiciação . As Escrituras representam a morte de Cristo não apenas como um sacrifício, mas como um *sacrifício* propiciatório. Ou seja, ao receber o pleno exercício da ira do Pai contra os pecados de seu povo, Cristo satisfez a justa ira de Deus contra o pecado e assim afastou a sua ira de nós que, se não fosse nosso substituto, Para nós mesmos. O Novo Testamento identifica explicitamente a obra de Cristo como uma propiciação em quatro textos:

> [Nós] somos justificados pela sua graça como um dom, através da redenção que está em Cristo Jesus, a quem Deus propôs como propiciação [Gk. *Hilastērion*] pelo seu sangue, para ser recebido pela fé. (Romanos 3: 24-25)
>
> Portanto, ele tinha de ser feito como seus irmãos em todos os aspectos, para que ele pudesse se tornar um misericordioso e fiel sumo sacerdote no serviço de Deus, para fazer propiciação para [Gk. *Eis para hilaskesthai*] os pecados do povo. (Hebreus 2:17)
>
> Ele é a propiciação [Gk. *Hilasmos*] por nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo. (1 João 2: 2)
>
> Nisto está o amor, não que nós tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou e enviou seu Filho para ser a propiciação [Gk. *Hilasmos*] por nossos pecados. (1 João 4:10)

Embora a Escritura seja muito direta ao identificar a obra de Cristo com o termo grego *hilasmos* (do grupo de palavras *hilaskomai*), alguns insistiram que a "propiciação" é uma tradução imprópria da palavra. Em vez de falar de um sacrifício que satisfaz e desvia a ira de Deus, eles argumentaram que ela fala de expiação, cancelamento ou remoção do pecado. Bolsa Evangélica ofereceu respostas muito capazes que reivindicam o entendimento tradicional do *hilaskomai* grupo de palavras como significando propiciação. Embora esteja além de nossa capacidade de engajar esse debate plenamente, há, no entanto, clara justificação bíblica para a leitura do *hilaskomai* como um *sacrifício* que *evita* a ira.

O grego *hilaskomai* grupo de palavras também traduz o termo hebraico *kaphar* , que tem uma gama de significados, incluindo "perdoar" (por exemplo, Lv 4:20, 26, 31; 19:22), "limpar" (por exemplo, Lev (14: 18-20, 29-31, 15: 19-30, 16:16, 18-19, 30) e "resgate" (Ex. 30: 11-16, Núm. 35: 29- 34). No entanto, vários textos-chave mostram que *kaphar* também pode se referir à propiciação, o conceito de evitar a ira de Deus. Primeiro, quando Israel cometeu seu primeiro ato de idolatria de bronze com o

bezerro de ouro, Deus respondeu com ira, dizendo a Moisés: "Agora, pois, deixa-me em paz, para que a minha ira se acenda contra eles, e eu possa consumi-los; Fazei uma grande nação de vós "(Êxodo 32:10). No dia seguinte, Moisés disse ao povo suas intenções de interceder com Deus em seu favor. Ele disse, "Você pecou um grande pecado. E AGORA EU SUBIREI AO SENHOR ; Talvez eu possa fazer expiação por [Heb. *Kaphar* ; Gk. *Exilaskomai* (Septuaginta)] seu pecado "(Êxodo 32:30). Moisés entendia claramente o problema: a ira de Deus se acendeu contra o pecado de seu povo. Sua solução instintiva era procurar "fazer expiação" por seu pecado - isto é, buscar afastar a ira de Deus de seu povo. Isso sugere claramente que a propiciação é um conceito inerente ao ensino bíblico sobre a expiação e um significado trazido pelo termo hebraico *kaphar* . Moisés entendia claramente o problema: a ira de Deus se acendeu contra o pecado de seu povo. Sua solução instintiva era procurar "fazer expiação" por seu pecado - isto é, buscar afastar a ira de Deus de seu povo. *Isso sugere claramente que a propiciação é um conceito inerente ao ensino bíblico sobre a expiação e um significado trazido pelo termo hebraico kaphar* . Moisés entendia claramente o problema: a ira de Deus se acendeu contra o pecado de seu povo. Sua solução instintiva era procurar "fazer expiação" por seu pecado - isto é, buscar afastar a ira de Deus de seu povo. *Isso sugere claramente que a propiciação é um conceito inerente ao ensino bíblico sobre a expiação e um significado trazido pelo termo hebraico kaphar* .

Em segundo lugar, em Números 25, Israel encontrou-se em um pântano semelhante de idolatria. O povo tinha cometido a imoralidade sexual com as mulheres Moabitas e tinha começado a adorar os deuses de Moabe. Aqui novamente, o Senhor respondeu com ira: "E a ira do SENHOR se acendeu contra Israel" (Números 25: 3). Ele manifestou-o na forma de uma praga que acabou por matar vinte e quatro mil vidas (Nm 25: 8-9), e ele ordenou a Moisés que matasse os líderes de Israel para que sua ira fosse desviada (Núm. 25: 4). Nesse momento, outro israelita trouxe uma mulher midianita para a tenda de sua família, aparentemente pretendendo seguir a imoralidade sexual do resto do povo. Phinehas, um dos sacerdotes, ficou tão irritado por tal rebelião de bronze que "tomou uma lança na mão, E ele seguiu o homem de Israel para o aposento e os traspassou, o homem de Israel ea mulher, através do seu ventre "(Números 25: 7-8). Como resultado do zelo de Finéias, a ira de Deus foi propiciada ea praga terminou (Números 25: 8). O Senhor louvou a Fineias por sua justa indignação:

> Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, *desviou a minha ira* do povo de Israel, porquanto ficou com ciúmes entre eles, para que eu não consumisse o povo de Israel em meu ciúme. Portanto, dize: "Eis que eu lhe dou o meu pacto de paz, e ele será para ele e para a sua descendência após ele a aliança de um sacerdócio perpétuo, porque ele estava com ciúmes do seu Deus e *fez expiação por* [Heb. *Kaphar* ; Gk. *Exilaskomai* (Septuaginta)] o povo de Israel. "(Números 25: 11-13)

Aqui voltar a ira de Deus é sinônimo de fazer expiação. Isto indica claramente que a propiciação é inerente aos *conceitos denotados* pelo *kaphar* hebraico e ao *hilaskomai* grego .

Um exemplo final vem em Números 16, como Israel estava resmungando contra Moisés no deserto em resposta à morte de Corá e seus homens. Em resposta ao motim do povo contra Moisés e Arão, a ira do Senhor se acendeu contra Israel, novamente sob a forma de uma praga, que acabou matando 14.700 pessoas (Nm 16: 48-49). Ele ordenou a Moisés e Aarão: "Afastai-vos do meio desta congregação, para que eu possa consumi-los em um momento" (Nm 16:45). Moisés disse a Arão: "Toma o teu incensário, e põe fogo sobre ele do altar, e deita incenso nele, e leva-o depressa à congregação, e faz expiação por [Heb. *Kaphar* ; Gk. *Exilaskomai* (Septuaginta)], porque a *ira* saiu do SENHOR ; A

praga começou "(Números 16:46). Arão fez como Moisés disse: "E ele vestiu o incenso e fez expiação por [Hb. *Kaphar* ; Gk. *Exilaskomai* (Septuaginta)] o povo. E ele ficou entre os mortos e os vivos, ea praga foi interrompida "(Números 16: 47-48). Mais uma vez, surge um claro paralelismo entre fazer expiação e afastar a ira de Deus contra o pecado, exercida sob a forma de uma praga. Embora nem todos os casos de *kaphar* possam falar de propiciação, em certos casos esse significado é inconfundível. Surge um claro paralelismo entre fazer expiação e afastar a ira de Deus contra o pecado, como exercido sob a forma de uma praga. *Embora nem todos os casos de kaphar* possam falar de propiciação, em certos casos esse significado é inconfundível. Surge um claro paralelismo entre fazer expiação e afastar a ira de Deus contra o pecado, como exercida sob a forma de uma praga. *Embora nem todos os casos de kaphar* possam falar de propiciação, em certos casos esse significado é inconfundível.

Portanto, quando os escritores do Novo Testamento usam o grupo de palavras *hilaskomai* grego - isto é, o mesmo grupo de palavras usado para traduzir o *kaphar* hebraico na Septuaginta - é razoável esperar que ele dê propiciação exatamente como fez no Antigo Testamento, especialmente Dados os contextos em que o termo é usado. Por exemplo, o primeiro uso da "propiciação" no Novo Testamento vem em Romanos 3:25, depois que Paulo gastou dois capítulos detalhando como a ira de Deus se acendeu contra o pecado de toda a humanidade - ambos os gentios (Romanos 1:18). -32) e judeus (Rm 2: 1-3: 20). Deus manifestou esta raiva justa entregando os gentios para "concupiscências" e "impureza", para "paixões desonrosas" e para "uma mente degradada" (Romanos 1:24, 26, 28). Para os judeus que têm a lei e que ainda não são arrependidos, Paulo diz: "Você está guardando a ira para si mesmo no dia da ira, quando o justo julgamento de Deus será revelado" (Romanos 2: 5, 2: 8, 3: 5). O fio da ira divina tem sido tão entrelaçado nesta seção inicial da carta que o leitor quase espera ser confrontado com como Deus providenciará para sua redução. Vemos precisamente isso em Romanos 3: 21-26: Deus propôs seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé" (Romanos 3:25). Deus tem satisfeito a sua ira contra o pecado pela aspersão do sangue do Cordeiro imaculado no propiciatório do altar celestial (Hebreus 9: 11-15, 23-24). Ele tem punido os pecados do seu povo em um substituto, e assim sua ira foi afastada deles. 2: 8; 3: 5). O fio da ira divina tem sido tão entrelaçado nesta seção inicial da carta que o leitor quase espera ser confrontado com como Deus providenciará para sua redução. Vemos precisamente isso em Romanos 3: 21-26: Deus propôs seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé" (Romanos 3:25). Deus tem satisfeito a sua ira contra o pecado pela aspersão do sangue do Cordeiro imaculado no propiciatório do altar celestial (Hebreus 9: 11-15, 23-24). Ele tem punido os pecados do seu povo em um substituto, e assim sua ira foi afastada deles. 2: 8; 3: 5). O fio da ira divina tem sido tão entrelaçado nesta seção inicial da carta que o leitor quase espera ser confrontado com como Deus providenciará para sua redução. Vemos precisamente isso em Romanos 3: 21-26: Deus propôs seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé" (Romanos 3:25). Deus tem satisfeito a sua ira contra o pecado pela aspersão do sangue do Cordeiro imaculado no propiciatório do altar celestial (Hebreus 9: 11-15, 23-24). Ele tem punido os pecados do seu povo em um substituto, e assim sua ira foi afastada deles. Deus propôs seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé" (Romanos 3:25). Deus tem satisfeito a sua ira contra o pecado pela aspersão do sangue do Cordeiro imaculado no propiciatório do altar celestial (Hebreus 9: 11-15, 23-24). Ele tem punido os pecados do seu povo em um substituto, e assim sua ira foi afastada deles. Deus propôs seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, "como propiciação pelo seu sangue, para ser recebido pela fé" (Romanos 3:25). Deus tem

satisfeito a sua ira contra o pecado pela aspersão do sangue do Cordeiro imaculado no propiciatório do altar celestial (Hebreus 9: 11-15, 23-24). Ele tem punido os pecados do seu povo em um substituto, e assim sua ira foi afastada deles.

Em última análise, qualquer negação de um componente propiciatório à expiação de Cristo é uma negação de que a ira de Deus é despertada contra o pecado ou que deve ser apaziguado para que o homem seja concedido a salvação. No entanto, tal suposição violenta toda a amplitude da revelação bíblica. A pequena amostra de textos que consideramos demonstrou claramente este ponto. A resposta de Deus ao pecado do homem - seja idolatria, imoralidade sexual, ou resmungo contra seus líderes - deve ser justamente excitada na ira. Então, para ler em termos tão universais que "a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens" (Rm 1:18) é remover toda a dúvida. E uma vez que Deus é santo, ele deve exercer a sua ira contra o pecado. Como Murray diz, "Porque ama-se supremamente não pode sofrer o que pertence à integridade de seu caráter e glória para ser comprometido ou limitado. Essa é a razão da propiciação ".

O significado da propiciação, então, é que ela identifica a obra de Cristo como um sacrifício que dá a ira. O pecado não pode meramente ser esquecido; O pecado deve sempre e sempre ser punido, seja no pecador no inferno ou em Cristo o substituto na cruz. Deus não tem relaxado a sua justiça, pois ele próprio declara que de modo algum deixará o culpado impune (Êxodo 34: 7). Toda onça de ira que o pecador eleito merecia - toda a ira que Deus teria exercido sobre o pecador nos tormentos eternos do inferno - foi derramada totalmente sobre o nosso substituto naquelas três terríveis horas no Calvário. Por causa disso, não há mais ira para o povo de Cristo. Deus é propício para com eles, pois seu pecado foi pago.

Reconciliação . O pecado do homem não só incorrido culpa e despertou a ira de Deus, mas também efectuou uma inimizade e alienação entre Deus eo homem. Tal alienação é retratada em toda a Escritura, principalmente no jardim, onde o instinto imediato de Adão e Eva depois de pecar é se esconder de Deus e evitar sua comunhão (Gênesis 3: 8), a partir da qual eles são expulsos (Gênesis 3: 22-24). Na história de Israel, a separação de Deus do homem pecador é poderosamente ilustrada pela tríplice barreira do tabernáculo e do templo: o pátio exterior, acessível apenas para aqueles que trazem sacrifícios; O Lugar Santo, acessível somente aos sacerdotes oferecendo sacrifícios para o povo; E o Lugar Santíssimo, acessível apenas ao sumo sacerdote no Dia da Expiação, para fazer propiciação pelos pecados da nação. **Isso está muito longe de falar com Deus cara a cara no frio do dia (Gn 3: 8). O profeta Isaías comenta a natureza do relacionamento quebrado quando diz: "As vossas iniqüidades fizeram separação entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados ocultam o seu rosto de vós, para que não ouça [as vossas orações]" 59: 2).** *Deus tornou-se inimigo do homem (Gk echthros* , Romanos 5:10), e a mente do homem é "hostil" (Gk. *Echthra*) para com Deus (Romanos 8: 7). *Echthros* , Rom. 5:10), e a mente do homem é "hostil" (Gk. *Echthra*) para com Deus (Romanos 8: 7). *Echthros* , Rom. 5:10), e a mente do homem é "hostil" (Gk. *Echthra*) para com Deus (Romanos 8: 7).

Por esta razão, a Escritura também fala da expiação como uma obra de reconciliação, onde o terreno da inimizade entre Deus e os homens - ou seja, a culpa do pecado ea punição da ira de Deus - é removido e tratado, realizando assim a paz. Os seguintes textos-chave com termos em grego destacados estabelecem este tema:

> Pois, se fomos inimigos [*echthroi*] fomos reconciliados [*katēllagēmen*] com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, agora que somos reconciliados [*katallagentes*], seremos salvos pela sua vida. Mais do que isso, também nos regozijamos em Deus por meio de

> nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual agora recebemos a reconciliação [*katallagēn*]. (Romanos 5: 10-11)
>
> Tudo isso vem de Deus, que, por meio de Cristo, nos reconciliou [*katallaxantos*] com ele e nos deu o ministério da reconciliação [*katallagēs*]; Isto é, em Cristo Deus estava reconciliando [*ēn ... katallassōn*] o mundo para si mesmo, sem contar as suas ofensas contra eles, e confiando-nos a mensagem de reconciliação [*katallagēs*]. (2 Cor. 5: 18-19)
>
> ... [que Cristo] poderia reconciliar [*apokatallaxē*] nós dois a Deus em um corpo através da cruz, matando assim a hostilidade [*tēn echthran*]. (Efésios 2:16)
>
> [Deus agradou] por meio dele reconciliar [*apokatallaxai*] para si todas as coisas, seja na terra ou no céu, fazendo a paz pelo sangue de sua cruz.
>
> E você, que uma vez foi alienado [*apēllotriōmenous*] e hostil [*echthrous*] em mente, fazendo maldades, ele já reconciliou [*apokatēllaxen*] em seu corpo de carne pela sua morte, a fim de apresentá-lo santo e irrepreensível e acima de censura antes ele. (Col. 1: 20-22)

Desses textos surgem várias características da doutrina da reconciliação. Primeiro, a reconciliação é uma obra de Deus, realizada na pessoa de Cristo pela eficácia de seu sangue (2 Coríntios 5:18 e Col. 1:20). O homem não efetua essa reconciliação fazendo algo para remover a hostilidade de Deus em relação ao seu pecado. Pelo contrário, os pecadores passivamente recebem a reconciliação como um dom através da obra de Cristo (Romanos 5:11). Segundo, a Escritura apresenta a reconciliação como uma obra consumada realizada pelo sacrifício de Cristo. Cada uma das passagens acima indica que a reconciliação ocorreu no passado através da morte de uma vez por todas de Cristo. Terceiro, a reconciliação é fundamentalmente forense. Isto é demonstrado pelo paralelismo em Romanos 5, Onde a frase "fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" é paralela a "agora fomos justificados pelo seu sangue" no versículo imediatamente anterior (Romanos 5: 9-10). Uma vez que a justificação é forense e é paralela à reconciliação, é provável que a reconciliação também deva ser entendida em termos forenses. *Paulo exclui toda a dúvida em 2 Coríntios 5:19, quando ele explicitamente identifica a obra de reconciliação como "não contando as ofensas [do mundo] contra eles". "Contar" vem da palavra grega logizomai* , termo mais comum do Novo Testamento para " Imputação "(por exemplo, Romanos 4: 1-25). Ao imputar nossos pecados a Cristo nosso bode expiatório, exercendo sua ira sobre ele como nosso substituto e imputando sua justiça a nós (2 Coríntios 5:21), Deus removeu o terreno de sua inimizade contra nós, a saber, A culpa do pecado. Como a propiciação é a remoção da ira de Deus contra os pecadores, assim a reconciliação é a remoção da inimizade de Deus contra os pecadores.

Isto significa que, como sacrifício e propiciação, que falam de "coisas pertencentes a Deus" (Hb 2:17; 5: 1 NASB), o conceito bíblico de reconciliação é primariamente objetivo e não subjetivo; Isto é, tem seu efeito fundamental em Deus e não no homem. A alienação entre Deus eo homem é de dois gumes. Com certeza, o homem é hostil a Deus porque sua mente e seu coração são depravados, mas Deus também é hostil ao homem porque em sua santidade odeia o pecado. Quando consideramos (1) que a Bíblia retrata a reconciliação como um ato forense realizado decisivamente por Deus em Cristo e (2) que os pecadores eleitos que ainda não chegaram à fé permanecem hostis a Deus, é evidente que a reconciliação "não se refere a O afastamento da inimizade subjetiva no coração da pessoa que se diz reconciliada, Mas a alienação por parte da pessoa a quem se diz que somos reconciliados " .[46] Portanto, a paz mútua realizada pelo ato de reconciliação é vivida como resultado da reconciliação, quando a obra regeneradora do Espírito Santo supera a do homem

Hostilidade a Deus como o Espírito aplica a obra objetiva de Cristo aos pecadores, concedendo-lhes a fé justificadora pela qual eles têm paz com Deus (Romanos 5: 1). Devido à expiação de Cristo, os pecadores, uma vez separados de Deus, podem ser restaurados a comunhão amorosa com aquele a quem foram criados para conhecer e adorar: "Porque também Cristo pecou uma vez pelos justos, o justo pelos injustos, para nos trazer a Deus" (1 Pedro 3:18). A paz mútua realizada pelo ato de reconciliação é experimentada como o resultado da reconciliação, quando a obra regeneradora do Espírito Santo supera a hostilidade do homem a Deus como o Espírito aplica a obra objetiva de Cristo aos pecadores, concedendo-lhes a fé justificadora pela qual eles têm paz Com Deus (Rm 5: 1). Devido à expiação de Cristo, os pecadores, uma vez separados de Deus, podem ser restaurados a comunhão amorosa com aquele a quem foram criados para conhecer e adorar: "Porque também Cristo pecou uma vez pelos justos, o justo pelos injustos, para nos trazer a Deus" (1 Pedro 3:18). A paz mútua realizada pelo ato de reconciliação é experimentada como o resultado da reconciliação, quando a obra regeneradora do Espírito Santo supera a hostilidade do homem a Deus como o Espírito aplica a obra objetiva de Cristo aos pecadores, concedendo-lhes a fé justificadora pela qual eles têm paz Com Deus (Romanos 5: 1). Devido à expiação de Cristo, os pecadores, uma vez separados de Deus, podem ser restaurados a comunhão amorosa com aquele a quem foram criados para conhecer e adorar: "Porque também Cristo pecou uma vez pelos justos, o justo pelos injustos, para nos trazer a Deus" (1 Pedro 3:18). 5: 1). Devido à expiação de Cristo, os pecadores, uma vez separados de Deus, podem ser restaurados a comunhão amorosa com aquele a quem foram criados para conhecer e adorar: "Porque também Cristo pecou uma vez pelos justos, o justo pelos injustos, para nos trazer a Deus" (1 Pedro 3:18). 5: 1). Por causa da expiação de Cristo, os pecadores, uma vez separados de Deus, podem ser restaurados a comunhão amorosa com aquele a quem foram criados para conhecer e adorar: "Porque também Cristo pecou uma vez pelos justos, o justo pelos injustos, para nos trazer a Deus" (1 Pedro 3:18).

Redenção . Como sacrifício, a expiação de Cristo é apropriada para remover a culpa e a penalidade do pecado. Como propiciação, ela é adequada para remover a ira incorrida pelo pecado. Como reconciliação, ela é adequada para remover a alienação e inimizade incitada pelo pecado. Além disso, a expiação de Cristo é caracterizada como redenção, aquela pela qual o homem é redimido da escravidão do pecado e da lei através do pagamento do sangue derramado de Cristo como um resgate.

A implicação mais significativa de caracterizar a expiação de Cristo como redenção é que a linguagem de redenção é fundamentalmente comercial. Os termos gregos *agorazō* e *exagorazō* vêm do nome *agora* , que significa "marketplace" (Mateus 20: 3, Lucas 7:32 e Atos 17:17). Assim, resgatar é comprar fora do mercado. *Lytroō* , outra palavra grega para "redenção", refere-se a compra por pagamento de um resgate (*lytron*). Por exemplo, quando um israelita se tornou tão pobre que teve de vender-se para a escravidão, a lei de Deus providenciou para que sua família *resgatasse a* escravidão pagando um preço (Heb. *Ga'al* , Gk. *Lytroomai* [Septuagint] (Levítico 25: 47-55). De modo semelhante, então, Pecadores se encontraram na escravidão do pecado (Romanos 6: 6), e Cristo os redimiu pelo preço do resgate de sua vida. Ele próprio declara que veio "para dar a sua vida como resgate [Gk. *Lytron*] para muitos "(Mateus 20:28, Marcos 10:45, 1 Tim. 2: 6). Jesus caracteriza a missão de sua encarnação como uma obra de resgate, cuja vida era o preço do resgate que seria dado "em lugar de" (Gk. *Anti*) os muitos pecadores cuja liberdade ele comprou. Por esta razão, Paulo pode exortar os crentes a glorificarem a Deus em seu corpo, pois "vocês foram comprados [Gk. *Agorazō*] com um preço "(1 *Coríntios* 6:20, ver 7:23). O apóstolo Pedro fala da mesma forma quando ele diz aos crentes que eles foram "resgatados" (Gk. *Lytroo* ; NASB: "... não com

coisas perecíveis, como a prata ou o ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem mancha ou mancha" (1 Pe 1: 18-19). Aqui contrastado com prata e ouro, o sangue de Cristo é explicitamente identificado como o preço pelo qual a redenção é comprada. Assim, quando o apóstolo João descreve criaturas no céu adorando o Cristo ascendido, ele observa que o louvam pela sua obra expiatória: "Digno és tu ... porque foste morto, e pelo teu sangue resgataste [Gk. *Agorazō* ; NASB: 'comprou'] pessoas para Deus de cada tribo e língua, e povo e nação "(Apocalipse 5: 9, ver Atos 20:28). O povo de Cristo - isto é, aqueles que "seguem o Cordeiro onde quer que vá" - são, portanto, chamados "redimidos" (Ap 14.3-4), os comprados, pois "têm redenção pelo seu sangue" (Ef. 1: 7; Cf. Col 1:14).

É claro, portanto, que Cristo remiu os pecadores da escravidão pagando o preço do resgate de seu sangue. No entanto, temos de perguntar, a quem ele fez esse pagamento? Poder-se-ia esperar que um resgate tivesse que ser pago a Satanás, pois ele é o guardião do pecado e da morte (Hebreus 2: 14-15), ao qual os homens são escravizados. Por esta razão, vários padres da igreja conceberam a expiação como um resgate a Satanás. No entanto, Deus, o Filho, não é obrigado a Satanás a pagar-lhe; O próprio Satanás é o principal cativo de Deus e, portanto, não está em condições de fazer exigências a Deus. Em vez disso, o resgate do sangue de Cristo foi pago a Deus, cuja santidade exigia um justo pagamento pela penalidade do pecado. Aqui novamente se observa a natureza fundamentalmente objetiva e a direção "Deus" da expiação:

No entanto, a redenção também tem uma direção "para o homem", pois enquanto Deus é propiciado e reconciliado, o homem é redimido. Em primeiro lugar, "Cristo nos redimiu da maldição da lei" (Gálatas 3:13 e 4: 4-5). A lei de Deus sempre trouxe consigo bênçãos prometidas para obediência e promessas de maldição por desobediência (ver Deuteronômio 27-28). De fato, na passagem de Gálatas 3, Paulo cita a maldição prometida pela desobediência apenas alguns versículos anteriores: "Porque todos os que confiam nas obras da lei estão sob a maldição; Porque está escrito: Maldito todo aquele que não obedecer a todas as coisas escritas no livro da Lei, e as cumprir "(Gálatas 3:10, ver Deuteronômio 27:26). Para aqueles que buscam alcançar a justiça pelas suas obras, a lei exige perfeita obediência (Tiago 2:10). Porque "todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Romanos 3:23), Todos vêm sob a maldição da lei. É a partir desta maldição de morte espiritual e destruição que Cristo redimiu seu povo. Ele fez isso, tornando-se uma maldição para nós, isto é, levando as sanções penais dessa maldição em nosso lugar.

Segundo, Cristo nos redimiu do pecado. Os pecadores são escravizados pelo pecado (João 8:34, Romanos 6: 6, 16-17, 2 Pedro 2:19) e, portanto, "uma morte ocorreu para a redenção das transgressões" (Hb 9: 15 HCSB). Por sua morte substitutiva, Cristo redimiu seu povo da culpa do pecado pagando sua pena (Rm 6:23). Assim, pela redenção que vem através do seu sangue temos o perdão dos pecados (Mt 26:28, Ef 1: 7 e Col 1:14). Contudo, Cristo também redimiu seu povo do poder do pecado na carne. Tendo sido redimidos do poder escravizador do pecado, tornaram-se "escravos da justiça" (Romanos 6:18), e assim Paulo conclui: "Mas agora que fostes libertados do pecado e vos tornastes escravos de Deus, O fruto que obtém leva à santificação e ao seu fim, a vida eterna "(Rm 6:22). A redenção do poder do pecado, então,

Finalmente, vários textos nas Escrituras falam da redenção do homem num sentido escatológico, no qual somos finalmente libertados não apenas da pena e do poder do pecado, mas também da sua presença. Em Romanos 8:23, Paulo comenta como os crentes "esperam ansiosamente pela adoção como filhos, a redenção de nossos corpos". Isto não quer dizer que a redenção comprada na cruz seja de alguma forma ineficaz até a glorificação do crente, A redenção eficaz aplicada à alma do crente em sua justificação

também será finalmente aplicada ao corpo em sua glorificação. Em outras palavras, a cruz assegurou a consumação de nossa salvação nada menos que sua inauguração. Por esse motivo, esse último dia é chamado de "sua redenção" (Lucas 21:28) e "o dia da redenção" (Ef 4:30).

Conquista . Enquanto a redenção de seu povo não consistia em pagar um resgate a Satanás, a redenção de Cristo realizada afetou Satanás. Ao pagar a penalidade do pecado e libertar seu povo do pecado e da morte, Jesus também realizou uma vitória de conquista sobre Satanás e os governantes, autoridades, poderes cósmicos e "forças espirituais do mal nos lugares celestiais" (Ef 6:12).). Uma vez que "todo o mundo está no poder do maligno" (1 João 5:19), que é "o deus deste mundo" (2 Coríntios 4: 4) e "o príncipe do poder do ar" (Efésios 2: 2), superar a pena eo poder do pecado na vida de seu povo é triunfar sobre Satanás, entrar na casa do "homem forte e saquear os seus bens" (Mateus 12:29, ver Lucas 11 : 21-22). Por isso, ao aproximar-se do fim de seu ministério terreno, Jesus declarou: **"Agora é o julgamento deste mundo; Agora o governante deste mundo será expulso "(João 12:31), e depois vários dias depois ele proclamou:" O governante deste mundo é julgado "(João 16:11). Ou seja, por meio de sua obra redentora na cruz, Cristo deu o golpe decisivo de morte a Satanás e ao seu reino de trevas, percebendo - ou seja, inaugurando mesmo se ainda não consumando - o propósito pelo qual ele veio ao mundo: "destruir As obras do diabo "(1 João 3: 8). Quando ele nos perdoou "todas as nossas ofensas, cancelando o registro da dívida que estava contra nós com suas exigências legais", deixando-o de lado "cravando-o na cruz", ele removeu as acusações de Satanás contra nós (Col. 2 : 13-14). Portanto, Paulo escreve: "Ele desarmou os governantes e autoridades e os fez abrir a vergonha, triunfando sobre eles nele" (Colossenses 2:15). Através do triunfo paradoxal de sua morte, ele "destruiu aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e livrou todos aqueles que, por medo da morte, foram sujeitos à escravidão vitalícia" (Heb. 2: 14-15). E no terceiro dia, Jesus mostrou sua conquista sobre o poder do pecado e da morte, levantando-se da sepultura. Era impossível para ele ser preso nas garras da morte (Atos 2:24), pois, tendo derrotado a morte, "as chaves da Morte e do Hades" pertencem a ele (Apocalipse 1: 17-18).**

Resumo . Tal é, então, o caráter da expiação penitencial-substitutiva de Cristo. A culpa de nosso pecado exigiu a pena de morte, e assim o Cordeiro de Deus foi morto como um sacrifício expiatório em nosso favor. A ira de Deus se acendeu contra nosso pecado, e assim Cristo foi estabelecido como propiciação para suportar aquela ira em nosso lugar. A poluição de nosso pecado alienou-nos de Deus e despertou sua santa inimizade contra nós, e assim expiando pelo pecado, Cristo reconciliou Deus com o homem. Obediente ao pecado, o homem estava sujeito ao pecado através da lei que expôs o pecado em nossas vidas, e assim Cristo pagou o preço do resgate de seu precioso sangue a Deus Pai para nos redimir dessa escravidão. Ao fazer isso, ele saqueou a casa de Satanás, conquistando a morte e seu capitão pelo exercício de seu próprio poder.

Teorias Incompletas da Expiação

Como foi demonstrado, a natureza da expiação se refere ao próprio coração do evangelho de Cristo. Devido a isso, o mal-entendido do caráter da obra de Cristo pode resultar em grave erro teológico e, em alguns casos, até mesmo heresia. História da Igreja tem fornecido exemplos de ambos, como tem havido várias opiniões e teorias apresentadas sobre o que realmente aconteceu na cruz. Por esta razão, é importante conhecer algumas das principais concepções históricas da expiação e avaliar cada uma pelas Escrituras.

A TEORIA DO RESGATE

Em primeiro lugar, os defensores do resgate, ou clássico, da teoria da expiação argumentam que na luta cósmica entre o bem eo mal e entre Deus e Satanás, Satanás tinha mantido a humanidade cativa ao pecado. Portanto, para resgatar a humanidade, Deus teve de resgatá-los do poder de Satanás entregando Jesus a ele em troca das almas mantidas em cativeiro. Os defensores da teoria do resgate muitas vezes apelam à declaração de Jesus de que ele veio para dar sua vida como resgate de muitos (Mateus 20:28, Marcos 10:45). Uma variação contemporânea da teoria do resgate tornou-se conhecida como a teoria de Christus Victor, que enfatiza a expiação de Cristo como uma vitória sobre as forças cósmicas do pecado, da morte, do mal e de Satanás.

Embora Cristo tenha dado sua vida como um resgate para muitos, e apesar de sua morte realmente desarmar os poderes das trevas (Col. 2:15), tornando impotente o Diabo, que tinha o poder da morte (Hebreus 2:14), Esta visão da expiação proporciona mais poder a Satanás do que ele realmente tem. Satanás nunca esteve em posição alguma de fazer demandas de Deus. Além disso, é a santidade de Deus, e não qualquer suposta soberania de Satanás, que exige uma penalidade justa a ser paga pelo pecado. A Escritura deixa claro que Jesus pagou o preço da cruz a fim de resgatar os pecadores do justo castigo da santa ira de Deus (Romanos 5: 9). No sentido mais profundo, Jesus nos salvou de Deus, não meramente o poder do pecado e Satanás.

A TEORIA DA SATISFAÇÃO

A teoria da satisfação, defendida principalmente por Anselmo de Canterbury (1033-1109), apóia a idéia de que a morte de Cristo fez uma satisfação ao Pai pelo pecado. No entanto, tomando uma sugestão do paradigma do feudalismo que caracterizou a sociedade naquela época, Anselmo se concentrou mais na noção de satisfazer a honra ferida de Deus do que no apaziguamento de sua ira justa.

Certamente é verdade que a glória de Deus é depreciada quando suas criaturas cometem pecado. De fato, o pecado é sinônimo de não *honrar a* Deus dando-lhe graças (Romanos 1:21) e ficando aquém de sua *glória* (Romanos 3:23). Assim, qualquer teoria adequada de expiação proporcionará a vindicação da justiça de Deus ea restauração de sua honra. No entanto, Cristo realizou esta vindicação da justiça de uma maneira particular - ou seja, tornando-se um substituto para os pecadores, suportando vicariamente em seu corpo o castigo que era justamente devido ao seu povo (1 Pe 2:24). Ao apresentar Jesus como uma propiciação da santa ira, Deus se mostrou como justo *e* justificador daquele que tem fé em Cristo (Romanos 3:26).

A TEORIA DA INFLUÊNCIA MORAL

A teoria da influência moral da expiação considera a obra de Cristo como pouco mais do que um belo exemplo de amor e comportamento cristão sacrificial. Propôs primeiro por Peter Abelard (1079-1142) e adaptado posteriormente pelos socinianos e teólogos liberais subseqüentes, a teoria da influência moral postula que a morte de Jesus não realizou nada objetivo, pois Deus não exigiu nenhuma penalidade para ser pago pelo pecado. Deus não estava irado contra a humanidade, e porque Deus é livre, não havia necessidade absoluta de sua justiça ser satisfeita. Em vez disso, a morte de Cristo foi apenas um exemplo de como a humanidade deveria agir. Pela demonstração de tal amor, a morte de Cristo foi dita para conquistar os corações dos pecadores impenitentes e assim atraí-los a viver uma vida moral como Jesus fez - daí a designação de influência *moral* .

Embora estes sejam bons sentimentos, e embora seja certamente verdade que o sacrifício de Jesus é o *exemplar* do amor e do serviço cristãos (João 15:12, Ef 5: 1-2, 1 Pedro 2:24, 1 João 3: 16), reduzir a expiação a um *mero* exemplo a vicia do que a torna verdadeiramente amorosa - isto é, que Cristo pagou objetivamente e suficientemente por nossos pecados, apaziguou a santa ira de um Deus profundamente ofendido que foi feito nosso inimigo mortal por causa de Nosso pecado (Romanos 5:10; 8: 7-8), e assim removemos nossa culpa e alienação. Não se pode negar essas verdades centrais do pecado e da graça inerentes à expiação sem minar o evangelho de Jesus Cristo.

A TEORIA GOVERNAMENTAL

A teoria governamental da expiação foi defendida pela primeira vez por Hugo Grotius (1583-1645), um estudante de Jacobus Arminius (1560-1609). A teoria governamental minimiza a noção de que Cristo realmente pagou uma penalidade correspondente aos pecados particulares do homem. Em vez disso, a morte de Cristo serviu como um sofrimento simbólico pelos pecados em geral - demonstrando que uma penalidade deve ser paga quando as leis são quebradas, mas não realmente pagar uma penalidade específica imposta contra infrações específicas. De fato, os defensores da teoria governamental sustentam que a justiça de Deus não *exigia* absolutamente nenhum pagamento pelo pecado. Ao aceitar o sofrimento meramente simbólico, Deus separou ou relaxou a lei, uma vez que ele é "susceptível de nenhuma lei." [50]No entanto, Ele escolheu punir Cristo para manter a ordem moral eo governo do universo (daí o nome). A punição de Cristo também atua como um impedimento contra o pecado futuro, uma vez que mostra os comprimentos terríveis a que Deus irá para defender o governo moral do mundo.

Este é outro caso de capturar uma parte do quadro, mas, ao não refletir toda a amplitude do testemunho bíblico, não apresentar uma concepção verdadeiramente bíblica da expiação. Cristo, de fato, pagou a penalidade por pecados específicos (1 Coríntios 15: 3, Hebreus 2:17). Seus sofrimentos não eram meramente um exemplo simbólico da antipatia de Deus para com o mal, como se Deus fosse simplesmente avesso ao mal em geral, mas o tolerasse em geral. Não, a justiça de Deus é meticulosa; Ele forneceu um pagamento totalmente suficiente pelo pecado em Cristo. Sem um pagamento particular por pecados particulares, a justiça absoluta de Deus não é satisfeita, e assim os pecadores não têm esperança de perdão.

O CENTRO BÍBLICO: SUBSTITUIÇÃO PENAL

Em última análise, a única concepção da expiação que faz justiça à plenitude da revelação bíblica do evangelho é a substituição penal. Cada uma das visões precedentes contém alguma verdade. É correto afirmar que a morte ea ressurreição de Cristo derrotaram a morte e resgataram pecadores, mas devemos qualificar que esse resgate foi pago a Deus e não a Satanás. É correto afirmar que a morte de Cristo satisfez a honra ferida de Deus, mas devemos nos apressar em acrescentar que ela também satisfez a justa raiva e justiça de Deus, fornecendo um pagamento suficiente pelo pecado. Além disso, a cruz é, na verdade, um maravilhoso exemplo moral de comportamento cristão, mas caímos lamentavelmente curto se não reconhecemos que é muito mais do que isso. Finalmente, a expiação foi de fato um exemplo da governança moral de Deus do universo, No entanto, era mais específico do que Grotius e outros declararam ser. Sem o conceito de substituição penal que fundamenta todas essas imagens da expiação, falhamos em fazer justiça à revelação bíblica de Jesus como o substituto propício ao pecado e ao pecado para os pecadores.

Em sua morte, o Senhor Jesus Cristo pagou a penalidade que nossos pecados sofreram sofrendo vicariamente como nosso substituto. A justa ira que nossos pecados despertaram em Deus foi exercida plenamente sobre o servo sofredor quando o Pai "lançou sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Isaías 53: 6). O Salvador, nosso Cordeiro da Páscoa (João 1:29, 1 Coríntios 5: 7 e Apocalipse 5:12), que não conheceu pecado, foi feito pecado em nosso favor (2 Coríntios 5:21), tornando-se uma maldição para (Gálatas 3:13), e assim extinguiu a ira do Pai contra o nosso pecado (Hebreus 2:17). Por causa deste sacrifício suficiente e da provisão da justiça de Cristo considerada ser nossa (Romanos 4: 3-5, 5: 18-19, ver Mateus 3:15), nossos pecados podem ser justamente perdoados (Rm 3: 25-26), e podemos ser reconciliados com Deus (Romanos 5:10). Isto é mais fundamentalmente o que a cruz é sobre. *Não é apenas* uma demonstração do amor de Deus ou um exemplo para a ética cristã - embora sejam essas coisas (Romanos 5: 8; 1 Pedro 2:21). No seu núcleo, o significado da cruz é que o inocente e justo Filho de Deus levou os pecados de seu povo, sendo esmagado sob a ira do seu Pai justa, levando a sua punição em seu lugar e assim tirando o seu pecado. Se a natureza de substituição da ira da cruz é negada - ou mesmo não devidamente enfatizada -, é fundamentalmente mal-entendido o próprio evangelho, que está no coração da fé cristã. O significado da cruz é que o inocente e justo Filho de Deus levou os pecados de seu povo, sendo esmagado sob a justa ira de seu Pai, levando seu castigo em seu lugar e assim tirando o seu pecado. Se a natureza de substituição da ira da cruz é negada - ou mesmo não devidamente enfatizada -, é fundamentalmente mal-entendido o próprio evangelho, que está no coração da fé cristã. O significado da cruz é que o inocente e justo Filho de Deus levou os pecados de seu povo, sendo esmagado sob a justa ira de seu Pai, levando seu castigo em seu lugar e assim tirando o seu pecado. Se a natureza de substituição da ira da cruz é negada - ou mesmo não devidamente enfatizada -, é fundamentalmente mal-entendido o próprio evangelho, que está no coração da fé cristã.

A Suficiência Perfeita da Expiação

Se há uma descrição a ser aplicada à natureza da expiação penitencial-substitutiva de Cristo, é que é um sacrifício perfeitamente suficiente. Várias características estabelecem sua suficiência perfeita.

Em primeiro lugar, é uma expiação objetiva. Aqueles que sustentaram a suficiência da expiação sempre tiveram de defender esta sã doutrina contra os ataques de falsos ensinamentos. Ao longo da história da igreja, o espírito da época sempre levou os homens a arrogantemente exaltar-se à posição de ser seu próprio conhecimento. É a ilusão natural do coração humano pecaminoso que o próprio homem reteve bastante bondade para pelo menos cooperar com a obra salvadora do Senhor Jesus Cristo - que os pecadores podem e devem fazer parceria com o Salvador para efetuar sua própria expiação. Daí fluem os fluxos poluídos de toda religião falsa, segundo a qual o homem acrescenta à obra de Cristo a sua própria realização religiosa - a multiplicação das boas obras eo repúdio das más obras - para assegurar a sua salvação. A teologia liberal não só abraçou tal idolatria, mas canonizou-a como um dos poucos dogmas em que se sustenta: o homem é basicamente bom, e para ser aceito diante de Deus, ele só precisa responder à influência moral da morte de Cristo e imitar seu exemplo De auto-sacrifício. Com isso, argumenta-se, mesmo que nunca de modo tão explícito, Deus se satisfará conosco e não contará nossos pecados contra nós.

No entanto, o Senhor Jesus possui plenamente a própria natureza de Deus, que disse: "Eu sou o SENHOR , e fora de mim não há salvador" (Isaías 43:11), e "Eu sou o SENHOR ; esse é meu nome; Não dou a minha glória a nenhum outro "(Isaías 42: 8,

ver 48:11). O nome de nosso Senhor é Jealous (Êxodo 34:14), e ele não vai compartilhar com os outros a glória que lhe é devido como o único Salvador do homem. A expiação que ele efetuou é *objetiva* - um trabalho realizado independentemente e à parte daqueles que eventualmente participarão de seus benefícios. Nenhum trabalho cooperativo ou resposta à graça aumenta ou energiza este fundamento de nossa salvação. Certamente, aqueles que experimentam subjetivamente os benefícios da expiação devem responder em arrependimento e fé, *Mas essas respostas pertencem à aplicação* da redenção - e não a sua *realização* - e são adquiridas pela obra perfeita que Cristo realizou. "Foi terminado!", Foi o grito triunfante da cruz, não "Começou." Como com a obra de eleição do Pai, que não "depende daquele que quer ou corre" (Rm 9:16 ESV mg). , E com a obra de aplicação do Espírito, em que ele sopra onde deseja (João 3: 8), assim é com a obra de redenção do Filho. A salvação é do Senhor (Jonas 2: 9), e, portanto, ela foi perfeitamente realizada *por* ele, há dois mil anos, externa àqueles que colherão suas bênçãos divinas. "Foi terminado!", Foi o grito triunfante da cruz, não "Começou." Como com a obra de eleição do Pai, que não "depende daquele que quer ou corre" (Rm 9:16 ESV mg). , E com a obra de aplicação do Espírito, na qual ele sopra onde deseja (João 3: 8), assim é com a obra de redenção do Filho. *A salvação é do Senhor (Jonas 2: 9), e, portanto, ela foi perfeitamente realizada por* ele, há dois mil anos, externa àqueles que colherão suas bênçãos divinas. "Foi terminado!", Foi o grito triunfante da cruz, não "Começou." Como com a obra de eleição do Pai, que não "depende daquele que quer ou corre" (Rm 9:16 ESV mg). , E com a obra de aplicação do Espírito, na qual ele sopra onde deseja (João 3: 8), assim é com a obra de redenção do Filho. *A salvação é do Senhor (Jonas 2: 9), e, portanto, ela foi perfeitamente realizada por* ele, há dois mil anos, externa àqueles que colherão suas bênçãos divinas.

Segundo, a suficiência da expiação é estabelecida por sua finalidade. É um trabalho único, acabado, irrepetível. A Igreja Católica Romana ensina precisamente o contrário, degradando a suficiência da obra de Cristo ao propor repetir seu sacrifício na cerimônia da missa. Em blasfêmia franqueza, o teólogo católico Ludwig Ott escreveu o seguinte:

> No sacrifício da missa e no sacrifício da cruz, o dom sacrifício eo sacerdote primordial são idênticos; Somente a natureza e o modo da oferta são diferentes ... De acordo com a visão tomista, *em cada Missa Cristo também realiza uma atividade sacrificial real imediata* , que, no entanto, não deve ser concebida como uma totalidade de muitos atos sucessivos, mas como um único Ato ininterrupto de sacrifício do Cristo Transfigurado. O propósito deste Sacrifício é o mesmo no Sacrifício da Missa como no Sacrifício da Cruz; Principalmente a glorificação de Deus, secundariamente *expiação* , ação de graças e apelo.

Contraste isso, porém, com o testemunho incessante do livro de Hebreus para a finalidade do sacrifício de Cristo:

> Pois era conveniente que tivéssemos um sumo sacerdote, santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e exaltado acima dos céus. Ele não tem necessidade, como esses sumos sacerdotes, de oferecer sacrifícios diariamente, primeiro por seus próprios pecados e depois pelos do povo, uma vez que fez isso de *uma vez por todas* quando se ofereceu. Porque a lei designa os homens em sua fraqueza como sumos sacerdotes, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, designa um Filho que foi aperfeiçoado *para sempre* . (Hb 7: 26-28)

> Mas quando Cristo apareceu como um sumo sacerdote dos bens que vieram, então através da tenda maior e mais perfeita (não feita com mãos, isto é, não desta criação), ele entrou *uma vez por todas* nos lugares santos, não por Meios do sangue de cabras e de

> bezerros mas por meio de seu próprio sangue, assim assegurando uma redenção *eterna* . (Hb 9: 11-12)
>
> *Nem* era para oferecer-se *repetidamente* , como o sumo *sacerdote* entra nos lugares santos todos os anos com sangue não o seu próprio, pois então ele teria tido que sofrer repetidamente desde a fundação do mundo. Mas, como é, ele apareceu *uma vez por todas* no fim dos séculos para afastar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E assim como é designado para que o homem morra uma vez, e depois disso vier o julgamento, assim Cristo, tendo sido *oferecido uma vez* para levar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, não para lidar com o pecado, mas para salvar aqueles que estão ansiosamente Esperando por ele. (Hb 9: 25-28)
>
> E por essa vontade fomos santificados por meio da oferta do corpo de Jesus Cristo de *uma vez por todas* . E cada sacerdote está diariamente a seu serviço, oferecendo repetidamente os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados. Mas quando *Cristo ofereceu para sempre um único sacrifício pelos pecados , assentou-se* à direita de Deus, esperando desde aquele tempo até que seus inimigos fossem um escabelo de seus pés. Pois *por uma só oferta* aperfeiçoou *para sempre* os que estão sendo santificados. (Hb 10: 10-14)

Essas passagens negam explicitamente que Cristo deveria se oferecer repetidamente (Hb 9:25). Sugerir tal coisa é impugnar o caráter do próprio Cristo, pois era a *fraqueza* dos sumos sacerdotes - o fato de que eles próprios eram pecaminosos e nunca poderiam trazer um sacrifício perfeito para expiar os pecados - que exigiam suas repetidas ofertas (Heb 7:28). No entanto, não há tal fraqueza em nosso Sumo Sacerdote; Ele é o Filho eternamente perfeito - santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores (Hb 7:26).

Além disso, muitas peças de mobiliário sagrado adornavam o tabernáculo eo templo, como a pia, o pão da proposição, o candelabro ea arca. No entanto, uma peça de mobiliário que não se encontrava em parte alguma era uma cadeira. O sacerdote de Israel nunca se assentou, mas permaneceu constantemente, porque sua obra nunca foi feita. O pecado estava sempre presente, e assim o sacrifício era sempre necessário. Mas tão diferentes como a nova aliança é do antigo, assim é o nosso Grande Sumo Sacerdote dos sacerdotes de Israel. Pois Cristo entrou no tabernáculo perfeito, não feito com mãos (Hebreus 9:11, ver 8: 2), ofereceu um único sacrifício e *sentou-se* (Hb 10:12), porque a sua oferta era diferente da sua oferta. Ele não ofereceu o sangue de touros e cabras, que nunca pode tirar os pecados (Hebreus 10: 4), mas sim seu próprio sangue precioso, pelo qual ele assegurou "uma redenção eterna" (Hb 9:12). *E na medida em que o próprio Filho de Deus é intrinsecamente digno, o seu foi um melhor* sacrifício (Hb 9:23; cf.. 8: 6), de tal caráter como a *aperfeiçoar* -para todos os tempos, aqueles para quem foi oferecido (Hebreus 10:14). Pode haver maior violência nesses textos do que sugerir que o sacrifício de Cristo deve ser repetido? Tal doutrina perversa drena a cruz de seu poder muito poupança, pois "onde há remissão destes [pecados], já não há *qualquer* oferta pelo pecado" (Hb 10:18;.. Rm 6:10). Se resta uma oferta para ser dada, não houve remissão de pecados. *de tal natureza como para aperfeiçoar* -para todos os tempos, aqueles para quem foi oferecida (Heb. 10:14). Pode haver maior violência nesses textos do que sugerir que o sacrifício de Cristo deve ser repetido? Tal doutrina perversa drena a cruz de seu poder muito poupança, pois "onde há remissão destes [pecados], já não há *qualquer* oferta pelo pecado" (Hb 10:18;.. Rm 6:10). Se resta uma oferta para ser dada, não houve remissão de pecados. *de tal natureza como para aperfeiçoar* -para todos os tempos, aqueles para quem foi oferecida (Heb. 10:14). Pode haver maior violência nesses textos do que sugerir que o sacrifício de Cristo deve ser repetido? Tal doutrina perversa drena a cruz de seu poder muito poupança, pois "onde há remissão destes [pecados], já não há *qualquer* oferta pelo pecado" (Hb 10:18;.. Rm 6:10). Se resta uma oferta para ser dada, não houve remissão de pecados. 10:18; Cf. ROM. 6:10). Se resta uma oferta para ser dada, não houve remissão

de pecados. 10:18; Cf. ROM. 6:10). Se resta uma oferta para ser dada, não houve remissão de pecados.

Finalmente, a suficiência da expiação é estabelecida pela sua eficácia. Ou seja, ao morrer na cruz, Cristo *realmente* salvou seu povo. Ele não veio para tornar a salvação hipotética, possível ou meramente disponível, mas realmente "salvar o seu povo dos seus pecados" (Mt 1:21). Ele não veio para tornar os homens redimidos, mas para resgatá-los. Ele morreu não potencialmente, mas na verdade, e assim ele não fez uma expiação provisória, mas uma verdadeira. Como o Senhor da glória se preparou para entregar o seu espírito aos cuidados do Pai, consciente de que tinha realizado a obra que veio fazer, declarou: "Está consumado" (João 19:30). A redenção tinha sido realizada. Nosso Sumo Sacerdote realmente fez a purificação dos pecados, e, terminada a sua obra, sentou-se (Hb 1: 3). O Bom Pastor tinha realmente tirado os pecados de suas ovelhas (1 João 3: 5), levando-as em seu próprio corpo (1 Pe 2:24). Ele havia realmente extinguido o pleno exercício da ira do Pai (Romanos 3:25), tendo realmente se tornado uma maldição para nós (Gálatas 3:13) e, assim, exaustivamente pagando a penalidade completa pelos nossos pecados. Ao fazê-lo, ele realmente comprou a redenção do seu povo pelo preço do resgate de seu próprio sangue (Atos 20:28 e Ap 5: 9). Cada uma dessas passagens é uma declaração de realização eficaz. Inserir artificialmente o conceito de provisão ou potencialidade em qualquer um desses textos é forçar a teologia de alguém sobre o significado claro da Escritura. 13) e, assim, pagar exaustivamente a penalidade completa pelos nossos pecados. Ao fazê-lo, ele realmente comprou a redenção do seu povo pelo preço do resgate de seu próprio sangue (Atos 20:28 e Ap 5: 9). Cada uma dessas passagens é uma declaração de realização eficaz. Inserir artificialmente o conceito de provisão ou potencialidade em qualquer um desses textos é forçar a teologia sobre o significado claro da Escritura. 13) e, assim, pagar exaustivamente a penalidade completa pelos nossos pecados. Ao fazê-lo, ele realmente comprou a redenção do seu povo pelo preço do resgate de seu próprio sangue (Atos 20:28 e Ap 5: 9). Cada uma dessas passagens é uma declaração de realização eficaz. Inserir artificialmente o conceito de provisão ou potencialidade em qualquer um desses textos é forçar a teologia de alguém sobre o significado claro da Escritura.

De fato, esse elemento de eficácia tem sido inerente à concepção bíblica da expiação desde seu início na lei levítica. O verbo hebraico *kaphar* é o verbo mais comum no Velho Testamento para o conceito de "fazer expiação", e mais de metade de suas ocorrências estão em Levítico. Em muitas dessas ocorrências, a palavra aparece sem qualquer frase modificadora (por exemplo, Levítico 16:32). No entanto, em vários casos, o orador comenta sobre a expiação que ele acaba de prescrever, e cada vez que ele faz isso, ele faz uma declaração da eficácia da expiação:

> E o sacerdote fará expiação por eles, e eles serão perdoados. (Levítico 4:20)
>
> O sacerdote fará expiação por ele pelo seu pecado, e ele será perdoado. (Levítico 4:26, 31, 35, 5:10, 13, 16, 18, 6: 7, 19:22)
>
> E o sacerdote fará expiação por ela, e ela será limpa. (Levítico 12: 8)
>
> Assim o sacerdote fará expiação por ele, e ele será limpo. (Levítico 14:20)
>
> Assim fará expiação pela casa, e ela ficará limpa. (Levítico 14:53)

A repetição das leis para o sacrifício teria impresso indelevelmente na mente do israelita fiel que quando o sacerdote fez a expiação, ele realmente expiou, e que a expiação trouxe o efeito pretendido do perdão dos pecados. Assim, quando o mesmo grupo de palavras gregas (*hilaskomai, hilasmos, hilastērion*) usado para traduzir *kaphar* na Septuaginta

aparece no Novo Testamento para descrever a obra expiatória do Messias, o leitor entende naturalmente que a mesma eficácia é inerente ao conceito de A expiação de Cristo. A morte de Jesus não perdoou pecados; Realizou o perdão. Sua expiação não era hipotética, potencial ou provisória; Era uma expiação eficaz.

Nada disso é sugerir que os eleitos foram justificados ou concedidos fé salvadora e arrependimento no momento da morte de Cristo no primeiro século. Também não é para sugerir que alguém é salvo separadamente da fé. Assumir isso é confundir a realização da redenção com sua aplicação. Em vez disso, falar de expiação definitiva e salvação realizada é dizer que Cristo suportou toda a punição, pagou a pena completa e satisfez toda a ira de Deus contra os pecados de seu povo. É dizer que ele fez tudo o que era necessário para garantir completamente a salvação daqueles para quem morreu - para tornar certa e definida a aplicação dos benefícios da salvação a todos aqueles para quem Cristo os comprou. É, finalmente,

A Extensão da Expiação

Tendo compreendido a natureza gloriosa da obra expiatória de Cristo, é agora necessário responder à questão de sua extensão. Por quem Cristo morreu? Em nome de quem Cristo se ofereceu como um sacrifício de substituição penal? Por quem ele propiciou a ira de seu Pai? A quem Cristo se reconciliou com Deus e redimiu da escravidão para o pecado e Satanás?

No início, deve-se observar que este tópico não é meramente uma quibble teórica em que somente teólogos doutrinários especulam para o esporte. As respostas às perguntas acima não são as reflexões impraticáveis e esotéricas dos acadêmicos da torre de marfim. Esta é uma discussão intensamente prática, pois a natureza do trabalho cruzado de Cristo corre até o próprio coração do evangelho; Não é muito longe do centro da fé cristã pedir, para quem Cristo realizou estas coisas? Embora seja uma vergonha que a questão da extensão da expiação tenha sido freqüentemente um tema de intenso desacordo e desunião entre os crentes, de outra forma, com a mesma opinião, é uma vergonha maior que alguns, com pouca paciência para um debate teológico disciplinado, Consideraram-no uma discussão indigna e ridicularizaram aqueles que insistem em uma posição de convicção bíblica. Se o Filho de Deus destruiu o poder do pecado e comprou a redenção pela qual os pecadores podem ser libertados do julgamento divino, pode haver alguma pergunta mais importante a pedir do que, para quem ele fez isso? Esta é uma questão para a qual o aluno da Escritura deve dedicar-se a responder biblicamente.

As respostas dadas a esta pergunta vital tipicamente se dividem em duas categorias gerais. A escola universalista de pensamento responde que Cristo pagou pelos pecados de cada pessoa que já viveu sem exceção. Isso *geralmente* é chamado de *expiação geral, ilimitada* ou *universal* . Em *contraste* , os *particularistas* ensinam que Cristo morreu como um substituto para os eleitos sozinhos - somente para aqueles indivíduos particulares que o Pai escolheu na eternidade passada e deu ao Filho. Embora esta posição tenha sido *conhecida* como *uma expiação limitada* - que a expiação de Cristo se limita aos eleitos - muitos proponentes acharam esse rótulo facilmente incompreendido e preferiram a *expiação definitiva* ou *redenção particular* . Ao longo da discussão da soteriologia no presente volume, foi afirmada uma redenção particular. Nesta seção será defendida da Escritura.

Que discutir esse tópico muitas vezes gera mais calor do que a luz é devido a dois fatores primários. Em primeiro lugar, a questão precisa em questão é muitas vezes mal compreendida. Fazendo a pergunta, por quem Cristo morreu? Não está perguntando, a quem o evangelho deve ser pregado? Tanto particularistas como universalistas

reconhecem prontamente que o evangelho deve ser proclamado a todas as pessoas sem exceção; Cristo genuinamente se oferece como Salvador a qualquer pessoa que se desviasse dos seus pecados e confiasse nele para a justiça. Também não é pedir, para o perdão de cujos pecados é suficiente a obra de Cristo? Ambos os lados concordam que, se Deus tivesse escolhido salvar mais pecadores do que ele realmente tem, Cristo não teria tido que sofrer mais do que fez para salvá-los. Nem é a questão, Quem será finalmente salvo? Ambos estipulam que os benefícios da salvação de Cristo serão aplicados somente àqueles que se arrependerem e crerem nele. Assim, tanto os particularistas como os universalistas podem subscrever o dito popular de que a expiação é "suficiente para todos, mas eficaz apenas para os eleitos". Esta também não é uma disputa sobre se quaisquer benefícios que não economizam resultantes da expiação resultem para o não-eleito. Se Deus não tivesse intenção de salvar os pecadores através da expiação de Cristo, é provável que ele tivesse imediatamente visitado a justiça do homem pecador como fez com os anjos caídos (2 Pedro 2: 4). Contudo, porque Deus pretendia salvar o seu povo através de Cristo na plenitude dos tempos, mesmo aqueles a quem não salvará em última instância, terão gozado dos benefícios da graça comum, da tolerância divina e da suspensão temporária do julgamento divino. Assim sendo, Para evitar confusão e contenção desnecessárias, deve-se reconhecer que a posição da pessoa sobre a extensão da expiação não afeta necessariamente a resposta de alguém a essas outras questões. Em vez disso, a questão é: em que lugar Cristo se colocou como um sacrifício substitutivo quando ele suportou a fúria total da ira justa do seu Pai contra o pecado? A resposta é, apenas aqueles que nunca irão suportar a própria ira, ou seja, os eleitos sozinhos.

Outra razão essa discussão muitas vezes leva à frustração se refere à metodologia. Muitas vezes, os universalistas citam uma série de textos de prova contendo as palavras "todos" ou "mundo" e consideram o assunto encerrado, declarando a interpretação particularista uma violação da "leitura simples" do texto. No entanto, essa abordagem não leva em conta o contexto desses textos isolados, juntamente com o resto do ensinamento da Escritura e, assim, demonstra que o que é freqüentemente afirmado ser a "leitura simples" não é nada mais do que uma leitura superficial.

Numerosas passagens da Escritura contêm linguagem universalista enquanto não falam de cada indivíduo sem exceção. Por exemplo, Romanos 5:18 diz: "Portanto, como uma só transgressão levou à condenação de todos os homens, assim um ato de justiça leva à justificação e vida para todos os homens". A assim chamada "leitura simples" deste texto pareceria Para exigir que as duas frases "todos os homens" sejam interpretadas identicamente em ambas as metades do verso. Tal posição, no entanto, leva a afirmação da doutrina da salvação universal ou a negar a doutrina do pecado original. Todos sem exceção são condenados em Adão (Romanos 5:12), mas nem todos recebem indiscriminadamente justificação e vida (Mateus 7:13, 22-23, Ap 21: 8). Em Romanos 5: 12-21, Paulo contrasta Adão e Cristo como as duas cabeças representativas da humanidade, que esclarece sua intenção em 5:18. Assim como as ações de Adão afetam todos os homens que estão nele, assim também as ações de Cristo afetam todos aqueles que estão nele. Assim, considerando o contexto pode corrigir uma leitura superficial de uma passagem isolada da Escritura.

Em outros casos, a linguagem universal é simplesmente uma convenção de fala comum. Quando os fariseus disseram de Jesus: "Eis que o mundo o seguiu" (João 12:19), eles não queriam dizer que todos os que estavam vivos na terra naquele tempo haviam começado a seguir a Cristo. Quando Paulo disse: "Todas as coisas me são lícitas" (1 Coríntios 6:12, ver 10:23), ele não quis dizer que estava livre para fazer tudo e qualquer coisa sem exceção, pois reconheceu que estava Não sem lei, mas estava "debaixo da lei

de Cristo" (1 Coríntios 9:21). Portanto, a presença da linguagem universal não deve ser lida automaticamente como significando "todos sem exceção". Como qualquer outra coisa, a linguagem universal precisa ser interpretada corretamente de acordo com seu contexto e de acordo com a totalidade do ensino bíblico.

Ao invés de volear textos de prova para frente e para trás, é essencial considerar o ensinamento claro da Escritura sobre a *natureza* da missão de Cristo para realizar a redenção. O ensinamento da Bíblia sobre a natureza da expiação tem uma influência significativa na compreensão apropriada de sua extensão. Várias linhas de evidências bíblicas devem ser consideradas para apoiar a visão particularista da expiação.

PARTICULARIZAÇÃO TRINITARIANA

O início deste capítulo expõe o ensino bíblico sobre o plano divino de salvação e sua relação com a missão do Filho. Foi demonstrado que a decisão de o Filho assumir a carne humana e resgatar pecadores da morte e do julgamento não foi feita unilateralmente, mas de acordo com um plano trinitário acordado. Em perfeita unidade, o Pai comissionou o Filho a ir no poder do Espírito Santo para salvar os pecadores. O Pai *enviou* o Filho para um propósito específico, para realizar uma missão particular. É por isso que Jesus continuamente descreveu seu ministério como fazendo a vontade do Pai que o enviou, chegando até a dizer: "Meu *alimento* é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir sua obra" (João 4:34). (Ver 6:38, 17: 4, Hebreus 10: 7). Quando ele falou da sua morte expiatória, declarou que ele era assim ordenado pelo seu Pai a dar a sua vida (João 10: 17-18), e assim a totalidade de sua missão é justamente caracterizada como um ato de obediência ao Pai (Filipenses 2: 8). Tudo o que o Filho pretendia realizar em sua missão de salvação, era precisamente esse propósito pelo qual o Pai o havia enviado. Há uma unidade perfeita de propósito e intenção na vontade salvífica do Pai e na vontade salvífica do Filho.

No entanto, é claro que o Pai não escolheu a todos para a salvação. Aqueles em quem ele estabeleceu seu amor eleitor também predestinou, e aqueles que ele predestinou também chamou eficazmente, e aqueles a quem ele chamou também declarou justos em Cristo, e aqueles que ele justificou, ele também glorificou (Romanos 8: 29-30, 33, Efésios 1: 4-5). Visto que nem todos são justificados e glorificados, segue-se que nem todos foram conhecidos e predestinados pelo Pai para a salvação. Há "vasos de ira" que foram preparados para a destruição e "vasos de misericórdia" que ele preparou para a glória (Rm 9: 22-23). A eleição do Pai não é universal. Se a eleição do Pai é particular e não universal, e se o Pai eo Filho estiverem perfeitamente unidos em sua vontade e propósito de salvação, É impossível que a expiação do Filho seja universal e não particular. Como Reymond escreve,

> É inconcebível acreditar que Cristo diria: "Eu reconheço, Pai, que sua eleição e suas intenções salvíficas terminam em apenas uma porção da humanidade, mas porque meu amor é mais inclusivo e expansivo do que o seu, não estou satisfeito em morrer apenas Para aqueles que você elegeu. Eu vou morrer por todos. "

Contudo, esta é a conclusão inevitável daqueles que negam a redenção particular. Dito de outra maneira, se a expiação é universal, então ou a eleição também é universal, ou o Pai e o Filho estão em contradição uns com os outros. No entanto, a Escritura refutou ambas as noções. A vontade salvífica do Pai é expressa em sua eleição particular (que ele escolheu alguns, não todos, para ser salvos), e o Filho veio para fazer a vontade de seu Pai, que o enviou.

O que é essa vontade? Jesus explicitamente explicou: "E esta é a vontade daquele que me enviou, para que eu não perca nada *de tudo o que ele me deu* , mas ressuscitá-lo no

último dia" (João 6:39). Existe um grupo de indivíduos escolhidos que o Pai deu ao Filho, e é por *eles* que realiza sua obra redentora. Eles são todos aqueles que eventualmente virão a ele (João 6:37) e crerão (João 6:40) porque foram eficazmente atraídos pelo Pai (João 6:44, 55-65); Eles são as ovelhas pelas quais o Filho põe a sua vida (João 10: 14-15, 27) e a quem ele dá a vida eterna (João 6:40; 10:28; 17: 2). Cristo diz claramente: "Teus eram, [Pai,] e você me os deu" (João 17: 6, ver 17: 9, 24), e distingue-os claramente do resto do mundo (João 17: 9). Estes indivíduos que pertenceram ao Pai antes da fundação do mundo não podem ser outros senão os eleitos que Ele escolheu para a salvação. São, portanto, estes e somente estes que o Pai dá ao Filho e, portanto, são estes e somente estes, para os quais o Filho realiza a redenção.

Portanto, não é surpreendente ler as muitas maneiras pelas quais a Escritura identifica um povo em *particular* como os beneficiários da obra de Cristo na cruz. Ele deu sua vida como resgate por *muitos*(Mt 20:28, Marcos 10:45, Isaías 53:12, Mateus 26:28), nem todos. Ele é o Bom Pastor, que dá a sua vida pelas suas *ovelhas* (João 10: 11-15), não pelos cabritos que não são dele (João 10:26). Ele é o amante dos irmãos que dá a vida por seus *amigos* (João 15:13). Ele é o grande Redentor, que com seu próprio sangue comprou a *igreja* de Deus (Atos 20:28). Ele é o noivo da *igreja* (Apocalipse 19: 7, ver João 3:29), a quem ele amou e por quem se entregou (Efésios 5:25). *Ele foi entregue para os eleitos* (Rm 8: 32-33), para quem ele continua a interceder (Rm 8:34, ver João 17: 9). E ele é o santificador de " *um povo para sua própria possessão* que são zelosos para boas obras" (Tito 2:14).

É popular para os universalistas responderem que essa linguagem particularista não exclui necessariamente o universalismo; Isto é, Cristo pode ter morrido por suas ovelhas, mas não se segue que ele também não morreu pelas cabras. No entanto, essa defesa da redenção particular é muito mais do que meramente empacotar uma série de isolados textos de prova particularista; Está colocando esses textos no contexto da unidade explícita entre a vontade salvífica do Pai e do Filho, que a Escritura define como particular e não universal. Além disso, há evidências de que pelo menos algumas destas designações particularizadoras são necessariamente exclusivas. Paulo identifica aqueles para quem o Pai deu o seu Filho como "Eleito de Deus" (Romanos 8: 32-33) - uma categoria que exclui necessariamente aqueles que não foram escolhidos e que já foi estabelecido como não universal. Jesus declara que ele dá sua vida por suas ovelhas (João 10: 14-15), que são definidas como aquelas que o Pai lhe deu (João 10:29), tornando assim "ovelhas" simplesmente outra designação para os eleitos. Acrescente a essa observação de Jesus aos fariseus: "Mas vocês não crêem porque não estão entre minhas ovelhas" (João 10:26). Dado que Jesus diz: "Dou a minha vida pelas ovelhas", momentos antes de declarar aos fariseus: "Vocês não estão entre as minhas ovelhas", é legítimo inferir que ele não deu a sua vida pelos fariseus . Finalmente, quando Paulo faz com que o amor sacrificial de Cristo pela igreja seja o padrão para o amor do marido por sua esposa, ele nos fecha para uma compreensão particularista do amor de Cristo por sua noiva (Efésios 5: 25-27). Claramente, Os maridos devem amar suas esposas de uma maneira que seja especial e diferente da maneira que amam todos os outros. Se (1) Cristo amou até mesmo o não-eleito e se entregou por eles exatamente da mesma maneira que se entregou por sua própria noiva, e se (2) os maridos foram chamados a amar suas esposas segundo esse padrão, então os maridos devem amar a Esposas de uma forma que não é diferente da forma como eles amam outras mulheres. Certamente não era essa a intenção de Paulo. Assim, pode-se inferir que o amor moribundo de Cristo por sua igreja é único e distintivo. Então os maridos devem amar suas esposas de uma maneira que não é diferente da maneira que amam outras mulheres. Certamente não era essa a intenção de Paulo. Assim, pode-se inferir profundamente que o amor moribundo de Cristo por sua

igreja é único e distintivo. Então os maridos devem amar suas esposas de uma maneira que não é diferente da maneira que amam outras mulheres. Certamente não era essa a intenção de Paulo. Assim, pode-se inferir que o amor moribundo de Cristo por sua igreja é único e distintivo.

Em resumo, em virtude de sua própria unidade de essência, o Pai, Filho e Espírito Santo estão perfeitamente unidos com respeito à sua vontade e propósito de salvação. Cristo foi enviado pela autoridade do Pai e no poder do Espírito Santo para não salvar nem mais nem menos pessoas do que o Pai escolheu e o Espírito regenerou (Efésios 1: 3-14). O Pai elegeu alguns, não todos; O Espírito regenera alguns, não todos. Sugerir que Cristo expiou por todos, não por alguns, é colocar as pessoas da Trindade totalmente em desacordo umas com as outras; É ser forçado a dizer que a vontade do Filho não é a vontade do Pai e do Espírito. Isso não só ameaça a consubstancialidade das pessoas da Trindade, mas contradiz categoricamente as próprias declarações explícitas de Cristo de que ele empreendeu sua missão salvadora precisamente para fazer a vontade de seu Pai. Como o Pai deu ao Filho um povo particular fora do mundo, é para estes - suas ovelhas, suas próprias, a igreja - que Cristo dá a sua vida. A unidade na Trindade exige uma expiação especial.

EXPERIÊNCIA EFICAZ

Talvez o argumento mais comum daqueles que sustentam alguma forma de expiação ilimitada é que Cristo morreu para todos sem exceção em um sentido *provisório* . Cristo morreu para *prover* salvação para todos, mas não para infalivelmente protegê-la para qualquer um em particular. Ele morreu *potencialmente* para todos, diz-se, de tal forma que o potencial existe para que alguém possa ter os benefícios do seu sacrifício aplicado a ele através do arrependimento e da fé. Muito raramente é essa natureza provisória da expiação argumentada com base na exegese da Escritura; Antes, é apresentada como uma construção teológica para explicar textos que falam da morte de Cristo em termos universalistas. O argumento geralmente tem a seguinte forma:

1. A Escritura fala da morte de Cristo em termos universalistas; Assim, Cristo morreu para todos sem exceção.
2. Nem todos recebem os benefícios salvíficos da morte de Cristo; Alguns perecem no inferno.
3. Portanto, Cristo morreu para todos em apenas um sentido provisório ou potencial; A expiação é concedida sua eficácia pela decisão do pecador de se arrepender e crer.

A totalidade deste argumento depende da suposição não comprovada no primeiro ponto, a saber, que a linguagem universalista deve ser interpretada como significando "todos sem exceção". Contudo, essa suposição não segue. Se pudermos mostrar (1) que a linguagem universalista tomada no contexto pode ser adequadamente interpretada como significando "tudo sem distinção", e (2) que todo o ensino bíblico identifica a expiação não como provisória, mas como inerentemente eficaz, o argumento universalista falha . O primeiro será abordado abaixo. O último é retomado aqui.

A chave para o argumento do universalista é lançar a expiação de Cristo como intrinsecamente ineficaz. Contudo, no tratamento acima da suficiência perfeita da expiação, foi estabelecido a partir da Escritura que o atributo de eficácia é inerente e essencial ao conceito bíblico de expiação. Para rever, as Escrituras ensinam que Cristo realmente - não potencialmente, provisoriamente, ou hipoteticamente, mas na verdade - realizou a salvação de seu povo em virtude de sua obra na cruz. É quase tautológico dizer que quando a Escritura afirma que o nosso substituto “os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro” (1 Pe. 2:24), isso significa que ele *realmente* , não potencialmente, os

nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro . Quando a Escritura diz: "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões; Ele foi esmagado por nossas iniqüidades; Sobre ele foi o castigo que nos trouxe a paz, e com as suas feridas fomos curados "(Isaías 53: 5), seria exegicamente monstruoso concluir que ele era apenas potencialmente perfurado ou potencialmente esmagado - que seu castigo trouxe apenas um potencial Paz ou que suas feridas trouxeram apenas cura potencial. *Isso seria injetar artificialmente o conceito de potencialidade* em textos que falam de realização eficaz e objetiva. Não, Cristo foi *realmente* perfurado, esmagado, castigado, e feridos, e, portanto, ele realizou a paz real e de cura real. A Escritura não diz: "Por suas feridas, você foi feito healable." Não diz, "Por suas feridas, *Você foi colocado em um estado no qual você pode* ser curado se você cumprir certas condições que ativam o escopo hipoteticamente universal das feridas de Cristo ". O texto simplesmente diz:" Por suas feridas você foi curado "(1 Pe 2:24) . Isto é, o sofrimento objetivo e substitutivo de Cristo e a morte realmente realizaram a cura espiritual daqueles para quem ele morreu - aqueles que, por causa do valor intrínseco e eficácia do sacrifício de Cristo, "não só podem ser salvos, mas são salvos, devem ser salvos , E não pode, por qualquer possibilidade correr o perigo de ser nada, mas salvo. "

Exemplos como este poderiam ser multiplicados pelas Escrituras. Como já foi mencionado, começando desde a lei levítica, a expiação sempre foi apresentada como intrinsecamente eficaz, cumprindo sempre o efeito pretendido (Levítico 4:20, 26, 31, 35, 5:10, 13, 16 , 18, 6: 7, 12: 7-8, 14:20, 53, 19:22). Assim, quando o Novo Testamento aplica a terminologia do Velho Testamento para expiação à obra do Messias, é apropriado considerar a expiação de Cristo com a mesma eficácia inerente. E é exatamente assim que os escritores do Novo Testamento o retratam: Jesus, na verdade, expiou nossos pecados (1 João 3: 5), propiciou realmente a ira do Pai contra nós (Romanos 3:25, Hebreus 2: 17-18), reconciliados Deus para nós (Cl 1:22), e realmente comprou a nossa redenção (Atos 20:28 e Apocalipse 5: 9). Ele não veio para tornar possível a salvação, mas para salvar decisivamente o seu povo (Mt 1:21). Em sua obra expiatória, Cristo não forneceu uma salvação hipotética, mas infalivelmente assegurou a salvação daqueles para quem ele morreu por realmente levar sua punição. Packer escreve pungentemente,

> O propósito de salvação de Deus na morte de seu Filho não foi um desejo meramente ineficaz, dependendo de sua realização na vontade do homem de crer, de modo que, por tudo que Deus poderia fazer, Cristo poderia ter morrido e nenhum ser salvo em absoluto ... A Bíblia vê A cruz como revelando o poder de Deus para salvar, não sua impotência. Cristo não ganhou uma hipotética salvação para os crentes hipotéticos, uma mera possibilidade de salvação para qualquer um que poderia crer, mas uma verdadeira salvação para o seu próprio povo escolhido. Seu sangue precioso realmente nos salva a todos; Os efeitos pretendidos de sua auto-oferta de fato seguem, apenas porque a cruz era o que era. Seu poder de salvação não depende da fé que está sendo adicionada *a* ele; seu poder salvífico é tal que a fé flui *a partir* dele.

Dado que, então, a expiação de Cristo é inerentemente eficaz, e uma vez que é acordado que nem todos serão finalmente salvos, a extensão da expiação deve ser limitada. A única outra opção é sugerir que Deus exige o pagamento da penalidade do pecado primeiro de Cristo na cruz e depois novamente do pecador incrédulo no inferno. Mas, sem dúvida, esse duplo risco é totalmente inconsistente com a justiça de Deus. Em seu hino memorável "De onde este medo e incredulidade?", Augustus Toplady (1740-1778) capturou esta verdade lindamente:

> Se tu tens a minha descarga adquirida,
> E livremente no meu quarto suportou
> Toda a ira divina,

> Deus não pode pedir duas vezes -
> Primeiro na mão da minha garantia de sangramento,
> E então novamente na minha.

As Escrituras afirmam que nossa "Sangrenta Fiador" suportou eficazmente "toda a ira divina" em lugar daqueles para quem ele morreu. Se há ira para derramar sobre o pecador incrédulo, então aquela ira não foi satisfeita pela obra substitutiva de Cristo. Se houver uma pena deixada para o pecador pagar no inferno, então essa penalidade não foi paga por Cristo na cruz. Isso deixa apenas duas opções: ou (1) o sacrifício de Cristo era impotente e ineficaz, ou (2) o poderoso e eficaz sacrifício de Cristo foi realizado para um número específico de pessoas. Visto que o primeiro é blasfemo e explicitamente contrário à Escritura, o estudioso da Palavra de Deus é constrangido a abraçar o último.

Dado que, então, a expiação de Cristo é por sua própria natureza uma substituição eficaz - isto é, uma vez que ele realmente satisfez toda a ira do Pai contra os pecados daqueles para quem morreu - não se pode afirmar uma expiação universal, mas ao mesmo tempo negar universal Salvação sem esvaziar a expiação de seu poder salvador. Novamente, Packer argumenta,

> Quaisquer que assumam esta posição devem redefinir a substituição em termos imprecisos, se de fato não deixam cair completamente o termo, pois estão se comprometendo a negar que o sacrifício vicário de Cristo garante a salvação de alguém ... Se vamos afirmar a substituição penal para todos sem exceção Devemos ou inferir a salvação universal ou, para fugir dessa inferência, negar a eficácia salvífica da substituição de qualquer um; E se vamos afirmar a substituição penal como um ato salvador efetivo de Deus, devemos ou inferir a salvação universal ou, para evitar essa inferência, restringir o alcance da substituição, tornando-a uma substituição para alguns, não todos.

Torna-se claro, então, que a menos que se acredite na salvação final universal, *todos* limitam a expiação. O particularista limita sua extensão, enquanto o universalista limita sua eficácia. No entanto, uma expiação ineficaz não só contradiz o ensinamento bíblico a respeito da natureza da expiação (como descrito acima), mas também enfraquece fundamentalmente o próprio evangelho, pois uma expiação ineficaz não é nenhuma expiação. Uma expiação que é ineficaz é uma expiação que não atone.

As implicações dessa maneira de pensar são desastrosas. Se Cristo providenciou a mesma "expiação potencial" para todos, então a diferença decisiva entre os salvos e os perdidos não é a graça onipotente do Salvador, mas a vontade depravada do pecador. Levado à sua conclusão lógica, é dizer que "Cristo nos salva com a nossa ajuda; E o que isso significa, quando se pensa, é isto - que nos salvamos com a ajuda de Cristo ". Contudo, esta não é a expiação perfeitamente suficiente nem o evangelho salvador todo-poderoso revelado nas páginas das Escrituras. Tão longe de *minar* a oferta gratuita do *evangelho* , como é tantas vezes acusado, a doutrina da expiação *definitiva estabelece* a oferta gratuita do *evangelho* . *Uma expiação universal pode oferecer aos pecadores nada mais do que a possibilidade* de salvação - meramente a oportunidade de ser posta em uma condição salvavel. Na verdade, o que significa para o universalista declarar aos pecadores: "Cristo morreu por você", quando, segundo ele, aqueles por quem Cristo morreu podem muito bem perecer no inferno? Sem uma substituição eficaz, que substância salvadora pode ser oferecida? Somente uma expiação perfeitamente eficaz oferece uma salvação realizada a que nada precisa ser acrescentado, um dom a ser recebido somente pela fé. Portanto, devemos concluir com Spurgeon que o universalista pode manter sua expiação ineficaz: Segundo ele, aqueles pelos quais Cristo morreu podem muito bem morrer no inferno? Sem uma substituição eficaz, que substância

salvadora pode ser oferecida? Somente uma expiação perfeitamente eficaz oferece uma salvação realizada a que nada precisa ser acrescentado, um dom a ser recebido somente pela fé. Portanto, devemos concluir com Spurgeon que o universalista pode manter sua expiação ineficaz: Segundo ele, aqueles pelos quais Cristo morreu podem muito bem morrer no inferno? Sem uma substituição eficaz, que substância salvadora pode ser oferecida? Somente uma expiação perfeitamente eficaz oferece uma salvação realizada a que nada precisa ser acrescentado, um dom a ser recebido somente pela fé. Portanto, devemos concluir com Spurgeon que o universalista pode manter sua expiação ineficaz:

> Os Arminianos dizem, Cristo morreu por todos os homens. Pergunte o que eles querem dizer com isso. Cristo morreu para assegurar a salvação de todos os homens? Eles dizem: "Não, certamente não". Nós lhes perguntamos a próxima pergunta: Cristo morreu para garantir a salvação de qualquer homem em particular? Eles dizem: "Não". Eles são obrigados a admitir isso se forem consistentes. Eles dizem: "Não; Cristo morreu para que qualquer homem possa ser salvo se "- e então seguir certas condições de salvação. Dizemos então, vamos apenas voltar para a antiga declaração - Cristo não morreu tão além de uma dúvida para garantir a salvação de qualquer um, não é? Você deve dizer "Não"; Você é obrigado a dizer isso ... Agora, quem é que limita a morte de Cristo? Por que você. Você diz que Cristo não morreu tão infalivelmente para garantir a salvação de ninguém. Pedimos perdão, quando você diz que limitamos a morte de Cristo; Nós dizemos: "Não, meu caro senhor, Nós dizemos que Cristo morreu assim que Ele infalivelmente assegurou a salvação de uma multidão que ninguém pode contar, que através da morte de Cristo não só pode ser salva, mas é salva, deve ser salva, e não pode por qualquer A possibilidade correr o perigo de ser qualquer coisa, mas salvo. Você é bem-vindo à sua expiação; Você pode mantê-lo. Nunca renunciaremos ao nosso por causa dele.

A UNIDADE DO ALTO TRABALHO SACERDOTAL DE CRISTO

A Escritura freqüentemente fala de Cristo como o Grande Sumo Sacerdote de seu povo (Hebreus 2:17; 3: 1; 4: 14-15; 5: 1, 5; 10; 6: 19-20; 8: 1-6; 9: 11-12, 25), emprestando a estrutura conceitual do sistema sacrificial do Antigo Testamento como fundamento para a compreensão da obra de expiação de Cristo. Assim, exceto quando o Novo Testamento contrasta explicitamente o ministério sacerdotal de Cristo com o dos sacerdotes do Antigo Testamento (por exemplo, Hebreus 7:27), existe uma continuidade básica entre eles. A obra dos sacerdotes levíticos ilumina assim a extensão da expiação na unidade inseparável entre a obra de sacrifício do sacerdote e sua obra de intercessão.

No Dia da Expiação, o sumo sacerdote deveria matar um bode como sacrifício pelos pecados do povo de Israel (Levítico 16: 9). Contudo, a morte sacrificial não era o fim da obra do sacerdote. Depois de matar a cabra, ele foi obrigado a "trazer o seu sangue dentro do véu" para o Lugar Santíssimo, e "espirá-lo sobre o propiciatório e em frente ao propiciatório" (Levítico 16:15; cf 16: 18-19). É esta dupla obra - tanto a matança da cabra como a intercessória aspersão de seu sangue - que realizou a expiação dos pecados de Israel. Este foi o caso não apenas para o Dia da Expiação, mas também para todos os sacrifícios que exigiram a morte dos animais. O sacerdote foi o primeiro a matar o animal e depois a "oferecer o sangue e espalhar o sangue sobre o altar" (Levítico 1: 5 NASB, ver 1:11, 3: 2, 8, 13, 4: 6 7, 17-18, 25, 30, 34, 5: 9, 7: 2, 17: 6). A observação que devemos fazer desses rituais é que o alcance do sacrifício do sacerdote é idêntico ao escopo de sua intercessão. Não é o caso de o sumo sacerdote sacrificar a cabra em nome de todos em todo o mundo gentio e, em seguida, polvilhe o seu sangue apenas em nome de Israel. Não, o sacrifício ea intercessão eram dois lados da mesma moeda expiatória, ambos feitos em nome de Israel sozinho.

O mesmo princípio se aplica à unidade do duplo ministério sacerdotal de Cristo. O autor de Hebreus descreve Cristo como nosso Grande Sumo Sacerdote que se ofereceu como sacrifício perfeito e entrou no Lugar Santíssimo para interceder por seu povo: "Porque Cristo entrou, não em lugares santos feitos de mãos, que são cópias de As coisas verdadeiras, mas no próprio céu, agora para aparecer na presença de Deus em nosso favor "(Hb 9:24). Em outras palavras, a oferta sacrificial de Cristo de si mesmo está inextricavelmente ligada ao seu trabalho de intercessão em favor de seu povo na presença de Deus (Hebreus 4: 14-15; 7:25; 1 João 2: 1). Isto é, Cristo intercede por todos pelos quais ele morreu, e ele morreu por todos aqueles pelos quais intercede.

Essa conclusão também é apoiada por Romanos 8: 29-39, onde Paulo discute a redenção do começo ao fim - desde a eleição do Pai na eternidade passada (8.29-30), até a morte e ressurreição de Cristo (8.32-34).), Até a aplicação da redenção aos pecadores tanto na justificação (8:33) como na perseverança para a glorificação (8: 35-39). De particular interesse é o comentário de Paulo em Romanos 8:34, onde ele conecta a morte ea ressurreição de Cristo com sua presente intercessão: "Cristo Jesus é aquele que morreu - mais do que aquele que foi ressuscitado - que está à direita de Deus, Que de fato está intercedendo por nós ". A questão é: a quem se refere a palavra" nós "? O antecedente mais próximo é encontrado em Romanos 8:32: "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou *por todos nós* ,

Mais uma vez se observa que Cristo intercede por todos pelos quais morreu e que morreu por todos pelos que intercede. A questão-chave é: Cristo intercede perante o Pai em nome de todos os homens, sem exceção ou em nome dos eleitos sozinhos? Certamente é o último. Cristo está orando ao Pai pela salvação e bênção do não-eleito, um pedido que o Pai, por não querer salvar o não-eleito, recusará seu Filho? As pessoas da Trindade estão tão divididas? Aqui também a doutrina da expiação ilimitada levaria uma cunha entre a vontade do Pai ea vontade do Filho, que tem implicações desastrosas para o Trinitarianismo bíblico. Além disso, o próprio Cristo responde a esta pergunta na oração sacerdotal de João 17. *Aqui o Grande Sumo Sacerdote está intercedendo perante o Pai em favor daqueles para quem ele logo se oferecerá como um sacrifício, e ele explicitamente diz: "Eu estou orando por eles* . Estou *não* orar pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus”(João 17: 9). Jesus oferece sua intercessão sacerdotal somente àqueles a quem o Pai lhe deu (João 6:37, 39, 44, 65; 10:29; 17: 2, 6, 20, 24) - ou seja, os "eleitos" De Romanos 8:33. Uma vez que a obra sacerdotal do sacrifício e da intercessão está inextricavelmente ligada e que é impensável que Cristo se recusasse a interceder por aqueles pelos quais derramou seu precioso sangue, devemos concluir que a extensão da expiação - como a extensão da intercessão de Cristo - É limitado aos eleitos. *Estou não* orar pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus”(João 17: 9). Jesus oferece sua intercessão sacerdotal somente àqueles a quem o Pai lhe deu (João 6:37, 39, 44, 65; 10:29; 17: 2, 6, 20, 24) - ou seja, os "eleitos" De Romanos 8:33. Uma vez que a obra sacerdotal do sacrifício e da intercessão está inextricavelmente ligada e que é impensável que Cristo se recusasse a interceder por aqueles pelos quais derramou seu precioso sangue, devemos concluir que a extensão da expiação - como a extensão da intercessão de Cristo - É limitado aos eleitos. *Estou não* orar pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus”(João 17: 9). Jesus oferece sua intercessão sacerdotal somente àqueles a quem o Pai lhe deu (João 6:37, 39, 44, 65; 10:29; 17: 2, 6, 20, 24) - ou seja, os "eleitos" De Romanos 8:33. Uma vez que a obra sacerdotal do sacrifício e da intercessão está inextricavelmente ligada e que é impensável que Cristo se recusasse a interceder por aqueles pelos quais derramou seu precioso sangue, devemos concluir que a extensão da expiação - como a extensão da intercessão de Cristo - É limitado aos eleitos. Os "eleitos" de Romanos 8:33. Uma vez

que a obra sacerdotal do sacrifício e da intercessão está inextricavelmente ligada e que é impensável que Cristo se recusasse a interceder por aqueles pelos quais derramou seu precioso sangue, devemos concluir que a extensão da expiação - como a extensão da intercessão de Cristo - É limitado aos eleitos. Os "eleitos" de Romanos 8:33. Uma vez que a obra sacerdotal do sacrifício e da intercessão está inextricavelmente ligada e que é impensável que Cristo se recusasse a interceder por aqueles pelos quais derramou seu precioso sangue, devemos concluir que a extensão da expiação - como a extensão da intercessão de Cristo - É limitado aos eleitos.

O ARGUMENTO DOS ROMANOS 8: 29-39

Voltando a Romanos 8, os comentários de Paulo nesta passagem são um argumento bíblico para a redenção particular. Ele fala explicitamente da extensão da expiação em 8:32, quando diz que o Pai não poupou seu Filho, mas o entregou "por todos nós". Quem é o "todos nós" para quem Cristo foi entregue à morte? Paulo responde a esta pergunta de várias maneiras. Primeiro, se olharmos para um antecedente com “todos nós” (8:32), nós encontramos um outro “nós” em 08:31, referindo-se aqueles a quem Deus é *para* . Continuando nossa busca por um antecedente, descobrimos que aqueles para quem Deus é, são aqueles que ele conheceu, predestinou, chamou, justificou e glorificou (8: 29-30). Avançando, aprendemos que aqueles pelos quais Cristo foi entregue são aqueles a quem Deus graciosamente dará todos os benefícios salvíficos adquiridos pela morte de Cristo, Pois, "como ele também não nos dará graciosamente todas as coisas" (8:32)? Romanos 8:33 então identifica explicitamente essas pessoas como "eleitos de Deus" e aqueles que ele justifica, e 8:34 identifica-os como aqueles para quem Cristo intercede. Finalmente, aqueles pelos quais Cristo morreu são aqueles que nunca podem ser separados do amor de Cristo (8: 35-39).

Deveriam ser extraídas várias conclusões destas observações. Primeiro, já que o não-eleito não recebe todos os benefícios salvíficos da graça de Deus como prometido em Romanos 8:32 (particularmente sendo resgatado da punição eterna), eles não fazem parte do "todos nós" para quem Cristo foi entregue. Segundo, desde que Paulo identifica o "todos nós" para quem Cristo foi entregue para ser "eleito de Deus" em 8:33, Cristo não foi entregue para aqueles que são nonelect. Terceiro, já que todos aqueles pelos quais Cristo foi entregue serão também os beneficiários de seu ministério de intercessão à mão direita do Pai, e como Cristo não intercede em nome do não-eleito, eles não estão incluídos no "nós todos" para quem Cristo Foi entregue sobre. Quarto, visto que todos aqueles pelos quais Cristo foi entregue nunca podem ser separados do amor de Cristo, E uma vez que o não-eleito será de fato separado do amor de Cristo em castigo eterno, eles não estão incluídos no "todos nós" para quem Cristo foi entregue. A extensão da expiação de Cristo é mais uma vez mostrada como necessariamente limitada aos eleitos.

SENTIDO DE TEXTOS UNIVERSALISTAS

Os argumentos positivos precedentes são suficientes para estabelecer uma redenção particular como uma doutrina bíblica. No entanto, a objeção mais comum contra a limitação da extensão da expiação vem de várias passagens da Escritura que parecem contradizê-lo explicitamente usando a linguagem universalista em relação à morte de Cristo: "Porque Deus amou o *mundo de* tal maneira que deu seu Filho único" (João 3:16); Cristo Jesus "deu-se como resgate por *todos* " (1 Timóteo 2: 6); e assim por diante. Portanto, para que o caso de uma redenção particular resista, esses textos universalistas devem ser explicados de modo a (1) harmonizar-se com os preceitos da

redenção particular e (2) ser coerente com a interpretação contextual, gramatical-histórica. Esta seção, então,

Cristo Morreu por "Todos". Como mencionado acima, um dos aspectos mais decepcionantes de discutir a extensão da expiação ocorre quando os universalistas apelam para textos que contêm a palavra "todos" e simplesmente declaram a suposição injustificada de que "todos" sempre devem significar "Todas as pessoas sem exceção". Certamente, há casos em que tal é o caso: todas as pessoas, sem exceção, "pecaram e ficam aquém da glória de Deus" (Rm 3:23), mas mesmo aqui há uma exceção - o Senhor Jesus Cristo). Mas, como foi mostrado, em várias passagens da Escritura a palavra "todos" simplesmente não pode se referir a todas as pessoas sem exceção. Negar que é fazer mentiroso de Jesus (Mateus 10:22, João 18:20) e se comprometer com a salvação final de todos sem exceção (Romanos 5:18; 11:32). **O próprio Paulo limita necessariamente a linguagem universalista quando comenta o Salmo 8: 6 em 1 Coríntios 15:27: "Mas, quando diz:" Todas as coisas estão sujeitas ", é claro que ele é eximido que sujeitou todas as coisas sob sujeição Ele ". Isto é, neste caso," todas as coisas "não significa" todas as coisas sem exceção ". Portanto," tudo "não é uma expressão auto-definidora. Embora possa legitimamente ser entendido como falando de cada pessoa que já viveu (ou seja, todos sem exceção), também pode legitimamente ser entendido para falar de todos os tipos de pessoas em todo o mundo (ou seja, todos sem distinção).** *O fator determinante do sentido próprio de "tudo" não é uma* suposição a *priori,* mas sim o contexto da passagem particular na qual a palavra ocorre.

Em João 12:32, Jesus declara: "E eu, quando eu for levantado da terra [isto é, crucificado; João 12:33; Cf. Os universalistas ensinam que a frase "todas as pessoas" se refere a todos sem exceção, e afirmam que este "desenho" se refere a uma graça universal que remove os efeitos da depravação para todos, Trazendo todos os homens em um estado de neutralidade pelo qual eles podem aceitar ou rejeitar Cristo. Isto é *freqüentemente* chamado de *graça preveniente* , significando uma graça que "vem antes". Vale a pena notar que, para manter o que eles acreditam ser o significado claro de "todas as pessoas", os universalistas devem distorcer além do reconhecimento o significado lato de "desenhar , "Para a Escritura em nenhuma parte fala de uma ineficaz pretensão graça, mas apenas da chamada eficaz do soberano e todo-poderoso Deus (João 6:37, 44, 65). Além disso, o contexto de João 12:32 favorece a interpretação de "todos os povos" como "todos sem distinção". Alguns versículos anteriores, em João 12: 20-21, João relata que vários gregos pediam para ver Jesus . Em resposta a isto, Jesus explica a necessidade certa de sua morte (João 12: 22-28) e depois declara que por sua morte ele atrairá a todos os homens para si mesmo - isto é, não apenas os seus compatriotas judeus, mas também os gentios como aqueles que Estavam procurando por ele.

Os universalistas também apelam a 2 Coríntios 5: 14-15. Lá, Paulo escreve: "Porque o amor de Cristo nos controla, porque concluímos isto: que um morreu por todos, por isso todos morreram; E morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e foi ressuscitado ". Universalistas afirmam que a frase" um morreu por todos "indica que Cristo morreu por todos os homens sem exceção. No entanto, esta interpretação não está sem problemas significativos. Paulo segue imediatamente essa declaração dizendo: "Portanto," - isto é, com base na morte de Cristo para eles - "todos morreram". Isto é, eles morreram dentro e com Cristo (Romanos 6: 8; 2:20 e 3: 3), e assim eles morreram para si mesmos e agora viverão para Cristo (2 Coríntios 5:15). Mais distante, Cristo não só morreu por seu povo, mas também foi ressuscitado em seu favor (2 Coríntios 5:15). Se a união com Cristo em sua morte necessariamente produz a morte espiritual daqueles para quem ele morreu, também deve ser o caso que a união com Cristo em sua ressurreição necessariamente efetue sua

ressurreição espiritual também. Paulo diz isso explicitamente em Romanos 6: 5: "Pois, se estivermos unidos a ele em uma morte como a sua, certamente estaremos unidos a ele em uma ressurreição como a dele". Entretanto, a menos que se abrace a salvação final universal, Não se pode dizer que todas as pessoas sem exceção, incluindo os incrédulos, morreram para si mesmas, foram ressuscitados para a novidade da vida e agora vivem para Cristo. Em vez disso, Paulo usa a linguagem da solidariedade corporativa - que o Um morreu por muitos - para enfatizar a união entre Cristo e seu povo.

A declaração universal em Hebreus 2: 9 deve ser tratada da mesma forma. Como se diz que Cristo provou a morte para todos, os universalistas argumentam que a expiação é ilimitada. No entanto, várias considerações contextuais militam contra essa interpretação. Primeiro, no versículo seguinte, o autor proclama a eficácia da morte de Jesus: com seus sofrimentos ele estava trazendo muitos filhos para a glória. Esta afirmação é inconsistente com uma expiação que é universal em sua extensão, mas limitada em sua eficácia. Ele não estava trazendo muitos filhos em uma condição em que poderiam hipoteticamente aproveitar a glória; Em vez disso, pela eficácia de seus sofrimentos além de qualquer resposta de sua parte, ele estava realmente trazendo-os para a glória. Segundo, aqueles pelos quais sofreu são caracterizados como seus "irmãos" (Hebreus 2: 11-12); Tal íntimo, Designação familiar não pode ser feita corretamente de ninguém, exceto os eleitos. Terceiro, o autor caracteriza os beneficiários da morte de Cristo como os "filhos que Deus lhe deu" (Hebreus 2:13). *A linguagem do Pai que dá um certo grupo de pessoas ao Filho é uma reminiscência da Oração do Sumo Sacerdócio de Jesus: "Tu [Pai] lhe deste autoridade sobre toda a carne, para dar a vida eterna a todos os que lhe deste* "(João 17: 2, ver 6:37, 39, 10:29, 17: 6, 9, 20, 24), ou seja, os eleitos. Finalmente, Hebreus 2:16 afirma que Jesus salvadoramente "ajuda a descendência de Abraão". Se todas as pessoas, sem exceção, fossem os objetos do projeto salvador de Jesus, o leitor esperaria ler que o Filho ajuda a descendência de Adão. No entanto, o autor de Hebreus restringe a ajuda do Filho ao povo escolhido de Deus, Os filhos da promessa. Portanto, a linguagem universalista do hebraico 2: 9 deve ser condicionada pelos vários comentários particularistas no contexto imediato e deve, portanto, ser entendida como enfatizando a solidariedade corporativa entre o Uno e os muitos pelos quais ele intercedeu.

Os universalistas hipotéticos muitas vezes recorrem a Colossenses 1:20, que diz que Deus se agradou "por meio de Jesus [Jesus] reconciliar consigo todas as coisas, seja na terra ou no céu, fazendo a paz pelo sangue de sua cruz". "Todas as coisas" É gramaticalmente no gênero neutro e, portanto, provavelmente se refere a toda a ordem criada. Porque tal reconciliação é realizada pelo sangue da cruz de Cristo, universalistas hipotéticos argumentam retrospectivamente que Cristo deve ter morrido em algum sentido para todos. No entanto, argumentando com base neste texto que Cristo, em algum sentido expiado pela ordem criada confunde a expiação com os resultados da expiação. A criação é amaldiçoada (e, portanto, precisa de reconciliação com Deus), não por seus próprios pecados, mas sim como conseqüência do pecado humano (Gênesis 3:17 e Rm 8:20). Da mesma forma, então, "A própria criação será libertada da sua escravidão à corrupção" (Romanos 8:21) como consequência da redenção humana. É por isso que Paulo chama a liberdade da criação "a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Romanos 8:21). Portanto, Colossenses 1:20 não ensina que Cristo expiou pelos pecados da ordem criada, mas sim que a redenção particular que Cristo realizou para os homens carrega implicações cósmicas. As conseqüências da expiação não devem ser confundidas com a expiação em si. Assim, Colossenses 1:20 não fornece nenhuma base para a expiação universal. Jonathan Gibson argumenta persuasivamente que 20 não ensina que Cristo expiou pelos pecados da ordem criada, mas sim que a redenção particular que Cristo

realizou para os homens carrega implicações cósmicas. As conseqüências da expiação não devem ser confundidas com a expiação em si. Assim, Colossenses 1:20 não fornece nenhuma base para a expiação universal. Jonathan Gibson argumenta persuasivamente que 20 não ensina que Cristo expiou pelos pecados da ordem criada, mas sim que a redenção particular que Cristo realizou para os homens carrega implicações cósmicas. As conseqüências da expiação não devem ser confundidas com a expiação em si. Assim, Colossenses 1:20 não fornece nenhuma base para a expiação universal. Jonathan Gibson argumenta persuasivamente que

> O foco de Paulo é o impacto escatológico da cruz de Cristo, não a extensão substitutiva dela. Argumentar retrospectivamente dos efeitos escatológicos da morte de Cristo de volta a uma expiação universal é uma falsa dedução. De fato, a passagem paralela, Romanos 8: 19-23, mostra que o que está por trás da renovação *cósmica* não é uma provisão universal feita pela expiação de Cristo, mas uma consumada redenção de um *determinado* grupo de pessoas - "os filhos de Deus".

Outro texto freqüentemente empacotado em favor de uma expiação ilimitada é 1 Timóteo 2: 3-6, que fala de "Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e há um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos, que é o testemunho dado no tempo oportuno. "Se Deus deseja que todos os homens sejam salvos, E se Cristo se entregou como um resgate por todos, como podemos negar uma expiação universal? Mais uma vez, esta passagem deve ser lida no seu contexto. Quando Paulo escreveu 1 Timóteo, certas pessoas estavam ensinando "doutrina diferente" (1: 3), desviando-se do ensino sério e vagando em discussão vã (1: 6). Esses falsos mestres tinham ambições de serem "mestres da lei" (1: 7), e suas especulações sobre genealogias (1:

As afirmações universalistas de Paulo em toda a carta (1 Tim. 2: 2, 4, 6, 4:10) fazem sentido à luz do contexto deste elitista falso ensino. Ele não está ensinando que Cristo morreu por todos sem exceção, mas sim que, ao contrário deste falso ensinamento, Cristo morreu por todos sem distinção. Esta conclusão é reforçada pelo fato de que ele pede que as orações sejam feitas "para todos" (1 Tm 2: 1), pelo que ele não significa todas as pessoas em todo o mundo (porque isso seria impossível), mas sim todos os tipos Das pessoas: "para os reis e todos os que estão em posições altas" (1 Tim. 2: 2). Além disso, imediatamente após a passagem em questão, Paulo fala de sua nomeação apostólica como um professor dos gentios (1 Tm 2: 7), indicando ainda que sua intenção é falar de todos sem distinção (ou seja, não apenas judeus, mas gentios Além disso). Finalmente, Deve-se lembrar que o resgate que Jesus pagou não era um resgate potencial, mas um real e eficaz. Se aceitarmos a interpretação universalista de 1 Timóteo 2: 6, devemos ou (1) abraçar a salvação final universal ou (2) denegrir a eficácia da expiação. Em vez disso, a interpretação particularista faz o melhor sentido da totalidade dos dados bíblicos. Paulo usa a palavra "todos" para se referir a todos os tipos de pessoas, a fim de minar um elitismo herético judeu que tinha tomado posse em Éfeso. A interpretação particularista faz o melhor sentido da totalidade dos dados bíblicos. Paulo usa a palavra "todos" para se referir a todos os tipos de pessoas, a fim de minar um elitismo herético judeu que tinha tomado posse em Éfeso. A interpretação particularista faz o melhor sentido da totalidade dos dados bíblicos. Paulo usa a palavra "todos" para se referir a todos os tipos de pessoas, a fim de minar um elitismo herético judeu que tinha tomado posse em Éfeso.

A mesma conclusão é justificada para a declaração de Paulo em Tito 2:11. Dado que Paulo estava dando instruções sobre diferentes classes de pessoas - homens mais velhos, mulheres mais velhas, mulheres mais jovens, homens mais jovens e escravos (Tito 2: 2-

6, 9-10) - o "todo povo" a quem a graça trouxe A salvação se refere a todas as pessoas sem distinção, nem todas as pessoas sem exceção. Esta interpretação é reforçada por outra declaração da eficácia da expiação em Tito 2:14, onde se diz que Cristo se entregou a ambos para redimir e purificar um povo em particular para sua própria posse.

Uma passagem que tem sido objeto de muita discussão é 1 Timóteo 4:10, onde Paulo descreve Deus como "o Salvador de todas as pessoas, especialmente daqueles que crêem". Os universalistas ensinam que Jesus é o Salvador de todas as pessoas no sentido de que Ele morreu por todos, mas que ele é especialmente o Salvador dos crentes porque os benefícios da salvação são aplicados apenas a eles. No entanto, vale a pena notar que o Filho não é o mais próximo antecedente de "Salvador" nesta passagem; Antes, é Deus o Pai, "o Deus vivo", que está em foco aqui. Este versículo não fala sobre a expiação de Cristo em particular, mas sobre a natureza de Deus como Salvador. Paulo está assim delineando duas maneiras pelas quais a natureza salvadora de Deus é expressa. Ele é o Salvador de todos os homens no sentido temporal; Isto é, embora todos os homens pecaram contra ele, incorreram em culpa, E pagará por seus pecados no inferno, Deus não visitou imediatamente a sua justiça sobre eles como fez com os anjos caídos (Romanos 3:25 e 2 Pedro 2: 4). Mesmo os réprobos gozam de uma suspensão temporária da execução e assim experimentam as alegrias da vida num mundo infundido com a graça comum de Deus (Mateus 5: 44-45). No entanto, a natureza salvadora de Deus também é expressa de maneira mais profunda para aqueles que são seus. Ele é o Salvador de todos os homens em um sentido temporal, mas o Salvador dos eleitos - isto é, aqueles que eventualmente vêm para a fé salvadora - em um sentido eterno. No entanto, a natureza salvadora de Deus também é expressa de maneira mais profunda para aqueles que são seus. Ele é o Salvador de todos os homens em um sentido temporal, mas o Salvador dos eleitos - isto é, aqueles que eventualmente vêm para a fé salvadora - em um sentido eterno. No entanto, a natureza salvadora de Deus também é expressa de maneira mais profunda para aqueles que são seus. Ele é o Salvador de todos os homens em um sentido temporal, mas o Salvador dos eleitos - isto é, aqueles que eventualmente vêm para a fé salvadora - em um sentido eterno.

Finalmente, embora 2 Pedro 3: 9 não fale explicitamente da expiação, os universalistas argumentam que ela revela uma vontade universal de salvar em Deus que contradiz uma redenção particular. Pedro escreve: "O Senhor não tarda em cumprir a sua promessa, como alguns lêem a lentidão, mas é paciente para com vós, não desejando que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento". Como Deus não quer que ninguém pereça, Todos devem se arrepender, argumenta-se que Deus tem feito tudo o que pode para prover a salvação na expiação universal de Cristo e que agora cabe ao pecador apropriar-se da salvação pela fé arrependida. No entanto, simplesmente não se segue que, uma vez que Deus, em algum sentido, não tem prazer na morte dos ímpios (Ezequiel 18: 31-32; 33:11), Cristo expiou por todos sem exceção.

Duas respostas podem ser feitas à abordagem universalista deste texto. A primeira tem a ver com a complexidade da vontade divina. O que significa para Deus desejar que todos sem exceção se arrependam quando ele próprio expressou sua vontade salvadora ao escolher alguns, não todos, para a salvação? E o que significa para o Deus que realiza todo o seu bom prazer (Isaías 46: 9-10, Salmo 115: 3, 135: 6, Ef 1:11) e cujo propósito pode ser frustrado por ninguém (Jó 42: 2) para desejar a salvação de todos quando ele não exerce sua vontade soberana para finalmente trazer todos para a salvação? Em vez de negar a soberania absoluta de Deus, como fazem os universalistas, é correto observar uma distinção no modo como a Escritura fala sobre a vontade de Deus. A vontade *decretada* de Deus é seu "bom prazer" que está de acordo com seu decreto soberano. ISAÍAS FALA DESTE ASPECTO DA VONTADE DE DEUS QUANDO PROFETIZA A

CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO, DIZENDO: "FOI A VONTADE DO SENHOR esmagá-lo" (Isaías 53:10). É essa vontade soberana e eficaz que nunca pode ser frustrada e que sempre acontece. Por outro lado, a vontade *preceptiva* de Deus é o aspecto de sua vontade que é expresso nos preceitos, ou comandos, da Escritura. Deus emite a todos os povos o mandamento, ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . "FOI A VONTADE DO SENHOR para o esmagar" (Isaías 53:10). É essa vontade soberana e eficaz que nunca pode ser frustrada e que sempre acontece. Por outro lado, a vontade *preceptiva* de Deus é o aspecto de sua vontade que é expresso nos preceitos, ou comandos, da Escritura. Deus emite a todos os povos o mandamento, ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . "FOI A VONTADE DO SENHOR para o esmagar" (Isaías 53:10). É essa vontade soberana e eficaz que nunca pode ser frustrada e que sempre acontece. Por outro lado, a vontade *preceptiva* de Deus é o aspecto de sua vontade que é expresso nos preceitos, ou comandos, da Escritura. Deus emite a todos os povos o mandamento, ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . Vontade eficaz que nunca pode ser frustrada e que sempre acontece. *Por outro lado, a vontade preceptiva* de Deus é o aspecto de sua vontade que é expresso nos preceitos, ou comandos, da Escritura. Deus emite a todos os povos o mandamento, ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . Vontade eficaz que nunca pode ser frustrada e que sempre acontece. *Por outro lado, a vontade preceptiva* de Deus é o aspecto de sua vontade que é expresso nos preceitos, ou comandos, da Escritura. Deus emite a todos os povos o mandamento, ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . Ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* . Ou preceito, para se arrependerem e crerem no evangelho (Atos 17:30). Ao contrário de sua vontade decretante, a vontade preceptiva de Deus é frustrada

sempre que alguém desobedece a qualquer um dos mandamentos de Deus. Terceiro, as Escrituras às vezes também falam da vontade de Deus para descrever a disposição de Deus - o que é agradável a ele ou àquilo em que ele se deleita. *Poderíamos* chamar isso de sua vontade *optativa* .

Qual destes sentidos se encaixa na afirmação de Pedro em 2 Pedro 3: 9? Não pode ser sua vontade decretada, pois se Deus decretasse o arrependimento de todos sem exceção, todos sem exceção se arrependeriam. No entanto, a salvação final universal está em desacordo com o ensino bíblico. Nem é melhor caracterizar isso como uma declaração de sua vontade preceptiva, pois seria dizer que Deus proíbe que alguém perca. Neste sentido, perecer seria contra a lei de Deus, e ele teria que punir as pessoas por perecer. É melhor entender este versículo como expressando a vontade optativa de Deus. Pedro está descrevendo a mesma verdade sobre Deus que Ezequiel fez quando registrou as palavras de Deus: "Não tenho prazer na morte dos ímpios, mas sim que o ímpio se desvie do seu caminho e viva" (Ezequiel 33:11). Embora Deus não tenha escolhido tudo, E mesmo que o Filho não tenha expiado por todos, Deus deseja sinceramente o bem de todas as suas criaturas. E embora Deus tenha prazer no exercício da sua justiça contra o pecado eo mal, ele não maliciosamente gosta de cumprir castigo contra suas criaturas. Assim, Deus deseja o arrependimento de todas as pessoas neste sentido optativo. No entanto, porque Deus é absolutamente soberano, e porque nem todas as pessoas de fato se arrependem, Deus não decretou que todos devem se arrepender. Assim, Deus não fará o arrependimento de todas as pessoas neste sentido decretivo. Embora possamos não entender a complexidade da vontade de Deus, não podemos redefinir sua soberania para acomodar nossa falta de entendimento. E embora Deus tenha prazer no exercício da sua justiça contra o pecado eo mal, ele não maliciosamente gosta de cumprir castigo contra suas criaturas. Assim, Deus deseja o arrependimento de todas as pessoas neste sentido optativo. No entanto, porque Deus é absolutamente soberano, e porque nem todas as pessoas de fato se arrependem, Deus não decretou que todos devem se arrepender. Assim, Deus não fará o arrependimento de todas as pessoas neste sentido decretivo. Embora possamos não entender a complexidade da vontade de Deus, não podemos redefinir sua soberania para acomodar nossa falta de entendimento. E embora Deus tenha prazer no exercício da sua justiça contra o pecado eo mal, ele não maliciosamente gosta de cumprir castigo contra suas criaturas. Assim, Deus deseja o arrependimento de todas as pessoas neste sentido optativo. No entanto, porque Deus é absolutamente soberano, e porque nem todas as pessoas de fato se arrependem, Deus não decretou que todos devem se arrepender. Assim, Deus não fará o arrependimento de todas as pessoas neste sentido decretivo. Embora possamos não entender a complexidade da vontade de Deus, não podemos redefinir sua soberania para acomodar nossa falta de entendimento. Deus não decretou que todos devem se arrepender. Assim, Deus não fará o arrependimento de todas as pessoas neste sentido decretivo. Embora possamos não entender a complexidade da vontade de Deus, não podemos redefinir sua soberania para acomodar nossa falta de entendimento. Deus não decretou que todos devem se arrepender. Assim, Deus não fará o arrependimento de todas as pessoas neste sentido decretivo. Embora possamos não entender a complexidade da vontade de Deus, não podemos redefinir sua soberania para acomodar nossa falta de entendimento.

Embora esta resposta refute a interpretação universalista de 2 Pedro 3: 9, e embora seja verdade que Deus deseja o arrependimento de todos de acordo com sua vontade optativa (Ezequiel 18:23, 32; 33:11), há uma Melhor maneira de entender o comentário de Peter. Os destinatários da carta de Pedro e o contexto imediato desta passagem devem ser levados em conta. Neste versículo, Pedro dirige-se àqueles a quem está falando, escrevendo que o Senhor é "paciente para com *você* ". Quando se considera que o "você"

a quem ele está falando é o "amado" de 2 Pedro 3: 8, "Aqueles que obtiveram uma fé de igualdade com a nossa, pela justiça de nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo" (II Pedro 1: 1), deve-se reconhecer que Pedro se dirige ao povo de Deus. O Senhor Jesus retarda o seu retorno porque é paciente com os que são seus, com aqueles que o Pai lhe deu e pelos quais morreu, mas que ainda não chegaram à fé. Assim, esta passagem não fala de todas as pessoas sem exceção, como reivindica o universalista, mas é restringida pelo contexto aos eleitos, consistente com uma visão particularista da expiação.

Cristo morreu pelo "mundo". Assim como com a palavra "todos", os textos que falam da morte de Jesus com relação ao "mundo" também devem ser interpretados de acordo com seu contexto. Nos casos em que são usados para descrever a extensão da expiação, eles são adequadamente interpretados como significando "todos sem distinção" ao invés de "todos sem exceção".

Universalistas muitas vezes afirmam que João 3:16 resolve decisivamente a questão da extensão da expiação. Jesus diz: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Os universalistas afirmam que, ao dar o seu Filho único a uma morte substitutiva e sacrificial, Deus Tem expressado seu amor por todo o mundo, que eles acreditam que se refere a cada indivíduo que já alguma vez viveu na terra. No entanto, nada na passagem exige que o "mundo" seja interpretado como significando "todos sem exceção". Na verdade, há boas razões para entendê-lo como "tudo sem distinção". Em particular, Jesus está discutindo a salvação com Nicodemos, Homem dos fariseus ... [e] governador dos judeus "(João 3: 1). Os fariseus, como praticamente todo o Israel nos dias de Jesus, Consideravam os gentios como impuros e alienados das promessas da aliança de Deus. Como Jesus discute a salvação com este governante dos judeus, ele explica que o amor de Deus termina não só em Israel, mas também em homens e mulheres em todo o mundo - gentios, bem como judeus. Além disso, é preciso observar o próprio particularismo de Jesus neste versículo. *Cristo foi dado para que quem crê* (Gk. *Pas ho pisteuōn* , lit., "todos os crentes") não deve perecer, mas ter a vida eterna. Jesus limita claramente o alcance de sua morte expiatória àqueles que acabarão acreditando nele para a salvação. Ele explica que o amor de Deus termina não só em Israel, mas também em homens e mulheres em todo o mundo - gentios, bem como judeus. Além disso, é preciso observar o próprio particularismo de Jesus neste versículo. *Cristo foi dado para que quem crê* (Gk. *Pas ho pisteuōn* , lit., "todos os crentes") não deve perecer, mas ter a vida eterna. Jesus limita claramente o alcance de sua morte expiatória àqueles que acabarão acreditando nele para a salvação. Ele explica que o amor de Deus termina não só em Israel, mas também em homens e mulheres em todo o mundo - gentios, bem como judeus. Além disso, é preciso observar o próprio particularismo de Jesus neste versículo. *Cristo foi dado para que quem crê* (Gk. *Pas ho pisteuōn* , lit., "todos os crentes") não deve perecer, mas ter a vida eterna. Jesus claramente limita o alcance de sua morte expiatória àqueles que eventualmente acreditam nele para a salvação.

A alternativa universalista criaria numerosos problemas. Por exemplo, se Cristo tivesse sido enviado para expiar cada indivíduo sem exceção, não teria incluído aqueles pecadores que já haviam morrido e estavam pagando pelos seus pecados no inferno? Mas por qual motivo? Dar-lhes uma oportunidade de arrepender-se? No entanto, essa oportunidade havia passado, já que eles já estavam passando por um julgamento divino (Hb 9:27). Um problema ainda maior seria que, ao dizer que Cristo expiou por pessoas que finalmente perecerão no inferno, o universalista limita necessariamente a eficácia do sacrifício de Cristo. Se Cristo pode expiar os pecados de alguém e essa pessoa ainda pode ir para o inferno, então outra coisa além da expiação de Cristo é, em última instância, responsável pela salvação.

O mesmo acontece com a declaração de João Batista: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Se Cristo tira o pecado de todos sem exceção e ainda alguns perecem no inferno, o que significa dizer que o seu pecado foi tirado? Neste ponto, o universalista deve exprimir uma suposição não declarada: "tirou" foi redefinido para significar "potencialmente tira". No entanto, isso não é o que o texto diz. Novamente, a expiação Cristo alcançado não era meramente uma oferta ou um potencial; Ele realmente garantiu a salvação daqueles para quem ele morreu. Assim, para evitar minar fundamentalmente a natureza da expiação, deve-se interpretar o "mundo" para se referir a judeus e gentios - tudo sem distinção, nem todos sem exceção.

Questões semelhantes estão em jogo em 1 João 2: 2. João escreve: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo". Aqui temos uma declaração da natureza da expiação (propiciação), seguida de uma declaração do escopo Ou extensão desse trabalho (o mundo inteiro). Uma leitura superficial do texto parece primeiramente deixar o leitor em tensão, porque a propiciação - isto é, a satisfação real da ira de Deus contra o pecado - para todos sem exceção exigiria salvação final universal. Mais uma vez, porque a Escritura ensina que nem todos serão finalmente salvos (Mateus 7:13, 23; 25: 31-46; 2 Tessalonicenses 1: 9 e Apocalipse 21: 8), tal interpretação é insustentável.

Neste ponto há duas opções. Em primeiro lugar, o universalista aceita a interpretação superficial de "mundo inteiro" para significar "todos sem exceção" e, portanto, modifica a *natureza* propiciatória da expiação para significar "uma possível propiciação". Tal movimento interpretativo, no entanto, A natureza eficaz da propiciação. Não há base exegética para tal interpretação. A segunda opção é a do particularista. O particularista interpreta a natureza da propiciação de acordo com o resto do ensino bíblico e busca uma maneira de entender o "mundo inteiro" que evita violentar a gramática, o contexto e a intenção autoral de 1 João 1-2 e evita as implicações problemáticas Do universalismo. Tal forma está disponível. *É entender "todo o mundo" referir-se a "todos sem distinção" em vez de "todos sem exceção". Esta opção se encaixa melhor lexicalmente porque respeita a definição uniforme da Bíblia de hilasmos* como a satisfação eficaz da ira. Ele também se encaixa melhor contextualmente, pois João está escrevendo às igrejas sendo perseguido pelo falso ensino do perfeccionismo sem pecado (1 João 1: 6-10), provavelmente ligado a um incipiente gnosticismo prometendo que a chave para a vitória espiritual foi encontrada em um conhecimento secreto Que só os gnósticos possuíam. Assim, quando João escreve sobre o alcance da realização do Salvador, ele repudia todos os vestígios de exclusivismo: Cristo não é a propiciação apenas pelos nossos pecados, judeus e não gentios, gnósticos e não outros cristãos, Ou crentes na Ásia Menor em vez de crentes em todo o resto do mundo. Não, ele é a propiciação pelos pecados do povo de Deus espalhados por todo o mundo.

Tal interpretação só é confirmada pelo paralelo sintático em João 11: 49-52. Lá João relata a profecia de Caifás sobre a morte de Cristo - que um homem morreria pelo povo (João 11:50). João então comenta: "Ele não disse isso por vontade própria, mas sendo o sumo sacerdote naquele ano profetizou que Jesus morreria pela nação, e não somente pela nação, mas também para reunir os filhos de Deus que são Espalhados "(João 11: 51-52). Observe o paralelismo:

> João 11: 51-52- ... que Jesus morreria pela nação, e não somente pela nação, mas também por reunir em um só os filhos de Deus dispersos.
>
> 1 João 2: 2 - Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro.

Assim, este outro comentário da caneta de João apoiaria a interpretação de "todo o mundo" em 1 João 2: 2 para significar "todos sem distinção", ou seja, os filhos de Deus espalhados por todo o mundo (João 10: 16). Na verdade, em Apocalipse 5: 9, João também escreve explicitamente da expiação particular de Cristo, que ele descreve como para todos, sem distinção, pois os santos cantam: "Digno é você pegar o rolo e abrir seus selos, João não diz que o Cordeiro resgatou todas as tribos, línguas, povos e nação, o que se ajustaria à interpretação universalista, mas que ele resgatou as pessoas *da* terra e da terra. Cada tribo e língua e povo e nação - isto é,

Em relação a 1 João 2: 2, então, a interpretação particularista de "todo o mundo" se encaixa na linguagem, no contexto e na intenção autoral da passagem, não contradiz qualquer outra passagem da Escritura, paralela a outras passagens que João escreveu e evita As conclusões interpretativas indesejáveis da salvação final universal ou de uma propiciação ineficaz, uma das quais é inevitável na interpretação universalista. Assim, a interpretação particularista é bíblica e teologicamente preferível.

Finalmente, o comentário de Paulo em 2 Coríntios 5:19 deve ser tratado. Ele escreve: "Em Cristo Deus estava reconciliando consigo o mundo, sem contar suas ofensas contra eles e confiando-nos a mensagem da reconciliação". Novamente, o contexto imediato guia o intérprete a ler o "mundo" não como "todos sem exceção" "Mas" sem distinção em todo o mundo ". Paulo imediatamente define a ação de reconciliação de Deus como" não contando as suas ofensas contra eles ". As únicas pessoas cujas ofensas Deus não conta contra elas são aquelas que recebem a bênção da salvação 4: 6-8). A menos que esteja preparado para adotar a salvação final universal, isto deve se referir apenas aos eleitos. O verso anterior também confirma esta leitura, uma vez que "o mundo" em 2 Coríntios 5:19 é coextensivo com o "nós" de 5: 18 - isto é, Aqueles de nós a quem Deus se reconciliou consigo mesmo através de Cristo. Mais uma vez, a linguagem universalista prova complementar uma extensão limitada da expiação.

Cristo morreu por aqueles que finalmente morrerão . Um conjunto final de textos deve ser tratado. Esses textos sugerem que aqueles que são objetos da morte de Cristo podem finalmente perecer por seus pecados no inferno. Paul parece fazer o mesmo ponto em dois textos:

> Porque, se o teu irmão se entristece com o que come, já não andas em amor. Pelo que você come, não destrua [Gk. *Apollye*] aquele por quem Cristo morreu. (Romanos 14:15)
>
> E assim por seu conhecimento esta pessoa fraca é destruída [Gk. *Apollytai*], o irmão por quem Cristo morreu. (1 Coríntios 8:11)

Aqui a preocupação de Paulo é que um crente cuja consciência forte lhe permita desfrutar da liberdade cristã de comer carne sacrificada aos ídolos possa fazer com que um irmão mais fraco tropece. Em ambos os casos, o irmão mais fraco é descrito como um "por quem Cristo morreu", e também em ambos os casos, o irmão mais fraco enfrenta a perspectiva de ser destruído. Para este conceito de destruição, Paulo emprega o termo grego *apollymi* , que ele *freqüentemente* usa para descrever a morte em punição eterna (Rm 2:12, 1 Coríntios 1:18, 15:18, 2 Cor 2:15; 4: 3; 2 Tessalonicenses 2:10).

Embora essa linha de pensamento pareça oferecer um desafio significativo, deve-se ter em mente que os autores das Escrituras freqüentemente "podem se referir àqueles que podem finalmente morrer, como, por um tempo, visivelmente possuindo todas as descrições de crentes genuínos". Smeaton Chama isso de " julgamento da caridade". [80] Ou seja, eles se representavam como verdadeiramente pertencentes à comunidade da aliança e assim eram considerados e falados como verdadeiros crentes enquanto permaneciam na igreja. Dessa forma, João fala de Judas como um dos discípulos de Jesus (João 12: 4); O

autor de Hebreus endereça suas muitas advertências aos "irmãos", embora a igreja inclua uma mistura de crentes e incrédulos (por exemplo, Hebreus 3: 12-4: 7); E Pedro fala dos falsos mestres como aqueles que o Senhor soberano comprou (2 Pedro 2: 1). Contudo, A sua eventual saída da comunidade da aliança demonstra que eles nunca verdadeiramente pertenceram a Cristo, pois nada pode separar o verdadeiro crente do amor de Cristo (Romanos 8: 35-39, ver João 10: 27-30, Flp 1: 6). Assim, enquanto o abuso da liberdade cristã tem o potencial de "lamentar" (Romanos 14:15) e "ferir a consciência" de (1 Coríntios 8:12) o irmão mais fraco, um verdadeiro irmão para quem Cristo morreu nunca Finalmente ser perdido. Se tal pessoa se afastar da fé, eles revelam-se nunca ter sido realmente um irmão em primeiro lugar (1 João 2:19). 15) e "ferir a consciência" de (1 Coríntios 8:12) o irmão mais fraco, um verdadeiro irmão para quem Cristo morreu nunca será finalmente perdido. Se tal pessoa se afastar da fé, eles revelam-se nunca ter sido realmente um irmão em primeiro lugar (1 João 2:19). 15) e "ferir a consciência" de (1 Coríntios 8:12) o irmão mais fraco, um verdadeiro irmão para quem Cristo morreu nunca será finalmente perdido. Se tal pessoa se afastar da fé, eles revelam-se nunca ter sido realmente um irmão em primeiro lugar (1 João 2:19).

Relacionado a isso, está o comentário de Pedro sobre os falsos mestres em 2 Pedro 2: 1: "Mas falsos profetas também surgiram entre o povo, assim como haverá entre vós falsos mestres, que secretamente trazerão heresias destrutivas, negando mesmo ao Mestre que Pedro lhes indicou que os falsos mestres foram "comprados" ou " *redimidos* " (Gk. *Agorazō*) pelo Mestre (Gk *déspotas*) e ainda assim enfrentarão a destruição eterna. Assim, os universalistas argumentam que Cristo o Mestre morreu para todos sem exceção, até mesmo comprando os falsos mestres, mas que, como eles nunca são verdadeiramente salvos, não participarão finalmente dos benefícios salvíficos da morte de Cristo.

No entanto, pelo menos cinco considerações nos levam a rejeitar esta interpretação. Em primeiro lugar, em todos os casos, exceto um, no Novo Testamento (Judas 4), a palavra "Mestre" (Gk *déspotas*) é usada para indicar não o Filho, mas o Pai. Assim, a obra redentora de Cristo na cruz provavelmente não está aqui em vista. Segundo, Long explica,

> De suas trinta ocorrências no Novo Testamento, o *agorazō* nunca é usado em um contexto soteriológico (a menos que 2 Pedro 2: 1 seja a exceção) sem o termo técnico "preço" (*timēs* - termo técnico para o sangue de Cristo) ou seu equivalente Sendo declarado ou explicitado no contexto (ver 1 Coríntios 6:20, 7:23, Ap 5: 9, 14: 3, 4).

Ou seja, é muito provável que Peter está usando *agorazō* em um sentido nonsoteriological. Terceiro, Pedro está claramente aludindo a Deuteronômio 32: 6, que diz: "Vocês, pois, retribuem ao SENHOR , povo tolo e insensato? Ele não é o teu Pai que te comprou? Ele vos criou e vos confirmou "(NASB). A linguagem de "negar o Mestre que os comprou" serve para identificar os falsos mestres do dia de Pedro com os falsos profetas de Israel. Em quarto lugar, é provável que Pedro esteja concedendo, por razões de argumentação, a premissa de que os falsos mestres são verdadeiros crentes. Em outras palavras, como diz Schreiner: " *Parecia que* o Senhor tinha comprado os falsos mestres com seu sangue [2 Pet. 2: 1], embora eles realmente não pertencessem verdadeiramente ao Senhor. "Pedro está, portanto, sarcasticamente dizendo: "Estes que reivindicam ser redimidos negam por suas ações e sua doutrina o Mestre que eles alegam ter comprado. Não são melhores do que os falsos profetas de Israel. "Quinto, se levado à sua conclusão lógica, a interpretação universalista nega não apenas uma redenção eficaz - que a Escritura afirma explicitamente (Ef 1: 7, Col. 1:14) - mas Também a doutrina da

perseverança dos santos, isto é, que aquele que é verdadeiramente redimido não pode ser perdido (João 10: 27-30, Romanos 8: 31-39; 1 João 2:19).

RESUMO

Em resumo, embora vários textos das Escrituras empregam linguagem universalista com respeito ao escopo da morte de Cristo, nem um texto está sob escrutínio exegético como suporte para uma expiação ilimitada. Ao contrário, quando interpretadas em contexto, passagens que se referem à morte de Cristo para "todos" e para "o mundo" são usadas para falar de todas sem distinção, nem todas sem exceção, e passagens que podem parecer indicar que aqueles por quem Cristo morreu Pode finalmente perecer em seus pecados são mostrados para não ensinar tal coisa.

Porque a Escritura revela (1) que as três pessoas da Trindade estão inteiramente unidas em sua vontade e propósito salvadores, (2) que a expiação nunca é potencial ou provisória, mas sempre real e eficaz, (3) que o ministério de sacrifício do Sumo Sacerdote de Cristo é (4) que várias passagens da Escritura falam da obra expiatória de Cristo em termos particularistas, e (5) que nenhuma passagem da Escritura ensina que Cristo expiou para todos sem exceção, portanto a Escritura ensina que a extensão Da expiação de Cristo não é universal, mas se limita aos eleitos sozinhos.

Ressurreição, Ascensão e Intercessão

Também é necessário mencionar que o trabalho de intercessão de Cristo não foi esgotado na cruz. Ele não foi apenas "entregue por nossas transgressões"; Ele também foi "ressuscitado para nossa justificação" (Romanos 4:25). Além disso, ele também subiu à direita do Pai para governar todas as coisas (Efésios 1: 20-23), em que lugar dizem que os crentes estão sentados com ele (Efésios 2: 6). Porque ele ascendeu, enviou o Espírito Santo para morar permanentemente em cada membro de sua igreja (João 14:17; 16: 7) e para nos capacitar para a santidade eo serviço. Além disso, ele intercede por nós na mão direita do Pai (Romanos 8:34, Hebreus 7:25), orando por nosso maior benefício espiritual, defendendo-nos contra o nosso Accuser, santificando nossas orações e ministrando a nós Em nosso tempo de necessidade (Hb 4:15).

O culminar de nosso estudo da realização da redenção deve ser adorar o Deus trino para a obra do Filho. A teologia precisa deve sempre emitir em doxologia transcendente. Satanás tem uma excelente teologia da expiação; Os demônios crêem e estremecem (Tiago 2:19). Enquanto Satanás e os demônios podem ser excelentes estudantes da obra de Cristo, eles não são beneficiários da expiação do Filho. Mas nós, seu povo, *somos* beneficiários. E assim concluímos nosso estudo da expiação de Cristo com o canto dos santos e anjos em Apocalipse 5: 9-13:

> Digno é você pegar o pergaminho
> E para abrir seus selos,
> Porque foste morto, e pelo teu sangue resgataste o povo por Deus
> De cada tribo e língua e povo e nação,
> E os fizeste reino e sacerdotes ao nosso Deus,
> E reinarão sobre a terra.
>
> Digno é o Cordeiro que foi morto,
> Para receber poder e riqueza e sabedoria e poder
> E honra e glória e bênção! ...
>
> Aquele que se assenta no trono e ao Cordeiro

Seja bênção e honra e glória e poder para sempre e sempre!

A Aplicação da Redenção

A Ordem da Salvação
A Chamada Externa: Proclamação do Evangelho
A Chamada Interna: Regeneração
Conversão
União com Cristo
Justificação
Adoção
Santificação
Perseverança
Glorificação

Uma das características mais significativas da obra salvadora do Senhor Jesus Cristo é que sua obra é suficiente e eficaz. O Filho de Deus não é um Salvador potencial. Ele não apenas "fez a sua parte" para garantir a salvação do seu povo, apenas para deixar a determinação decisiva até eles. Na verdade, ao orar ao seu Pai na véspera da sua traição e prisão, ele declarou que tinha realizado decisivamente a obra que o Pai lhe tinha dado para fazer (João 17: 4). Na cruz, enquanto bebia não só a jarra de vinho azedo, mas a amarga taça da ira de seu Pai, absorvendo em sua própria pessoa o castigo total pelos pecados de seu povo (2 Coríntios 5:21, Gálatas 3:13 , 1 Pe 2:24), ele clamou vitorioso: "Está consumado!" (João 19:30). Naquele momento, o Salvador do mundo infalivelmente assegurou a salvação de seu povo de uma vez por todas (Romanos 6:10; Heb. 7:27; 10:10). A missão de redenção do Filho foi plenamente realizada.

Por causa da suficiência da obra expiatória de Cristo, se um crente é perguntado quando Deus o salvou, há um sentido em que ele deveria responder: "Há dois mil anos". E, no entanto, ninguém vem a este mundo salvo. Somos todos criados em iniqüidade (Salmo 51: 5), mortos em nossas ofensas e pecados (Efésios 2: 1), por natureza filhos da ira (Efésios 2: 3) e inimigos de Deus (Rm 5: 5) : 10; 8: 7-8). Embora todas as bênçãos da salvação tenham sido compradas uma vez por todas na cruz, o povo de Deus não desfruta dos benefícios da obra de Cristo até que o Espírito Santo aplique essas bênçãos aos crentes individuais - até que eles nasçam do Espírito para arrependimento e fé, Estão unidos a Cristo, e são assim justificados, adotados e separados para uma vida de santidade e serviço a Deus.

Na sabedoria de Deus, o Espírito Santo não imediatamente, na conversão, aplica ao crente toda a plenitude dos benefícios assegurados pela obra de Cristo. Em vez disso, essas bênçãos nos são transmitidas progressivamente, em etapas. Por exemplo, a santificação é prometida, mas progressiva; Não recebemos a bênção espiritual da glorificação no mesmo momento em que somos convertidos. Embora pudéssemos ter preferido ser imediatamente libertos da presença do pecado no momento em que acreditamos, Deus planejou a glorificação para ser a consumação de uma jornada de santificação progressiva ao longo da vida. Além disso, mesmo aqueles aspectos da salvação que são aplicados simultaneamente, no entanto, devem ser devidamente distinguidos uns dos outros. Por exemplo, embora sejamos justificados e adotados no mesmo momento (isto é, quando se nos concede a fé salvadora) Tanto a justificação quanto a adoção são bênçãos únicas. Desmoronar um deles no outro rouba cada um de sua glória distintiva. Como um precious diamond, a glória da aplicação da redenção é multifacetada e só é totalmente compreendido como cada faceta indivíduo contribui para

o brilho do todo. Assim, o estudo de soteriology está em causa a explorar a especificidade de cada aspecto do pedido de resgate.

A Ordem da Salvação

Não só esses aspectos da salvação são distintos uns dos outros, mas também são logicamente, e às vezes cronologicamente, relacionados uns com os outros. O *ordo salutis* , uma frase latina que significa "ordem de salvação", tem como objetivo definir essas relações lógicas e cronológicas entre as várias etapas da aplicação da redenção.

Alguns questionaram se é apropriado até mesmo tentar tal coisa, uma vez que afirmam que a Bíblia não nos fornece um *ordo salutis detalhado* . No entanto, embora nenhum texto seja dedicado a explicar explicitamente a ordem da salvação, há uma base bíblica significativa para reconhecer tal ordem. Em alguns casos, a definição bíblica de uma doutrina particular insiste mesmo em uma ordem cronológica. Por exemplo, a doutrina da glorificação descreve a aplicação da salvação até sua consumação, quando Cristo "transformará o nosso humilde corpo para ser semelhante ao seu corpo glorioso" (Flp 3:21). Esta não é uma realidade presente para os crentes, mas uma perspectiva que esperamos ansiosamente (Romanos 8:23, Fp 3:20). Quando o Espírito diz: "Agora a salvação está mais próxima do que quando cremos" (Romanos 13:11), Isto reconhece uma ordem definida com respeito à glorificação; É a última das bênçãos da salvação a ser aplicada ao povo de Deus. Em outros casos, a relação de dois ou mais desses aspectos da salvação é explicitamente definida no texto. Um exemplo disso vem em João 1:12, onde João diz: "Mas a todos os que receberam [Jesus], que creram em seu nome, deu o direito de se tornarem filhos de Deus". Este texto ensina que o direito legal Tornar-se filhos de Deus - ou seja, receber a graça de adoção - é condicionada a receber e crer em Jesus. *Assim, mesmo que a graça da adoção seja conferida no momento exato em que se acredita, a fé é, contudo, logicamente* anterior à adoção. Da mesma forma, numerosas passagens da Escritura testificam que alguém é justificado pela fé (por exemplo, Romanos 3:28, 5: 1), Ou seja, que a fé é a causa instrumental da justificação. Assim, a fé deve preceder logicamente a justificação, assim como ela precede a adoção.

Estes poucos exemplos demonstram claramente que o conceito de uma ordem de salvação não é estranho ao texto bíblico. De fato, sugerir que a glorificação é tudo menos o último passo na aplicação da redenção ou sugerir que a fé é dada após a justificação seria violar o sentido claro das passagens acima. Portanto, falar de ordem ou prioridade lógicas não é, naturalmente, invocar a "lógica humana" no texto da Escritura. Em vez disso, é ler do texto a lógica e a ordem divinas que o próprio Espírito de Deus revelou claramente. Este é o objetivo de um *ordo salutis* bíblico .

O *ORDO SALUTIS* E OS ROMANOS 8: 29-30

O texto mais claro que fala à ordem da salvação é Romanos 8: 29-30. Lá, Paulo escreve: "Porque aqueles que antes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de ser o primogênito entre muitos irmãos. E aqueles que ele predestinou, ele também chamou, e aqueles a quem ele chamou, ele também justificou, e aqueles que ele justificou, ele também glorificado. "Ao examinarmos este texto, vamos descobrir o começo de um *ordo salutis* .

Em primeiro lugar, deve-se observar que os eventos de salvação descritos nesta passagem excedem os limites da mera aplicação da redenção, pois a presciência e a predestinação dos eleitos mencionados aqui remontam ao eterno plano de redenção do Pai. No entanto, eles se encaixam naturalmente em uma ordem definida. Mesmo os

prefixos de ambas palavras: “membros anteriores” e “pré-” (gr. *Pro* -) - falar do fato de que a presciência e predestinação são antecedente aos aspectos posteriores de redenção. Seu uso em outras partes da Escritura também atesta essa ordem, já que ambos os termos aparecem com a frase "antes da fundação do mundo" em outros contextos salvíficos (Ef 1: 4-5; 1 Pedro 1:20). Assim, o conselho eterno da Trindade, em que o Pai estabeleceu seu amor eleitoral sobre aqueles que ele queria salvar,

Segundo, Paulo lista a glorificação por último nesta seqüência. Já demonstramos que a glorificação é a característica final da aplicação da redenção, pois descreve a erradicação do pecado e da enfermidade dos nossos corpos presentes, salvando-nos verdadeiramente e consumadamente do pecado e de todos os seus efeitos (Rm 8: 19-25; 1 Coríntios 15: 50-57, Filipenses 3: 20-21). Portanto, não importa como quaisquer outros elementos da salvação se relacionam uns com os outros, é certo que a glorificação deve ser a última no *ordo salutis* . O apelo ea justificação devem preceder a glorificação.

Qual é, então, a relação entre chamar e justificar? Em primeiro lugar, deve-se observar que o chamado Paulo tem em vista aqui o chamado efetivo de Deus que resulta em salvação (eg, 1 Cor. 1: 9, 24, 26, 2 Tim. 1: 9; 1: 3, 10, ver João 11: 43-44), ao invés de um chamado geral que pode ser rejeitado (por exemplo, Mateus 22:14 e Atos 7:51). Isto é assim porque ele diz que todos os que são assim chamados também são justificados e glorificados (Rm 8:30). Ninguém que ouve essa vocação não recebe as bênçãos salvadoras da justificação e da glorificação. Segundo, já que Paulo lista o conhecimento prévio ea predestinação primeiro e a glorificação por último, é bom concluir que ele tem uma ordem definida em mente ao enumerar esses vários aspectos da salvação. Assim, porque ele lista o chamado antes da justificação, É apropriado entender que o chamado precede a justificação. Portanto, a ordem da aplicação da redenção, tal como apresentada em Romanos 8:30, é chamada efetiva, justificação e, em seguida, glorificação.

O *ORDO SALUTIS* E OUTROS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO

Romanos 8: 29-30 não trata exaustivamente todos os aspectos da aplicação da redenção. Não há menção de regeneração, fé ou santificação, entre outros benefícios poupadores. Para entender onde essas outras doutrinas se encaixam na ordem da salvação, devemos examinar o resto do Novo Testamento.

Em primeiro lugar, pode ser mais fácil colocar o dom da fé na ordem da salvação, já que a Escritura é clara de que a fé é a condição da justificação. Pecadores são ditos justificados "pela fé" (Romanos 3:28, 5: 1, Gálatas 3:24), "pela fé" (Gálatas 2:16) e "pela fé" (Filipenses 3: 9). Um pecador não será declarado justo à vista de Deus, a menos que ele acredite, e é somente através da instrumentalidade da fé que ele se apoderará da justiça de Deus em Cristo. Assim, é apropriado colocar a fé antes da justificação, e porque a fé é ela mesma a causa instrumental da justificação, nada deve acontecer entre eles. Portanto, podemos acrescentar fé ao nosso *ordo salutis* da seguinte maneira: Chamada eficaz, fé, justificação e, em seguida, glorificação.

Além disso, devemos também considerar que a fé salvadora é sempre uma fé arrependida, pois a fé que se volta para Cristo para a salvação necessariamente se afasta do pecado e da justiça própria (Atos 26: 17-18; 1 Tessalonicenses 1: 9). É por isso que o evangelho é pregado como um chamado para ambos arrepender-se e crer (Marcos 1: 14-15, Atos 20:21), pois um não pode existir sem o outro. O arrependimento é tão vital para a fé salvadora que o apóstolo Tiago diz que cortá-los é matar a fé, pois a fé sem obras (isto é, "frutos de acordo com o arrependimento", Lucas 3: 8) está morta (Tiago 2:17, 26).). Tal não é fé verdadeira e salvadora, mas é completamente inútil (Tiago 2:20). Além disso, a fé eo arrependimento estão tão intimamente ligados uns aos outros que as Escrituras freqüentemente falam de um quando ambos estão implícitos. Por

exemplo, Quando os homens são condenados pelo sermão de Pedro no Pentecostes e lhe perguntam o que devem fazer para ser salvos, Pedro responde: "Arrependei-vos e batizei-vos cada um de vós no nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos pecados" (Atos 2: 38). No entanto, quando o carcereiro de Filipos é condenado da mesma forma e pede a Paulo e Silas a mesma pergunta, eles respondem: "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo" (Atos 16:31). A menos que esteja disposto a aceitar a noção absurda de que Pedro e Paulo pregaram diferentes evangelhos, é claro que o arrependimento que salva é um arrependimento crente e que a fé que salva é uma fé arrependida (Mateus 4:17; Lucas 24 : 47, João 3:16, 20:31). Assim, o arrependimento ea fé são dois lados da mesma moeda, e juntos constituem a conversão (Atos 15: 3). *E porque é preciso logicamente transformar de* algo antes que ele possa virar *para* outra coisa, o arrependimento é colocado antes da fé. Portanto, nossa ordem é a seguinte: chamada eficaz, conversão (arrependimento e fé), justificação e, em seguida, glorificação.

Uma discordância significativa envolve a relação entre regeneração e fé, mas a Escritura parece apresentar claramente a fé como a consequência do novo nascimento. Em primeiro lugar, porque o homem natural está morto no pecado (Efésios 2: 1-3) e, portanto, incapaz de compreender e aceitar as coisas do Espírito de Deus (1Co 2:14), ele é absolutamente incapaz de Fé até que o Espírito vivifique a vida espiritual nele. Por esta razão, Jesus diz: "Ninguém pode vir a mim a menos que lhe seja concedido pelo Pai" (João 6:65). Segundo, Jesus declara que o novo nascimento é o pré-requisito para ver (João 3: 3) e entrar (João 3: 5) o reino de Deus. Ver o reino é, sem dúvida, uma figura de expressão para o exercício da fé salvadora (Heb 11,1), e não se pode contestar que se entra no reino na conversão (isto é, Quando o pecador se arrepende e crê no evangelho). Segue-se, então, que o novo nascimento é logicamente anterior à fé. Terceiro, o apóstolo João diz: "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus" (1 João 5: 1). Os tempos verbais neste versículo são significativos. *"Todo aquele que crê" (Gk. Pas ho pisteuōn*) é um particípio presente, que descreve a ação presente, contínua. "Nasceu de Deus" (Gk. *Ek tou theou gegennētai*) traduz um indicativo perfeito, que descreve uma ação no passado cujos resultados continuam no presente. Assim, João declara que todos os que presentemente crê em Jesus *foi* nascido de Deus. Entre o novo nascimento ea prática da justiça (1 João 2:29), o amor (1 João 4: 7) e a superação do mundo (1 João 5: 4), existe a mesma relação (como evidenciado por construções gramaticais idênticas) . No entanto, nenhuma destas precede - e ainda menos, causa - a regeneração. Finalmente, há boas razões para crer que chamar e regenerar falam de dois aspectos da mesma realidade, a saber, a convocação à vida espiritual, por um lado, e a impartição da vida espiritual, por outro. Se o chamado e a regeneração podem assim ser identificados um com o outro, é compreensível que, quando Paulo fala de chamar em Romanos 8:30, ele não precisa incluir a regeneração, pois concebe-os como um só e mesmo ato. Uma vez que já foi demonstrado que a fé é posterior ao chamado, É bom concluir que, enquanto eles são temporariamente simultâneos, a regeneração lógicamente precede e dá origem à fé. *Portanto, podemos continuar a construir o nosso ordo salutis* : chamada / regeneração eficaz, conversão (arrependimento e fé), justificação e, em seguida, glorificação.

Neste ponto, os aspectos restantes da aplicação do resgate são relativamente fáceis de colocar. Tal como acontece com a justificação, os crentes são ditos para agarrar a graça de adoção pela fé (João 1:12, Gálatas 3:26). Esta é uma boa razão para considerar a justificação ea adoção como bênçãos contemporâneas. No entanto, é apropriado que a adoção logicamente siga a justificação. De fato, os crentes não podiam ser justamente dados os direitos legais da vida na família de Deus enquanto eles permaneciam destituídos de um direito de pé diante dele. Deus primeiro deve nos declarar justos antes de nos

acolher na família daquele "cujo nome é Santo" (Isaías 57:15). Além disso, a fé pela qual nos apoderamos da justificação e da adoção é uma fé que trabalha continuamente através do amor (Gálatas 5: 6). Enquanto regeneração, conversão, justificação, E a adoção ocorrem instantaneamente, a santificação é um processo progressivo que ocorre em toda a vida cristã (2 Coríntios 3:18). Assim, a santificação é posterior à adoção, mas antes da glorificação. O processo de santificação é marcado pela perseverança na fé do crente (Mt 24:13) e crescendo na certeza da salvação (2 Pe 1:10; 1 João 5:13).

Portanto, com base na análise bíblica precedente, encontramos a Escritura para fornecer o seguinte *ordo salutis* :

1. Pré-conhecimento / predestinação / eleição (escolha de alguns para a salvação)
2. Chamada efetiva / regeneração (o novo nascimento)
3. Conversão (arrependimento e fé)
4. Justificação (declaração de legitimidade)
5. Adopção (colocada na família de Deus)
6. Santificação (crescimento progressivo em santidade)
7. Perseverança (permanecendo em Cristo)
8. Glorificação (recebendo um corpo de ressurreição)

A primeira dessas bênçãos salvadoras é pré-temporal e precede até mesmo a aplicação da redenção. Os passos dois a cinco ocorrem simultaneamente no momento em que se torna cristão. Os passos seis e sete ocorrem ao longo do restante da vida cristã. Finalmente, o passo oito completa a aplicação da redenção no retorno de Cristo. Passamos agora a uma discussão mais aprofundada dessas doutrinas sobre a aplicação da redenção.

A Chamada Externa: Proclamação do Evangelho

Como mencionado anteriormente, quando Paulo fala da doutrina do chamado divino em Romanos 8:30, ele tem em mente o chamado efetivo de Deus, ou regeneração, pelo qual Deus convoca soberanamente o pecador para fora da morte espiritual e para a vida espiritual. De fato, quando as Epístolas do Novo Testamento falam de chamada divina, em todos os casos elas se referem a esse chamado interno e eficaz. Certamente, os Evangelhos falam de outro chamado, muitas vezes chamado de chamada externa, o chamado geral, ou o chamado do evangelho. Isso se refere à proclamação verbal do evangelho pelo qual todos os pecadores são chamados a abandonar seu pecado e confiar em Cristo para a salvação (Mt 22:14). Em outras palavras, há uma distinção entre o chamado de Deus (o chamado interno) eo chamado do pregador (o chamado externo). A chamada interna é dada apenas aos eleitos e traz sempre o pecador à salvação. Em contraste, o chamado externo é dado a todas as pessoas sem distinção e muitas vezes é rejeitado. *Por causa disto, a chamada externa não pertence propriamente ao ordo salutis* , pois os benefícios salvíficos da redenção de Cristo são sempre e somente eficazmente aplicados aos eleitos. No entanto, porque o chamado externo do evangelho é o meio pelo qual Deus emite o chamado efetivo de regeneração, é um componente necessário no estudo da aplicação da redenção. Pois os benefícios salvíficos da redenção de Cristo são sempre e somente eficazmente aplicados aos eleitos. No entanto, porque o chamado externo do evangelho é o meio pelo qual Deus emite o chamado efetivo de regeneração, é um componente necessário no estudo da aplicação da redenção. Pois os benefícios salvíficos da redenção de Cristo são sempre e somente eficazmente aplicados aos eleitos. No entanto, porque o chamado externo do evangelho é o meio pelo qual Deus emite o chamado efetivo de regeneração, é um componente necessário no estudo da aplicação da redenção.

A NECESSIDADE DA CHAMADA EXTERNA

Romanos 10:13 declara que o chamado externo é essencial para que o pecador possa "chamar" ao Senhor para a salvação:

> Pois "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".
>
> Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerem naquele de quem nunca ouviram? E como eles vão ouvir sem alguém pregar? E como eles devem pregar a menos que sejam enviados? Como está escrito: "Quão formosos são os pés daqueles que pregam as boas novas!" Mas nem todos obedeceram ao evangelho. Pois Isaías diz: "Senhor, quem crê no que ouviu de nós?" Assim a fé vem do ouvir e ouvir pela palavra de Cristo. (Romanos 10: 13-17)

Este texto indica claramente que proclamar a mensagem do evangelho é absolutamente imperativo para as pessoas que estão sendo salvas. O pecado penetrou no âmago do ser do homem, de modo que ele é um pecador não apenas por escolha, mas por natureza (Romanos 8: 7, 1 Cor 2:14, Ef 2: 3, 4: 17-18). Devido a isso, a revelação de Deus sobre si mesmo no mundo natural (Romanos 1: 19-20) é suficiente para tornar todos os culpados inexcusável diante de Deus e convencer os homens de sua pecaminosidade e do julgamento vindouro temporalmente (1: 21-31) E eternamente (1:32). A solução para a condição espiritual condenatória da humanidade não é encontrada, no entanto, na revelação natural, nem pelo pecador olhando para dentro de si mesmo ou para seus próprios recursos. Para que a salvação chegue a alguém, a mensagem do evangelho da vida, morte, sepultamento e ressurreição do Filho de Deus,

Ouça o que o Espírito de Deus diz em 1 Coríntios 1: 18-21:

> Pois a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós que estamos sendo salvos é o poder de Deus. Pois está escrito:
>
> "Destruirei a sabedoria dos sábios,
> E o discernimento dos discernidores eu o frustrarei ".
>
> Onde está aquele que é sábio? Onde está o escriba? Onde está o debatedor desta idade? Deus não fez loucura a sabedoria do mundo? Porque, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus por sabedoria, agradou a Deus por meio da loucura do que pregamos para salvar aqueles que crêem.

Isto é assim porque a palavra da verdade é o meio pelo qual Deus provoca o novo nascimento (Tiago 1:18). Como o apóstolo Pedro declara: "Você nasceu de novo, não de sementes perecíveis, mas de imperecível, pela palavra viva e permanente de Deus" (1 Pe 1:23). Dois versículos depois ele acrescenta: "E esta palavra é a boa notícia que foi pregada a vós" (1 Pe 1:25). Assim, a pregação do evangelho é um pré-requisito para a salvação, porque é através da mensagem pregada que os pecadores são despertados para a nova vida. Por esta razão, o evangelho é saudado como "o poder de Deus para a salvação" (Romanos 1: 16-17, ver 1 Coríntios 1:18). É pela loucura da mensagem pregada que Deus tem o prazer de salvar aqueles que crêem. Portanto, devemos enviar pregadores do evangelho.

OS ELEMENTOS DA CONVOCAÇÃO EXTERNA

À luz do fato de que o chamado externo do evangelho é essencial para a salvação dos pecadores, é imperativo que compreendamos o que realmente constitui esse chamado. Pelo menos três elementos devem ser comunicados na proclamação do evangelho. Em primeiro lugar, o pregador do evangelho deve explicar os fatos da

santidade de Deus, a pecaminosidade do homem ea obra de Cristo na realização da redenção. Deus é o Criador de todas as coisas (Salmo 24: 1), e como sua criatura, o homem é responsável perante Deus, seu Juiz. Deus é perfeitamente santo (Mateus 5:48); Ele é a essência de tudo o que é bom - tanto que ele não pode ter absolutamente nenhuma comunhão com alguém que está aquém da perfeição moral (1 João 1: 5, ver Tiago 2:10). No entanto, a Escritura declara que todas as pessoas pecaram contra Deus, quebrando sua lei e, portanto, ficam aquém do padrão perfeito de justiça que é requerido para a comunhão com ele (Rm 3:23). O veredicto pronunciado sobre toda a humanidade é: "Ninguém é justo, não, não um" (Romanos 3:10), ea sentença resultante é a morte: "Porque o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23).). Porque o pecado contra um Deus infinitamente santo exige um castigo infinito, esta morte não é meramente física ou temporal, mas também espiritual e eterna. O justo castigo por todos os pecados é o inferno: tormento consciente para sempre longe da presença salvadora do Senhor (Mateus 13:50; 25:46; 2 Tessalonicenses 1: 9 e Apocalipse 14:11). E a sentença resultante é a morte: "Porque o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). Porque o pecado contra um Deus infinitamente santo exige um castigo infinito, esta morte não é meramente física ou temporal, mas também espiritual e eterna. O justo castigo por todos os pecados é o inferno: tormento consciente para sempre longe da presença salvadora do Senhor (Mateus 13:50; 25:46; 2 Tessalonicenses 1: 9 e Apocalipse 14:11). E a sentença resultante é a morte: "Porque o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). Porque o pecado contra um Deus infinitamente santo exige um castigo infinito, esta morte não é meramente física ou temporal, mas também espiritual e eterna. O justo castigo por todos os pecados é o inferno: tormento consciente para sempre longe da presença salvadora do Senhor (Mateus 13:50; 25:46; 2 Tessalonicenses 1: 9 e Apocalipse 14:11).

É neste miserável estado de coisas que Deus sai em graça soberana. Enquanto o homem estava desamparado sob o peso do pecado sem nenhuma maneira de pagar sua pena e escapar de seus resultados (Rm 5: 6), Deus o Filho se tornou um homem (1) para viver a vida perfeitamente justa que os filhos de Adão tinha falhado Para viver e (2) morrer uma morte substitutiva no lugar de seu povo (Rm 5: 6, 8), absorvendo em sua própria pessoa a penalidade total da ira do Pai contra seu pecado (Isaías 53: 6; Cor. 5:21, 1 Pedro 2:24). Depois de morrer em lugar de pecadores, ele foi sepultado, e no terceiro dia ressuscitou dentre os mortos em triunfo sobre o pecado e a morte (Romanos 4:25, 1 Cor 15: 4, Hebreus 2: 14-18) E ascendeu à mão direita do Pai no céu (Efésios 1: 20-23). A menos que um pregador explique com precisão a situação do homem no pecado e na encarnação,

Embora acreditar que esses fatos do evangelho é absolutamente essencial para a salvação, isso não é suficiente; Na verdade, mesmo os demônios acreditam fatos verdadeiros sobre Deus e seu evangelho (Tiago 2:19). Para que um pecador tenha um interesse salvador em Cristo, ele deve responder a esses fatos, desviando-se do pecado e confiando em Cristo para a justiça. Portanto, um segundo elemento essencial do chamado externo é o chamado sério do pregador para que o pecador se arrependa e acredite. O próprio Senhor Jesus modelou este tipo de pregação do evangelho; Marcos diz que ele veio "proclamando o evangelho de Deus, e dizendo: 'O tempo se cumpriu, eo reino de Deus está próximo; Arrependei-vos e crede no evangelho "(Marcos 1: 14-15). A mensagem evangélica apostólica é caracterizada como "arrependimento para com Deus" e "fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos 20:21, ver 1 Tessalonicenses 1: 9). Isto é, Uma apresentação evangélica bíblica chama os pecadores a (1) reconhecer seu pecado e culpa diante de Deus (Lucas 15:18), (2) abandonar toda a esperança de alcançar o perdão pelas boas obras (Hebreus 6: 1), (3) abandonar sua vida (Isaías 55: 7 e Lucas 9:23) e (4) depositam toda a sua confiança na justiça de Cristo somente para serem aceitos e

reconciliados com Deus (Romanos 10: 4, 9), Phil 3: 4-9). Somente pela fé arrependida um pecador pode se sujeitar subjetivamente aos benefícios objetivamente comprados por Cristo. Além disso, porque esta é a única esperança do pecador para a vida e a salvação, este chamado para se arrepender e crer deve ser entregue com a máxima urgência. Os pregadores não devem apresentar Cristo ao pecador de uma maneira fria e desinteressada; Antes, impulsionado pelo temor do Senhor (2 Coríntios 5:11),

Um terceiro elemento necessário do chamado externo é a promessa de perdão de pecados e vida eterna. Ao chamarmos pecadores ao arrependimento e à fé, devemos apresentar-lhes as incomparáveis bênçãos prometidas àqueles que são obedientes ao chamado do evangelho. Como com os outros elementos, vemos exemplos desse elemento na pregação de Jesus e dos apóstolos. Em João 3:16, Jesus promete que quem crê nele não perecerá, mas terá a vida eterna. No seu sermão de Pentecostes, depois que Pedro emitiu o chamado para o arrependimento, ele proclamou aos judeus a promessa de perdão dos pecados (Atos 2:38, cfr 3:19). E Paulo declarou-o explicitamente em seu sermão em Pisidian Antioch: "Seja-vos sabido, irmãos, que por este homem o perdão dos pecados é proclamado a vós, E por ele todo aquele que crê é libertado de tudo do qual não pudestes ser libertados pela lei de Moisés "(Atos 13: 38-39). Em última análise, a maior promessa do evangelho é que pecadores, uma vez alienados de Deus, podem ser reconciliados com um relacionamento correto com Ele (Ef 2:18; 1 Pedro 3:18). Esta reconciliação é tão íntima que o pecador é dado o direito de se tornar um filho de Deus (João 1:12). Portanto, uma apresentação evangélica centrada em Deus não somente proclamará as magníficas promessas de perdão e vida eterna, mas também declarará que a vida eterna consiste no conhecimento e na comunhão com o Deus triúno (João 17: 3) e apresentá-lo-á Doador, como o maior presente do evangelho. A maior promessa do evangelho é que os pecadores, uma vez alienados de Deus, podem ser reconciliados com um relacionamento correto com Ele (Ef 2:18; 1 Pedro 3:18). Esta reconciliação é tão íntima que o pecador é dado o direito de se tornar um filho de Deus (João 1:12). Portanto, uma apresentação evangélica centrada em Deus não somente proclamará as magníficas promessas de perdão e vida eterna, mas também declarará que a vida eterna consiste no conhecimento e na comunhão com o Deus triúno (João 17: 3) e apresentá-lo-á Doador, como o maior presente do evangelho. A maior promessa do evangelho é que os pecadores, uma vez alienados de Deus, podem ser reconciliados com um relacionamento correto com Ele (Ef 2:18; 1 Pedro 3:18). Esta reconciliação é tão íntima que o pecador é dado o direito de se tornar um filho de Deus (João 1:12). Portanto, uma apresentação do evangelho centrada em Deus não somente proclamará as promessas magníficas do perdão e da vida eterna, mas também declarará que a vida eterna consiste no conhecimento e na comunhão com o Deus triúno (João 17: 3) e apresentá-lo-á Doador, como o maior presente do evangelho.

AS CARACTERÍSTICAS DA CHAMADA EXTERNA

O chamado externo à salvação apresentado no evangelho é marcado por várias características-chave. Primeiro, é um chamado geral ou universal. Isto é, a boa nova do arrependimento e da fé para o perdão dos pecados deve ser proclamada a todas as pessoas sem distinção. Enquanto o chamado interno da regeneração é dado apenas aos eleitos, o chamado externo do evangelho deve ser pregado indiscriminadamente para eleger e reprovar igualmente. Alguns que desejam exaltar a soberania absoluta de Deus contradizem este ensinamento, insistindo que, uma vez que Deus pretende salvar apenas os eleitos, seus pregadores devem proclamar o evangelho somente para eles. No entanto, não só isso é impossível (pois não temos meios de distinguir os eleitos do resto da humanidade), é manifestamente contrário à Escritura. Deus representa a si mesmo como desejando ardentemente que os ímpios se arrependam (Ezequiel 18:23, 32, 33:11, ver 2

Coríntios 5:20), e de acordo com esse desejo, exuberantemente chama a todos para si mesmo: Vinde, todo aquele que tem sede, vem às águas; E quem não tem dinheiro, vem, compra e come! Vinde, comprai vinho e leite sem dinheiro e sem preço ... Inclina o teu ouvido e vem a mim; Ouve, para que a tua alma viva "(Isaías 55: 1, 3). Ele pede aos pecadores que o busquem, e está ansioso por ter compaixão deles e perdoá-los (Isaías 55: 6-7). Sem discriminação, ele ordena que "todos os confins da terra" se voltem para ele e sejam salvos (Isaías 45:22). A profundidade ea amplitude da compaixão divina também se manifesta plenamente naquele que é a representação exata da natureza do Pai. Se fosse o caso de que os pregadores do evangelho deveriam limitar o chamado externo para os eleitos sozinhos, com certeza encontraríamos tal exemplo no ministério de Jesus, pois, ao contrário de nós, ele sabia muito bem quem eram os eleitos. E, no entanto, nosso Senhor não fez tais discriminações, mas pregou o evangelho até aqueles que o rejeitaram (Mateus 22: 2-14 e Lucas 14: 16-24), convidando todos os que estavam cansados de descansar nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Certamente encontraríamos tal exemplo no ministério de Jesus, pois, ao contrário de nós, ele sabia muito bem quem eram os eleitos. E, no entanto, nosso Senhor não fez tais discriminações, mas pregou o evangelho até aqueles que o rejeitaram (Mateus 22: 2-14 e Lucas 14: 16-24), convidando todos os que estavam cansados de descansar nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Certamente encontraríamos tal exemplo no ministério de Jesus, pois, ao contrário de nós, ele sabia muito bem quem eram os eleitos. E, no entanto, nosso Senhor não fez tais discriminações, mas pregou o evangelho até aqueles que o rejeitaram (Mateus 22: 2-14 e Lucas 14: 16-24), convidando todos os que estavam cansados de descansar nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Ele sabia muito bem quem eram os eleitos. E, no entanto, nosso Senhor não fez tais discriminações, mas pregou o evangelho até aqueles que o rejeitaram (Mateus 22: 2-14 e Lucas 14: 16-24), convidando todos os que estavam cansados de descansar nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Ele sabia muito bem quem eram os eleitos. E, no entanto, nosso Senhor não fez tais discriminações, mas pregou o evangelho até aqueles que o rejeitaram (Mateus 22: 2-14 e Lucas 14: 16-24), convidando todos os que estavam cansados de descansar nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja

para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Convidando todos os que estavam cansados de encontrar repouso nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Convidando todos os que estavam cansados de encontrar repouso nele (Mt 11: 28-30). Esta universalidade é representada na Grande Comissão da Igreja para "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28:19, ver Lucas 24:47) e "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Assim, não é de surpreender vê-lo modelado na pregação apostólica, como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "comanda a todos os povos em todo lugar a se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "ordena a todos os povos em todo lugar se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada. Como Paulo declarou aos filósofos em Marte Hill que Deus "ordena a todos os povos em todo lugar se arrependerem" (Atos 17:30). De fato, a universalidade do chamado evangélico não pode ser negada.

Uma segunda característica da chamada externa é que é uma oferta sincera, de boa fé. Alguns objetam que, porque Deus pretende apenas salvar aqueles a quem ele escolheu para conceder arrependimento e fé, o chamado universal do evangelho não pode ser genuíno por parte de Deus. Isto é nada menos que uma acusação blasfema daqueles que exaltaram seu próprio raciocínio acima da revelação de Deus. Como foi demonstrado, Deus realmente chama a todos ao arrependimento, e ele se representa a si mesmo como sinceramente desejando o arrependimento dos ímpios. Ele pergunta: "Tenho eu algum prazer na morte do ímpio ... e não antes que ele se volte do seu caminho e viva?" (Ezequiel 18:23, cf 18:32; 33:11). Alguém pode duvidar da sinceridade do Deus que diz: "Oh, que o meu povo me ouvisse, que Israel andasse nos meus caminhos" (Salmo 81:13)? Na verdade, ele diz sobre Israel, "Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo desobediente e contrário" (Romanos 10:21). Embora possa ser difícil entender como as declarações de compaixão em relação ao não-eleito podem ser reconciliadas com as doutrinas de eleição soberana e redenção particular, não é uma opção concluir que Deus não significa o que ele diz! Como Berkhof comenta,

> O chamado externo é um chamado de boa fé, um chamado que é seriamente significado. Não é um convite combinado com a esperança de que ele não será aceito. Quando Deus chama o pecador para aceitar Cristo pela fé, Ele realmente deseja isso; E quando Ele promete aos que se arrependem e crêem na vida eterna, Sua promessa é confiável. Isso decorre da própria natureza, da veracidade, de Deus. É blasfemo pensar que Deus seria culpado de equívoco e decepção, que Ele diria uma coisa e significaria outra, que Ele imploraria sinceramente ao pecador que se arrependesse e acreditasse para a salvação, e ao mesmo tempo não a desejasse em qualquer Sentido da palavra.

O Deus que "tem misericórdia de quem quer" e "endurece a quem quer" (Romanos 9:18) é o Deus que não gosta da morte dos ímpios. Raciocinar que o primeiro é incompatível com este último não é uma opção para o cristão crente na Bíblia. A oferta da salvação comunicada no chamado externo do evangelho está condicionada ao

arrependimento e à fé. Para que seja uma oferta genuína e bem intencionada por parte de Deus, ele simplesmente tem que estar sinceramente disposto a prover as bênçãos prometidas com a satisfação das condições da oferta. E este é precisamente o caso; Se alguém se arrepende e confia em Cristo, Deus *o* perdoará e salvará. No entanto, tal arrependimento e fé são impossíveis para o homem natural (Rm 8: 7-8, 1 Cor. 2:14). Além da graça regeneradora, nenhum homem jamais se arrependerá e crerá. Portanto, No caso do nonelect, as condições da oferta nunca serão satisfeitas. Sugerir que a oferta de Deus é insincera - na verdade, que ele finge sinceridade! - porque não fornece a graça necessária para vencer a depravação do homem é supor que Deus é obrigado a dar graça a todos. Para tal noção, o próprio Senhor responde: "Não tenho permissão para fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. As condições da oferta nunca serão satisfeitas. Sugerir que a oferta de Deus é insincera - na verdade, que ele finge sinceridade! - porque não fornece a graça necessária para vencer a depravação do homem é supor que Deus é obrigado a dar graça a todos. Para tal noção, o próprio Senhor responde: "Não tenho permissão para fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. As condições da oferta nunca serão satisfeitas. Sugerir que a oferta de Deus é insincera - na verdade, que ele finge sinceridade! - porque não fornece a graça necessária para vencer a depravação do homem é supor que Deus é obrigado a dar graça a todos. Para tal noção, o próprio Senhor responde: "Não tenho permissão para fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a qualquer homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. - porque ele não fornece a graça necessária para vencer a depravação do homem é supor que Deus é obrigado a dar graça a todos. Para tal noção, o próprio Senhor responde: "Não tenho permissão para fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. - porque ele não fornece a graça necessária para vencer a depravação do homem é supor que Deus é obrigado a dar graça a todos. Para tal noção, o próprio Senhor responde: "Não tenho permissão para fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. "Não me é permitido fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o

direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia. "Não me é permitido fazer o que eu escolher com o que me pertence?" (Mt 20:15). O oleiro tem o direito sobre o barro "para fazer do mesmo caroço um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso" (Romanos 9:21). Deus não é obrigado a dar graça a nenhum homem, muito menos a todos os homens. A deficiência no chamado do evangelho está na depravação do homem, não em qualquer suposta parcimônia na graça de Deus. Sugerir tal coisa aproxima-se das mais altas tensões da blasfêmia.

Finalmente, uma terceira característica do chamado externo é que, por si só, não é eficaz. Ao contrário do chamado efetivo no qual o homem é convocado irresistivelmente para a vida espiritual (por exemplo, 1 Coríntios 1: 9, ver João 6:44, 65) e é necessariamente justificado e eventualmente glorificado (Rm 8:30), o externo Chamada pode ser resistido. Jesus faz esta distinção em sua conclusão à parábola do banquete de casamento: "Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" (Mt 22:14). Isto é, muitos são convidados a participar da festa das bênçãos da vida eterna, contudo, como o Pai escolheu alguns e não todos, poucos são efetivamente chamados. Portanto, muitos que são convidados rejeitam a chamada externa. Qualquer exemplo em que o evangelho é pregado e rejeitado é evidência da ineficácia inerente do chamado externo (por exemplo, João 3:18; 6:64; 12:37; Atos 7:51; 17: 32). É por esta razão que o chamado externo é insuficiente para a salvação.

A Chamada Interna: Regeneração

Por causa das deficiências do chamado externo, os pecadores precisam de um chamado soberanamente eficaz, inerentemente poderoso para superar os efeitos da depravação e trazê-los ao arrependimento e à fé salvadora. Em seu estado natural, o homem é caracterizado pela morte espiritual (Efésios 2: 1). Por natureza, ele é um cadáver espiritual, inteiramente insensível à verdade espiritual proclamada no chamado externo do evangelho. Por esta razão, o homem natural rejeitará sempre o evangelho, pois as coisas do Espírito de Deus "são loucura para ele, e ele não é capaz de compreendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente" (1Co 2:14). O pecado tem tão impregnado o homem que todas as suas faculdades são corrompidas por ele. Ele é espiritualmente cego, pois "o deus deste mundo cegou a mente dos incrédulos, Para impedi-los de ver a luz do evangelho da glória de Cristo "(2 Coríntios 4: 4, Rm 1: 21-22, Ef 4: 17-18). Quando a glória de Cristo é apresentada no evangelho, o homem natural não a vê, porque os olhos de seu coração foram cegos. Ele também é espiritualmente surdo; Seus ouvidos são incircuncisos (Jeremias 6:10) e, portanto, ele não pode perceber a sabedoria, a graça ea verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15, João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. Cf. ROM. 1: 21-22; Eph. 4: 17-18). Quando a glória de Cristo é apresentada no evangelho, o homem natural não a vê, porque os olhos de seu coração foram cegos. Ele também é espiritualmente surdo; Seus ouvidos são incircuncisos (Jeremias 6:10) e, portanto, ele não pode perceber a sabedoria, a graça ea verdade anunciadas no evangelho

da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15, João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. Cf. ROM. 1: 21-22; Eph. 4: 17-18). Quando a glória de Cristo é apresentada no evangelho, o homem natural não a vê, porque os olhos de seu coração foram cegos. Ele também é espiritualmente surdo; Seus ouvidos são incircuncisos (Jeremias 6:10) e, portanto, ele não pode perceber a sabedoria, a graça ea verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15, João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. O homem natural não o vê, porque os olhos de seu coração foram cegos. Ele também é espiritualmente surdo; Seus ouvidos são incircuncisos (Jeremias 6:10) e, portanto, ele não pode perceber a sabedoria, a graça ea verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15, João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. O homem natural não o vê, porque os olhos de seu coração foram cegos. Ele também é espiritualmente surdo; Seus ouvidos são incircuncisos (Jeremias 6:10) e, portanto, ele não pode perceber a sabedoria, a graça ea verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15, João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. Graça e verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15 e João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. Graça e verdade anunciadas no evangelho da graça (Isaías 6: 9-10, Mateus 13:15 e João 8:43). Ainda mais, a vontade do homem e as afeições estão completamente desordenadas, pois, como o profeta Jeremias testifica: "O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente doente" (Jeremias 17: 9). Na verdade, o homem natural é desprovido de vida espiritual, pois a Escritura diz que seu coração é um coração de pedra (Ezequiel 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada. 11:19; 36:26), frio e insensível ao significado e à glória da verdade divinamente revelada.

"Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossas ofensas e pecados, *nos tornou vivos* juntamente com Cristo" (Efésios 2: 4-5). No exercício de seu soberano prazer, Deus emite um chamado

efetivo no coração dos eleitos. Ele poderosamente convoca o pecador para fora de sua morte espiritual e cegueira e, em virtude do poder criativo de sua palavra, lhe dá uma nova vida espiritual - dando-lhe um novo coração, juntamente com olhos para ver e ouvidos para ouvir, Ele se arrependa e crê em Cristo para a salvação (Rm 8:30, 1 Coríntios 1:24, 2 Tim. 1: 9, 1 Pedro 5:10, 2 Pedro 1: 3). Ele chama eficazmente o seu povo "das trevas" e "para a sua luz maravilhosa" (1Pe 2.9), "consigo mesmo" (Atos 2:39), em comunhão com o seu Filho (1 Coríntios 1: 9) para que pertençam a Cristo (Romanos 1: 6), e "para o seu próprio reino e glória" (1 Tessalonicenses 2:12). Este é o milagre divino da regeneração, ou o novo nascimento.

O AUTOR DA REGENERAÇÃO

Como é lógico mesmo a partir da discussão acima, o autor desta mudança radical da natureza do homem não pode ser o próprio homem, mas sim deve ser o Criador de toda a vida, incluindo a vida eterna - só Deus. Alguns outros aspectos da aplicação da redenção exigem que os crentes participem ativamente. Na conversão, por exemplo, embora o arrependimento e a fé sejam eles mesmos dons soberanos de Deus (Atos 11:18, Ef 2: 8), nós mesmos devemos nos desviar do pecado e confiar em Cristo. Embora Deus nos conceda fé, ele não crê no evangelho para nós. Da mesma forma, embora o crescimento do cristão em santidade seja uma obra soberana do Espírito de Deus (Fil 2:13, 2 Coríntios 3:18, Gálatas 5: 16-17, 22-23), somos chamados a Aproveitem os meios pelos quais o Espírito Santo nos santifica, trabalhando a nossa salvação com temor e tremor (Filipenses 2: 12) e fazendo todos os esforços para completar a nossa fé com a virtude (2 Pedro 1: 5-8). O trabalho de regeneração, no entanto, é diferente desses outros aspectos da aplicação da redenção. Na regeneração, o homem é inteiramente passivo; Deus é o único agente ativo na criação do milagre criador do novo nascimento.

É significativo que as Escrituras usem a imagem de nascer de novo para descrever esta obra de regeneração (João 3: 3-8; 1 Pedro 1: 3, 23; 1 João 3: 9). No reino físico, uma criança não faz absolutamente nenhuma contribuição para sua concepção ou seu nascimento. Ele é inexistente e, portanto, é inteiramente dependente da vontade de seus pais para ser criado. Da mesma forma, Jesus escolhe essa analogia para ilustrar a realidade de que pecadores mortos e depravados não podem contribuir para o seu renascimento para a vida espiritual, mas são inteiramente dependentes da vontade soberana de Deus para a regeneração. Jesus declarou estas coisas a Nicodemos, "um homem dos fariseus" e "um príncipe dos judeus", que foi descrito como "o mestre de Israel" (João 3: 1, 10). Ele era um membro da mais rigorosa e mais devota seita do judaísmo, sentou-se no corpo governante do Sinédrio, *E como o* professor de Israel, ele ocupou um lugar único de destaque no sistema religioso. Foi a este homem que tinha subido ao auge da devoção religiosa que Jesus declarou: "Você deve nascer de novo" (João 3: 7). E isso não se limita a Nicodemos, pois Jesus fala da humanidade em geral quando diz: "Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3: 3). O pecado tem tão infectado e corrompido a humanidade que nada menos do que a renovação por atacado da alma é necessária para a salvação. Reorganizar sua vida, modificar seu comportamento ou multiplicar performances religiosas não basta. Algo é tão drasticamente e irreversivelmente errado com a humanidade que devemos nascer de novo. Quando Nicodemos pergunta como isso pode acontecer, Jesus não lhe dá uma lista de deveres religiosos pelos quais ele pode cooperar com a graça de Deus. Em vez disso, ele aponta para a vontade soberana de Deus e declara: "O vento sopra onde quiser" (João 3: 8). Como observa John Murray: "O vento não está ao nosso alcance; Nem a operação regenerativa do Espírito ".

Além da imagem do novo nascimento, a Escritura afirma explicitamente que a regeneração é um ato de Deus sozinho. O apóstolo João declara que os filhos de Deus nascidos na regeneração nascem "não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (João 1:13). O homem não nasce de novo pelo sangue, o que quer dizer que o novo nascimento não é transmitido hereditariamente através de quaisquer linhagens mas é inteiramente sobrenatural. Enquanto a união do sangue de um pai e mãe produz vida física, ela nunca pode produzir vida espiritual. Sua herança ou linhagem ancestral não tem influência na regeneração. Nem o filho de Deus nasce da vontade da carne. Ele não decide simplesmente nascer de novo como um exercício de sua vontade. Nenhum esforço moral ou atividade religiosa pode induzir o novo nascimento, Pois a carne só pode dar à luz carne (João 3: 6). Porque o novo nascimento é espiritual, ele não pode vir pela vontade da carne. Finalmente, João diz que o filho de Deus não nasce da vontade do homem, que estabelece que nenhuma religião artificial ou sistema sacramental pode produzir regeneração.

Em vez disso, os filhos de Deus são nascidos *de Deus* (João 1:13). A Escritura não hesita em empregar a linguagem mais ativa em relação ao papel de Deus na regeneração. Tão longe de depender da vontade do homem, os pecadores são trazidos à vida espiritual pelo exercício da *vontade* de *Deus* (Tiago 1:18). Enquanto o homem estava morto em suas ofensas, totalmente desamparado para se tornar vivo, "Deus ... nos fez vivos juntamente com Cristo" (Efésios 2: 4-5, veja Col. 2:13). De acordo com a grande misericórdia do Pai, "nos fez nascer de novo" (1Pe 1: 3). Por meio do profeta Ezequiel, Deus prometeu um tempo em que ele traria regeneração ao seu povo:

> Eu roçarei água limpa sobre você, e você será limpo de todas as suas impurezas, e de todos os seus ídolos eu o purificarei. E eu lhe darei um coração novo, e um espírito novo eu colocarei dentro de você. E retirarei o coração de pedra de sua carne e lhe darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e tenha cuidado de obedecer às minhas regras. (Ezequiel 36: 25-27)

O trabalho monergista de Deus na regeneração é inconfundível neste texto. Em apenas estes três versos, Deus usa a frase "eu vou" seis vezes, insistindo que este transplante de coração espiritual é inteiramente sua obra. No próximo capítulo, Deus ilustra sua própria soberania e a impotência do homem ao retratar a futura regeneração de Israel como sua vida de respiração em um vale cheio de ossos secos (Ezequiel 37: 1-11). Embora esta seja claramente uma profecia da regeneração e salvação dos judeus antes do retorno de Cristo, ela assume que Deus é Aquele que regenera os indivíduos - no caso de Israel, uma nação inteira deles (Ezequiel 37:11). Tal é o estado natural de depravação do homem; Ele não é mais capaz de dar vida à vida do que uma pilha de ossos mortos e secos poderiam dar vida. Tendo ilustrado sua promessa, Deus então declara: "Eis que,

Essas passagens em Ezequiel indicam o papel do Espírito Santo na regeneração. Muitos textos explicitamente nomeiam a pessoa do Pai como o agente da regeneração (Tiago 1:18, 1 Pedro 1: 3, Rm 8:30, 1 Coríntios 1: 9). No entanto, as Escrituras também indicam que o Espírito Santo participa neste trabalho. Quando Jesus discute o novo nascimento com Nicodemos, ele diz que o filho de Deus é "nascido do Espírito" (João 3: 5, 6, 8). Mais adiante, continua dizendo que "é o Espírito que dá a vida" (João 6:63), conceito que se tornou a máxima do ensinamento apostólico (2 Cor. 3: 6, ver Romanos 8: 2). O apóstolo Paulo diz que Cristo nos salva pela "lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo" (Tito 3: 5). Podemos concluir, portanto, que enquanto o Pai é o agente final da regeneração, convocando-nos da morte para a vida,

O termo grego para "regeneração" (*palingenesia*) aparece apenas duas vezes no Novo Testamento. Primeiro, em Mateus 19:28, Jesus diz a seus discípulos: "Em verdade vos digo, no novo mundo [Gk. *En tē palingenesia* ; "Na regeneração", quando o Filho do Homem se assentar no seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel. "Ele usa o termo" regeneração "para referir Para a renovação da criação que começará no reino milenar e chegará à consumação nos novos céus e na nova terra. A segunda ocorrência de "regeneração" no Novo Testamento vem em Tito 3: 5: "Ele nos salvou, não por causa de obras feitas por nós em justiça, mas segundo a sua própria misericórdia, pela lavagem da regeneração [Gk. *Palingenesia*] e *renovação* do Espírito Santo ". Aqui Paulo usa o termo para falar sobre a salvação do homem do pecado e indica que a regeneração é caracterizada pela lavagem e renovação. Esta compreensão da regeneração é semelhante a João 3: 5, onde Jesus diz que o novo nascimento consiste em ser "nascido da água e do Espírito", uma referência à profecia em Ezequiel 36: 25-26, que descreve metaforicamente a regeneração como sendo Polvilhado com água limpa e recebendo um novo coração. A partir dos usos do termo bíblico, então, podemos concluir que a regeneração fala de uma purificação do pecado e uma criação da vida espiritual. É uma renovação purificante. "Aqui Paulo usa o termo para falar sobre a salvação do homem do pecado e indica que a regeneração é caracterizada pela lavagem e renovação. Esta compreensão da regeneração é semelhante a João 3: 5, onde Jesus diz que o novo nascimento consiste em ser "nascido da água e do Espírito", uma referência à profecia em Ezequiel 36: 25-26, que descreve metaforicamente a regeneração como sendo Polvilhado com água limpa e recebendo um novo coração. A partir dos usos do termo bíblico, então, podemos concluir que a regeneração fala de uma purificação do pecado e uma criação da vida espiritual. É uma renovação purificante. "Aqui Paulo usa o termo para falar sobre a salvação do homem do pecado e indica que a regeneração é caracterizada pela lavagem e renovação. Esta compreensão da regeneração é semelhante a João 3: 5, onde Jesus diz que o novo nascimento consiste em ser "nascido da água e do Espírito", uma referência à profecia em Ezequiel 36: 25-26, que descreve metaforicamente a regeneração como sendo Polvilhado com água limpa e recebendo um novo coração. A partir dos usos do termo bíblico, então, podemos concluir que a regeneração fala de uma purificação do pecado e uma criação da vida espiritual. É uma renovação purificante. Que metaforicamente descreve a regeneração como sendo aspergido com água limpa e recebendo um novo coração. A partir dos usos do termo bíblico, então, podemos concluir que a regeneração fala de uma purificação do pecado e uma criação da vida espiritual. É uma renovação purificante. Que metaforicamente descreve a regeneração como sendo aspergido com água limpa e recebendo um novo coração. A partir dos usos do termo bíblico, então, podemos concluir que a regeneração fala de uma purificação do pecado e uma criação da vida espiritual. É uma renovação purificante.

No nível mais fundamental, a regeneração é a transmissão divina da vida espiritual eterna ao pecador espiritualmente morto. A Escritura emprega inúmeras imagens para ilustrar o chamado efetivo de regeneração de Deus. Como fez com o vale dos ossos secos, Deus, pelo poder criativo de sua palavra, fala a vida espiritual nos corações mortos dos judeus, respirando como o sopro da vida divina sobre os ossos secos de suas almas e Tornando-os vivos. Como Jesus estava de pé no túmulo de seu amigo que estava morto há quatro dias, ele clamou em alta voz: "Lázaro, saia" (João 11:43). Por esta palavra, Jesus convocou com autoridade Lázaro da morte e da vida, pois "saiu o homem que havia morrido" (João 11:44), tropeçando do túmulo ainda envolto em suas roupas de sepultura. Assim também Deus ordena que o cadáver espiritualmente sem vida do pecador "saia" de sua morte e com essa palavra efetivamente o traga à vida. Talvez a mais

impressionante seja a comparação feita pelo apóstolo Paulo da regeneração com a criação do mundo por Deus. Ele diz: "Deus, que disse: Brilhe luz das trevas, brilhou em nossos corações para dar a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo" (2Cor 4,6) . *No princípio Deus falou o mundo em existência a partir do nada (Salmos 33: 6 e 148: 5): "E disse Deus :* Haja luz, e houve luz" (Gn 1: 3), instantaneamente "Chamar à existência as coisas que não existem" (Romanos 4:17). Na regeneração, Deus une o chamado externo da pregação do evangelho com o seu chamado soberano e eficaz à nova vida. Em corações escuros e mortos ele fala o comando,

Esta transmissão da vida espiritual não se limita à parte imaterial do homem, mas é uma recriação fundamental de toda a pessoa. Paulo claramente afirma: "Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O velho já passou; Eis que vem o novo "(2 Coríntios 5:17). Não é apenas o espírito ou a alma do pecador que é uma nova criação, mas ele mesmo, como uma pessoa inteira, é uma nova criação. Assim como a depravação do homem é total - isto é, assim como o pecado penetrou tanto a natureza do homem que não deixou nenhuma parte dele intocada pela corrupção do pecado - assim também a regeneração atinge a totalidade do homem. A mente do homem natural é cegada (2 Cor. 4: 4); Ele está obscurecido no entendimento (Efésios 4:18) e, portanto, incapaz de ouvir (João 8:43) ou compreender a verdade espiritual (1 Cor. 2:14). Suas afeições são inteiramente desordenadas, Na medida em que ama as trevas e odeia a luz (João 3: 19-20), deliciando-se com o que é objetivamente repulsivo e repelido pelo que é objetivamente delicioso. Impelido por suas afeições, sua vontade rejeita obstinadamente Cristo e a glória de seu evangelho (João 5:40). Mentalmente, emocionalmente e volitivamente, o homem é cativo ao pecado. Portanto, a renovação do homem na regeneração é tão extensa quanto sua depravação.

Na regeneração, então, o Espírito abre os olhos cegos da mente (Atos 26:18, 2Co 4: 6, Ef 1,18), substituindo, por assim dizer, a mente da carne com a mente Do Espírito (Romanos 8: 5-9) - de fato, com a mente do próprio Cristo (1 Coríntios 2:16) - para que o homem regenerado avalie todas as coisas que ele uma vez não pôde entender (1 Cor. : 15, ver 1 João 2:20, 27). O Espírito remove o coração de pedra do pecador e implanta nele um coração de carne capaz de perceber e amar a verdade espiritual (Ezequiel 11:19; 36:26, ver Deuteronômio 30: 6). As afeições são assim renovadas à semelhança de Cristo para que o homem novo odeie o pecado (Mateus 5: 4), ame a justiça (Mt 5: 6, João 3:21), tem sede do Deus a quem uma vez abominou 27: 4; 42: 1-2), e ama e se alegra no Cristo que ele considerou uma vez como tolo (1 Pe 1: 8, ver 2 Coríntios 5:16). Com afeições renovadas, a vontade do pecador é finalmente liberta da escravidão do pecado para a liberdade da justiça. Ele agora quer o que Deus quer (Salmo 40: 8), pois o Espírito de Deus opera em seu interior "tanto para a vontade como para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13, Ezequiel 36:27).). Uma vez ligado no pecado e na morte espiritual, a mente, o coração e a vontade do homem estão agora renovados para a vida. Ferguson resumidamente resume: "A regeneração é ... tão omnipresente quanto a depravação. ... Enquanto o indivíduo regenerado ainda não é tão santo como ele ou ela poderia ser, não há parte da vida que permaneça sem influenciar por esta obra renovadora e purificadora "O pecador regenerado é verdadeiramente um" novo eu, criado segundo a semelhança de Deus na verdadeira justiça e santidade "(Efésios 4:24). A vontade do pecador é finalmente libertada da escravidão do pecado para a liberdade da justiça. Ele agora quer o que Deus quer (Salmo 40: 8), pois o Espírito de Deus opera em seu interior "tanto para a vontade como para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13, Ezequiel 36:27).). Uma vez ligado no pecado e na morte espiritual, a mente, o coração e a vontade do homem estão agora renovados para a vida. Ferguson resumidamente resume: "A regeneração é ... tão omnipresente quanto a depravação. ... Enquanto o indivíduo regenerado ainda não é tão

santo como ele ou ela poderia ser, não há parte da vida que permaneça sem influenciar por esta obra renovadora e purificadora "O pecador regenerado é verdadeiramente um" novo eu, criado segundo a semelhança de Deus na verdadeira justiça e santidade "(Efésios 4:24). A vontade do pecador é finalmente libertada da escravidão do pecado para a liberdade da justiça. Ele agora quer o que Deus quer (Salmo 40: 8), pois o Espírito de Deus opera em seu interior "tanto para a vontade como para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13, Ezequiel 36:27).). Uma vez ligado no pecado e na morte espiritual, a mente, o coração e a vontade do homem estão agora renovados para a vida. Ferguson resumidamente resume: "A regeneração é ... tão omnipresente quanto a depravação. ... Enquanto o indivíduo regenerado ainda não é tão santo como ele ou ela poderia ser, não há parte da vida que permaneça sem influenciar por esta obra renovadora e purificadora "O pecador regenerado é verdadeiramente um" novo eu, criado segundo a semelhança de Deus na verdadeira justiça e santidade "(Efésios 4:24). Porque o Espírito de Deus opera em seu interior "tanto para a vontade como para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13, Ezequiel 36:27). Uma vez ligado no pecado e na morte espiritual, a mente, o coração e a vontade do homem estão agora renovados para a vida. Ferguson resumidamente resume: "A regeneração é ... tão omnipresente quanto a depravação. ... Enquanto o indivíduo regenerado ainda não é tão santo como ele ou ela poderia ser, não há parte da vida que permaneça sem influenciar por esta obra renovadora e purificadora "O pecador regenerado é verdadeiramente um" novo eu, criado segundo a semelhança de Deus na verdadeira justiça e santidade "(Efésios 4:24). Porque o Espírito de Deus opera em seu interior "tanto para a vontade como para a sua boa vontade" (Filipenses 2:13, Ezequiel 36:27). Uma vez ligado no pecado e na morte espiritual, a mente, o coração e a vontade do homem estão agora renovados para a vida. Ferguson resumidamente resume: "A regeneração é ... tão omnipresente quanto a depravação. ... Enquanto o indivíduo regenerado ainda não é tão santo como ele ou ela poderia ser, não há parte da vida que permaneça sem influenciar por esta obra renovadora e purificadora "O pecador regenerado é verdadeiramente um" novo eu, criado segundo a semelhança de Deus na verdadeira justiça e santidade "(Efésios 4:24).

O quadro de regeneração dado em 2 Coríntios 4 é especialmente útil para ilustrar verdades-chave sobre a natureza do novo nascimento. Nessa passagem, Paulo descreve o estado do homem natural quando diz: "O deus deste mundo cegou a mente dos incrédulos, para impedi-los de ver a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem De Deus "(2 Cor. 4: 4). Isto é o que Paulo quer dizer quando descreve os incrédulos como "mortos nas ofensas e pecados" (Efésios 2: 1, ver Colossenses 2:13). Ele não quer dizer que eles estão imóveis ou estagnados; Significa que eles estão desprovidos da vida espiritual que lhes permite ver o verdadeiro valor da glória de Cristo revelada no evangelho. A essência da morte espiritual é a cegueira espiritual. A percepção espiritual do homem é tão desordenada pelo pecado que ele não tem gosto pelo que é objetivamente delicioso (isto é, o evangelho da glória de Cristo), mas está apaixonado pelo que é objetivamente repulsivo e repugnante (isto é, o pecado ea glória do eu). O homem não regenerado persegue o que é inútil porque é cego para o seu detrimento, e recusa o que é mais precioso porque é cego para o seu valor. Assim, quando a beleza objetiva de Cristo é apresentada na mensagem do evangelho, o homem não regenerado não vê glória nele e, portanto, deixado a si mesmo, ele sempre e sempre escolherá rejeitar o evangelho. E ele recusa o que é mais precioso porque é cego para o seu valor. Assim, quando a beleza objetiva de Cristo é apresentada na mensagem do evangelho, o homem não regenerado não vê glória nele e, portanto, deixado a si mesmo, ele sempre e sempre escolherá rejeitar o evangelho. E ele recusa o que é mais precioso porque é cego para o seu valor. Assim, quando a beleza objetiva de Cristo é apresentada na mensagem do evangelho, o homem

não regenerado não vê glória nele e, portanto, deixado a si mesmo, ele sempre e sempre escolherá rejeitar o evangelho.

Qual é, então, o remédio para uma condição tão miserável? Não há esperança na vontade escravizada do homem, mas somente na graça soberana e no poder vivificante de Deus. Paulo responde que o remédio para a cegueira espiritual do homem é a regeneração monergista: "Para Deus, que disse:" Que a luz brilhe das trevas ", brilhou em nossos corações para dar a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo "(2 Cor. 4: 6). Deus brilha a luz da vida no coração cego. Ele nos dá novos olhos espirituais para que possamos finalmente ver o pecado pelo que é - em toda a sua feiúra objetiva - e finalmente ver Cristo por quem ele é - em toda a sua beleza e glória objetivas. E quando os pecadores finalmente têm olhos espirituais em funcionamento e a luz necessária para ver as coisas como elas realmente são,

É por esta razão que os teólogos falam da graça regeneradora de Deus como irresistível. Não é que a graça de Deus nunca possa ser resistida; A graça comum de Deus, expressa no chamado externo do evangelho, resiste o tempo todo (Atos 7:51). Pelo contrário, é que na irresistível graça da regeneração, Deus supera a resistência natural do homem ao evangelho, iluminando a luz em seu coração e abrindo os olhos para a glória de Jesus. A graça irresistível, então, não significa que o homem é coagido ou forçado ao arrependimento e à fé; Sua vontade não é violada. Pelo contrário, essa graça *liberta* a vontade do homem; Abre os olhos para que possamos comparar com precisão a glória do pecado à glória de Cristo. A Confissão de Westminster explica,

> Todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e somente aqueles, Ele está satisfeito, em Seu tempo designado, efetivamente chamar, por Sua Palavra e Espírito, desse estado de pecado e morte, em que eles são por natureza para a graça e Salvação, por Jesus Cristo; Iluminando espiritualmente e salvaguardando as suas mentes para compreenderem as coisas de Deus, tirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes um coração de carne; Renovando as suas vontades e, por meio de Seu Poder todo poderoso, determinando-as para o que é bom, e efetivamente as atraindo para Jesus Cristo; *contudo, assim como elas vêm mais* livremente, tornando-se dispostas *por Sua graça* .

É impossível que alguém com visão espiritual restaurada através da regeneração veja o pecado e Cristo lado a lado e faça qualquer coisa, mas se desvie do pecado e abrace Cristo na fé salvadora. Assim, na regeneração, a vontade do homem não é violada, mas transformada. Em última análise, a graça regeneradora é irresistível porque *Cristo* é irresistível, pois a graça regeneradora abre os nossos olhos espirituais à sua irresistibilidade.

OS MEIOS DE REGENERAÇÃO

Como o Pai é o agente final da regeneração eo Espírito é a causa eficiente da regeneração, a Escritura identifica a própria palavra de Deus - especificamente a mensagem do evangelho - como a causa instrumental, ou meio, da regeneração. Tiago destaca os papéis do Pai e da Palavra quando diz: "Da sua vontade [isto é, do Pai] nos fez sair pela palavra da verdade" (Tiago 1:18). A vontade do Pai é a causa última de nosso novo nascimento, mas ele realizou esse milagre por meio da palavra da verdade. Pedro diz que os filhos de Deus "nasceram de novo, não de sementes perecíveis, mas de imperecíveis, pela palavra viva e permanente de Deus" (1 Pe 1:23). Então, dois versículos mais tarde ele identifica esta palavra viva e permanente como "a boa notícia que foi pregada a você" (1 Pedro 1:25). Similarmente, Paulo diz que o chamado efetivo de Deus para a regeneração é realizado "por meio de nosso evangelho" (2 Tessalonicenses 2:14). Assim, é através do evangelho pregado que o Espírito de Deus trabalha poderosamente para abrir os olhos de

nossos corações à glória de Cristo. Para ser claro, o chamado externo não é eficaz em si mesmo; Embora o evangelho pregado seja o meio de regeneração, não é eficaz se não estiver unido à obra do Espírito no chamado interno. No entanto, enquanto o chamado externo é insuficiente para a regeneração, é absolutamente necessário, pois o chamado externo da pregação do evangelho é o veículo para o chamado interno da regeneração. Por esta razão, Paulo diz: "Assim, a fé, que é o resultado imediato da regeneração," vem de ouvir e ouvir pela palavra de Cristo "(Romanos 10:17), isto é, a mensagem do evangelho a respeito de Cristo.

Uma vez que a Escritura identifica a palavra do evangelho como meio de regeneração, qualquer visão sacramental da regeneração é descoberta como não-bíblica. O catolicismo romano, a ortodoxia oriental e até mesmo algumas cepas do luteranismo e do anglicanismo ensinam a regeneração batismal - que a graça do novo nascimento é mediada pelo sacramento do batismo. Os proponentes da regeneração batismal apelam freqüentemente a João 3: 5, onde Jesus diz: "Em verdade, em verdade vos digo que se alguém nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus". A referência à água, Eles argumentam, é uma referência ao batismo cristão.

No entanto, há uma série de razões pelas quais não devemos entender "nascido da água" para se referir ao batismo. Primeiro, Jesus não menciona o batismo em nenhuma parte dessa interação com Nicodemos. Embora seja tênue assumir automaticamente que "água" se refere ao batismo em primeiro lugar, esse ensinamento é apenas mais minado quando se considera que o resto do capítulo não faz menção ao batismo. Jesus fala continuamente da necessidade de fé para a salvação (João 3:15, 16, 18, 36), mas não diz nada sobre o batismo. Se o batismo era o instrumento necessário para nascer de novo, é difícil explicar por que Jesus não diz nada mais sobre ele enquanto discute a salvação. Segundo, tal compreensão sacramental do batismo está em desacordo com a afirmação de Jesus em João 3: 8 que, com respeito ao novo nascimento, O Espírito é como o vento que sopra onde quer. Tal linguagem retrata a soberana liberdade do Espírito, imagem incongruente com a vinculação da regeneração a um ritual, ato físico da vontade humana. Piper observa adequadamente que nesse caso "o vento seria confinado pelo sacramento". Terceiro, Jesus espera que Nicodemos, o mestre de Israel, compreenda seu ensinamento sobre o novo nascimento (João 3:10). No entanto, o batismo cristão ainda não existia naquela época. Faz pouco sentido admoestar Nicodemos por não entender uma prática que ainda não havia sido instituída. Jesus espera que Nicodemos, o mestre de Israel, entenda o seu ensinamento sobre o novo nascimento (João 3:10). No entanto, o batismo cristão ainda não existia naquela época. Faz pouco sentido admoestar Nicodemos por não entender uma prática que ainda não havia sido instituída. Jesus espera que Nicodemos, o mestre de Israel, entenda o seu ensinamento sobre o novo nascimento (João 3:10). No entanto, o batismo cristão ainda não existia naquele tempo. Faz pouco sentido admoestar Nicodemos por não entender uma prática que ainda não havia sido instituída.

Em vez disso, seria de esperar que Jesus admoestasse Nicodemos por não entender o ensino do Antigo Testamento sobre o assunto, e na verdade, essa é a explicação mais provável para suas palavras. O Velho Testamento muitas vezes emprega a imagem da água e do Espírito para simbolizar a limpeza e renovação espirituais, nunca o batismo (Jo 19.17-19, Isaías 4: 32, 15, 44, 3, 55, 2: 28-29, Zacarias 13: 1). Na profecia de Ezequiel sobre a nova aliança, ele fala da água e do Espírito no contexto da regeneração:

> Vou *espalharei água pura* sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies, e de todos os seus ídolos eu vou *limpar* você. E eu lhe darei um coração novo, e um espírito novo eu colocarei dentro de você. E retirarei o coração de pedra de sua carne e lhe darei um coração de carne. *E porei dentro de vós o meu Espírito* , e farei que andeis nos meus estatutos, e tenha cuidado de obedecer às minhas regras. (Ezequiel 36: 25-27)

Certamente esta era a verdade que Jesus tinha em mente quando falava de nascer da água e do Espírito. Ele estava declarando que a regeneração era uma verdade revelada em todo o Antigo Testamento (eg, Deuteronômio 30: 6, Jeremias 31: 31-34, Ezequiel 11: 18-20) e, portanto, uma verdade com a qual Nicodemos deveria ter sido familiar. Contra este pano de fundo do Antigo Testamento, o ponto de Cristo era inconfundível: sem a lavagem espiritual da alma, uma purificação realizada pelo Espírito Santo (Tito 3: 5) e unicamente pela palavra do evangelho (Ef 5:26; Pet. 1: 23-25), ninguém pode entrar no reino de Deus. Dada esta compreensão apropriada de João 3: 5, a doutrina da regeneração batismal é mostrada sem base bíblica. O próprio evangelho é o único instrumento do novo nascimento.

A RELAÇÃO DA REGENERAÇÃO COM A FÉ

Uma das questões mais comuns relacionadas à soteriologia evangélica diz respeito à relação entre regeneração e fé. Qual produz qual? O pecador crê em Cristo para a salvação e, como resultado de sua fé, experimenta o novo nascimento? Ou, por outro lado, o pecador nasceu de novo para a fé salvadora? Que ação induz o outro? O ato de fé do homem produz a obra de regeneração do Espírito, ou a obra de regeneração do Espírito produz o ato de fé do homem? De muitas maneiras, a Escritura responde em favor da segunda: a regeneração é a causa, e não a conseqüência, da fé salvadora.

No início, é importante ser lembrado da definição de regeneração que foi demonstrada a partir da Escritura. A regeneração é o ato soberano de Deus, pelo Espírito Santo e pelo evangelho pregado, por meio do qual ele instantaneamente transmite a vida espiritual a um pecador, tirando-o da morte espiritual e da vida espiritual. Muitos evangélicos que acreditam que a fé precede a regeneração não definem o novo nascimento dessa maneira. Em vez disso, eles tendem a confundir a regeneração com os *resultados* da regeneração, vendo a regeneração como praticamente equivalente a santificação-o processo contínuo pelo qual a natureza do pecador é progressivamente "regenerado" mais e mais para refletir a imagem de Cristo. Se definíssemos a regeneração dessa maneira, seria inevitável concluir que a regeneração segue a fé, Para a santificação é um resultado da fé salvadora. Contudo, a Escritura nos aconselha a não definir a regeneração em termos de seus resultados. Jesus afirma que a própria regeneração é misteriosa, inobservada e incontida, como o vento que sopra onde quer (João 3: 8). Podemos perceber os efeitos do vento, como ouvir uma rajada forte ou ver as árvores atirar de um lado para o outro. No entanto, esses resultados do vento não são o próprio vento. Da mesma forma, os resultados da regeneração não são regeneração. Enquanto a santificação do crente está ligada organicamente com seu novo nascimento - em certo sentido, a regeneração é a santificação iniciada ea santificação é regeneração continuada - no entanto, essa relação íntima não deve levar a uma fusão dos dois.

Outra observação preliminar nesta discussão é observar que a distinção entre regeneração e fé deve ser definida não em termos de tempo, mas em termos de causalidade lógica. Alguns sinergistas rejeitam a noção de que a regeneração causa fé porque eles querem evitar dizer que alguém pode ser regenerado *sem* salvar a fé. No entanto, enquanto alguns monergistas têm defendido que a regeneração temporalmente precede a fé, a maioria tem esclarecido que eles estão falando de ordem lógica, não cronológica. De uma perspectiva temporal, regeneração e fé ocorrem simultaneamente; No exato momento em que o homem nasce de novo, ele se arrepende e crê no evangelho. No entanto, essa simultaneidade não exclui a causalidade. Embora dois eventos podem ocorrer ao mesmo tempo, um ainda pode causar o outro. Para ilustrar isso, Considere a imagem que Paulo emprega quando define a regeneração como a abertura dos olhos espirituais cegos do pecador para que ele veja a luz da glória de Cristo

(2 Cor. 4: 4, 6). Paulo retrata a regeneração como a abertura de olhos cegos ea fé como a percepção espiritual da glória de Cristo (João 3: 3, Heb. 11: 1). Ora, o homem percebe a luz no mesmo instante em que abre os olhos; Nenhum tempo passa entre a abertura de seus olhos e sua percepção da luz. No entanto, sua percepção da luz é causalmente dependente de abrir os olhos. Ver não faz com que ele abra os olhos; *Sua visão é a conseqüência* de seus olhos serem abertos. Da mesma forma, embora ocorram exatamente no mesmo instante, a fé do pecador não causa sua regeneração; em vez,

Além disso, o ensinamento da Bíblia sobre a incapacidade espiritual do homem natural exclui qualquer conceito de sinergismo na regeneração. Em seu estado de morte espiritual (Efésios 2: 1-3), o homem é incapaz mesmo de compreender as coisas do Espírito, muito menos recebê-las (1Co 2:14). A mente do pecador é tão hostil a Deus que ele é literalmente incapaz de se submeter à lei de Deus (Rm 8: 7), e assim ele não pode agradar a Deus em nenhum sentido (Romanos 8: 8), incluindo o exercício da fé 11: 6). O homem é cego para o valor da glória de Deus revelada em Cristo e está irremediavelmente enamorado com o pecado, apesar de sua inutilidade. Sugerir que um pecador em tal estado poderia, além da graça regeneradora do Espírito Santo, convocar de dentro de sua própria morte a fé salvadora que Deus declara ser seu dom soberano (Efésios 2: 8) é subestimar totalmente a natureza miserável da depravação do homem. Como Murray explica: "A fé é um ato de alma de confiança amorosa e auto-compromisso". Mas o homem natural é absolutamente incapaz de um ato tão nobre e espiritual além do novo nascimento. De fato, Jesus diz a Nicodemos: "Se alguém não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus" (João 3: 3). A visão do reino de Deus pode se referir a nada além da visão espiritual da fé salvadora (Heb 11: 1, 27, ver 2 Coríntios 4:18), e Jesus diz que tal visão é impossível, Novo nascimento Em outra parte ele diz: "Ninguém pode vir a mim a menos que o Pai que me enviou o atraia" (João 6:44), e: "É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim a menos que lhe seja concedido pelo Pai "(João 6:65). Vindo a Jesus é sinônimo de crer em Jesus - pois é esse tipo de vinda que resulta em salvação (João 5:40) - eo "desenho" de João 6:44 é o dom mencionado em João 6:65, Ambos referindo-se ao chamado eficaz e irresistível de Deus na regeneração. Portanto, Jesus está ensinando que por causa da depravação do pecador, ninguém pode vir a ele na fé salvadora, a menos que o Pai conceda o dom de ser efetivamente desenhado na regeneração.

O apóstolo João também comenta explicitamente sobre a relação entre regeneração e fé em sua primeira epístola. Embora a intenção de João não seja ensinar uma lição de teologia sobre o *ordo salutis,* mas sim instruir as igrejas asiáticas sobre o amor mútuo entre crentes, seus comentários revelam, no entanto, sua compreensão da relação entre regeneração e fé. Em 1 João 5: 1, ele escreve: "Todo aquele que crê [Gk. *Pas ho pisteuōn* , um particípio ativo presente] que Jesus é o Cristo nasceu de Deus [Gk. *Ek tou theou gegennētai* , um perfeito indicativo passivo], e todo aquele que ama o Pai ama quem tem nascido dele. "O presente grego *ho pisteuōn* indica ação contínua presente, *Enquanto o perfeito passivo indicativo gegennētai* fala de uma ação passada cujos resultados *continuam* até o presente. Em outras palavras, todos aqueles que presentemente crê que Jesus é o Cristo *foi* nascido de Deus. João representa assim a fé como a consequência, não a causa, do novo nascimento.

Esta leitura da gramática de 1 João 5: 1 é confirmada examinando uma seleção de paralelos gramaticais na mesma carta. Há outros dois casos em que João emprega um particípio ativo presente em conjunto com um perfeito indicativo passivo para ilustrar a relação entre o novo nascimento e seus concomitantes:

> Se você sabe que ele é justo, você pode estar certo de que todo aquele que pratica [Gk. *Pas ho poiōn*] a justiça nasceu dele [Gk. *Ex autou gegennētai*] (1 João 2:29)

> Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e quem ama [Gk. *Pas ho agapon*] nasceu de Deus [Gk. *Ek tou theou gegennētai*] e conhece a Deus. (1 João 4: 7)

Ambas as passagens consistem precisamente na mesma construção gramatical que aparece em 1 João 5: 1. No primeiro texto, João ensina que um padrão habitual de justiça praticada é uma indicação do novo nascimento. A relação causal entre a prática da justiça eo novo nascimento deve ser óbvia. Certamente o homem não nasceu de novo como resultado de fazer boas obras! Paulo contradiz patentemente tal pensamento em Tito 3: 5, onde ele se opõe explicitamente ao novo nascimento contra a salvação com base em ações justas. O relacionamento é claro: a impartição de uma nova vida espiritual na regeneração é a causa de uma prática contínua de boas ações (Ef 2:10). No segundo texto, João destaca uma boa obra particular: todo aquele que ama é nascido de Deus. Aqui novamente, a relação entre amor e regeneração é evidente: O amor não causa o novo nascimento, mas é a conseqüência do novo nascimento. Sugerir o contrário basicamente mina o evangelho da salvação somente pela graça. Portanto, se devemos concluir que praticar a justiça (1 João 2:29) e amar os irmãos (1 João 4: 7) são conseqüências, não causas, da regeneração, não podemos concluir que a fé é também uma conseqüência da regeneração, Desde 1 João 2:29; 4: 7; E 5: 1 são gramaticalmente idênticos. Não podemos concluir de outra forma que a fé é também uma conseqüência da regeneração, desde 1 João 2:29; 4: 7; E 5: 1 são gramaticalmente idênticos. Não podemos concluir de outra forma que a fé é também uma conseqüência da regeneração, desde 1 João 2:29; 4: 7; E 5: 1 são gramaticalmente idênticos.

Um texto final é digno de consideração. Em 1 João 5: 4, João escreve: "Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E essa é a vitória que superou o mundo - nossa fé. "Embora a construção gramatical não seja idêntica às três passagens anteriores discutidas, ela é, no entanto, semelhante. Aqui, João fala do novo nascimento no tempo perfeito ("todos que nasceram de Deus", Gk. *Pan to gegennēmenon*) e um concomitante do novo nascimento no tempo presente ("supera o mundo", Gk. *Nika ton Kosmon*). Novamente, a relação causal entre os dois é clara: não se supera o mundo para nascer de novo, mas antes se supera o mundo como consequência do nascimento de novo. Na frase seguinte, João identifica a vitória (Gk. *Nikē*) que supera (Gk. *Nikēsasa*) o mundo: a nossa fé. Mais uma vez, a fé é identificada como a conseqüência do novo nascimento.

Dada a clareza dos quadros bíblicos da regeneração, as implicações da total depravação do homem e os comentários explícitos de Jesus e do apóstolo João, o estudante da Escritura, tem que concluir que enquanto regeneração e fé são vivenciadas simultaneamente, a regeneração precede logicamente a fé e é Sua causa. Os pecadores não crêem em Cristo para nascer de novo, mas sim nascerem de novo para crer.

OS RESULTADOS DA REGENERAÇÃO

É claro a partir da discussão acima que a fé salvadora é o primeiro e mais importante resultado da regeneração. À medida que a luz divina brilha no coração do pecador, abrindo seus olhos espirituais à repulsividade do pecado e à beleza de Cristo (2Cor 4,6), a alma recém-nascida se afasta em desgosto do pecado e se apóia de Cristo com o abraço Da fé salvadora. No entanto, a vida divina nascida na alma do homem na regeneração não fica estagnada após o momento da conversão. Na graça abundante de Deus, o Espírito continua a fortalecer progressivamente aquela santa disposição nascida na regeneração durante toda a vida do crente. Ou seja, depois do arrependimento e da fé, o resultado da regeneração é a santificação. Enquanto uma discussão completa da santificação aguarda seu tratamento no *ordo salutis* ,

Primeiro, o crente regenerado necessariamente faz uma prática de justiça, como diz o apóstolo João: "Todo aquele que pratica a justiça nasceu dele" (1 João 2:29). O teor predominante da vida do crente é de crescente santidade (Romanos 6: 4, Ef 2:10, 4:24). Para negá-lo: "Ninguém nascido de Deus faz a prática de pecar, porque a semente de Deus permanece nele, e ele não pode continuar pecando porque é nascido de Deus" (1 João 3: 9). Assim como um nascimento humano resulta de uma semente implantada que cresce em uma nova vida física, assim também a "semente" da vida divina é implantada no coração do crente através da obra regeneradora do Espírito (1Pe 1:23). Sua natureza mudou fundamentalmente de morte em pecado a vida em Cristo; O velho já passou e o novo veio (2 Coríntios 5:17), E assim ele não faz uma prática de pecar. Isso não significa que o filho de Deus tenha cessado inteiramente do pecado no momento da regeneração, pois o princípio do pecado continua a habitar em nossa carne (Romanos 7: 14-25) e assim deve ser constantemente condenado à morte (Rom 8: 12-13). Esses textos não falam de perfeição, mas de direção. A vida do crente é caracterizada por hábitos graciosos de pôr de lado padrões de pecado e colocar em padrões de justiça (Efésios 4: 22-24). Aqueles que professam ser salvos, mas não progridem no cultivo de padrões de vida em obediência aos mandamentos de Cristo, não podem fazer reivindicação legítima de serem verdadeiros filhos de Deus. O que quer que eles possam dizer com seus lábios, suas vidas traem um coração que ainda não é regenerado. Como o novo nascimento é a obra do Espírito (João 3: 5, 6, 8, 6:63, Tito 3: 5, Rm 8: 2, 2 Cor. 3: 6)

Segundo, a vida regenerada é marcada pela superação das influências malignas deste sistema mundial. O apóstolo João escreve: "Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que venceu o mundo - nossa fé "(1 João 5: 4). Anteriormente, em sua carta, João comenta que o mundo está cheio da concupiscência da carne, da luxúria dos olhos e da soberba da vida (1 João 2: 15-17), todos eles instrumentos de Satanás, Poder todo o mundo mente (1 João 5:19). Ele usa essas ferramentas como instrumentos de tentação na vida dos crentes professantes, desejando ardentemente causar naufrágio de fé e assim manchar o nome de Cristo (1Tm 1:19, ver Tiago 2:17). No entanto, João declara que o filho regenerado de Deus resiste às pressões e tentações desta "era do mal presente" (Gálatas 1: 4) e superá-los através de uma fé perseverante que anda em obediência ao Senhor. Ele nunca cede definitivamente e de forma decisiva às tentações de Satanás, porque "aquele que nasceu de Deus o protege, eo maligno não o toca" (1 João 5:18). Os crentes não precisam nunca viver com medo de perder sua salvação, pois a fé perseverante é a herança daqueles verdadeiramente nascidos de cima.

O filho de Deus obedece de bom grado e com prazer, pois como diz João no versículo imediatamente anterior: "Seus mandamentos não são pesados" (1 João 5: 3). Aqui está uma grande indicação de que o milagre soberano da regeneração não pode ser fabricado ou imitado pela hipocrisia humana pecaminosa. Os moralistas auto-justos podem, por força de vontade forte, ser capazes de colocar seu comportamento em conformidade com os padrões externos da Palavra de Deus (Mt 15: 8), mas eles acham que tal tarefa é onerosa. Eles não podem exclamar com o salmista: "Como eu amo a tua lei!" (Salmo 119: 97), e: "Eu me deleito em fazer a tua vontade, ó meu Deus; A tua lei está no meu coração "(Salmo 40: 8). Exige um novo coração, uma nova natureza recriada à semelhança de Deus (Efésios 4:24), para deleitar-se na obediência. Pela graça de Deus, este é o direito de primogenitura de todo verdadeiro filho de Deus. O crente regenerado não é escravo para fazer o dever que ele odeia; Em vez disso, em virtude da obra do Espírito, seu coração é liberado para amar a lei que lhe é ordenado seguir.

Terceiro, o filho de Deus experimenta não apenas o amor de Deus que emerge num estilo de vida de obediência voluntária, mas também o amor de seus companheiros crentes que emerge em uma vida de serviço sacrificial. João escreve: "Amados, amemo-nos uns

aos outros, porque o amor é de Deus, e quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus" (1 João 4: 7). O próprio Deus é amor (1 João 4: 8, 16); É sua própria natureza. Os que são gerados de Deus participam da sua natureza (2 Pedro 1: 4) e, portanto, refletirão sua natureza servindo e beneficiando outros (1 João 3: 16-18). Os que são verdadeiramente nascidos de novo manifestam um amor evidente pela igreja, pois o filho de Deus ama os filhos de Deus (1 João 5: 1) e se dedica a atender às necessidades de seus irmãos e irmãs em Cristo.

Conversão

A parte anterior examinou o primeiro passo na aplicação da redenção: o chamado efetivo de regeneração de Deus através da pregação do evangelho, no qual ele soberanamente concede vida espiritual ao pecador, mudando sua natureza e trazendo-o da morte para a vida. O primeiro ato da natureza renovada do pecador regenerado é a conversão (Atos 15: 3), a decisão consciente de arrepender-se do pecado e crer em Cristo para a salvação. Retornar à ilustração de Paulo de despertar espiritual nos ajuda a entender a conversão. À medida que Deus brilha a luz da regeneração no coração do pecador, ele abre os olhos espirituais do homem para que ele possa ver a falência do pecado ea dignidade de Cristo (Atos 26:18, 2Co 4: 6), que é perfeitamente adequado para Perdoar nossos pecados e fornecer a justiça que precisamos para a vida eterna. Finalmente dotado com a capacidade de perceber a realidade como ela é, a alma recém-nascida necessariamente e imediatamente se afasta em repulsa do pecado e corre ansiosamente para abraçar Cristo. Que o afastamento do pecado e da incredulidade é o arrependimento, eo abraço ansioso de Cristo como Salvador do pecado e como Senhor sobre a própria vida é a fé. Juntos, o arrependimento ea fé constituem o único ato de conversão.

Deve ser aparente que arrependimento e fé estão intimamente relacionados e até mesmo inseparáveis uns dos outros. Eles são verdadeiramente dois lados da mesma moeda. Em primeiro lugar, sua conexão segue uma lógica simples: é impossível que alguém se afaste de algo sem se voltar para outra coisa. Por outro lado, não se pode virar para algo sem se afastar de tudo o que estava ocupando sua atenção. Além disso, é impossível olhar em duas direções diferentes ao mesmo tempo. Mas a inseparabilidade do arrependimento e da fé é também uma necessidade teológica. É inconcebível que aquele que finalmente percebe o pecado e Cristo como eles realmente são deve perseguir Cristo sem abandonar o pecado ou deve abandonar o pecado sem abraçar Cristo. Lembre-se que a regeneração é um transplante de coração espiritual - uma renovação radical dos gostos, desejos e afeições do homem. Para um coração tão renovado, a beleza da glória de Cristo é irresistivelmente irresistível e ilumina as falsas glórias do pecado assim como o brilho do sol do meio-dia torna as estrelas invisíveis. Sugerir que alguém poderia abraçar Cristo sem também deliberadamente se propôr a repudiar o pecado é sugerir que o pecado é mais objetivamente desejável ao coração regenerado do que Cristo. Ao contrário, para o pecador recém-desperto, Cristo é um tesouro inestimávelmente valioso, e para conquistá-lo, deixa-se com prazer tudo (Mateus 13: 44-46 e Fil. 3: 8). Assim, a fé que salva é uma fé arrependida, assim como o arrependimento que salva é um arrependimento crente. A beleza da glória de Cristo é irresistivelmente atraente, e ilumina as falsas glórias do pecado assim como o brilho do sol do meio-dia torna as estrelas invisíveis. Sugerir que alguém poderia abraçar Cristo sem também deliberadamente se propôr a repudiar o pecado é sugerir que o pecado é mais objetivamente desejável ao coração regenerado do que Cristo é. Ao contrário, para o pecador recém-desperto, Cristo é um tesouro inestimávelmente valioso, e para ganhá-lo, deixa-se com prazer tudo (Mateus 13: 44-46, Fp 3: 8). Assim, a fé que salva é uma fé arrependida, assim como o

arrependimento que salva é um arrependimento crente. A beleza da glória de Cristo é irresistivelmente atraente, e ilumina as falsas glórias do pecado assim como o brilho do sol do meio-dia torna as estrelas invisíveis. Sugerir que alguém poderia abraçar Cristo sem também deliberadamente se propôr a repudiar o pecado é sugerir que o pecado é mais objetivamente desejável ao coração regenerado do que Cristo é. Ao contrário, para o pecador recém-desperto, Cristo é um tesouro inestimávelmente valioso, e para conquistá-lo, deixa-se com prazer tudo (Mateus 13: 44-46 e Fil. 3: 8). Assim, a fé que salva é uma fé arrependida, assim como o arrependimento que salva é um arrependimento crente. Sugerir que alguém poderia abraçar Cristo sem também deliberadamente se propôr a repudiar o pecado é sugerir que o pecado é mais objetivamente desejável ao coração regenerado do que Cristo é. Ao contrário, para o pecador recém-desperto, Cristo é um tesouro inestimávelmente valioso, e para conquistá-lo, deixa-se com prazer tudo (Mateus 13: 44-46 e Fil. 3: 8). Assim, a fé que salva é uma fé arrependida, assim como o arrependimento que salva é um arrependimento crente. Sugerir que alguém poderia abraçar Cristo sem também deliberadamente se propôr a repudiar o pecado é sugerir que o pecado é mais objetivamente desejável ao coração regenerado do que Cristo é. Ao contrário, para o pecador recém-desperto, Cristo é um tesouro inestimávelmente valioso, e para ganhá-lo, deixa-se com prazer tudo (Mateus 13: 44-46, Fp 3: 8). Assim, a fé que salva é uma fé arrependida, assim como o arrependimento que salva é um arrependimento crente.

Por esta razão, o chamado evangélico à salvação é uma convocação tanto para arrepender-se como para crer. De acordo com Marcos, o conteúdo do "evangelho de Deus" que o Senhor Jesus proclamou pode ser resumido da seguinte forma: "O tempo se cumpriu, eo reino de Deus está próximo; Arrependei-vos e crede no evangelho "(Marcos 1:15). Os apóstolos seguiram os passos de seu Senhor, pois, em palavras de Paulo aos idosos de Mileto, ele caracterizou seu ministério como "testificando aos judeus e aos gregos de arrependimento para com Deus e de fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos 20 : 21). Esta foi a comissão que Paulo recebeu do próprio Cristo, o qual, Paulo contou a Agripa, o enviou "para abrir os olhos dos gentios, para que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus" (Atos 26 : 18). E foi essa dupla conversão que se realizou na experiência de salvação dos tessalonicenses que "se voltaram para Deus dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Tessalonicenses 1: 9). *Na verdadeira conversão, há sempre uma virada do* pecado (arrependimento) e um retorno simultâneo *a* Deus em Cristo (fé). É impossível que ocorra sem o outro.

No entanto, ao examinarmos o que a Escritura tem a dizer sobre a natureza desses dois elementos de conversão, devemos discutir cada um deles por sua vez. Embora sejam ações simultâneas, em cada instância em que são nomeados juntos, o Novo Testamento lista o arrependimento primeiro (Marcos 1:15, Atos 19: 4; 20:21, Hebreus 6: 1), indicando uma prioridade lógica. Por esta razão, trataremos o arrependimento primeiro e depois a fé.

ARREPENDIMENTO

Para compreender a plenitude do conceito bíblico de arrependimento, é necessário examinar os vários termos que a Escritura emprega para descrevê-lo. Primeiro, o termo hebraico *nakham* é *freqüentemente* usado para comunicar o componente emocional do arrependimento. Os seus significados mais básicos incluem "ser triste ou pesaroso", "ser triste" e "ser arrependido". Pensado para ser uma palavra onomatopoética, mesmo a fonologia de *nakham* comunica a idéia de respirar profundamente, ou suspirar, em tristeza Ou tristeza. Por exemplo, *nakham* descreve uma família lamentando a morte de um ente querido (Gênesis 37:35; 38:12). Quando o Senhor trouxe juízo sobre a tribo de Benjamim,

por causa da maldade feita à concubina do levita (Judas 19: 1-30) *Os israelitas lamentaram [nakham*] a perda de seus compatriotas (Jz 21: 6, 15). Não é difícil ver como o luto se cruza com o arrependimento quando se considera que o Senhor pronunciou uma bênção sobre aqueles que choram sobre o seu pecado (Mateus 5: 4). Além do luto, *nakham* expressa tristeza pelo pecado, como no caso de Jó, que declarou do monte de cinzas: "Por isso me retraio, e me *arrependo* [*nakham*] no pó e na cinza" (Jó 42: 6). Tal tristeza pode também ser acompanhada de vergonha e humilhação apropriadas (Jeremias 31:19) e muitas vezes leva à ação, como o arrependimento de um curso mau (Jr 8: 6). Assim, *nakham* ensina que as emoções têm um lugar no arrependimento.

A palavra hebraica mais antiga do Antigo Testamento para "arrependimento" é *shub* , cujo significado mais básico é "virar" ou "retornar". Os estudiosos hebreus dizem que "melhor do que qualquer outro verbo, ele combina em si os dois requisitos do arrependimento: (1 Reis 8:35), transgressão (Isaías 59:20), e iniqüidade (Dn 9:13) e como a remoção da injustiça de A sua tenda (Jó 22:23). O arrependimento significado por *shub* inclui renunciar a um caminho de maldade e alterar as ações de alguém, desviando-se dos planos de um coração mau (Jeremias 18: 11-12; 25: 5; 26: 3; 35:15). Tal arrependimento envolve repudiar todo o pecado conhecido e guardar os mandamentos de Deus (Ezequiel 18:21). Na verdade, arrependimento e pecado são mutuamente exclusivos, Porque as ações pecaminosas de alguém não permitem que alguém volte [*shub*] a Deus (Os 5: 4). Assim, o arrependimento não é apenas um afastamento *do* pecado, mas também um retorno *a* Deus. Dizem que os indivíduos arrependidos procuram o Senhor (Isaías 9:13) e seu favor (Dn 9:13), para tremer em sua bondade e serem atraídos para ser reconciliados com Ele (Os 3: 5), e para colocar Afastar o culto idólatra e se comprometer a adorar somente a Deus (Jeremias 4: 1-4, ver 1 Sam 7: 3). Assim, o arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "corrija os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13; : 25). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). *O arrependimento não é apenas um afastamento do* pecado, mas também um retorno *a* Deus. Dizem que os indivíduos arrependidos procuram o Senhor (Isaías 9:13) e seu favor (Dn 9:13), para tremer em sua bondade e serem atraídos para ser reconciliados com Ele (Os 3: 5), e para colocar Afastar o culto idólatra e se comprometer a adorar somente a Deus (Jeremias 4: 1-4, ver 1 Sam 7: 3). Assim, o arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "corrija os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13; : 25). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). *O arrependimento não é apenas um afastamento do* pecado, mas também um retorno *a* Deus. Dizem que os indivíduos arrependidos procuram o Senhor (Isaías 9:13) e seu favor (Dn 9:13), para tremer em sua bondade e serem atraídos para ser reconciliados com Ele (Os 3: 5), e para colocar Afastar o culto idólatra e se comprometer a adorar somente a Deus (Jeremias 4: 1-4, ver 1 Sam 7: 3). Assim, o arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "corrija os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13; : 25). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). Dizem que os indivíduos arrependidos procuram o Senhor (Isaías 9:13) e seu favor (Dn 9:13), para tremer em sua bondade e serem atraídos para ser reconciliados com Ele (Os 3: 5), e para colocar Afastar o culto idólatra e se comprometer a adorar somente a Deus (Jeremias 4: 1-4, ver 1 Sam 7: 3). Assim, o arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo

que o pecador "corrija os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13; : 25). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). Dizem que os indivíduos arrependidos procuram o Senhor (Isaías 9:13) e seu favor (Dn 9:13), para tremer em sua bondade e serem atraídos para ser reconciliados com Ele (Os 3: 5), e para colocar Afastar o culto idólatra e se comprometer a adorar somente a Deus (Jeremias 4: 1-4, ver 1 Sam 7: 3). Assim, o arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "corrija os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13; : 25). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). O arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "modifique os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13;). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13). O arrependimento inclui uma mudança que resulta em obediência, exigindo que o pecador "modifique os seus caminhos e as suas obras" (Jeremias 18:11) e observe os mandamentos da lei de Deus (2 Reis 17:13;). Tal obediência arrependida nunca é meramente externa, mas sim vem do coração (Deuteronômio 30: 2, 1 Reis 8:48, Jeremias 3:10, Joel 2: 12-13).

No Novo Testamento, o termo grego *metamelomai* representa o componente emocional do arrependimento como denotado por *nakham* . Ele descreve o "arrependimento" (2 Coríntios 7: 8, ver 7: 10-11) e "remorso" (Mateus 21:32; 27: 3 NASB) por conduta perversa. Da mesma forma, o termo grego *epistrepho* e seus *cognados significam* o mesmo conceito geral de "virar" como o *shub* hebraico . Ao falar de arrependimento, descreve como alguém muda a direção de sua vida - virar-se do pecado e da idolatria para adorar e servir ao Deus verdadeiro (Atos 14:15; 1 Tessalonicenses 1: 9). Esse retorno ao Senhor é usado como sinônimo de abandonar um coração endurecido de incredulidade e de chegar a Deus em fé para a salvação (Mt 13:15, Lucas 1: 16-17, Atos 3:19; 9:35; 11:21; 26:18, 20, 2 Cor. 3:16).

O verbo grego mais recente do Novo Testamento para o arrependimento é *metanoeō* (*substantivo , metanoia*), que *significa* "mudar a mente". Em primeiro lugar, indica que o arrependimento envolve o reconhecimento do pecado. João Batista veio "proclamando um batismo de arrependimento [Gk. *metanoia*] para o perdão dos pecados"(Marcos 1: 4; Luke 3: 3). Se o arrependimento é *para* o perdão dos pecados, aqueles que se submeteram ao batismo de arrependimento devem ter reconhecido que eram pecadores necessitados de perdão. Na verdade, Cristo veio chamar os pecadores, não os justos, para o arrependimento (Lucas 5:32). Tal reconhecimento também implica uma mudança fundamental de atitude em relação ao pecado e um propósito de se afastar dele. Tal é o significado inescapável da acusação de Pedro a Simão, o Mago (Atos 8: 22) ea acusação de Paulo aos Coríntios praticando impureza, imoralidade sexual e sensualidade (2Co 12:21). O próprio Cristo exige isso quando ele intimamente une o comando de arrepender-se com uma exortação para "fazer as obras que você fez a princípio" (Apocalipse 2: 5). Isso, obviamente, implica uma mudança de atitude, resultando em uma mudança total de curso que questões em uma vida mudada. Na verdade, depois de reconhecer o pecado de alguém e merecer o julgamento e depois de mudar o curso de uma pessoa, ao se desviar dos pecados, o pecador é exortado a "dar frutos de acordo com o arrependimento" (Lucas 3: 8 e 3: 10-14) Realizando atos de acordo com o ... arrependimento "(Atos 26:20). *Assim, a "mudança de mente" significada por metanoeō* não é uma mera alteração intelectual. A "mente" (Gk. *Nous*) que é mudado

refere-se à consciência interior do homem inteiro e não meramente para as faculdades mentais. Em *relação* ao *metanoeō* , Berkhof observa com *sabedoria* ,

> Embora mantendo que a palavra denota primeiramente uma mudança de mente, não devemos perder de vista o fato de que seu significado não se limita à consciência intelectual, teórica, mas também inclui a consciência moral, a consciência. Tanto a mente como a consciência estão contaminadas, Tito. 1:15, e quando o *nous* da pessoa é mudado, ele não só recebe conhecimento novo, mas a direção de sua vida consciente, sua qualidade moral, também é alterada.

Para resumir a análise lexical acima, o arrependimento bíblico não é uma mera mudança de pensamento, embora envolva um reconhecimento intelectual do pecado e uma mudança de atitude em relação a ele. Nem é meramente vergonha ou tristeza pelo pecado, embora o arrependimento genuíno envolva sempre um elemento de remorso. O verdadeiro arrependimento bíblico também é um redirecionamento da vontade humana, uma decisão intencional de abandonar toda injustiça e buscar justiça em seu lugar. Assim, o arrependimento genuíno envolve a mente, o coração e a vontade.

Intelectualmente, o arrependimento começa com o reconhecimento do pecado. Devemos apreender a verdadeira natureza perversa do pecado e, como resultado, reconhecer humildemente que somos pecadores que quebraram a lei de Deus, ficamos aquém de sua glória e, portanto, somos culpados diante dele. Experimentar o aspecto intelectual do arrependimento é declarar com Jó, "Eu proferi o que não entendi" (Jó 42: 3, cfr 42: 6), e confessar como fez Davi: "Eu pequei contra o SENHOR "(2 Samuel 12:13, ver Salmo 51: 3-4). É humildemente confessar a necessidade de graça e misericórdia e pedir perdão (Salmo 51: 1-2).

Emocionalmente, o arrependimento genuíno é marcado por uma tristeza sincera, pelo remorso e mesmo pelo luto pelo pecado (Mt 5: 4). Os santos do Antigo Testamento freqüentemente agiam com arrependimento doloroso, ferindo a coxa (Jeremias 31:19), sentados sobre um montão de cinzas (Jó 42: 6), e vestindo sacos e cinzas (Jonas 3: 5-6; Mt 11:21). A verdadeira tristeza arrependida é distinta daquilo que Paulo chama de "tristeza mundana", que produz a morte (2 Coríntios 7:10). Tal foi o caso de Judas, que "sentiu remorso" por trair Cristo, até ao ponto de confessar, "pequei traindo sangue inocente" (Mateus 27: 4). No entanto, a sua foi um sofrimento mundano que produziu a morte, pois "ele foi e enforcou a si mesmo" (Mt 27: 5). Da mesma forma, o jovem governante rico foi embora triste (Mateus 19:22), mas ele não estava arrependido, Porque ele se apegou ao ídolo de suas posses em vez de vender tudo o que tinha para ganhar a Cristo (ver Mateus 13:44). No entanto, enquanto a tristeza não deve ser equacionada estritamente com o arrependimento, é um componente necessário da mesma e é muitas vezes um impulso poderoso para se afastar genuinamente do pecado. Como Paulo diz: "O sofrimento de Deus produz um arrependimento que leva à salvação sem remorso" (2Co 7:10). Assim, o arrependimento verdadeiro sempre incluirá pelo menos algum elemento de contrição - não tristeza por ser pego, nem tristeza por causa das conseqüências, mas um espírito quebrado pelo sentimento de ter pecado contra Deus e um anseio de ser restaurado a comunhão com ele (Salmo 51:12, 17). Ele é um componente necessário dele e é frequentemente um impulso poderoso a girar genuìna afastado do pecado. Como Paulo diz: "O sofrimento de Deus produz um arrependimento que leva à salvação sem remorso" (2Co 7:10). Assim, o arrependimento verdadeiro sempre incluirá pelo menos algum elemento de contrição - não tristeza por ser pego, nem tristeza por causa das conseqüências, mas um espírito quebrado pelo sentimento de ter pecado contra Deus e um anseio de ser restaurado a comunhão com ele (Salmo 51:12, 17). É um componente necessário da mesma e é muitas vezes um impulso poderoso para se afastar genuinamente

do pecado. Como Paulo diz: "O sofrimento de Deus produz um arrependimento que leva à salvação sem remorso" (2 Coríntios 7:10). Assim, o arrependimento verdadeiro sempre incluirá pelo menos algum elemento de contrição - não tristeza por ser pego, nem tristeza por causa das conseqüências, mas um espírito quebrado pelo sentimento de ter pecado contra Deus e um anseio de ser restaurado a comunhão com ele (Salmo 51:12, 17).

Finalmente, o arrependimento envolve uma mudança de direção, uma transformação da vontade. Longe de ser apenas uma mudança de mente, o arrependimento constitui uma determinação em abandonar a obstinada desobediência e entregar a vontade a Cristo. Isto é poderosamente ilustrado nos ministérios dos profetas do Antigo Testamento, que caracterizam o arrependimento em termos dos ímpios abandonando seus maus pensamentos (Isaías 55: 7), desviando-se de sua maldade e praticando justiça e justiça (Ezequiel 33:19) E se desviando do seu caminho perverso (Jonas 3:10, 2 Crônicas 7:14). É um renegado resoluto de si mesmo e do seu modo de vida pecaminoso e um abraço de Cristo para justificar e santificar a justiça. Como tal, o genuíno arrependimento inevitavelmente resultará em uma mudança de comportamento. É importante notar, porém, que a mudança de comportamento em si não é arrependimento. O chamado ao arrependimento não é um chamado para limpar a vida de alguém para se ajustar à salvação. Isso transformaria o arrependimento em obra de mérito e minaria o evangelho da graça. A salvação é um dom soberano da graça de Deus que o pecador apreende pela fé somente (Romanos 3:28, Ef 2: 8), justamente porque é impossível para os pecadores satisfazer as exigências da justiça de Deus com suas ações (Tito 3: 5). Mas, embora o arrependimento não seja estritamente definido como uma mudança de comportamento , uma vida modificada *é* o fruto que o arrependimento genuíno inevitavelmente suportará. Embora os pecadores não sejam salvos *pelas* boas obras, são salvos *para* boas obras (Ef 2:10, Tito 2:14, 3: 8). Isso transformaria o arrependimento em uma obra de mérito e minaria o evangelho da graça. A salvação é um dom soberano da graça de Deus que o pecador apreende pela fé somente (Romanos 3:28, Ef 2: 8), justamente porque é impossível para os pecadores satisfazer as exigências da justiça de Deus com suas ações (Tito 3: 5). Mas enquanto o arrependimento não deve ser definido estritamente como uma mudança de comportamento , uma vida modificada *é* o fruto que o arrependimento genuíno inevitavelmente irá suportar. Embora os pecadores não sejam salvos *pelas* boas obras, são salvos *para* boas obras (Ef 2:10, Tito 2:14, 3: 8). Isso transformaria o arrependimento em uma obra de mérito e minaria o evangelho da graça. A salvação é um dom soberano da graça de Deus que o pecador apreende pela fé somente (Romanos 3:28, Ef 2: 8), justamente porque é impossível para os pecadores satisfazer as exigências da justiça de Deus com suas ações (Tito 3: 5). Mas, embora o arrependimento não seja estritamente definido como uma mudança de comportamento , uma vida modificada *é* o fruto que o arrependimento genuíno inevitavelmente suportará. Embora os pecadores não sejam salvos *pelas* boas obras, são salvos *para* boas obras (Ef 2:10, Tito 2:14, 3: 8). Precisamente porque é impossível para os pecadores satisfazer as exigências da justiça de Deus com suas ações (Tito 3: 5). Mas enquanto o arrependimento não deve ser definido estritamente como uma mudança de comportamento , uma vida modificada *é* o fruto que o arrependimento genuíno inevitavelmente irá suportar. Embora os pecadores não sejam salvos *pelas* boas obras, são salvos *para* boas obras (Ef 2:10, Tito 2:14, 3: 8). Precisamente porque é impossível para os pecadores satisfazer as exigências da justiça de Deus com suas ações (Tito 3: 5). Mas enquanto o arrependimento não deve ser definido estritamente como uma mudança de comportamento , uma vida modificada *é* o fruto que o arrependimento genuíno inevitavelmente irá suportar. Embora os pecadores não sejam salvos *pelas* boas obras, são salvos *para* boas obras (Ef 2:10, Tito 2:14, 3: 8).

Assim, em seu ministério, o apóstolo Paulo proclamou aos judeus e aos gentios "que se arrependessem [Gc. *Metanoeō*] e vire [Gk. *Epistrepho*] a Deus, realizando ações de acordo com o seu arrependimento "(Atos 26:20). Da mesma forma, João Batista exigiu que aqueles que professavam estar arrependidos "dêem frutos de acordo com o arrependimento" (Lucas 3: 8). Quando seus ouvintes perguntaram como era uma vida arrependida, ele respondeu dizendo que um homem deveria deixar de ser ganancioso e indiferente ao sofrimento de seu próximo e deve mudar seu curso emprestando-lhe liberalmente (Lucas 3:11). Ele chamou os cobradores de impostos para que se desviassem da extorsão: "Não coletem mais do que o que vocês estão autorizados a fazer" (Lucas 3:13). Ele respondeu que os soldados não devem mais extorquir por ameaças e acusações falsas, mas devem se contentar com fazer uma vida honesta (Lucas 3:14). Tanto Paulo quanto João Batista ficaram sobre os ombros dos profetas, como Isaías, que identificou os frutos do arrependimento para a nação corrupta de seu tempo: "Lavai-vos; Tornai-vos limpos; Remova o mal de suas obras de diante dos meus olhos; Deixem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem; Buscar justiça, corrigir a opressão; Fazer justiça ao órfão, pleitear a causa da viúva "(Isaías 1: 16-17). Observa-se a progressão nessa lista: o arrependimento começa internamente com uma purificação, e depois se manifesta em atitudes e ações justas. Em outras palavras, haverá uma mudança sincera na conduta de alguém. Uma pessoa que se arrependeu de verdade vai parar de fazer o mal e começará a viver com retidão.

Em resumo, então, as Escrituras ensinam que o arrependimento começa com o humilde reconhecimento do pecador e a necessidade de perdão. Entender a ofensiva de seu pecado diante de Deus produz grande lamentação, tristeza e até vergonha e humilhação. Seu desgosto consigo mesmo e sua injustiça o levam a repudiar sua maldade ea afastar-se decisivamente de uma vida de pecado. Ao voltar-se de seu antigo modo de vida, ele volta-se para confiar e servir ao Deus que é digno de toda adoração. Em Cristo, ele encontra o perdão e é restaurado ao companheirismo com seu Criador. Finalmente, ele não considera esse perdão como o passo final, mas amorosamente, do coração, propósitos a viver em obediência à vontade revelada de Deus, capacitada pela obra do Espírito Santo. A evidência de seu arrependimento interior manifesta-se assim em seus atos externos.

O arrependimento é um elemento essencial da conversão e, portanto, um elemento indispensável da mensagem do evangelho. Não somente o arrependimento é mencionado juntamente com a fé na proclamação do evangelho (Marcos 1:15, Atos 20:21, Hebreus 6: 1), mas também muitas passagens nas Escrituras apelam para o arrependimento só para se apossar da salvação. Isso não contradiz a verdade de que a fé é o único instrumento de justificação, mas sim ilustra que os autores do Novo Testamento consideravam a relação entre arrependimento e fé tão íntima que a menção de um implicava o outro - que não se pode deixar o pecado sem Voltando-se para Cristo na fé, e vice-versa. Assim, enquanto Marcos registra a primeira proclamação de Jesus do evangelho como chamando seus ouvintes para "arrependerem-se e crerem no evangelho" (Marcos 1:15), Mateus registra o mesmo que o chamado de Jesus para "arrepender-se, Porque o reino dos céus se aproxima "(Mateus 4:17). Jesus caracterizaria mais tarde o objetivo de seu ministério de chamar os pecadores ao arrependimento (Lucas 5:32) e demonstraria essa verdade declarando: "A menos que se arrependa, todos vocês também perecerão" (Lucas 13: 3, 5). No único registro da Grande Comissão em que recebemos as palavras de Jesus sobre o conteúdo da mensagem que os discípulos devem pregar, Jesus resume o evangelho como a proclamação do "arrependimento para o perdão dos pecados" em seu nome (Lucas 24: 47 NASB). E os discípulos foram obedientes a esta comissão. Como os homens de Israel ouviram o sermão de Pedro no dia de Pentecostes, eles foram confiscados e

perguntaram: "Irmãos, que faremos?" Pedro respondeu chamando-os ao arrependimento: "Arrependei-vos, E cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos pecados "(Atos 2:38). Em seu sermão no pórtico de Salomão, ele concluiu com o mesmo chamado: "Arrependei-vos, pois, e voltai para que os vossos pecados sejam apagados" (Atos 3:19). Como Paulo pregou o evangelho aos atenienses em Marte Hill, o clímax de sua mensagem foi um chamado ao arrependimento: "Os tempos da ignorância Deus negligenciou, mas agora ele ordena a todos os povos em todo lugar se arrepender" (Atos 17:30). A Escritura é inequivocamente clara: o arrependimento não é um elemento opcional, mas é um componente essencial do verdadeiro evangelho. Aqueles que insistem em que é possível salvar a confiança em Cristo sem se arrepender do pecado - crer em Jesus como Salvador, mas não se submeter a Ele como Senhor - encontram-se em contradição direta com o evangelho de acordo com Jesus e os apóstolos.

FÉ

Enquanto o arrependimento pode ser descrito como o aspecto negativo da conversão - isto é, o ato de afastar-se do pecado - a fé pode ser denominada como o aspecto positivo, a volta da alma *a* Deus e confiar na pessoa e na obra de Cristo para prover o perdão, Justiça e vida eterna. À medida que o milagre do novo nascimento banaliza a cegueira da morte espiritual, os olhos do recriado coração do pecador olham para a glória de Jesus e deleitam-se em encontrar nele um Salvador absolutamente suficiente, perfeitamente adequado para purificar do pecado, proporcionar justiça perfeita , E satisfazer a alma. Contemplando a glória de Deus na face de Cristo (2 Coríntios 4: 6), o pecador abraça Jesus com todo o seu coração, confiando e comprometendo-se com tudo o que Cristo é. Portanto, A fé salvadora é um compromisso fundamental de toda a pessoa com o Cristo inteiro; Com sua mente, coração e vontade, o crente abraça Jesus como Salvador, Advogado, Provedor, Sustentador, Conselheiro e Senhor Deus.

Assim, como o arrependimento, a sua contrapartida, a fé salvadora consiste em elementos intelectuais, emocionais e volitivas: conhecimento (. Lat *notitia*), o parecer favorável (Lat. *Assensus*) e confiança (Lat. *Fiducia*), respectivamente. A mente abraça o conhecimento, o reconhecimento ea compreensão da verdade concernente à pessoa e à obra de Cristo. O coração dá assentimento, ou a confiança e afirmação estabelecidas de que a salvação de Cristo é adequada à necessidade espiritual de cada um. A vontade responde com confiança, compromisso pessoal e apropriação de Cristo como a única esperança para a salvação eterna. Cada um desses componentes requer mais elaboração.

Conhecimento . O elemento mais básico da fé é o conhecimento. O pensamento cultural contemporâneo, dominado pelo humanismo secular, concebe a fé como o oposto do conhecimento - que a fé é o que toma conta quando não se tem conhecimento suficiente. Não é raro ouvir alguém dizer: "Bem, eu não posso realmente *saber* , mas eu apenas *acredito* ". No entanto, a concepção bíblica da fé não é um salto existencial no escuro ou um sentimental, wish-upon-a - tipo de esperança. Tão longe de ser uma alternativa ao conhecimento, a verdadeira fé é baseada no conhecimento; Tem seu fundamento seguro e sólido no conhecimento da verdade divinamente revelada.

A Escritura testifica isso de várias maneiras. Primeiro, a Bíblia muitas vezes representa o conhecimento de verdades particulares como o fundamento causal da fé. Por exemplo, a fé em Cristo para a salvação é baseada em "saber que o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas pela fé em Cristo Jesus" (Gálatas 2:16). É *porque sabemos* que as obras não justificam que cremos em Cristo para a salvação. Da mesma forma, Paulo fundamenta a fé do crente em sua futura ressurreição no conhecimento da ressurreição de Cristo: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele

viveremos, sabendo [isto é, 'porque sabemos' [115]] que Cristo , Ressuscitado dentre os mortos, nunca mais morrerá "(Rm 6: 8-9 NASB, 2Co 4: 13-14, 1Pe 5: 9). Essas passagens deixam claro que a fé bíblica e o conhecimento da verdade não são inimigos, mas que este é o fundamento do primeiro. As Escrituras testemunham ainda mais essa relação entre fé e conhecimento, muitas vezes empregando a frase "acreditar que ...", seguido por afirmações proposicionais de verdade que identificam o conteúdo da fé salvadora. DEVE-SE CRER QUE JESUS É DEUS (JOÃO 8:24; 13:19, ONDE JESUS APLICA O NOME DIVINO "EU SOU " para si mesmo, Ex. 3:14) e é um com o Pai (João 14: 10- 11), que ele é o Messias e Filho de Deus (João 11:27; 20:31; 1 João 5: 1, 5) que foi enviado do Pai (João 11:42, 16:27, 30, 17: 8, 21), que ele morreu pelos pecados e ressuscitou do túmulo (1 Tessalonicenses 4:14, Rm 10: 9), que Deus existe e "recompensa aqueles que o buscam" (Hb 11: 6) , E que os pecadores são salvos pela graça através da fé somente (Atos 15:11, ver 15: 9). O apóstolo Paulo resume a questão quando declara que a fé salvadora vem de ouvir a mensagem do evangelho a respeito de Cristo (Romanos 10:17), de modo que é impossível crer sem ouvir essa mensagem (Romanos 10:14). O conhecimento da mensagem do evangelho - a saber, os fatos divinamente revelados da santidade de Deus, do castigo do pecado, da identidade de Cristo e do que ele realizou para os pecadores - é o fundamento da fé salvadora. Claramente, então, a verdadeira fé tem substância objetiva. Acreditar não é um salto sem mente no escuro ou algum tipo etéreo de confiança além do conhecimento. A verdade da mensagem do evangelho como revelada em Cristo e nas Escrituras fornece uma base factual, histórica e intelectual para nossa fé. Assim, não acreditamos segundo nossos caprichos subjetivos; Devemos crer na verdade (2 Tessalonicenses 2: 11-12, ver João 8:46, 1 Tm 4: 3). A fé que não está fundamentada nesta verdade objetiva e proposicional não é fé alguma.

Assentimento . Embora conhecer os fatos seja necessário à fé, não é suficiente. É inteiramente possível conhecer a verdade sem acreditar ou abraçar a verdade. Muitos pregadores, eruditos e teólogos compreenderam intelectualmente grandes verdades da Escritura, como o nascimento virginal de Cristo e sua ressurreição corporal, e ainda assim rejeitaram essas doutrinas como falsas. Além disso, muitas pessoas entendem as verdades do evangelho - que o homem é culpado diante de um Deus santo e perecerá em seus pecados, que Cristo suportou o castigo de seu povo morrendo e se levantando em seu lugar e que os benefícios de seu trabalho Devem ser recebidos pela fé fora das obras - e, no entanto, não se arrependerem nem confiarem nele. Por esta razão, a fé é dito ter um elemento emocional, bem como um elemento intelectual. **A fé não só conhece a verdade, mas também aceita e abraça de todo o coração a verdade como ela é revelada nas Escrituras. A verdade é conhecida e acreditada.**

O escritor de Hebreus fala a este assentimento sincero como um componente da fé quando define a fé como "a certeza das coisas que se esperam, a convicção das coisas que não se vêem" (Hebreus 11: 1). A palavra traduzida por "garantia" é o termo grego *hipóstase* , composto de *estase* , "ficar" e *hipo* , "embaixo". Refere-se a um fundamento, o terreno sobre o qual algo é construído. O escritor usa aqui para descrever a fé como uma certeza sobrenatural - uma convicção operada por Deus sobre a verdade das promessas da Bíblia e a confiabilidade de Cristo. O escritor continua dizendo que a fé é a convicção de coisas que não se vêem; Isto é, o que não pode ser visto com os olhos físicos é revelado para os olhos espirituais pela fé. Hebreus 11:27 caracteriza a fé de Moisés precisamente desta maneira: "Pela fé ele deixou o Egito, não tendo medo da ira do rei, porque ele suportou como vendo aquele que é invisível". A fé de Moisés consistia na firme convicção de que as riquezas da glória de Cristo eram mais valiosas do que os tesouros do Egito Hebreus 11: 24-26). Ele não apenas compreendeu intelectualmente que Cristo era mais precioso; Ele foi persuadido no fundo de seu coração que era verdade. Foi

a firme convicção de Paulo, cheia de fé, da soberania de Cristo que alimentou sua resistência através do sofrimento mais intenso, pois disse: "Eu sei a quem acreditei e estou convencido de que ele é capaz de guardar até aquele dia o que Foi confiado a mim "(2 Tim. 1:12). "A fé de Moisés consistia na firme convicção de que as riquezas da glória de Cristo eram mais valiosas do que os tesouros do Egito (Hb 11: 24-26). Ele não apenas compreendeu intelectualmente que Cristo era mais precioso; Ele foi persuadido no fundo de seu coração que era verdade. Foi a firme convicção de Paulo, cheia de fé, da soberania de Cristo que alimentou sua resistência através do sofrimento mais intenso, pois disse: "Eu sei a quem acreditei e estou convencido de que ele é capaz de guardar até aquele dia o que Foi confiado a mim "(2 Tim. 1:12). "A fé de Moisés consistia na firme convicção de que as riquezas da glória de Cristo eram mais valiosas do que os tesouros do Egito (Hb 11: 24-26). Ele não apenas compreendeu intelectualmente que Cristo era mais precioso; Ele foi persuadido no fundo de seu coração que era verdade. Foi a firme convicção de Paulo, cheia de fé, da soberania de Cristo que alimentou sua resistência através do sofrimento mais intenso, pois disse: "Eu sei a quem acreditei e estou convencido de que ele é capaz de guardar até aquele dia o que Foi confiado a mim "(2 Tim. 1:12).

Com respeito à conversão, então, aquele que possui a fé salvadora abraça de todo o coração a verdade concernente à sua própria pecaminosidade e à adequação de Cristo para salvá-lo. Quando Bartimeu ouviu que Jesus estava passando, sua firme convicção de que o Filho de Davi estava perfeitamente preparado para atender sua necessidade fez com que ele abandonasse a propriedade e clamasse por Jesus para restaurar sua visão. Jesus respondeu: "Vai o teu caminho; Sua fé o curou "(Marcos 10: 46-52). Da mesma forma, o recém-despertado crente torna-se absolutamente convencido de que está desamparado para enfrentar a inevitável miséria de sua condição espiritual e olha para Cristo com a certa convicção de que a suficiência de Cristo é a resposta perfeita à sua falência espiritual. Pela fé, o pecador é curado.

Confiança . Havia algo mais na fé de Moisés, de Paulo e de Bartimeu do que simplesmente conhecer e abraçar a verdade. Tiago nos diz que os demônios conhecem e acreditam na verdade do monoteísmo (Tiago 2:19). Nicodemos acreditava que Jesus era um mestre enviado de Deus (João 3: 2). Agripa acreditava que o Velho Testamento dizia a verdade (Atos 26:27). Judas estava convencido de que Jesus era o Cristo (Mt 27: 3-5). No entanto, nenhum deles possuía fé salvadora. A fé começa com o conhecimento (*notitia*) eo *assentimento* (*assensus*), mas não pára até que alcance a confiança total da vontade em Christ para a salvação pessoal (*fiducia*). Como Murray insightfully observa, "Fé é conhecimento passando em convicção, e é convicção passando em confiança. **A fé não pode deixar de ser auto-comprometida com Cristo, uma transferência de confiança em nós mesmos e em todos os recursos humanos para a confiança em Cristo somente para a salvação.** *É um receber e descansar sobre ele. "Ou seja, a fé salvadora vai além de" crer nisso* "e chega a" crer *em* "; ele se move para além assentimento mental à verdade *sobre* Cristo e chega pessoalmente confiando *em* Cristo e dependendo *sobre* ele por perdão dos pecados e reconciliação com Deus. *A fé salvadora vai além de "crer nisso* " e chega a "acreditar *em* "; ele se move para além assentimento mental à verdade *sobre* Cristo e chega pessoalmente confiando *em* Cristo e dependendo *sobre* ele por perdão dos pecados e reconciliação com Deus. *A fé salvadora vai além de "crer nisso* " e chega a "acreditar *em* "; ele se move para além assentimento mental à verdade *sobre* Cristo e chega pessoalmente confiando *em* Cristo e dependendo *sobre* ele por perdão dos pecados e reconciliação com Deus.

O apóstolo Paulo narra sua própria história de conversão em Filipenses 3. Ele caracteriza o verdadeiro cristão como alguém que não confia na carne (Filipenses 3: 3),

que não olha para dentro de si mesmo - para seus privilégios herdados ou realizações religiosas - Para adquirir a justiça que Deus requer. Em sua vida de fariseu, ele tinha realmente colocado plena confiança em sua carne - em sua herança, posição social, ritualismo religioso, tradicionalismo, devoção e sinceridade, e até mesmo na observância externa dos mandamentos de Deus (Filipenses 3: 4- 6). Ele confiava nessas credenciais carnais para elevá-lo para alcançar o padrão da justiça de Deus. Mas esse erro desapareceu depois de encontrar o Cristo ressuscitado no caminho de Damasco. Como ele disse, "Qualquer ganho que eu tinha, eu contado como perda por causa de Cristo" (Filipenses 3: 7). Quando Deus abriu os olhos do coração de Paulo na regeneração, toda a auto-justiça com que Paulo contava para ser ganho, ele veio a considerar como perda. Ele contou tudo isso como "ganhar a Cristo, e ser achado nele, não tendo a minha própria justiça, que é da lei, mas a que é pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé" (Phil 3: 8-9 NVI). Ele tinha mudado de depender de si mesmo para a justiça de confiar em Cristo apenas para a justiça (Rm 10: 4, 2 Coríntios 5:21).

Não somente aquele com fé salvadora confia em Cristo para a justiça, ele também recebe Cristo como tesouro. Paulo considerava que conhecer Jesus pessoalmente era de um valor tão superior que estava disposto a perder tudo em sua vida para ganhá-lo (Filipenses 3: 8). O próprio Jesus falou da conversão como achando um tesouro: "O reino dos céus é como um tesouro escondido num campo, que um homem encontrou e encobriu. Então, em sua alegria, ele vai e vende tudo o que tem e compra esse campo "(Mateus 13:44, ver 13: 45-46). O homem cujo coração foi despertado na regeneração é como um homem que tropeça em um tesouro inestimável, enterrado. E por causa do valor supremo do tesouro que é Cristo Jesus, o pecador voluntariamente abandona tudo o que tem, de modo que possa agarrar o Salvador a quem ele considera supremamente precioso (Lucas 9:23, 14: 26-33; 10: 37-39). Estes textos devem advertir o aluno da Escritura de conceber a fé salvadora como aquilo que meramente usa Cristo para escapar da punição. *A fé salvadora é preeminentemente um abraço ansioso de uma pessoa* - uma acolhedora e deliciosa recepção de Cristo pela plenitude de quem ele é, isto é, a fonte de toda justiça, vida e satisfação para a alma recém-nascida (Mateus 5: 6; 4: 13-14; 6:35).

Finalmente, neste aspecto volitivo da fé, não só confia em Cristo, mas também se confia *a* Cristo, pois crer numa pessoa implica necessariamente um compromisso pessoal. Aquele que confia em Cristo se coloca na custódia de Cristo tanto para a vida como para a morte. O crente confia no conselho do Senhor, confia na sua bondade e confia-se por tempo e eternidade à sua tutela. A fé salvadora, então, é o pecador, em todo o seu ser, abraçando a totalidade de Cristo. É por isso que a Escritura freqüentemente usa tais metáforas para a fé como olhar para ele (João 3: 14-15, Nm 21: 9), comer sua carne e beber seu sangue (João 6: 50-58, 14), recebê-lo (João 1:12), e vir a ele (Mateus 11:28, João 5:40, 6:35, 37, 44, 65, 7: 37-38). Um demonstra sua fé que o pão satisfaz a fome não meramente confessando, "o pão satisfaz!" Mas comendo o pão. Da mesma forma, demonstra-se a sua fé em Cristo, não apenas dizendo: "Creio!", Mas vindo a Cristo, recebendo tudo o que ele é, e confiando-lhe tudo o que o crente é. Em resumo, a fé se inclina inteiramente em Cristo - para a redenção, para a justiça, para o conselho, para a comunhão, para o sustento, para a orientação, para o socorro, para o seu senhorio e para todos na vida que realmente pode satisfazer.

Isso significa que a verdadeira fé salvadora necessariamente se desenvolve em obediência amorosa (Gálatas 5: 6). O décimo primeiro capítulo de Hebreus se dedica a ilustrar esse único princípio. Depois de definir a natureza da verdadeira fé nos versos iniciais, o autor examina toda a história redentora para demonstrar que a fé funciona. Pela fé, Abel ofereceu um sacrifício aceitável (Hb 11: 4); Pela fé Enoque andou com Deus e escapou da própria morte (11: 5); Pela fé, Noé construiu uma arca (11: 7); Pela fé, Abraão

obedeceu (11: 8), viveu em terra estrangeira (11: 9) e ofereceu Isaque a Deus (11.17-19); Pela fé Isaque e Jacó abençoaram seus filhos (11: 20-21); Pela fé, José falou do êxodo (11:22); Pela fé os pais de Moisés o esconderam do Faraó (11:23); Pela fé Moisés rejeitou os prazeres passados do Egito, abraçou o opróbrio de Cristo e deixou sem medo (11: 24-27); Pela fé Moisés manteve a Páscoa (11:28); Pela fé, Israel atravessou o Mar Vermelho (11:29) e conquistou Jericó (11:30). A fé oferece, caminha, constrói, abençoa, esconde, sai e conquista. Em resumo, a fé obedece. Ela obriga a agir de acordo com a verdade que se professa crer. Na conversão, a fé salvadora nada faz senão receber passivamente a provisão de Cristo. Contudo, a verdadeira fé nunca permanece passiva; Ele imediatamente vai para o trabalho - não como um meio de ganhar o favor divino, mas como uma conseqüência de ter recebido a graça de Deus que funciona poderosamente dentro de nós (Col. 1:29). À medida que trabalhamos a nossa salvação com temor e tremor, é Deus que opera em nós, querendo, quer trabalhando para a sua boa vontade (Filipenses 2: 12-13). A fé oferece, caminha, constrói, abençoa, esconde, sai e conquista. Em resumo, a fé obedece. Ela obriga a agir de acordo com a verdade que se professa crer. Na conversão, a fé salvadora nada faz senão receber passivamente a provisão de Cristo. Contudo, a verdadeira fé nunca permanece passiva; Ele imediatamente vai para o trabalho - não como um meio de ganhar o favor divino, mas como uma conseqüência de ter recebido a graça de Deus que funciona poderosamente dentro de nós (Col. 1:29). À medida que trabalhamos a nossa salvação com temor e tremor, é Deus que opera em nós, querendo, quer trabalhando para a sua boa vontade (Filipenses 2: 12-13). A fé oferece, caminha, constrói, abençoa, esconde, sai e conquista. Em resumo, a fé obedece. Ela obriga a agir de acordo com a verdade que se professa crer. Na conversão, a fé salvadora nada faz senão receber passivamente a provisão de Cristo. Mas a verdadeira fé nunca permanece passiva; Ele imediatamente vai para o trabalho - não como um meio de ganhar o favor divino, mas como uma conseqüência de ter recebido a graça de Deus que funciona poderosamente dentro de nós (Col. 1:29). À medida que trabalhamos a nossa salvação com temor e tremor, é Deus que opera em nós, querendo, quer trabalhando para a sua boa vontade (Filipenses 2: 12-13). A fé salvadora não faz nada além de receber passivamente a provisão de Cristo. Contudo, a verdadeira fé nunca permanece passiva; Ele imediatamente vai para o trabalho - não como um meio de ganhar o favor divino, mas como uma conseqüência de ter recebido a graça de Deus que funciona poderosamente dentro de nós (Col. 1:29). À medida que trabalhamos a nossa salvação com temor e tremor, é Deus que opera em nós, querendo, quer trabalhando para a sua boa vontade (Filipenses 2: 12-13). A fé salvadora não faz nada além de receber passivamente a provisão de Cristo. Contudo, a verdadeira fé nunca permanece passiva; Ele imediatamente vai para o trabalho - não como um meio de ganhar o favor divino, mas como uma conseqüência de ter recebido a graça de Deus que funciona poderosamente dentro de nós (Col. 1:29). À medida que trabalhamos a nossa salvação com temor e tremor, é Deus que opera em nós, querendo, quer trabalhando para a sua boa vontade (Filipenses 2: 12-13).

PRESENTES QUE MANTEM

Duas outras características do arrependimento e da fé não devem ir sem menção. Primeiro, tanto o arrependimento quanto a fé são dons soberanos do próprio Deus. Embora seja verdade que a fé arrependida é apresentada aos pecadores como sua responsabilidade e a condição para sua justificação, a corrupção de sua mente, afetos e vontade torna impossível para eles verdadeiramente se arrepender e crer. É somente pela obra soberana do Espírito na regeneração, renovando o coração do homem e abrindo seus

olhos espirituais, que ele é capaz de se virar do pecado e de si mesmo e confiar em Cristo somente para a justiça.

Por esta razão, a Escritura fala da fé arrependida não como uma decisão soberana da vontade humana, mas como aquela que é sobrenaturalmente concedida como um dom da graça de Deus. No caso do arrependimento, Pedro declarou ao Sinédrio que Deus realizou a morte e ressurreição de Cristo para "dar arrependimento a Israel e perdão dos pecados" (Atos 5:31). Quando Pedro mais tarde testificou aos judeus que o Espírito havia caído sobre os gentios, eles concluíram que Deus também havia dado este presente aos gentios: "Também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que leva à vida" (Atos 11:18).). Da mesma forma, Paulo instruiu Timóteo a corrigir gentilmente aqueles que se opuseram a ele, na esperança de que "Deus talvez lhes conceda o arrependimento levando ao conhecimento da verdade" (2 Tm 2:25).

Correspondentemente, a Escritura identifica a fé como um dom da graça de Deus. Talvez a passagem mais familiar sobre o assunto seja Efésios 2: 8-9, onde Paulo declara: "Porque pela graça sois salvos pela fé. E este não é o seu próprio fazer; É um dom de Deus, não um resultado das obras, para que ninguém se glorie ". Aqui, Paulo se refere à totalidade da salvação como dom de Deus, que necessariamente inclui a fé pela qual o pecador é justificado. Além disso, Lucas caracteriza os cristãos como "aqueles que pela graça haviam crido" (Atos 18:27); Assim, a fé vem somente através da graça de Deus e, portanto, é um dom. Paulo explicitamente ensina esta idéia em sua carta aos filipenses quando lhes diz: "Porque a vós foi concedido por amor de Cristo, não só crer Nele, mas também sofrer por causa dele" (Filipenses 1:29).).

Como um dom divino, então, a fé arrependida que salva nunca poderia ser transitória ou temporária. Tem uma qualidade permanente que garante que ela perseverará até o fim, para que o arrependimento ea fé caracterizem o estilo de vida do verdadeiro cristão. Na primeira de suas "Noventa e Cinco Teses", Martinho Lutero (1483-1546) escreveu: "Quando nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse: 'Arrependei-vos', ele pretendia que toda a vida dos crentes fosse arrependimento". , Quando Pedro perguntou a Jesus quantas vezes deveria perdoar a um irmão que peca contra ele (Mateus 18:21), Jesus respondeu: "Se o teu irmão pecar, repreende-o, e se ele se arrepender, perdoa-o, e se ele pecar contra ti Sete vezes no dia, e se volta para você sete vezes, dizendo: 'Eu me arrependo', você deve perdoá-lo "(Lucas 17: 3-4). O princípio é que se deve arrepender com a freqüência de um pecados. Em suas cartas às igrejas da Ásia, Cristo instruiu os crentes (isto é, "aqueles que eu amo") na igreja de Laodicéia a "serem zelosos e se arrependerem" (Apocalipse 3:19), o que mostra que o arrependimento não é apenas um Um evento único na conversão, mas é esperado até de verdadeiros cristãos. O Senhor também ensinou seus discípulos a ter o hábito de orar pelo perdão (Mateus 6:12), o que necessariamente requer arrependimento contínuo. O apóstolo João também afirma: "Se confessarmos [Gk. *Homossexuais*] nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça "(1 João 1: 9). O tempo presente do *homólogo* indica atividade em andamento. Assim, os crentes mostram que eles são os que Deus perdoou e purificou porque eles estão continuamente confessando seus pecados. Em suma, Embora a justificação libere o crente da pena do pecado, a presença do pecado ainda permanece em sua carne não redimida. Portanto, porque ele continua a pecar contra Deus e os outros, ele deve continuar a se arrepender. Na vida de um crente, um espírito de arrependimento deve ser tão vivo quanto o seu pecado remanescente.

O mesmo é verdadeiro para a fé. As palavras familiares de Habacuque 2: 4, "O justo viverá pela sua fé" (Romanos 1:18, Gálatas 3:11, Hebreus 10:38), não falam de um ato momentâneo de crer, mas de Uma confiança viva e duradoura em Deus. Hebreus 3:14 enfatiza a permanência da fé genuína. Sua própria durabilidade é prova de sua realidade:

"Chegamos a participar de Cristo, se de fato mantenhamos firme a nossa confiança original até o fim". A fé que Deus dá nunca pode evaporar. E a obra da salvação não pode, em última instância, ser frustrada (1 Coríntios 1: 8, Filipenses 1: 6 e Col. 1: 22-23). O apóstolo Paulo resume a totalidade da vida cristã quando declara: "A vida que agora vivo na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gálatas 2:20; cf. Hb 10:39). A vida do cristão deve ser distinguida pela confissão diária de,

União com Cristo

Uma das verdades mais preciosas em toda a Escritura é a doutrina da união do crente com o Senhor Jesus Cristo. O conceito de estar unido a Cristo fala da intimidade espiritual mais vital que se pode imaginar entre o Senhor e seu povo. Enquanto Cristo se relaciona com os crentes como Senhor, Mestre, Salvador e Mestre, eles não estão meramente associados a Cristo como o objeto de sua graça e amor de salvação. Não é que os cristãos simplesmente adorem a Jesus, o obedecem ou orem a ele, embora certamente esses privilégios sejam suficientes. Em vez disso, eles estão tão intimamente identificados com ele e ele com eles que a Escritura diz que estão unidos - ele está neles e eles estão nele. O Senhor e seu povo compartilham uma vida espiritual comum, de modo que o apóstolo Paulo poderia dizer que nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Colossenses 3: 3), Que Cristo é ele mesmo a nossa vida (Colossenses 3: 4), e que Cristo vive em nós (Gálatas 2:20). Unidos a seu povo desta maneira, Cristo age como seu representante e substituto; Isto é, o que Cristo realizou em favor de seu povo, Deus calcula ter contado para eles, como se eles mesmos o tivessem feito. Por causa da união com Cristo, crentes foram crucificados com ele (Gálatas 2:20), morreram com ele (Romanos 6: 8 e Colossenses 2:20), foram sepultados com ele (Rm 6: 3) , Foram ressuscitados com ele (Efésios 2: 5-6 e Colossenses 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3). Unidos a seu povo desta maneira, Cristo age como seu representante e substituto; Isto é, o que Cristo realizou em favor de seu povo, Deus calcula ter contado por eles, como se eles mesmos o tivessem feito. Por causa da união com Cristo, os crentes foram crucificados com Ele (Gálatas 2:20), morreram com Ele (Romanos 6: 8 e Colossenses 2:20), foram sepultados com Ele (Rm 6: 3) , Foram ressuscitados com ele (Efésios 2: 5-6 e Colossenses 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3). Unidos a seu povo desta maneira, Cristo age como seu representante e substituto; Isto é, o que Cristo realizou em favor de seu povo, Deus calcula ter contado por eles, como se eles mesmos o tivessem feito. Por causa da união com Cristo, crentes foram crucificados com ele (Gálatas 2:20), morreram com ele (Romanos 6: 8 e Colossenses 2:20), foram sepultados com ele (Rm 6: 3) , Foram ressuscitados com ele (Efésios 2: 5-6 e Colossenses 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3). O que Cristo realizou em favor do seu povo, Deus julga ter contado por eles, como se eles mesmos o tivessem feito. Por causa da união com Cristo, os crentes foram crucificados com Ele (Gálatas 2:20), morreram com Ele (Romanos 6: 8 e Colossenses 2:20), foram sepultados com Ele (Rm 6: 3) , Foram ressuscitados com ele (Efésios 2: 5-6 e Colossenses 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus*

nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo " (Efésios 1: 3). O que Cristo realizou em favor do seu povo, Deus julga ter contado por eles, como se eles mesmos o tivessem feito. Por causa da união com Cristo, crentes foram crucificados com ele (Gálatas 2:20), morreram com ele (Romanos 6: 8 e Colossenses 2:20), foram sepultados com ele (Rm 6: 3) , Foram ressuscitados com ele (Efésios 2: 5-6 e Colossenses 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3). 2: 5-6; Col. 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3). 2: 5-6; Col. 3: 1), e até mesmo foram entronizados no céu com ele (Efésios 2: 6). *Ele é, portanto, o Mediador de todos os benefícios da salvação, pois Deus nosso Pai "nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo* " (Efésios 1: 3).

Essa íntima união espiritual é exclusiva do cristianismo. Em nenhuma outra religião é o objeto de adoração disse para se tornar a vida do adorador. Os muçulmanos não falam de estar em Allah ou em Muhammad; Os budistas nunca dizem que eles estão em Buda. Eles podem seguir os ensinamentos de seus respectivos líderes, mas só os cristãos dizem estar *em* Cristo, unidos a ele como seu representante, substituto e Mediador.

Este conceito de união com Cristo é tão penetrante como precioso. O mais comumente representado pela minúscula preposição "in", a união do crente com Cristo permeia o Novo Testamento. Os crentes são muitas vezes ditos "em Cristo" (1 Coríntios 1:30, 2 Coríntios 5:17), "no Senhor" (Romanos 16:11) e "nele" (1 João 5:20).). Da mesma forma, Cristo também é dito que está no seu povo (Romanos 8:10, 2 Coríntios 13: 5, Ef 3:17), uma noção que Paulo define como a própria "esperança da glória" em si (Col. 1 : 27). Às vezes, ambos os aspectos da união com Cristo são apresentados no mesmo texto, enfatizando ainda mais a intimidade da mútua habitação de Cristo e do crente (por exemplo, João 6:56; 15: 4; 1 João 4:13). Claramente, a importância da união do crente com Cristo não pode ser exagerada.

UNIÃO COM CRISTO E SOTERIOLOGIA

Como a doutrina da união com Cristo se relaciona com o resto da soteriologia tem sido uma questão de discussão. Isso é porque não é meramente uma outra fase na aplicação da redenção, como regeneração, fé ou justificação. Em vez disso, a união com Cristo é a matriz de onde fluem todas as outras doutrinas soteriológicas. De fato, como Paulo diz em Efésios 1: 3, nossa união com Cristo é a fonte de todas as bênçãos espirituais que recebemos - desde a eleição do Pai na eternidade passada, até a vida redentora do Filho, morte, sepultamento e ressurreição até o fim A glorificação dos santos com Cristo no céu. Por esta razão, o grande teólogo John Murray chamou a união do crente com Cristo "a verdade central de toda a doutrina da salvação". É o princípio unificador de toda a soteriologia,

Em primeiro lugar, a eleição do Pai está enraizada em Cristo. Paulo diz: "[O Pai] nos escolheu nele [Cristo] antes da fundação do mundo" (Efésios 1: 4). Ele também nos diz em 2 Timóteo 1: 9 que Deus nos deu graça "em Cristo Jesus antes dos séculos começaram". Embora a obra de eleição do Pai tenha ocorrido antes mesmo de existir, sua escolha para salvar o seu povo está, no entanto, em Cristo. Isso significa que nunca houve um tempo em que Deus contemplasse seus eleitos, exceto a sua união vital com Cristo.

Segundo, as Escrituras ensinam que Deus considerou os eleitos para estarem unidos a Cristo em cada ato da realização da redenção do Filho. É nele que temos redenção e perdão (Efésios 1: 7 e Col. 1:14). Estamos unidos a ele em sua perfeita vida de

obediência. Como ele "cumpriu toda a justiça" (Mateus 3:15), assim também os que estão unidos a ele estão vestidos em sua justiça (Gálatas 3:27), isto é, creditados com sua obediência (Romanos 5:19 1Co 1:30; 15:22). Esta união era também o fundamento em que nosso pecado podia ser justamente imputado a Cristo. O Pai conta os eleitos para terem vivido a vida de Jesus porque ele considera Jesus como tendo vivido nossas vidas e, portanto, o castigou de acordo com isso (2 Coríntios 5:21, 1 Pedro 2:24). Assim diz-se que "morremos com Cristo" (Romanos 6: 8, Colossenses 2:20, Col 3: 3, 2 Tim. 2:11), "Nosso velho ser [tendo sido] crucificado com ele" (Rm 6: 6). Não somente isso, mas fomos "sepultados com ele" (Rm 6: 4, Colossenses 2:12), ressuscitado dentre os mortos com Ele (Ef 2: 6, Colossenses 2:12, 3: 1) E até "sentados com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2: 6). Sua vida é nossa vida, seu castigo nosso castigo, sua morte nossa morte, sua ressurreição nossa ressurreição, sua justiça nossa justiça, sua ascensão e glorificação nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, contou seu povo para estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). Mas fomos "sepultados com ele" (Rm 6: 4, Colossenses 2:12), ressuscitados dentre os mortos com Ele (Ef 2: 6 e Col. 2:12; 3: 1), e até "sentados ... com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus "(Efésios 2: 6). Sua vida é nossa vida, seu castigo nosso castigo, sua morte nossa morte, sua ressurreição nossa ressurreição, sua justiça nossa justiça, sua ascensão e glorificação nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, considerou seu povo estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). Mas fomos "sepultados com ele" (Rm 6: 4, Colossenses 2:12), ressuscitados dentre os mortos com Ele (Ef 2: 6 e Col. 2:12; 3: 1), e até "sentados ... com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus "(Efésios 2: 6). Sua vida é nossa vida, seu castigo nosso castigo, sua morte nossa morte, sua ressurreição nossa ressurreição, sua justiça nossa justiça, sua ascensão e glorificação nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, considerou seu povo estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). E até "sentados com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2: 6). Sua vida é nossa vida, seu castigo nosso castigo, sua morte nossa morte, sua ressurreição nossa ressurreição, sua justiça nossa justiça, sua ascensão e glorificação nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, contou seu povo para estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). E até "sentados com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2: 6). Sua vida é nossa vida, seu castigo nosso castigo, sua morte nossa morte, sua ressurreição nossa ressurreição, sua justiça nossa justiça, sua ascensão e glorificação nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, considerou seu povo estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). Sua justiça, sua justiça, sua ascensão e glorificação, nossa ascensão e glorificação. Em resumo,

embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, considerou seu povo estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25). Sua justiça, sua justiça, sua ascensão e glorificação, nossa ascensão e glorificação. Em resumo, embora ainda não tivéssemos nascido, Deus, no entanto, considerou seu povo estar em união com seu Salvador durante a realização de sua obra redentora. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou para um grupo sem rosto e sem nome; Redenção era notavelmente pessoal, como o corpo foi sempre contado para ser unido à cabeça (Efésios 5:23, 25).

Em terceiro lugar, assim como o plano ea realização da redenção ocorrem em Cristo, assim também acontece a aplicação da redenção. Os crentes são nascidos de novo para a fé salvadora na união com Cristo. Paulo descreve a regeneração do crente quando ele diz que eles foram "feitos ... vivos juntamente com Cristo" (Efésios 2: 5) e são "criados em Cristo Jesus" (Efésios 2:10). Se alguém está unido a Cristo, é uma nova criação (2 Coríntios 5:17), que é outra maneira de dizer que alguém nasce de novo em união com Cristo. Esta transmissão da nova vida espiritual emerge imediatamente na fé arrependida, instrumento pelo qual se apropria subjetivamente de todas as bênçãos espirituais planejadas pelo Pai e adquiridas pelo Filho (Gálatas 2:20). Unidos a Cristo pela fé, os crentes se apoderam da justiça de Cristo (Filipenses 3: 9), e assim são justificados nele (Gálatas 2:17), Porque não há condenação para os que estão em Cristo Jesus (Romanos 8: 1). Assim declarados justos em Cristo, os crentes são adotados na família de Deus através de Cristo (Efésios 1: 5, Gálatas 3:26), e são santificados nele por santidade e serviço a Deus (1Co 1: 2)).

A união com Cristo é também a fonte da progressiva santificação e perseverança do crente. Cristo é chamado nossa santificação porque flui dele (1 Coríntios 1:30). Nós produzimos o fruto da justiça apenas quando ficamos conectados à nossa videira (João 15: 4-5). Os membros do corpo crescem em maturidade ao receberem a comunicação da vida de sua cabeça (Ef 4: 15-16). Assim, os crentes "[morreram] à Lei por meio do corpo de Cristo", porque é apenas como eles são "unidos a outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos", para que andassem em sua vida de ressurreição e assim " Dar fruto para Deus "(Romanos 7: 4 NASB, ver 6: 4-11). O aumento da santidade é impossível, a não ser pela união com Cristo. Além disso, é com base nessa união que os verdadeiros crentes sempre perseveram até o fim (João 10: 27-28), Pois enquanto estão em Cristo, nada pode separá-los do amor do Pai (Romanos 8: 38-39). De fato, nem mesmo a morte rompe essa união, pois os cristãos que morrem são chamados mortos em Cristo (1 Tessalonicenses 4:14, 16).

Finalmente, é na base da união com Cristo que os crentes serão ressuscitados dentre os mortos. Ele é as primícias da nossa ressurreição, como Paulo conforta os coríntios: "Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, as primícias daqueles que adormeceram. Porque, como por um homem veio a morte, por um homem veio também a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados "(1 Coríntios 15: 20-22). Paulo argumenta em outro lugar: "Pois, se estivermos unidos a ele em uma morte como a dele, certamente estaremos unidos a ele em uma ressurreição semelhante à dele" (Rm 6: 5;

É claro, portanto, que a união do crente com Cristo abrange todos os passos da salvação, desde a eleição na eternidade passada até a glorificação na eternidade futura. Aqueles a quem Deus escolheu, a quem Cristo comprou e a quem o Espírito dá vida, nunca são contemplados sem a sua união com Cristo. No entanto, esta união não se concretiza na experiência do pecador antes de sua conversão, pois o apóstolo Paulo fala

de um tempo em que os crentes estavam "separados de Cristo, alienados da comunidade de Israel e estranhos aos convênios da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo "(Efésios 2:12). Ele continua: "Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes trazidos pelo sangue de Cristo" (Efésios 2:13). Isto é, O pecador passa da separação para a união com Cristo quando ele se torna participante do evangelho adquirido pelo sangue de Jesus, cujos benefícios ele assegura pela fé somente (Romanos 3:25, 4:24, Gálatas 3:24) . É por esta razão que tratamos a união com Cristo neste momento em discutir a aplicação da redenção.

A NATUREZA DA UNIÃO DO BELIEVER

Tendo visto o significado ea amplitude da união do crente com Cristo, agora é apropriado investigar a natureza dessa união em si. O que significa exatamente que os crentes estão unidos a Cristo? A Escritura responde ilustrando a intimidade desta união com um número de metáforas. Ao compreender essas metáforas, podemos chegar a conclusões sólidas e bíblicas sobre a natureza de nossa união com Cristo.

Primeiro, a Escritura usa a imagem de um edifício e sua fundação. Em Efésios 2: 19-22, Paulo fala da igreja como a casa de Deus, um edifício espiritual colocado sobre o fundamento da revelação divina comunicada pelos apóstolos e profetas. A pedra angular desse fundamento é o próprio Cristo (1 Pe 2: 5-7), e é nele que "toda a estrutura, unida, torna-se templo santo no Senhor" (Efésios 2: 21). O termo grego traduzido como "juntado" fala da união de cada componente deste edifício. Assim como todas as pedras de um edifício literal são cortadas precisamente para se encaixar perfeitamente, forte e maravilhosamente com todas as outras partes e descansar perfeitamente sobre o fundamento, assim também a unidade ea estabilidade da igreja dependem de Cristo, seu fundamento. É somente por ser construído sobre e permanentemente unido a Cristo,

Segundo, a união do crente com Cristo é retratada como a união entre a videira e seus ramos. Jesus ensinou: "Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, a menos que permaneça na videira, nem você pode, a menos que você permanece em mim. Eu sou a videira; Vocês são os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, ele é que produz muito fruto, porque sem mim nada podes fazer "(João 15: 4-5). Assim como os ramos dependem da videira para a vida, a força e o sustento, assim também o crente depende da união com Cristo para toda nutrição e crescimento espiritual. Além de Cristo, a videira, nós, os ramos, não podemos dar fruto; Somos inteiramente inúteis, desprovidos de qualquer vitalidade espiritual, a menos que permaneçamos conectados à nossa videira.

Terceiro, a Escritura também usa a metáfora do casamento para retratar a união entre Cristo e sua igreja. A igreja é muitas vezes retratada como a noiva de Cristo (2 Coríntios 11: 2 e Apocalipse 19: 7; 21: 9), e Cristo como o marido e cabeça da igreja (Efésios 5: 22-33). Em Efésios 5, Paulo baseou todas as suas instruções para a relação marido-esposa sobre a relação entre Cristo e *sua* noiva. No final desta discussão, Paulo citou o primeiro sermão do casamento, Gênesis 2:24, onde Deus disse: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne" (Efésios 5:31). Então Paulo acrescentou: "Este mistério é profundo; E estou dizendo que se refere a Cristo e à igreja "(Efésios 5:32).

A metáfora do casamento tem grande significado para a compreensão da união do crente com Cristo. Primeiro, fala da intimidade dessa união. A união de uma só carne de marido e mulher é a relação mais íntima, pessoal e íntima entre a humanidade, e seu objetivo principal é ser um retrato da união entre Cristo e a igreja. Em segundo lugar, fala da natureza orgânica dessa união. A nova vida criada através da união unilateral de marido e mulher retrata a reciprocidade e vitalidade da união da igreja com seu marido. Em terceiro lugar, esta figura ilustra a legalidade desta união. Como o casamento une

legalmente o marido à esposa, assim também a união do crente com Cristo capacita Cristo a agir como representante legal em seu lugar (discutido mais adiante). Finalmente, Casamento ilustra o vínculo inquebrável que existe entre Cristo e a igreja. *"Para agarrar-se" traduz o termo grego proskollaō* , que significa literalmente o projeto de Deus para o casamento é para ser permanente "a ser colados ou cimentados." (Mal 2:16; Mat. 19: 6.), E, assim, ilustra A permanência da união entre Cristo ea igreja.

Em quarto lugar, talvez a maior metáfora dada para ilustrar a união com Cristo seja a união da cabeça e do corpo (Romanos 12: 5, 1Co 12: 12-13, 27, Ef 1: 22-23). Também ilustrado no texto de casamento de Efésios 5, Paulo diz: "Cristo é a cabeça da igreja, seu corpo" (Efésios 5:23). Aquele que nutre e acalenta seu próprio corpo ama a *si mesmo* (Efésios 5: 28-30), porque há uma íntima união entre a cabeça e o corpo. Os corpos dos crentes são membros do próprio corpo de Cristo, de tal modo que unir-se a uma prostituta é unir Cristo a uma prostituta (1 Coríntios 6: 15-16). Assim, o que acontece com a cabeça acontece com o corpo, eo que acontece com o corpo acontece com a cabeça.

Esta metáfora estabelece as bases para a compreensão da natureza legal e representacional da união do crente com Cristo, onde Cristo obedece (Romanos 5: 18-19, 1 Coríntios 1:30), morre (Colossenses 2:20), Sobe (Colossenses 3: 1), e sobe (Efésios 2: 6) em seu lugar, de modo que eles são contados para ter feito todas essas coisas. Porque esta união é uma união legal - isto é, porque Cristo é a cabeça representativa de seu povo - não há nenhum elemento da vida terrena de Cristo, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão em que o crente não participa por conta de estar em ele. Assim, 1 Coríntios 15:22 diz: "Como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados". Ou seja, toda a humanidade foi considerada como unida a Adão como nosso representante, de modo que sua desobediência foi contada como Nossa desobediência e trouxe condenação sobre nós (Romanos 5:12, 18, 19).

Em resumo, então, podemos falar de pelo menos cinco características da união do crente com Cristo. Primeiro, é uma união orgânica. Isto é, Cristo e os crentes formam um corpo, do qual ele é a cabeça e eles são os membros. Assim, o que é verdadeiro da cabeça é verdadeiro do corpo. Segundo, é uma união legal, ajustando Cristo para ser a cabeça representativa de seu povo e ajustando-os para ser o beneficiário de sua obra substitutiva de salvação. Terceiro, é uma união vital, na qual toda a vida espiritual e vitalidade fluem da videira para os ramos, de modo que a vida de Cristo se torna o princípio dominante e animador da vida dos crentes (Gálatas 2:20). Quarto, Pode ser chamado de união espiritual, não só porque a vida espiritual é comunicada e fortalecida dentro do crente, mas também porque esta união tem sua fonte e é mediada pelo Espírito Santo (Rm 8: 9-10, 1Co 12: 13, João 14: 17-18). Finalmente, é uma união permanente que nunca pode ser cortada, pois nada pode nos separar do amor de Deus que está em - isto é, que é nosso em união com Jesus Cristo, nosso Senhor (Romanos 8: 38-39) .

CONCEPÇÕES ERRÔNEAS DA UNIÃO COM CRISTO

Algumas concepções de união com Cristo perderam a marca do quadro bíblico. Primeiro, a união com Cristo não é meramente falar do amor e simpatia que Jesus tem por si mesmo. Não é que os crentes estejam apenas em contato com Jesus em um nível moral como nosso professor ou amigo. Este foi o erro dos socinianos e dos primeiros arminianos. Tal concepção fica aquém da partilha da vida espiritual comum que é tão vividamente ilustrada pelas metáforas da videira e dos ramos e da cabeça e do corpo. Como mencionado acima, os cristãos não estão meramente associados a Cristo; Nossa vida está escondida nele, tal que ele mesmo é a nossa vida (Colossenses 3: 3-4, Gálatas 2:20).

Por outro lado, outros teólogos fazem o erro oposto supondo que a união com Cristo fala da união do crente com sua essência. Isso se tornou especialmente popular entre certos teólogos luteranos que acreditam que o homem é divinizado na justificação. No entanto, é impossível para qualquer ser humano se tornar um com Cristo em sua essência, pois isso iria remover todas as distinções entre o crente ea pessoa de Cristo. Nós não nos tornamos um com Cristo de tal maneira que ele não é mais ele mesmo nem nós mesmos, mais do que a união de marido e mulher faz com que deixem de ser duas pessoas. Tal destruiria a personalidade distinta do Filho e efetivamente deificaria o crente, ambos os quais são contrários à Escritura.

Outro erro é o sacramentalismo - que a união com Cristo é mediada pela participação no batismo ou na Ceia do Senhor, como ensina a Igreja Católica Romana. No entanto, isto é minar o próprio coração do evangelho, porque propõe que rituais físicos e tangíveis são necessários para que um crente possa se apossar de uma participação salvadora em Cristo. No entanto, as Escrituras reservam este papel apenas para a fé (Romanos 3:28, 4: 3-5, Ef 2: 8-9, Filipenses 3: 9). Na verdade, as ordenanças do batismo e da Comunhão pressupõem que a união com Cristo já existe, pois estas devem ser praticadas apenas por crentes. Como AH Strong escreveu: "Somente a fé recebe e retém Cristo; E a fé é o ato da alma agarrando o que é puramente invisível e supra-sensível: não o ato do corpo, submetendo-se ao Batismo ou participando da Ceia ".

IMPLICAÇÕES DA UNIÃO DO CRENTE COM CRISTO

O estudo anterior fornece uma série de implicações com respeito à união do crente com Cristo. Primeiro, uma vez que o Filho está unido ao Pai e ao Espírito, os crentes, por sua participação em Cristo, também são feitos um com Deus o Pai e Deus o Espírito Santo. Jesus assim reza pela unidade da Igreja para refletir a unidade que ele compartilha com o Pai: "... assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós" (João 17:21) . Assim, diz-se que estamos no Pai (1 Tessalonicenses 1: 1) e o Pai em nós (1 João 4:15). Da mesma forma, diz-se que os crentes estão no Espírito (Romanos 8: 9) e o Espírito em nós (2 Tim. 1:14). Em um mistério indizível, nós que antes estávamos separados, alienados e sem Deus no mundo, somos levados à vida divina do próprio Deus trino (2 Pedro 1: 4). Esta é uma grande causa para a adoração.

Segundo, aqueles que são um com Cristo são também um com todos os outros que é um com Cristo. Isso fala da unidade fundamental de todos os crentes em Cristo. Tornou-se popular falar de um "relacionamento pessoal" com Jesus, mas uma expressão mais precisa seria que os cristãos têm uma *relação* corporativa com Cristo, pois estamos unidos a todos os que estão unidos a ele. Nós somos os membros unificados de seu corpo (Romanos 12: 5, 1 Coríntios 12:26, Ef 5:23), as pedras vivas na casa espiritual construída sobre Cristo, a fundação (Efésios 2: 19-22; 1 Pet 2: 4-5). Sugerir que alguém pode se unir a Jesus, além de sua igreja, é rasgar a cabeça do corpo. Não há união com Cristo que não emanja com a sua igreja (1 Coríntios 1: 9, ver 1 João 1: 3). De fato, A unidade da Trindade é o fundamento da oração de Jesus pela unidade da igreja (João 17:21). Que motivação para diligentemente perseguir a unidade do Espírito no vínculo da paz entre todos os crentes (Efésios 4: 3)!

Finalmente, devemos entender o significado de que todo benefício espiritual recebido na salvação vem somente através de Cristo. Como John Owen escreveu, esta união "é a causa de todas as outras graças de que somos feitos participantes; Todos eles são comunicados a nós em virtude de nossa união com Cristo. Daí a nossa adoção, a nossa justificação, a nossa santificação, a nossa fecundidade, a nossa perseverança, a nossa ressurreição, a nossa glória ". É somente quando compartilhamos em Cristo que temos uma participação no que é dele. Nenhuma bênção espiritual em todo o mundo é

encontrada em lugar algum, exceto em Jesus. Portanto, se quisermos ter interesse nas bênçãos de Cristo, devemos ter interesse em sua pessoa. Os presentes são embrulhados apenas no Doador.

Justificação

Na seção anterior, examinamos como a união do crente com Cristo é a fonte da qual toda a bênção espiritual flui. O resultado imediato dessa união é o livre dom de justificação de Deus, pelo qual ele declara que os crentes são justos por causa da sua união com o Justo, o Senhor Jesus. A aplicação da redenção continua a se desenvolver. Na regeneração, Deus realiza aquela operação divina na alma do pecador, por meio da qual nela nasce uma nova vida espiritual. Na conversão, Deus concede os dons necessários de arrependimento e fé pelos quais estamos unidos a Cristo e nos apoderamos das bênçãos da salvação.Então, na justificação, Deus legalmente declara que não somos mais considerados culpados pela lei divina, mas somos perdoados e considerados justos aos olhos de Deus.

Na justificação, Deus fornece a resposta à pergunta teológica e religiosa mais básica da humanidade: como os pecadores podem estar em uma relação correta com o Deus santo do universo? Deus é perfeitamente justo (Mateus 5:48). Ele é luz, diz o apóstolo João, e nele não há escuridão alguma (1 João 1: 5). Ou seja, ele é inteiramente santo, livre de qualquer defeito moral ou impureza. Toda a humanidade, por outro lado, pecou contra Deus e, portanto, está aquém desse padrão sagrado (Romanos 3:23). Por nosso pecado, o homem tornou-se a própria escuridão que não tem comunhão com o Deus da luz. Todos quebrantaram a sua lei e assim incorreram no castigo pelos seus crimes: morte e condenação (Romanos 5:16; 6:23). Se os pecadores tiverem alguma boa notícia, as conseqüências criadas pela violação da lei e pela alienação de Deus devem ser superadas.

Em todas as épocas da história humana, a religião respondeu que podemos chegar ao céu por sermos pessoas boas. Os vários sistemas religiosos do mundo inventam listas de rituais e cerimônias que devem ser executadas para alcançar uma medida de justiça que poderia servir na sala de tribunal de Deus. No entanto, a resposta que o próprio Jesus dá a esta pergunta foi nada chocante para seus ouvintes: "Pois eu vos digo, a menos que a vossa justiça exceda a dos escribas e fariseus, nunca entrarão no reino dos céus" (Mateus 5). : 20). Nos dias de Jesus, os escribas e os fariseus eram o modelo da justiça cerimonial em Israel. Eram a elite religiosa; Todos na sociedade judaica esperariam que os escribas e fariseus tivessem alcançado a justiça que Deus requer. E ainda assim Jesus diz que se o homem é para entrar no céu, Ele precisa de uma justiça que ultrapassa até mesmo as pessoas religiosamente mais devotas. Na verdade, ele vai mais longe do que isso apenas alguns versículos mais tarde, quando ele diz: "Tu, pois, deves ser perfeito, assim como o teu Pai celeste é perfeito" (Mateus 5:48). Se o homem deve ser reconciliado com Deus, ele não precisa apenas ser uma pessoa boa; Ele precisa ser uma pessoa perfeita. Ele precisa de uma justiça perfeita, pois o próprio Deus é perfeito e requer perfeição.

Logo no início, é necessário entender que a salvação é uma questão de justiça. As pessoas são condenadas à morte espiritual eterna porque lhes falta a justiça que um Deus perfeitamente santo possui e requer para comunhão com ele. E a única maneira pela qual os pecadores estão sempre reconciliados com Deus é recebendo a justiça que pertence ao próprio Deus. É por isso que a declaração de tese do livro de Romanos - o tratamento mais completo sobre a justificação em todas as Escrituras - retoma este tema da justiça. O evangelho é "o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" precisamente porque "nela a justiça de Deus é revelada da fé pela fé" (Romanos 1: 16-17). O evangelho salva porque Deus dá sua própria justiça ao homem. O resto do Novo Testamento atesta essa verdade também. Paulo resume a essência do evangelho, lançando-a como "a justiça

de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem" (Romanos 3:22, 3: 20-26). O fracasso de Israel em alcançar a salvação decorreu de "ser ignorantes da justiça de Deus e procurar estabelecer a sua própria" (Romanos 10: 3). O próprio Cristo é descrito como "o fim da lei para a justiça para todo aquele que crê" (Romanos 10: 4). O propósito explícito pelo qual o Pai fez o Filho ser pecado na cruz é "para que em Cristo nos tornemos a justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). De fato, Jesus teve de morrer precisamente porque a lei só podia condenar; Ele nunca poderia fornecer a justiça que traz salvação e vida (Gálatas 2:21, 3: 21-24). Falando de sua própria conversão,

Assim, é claro que a doutrina da justificação flui do próprio coração do evangelho e da alma do próprio cristianismo. É, como disse Martinho Lutero, o artigo pelo qual a igreja está ou cai, pois trata da única maneira que o homem pecador pode ser declarado justo à vista de Deus. [131] resposta do homem é sempre para tentar ordenar sua vida por algum padrão moral ou ritual; Se ele faz isso com sucesso, ele pode contribuir algo para a sua salvação e, assim, alcançar uma justiça aceitável ao seu deus. No entanto, a Bíblia negou consistentemente que qualquer pessoa pode ser justificada pelas obras. Pelo contrário, a salvação é a justiça de Deus imputada ao crente pela graça somente pela fé somente em Cristo somente:

> Mas agora a justiça de Deus tem sido manifestada à parte da lei, embora a Lei e os Profetas dêem testemunho dela - a justiça de Deus *pela fé* em Jesus Cristo para todos os que crêem. Pois não há distinção: para todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, e são *justificados pela sua graça como um presente* , por meio da redenção que há em Cristo Jesus, que Deus apresentou como propiciação pelo seu sangue, *para Ser recebido pela fé* . Isto era para mostrar a justiça de Deus, porque em sua paciência divina ele tinha passado sobre os pecados anteriores. Era para mostrar a sua justiça no tempo presente, para que ele pudesse ser justo e *justificador daquele que tem fé em Jesus* . Então o que acontece com a nossa jactância? É excluído. Por que tipo de lei? Por uma lei de obras? Não, mas pela lei da fé. *Porque acreditamos que alguém é justificado pela fé, sem as obras da lei* . (Romanos 3: 21-28)

> Contudo, sabemos que uma pessoa não é justificada pelas obras da lei, mas *pela fé em Jesus Cristo* , assim também nós temos crido em Cristo Jesus, para sermos *justificados pela fé em Cristo* e não pelas obras da lei, porque pelas obras Da lei ninguém será justificado. (Gálatas 2:16)

> Pois, se tivesse sido dada uma lei que pudesse dar vida, então a justiça seria de fato pela lei. Mas a Escritura aprisionou tudo sob o pecado, para que a promessa *pela fé em Jesus Cristo* pudesse ser dada aos *que crêem* . Agora, antes que a fé viesse, ficávamos prisioneiros sob a lei, presos até que a fé futura fosse revelada. Assim, a lei foi o nosso guardião até que Cristo veio, a fim de que *pudéssemos* ser *justificados pela fé* . Mas agora que a fé chegou, não estamos mais sob a guarda, pois em Cristo Jesus todos vocês são filhos de Deus, *pela fé* . (Gálatas 3: 21-26)

A distinção não poderia ser mais clara. Nessas passagens, o apóstolo Paulo está contrastando o cristianismo bíblico com o judaísmo em particular, mas o que ele diz sobre o judaísmo pode ser aplicado a qualquer outro sistema religioso no mundo. Só houve duas religiões: a religião da realização humana, pela qual o homem trabalha para contribuir para a sua própria justiça, ea religião da realização divina, pelo qual Deus realiza a justiça pela vida santa e morte substitutiva do Filho de Deus e então Livremente dá essa justiça como um presente pela fé somente. A religião da realização humana abrange todos os outros sistemas religiosos na história da humanidade - desde a busca do nirvana no budismo, até os cinco pilares do Islã, até os sacramentos e os actos de penitência do catolicismo romano. O cristianismo bíblico é a religião solitária da realização

divina. Porque os cristãos são justificados somente pela fé, sua posição diante de Deus não está de modo algum relacionada ao mérito pessoal. As boas obras e a santidade prática não são as bases para a aceitação com Deus. Deus recebe como justos aqueles que crêem, não por causa de qualquer coisa boa que vê neles - nem mesmo por causa de sua própria obra santificadora em suas vidas -, mas unicamente com base na justiça de Cristo, que é graciosamente contada a sua conta apenas pela fé . Como Paulo diz: "Para aquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é contada como justiça" (Romanos 4: 5). As boas obras e a santidade prática não são as bases para a aceitação com Deus. Deus recebe como justos aqueles que crêem, não por causa de qualquer coisa boa que vê neles - nem mesmo por causa de sua própria obra santificadora em suas vidas -, mas unicamente com base na justiça de Cristo, que é graciosamente contada a sua conta apenas pela fé . Como Paulo diz: "Para aquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é contada como justiça" (Romanos 4: 5). As boas obras e a santidade prática não são as bases para a aceitação com Deus. Deus recebe como justos os que crêem, não por causa de qualquer coisa boa que vê neles - nem mesmo por causa de sua própria obra santificadora em suas vidas -, mas unicamente com base na justiça de Cristo, que é graciosamente contada a sua conta por meio da fé somente . Como Paulo diz: "Para aquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é contada como justiça" (Romanos 4: 5).

Portanto, podemos definir a justificação como aquele ato instantâneo de Deus, pelo qual, como um dom de sua graça, imputa a um pecador crente a plena e perfeita justiça de Cristo por meio da fé somente e legalmente declara-o perfeitamente justo aos seus olhos, perdoando o pecador De toda a injustiça e assim livrá-lo de toda condenação. Desembalaremos os elementos dessa definição ao longo do resto desta seção.

A NATUREZA DA JUSTIFICAÇÃO: UMA DECLARAÇÃO JURÍDICA

Antes de examinar qualquer aspecto particular da justificação, devemos ser claros sobre o que a Bíblia ensina sobre a natureza da própria justificação. A justificação é uma declaração legal, ou forense, de justiça, e não uma transmissão ou infusão verdadeira de justiça. Ele descreve o que Deus *declara* sobre o crente, não o que ele *faz para mudar* o crente. De fato, a própria justificação não causa nenhuma mudança real na natureza ou no caráter do pecador. É uma mudança instantânea do status de alguém diante de Deus, não uma transformação gradual que ocorre dentro daquele que é justificado. [135]

Declarações legais como essa são bastante comuns na vida cotidiana. Quando um ministro declara: "Pelo poder investido em mim, eu agora declaro você marido e mulher", há uma mudança instantânea no status legal do casal em pé diante dele. Segundos antes, a lei os considerava dois indivíduos distintos. No entanto, com base nesse pronunciamento, seu status legal diante de Deus e na sociedade muda completamente. E embora essa declaração tenha implicações profundas e que transformem a vida, nada sobre o caráter ou a natureza do casal muda como resultado das palavras do ministro. É apenas uma declaração legal. Tomando outro exemplo, quando um chefe de júri anuncia ao tribunal que um réu não é culpado, o status legal do réu muda instantaneamente. Segundos antes, a lei o considerava "o acusado", inocente até prova em contrário. Mas, como resultado do veredicto do chefe, ele não é culpado aos olhos da lei. *No entanto, o veredicto do júri não torna* o homem inocente; Suas próprias ações são a base de sua culpa ou inocência. Nem declara sua vida livre de todo e qualquer mal. O anúncio do capataz simplesmente declara o status do réu diante da lei. De modo semelhante, a justificação mencionada nas Escrituras é o veredicto divino de Deus de "não culpado - totalmente justo" pronunciado sobre o pecador. No caso de justificação,

não é que o acusado é inocente, mas que outro pagou integralmente a pena por seus crimes. Nem declara sua vida livre de todo e qualquer mal. O anúncio do capataz simplesmente declara o status do réu diante da lei. De modo semelhante, a justificação mencionada nas Escrituras é o veredicto divino de Deus de "não culpado - totalmente justo" pronunciado sobre o pecador. No caso de justificação, não é que o acusado é inocente, mas que outro pagou integralmente a pena por seus crimes. Nem declara sua vida livre de todo e qualquer mal. O anúncio do capataz simplesmente declara o status do réu diante da lei. De modo semelhante, a justificação mencionada nas Escrituras é o veredicto divino de Deus de "não culpado - totalmente justo" pronunciado sobre o pecador. No caso de justificação, não é que o acusado é inocente, mas que outro pagou integralmente a pena por seus crimes.

O desacordo sobre a natureza da justificação foi um dos principais debates da Reforma Protestante, e ainda divide o cristianismo bíblico e o catolicismo romano até hoje. A teologia católica romana ensina que a justificação não é meramente forense, mas transformadora. Em outras palavras, de acordo com o ensino católico romano, " justificar" não significa " *declarar* justos", mas " *fazer* justos". Agora, é verdade que a graça salvadora de Deus é transformadora; Aqueles que são declarados justos na conversão serão progressivamente feitos justos ao longo de sua vida cristã. No entanto, essa transformação progressiva define a realidade não da justificação bíblica, mas da santificação. Ao não distinguir essas duas aplicações intimamente relacionadas, mas ainda assim distintas, da redenção, o catolicismo romano colapsa a santificação em justificação. A conseqüência inevitável é que a justiça imperfeita do crente substitui a perfeita justiça de Cristo como o único fundamento da justificação. O resultado é "uma justiça minha que vem da lei", que, como diz Paulo em Filipenses 3: 9, não é a justiça salvadora de Deus. Devido a isso, deixar de compreender a natureza da justificação como uma declaração legal e, ao invés disso, descaracterizá-la como um processo transformador destrói o próprio fundamento do evangelho. A conseqüência inevitável é que a justiça imperfeita do crente substitui a perfeita justiça de Cristo como o único fundamento da justificação. O resultado é "uma justiça minha que vem da lei", que, como diz Paulo em Filipenses 3: 9, não é a justiça salvadora de Deus. Devido a isso, deixar de compreender a natureza da justificação como uma declaração legal e, ao invés disso, descaracterizá-la como um processo transformador destrói o próprio fundamento do evangelho. A conseqüência inevitável é que a justiça imperfeita do crente substitui a perfeita justiça de Cristo como o único fundamento da justificação. O resultado é "uma justiça minha que vem da lei", que, como diz Paulo em Filipenses 3: 9, não é a justiça salvadora de Deus. Devido a isso, deixar de compreender a natureza da justificação como uma declaração legal e, ao invés disso, descaracterizá-la como um processo transformador destrói o próprio fundamento do evangelho.

A própria Escritura atesta essa verdade, pois os escritores bíblicos usam frequentemente os termos para justificação e justiça de uma maneira que deve ser declarativa em vez de transformadora. No Antigo Testamento, o grupo de palavras *tsadeq* é *freqüentemente* usado em *contextos judiciais* . Deuteronômio 25: 1 é um exemplo claro: "Se há uma disputa entre os homens e eles vão ao tribunal, e os juízes decidem o seu caso, e eles justificam os justos e condenam os ímpios ..." (NASB, ver também Ex 23: 7, 1 Reis 8: 31-32, Jó 9:15, Isaías 43: 9, 26, Jeremias 12: 1). Como discutido acima, os juízes não *tornam* as pessoas justas ou perversas. Eles não executam nenhum ato transformador que infunde justiça ou maldade na natureza ou caráter de uma pessoa. Em vez disso, um juiz simplesmente declara que um réu é justo ou culpado. De fato, DEUS PRONUNCIA AI DAQUELES "QUE JUSTIFICAM OS ÍMPIOS POR UM SUBORNO" (ISAÍAS 5:23), POIS "AQUELE QUE JUSTIFICA O ÍMPIO E AQUELE

QUE CONDENA OS JUSTOS SÃO AMBOS IGUALMENTE ABOMINÁVEIS AO SENHOR " (Provérbios 17: 15). Se a justificação fosse transformadora, como se poderia dizer que tornar uma pessoa má uma justiça é uma abominação? Transformar o caráter de uma pessoa perversa e infundi-lo com justiça seria um ato justo! Assim, uma compreensão transformadora da justificação viola o sentido desses textos. Justificar o ímpio não é torná-lo justo, mas declará-lo justo quando não o é. Se a justificação fosse transformadora, como se poderia dizer que tornar uma pessoa má uma justiça é uma abominação? Transformar o caráter de uma pessoa perversa e infundi-lo com justiça seria um ato justo! Assim, uma compreensão transformadora da justificação viola o sentido desses textos. Justificar o ímpio não é torná-lo justo, mas declará-lo justo quando não o é. Se a justificação fosse transformadora, como se poderia dizer que tornar uma pessoa má uma justiça é uma abominação? Transformar o caráter de uma pessoa perversa e infundi-lo com justiça seria um ato justo! Assim, uma compreensão transformadora da justificação viola o sentido desses textos. Justificar o ímpio não é torná-lo justo, mas declará-lo justo quando não o é.

O Novo Testamento apresenta mais evidências que apóiam a natureza declarativa da justificação. Primeiro, a justificação é mostrada como declarativa e não transformadora nos casos em que Deus é o que se diz ser justificado. Em Lucas 7:29, lemos: "Quando todo o povo ouviu isso, e os publicanos também declararam que Deus era justo" (Gk. *Edikaiōsan ton theon* , KJV: "Deus justificado"). Se o sentido da justificação fosse transformador, isso seria nada menos que blasfêmia, pois a noção de que o povo e os cobradores de impostos poderiam ter feito uma transformação moral positiva em Deus é um absurdo. O ESV corretamente traz o sentido na tradução, "declarou ... apenas." Ou seja, a justiça de Deus foi vindicada e demonstrada (Rm 3:26). Segundo, A justificação é muitas vezes claramente contrastada com a condenação, e condenação, obviamente, fala de uma declaração legal. Em Romanos 8: 33-34, lemos: "Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. Quem deve condenar? "(Ver também Romanos 5:18, 2 Coríntios 3: 9, Jó 9:20, Salmo 94:21, Provérbios 17:15). O ato justificador de Deus é claramente contrastado com a acusação e condenação. Mas condenar alguém não significa fazer alguém mau; Significa fazer um veredicto e declarar que ele é mau. Para que o paralelo entre justificação e condenação seja válido, devemos também entender que justificação não significa fazer justos, mas declarar justos. Quem deve condenar? "(Ver também Romanos 5:18, 2 Coríntios 3: 9, Jó 9:20, Salmo 94:21, Provérbios 17:15). O ato justificador de Deus é claramente contrastado com a acusação e condenação. Mas condenar alguém não significa fazer alguém mau; Significa fazer um veredicto e declarar que ele é mau. Para que o paralelo entre justificação e condenação seja válido, devemos também entender que justificação não significa fazer justos, mas declarar justos. Quem deve condenar? "(Ver também Romanos 5:18, 2 Coríntios 3: 9, Jó 9:20, Salmo 94:21, Provérbios 17:15). O ato justificador de Deus é claramente contrastado com a acusação e condenação. Mas condenar alguém não significa fazer alguém mau; Significa fazer um veredicto e declarar que ele é mau. Para que o paralelo entre justificação e condenação seja válido, devemos também entender que justificação não significa fazer justos, mas declarar justos.

Portanto, quando nos voltamos para textos que falam de Deus justificando o crente em um sentido salvífico (por exemplo, Romanos 3: 20-28, 4: 4-5, 5: 1, Gálatas 2:16, 3:11, 21 26, 5: 4), devemos entendê-los referindo-se à declaração instantânea de Deus de que o pecador está em pé direito diante dele. Essas passagens ensinam que Deus declara que o crente é justo como um dom de sua graça, que o crente recebe por fé apenas, sem obras.

Mas como tal declaração de Deus é justa? Provérbios 17:15 diz: "Aquele que justifica o ímpio ... é abominação ao SENHOR ". Toda a humanidade é perversa. Nós somos violadores da lei, merecendo a condenação de Deus, "porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Romanos 3:23), e "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). De fato, Romanos 4: 5 diz explicitamente que Deus justifica o *ímpio* . Como pode Deus declarar que são justos aqueles que são realmente culpados, e não, como diz Provérbios 17:15, participar de algo abominável? Como Deus pode ser "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26)? A resposta a essa pergunta é a doutrina da imputação. O ato declarativo de justificação de Deus é baseado em seu ato constitutivo de imputação. [138] Trata-se de um ato duplo;

O Perdão dos Pecados: A Imputação de Nosso Pecado a Cristo . Primeiro, Deus imputa o nosso pecado a Cristo: "Por nós [o Pai] o fez [Cristo] ser pecado que não conheceu pecado" (2 Co 5:21). Agora, em que sentido o Pai "fez" o Filho "pecado" em nosso favor? Em apenas um sentido: o Pai contou Jesus ter cometido todos os pecados de todos aqueles que se arrependessem e acreditassem nele. Ele realmente não fez de Jesus um pecador; Seria blasfemo sugerir que o Deus-homem foi realmente feito um pecador, porque Deus não pode pecar. Em vez disso, uma vez que a justificação é uma declaração legal (como estabelecido na seção anterior), o Pai julgou judicialmente que Cristo cometeu os pecados daqueles para quem ele estava dando a si mesmo como um substituto. ASSIM COMO O BODE EXPIATÓRIO LEVOU A CULPA DE ISRAEL QUANDO AARÃO CONFESSOU OS PECADOS DO POVO SOBRE SUA CABEÇA (LEVÍTICO 16:21), ASSIM "O SENHOR colocou sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Isaías 53: 6), de modo que Cristo realmente "levou nossos pecados em seu corpo sobre a árvore" (1 Pe 2:24, Isaías 53: 4-6). E assim como o sangue do bode da oferta pelo pecado era aspergido sobre o propiciatório (gr. *Hilasterion* [Septuaginta]) para propiciar a ira (Lev. 16:15) de Deus, assim também era Cristo “apresentadas como propiciação [Gk . *Hilastērion*] pelo seu sangue "(Rm 3:25). Embora inúmeros pecadores escapem ao castigo divino, nenhum pecado jamais ficará impune, pois cada pecado dos eleitos foi contado a Cristo e punido nele na cruz. Deste modo, a justiça divina é satisfeita. **O pecado não foi simplesmente demitido ou varrido debaixo do tapete; Foi justamente punido em um substituto. Este é o evangelho pelo qual Deus demonstra sua justiça, "para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26).**

Portanto, porque os pecados do crente foram imputados e punidos em Cristo, eles não são contados contra ele. Como Paulo cita as palavras de Davi do Salmo 32, "Bem-aventurados aqueles cujos atos ilícitos são perdoados e cujos pecados são cobertos; Bem-aventurado o homem contra quem o Senhor não conta [Gk. *Logizomai*] seu pecado "(Romanos 4: 7-8). Por terem sido contados ou imputados a Cristo, os pecados do crente não são imputados (ou contados) a ele. Eles são perdoados e cobertos. Portanto, o crente justificado não enfrenta condenação (Romanos 8: 1, 33-34), mas goza de paz com Deus (Romanos 5: 1) e a esperança segura da vida eterna (Rm 8:30, Tito 3: 7) .

Prestação de justiça: a imputação da justiça de Cristo a nós . Mas o perdão dos pecados não esgota a obra de Deus em justificação. De fato, se o único benefício que os crentes receberam na justificação era o perdão de nossos pecados, não poderíamos ser salvos. A velha definição da escola dominical de justificação - "como se eu nunca tivesse pecado" - é inadequada, porque a salvação não é meramente uma questão de pureza ou inocência, mas também é uma questão de justiça (Mt 5:20, 48). A lei de Deus, que o homem quebrou, incorrendo assim com a pena de morte (Romanos 6:23), traz tanto demandas positivas como sanções penais. Ou seja, a lei de Deus exige tanto (1) que suas criaturas realizar certos deveres adequados à sua retidão e (2) que sofrem uma certa

punição, se não cumprirem esses deveres. **O homem não conseguiu fazer as duas coisas. Não vivemos vidas de perfeita justiça, andando em obediência a Deus em todas as coisas, amando-o com todo o nosso coração, alma, mente e força, e amando nossos vizinhos como a nós mesmos. Nem poderíamos pagar a penalidade que nossa desobediência exige sem perecer eternamente no inferno. Portanto, se quisermos ser salvos, nosso substituto não deve apenas pagar nossa pena, absorvendo a ira de Deus contra o nosso pecado, mas também deve obedecer a todas as exigências positivas da lei que foram exigidas de nós.** *Esta dupla natureza do trabalho de substituição de Cristo é às vezes referida como sua obediência passiva* e *obediência ativa* . John Murray explica: **E força, e amar nossos vizinhos como nós mesmos. Nem poderíamos pagar a penalidade que nossa desobediência exige sem perecer eternamente no inferno. Portanto, se quisermos ser salvos, nosso substituto não deve apenas pagar nossa pena, absorvendo a ira de Deus contra o nosso pecado, mas também deve obedecer a todas as exigências positivas da lei que foram exigidas de nós.** *Esta dupla natureza do trabalho de substituição de Cristo é às vezes referida como sua obediência passiva* e *obediência ativa* . John Murray explica: **E força, e amar nossos vizinhos como nós mesmos. Nem poderíamos pagar a penalidade que nossa desobediência exige sem perecer eternamente no inferno. Portanto, se quisermos ser salvos, nosso substituto não deve apenas pagar nossa pena, absorvendo a ira de Deus contra o nosso pecado, mas também deve obedecer a todas as exigências positivas da lei que foram exigidas de nós.** *Esta dupla natureza do trabalho de substituição de Cristo é às vezes referida como sua obediência passiva* e *obediência ativa* . John Murray explica: **Nosso substituto deve não só pagar nossa pena, absorvendo a ira de Deus contra o nosso pecado, mas também deve obedecer a todas as exigências positivas da lei que foram exigidos de nós.** *Esta dupla natureza do trabalho de substituição de Cristo é às vezes referida como sua obediência passiva* e *obediência ativa* . John Murray, explica: **Nosso substituto deve não só pagar nossa pena, absorvendo a ira de Deus contra o nosso pecado, mas também deve obedecer a todas as exigências positivas da lei que foram exigidos de nós.** *Esta dupla natureza do trabalho de substituição de Cristo é às vezes referida como sua obediência passiva* e *obediência ativa* . John Murray explica:

> A lei de Deus tem sanções penais e demandas positivas. Exige não só a plena libertação dos seus preceitos, mas também a imposição de pena para todas as infracções e deficiências. É esta dupla exigência da lei de Deus que é levada em conta quando falamos da obediência ativa e passiva de Cristo. Cristo como o vigário de seu povo veio sob a maldição e condenação devido ao pecado e ele também cumpriu a lei de Deus em todas as suas necessidades positivas. Em outras palavras, ele cuidou da culpa do pecado e cumpriu perfeitamente as exigências da justiça. Ele cumpriu perfeitamente tanto as exigências penais como as preceptivas da lei de Deus. A obediência passiva refere-se à primeira e a obediência ativa à segunda.

Sem a provisão positiva de justiça, o mero perdão nos deixaria em estado de inocência ou neutralidade moral, como Adão era antes da queda - considerado como nunca tendo pecado, mas como nunca ter obedecido.

Por esta razão, a Escritura fala do pecador justificado sendo considerado justo, além de ser perdoado. O povo de Deus testemunha isso em Isaías 61:10: "Regozijar-me-ei muito no SENHOR ; A minha alma se alegrará no meu Deus, porque me revestiu das vestes da salvação; Ele me cobriu com o manto de justiça, como um noivo se põe como um sacerdote com um bonito cocar, e como uma noiva se adorna com suas jóias ". De fato, a salvação é descrita em termos de justiça imputada tão cedo quanto os negócios de Deus Com Abraão. Gênesis 15: 6 diz que Abraão "creu no SENHOR , e ele o contou como a justiça" (Gk. *Elogisthē autō eis dikaiosynēn* [Septuaginta]). O apóstolo Paulo cita

este versículo em Romanos 4: 3 para fundamentar seu argumento para justificação com base em uma justiça imputada. Ele então comenta: "Agora, para aquele que trabalha, seu salário não é contado como um presente, mas como seu devido. *E para aquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é contada como justiça "(Gk. Logizetai ... eis dikaiosynēn* , Romanos 4: 4-5).

No próximo capítulo, Paulo identifica a justiça que é imputada aos crentes como sendo a própria justiça de Cristo. Em Romanos 5: 12-19, Paulo compara e contrasta as duas cabeças representativas da humanidade: (1) Adão e (2) Cristo, o último Adão (1 Coríntios 15:45). Seu argumento culmina nos versículos 18-19:

> Portanto, como por meio da transgressão de um homem [Adão] resultou condenação a todos os homens, assim também através da justiça de um homem [Cristo] resultou a justificação da vida para todos os homens. Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos [141] pecadores, assim pela obediência de um só homem muitos serão constituídos justos. (Trans do autor)

O principal argumento de Paulo é o seguinte: Adão desobedeceu a Deus, e sua desobediência foi contada para condenação a todos os que estavam nele. Da mesma forma, Cristo obedeceu a Deus, e sua obediência foi contada como justiça para todos os que nele estão. Tão longe de uma "ficção legal", tanto a imputação do pecado como a imputação da justiça têm uma base nas ações reais, vivenciadas de Adão e Cristo.

Com respeito à justificação, então, Deus não só satisfaz as exigências penais da lei imputando nosso pecado a Cristo e punindo-o em nosso lugar, mas também satisfaz as exigências positivas da lei, imputando a justiça de Cristo para nós. Paulo descreve este grande intercâmbio em 2 Coríntios 5:21: "Por amor de nós Ele o fez pecado, que não conheceu pecado, para que nele pudéssemos ser a justiça de Deus." Na justificação, a perfeita justiça que Deus requer (Mateus 5:20, 48) não é trabalhado em nós em um sentido de transformação, mas é creditado a nós através da nossa união com Cristo, o Justo, que cumpriu toda a justiça em nosso favor (Mateus 3:15, Gálatas 3 : 27). Assim Paulo diz: "Pois o fim da lei é Cristo para a justiça de todo aquele que crê" (Rm 10: 4, trans do autor). Quando somos "encontrados nele, "Não temos uma justiça de nossa própria derivada através de manutenção de mandamento; Em vez disso, prendemos a justiça de Deus que vem pela fé em Cristo (Filipenses 3: 9). *Por Deus, estamos unidos a Cristo, "que nos foi feito sabedoria de Deus, justiça* , santificação e redenção" (1 Coríntios 1:30).

Em resumo, em Cristo temos um substituto que tanto pagou o nosso castigo *e* alcançou a nossa justiça. Cristo providenciou o perdão expiando nossos pecados na cruz. Assim como nossos pecados foram contados para sua conta quando ele morreu na cruz, da mesma maneira sua justiça é contada como a nossa. Sua perfeita justiça é, portanto, o fundamento em que estamos diante de Deus. Os pecadores não são justificados por causa de alguma coisa boa neles; Deus pode nos declarar justos - ele pode justificar os ímpios e ainda assim permanecer justos - porque ele graciosamente nos imputa a perfeita justiça de seu próprio Filho querido. Assim, o único fundamento da justificação é a justiça de Cristo, considerada como nosso dom apenas pela graça (Rm 3:24, Ef 2: 8-9, Tito 3: 7).

OS MEIOS DE JUSTIFICAÇÃO: FÉ SÓ

A realização de Cristo da redenção - tanto em pagar pelo pecado como em prover justiça - ocorreu há dois mil anos, sem qualquer influência humana. Seu trabalho era objetivo, externo a você e a mim. Portanto, a questão que deve ser respondida é: como a obra objetiva de Cristo pode ser aplicada a mim pessoalmente? Por que meios meus pecados podem ser imputados a Cristo e sua justiça ser imputada a mim? A resposta que as

Escrituras dão consistentemente é que somos justificados pela fé somente, à parte das obras. A fé nos une a Cristo em sua morte e ressurreição, de modo que sua punição conta para o nosso castigo e sua justiça conta para a nossa justiça.

A exposição mais clara da doutrina da *sola fide* , "fé só", vem nas cartas de Paulo, especialmente o livro de Romanos. Quando Paulo introduz as boas novas da salvação em Romanos 3, ele lança o evangelho como a manifestação da "justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem" (3:22). Ele continua dizendo que o dom da justificação é "ser recebido pela fé" (3:25) e que Deus é "o justificador daquele que tem fé em Jesus" (3:26). Ele resume sua argumentação com total franqueza: "Porque acreditamos que alguém é justificado pela fé, sem as obras da lei" (3:28). Depois de ilustrar a verdade da *sola fide* através do exemplo de Abraão em Romanos 4 (discutido abaixo), ele oferece outro resumo do evangelho em Romanos 5: 1: "Portanto, já que fomos justificados pela fé,

Paulo também discute esse tema em sua carta aos Gálatas, onde diz: "A pessoa não é justificada pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, assim também nós temos crido em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé Em Cristo e não pelas obras da lei, porque por obras da lei ninguém será justificado "(Gálatas 2:16). Assim, é claro que alguém acredita para ser justificado. No próximo capítulo, Paulo nega que a justiça venha através da guarda da lei:

> Mas a Escritura aprisionou tudo sob o pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo pudesse ser dada aos que crêem.
>
> ... Então, a lei foi o nosso guardião até que Cristo veio, a fim de que pudéssemos ser justificados pela fé ... [F] ou em Cristo Jesus todos vocês são filhos de Deus, pela fé. (Gálatas 3:22, 24, 26)

Embora Jesus nunca explicou formalmente a doutrina da justificação (como Paulo faz em Romanos), a doutrina da *sola fide* subjaz e permeia toda a sua pregação do evangelho. Por exemplo, em João 5:24, Jesus declarou: "Quem ouve a minha palavra ... passou da morte para a vida". Sem sofrer qualquer sacramento ou ritual e sem qualquer período de espera ou purgatório, o crente passa da morte para a vida. O ladrão na cruz é o exemplo clássico. Na mais escassa evidência de sua fé, Jesus lhe disse: "Em verdade vos digo que hoje estarão comigo no Paraíso" (Lucas 23:43). Nenhum sacramento ou trabalho era necessário para que ele procurasse a salvação. Além disso, as muitas curas que Jesus realizou foram evidência física de seu poder de perdoar pecados (Mt 9: 5-6). Quando ele curou, ele freqüentemente disse: "A vossa fé vos curou" (Mateus 9:22, Marcos 5:34, 10:52, Lucas 8:48, 17:19, 18:42). Todas aquelas curas eram lições objetivas sobre a doutrina da justificação somente pela fé.

Mas a única ocasião em que Jesus realmente declarou alguém "justificado" fornece a melhor visão da maneira como ele ensinou a doutrina:

> Ele também disse esta parábola a alguns que confiaram em si mesmos que eram justos, e trataram os outros com desprezo: "Dois homens subiram ao templo para orar, um fariseu eo outro um cobrador de impostos. O fariseu, parado por si mesmo, orou assim: "Deus, eu te agradeço por não ser como os outros homens, extorsionadores, injustos, adúlteros, ou mesmo como este cobrador de impostos. Eu jejuo duas vezes por semana; Dou o dízimo de tudo o que tenho. Mas o cobrador de impostos, estando longe, nem sequer ergueu os olhos para o céu, mas bateu no peito, dizendo: 'Deus, tem misericórdia de mim, pecador!' Digo-vos que este homem desceu à sua casa *justificado* , e não o outro. Pois todo aquele que se exalta será humilhado, mas aquele que se humilha será exaltado "(Lucas 18: 9-14).

Os ouvintes de Jesus "confiaram em si mesmos que eram justos" (Lucas 18: 9) - a própria definição de auto-justiça - e por isso não era nada menos do que chocante para ele colocar um coletor de impostos detestável em uma posição espiritual melhor do que uma oração Fariseu. Sem mergulhar na teologia abstrata, Jesus claramente pintava o quadro: um pecador é declarado justo pela fé somente.

Observe primeiro que a justificativa deste coletor de impostos era uma realidade instantânea. Não houve processo, nem lapso de tempo, nem medo do purgatório. Além disso, ele "desceu à sua casa justificado" (Lucas 18:14), não por causa de qualquer coisa que ele tivesse feito, mas por causa do que tinha sido feito em seu favor. Observe também que o cobrador de impostos compreendeu sua própria impotência. Ele devia uma dívida impossível que ele sabia que não podia pagar. Tudo o que ele podia fazer era arrepender-se e implorar por misericórdia. Ele sabia que mesmo suas melhores obras eram pecado, e por isso não se ofereceu para fazer nada por Deus. Ele simplesmente implorava a misericórdia divina. Ele estava procurando por Deus para fazer por ele o que ele não podia fazer por si mesmo. Essa é a própria natureza da penitência que Jesus pediu. Finalmente, note que este homem foi embora justificado sem realizar qualquer obra de penitência, sacramentos ou rituais. Sua justificação estava completa sem qualquer obra, porque foi concedida somente por meio da fé. Tudo o que era necessário para expiar seu pecado e proporcionar perdão já havia sido feito em seu favor, e ele olhou para fora dele para recebê-lo como um dom. Enquanto o fariseu trabalhador permanecia injustificado, o cobrador de impostos crente recebeu plena justificação somente pela fé.

Talvez a afirmação mais clara da justificação pela fé só vem em Romanos 4, como Paulo se volta para o trato de Deus com Abraão para ilustrar que seu evangelho tem raízes antigas. No versículo 3, ele cita Gênesis 15: 6: "Porque o que diz a Escritura? 'Abraão creu em Deus, e isto lhe foi contado como justiça'. "Deus imputou justiça a Abraão por meio da fé de Abraão. Suas obras não tinham absolutamente nada a ver com isso, pois Paulo continua dizendo: "Ora, ao que trabalha, o seu salário não é contado como um dom, mas como o seu devido. E para aquele que *não trabalha*, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é contada como justiça "(Rm 4: 4-5). Aqui Paulo nega explicitamente o ensinamento de que as obras constituem qualquer parte do fundamento da justificação. Se tivéssemos que realizar qualquer bom trabalho para nossa salvação - seja batismo, membros da igreja, leitura da Bíblia, oração ou mesmo fé - a justiça que resultaria nunca poderia ser devidamente chamada de presente. O trabalhador ganha salários. Mas o destinatário da salvação é "justificado pela graça [de Deus] como um dom" (Romanos 3:24), e um dom só pode ser separado de qualquer obra. A gloriosa consequência desta preciosa doutrina é que a salvação é totalmente livre. Com a mão vazia, o pecador se apóia na justiça de Cristo somente pela fé. A gloriosa consequência desta preciosa doutrina é que a salvação é totalmente livre. Com a mão vazia, o pecador se apóia na justiça de Cristo somente pela fé. A gloriosa consequência desta preciosa doutrina é que a salvação é totalmente livre. Com a mão vazia, o pecador se apóia na justiça de Cristo somente pela fé.

É importante afirmar que a fé em Cristo não é o *terreno* da justiça do crente, mas apenas os *meios* , ou instrumento, pelo qual recebemos a justiça. Esta é uma distinção importante, porque muitas pessoas supõem equivocadamente que a fé é a base de nossa justiça. Sua esperança para o céu repousa no fato de que eles tinham o bom senso de crer no evangelho. Mas tal entendimento mina a verdade de que somos salvos somente pela graça. A justiça não pode se basear na minha fé sem que a justiça se torne "justiça minha" (Fil. 3: 9). Se salvar a justiça se baseia no pecador fazer alguma coisa - mesmo crendo - já não é uma justiça alienada dada como um dom e, portanto, não pode ser a justiça de Deus requerida para a salvação. Nesse caso, A fé seria transformada em obra, e "a graça

não seria mais graça" (Romanos 11: 6). Se contribuímos para a base da nossa justiça de qualquer maneira, então não há boas notícias, e estamos todos condenados em nossos pecados. A santidade de Deus é tão magnificamente perfeita - seu padrão tão alto ea nossa depravação tão penetrante - que toda a nossa justiça deve ser um dom gratuito de sua graça soberana, porque nunca poderíamos ganhá-la. Assim, Deus declara que os pecadores são justos não porque sua fé lhes tenha merecido justiça, mas porque Cristo ganhou a justiça e porque Deus deu aos pecadores esse dom por meio da fé. A santidade de Deus é tão magnificamente perfeita - seu padrão tão alto ea nossa depravação tão penetrante - que toda a nossa justiça deve ser um dom gratuito de sua graça soberana, porque nunca poderíamos ganhá-la. Assim, Deus declara que os pecadores são justos não porque sua fé lhes tenha merecido justiça, mas porque Cristo ganhou a justiça e porque Deus deu aos pecadores esse dom por meio da fé. A santidade de Deus é tão magnificamente perfeita - seu padrão tão alto ea nossa depravação tão penetrante - que toda a nossa justiça deve ser um dom gratuito de sua graça soberana, porque nunca poderíamos ganhá-la. Assim, Deus declara que os pecadores são justos não porque sua fé lhes tenha merecido justiça, mas porque Cristo ganhou a justiça e porque Deus deu aos pecadores esse dom por meio da fé.

O que é a fé que o torna tão adequado para ser o instrumento através do qual recebemos justificação? Paulo nos dá uma resposta em Romanos 4:16, onde faz um comentário que expõe a "lógica interna" da salvação. Ele diz: "Por esta razão, [a salvação] é pela fé, para que esteja de acordo com a graça" (NASB). Em outras palavras, há algo inerente à natureza da fé que corresponde unicamente ao dom gratuito da graça soberana de Deus. Mais tarde em Romanos, Paulo diz que se as obras têm alguma parte da salvação, "a graça não seria mais graça" (Romanos 11: 6). Em vez de ser o fundamento de nossa justiça, a fé é "algo que olha para o lado do eu e recebe os dons livres do Céu como sendo o que eles são - puro favor imerecido ... A fé justifica, não em uma forma de mérito, Não por causa de algo em si mesmo, ... mas unindo-nos a Cristo ". Tão longe de ser a moeda por meio da qual compramos a salvação de Deus, a fé é unicamente adequada à graça, porque não é nada mais do que o braço estendido e a mão vazia que diz:" Não tenho nada! Estou falido de qualquer recurso ou habilidade espiritual! Senhor, eu recebo o dom da salvação em Cristo. "

O RESULTADO DA JUSTIFICAÇÃO: BOAS OBRAS

Talvez a objeção mais comum à doutrina da *sola fide* seja a acusação de que o apóstolo Tiago a contradiz explicitamente. Tiago 2:24 diz: "Vedes que a pessoa é justificada pelas obras e não somente pela fé". Como pode o comentário de Tiago ser reconciliado com a doutrina da justificação somente pela fé? A resposta é que Tiago usa a palavra "justificado" (Gk. *Dikaioō*) em um sentido diferente do que Paulo usa nos textos acima. Em particular, Tiago fala de justificação no sentido de "vindicação" ou "demonstração de justiça".

As Escrituras freqüentemente usam a palavra "justificação" neste sentido. Por exemplo, quando um advogado se propôs a testar Jesus, pedindo-lhe o que ele deve fazer para ganhar a vida eterna, Jesus instruiu-o a amar o próximo como a si mesmo. Lucas nos diz que, em resposta, o advogado "desejava justificar-se, e disse a Jesus:" E quem é meu próximo? " "(Lucas 10:29). Ao dizer isto, o advogado não estava buscando um pronunciamento legal de sua justiça; Ele estava tentando demonstrar aos outros que ele já era justo. Em outras palavras, ele estava buscando vindicar sua própria justiça. Da mesma forma, lemos numa confissão da igreja primitiva que Cristo "foi manifestado na carne" e "vindicado [Gk. *Edikaiōthē*] pelo Espírito "(1 Tim. 3:16). Certamente, o Senhor Jesus não precisava de justificação forense, De ser legalmente declarado justo. Em vez

disso, esta passagem fala da vindicação do Espírito de Cristo pelos muitos milagres que ele realizou (Atos 2:22), bem como a vindicação final da ressurreição (Romanos 1: 4). Da mesma forma, James usa o termo "justificado" no sentido de "vindicado" ou "demonstrado".

Que ele faz isso é confirmado não só lexicalmente, mas também contextualmente. Nesta passagem, Tiago está comentando o sacrifício de Isaque de Abraão de acordo com o mandamento de Deus (Tiago 2:21, ver Gn 22: 1-14), um evento que aconteceu muitos anos depois que foi declarado que Abraão " SENHOR , e ele o contou como a justiça "(Gênesis 15: 6). Por outro lado, quando Paulo deseja ilustrar a verdade da imputação da justiça por meio da fé, separada das obras (Romanos 4: 6), ele escolhe este exemplo anterior na vida de Abraão antes que houvesse qualquer lei para ele seguir (Rm. 4: 9-13). Tiago, porém, não está falando da justificação forense e da imputação da justiça. Ele não está falando de boas obras que são o fundamento de nossa salvação. Em vez, Ele está falando sobre boas obras que são a evidência necessária de nossa salvação. A fé de Abraão, que lhe foi creditada como justiça, fora de qualquer coisa que ele havia feito, foi justificada por suas obras. Em outras palavras, as obras de Abraão demonstraram que sua fé era fé verdadeira e não fé morta (ver Tiago 2:17, 26). A verdadeira fé é mostrada por suas obras (Tiago 2:18), mas essas obras são a evidência e o resultado de nossa justificação e santificação inicial, não o fundamento de nossa justificação.

Longe de refutar a doutrina da *sola fide* em favor dos legalistas, o argumento de James realmente fornece uma defesa da doutrina contra o ataque do erro oposto: antinomianismo. Esta palavra vem do prefixo *anti* - e da palavra grega *nomos* , que significa "lei". Antinomianismo, então, fala daqueles que são "contra a lei", especificamente, no seu sentido teológico, aqueles que negam que a santificação é a necessária Fruto da justificação. Enquanto o legalismo não distingue entre justificação e santificação, o antinomianismo corta a união vital entre os dois. Considerando que o legalismo mina o evangelho, insistindo que devemos acrescentar a nossa obediência à obra de Cristo, a fim de ser justificado, O antinomianismo perverte o evangelho subtraindo da eficácia da obra de Cristo, negando que aqueles que recebem Cristo como Salvador também devem se submeter a Ele como Senhor. James derruba completamente essa proposição. Ele explica que a "fé" dos cristãos professos que não conseguem progredir na santidade prática, continuando a andar em padrões de injustiça, não é fé verdadeira e salvadora. É uma fé morta (Tiago 2:17, 26), uma fé demoníaca (Tiago 2:19) e uma fé inútil (Tiago 2:20) que os identifica como aqueles que se dirigem a Jesus como Senhor, mas a quem ele Declarando com frieza: "Eu nunca te conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade "(Mateus 7:23). Ele explica que a "fé" dos cristãos professos que não conseguem progredir na santidade prática, continuando a andar em padrões de injustiça, não é fé verdadeira e salvadora. É uma fé morta (Tiago 2:17, 26), uma fé demoníaca (Tiago 2:19) e uma fé inútil (Tiago 2:20) que os identifica como aqueles que se dirigem a Jesus como Senhor, mas a quem ele Declarando com frieza: "Eu nunca te conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade "(Mateus 7:23). Ele explica que a "fé" dos cristãos professos que não conseguem progredir na santidade prática, continuando a andar em padrões de injustiça, não é fé verdadeira e salvadora. É uma fé morta (Tiago 2:17, 26), uma fé demoníaca (Tiago 2:19) e uma fé inútil (Tiago 2:20) que os identifica como aqueles que se dirigem a Jesus como Senhor, mas a quem ele Declarando com frieza: "Eu nunca te conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade "(Mateus 7:23).

De fato, João Calvino, o grande Reformador e crente na *sola fide* , apoiou-se nos ensinamentos de Tiago 2, quando escreveu: "Portanto, só a fé justifica e, no entanto, a fé

que justifica não é a única". Em outras palavras, A salvação não é resultado de boas obras (Efésios 2: 9), mas a salvação necessariamente resulta em boas obras. Este é o propósito da nossa salvação: "Porque somos a sua obra, criados em Cristo Jesus *para boas obras* , que Deus preparou de antemão, para que andemos nelas" (Efésios 2:10). Cristo se entregou a nós, não só para nos resgatar forenses de toda iniquidade, mas também para "purificar para si um povo para sua própria possessão, que é zeloso pelas boas obras" (Tito 2:14). Aqueles que negam que as boas obras são o fruto necessário da justificação recebida somente pela fé, fazem com que o Senhor Jesus Cristo seja metade de um Salvador - aquele que salva do castigo do pecado, mas não do seu poder. Contudo, a Escritura ensina que estamos unidos a Cristo não apenas na sua morte, mas também na sua ressurreição, cujo resultado necessário é uma vida santa (Romanos 6: 3-6, 2 Cor 5: 14-15). Todos os cristãos verdadeiros foram "libertos" da escravidão do pecado e tornaram-se "escravos de Deus", resultando em santificação (Romanos 6: 1-14, 22). Portanto, enquanto a fé é a única que salva, a fé que salva nunca está sozinha, mas sempre acompanhada pelo fruto da justiça (Filipenses 1:11), operada pelo Espírito Santo na vida do crente (Gálatas 5: 22-25, ver João 15: 8). 6: 3-6; 2 Cor. 5: 14-15). Todos os cristãos verdadeiros foram "libertos" da escravidão do pecado e tornaram-se "escravos de Deus", resultando em santificação (Romanos 6: 1-14, 22). Portanto, enquanto a fé é a única que salva, a fé que salva nunca está sozinha, mas sempre acompanhada pelo fruto da justiça (Filipenses 1:11), operada pelo Espírito Santo na vida do crente (Gálatas 5: 22-25, ver João 15: 8). 6: 3-6; 2 Cor. 5: 14-15). Todos os cristãos verdadeiros foram "libertos" da escravidão do pecado e tornaram-se "escravos de Deus", resultando em santificação (Romanos 6: 1-14, 22). Portanto, enquanto a fé é a única que salva, a fé que salva nunca está sozinha, mas sempre acompanhada pelo fruto da justiça (Filipenses 1:11), operada pelo Espírito Santo na vida do crente (Gálatas 5: 22-25, ver João 15: 8).

OBSERVAÇÕES FINAIS RELATIVAS À JUSTIFICAÇÃO

Em resumo, a justificação é aquele aspecto da aplicação da redenção em que Deus legalmente declara que o pecador é justo diante dele. O fundamento dessa declaração é a justiça de Cristo que ele realizou no lugar do pecador, morrendo para prover o perdão do pecado e caminhando em perfeita obediência a seu Pai, a fim de prover a justiça necessária para a comunhão com Deus. Somente pela graça Deus imputa o nosso pecado a Cristo, para que ele possa verdadeiramente suportar o nosso castigo, e imputa a justiça de Cristo a nós, para que possamos estar diante dele em perfeita santidade. Essa imputação é mediada somente pela fé; Ele é recebido sem qualquer obra por parte do pecador. As boas obras que necessariamente seguem a justificação são a evidência - não o fundamento - da fé verdadeira e salvadora.

A doutrina da justificação corre direto para o próprio coração do evangelho. Oferece a única esperança de salvação aos pecadores culpados, que, afora Cristo, não têm esperança de uma relação restaurada com o Deus santo do universo, mas que, nele, estão vestidos com a perfeita justiça do próprio Filho amado de Deus. A boa notícia do evangelho bíblico é que esta bênção é oferecida gratuitamente a todos os que a receberiam, além de quaisquer obras, somente pela fé. A doutrina da justificação é o próprio fundamento da promessa evangélica de João 3:16, de que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" 8: 1, que "agora não há condenação para os que estão em Cristo Jesus".

Adoção

Como o filho de Deus medita sobre as múltiplas bênçãos espirituais a serem recebidas em união com Cristo, ele não pode deixar de transbordar em louvor a Deus por sua sabedoria, bondade e graça reveladas na salvação. Não é de admirar que, enquanto Paulo contempla essas bênçãos espirituais, ele explode em adoração: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou em Cristo com toda bênção espiritual nos lugares celestiais" (Ef 1). : 3). O Pai nos escolheu (Efésios 1: 4), o Filho nos redimiu (Efésios 1: 7), e o Espírito nos regenerou (João 3: 3-8, Ef 1: 13-14) e gerou Divina vida espiritual em nós (João 6:63, ver Ezequiel 36:27; 37:14), dando-nos olhos para ver a glória de Cristo ea ruína do pecado (2 Cor. 4: 4, 6). Como resultado desse novo nascimento, experimentamos a conversão, tendo recebido os dons de arrependimento (Atos 11: 17-18; 2 Tim. 2:25) e fé (Efésios 2: 8). Através da fé, estamos intimamente unidos a Cristo, de modo que tudo o que é seu se torna nosso. Somos justificados - perdoados de todo o nosso pecado e do castigo eterno que legitimamente merecemos e creditados com a plena justiça do próprio Cristo, de modo que possamos estar confiantes diante do nosso Deus santo. Bendito seja Deus de fato!

Embora pareça impossível melhorar os dons como regeneração, conversão, união e justificação, a Palavra de Deus fala ainda de outra bênção espiritual na aplicação da redenção: a adoção do Pai dos crentes como seus filhos.

O conceito de adoção é familiar para nós porque ele permanece comum no mundo de hoje, e é um caso raro quando a história de qualquer adoção particular não consegue aquecer o coração. Ansiosos por amar e cuidar de uma criança que nunca conheceram e que não podem fazer nada para pagá-los, os pais preenchem pilhas de papelada, incorrem em despesas significativas e muitas vezes viajam milhares de quilômetros para acolher um menino ou uma menina em sua família . Depois de meses e, por vezes, anos de preparação, tudo muda num momento em que o juiz declara legalmente que o filho é um membro de sua nova família, com todos os direitos e privilégios necessários. Em muitos casos, se as crianças adotadas permanecessem em um orfanato ou no cuidado de pais de nascimento abusivos e negligentes, o resultado provavelmente teria sido trágico. Mas através da intervenção de um benfeitor compassivo,

O Novo Testamento baseia-se nesta bênção da adoção humana, usando-a como uma analogia para descrever o amor paternal de Deus por nós. Fomos órfãos espirituais sob a cruel opressão do pecado e Satanás. Por natureza, fomos "filhos da ira" (Efésios 2: 3), "filhos da desobediência" (Ef 2: 2, 5: 6) e até mesmo filhos do próprio Diabo (João 8:44). Nossa única casa era este mundo maldito pelo pecado que está passando rapidamente (1 João 2:17). Nosso único guardião era o inimigo declarado de nossas almas (1Pe 5: 8). Nosso único futuro era a terrível expectativa do julgamento do inferno (Hb 10:27).

Mas Deus, ansioso para mostrar a glória de sua graça, interveio em nosso favor:

> Em amor ele nos predestinou para adoção como filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o propósito de sua vontade, para o louvor de sua graça gloriosa, com a qual nos abençoou no Amado. (Efésios 1: 4-6)
>
> Mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para redimir os que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos. (Gálatas 4: 4-5)

O eterno Filho de Deus percorreu a infinita distância entre o céu ea terra, uniu a natureza de Deus e a natureza do homem em sua própria pessoa, e foi abandonado por seu Pai para que pudéssemos ser acolhidos como filhos. Com grande custo para si mesmo, Deus tomou todas as medidas legais para nos resgatar do pecado e fazer-nos parte de sua família. Como planejado na eternidade passada, o Filho comprou os crentes no Calvário

e eles finalmente se apoderaram da bênção da adoção no momento da conversão ", pois, diz o apóstolo Paulo, em Cristo Jesus todos vocês são filhos de Deus, Fé "(Gálatas 3:26, ver João 1:12). Em adoção, Deus coloca legalmente os pecadores regenerados e justificados em sua família, de modo que eles se tornem filhos e filhas de Deus e assim desfrutem todos os direitos e privilégios de alguém que é membro da família eterna de Deus.

A ÚNICA BÊNÇÃO DA ADOPÇÃO

Embora muitas vezes tenha sido confundido com a regeneração ou visto apenas como outro aspecto da justificação, a bênção espiritual da adoção é um privilégio único na economia de redenção de Deus. Como Grudem observa: "Podemos pensar inicialmente que nos tornaríamos filhos de Deus pela regeneração, uma vez que a imagem de" nascer de novo "na regeneração nos faz pensar nas crianças nascidas em uma família humana. Mas ... a idéia de *adoção* é oposta à idéia de nascer numa família! "Embora estejam intimamente relacionados, a Escritura, no entanto, distingue essas duas bênçãos com respeito ao autor, à natureza e aos meios de cada um. Primeiro, a regeneração é uma obra do Espírito (João 3: 5-6, 8; 6:63), enquanto a adoção é um ato do Pai (Efésios 1: 5). Segundo, a regeneração é transformadora; É uma obra no coração do homem que transforma fundamentalmente a sua natureza (Ezequiel 36: 26-27, 2 Coríntios 5:17). A adopção, por outro lado, é declarativa; Não muda o caráter do homem. Em vez disso, é um ato fundamentalmente legal no qual Deus dá àqueles que recebem a Cristo "o direito" - isto é, a autoridade legal - "tornarem-se filhos de Deus" (João 1:12). Terceiro, diz-se que a regeneração é mediada pela Palavra de Deus (Tiago 1:18, 1 Pe 1: 23-25), enquanto a bênção da adoção é obtida pela fé em Cristo (João 1:12, Gálatas 3: 26). É claro, portanto, que a adoção é distinta da regeneração. É um ato fundamentalmente legal no qual Deus dá aos que recebem a Cristo "o direito" - isto é, a autoridade legal - "tornarem-se filhos de Deus" (João 1:12). Terceiro, diz-se que a regeneração é mediada pela Palavra de Deus (Tiago 1:18, 1 Pe 1: 23-25), enquanto a bênção da adoção é obtida pela fé em Cristo (João 1:12, Gálatas 3: 26). É claro, portanto, que a adoção é distinta da regeneração. É um ato fundamentalmente legal no qual Deus dá aos que recebem a Cristo "o direito" - isto é, a autoridade legal - "tornarem-se filhos de Deus" (João 1:12). Terceiro, diz-se que a regeneração é mediada pela Palavra de Deus (Tiago 1:18, 1 Pe 1: 23-25), enquanto a bênção da adoção é obtida pela fé em Cristo (João 1:12, Gálatas 3: 26). É claro, portanto, que a adoção é distinta da regeneração.

Além disso, a adoção não deve ser vista apenas como um subconjunto do trabalho de justificação. Embora tanto a justificação como a adoção sejam atos declarativos mediados pela fé, são bênçãos distintas. A justificação é a declaração legal de que alguém é justo em relação às exigências da lei de Deus. A adopção, porém, é a declaração legal do Juiz divino de que o justificado foi feito membro da família do Juiz divino.

É uma bênção indizível que se conceda nova vida espiritual na regeneração. Assim também é um privilégio notável ser libertado da penalidade do pecado e declarado justo em Cristo. Se a doação dos dons de Deus parasse na regeneração e na justificação, ninguém questionaria sua bondade ou consideraria sua graça como deficiente. Mas a glória peculiar da adoção está na superabundância da graça de Deus. Em uma expressão extravagante de amor, Deus adota crentes em sua família, para que possamos relacionar-nos não só como o Doador da vida espiritual e o provedor da justiça legal, mas também como nosso Pai amoroso e compassivo. Por esta razão, A adoção foi justamente designada "o maior privilégio que o evangelho oferece" [156] e "o ápice da graça e do privilégio" que "cambaleia a imaginação por causa de sua incrível condescendência e amor". Na verdade, como o apóstolo João considerava a realidade da adoção do crente , Ele foi forçado a deixar sair

ainda mais um louvor apostólico: "Vede o grande amor que o Pai nos deu, para que sejamos chamados filhos de Deus!" (1 João 3: 1 NVI). Como grande realmente!

CLARIFICAÇÃO DE MISCONCEPÇÕES DE ADOPÇÃO

Ao falar sobre homens pecadores tornando-se filhos de Deus, é necessário distinguir entre os filhos e filhas adotados do Pai, por um lado, e seu Filho unigênito, o Senhor Jesus Cristo, por outro. Em certo sentido, não devemos minimizar o significado dos privilégios radicais de adoção. Somos feitos participantes da natureza divina (2 Pedro 1: 4), habitados pelo próprio Espírito de Deus (Romanos 8: 14-16, Gálatas 4: 6), e somos companheiros herdeiros com Cristo da vida eterna (Romanos 8:17, 23, 1 Pedro 1: 4). Os crentes têm sido tão exaltados que Cristo é propriamente chamado nosso irmão (Romanos 8:29, Hebreus 2:17). Na verdade, porque Cristo, o santificador e nós, os santificados, temos um Pai, o Senhor Jesus não tem vergonha de nos chamar de irmãos (Hebreus 2: 11-12).

Nossa posição exaltada, porém, não elimina a singularidade da relação de Cristo com o Pai como seu Filho eterno. O próprio Senhor manteve claramente esta distinção quando instruiu Maria a dizer aos discípulos: "Estou subindo ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus" (João 20:17). Se a singularidade da filiação de Jesus não fosse distinta da nossa, tal afirmação seria pesada e redundante; Ele poderia simplesmente ter dito "... a nosso Pai e nosso Deus". Mas ao distinguir entre "meu Pai" e "seu Pai", ele enfatizou que, embora nos relacionemos com Deus como filhos e filhas verdadeiros, sua posição como Filho era De um caráter distinto e único. Afinal, ele é *ton huion ton monogenē* - "Filho único" de Deus (João 3:16). *A palavra grega monogenēs* é derivada dos termos *monos* ("somente") e *genos* ("kind", "type", por exemplo, Mark 9:29), e assim fala de "one of a kind". , Nossa adoção como filhos nos leva a uma união de essência com Cristo para que participemos da vida interior da Trindade, como alguns ensinam. Podemos nos tornar filhos de Deus por meio da adoção, mas Cristo é o único Filho eterno do Pai.

Em segundo lugar, a noção de que os crentes *se tornam* filhos de Deus no momento da conversão trata o golpe mortal para a doutrina da paternidade universal de Deus - o ensinamento protestante liberal de que todos os seres humanos são filhos de Deus por padrão. É verdade que às vezes a Escritura fala da paternidade de Deus em termos universais. Como Paulo argumenta com os filósofos em Marte Hill, ele cita o poeta Aratus (cerca de 315 aC 245 aC), que disse: "Porque somos de fato a sua prole" (Atos 17:28), e então comenta com aprovação: "Sendo, pois, descendência de Deus ..." (Atos 17:29). No entanto, o contexto desta afirmação indica claramente que Paulo estava falando da realidade de que Deus é o Criador de toda a humanidade e, portanto, é o Pai universal apenas nesse sentido. Ele é "o Pai dos espíritos" (Hb 12: 9), Que "dá a toda a humanidade vida, respiração e tudo" (Atos 17:25), e "fez de um homem cada nação da humanidade" (Atos 17:26). Assim, "nele vivemos, nos movemos e temos nosso ser" (Atos 17:28). Esta também pode ser a intenção de Malaquias quando ele repreende os sacerdotes pecadores de seu dia, perguntando: "Porventura não temos um só Pai? Não nos criou um só Deus? "(Mal 2:10). No entanto, dada a sua referência à "aliança de nossos pais" no final do versículo, é mais provável que ele está se referindo à paternidade de Deus de Israel como uma nação da aliança (Jeremias 31: 9, Os. 11: 1) . "Não temos um só Pai? Não nos criou um só Deus? "(Mal 2:10). No entanto, dada a sua referência à "aliança de nossos pais" no final do versículo, é mais provável que ele está se referindo à paternidade de Deus de Israel como uma nação da aliança (Jeremias 31: 9, Hos 11: 1) . "Não temos um só Pai? Não nos criou um só Deus? "(Mal 2:10). No entanto, dada a sua referência à "aliança de nossos pais" no final do versículo, é mais provável que ele está se referindo à paternidade de Deus de Israel como uma nação da aliança (Jeremias 31: 9, Os. 11: 1) .

No entanto, o fato de que Deus é o Criador comum de todos os seres humanos não significa que todos são seus filhos no sentido relacional indicado pela doutrina da adoção. O próprio Jesus fala mais severamente sobre esta questão, observando que todos os incrédulos são filhos do próprio Satanás. Ele claramente distingue entre seu Pai e o pai dos fariseus (João 8:38), nega que Deus é seu Pai (João 8:42), e declara explicitamente: "Tu és de teu pai o diabo" (João 8:44) . O apóstolo João comenta esta distinção entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo, observando que estes últimos são aqueles que não praticam a justiça (1 João 3:10). A Escritura distingue entre os filhos da carne e os filhos de Deus (Romanos 9: 8), os filhos da escrava e os filhos da mulher livre (Gálatas 4: 22-31), E os filhos da luz e os filhos das trevas (Efésios 5: 8). Estas passagens militam contra qualquer compreensão da paternidade universal de Deus. De fato, ao invés de serem filhos de Deus, o homem natural é descrito como "filhos da desobediência" (Ef 2: 2; 5: 6). Tão longe de se relacionar naturalmente com Deus como filhos, todos os seres humanos caídos são "por natureza filhos da ira" (Efésios 2: 3). A menos que algo drástico aconteça - de fato, nada menos radical do que ser vivificado dos mortos (Efésios 2: 4-5) - o homem em sua condição natural não conhecerá as bênçãos de um Pai amoroso, mas antes experimentará a ira de um justo Juiz. É somente para aqueles que recebem Jesus e crêem em seu nome que a autoridade é dada para se tornarem filhos de Deus (João 1:12), pois todos os filhos adotivos de Deus são "filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gálatas 3).
:

Portanto, ao invés de uma *paternidade* essencial de Deus ou de uma paternidade *criadora* universal de Deus, estas passagens sobre adoção falam da *paternidade* redentora de Deus, na qual os pecadores justificados se tornam filhos e filhas do Pai com todos os direitos e privilégios que um membro de Sua família gosta.

OS PRIVILÉGIOS DA ADOPÇÃO

Quais são, então, esses direitos e privilégios a serem desfrutados pelos membros da família de Deus? Em primeiro lugar, a principal bênção de nossa adoção é que o próprio Espírito Santo ocupa residência permanente em nossos corações, libertando-nos do pecado e fomentando nossa comunhão com Deus. Depois de falar sobre a adoção realizada pela redenção de Cristo, Paulo acrescenta: "Porque vós sois filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, clamando: 'Abba! Pai!' Assim, já não és um escravo, mas um filho "(Gálatas 4: 6-7). Em outros lugares ele fala de crentes que "receberam o Espírito de adoção como filhos, por quem clamamos: 'Abba! Pai!' O próprio Espírito testemunha com nosso espírito que somos filhos de Deus "(Romanos 8: 15-16). Embora estivéssemos escravizados ao pecado e à idolatria (Gálatas 4: 8), O Espírito de adopção nos libertou da nossa escravidão para "a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Romanos 8:21, 2 Coríntios 3:17). Nós não somos mais escravos de um mestre, mas filhos permanentes de nosso Pai (João 8:35), e o próprio Espírito testemunha em nossos corações para nos assegurar que esta nova relação é genuína. Tão íntima é a nossa ligação com o Deus do universo que o Espírito nos obriga a clamar a ele com afeto infantil: "Abba! *Pai! "Um termo aramaico informal para" pai ", Abba* significa a ternura mais afetiva e intimidade entre um pai e um filho. Além destas duas passagens, ocorre apenas uma outra vez no Novo Testamento: nos lábios de Jesus mesmo durante a hora mais escura de sua permanência terrena. No Getsêmani, assim como o Filho derramou seu coração ao Pai, Implorando que o cálice da ira divina fosse removido dele, chamou-o como "Abba" (Marcos 14:36). Não é nada menos que impressionante pensar que nós, que antes estávamos alienados de Deus por causa de nosso pecado (Efésios 4:18), tivemos o privilégio de clamar ao Pai da mesma maneira que seu Filho amado fez. A glória desse

pensamento é superada apenas pela realidade de que seu grito de "Abba" foi ignorado para que o nosso fosse ouvido.

Porque podemos nos relacionar com Deus como nosso Pai, compartilhamos a riqueza de sua compaixão amorosa, proteção, provisão e beneficência. Sua disposição para nós é como um pai para seus filhos, ansiosos para mostrar bondade e agir em nossos maiores interesses. O salmista nos diz: "Como um pai mostra compaixão aos seus filhos, assim o SENHOR mostra compaixão aos que o temem" (Salmo 103: 13). Essa disposição à compaixão é ilustrada pelo próprio Senhor, que pergunta:

> Que pai entre vocês, se seu filho pede um peixe, em vez de um peixe dar-lhe uma serpente; Ou se ele pede um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem! (Lucas 11: 11-13)

Não somente Deus nos dará o seu Espírito, mas como a passagem paralela coloca, Deus também nos dará as "coisas boas" pelas quais lhe pedimos (Mateus 7:11). Por isso, não precisamos nos preocupar com nossas necessidades diárias, pois o Pai está feliz em nos dar estas provisões: "E não busqueis o que haveis de comer e o que haveis de beber, nem ficardes preocupados. Pois ... vosso Pai sabe que os necessitais "(Lucas 12: 29-30). Imediatamente após essas consolações de nosso Senhor, ele nos conforta com a benevolência do Pai em que podem ser as mais ternas palavras que ele jamais disse: "Não temais, pequeno rebanho, porque é o bom prazer de vosso Pai dar-vos o reino" (Lucas 12). : 32). Deus não é apenas um benfeitor distante, desinteressado, embora generoso. Como um pai se deleita em abençoar seus filhos com uma herança,

Implícita nesta ânsia de Deus para abençoar seus filhos adotivos está a realidade de que podemos nos aproximar do Senhor da glória na oração. Como Jesus disse, nosso Pai está pronto para dar boas dádivas "àqueles que lhe pedem" (Mateus 7:11, Lucas 11:13), e ele prevê as necessidades da vida como nós buscamos primeiro o seu reino (Lucas 12: 30), que é feito preeminentemente através da oração. Por isso, quando o Senhor ensinou seus discípulos a orar a Deus, ele os instruiu a se dirigirem a ele dizendo: "Pai nosso que estás nos céus" (Mateus 6: 9). Que privilégio é aproximar-se do trono da graça com a confiança de que o soberano Senhor é nosso Pai celeste, ansioso para ouvir nossos pedidos e nos abençoar de sua generosidade!

Outro privilégio de nossa adoção como filhos é a disciplina amorosa e paternal que recebemos de Deus. O autor de Hebreus nos aconselha: "Filho meu, não te preocupes com a disciplina do Senhor, nem te fatigues quando reprovado por ele. Porque o Senhor disciplina aquele que ama, e castiga todo filho a quem recebe "(Hebreus 12: 5-6, Provérbios 3: 11-12). Quando nos afastamos da vontade de Deus e nos engajamos em pensamentos e ações pecaminosas, ele providencialmente ordenará várias dificuldades e aflições em nossas vidas para nos alertar sobre as conseqüências do pecado, para nos levar ao arrependimento e cultivar uma maior maturidade espiritual em nós (por exemplo, 2 Sam. 12: 10-12, 1 Coríntios 11:30). O autor de Hebreus continua explicando que quando experimentamos esta disciplina, "Deus está nos tratando como filhos. Pois qual é o filho a quem o seu pai não disciplina? Se você for deixado sem disciplina, ... então vocês são filhos ilegítimos e não filhos "(Hb 12: 7-8). Na verdade, quando Deus retira sua disciplina, é a mais severa indicação de seu julgamento, como ele está dando as pessoas sobre o seu pecado e suas conseqüências (Rm 1: 25-28). No reino humano, a Escritura diz que os pais que reprimem a disciplina de seus filhos o odeiam (Provérbios 13:24) e desejam sua morte (Provérbios 19:18). Assim, para que Deus nos discipline como seus filhos é testemunho seguro de seu amor sincero e sincero desejo de nosso maior benefício. Como o autor de Hebreus continua, "ele nos disciplina para o nosso bem, para que possamos compartilhar

sua santidade" (Hb 12:10). Embora no momento "toda disciplina pareça mais dolorosa do que agradável, ... mais tarde ela produz o fruto pacífico da justiça para aqueles que foram treinados por ela" (Hb 12:11). Quando consideramos que há uma "santidade sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14), somos compelidos a atesorar a disciplina amorosa de nosso Pai, pois isso nos encaixa para a comunhão com Ele. Que privilégio que o Deus dos céus tenha tomado um interesse pessoal no nosso bem-estar espiritual - não apenas para declarar-nos justos, mas também para praticar a justiça prática em nós pela sua grande graça!

Ainda outro privilégio de nossa adoção na família de Deus é a unidade que desfrutamos com nossos irmãos e irmãs em Cristo. A igreja não é meramente um clube social ou uma organização política unida por interesses comuns ou hobbies compartilhados. Em virtude da obra de eleição do Pai, da obra redentora do Filho e da obra regeneradora do Espírito, estamos objetivamente unidos uns aos outros como membros de uma mesma família. Não é de admirar que os primeiros crentes se tenham dirigido uns aos outros como irmãos e irmãs (por exemplo, Atos 1: 15-16, Romanos 12: 1, 16:14, Filipenses 4: 1, 1 Timóteo 5: 1-2; 12: 46-50). Agora, uma família não é meramente um grupo de pessoas com alguns interesses compartilhados e uma apreciação subjetiva para um outro. Em vez de, Irmãos e irmãs estão ligados por algo muito mais profundo - pela união objetiva que resulta do amor compartilhado por seus pais. E embora os irmãos e irmãs nem sempre se relacionem uns com os outros nos melhores termos, nenhuma quantidade de discórdia ou conflito pode quebrar o vínculo objetivo que eles compartilham. O mesmo é verdade dentro da família de Deus. Tensões e desentendimentos podem surgir entre nós e nossos irmãos e irmãs em Cristo. Mas, assim como nada pode nos separar da união amorosa que compartilhamos com Cristo individualmente (Romanos 8: 38-39), tampouco nada pode nos separar da união que compartilhamos uns com os outros corporativamente. É com base nessa união objetiva que buscamos "a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4: 3). Enquanto os cristãos fizerem isso, nunca estaremos sozinhos. Nós sempre pertenceremos um ao outro.

Além de todos esses privilégios que desfrutamos no tempo presente, nossa adoção como filhos de Deus também nos garante uma participação na futura herança da vida eterna. Paulo escreve que se somos filhos adotados, também devemos ser herdeiros. Nós não somos mais escravos senão filhos ", e se um filho, então um herdeiro por Deus" (Gálatas 4: 7) - de fato, "herdeiros de Deus e companheiros herdeiros com Cristo" (Romanos 8:17). Nas relações humanas, os filhos e as filhas herdam a propriedade de seus pais no momento de sua morte. Tudo o que pertence aos pais é legado às crianças como eles continuam o legado da família. De maneira semelhante, embora por natureza não tivéssemos direito a todas as riquezas do reino de Deus, pela graça nos tornamos filhos adotados de Deus e nos tornamos herdeiros legais de "uma herança imperecível, imaculada e imaculada, Guardado no céu "para nós (1Pe 1: 4). Tão genuína é a nossa herança que somos descritos como companheiros herdeiros com Cristo (Romanos 8:17). Tudo o que Cristo receberá por direito divino como o Filho natural de Deus, receberemos pela graça divina como filhos adotivos de Deus. Porque Cristo é o Filho de Deus, tudo o que o Pai tem pertence a ele. E porque estamos em Cristo, tudo o que é de Cristo é nosso, "se ... o mundo, a vida ou a morte, o presente ou o futuro" (1 Coríntios 3: 22-23) - todas as coisas pertencem aos filhos de Deus. Os redimidos certamente desfrutarão todas as bênçãos do céu na presença de Deus, pois ele promete que "aquele que vencer herdará estas coisas, e eu serei o seu Deus e ele será meu filho" (Apocalipse 21: 7). O principal entre estas bênçãos celestiais é a promessa de um corpo glorificado segundo a semelhança do corpo de ressurreição de Cristo, livre de todo pecado e enfermidade (1 Coríntios 15:23, 42-44, Filipenses 3: 20-21). Enquanto nessa casa

gememos sob os efeitos da maldição do pecado (2 Coríntios 5: 2), esperamos a consumação de nossa adoção como filhos e filhas de Deus, a redenção de nossos corpos (Romanos 8:23).

Esta glorificação, em certo sentido, começou nesta vida presente sob a forma de santificação progressiva, mais um privilégio de nossa adoção. Assim como os filhos imitam o pai, assim também somos exortados a "ser imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5: 1). Uma das mais ricas bênçãos da graça de Deus na salvação é que ele atribui seu nome ao seu povo. Ele persegue graciosamente o bem-estar de seu povo com o mesmo zelo com que mantém a honra de sua reputação, porque trazem seu nome (Josué 7: 9, 1 Sam. 12:22, Jeremias 14: 7, 9 Dn 9: 17-18). Como filhos de Deus, nós carregamos o "nome de família" de Deus, e como Isaías diz, seu nome é Santo (Isaías 57:15, 1 Crônicas 29:16, Salmo 33:21, Isaías 47: 4, Lucas 1:49). Assim, o apóstolo Pedro nos exorta: "Como filhos obedientes, não vos conformeis com as paixões da vossa antiga ignorância, Mas como o que vos chamou é santo, santificai-vos também em toda a vossa conduta, porquanto está escrito: Vós sereis santos, porque eu sou santo "(1Pe 1: 14-16). *Se invocarmos este Santo como Pai, devemos viver vidas que se assemelhem à sua santidade (1Pe 1:17), conduzindo-nos como "irrepreensíveis e inocentes, filhos de Deus* sem defeito no meio de uma geração torta e retorcida "(Filipenses 2:15).

A conclusão do estudo da doutrina da adoção deve ser um chamado à santidade. A promessa de Deus para nós é: "Eu serei um pai para vós, e vós me serás filhos e filhas" (2 Coríntios 6:18). Se desfrutamos de uma posição tão exaltada como as crianças adotadas na família de Deus, desfrutando de todos os direitos e privilégios como filhos e filhas do Todo-Poderoso, devemos responder como Paulo instrui no versículo seguinte: "Como temos essas promessas, amadas , Purifiquemo-nos de toda impureza de corpo e de espírito, levando a santificação ao fim no temor de Deus "(2 Coríntios 7: 1). Portanto, voltamos agora nossa atenção para a doutrina da santificação.

Santificação

Até agora, neste estudo da aplicação da redenção, consideramos os benefícios adquiridos pela obra de Cristo que o Espírito se aplica imediatamente aos crentes no início da vida cristã. Na regeneração, o pecador é vivificado, concedendo arrependimento e fé, unidos a Cristo, declarados justos com base na justiça imputada de Cristo e adotados na família de Deus. No entanto, a bênção da santificação é um benefício da aplicação da redenção que, embora comece na regeneração, é aplicada em toda a vida do cristão. Na santificação, Deus, trabalhando especialmente pelo Espírito Santo, separa o crente consigo mesmo (1 Coríntios 1: 2) e o torna cada vez mais santo, transformando-o progressivamente em imagem de Cristo (Rm 8.29) 3:

A RELAÇÃO ENTRE JUSTIFICAÇÃO E SANTIFICAÇÃO

A santificação está intimamente ligada à justificação, uma vez que ambos os benefícios são desfrutados em virtude da união do crente com Cristo. No entanto, a santificação não deve ser confundida com ou desmoronada em justificação, como na teologia católica romana. A justificação é a declaração judicial de justiça que define definitivamente a posição legal do homem diante de Deus. A santificação, por outro lado, é uma transformação gradual e contínua de sua natureza. Com respeito à justificação, Cristo assegurou *a* justiça forense *para* o crente; Na santificação, o Espírito progressivamente trabalha a justiça prática *no* crente. Justificação diz respeito à *imputação* da justiça, enquanto santificação diz respeito à *impartation* da justiça.

Embora a santificação seja entendida principalmente como um processo em que o crente é conformado na imagem de Cristo (por exemplo, a Escritura fala de crentes como "aqueles que *estão sendo* santificados", Heb 10:14), esse processo tem um começo definido em regeneração. O aspecto presente da santificação é muitas vezes chamado de santificação progressiva, enquanto que o aspecto do tempo passado pode ser chamado de santificação inicial, posicional ou definitiva.

Como discutido anteriormente, a regeneração não é apenas a transmissão da vida espiritual, mas também é uma purificação definitiva do pecado. É por isso que, em João 3: 5, Jesus fala do novo nascimento como sendo nascido da *água* e do Espírito. Nessa passagem, ele se refere à profecia de Ezequiel referente à regeneração, na qual Deus promete não só dar ao seu povo um coração novo e fazer com que seu Espírito habite neles, mas também polvilhe água limpa neles para purificá-los de sua impureza (Ezequiel 36). : 25-27). Espelhando a imagem de Ezequiel, Paulo designa a regeneração como uma lavagem e uma renovação (Tito 3: 5). Assim, quando o Espírito concede a vida espiritual à alma do pecador morto, abrindo os olhos para a imundície do pecado ea glória de Jesus (2Co 4: 4, 6) A natureza do homem é santificada - definitivamente transformada da morte espiritual para a vida espiritual, de modo que a Escritura o chama de uma nova criação (2 Coríntios 5:17). A santa disposição que é fortalecida por toda a santificação progressiva do crente é aquela mesma disposição santa que nasce no crente na regeneração. Nesse sentido, a regeneração é o início da santificação.

Por esta razão, o Novo Testamento muitas vezes emprega a terminologia da santificação no passado, caracterizando o cristão como alguém que foi inicialmente santificado por Deus. Em seu discurso de despedida aos anciãos de Éfeso em Mileto, Paulo falou da herança que eles compartilham "entre todos os que são santificados" (Atos 20:32). Em sua defesa diante de Agripa, contou sua experiência de conversão no caminho de Damasco, quando Jesus o comissionou aos gentios para que "recebam o perdão dos pecados e um lugar entre os que são santificados pela fé em mim" (Atos 26: 18). Que tal designação não se refere a algum estado completo de santificação progressiva é estabelecida pela carta de Paulo aos membros pecaminosos da igreja de Corinto, a quem ele dirigiu como "aqueles santificados em Cristo Jesus" (1 Coríntios 1: 2). Os Coríntios eram aquela turbulenta tripulação de crentes professos que se dividiam em facções (1 Coríntios 1: 11-13), a quem Paulo só poderia tratar como carnal (1 Coríntios 3: 1), entre os quais existiam uma espécie de imoralidade Nem mesmo nomeados entre os gentios (1 Coríntios 5: 1), que estavam processando uns aos outros diante de juízes incrédulos (1Co 6: 1-7), que estavam defraudando a mesa do Senhor para satisfazer sua glutonaria e embriaguez. 11: 20-22), e que estavam abusando dos dons do Espírito Santo (1 Coríntios 12-14). Se ser santificado significou ter alcançado um estado de exaltada santidade prática, essa descrição dificilmente poderia ser feita deles! E, no entanto, Paulo falou da sua santificação definitiva: "Mas fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus" (1 Coríntios 6:11). Pela mesma razão, Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento identificam todos os santos de Deus - literalmente, "os santos" (por exemplo, Salmos 16: 3, 34: 9, Dn 7: 18-27, Mateus 27:52, Atos 9 : 13, 32, 41, Romanos 1: 7, 8:27, 1 Coríntios 1: 2, 2 Coríntios 1: 1, Ef 1: 1, 6:18, Filipenses 1: 1, Col 1 : 2, Judas 3, Apocalipse 19: 8). Tão longe de identificar um povo espiritualmente elite com base em seus méritos pessoais, como ensina a Igreja Católica Romana, o que torna um crente um santo não é sua justiça prática, mas sua justiça posicional. Todos os crentes são santos porque todos os crentes foram separados por um Deus santo e unidos ao santo Senhor Jesus. Este é precisamente o conceito de santificação definitiva. 1 Cor. 1: 2; 2 Cor. 1: 1; Eph. 1: 1; 6:18; Phil. 1: 1; Col 1: 2; Jude 3; Apocalipse

19: 8). Tão longe de identificar um povo espiritualmente elite com base em seus méritos pessoais, como ensina a Igreja Católica Romana, o que torna um crente um santo não é sua justiça prática, mas sua justiça posicional. Todos os crentes são santos porque todos os crentes foram separados por um Deus santo e unidos ao santo Senhor Jesus. Este é precisamente o conceito de santificação definitiva. 1 Cor. 1: 2; 2 Cor. 1: 1; Eph. 1: 1; 6:18; Phil. 1: 1; Col 1: 2; Jude 3; Apocalipse 19: 8). Tão longe de identificar um povo espiritualmente elite com base em seus méritos pessoais, como ensina a Igreja Católica Romana, o que torna um crente um santo não é sua justiça prática, mas sua justiça posicional. Todos os crentes são santos porque todos os crentes foram separados por um Deus santo e unidos ao santo Senhor Jesus. Este é precisamente o conceito de santificação definitiva. Todos os crentes são santos porque todos os crentes foram separados por um Deus santo e unidos ao santo Senhor Jesus. Este é precisamente o conceito de santificação definitiva. Todos os crentes são santos porque todos os crentes foram separados por um Deus santo e unidos ao santo Senhor Jesus. Este é precisamente o conceito de santificação definitiva.

A realidade mais significativa na santificação definitiva é que, por meio da união com Cristo, o crente é libertado do domínio do pecado. Enquanto a justificação ea justiça imputada concedem à liberdade cristã o castigo do pecado, a santificação inicial lhe concede a liberdade do poder do pecado. Este é precisamente o ponto de Paulo em Romanos 6: 1-7: 6. Lá, ele afirma que os crentes "morreram para o pecado" (6: 2) em virtude de sua união com Cristo em sua morte e ressurreição (6: 3-5) e que "nosso velho eu foi crucificado com [Cristo] O corpo do pecado poderia ser reduzido a nada, de modo que não seríamos mais escravos do pecado. Pois, "Paulo argumenta," aquele que morreu foi libertado do pecado "(6: 6-7). Porque Cristo morreu e ressuscitou, o pecado ea morte já não têm domínio sobre ele (6: 9-10). Os crentes "foram feitos para morrerem à Lei por meio do corpo de Cristo, para que eles pudessem ser unidos (isto é, unidos) a outro" (7: 4 NASB), e desde que a lei para a qual eles morreram é vinculativa Uma pessoa somente enquanto viver "(7: 1), devem" considerar-se mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus "(6:11) - o direito legal do seno de governá-los é quebrado. Por isso Paulo declara: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, visto que não estais debaixo da lei, mas sob a graça" (6:14), e "tendo sido libertados do pecado, [os crentes] se tornaram escravos da justiça" (6,18). Tudo isso assegura aos cristãos que, ainda que irremediavelmente ligados ao poder escravizador do pecado, estão agora possuídos do poder de ressurreição de Cristo para resistir à tentação, mortificar o pecado e buscar a santidade crescente. Com certeza, o pecado permanece presente na sua carne (7: 14-25; 1 João 1: 8), mas seu poder foi derrotado pela eficácia da morte de Cristo e pela virtude de sua ressurreição. Portanto, embora o crente possa lutar poderosamente com o pecado, ele nunca deve adotar uma atitude derrotista em que se resigna a aceitar a realidade do pecado em sua vida. Fazer isso é fazer a paz com um inimigo destronado - submeter-se ao domínio do pecado que, no entanto, foi conquistado.

A libertação do cristão do domínio do pecado através da união com Cristo é o fundamento necessário para todo o progresso na santificação progressiva. Somente porque o reino do pecado foi derrubado é o crente exortado a "não deixe que o pecado, portanto, reinar em seu corpo mortal, para fazer você obedecer suas paixões. Não apresenteis os vossos membros ao pecado como instrumentos de injustiça, mas apresentai-vos a Deus como aqueles que foram trazidos da morte para a vida, e os vossos membros para Deus como instrumentos para a justiça "(Romanos 6: 12-13). Os crentes só podem obedecer a esses imperativos porque a união com Cristo resulta na realidade indicativa da liberdade do pecado. Na verdade, é a contemplação do crente do fim do domínio do pecado (“ *Considere* -se mortos para o pecado,” 6: *11) que fundamenta*

o mandamento de não deixar reinar o pecado ("Não reine, *pois* , o pecado ", 6:12). E então Paulo repete o fundamento gracioso de nossa batalha contra o pecado em Romanos 6:14: " *Porque o* pecado não terá domínio sobre vós". Este paradigma indicativo-imperativo é a diferença entre a ética verdadeiramente bíblica, distintamente cristã eo moralismo da religião legalista Ou filosofia naturalista. É somente por causa do que Cristo realizou em sua morte e ressurreição históricas e somente porque estamos unidos a ele *em* sua morte e ressurreição pela graça de Deus que o crente pode fazer qualquer progresso na santidade prática. O crente pode viver uma vida de obediência fiel com a única base de que ele realmente foi crucificado com Cristo e que Cristo agora realmente vive nele (Gálatas 2:20). *Só porque ele já* é escolhido, santo e amado, o seguidor de Cristo pode ter compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência (Colossenses 3:12).

Portanto, qualquer tentativa de melhorar-se moralmente, além do trabalho da graça sobrenatural de Deus, concedida através da união do crente com Cristo, é uma falsificação artificial da obra de santificação que não encontra favor para Deus e, finalmente, é ineficaz (Romanos 8: 8). 14:23, Heb. 11: 6). O cristão persegue a santidade prática para não entrar em um relacionamento com Deus ou ganhar seu amor; Ele persegue a santidade prática porque já entrou em um relacionamento com Deus pela graça através da fé em Cristo e porque ele já é o destinatário do amor e favor de Deus em Cristo. Adorando a Cristo como a rocha sólida em que ela está, a igreja canta corretamente: "Ele quebra o poder do pecado cancelado; Ele liberta o prisioneiro. *"O único tipo de pecado cujo poder é quebrado na vida das pessoas é cancelada* pecado pecado que já foi punido com a morte de Cristo e perdoados através da fé. Assim, é necessário combater o pecado na força e na liberdade dessa graciosa realidade. Os crentes em Cristo podem ser vitoriosos sobre o pecado somente porque - e devem ser vitoriosos sobre o pecado precisamente porque - Cristo conquistou o pecado neles em virtude de sua morte e ressurreição.

SANCTIFICAÇÃO PROGRESSIVA

Como já foi implícito, no entanto, embora o crente desfrute dessa vitória decisiva sobre o domínio do pecado como resultado da união com Cristo, seu coração e sua vida não estão totalmente purificados. Embora a penalidade do pecado seja paga e o poder do pecado seja quebrado, a presença do pecado ainda permanece na carne do crente e, portanto, deve ser continuamente posto à morte. Assim, a santificação que começa definitivamente na regeneração necessariamente continua por toda a vida cristã. Este aspecto contínuo da santificação é chamado santificação progressiva.

A natureza contínua e progressiva da santificação é substanciada nos numerosos apelos da Bíblia à santidade no tempo presente, indicando ação contínua e contínua. Por exemplo, Paulo ordena aos crentes não se conformarem com o mundo, mas "transformar-se [Gk. *Metamorphousthe* , lit., 'seja continuamente transformado'] pela renovação de sua mente "(Romanos 12: 2). O autor de Hebreus ordena aos cristãos "esforçarem-se por [Gk. *Diókete* , lit., 'perseguir continuamente'] ... a santidade sem a qual ninguém verá o Senhor "(Hb 12:14). Morrer os atos do corpo é a ação característica de quem é habitado pelo Espírito de Deus (Romanos 8:13, 8: 9). Além disso, várias passagens afirmam explicitamente a natureza progressiva da santificação. Paulo observa que sua própria santificação está incompleta, então ele continuamente pressiona em direção à meta do prêmio celestial (Fp 3: 12-14). Embora o velho eu tenha sido adiado uma vez por todas na conversão, contudo, o novo eu está continuamente "sendo renovado [Gk. *Anakainoumenon*] no conhecimento segundo a imagem de seu criador "(Colossenses 3: 9-10). Ele reza para que o amor dos crentes "aumente e abunde" (1 Tessalonicenses 3:12) e "abunde cada vez mais" (Fp 1: 9). Pedro encarrega os crentes de "crescerem em salvação" (1Pe 2,2) e de "crescerem na graça e no conhecimento de nosso

Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 3:18) - o conceito de crescimento indicando um processo em andamento. E mais claramente, Paulo declara que, como os crentes contemplam a glória de Cristo com os olhos do coração, eles estão assim sendo "transformados" [Gk. *Metamorfose*] na mesma imagem de um grau de glória para outro [Gk. *Apo doxēs eis doxan* , lit., 'de glória em glória'] "(2 Coríntios 3:18). Os crentes não se conformam à imagem de Cristo em um instante, mas, ao contrário, experimentam uma progressiva transformação em sua imagem gradualmente. Assim, a obra do Espírito Santo nos crentes fará com que eles cresçam em santificação ao longo de suas vidas cristãs.

SANTIFICAÇÃO PERFEITA

Assim como a santificação tem um início definitivo na regeneração e aumenta ao longo da vida, ela também será, em algum momento, levada à conclusão - ou seja, no final da vida do crente. Segundo Coríntios 3:18 esboça o relacionamento diretamente proporcional na santificação progressiva entre contemplar a glória de Cristo e ser transformado na imagem de sua glória; Na medida em que vemos a sua glória, a esse grau somos santificados. Porque nesta vida o vemos imperfeitamente, mesmo que verdadeiramente (1Co 13:12), a perfeição de nossa santificação aguarda o dia em que o veremos cara a cara. Primeiro, João 3: 2 mostra explicitamente que essa relação diretamente proporcional continua até que a santificação seja aperfeiçoada na glorificação: "Mas sabemos que quando ele aparecer, seremos como ele,

No entanto, para todos os que morreram na fé antes do retorno de Cristo, a perfeição da santificação ocorre em duas etapas: a alma é plenamente santificada na morte, enquanto o corpo espera a sua santificação aperfeiçoada na segunda vinda de Cristo. Quando os crentes passam desta vida presente, seus espíritos são separados de seus corpos (2 Coríntios 5: 8) e entram na presença do Senhor (Fp 1:23). Assim, o autor de Hebreus fala dos cidadãos glorificados do céu como "os espíritos do justo tornado perfeito" (Hb 12:23). Eles são glorificados no sentido de que a santificação está completa, mas é especificamente seus espíritos que experimentam esta perfeição, já que seus corpos sofrem a corrupção que está ligada ao pecado e à morte. No entanto, o Senhor Jesus não fornece metade da salvação. Ele comprou a redenção não apenas das almas dos homens, mas também dos seus corpos (Romanos 8:23). Por isso, diz Paulo, aguardamos ansiosamente o retorno de Cristo do céu, quando ele "transformará o nosso humilde corpo para ser semelhante ao seu corpo glorioso, pelo poder que o habilita a submeter todas as coisas a si mesmo" (Filipenses 3: 20-21). O corpo perecível, inglória e fraco do crente será ressuscitado dos mortos e transformado em um corpo espiritual imperecível, glorioso e poderoso (1 Coríntios 15: 42-44, ver 15: 22-23). Esta é a glorificação, o aspecto final da salvação. Sem glória, o corpo natural fraco será ressuscitado dos mortos e transformado em um corpo espiritual imperecível, glorioso e poderoso (1 Coríntios 15: 42-44, ver 15: 22-23). Esta é a glorificação, o aspecto final da salvação. Sem glória, o corpo natural fraco será ressuscitado dos mortos e transformado em um corpo espiritual imperecível, glorioso e poderoso (1 Coríntios 15: 42-44, ver 15: 22-23). Esta é a glorificação, o aspecto final da salvação.

Contrariamente a uma série de noções ao longo da história da igreja, a santificação nunca pode ser concluída nesta vida. A doutrina do *perfeccionismo* sustenta que é possível e necessário que o crente, nesta vida presente, atinja um nível de perfeição moral. Vários argumentos usados para fundamentar esse erro devem ser refutados da Bíblia.

Primeiro, argumenta-se que a Escritura exorta os crentes à santidade numa linguagem que parece muito absoluta. Jesus ordena aos seus ouvintes: "Portanto, vós sois perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mateus 5:48), e Pedro cita semelhantemente o código de santidade levítica: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, Em toda a vossa

conduta, visto que está escrito: Vós sereis santos, porque eu sou santo "(1Pe 1: 15-16, Lv 11:44). Se somos assim ordenados, os perfeccionistas raciocinam, devemos ter a capacidade de obedecer a esses mandamentos.

No entanto, isso não é nada mais do que a suposição não comprovada de que responsabilidade implica habilidade, que *deveria* implicar *pode* - uma suposição que a Escritura contradiz explicitamente. Por exemplo, Jesus proclama a incapacidade moral dos humanos quando diz que "uma árvore saudável não pode dar fruto ruim, nem uma árvore enferma dar bom fruto" (Mateus 7:18). No entanto, ele segue imediatamente essa declaração dizendo que a incapacidade moral do incrédulo (representado pela árvore enferma) para produzir bons frutos não o isenta de (1) sua responsabilidade de fazê-lo e (2) as certas conseqüências do fracasso Para fazer assim: "Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo" (Mateus 7:19). Além disso, só porque o homem é moralmente incapaz de se arrepender e crer em Cristo para a salvação (Romanos 8: 7-8; 1 Cor. 2:14) não remove sua responsabilidade de fazê-lo. Todas as pessoas em todos os lugares são responsáveis por arrependerem-se e crerem no evangelho (Atos 17:30, ver Marcos 1:15) - a mesma coisa que as Escrituras em outros lugares declaram que são incapazes de fazer. Assim, a suposição de que a existência de um comando implica necessariamente a habilidade do homem de obedecer é mostrada como sendo contraditória à Escritura.

Os perfeccionistas também apelam a passagens como 1 Tessalonicenses 5:23, em que Paulo ora para que Deus santifice a igreja inteiramente, e Tiago 1: 4, que fala de resistência, tornando um crente "perfeito e completo, sem nada" (cf. Col 1:28, 2:10, 2 Tim. 3:17). Recurso especial é feito às declarações do apóstolo João em sua primeira epístola, como, "Quem permanece nele não pecar. Quem pecou não o viu nem o conheceu "(1 João 3: 6), e:" Todo aquele que nasceu de Deus não peca, porque a sua descendência permanece nele; E não pode pecar, porque é nascido de Deus "(1 João 3: 9).

É uma interpretação errada tomar estas passagens como referindo-se à santificação aperfeiçoada. Em 1 Tessalonicenses 5:23, a santificação completa refere-se à santificação na íntegra da natureza do homem, que Paulo menciona explicitamente na frase seguinte ("todo o seu espírito, alma e corpo"). Ele está orando para que Deus sustente sua fé ao longo de sua vida e, finalmente, traga sua obra santificadora para a conclusão, aperfeiçoando tanto o espírito / alma e do corpo no retorno de Cristo (Fp 3:21). As passagens que falam de crentes serem "perfeitas" (Gk. *Teleios*) não se referem à santificação total, mas à maturidade espiritual, como a palavra é muitas vezes traduzida em outro lugar (por exemplo, 1 Cor. 2: 6 e Hebreus 5:14). E as declarações de João de que ninguém que nasceu de Deus e que permanece em Cristo pecados são corretamente entendidos quando se traduz corretamente o tempo verbal das palavras de João. Em vez de ensinar que os cristãos nunca cometem nenhum ato de pecado, João está ensinando que nenhum verdadeiro crente continua em um estilo de vida ininterrupto ou padrão de pecar como fez em seu estado não regenerado. *O ESV capta com mais precisão o aspecto contínuo desses verbos traduzindo 1 João 3: 6 como: "Ninguém que permanece nele, continua* pecando" (Gk. *Hamartanei*], "e 3: 9 como," Ninguém nascido de Deus *faz uma prática* de pecar [Gk. *Hamartian ... poiei*]. "De fato, os outros *comentários de* João da mesma carta enfaticamente excluem qualquer noção de perfeição sem pecado nesta vida, Porque ele nos diz: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, ea verdade não está em nós" (1 João 1: 8). Aqueles que acreditam ter alcançado a santificação completa nesta vida têm-se enganado ", pois", como diz Salomão, "não há quem não peque" (I Reis 8:46), e novamente: "Certamente não há Um justo na terra que faz o bem e nunca peca "(Ec. 7:20). O conceito de perfeccionismo é digno de escárnio retórico, como visto em Provérbios 20: 9: "Quem pode dizer: 'Fiz purificar o meu

coração; Eu sou limpo de meu pecado? "Tiago comenta que" todos nós tropeçamos de muitas maneiras "(Tiago 3: 2), e como diariamente cometemos pecado, o Senhor Jesus nos instrui a orar diariamente pelo perdão (Mateus 6:11). -12, ver 1 João 1: 9). Aqueles que acreditam ter alcançado a santificação completa nesta vida têm-se enganado ", pois", como diz Salomão, "não há quem não peque" (I Reis 8:46), e novamente: "Certamente não há Um justo na terra que faz o bem e nunca peca "(Ec. 7:20). O conceito de perfeccionismo é digno de escárnio retórico, como visto em Provérbios 20: 9: "Quem pode dizer: 'Fiz purificar o meu coração; Eu sou limpo de meu pecado? "Tiago comenta que" todos nós tropeçamos de muitas maneiras "(Tiago 3: 2), e como diariamente cometemos pecado, o Senhor Jesus nos instrui a orar diariamente pelo perdão (Mateus 6:11). -12, ver 1 João 1: 9). Aqueles que acreditam ter alcançado a santificação completa nesta vida têm-se enganado ", pois", como diz Salomão, "não há quem não peque" (I Reis 8:46), e novamente: "Certamente não há Um justo na terra que faz o bem e nunca peca "(Ec. 7:20). O conceito de perfeccionismo é digno de escárnio retórico, como visto em Provérbios 20: 9: "Quem pode dizer: 'Fiz purificar o meu coração; Eu sou limpo de meu pecado? "Tiago comenta que" todos nós tropeçamos de muitas maneiras "(Tiago 3: 2), e como diariamente cometemos pecado, o Senhor Jesus nos instrui a orar diariamente pelo perdão (Mateus 6:11). -12, ver 1 João 1: 9). "Certamente não há um justo na terra que faça o bem e nunca peque" (Ec. 7:20). O conceito de perfeccionismo é digno de escárnio retórico, como visto em Provérbios 20: 9: "Quem pode dizer: 'Fiz purificar o meu coração; Eu sou limpo de meu pecado? "Tiago comenta que" todos nós tropeçamos de muitas maneiras "(Tiago 3: 2), e como diariamente cometemos pecado, o Senhor Jesus nos instrui a orar diariamente pelo perdão (Mateus 6:11). -12, ver 1 João 1: 9). "Certamente não há um justo na terra que faça o bem e nunca peque" (Ec. 7:20). O conceito de perfeccionismo é digno de escárnio retórico, como visto em Provérbios 20: 9: "Quem pode dizer: 'Fiz purificar o meu coração; Eu sou limpo de meu pecado? "Tiago comenta que" todos nós tropeçamos de muitas maneiras "(Tiago 3: 2), e como diariamente cometemos pecado, o Senhor Jesus nos instrui a orar diariamente pelo perdão (Mateus 6:11). -12, ver 1 João 1: 9).

Longe de pensar para atingir a perfeição espiritual nesta vida, todos os crentes devem chorar com Paulo,

> *Não* que eu já tenha obtido isto ou já seja perfeito, mas continuo a fazê-lo meu, porque Cristo Jesus me fez seu. Irmãos, eu não considero que eu fiz isso meu. Mas uma coisa eu faço: esquecendo o que está por trás e esforçando-se para a frente para o que está à frente, eu prossigo em direção à meta para o prêmio do chamado ascendente de Deus em Cristo Jesus. (Filipenses 3: 12-14)

Então, em uma demonstração de ironia apostólica, ele acrescenta a exortação: "Que aqueles de nós que são maduros [Gk. *Teleios*] pensam assim, e se em qualquer coisa que você pensa de outra forma, Deus revelará isso também a você "(Flp 3:15). Aqueles que são "perfeitos" (ou seja, verdadeiramente espiritualmente maduros) são aqueles que percebem que não são perfeitos e que reconhecem a necessidade perene de esgotar os esforços na busca da santidade pessoal.

O CARÁTER DA SANCTIFICAÇÃO PROGRESSIVA

Grande parte da confusão sobre como perseguir corretamente e com êxito a santificação vem fundamentalmente de mal-entendidos sobre a natureza da santificação. Os seguidores de Cristo, portanto, devem entender o caráter desta santidade que lhes é ordenado perseguir. Enquanto várias passagens da Escritura devem ser consultadas para

esclarecer esta verdade, dois textos fundamentais destacam-se como especialmente pertinentes:

> Portanto, amados meus, como sempre obedecestes, agora, não só como em minha presença, mas muito mais na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor, porque é Deus que opera em vós, Para trabalhar para seu prazer. (Filipenses 2: 12-13)

> E todos nós, com rosto desvendado, vendo a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de um grau de glória para outro. Pois isso vem do Senhor que é o Espírito. (2 Coríntios 3:18)

Estes e outros textos estabelecem várias conclusões sobre a natureza, o autor, os meios e a dinâmica da santificação progressiva.

A Natureza da Santificação . Em primeiro lugar, a santificação é fundamentalmente uma obra sobrenatural de Deus feita na natureza interior do homem. Paulo declara que Deus está trabalhando *nos* crentes para que eles não apenas trabalhem para o seu bom prazer, mas até mesmo por sua boa vontade (Fil 2:13). Ou seja, Deus trabalha para o crente para santificar não meramente suas ações externas, mas também seus desejos internos. Além disso, em 2 Coríntios 3:18, Paulo fala da santificação como o "ser transformado" do crente [Gk. *Metamorphoumetha*] na imagem de Cristo, termo que descreve uma mudança interior no caráter fundamental. Em outros lugares, Paulo indica que tal transformação requer a renovação da mente (Romanos 12: 2) e ora pelos crentes para esse fim (Efésios 4:23), **Juntamente com pedir que eles fossem "fortalecidos com poder através de seu Espírito em seu ser interior" (Efésios 3:16) - todos os quais testemunham a natureza fundamentalmente interior da santificação. Comentando as exortações de Paulo para que os crentes sejam renovados no espírito de suas mentes (Efésios 4:23), Charles Hodge observa com razão que**

> A santificação ... não consiste exclusivamente em uma série de um novo tipo de atos. É o fazer a árvore boa, a fim de que o fruto pode ser bom. Envolve uma mudança essencial de caráter. Como a regeneração não é um ato do sujeito da obra, mas na linguagem da Bíblia um novo nascimento, uma nova criação, uma vivificação ou comunicação de uma vida nova ... então a santificação em sua natureza essencial não são atos sagrados, Uma mudança no estado da alma, que os atos pecaminosos se tornam mais raros, e os atos sagrados são cada vez mais habituais e controladores.

Portanto, os crentes não devem conceber a santidade como a reforma dos comportamentos externos, em que as pessoas dobram suas vontades para realizar tarefas para as quais não têm nenhum motivo Godward; Antes, os crentes devem reconhecer que a santificação consiste fundamentalmente na miraculosa transformação interior das afeições. Para usar a metáfora de Hodge, não está tomando fruto e grampeando-o para o ramo de árvore, mas está enraizando o ramo na videira de modo que o fruto é suportado em virtude da união vital do crente com o Senhor Jesus Cristo. Enquanto a pessoa santa faz certamente o que Deus ordena, ele faz isso porque ama a Deus e ama o que Deus ama. A santificação é a transformação espiritual da mente e das afeições que, por sua vez, redirecionam a vontade e as ações.

O Autor da Santificação . Como a santificação não é fundamentalmente externa, mas sim uma obra interna e sobrenatural no coração do homem, seu autor deve ser Deus. Consistente com esse entendimento, Paulo declara que "é *Deus* que opera em vós, querendo, quer trabalhando para o seu beneplácito " (Filipenses 2:13), e ele em outro lugar atribui toda a obra de santificação a Deus (1 Tess 5:23). O Deus de paz é exortado

a equipar o seu povo para que ele possa "fazer a sua vontade" e trabalhar neles "o que é agradável aos seus olhos" (Hb 13: 20-21). Por esta razão, a Escritura freqüentemente emprega a voz passiva em textos-chave sobre a santificação, comandando os crentes a não se transformarem, mas a *serem transformados* (por exemplo, Romanos 12: 2 e 2 *Coríntios* 3:18). Portanto,

Mais especificamente, a Escritura identifica o Espírito Santo como o membro da Divindade que é o agente divino da santificação. Pedro fala da "santificação do Espírito" (1Pe 1: 2). Ele é "o Espírito de santidade" (Romanos 1: 4) que guerreiam diretamente contra os desejos da carne (Gálatas 5:17), enquanto que as virtudes que constituem um caráter de santidade e integridade são ditas como sendo o Espírito Fruto (Gálatas 5: 22-23). Não é nenhuma surpresa, então, que Paulo diz que a transformação do crente na imagem de Cristo "vem do Senhor que é o Espírito" (2 Coríntios 3:18).

Os Meios de Santificação . No entanto, enquanto a santificação é devidamente dito ser uma obra interna do Espírito, não se segue que o crente não tem nada a ver neste assunto, uma vez que a Escritura está repleta de exortações e imperativos para o crente para buscar a santidade. Paulo ordena à igreja que "desenvolva sua própria salvação com temor e tremor" precisamente porque Deus está trabalhando dentro deles (Flp 2: 12-13). Tão longe de ser uma desculpa para não trabalhar, a obra santificadora de Deus nos crentes é a própria base de seus esforços. Pedro declara que, com base na obra de Cristo, os crentes receberam "todas as coisas que pertencem à vida e à piedade" e "escaparam da corrupção que há no mundo por causa do desejo pecaminoso" (2 Pe 1). : 3-4). **E segue estes preciosos indicativos com um apelo animador para a ação: "Por isso mesmo, esforçai-vos em completar a vossa fé com a virtude" (2 Pedro 1: 5). Como escreve John Murray,**

> O trabalho de Deus em nós não está suspenso porque trabalhamos, nem nosso trabalho suspenso porque Deus trabalha. Nem é a relação estritamente de cooperação como se Deus fez a sua parte e nós fizemos a nossa para que a conjunção ou coordenação de ambos produziu o resultado exigido. Deus trabalha em nós e também trabalhamos. Mas a relação é que, *porque* Deus trabalha, nós trabalhamos. Todo o trabalho de salvação de nossa parte é o efeito do trabalho de Deus em nós.

Assim, devemos "lutar por ... a santidade sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14), para "matar as obras do corpo" (Romanos 8:13), "fugir de Imoralidade sexual "(1 Coríntios 6:18), para" perseguir a justiça "(2 Timóteo 2:22), e até" purificar-nos de toda impureza de corpo e espírito, levando a santificação ao fim no temor de Deus " (2 Cor. 7: 1).

Assim, enquanto os crentes não podem efetuar diretamente a transformação interior da santificação para suas almas e enquanto a santificação é propriamente dita ser a obra do Espírito, os crentes não são inteiramente passivos na santificação. Em vez disso, o Espírito Santo efetua sua transformação santificante nos corações dos crentes através do uso de meios que devem ser apropriados. O puritano escocês Henry Scougal fornece uma ilustração eficaz:

> Toda a arte e indústria do homem não pode formar a menor erva, ou fazer um talo de milho para crescer no campo; É a energia da natureza, e as influências do céu, que produzem esse efeito; É Deus "que faz crescer a erva ea erva para o serviço do homem" (Salmo 104: 14); E no entanto ninguém vai dizer que os trabalhos do [agricultor] são inúteis ou desnecessários.

Em outras palavras, embora seja verdade que Deus é Aquele que faz crescer a erva e faz a terra produzir colheitas, apenas um fazendeiro insensato espera passivamente a terra

para produzir seus produtos por divina fiat. Em vez disso, ele reconhece que Deus produz frutas e vegetais da terra por meio de um agricultor de labores - através do cultivo do solo, a semeadura da semente, ea exposição da planta à luz solar e água. Do mesmo modo, em si mesmo, o crente é igualmente impotente para realizar a santidade em seu coração, pois é obra de Deus. No entanto, apenas uma pessoa tola espera passivamente para que seu coração brote na justiça pelo fiat divino. Em vez disso, o cristão fiel reconhece que Deus produz o fruto da santidade por meio do trabalho do crente. Os repetidos apelos da Escritura ao esforço, à ação,

Os meios de santificação incluem o seguinte:

1. Leitura e meditação sobre a Palavra de Deus (Salmos 1: 2-3, 19: 7-11, 119: 105, João 17:17, Atos 20:32, 2 Tim. 3: 16-17, Heb. 4:12, Tiago 1: 23-25)
2. Oração (Salmo 119: 37, Lucas 11: 9, Filipenses 4: 6-7, Hebreus 4:16, Tiago 4: 2, 1 João 1: 9)
3. Fellowshiping com os santos no contexto da igreja local (Provérbios 27:17, 1 Coríntios 12: 7, Ef 4: 11-16, 25, Heb. 3: 12-13, 10: 24-25)
4. Interpretar as experiências da providência de Deus de acordo com as Escrituras (Romanos 8: 28-29), especialmente a experiência das provações (Sl 119: 71, Romanos 5: 3-5, 8:17, Filipenses 3:10 1: 2), 1: 1, 1, 2,
5. Manter os mandamentos de Deus (João 15:10)

A graça santificadora flui através de todos esses canais, e assim é responsabilidade dos cristãos colocar-se no caminho dessas bênçãos. Embora os crentes não possam realizar a operação divina de santificação em suas próprias almas, devem, no entanto, perseguir a santidade aproveitando-se dos meios pelos quais o Espírito de Deus realiza essa operação divina.

A Dinâmica da Santificação . A questão da dinâmica da santificação diz respeito à forma como a santificação realmente funciona. Por que a leitura e o estudo da Palavra de Deus santificam? Como a oração é um meio de graça? Por que a comunhão com outros crentes empurra o povo de Deus para uma maior santidade? Mais uma vez, as respostas a estas perguntas vêm em 2 Coríntios 3:18, onde a Escritura revela um sexto meio de santificação que está no fundamento do resto, tornando-os assim eficazes. Paulo escreve: "E todos nós, com rosto *desvelado , vendo* a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de um grau de glória para outro. Pois isso vem do Senhor que é o Espírito. "Fervendo essa frase complexa até uma forma mais simples, ela diz:" Todos vemos a glória do Senhor,

Este tema da visão espiritual não está isolado para este único texto, mas é estabelecido em todo o ensino do Novo Testamento sobre a santificação. O autor de Hebreus afirma que a vida cristã é uma raça corrida com perseverança enquanto os crentes fixam seus olhos em Jesus, o fundador e consumador da fé (Hb 12: 2). A própria fé é visão espiritual que vê e crê a verdade, "a certeza das coisas esperadas" e "a convicção das coisas não vistas" (He 11.1); Isto é, o que não pode ser visto com os olhos físicos é desvelado pelos olhos espirituais da fé. Dessa forma, a fé de Moisés foi fortalecida para suportar toda a tentação "olhando para a recompensa" (11:26) e "vendo aquele que é invisível" (11:27). Paulo encoraja os coríntios com o pensamento de que a aflição temporária desta vida está produzindo um peso eterno de glória para o povo de Deus, desde que eles olhem com os olhos da fé para o que é invisível: a verdade espiritual que revela a glória do Salvador 2 Cor. 4: 17-18). *E mais uma vez, o apóstolo João instrui-nos que o nosso ser aperfeiçoado à imagem de Cristo resultará de finalmente vê-lo sem obstáculos: "Mas sabemos que quando ele aparecer, seremos como ele, porque o* veremos como ele é". 1 João 3: 2).

O peso cumulativo desses textos nos obriga a compreender a visão espiritual que contempla a glória de Cristo como o meio fundacional da santificação. John Owen resume este ensinamento bíblico:

> Vivamos na contemplação constante da glória de Cristo, e a virtude procederá dele para reparar todos os nossos decaimentos, para renovar um espírito correto dentro de nós e para fazer-nos abundar em todos os deveres de obediência ... A alma para esse objeto que é adequado para dar prazer, complacência e satisfação ... Quando a mente está cheia de pensamentos de Cristo e sua glória, quando a alma nela se apega com afetos intensos, eles expulsarão ou não darão As causas da fraqueza espiritual e da indisposição ... E nada tanto excitará e encorajará nossas almas aqui como uma visão constante de Cristo e Sua glória.

Em outras palavras, quando o crente apreende a glória de Cristo com os olhos da fé, a visão de sua beleza satisfaz sua alma de tal maneira que ele não continua buscando satisfação nos prazeres falsos e fugazes do pecado. Assim como na regeneração, quando o Espírito brilhou nos corações dos pecadores a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2 Cor. 4: 6), superando a cegueira espiritual, despertando as almas para a sujeira do pecado ea Cristo, assim também o Espírito opera na santificação progressiva, fortalecendo aquela santa disposição criada na regeneração. A apreensão espiritual da glória de Cristo ajusta as afeições dos crentes à vontade divina, fazendo com que odeiem o pecado e amem a justiça. Então, As afeições santificadas direcionam a vontade de tal maneira que ela deseja a justiça que ela veio a amar e repudia o pecado que veio a odiar. Finalmente, a transformação interna é levada a cabo externamente, como o santificado emite em viver santo.

Portanto, como o crente se serve dos vários meios pelos quais ele se apóia da graça santificadora do Espírito, ele deve olhar com os olhos da fé para a glória transformadora de Cristo revelada por esses meios. A Palavra de Deus é um veículo para a glória de Deus (Êxodo 33:18, 34: 5-7, 1 Sam. 3: 1, 21). A oração é a ocasião para a comunhão pessoal com Deus, na qual o adorador procura o rosto de Deus (2 Crônicas 7:14, Salmos 24: 6, 27: 8, 105: 4, Os. 5:15) para que ele possa Eis a sua beleza transformadora (Salmo 27: 4). A comunhão na igreja local é uma oportunidade para ouvir a Palavra pregada com habilidade, para cantar canções de adoração com letras santificadoras tiradas da verdade bíblica, orar corporativamente como o corpo de Cristo e ver o evangelho retratado nas ordenanças do batismo e da comunhão . Além disso, A qualquer grau em que os cristãos se conformaram imperfeitamente à imagem de Cristo (Romanos 8:29 e 2 Coríntios 3:18), refletem a imagem da sua glória uns para os outros. Finalmente, a própria obediência é a via para uma revelação maior da glória de Cristo aos olhos do coração (João 14:21). Quando confrontados com as tentações ao pecado, os crentes devem raciocinar consigo mesmos, considerando que o pecado nunca entrega a satisfação que promete. Eles devem considerar que a obediência traz revelações mais completas do Salvador, que é a fonte de todo verdadeiro prazer e satisfação. E por um desejo de prazer superior que se encontra em Cristo, devem comprometer-se (1) com a obra da mortificação - matar os atos do corpo (Romanos 8:13), isto é, deixar de lado o velho Auto (Efésios 4:22) eo pecado que tão facilmente enreda (Hb 12:

Ao lutar para contemplar a glória de Jesus por todos os meios da graça, o seguidor de Cristo será gradualmente transformado em sua imagem de dentro para fora. Ele, portanto, conduzir-se-á de maneira digna do evangelho (Filipenses 1:27) e digno do próprio Senhor (Col. 1:10), trabalhando a sua salvação com temor e tremor, como ordena a Escritura : 12). Como 2 Timóteo 2:21 declara: "Ele será um vaso para uso honroso, separado como santo, útil ao dono da casa, pronto para toda boa obra".

Perseverança

Uma questão sincera (e freqüentemente irritante) entre os cristãos professos se preocupa se a salvação em Cristo é ou não eternamente segura. Aqueles que verdadeiramente conhecem Jesus Cristo como Salvador e Senhor pela fé perseveram nessa fé até o fim de suas vidas? Ou existe a possibilidade de um cristão genuíno perder sua salvação? Será que aqueles que genuinamente confiam em Cristo para a salvação mais tarde abandonarão sua fé e, portanto, perderão sua vida eterna? O ensinamento unificado de toda a Escritura responde com um *não* enfático a cada uma dessas perguntas. Todos aqueles que são verdadeiramente nascidos do Espírito e unidos a Cristo pela fé são mantidos seguros nele pelo poder de Deus e assim perseverarão na fé até que eles vão estar com Cristo na morte. Esta doutrina é freqüentemente rotulada como a perseverança dos santos.

O PODER PRESERVADOR DO TRIUNO DEUS

A segurança eterna do verdadeiro crente em Cristo é, finalmente, fundada na natureza preservadora do Deus trino. Primeiro, a segurança do crente está fundamentada no amor imutável, no poder infinito e na vontade salvadora do Pai. A salvação começou na eternidade, quando Deus estabeleceu seu amor salvador sobre os seus eleitos e concedeu-lhes graça em Cristo Jesus (2 Tim. 1: 9), nomeando Cristo para ser seu Mediador. A Escritura descreve este decreto como o Pai dando aos eleitos ao Filho (João 6:37, 39; 10:29; 17: 2, 6, 9, 24) e predestinando-os a conformar-se à imagem do Filho (Rom. 8:29). É impossível para aqueles a quem o Pai predestinou à semelhança de Cristo deixar de alcançar esse fim, pois "aqueles a quem predestinou, ele também chamou, e aqueles que ele chamou também justificou, e aqueles que ele justificou, também glorificou" (Rom. 8:30). Nestes versículos, Paulo apresenta os eventos da redenção como uma cadeia inquebrável da graça soberana de Deus. A consumação final da salvação do crente é tão certa e segura que Paulo pode falar do justificado como se já tivesse sido glorificado. Todos os que Deus escolheu, ele também justificou sobre a base da justa obra do Filho, e todos os que ele justificou, ele também glorificou. É impossível que aquele que se uniu a Cristo e concedeu sua justiça em justificação não seja glorificado também. O Pai não deixará de levar a cabo a plenitude do seu propósito de eleição para o seu fim designado. A este pensamento Paulo acrescenta que nenhum para quem Cristo morreu está sujeito à condenação (Romanos 8: 31-34, ver 8: 1). Ele declara que nada em toda a criação separará os verdadeiros crentes do amor de Deus em Cristo: Paulo apresenta os eventos da redenção como uma cadeia inquebrável da graça soberana de Deus. A consumação final da salvação do crente é tão certa e segura que Paulo pode falar do justificado como se já tivesse sido glorificado. Todos os que Deus escolheu, ele também justificou sobre a base da justa obra do Filho, e todos os que ele justificou, ele também glorificou. É impossível que aquele que se uniu a Cristo e concedeu sua justiça em justificação não seja glorificado também. O Pai não deixará de levar a cabo a plenitude do seu propósito de eleição para o seu fim designado. A este pensamento Paulo acrescenta que nenhum para quem Cristo morreu está sujeito à condenação (Romanos 8: 31-34, ver 8: 1). Ele declara que nada em toda a criação separará os verdadeiros crentes do amor de Deus em Cristo: Paulo apresenta os eventos da redenção como uma cadeia inquebrável da graça soberana de Deus. A consumação final da salvação do crente é tão certa e segura que Paulo pode falar do justificado como se já tivesse sido glorificado. Todos os que Deus escolheu, ele também justificou sobre a base da justa obra do Filho, e todos os que ele justificou, ele também glorificou. É impossível que aquele que se uniu a Cristo e concedeu sua justiça em justificação não seja glorificado também. O Pai não deixará de levar a cabo a plenitude do seu propósito de eleição para o seu fim designado. A este pensamento

Paulo acrescenta que nenhum para quem Cristo morreu está sujeito à condenação (Romanos 8: 31-34, ver 8: 1). Ele declara que nada em toda a criação separará os verdadeiros crentes do amor de Deus em Cristo:

> A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? ... Não, em todas estas coisas somos mais que vencedores por aquele que nos amou. Pois estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os governantes, nem as coisas presentes, nem as coisas vindouras, nem os poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra coisa em toda a criação poderá separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor. (Romanos 8:35, 37-39)

O Senhor Jesus faz este mesmo ponto a respeito da vontade salvadora do Pai quando declara:

> Tudo o que o Pai me dá virá a mim, e quem quer que venha a mim não o lançarei fora. Porque desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou, para que eu não perca nada de tudo o que ele me deu, mas levantá-lo no último dia. Pois esta é a vontade de meu Pai: todo aquele que olha para o Filho e crê nele, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6: 37-40)

A vontade do Pai é que Cristo não perca *nenhum* daqueles que Ele lhe deu e que todo crente eleito possuirá a vida eterna e será ressuscitado para glória eterna no último dia. E a vontade do Pai não pode ser anulada por ninguém ou nada (Jó 42: 2, Sl 33: 10-11, 115: 3, Isaías 46: 9-10, Dan. 4:35), pois ele não é apenas graciosamente Dispostos a seu povo, mas também soberanamente poderosos para realizar seus desejados fins. Como Jesus diz: "Eu dou [a minha ovelha] a vida eterna, e eles nunca perecerão, e ninguém os arrebatará da minha mão. Meu Pai, que me os deu, é maior do que todos, e ninguém é capaz de arrebatá-los da mão do Pai "(João 10: 28-29). Usando a linguagem negativa mais forte disponível na língua grega, *Jesus enfaticamente declara que aqueles que pertencem a Cristo pela fé "nunca perecerão " (Gk. Ou mē apolōntai* , João 10:28), mas terão a vida eterna (João 3:16). Ele fundamenta a segurança eterna das ovelhas de Cristo no soberano poder do Pai que as segura na sua mão. O Pai é tão grande e poderoso que ninguém poderia arrancar da sua mão aqueles que ele mantém para sempre.

Por isso, Paulo expressa a sua confiança de que "aquele que iniciou uma boa obra em vós, a completará no dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1: 6). Simplesmente, Deus termina o que ele começa. Uma vez que foi a graça soberana do Pai - não o livre arbítrio do homem - que *iniciou* a obra da salvação na vida dos pecadores (Atos 11:18, 16:14, Ef 2: 4-9; 1:29, Tiago 1:18), assim também Deus exercerá esse mesmo poder soberano para levar essa grande obra a sua conclusão. Os crentes podem estar confiantes de que perseverarão pelo poder preservador do Pai.

Segundo, a segurança do crente está fundamentada nos méritos da obra salvadora de Cristo e na eficácia de sua presente intercessão. Por esta razão, Paulo escreve: "Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. Quem deve condenar? Cristo Jesus é aquele que morreu - mais do que aquele que foi ressuscitado - que está à destra de Deus, que de fato está intercedendo por nós "(Romanos 8: 33-34). A morte de Cristo, a ressurreição e a intercessão atual constituem a base sobre a qual nenhuma acusação contra seu povo jamais se levantará. Porque ele morreu, ressuscitou e intercede perante o Pai, ninguém nos separará de seu amor (Romanos 8: 35-39).

Assim como o propósito predestinante do Pai alcança plenamente o seu fim desejado, assim também a obra redentora do Filho realiza seu design com perfeita eficácia. Como o substituto de seu povo, o Filho de Deus estava no lugar de eleitos pecadores na cruz e levou a plenitude do castigo divino contra seus pecados (1Pe 2:24). Ao fazê-lo, ele

totalmente propiciou a ira do Pai contra o seu povo (Romanos 3:25, Heb 2:17, 1 João 2: 2, 4:10), comprando-os para fora do mercado de escravos do pecado com o preço Do seu próprio sangue (Atos 20:28, Ap 5: 9). Não só isso, mas o Pai também certificou, ao ressuscitar Cristo dos mortos, que sua morte expiou suficientemente pelo pecado. A ressurreição foi a grande vindicação e validação de Cristo (1 Tim. 3:16), Verificando que o Pai havia aprovado sua obra concluída e que não havia mais penalidade a ser paga, nem mais ira sobre os que estão nele. Sugerir, então, que os pecadores para quem Cristo se ofereceu como propiciação podem ainda sofrer a penalidade eterna da ira de Deus é degradar o valor de seu sacrifício redentor e contradizer o testemunho do Pai na ressurreição. Além disso, através da aplicação do Espírito da obra redentora de Cristo, o pecador é creditado com a justiça de Cristo em justificação. É impensável que o Espírito só aplicasse uma parte daqueles benefícios poupadores adquiridos pela redenção de Cristo, de modo que uma alma declarada justa com base na obra de Cristo deveria ser despojada dessa justiça para sofrer a pena de condenação de que ele Tinham sido resgatados.

Além disso, Cristo não só ofereceu um sacrifício infinitamente digno em favor de seu povo, mas também intercede continuamente por seu povo perante o Pai no tempo presente (Romanos 8:34). Ele reza particularmente para assegurar a salvação eterna dos eleitos, como Hebreus 7:25 diz: "Conseqüentemente, ele é capaz de salvar ao extremo os que se aproximam de Deus por meio dele, *pois ele sempre vive para interceder por eles* ". O escritor é tão enfático quanto ele pode ser: Jesus não salva seu povo de uma maneira em que a salvação pode ser perdida ou perdida. Não, ele salva "até ao fim" (gr. *Eis a panteles*) -perfectly, completa e eternamente e ele intercede para garantir que a salvação não vai falhar com uma intercessão que é sempre eficaz. Quando Satanás exigiu que Prateireiro fosse como o trigo, Jesus respondeu, assegurando a Pedro: "Mas eu orei por você para que sua fé não falhe" (Lucas 22: 31-32). *A oração de intercessão de Jesus é suficiente para assegurar a preservação da salvação de Pedro, pois ele continua: "E quando* " - não "se" - "voltastes, fortalecei os vossos irmãos" (Lucas 22:32). Todos os crentes são os beneficiários da intercessão perfeitamente eficaz de seu Grande Sumo Sacerdote e, portanto, são mantidos pelo poder de Deus (1Pe 1: 5).

Terceiro, a segurança do crente está fundamentada no ministério de selamento do Espírito Santo. Paulo escreve: "Nele também vós, quando ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação e creu nele, fostes selados com o prometido Espírito Santo, que é a garantia da nossa herança até que a possuamos, Para o louvor da sua glória "(Efésios 1: 13-14, ver 4:30). Nos dias de Paulo, afixar um selo a algo expressava os conceitos de segurança, autenticação e propriedade. Deus sela seu povo com o próprio Espírito Santo, dando seu próprio Espírito para habitar pessoalmente cada crente como uma promessa da herança futura da salvação (2Co 1:22; 5: 5). A palavra grega traduzida "promessa" é *arrabōn* , Um termo comercial que se refere a um pagamento sério ou de adiantamento - uma "primeira prestação com a garantia de que o resto iria seguir". Mais uma vez, Deus não afixaria seu selo de propriedade ao seu povo, fazendo com que o próprio Espírito Santo habitasse neles como Uma garantia de sua fervorosa fidelidade para trazê-los à sua herança prometida, e ainda não conseguir protegê-los de modo a cumprir plenamente a sua promessa de vida eterna. Como Grudem diz: "Todos os que têm o Espírito Santo dentro deles, todos os que são verdadeiramente nascidos de novo, têm a promessa imutável de Deus e garantem que a herança da vida eterna no céu certamente será deles. Própria fidelidade de Deus se comprometeu a realizá-lo." [177] Fazendo com que o próprio Espírito Santo habite neles como uma garantia de sua fervorosa fidelidade para trazê-los à herança prometida, e ainda assim falhar em protegê-los para cumprir plenamente sua promessa de vida eterna. Como Grudem diz: "Todos os que têm o Espírito

Santo dentro deles, todos os que são verdadeiramente nascidos de novo, têm a promessa imutável de Deus e garantem que a herança da vida eterna no céu certamente será deles. Própria fidelidade de Deus se comprometeu a realizá-lo." 177 Fazendo com que o próprio Espírito Santo habite neles como uma garantia de sua fervorosa fidelidade para trazê-los à herança prometida, e ainda assim falhar em protegê-los para cumprir plenamente sua promessa de vida eterna. Como Grudem diz: "Todos os que têm o Espírito Santo dentro deles, todos os que são verdadeiramente nascidos de novo, têm a promessa imutável de Deus e garantem que a herança da vida eterna no céu certamente será deles. Própria fidelidade de Deus se comprometeu a realizá-lo." 177

A FÉ PERSEVERANTE DA CRIANÇA DE DEUS

Enquanto todos os verdadeiros crentes são soberanamente preservados em sua salvação pelo poder todo-poderoso de Deus, sua soberania de modo algum elimina sua responsabilidade de perseverar na fé ao longo de suas vidas. Assim como a soberania de Deus na conversão não mitiga a responsabilidade de arrepender-se e crer (Romanos 9: 14-18, ver Rm 10: 11-21), e assim como a soberania de Deus em santificação não descarta a necessidade de sustentação Esforço para buscar a santidade (por exemplo, Fil. 2: 12-13, 2 Pedro 1: 3-5), assim também a preservação soberana de Deus não está em desacordo com a necessidade da perseverança do crente. Todos os verdadeiros crentes são "pelo poder de Deus ... sendo guardados pela fé para uma salvação pronta para ser revelada no último tempo" (1Pe 1: 5). O poder de Deus é a força preservadora decisiva,

Portanto, a Escritura emite numerosos apelos para perseverar na fé, indicando que o fracasso em perseverar resultará em um fracasso em se apoderar da salvação final. Jesus adverte sobre a inevitável perseguição que seus seguidores devem enfrentar em um mundo hostil à verdade e à justiça. Diante dessa hostilidade, ele apela à perseverança: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo "(Mateus 10:22). Ele fala semelhantemente daqueles crentes vivos na tribulação: "E porque a iniquidade aumentará, o amor de muitos se tornará frio. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo "(Mateus 24: 12-13). Jesus exortou os judeus que fizeram uma profissão exterior de fé nele para demonstrar a autenticidade de sua fé pela obediência: "Se você permanecer em minha palavra, Vocês são verdadeiramente meus discípulos "(João 8:31). Assim, aqueles que não permanecem em sua Palavra são mostrados como falsos discípulos - ou "falsos irmãos" (2 Coríntios 11:26, Gálatas 2: 4), que afirmam pertencer a Jesus, mas falham em trazer os necessários Fruto que evidencia uma verdadeira conversão. Portanto, Paulo procura dar segurança àqueles para quem Cristo morreu, mas sugere que alguns que afirmam estar entre esse número não são. *Ele explica que Cristo "vos apresentará santo e irrepreensível e irrepreensível perante [o Pai], se de fato* permanecerdes firmes e firmes *na fé* , não se afastando da esperança do evangelho que ouvistes, que foi proclamada em todos Criação debaixo do céu "(Col. 1: 22-23). Da mesma forma, o autor de Hebreus nos assegura que "chegamos a participar de Cristo,

Essas passagens indicam claramente que o crente professante deve perseverar na fé e na obediência, se ele finalmente chegar à salvação. Enquanto alguns asseguram aos cristãos professos que o céu é deles, não importa como vivam depois de professarem a fé - como é popular nas formas de antinomianismo, quietismo e teologia chamada "graça livre" - tais conceptualizações do poder preservador de Deus Oposição ao ensino da Escritura.

Uma implicação desta verdade é que muitas pessoas podem dar sinais exteriores de devoção a Cristo e à sua igreja, que são interiormente não verdadeiros cristãos. Ilustrado pela semente que caiu no chão rochoso, alguns cristãos professos parecem receber a

Palavra de Deus com alegria. No entanto, eles não têm raiz, então quando a tribulação ea perseguição vêm, eles caem longe de Cristo e abandonam sua profissão de fé (Mt 13: 3-9, 18-23). Jesus adverte que alguns que professam com entusiasmo fé em Cristo e até parecem exercitar dons milagrosos do Espírito Santo virão ao dia do julgamento esperando para herdar a salvação, mas em vez disso serão enviados para a destruição:

> Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, e não expulsamos demônios em teu nome, e fizemos muitos milagres em teu nome? E então lhes declararei: Nunca o conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade. "(Mateus 7: 21-23)

Curiosamente, Jesus não diz: "Eu te conheci uma vez, mas você não conseguiu perseverar e caiu longe da fé." Pelo contrário, ele diz: "Eu *nunca* te conheci", indicando que aqueles que fazem até as mais sinceras profissões de fé, Que não completaram a sua fé com o fruto do Espírito (2 Pedro 1: 5-10, Gálatas 5: 22-24) nunca foram cristãos verdadeiros para começar. Isso é significativo, porque muitos se opõem à doutrina da perseverança dos santos com base na experiência de um amigo ou parente que professava fé em Cristo, mas mais tarde caiu. A experiência, em conjunto com várias passagens da Escritura que ameaçam a perdição final por não perseverar, sugere que os verdadeiros cristãos podem realmente perder a sua salvação. Contudo, As Escrituras ensinam que aqueles que não conseguem perseverar até o fim revelam que nunca foram cristãos verdadeiros para começar. O apóstolo João escreve: "Eles saíram de nós", isto é, certas pessoas se associaram à igreja e, mais tarde, partiram - "mas eles não eram de nós; Pois se tivessem sido de nós, teriam continuado conosco. Mas eles saíram, para tornar-se claro que nem todos eles são de nós "(1 João 2:19).

Aqueles que ensinam que os cristãos podem perder a sua salvação também apontam para passagens como Hebreus 6: 4-10 e 10: 26-31, que em uma leitura superficial pode parecer sugerir que a vida eterna pode ser perdida. Hebreus 6: 4-10 declara,

> Pois é impossível, no caso de aqueles que foram iluminados uma vez, que provaram o dom celestial, e têm participado no Espírito Santo, e provaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era futura, E depois terem caído, para restaurá-los novamente ao arrependimento, já que eles estão crucificando mais uma vez o Filho de Deus para seu próprio mal e mantendo-o até o desprezo. Para a terra que tem bebido a chuva que cai frequentemente nela, e produz uma colheita útil àqueles para cuja causa é cultivada, recebe uma bênção de Deus. Mas, se tiver espinhos e abrolhos, é inútil e está perto de ser amaldiçoado, e seu fim será queimado. Embora falemos desta maneira, no entanto, no seu caso, amados, temos certeza de coisas melhores - coisas que pertencem à salvação.

No exame mais detalhado, no entanto, o escritor de Hebreus está claramente contrastando pelo menos dois tipos de ouvintes da mesma mensagem do evangelho. O único grupo, ilustrado no versículo 7 como terra madura, sobre a qual cai a chuva da semente do evangelho, produz o fruto da salvação eterna. Contudo, de acordo com o versículo 8, um segundo grupo, presumivelmente membros da mesma congregação, ouve a mesma mensagem exata, e contudo neles a verdade do evangelho produz espinhos e cardos sem valor destinados a serem queimados. O escritor está alertando este segundo grupo de ouvintes de que eles correm o risco de nunca ter respondido corretamente à semente do evangelho. É por isso que ele diz no versículo 9: "Embora falemos desta maneira [ou seja, emitindo estas severas advertências no versículo 8 para aqueles que estão em perigo de rejeitar o evangelho], no entanto, no seu caso, amados [isto é, aqueles em verso 7,

Assim, a chave para interpretar esta passagem (bem como as outras passagens de advertência em Hebreus, como 10: 26-31) é determinar quem está sendo avisado e por

quê. Aqueles que respondem positivamente ao evangelho no princípio só para rejeitar Cristo mais tarde - mesmo se eles se associam com o povo de Deus e atendem aos deveres externos da religião - não são verdadeiros crentes que perderam a salvação, mas são apóstatas que nunca exerceram a fé salvadora . À luz da plena revelação da verdade, abandonaram a fé e renunciaram a Cristo numa incredulidade estabelecida e insensível. O escritor de Hebreus declara: "É impossível ... restaurá-los de novo ao arrependimento, já que eles estão crucificando novamente o Filho de Deus para seu próprio mal e o mantendo em desprezo" (Heb.6: 4-6). À luz do testemunho bíblico acima, É impossível aplicar essa linguagem aos verdadeiros crentes que se uniram a Cristo pela fé. Assim, estas passagens de advertência são apenas isso: advertências severas para aqueles em meio à assembléia de cristãos professos que, por seu fracasso em perseverar na obediência fiel a Cristo, estão em perigo de apostasia e condenação.

SEGURANÇA DA SALVAÇÃO

Como, então, pode-se ter certeza de que ele é um verdadeiro crente em Cristo e não vai um dia cair, revelando que ele nunca foi um verdadeiro crente em tudo? A Escritura chama aqueles que professam fé em Cristo para examinar a si mesmos. Paulo exorta os coríntios: "Examinai vós mesmos, para ver se estais na fé. Teste-se "(2 Cor 13: 5). Pedro também exorta as igrejas sob seu cuidado: "Portanto, irmãos, sejam ainda mais diligentes para confirmar sua vocação e eleição" (2 Pe 1:10). O apóstolo João dedicou toda a sua primeira epístola ao assunto, afirmando o seu tema no final: "Eu escrevo estas coisas a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna" (1 João 5). : 13). Os autores da Escritura claramente desejavam que os crentes fossem seguros de sua salvação examinando suas vidas para evidência de vida espiritual genuína. Considere as onze linhas de evidência a seguir - em grande parte extraídas dos testes descritos em 1 João - para que os cristãos possam ter certeza de que sua fé e salvação são genuínas.

Evidências da relação do cristão com Deus . Primeiro, um verdadeiro cristão goza de comunhão com o Pai e o Filho através do Espírito Santo. No início de sua carta, João diz a seus leitores que ele está proclamando o evangelho para eles, a fim de que eles possam experimentar a mesma comunhão com Deus que ele gosta. Ele diz: "Aquilo que vimos e ouvimos proclamamos também a vós, para que também vós também tenhais comunhão conosco; E, de fato, nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo "(1 João 1: 3). Na verdade, aquele que é nascido de Deus ama tanto o Pai como o Filho (1 João 5: 1). Paulo também descreve a salvação como sendo "chamada à comunhão de Cristo" (1 Coríntios 1: 9), e ele caracteriza sua vida cristã como vivendo pela fé em Jesus, que vive nele (Gálatas 2:20). **Salvação é provar pessoalmente e ver que o Senhor é bom (Salmo 34: 8) - caminhar com Deus, conhecendo-o intimamente como "o Deus de toda a consolação" (2 Coríntios 1: 3), "o Deus de todos Graça "(1Pe 5:10), e o Deus que suprirá todas as nossas necessidades de acordo com suas riquezas em Cristo (Fp 4:19). Ele é Aquele a quem nos aproximamos nos momentos de angústia (Hebreus 4:16), clamando: "Abba! Pai! "(Romanos 8:15). Aqueles que regularmente experimentam esta comunhão com Deus no amor, na alegria, na oração e na descoberta da verdade bíblica podem regozijar-se na certeza de que sua fé é genuína.** **Ele é Aquele a quem nos aproximamos nos momentos de angústia (Hebreus 4:16), clamando: "Abba! Pai! "(Romanos 8:15). Aqueles que regularmente experimentam esta comunhão com Deus no amor, na alegria, na oração e na descoberta da verdade bíblica podem regozijar-se na certeza de que sua fé é genuína. Ele é Aquele a quem nos aproximamos nos momentos de angústia (Hebreus**

4:16), clamando: "Abba! Pai! "(Romanos 8:15). Aqueles que regularmente experimentam esta comunhão com Deus no amor, na alegria, na oração e na descoberta da verdade bíblica podem regozijar-se na certeza de que sua fé é genuína.

Uma segunda evidência de salvação genuína é o ministério do Espírito Santo no coração. João escreve: "Nisto conhecemos que permanecemos nele e ele em nós, porque nos deu do seu Espírito" (1 João 4:13). Quando um pecador confessa que Jesus é o Filho de Deus e Salvador do mundo e compromete-lhe a vida, é obra do Espírito. O Espírito também ilumina a mente do crente para entender a Escritura, como diz João: "A unção que você recebeu dele permanece em você e ... ensina sobre tudo" (1 João 2:27, 1 Cor 2:10, 12). O Espírito convence, incentiva e traz alegria ao coração do verdadeiro crente enquanto estuda a Bíblia. Além disso, o Espírito produz frutos na vida do verdadeiro crente, de modo que sua vida é marcada por "amor, alegria, paz, paciência, bondade, bondade, fidelidade, mansidão e autocontrole" (Gálatas 5:

Terceiro, os cristãos podem obter a garantia da salvação da oração respondida. João diz: "E esta é a confiança que temos para com ele, que se pedimos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1 João 5:14; Um crente verdadeiro ora de acordo com a vontade de Deus, pedindo perdão e uma consciência limpa, para a audácia de proclamar o evangelho, e para o contentamento em tempos difíceis. Os corações do povo de Deus são fortalecidos e encorajados quando seu Pai responde a essas orações para sua glória e seu benefício.

Quarto, o verdadeiro cidadão do céu anseia ansiosamente o retorno de Cristo (Fp 3:20). A característica fundamental do verdadeiro cristão é o amor a Cristo (1 Cor. 16:22). Esse amor faz com que ele aguarde ansiosamente o dia em que ele vai ver o seu Salvador face a face e, portanto, ser perfeitamente conformado à sua imagem (Filipenses 3:21, 1 João 3: 1-3). Esta é uma indicação da presença de uma nova natureza, que anseia ser liberto de um corpo de pecado para se tornar como o Cristo perfeito. Tais saudações e afeições são um indício de salvação genuína.

Evidências da Vida Espiritual e Crescimento do Cristão . Uma quinta evidência de salvação é o discernimento espiritual. Aqueles que são nascidos de novo são capazes de discernir entre a verdade espiritual eo erro - para testar os espíritos para ver se eles são de Deus (1 João 4: 1-3). Os adeptos de sistemas religiosos falsos tentam minar a verdade bíblica sobre a pessoa ea obra de Jesus Cristo (2 Pedro 3:16), mas Deus prepara seus filhos para reconhecer e rejeitar os falsos mestres e para se apegar a ensinamentos sólidos (1 João 2: 12-19, 4: 5-6). Embora até mesmo os demônios possam crer na sã doutrina e serem destituídos de fé salvadora (Tiago 2:19), não se gozará da verdadeira certeza sem crer na sã doutrina (1 Tessalonicenses 5:21, 1 Timóteo 6: 3-5; 2: 13-14).

Sexto, uma consciência aguda da santidade de Deus e da culpa do pecado sempre acompanha a salvação genuína. João escreve: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, ea verdade não está em nós. Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não pecamos, nós o tornamos mentiroso, e sua palavra não está em nós "(1 João 1: 8-10). Uma característica de identificação dos incrédulos é que eles não se consideram pecadores. Eles falham em reconhecer a absoluta perfeição moral de Deus - que ele é luz e que nele não há escuridão alguma (1 João 1: 5). Na falta de se verem na luz, não reconhecem a extensão pela qual estão poluídos pela escuridão do pecado. Verdadeiros crentes, no entanto, têm um agudo senso de sua pecaminosidade, E suas vidas são caracterizadas por cada vez mais adiar o pecado e colocar a justiça. Quando pecam, experimentam a tristeza divina de uma consciência limpa que os leva ao arrependimento (2 Coríntios 7:10), e confessam o seu pecado e buscam o perdão em Cristo. O testemunho pessoal de Paulo em Romanos 7: 14-25 é um exemplo da

sensibilidade e aversão do crente ao pecado. Como o apóstolo, os verdadeiros filhos de Deus pecam de várias maneiras, mas confessam o seu pecado e buscam a restauração da comunhão com Deus. O falso cristão ignora e esconde o pecado, mas o crente genuíno clama com Paulo: "Homem miserável que eu sou! Quem me livrará deste corpo de morte? "(Romanos 7:24). O filho de Deus está cansado da carga do pecado e anseia pela comunhão restabelecida com o Pai através da confissão e do arrependimento.

A sétima manifestação da salvação genuína é o padrão decrescente do pecado na vida de cada um. Não só o filho de Deus é sensível ao seu pecado remanescente, mas pela graça de Deus e do poder do Espírito, ele também terá a vitória progressiva sobre esses pecados. João escreve: "Ninguém nascido de Deus faz uma prática de pecar, porque a semente de Deus permanece nele, e ele não pode continuar pecando porque é nascido de Deus" (1 João 3: 9). Independentemente de sua profissão, padrões ininterruptos de pecado marcam o não regenerado (1 João 3: 8), não os filhos de Deus. Quando o pecador é regenerado, o domínio do pecado é quebrado eo Espírito nasce afeições santas no novo convertido. O pecado que habita permanece, mas o amor pelo pecado é quebrado. O verdadeiro cristão não é mais escravo do pecado, mas é um escravo da justiça (Romanos 6: 14-18).

Oitavo, à medida que os padrões de pecado diminuem, os padrões de obediência aumentam. João não podia ser mais claro: "E por isso sabemos que o conhecemos, se guardarmos os seus mandamentos" (1 João 2: 3). A palavra grega traduzida "manter" (*tēreō*) fala de obediência vigilante, cuidadosa e pensativa - não apenas as mãos, mas também o coração. A verdadeira obediência cristã é uma salvação voluntária e habitual da Palavra, tanto na letra como no espírito. Um crente verdadeiro obedece aos mandamentos da Escritura (João 8:31), e padrões de obediência sustentada produzem confiança de que alguém tem um relacionamento salvífico com Deus.

Evidências dos relacionamentos do cristão com outras pessoas . Uma nona evidência de salvação genuína é uma crescente rejeição da mundanidade que domina a vida humana. Em 1 João 2:15, João escreve sobre as afeições mais profundas do verdadeiro cristão, seus maiores desejos e metas supremas, ordenando-nos: "Não ameis o mundo ou as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele "(Tiago 4: 4). "O mundo" fala do sistema do mundo do mal operado por Satanás (2 Coríntios 4: 4, Ef 2: 2, 1 João 5:19), que engloba a religião falsa, a filosofia errante, o crime, a imoralidade, o materialismo, e similar. Enquanto essas coisas dominam as afeições e a vontade de todos os incrédulos, elas enobrecem o verdadeiro crente. É verdade que os cristãos às vezes podem ser atraídos para coisas mundanas, mas tal pecado traz convicção, **Confissão e arrependimento. Embora o pecado restante seja frustrante e desanimador, os verdadeiros crentes podem ser gratos pelo pecado ter sido feito para odiar e não amar (Romanos 7:15). A nova vida em Cristo nutre o amor por Deus e as coisas de Deus. Assim, aqueles que examinam a si mesmos devem perguntar se rejeitam esse sistema mundial do mal, juntamente com todas as suas falsas ideologias, religiões amaldiçoadas, estilos de vida impiedosos e buscas vãs e, em vez disso, amam a Deus, sua verdade e seu povo. Tais afeições não são nem naturais nem atraentes para a humanidade depravada (João 3: 19-20; 8:44) e, portanto, são evidência da graça do Espírito no trabalho no coração. A nova vida em Cristo nutre o amor por Deus e as coisas de Deus. Assim, aqueles que examinam a si mesmos devem perguntar se rejeitam esse sistema maligno do mundo, juntamente com todas as suas ideologias falsas, religiões condenatórias, estilos de vida impiedosos e buscas vãs e, em vez disso, amam a Deus, sua verdade e seu povo. Tais afeições não são nem naturais nem atraentes para a humanidade depravada (João 3: 19-20; 8:44) e, portanto, são evidência da graça do Espírito no**

trabalho no coração. A nova vida em Cristo nutre o amor por Deus e as coisas de Deus. Assim, aqueles que examinam a si mesmos devem perguntar se rejeitam esse sistema maligno do mundo, juntamente com todas as suas ideologias falsas, religiões condenatórias, estilos de vida impiedosos e buscas vãs e, em vez disso, amam a Deus, sua verdade e seu povo. Tais afeições não são nem naturais nem atraentes para a humanidade depravada (João 3: 19-20; 8:44) e, portanto, são evidência da graça do Espírito no trabalho no coração.

Décimo, o cristão genuíno não só rejeita o mundo, mas também é rejeitado *pelo* mundo. Por esta razão, João escreve: "Não vos admireis, irmãos, que o mundo vos odeie" (1 João 3:13). Quando o povo de Deus está separado do mundo - rejeitando seus valores pecaminosos e defendendo a justiça - seu mal é exposto. Porque a escuridão odeia a luz (João 3: 19-20), ela reage com animosidade e hostilidade às influências que a expõem. No verso precedente, João nota que Caim odiava seu irmão e o assassinou precisamente porque o comportamento justo de Abel expôs a rebelião perversa de Caim (1 João 3:12). O povo de Deus, então, experimentará o ostracismo, a rejeição e até mesmo a perseguição pelo mundo, porque eles pertencem a Cristo, que também sofreu por causa da justiça (Mateus 5: 10-12, João 15: 18-21, Fil. 1 : 29; 2 Tim. 3:12; 1 Pet. 4: 12-14). Aqueles que procuram a segurança devem perguntar se eles são prontamente aceitos pelo mundo ou se, como aqueles conformados à imagem de Cristo, eles chamam a mesma rejeição que o próprio Cristo tirou dos inimigos da justiça (João 7: 7).

Finalmente, antitético ao ódio e à rejeição pelo maligno sistema mundial é o amor de um verdadeiro crente por seus irmãos cristãos. Primeiro João 3:10 diz: "Por isso é evidente quem são os filhos de Deus, e que são os filhos do diabo: quem não pratica a justiça não é de Deus, nem é aquele que não ama seu irmão" (1 João 2: 9-11). Amar cristãos vem naturalmente para o crente. Como Paulo disse à igreja tessalonicense: "Ora, quanto ao amor fraternal, não precisas que ninguém vos escreva, porque vós mesmos aprendestes a amar-vos uns aos outros" (1 Tessalonicenses 4: 9). Jesus chegou a dizer que o amor de seus discípulos uns pelos outros seria a evidência perante todas as pessoas de que eles eram seus seguidores (João 13:35). Portanto, aqueles que são frios, indiferente,

Glorificação

O último ato divino na aplicação da redenção é a glorificação. Dada a sua imensa importância, é crítico no início distinguir glorificação de outros eventos escatológicos. Não deve ser confundido com o estado intermediário. Para aqueles que morrem na fé antes do retorno de Cristo, suas almas vão imediatamente para estar com o Senhor (Lucas 23:43, 2 Coríntios 5: 8 e Fil. 1:23). Porque a glorificação envolve tanto o corpo quanto a alma, ela não ocorre quando a alma de um crente entra no céu intermediário atual, mas sim na segunda vinda de Cristo. Nem a glorificação deve ser confundida com a restauração da terra. Embora seja uma maravilhosa promessa de que toda a Terra será restaurada (Atos 3:21) - assim como a criação foi amaldiçoada como resultado do pecado do homem, assim também será redimida como resultado da redenção do homem (Romanos 8:20). -21; Cf. É um. 65:17; 2 Pet. 3: 7; Ap 21: 1) - esses atos não devem ser confundidos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento

do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Ap 21: 1) - esses atos não devem ser confundidos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Ap 21: 1) - esses atos não devem ser confundidos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Glorificação refere-se à salvação final de pessoas, não a redenção de objetos inanimados. Finalmente, nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio

podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. Nem todos os crentes serão glorificados ao mesmo tempo. Os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados em um piscar de olhos ao seu regresso (1 Coríntios 15:23, 52, ver 1 Tessalonicenses 4: 16-17). No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos. No entanto, haverá também aqueles que se arrependerem e se converterem a Cristo durante o tempo da tribulação, enquanto os santos estão se banqueteando com Cristo na ceia de casamento do Cordeiro (Apocalipse 19: 7-10). Os santos da tribulação esperam seus corpos glorificados até o reinado milenar de Cristo (Apocalipse 20: 4, Isaías 26: 19-20, Daniel 12: 2). Aqueles que morrem durante o milênio podem muito bem ser instantaneamente transformados na morte em seus corpos e espíritos eternos.

A glorificação é a transformação radical do corpo e da alma dos crentes, aperfeiçoando-os na santidade e, assim, ajustando-os para a vida eterna na nova terra em perfeita comunhão com o Deus trino. Murray descreve generosamente a glorificação como "a redenção completa e final de toda a pessoa, quando na integridade do corpo e do espírito, o povo de Deus será conformado à imagem do Ressuscitado, exaltado e glorificado Redentor, quando o próprio corpo de Sua humilhação será conformada ao corpo da glória de Cristo "(Fil. 3:21).

A CONSUMAÇÃO DA SALVAÇÃO

A ressurreição do corpo é a consumação da nossa salvação, como o Espírito se aplica para completar a redenção que o Pai planejou e que Cristo comprou. Romanos 8:30 apresenta a glorificação como o clímax da redenção: "E aqueles que ele predestinou, ele também chamou, e aqueles que ele chamou também justificou, e aqueles que ele justificou, ele também *glorificado* ". Aqueles em quem o Pai *estabeleceu* seu amor eleitor Ele predestinou para a salvação, e esses - cuja redenção Cristo comprou morrendo em seu lugar como propiciação pelos seus pecados - gozam os benefícios dessa redenção. Na justificação, eles são libertados da penalidade do pecado, e na santificação, eles são libertados do poder do pecado. Na glorificação, eles são finalmente libertos da própria presença do pecado em corpo e alma.

O próprio Cristo indicou que as intenções salvíficas do Deus trino alcançaram além da alma do homem até a ressurreição do corpo, declarando:

> E esta é a vontade daquele que me enviou, para que eu não perca nada de tudo o que ele me deu, mas *levantá-lo* no último dia. Pois esta é a vontade de meu Pai: todo aquele que olha para o Filho e crê nele, tenha a vida eterna, e eu o *ressuscitarei* no último dia. (João 6: 39-40, ver 6:44, 54)

Glorificação é também o cumprimento do desejo de Jesus de ver sua igreja purificada de todo lugar, ruga ou qualquer coisa semelhante (Ef 5:27), habitando com ele por toda a

eternidade. Jesus ora explicitamente por isso em sua oração sacerdotal, dizendo: "Pai, desejo que também eles, a quem me deste, estejam comigo onde estou, para ver a minha glória que me deste porque me amaste antes O fundamento do mundo "(João 17:24). Finalmente, a glorificação consuma o objetivo da salvação - ou seja, glorificar a Cristo, tornando-o o primogênito entre muitos irmãos (Romanos 8:29). Porque a glorificação é a consumação da santificação, na qual os crentes são perfeitamente conformes à imagem de Cristo, a glorificação especialmente magnifica Cristo como a fonte preeminente da beleza da santidade que se reflete em seus irmãos aperfeiçoados.

As Escrituras consideram a doutrina da glorificação como absolutamente essencial para a fé cristã, tanto que, se não fosse verdade, o apóstolo Paulo diz que nós, de todas as pessoas, seríamos mais dignos de lástima (1 Co 15: 12-19)). Era a esperança de um corpo glorificado que galvanizou Paulo para entregar totalmente seu corpo natural aos maus tratos e perseguições que assistiram a uma vida de ministério evangélico. Ele disse: "Pois sabemos que se a tenda que é a nossa casa terrestre for destruída, teremos um edifício de Deus, uma casa não feita de mãos, eterna nos céus" (2 Cor 5: 1, 4: 14-18). Os "sofrimentos deste tempo presente não valem a pena compará-los com a glória que deve ser revelada a nós", e assim os crentes acolhem os sofrimentos de Cristo se isso significa que "também podemos ser glorificados com Ele" (Rm 8:17). -18, ver Fp 3: 10-11). Assim sendo,

Não só a ressurreição é a ansiosa antecipação do cristão do Novo Testamento, mas também a grande esperança do antigo crente do convênio em Javé. Quando Jó foi abandonado por seus irmãos e conhecidos, seus parentes e amigos íntimos, sua esposa e outros membros de sua casa, e seus associados e aqueles a quem ele amava (Jó 19: 13-19), ele colocou sua esperança na comunhão com Deus Em uma terra nova em um corpo de ressurreição: "Pois eu sei que meu Redentor vive, e no último ele permanecerá sobre a terra. E depois que minha pele for assim destruída, ainda em minha carne eu verei a Deus, a quem eu verei por mim mesmo, e os meus olhos verão, e não outro. O meu coração desfalece dentro de mim! "(Jó 19: 25-27). A esperança confiante de Jó era que, *depois* que ele tivesse morrido e seu corpo fosse destruído pela decadência, veria Deus em sua carne. Seu Redentor seria justificá-lo na glória de uma ressurreição corporal no qual ele iria desfrutar de perfeita comunhão com Deus. Como outro exemplo, no final da profecia de Daniel, ele declarou: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Dan. 12: 2; João 5: 28-29, Ap 20: 4-6).

Que a ressurreição do corpo para a glorificação foi ensinada no Antigo Testamento é evidenciada pelo testemunho do Novo Testamento de que os judeus esperavam uma futura ressurreição. Enquanto Marta se empenhava com Jesus para exercer seu poder divino com respeito à morte de Lázaro, Jesus respondeu dizendo-lhe que ressuscitaria. Astutamente, Marta respondeu: "Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição no último dia" (João 11:24). Como Paulo foi julgado perante Félix, declarou que “a ressurreição de ambos os justos e os injustos” foi “estabelecido pela Lei e escrito nos profetas” (Atos 24: 14-15). E Hebreus 11:10 ensina que os santos do Antigo Testamento esperava herdar uma cidade física que só poderia ser possível graças a ressurreição corporal (cf. Heb. 11:16).

Partindo da base do Antigo Testamento, o leitor pode ver o ensino explícito das Epístolas do Novo Testamento sobre a ressurreição do corpo como uma elaboração e desenvolvimento bem-vindos da antiga e viva esperança do povo de Deus. Paulo revela que, como a condenação de Adão levou toda a raça humana a culpa ea corrupção até a morte, da mesma forma, a união com o segundo Adão fará com que todos os crentes vençam o pecado e a morte e se tornem vivos nele (1 Cor 15). : 22, 45). Isto acontece "cada um em sua própria ordem: Cristo as primícias, então na sua vinda aqueles que

pertencem a Cristo. Então vem o fim "(1 Coríntios 15: 23-24). Para os tessalonicenses que estavam preocupados com o fato de seus irmãos e irmãs falecidos perderem esta gloriosa ressurreição, Paulo ofereceu o consolo que

> Por meio de Jesus, Deus trará consigo aqueles que dormem. Por isso vos declaramos por uma palavra do Senhor, que nós que estamos vivos, que ficamos até a vinda do Senhor, não precederemos aqueles que dormem. Pois o próprio Senhor descerá do céu com um grito de comando, com a voz de um arcanjo, e com o som da trombeta de Deus. E os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens para encontrar o Senhor no ar, e assim estaremos sempre com o Senhor. (1 Tessalonicenses 4: 13-17)

Na verdade, os mortos em Cristo e os vivos na sua vinda serão glorificados num piscar de olhos ao seu regresso:

> Contemplar! Eu lhe digo um mistério. Não todos dormiremos, mas todos seremos transformados num instante, num abrir e fechar de olhos, à última trombeta. Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão imperecíveis, e seremos transformados. Para este corpo perecível deve vestir o imperecível, e este corpo mortal deve vestir a imortalidade. (1 Cor. 15: 51-53)

Naquele tempo, a própria morte - o último inimigo - será destruída (1 Coríntios 15:26, ver Atos 2:24, Hebreus 2: 14-15, Ap. 1: 17-18), que será Causa para a celebração vitoriosa:

> Quando o perecível se vestir de incorruptível e o mortal se revestir da imortalidade, então acontecerá o dito que está escrito:
>
> "A morte é engolida em vitória."
> "Ó morte, onde está a tua vitória?
> Ó morte, onde está a sua picada? "
>
> A picada da morte é pecado, eo poder do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Cor. 15: 54-57)

Claramente, o Cristianismo não é simplesmente o Cristianismo sem a ressurreição. A Glorificação foi prometida na Lei e nos Profetas, e por Jesus e os apóstolos, e Paulo escreveu que sem ela, o cristão não tem verdadeira esperança (1 Coríntios 15:16, 19). Negar esta obra final de Deus no plano da salvação seria negar a mensagem cristã de paz e alegria na glória final.

A NATUREZA DO CORPO GLORIFICADO

Não só Paulo identifica a glorificação como a consumação da esperança cristã de salvação, mas também dá detalhes sobre a natureza do corpo glorificado. Enquanto o corpo natural difere de várias maneiras do corpo espiritual, deve-se notar que existe uma continuidade fundamental entre eles. Ou seja, o corpo que herdamos na glorificação não será um corpo inteiramente novo, mas será de alguma forma o corpo que habitamos atualmente nesta vida. A Escritura declara que Deus "também dará vida aos vossos corpos mortais pelo seu Espírito que habita em vós" (Romanos 8:11). Ou seja, ele não *substituirá* seu corpo atual; Ele vai *renová* -lo. Nossos corpos serão *mudados* , não *trocados* (1 Cor 15:51). Paulo diz, *" Este* corpo perecível [ie, o corpo que habitou durante sua vida na terra] deve vestir o imperecível, e *este* corpo mortal deve vestir a imortalidade" (1 Coríntios 15:53). Além disso, como o próprio Cristo é as primícias da ressurreição (1 Coríntios 15:23), e como a Escritura diz que transformará os corpos dos

crentes "em conformidade com o corpo de Sua glória" (Fp 3:21, NASB) , É correto extrair inferências sobre a natureza dos corpos glorificados dos crentes considerando a natureza do corpo glorificado de Cristo. E Cristo ressuscitou no próprio corpo em que morreu, algo que Tomé reconheceu quando colocou as mãos nas feridas infligidas ao corpo de Jesus durante sua crucificação (João 20:27). Portanto,

No entanto, enquanto o corpo de ressurreição terá continuidade com o corpo natural, os dois corpos são significativamente diferentes uns dos outros. Em 1 Coríntios 15: 42-44, Paulo esboça quatro contrastes entre o corpo da ressurreição e o corpo natural atual:

> Assim é com a ressurreição dos mortos. O que é semeado é perecível; O que é ressuscitado é imperecível. Semeia-se em desonra; É ressuscitado na glória. Semeia-se em fraqueza; Ele é levantado no poder. É semeado um corpo natural; Ele é levantado um corpo espiritual. Se há um corpo natural, há também um corpo espiritual.

Cada um desses quatro contrastes dá uma visão do mistério do que o corpo glorificado irá envolver.

Primeiro, o corpo da ressurreição será imperecível. Nesta vida, é dolorosamente óbvio que nossos corpos estão sujeitos a enfermidade e deterioração e acabarão por sucumbir à inevitabilidade universal da morte (Hebreus 9:27). No entanto, Paulo ensina que nossos corpos de ressurreição não estarão sujeitos à corrupção e à decadência a que estão destinados nossos corpos presentes. Eles não vão envelhecer ou se desgastam, nem vão contrair doença ou doença. Assim, é correto concluir que, no estado eterno, nossos corpos não envelhecerão, "mas terão as características de juventude, mas madura masculinidade ou feminilidade para sempre".

Segundo, Paulo diz que o corpo natural é caracterizado pela desonra, mas que o corpo da ressurreição será marcado pela glória. O corpo não é inerentemente desonroso, mas foi desonrado pela maldição do pecado e é o instrumento dos atos pecaminosos do homem - o veículo através do qual os pecadores desonram a Deus e satisfazem os desejos pecaminosos (Romanos 6:13). O corpo que deveria ser separado e consagrado como templo do Espírito Santo (1Co 6:19) é cedido ao pecado como um instrumento de injustiça, que desonra tanto Deus como o corpo. Mesmo o crente mais fiel experimentará a desonra final da morte, o corpo em estado de desonra, imperfeição e incompletude. No entanto, esse corpo imperfeito e desonrado um dia será levantado em glória. Durante toda a eternidade, os corpos imortais dos cristãos serão também corpos puros e honrados,

Terceiro, o corpo natural é semeado em fraqueza, mas o corpo glorificado é elevado em poder. É apenas uma questão de tempo até que a realidade das limitações físicas de nossos corpos nos confrontem com o que é ser fraco. Se ele vive o suficiente, até o mais forte do forte experimenta a diminuição de sua força. A Escritura até associa a carne com fraqueza moral (Mateus 26:41). Este não será o caso com os novos órgãos, pois eles serão levantados no poder. Isto não significa necessariamente que os crentes possuam força sobre-humana, mas os corpos glorificados terão "força e poder humano completo e completo", que Deus "pretendia que os seres humanos tivessem quando os criou separados do pecado. Portanto, será a força suficiente para fazer tudo o que desejamos fazer de acordo com a vontade de Deus ".

Finalmente, Paulo contrasta o corpo "natural" eo corpo "espiritual". É importante notar que, por "espiritual", Paulo não significa "imaterial", pois os corpos de ressurreição dos crentes serão modelados após o corpo de ressurreição de Cristo, que é as primícias da ressurreição material (1 Coríntios 15:23) . Mais uma vez, Paulo disse que Cristo transformará os corpos dos crentes "em conformidade com o corpo de Sua glória" (Filipenses 3:21 NASB), e é sem dúvida que Cristo ressuscitou do túmulo. Ele próprio declarou que "um espírito não tem carne e ossos como você vê que eu tenho" (Lucas

24:29), e ele comeu um pedaço de peixe para provar sua materialidade, pois espíritos desencarnados não têm estômagos e tratos digestivos (Lucas 24: 36-43). Não, Jesus ressuscitou dentre os mortos em seu corpo, e assim também os crentes serão ressuscitados corporalmente. Em vez de, Ao chamar o corpo da ressurreição de "espiritual", Paulo pretende ensinar que eles serão totalmente submetidos e em perfeita harmonia com o Espírito Santo. Na perfeição da sua santificação, os crentes terão um coração imperturbável pelas concupiscências enganosas do pecado, ambições e aspirações verdadeiramente divinas e um corpo físico que é capaz de realizar aqueles impulsos sagrados sem distração ou cansaço de um momento e, portanto, eles Será capaz de desfrutar plenamente as recompensas da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " "Paulo pretende ensinar que eles serão totalmente submetidos e em perfeita harmonia com o Espírito Santo. Na perfeição da sua santificação, os crentes terão um coração imperturbável pelas concupiscências enganosas do pecado, ambições e aspirações verdadeiramente divinas e um corpo físico que é capaz de realizar aqueles impulsos sagrados sem distração ou cansaço de um momento e, portanto, eles Será capaz de desfrutar plenamente as recompensas da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " "Paulo pretende ensinar que eles serão totalmente submetidos e em perfeita harmonia com o Espírito Santo. Na perfeição da sua santificação, os crentes terão um coração imperturbável pelas concupiscências enganosas do pecado, ambições e aspirações verdadeiramente divinas e um corpo físico que é capaz de realizar aqueles impulsos sagrados sem distração ou cansaço de um momento e, portanto, eles Será capaz de desfrutar plenamente as recompensas da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " Os crentes terão um coração imperturbável pelas concupiscências enganosas do pecado, ambições e aspirações verdadeiramente divinas e um corpo físico que é capaz de realizar aqueles impulsos sagrados sem distração ou cansaço de um momento e, portanto, eles serão capazes de desfrutar plenamente da Generosidade da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " Os crentes terão um coração imperturbável pelas concupiscências enganosas do pecado, ambições e aspirações verdadeiramente divinas e um corpo físico que é capaz de realizar aqueles impulsos sagrados sem distração ou cansaço de um momento e, portanto, eles serão capazes de desfrutar plenamente da Generosidade da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " Eles serão capazes de desfrutar plenamente as recompensas da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas

também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. " Eles serão capazes de desfrutar plenamente as recompensas da nova criação que Deus criou para seu povo. John Murray tinha razão ao observar que tal destino "é o fim mais alto concebível para seres criados, o fim mais elevado concebível não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus. O próprio Deus não podia contemplar ou determinar um destino mais elevado para suas criaturas. "

Regozijamo-nos na esperança da glória de Deus (Romanos 5: 2) e abençoamos o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, porque ele, de acordo com sua grande misericórdia, nos fez nascer de novo a esta esperança viva de Deus "Uma herança imperecível, imaculada e imortal, mantida no céu para nós, que por meio do poder de Deus estão sendo guardados pela fé para uma salvação pronta para ser revelada no último tempo" (1Pe 1: 3-5).

Diante de tão grande salvação, que se estende do eterno passado ao futuro da eternidade, a única conclusão adequada é somar nossas vozes ao coro celestial - aquela "grande multidão que ninguém poderia contar, de todas as nações, de todas as tribos e povos E línguas, de pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestes brancas, com ramos de palma nas mãos "(Apocalipse 7: 9). Devemos clamar em adoração juntamente com eles: "A salvação pertence ao nosso Deus que está assentado no trono, e ao Cordeiro!" (Apocalipse 7:10). Graças a Deus por seu presente inexprimível!

Oração

Nosso amoroso Pai celestial,
Tu graciosamente deu o teu Filho como um sacrifício pelos nossos pecados.
Ele obedientemente levou nossos pecados para a cruz,
Onde Ele teve um julgamento indizível em nosso nome
De acordo com Sua perfeita vontade.
Você o declarou poderosamente ser o verdadeiro Filho de Deus
Ao ressuscitá-Lo dentre os mortos.
E agora através de seu precioso Espírito
Você convida fervorosamente todos os que têm fome e todos os que têm sede
Para vir (penitently contudo corajosamente) e partake livremente
Do pão do céu e da água da vida -
Sem dinheiro e sem preço.

Essas bênçãos são dadas gratuitamente a nós;
Mas eles não foram obtidos sem custo para Você.
Eles Te custaram Seu Filho unigênito, e eles lhe custaram a vida.
Ele suportou a maldição incorrida pelo nosso pecado.
Quando a lei trovejou contra nós como o Monte Sinai -
Ameaçando-nos com condenação,
Pronunciando nossa condenação,
E enviando-nos para a escuridão do inferno -
Cristo silenciou a alegação da lei contra nós
Tomando a condenação sobre si mesmo.
Ele pagou, uma vez por todas, o preço horrível.
Nós nunca poderíamos ter totalmente descarregado essa dívida para Sua justiça,
Mesmo que soframos uma eternidade de tormento no inferno.

Portanto, devemos a Ele tudo o que somos.
Estávamos profundamente manchada,
Culpado de incontáveis pecados (tanto descuidados como deliberados).
Nossos pecados nos haviam cortado do céu,

Excluídos da comunidade de Israel,
Nos deixaram totalmente estranhos aos convênios da promessa -
Sem esperança e sem Deus no mundo.
Mas então as boas novas boas vieram-nos.
O evangelho nos declarou o modo de vida.
Verdadeiramente é o poder de Deus para a salvação
A todos que crêem.
Seu Espírito graciosamente nos atraiu para a casa da fé
E Você nos adotou na família
De Seus filhos redimidos.

A mente humana simplesmente não pode imaginar
A magnitude da nossa dívida com a Tua graça.
A língua humana também não é capaz de expressar adequadamente
A plenitude da nossa gratidão por tantas misericórdias imerecidas.

Sabemos que não há mérito nem valor expiatório
Em nossas boas obras, nossas orações,
Nossas lágrimas, ou nossas boas intenções.
Somente o sangue expiatório de Cristo
Poderia fazer uma satisfação adequada por nossos pecados
antes de você.

Portanto, não fomos redimidos com coisas perecíveis
Como prata ou ouro,
Mas com esse precioso sangue,
Derramado pelo cordeiro imaculado de Deus.
Este foi o plano de salvação que vocês ordenaram
Antes da fundação do mundo, por nossa causa.

Quando ponderamos cuidadosamente essas verdades,
Ficamos maravilhados com o fato de que você salvaria os pecadores rebeldes.
Por que os malfeitores culpados como nós
Ser lavado no sangue expiatório de Seu Filho
E revestido de Sua justiça?
Por que deveríamos ser permitidos
Para irradiar a brilhante glória que pertence somente a Você?
Por que devemos avançar para um estado tão elevado e eterno?
Por que você nos escolheria para adoção como Seus filhos,
Mesmo antes da fundação do mundo?
Tal conhecimento é maravilhoso demais para nós;
É alto; Não podemos alcançá-lo.

Mas podemos agradecer por sua bondade.
Só podemos fazê-lo de forma fraca e inadequada.
Mas em nome de Cristo nosso Salvador
Oferecemos o que podemos de nossa sincera gratidão.
Por favor, receba nossa adoração, afrouxe nossas línguas,
Santificar nossos lábios, e ampliar nossos corações
Para adorá-lo mais apropriadamente do que somos capazes atualmente.
E que nosso serviço seja aceitável à Sua vista. Um homem.

"Nosso Grande Salvador"

Jesus! Que amigo para os pecadores!
Jesus! Amante da minha alma;
Amigos podem me falhar, inimigos assaltam-me,

Ele, meu Salvador, me faz inteiro.

Refrão :
Aleluia! Que Salvador!
Aleluia! Que amigo!
Salvando, ajudando, mantendo, amando ,
Ele está comigo até o fim .

Jesus! Que força na fraqueza!
Deixe-me esconder-me Nele;
Tentado, tentado e às vezes falhando,
Ele, minha Força, minha vitória vence.

Jesus! Que ajuda na tristeza!
Enquanto as ondas o'er me roll,
Mesmo quando meu coração está quebrando,
Ele, meu conforto, ajuda a minha alma.

Jesus! O que um guia e Keeper!
Enquanto a tempestade ainda é alta,
Tempestades sobre mim, noite o'ertakes mim,
Ele, meu Piloto, ouve meu clamor.

Jesus! Eu agora o recebo,
Mais do que tudo nEle encontro,
Ele me concedeu perdão,
Eu sou Seu, e Ele é meu.

~ J. Wilbur Chapman (1859-1918)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 236-79.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939. 415-549.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 2: 70-215.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 639-797.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 553-713.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 887-1022.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 657-850.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, 2: 313-53; 3: 3-465.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 3: 17-236.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 461-502.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 2B: 353-587; 3: 401-70.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907. 665-894.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 801-1075.
Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 341-99.
Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 2: 501-724.

Obras Específicas

Barrett, Matthew. *Salvação pela graça: o argumento para o chamado e a regeneração eficazes* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2013.
Boettner, Lorraine. *A Doutrina Reformada da Predestinação* . 1932. Reimpressão, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1981.
Calvin, John. *Institutos da Religião Cristã* . Editado por John T. McNeill. Traduzido por Ford Lewis Battles. 2 vols. Biblioteca de clássicos cristãos. 1559. Reimpressão, Louisville, KY: Westminster John Knox, 1960.
Gibson, David e Jonathan Gibson, eds. *Do Céu Ele Veio e Procurado: A Expiação Definitiva em Perspectiva Histórica, Bíblica, Teológica e Pastoral* . Wheaton, IL: Crossway, 2013.
Hoekema, Anthony A. *Salvo por Grace* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.
Jeffery, Steve, Michael Ovey e Andrew Sach. *Perfurado por Nossas Transgressões: Redescobrindo a Glória da Substituição Penal* . Wheaton, IL: Crossway, 2007.
MacArthur, John. *O Evangelho segundo Jesus: O que é fé autêntica?* Rev. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008.
---. *O Evangelho segundo os Apóstolos: O Papel das Obras na Vida da Fé* . Nashville: Thomas Nelson, 2000.
---. *Escravo: A Verdade Oculta sobre Sua Identidade em Cristo* . Nashville: Thomas Nelson, 2010.
Morris, Leon. *A Pregação Apostólica da Cruz* . 3a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965.
Murray, John. *Redenção Realizada e Aplicada* . 1955. Reimpressão. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2015.
Owen, John. *Salus Electorum, Sanguis Jesu: Ou, a morte da morte na morte de Christ* . Em *Obras de John Owen* , editado por William H. Goold, 10: 139-428. 1648. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1967.
Packer, JI, e Mark Dever, *Em Meu Lugar Condenado Ele Parou: Celebrando a Glória da Expiação* . Wheaton, IL: Crossway, 2007.
Piper, John. *Contados Justos em Cristo: Devemos Abandonar a Imputação da Justiça de Cristo?* Wheaton, IL: Crossway, 2002.
---. *Finalmente Alive: O que acontece quando somos nascidos de novo* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 2009.
---. *O Futuro da Justificação: Uma Resposta a NT Wright* . Wheaton, IL: Crossway, 2007.
Riccardi, Michael. *Santificação: A busca do cristão pela santidade de Deus* . Sun Valley, CA: Livros da benevolência, 2015.
Schreiner, Thomas. *Fé sozinho: a doutrina da justificação: o que os reformadores ensinaram ... e porque ele ainda importa* . As Cinco Solas. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2015.
Schreiner, Thomas R., e Bruce A. Ware, eds. *Ainda Soberano: Perspectivas Contemporâneas sobre Eleição, Percepção e Graça* . Grand Rapids, MI: Baker, 2000.
Sproul, RC *Escolhido por Deus* . Rev. ed. Carol Stream, IL: Casa de Tyndale, 2010.
White, James R. *O Deus que justifica: um estudo abrangente sobre a doutrina da justificação* . Bloomington, MN: Casa de Bethany, 2001.

8

Anjos

Angelologia

- Ouça! Os anjos do arauto cantam "

Ouça! Os anjos do arauto cantam,
"Glória ao Rei recém-nascido;
Paz na terra, e misericórdia suave,
Deus e pecadores reconciliados! "
Alegre, todas as nações, levanta-te,
Junte-se ao triunfo dos céus;
Com o anfitrião th'angelic proclamar,
"Cristo nasceu em Belém!"
Ouça! Os anjos do arauto cantam ,
"Glória ao Rei recém-nascido!"

Cristo, pelo mais alto céu, adorado;
Cristo, o Senhor eterno!
Tarde no tempo, eis que Ele vem,
Descendência do ventre da Virgem:
Véu na carne a divindade vê;
Salve a Deidade encarnada,
Contente como homem com homens para habitar,
Jesus, nosso Emmanuel.
Ouça! Os anjos do arauto cantam ,
"Glória ao Rei recém-nascido!"

Salve o Príncipe da Paz!
Salve o Filho da Justiça!
Luz e vida para todos Ele traz,
Ris'n com cura em Suas asas.
Leve Ele coloca Sua glória por,
Nascido que o homem não mais pode morrer,
Nascido para criar os filhos da terra,
Nascido para dar-lhes o segundo nascimento.
Ouça! Os anjos do arauto cantam ,
"Glória ao Rei recém-nascido!"

~ Charles Wesley (1707-1788)

Principais temas abordados no Capítulo 8

Santos anjos

Satanás

Demônios

Anjo do Senhor

Perguntas e respostas

As teologias normalmente ignoram ou tratam apenas brevemente da angelologia. No entanto, a Bíblia contém uma grande quantidade de informações sobre este assunto. Portanto, esta seção tenta capturar tudo o que a Escritura revela a respeito dos anjos - tanto os que são santos como os que são maus.

Santos anjos

Anjos Introdução
A Realidade dos Santos Anjos
Caráter dos Santos Anjos
História dos Santos Anjos
População dos Santos Anjos
Residência dos Anjos Santos
Organização dos Santos Anjos
Poder dos Santos Anjos
Ministérios dos Santos Anjos
Destino dos Santos Anjos

Anjos Introdução

A palavra hebraica Antigo Testamento *mal'akh* (213 ocorrências) e da palavra grega do Novo Testamento *angelos* (176 ocorrências) geralmente pode ser traduzido como “mensageiro”, “enviado”, ou “embaixador” quando se refere a tarefa ou função (389 ocorrências totais em Quarenta e dois livros). O mensageiro pode ser humano na natureza, como os mensageiros de Jacó (Gn 32: 3, 6), os mensageiros de João Batista (Lucas 7:24), os mensageiros de Cristo (Lucas 9:52), ou pastores (Apocalipse 1:20, 2: 1, 8, 12, 18, 3: 1, 5, 7, 14). Freqüentemente, o mensageiro é um ser não-humano, sobrenatural, criado, geralmente chamado de "anjo" (2Cr 32:21, Mateus 1:20, 24) ou o "anjo do SENHOR " (Gênesis 16: 7).). Esses termos hebraicos e gregos aparecem de Gênesis 16: 7 a Malaquias 3: 1 no Antigo Testamento e de Mateus 1:

O contexto em que essas palavras parecem determinar se se referem a (1) seres humanos, (2) anjos sagrados, (3) Satanás, (4) demônios, ou (5) o anjo do Senhor. Refira-se ao "Caráter dos Santos Anjos" (p.668) para outros dezesseis nomes usados dos santos anjos, ao "Caráter de Satanás" (p.677) para vinte e oito nomes adicionais para Satanás, para "Caráter dos Demônios" (p. 708) para dezessete nomes mais identificados com demônios, e "Angel of the Lord" (p.719) por cinco outras variações associadas com o anjo do Senhor.

ANTIGO TESTAMENTO

"Anjo" aparece 213 vezes em vinte e quatro dos trinta e nove livros do Antigo Testamento. A maioria das ocorrências (157 vezes, ou 74 por cento) aparecem nos livros históricos (Gênesis através de Esther). Os Profetas apresentam "anjo" 41 vezes (19%), enquanto os Livros Poéticos mencionam apenas 15 vezes (7%).

A maior categoria de referências fala de mensageiros humanos (100 vezes, 47 por cento), com referências ao anjo do Senhor um segundo próximo (89 vezes, 42 por cento). Em apenas 24 ocasiões (11%) o "anjo" se refere a anjos sagrados. Nem Satanás nem demônios são chamados de "anjos" no Antigo Testamento.

O uso de "anjo" para se referir a santos anjos está espalhado por todo o Velho Testamento:

1. Os Livros Históricos: 7 vezes (29 por cento) em Gênesis, 1 Reis e 2 Crônicas

2. Os Livros Poéticos: 5 vezes (21 por cento) em Jó e Salmos
3. Os Livros Proféticos: 12 vezes (50 por cento) em Zacarias 1: 9-6: 5

NOVO TESTAMENTO

"Anjo" aparece 176 vezes em dezoito dos vinte e sete livros do Novo Testamento - todos exceto Efésios, Filipenses, 1 Tessalonicenses, 2 Timóteo, Tito, Filemom, 1 João, 2 João e 3 João. Destes nove livros, somente Filipenses, Tito, Filemom, 2 João e 3 João não fazem menção de mensageiros humanos, santos anjos, Satanás, demônios ou o anjo do Senhor por nome ou título.

O termo "anjo" aparece 55 vezes (31 por cento) nos Evangelhos, com ênfase em Mateus (20 ocorrências) e Lucas (26 ocorrências). Atos tem 21 ocorrências (12 por cento), enquanto as Epístolas se referem a "anjos [s]" 33 vezes (19 por cento), com hebreus (13 ocorrências) sendo o mais dominante. A Revelação usa "anjos" mais do que qualquer outra seção do Novo Testamento (67 ocorrências, 38%), com aparências em dezenove de vinte e dois capítulos (capítulos 4, 6 e 13, exceto). Os livros que o usam mais freqüentemente são Mateus, Lucas, Atos, Hebreus e Apocalipse, para um total de 147 ocorrências, ou 84% de suas aparições no Novo Testamento.

Ao contrário do Antigo Testamento, de longe o maior uso do termo grego para "anjo" ou "mensageiro" no Novo Testamento é referir-se aos santos anjos (152 vezes, 86%). As restantes ocorrências referem-se a seres humanos (14 vezes, 8 por cento), demônios (6 vezes, 3,5 por cento), Satanás (2 vezes, 1 por cento) eo anjo do Senhor (2 vezes, 1 por cento). Quando se refere a seres humanos, o termo é usado de três grupos diferentes: (1) pastores da igreja (8 vezes), (2) mensageiros humanos (5 vezes) e (3) espiões (uma vez).

A Realidade dos Santos Anjos

Nos dias de Cristo e de Paulo, os saduceus (membros de uma facção judaica muito influente, que incluía o sumo sacerdote e acreditavam que o Pentateuco sozinho era divinamente inspirado) negaram a existência de anjos porque erradamente acreditavam que os anjos não apareciam nos livros de Moisés (Atos 23: 8). De fato, a existência inegável de anjos pode ser substanciada pelas centenas de referências a eles na Bíblia de Gênesis 3:24 (querubins que guardaram o jardim do Éden) a Apocalipse 22:16 (o anjo de Cristo que revelou tanto a João).

Pessoa

Os anjos possuem os três traços identificáveis de personalidade: intelecto, emoções e vontade. Primeiro, os anjos são seres sábios (2 Sm 14:20) que podem conversar (Mateus 28: 5), cantar (Jó 38: 7) e adorar (Hb 1: 6). Segundo, eles têm a capacidade de emoção. Os anjos se regozijam com o arrependimento dos pecadores (Lucas 15:10). Eles temem a Deus no culto com admiração, admiração e respeito (Hb 1: 6). Eles também acham Deus preeminentemente louvável (Sl 148: 2, Lucas 2: 13-14). Terceiro, os anjos possuem uma vontade com a qual eles escolhem adorar a Deus (Hebreus 1: 6 e Apocalipse 5:11). Eles também têm um desejo forte (Gk. *Epithymeō*) para entender as coisas relacionadas com a salvação (1 Pe 1: 10-12).

QUALIDADES PESSOAIS

Os anjos são seres criados por Deus (Ne 9.6, Sl 148: 2-5 e Col. 1:16), razão pela qual eles são chamados "filhos de Deus" (Jó 1: 6, 2: 1; : 7). Eles são seres espirituais ("espíritos

ministradores", Hb 1:14). Ambos Satanás (um "espírito mentiroso", 1 Reis 22: 22-23) e demônios ("espíritos malignos", Lucas 7:21) são descritos como espíritos. Pela definição de Cristo, um *espírito* é imaterial, um sem carne e ossos (Lucas 24:39).

Os anjos foram criados moralmente puros e permanecem em perpetuidade, sendo chamados santos (Marcos 8:38, Lucas 9:26). Os santos anjos são anjos eleitos (1 Tim. 5:21) que não precisam da redenção de um estado caído (Heb 2: 14-16). Em contraste, Satanás e os demônios, que foram criados puros, subsequentemente inadimplentes, pecaram e tornaram-se maus (Ezequiel 28:15, Judas 6). Não há salvação para anjos caídos (Mateus 25:41).

Não ligados pelo espaço físico, os anjos são móveis na medida em que eles são capazes de viajar do céu para a terra e de volta para o céu novamente (Gênesis 28:12 e João 1:51). Por exemplo, os anjos viajaram entre o céu ea terra para ministrar a Daniel (Daniel 9: 20-23, 10: 1-13, 20) ea Cristo (João 1:51). E o próprio Jacó testemunhou essa mobilidade angelical (Gênesis 28:12).

Os anjos também podem ser visíveis ou invisíveis. Por exemplo, eles foram visíveis em sua visita a Sodoma (Gn 18: 2, Hb 13: 2) e ao túmulo de Cristo (João 20: 11-12). Eles foram invisíveis em primeiro lugar a Balaão (Números 22:31) e ao servo de Eliseu (2 Reis 6: 15-17).

Como seres espirituais, os anjos não têm gênero (Mateus 22:30, Marcos 12:25, Lucas 20: 35-36) e não podem se reproduzir segundo a sua própria espécie. Quando eles aparecem em uma angelofania, eles se parecem com homens, nunca como mulheres (Gênesis 18: 2, Dan. 10:16, 18, Marcos 16: 5).

Os anjos são multilingues. As Escrituras os retratam como falando em qualquer idioma que o ouvinte de sua mensagem entender. Quando Paulo escreveu sobre "línguas de anjos" (1Co 13: 1), ele provavelmente raciocinou hipoteticamente, já que a Escritura não menciona uma linguagem angélica em outro lugar.

Os anjos são imortais e imortais no futuro. Os santos anjos não podem morrer porque não pecaram (Lucas 20:36). Anjos caídos não morrerão, mas serão eternamente punidos no lago de fogo (Apocalipse 20:10).

Os anjos são mensageiros da verdade de Deus (Apocalipse 1: 1). Paulo advertiu que se um espírito sendo reivindicado ser um anjo santo de Deus, mas entregue um falso evangelho, era na verdade um demônio que deveria ser amaldiçoado (Gálatas 1: 8).

Caráter dos Santos Anjos

Os anjos são mencionados nas Escrituras por nomes, títulos e funções. Dezessete denominações dizem respeito aos "mensageiros" de Deus. Essas referências definem quem são os anjos eo que eles fazem.

1. *Anjo* : Veja "Anjos Introdução" (p.666).
2. *Arcanjo* (Daniel 10:13, 1 Tessalonicenses 4:16 e Jude 9): Michael é referido em Daniel como "um dos principais príncipes", o equivalente do Antigo Testamento de "arcanjo." Que ele é um dos Significa que há pelo menos dois, provavelmente mais. Um arcanjo sem nome gritará no arrebatamento da igreja (1 Tessalonicenses 4:16). Michael também contende com Satanás sobre o corpo de Moisés (Judas 9).
3. *Chariot (s)* (Sl 68:17.): Esta linguagem militar indica que o número de anjos não pode ser calculado, bem como em Apocalipse 05:11. O termo "carruagens" é usado figurativamente para retratar os anjos que realizam missões militares para Deus (2 Reis 2:11; 6:17). Em Jó 25: 3, Bildad, o suíta, pergunta: "Há algum número para os seus exércitos [de Deus]?" (Jó 19:12). A resposta implícita é não!
4. *Querubim* (Gênesis 3:24, Ex 25: 18-22, 37: 8, Ezequiel 1: 4-28, 10: 1-20, 28:14, 16): Este título expressa serviço diligente. Ezequiel escreveu que Satanás era

originalmente um "querubim guardião" (Ezequiel 28:14, 16). Isto explicaria um querubim que guardava o jardim do Éden (Gênesis 3:24) eo modelo de dois querubins no propiciatório que guardava a arca da aliança (Êx 25: 18-22; 37: 8; 9: 5). É bastante provável que os doze anjos nas doze portas da Nova Jerusalém sejam querubins (Ap 21:12). Ezequiel usa a linguagem figurativa extrema para descrever as criaturas vivas em Ezequiel 1, que são mais tarde chamados querubins em Ezequiel 10:15.

5. *Elohim* (Salmo 8: 5, ver Hebreus 2: 7): A palavra hebraica *elohim* ou "deus" é usada aqui para se referir a anjos no sentido mais básico de "superiores", comparando anjos Para os seres humanos.
6. *Gabriel* (Daniel 8:16; 9:21; Lucas 1:19, 26): Gabriel, que significa "poderoso de Deus", aparece apenas em Daniel e Lucas. Gabriel veio como mensageiro de Deus para dar a Daniel um entendimento de suas múltiplas visões. Da mesma forma, Zacarias e Maria receberam um entendimento das intenções de Deus por Gabriel.
7. *Santo (s)* (Deuteronômio 33: 2-3, Jó 5: 1, 15:15, Salmo 89: 5, 7, Dan. 4:13, 17, 23, 8:13, Zacarias 14 : 5, Judas 14): Os anjos que não pecaram são descritos como santos. Eles se deleitam em louvar a Deus, que é "santo, santo, santo" (Isaías 6: 3 e Apocalipse 4: 8). O título "santos", ou "santos", também pode se aplicar aos seres humanos (1 Tessalonicenses 3:13).
8. *Anfitrião (s)* (Dt 4.19; Neemias 9:.. 6; Sl. 33: 6; Lucas 2:13): este título fotos Deus como o comandante militar de uma enorme série de soldados prontos para realizar o Ordens de seu superior (ver Mateus 26:53). Os anjos são os "anfitriões", e Deus é o " SENHOR dos exércitos" (1Sm 17:45, Salmo 89: 8).
9. *Criaturas vivas* (Rev. 4: 6, 19: 4): Enquanto os quatro seres viventes de Ezequiel 1: 5-14 são mais tarde identificados como querubins (Ezequiel 10: 20-22), as criaturas vivas em Apocalipse 4: 8 olham e agem mais como serafins (Isaías 6: 1-4), pois eles têm seis asas e estão envolvidos em adoração notável. As criaturas vivas no Apocalipse estão envolvidas no culto (Rev. 4: 6-11; 5: 6-14; 7:11; 14: 3; 19: 4) e no julgamento (Apocalipse 6: 1-7;).
10. *Homens* (Gênesis 18: 2, Marcos 16: 5 e Atos 1:10): Embora os anjos sejam essencialmente espírito na natureza, eles podem aparecer em raros momentos em forma humana. Quando isso ocorre, eles são sempre chamados homens.
11. *Michael* (Daniel 10:13, 21, 12: 1, Judas 9, Ap 12: 7): Veja "Arcanjo" acima. Michael significa "Quem é como Deus?"
12. *Espírito de ministério* (Salmos 103: 21, 104: 4, Hebreus 1:14): Os anjos servem ou ministram fazendo a vontade de Deus (Salmo 103: 21). Os anjos podem ser o instrumento de Deus para o julgamento (Salmo 104: 4) ou para a bênção em servir os santos (Hb 1:14).
13. *Estrelas da manhã* (Jó 38: 7): Satanás é chamado de "Estrela do Dia" (Isaías 14:12) e os anjos em geral são chamados "estrelas do céu" (Apocalipse 12: 4).
14. *Príncipe (* Daniel 10:13, 20, 21; 12: 1): Miguel é chamado de "teu príncipe" (Daniel 10:21) e o "grande príncipe" (Daniel 12: 1) Referindo-se a seu ministério em nome de Israel como "um dos principais príncipes" (Daniel 10:13). O termo "príncipe" também é usado dos coconspiradores de Satanás (Daniel 10:20). Veja "Michael" acima.
15. *Serafim* (Isaías 6: 2, 6): Este tipo de anjo aparece apenas em Isaías 6. Com um nome que significa "queimando", pelo menos dois serafins (Isaías 6: 3) estavam preocupados com a santidade de Deus. Alguns pensaram que querubins, seres vivos e serafins poderiam ser versões diferentes do mesmo tipo de anjo. Veja "Querubim" e "Criaturas vivas" acima.
16. *Filhos de Deus* (Jó 1: 6; 2: 1; 38: 7): É natural entender que o Criador dos anjos seria considerado um pai com filhos. Em outra parte, uma linguagem similar é usada para descrever os anjos como "filhos dos poderosos" (Sl 29: 1 NASB; 89: 6 NASB). Eles também são chamados "poderosos" (Salmo 103: 20, Joel 3:11 NASB).

17. *Vigilantes* (Daniel 4:13, 17, 23): Este termo aparece apenas em Daniel e parece um pouco vago. Como esses "observadores" angélicos se relacionam com a onisciência de Deus não está claro.

História dos Santos Anjos

A Bíblia inclui apenas vinte e seis encontros históricos específicos com anjos, dez no Antigo Testamento, dezesseis no Novo. Isso abrange cerca de 2.100 anos a partir de ca. 2015 aC a ca. AD 95. As aparições começaram com Abraão (Gênesis 18) e continuaram até o tempo das visões proféticas de João no Apocalipse.

CRIAÇÃO

Deus criou todos os anjos (Neemias 9: 6, Salmo 148: 2-5, Colossenses 1:16). Jó 38: 7 afirma que os anjos cantaram durante a criação, indicando que eles foram criados no início. A queda de Satanás (Ezequiel 28:15) ea rebelião dos demônios (Rev. 12: 4) teriam ocorrido após Gênesis 2 (o sétimo dia da criação), mas antes de Gênesis 3 (a decepção de Eva ea desobediência de Adão). Depois do derramamento do jardim, Deus colocou querubins na extremidade leste do jardim para guardar o caminho para a árvore da vida (Gn 3:24).

ANTIGO TESTAMENTO

Dez encontros históricos específicos do Antigo Testamento ocorreram ao longo de cerca de 1.500 anos (cerca de 2025-ca. 480 aC), desde o tempo de Abraão (Gênesis 18) até os dias de Zacarias. Esses eventos envolveram patriarcas e profetas:

1. Gênesis 18: 1-19: 22: Abraão, Ló e Sodoma (cerca de 2025 aC)
2. Gênesis 28: 1-17: O sonho de Jacó (cerca de 1950 aC)
3. Gênesis 32: 1-2: Jacó em Mahanaim (cerca de 1950 aC)
4. 1 Reis 19: 5: Elias (cerca de 860 aC)
5. Isaías 6: 1-4: Isaías eo trono de Deus (cerca de 740 aC)
6. Daniel 8: 13-27: Daniel e Gabriel (cerca de 551 aC)
7. Daniel 9: 20-27: Daniel e Gabriel (cerca de 538 aC)
8. Daniel 10: 10-21: Daniel e um anjo (cerca de 536 aC)
9. Daniel 12: 5-13: Daniel e anjos (cerca de 522 aC)
10. Zacarias 1: 9-6: 5 (doze vezes): Zacarias eo anjo que lhe falou (cerca de 480 aC)

NOVO TESTAMENTO

Pelo menos dezesseis encontros históricos específicos do Novo Testamento com anjos ocorreram ao longo de cerca de cem anos (cerca de 5 aC - ca. 95 dC), desde o nascimento de Cristo até os dias das visões proféticas de João em Apocalipse. (A maior parte das versões inglesas da Bíblia omite "um anjo do Senhor ... agitou a água" em João 5: 4 porque não está incluído nos manuscritos mais antigos e melhores do Novo Testamento.) Estes eventos cercaram os Evangelhos, Atos e Revelação:

1. Lucas 1: 8-23: Zacarias (ca. 5 aC)
2. Lucas 1: 26-38: Maria e Gabriel (cerca de 5 aC)
3. Mateus 1: 18-24: José (ca. 5 aC)
4. Lucas 2: 8-20: Pastores (cerca de 5 aC)
5. Mateus 2: 13-15: José (ca. 5 aC)
6. Mateus 2: 19-23: José (ca. 4 aC)

7. Mateus 4:11: Jesus (cerca de 27 dC)
8. Lucas 22:43: Jesus (cerca de 30 dC)
9. Mateus 28: 1-10; Lucas 24: 1-12; João 20: 11-18: Encontros de túmulos (cerca de AD 30)
10. Atos 1: 10-11: Apóstolos (cerca de 30 dC)
11. Atos 5:19: Apóstolos (cerca de 31 dC)
12. Atos 8:26: Felipe (cerca de 32 dC)
13. Atos 10: 3-8, 22; 11:13: Cornélio (ca. AD 36)
14. Atos 12: 7-11: Pedro (ca. AD 44) 15. Atos 27: 23-26: Paulo (cerca de 58 dC)
16. Apocalipse 1-22: João (cerca de 95 dC)

Essas visitas documentadas não negam a possibilidade de outros encontros que o texto canônico não grava. Significa, contudo, que esses eventos infreqüentes do Velho Testamento e do Novo Testamento seriam representativos de outras visitas. Assim, eles seriam reservados para eventos muito significativos e limitados a pessoas muito importantes de Deus.

FIM DOS TEMPOS

Apocalipse 6-19 narra uma visão geral de eventos notáveis que se desenvolverão ao longo dos sete anos da sétima semana de Daniel, especialmente nos últimos três anos e meio. No fim desse tempo, Cristo virá do céu à terra com seus anjos para conquistar o mundo e estabelecer seu reino de mil anos na terra (Mt 13:39, 41, 49; 16:27; 24:31; 25:31, Marcos 8:38; 2 Tessalonicenses 1: 7).

Apocalipse 20 explica brevemente o reino milenar de Cristo, incluindo o encarceramento angélico de Satanás (20: 1-3), o reinado de Cristo (20: 4-7), a libertação de Satanás no final para punição eterna (20: 7-10) eo Julgamento final de todos os incrédulos no grande julgamento do trono branco (20: 11-15, ver Lucas 12: 8-9). Apocalipse 21-22 fornece um resumo dos fundamentos envolvidos com o novo céu e nova terra, Nova Jerusalém e futuro da eternidade, incluindo anjos nas portas da cidade (Apocalipse 21:12).

População dos Santos Anjos

Ao contrário dos seres humanos, os anjos não procriam (Mateus 22:30) nem morrem. A população angélica foi fixada em sua criação (Ne 9.6), não deixando a necessidade de um censo periódico. Apocalipse 12: 4 indica que Satanás atraiu um terço da população angélica para desertar e unir-se à sua rebelião contra Deus. Estes se tornaram anjos maus. Dois terços dos anjos permaneceram fiéis a Deus como anjos eleitos (1 Tim. 5:21).

A Bíblia em nenhum lugar coloca um número exato sobre a quantidade de anjos. No entanto, há bastante inexato descrições da população angélica para fornecer uma idéia geral, considerando essas pistas.

1. *1 Reis 22:19; II Crônicas 18:18* Micaías viu o Senhor sentado no seu trono, com todo o exército do céu à sua volta. A figura da palavra retrata uma cena em que os anjos do céu parecem ser tão inumeráveis como as estrelas reais do céu (Gênesis 15: 5, Jó 38: 7, Salmos 103: 21, 148: 2).
2. *2 Reis 19:35* : Numa noite, o anjo do Senhor matou 185.000 soldados assírios no exército de Senaqueribe, o que fez com que o rei se retirasse em derrota. Esta proporção de matar aumenta a força de apenas um anjo.
3. *Daniel 7:10* : Na visão de Daniel da sala do trono de Deus, ele viu milhares e milhares e dez mil e dez mil anjos.

4. *Mateus 26:53* : Cristo disse aos soldados no jardim do Getsêmani que, se fosse pedir isso, Deus enviaria "mais de doze legiões de anjos para salvá-lo". Isso calcula que aproximadamente seis mil soldados por legião vezes doze , Igualando pelo menos setenta e dois mil anjos. Na verdade, o número excederia isso. O sentido é que um exército esmagadoramente grande de anjos poderia ser despachado instantaneamente para dominar os mais de seiscentos soldados na coorte romana e acompanhantes que apareceram para prender Cristo.
5. *Lucas 2:13* : Ao narrar o nascimento de Cristo, Lucas descreve uma "multidão" (Gk. *Plēthos*) do exército celestial de repente aparecendo e cantando uma doxologia apropriada ao momento. Em Hebreus 11:12, esta mesma palavra grega é usada para descrever o escopo numérico de todas as estrelas no céu, fazendo a enormidade do exército angélico começar a se tornar mais evidente.
6. *Hebreus 12:22* : O escritor de Hebreus descreve o tamanho da corte angelical no céu como "inumerável". Esta é uma tradução do termo grego *murias* , que literalmente significa "dez mil", um número além do qual os antigos fizeram Não conceber ou contar.
7. *Apocalipse 5:11* : A cena angélica no céu é descrita como "numerando miríades de miríades e milhares de milhares", o que significava, em outras palavras, um número que excede em muito dez mil vezes dez mil (ou cem milhões) e Mil vezes mil (ou um milhão). Esta é a declaração mais notável nas Escrituras que descreve o número de santos anjos como extremamente incalculáveis (Dt 33: 2, Salmo 68:17, Dn 7:10, Judas 14).

A população de anjos sagrados é obviamente o dobro da dos anjos maus. O número deles não é revelado, por isso está além do nosso entendimento. Escusado será dizer que não há escassez de anjos à disposição de Deus para realizar a sua vontade e para prestar adoração e louvor apropriados ao seu Criador.

Residência dos Anjos Santos

O termo traduzido "céu" na Bíblia descreve três níveis de elevação diferentes acima do planeta Terra. Primeiro, em ordem decrescente, vem o "terceiro céu" ou paraíso, que é o céu da presença de Deus (2Co 12: 2-3, ver Salmo 123: 1). É referido como (1) "o céu mais alto" (1 Reis 8:27, Sl 148: 4), (2) o "céu dos céus" (Deuteronômio 10:14), (3) "seu santo Habitação no céu "(2Co 30:27), e (4)" muito acima de todos os céus "(Efésios 4:10). O segundo é o céu estelar do sol, da lua e das estrelas, chamado de *segundo céu* (Gênesis 15: 5, Salmo 8: 3, Isaías 13:10, Hebreus 4:14). Finalmente , há o *primeiro céu* , ou a atmosfera da Terra (Gn 8: 2, Deuteronômio 11:11; 1 Reis 8:35).

Desde a criação (Jó 38: 4-7) até o fim da septuagésima semana de Daniel, os santos anjos residem no terceiro céu, exceto quando eles partem em uma missão temporária para servir a Deus em outro lugar. Isto é verdade para os serafins (Isaías 6: 1-4), os quatro seres viventes (Ap 4: 6-11; 5: 8; 14: 3), Gabriel (Lucas 1:19) e anjos não caídos em Geral (1 Reis 22:19, 2 Crônicas 18:18, Daniel 7:10, Mateus 18:10, 22:30, 24:36, 28: 2, Marcos 12:25, 13:32, Lucas 2 : 13, 15, 12: 8, 15:10, João 1:51, Hebreus 12:22, Apocalipse 5:11, 7: 1-12, 20: 1). Porque eles normalmente residem no terceiro céu, todos os anjos se envolvem na adoração (Hb 1: 6).

Durante o reinado milenar de Cristo, aqueles anjos que vêm com ele para conquistar a terra permanecerão na terra para servi-lo (Mateus 25:31). Aqueles anjos que permanecem no céu continuam a adorar a Deus e servir seus propósitos lá. Depois, todos os anjos residirão com Deus e todos os remidos no novo céu e nova terra (Ap 20: 1-22: 21, esp 21:12).

Organização dos Santos Anjos

Os anjos são organizados em uma poderosa hierarquia celestial para realizar seu trabalho. Palavras como "anjos", "autoridades", "domínios", "poderes", "governantes" e "tronos" podem descrever hierarquias angelicais sagradas ou malignas nas Escrituras. Romanos 8:38; 1 Coríntios 15:24; Efésios 2: 2; 6:12; E Colossenses 2:15 provavelmente se referem a várias fileiras ou níveis entre os anjos maus, isto é, a hierarquia demoníaca. Efésios 1:21; 3:10; Colossenses 1:16; E 1 Pedro 3:22 provavelmente se referem a várias fileiras ou níveis na hierarquia do anjo santo.

A Bíblia nunca elabora os detalhes dessas hierarquias para explicar sua ordem ou função. Visto que Satanás imita e falsifica o caráter de Deus e características do reino, parece provável que haja uma hierarquia funcional autoritária para anjos sagrados que adoram a Deus e uma hierarquia paralela e falsa para demônios que dão sua fidelidade a Satanás.

Vários títulos descritivos são usados de possivelmente vários tipos de anjos. Veja "Querubim", "Criaturas vivas" e "Serafins" sob "Caráter dos Santos Anjos" (p.668). Somente três anjos são identificados pelo nome; Ver "Gabriel" e "Michael" sob o "Caráter dos Santos Anjos" acima e "Satanás" sob "Caráter de Satanás" (página 677).

Poder dos Santos Anjos

O poder dos anjos aparece tanto no Antigo como no Novo Testamento. No Antigo Testamento, os anjos causaram cegueira, resgataram pessoas e destruíram cidades (Gênesis 19: 1-26). Derrubaram setenta mil homens de Jerusalém (2 Sam. 24: 10-17). Os anjos parecem estar constantemente em guerra com demônios nos céus (Daniel 10:13, 20-21).

No Novo Testamento, um anjo afastou a pedra extremamente grande da entrada do túmulo de Cristo (Mateus 28: 2, Marcos 16: 3-4) e libertou Pedro da prisão (Atos 12: 7-11). Herodes foi atingido por um caso fatal de vermes por um anjo (Atos 12: 20-23). Paulo referiu-se aos anjos como "poderosos" (2 Tessalonicenses 1: 7), e Pedro os chamou de "maiores em força e poder" do que os humanos (2 Pe 2:11).

No Apocalipse, os anjos exercerão poder sobre a natureza (Apocalipse 7: 1-3). Os anjos executarão os sete juízos de trombeta (Apocalipse 8: 2, 6) e os sete juízos de tigela (Apocalipse 16: 1-21). Eles expulsarão Satanás e seus anjos permanentemente do céu (Apocalipse 12: 7-9). Um anjo vai amarrar e encarcerar Satanás durante o período do reino milenar de Cristo (Apocalipse 20: 1-3).

Para resumir, os anjos são mais fortes do que os humanos, mas não onipotentes como Deus (Salmo 103: 20; 2 Pedro 2:11). Os anjos são maiores que os humanos no conhecimento, mas não onisciente como Deus (Mateus 24:36). Os anjos são mais rápidos e mais móveis do que os humanos, mas não onipresentes como Deus (Dn 9: 21-23; 10:10, 14).

Ministérios dos Santos Anjos

Desde o tempo da criação (Jó 38: 7) até a consumação (Apocalipse 21:12), os anjos têm figurado de forma proeminente na execução dos propósitos de Deus. Os seguintes resumos destacam os ministérios dos anjos para (1) Deus, (2) Cristo, (3) Cristãos, (4) a igreja, (5) descrentes e (6) as nações.

Os anjos adoram e louvam a Deus (Jó 38: 7, Sl 148: 2, Isaías 6: 1-4, Ap. 4: 6-11, 5: 8-13, 7: 11-12). Eles servem a Deus (Salmo 103: 20-21, Hebreus 1: 7). Os anjos se congregam como filhos de Deus diante de Deus (Jó 1: 6; 2: 1) na "assembléia dos santos" (Salmo 89: 5) e no "conselho dos santos" (Salmo 89: 7).

Esses servos ministradores também enviam mensagens para Deus. O Senhor usou os anjos para transmitir sua lei a Moisés (Atos 7:38, 53, Gálatas 3:19, Hebreus 2: 2), e Gabriel levou a palavra de Deus a Daniel (Daniel 8:16; 9:21) Zacarias (Lucas 1:19) e Maria (Lucas 1:26). Anjos freqüentemente comunicados a João em Apocalipse (Apocalipse 1: 1-22: 16).

Os anjos serviram como instrumento de julgamento de Deus sobre Sodoma (Gn 19: 1, 12-13), e eles expulsarão Satanás e seus anjos no ponto médio da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 12: 7-9). Os anjos serão diretamente envolvidos no julgamento da trombeta (Apocalipse 8: 6-11: 19) e juízos de tigela sobre o mundo (Apocalipse 16: 1-21) durante a septuagésima semana de Daniel.

CRISTO

Anjos participaram em anunciar o nascimento de Cristo a Maria (Lucas 1: 26-38), José (Mateus 1: 18-23), e os pastores (Lucas 2: 8-15). Eles protegeram Cristo durante sua infância (Mateus 2: 13-15, 19-21).

Os anjos ministraram a Cristo desde o início de seu ministério público (Mateus 4:11) até o fim (Lucas 22:43), e geralmente ministraram a Cristo durante seu ministério na terra (Jo 1:51; 3:16). Eles ajudaram as pessoas a compreender a ressurreição de Cristo (Mt 28: 1-2, 6; Lucas 24: 5-8) e a ascensão (Atos 1:11). Hebreus 1-2 enumera as razões pelas quais os anjos ministram a Cristo com múltiplas comparações para validar a superioridade de Cristo aos anjos.

Quando Cristo retornar à terra no arrebatamento da igreja, os anjos também estarão ativos (1 Tessalonicenses 4:16). Eles acompanharão Cristo no seu segundo advento (Mateus 25:31), reunir-se-ão em crentes (Mateus 13: 39-43; 24:31) e levarão julgamento aos incrédulos (2 Tessalonicenses 1: 7). Um anjo ligará e prenderá Satanás durante o reino milenar de Cristo (Apocalipse 20: 1-3).

Cristãos

Os anjos ministram geralmente aos crentes (Hb 1:14), que inclui regozijo na salvação de um crente (Lucas 15:10) e proporcionando proteção (Salmo 34: 7; 35: 5-6; 91: 11-12; 18:10) como querido por Deus. Uma vez que o episódio do rico e de Lázaro (Lucas 16: 19-31) é provavelmente uma parábola, não deve ser usado com absoluta certeza para argumentar que os anjos transportam todos os crentes ao céu na morte (Lucas 16:22).

A IGREJA

Os anjos podem ser envolvidos na igreja com respeito a (1) a liderança (1 Coríntios 4: 9), (2) as mulheres (1 Coríntios 11:10), (3) a pureza dos pastores (1 Tm 5: 21), e (4) sua própria busca da compreensão da salvação (1 Pedro 1:12).

Descrentes

Como Cristo explica em uma de suas parábolas, os anjos separarão as "ervas daninhas" (incrédulos) do "trigo" (crentes) (Mt 13: 27-30, 36-43). Um anjo pregará o evangelho a todo o mundo durante a septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 14: 6-7). Eles irão

participar no julgamento de Cristo segundo dos incrédulos (Mt 16:27; 2 Tessalonicenses 1: 7).

AS NAÇÕES

Os anjos servem os propósitos de Deus para as nações em geral (Daniel 10:13, 20) e para Israel em particular (Daniel 10:21, 12: 1, Apocalipse 7: 1-3). Eles também especificamente trazer julgamento importante sobre todas as nações antes da segunda vinda de Cristo (Ap 8: 6-11: 19; 16: 1-21).

Destino dos Santos Anjos

Os santos anjos não enfrentarão nenhum julgamento porque nunca pecarão. Isto está em contraste com Satanás e os demônios, que serão julgados (2 Pedro 2: 4, Judas 6) e designados a passar toda a eternidade no futuro no lago de fogo (Mateus 25:41 e Apocalipse 20:10) .

Depois do final, grande julgamento do trono branco (1 Coríntios 15: 24-28, Apocalipse 20: 11-15), haverá um novo céu e nova terra (Ap 21: 1). A morada de Deus estará com o homem na cidade santa, a Nova Jerusalém (Apocalipse 21: 2). Onde Deus está, também haverá seus santos anjos, com doze deles às portas da cidade (Ap 21:12). O povo redimido de Deus e os anjos de Deus o adorarão em justiça para sempre.

No final, o Éden será revisitado. Deus olhará para tudo o que ele recria e descobre que é muito bom - assim como fez no princípio (Gênesis 1:31).

Satanás

A realidade de Satanás
Caráter de Satanás
A História de Satanás
O poder de Satanás
Esquemas de Satanás
O papel do servo de Satanás
A defesa de um cristão
Julgamentos de Satanás

A realidade de Satanás

O fato da existência de Satanás não pode ser nem provado nem desmentido pelo raciocínio filosófico sozinho. No entanto, a existência incontroversa do mal deve ter um perpetrador real. As reivindicações experienciais por si mesmas não podem provar a realidade de Satanás porque não têm qualquer padrão objetivo pelo qual as supostas experiências possam ser validadas.

No entanto, um relato histórico confiável da história humana serviria para estabelecer a factualidade de Satanás se o autor fosse credível. Na verdade, um desses livros existe - a Bíblia, cujo autor é o Deus da criação, o criador da verdade sem erro, eo Criador de Satanás. Assim, a Bíblia é o único testemunho inquebrantável do cristão sobre a existência real de Satanás.

FATOS BÁSICOS

A revelação da existência de Satanás é encontrada em apenas oito livros do Antigo Testamento, mas é completamente coerente com as referências mais freqüentes no Novo Testamento. A palavra hebraica para Satanás significa basicamente "adversário" ou "aquele que se opõe". Das 27 ocorrências do Velho Testamento, 18 referem-se diretamente a Satanás (uma vez em 1 Crônicas 21, 14 vezes em Jó 1-2, 3 em Zacarias 3) , Enquanto 9 se referem a adversários que não sejam Satanás. Além disso, 2 Coríntios 11: 3 e Apocalipse 12: 9; 20: 2 testemunham a realidade de Satanás em Gênesis 3, onde ele está disfarçado como uma serpente. Primeiro Reis 22: 21-22 e 2 Crônicas 18: 20-21 referem-se a ele como "um espírito mentiroso". Isaías 14 e Ezequiel 28 aludem a Satanás como o poder atrás dos reis de Babilônia e Tiro, respectivamente.

Por outro lado, as referências do Novo Testamento abundam. Os termos traduzidos "Satanás" ou "diabo" se referem a "o maligno" em 74 ocasiões. Todo escritor do Novo Testamento o menciona, e ele aparece em dezenove livros do Novo Testamento (Gálatas, Filipenses, Colossenses, Tito, Filemom, 2 Pedro, 2 João e 3 João, exceto). Uma incrível 28 de 30 referências nos Evangelhos envolvem encontros diretos com ou menções de Satanás.

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

Satanás exibe as três características básicas associadas à personalidade: intelecto, emoção e vontade. Com seu intelecto, tentou Cristo (Mateus 4: 1-11) e esquemas contra os cristãos (2 Coríntios 2:11, Ef 6:11, 1 Tim. 3: 7, 2 Tim. 2:26). Emocionalmente, ele exibe orgulho (1 Timóteo 3: 6) e raiva (Apocalipse 12:12, 17). O Diabo também exerce sua vontade contra os cristãos (Lucas 22:31, 2 Tim. 2:26).

Cinco qualidades pessoais adicionais completam um perfil elementar desse adversário mentiroso e assassino. Primeiro, ele é um anjo criado. Segundo Paulo, Deus criou todas as coisas (Cl 1:16), que inclui anjos. A resposta de Deus a Jó equivale a "estrelas da manhã" com "filhos de Deus" (Jó 38: 4-7, 1: 6; 2: 1), as fileiras angélicas criadas pela primeira vez que cantavam e se alegravam com o restante da criação. O poder maligno atrás do Rei de Tiro é referido como o "querubim guardião ungido" (Ezequiel 28:14, 16) que foi criado (Ezequiel 28:13, 15). Originalmente criado como um anjo-chefe no nível de Miguel, o arcanjo (Judas 9), Satanás agora dirige rebelde uma banda de anjos maus (Mateus 25:41 e Apocalipse 12: 9). Embora seja um anjo de trevas, ele se disfarça como um anjo de luz (2 Coríntios 11:14).

Segundo, Satanás é um ser espiritual (1 Reis 22: 21-23, 2 Crônicas 18: 20-22, Ef 2: 2), embora apareça às vezes como uma pessoa física (Mateus 4: 3-11) , Assim como os santos anjos (Marcos 16: 5). Enquanto o escritor de Hebreus se refere aos anjos como "espíritos ministradores" (Hb 1:14), Cristo caracterizou os demônios como "imundos" (Lucas 4:36) e "maus" (Lucas 8: 2) espíritos. Tal também seria verdade para o príncipe dos demônios.

Terceiro, Satanás possui uma extraordinária mobilidade. Ambos, Jó 1: 7 e Jó 2: 2 retratam Satanás como "indo e vindo na terra", como faz 1 Pedro 5: 8, que se refere a Satanás como alguém que "ronda" o mundo. Em quarto lugar, Satanás pode funcionar tanto no céu (1 Reis 22: 21-22, Jó 1-2, Ap 12:10) quanto na terra (Mateus 4: 3-11). Finalmente, Deus manterá Satanás moralmente responsável no final por suas ações traiçoeiras (Mt 25:41 e Ap 20:10).

CONTRASTES BÁSICOS

A compreensão teológica de Satanás reflete um contraste estudado com o Senhor Jesus Cristo (ver tabela 8.1). Isso não surpreende ninguém, já que Cristo é o Criador e Satanás uma mera criatura.

Caráter de Satanás

Conhecer Satanás requer uma revisão de seus vários nomes e títulos. Satanás ("adversário") e Diabo (caluniador) são de longe os termos mais freqüentes usados por Satanás, mas vários outros também advertem das intenções e atividades de Satanás. As seguintes vinte e nove atribuições oferecem vislumbres em seu caráter diabólico:

1. *Abaddon* (Ap 9:11): Esta palavra hebraica transliterado é normalmente associado com morte e destruição nos seis textos do Antigo Testamento em que aparece (Jó 26: 6; 28:22; 31:12; Sl 88:11. Provérbios 15:11; 27:20). Abaddon e seu homólogo grego, Apollyon, referem-se a Satanás como o rei angélico com domínio sobre demônios no abismo em Apocalipse 9: 1. Veja "Anjo do poço sem fundo", "Apollyon", "Beelzebul", "Maligno", "Deus deste mundo", "Rei", "Príncipe do poder do ar" E "Estrela" abaixo.

Tabela 8.1 Satanás e Cristo Contraste

Satanás	**Cristo**
temporal	eterno
Trevas	luz
morte	vida
mentiroso	verdade
falsificado	autêntico
mal	justo
inimigo	amigos
Forte	Mais forte
Prisões	Libera
Acusa	Advogados
Imita	Origina
Desonesto	honesto
Oprime	Alivia
Calúnias	Intercede
Orgulhoso	humilde
Escravizas	Liberta
Pecador	piedosos

destrutivo	construtivo
ladrao	benfeitor
Odeia	O amor é
Debilita	Cura
assassino	Salvador

2. *Acusador* (Zc. 3: 1; Rev. 12:10): Satanás atua como o advogado de acusação no céu diante de Deus, como o acusador (Heb. *Satanás* ; Gk. *Katēgorōn*) o sumo sacerdote de Israel, Josué (Zc 3: 1) e cristãos (Apocalipse 12:10) de serem indignos da graça de Deus em redenção e serviço. Embora alguns tenham identificado o "acusador" no Salmo 109: 6 como Satanás, o contexto (109: 4, 20, 28) parece se referir aos acusadores humanos de Davi.
3. *Adversário* (1Pe 5: 8): O papel adversário de Satanás (Gk. *Antidikos*) de crentes opostos em Cristo é retratado como um leão feroz, rugindo, perseguindo presas. Veja "Inimigo" e "Satanás" abaixo.
4. *Anjo do abismo* (*Apocalipse* 9:11): Tanto quanto Miguel é o arcanjo do céu (Apocalipse 12: 7), assim Satanás é o "rei" do Abismo. Há demônios na terra que não querem ir para lá (Lucas 8:31). Existem outros demônios no Abismo que serão libertados por Satanás por um curto período de tempo (Apocalipse 9: 1-2, 11). Alguns demônios foram confinados lá por uma porção considerável da história humana e não serão liberados até o julgamento final (2 Pedro 2: 4, Judas 6), quando eles serão lançados no lago de fogo com Satanás eo resto. Durante o reinado milenário de Cristo na Terra, Satanás será preso no Abismo (Apocalipse 20: 1-6). Veja "Abaddon" acima e "Apollyon" abaixo.
5. *Apollyon* (Ap 9:11): Este nome representa o paralelo grego ao Abaddon hebraico, melhor traduzido Ela aparece apenas uma vez no Novo Testamento “destruidor.”. Veja "Abaddon" e "Angel of the bottomless pit" acima e "Beelzebul", "King" e "Star" abaixo.
6. *Belzebu* (Mateus 12:24, Marcos 3:22 e Lucas 11:15): Os líderes judeus acusaram Cristo de expulsar demônios pelo poder do líder (*Gk.archōn*) dos demônios, cujo nome *significava* "senhor, Príncipe "e que originalmente tinha sido a divindade pagã filisteu da cidade costeira Ekron (2 Reis 1: 2-3). Depois de argumentar que Satanás não se oporia aos demônios porque isso seria auto-destrutivo, Jesus reconheceu que enquanto Satanás era forte (Lucas 11:21), ele próprio era muito mais forte (Lucas 11:22) e prevaleceria. Veja "Abaddon" e "Apollyon" acima e "Evil One", "Deus deste mundo", "Rei", "Príncipe do poder do ar", "Governante deste mundo" e "Estrela" abaixo.
7. *Belial* (2 Coríntios 6:15): Esta palavra transliterada hebraica aparece vinte e sete vezes no Antigo Testamento (ver Deuteronômio 13:13, 19:22, 1 Sam 2:12, 1 Reis 21: Provérbios 6:12) e refere-se a vil, vil, e sem valor scoundrels e instigadores. É bem possível que Nahum 1:15 usa esta palavra para se referir a Satanás. Certamente, Paulo pretendia que o termo retratasse Satanás como a criatura mais vil, perversa e sem valor, sem par ou superior.
8. *Diabo* (ver Mateus 4: 1 - Ap 20:10): Esta palavra aparece trinta e oito vezes no Novo Testamento, referindo-se a Satanás em trinta e quatro casos. É o segundo termo mais usado para Satanás na Bíblia. Na Septuaginta, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, Diabo (*diabolos*) é usado para se referir a Satanás em Jó 1-2, onde o Diabo acusa caluniosamente Jó de motivos menos do que nobres para servir a Deus. Também calunia Josué, o sumo sacerdote judeu (Zacarias 3: 1). A calúnia final, no entanto, é de Deus quando Satanás diz a Eva que ela não morrerá, embora Deus tenha dito que a morte será certa se ela comer o fruto da árvore do conhecimento do

bem e do mal (Gênesis 2:17). 3: 4). Satanás calunia tanto Deus ao homem quanto o homem a Deus.

9. *Dragão* (Isaías 27: 1, Apocalipse 12: 3, 7, 9; 20: 2): João emprega a figura de um monstro apocalíptico treze vezes em Apocalipse 12; 13; 16; E 20 para imaginar Satanás. Esta palavra (Gk *drakōn*) refere-se inequivocamente a Satanás, uma vez que ambos Apocalipse 12: 9 e 20: 2 identificam o "dragão" como "a serpente do velho", "o diabo" e "Satanás" Serpente "abaixo.
10. *Inimigo* (Mateus 13:25, 28, 39 e Lucas 10:19): Na parábola do joio, Cristo fala do inimigo (Gk. *Echthros*), que plantou darnel, uma erva daninha de trigo, no campo de trigo. Mateus 13:39 identifica o inimigo como o Diabo. Veja "Adversário" acima e "Satanás" abaixo.
11. *O Maligno* (Mateus 5:37; 6:13; 13:19, 38; João 17:15; Ef 6:16; 2 Tessalonicenses 3: 3; 1 João 2: 13-14; 3:12 5: 18-19): Além de Satanás e Diabo, o Maligno (Gk. *Ponēros*) é a terceira mais freqüente denominação usada. O mal está em contraste com a justiça (Gk. *Dikaiosynē*), já que Satanás está em contraste diametral com Cristo. O mundo inteiro está no poder do Maligno (1 João 5:19). Veja "Abaddon", "Apollyon" e "Beelzebul" acima e "Deus deste mundo", "Rei", "Príncipe do poder do ar", "Governante deste mundo" e "Estrela" abaixo.
12. *Pai da mentira* (João 8:44): Satanás não é apenas um mentiroso perpétuo, ele é o criador de mentiras. O Diabo, ao enganar Eva (Gn 3: 1-6, 2 Coríntios 11: 3, 1 Tim. 2:14) para a desobediência, gerou em certo sentido toda a raça humana, caracterizada por mentiras, crianças pecaminosas que andam Nos passos de seu primogênito (Rm 3: 10-11, 13). Esta imagem da família continua em Atos 13:10, onde Paulo chama Elymas, o feiticeiro um "filho do diabo", fazendo tortuosos os caminhos retos do Senhor. João também identifica todos aqueles que não praticam a justiça ou amam seu irmão como "filhos do diabo" (1 João 3:10). As "ervas daninhas" em Mateus 13:38 são marcadas como "filhos do maligno", isto é, falsos crentes. O Anticristo é chamado de "filho da destruição" (2 Ts 2: 3), Com "destruição" aludindo a Satanás como Abaddon (ver acima). O mesmo é verdade para Judas (João 17:12). Veja "Mentiroso" e "Espírito mentiroso" abaixo.
13. *Deus deste mundo* (2 Coríntios 4: 4): Por ordem soberana de Deus, Satanás é o poder superior, mas não a divindade (Gk. *Theos* , conforme o Salmo 82: 6 [Septuaginta], João 10: 36) desta era (1 João 5:19). Este título vem em virtude de sua posição, não de sua natureza. Tudo começou no Éden e continuará assim até que a maldição seja revertida (Apocalipse 22: 3). Satanás está finalmente atrás de todas as religiões falsas (Apocalipse 2: 9; 3: 9). Veja "Abaddon", "Apollyon", "Beelzebul" e "Evil One" acima e "King", "Príncipe do poder do ar", "Governante deste mundo" e "Star" abaixo.
14. *Rei* (Apocalipse 9:11): No contexto, Satanás é o rei sobre os demônios, assim como ele é o "príncipe dos demônios" em Mateus 12:24. Veja "Abaddon", "Apollyon", e "Beelzebul" acima e "Star" abaixo.
15. *Leviatã* (Isaías 27: 1): Veja "Dragão" acima e "Serpente" abaixo.
16. *Mentiroso* (João 8:44): Cristo é a verdade (João 14: 6), e Satanás é o prevaricador. Todas as mensagens e atividades de Satanás são construídas sobre o engano global (Apocalipse 12: 9; 20: 3, 8, 10). Satanás é o "espírito mentiroso" de 1 Reis 22: 22-23 e 2 Crônicas 18: 21-22. Elymas, o mago, estava cheio de engano e assim foi chamado de "filho do diabo" (Atos 13:10). Este mentiroso governa espíritos enganadores espalhando o ensino de demônios (1Tm 4: 1). Seu primeiro ato de traição com os humanos foi enganar Eva (2 Cor. 11: 3; 1 Tim. 2:14). Ele se disfarça como um anjo de luz (2 Coríntios 11:14). Desde o princípio (Gênesis 3) até o fim (Apocalipse 20), Satanás se opôs à verdade de Deus com as mentiras e os enganos do inferno. Veja "Pai das mentiras" acima e "Espírito mentiroso" abaixo.
17. *Lúcifer* (Isaías 14:12): Tradição, especialmente visível nas traduções KJV / NKJV, popularizou este título. Literalmente, a palavra hebraica (*helel*) é melhor traduzida como "portador da luz" ou "estrela do dia". Parece mais provável que esta descrição

seja usada em referência ao rei da Babilônia do que a Satanás neste contexto. Isaías comparou o rei a uma estrela da manhã anunciando um novo dia, mas rapidamente dando lugar à glória do sol. Veja "Estrela" abaixo.

18. *Espírito* mentiroso (1 Reis 22: 22-23; 2 Crônicas 18: 21-22): De acordo com a propensão de Satanás para mentir (João 8:44), Deus o usou e quatrocentos demônios mentirosos para enganar o Rei de Israel Acabe Para entrar na batalha. Como resultado, Acabe foi morto (1 Reis 22: 37-38) de acordo com a promessa de Deus (1 Reis 21: 17-26). Satanás foi usado por Deus para uma "ilusão forte" (2 Tessalonicenses 2:11). Veja "Pai da mentira" e "Mentiroso" acima.
19. *Assassino* (João 8:44): Jesus disse: "Ele era um assassino desde o início." Como resultado da mentira de Satanás a Eva, ela comeu da árvore, ea promessa de Deus em Gênesis 2:17 foi cumprida: Porque no dia em que comerdes, certamente morrerás. "Satanás envenenou a mente de Eva com mentiras para que comesse, e comendo, ela imediatamente morreu - ou seja, ela estava separada espiritualmente de Deus. Mais tarde ela morreria fisicamente, e além da graça redentora de Deus, ela morreria eternamente e eternamente a Deus. Todos os seus descendentes seguiram os seus passos, incluindo Caim, que era do Maligno e matou seu irmão (1 João 3:12).
20. *Príncipe dos demônios* (Mateus 9:34; 12:24; Marcos 3:22; Lucas 11:15): Veja "Beelzebul" acima.
21. *Príncipe do poder do ar* (Efésios 2: 2): Satanás reina sobre o "poder" dos demônios, alguns dos quais temporariamente residem entre o céu de Deus e a terra. Paulo expandiu este conceito, escrevendo sobre "as forças espirituais do mal nos lugares celestiais" (Efésios 6:12). Veja "Abaddon", "Apollyon", "Beelzebul", "Evil One", "Deus deste mundo" e "King" acima e "Ruler of this world" e "Star" abaixo.
22. *Leão rujir* (1Pe 5: 8): Veja "Adversário" acima.
23. *Governador deste mundo* (João 12:31; 14:30; 16:11): Segundo a ordenança soberana de Deus, Satanás é o príncipe *espiritual* deste mundo (Gk. *Kosmos*). O termo "mundo" é usado aqui no sentido do sistema global que é hostil a Deus sob o domínio de Satanás (1 João 5:19). Este reinado começou no Éden (Gênesis 3) com maus resultados que continuarão até o julgamento final (Apocalipse 20). Veja "Abaddon", "Apollyon", "Beelzebul", "Evil One", "Deus deste mundo", "Rei" e "Príncipe do poder do ar" acima e "Estrela" abaixo.
24. *Satanás* (Mateus 4: 10-Apocalipse 20: 7): Este é o nome usado com mais freqüência para se referir ao Diabo, aparecendo dezoito vezes no Velho Testamento e trinta e seis vezes no Novo Testamento. Basicamente significa adversário, inimigo ou oposição. Desde o tempo da queda espiritual / moral de Satanás (Isaías 14: 12-14) até o seu julgamento final (Ap 20: 7-10), Satanás tem sido o principal iniciador, instigador e perpetrador de agressão má contra e dentro Os propósitos e planos de Deus. Veja "Adversário" e "Inimigo" acima.
25. *Serpente* (Gn 3: 1, 4, 13-14, Isaías 27: 1, 2 Coríntios 11: 3, Apocalipse 12: 9; 20: 2): Embora os nomes Satanás, Diabo e Maligno Não são usados em Gênesis 3, a imagem da serpente astuta de antigamente (Gênesis 3: 1) é inconfundivelmente identificada com o Diabo ou Satanás em quatro ocasiões posteriores. Veja "Dragão" e "Leviatã" acima.
26. *Espírito* (1 Reis 22: 21-23, 2 Crônicas 18: 20-22, Ef 2: 2): Satanás é claramente marcado como um "espírito" em contraste com um ser humano.
27. *Estrela* (Apocalipse 9: 1, 11): Todos os anjos são seres criados (Ne 9: 6, Sl 148: 2, 5, Col 1:16). Os anjos são retratados como estrelas (Jó 38: 7), que foram criados no início da seqüência da criação e cantaram elogios nos dias seguintes. Anjos profanos, ou seja, demônios (ou estrelas do céu), foram pressionados para o serviço por Satanás (Apocalipse 12: 4). Apocalipse 9: 1 retrata Satanás como uma "estrela caída do céu" e 9:11 identifica-o como "rei" sobre os demônios, "o anjo do abismo", "Abaddon" e "Apollyon" (Isa. 14:13). Veja "Abaddon", "Apollyon", "Beelzebul", "Evil One", "Deus deste mundo", "Rei", "Lúcifer", "Príncipe do poder do ar" e " acima.

28. O *homem forte* (Mateus 12:29, Marcos 3:27 e Lucas 11:21): Enquanto Jesus reconhecia que Satanás era um "homem forte" (Gk. *Ischyros*), ele afirmou que ele era mais forte (Lucas 11:22)) E assim poder dominar as forças do mal que Satanás governou.
29. *Tentador* (Mateus 4: 1, 3, Marcos 1:13, Lucas 4: 2, 13, 1 Coríntios 7: 5, 10:13, 1 Tessalonicenses 3: 5): Veja "Pai da mentira" "Liar" e "Lying spirit" acima.

A História de Satanás

Como vimos, numerosas referências bíblicas a Satanás, usando uma variedade de nomes, títulos e descrições, perfilam as atividades do Diabo desde o início dos tempos até o fim, mas as Escrituras relatam muito poucos eventos históricos específicos envolvendo ele. Esses poucos momentos retratam Satanás ou se opõem a Deus ou se concentram em imitar a Deus com falsificações.

OPOSIANDO A DEUS

Essas referências bíblicas limitadas não significam que o Diabo esteve dormente nos últimos dois milênios. As poucas menções são representativas de um padrão diabólico contínuo envolvendo o sempre ativo "governante deste mundo" (João 12:31; 14:30; 16:11), que está constantemente trabalhando na terra durante a era atual. Ele não apenas "ronda como um leão rugindo, procurando alguém para devorar" (1Pe 5: 8), mas também está envolvido em uma série de outras atividades: ele diz mentiras (João 8:44); Ele influencia as pessoas a mentir (Atos 5: 3); Ele se disfarça como um anjo de luz (2 Coríntios 11: 13-15); Ele arrebata o evangelho de corações incrédulos (Mateus 13:19, Marcos 4:15, Lucas 8:12); Ele detém incrédulos sob seu poder (Ef 2: 2; 1 João 3: 8-10; 5:19); Ele aprisiona e engana os incrédulos, mantendo-os cativos para fazerem a sua vontade (2 Tm 2:26); Ele tenta os crentes ao pecado (1 Cor. 7: 5, Ef 4:27); Ele procura enganar os filhos de Deus (2 Coríntios 11: 3); Ele se aproveita dos crentes (2 Coríntios 2:11); Ele procura destruir a fé dos crentes (Lucas 22:31); Ele atormenta os servos de Deus (2Co 12: 7); Ele frustra o progresso do ministério (1 Tessalonicenses 2:18); E ele faz guerra contra a igreja (Efésios 6: 11-17).

Grande parte do trabalho de Satanás é secreta. Mas quando o Senhor Jesus apareceu, ele tirou demônios de seus esconderijos dentro das pessoas. Satanás e seus servos demoníacos foram intensamente engajados durante o ministério terrestre de Cristo. Olhando para o futuro, suas manobrações voltarão a crescer durante a septuagésima semana de Daniel, especialmente na última metade. O resumo a seguir destaca as incursões satânicas individuais ao longo do tempo.

Velho Testamento . Dos onze eventos do Velho Testamento, quatro (36 por cento) lidam com a criação de Satanás, queda moral, decepção de Eva e a maldição edênica. Das vinte e cinco ocasiões totais em toda a Bíblia, essas quatro no Velho Testamento e seis mais no Novo Testamento referem-se ao início do tempo ou ao fim dos tempos (40%). Os eventos do Velho Testamento incluem o seguinte:

1. Criação de Satanás: início da criação (Neemias 9: 6, Jó 38: 7, Salmo 148: 2, 5, Ezequiel 28:13, 15, Col. 1:16)
2. Moral queda de Satanás: postcreation (Is 14: 12-13, Ap 12: 4)
3. Decepção de Eva: queda pós-moral (Gênesis 3: 1-6, 2 Coríntios 11: 1-3, 1 Tim. 2:14, Apocalipse 12: 9, 20: 2)
4. Maldição edênica: pós-fé (Gênesis 3:15, João 16:11, Romanos 16:20)
5. Acusando o trabalho: ca. 2250 aC (Trabalho 1-2)
6. Dispute com Michael: ca. 1405 aC (Judas 9)

7. Provocação de Davi: ca. 975 aC (1 Crônicas 21: 1)
8. Deitado para Acab: ca. 853 aC (1 Reis 22: 1-40, 2 Crônicas 18: 1-34)
9. Influenciando o rei de Babilônia: ca. 700-681 aC (Isaías 14: 12-14)
10. Influenciando o rei de Tiro: ca. 590-570 aC (Ezequiel 28: 12-17)
11. Acusando o sumo sacerdote: ca. 480-470 aC (Zc 3: 1-2)

Alguns sugeriram que o Salmo 82 se relaciona com a repreensão de Deus do governo de Satanás ou de demônios. Parece melhor, no entanto, entender este salmo como envolvendo o confronto de Deus com os governantes terrestres, humanos por causa de (1) a natureza dos salmos; (2) a linguagem sendo entendida mais naturalmente como humana; E (3) o uso de Cristo do Salmo 82: 6 em João 10:34, que aponta para governantes humanos terrestres, não seres espirituais.

Novo Testamento . Dos quatorze eventos do Novo Testamento, cinco lidam com a vida de Cristo desde o nascimento até a crucificação e seis descrevem o fim dos tempos, representando juntos quase 80% das entradas do Novo Testamento. Os eventos do Novo Testamento incluem o seguinte:

1. Nascimento de Cristo: ca. 5-4 aC (Apocalipse 12: 4)
2. Tentação de Cristo: ca. 27-28 (Mateus 4: 1-11, Marcos 1: 12-13, Lucas 4: 1-13)
3. Debilitar uma mulher: ca. AD 29-30 (Lucas 13:16)
4. Peneiração de Pedro: ca. 30 dC (Lucas 22:31)
5. Defecção de Judas: ca. AD 30 (Lucas 22: 3, João 13: 2, 27)
6. Influenciando a mentira de Ananias: ca. AD 31-32 (Atos 5: 3)
7. Obstinando Paulo: ca. 51 dC (1 Tessalonicenses 2:18)
8. Infligindo Paulo: ca. 55-56 dC (2 Cor. 12: 7)
9. O banimento final do céu: meio da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 12: 7-13)
10. Capacitando o Anticristo eo Falso Profeta: meio da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 13: 2, 4)
11. Executando sinais falsos: a última metade da septuagésima semana de Daniel (Ap 16: 13-14)
12. Encarceração milenar: o reino milenar de Cristo (Ap 20: 1-3)
13. Batalha final: fim do reino milenar de Cristo (Apocalipse 20: 7-9)
14. Julgamento final: fim do reino milenar de Cristo (Isaías 27: 1 e Apocalipse 20:10)

IMITAÇÃO DE DEUS

Satanás opera como o mestre incomparável do disfarce (Gk *metaschēmatizō* , 2 *Coríntios* 11: 13-15). Ele faz o mal parecer bom. Ele decora o comportamento pecaminoso para parecer justo. Suas mentiras soam atrativamente melhores do que a verdade. Ele prega de forma convincente a perversão de que o errado é certo eo certo é errado. Ele permanece o mensageiro das trevas enquanto se disfarça como um anjo de luz. Ele falsamente dá uma aparência polida de autenticidade a tudo que é espiritualmente falsificado.

O Diabo substitui as coisas mundanas que dão prazer imediato às pessoas pelas coisas santas que trazem a glória eterna a Deus. Ele camufla suas mentiras diabólicas para ser tão atraente para as pessoas que eles rejeitam a verdade de Deus. Ele eleva pensamentos sobre si mesmo a tal altura que as pessoas então adoram a criatura em vez de Deus, o Criador (Rm 1:25).

Satanás imita e imita as coisas santas de Deus, enquanto que, durante todo o tempo, seus substitutos baratos continuam como as coisas abomináveis do príncipe das trevas. Pregadores durante o período da Reforma chamado Satanás "o macaco de Deus",

que imitava Deus ao disfarçar o falso para parecer genuíno, atraindo assim os pecadores para si mesmo e longe de Deus.

As principais contrafacções de Satanás listadas nas Escrituras incluem o seguinte:

1. A Trindade, como (1) dragão / Satanás (Apocalipse 13: 4), (2) Besta / Anticristo (Apocalipse 13: 4), e (3) o Falso Profeta (Apocalipse 13:11; : 13)
2. O reino, mas na verdade o "domínio das trevas" (Cl 1:13)
3. Anjos (Mateus 25:41, 2 Coríntios 11:14, 12: 7 e Apocalipse 12: 7)
4. O trono (Apocalipse 2:13)
5. Igrejas (Apocalipse 2: 9, 3: 9)
6. Adoração (Romanos 1:25 e Apocalipse 13: 4) 7. Trabalhadores (2 Coríntios 11:13, 15)
8. Cristos (Mateus 24: 5, 24, Marcos 13:22, 1 João 2:18, 22)
9. Profetas (Mateus 7:15; 24:11, 24; Marcos 13:22; 2 Pedro 2: 1)
10. Apóstolos (2 Coríntios 11:13 e Apocalipse 2: 2)
11. Professores (2 Pe 2: 1)
12. Crentes (Mateus 13:38, 40, 2 Coríntios 11:26, Gálatas 2: 4)
13. O evangelho (Gálatas 1: 6-7)
14. Teologia (1 Tim. 4: 1)
15. Mistérios (2 Tessalonicenses 2: 7 e Apocalipse 2:24)
16. Milagres (Mateus 7: 21-23; 2 Tessalonicenses 2: 9; Apocalipse 16: 13-14)
17. Comunhão (1 Coríntios 10: 20-21)

O poder de Satanás

Satanás possui o mais alto poder dos seres criados, mas seu poder não começa a se comparar com o de Deus, que é onipotente (Jeremias 32:17), onisciente (Salmo 139: 1-6), onipresente (Salmo 139: 10), imutável (Salmo 102: 27), soberano (1 Cr. 29: 11-12), eterno (Salmo 90: 2), imortal (1 Tim. 1:17), grande (Salmo 135: 5)), E auto-existente (Isaías 44: 6). Satanás não possui nenhum desses atributos divinos, que pertencem exclusivamente ao Criador.

O poder de Satanás pode pelo menos ser igual ao de Miguel, o Arcanjo (Daniel 10:13, 21, 12: 1, Judas 9, Apocalipse 12: 7). Nenhum ser humano possui o poder sobrenatural que pertence a Satanás. Ele é poderoso no céu (1 Reis 22: 19-23, 2 Crônicas 18: 18-22, Jó 1-2, Zc 3: 1-5 e Apocalipse 12: 7) e na terra (Jó 1: 7 , 1 Pe 5: 8).

Satanás claramente estratégias (Gk *noēma* , 2 *Coríntios* 2:11, 11: 3). Ele é um mestre tático (Gk. *Methodeia* , Ef 6:11). E ele se destaca em enganar e aprisionar (Gk. *Planaō* , *Apocalipse* 12: 9; 20: 8; *pagis* , 1 Tim. 3: 7; 2 Tim. 2:26).

Satanás governa o sistema *pecaminoso* deste mundo (João 12:31, 14:30, 16:11, Ef 6:12, Apocalipse 13: 2, 4-5, 7). Ele é também "o príncipe do poder do ar", isto é, o *governante* (Gk. *Arcan*) sobre o seu *hospedeiro demoníaco* (Mateus 25:41 e Apocalipse 12: 7, 9) que residem principalmente no reino entre A terra eo terceiro céu. No céu, Satanás constantemente acusa os crentes diante de Deus (Apocalipse 12:10). Durante a segunda metade da septuagésima semana de Daniel, Satanás vai emprestar seu poder para fazer falsos sinais e maravilhas pelas mãos do Anticristo (2 Ts 2: 9-10.) E também pelo Falso Profeta (Ap 13: 13-14) E demônios (Ap 16: 13-14).

Satanás tem o poder da morte, mas Cristo o tornou impotente para os crentes em Cristo (Hebreus 2:14). Satanás tem o poder do engano (2 Coríntios 11: 3, 14-15), mas Cristo o expôs (2 Coríntios 2:11) e destruiu o efeito de sua obra (1 João 3: 8). Satanás tem o poder de aprisionar as pessoas (Apocalipse 2:10), mas a Palavra de Deus não pode ser aprisionada (2 Tm 2: 9). Satanás pode habitar em uma cidade (Apocalipse 2:13), mas somente Deus pode habitar dentro de um crente (1 João 4: 4). Satanás tem o poder de acusação pessoal e difamação (Apocalipse 12:10), mas Cristo é o defensor do crente à

direita de Deus Pai (1 João 2: 1), intercedendo continuamente por aqueles que crêem (Rm 8) : 33-34, Hebreus 7:25). Nenhum poder de Satanás, independentemente de quão grande, separará um verdadeiro crente do amor de Deus (Romanos 8: 35-39). Satanás é forte (Lucas 11:21), mas Cristo é mais forte (Lucas 11:

Deus às vezes até limita o poder de Satanás (Jó 1: 6-12, 2: 1-6). Cristo rejeitou seu poder e autoridade (Mateus 4: 1-11). Cristo curou aqueles que foram oprimidos pelo Diabo (Atos 10:38). Paulo foi autorizado a iluminar as mentes dos incrédulos para que eles se voltassem "do poder de Satanás para Deus" (Atos 26:18). Os crentes podem vencer o seu poder (Tiago 4: 7; 1 João 2: 13-14). Em última análise, o poder do Diabo será revogado permanentemente (1 Coríntios 15:24, Apocalipse 12: 9-10, 20: 1-3, 7-10).

Esquemas de Satanás

Satanás pecou (1 João 3: 8), enganado (2 Coríntios 11: 3), e assassinado desde o princípio (João 8:44). Enquanto Deus representava a luz, a vida e a verdade, Satanás representava a escuridão, a morte e o engano. O *modus operandi de* Satanás tem sido enganar o mundo inteiro ao longo de toda a história, desde o início com Adão e Eva (Gênesis 3: 1-24) até o fim dos tempos (Apocalipse 12: 9; 20: 3, 8).

A Escritura usa três palavras para descrever como Satanás funciona: (1) " *armadilha* " (Gk. *Pagis*), tal como um caçador usaria para capturar e então matar um animal (1 Tm 3: 7; 2:26); (2) "projetos" ou "estratégias" (Gk. *Noēma*), isto é, o plano de batalha de um comandante militar qualificado (2 Coríntios 2:11); E (3) "esquemas" ou "táticas *específicas* " (Gk. *Methodeia*), que soldados iriam executar em uma batalha real (Ef 6:11). Usando mentiras e enganos, o Diabo tenta trazer o mundo ao seu pensamento pervertido e afastar-se da pura verdade de Deus.

Satanás governa como o general comandante do exército oposto. Ele tenta diariamente superar ou convencer os crentes na guerra espiritual. Deviousness colore o caráter e a conduta de Satan. Ele é um guerreiro guerrilheiro que se disfarça como um anjo de luz (2 Coríntios 11:14). Para tornar a batalha mais difícil, Satanás faz uma guerra espiritual invisível usando as tácticas mais enganosamente inteligentes jamais planejadas. Ele está comprometido com a espionagem espiritual. Ele aparece como um amigo lá fora, mas por dentro continua sendo o inimigo enganador. Suas declarações mentirosas, enfeitadas com a verdade, são veneno para a alma. Seus servos se apresentam falsamente como defensores da justiça (2 Coríntios 11:15).

Enquanto isso tudo parece assustador, até mesmo esmagador, Paulo escreve aos Coríntios que não devemos "ser ultrajados por Satanás; Porque não somos ignorantes dos seus desígnios "(2 Coríntios 2:11). Explorar os esquemas do diabo ajuda a nos preparar para resistir a ele.

OBJETIVO DE SATANÁS

Onde Satanás aponta seus dardos ardentes (Efésios 6:16)? Paulo dá uma resposta clara em 2 Coríntios 11: 3: "Mas temo que, como a serpente enganou Eva pela sua astúcia, os vossos pensamentos serão desviados de uma sincera e pura devoção a Cristo".

As palavras gregas traduzidas "desenhos" em 2 Coríntios 2:11 e "esquemas" em Efésios 6:11 ambos se referem à manipulação de Satanás da mente. Satanás brinca com os cristãos. As mentes humanas são o alvo principal de Satanás. A vida do pensamento do cristão torna-se o campo de batalha para a conquista espiritual. Esta verdade é reforçada pelas freqüentes declarações da Bíblia sobre a importância dos crentes que

possuem mentes espiritualmente fortes (Mateus 22:37, Romanos 12: 2, 2Cor 4: 4, 10: 5, Fp 4: 8; 3: 2; 1 Pedro 1:13).

Uma vez que Satanás visa a mente do cristão, o que ele quer realizar? Antes de responder a essa pergunta significativa, considere duas escrituras:

> Pois, como ele pensa dentro de si, assim é. (Provérbios 23: 7)
>
> Como na face da água reflete a cara, assim que o coração do homem reflete o homem. (Provérbios 27:19)

Quem está no interior determina quem está do lado de fora. Assim, Satanás tenta corromper mentes para que ele possa corromper vidas. *A principal atividade de Satanás na vida dos cristãos é levá-los a pensar em contrário à Palavra de Deus e assim agir desobedientemente à vontade de Deus* . O pregador puritano do século XVII, Thomas Watson, disse: "Esta é a obra-prima de Satanás ...; Se ele pode, mas mantê-los de crer a verdade, ele é certo para mantê-los de obedecê-lo. "

Todo líder militar devora relatórios de inteligência sobre o inimigo antes de entrar em batalha. O relatório de inteligência sobre Satanás está na Bíblia. Portanto, a ignorância do inimigo nunca será uma desculpa válida para a derrota. Deus deu aos cristãos uma vantagem decidida na competição com informações prévias sobre o inimigo.

SATAN'S FIERY DARTS

Satanás alcançará seus objetivos empregando várias estratégias bem escolhidas e profanas na vida do cristão. Satanás tem quatro objetivos principais contra o cristão. Se ele pode realizar um ou mais, ele está se movendo em direção a seus objetivos. É importante entender esses objetivos, porque os ataques de Satanás cairão sob uma ou mais dessas quatro áreas amplas.

Primeiro, Satanás tentará *distorcer ou negar a verdade da Palavra de Deus* . Foi assim que Satanás tropeçou em Pedro em Mateus 16. Jesus havia chamado antes o blefe de Satanás, porém, e o Diabo falhou em sua tentativa contra Cristo (Mateus 4: 1-11). Satanás até negará aos incrédulos o acesso à Palavra de Deus, conforme ilustrado pela semente que cai em terreno difícil na parábola de Cristo do semeador (Mt 13: 3-4, 18-19).

Segundo, Satanás tentará *desacreditar o testemunho do povo de Deus* . Esta estratégia teve sucesso com Ananias e Safira (Atos 5: 1-11). Satanás também experimentou isso com os líderes cristãos (1 Tm 3: 7).

Em seguida, *pressionando ou destruindo o entusiasmo do crente pela obra de Deus* , Satanás *assaltará* a alma de alguém. O leão rugindo do inferno tentou isso tanto em Paulo (2Co 12: 7-10) quanto em Pedro (Lucas 22: 31-34).

Quarto, se Satanás pode *diluir a eficácia do povo de Deus* , ele estará se movendo em direção a seus *objetivos* . Davi (1 Crônicas 21: 1-8) conhecia a dor infligida com este tipo de ataque, assim como os novos convertidos à fé (1 Timóteo 3: 6).

Para cada estratégia, Satanás emprega uma variedade de táticas ou técnicas específicas de guerra espiritual para alcançar a vitória. A Bíblia identifica mais de vinte táticas nas narrativas históricas e ensinando porções da Escritura. Se os crentes pensam como Deus pensa e frustram os esquemas de Satanás, ele não vai se aproveitar deles. A vitória é prometida se os cristãos deixam a Palavra de Deus ricamente habitar dentro deles (Colossenses 3:16).

A Bíblia expõe as mentalidades diabólicas que Satanás tentou colocar em várias pessoas ao longo do tempo. Observe cuidadosamente que eles são todos muito parte do pensamento secular atual. As táticas de Satanás como revelado na Bíblia estão listadas

abaixo e personalizadas, organizadas sob as quatro estratégias principais do Diabo. Para cada tática venenosa destinada a enganar, é dado o antídoto da verdade de Deus.

A Primeira Estratégia do Adversário . Satanás tentará *distorcer ou negar a verdade da Palavra de Deus* .

1. *Sensualismo* : Atratividade e desejabilidade substituíram a Palavra de Deus como meu padrão para determinar o melhor de Deus em minha vida (Gn 3: 1-6).
   A Mente de Deus: 2 Timóteo 3: 16-17
2. *Sensacionalismo* : Creio que o sucesso imediato é mais desejável do que o sucesso no tempo de Deus (Mt 4: 1-11).
   A Mente de Deus: 1 Coríntios 1: 18-25
3. *Universalismo* : Porque vivemos juntos no mesmo mundo com o mesmo tipo de imperfeições, viveremos juntos na eternidade (Mt 13: 24-30).
   A Mente de Deus: João 1: 12-13; 3:36; 5:24
4. *Racionalismo* : substituirei a razão humana por uma fé infantil simples ancorada na Palavra de Deus (Mt 16: 21-23).
   A Mente de Deus: Isaías 55: 9
5. *Existencialismo* : Eu sou o mestre do meu destino e o capitão da minha alma (2 Cor. 4: 4).
   A Mente de Deus: João 3: 16-21
6. *Illusionism* : Eu acredito que tudo o que aparece ou afirma ser de Deus é de Deus sem mais investigação (2 Coríntios 11: 13-15).
   A Mente de Deus: Deuteronômio 13: 1-5; 1 João 4: 1-4
7. *Ecumenismo* : Creio que todas as religiões sinceras envolvem expressões válidas de adoração ao Deus verdadeiro (Apocalipse 2: 9; 3: 9).
   A Mente de Deus: Atos 4:12
8. *Humanismo* : Só eu posso derrotar Satanás sem a ajuda de Deus (Judas 9).
   A Mente de Deus: João 15: 5

A Segunda Estratégia do Adversário . Satanás tentará *desacreditar o testemunho do povo de Deus* .

1. *Situacionalismo* : Creio que a Palavra de Deus é *suficientemente* flexível para dobrar quando julgo que a situação o exige (Atos 5: 1-11).
   A Mente de Deus: Salmo 119: 89
2. *Individualismo* : Minha principal responsabilidade de casamento é me satisfazer, não meu parceiro (1 Coríntios 7: 1-5).
   A Mente de Deus: Efésios 5: 22-25
3. *Isolacionismo* : Minha reputação não terá efeito sobre ninguém além de mim (1 Timóteo 3: 7).
   A Mente de Deus: 2 Samuel 12:14; 1 Timóteo 6: 1; Tito 2: 5
4. *Hedonismo* : Porque Deus removeu minhas responsabilidades domésticas, eu sou livre para me satisfazer enquanto a igreja me apóia (1Tm 5: 14-15).
   A Mente de Deus: 2 Tessalonicenses 3:10

Terceira Estratégia do Adversário . Satanás *procurará deprimir ou destruir o entusiasmo do crente pela obra de Deus* .

1. *Materialismo* : Eu *prezo* material e bênçãos físicas mais altamente do que o meu relacionamento espiritual com Jesus Cristo (Jó 1: 1-2: 13).
   A Mente de Deus: Mateus 6:33
2. *Defeatism* : Porque eu falhei, eu sou não mais útil no serviço do rei (Lc 22: 31-34).
   A Mente de Deus: Salmo 32: 1-7
3. *Negativismo* : Minha fraqueza me impede de ser eficaz para Deus (2 Coríntios 12: 7-10).

A Mente de Deus: Filipenses 4:13

4. *Pessimismo* : As circunstâncias difíceis em minha vida me fazem duvidar que eu jamais realizarei algo significativo para Deus (1 Tessalonicenses 2: 17-3: 2).
   A Mente de Deus: Salmo 37: 23-24

A Quarta Estratégia do Adversário . Satanás *procurará diluir a eficácia do povo de Deus* .

1. *Egotismo* : atribuirei o que sou ou o que alcançarei às minhas próprias realizações e não às atividades de Deus em minha vida (1 Crônicas 21: 1, 1 Timóteo 3: 6).
   A Mente de Deus: Jeremias 9: 24-25; 1 Pedro 5: 6
2. *Nominalismo* : Porque eu sou salvo e meus pecados são perdoados, meu estilo de vida atual é sem importância (Zc 3: 1-5).
   A Mente de Deus: 1 João 2: 1-6
3. *Cultismo* : Minha salvação será baseada em obras e não na fé em Jesus Cristo (Lucas 22: 3-6).
   A Mente de Deus: Efésios 2: 8-9
4. *Uniformitarismo* : Meu relacionamento com os crentes intrusos permanecerá o mesmo apesar de seu arrependimento e mudança de coração para com Deus (2 Coríntios 2: 5-11).
   A Mente de Deus: Efésios 4:32
5. *Assertivismo* : É saudável para mim expelir minha raiva freqüentemente por longos períodos de tempo (Ef 4: 26-27).
   A Mente de Deus: Tiago 1: 19-20

O ASSASSINATO PROTOTIPICO

O ataque mais massivo e de maior alcance que Satanás jamais lançou foi o inicial sobre Adão e Eva. Embora envolvesse apenas duas pessoas, o episódio afetou toda a raça humana durante todo o tempo, já que todos desde então nasceram mortos no pecado (Efésios 2: 1-3). É por isso que Jesus se referiu a Satanás como "o pai da mentira" e um assassino desde o início (João 8:44). Essa foi a causa mediana ou indireta de todo o pecado, que conduz ao curso imediato ou atual da atividade pecaminosa contemporânea.

O maior de todos os enganos com o efeito mais devastador sobre a humanidade é registrado em Gênesis 3. Satanás, o mestre do engano, enganou Eva para rejeitar a veracidade de Deus e, em seguida, agir independentemente dele. Os primeiros pais, Adão e Eva, foram enganados pela astúcia do Diabo, e cada pessoa depois disso sofreu as conseqüências. Os cinco aspectos desse assalto constituíram o método prototípico de Satanás para atacar a humanidade desde então.

Disfarce . Em Gênesis 3: 1, Satanás chegou, disfarçado como uma serpente. A palavra "crafty" pode ser usada positivamente ou negativamente. A partir do contexto aqui, ele é usado em um sentido negativo. A mesma palavra é usada em Josué 9: 4 dos gibeonitas, astuciosos, que enganaram Josué e a liderança de Israel. Da mesma forma, Satanás veio disfarçado como uma serpente para Eva.

Diálogo . Satanás falou com a mulher. À primeira vista, parecia uma discussão inocente, religiosa, mas Satanás estava fora para enganar. Satanás disse: "Só uma pergunta, Eva. Eu quero ter certeza de que tenho direito. Deus realmente disse que não comeria de nenhuma árvore do jardim? "O que ela não sabia era que ela estava batalhando com o maior lutador de guerrilha de todos os tempos.

No final de Gênesis 3: 1, Satanás usou três táticas em Eva que mais tarde se revelou fatal. Primeiro, ele se dividiu para conquistar. Ele não tomou Adão e Eva como marido e mulher. Ele apontou Eve, e ele entrou em um diálogo aparentemente inocente com

ela. Isso aponta para o alto prémio que Deus coloca na unicidade de marido e mulher, porque eles fortalecem, incentivam, edificam e edificam um ao outro.

Em segundo lugar, ele surpreendeu Eve com um encontro não programado e obviamente espetacular. Ou seja, ele fez algo que foi tão surpreendente e inesperado que ela jogou fora de equilíbrio. Eva, neste momento, não estava praticando a presença de Deus, pois se ela estivesse, certamente teria entendido o perigo.

Em terceiro lugar, ele fez uma investigação aparentemente inocente. Ele veio com uma aparente necessidade de saber o que Deus havia dito. A construção hebraica, porém, sugere que a pergunta que ele fez não era uma questão de pesquisa, mas sim uma questão de ridículo. Poderia ser melhor fraseada, "É realmente verdade que Deus disse ...?" Uma paráfrase moderna seria: "Você tem que estar brincando, Eve. Deus não *realmente* dizer que você não pode comer de qualquer árvore no jardim, não é?"

Dúvida . Esta pergunta é fácil de responder porque a resposta está registrada em Gênesis 2: 16-17. Deus não disse que não podiam comer de nenhuma árvore no jardim. Por uma questão de fato, Deus criou um ambiente prístino para eles viverem; Tudo foi absolutamente perfeita. Havia apenas uma proibição.

No entanto, em sua paráfrase das palavras originais de Deus, Eva tinha começado em sua própria mente a questionar a certeza da morte e do julgamento. Pode-se ver o golpe magistral de Satanás, que plantou uma semente de dúvida e observou Eva cultivá-la. Logo, tornou-se uma flagrante negação da veracidade, aplicabilidade e confiabilidade de Deus.

Negação . Em Gênesis 3: 4-5, Satanás alimentou Eva cinco mentiras disfarçadas pela verdade parcial. A primeira mentira afirmou que Eva não morreria. Como o texto hebraico destaca, Satanás enfaticamente negou que comer da árvore proibida resultaria em morte. A verdade da questão é que quando eles comiam, eles não morreram imediatamente em um sentido físico. No entanto, eles imediatamente morreram espiritualmente em seu relacionamento com Deus. *Morte* significa separação. Adão e Eva só pensavam no reino físico. No entanto, quando eles comeram, eles foram espiritualmente separados de Deus por seu pecado. Essa morte espiritual os levou a sua morte física posterior.

A segunda mentira pode ser inferida de Gênesis 3: 4. Satanás insinuou que, se Deus dissesse que morreriam, mas não o fizeram, então a palavra de Deus não era confiável. Se não era confiável, então não havia nenhuma boa razão para acreditar ou viver por ela. Com a dúvida rapidamente se traduzindo em negação, Eve se moveu decisivamente para abandonar a autoridade da palavra de Deus. Ao fazê-lo, ela mudou o rumo não só de sua vida e de sua família, mas de toda a raça humana.

Então veio a terceira mentira: "Pois Deus sabe que, quando comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos, e vós sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal" (Gn 3: 5). A maior parte do que Satanás disse era verdade, mas ele deixou de fora um fato importante. Adão e Eva não eram imutavelmente santos na natureza como Deus. Pelo contrário, eles eram suscetíveis ao pecado se a desobediência era uma parte de sua vida. Eles desobedeceram e comeram do fruto. Eles pecaram e Deus julgou. Eles foram amaldiçoados junto com a Serpente e com o mundo. Desde então, toda a humanidade foi amaldiçoada com o pecado. Eles e todos os outros têm conhecido "bom" e "mal" pela experiência. A intenção final da mentira de Satanás era para humanizar Deus e deificar o homem, para dizer que Deus pode tornar-se como homem eo homem pode se tornar como Deus. Essa mentira ainda existe em muitos cultos hoje.

A quarta mentira também aparece em Gênesis 3: 5. Satanás tentou abrir a mente de Eva com o pensamento de que Deus desejava zelosamente manter sua singularidade, que

queria manter sua divindade e não compartilhá-la com ninguém. Satanás insinuou que isso era mau, não bom. Além disso, Deus não estava realmente protegendo a impecabilidade do homem por sua proibição; Em vez disso, ele estava protegendo sua divindade.

Uma mentira final provou ser a mentira entre mentiras: "Eu, Satanás, tenho o seu melhor interesse no coração. Acredite em mim, não em Deus. "Essa é a linha de fundo nesta discussão. Em todas as cinco mentiras, Satanás tem entrelaçado um imenso assalto a Pummel Eve com o pensamento de que a Palavra de Deus é falsa e não confiável e que, portanto, ela deve seguir os desejos de seu próprio coração, em vez dos ditames da Palavra de Deus.

Deliberação . O método científico não surgiu no século XIX. Não se originou com a revolução industrial. Em vez disso, suas raízes remontam a Gênesis 3, quando Eva concluiu que a única maneira que ela podia decidir se Deus estava certo ou errado era testá-lo com sua mente e seus sentidos. A pesquisa empírica autônoma originou-se com Eva no Éden.

Paulo disse assim em Romanos 1:25, falando daqueles que seguiriam o caminho de Eva e depois de Adão: "Eles trocaram a verdade sobre Deus por uma mentira e adoraram e serviram a criatura ao invés do Criador". Eve basicamente tinha comprado nas mentiras de Satan e acreditava que ela agora tinha uma escolha. Ou ela poderia escolher comer ou ela poderia optar por se abster. A Palavra de Deus não era mais autoritária; Já não ditava o que estava certo e errado em sua vida. A Palavra de Deus não era mais vinculante, porque de repente, havia alternativas.

Gênesis 3: 6 descreve o processo mental de Eva: "Quando a mulher viu que a árvore era boa para comer, e que era uma delícia para os olhos, e que a árvore era desejada para fazer um sábio, Frutificou e comeu, e também deu um pouco ao marido que estava com ela, e ele comeu. "Aqui aparece o" método científico "- pesquisa empírica autônoma em sua infância. Eve decidiu que ela iria executar testes na árvore para ver se Deus ou Satanás estava certo.

Ela submeteu a árvore a um trio de testes, sendo o primeiro o de valor físico. Ela observou a árvore e, ao observar, viu que era bom para comer. Tinha valor nutricional ("os desejos da carne", 1 João 2:16).

Com base nessa resposta positiva, ela fez um segundo teste. Eva descobriu que era uma delícia para os olhos ("os desejos dos olhos", 1 João 2:16). Não só beneficiaria seu corpo nutricionalmente, mas tinha valor emocional ou estético. Foi agradável. Não lhe deu uma má sensação. Para colocá-lo em linguagem moderna, ela se sentiu bem em olhar para a árvore.

Eve ainda não estava satisfeita. Ela talvez pensou: "Eu vou dar um passo adiante." Com seu terceiro teste, então, ela olhou e viu que a árvore era desejável para fazer um sábio. Tinha valor intelectual. Permitiria que ela possuísse sabedoria como Deus ("orgulho da vida", 1 João 2:16).

No meio da deliberação de Eva, ela testou a Deus. Ela viu que a árvore realmente era boa. Conheceu suas necessidades fisicamente, esteticamente e intelectualmente. Isso levou à desobediência, pois Eva rejeitou as instruções de Deus e tirou do seu fruto e comeu (Gênesis 3: 6).

A batalha em Gênesis 3 foi a primeira para a mente e depois para a alma. Foi para fazer Eva pensar em contrário à Palavra de Deus. Quando ela comprava em pensamento errado, ela comprou em motivos errados, respostas erradas e ações erradas. Ela aderiu ao esquema do sensualismo, a tentativa de tornar a atratividade e a conveniência substituir a verdade como as métricas para determinar o melhor de Deus na vida. As implicações do

sensualismo são incrivelmente importantes para uma sociedade com fome de dinheiro, com fome de produtos e prazer.

A batalha de Satanás é a primeira para a mente. Ele atrai as pessoas para que pensem em seus pensamentos e então, através da dúvida e da negação, para colocar a Palavra de Deus de lado e testar a vida com seus próprios sentidos, mesmo se as conclusões convoluem a verdade de Deus.

Morte . "Então os olhos de ambos foram abertos, e eles sabiam que estavam nus. E coseram folhas de figueira juntas e fizeram-se espessas "(Gn 3: 7). As mentes de Adão e Eva foram afetadas, e de repente perceberam o mal. Eles de repente sabiam que estavam nus, e assim eles quiseram encobrir sua nudez. Antes, quando estavam nus no jardim, tudo era puro, como Gênesis 2:25 relata: "E o homem e sua mulher estavam ambos nus e não se envergonharam." Mas depois ficaram nus e envergonhados.

A culpa tinha entrado na raça humana. "Mas o SENHOR Deus chamou o homem, e disse-lhe: Onde estás? "(Gn 3: 9). Deus não perguntou onde estavam porque não sabia; Ele só queria alertar Adam que ele estava lá. "E ele disse: 'Ouvi o som de vocês no jardim, e fiquei com medo, porque estava nu, e me escondi.' E Deus disse: Quem te disse que estavas nu? Você comeu da árvore da qual eu mandei não comer? ' "(Gn 3: 10-11). O mal os descobriu. Eles estavam espiritualmente separados de Deus.

O conflito também surgiu entre o homem e a mulher. Começaram a culpar-se uns aos outros: "O homem disse:" A mulher que você deu para estar comigo, ela deu-me o fruto da árvore, e eu comi. " Então o SENHOR Deus disse à mulher: 'Que é isto que tu fizeste?' "(Gn 3: 12-13). Eve, na verdade, respondeu: "Não é minha culpa, não me culpe, porque a serpente me enganou e eu comi." Ela experimentou uma grande culpa.

As conseqüências do pecado vão muito além daquele que peca. É por isso que a Palavra de Deus faz uma declaração tão significativa sobre a santidade na vida dos crentes (1Pe 1: 14-16). A Palavra de Deus cita exemplo após exemplo de como o pecado cometido por um indivíduo ou um casal pode eventualmente afetar nações inteiras.

O papel do servo de Satanás

Satanás ganhou bem seu título de "adversário". Ele tem sido o inimigo de Deus desde o incidente no jardim. Usurpar a autoridade soberana de Deus continua a ser o principal objetivo do Diabo. Às vezes, parece que "o deus deste mundo" pode vencer o Deus da criação e da redenção. A história de sua implacável oposição a Deus é relatada desde o encontro de Adão e Eva no jardim do Éden (Gênesis 3) até o assalto final ao reino terrestre de Cristo (Apocalipse 20).

No entanto, a soberania de Deus tem superado e conquistado o pior que Satanás poderia executar. Assim, Paulo escreveu à igreja em Roma que "todas as coisas cooperam para o bem" com respeito aos verdadeiros crentes (Romanos 8:28) e depois colocou a pergunta: "Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós? 8:31). A resposta em Romanos 8: 32-39 garante inequivocamente que não há ninguém, nem mesmo Satanás!

Por uma questão de fato, até mesmo os piores ataques do mal de Satanás servirão aos melhores propósitos justos de Deus. No nível humano, José disse a seus irmãos menos-que-loving, "você significou o evil de encontro a mim, mas o deus o significou para o bom" (Gen. 50:20). Os irmãos eram realmente servos de Deus. Da mesma forma, Nabucodonosor, o rei pagão de Babilônia, realizou os propósitos de Deus (Jeremias 25: 9 e 43:10), assim como o rei persa Ciro (Isaías 44:28; 45: 1). Estes poderosos monarcas serviam a Deus. E em pelo menos catorze ocasiões mencionadas nas Escrituras, Satanás ou seus demônios também o fizeram.

JUIZES 9

Deus enviou um espírito maligno entre Abimeleque e os líderes de Siquém. Este ato divinamente iniciado (Juízes 9: 56-57) puniu ambos os lados por sua idolatria e assassinato em massa (9: 1-22).

JOB 1-2

Deus deu a Satanás autoridade para tocar tudo o que Jó tinha (posses e família), mas não o próprio Jó (Jó 1:12). Embora Jó tenha perdido suas posses e seus filhos (1: 13-19), não amaldiçoou a Deus. Em vez disso, Jó adorava a Deus. Então, Deus concedeu a Satanás a autoridade para tocar fisicamente no trabalho, mas não para matá-lo (2: 6). Pouco tempo depois, Jó sofreu horrivelmente (2: 7-8). Embora encorajado a fazê-lo por sua esposa, Jó não amaldiçoou Deus ou pecou com suas palavras (2: 9-10). Em ambos os casos, Jó honrou a Deus e provou ser errado as acusações de Satanás de que Jó tinha uma lealdade meramente egoísta a Deus. No final, Deus bendiu duplamente a Jó por sua fidelidade sincera e testada por Satanás a Deus (42:10).

1 SAMUEL 16

Depois que o Espírito de Deus tinha partido de Saul (1 Sm 16:14), em pelo menos quatro ocasiões um mal ou prejudicial espírito (demônio) atormentado Saul (16: 14-16, 23; 18:10; 19: 9). Somente o toque de harpa de David trouxe Saul alívio, fazendo com que ele amasse Davi grandemente e para torná-lo seu portador de armadura. Como resultado, no momento apropriado, Davi estava no lugar para matar Golias (17: 26-49). Conseqüentemente, Davi achou grande favor com o povo de Israel, especialmente com Jônatas, filho de Saul. Tudo isto levou David a tornar-se rei (2 Samuel 2:11; 5: 4-5), que era o plano de Deus o tempo todo, aqui auxiliado por um ou mais soldados de Satanás (Apocalipse 12: 7).

1 REIS 22/2 CRÔNICAS 18

Estes dois textos provocam o desafio de identificar o "espírito mentiroso" (I Reis 22: 21-23) de uma maneira que melhor explica a realidade da falsa profecia em I Reis 22: 6. Satanás adapta-se adequadamente a esse "espírito". A atividade demoníaca, supervisionada por Deus, realizada por Satanás, é a dinâmica mais provável e imediata por trás dessa falsa profecia. Alguns objetam que Satanás não é onipresente e não poderia afetar os quatrocentos profetas simultaneamente, mas a resposta a essa objeção se centra no papel de Satanás como governador sobre os demônios (Mateus 25:41). Esta relação e as atividades conhecidas de Satanás fornecem a explicação mais teologicamente consistente para identificar "o espírito" como Satanás e os demônios como operários de Satanás na boca dos falsos profetas de Acabe.

A influência de Satanás sobre os quatrocentos profetas de Israel pelo uso de quatrocentos demônios serviu os propósitos de Deus em pelo menos duas maneiras. Primeiro, provou que Micaías era o profeta autêntico porque suas palavras negativas se tornaram verdadeiras em relação a Acabe, em contraste com a mensagem uniformemente positiva dos quatrocentos falsos profetas. Segundo, a derrota ea morte de Acabe cumpriram a palavra profética de Deus de Elias a respeito da morte de Acabe (1 Reis 22: 37-38, ver 21: 17-19).

1 CRÔNICAS 21/2 SAMUEL 24

1 Crônicas 21: 1 afirma: "Então Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar Israel". Os últimos anos de Davi não tiveram a glória e os sucessos de sua juventude. Ele pecou em seu envolvimento com Urias e Bate-Seba (2 Samuel 11-12). Então veio o conflito entre Amnon e Absalão (2 Samuel 13), seguido pela revolta de Absalão eo próprio despejo de Davi do trono e da cidade capital (2 Samuel 14-18). Além disso, Sheba instituiu uma campanha pública de difamação contra o rei (2 Samuel 20).

Mesmo depois de tudo isso, Davi acreditava que seu sucesso vinha mais de sua própria habilidade do que da fidelidade de Deus para cumprir suas promessas a Israel. David parece ter sentido que poderia ter maior confiança no tamanho de seu exército do que no poder de seu Deus, especialmente à luz da pressão do povo.

O rei chamou assim Joabe, seu sobrinho e o general do exército de Davi, e lhe ordenou: "Vai, conta Israel, de Berseba a Dã, e traze-me um relatório para que eu possa saber o seu número" (1 Crônicas 21: . Davi cedeu à pressão da situação, ao impulso do povo e ao implacável golpe de Satanás. Joab respondeu ao pedido de Davi: "Que o Senhor acrescente ao seu povo cem vezes mais do que eles são! Não são eles, meu senhor o rei, todos eles servos de meu senhor? Por que então o meu senhor precisa disso? Por que deve ser motivo de culpa para Israel? "(1 Crônicas 21: 3). Joabe opôs-se veementemente ao recenseamento, mas prevaleceu a vontade do rei.

David ignorou dois preventivos projetados por Deus para evitar apenas tal desastre. Primeiro, Davi correu bem além do princípio de Deus de buscar múltiplos conselheiros:

> Onde não há orientação, um povo cai,
> Mas em abundância de conselheiros há segurança. (Provérbios 11:14)
>
> Pois por sábia orientação você pode fazer a sua guerra,
> E em abundância de conselheiros há vitória. (Provérbios 24: 6)

Segundo, Davi não conseguiu aceitar o conselho de Deus. Talvez ele mesmo escreveu estas palavras: "O rei não é salvo pelo seu grande exército; Um guerreiro não é entregue por sua grande força. O cavalo de guerra é uma falsa esperança para a salvação, e por seu grande poder não pode resgatar "(Sl 33: 16-17). Davi depositou a sua confiança em si mesmo e no seu exército, não em Deus, que o tinha libertado tantas vezes antes. Isto é onde Satanás venceu a vitória, onde o egoísmo dominou o pensamento de Davi. Deus empregou Satanás (2 Samuel 24: 1, ver 1 Crônicas 21: 1) para testar a humildade de Davi, eo rei falhou miseravelmente.

ZECARIAH 3

Em várias ocasiões, Satanás esteve diante de Deus nos tribunais celestiais alegando que o povo de Deus é indigno do Senhor. Então ele acusou Jó de motivos pecaminosos (Jó 1: 9-11, 2: 4-5) e os crentes de serem indignos de salvação (Apocalipse 12: 10-11). Em Zacarias 3, ele acusou Israel de ser indigno de receber a bênção de Deus.

A cena é investida com um caráter judicial. Satanás estava no lado direito, o lugar de acusação sob a lei (Salmo 109: 6), e acusou Josué, o sumo sacerdote que voltou para a terra no primeiro grupo de exilados com Zorobabel (Ezra 3: 2, 5: 2, Hag. 1: 1). Que Josué era representante da nação é evidente de (1) a ênfase na nação nessas visões, (2) o fato de que a repreensão em Zacarias 3: 2 se baseia não em Josué, mas na escolha de Deus por Jerusalém, (3) A identificação em Zacarias 3: 8 de Josué e seus companheiros sacerdotes como símbolo do futuro Israel, e (4) a referência à terra em Zacarias 3: 9.

O malicioso adversário perseguido esteve na presença do Senhor para proclamar os pecados de Israel e sua indignidade do favor de Deus. A situação era crucial: se Josué

fosse reivindicado, Israel seria aceito; Se Josué fosse rejeitado, Israel seria rejeitado. O resultado revelaria todo o plano de Deus para a nação. As esperanças de Israel seriam destruídas ou confirmadas.

Usando a expressão "roupas sujas" (Zc 3: 3-4) - o termo mais repugnante e vil para a sujeira, uma referência a excremento - o profeta descreveu o sacerdócio ea condição habitual de contaminação do povo (Isaías 4: 4) 64: 6). Isso se tornou a base da acusação de Satanás de que a nação era moralmente impura e indigna da proteção e bênção de Deus.

Deus respondeu que, embora mantivesse sua promessa de justificar Israel e reintegrar a nação como seu povo sacerdotal para servir em sua casa, manter seus tribunais e ter total acesso à sua presença - tudo baseado em seu soberano, eleger amor e não por mérito Ou obras do homem - isso não seria cumprido até que Israel fosse fiel ao Senhor. A promessa aguardava o cumprimento de Zacarias 12: 10-13: 1. O Senhor usou a ocasião das acusações de Satanás para declarar que Israel não havia perdido as promessas que Deus fez a Abraão e Davi.

MATTHEW 4

O próprio Deus nunca é o agente imediato da tentação (Tiago 1:13), mas aqui - como no livro de Jó - Deus ordena e usa a tentação satânica para servir a seus propósitos soberanos. Cristo foi tentado em todos os pontos da fraqueza humana (Heb 4:15; 1 João 2:16): Satanás o tentou com "os desejos da carne" (1 João 2:16, ver Mateus 4: 2-3), "Os desejos dos olhos" (1 João 2:16, ver Mateus 4: 8-9), e o "orgulho da vida" (1 João 2:16, ver Mateus 4: 5-6).

Quando Satanás diz: "Se você é o Filho de Deus ..." (Mt 4: 3, 6), o condicional "se" traz o significado de "desde" neste contexto. Na mente de Satanás, não havia dúvida de quem era Jesus, mas o design de Satanás era levá-lo a violar o plano de Deus e empregar o poder divino que ele havia reservado em sua humilhação (Fp 2: 7).

Todas as três respostas de Jesus ao Diabo foram tiradas do Deuteronômio. A primeira, de Deuteronômio 8: 3, afirma que Deus permitiu que Israel tivesse fome, para que pudesse alimentá-los com maná e ensiná-los a confiar que ele os supriria. Assim, o versículo é diretamente aplicável às circunstâncias de Jesus e uma resposta apropriada à tentação de Satanás de que Jesus cumpre seus desejos da carne.

No segundo caso, Satanás também citou a Escritura (Mateus 4: 6, ver Salmos 91: 11-12) - mas totalmente torceu o seu significado empregando uma passagem sobre a confiança em Deus para justificá-lo. Cristo respondeu (Mateus 4: 7) com outro versículo da experiência do deserto de Israel (Deuteronômio 6:16) - recordando a experiência em Massá, onde os israelitas resmungando colocaram o Senhor à prova, exigindo com raiva que Moisés produzisse água onde havia Nenhum (Êx 17: 2-7).

Finalmente, Cristo citou Deuteronômio 6: 13-14, novamente relacionado com as experiências de deserto dos israelitas. Cristo, como eles, foi conduzido ao deserto para ser testado (Deuteronômio 8: 2). Ao contrário deles, ele resistiu a todos os aspectos desse teste feroz.

A incapacidade de Satanás de tentar Cristo em pecado provou pelo menos três verdades essenciais a respeito da deidade de Cristo: a impecabilidade de Cristo, a lealdade inabalável de Cristo à verdade da Palavra de Deus e a superioridade e autoridade de Cristo sobre Satanás.

LUKE 22

Satanás exigiu que Prateiro fosse como o trigo, e Cristo concedeu seu pedido (Lucas 22:31). Mas Cristo também orou para que Pedro se recuperasse, fosse espiritualmente fortalecido pela experiência, e fosse capaz de conduzir os discípulos (22:32). Enquanto Pedro não podia imaginar que jamais falharia Cristo (22:33), Jesus declarou enfaticamente que o discípulo o negaria brevemente três vezes (22:34).

Depois que Pedro negou Cristo três vezes, saiu e chorou amargamente (22:62). Mas um sentimento de amor, misericórdia e graça de Deus deve ter agitado Pedro porque vários dias depois, ele estava de volta à comunhão dos discípulos. Os onze reuniram-se depois da crucificação de Cristo, e quando as mulheres relataram a ressurreição de Cristo (24: 10-11), Pedro, juntamente com João, correu até o túmulo para ver se isso poderia ser verdade (24:12). Pedro tinha enfrentado a sua queda e assim poderia reunir-se aos discípulos. Os discípulos abertamente o receberam de volta, não só por causa de sua admissão honesta, mas também porque sabiam pelas palavras de Cristo que Satanás o havia montado.

Pedro estava lá quando Cristo apareceu mais tarde naquela noite, quando os discípulos se encontraram atrás de portas trancadas (24: 36-43). Pedro poderia enfrentar o Salvador, porque ele tinha virado as costas para a sua negação, admitiu, e voltou como Cristo tinha instruído. Mais tarde, Cristo restaurou o ministério de Pedro. No meio de um café da manhã à beira-mar, Jesus disse a Pedro: "Apascenta os meus cordeiros ... Apascenta as minhas ovelhas ... Apascenta as minhas ovelhas" (João 21: 15-17). O Mestre reafirmou sua confiança em Pedro e sua capacidade de ministrar.

Como o espinho de Paulo tinha dois lados, um para Satanás e outro para Deus, assim também o peneira de Pedro. Ele agora estava preparado para entender a fúria de Satanás, que quase destruiu seu ministério, eo poder de Deus, que o sustentou na batalha. Não é de surpreender, então, que no dia de Pentecostes, Pedro destemidamente saiu como porta-voz principal de Deus. Pedro é a figura dominante no estabelecimento da igreja, conforme registrado em Atos 1-12.

JOHN 13

Satanás serviu a Deus de uma maneira muito incomum e inesperada em relação à morte de Cristo. Antes da refeição da Páscoa, Satanás entrou Judas (Lucas 22: 3-6, ver João 13: 2), que começou a planejar com os principais sacerdotes sobre como traí-lo. Durante a ceia, Satanás novamente entrou em Judas, a quem Cristo então despachou para executar rapidamente o seu esquema traiçoeiro (João 13:27). Deus usou Satanás para iniciar os eventos matutinos que levaram à morte de Cristo.

Não é surpreendente que Satanás estivesse envolvido, nem Judas. Mas este é o exemplo supremo de Deus usando Satanás como seu servo para ser o catalisador de algo que Deus havia realmente planejado na eternidade passada. Surpreendentemente, este caso resultaria em crentes sendo libertados do domínio diabólico no reino das trevas:

> Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré, um homem atestado a vós por Deus com obras poderosas, maravilhas e sinais que Deus fez por meio dele no meio de vós, como vós mesmos sabeis - este Jesus, entregue segundo o plano definido E presciência de Deus, crucificado e morto pelas mãos de homens sem lei. Deus o ressuscitou, afrouxando as dores da morte, porque não era possível para ele ser mantido por ela. (Atos 2: 22-24)

ACTOS 5

Não é chocante ler que "o pai da mentira" (João 8:44) encheu o coração de Ananias para mentir ao Espírito Santo (Atos 5: 3). Ananias tinha um cúmplice - sua esposa,

Sapphira. Como resultado, eles foram mortos por Deus na frente da assembléia de Jerusalém (Atos 5: 5, 10).

Por que Deus era tão severo? Por que ele não é tão duro com os incrédulos que mentem? Pedro escreveu que o julgamento começa primeiro com a família de Deus (1 Pedro 4:17). Paulo, mais tarde, advertiu os coríntios que, por profanarem a mesa do Senhor, alguns eram fracos e doentes, e um número havia "morrido" pela mão de Deus (I Cor. 11: 29-30). João chamou a atenção para o fato de que o pecado pode levar à morte física (1 João 5:16).

Deus usou Satanás para gravar indelevelmente as conseqüências de mentir para Deus sobre as mentes e lembranças dos presentes (Atos 5:11), os que ouviram (5: 5, 11) e os incrédulos na cidade (5:13). Um novo nível elevado de temor de Deus veio sobre todos lá e sobre todos os que leram sobre o incidente desde então. "É terrível cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31).

1 CORINTHIANS 5

A igreja coríntia tinha tolerado o relacionamento incestuoso de um homem com sua madrasta (1 Coríntios 5: 5). Portanto, Paulo entregou ou entregou (Gk. *Paradidōmi* , ver Lucas 24:20) este praticante de perversão extrema a Satanás - isto é, a pessoa foi removida da igreja (1 Coríntios 5:13) para ser tratada como uma Descrente (ver Mateus 18:17, 1 Coríntios 5:11, 2 Tessalonicenses 3:14). O mesmo é dito do blasfemo Hymenaeus e Alexander (1 Tim. 1:20). Seja por causa de uma perversão do comportamento santo ou de crenças sagradas, Satanás pode servir os propósitos de Deus no reino da disciplina da igreja quando o arrependimento permanece ausente. Ambos os casos carregam uma sensação de esperança positiva de que essas pessoas acabarão por colocar sua fé em Cristo.

2 CORINTHIANS 12

Em 2 Coríntios 12: 7, Paulo descreveu como sua visão do terceiro céu resultou em "um espinho ... na carne, um mensageiro de Satanás para me assediar". Por um lado, Deus usaria o mensageiro de Satanás para manter Paulo do orgulho . Por outro lado, o Diabo trabalharia para esvaziar a fé de Paulo com seu espinho afiado, que na verdade era uma estaca grande e afiada usada para ferir seriamente ou mutilar um inimigo.

Qual é o espinho? O espinho de Paulo é mais comumente identificado como um problema físico, uma vez que está "na carne". Malária, epilepsia, dores de cabeça ou problemas oculares têm sido sugeridos. No entanto, seguindo o uso do Antigo Testamento, várias outras possibilidades fortemente recomendar-se. Esta figura aparece quatro vezes no Antigo Testamento (Números 33:55, Josué 23:13, Ezequiel 28:24, Os 2: 6). Três vezes se refere a pessoas e uma vez a circunstâncias da vida. Como em Oséias 2: 6, o espinho de Paulo poderia ter sido as circunstâncias adversas que ele experimentou ao servir ao Senhor (2 Coríntios 11: 23-28). Mas em vista da maioria do uso do Antigo Testamento e do contexto em 2 Coríntios, o espinho de Paulo parece ser pessoas que são "um espinho no lado" ou "uma dor no pescoço", muito possivelmente porque são demônios de falsos mestres E os incrédulos.

Satanás significava o espinho para o mal, mas Deus o havia ordenado e usado para o bem. Paul ganhou em ambos os sentidos. Isso o sacudiu de volta à realidade mais bem expressa por Pedro: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que, no tempo oportuno, Ele vos exalte, lançando sobre ele todas as vossas angústias, porque Ele tem cuidado de vós". 1 Pe 5: 6-7).

O sofrimento de Paulo levou-o à oração (1 Coríntios 12: 8). Como Jesus orou três vezes no Getsêmani, assim Paulo orou. Ele rezou para que o espinho - sejam circunstâncias físicas ou pessoas - fosse removido. Viu isso como um obstáculo ao seu ministério e à causa do Senhor. Ele precisava de uma nova dimensão de compreensão acrescentada pelo Senhor, que usaria o espinho satânico para o lucro espiritual de Paulo com novos níveis de humildade pessoal e confiança em Deus.

2 TESSALONICENSES 2

Deus diz que chegará um tempo em que enviará "uma forte ilusão" (2 Tessalonicenses 2:11, literalmente "uma obra de engano"), fazendo com que o detentor se afaste (2: 6-7) e deixando que Satanás não se dilua E a mentira não controlada tem o seu domínio sobre toda a terra (2: 9-12). Satanás experimentará temporariamente uma maior liberdade para dar ao povo exatamente o que eles querem acreditar, uma mentira (João 8:44, Romanos 1:25, 1 João 2:21). O povo não será contido (2 Tesalonicenses 2: 7) de crer no último engano de Satanás - a mentira de que o Anticristo é Deus e a salvação é por meio dele.

REVELAÇÃO 13

No ponto médio da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 13: 5), a trindade satânica será introduzida. Este trio de personagens malignos inclui Satanás (o dragão de 13: 2-4, 12: 9; 20: 2), o Anticristo (a besta de 13: 1-10) eo Falso Profeta (o "outro animal "De 13: 11-17). Satanás capacita o Anticristo com seus poderes adversários (13: 2, 4).

A decepção global continuará por quarenta e dois meses (13: 5) até a segunda vinda de Cristo (19: 11-20: 3) terminar este domínio diabólico eo Rei Jesus reina por mil anos (20: 4-6). Em tudo isso, Satanás funciona como servo de Deus, estabelecendo a ocasião para o triunfante advento de Cristo ea inauguração de seu reino milenar na terra.

Em suma,

> A Bíblia retrata Satanás como um implacável inimigo de Deus, cujos projetos na humanidade são maliciosos; No entanto, não representa Satanás como o igual de Deus ou como alguém que age independentemente do controle divino. No prólogo de Jó, o texto mais antigo que fala de ... Satanás ... ele é claramente representado como alguém subordinado a Deus e que opera somente dentro dos parâmetros que Deus estabelece para ele ... [A] sua noção básica de que Satanás é Sob controle divino aparece repetidamente. Esse motivo pode estar em certo grau de tensão com a concepção de Satanás como uma força hostil, mas é um tema persistente no registro bíblico. Satanás é inimigo de Deus, mas também é servo de Deus.

A defesa de um cristão

PROTEÇÃO DE DEUS

O texto principal que fala de armadura espiritual e armamento é Efésios 6: 10-20, especialmente toda a armadura de Deus (Gk. *Panoplia*). Em outros lugares, Paulo também se refere à armadura de luz (Romanos 13:12), armas de justiça (2 Coríntios 6: 7) e armas de nossa guerra (2Co 10: 4).

O Cinturão da Verdade . Na época de Paulo, os soldados usavam uma túnica, um grande pedaço quadrado de material que tinha buracos para a cabeça e os braços. Pendia baixo e solto para que o soldado pudesse apertá-lo em torno da cintura com um cinto. Quando ele estava pronto para lutar, ele puxou os quatro cantos de sua túnica para cima através do

cinto, assim cingindo os lombos. Forneceu ao soldado a mobilidade e a flexibilidade necessárias para o combate corpo-a-corpo.

Era comum um soldado romano usar uma alça sobre o ombro que ligava à frente e atrás do cinto. Ele anexou sua espada à correia junto com decorações ou medalhas de batalha. Depois que um soldado romano colocou o cinto, colocou a alça e enganchou sua espada, ele estava pronto para lutar.

No reino espiritual, os cristãos devem cingir seus lombos com "verdade" (Efésios 6:14). Isso pode se referir ao conteúdo da verdade (ou seja, as Escrituras) ou a uma atitude de veracidade, sinceridade, honestidade e integridade. Desde que Paulo se referiu à Escritura como uma arma espiritual em Efésios 6:17, significa que aqui ele estava se referindo à atitude de um cristão. Os crentes que cingem seus lombos com verdade têm um coração para a batalha por causa de um compromisso com Cristo e sua causa.

O Peitoral da Retidão . Os soldados romanos tinham diferentes tipos de couraças. Alguns eram feitos de pesadas tiras de linho penduradas muito baixo. Pedaços de metal ou fatias finas dos cascos e chifres de um animal foram enganchados juntos e pendurados do linho.

No entanto, o tipo mais familiar de peitoral era a placa de peito de metal moldado que cobria as áreas vitais do tronco desde a base do pescoço até o topo das coxas. O soldado precisava proteger aquela área porque grande parte da luta era com uma espada curta (Gk. *Machaira*) no combate corpo-a-corpo.

O peitoral cobria duas áreas-chave: o coração e os órgãos vitais, o que o povo judeu chamava de "as entranhas" (veja Isaías 59:17; 1 Tessalonicenses 5: 8). Na cultura hebraica, o coração representava simbolicamente a mente ou o processo de pensamento (por exemplo, Provérbios 23: 7), enquanto as entranhas se tornaram uma referência às emoções por causa da maneira como elas podem afetar os órgãos intestinais. A mente e as emoções abrangem tudo o que faz com que uma pessoa aja.

Deus forneceu a couraça da justiça (Efésios 6:14) para proteger tanto a mente como as emoções. O que é essa justiça especificamente? É a justiça prática e pessoal de um crente verdadeiro que nasce nele na regeneração e depois é fortalecido por Deus o Espírito, de modo que um cristão se torna progressivamente mais semelhante a Cristo (2 Coríntios 3:18, 2 Pedro 3:18) .

Calçados de prontidão . Nos dias de Paulo, o calçado normal para o soldado romano era um semiboot de espessura suavizada. Tiras grossas de couro seguravam-na ao pé. Pequenos pedaços de metal que se projetavam como pontas do fundo da sola davam ao soldado firmeza de posição para que ele pudesse estar na batalha, manter o chão firme e fazer movimentos rápidos sem escorregar, escorregar ou cair.

O calçado do soldado não só proporcionava segurança, mas também proteção para longas marchas que abrangiam enormes quantidades de terreno. Além disso, o inimigo comumente colocou varas afiadas na terra para perfurar os pés dos soldados que avançavam. Para se proteger, os soldados usavam botas com solas grossas que não podiam ser perfuradas. Até mesmo o melhor soldado se torna ineficaz se seu pé foi ferido.

Na guerra espiritual, é vital para o crente usar o tipo certo de calçado. Pode-se cinch até a cintura com o compromisso e adornar o peitoral de vida santa, mas a menos que tenha um pé seguro, há uma forte possibilidade de queda. Assim, em Efésios 6:15, Paulo disse que os pés devem ser calçados "com a prontidão dada pelo evangelho da paz".

Aqui, Paulo está descrevendo uma armadura defensiva, e quando ele escreve de "prontidão dada pelo evangelho da paz", ele está falando de ter abraçado o evangelho. Se alguém é equipado com a boa notícia da paz, o combatente espiritual é protegido e será capaz de suportar os esquemas do inimigo (Efésios 6:11, 13).

O Escudo da Fé . O exército romano usou vários tipos de escudos. Um deles era um pequeno escudo redondo que se enrolava nas bordas. Um soldado do pé prendê-lo-ia a seu antebraço. Era leve permitir ao soldado maior mobilidade no campo de batalha. Em sua outra mão, ele carregava sua espada para que o soldado pudesse atacar enquanto ele parou os golpes de seu oponente com seu escudo.

No entanto, esse não é o tipo de escudo Paulo estava se referindo em Efésios 6:16. Em vez disso, ele se referiu a um grande escudo retangular. Este protetor medido 4½ pés por 2 ½ pés. Feita de uma grossa tábua de madeira, que seria coberto no exterior, quer com metal muito grosso ou de couro. O metal desviaria flechas flamejantes, enquanto o couro seria tratado para extinguir o ardente passo nas setas.

Espiritualmente falando, quando os dardos flamejantes do Maligno voarem, um crente será protegido levantando o escudo da fé salvífica (Efésios 6:16, ver Salmo 18:35). O escudo será tão eficaz que as armas de Satanás serão extinguidas, porque os crentes bem equipados conquistam esmagadoramente na batalha (Romanos 8:37).

O Capacete da Salvação . Na época romana, os capacetes eram feitos de duas coisas: metal fundido ou couro com remendos de metal. O capacete protegia a cabeça do soldado das flechas, mas sua principal função era evitar golpes de uma espada. Esta espada (Gk. *Rhomphaia*) tinha 3 a 4 pés de *comprimento* e tinha uma enorme alça que foi *realizada* com as duas mãos como um taco de beisebol. O soldado devia erguê-lo sobre a cabeça e derrubá-lo na cabeça do seu adversário. Um capacete era necessário para desviar esse golpe esmagador para o crânio.

No reino espiritual, o crente deve usar o capacete da salvação (Efésios 6:17). A que se refere a salvação aqui? Há três possibilidades: os aspectos passados, presentes ou futuros da salvação. Paulo não estava se referindo ao aspecto passado da salvação. Ele não pretendia dizer: "Depois de cingir os lombos com a verdade, vestir a couraça da justiça, calçando os pés com o evangelho da paz, e tomando o escudo da fé, a pessoa deve ser salva". Assume que o ato passado de salvação já é uma realidade. Em vez disso, ele está se referindo aos aspectos presentes e futuros de nossa salvação. É tanto a certeza da obra contínua de Deus na vida cristã quanto a confiança em uma salvação completa e final por vir. Paulo mencionou o capacete da salvação em 1 Tessalonicenses 5: 8-9 (Isaías 59:17).

A Espada do Espírito . Paulo escreveu sobre "a espada do Espírito" (Efésios 6:17). A palavra grega (Gk. *Machaira*) refere-se a uma adaga em qualquer lugar de 6 a 18 polegadas de comprimento. Foi carregado em uma bainha ou bainha do lado do soldado e poderia ser usado em combate corpo-a-corpo, tanto defensiva como ofensivamente.

Portanto, a espada do Espírito não é uma espada (Gk. *Rhomphaia* , ver *Apocalipse* 1:16; 2:12, 16; 19:15, 21), que apenas flails em torno, na esperança de fazer alguns danos. É incisivo; Ele deve atingir um ponto vulnerável, ou não será eficaz. Em outras partes da Escritura, a Palavra de Deus também é referida com esta mesma palavra grega (ver Hebreus 4:12).

Toda a armadura (Gk. *Panoplia*) de Deus é eficaz contra as ciladas de Satanás. Não é opcional, mas é necessário. Não é parcial, mas completa. Não é negociável, mas comandado. Com ele, o crente será forte (Efésios 6:10) e será capaz de permanecer firme (Efésios 6:11, 13-14).

O Arsenal da Oração . Todas as seis peças de armadura espiritual podem ser classificadas como principalmente defensivas na natureza. Agora Paulo se volta para o recurso ofensivo mais eficaz disponível - oração (Efésios 6:18). Ele delineia seis características:

1. "Em todos os tempos" fala de freqüência e duração.
2. "No Espírito" se refere à submissão à vontade do Espírito de Deus.
3. "Toda a oração e súplica" coloca todas as variedades de oração em jogo.
4. "Manter alerta" exige um foco constante na situação em questão.
5. "Toda a perseverança" é necessária nos momentos positivos e negativos.
6. "Todos os santos" podem incluir a oração em relação ao eu e aos outros crentes.

O poder de oração representa a arma mais eficaz no arsenal espiritual do crente e deve ser empregado como Paulo instruído.

DISPOSIÇÕES DE DEUS

O Novo Testamento freqüentemente lembra ao leitor que Deus forneceu vários meios pelos quais um cristão pode ser vitorioso sobre Satanás nesta vida. As dez disposições seguintes se concentram nas verdades mais importantes e encorajadoras encontradas na Bíblia para este fim.

A vitória do Salvador no Calvário . O governante deste mundo será lançado fora (João 12:31). Através de sua morte, Cristo destruirá o Diabo, aquele que tem o poder da morte (Hebreus 2:14). Os crentes conquistaram o acusador dos irmãos pelo sangue do Cordeiro (Apocalipse 12:11).

A Promessa do Vingador . Os crentes acabarão por vencer o Maligno e seu sistema mundial (1 João 2:13; 5: 4-5).

A oração intercessória de Cristo . Jesus, em seu papel de Sumo Sacerdote no quarto superior, orou para que o Pai mantivesse os crentes do Maligno (João 17:15, 20; ver 10: 28-29).

Proteção de Cristo . Todos os crentes verdadeiros serão protegidos por Cristo, para que o Maligno não possa causar dano eterno a eles (1 João 5:18).

O Poder Permanente do Espírito . Os crentes vencerão Satanás porque o poder do Espírito Santo interior é maior do que o poder do Diabo sem (1 João 4: 4).

O conhecimento dos esquemas de Satanás . Deus advertiu os crentes dos planos malignos de Satanás nas Escrituras para que os cristãos possam estar preparados quando a batalha espiritual irrompe (2 Coríntios 2:11; 1 Pedro 5: 8).

Oração do crente . A oração modelo de Cristo exortou os crentes a orar: "Livrai-nos do mal" (Mt 6:13). Paulo ordenou aos crentes que estivessem em constante oração pela vitória sobre as forças espirituais do mal (Efésios 6:12, 18).

Instruções Bíblicas para Derrotar Satanás . Primeiro, submetei-vos a Deus (Tiago 4: 7a) e aproximai-vos de Deus, sabendo que ele também se chegará a vós (Tiago 4: 8). Segundo, resista ao Diabo e ele fugirá (Tiago 4: 7b; 1Pe 5: 9).

Pastores que Fortalecem e Encorajam a Igreja . Os pastores devem estabelecer e exortar o rebanho de Deus na fé (1 Tessalonicenses 3: 2), para que o tentador falhe com suas tentações (1 Tessalonicenses 3: 5).

Confiança de que Cristo ganhou a vitória final . No final do reinado milenar de Cristo sobre a terra, ele lançará Satanás no lago de fogo para ser atormentado por toda a eternidade futura (Apocalipse 20:10).

Julgamentos de Satanás

Pouco depois de Deus declarar sua criação "muito bom" (Gn 1:31) até pouco antes da eternidade futuro no novo céu e nova terra (Ap 20:10), Deus deu e vai entregar vários julgamentos sobre os rebeldes Satanás. A última será completa e final. Deus, que declarou o fim desde o princípio (Is 46:10), delineou a história judicial de Satanás nas Escrituras.

O ACORDO ORIGINAL DE SATAN

Satanás não foi originalmente criado como o Maligno que ele finalmente escolheu para se tornar. Então, quando o diabo se rebelou contra seu santo Mestre? Gênesis 1-3 não relata a ocasião, mas sim a assume. Tendo declarado que a criação era "muito boa" (Gênesis 1:31), Deus subseqüentemente relatou uma criatura enganosa em Gênesis 3 que começou a enganar os primeiros seres humanos para que servissem a seus próprios propósitos, não de Deus.

Não há uma passagem clara e direta nas Escrituras que relate explicitamente essa traição celestial. No entanto, vários lugares aludem a ele. Primeiro, Apocalipse 12: 3-4 fala do dragão vermelho, o antigo enganador cujos esforços eram globais (Rev. 12: 9), que alistou um terço da hoste celestial para se juntar a ele na rebelião espiritual contra Deus e assim tornar-se Anjos profanos ou demônios. Não houve e não haverá outra defecção de anjos além deste. Além disso, haverá redenção para nenhum dos demônios.

Tabela 8.2 Serpente ou Satanás?

Gênese	**Comente**	**Identificação**
3: 1	A serpente é comparada com as bestas do campo.	Serpente
3: 1	As serpentes normalmente não podem falar ou saber sobre Deus.	Satanás
3: 2	As serpentes normalmente não estão envolvidas em conversas com as pessoas.	Satanás
3: 4	Serpentes normalmente não razão.	Satanás
3:13	As serpentes normalmente não enganam as pessoas verbalmente.	Satanás
3:14	Satanás não rasteja em sua barriga.	Serpente
3:15	É difícil determinar os destinatários.	Serpente / Satanás

Esta breve declaração no Apocalipse remonta a Ezequiel 28: 11-19, que se dirige ao antigo rei de Tiro e à influência satânica em seu reinado. Aqui é difícil distinguir claramente entre os dois, mas é bastante óbvio que ambos estão à vista. Vários fatos devem ser inferidos sobre Satanás:

1. Satanás é um ser criado (28:13).
2. Satanás foi criado como um anjo justo (28: 13-14).
3. Satanás escolheu um modo de vida injusto (28:15).
4. Satanás foi posteriormente desonrado por Deus de outro serviço celestial, santo em nome de seu Criador (28:16).

Ao referir-se ao futuro rei da Babilônia, Isaías 14: 4-21 parece também aludir a Satanás da mesma maneira que Ezequiel. É muito parecido com quando Cristo falou sobre Pedro e Satanás na mesma frase (Mt 16:23). O julgamento de Deus é dado com base nas cinco "Eu vou" (Isaías 14: 13-14), que evidenciam seu orgulho abominável. Paulo também adverte os líderes da igreja sobre o pecado original de Satanás (1 Timóteo 3: 6-7). Embora Satanás e um terço dos anjos no céu fossem desqualificados do honroso papel de servir a Deus no céu, eles não foram completamente banidos de uma presença celestial (Jó 1: 6; 2: 1).

JUÍZO DE EDENIC DE SATANÁS

Eva estava falando com uma serpente literal ou com Satanás em Gênesis 3: 1-5? A breve análise na tabela 8.2 classifica as evidências. O Novo Testamento (2 Coríntios 11: 3, Apocalipse 12: 9; 20: 2) revela que a serpente está associada a Satanás. Da análise na tabela 8.2, parece que a serpente está em vista às vezes e Satanás em outros.

Aparentemente, esta é uma criatura possuída por Satanás, semelhante à descrição da entrada de Satanás em Judas em Lucas 22: 3 e João 13:27. Esse mesmo fenômeno certamente teria sido possível com a serpente. É bíblicamente sólido sustentar que os seres não-racionais são capazes de falar quando energizados por um poder sobrenatural. O jumento de Balaão (Núm 22: 28-30, 2 Pe 2:16) é suficiente evidência bíblica para estabelecer a realidade histórica desse fenômeno. Parece não haver dúvida de que uma verdadeira serpente está envolvida. Nem há qualquer dúvida de que Satanás estava diretamente envolvido.

Assim é Deus amaldiçoando o possuidor, o possuído, ou ambos? Destacar um ou outro é difícil. Parece irracional que Satanás fique fora da maldição desde que ele foi o instigador. Assim, parece melhor concluir que Deus está aqui dirigindo-se tanto à serpente como a Satanás.

Depois de amaldiçoar o ser físico, Deus se volta para o ser espiritual, Satanás, e o amaldiçoa. A mensagem de Deus é um "primeiro *evangelho* " (ou *protoevangelium*) e é profética da luta que começou no jardim e seu resultado entre "sua prole" - Satã e os incrédulos, que são chamados filhos do Diabo em João 8:44 - e ela Descendência-Cristo, descendente de Eva, e aqueles que estão nele. No meio da passagem da maldição, brilha uma mensagem de esperança: a descendência da mulher chamada "ele" é Cristo, que um dia derrotará a Serpente. Satanás só "machucará" o calcanhar de Cristo (faça-o sofrer), enquanto Cristo machucará a cabeça de Satanás (destrua-o com um golpe fatal). Paulo, em uma passagem fortemente reminiscente de Gênesis 3, assim encorajou os crentes em Roma que "o Deus de paz em breve esmagará Satanás sob seus pés" (Rm 16:20; Cf. João 16:11). *Este protoevangelium* em Gênesis 3:15 antecipa a vitória redentora de Cristo na cruz sobre Satanás e demônios.

O ACORDO DO CALVÁRIO DE SATAN

Durante seu ministério, Cristo fez declarações sobre a derrota e o julgamento de Satanás que validaram seu grito de vitória na cruz, "Está consumado" (João 12:31; 16:11; 19:30). O poder de Cristo sobre os demônios certificou seu domínio de Satanás (Mateus 12: 22-29). A autoridade de Cristo, que ele delegou aos discípulos, refletiu a derrota espiritual de Satanás (Mateus 10: 1, Marcos 3: 13-15 e Lucas 9: 1). As declarações do Novo Testamento sobre a salvação adquirida pela morte de Cristo, que tinha o poder de entregar os crentes do domínio de Satanás a Deus, reafirmaram o fracasso de Satanás (Atos 26:18 e Col. 1:13 e 2:15). Cristo veio para destruir as obras do Diabo (1 João 3: 8). Uma antevisão do que esperar aconteceu quando os discípulos ficaram surpresos com

o poder deles sobre os demônios (Lucas 10:17); Cristo respondeu: "Eu vi Satanás cair como um raio do céu, "Pelo qual ele queria dizer que o poder do Diabo já estava diminuído, como evidenciado pela sua vitória terrena sobre os demônios (Lucas 10:18). Através de sua morte na cruz, Cristo destruiu aquele que tem o poder da morte, o Diabo (Hebreus 2:14).

A peça central da sentença de Satanás será para sempre a cruz. Enquanto Satanás continuaria na Terra muito tempo depois do Calvário, suas tentativas de assassinar espiritualmente toda a raça humana (por exemplo, tentando Cristo para evitar a cruz, Mt 16: 21-23) tinham sido frustradas pelo Salvador e um remédio redentor em Cristo tinha sido provido.

JULGAMENTO TRIBULACIONAL DE SATAN

Apocalipse 12: 7-13 narra Satanás eo banimento físico final de seus anjos da presença de Deus no céu. Eles terão sido derrotados no céu, e não haverá lugar algum para eles lá (Apocalipse 12: 8-9). Isso ocorrerá no meio da sétima semana de Daniel, ou três anos e meio até a semana final de sete anos. A partir deste ponto, Satanás não poderá mais acusar os crentes do pecado na presença de Deus (Apocalipse 12:12, veja Isaías 24:21).

JULGAMENTO MILITAR DE SATAN

Quando Cristo vier reclamar seu reino na terra (Apocalipse 19: 11-21), Satanás será preso e preso por mil anos no abismo (Apocalipse 20: 1-3). Por um milênio, a terra estará livre da roaming de Satanás (ver 1 Pe 5.8). Cristo governará sem qualquer interferência do "governante deste mundo" (João 12:31). Embora a Bíblia não diga isso explicitamente, pode-se supor que todos os demônios serão encarcerados com Satanás durante este tempo (Isaías 24: 21-22).

O JUÍZO ETERNO DE SATANÁS

No final, Satanás (Mateus 25:41 e Apocalipse 20:10) e seus anjos maus (Mateus 25:41, 2 Pedro 2: 4 e Judas 6) se unirão ao Anticristo e ao Falso Profeta, que terá Já residiu no lago de fogo por mil anos (Apocalipse 19:20). Em Mateus 8:29 (Lucas 8:31), quando os demônios perguntaram a Cristo: "Vocês vieram aqui para nos atormentar antes do tempo?", Eles provavelmente tinham o julgamento eterno em mente. Pouco depois, todos os incrédulos ao longo do tempo também chegarão lá como resultado do grande julgamento do trono branco (Mateus 25:41; Marcos 9:48; Apocalipse 20: 14-15).

Demônios

Realidade dos Demônios
Caráter dos Demônios
História dos Demônios
Poder dos demônios
Papel do Servo dos Demônios
A defesa de um cristão
Possessão de demônio
Julgamentos de Demônios

Realidade dos Demônios

A realidade factual dos demônios é tornada credível pelo número considerável de vezes que são mencionados na Bíblia (mais de cem vezes). Como a Bíblia serve como o único testemunho incontestável do cristão para a própria existência dos demônios, os crentes podem confiar confiadamente na verdade relatada. O autor da Bíblia, Deus Todo Poderoso, tem sido e será sempre verdadeiro (Salmo 12: 6; 119: 160) e digno de confiança (Provérbios 30: 5 e 2 Timóteo 3: 14-17).

FATOS BÁSICOS

A evidência para os termos "demônio", "espírito" e "espírito imundo" no Antigo Testamento é mínima em comparação com o Novo Testamento. Das 16 ocorrências, 6 aparecem em 1 Samuel, 4 em Isaías, 3 nos Salmos e 1 em Deuteronômio, Juízes e Zacarias. Isso equivale a 13% das 120 ocorrências totais na Bíblia.

As outras 104 ocasiões, ou 87%, ocorrem no Novo Testamento. Demônios aparecem em todos os quatro Evangelhos, que usam os termos genéricos "demônio", "espírito", "espírito maligno", "espírito impuro" e "espírito enganador" 83 vezes, com Lucas fornecendo as mais mencionadas. Atos tem 9 ocorrências, as Epístolas têm 7, e Apocalipse tem 5.

O ensinamento bíblico geral sobre o tema dos demônios demonstra o desejo de Deus de evitar o bizarro e inacreditável. Não contém nenhuma das idéias exageradas ou espetaculares encontradas na maioria da literatura fora da Bíblia.

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

Os demônios exibem as três qualidades mais básicas que definem a personalidade. Seu reconhecimento e conversas com Jesus ilustram seu intelecto (Lucas 8: 26-39), assim como sua capacidade de conhecer a verdade sobre Cristo (Tiago 2:19) e sua capacidade de autor de falsas doutrinas (1 Timóteo 4: 1) . Os demônios exibem emoções quando se estremecem com o pensamento de Cristo (Tiago 2:19) ou temem o que Cristo pode lhes fazer (Mateus 8:29; Marcos 1:24; 5: 7). Ao exigir de Cristo: "Se nos expulsares, envia-nos para o rebanho de porcos", os demônios exercem a sua vontade (Mt 8:31).

Quatro qualidades pessoais adicionais completam este esboço básico descrevendo "espíritos imundos". Primeiro, eles são *anjos* criados por serem *anjos* de Satanás (Mateus 25:41 e Apocalipse 12: 9). Desde que Cristo criou todas as coisas (Cl 1:16), os demônios são anjos *criados* (Ne 9: 6; Jó 1: 6; 2: 1; 38: 4-7).

Segundo, eles são seres espirituais. O Antigo Testamento refere-se a eles como espírito (Juízes 9:23; 1 Sam. 16: 14-16, 23; 18:10; 19: 9). O Novo Testamento também se refere a eles como "espíritos" (Mateus 8:16), "espíritos maus" (Lucas 7:21) e "espíritos imundos" (Mateus 10: 1).

Terceiro, os demônios são descritos biblicamente como sendo móveis. Como Satanás vagueia pela terra (1Pe 5: 8), pode-se esperar que os demônios o acompanhem. Eles podem residir em seres humanos, ser expulso e retornar mais tarde (Mateus 12: 43-45). Os demônios também podem visitar o céu, do qual são posteriormente banidos (Apocalipse 12: 4, 9). E eles realizam a vontade de Satanás na terra (Marcos 1:34).

Finalmente, Deus manterá os demônios moralmente responsáveis por suas más ações. Eles são julgados tanto durante a história da terra (2 Pedro 2: 4, Judas 6) e no final dos tempos (Mateus 25:41 e Ap 20:10).

CONTRASTES BÁSICOS

A teologia dos demônios apresenta um forte contraste com a do Espírito Santo. Alguns dos opostos mais marcantes estão listados na tabela 8.3.

Tabela 8.3 Demônios contrastantes e Espírito Santo

Demônios	**O espírito Santo**
imundo	piedosos
mal	justo
Enganando	Verdadeiro
Forte	Mais forte
temporal	eterno
criada	O Criador
falsificado	autêntico
oprimir	Alivia
escravizar	Liberta
destrutivo	construtivo
Inimigos	amigos
falso	verdade
Desonesto	honesto

Caráter dos Demônios

Um levantamento dos nomes Velho e Novo Testamento e títulos descritivos para demônios proporcionará uma compreensão geral de como eles são, a quem eles devem sua lealdade, e como e por que eles vão servir a Satanás.

O Novo Testamento contém uma riqueza de informações sobre "espíritos maus". Os Evangelhos e Apocalipse discutem freqüentemente os demônios na vida de Cristo e nos tempos do fim. Por outro lado, o Antigo Testamento apenas sugere a existência de demônios. Em conjunto, porém, os dois Testamentos entregam tudo o que Deus queria que os cristãos soubessem sobre esses emissários malignos de Satanás, que estendem o poder eo alcance do Diabo, que não é onipresente como Deus.

ANTIGO TESTAMENTO

1. *Demônio* : O Velho Testamento grego (a Septuaginta) usa a palavra do Novo Testamento para demônio (*daimonion*) oito vezes para traduzir várias palavras hebraicas diferentes, já que a língua hebraica não tinha uma palavra que se referisse uniformemente aos demônios. As traduções inglesas variam, mas sempre se referem a alguma forma de atividade demoníaca ou adoração idólatra, muitas vezes retratada como imoralidade espiritual (Jeremias 3: 8-10, Ezequiel 16: 23-43; 23: 22-30; : 1-5), que o Antigo Testamento condena e proíbe estritamente (Levítico 17: 7; 20:27, Deuteronômio 18: 10-12). Estas várias traduções incluem o seguinte: "demônios"

(Deuteronômio 32:17, Salmo 106: 37); "Queimando incenso" (Isaías 65: 3 NASB); "Destruição" (Salmo 91: 6, ver "Abaddon" e "Apollyon", Ap 9:11); "Fortuna" (Isaías 65:11, "copa" e "mesa" de "demônios", 1 Coríntios 10:21); "Ídolos" (Salmo 96: 5); E "cabras selvagens" (Is 13:21; 34:14).

2. *Evil ou espírito nocivo* : Este é também o principal título descritivo usado pelos demônios no Novo Testamento, enfatizando a sua Caráter sinistro.
3. *Espírito mentiroso* (1 Reis 22: 22-23, 2 Crônicas 18:22): O "espírito mentiroso" (Satanás, "o pai da mentira", João 8:44) despacha quatrocentos espíritos mentirosos) Para dar uma falsa mensagem aos quatrocentos profetas de Acabe. O que Satanás, que não é onipresente, não poderia fazer tudo ao mesmo tempo, ele poderia realizar enviando quatrocentos demônios para impactar quatrocentos falsos profetas.
4. *Príncipe da Grécia, Príncipe da Pérsia* (Daniel 10:13, 20): Esta é uma breve menção de algum tipo de batalha espiritual celestial entre Miguel, o anjo santo principal e os governantes demoníacos da Pérsia e da Grécia (Dn 10: 21, 11: 2, Judas 9, Ap 12: 7). No contexto, refere-se à Pérsia que abandona seu domínio mundial à Grécia no futuro (Dn 8: 1-8, 20-22). Pode-se dizer que parece que o poder dominante mundial tem um demônio para o seu defensor para a batalha Michael, o defensor de Israel (Daniel 10:21, 12: 1). Nada mais pode ser entendido ou extrapolado a partir desses poucos versos. Não há nenhuma base bíblica para o ensino errôneo dos demônios territoriais dos dias modernos em todo o mundo.
5. *Espírito de impureza* (Zacarias 13: 2): O Antigo Testamento grego (Septuaginta) usa *akathartos* apenas uma vez, enquanto que o Novo Testamento usa o mesmo termo freqüentemente para falar de demônios. Parece tratar do poder espiritual (demônios) por trás dos falsos profetas e idólatras. Estes parecem ser os mesmos espíritos imundos e espíritos demoníacos mencionados em Apocalipse 16: 13-14.
6. *Anjos destruidores* (Salmo 78:49): A frase "Uma companhia de anjos destruidores" no Salmo 78:49 poderia possivelmente se referir a demônios. No entanto, parece mais provável que o salmista poeticamente personificou a ira de Deus como anjos ou mensageiros.

NOVO TESTAMENTO

1. *Demon (s)* (Gk *daimonion* , Mateus 7: 22- *Rev.18* : 2): De longe, esta designação é o termo mais comum do Novo Testamento para anjos caídos, ocorrendo sessenta e três vezes. Algumas variações também são usadas, mas sempre com alguma referência direta aos demônios (Mt 8:31, Tiago 3:15). Embora o Velho Testamento às vezes possa ser vago com esta palavra, o Novo Testamento é inequivocamente claro e consistente que se refere a seres espirituais malignos.
2. *Anjo* (Mateus 25:41, 2 Coríntios 12: 7, 2 Pedro 2: 4, Judas 6: Apocalipse 12: 7, 9): Em todos os seis casos do Novo Testamento chamando demônios de "anjos" Eles são entendidos como "mensageiros" associados a Satanás e ao mal.
3. *espírito enganador (s)* (1 Tim. 4: 1): Estas enganando (. Gk *Planos*) espíritos irá difundir os ensinamentos falsos ou doutrinas de demons.
4. *Evil spirit (s)* (Mateus 12:45, Lucas 7:21, 8: 2, 11:26, Atos 19:12, 13, 15-16): Este título é paralelo ao idêntico no Velho Testamento. Os demônios replicam a natureza maligna de Satanás.
5. *Rã* (Apocalipse 16:13): Os demônios aparecem como rãs à medida que emergem do território satânico de Satanás, o Anticristo e o Falso Profeta no final da sétima semana de Daniel. Aqui também são chamados de "espíritos imundos" e "espíritos de demônios".
6. *Anfitrião do Céu* (Isaías 24:21 e 34: 4): Este termo pode ser usado para (1) os corpos físicos no céu (Salmo 33: 6, Isaías 40:26), (2) santo Anjos (1 Reis 22:19, Neemias 9: 6, Lucas 2:13) e (3) anjos maus (Deuteronômio 4:19; 17: 2-3; 2 Reis 17:16; 21: 3, 5 23: 4-5). Porque Isaías escreve que "o SENHOR castigará o exército do céu" (Isaías 24:21) e que "todo o exército do céu se apodrecerá" (34: 4), isto não pode se referir a

corpos físicos ou a santos anjos . Portanto, ele deve se referir aos demônios, que são o poder por trás da idolatria e falsa adoração.

7. *Locust* (Apocalipse 9: 3): No meio da septuagésima semana de Daniel, Satanás ("uma estrela do céu") liberará uma parte dos demônios (imaginados como gafanhotos), que foram presos no Abismo desde a Queda moral original (Apocalipse 12: 4).
8. *Espírito mudo e surdo* (Marcos 9:25): Quando Jesus descarta permanentemente um demônio de um menino, ele se refere a ele como um "espírito mudo e surdo" e também como um "espírito imundo".
9. *Espírito* (Mateus 8:16; 12:45; Marcos 9:17, 20; Lucas 9:39; 10:20; 11:26; Atos 16:16, 18; Apocalipse 16:14): Isto é A característica essencial de todos os anjos - tanto eleitos como maus.
10. *Espírito de adivinhação* (Atos 16:16): Uma cartomante habitada por demônios em Filipos é instantaneamente aliviada de seu demônio por Paulo.
11. *Estrela* (Apocalipse 12: 4): Este termo genérico para todos os anjos, tanto o santo como o mal, é usado aqui no contexto de Apocalipse 12 para descrever um terço de todos os anjos rejeitando Deus e alinhando-se com Satanás.
12. *Espírito imundo* (Mateus 10: 1 - Apocalipse 18: 2): Vinte e três vezes os demônios são descritos como moralmente impuros (Gk. *Akathartos*). Eles são o oposto dos anjos que são santos.

História dos Demônios

CRIAÇÃO

Veja "A História de Satanás" (p 681).

CAIR

Veja "A História de Satanás" (p 681).

JUÍZOS INTERMEDIÁRIOS

Veja "A História de Satanás", "Julgamentos de Satanás", e "Julgamentos de Demônios" (p.719).

QUEDA À TRIBULAÇÃO

Encontros Específicos . A revelação de Deus na Bíblia é a única informação confiável sobre Satanás e demônios. Pouco é dito sobre os demônios nas Escrituras fora dos Evangelhos. Os resumos bíblicos nas tabelas 8.4-8.8 se concentram em relatos históricos e claros do envolvimento humano com demônios.

Descrições Gerais . Podemos fazer inúmeras observações sobre as atividades demoníacas nos Evangelhos e Atos. Eles estão listados aqui em nenhuma ordem especial de importância.

1. João Batista foi acusado de possuir um demônio (Mateus 11:18, Lucas 7:33).
2. Jesus foi acusado de possuir um demônio (Mateus 9:34, 12:24, Marcos 3:22, 30, Lucas 11:15, João 7:20, 8: 48-49, 10:20).
3. Nomes de Jesus usados pelos demônios:
   uma. Filho de Deus (Mateus 8:29, Marcos 3:11, Lucas 4:41)
   B. Jesus de Nazaré (Marcos 1:24, Lucas 4:34)
   C. Santo de Deus (Marcos 1:24, Lucas 4:34)
   D. Jesus, Filho do Deus Altíssimo (Marcos 5: 7, Lucas 8:28)
4. Título de Paulo e Silas usados pelos demônios: servo do Deus Altíssimo (Atos 16:17)

Tabela 8.4 Encontros no Antigo Testamento com Demônios

Encontro	**Passagem do Antigo Testamento**
Abimeleque e os homens de Siquém	Juízes 9: 23-24, 56-57
Saul	1 Samuel 16: 14-23
Saul	1 Samuel 18:10
Saul	1 Samuel 19: 9
Os profetas de Acabe	1 Reis 22: 22-23; 2 Crôn. 18: 18-22

Tabela 8.5 Os Encontros de Jesus com os Demônios nos Evangelhos

Encontro	**Mateus**	**Marca**	**Luke**	**John**
Multidões	4:24	1:39	-	-
Multidões	8:16	1: 29-34	4: 38-41	-
Gadarene homem	8: 28-34	5: 1-20	8: 26-39	-
Homem burro	9: 32-34	-	-	-
Homem cego e mudo	12:22	-	-	-
Garota gentia	15: 21-28	7: 24-30	-	-
Epiléptico	17: 14-21	9: 14-29	9: 37-43	-
Homem	-	1: 23-28	4: 33-37	-
Multidões	-	3:11	-	-
Maria Madalena	-	16: 9	8: 2	-
Multidões	-	-	6:18	-
Multidões	-	-	7:21	-
Homem	-	-	11:14	-
Mulher	-	-	13: 10-17	-
Multidões	-	-	13:32	-

Tabela 8.6 Outros Encontros com Demônios nos Evangelhos

Encontro	**Mateus**	**Marca**	**Luke**	**John**
Os Doze	10: 1, 8	6: 7, 13	9: 1	-
Os Doze	-	3:15	-	-
Discípulo desconhecido	-	9:38	9:49	-

Os Doze	-	16:17	-	-
Os setenta e dois	-	-	10: 17-20	-

Tabela 8.7 Encontros com Demônios em Atos

Encontro	**Atos**
Multidões	5:16
Multidões	8: 7
Paulo e a escrava	16: 16-18
Paulo e multidões	19: 11-12
Filhos de Sceva	19: 13-17

Tabela 8.8 Encontros com Demônios nas Epístolas e Apocalipse

Encontro	**Epístolas e Revelação**
Não há encontros específicos.	

5. Outros, além de Cristo, que expulsaram demônios:
    uma. Os Doze (Mateus 10: 1-8, Marcos 3: 14-15, 6: 7-13)
    B. Pessoa desconhecida (Marcos 9:38, Lucas 9: 49-50)
    C. Os Setenta e Dois (Lucas 10: 17-20)
    D. Pedro e os apóstolos (Atos 5:16)
    E. Felipe (Atos 8: 7)
    F. Paulo (Atos 16: 16-18; 19: 11-12)
6. Alguns pretendiam falsamente exorcizar os demônios:
    uma. Pessoas desconhecidas (Mateus 7:22)
    B. Filhos de Sceva (Atos 19: 13-16)
7. Sintomas físicos da posse do demônio:
    uma. Violência (Mt 8:28, Atos 19:16)
    B. Mute (Mateus 9: 32-33, Marcos 9:17)
    C. Epilepsia (Mateus 17:15, Marcos 9:18, 20)
    D. Chorando (Marcos 1: 23-26; 5: 5)
    E. Força sobre-humana (Marcos 5: 4)
    F. Masoquista (Marcos 5: 5)
    G. Nu (Marcos 5:15)
    H. Comprometimento físico (Lucas 13: 10-13)
    Eu. Adivinhação (Atos 16:16)
8. Preocupações dos demônios:
    uma. Que Jesus os destruísse (Marcos 1:24)
    B. Que Jesus os atormentasse antes do tempo (Mt 8:29, Marcos 5: 7)
    C. Que Jesus os enviaria para fora do país (Marcos 5:10)
    D. Que eles pudessem permanecer encarnados, mesmo que em porcos (Mt 8:31, Marcos 5:12)
9. Múltiplos demônios em uma pessoa:
    uma. Muitos (Marcos 5: 9)
    B. Pelo menos oito demônios (Mateus 12:45)
    C. Sete demônios em Maria Madalena (Lucas 8: 2)
10. Os demônios têm nomes (por exemplo, "Legião", Marcos 5: 9).

11. Alguns demônios só saem após a oração eo jejum (Marcos 9: 14-29).
12. Os demônios podem retornar depois de serem despejados (Mateus 12: 43-45, Lucas 8:29).
13. A expulsão de demônios é secundária à morte e à salvação de Cristo (Lucas 10:20).
14. A aparência física real dos demônios nunca é descrita nos Evangelhos, Atos ou Epístolas.

A DÉCIMA QUARTA SEMANA DE DANIEL

A Revelação inclui seis descrições da atividade demoníaca na segunda metade da sétima semana de Daniel:

1. Alguns dos demônios originalmente bloqueados no Abismo são liberados (Apocalipse 9: 1-3, 11).
2. Quatro demônios especiais são libertados no rio Eufrates no final (Apocalipse 9: 13-15).
3. O culto do demônio idólatra é promovido (Apocalipse 9:20).
4. Os demônios são permanentemente banidos do céu (Apocalipse 12: 7-13).
5. Os demônios realizam sinais falsos (Apocalipse 16: 13-14).
6. Os demônios habitam em Babilônia (Apocalipse 18: 2).

JUÍZOS FINAIS

Certamente pode-se supor que os três julgamentos conclusivos de Satanás também incluem todos os demônios. Isso envolve (1) o julgamento da tribulação (Apocalipse 12: 7-13); (2) o julgamento do milênio (Apocalipse 20: 7-9); E (3) o julgamento final (Isaías 27: 1 e Ap 20:10), pelo qual Satanás e seus anjos encontram residência eterna no lago de fogo (Mateus 25:41, 2 Pedro 2: 4, Judas 6 Ap 20:10, 14-15). Veja "Julgamentos de Satanás" (página 703).

Poder dos demônios

Os demônios possuem o grande poder dos anjos (Romanos 8:38, 1 Coríntios 15:24), maior do que os humanos, mas muito menor do que o seu Criador. Eles têm o poder de realizar as seguintes ações:

1. Habitação de seres humanos e animais (Marcos 5: 1-16)
2. Afligir fisicamente as pessoas (Marcos 9:17, 22)
3. Terrorize os seres humanos (1 Sm 16: 14-15; 18:10; 19: 9; Atos 19: 13-16; 2 Cor. 12: 7)
4. Inicie a adoração falsa (1 Coríntios 10: 20-21)
5. Promover falsas doutrinas (1 Tim. 4: 1)
6. Faça falsos sinais e prodígios (2 Tessalonicenses 2: 9 e Apocalipse 16: 13-14)
7. Engane os profetas (1 Reis 22: 19-23)
8. Encorajar a idolatria (Deuteronômio 32:17, Salmo 106: 37)
9. Morte do engenheiro (Juízes 9:23, 56-57)

Os demônios trabalham de uma poderosa hierarquia celestial para executar suas más ações. Palavras como "anjos", "autoridades", "poderes cósmicos", "domínios", "poderes", "governantes" e "tronos" podem ser usadas para descrever hierarquias de anjos sagrados ou maus. No contexto, Romanos 8:38; I Coríntios 15:24; Efésios 2: 2; 6:12; E Colossenses 2:15 provavelmente se referem a várias fileiras ou níveis entre os anjos maus, isto é, a hierarquia demoníaca. No contexto, Efésios 1:21; Colossenses 1:16; E 1 Pedro 3:22 provavelmente se referem a várias fileiras ou níveis na hierarquia do anjo santo.

A Bíblia nunca elabora os detalhes dessas hierarquias para explicar sua ordem ou função. Visto que Satanás imita e falsifica o caráter de Deus e características do reino, é mais provável que haja uma hierarquia funcional autoritária para anjos sagrados que adoram a Deus e uma paralela falsa hierarquia para anjos maus que dão sua fidelidade a Satanás.

Por mais fortes que sejam os demônios, eles também têm sérias fraquezas e vulnerabilidades:

1. Eles involuntariamente servem aos propósitos de Deus (Jz 9:23).
2. Eles estavam aterrorizados com Cristo e com o evangelho (Mt 8:29, Marcos 1:24 e Tiago 2:19).
3. Eles obedeceram a Cristo (Mateus 8:32).
4. Eles obedeceram aos Doze (Mateus 10: 1-8) e aos Setenta e Dois (Lucas 10: 17-20).
5. Eles não podem separar os crentes em Cristo do amor de Deus (Romanos 8:38).
6. Eles podem ser contidos pelo Espírito Santo (2 Ts 6.26; 1 João 4: 4).
7. Já foram julgados por Deus (2 Pedro 2: 4, Judas 6) e serão novamente no futuro (Apocalipse 20:10).

Papel do Servo dos Demônios

Refira-se à discussão de "O Papel do Servo de Satanás", que detalhadamente documenta como Deus usou Satanás e demônios para realizar seus propósitos divinos sem violar seu caráter perfeitamente santo e justo.

A defesa de um cristão

Consulte as notas sobre "A Defesa de um Cristão" contra Satanás (p.699), que se aplica igualmente aos demônios.

Possessão de demônio

O que significa possessão demoníaca significa e envolve? Podem os cristãos e não-cristãos experimentar este fenômeno? Pode ser de natureza interna e externa? Qual é o remédio bíblico para a posse do demônio? Essas questões importantes serão discutidas e respondidas no que se segue. A pergunta final a ser resolvida é: Os cristãos podem ser demonizados - isto é, habitados espacialmente - levando à necessidade de um demônio (ou demônios) ser expulso, como observado nos Evangelhos e Atos?

Um escritor formulou a questão da seguinte maneira:

> Talvez a questão mais controversa a ser levantada seja: "Pode um verdadeiro crente ser demonizado?" Note que eu não estou falando de possessão demoníaca, mas de *demonização*. *Possessão* implica propriedade e controle total. Os cristãos, mesmo os desobedientes, pertencem a Deus, não a Satanás. Assim, Satanás não pode controlá-los totalmente. *Demonização* é uma questão diferente, no entanto. Por demonização, quero dizer que Satanás, através de seus demônios, exerce controle direto e parcial sobre uma área ou áreas da vida de um cristão ou não-cristão. Isso pode realmente acontecer com os cristãos?

A discussão sobre o que a Bíblia ensina será empreendida ao longo de cinco linhas de pensamento - lexical, bíblico, histórico, teológico e prático. Só então pode ser feita uma declaração bíblica conclusiva e convincente.

EVIDÊNCIA LEXICA

O Novo Testamento usa quatro frases diferentes em 32 ocasiões para descrever a influência demoníaca em seres humanos nos Evangelhos e Atos:

1. um "tendo" um demônio (Gk. *Echō* , 16 vezes)
    uma. Mateus 11:18
    B. Marcos 3:30; 5:15; 7:25; 9:17
    C. Lucas 4:33; 7:33; 8:27
    D. João 7:20; 8: 48-49, 52; 10:20
    E. Atos 8: 7; 16:16; 19:13
2. um que é "demonizado" (Gk *daimonizomai* , 13 vezes)
    uma. Mateus 4:24; 8:16, 28, 33; 9:32; 12:22; 15:22
    B. Marcos 1:32; 5: 15-16, 18
    C. Lucas 8:36
    D. João 10:21
3. um "com espírito imundo" (Gk. *En* , 2 vezes): Marcos 1:23; 5: 2
4. um "aflito" com um espírito imundo (Gk. *Ochleomai* , 1 vez): Atos 5:16

Os dois primeiros usos (totalizando 29 de 32 ocorrências) referem-se ao mesmo fenômeno. Por exemplo, Lucas 8:27 (use 1) e 8:36 (use 2) ambos se referem à situação idêntica. Da mesma forma, João 10:20 (use 1) e 10:21 (use 2) ambos se referem à mesma situação. E novamente, Marcos 5:15 emprega tanto uso 1 e uso 2 no mesmo verso, referindo-se à situação idêntica. Cada léxico do Novo Testamento grego define *daimonizomai* como "ser possuído por um demônio". A linguagem dos usos 3 e 4 implica que os usos 1 e 2 significam explicitamente.

A linguagem usada pelos demônios "entrando", "saindo" ou sendo "expulsos" é consistentemente empregada em relação às pessoas demonizadas (Mateus 8:16, 32; 9:33; 12: 22-24; Marcos 1 : 34; 5: 8, 13). Se esses termos significam alguma coisa, eles sugerem a idéia de um demônio realmente assumindo residência e poderosa influência dentro do corpo de uma pessoa demonizada. Compreender o termo "demonizar" para qualquer outra coisa do que alguém que tem um demônio dentro é mal interpretar as Escrituras.

O termo "demonizado" na Escritura refere-se à "invasão do corpo de uma vítima por um demônio (ou demônios), no qual o demônio exerce controle vivo e dominante sobre a vítima, que a vítima não pode resistir com sucesso". A incapacidade de resistir à vontade do demônio é o que torna a demonização distinta de formas menores de influência demoníaca. O Novo Testamento usa essa palavra apenas no sentido estrito da possessão demoníaca. Assim, outras formas de influência externa não podem propriamente ser chamadas de "possessão demoníaca" ou demonização. Pelo contrário, eles podem ser referidos como opressão demoníaca ou assédio demoníaco. Portanto, léxico, em todos os trinta e dois casos em que os Evangelhos e Atos falam de pessoas envolvidas com demônios, eles se referem a pessoas dentro das quais reside um demônio ou demônios.

CONTAS BÍBLICAS

A Bíblia narra 15 ocasiões específicas em que os demônios habitam os seres humanos:

1. Antigo Testamento (4 incidentes particulares):
    uma. 1 Samuel 16: 14-23: Saul
    B. 1 Samuel 18:10: Saul
    C. 1 Samuel 19: 9: Saul
    D. 1 Reis 22: 22-23: quatrocentos profetas de Acabe
2. Evangelhos (9 incidentes particulares):
    uma. Mateus 8: 28-34; Marcos 5: 1-17; Lucas 8: 26-37: Gadarene demoníaco

B. Mateus 9: 32-34: homem possuído pelo demônio em Cafarnaum (mudo)
C. Mateus 12: 22-29: possuído por demônio homem cego e mudo
D. Mateus 15: 21-28; Marcos 7: 24-30: Syro-Phoenecian mulher e filha
E. Mateus 17: 14-20; Marcos 9: 14-29; Lucas 9: 37-43: saindo do Monte da Transfiguração
F. Marcos 1: 21-28; Lucas 4: 31-37: homem com demônio na sinagoga de Cafarnaum
G. Marcos 16: 9; Lucas 8: 2: Maria Madalena
H. Lucas 11: 14-26: homem mudo, possuído por demônios
Eu. Lucas 13: 10-17: mulher dobrada dupla

3. Atos (2 incidentes particulares):
uma. Atos 16: 16-18: adivinho em Filipos
B. Atos 19: 11-17: filhos de Sceva
4. Epístolas e Revelação (nenhuma)

Existem exemplos bíblicos claros de crentes verdadeiros habitados por demônios nas passagens acima das Escrituras? Uma revisão dos dados bíblicos elimina rapidamente 11 das 15 possibilidades - apenas Saulo no Antigo Testamento (3 vezes) e a mulher dobrada em Lucas 13: 10-17 permanecem.

ASPECTOS HISTÓRICOS

Existem apenas quatro exemplos históricos que podem ser biblicamente verificados onde a pessoa com envolvimento demônio pode ser um verdadeiro crente. São Saulo em 1 Samuel 16; 18; E 19 e a mulher afligida por dezoito anos em Lucas 13.

Saul era um verdadeiro crente? Para o bem desta discussão, presume-se que ele verdadeiramente confiou na graça de Deus para a salvação. Como evidência, observe as oito vezes que Saul recebeu o elogio "o ungido DO SENHOR " (1 Sam. 24: 6, 10; 26: 9, 11, 16, 23, 2 Sam 1:14, 16). Também Samuel disse a Saul que na morte os dois estariam juntos (1 Sm 28:19).

Desde que Saul pelo menos parece ter sido um crente, pode-se perguntar, ele foi habitado por demônios que precisavam ser expulsos? A seguinte linguagem descreve a maneira pela qual o "espírito maligno" afetou Saul:

1. "atormentou-o" (1 Sm 16.14-15)
2. "sobre você" (1 Sam. 16:16)
3. "sobre Saul" (1 Sm 16:23)
4. "sobre Saul" (1 Sam. 18:10)
5. "sobre Saul" (1 Samuel 19: 9)

Nenhuma dessas frases sugere que o mal ou o espírito nocivo existissem *dentro de* Saul. Em todos os casos, o texto fala *de* tormento *externo* . De fato, a língua hebraica tem a palavra perfeita (*bo '*) que certamente teria sido usada se Saul tivesse sido habitado. Mas não foi. No entanto, esta é a própria palavra que Ezequiel usou quando disse: "O Espírito entrou em mim" (Ezequiel 2: 2, 3:24), em um claro caso de habitar pelo Espírito Santo.

Com respeito à mulher dobrada em Lucas 13: 10-17, ninguém pode questionar o fato de que ela sofreu por dezoito anos por causa de um espírito (Lucas 13:11) identificado como Satanás (Lucas 13:16). Mas ela era uma crente? Aqueles que dizem que sim fazem isso porque Cristo se referiu a ela como "uma filha de Abraão" (Lucas 13:16). Eles sugerem um paralelo com Zaqueu, que, ao se tornar um crente, foi chamado "um filho de Abraão" por Jesus. Mas um olhar mais atento em Lucas 19: 9 pinta um quadro diferente.

A salvação veio *porque* Zaqueu era "um filho de Abraão" e *porque* "o Filho do homem veio buscar e salvar os perdidos" (Lucas 19:10). Jesus veio para salvar o seu povo (os

judeus) de seus pecados (Mt 1:21). Zaqueu não se tornou um "filho de Abraão" como resultado da salvação no sentido de Gálatas 3: 7, que diz que "são os da fé que são os filhos de Abraão". Pelo contrário, ele era judeu Conhecido como um "filho de Abraão" - e porque Jesus veio para salvar seu povo, ele atraiu Zaqueu para a crença salvadora. Zaqueu sempre fora um "filho de Abraão"; Só mais tarde ele acreditou no Senhor Jesus Cristo para a salvação.

Da mesma forma, a mulher em Lucas 13, uma filha de Abraão, era um incrédulo que tinha sido ligado por uma enfermidade física de Satanás e possivelmente demônios. Ela recebeu libertação de seu tormento através do ministério de Jesus. Ela experimentou mal residente não como um crente, mas como um incrédulo.

Assim, não há um exemplo nas Escrituras onde Satanás ou demônios residiam dentro de um verdadeiro crente e precisavam ser expulsos.

FATORES TEOLÓGICOS

As Epístolas do Novo Testamento nunca alertam os crentes sobre a possibilidade da habitação demoníaca, embora Satanás e demônios sejam discutidos com bastante freqüência. Nem as Epístolas do Novo Testamento nunca instruem os crentes sobre como expulsar demônios de um crente ou de um incrédulo. É biblicamente inconcebível que um verdadeiro crente possa ser habitado por demônios quando a Bíblia não apresenta um exemplo histórico claro e não dá avisos ou instruções para uma experiência espiritual tão séria.

Pelo menos cinco outros fatores teológicos confirmam esta conclusão:

1. O impulso de 2 Coríntios 6: 14-18 exclui pensar que o Espírito Santo e os espíritos imundos podem conviver em verdadeiros crentes - mesmo temporariamente.
2. Salvação, como descrito em Colossenses 1:13, fala de verdadeira "libertação" de Satanás e transferência para o reino de Cristo.
3. As seguintes passagens, quando combinadas, fazem uma declaração poderosa que refuta a idéia de demônios que habitam cristãos:
   uma. Romanos 8: 37-39: Nós esmagadoramente conquistar através de Cristo.
   B. 1 Coríntios 15:57: Deus nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.
   C. 2 Coríntios 2:14: Deus sempre nos conduz em seu triunfo em Cristo.
   D. 1 João 2: 13-14: Nós vencimos o Maligno.
   E. 1 João 4: 4: O maior poder reside em nós.
4. O ministério de selamento do Espírito Santo protege os cristãos contra a invasão de demônios (2 Coríntios 1: 21-22, Ef 4:30).
5. A promessa de 1 João 5:18 torna a idéia da invasão demoníaca um conceito não bíblico e uma impossibilidade para um verdadeiro crente.

PREOCUPAÇÕES PRÁTICAS

Não há dúvida de que os demônios, por vezes, residem nos seres humanos. Caso contrário, não haveria necessidade de expulsá-los (Gk. *Ekballō*). As Escrituras também afirmam que quando os demônios habitam os seres humanos, freqüentemente debilitam o hospedeiro humano. A residência demoníaca resultou em problemas físicos como a epilepsia (Mateus 17: 14-18), a cegueira (Mateus 12:22), a surdez (Marcos 9:25) ea incapacidade de falar (Mateus 9: 32-33). Quando o demônio é despejado, o problema físico também se afasta e a pessoa é curada.

Tendo compreendido estas coisas, os verdadeiros crentes podem ser habitados por demônios com a necessidade de que esses demônios sejam despejados? Depois de um estudo completo das escrituras apropriadas, a resposta é não. Demonização

(Gk *daimonizomai*) refere-se apenas aos incrédulos em quem reside um demônio. A Bíblia conclui que a libertação de um cristão de demônios residente é um oxímoro.

A Bíblia é suprema como a única fonte de revelação divina sobre o mundo espiritual de Satanás e demônios. As experiências clínicas e de aconselhamento nunca serão iguais às Escrituras e nunca devem ser usadas para tirar conclusões que não sejam primeiramente ensinadas claramente na Palavra de Deus.

A Bíblia revela convincentemente que os verdadeiros crentes não podem ser habitados por Satanás ou demônios. No entanto, eles podem ser atormentados, oprimidos e assediados externamente, até mesmo em grau severo como Saul (ou séculos mais tarde, como Paulo, que foi permitido suportar um espinho satânico na carne, 2 Coríntios 12: 7). Se demônios realmente ser encontrado para habitar uma pessoa, isso seria uma evidência de que ele ou ela falta de salvação genuína, não importa quão fortemente essa pessoa ou um conselheiro ou um pastor ou mesmo um demônio argumenta o contrário. Se encontrarmos uma pessoa verdadeiramente demonizada, então ele deve reconhecer a força do inimigo, apelar a Deus em oração (ver Judas 9) e usar o poder da Escritura (Romanos 1:16) - especialmente o evangelho - para lidar com a situação.

Julgamentos de Demônios

Anteriormente, discutimos os "Julgamentos de Satanás" (ver pág. 703) eo tratamento dos julgamentos edênico, calvário, tribulacional, milenar e eterno de Satanás aplica-se igualmente aos demônios. No entanto, parece que o julgamento original sobre demônios tinha várias variações. Uma porção do grupo inteiro que inicialmente se rebelou com Satanás (Apocalipse 12: 4) foi expulso do céu e diretamente para o Abismo (2 Pedro 2: 4, Judas 6, ver Lucas 8:31). Outra parte do grupo que foi expulso do céu e diretamente para o Abismo será mais tarde liberada no meio da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 9: 1-11). Parece haver também um grupo especial de quatro demônios presos no rio Eufrates, que serão libertados no final da septuagésima semana de Daniel (Apocalipse 9: 13-15).

Durante o julgamento / confinamento milenar de Satanás, todos os demônios também serão aprisionados com ele. Finalmente, quando Satanás é libertado e depois eternamente julgado, parece certo que todos os demônios estarão com ele, então e para sempre (Isaías 24:22, Mateus 25:41, 2 Pedro 2: 4, Judas 6, Ap. 20 : 10).

Anjo do Senhor

Aparições do Velho Testamento
Características da Divindade
Identificação
Correlação do Novo Testamento

A palavra hebraica Antigo Testamento *mal'akh* e da palavra grega do Novo Testamento *Angelos* tanto pode geralmente ser traduzida como “mensageiro”, “enviado”, ou “embaixador” quando se refere a tarefa ou função. O mensageiro pode ser humano na natureza, como os mensageiros de Jacó (Gn 32: 3, 6), os mensageiros de João Batista (Lucas 7:24), ou os mensageiros de Cristo (Lucas 9:52). Freqüentemente, o mensageiro é um ser não-humano, sobrenatural, criado, geralmente chamado de "anjo" (2 Crônicas 32:21, Mateus 1:20, 24).

A expressão "anjo do SENHOR ", aparece apenas no Antigo Testamento, nunca no Novo Testamento, e refere-se a um enviado único, um-de-um-tipo. Mesmo "o anjo do Senhor" em Mateus 1:24 indica um ser angélico criado sem significado extraordinário,

uma vez que este texto usa o artigo definido para apontar de volta a Mateus 1:20, que diz: "um anjo do Senhor". Atos 7: 30-35, Estêvão cita Éxodo 3: 1-10, que se refere à aparência histórica do anjo que Isaías identifica como "o anjo da sua presença" (Isaías 63: 9).

Esta pessoa especial é mencionada no Velho Testamento por vários títulos:

1. "o anjo do SENHOR " (Gênesis 16: 7)
2. "o anjo de Deus" (Gn 21:17)
3. "seu anjo" (Gn 24: 7, 40)
4. "meu anjo" (Êxodo 23:23)
5. "O anjo da sua presença" (Isaías 63: 9)
6. "O mensageiro da aliança" (Malaquias 3: 1)

Com estas observações gerais servindo como pano de fundo, esta última pergunta exige uma resposta: Quem é o anjo mistério do Antigo Testamento? Pelo menos quatro identidades possíveis foram oferecidas ao longo dos séculos: (1) um "anjo" do céu, possivelmente o arcanjo Miguel; (2) Melquisedeque; (3) o próprio Senhor (Yahweh) (uma teofania); Ou (4) um christophany ou *huiophany* (de Gk. *Huios* , "filho") - isto é, uma aparência pré-encarnada na terra pelo Senhor Jesus Cristo. A fim de determinar qual dessas possibilidades é a identidade correta, várias linhas de evidência bíblica devem ser apresentadas. Depois disso, uma identificação conclusiva será oferecida.

Aparições do Velho Testamento

O substantivo hebraico para "anjo" / "mensageiro" aparece cerca de 213 vezes no Antigo Testamento. Em cerca de 90 usos, principalmente nos Livros Históricos, refere-se ao "anjo do SENHOR ". Esta frase ocorre em primeiro lugar em Gênesis 16: 7 e continua até o uso final em Malaquias 3: 1, aparecendo em dezesseis dos trinta- Nove livros do Antigo Testamento. Outras vezes, apenas o "anjo" é usado, e então a identidade não é tão certa (Daniel 3:28, 6:22). Freqüentemente, os mensageiros humanos estão à vista (cerca de 50% do tempo). A Tabela 8.9 fornece uma amostra representativa dos encontros ou menções do "anjo do SENHOR ".

Características da Divindade

O "anjo do SENHOR " exibe qualidades que só podem ser associadas à divindade:

1. O "anjo do SENHOR " reivindica uma natureza divina (Êxodo 3: 2-5, Jz 13: 17-18).
2. O "anjo do SENHOR " exibe atributos divinos (Êx 23:21, 33:14, Isaías 63: 9).
3. A Escritura equipara o "anjo do SENHOR " com o Senhor (Javé), mesmo com Deus (Gênesis 16: 11-13; 22: 9-18; 32: 24-30, ver Gênesis 48: 15-16 , Ex. 3: 2-6, 13: 21-22 [em comparação com 14:19], 32:34, 33: 2, Núm 22:35 [em comparação com 23: 5], Judg. 6: 11-16 13: 21-23, Hos. 12: 4).
4. Mas o Senhor (Javé) eo "anjo do SENHOR " não são a mesma pessoa. Por exemplo, o Senhor envia o anjo (Êxodo 23: 20-23). Outras vezes, o "anjo do SENHOR " fala ao Senhor (Zc 1:12), eo Senhor responde ao anjo (Zc 1:13).
5. O "anjo do SENHOR " é o principal protetor de Israel (Êxodo 14: 19-20, 23: 20-23, Jos. 5: 13-15, Salmo 34: 7, 35: 5-6) .
6. O "anjo do SENHOR " possui o nome de "o SENHOR " (Êx 3:14, Jz 13: 17-18, ver Isaías 9: 6).
7. O "anjo do SENHOR " recebe adoração (Êxodo 3: 5, Josué 5:15, Jz 13:20).
8. O "anjo do SENHOR " perdoa o pecado (Gênesis 48:16, Ex. 23:21).

Tabela 8.9 "O Anjo do Senhor" na Escritura

Pessoas	Passagens
Hagar	Gn 16: 7-14; 21:17
Abraham	Gn 22: 11-18
Eliezer	Gn 24: 7, 40
Jacob	Gn 31: 11-13; 32: 22-32 (ver Gênesis 48: 15-16, Os 12: 3-4)
Moisés	Ex. 3: 1-7 (ver Atos 7: 30-35); Ex. 12:23 ("o destruidor", ver Hb 11:28); Ex. 14: 19-20 (ver Nm 20:16); Ex. 23: 20-23 (ver Isaías 63: 9)
Balaam	Num. 22: 22-35
Joshua	Josh. 5: 13-15 (ver Êxodo 3: 5); Judg. 2: 1-4
Gideon	Judg. 6: 11-18
Manoah e sua esposa	Judg. 13: 2-22
David	2 Sam. 24: 16-17; 1 Crôn. 21: 15-18, 27
Elijah	1 Reis 19: 4-8; 2 Reis 1: 3-4, 15-16
Ezequias	2 Reis 19:35 (ver 2 Crônicas 32:21, Isaías 37:36)
Sadraque, Mesaque e Abednego	Dan. 3:25, 28
Daniel	Dan. 6:22
Zacarias	Zech. 1: 11-12; 3: 1-10
Malaquias	Mal. 3: 1

Identificação

O "anjo do SENHOR " foi identificado por alguns como um anjo especial criado, que não tem nome no registro bíblico. Nos escritos dos pais apostólicos (cerca de 150 dC), o "anjo do SENHOR " é às vezes identificado como Miguel o Arcanjo. Os comentaristas mais atrasados ocasionalmente seguiram o exemplo. No entanto, nenhum anjo criado, nem mesmo um arcanjo, jamais possuía os traços da deidade anteriormente observados no registro bíblico; Assim, a visão do anjo deve ser desqualificada.

Uma proposta raramente encontrada sugere que o Antigo Testamento "anjo do SENHOR " é o rei de Salém, Melquisedeque (Gênesis 14:18), o sumo sacerdote misterioso em cuja ordem o Senhor Jesus Cristo é dito seguir (Sl 110: 4, Hebreus 5: 6, 10, 6:20, 7:17). Esta idéia pressupõe que Melquisedeque é o Cristo preincarnate, que é facilmente despedido porque não há nenhuma evidência bíblica substancial em apoio desta noção. Melquisedeque, o rei histórico de Salém no tempo de Abraão, não poderia ter sido Cristo, que mais tarde se tornou um sumo sacerdote segundo a ordem de si mesmo.

Outra possibilidade pode ser que o "anjo do SENHOR " seja uma auto-manifestação do próprio Senhor (Yahweh) - isto é, uma verdadeira teofania. Embora esta abordagem reconheça os atributos divinos do anjo, ela não conta para a evidência de pelo menos duas personagens em muitos dos relatos bíblicos - o "anjo do SENHOR " e "o SENHOR " - que está em perfeita harmonia com o (Deus, o Pai, Efésios 1: 3-6, Deus, o Filho, Ef 1: 7-12, e Deus, o Espírito Santo, Ef 1: 13-14).

A única identificação do "anjo do SENHOR " que satisfaz todas as características do registro bíblico é a aparência pré-encarnada (uma christofania ou huiophany) da segunda pessoa da Trindade Trina, o Filho eterno de Deus, o Senhor Jesus Cristo. Não é de surpreender, então, que as primeiras identificações do "anjo do SENHOR " fossem aquelas de uma christofania.

Correlação do Novo Testamento

A visão "pré-encarnada de Cristo" do Antigo Testamento coincide exatamente com a explicação do Novo Testamento do Filho eterno de Deus, o Senhor Jesus Cristo. Primeiro, tomando o nome de "o SENHOR " (Gn 16: 11-13; 22: 9-18), o "anjo do SENHOR " afirma ser um ser eterno. *A eternidade* foi a própria afirmação feita pelo Senhor Jesus Cristo (João 1: 1; 8:58; 17: 5).

Segundo, Cristo afirmou ser Deus, e as Escrituras afirmam que ele é de fato Deus (João 1: 1; 5:18; 10:33; 2 Pedro 1: 1; 1 João 5:20). Esta afirmação se harmoniza com a *divindade* do "anjo do SENHOR " (Ex. 3: 2-6; Jz. 13: 17-18).

Terceiro, ao reivindicar deidade (Êxodo 3: 2-6, Jz 13: 17-18) e ser um indivíduo diferente do " SENHOR " (Êx 23: 20-23, Isaías 6: 1, 8 [com João 12: 41-42], Zacarias 1: 12-13), o "anjo do SENHOR " afirma que mais de uma pessoa pode ser Deus. Somente Cristo, a segunda pessoa da Trindade trino, poderia fazer tal declaração, o que corresponde perfeitamente com a *triunidade* de Deus (Mt 28:19; Marcos 1:.. 9-11; João 15:26; 2 Cor 13:14).

Em quarto lugar, em sua encarnação do Novo Testamento (como em suas aparições pré-encarnadas do Antigo Testamento), Cristo cumpriu sua *responsabilidade* de fornecer uma revelação e explicação de Deus Pai que de outra forma teria estado além da compreensão humana (João 1:18; : 45, 14: 7, 9, 2Cor 4: 4, Col. 1:15, 19, 2: 9, Heb. 1: 3).

Assim, os atributos e atividades do Antigo Testamento "anjo do SENHOR " se comparam perfeitamente com aqueles do Novo Testamento encarnado Cristo. Em termos de eternidade, deidade, triunidade e responsabilidade de Cristo, a evidência bíblica confirma esmagadormente que os episódios "anjo do SENHOR " no Velho Testamento inquestionavelmente envolveram o Senhor Jesus Cristo pré-encarnado.

Perguntas e respostas

E quanto aos Anjos da Guarda (Mateus 18:10)?
Os Anjos devem ser Adorados (Colossenses 2:18)?
Quem Entertained Anjos (Heb 13: 2)?
Em que anjos estão ansiosos para olhar (1 Pedro 1:12)?
As igrejas têm anjos (Ap 1:16, 20)?
Como os cristãos julgarão anjos (1 Coríntios 6: 3)?
Isaías 14 e Ezequiel 28 Referem-se a Satanás?
Satanás lê mentes?
Como estão relacionados Cristo e Satanás?
Satanás ou Demônios podem fazer milagres?
Os Demônios estão no mundo hoje?

Os cristãos podem amarrar Satanás?
Quem são os "Filhos de Deus" em Gênesis 6: 1-4?

Algumas perguntas freqüentes não foram respondidas nas discussões anteriores. Os restantes inquéritos significativos são, portanto, incluídos aqui.

E quanto aos Anjos da Guarda (Mateus 18:10)?

O raciocínio humanista e supersticioso combinado com o sentimentalismo têm muito a ver com a idéia de anjos guardiães individuais. Embora a idéia seja dita biblicamente baseada, um olhar mais atento sobre os textos de apoio prova o contrário.

Jacob (Gênesis 48:16) e o salmista (Sl 34: 7) foram usados para apoiar a idéia do anjo da guarda. No entanto, estas passagens falam sobre o "anjo do SENHOR ", quer indirectamente (Jacob referindo-se em Gênesis 48:16 de volta ao seu encontro em Gênesis 32: 24-30) ou diretamente (o salmista comentando geralmente sobre aparições múltiplas na história de Israel De Gênesis a Juízes). Nenhum desses textos fala de anjos guardiães pessoais.

Depois que Pedro escapou do encarceramento com a ajuda de um anjo (Atos 12: 6-11), ele foi para a casa de Maria, a mãe de João Marcos (12:12). A serva Rhoda relatou ao grupo de oração que Pedro estava na porta, mas insistiram: "É seu anjo!" (12: 13-15). Há duas explicações possíveis para essa resposta, nenhuma das quais envolve um "anjo da guarda". Primeiro, eles provavelmente assumiram que Pedro havia sido decapitado como Tiago (12: 1-2) e que esta era a forma de aparência de vida de Pedro (de acordo com Superstição judaica). Em segundo lugar, também é possível que o uso da palavra grega *angelos* aqui (12:15) se refere a um mensageiro humano relatando a morte de Pedro, apesar de suas orações que o resultado seria de outra forma.

O texto bíblico mais provável para ensinar anjos da guarda é Mateus 18:10: "Pois eu vos digo que no céu os seus anjos sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus". No entanto, isso não sugere que cada crente tenha um guardião individual Anjo, mas sim que os crentes são servidos coletivamente por anjos em geral, muitas vezes múltiplos anjos ajudando uma pessoa ao mesmo tempo, como na faixa de anjos que levaram Lázaro ao céu (Lucas 16:22), o exército de anjos que lutaram por Israel (2 Reis 6:17), e os anjos comandados por Deus para proteger aqueles que buscam refúgio na sombra do Todo-Poderoso (Salmo 91:11).

Como isso funciona, para quem ele funciona e quando funciona, a Bíblia não indica especificamente. No entanto, enquanto a Escritura claramente diz que os anjos são espíritos ministradores (Hb 1:14), não diz que há anjos guardiães individuais para cada pessoa viva no mundo ao mesmo tempo.

Os Anjos devem ser Adorados (Colossenses 2:18)?

Os anjos não devem ser adorados (Colossenses 2:18); Os anjos devem adorar a Deus (Hb 1: 6). Uma forma de ser criado (seres humanos) não é adorar outras formas de criação de Deus (anjos, animais, natureza, as estrelas acima). Na Escritura, os anjos são sempre vistos adorando a Deus, nunca sendo adorados (Isaías 6: 1-4 e Apocalipse 5: 8-14).

No início da história de Israel, o povo não só foi exortado a adorar a Deus sozinho, mas também foi proibido de adorar qualquer objeto (Ex 20: 1-5; 34:14; Deuteronômio 11:16; 30:17; 31: 6, 97: 7). A penalidade pela desobediência sempre se mostrou severa (Êxodo 32: 1-10).

Cristo foi tentado por Satanás (um ser criado) no deserto. Satanás ofereceu-lhe todos os reinos do mundo e sua glória se somente o Salvador caísse e o adorasse. Cristo

imediatamente rejeitou a oferta, citando Deuteronômio 6:13. Jesus respondeu: "Desaparece, Satanás!" (Mateus 4:10 e Lucas 4: 8).

Mais tarde no Novo Testamento, as pessoas tentaram adorar primeiro Pedro (Atos 10: 25-26) e depois Paulo e Barnabé (Atos 14: 9-15). Em ambos os casos, a adoração mal dirigida foi sumariamente rejeitada. Perto do fim da vida de João, ele estava tão sobrecarregado pela presença angelical que ele tentou adorá-los em duas ocasiões separadas. Em ambos os casos, os anjos rejeitaram a adoração de João e reorientaram-no para adorar a Deus (Apocalipse 19: 9-10; 22: 8-9).

Se olharmos para preceitos bíblicos ou práticas bíblicas, a adoração angélica é proibida como idolatria. Somente Deus deve ser adorado.

Quem Entertained Anjos (Heb 13: 2)?

O ensinamento em Hebreus 13: 2 de que "alguns têm entretido os anjos sem querer" é dado não como a motivação final para a hospitalidade, mas para revelar que nunca se sabe até que ponto um ato de bondade pode ser (Mateus 25:40 , 45). Isto é exatamente o que aconteceu com Abraão e Sara (Gênesis 18: 1-3), Ló (Gênesis 19: 1-2), Gideão (Juízes 6: 11-24), e Manoá (Juízes 13: 6- 20). O escritor de Hebreus não está sugerindo que os crentes devem esperar visitas angelicais. Em vez disso, ele está implicando vividamente que quando se pratica a hospitalidade bíblica (1 Tm 3: 2, Tito 1: 8), pode-se às vezes experimentar uma bênção inesperada, como ilustrado nas primeiras porções do Antigo Testamento.

Em que anjos estão ansiosos para olhar (1 Pedro 1:12)?

Não é que os anjos não tenham sido envolvidos no plano de salvação de Deus. Eles anunciaram o nascimento de Cristo (Lucas 1: 26-35; 2: 10-14), ministraram-lhe durante seus tempos de provação (Mateus 4:11, Lucas 22:43), ficaram ao lado da sepultura quando ele ressuscitou dos mortos (Mateus 28: 5-7, Marcos 16: 4-7, Lucas 24: 4-7), e assistiu a sua ascensão ao céu (Atos 1: 10-11).

Desde então, os anjos regozijaram-se com os pecadores que se arrependem (Lucas 15: 7,10). Os apóstolos se tornaram um espetáculo para os anjos (1 Coríntios 4: 9). Os anjos estão preocupados com os pastores que habitualmente pecam (1 Tim. 5:21). Eles são espíritos ministradores enviados para servir em favor daqueles que devem herdar a salvação (Hb 1:14). Após a morte, os crentes se juntarão aos anjos para o culto celestial (Apocalipse 5: 11-14).

Anjos estão próximos o suficiente para assistir a apóstolos, servir a santos, adorar com crentes no céu, e se alegrar com a salvação de um indivíduo, mas há algo adicional sobre o qual eles estão intensamente focados. Como Pedro, João e Maria, que se inclinaram para ver o túmulo vazio (Lucas 24:12, João 20: 5, 11), ou como um homem olhando atentamente para a Escritura (Tiago 1:25), os anjos se esforçam para ver O fruto da salvação que é resultado do sofrimento de Cristo na cruz, ressurreição dos mortos e ascensão ao céu.

Os anjos têm uma santa curiosidade para entender o tipo de misericórdia e graça que nunca experimentarão. Os santos anjos não precisam ser salvos, e os anjos caídos não podem ser salvos. Mas os santos procuram entender a salvação para glorificar a Deus mais plenamente, que é a razão principal para a existência (Jó 38: 7, Sl 148: 2, Isa. 6: 3, Lucas 2: 13-14, Heb 1: 6, Ap 5: 11-12, 7: 11-12).

As igrejas têm anjos (Ap 1:16, 20)?

As sete "estrelas" (Apocalipse 1:16) são os "mensageiros" das sete igrejas (Ap 1:20). A maioria de traduções inglesas usam o "anjo" em vez do "mensageiro" para traduzir a palavra grega *angelos* . No entanto, aqui é melhor usar o sentido mais geral desta palavra, ou seja, "mensageiro", e deixar o contexto interpretar o seu significado.

Angelos pode se referir a bons anjos (Apocalipse 5:11) ou anjos maus (Mateus 25:41). Freqüentemente no Novo Testamento, também é usado de mensageiros humanos (Mateus 11:10, Marcos 1: 2, Lucas 7:24, Tiago 2:25). "Estrela" na Bíblia pode se referir a muitas coisas, como uma estrela real (Apocalipse 6:13), demônios (Apocalipse 9: 1), humanos (Apocalipse 12: 1), Cristo (Apocalipse 22:16)), Ou anjos (Jó 38: 7). Era comum na literatura antiga que a "estrela" representasse uma pessoa importante (Daniel 12: 3). A sociedade ainda tem suas próprias "estrelas" e "superstars" hoje.

Com isso em mente, existem três interpretações razoáveis de "estrela". Alguns dizem que se refere à "atitude" da igreja. Outros dizem que se refere a anjos reais. No entanto, neste contexto a idéia de um ser humano parece mais satisfatória.

Primeiro, "estrela" e "mensageiro" são usados no Antigo Testamento e no Novo Testamento para se referir aos seres humanos. Segundo, nenhum lugar na Bíblia são anjos colocados em uma posição de liderança sobre a igreja. Terceiro, a eclesiologia bem estabelecida concluiu que Cristo não está escrevendo aqui aos anjos, mas aos seres humanos (Apocalipse 2: 1, 8, 12, 18, 3: 1, 7, 14). Finalmente, os humanos, não os anjos, são responsáveis perante Deus pela conduta da igreja (Hb 13:17); Os anjos estão do lado de fora olhando curiosamente para dentro (1 Pedro 1:12).

Os sete "mensageiros" realmente representam a liderança humana da igreja, que compreende os anciãos e superintendentes. Que eles estão na mão direita de Cristo representa o poder de Cristo sobre suas igrejas. Isso lembra aos líderes que eles lideram pela autoridade de Cristo, não os seus próprios.

Como os cristãos julgarão anjos (1 Coríntios 6: 3)?

O verbo grego *krinō* em 1 Coríntios 5:12, 13; 6: 1, 2 e 3 significa principalmente "julgar", "decidir" ou "determinar". Então, em que sentido e para que anjos os cristãos trarão juízo no futuro?

Alguns sugeriram que um verbo hebraico (*shafat*) é traduzido *krinō* na Septuaginta com o significado alternativo de "dominar" (1Sm 8:20). Assim, poderia ser usado da mesma maneira no Novo Testamento, o que significa que os cristãos devem governar sobre os santos anjos, uma vez que os anjos são servos dos crentes (Hb 1:14). No entanto, o contexto de 1 Coríntios 5: 9-6: 11 claramente transmite a idéia de adjudicação e não pode ser usado no sentido secundário de governar.

Uma vez que *krinō* é *empregado* aqui em um sentido judicial, que levanta algumas questões intermediárias. Primeiro, de que maneira os santos anjos precisam ser julgados? Os santos anjos, por sua própria natureza, não precisam ser julgados. Nem as Escrituras dão nem mesmo a menor indicação, por meio de declaração ou exemplo, de que alguma vez receberam ou receberão julgamento.

Segundo, como os cristãos julgarão os anjos maus? Eles esperam o julgamento do grande dia (2 Pedro 2: 4, Judas 6), que deve coincidir com o julgamento de Satanás quando ele será lançado no lago de fogo (Ap 20:10) e juntado por seu Anjos (Mateus 25:41). Desde que os crentes são prometidos que sentar-se-ão com Cristo em seu trono (Rev. 3:21) e têm autoridade para julgar (Apocalipse 20: 4), então os crentes podem julgar anjos maus com Cristo no julgamento do grande dia. É a este evento que Paulo alude em 1 Coríntios 6: 3.

Isaías 14 e Ezequiel 28 Referem-se a Satanás?

Assim como a Escritura indiretamente relaciona ídolos a demônios (Deuteronômio 32:17, Salmo 106: 37-38) e um impetuoso Pedro a Satanás (Mateus 16:23), assim o rei de Babilônia (Isaías 14: 4-21) Eo rei de Tiro (Ezequiel 28: 1-19) estão indiretamente relacionados com Satanás. Reis pagãos que promoviam adoração falsa, mesmo insistindo que por natureza eram de fato deuses, serviam como substituto humano para Satanás. Esses eram esses dois reis.

Isaías 14: 12-14 fornece um vislumbre de Satanás através da vida do rei da Babilônia. Ele representa alguém que se elevaria ao nível de Deus (Isaías 14: 13-14), mas que falhou (Isaías 14:12) em sua tentativa de auto-exaltação. Isso era verdade para o monarca babilônico, da mesma forma como replicava a queda anterior do Maligno.

Ezequiel 28: 2, 6, 12-17 também mostra como o rei de Tiro se comportou em seu reinado de forma semelhante a Satanás no passado. Este governante modelou as atitudes e ações anteriores de Satanás.

Portanto, é preciso ser equilibrado ao interpretar essas duas passagens - cuidado para não ignorar Satanás, cauteloso para não tratar as passagens como se Satanás fosse o assunto exclusivo e prudente para entender que a intenção primária ou direta dos escritores era pronunciar o julgamento de Deus Sobre os reis reais usando o fundo de Satanás para ilustrar a maldade de sua regra. Esta abordagem parece ser confirmada pelo Novo Testamento, que revela abundantemente a verdade sobre o diabo sem citar diretamente Isaías 14 ou Ezequiel 28.

Tabela 8.10 Capacidade Intelectual Caída do Homem

"Degradado"	ROM. 1:28
"endurecido"	2 Cor. 3:14
Cego	2 Cor. 4: 4
"futilidade"	Eph. 4:17
Escurecido	Eph. 4:18
"hostil"	Col. 1:21
Iludido	Col 2: 4
Enganado	Col. 2: 8
"sensual"	Col 2:18
"depravado"	1 Tim. 6: 5
"Corrompido"	2 Tim. 3: 8
Contaminado	Tito 1:15

Satanás lê mentes?

Será que o Diabo tem o poder de saber o que as pessoas estão pensando? A resposta é não pelas seguintes razões.

Primeiro, Satanás é um ser criado (João 1: 3 e Colossenses 1:16). Portanto, ele não compartilha com Deus o atributo divino da onisciência. Em segundo lugar, em nenhuma parte da Escritura há nem a menor indicação de que o Maligno é omnisciente em todos os momentos, passado, presente e futuro.

Terceiro, Satanás é a causa mediata, não imediata, do pensamento corrompido do homem. Ao concluir a criação, "Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que era muito bom" (Gn 1:31). Adão e Eva estavam em comunhão justa com Deus e tinham sido dominados sobre toda a criação de Deus (Gn 1: 26-30). Uma vida de bem-aventurança terrena descreveu seu potencial futuro e o da sua prole antes do pecado entrar no quadro.

Gênesis 3: 1-7 descreve o golpe de longo alcance e devastador para a mente humana que afetaria todos os seres humanos que viveram depois disso. Sem dúvida, Satanás travou uma guerra contra Deus ea raça humana nesta passagem monumental, onde o campo de batalha acaba por ser a mente de Eva. No final, Eva trocou a verdade de Deus (Gênesis 2:17) pela mentira de Satanás (Gênesis 3: 4-5), ea mente humana nunca mais foi a mesma desde então.

Em quarto lugar, a extensão dessa corrupção mental é ilustrada por muitas palavras negativas do Novo Testamento que descrevem a ruína da capacidade intelectual do homem como resultado do pecado original (ver tabela 8.10).

Como resultado, os dois seres humanos originais criados por Deus, e cada um de seus descendentes, experimentaram uma inversão brutal em seu relacionamento com Deus e seu mundo:

1. Eles não se preocupariam mais com os pensamentos de Deus, mas com o pensamento dos homens (Sl 53: 1, Romanos 1:25).
2. Eles não teriam mais visão espiritual, mas seriam cegados por Satanás para a glória de Deus (2 Cor. 4: 4).
3. Eles já não seriam sábios, mas tolos (Sl 14: 1, Tito 3: 3).
4. Eles não estariam mais vivos para Deus, mas estariam mortos em seus pecados (Romanos 8: 5-11).
5. Eles não iriam se afeiçoar mais às coisas de cima, mas às coisas da terra (Colossenses 3: 2).
6. Não andariam mais na luz, mas na escuridão (João 12: 35-36, 46).
7. Eles não viveriam mais no reino do Espírito, mas sim na carne (Romanos 8: 1-5).
8. Eles não teriam mais a vida eterna, mas enfrentariam a morte espiritual - isto é, a separação eterna de Deus (2 Tessalonicenses 1: 9).

Assim, Satanás pode conhecer a qualidade geralmente degenerada do pensamento de uma pessoa como resultado de sua intrigação enganosa em seu confronto com Eva, mas ele não pode saber os detalhes como resultado da leitura de mentes. As duas conversas de Satanás com Deus e o encontro com Jó (Jó 1-2) ilustram este ponto. Satanás fingiu que conhecia os detalhes do pensamento de Jó, mas os eventos subseqüentes provaram que o Diabo era inepto e incapaz de saber corretamente os detalhes da mente de Jó porque ele não pode ler mentes.

Como estão relacionados Cristo e Satanás?

Cristo criou todas as coisas e, a parte dele, nada mais veio a existir (João 1: 3, 10, 1 Coríntios 8: 6 e Col 1: 2). Satanás é um ser criado e, portanto, nem um par ou um superior de Cristo. Satanás nada criou e é sempre um ser inferior ao divino senhorio e vontade de Jesus (1 João 3: 8).

Em Jó 1:12 e 2: 6, Satanás teve de se submeter à vontade de Deus. Em Mateus 4:10, Cristo exigiu que Satanás se afastasse dele. No final, Cristo derrotará Satanás, julgá-lo-á

culpado de altos crimes e traição, e condená-lo a uma eternidade no lago de fogo (João 16:11 e Apocalipse 20: 9-10).

Cristo é o Criador de quem Satanás recebeu a vida. Cristo é o soberano a quem Satanás deve se submeter. Cristo é o Juiz de quem o culpado-como-carregado Satanás receberá seu julgamento final e sentença eterna ao inferno.

Satanás ou Demônios podem fazer milagres?

Criaturas como Satanás e demônios não têm o poder milagroso de Deus onipotente. Deus tem feito inegavelmente milagres através de Cristo (João 11: 47-48) e os apóstolos (Atos 4:16), mas nunca de modo semelhante em favor de Satanás ou demônios.

Uma das principais estratégias de Satanás é enganar (Apocalipse 12: 9; 13: 3, 12, 14; 19:20; 20: 3, 8, 10), isto é, fazer com que um ato não-milagroso pareça ser tão poderoso quanto Um ato de Deus. No entanto, é apenas uma aparência, não uma realidade.

Enquanto Satanás tem poderes além dos humanos (Jó 1:12; 2: 6), eles são limitados por Deus. Os magos no tribunal de Faraó compararam em aparência as primeiras três pragas de Deus (Êxodo 7: 11-12, 22; 8: 7), mas eles não puderam continuar a partir do quarto (Ex 8: 18-19); Eles admitiram que seus poderes foram muito ultrapassados pela onipotência de Deus. Satanás dará poder a falsos sinais e prodígios na segunda metade da semana setenta de Daniel para o Anticristo (2 Ts 2,9-10), o Falso Profeta (Apocalipse 13: 13-14) e demônios (Ap 16:13). -14).

Satanás ou demônios podem curar-se como Jesus ou os apóstolos? Nem Satanás nem demônios possuem poder criativo e, portanto, não podem curar milagrosamente enquanto Deus cura. No entanto, quando os demônios se afastam dos incrédulos (de sua própria vontade), a doença pode partir também. Isso daria a aparência do milagroso.

Parece que uma resposta negativa para a pergunta, pode demônios curar? Era uma verdade evidente para os palestinos do primeiro século. Jesus tinha sido acusado de ter um demônio em pelo menos seis ocasiões: (1) Mateus 9: 32-34; (2) Mateus 12: 22-29; Marcos 3:30; (3) Lucas 11: 14-26; (4) João 7:20; 5) João 8: 48-49, 52; E (6) João 10: 20-21. Aqueles que melhor conheciam o fruto do ministério de Cristo responderam a essa acusação dizendo: "Um demônio não pode abrir os olhos dos cegos, pode?" (João 10:21). Assim, os demônios podem possivelmente dar a aparência convincente de cura, mas eles não podem curar milagrosamente na realidade. Eles são espíritos enganadores (1 Tim. 4: 1) cujos sinais não são de Deus (Apocalipse 16:14).

Os Demônios estão no mundo hoje?

Por que os demônios às vezes recebem tanta atenção da mídia? São os relatórios biblicamente corretos, ou são apenas as reflexões de pessoas desinformadas que vêem um demônio atrás de cada arbusto e sob cada rocha? A atividade demoníaca acelerou no mundo? Como podemos saber quais são os conceitos biblicamente precisos e quais não são?

Este assunto merece um livro completo, mas só será resumido aqui. Considere várias observações gerais preliminares:

1. Afirmamos a realidade histórica de Satanás e demônios, tanto no passado como no presente, conforme verificado pela Bíblia.
2. Afirmamos que a Bíblia adverte os cristãos a esperar que Satanás e demônios operem agora como aconteceu tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento (1Pe 5: 6-11).

3. Afirmamos que a Bíblia ensina que, ao viver a vida cristã, uma pessoa experimentará verdadeira batalha espiritual com Satanás e seu exército de demônios.
4. Afirmamos que somente a Escritura, independente da experiência pessoal ou dos dados clínicos, determinará com veracidade a realidade das experiências demoníacas e proporcionará uma compreensão dos encontros com Satanás e demônios.
5. Afirmamos que as instruções nas Epístolas do Novo Testamento sobre como conduzir a guerra espiritual não se limitaram ao primeiro século (Efésios 6: 10-20).

Na Escritura, Satanás e demônios se envolveram proeminentemente com a escuridão espiritual (Efésios 6:12), decepção (2 Coríntios 11: 13-15) e morte (João 8:44). Eles prosperam nesses tipos de ambientes. Os Estados Unidos aceleraram rapidamente essas condições nas últimas décadas, como testemunhado pelo aumento da falsa religião e da idolatria, da imoralidade sexual e das perversões, do uso de drogas, da atividade ocultista, do interesse pelo satanismo, da impiedade, da desonestidade sobre o pecado, da anarquia, da desvalorização do ser humano Vida e tentativas sociais de suprimir a verdade bíblica.

Não só o mundo é um cenário onde Satanás e demônios prosperam, mas também a comunidade cristã inconscientemente se estabeleceu para grande decepção. Na igreja, isso normalmente encontra dois extremos - excesso de ênfase ou ênfase no mundo espiritual.

Grande parte da comunidade cristã hoje presta pouca atenção aos ensinamentos bíblicos e advertências sobre Satanás e demônios. Porque muita atividade demoníaca no mundo ocorre invisivelmente, as pessoas assumem que não existe. Para alguns cristãos, a ignorância da Escritura combinada com uma atitude de materialismo produz uma indiferença insalubre à guerra invisível com a escuridão. Para outros, uma atitude irrealista de invencibilidade espiritual domina. Isso deixa muitos cristãos inconscientemente ignorantes, vulneráveis e despreparados para o atual aumento da guerra espiritual.

Os cristãos podem amarrar Satanás?

Somente poucas passagens do Novo Testamento podem ajudar a responder a essa pergunta. Mateus 12: 22-29; Marcos 3:27; E Lucas 11: 14-23 espiritualmente correspondem ao homem forte (Satanás, Mateus 22:29) contra o homem mais forte (Cristo, Lucas 11:22). Este texto não tem nada a ver com crentes vinculando Satanás, apenas Cristo vinculativo - isto é, tendo o maior poder sobre-Satanás.

Mateus 16: 16-19 (esp 16:19) fala metaforicamente sobre os apóstolos perdoar ou não perdoar o pecado usando os termos "vincular" para "proibido" / "não perdoado" e "solto" para "permitido" / "perdoado". Os rabinos antigos usaram esses termos exatamente dessa maneira nesse contexto. A passagem tem tudo a ver com autoridade para lidar com o pecado e nada a ver com Satanás. João 20:23 faz o mesmo ponto usando os termos diretos "perdoar" e "reter o perdão". Mateus 18: 15-18 deve ser entendido de forma semelhante no contexto de disciplinar um irmão pecador.

Apocalipse 20: 1-3 fala do reino milenar de Cristo onde, no início, Satanás é preso fisicamente e encarcerado por um anjo do céu durante os mil anos inteiros. Este texto é específico do tempo e refere-se apenas ao anjo de Apocalipse 20: 1, a Satanás e aos mil anos de futuro reino de Cristo na terra.

Esta revisão das poucas passagens bíblicas que possivelmente poderiam relacionar-se com a questão deve levar a concluir que nenhum deles se ocupa remotamente da questão em questão. Assim a resposta simples é não, os cristãos não podem amarrar Satanás, porque não há nenhum ensino bíblico que levaria a uma resposta afirmativa.

Quem são os "Filhos de Deus" em Gênesis 6: 1-4?

Gênesis 6: 1-4 prova ser um dos textos mais misteriosos e evasivos da Bíblia e um dos mais difíceis de interpretar. Como tal, não se deve ser excessivamente dogmático, uma vez que permanece um de um punhado de textos que tem uma ampla gama de pontos de vista divergentes, mesmo entre os intérpretes que geralmente concordam em quase todas as outras questões. Portanto, é melhor não fazer demasiadas implicações doutrinárias ou práticas.

Há várias razões pelas quais um texto tão difícil é encontrado tão cedo nas Escrituras:

1. O único contexto bíblico imediato é Gênesis 1-5.
2. Os detalhes no texto são escassos e obscuros.
3. Não há textos explícitos e claros relacionados a Gênesis 6: 1-4 nas passagens subsequentes do Velho Testamento e do Novo Testamento, exceto Mateus 24: 37-39 e Lucas 17: 26-27.
4. O cenário é o pós-choque eo preflood, sobre os quais os fatos bíblicos são poucos e distantes entre si.

No entanto, a obscuridade muito tentadora desta passagem torna fascinantemente atraente para inquirindo estudantes da Escritura.

Uma série de questões muito importantes surgem: Quem são os "filhos de Deus" (Gênesis 6: 2)? Quem são os "Nefilins" (Gênesis 6: 4)? Os demônios estão envolvidos aqui?

Várias suposições serão feitas para acomodar esta discussão sumária:

1. Gênesis 6: 1-4 não é mitologia antiga, mas verdadeira e precisa história divinamente revelada.
2. Esta passagem precisa ser interpretada no contexto de Gênesis 1-5.
3. Os Nephilim em Gênesis 6: 4 não são necessariamente filhos dos filhos de Deus e filhas dos homens. De fato, Nephilim também aparecem séculos mais tarde em um cenário de pós-êxodo (Números 13:33).
4. Os demônios não podem se acasalar diretamente com os humanos, pois a reprodução é feita segundo a própria espécie (Gn 1: 20-25). Além disso, os seres espirituais não podem se reproduzir, mesmo entre si (ver Mateus 22:30, Marcos 12:25).
5. Embora a reprodução angélico-humana direta não seja realista, deve-se considerar a possibilidade de uma relação angelical-humana indireta acontecendo entre homens e mulheres possuídos de demônios.
6. Alguns encontraram supostas ligações do Novo Testamento com Gênesis 6: 1-4 em 1 Pedro 3: 19-20; 2 Pedro 2: 4; E Judas 6. Embora esta seja uma possibilidade, há outras interpretações igualmente satisfatórias desses textos do Novo Testamento que não exigem uma conexão de volta a Gênesis 6. Assim, qualquer que seja a visão que se tome, não deve se basear nessas passagens do Novo Testamento como primárias Prova da relação.

Com estes pensamentos introdutórios como pano de fundo, uma breve explicação e avaliação das três visões mais comuns segue. O leitor pode então decidir qual vista parece ter mais suporte e menos problemas.

VISTA DE SINFUL SETHITES

John Murray e Gleason Archer adotaram essa visão. Eles afirmam que a linha divina de Seth se desviou do plano de Deus e se casou com a prole ímpia de Caim. Assim, a linha de Set foi poluída por este casamento miserável profano, e isso explica porque Noé e sua

família (Sethites) foram poupados no dilúvio, enquanto todos os outros caiu para o julgamento universal de Deus sobre a raça humana.

Aqui estão as características mais atraentes desta visão:

1. O equivalente a "filhos de Deus" em outras partes das Escrituras se refere a homens piedosos (Deuteronômio 14: 1, Salmo 73:15, Isaías 43: 6, Os 1:10).
2. A base do juízo de inundação foi o pecado humano, não o pecado demoníaco (Gênesis 6: 5-7), o que explica por que o Espírito de Deus não permaneceria nem se contenderia com os homens para sempre (Gênesis 6: 3).
3. O contexto de Gênesis 1-5 correlaciona-se bem com essa visão.
4. Casar-se fora da fé resultaria em casamentos mistos e contaminação da piedosa linha de Sethita, o que explica a gravidade do dilúvio sobre toda a raça humana, exceto a família de Noé.
5. "Filhos de Deus" parece referir-se a uma linha divina, e "filhas de homens" parece referir-se a uma linha pecaminosa.
6. Esta visão se correlaciona bem com as condições existentes no dia de Noé, como descrito nos Evangelhos (Mt 24: 37-39, Lucas 17: 26-27), que retratam a vida como geralmente ignorando as coisas santas de Deus, a fim de perseguir As coisas mundanas dos homens como comer, beber e casar.

Aqui estão as características mais problemáticas deste modo de exibição:

1. "Homens" não corresponde exatamente com "filhos de Deus".
2. Não há nenhuma indicação explícita de que "filhas de homens" se limite à linha de Caim.
3. Não há nenhuma indicação explícita de que "filhos de Deus" se refere à linha de Seth.

VISÃO DOS HOMENS "POSSESSED DEMON"

Duane Garrett e Willem VanGemeren adotaram esta visão. Eles alegam que os demônios (anjos maus) tomaram residência corporal em homens, que foram então levados a viver vidas ímpias e licenciosas com as mulheres do mundo. A poluição moral provou ser tão grande e tão universal que Deus destruiu toda a raça humana, exceto Noé e sua família.

Aqui estão as características mais atraentes desta visão:

1. A expressão exata "filhos de Deus" se refere a outros lugares do Antigo Testamento aos anjos (Jó 1: 6; 2: 1; 38: 7).
2. A visão explica o suposto contraste entre "filhos de Deus" e "filhas de homens".
3. Esta visão é uma das mais antigas das conhecidas explicações de Gênesis 6: 1-4.

Aqui estão as características mais problemáticas deste modo de exibição:

1. Esta visão parece introduzir artificialmente demônios que não foram encontrados no contexto de Gênesis 1-5.
2. O julgamento de Deus era contra não anjos maus, mas seres humanos, o que explica por que o Espírito de Deus se concentrava em humanos, não em demônios.
3. A frase "filhos de Deus" nunca se refere a demônios.
4. A tradição antiga não é equivalente à Escritura na precisão histórica.
5. "Anjo" era uma parte do vocabulário de Moisés (Gênesis 19: 1, 15; 28:12; 32: 1), por isso parece inexplicável que ele usaria "filhos de Deus", especialmente quando se refere a anjos maus.
6. Esta visão não corresponde às descrições biblicamente explícitas das condições nos dias de Noé (Mateus 24: 37-39, Lucas 17: 26-27), que não mencionam demônios.

VISUALIZAÇÃO "RUGUE RULERS"

Walter Kaiser e Meredith Kline adotaram essa visão. Eles alegam que os "filhos de Deus" eram uma antiga frase usada para descrever governantes e descendentes masculinos que eram representados como tendo uma conexão direta com a divindade e que devastaram e abusaram das mulheres do dia, o que distorceu severamente o santo design de Deus para o casamento, Mesmo resultando em poligamia desenfreada.

Aqui estão as características mais atraentes desta visão:

1. "Filhos de Deus" foi usado biblicamente de governantes humanos (Salmo 82: 6, João 10: 33-36).
2. Essa visão se encaixa no contexto do julgamento de Deus sobre os homens, não sobre os anjos maus.
3. Esta visão correlaciona-se com a descrição geral do dia de Noé, como descrito nos Evangelhos (Mt 24: 37-39, Lucas 17: 26-27), onde os homens parecem ignorar facilmente e pecaminosamente as exigências mais importantes de Deus.

Aqui estão as características mais problemáticas deste modo de exibição:

1. Esta visão assume mais detalhes do que Gênesis 6: 1-4 oferece.
2. A Escritura não descreve os reis como sendo associados à deidade neste período da história mundial.

Oração

Caro Pai, esta é a grande glória do evangelho:
Que através da obra do teu amado Filho na cruz
Você nos livra do domínio da escuridão
E traduzir-nos em Seu reino de luz celestial,
Fazendo-nos aptos a participar da herança dos santos.

Um dos exemplos mais marcantes disso em Sua Palavra
É o testemunho do apóstolo Paulo,
Que se tornou um poderoso defensor da fé
Ele tentou destruir uma vez.
Todos os que crêem também podem testemunhar
Que nos resgataste da escravidão do pecado,
Dado vida nova,
E totalmente equipados para o seu serviço-
Embora como Saul de Tarso,
Nós fomos uma vez blasfemos e desobedientes.
Honramos Seu nome por causa de Seu poder transformador em nossas vidas.
Você colocou uma canção nova em nossas bocas,
Uma canção de eterno louvor a Ti.

Nós Te agradecemos pela obra do Espírito Santo que habita em nós,
Que transforma vidas de dentro para fora.
Regozijamo-nos na certeza de que nossos pecados são perdoados.
Estamos profundamente conscientes de nosso eterno endividamento a Cristo,
Que pagou um preço incompreensível para nos libertar.
E sabemos que agora estamos livres,
Livre de escravização à lei,
E abençoadamente libertado da escravidão do pecado.
Permita-nos, rezamos, permanecer firmes nessa liberdade.
Salvaguardar nossos corações e selar a nossa libertação,
De modo que nunca mais estaremos sujeitos a qualquer jugo
Além do simples jugo e da carga leve de Cristo.

Sabemos que, além de Seu empoderamento gracioso,
Todas as nossas tentativas de amor piedoso e serviço fiel
São totalmente inúteis.
Além da habilitação do Espírito Santo,
Nem poderíamos honrar Jesus como Senhor.
Além da obra de intercessão de Cristo,
Nós sabemos que nós vacilaríamos.
Além da graça que Tu nos dás para perseverar,
Certamente cairíamos.
E além do poder purificador da Tua Palavra,
Nós nunca poderíamos estar aptos para o céu.

Confessamos nossa profunda vergonha
Que nossos corações estão propensos à frieza.
Nosso amor por você é muito superficial e demasiado inconstante
Para honrá-lo de uma maneira digna.
Nossa submissão a Cristo muitas vezes se mostra frágil e errática.
Nossa caminhada é vacilante e inconsistente.
Somos muito suscetíveis
Para a atração do mundo,
Os desejos de nossa própria carne,
E as ciladas do diabo.

Concede-nos mais graça
Para ser diligente em nossos deveres,
Fiel em nossa devoção a Cristo,
Diligente na obra do evangelho,
Claro em nosso testemunho ao mundo,
Firme em nossa defesa da verdade,
E incansável em nosso serviço a Você.
Que toda a nossa conduta seja digna do evangelho de Cristo.
Que cada aspecto de nossas vidas traga honra ao nosso Salvador,
Nosso Senhor Jesus Cristo, em cujo nome oramos. Um homem.

"Uma fortaleza poderosa é nosso deus"

Uma poderosa fortaleza é nosso Deus,
Um baluarte nunca falha;
Nosso ajudador Ele em meio à inundação
De males mortais prevalecendo.
Para ainda nosso inimigo antigo
Doth procura trabalhar-nos woe-
Sua arte e pow'r são grandes,
E armado de ódio cruel,
Na terra não é seu igual.

Nós, em nossa própria força confiar,
Nosso esforço seria perder,
Não era o homem certo do nosso lado
O homem escolhido por Deus.
Dost perguntar quem pode ser?
Cristo Jesus, é Ele-
Senhor Sabaoth seu nome,
De idade para idade o mesmo,
E Ele deve vencer a batalha.

E tho 'este mundo, com demônios cheio,

Deveria ameaçar desfazer-nos,
Não temeremos, porque Deus quis
Sua verdade triunfará para nós.
O príncipe da escuridão sombrio,
Não tememos por ele -
Sua raiva que podemos suportar,
Pois eis que seu destino é certo:
Uma pequena palavra lhe cairá.

Essa palavra acima de todos os poderes terrestres,
Não, graças a eles, permanece;
O Espírito e os dons são nossos
"Aquele que com nós faz um sideth.
Vamos bens e parentes vão,
Esta vida mortal também -
O corpo que eles podem matar;
A verdade de Deus permanece ainda:
Seu reino é para sempre.

~ Martin Luther (1483-1546)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 307-43.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 141-49.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 1: 130-34.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 176-90.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 264-75.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 433-51.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 397-436.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 1: 637-48.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 658-63.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 443-64.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 537-640.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 190-212.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 1: 539-67.

Obras Específicas

Borland, James A. *Cristo no Antigo Testamento: Aparições do Velho Testamento de Cristo em Forma Humana* . Rev. ed. Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 1999.

Brooks, Thomas. *Remédios Preciosos contra os Dispositivos de Satanás* . 1652. Reimpressão, Carlisle, PA: Banner of Truth, 1984.
Dickason, C. Fred. *Anjos, Eleitos e Mal* . Chicago: Moody Press, 1975.
Joppie, AS *O* Ministério *dos Anjos* . Grand Rapids, MI: Baker, 1953.
Konya, Alex. *Demons: Uma Perspectiva Bíblica* . Schaumburg, IL: Regular Baptist Press, 1990.
Leahy, Frederick S. *Satanás Elenco: Um Estudo de Demonologia Bíblica* . Carlisle, PA: Banner of Truth, 1975.
Lockyer, Herbert. *Todos os Anjos na Bíblia* . Peabody, MA: Hendrickson, 1995.
- Lowe, Chuck. *Espíritos Territoriais e Evangelização Mundial? Uma Crítica Bíblica, Histórica e Missiológica da Guerra Espiritual de Nível Estratégico* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 1998.
MacArthur, John. *Como Conhecer o Inimigo* . Wheaton, IL: Victor, 1992.
Mayhue, Richard. "Demons and Sickness." Na *Promessa de Cura: Será sempre a Vontade de Deus Curar?* , 129-39. Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 1997.
---. "Os falsos profetas eo espírito enganador" (1 Reis 22: 19-23). "Na *Perspectiva do Mestre sobre Passagens Difíceis* , editado por Robert L. Thomas, 15-43. Perspectiva do Mestre 1. Grand Rapids, MI: Kregel, 1998.
---. *Desmascarando Satanás: Compreendendo o Plano de Batalha de Satanás e as Estratégias Bíblicas de Combate* . 1988. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 2001.
Noll, Stephen F. *Anjos da Luz, Poderes das Trevas: Pensando Biblicamente sobre Anjos, Satanás e Principados* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998.
Página, Sydney HT *Powers of Evil: Um Estudo Bíblico de Satanás e Demônios* . Grand Rapids, MI: Baker, 1995.
Powlison, David. *Power Encounters: Reclaiming Guerra Espiritual* . Grand Rapids, MI: Baker, 1995.
Rodes, Ron. *Anjos entre nós* . Eugene, OR: Harvest House, 1994.
Richards, Larry. *Cada anjo bom e mau na Bíblia* . Nashville: Thomas Nelson, 1998.
Unger, Merrill F. *Demonology bíblico: Um estudo das forças espirituais no trabalho hoje* . 1952. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Kregel, 2012.

9

A Igreja

Eclesiologia

"A Fundação da Igreja"

A única fundação da Igreja
É Jesus Cristo, seu Senhor;
Ela é a Sua nova criação
Pela água e pela Palavra:
Do céu Ele veio buscá-la
Ser Sua santa noiva;
Com Seu próprio sangue Ele a comprou,
E por sua vida Ele morreu.

Eleger de todas as nações,
Ainda um o'er toda a terra,
Sua carta de salvação

Um só Senhor, uma só fé, um só nascimento;
Um santo nome que ela abençoa,
Partakes um alimento holy;
E a uma esperança que ela pressiona,
Com toda a graça endued.

'Meio trabalho e tribulação
E o tumulto de sua guerra,
Ela espera a consumação
De paz para sempre;
Até que com a visão gloriosa
Seus olhos longing são blest,
E a grande Igreja vitoriosa
Será a Igreja em repouso.

No entanto, ela na terra tem união
Com Deus, os Três em Um,
E mística doce comunhão
Com aqueles cujo descanso é ganhado;
Ó feliz e santo!
Senhor, dá-nos graça que nós,
Como eles, os mansos e humildes,
No alto pode habitar com Ti.

~ Samuel J. Stone (1839-1900)

Principais assuntos abordados no Capítulo 9

Definição da Igreja

Propósitos da Igreja

Autoridade Espiritual na Igreja

Dinâmica Bíblica da Vida da Igreja

Meios de Graça dentro da Igreja

Unidade e Pureza

Membros da Igreja

Presentes Espirituais dentro da Igreja

Uma Antecipação do Céu

A igreja é "o lugar mais querido na terra". Essa descrição eloqüente, articulada pelo famoso pregador do século XIX Charles Spurgeon, captura uma perspectiva cristã apropriada a respeito da igreja. Para todos os que conhecem e amam o Senhor Jesus Cristo, nenhum lugar no mundo deve ser mais doce ou mais amado do que a igreja.

A igreja é preciosa por muitas razões, em primeiro lugar porque o Senhor Jesus morreu em seu favor (Efésios 5:25). Porque a igreja é amada por Cristo, ela deve ser estimada por todos os que pertencem a ele. Como Spurgeon passou a explicar,

> Nada no mundo é mais caro ao coração de Deus do que a sua igreja; Portanto, sendo dele, pertençamos também a ele, que por nossas orações, nossos dons e nossos trabalhos,

> podemos apoiá-lo e fortalecê-lo. Se aqueles que são de Cristo se abstiveram, por uma geração, de se numerarem com seu povo, não haveria igreja visível, nem ordenanças mantidas e, receio, muito poucas pregações do evangelho.

À luz de sua importância vital, os crentes têm muito a ganhar estudando cuidadosamente o que Deus revelou sobre a igreja em sua Palavra.

Definição da Igreja

Projeto de Cristo para sua igreja
A Igreja eo Reino
A Igreja Visível e Invisível
A Igreja Universal e as Igrejas Locais
A Distinção entre a Igreja e Israel
Metáforas Bíblicas para a Igreja

Em todo o Novo Testamento, a igreja é designada principalmente pela palavra grega *ekklēsia* , um termo que *significa* "aqueles que são chamados para fora." No mundo antigo, a *ekklēsia se* referiu a um grupo de cidadãos que tinham sido "chamados" para administrar cívica Ou defender a comunidade em batalha. Usado de forma geral e não técnica, o termo veio a se referir a qualquer "assembléia" ou "congregação". Foi nesse sentido que Estêvão, em Atos 7:38, se referiu à "congregação" de Israel como aqueles chamados de Escravidão no Egito sob a liderança de Moisés (Ex 19:17). Em Atos 19:32 e 41, Lucas empregou o termo para se referir a uma multidão irritada que se reuniu em Éfeso, depois de ser incitado pelos ourives lá.

Usado em um sentido específico do Novo Testamento, a igreja de Deus (Atos 20:28, 1 Coríntios 1: 2, 10:32, 11:16, 22, 15: 9, 2 Coríntios 1: 1, Gálatas 1: 13, 1 Tessalonicenses 2:14, 2 Tessalonicenses 1: 4, Rm 16:16) refere-se à comunidade daqueles que foram chamados por Deus da sua escravidão ao pecado através da fé em Jesus Cristo (Rm. 1: 7, 1 Coríntios 1: 2, Ef 4: 1, 1 Tessalonicenses 2:12, 2 Tim. 1: 9, 1 Pedro 5:10 e Rm 8:28. Eles são aqueles que ele predestinou na eternidade passada, chamados e justificados nesta vida presente, e prometeu glorificar no futuro (Rm 8:30, veja Efésios 1:11). Conseqüentemente, a igreja não é o edifício físico onde os cristãos se encontram, nem é uma instituição religiosa, uma organização ética ou uma associação sociopolítica. Em vez disso, a igreja é a assembléia dos redimidos - aqueles que foram chamados por Deus Pai para a salvação como um presente para seu Filho (João 6:37; 10:29; 17: 6, 9, 24). É a reunião corporativa daqueles que foram transferidos do domínio das trevas para o reino de Cristo (Cl 1:13) para que eles sejam cidadãos do céu e não deste mundo (Filipenses 3:20; 2:11).

A igreja nasceu no dia de Pentecostes (Atos 2: 1-21, 38-47), tendo sido comprada pelo Cristo crucificado e ressuscitado (Atos 20:28, Col. 3: 1-4), que ascendeu À mão direita do Pai, que "pôs todas as coisas debaixo dos seus pés eo deu como cabeça sobre todas as coisas à igreja" (Efésios 1:22). Após a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, a igreja aumentou constantemente em número, conforme o evangelho foi fielmente proclamado em todo o mundo (Atos 2:41, 4: 4, 5:14, 6: 7, 9:31, 42, 11 : 21, 24, 14: 1, 16: 5). Almas foram acrescentadas à igreja, uma de cada vez, pelo poder regenerador do Espírito, como o Senhor graciosamente atraiu pecadores individuais para si mesmo (Atos 2:39). Assim, foi "o Senhor [que] acrescentou ao seu número, dia após dia, aqueles que estavam sendo salvos" (2:47). Na primeira viagem missionária de Paulo, Os gentios responderam à pregação do evangelho "alegrando-se e glorificando a palavra do Senhor, e todos os que foram nomeados para a vida eterna creram". E a palavra do Senhor se espalhou por toda a região "(Atos 13: 48-49). O poder da mensagem evangélica de converter pessoas a

Cristo não foi encontrado na engenhosidade ou persuasão do pregador (1 Coríntios 2: 4; 1 Tessalonicenses 1: 5), mas no fato de que Deus soberanamente chamou a si mesmo um remanescente, Que responderiam na fé salvadora. O avanço do evangelho descrito no livro de Atos tem continuado ao longo dos séculos da história da igreja, como a boa notícia da salvação tem sido anunciada por gerações de fiéis crentes em todo o mundo. E a palavra do Senhor se espalhou por toda a região "(Atos 13: 48-49). O poder da mensagem evangélica de converter pessoas a Cristo não foi encontrado na engenhosidade ou persuasão do pregador (1 Coríntios 2: 4; 1 Tessalonicenses 1: 5), mas no fato de que Deus soberanamente chamou a si mesmo um remanescente, Que responderiam na fé salvadora. O avanço do evangelho descrito no livro de Atos tem continuado ao longo dos séculos da história da igreja, como a boa notícia da salvação tem sido anunciada por gerações de fiéis crentes em todo o mundo. E a palavra do Senhor se espalhou por toda a região "(Atos 13: 48-49). O poder da mensagem evangélica de converter pessoas a Cristo não foi encontrado na engenhosidade ou persuasão do pregador (1 Coríntios 2: 4; 1 Tessalonicenses 1: 5), mas no fato de que Deus soberanamente chamou a si mesmo um remanescente, Que responderiam na fé salvadora. O avanço do evangelho descrito no livro de Atos tem continuado ao longo dos séculos da história da igreja, como a boa notícia da salvação tem sido anunciada por gerações de fiéis crentes em todo o mundo.

Um dia, a era da igreja alcançará sua plenitude gloriosa quando Cristo vier arrebatar a sua própria (1 Coríntios 15: 51-53; 1 Tessalonicenses 4: 13-18). Naquela hora,

> O próprio Senhor descerá do céu com um grito de comando, com a voz de um arcanjo, e com o som da trombeta de Deus. E os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então [aqueles crentes] que estão vivos, que ficaram, serão arrebatados juntamente com eles nas nuvens para encontrar-se com o Senhor nos ares, e assim estarão sempre com o Senhor. (1 Tessalonicenses 4: 16-17)

Daquele ponto em diante, a igreja estará na presença de seu Salvador para toda a eternidade (Ap 22: 3-5).

Ao longo de sua história, a igreja tem sofrido temporadas de perseguição severa de forças externas (João 15: 18-25, 1 Pedro 1: 6, 1 João 3:13), enquanto também enfrentam ameaças internas de falsos professores (2 Pet 2: 1, Jude 3-4). Apesar de tais perigos, tanto de fora como de dentro, a verdadeira igreja nunca pode ser derrotada ou extinguida. O Senhor Jesus assegurou aos seus discípulos que ele iria construir a sua igreja e que as portas dos hades não iria vencê-lo (Mateus 16:18). Os "portões dos hades" são uma metáfora para a morte e, por extensão, o poder de Satanás (Hebreus 2:14). A promessa de Cristo em Mateus 16:18 garante que o corpo universal de crentes sob sua liderança terá um testemunho duradouro que não pode ser destruído por este mundo, Satanás, ou mesmo a morte (1 Cor 15: 54-57). Não importa o quão legalistas ou apóstatas seus adeptos podem ser, E não importa quão decadente ou hostil o resto do mundo pode se tornar, Cristo prometeu que ele vai construir a sua igreja. Embora suas circunstâncias externas possam parecer impossíveis ou impossíveis de uma perspectiva humana, o povo de Deus pertence a uma causa que não pode falhar. Como arquiteto, construtor, dono e Senhor de sua igreja, Cristo conforta seus seguidores com a verdade de que eles são sua possessão pessoal (Tito 2:14), os objetos de seu amor inabalável e cuidado divino (cf. 5: 2, 25).

Projeto de Cristo para sua igreja

Em Mateus 16:18, Jesus entrega sete princípios de marca para a construção de sua igreja. Ninguém deve lançar-se no início de uma nova igreja ou assumir o desafio de

revitalizar uma igreja desgastada até que as verdades definidoras desta escritura tenham agarrado o coração ea mente.

UMA FUNDAÇÃO PERMANENTE

A característica inicial envolve um fundamento permanente: "Tu és Pedro, e *sobre esta rocha* edificarei a minha igreja" (Mateus 16:18). Cristo buscou apaixonadamente o fruto duradouro da eternidade. Em sua promessa, ele explicitamente olhou para um legado eterno. Jesus não tinha em mente o temporário, o faddish, ou o "aqui hoje, ido amanhã." Ele apontou para a igreja como tendo uma relevância *para sempre* .

O fundamento não era Pedro, porque Cristo aqui distingue entre um pedregulho móvel e destacado (o significado básico de Cefas e Pedro [Gk. *Petros*]) e a inabalável, inamovível fundação adequada para a igreja. A palavra Cristo usada para "rocha" (Gk. *Petra*) *significa* rocha ou massa de rocha usada pelo construtor sábio (Mateus 7: 24-25).

Qual ou quem, então, é a rocha? O Antigo Testamento retrata Deus como a rocha em quem os crentes encontram força e refúgio:

> Não há ninguém santo como o SENHOR ;
> Não há ninguém além de você;
> Não há rocha como o nosso Deus. (1 Sam. 2: 2)
>
> O SENHOR é a minha rocha, a minha fortaleza eo meu libertador,
> Meu Deus, meu rochedo, em quem me refugio. (Salmo 18: 2)
>
> Pois quem é Deus, mas o SENHOR ?
> E quem é uma rocha, senão o nosso Deus? (Salmo 18:31)

Paulo identificou Cristo como a rocha no deserto (1 Coríntios 10: 4). Anteriormente, em 1 Coríntios, o apóstolo escreveu: "Porque ninguém pode estabelecer outro fundamento senão o que está posto, que é Jesus Cristo" (3:11). Curiosamente, um versículo anterior Paulo havia afirmado: "Eu estabeleci uma fundação" (1 Coríntios 3:10). Como Paulo "estabeleceu" Cristo como fundamento? Tinha que ser em sua pregação de Cristo (1 Cor. 2: 1-2). Agora, se o testemunho de Paulo sobre Cristo é o fundamento que ninguém mais pode estabelecer, então parece melhor entender o *fundamento* da igreja como o testemunho de Pedro sobre Cristo: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Mateus 16:16). Foi a declaração de Pedro que levou a promessa de Jesus.

Como é praticamente impossível separar o testemunho de Cristo da realidade de Cristo, podemos identificar a "rocha" como o próprio Cristo na plenitude de sua deidade, seu papel como Redentor e sua liderança na igreja. Só Cristo é a rocha da redenção em que a igreja está sendo construída (Atos 4: 11-12).

ENVOLVIMENTO PESSOAL

Segundo, Cristo prometeu seu envolvimento pessoal: " *Eu* edificarei a minha igreja" (Mt 16:18). Nós não fomos deixados para a tarefa sozinhos. Cristo está com seu povo (Mt 28:20) e neles (Col. 1:27). Ele está constantemente entre sua igreja (Apocalipse 1: 12-13, 20). Paulo disse à igreja de Corinto: "Porque somos cooperadores de Deus" (1 Coríntios 3: 9). Que privilégio sermos parceiros com Cristo na construção de sua igreja. Como reconfortante saber que ele construiu a igreja ao longo de sua história e vai continuar a construí-lo em todo o seu futuro. A participação de Cristo é indispensável para levantar sua igreja.

UMA EXPECTATIVA POSITIVA

“I *vai* edificarei a minha igreja” (Mat. 16:18). Este não é um sonho ocioso sobre o que poderia ser. A asserção confiante de Cristo garante que a igreja tem uma expectativa positiva. Em tempos em que o futuro da igreja parece sombrio e sua condição incerta, essa poderosa promessa deve elevar o espírito dos crentes. A igreja será triunfante porque Cristo começou a construir a igreja com a intenção de completá-la (Efésios 5: 26-27).

UM AVANÇO PODEROSO

Jesus afirmou que sua igreja teria um poderoso avanço: "Eu *edificarei a* minha igreja" (Mt 16:18). A igreja experimentou um começo explosivo com três mil membros sendo adicionados no primeiro dia (Atos 2:41). "E o Senhor acrescentava ao seu número, dia após dia, aqueles que estavam sendo salvos" (Atos 2:47).

O que está contido em uma simples frase em Mateus 16 se transforma em uma realidade expansiva no tempo da Revelação de João. Antes do Novo Testamento terminar, as igrejas se espalharam pelo rosto do Império Romano. Eles incluíram locais como Antioquia, Berea, Cesaréia, Colossos, Corinto, Creta, Chipre, Derbe, Éfeso, Galácia, Iconium, Joppa, Laodicea, Listra, Pergamum, Filadélfia, Filipos, Sardes, Esmirna, Tessalônica e Tiatira. Jerusalém para Roma. Os esforços de construção de Cristo continuam até essa mesma hora, em todas as partes do mundo, exatamente como ele pretendia (veja Marcos 16:15 e Lucas 24:47).

UMA PROPRIEDADE DE PAGO INTEGRAL

Cristo comprou a igreja com seu próprio sangue e, portanto, possui a propriedade exclusiva e cheia de pagamento da igreja: "Eu edificarei a *minha* igreja" (Mateus 16:18, ver Atos 20:28). Cristo é Senhor; Nós somos seus servos (2 Cor. 4: 5). Paulo escreve aos crentes em Roma: "Todas as igrejas de Cristo vos saúdam" (Romanos 16:16). Nem individualmente nem corporativamente, os cristãos têm qualquer direito de propriedade para a igreja. A igreja pertence exclusivamente ao seu Redentor (1 Coríntios 3:23; 6: 19-20). Cristo é o Cabeça da igreja (Ef 1:22, 5:23). O Chefe Pastor possui o rebanho que ele conduz (João 10: 14-15).

UMA PRIORIDADE CENTRADA EM PESSOAS

Para Cristo, a igreja tem uma prioridade centrada no povo: "Eu edificarei a minha *igreja* " (Mt 16:18). A igreja inclui uma assembléia de pessoas que creram em Jesus Cristo para a vida eterna (Atos 4:32). Jesus usa pedras vivas - pessoas individuais - para construir sua igreja (1Pe 2: 5). O mandato da evangelização é levar o evangelho a todas as nações (Lucas 24:47). O objetivo da edificação é apresentar cada crente completo em Cristo (Col. 1:28).

A palavra grega traduzida como "igreja" significa literalmente a congregação que foi chamada. O Novo Testamento retrata a igreja como constituída pelos que foram libertados do reino das trevas e transferidos para o reino de Cristo (Col. 1:13). Os tessalonicenses, por exemplo, haviam abandonado os ídolos para servir a um Deus verdadeiro e vivo (1 Tessalonicenses 1: 9). A igreja tem sido chamada a ter comunhão com Jesus Cristo (1 Coríntios 1: 9). Cristo chamou seus redimidos das trevas para sua luz maravilhosa (1Pe 2: 9).

UMA PROMESSA DO SUCESSO

Jesus prometeu sucesso à igreja: "Eu edificarei a minha igreja, e *as portas do inferno não prevalecerão contra ela* " (Mt 16:18). Como entender esse sucesso? No Antigo Testamento, as "portas do" são usadas com o Seol (Isaías 38:10) e a morte (Jó 38:17, Salmos 9:13; 107: 18), ambos referentes à morte física. Mas como a promessa de Jesus deixa claro, até a ameaça da morte não pode dominar sua igreja.

O escritor de Hebreus encoraja os crentes a saberem que através da morte Cristo tornou impotente aquele que tinha o poder da morte, ou seja, o Diabo (Hebreus 2:14). Paulo escreveu esta canção de vitória cristã aos Coríntios:

> Quando o perecível se vestir de incorruptível e o mortal se revestir da imortalidade, então acontecerá o dito que está escrito:
>
> "A morte é engolida em vitória."
> "Ó morte, onde está a tua vitória?
> Ó morte, onde está a sua picada? "
>
> A picada da morte é pecado, eo poder do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Cor. 15: 54-57, ver João 11:25)

A Igreja eo Reino

Durante seu ministério terrena, o Senhor Jesus repetidamente demonstrou ser o Messias e o Rei prometidos por Israel. Mas a nação recusou recebê-lo (João 1:11; 5:43). Embora o povo judeu tivesse antecipado sua chegada por séculos, desejando os tempos de restauração e restauração messiânica preditos pelos profetas (Atos 3: 19-26), eles rejeitaram seu Rei legítimo eo reino que ele ofereceu (Atos 2:22 -23). Conseqüentemente, Jesus disse aos líderes religiosos judeus de seu tempo: "Portanto, eu vos digo que o reino de Deus será tirado de vós e dado a um povo que produz seus frutos" (Mateus 21:43). Essas palavras de repreensão enfatizavam o juízo divino colocado sobre os líderes de coração duro de Israel ea nação que eles representavam.

No entanto, a rejeição de Israel não minou as graciosas promessas feitas por Deus no Antigo Testamento. Essas promessas do reino um dia serão literalmente cumpridas quando o povo judeu abraçar o seu Rei na fé salvadora (Romanos 11: 25-26). Na segunda vinda de Cristo, a nação receberá seu Messias (Zc 12:10; 14: 8-9), e seu reino será fisicamente estabelecido na terra por mil anos (Ap 20: 1-6; Ver 2 Tim. 4: 1). Essa realidade ainda é futura. Enquanto isso, Deus está realizando os propósitos de seu reino através de outro povo, como as palavras de Cristo em Mateus 21:43 deixam claro. Essa entidade é a igreja (Romanos 9: 25-26, 1 Pedro 2: 9).

Os profetas do Antigo Testamento predisseram detalhes sobre o sofrimento do Messias (Isaías 53: 1-12) e seu reino terrenal (Isaías 2: 1-4, 9: 6-7, Zc 14: 8-21). No entanto, eles não indicaram que um período prolongado de tempo transpiraria entre essas duas realidades. A noção de um período intermediário entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, durante a qual os gentios seriam incorporados ao povo de Deus ao lado dos crentes judeus (Romanos 11: 11-20), foi um mistério que não foi revelado até o Novo Testamento 3: 4-7).

Embora o reino físico de Cristo na terra aguarde sua realização futura, o Senhor Jesus trouxe um reino espiritual interno na sua primeira vinda (Mt 13: 3-52; Lucas 17: 20-21). Esse reino pode ser definido como o reino da salvação. Ele está aberto apenas para aqueles que foram regenerados pelo Espírito Santo (João 3: 3, ver Mateus 13: 11-16), tendo se arrependido do seu pecado (Mt 3: 2; 4:17; : 3) e abraçou o Senhor Jesus em fé infantil (Mateus 19: 13-14). Ele não pode ser alcançado por meio da justiça própria ou do legalismo (Mateus 5:20; 23:13), mas é caracterizado por "justiça e paz e alegria no

Espírito Santo" (Romanos 14:17). O Novo Testamento descreve os crentes como aqueles que foram entregues "do domínio das trevas e transferidos ... para o reino de seu Filho amado, em quem [eles] têm redenção, o perdão dos pecados" (Col 1: 13-14). Na salvação, tornam-se cidadãos do céu (Filipenses 3: 20-21) e escravos reais ao serviço do seu Rei (Mt 25:21, 23; 1 Tessalonicenses 2:12). O Senhor Jesus reina nos corações de seu povo quando se submetem à sua vontade e o honram com suas vidas (Tito 2:14). A magnífica realidade da salvação é que, por meio da fé, os pecadores podem entrar no reino de Deus onde o próprio Deus trino se instala em seus corações (João 14:17, 23).

O reino espiritual de Cristo cresce e avança através da pregação do evangelho (Marcos 1: 14-15, ver Mateus 22: 1-14, 2 Coríntios 7: 9-11), como os filhos das trevas são transformados em crianças Da luz (Efésios 5: 5, 8). O evangelho proclamado pela igreja não é nada menos do que "boas novas sobre o reino de Deus eo nome de Jesus Cristo" (Atos 8:12, ver Mateus 4:23; 9:35; 13:19; 24:14). Depois de pregar o evangelho em várias cidades em sua primeira jornada missionária, Paulo e Barnabé voltaram a fortalecer "as almas dos discípulos, encorajando-os a continuar na fé e dizendo que através de muitas tribulações devemos entrar no reino de Deus" (Atos 14:22). Em sua terceira viagem missionária, Paulo "entrou na sinagoga [em Éfeso] e durante três meses falou ousadamente, raciocinando e persuadindo-os sobre o reino de Deus" (Atos 19: 8, 25). O apóstolo testemunhou mais tarde um grupo de líderes judeus que o visitaram em Roma, "testemunhando o reino de Deus e tentando convencê-los sobre Jesus, tanto da Lei de Moisés como dos Profetas" (Atos 28:23; : 31). Assim, Paulo se descreveu como um operário do reino de Deus (Colossenses 4:11), explicando que "o reino de Deus não consiste em conversa, mas em poder" (1 Cor. 4:20) e advertindo que "os injustos Não herdar o reino de Deus "(1 Coríntios 6: 9, Gálatas 5:21, Ef 5: 5).

Como seu reino espiritual, a igreja submete-se a Jesus Cristo como sua Cabeça, Mestre, Senhor e Rei (Efésios 1:22 e Col 1:18). Sua lei é seu padrão (Gálatas 6: 2). Sua Palavra é o seu credo (Col. 3:16). Sua vontade é o seu mandato (ver Hb 13: 20-21). E sua glória é a sua maior ambição (2 Coríntios 5: 9). Assim, Pedro poderia dizer aos seus leitores cristãos:

> Você é uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo para sua própria possessão, para que você possa proclamar as excelências daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz. Uma vez que você não era um povo, mas agora você é o povo de Deus; Uma vez que você não recebeu misericórdia, mas agora você recebeu misericórdia. (1 Pe 2: 9-10)

A Igreja Visível e Invisível

O Novo Testamento reconhece que nem todos os que se associam externamente à igreja são crentes verdadeiros (Mateus 13: 24-30, Judas 4). Consequentemente, nem todos os que fazem parte da igreja visível (a companhia daqueles que externamente professam fé em Cristo) são na verdade membros da igreja invisível (a comunidade daqueles que realmente possuem fé salvadora nele). Sempre há falsos professores e hipócritas que se associam à igreja visível. O próprio Jesus advertiu que muitos pretenderão conhecê-lo que na realidade não:

> Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, e não expulsamos demônios em teu nome, e fizemos muitos milagres em teu nome? E então lhes declararei: Nunca o conheci; Afastai-vos de mim, operários da iniquidade. "(Mateus 7: 21-23)

À luz da advertência séria de Cristo, aqueles que professam fé em Cristo devem examinar-se para assegurar-se de que estão verdadeiramente na fé (2 Coríntios 13: 5, ver 1 João 2: 3-11).

O Novo Testamento também adverte sobre os falsos mestres que deliberadamente procuram ameaçar a igreja de dentro (Mateus 7:15, Marcos 13:22, 2 Pedro 2: 1, 1 João 4: 1, Judas 3-4). Como Paulo advertiu aos anciãos de Éfeso: "Sei que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos ferozes, que não pouparão o rebanho; E de entre vós mesmos se levantarão homens falando coisas torcidas, para atrair os discípulos depois deles "(Atos 20: 29-30). Quando as igrejas locais, ou mesmo denominações inteiras ou os chamados movimentos cristãos, abraçam falsos ensinamentos - abandonando assim a pureza do evangelho (Gálatas 1: 6-9) e negando a autoridade de Jesus Cristo (Tito 1:16; Essas igrejas são uma abominação para o Senhor (ver Apocalipse 2: 20-24; 3: 1-4).). Em contraste, a verdadeira igreja exalta o senhorio de Cristo,

A Igreja Universal e as Igrejas Locais

A igreja universal inclui todos os cristãos genuínos durante toda a era da igreja. Eles são membros da "assembléia dos primogênitos que estão inscritos no céu" (Hb 12:23), tendo sido declarados justos porque seus pecados foram lavados pelo sangue de Jesus Cristo (Apocalipse 1: 5). Todos os crentes verdadeiros ao longo da história da igreja - tanto os vivos hoje como os que já estão no céu - constituem a igreja universal.

O Novo Testamento instrui aqueles que fazem parte da Igreja universal em cada geração, espalhados por todo o mundo, a se reunirem regularmente em assembléias locais. Esse era claramente o padrão da igreja primitiva (Atos 14:23, 27, 20:17, 28, 1 Coríntios 11: 18-20, Gálatas 1: 2, 1 Tessalonicenses 1: 1). De acordo com esse paradigma, o autor de Hebreus oferece esta diretriz: "Consideremos como agitar uns aos outros para o amor e boas obras, não negligenciando o encontro, como é hábito de alguns, mas encorajando uns aos outros, e todos Tanto quanto você vê o Dia se aproximando "(Heb 10: 24-25).

A igreja local é projetada para equipar os crentes, alimentando-os através do ensino da Palavra de Deus (Atos 2:42, 1 Tim. 4:13), levando-os em louvor corporativo e adoração (Efésios 5: 18-20, Hebreus 13 : 15), protegendo-os sob a supervisão pastoral de líderes piedosos (Atos 20:28, Hebreus 13: 7, 17, 1 Pedro 5: 1-4), e proporcionando-lhes oportunidades de servir uns aos outros (1 Ped. 4: 10-11). De acordo com o desígnio de Deus, o envolvimento ativo em uma igreja local é imperativo para os crentes que procuram viver de uma maneira que honre Jesus Cristo. É somente através do ministério da igreja local que os cristãos podem receber o ensino, a prestação de contas e o encorajamento regulares necessários para que se mantenham firmes na fé que são chamados a proclamar.

A Distinção entre a Igreja e Israel

Ao definir a igreja, é necessário entender a relação entre a igreja do Novo Testamento e o Antigo Testamento de Israel. Os defensores da teologia de substituição (também chamada de supersessionismo) insistem que a igreja é o novo Israel. De acordo com este ponto de vista, as bênçãos prometidas à nação judaica no Velho Testamento foram totalmente transferidas para a igreja. Mas esta posição não reconhece a distinção entre a igreja e Israel que é mantida em todo o Novo Testamento (1 Coríntios 10:32). O Novo Testamento apresenta a igreja como uma nova entidade (Efésios 2:15), um mistério que não foi completamente revelado até esta era (Ef 3: 1-6, 5:32 e Col. 1: 26-27). Isso é

consistente com a descrição de Jesus da igreja como uma realidade que, antes de sua morte e ressurreição, ainda era futura (Mt 16:18).

Dos mais de dois mil usos do termo Israel nas Escrituras, mais de setenta são encontradas no Novo Testamento. Os comentaristas bíblicos concordam que a maioria destas ocorrências se referem a Israel étnico (ou a nação como um todo ou um grupo de pessoas judaicas). No entanto, alguns afirmam que em certas ocasiões os autores do Novo Testamento aplicam o nome de Israel à igreja. No entanto, quando as passagens em questão são estudadas com cuidado, torna-se evidente que apenas os israelitas étnicos estão em vista. Conseqüentemente, um caso convincente pode ser feito para demonstrar que, sempre que os escritores do Novo Testamento usam o termo Israel, eles o reservam exclusivamente para Israel nacional.

Duas passagens do Novo Testamento, Romanos 9: 6 e Gálatas 6:16, são os principais alvos do debate sobre o significado do termo Israel. Em Romanos 9.6, o apóstolo Paulo explica que "nem todos os descendentes de Israel pertencem a Israel". O contexto em Romanos 9 indica que Paulo não está falando sobre toda a igreja, mas sobre os crentes judeus - um remanescente distinto de israelitas Dentro da maior nação incrédula (Romanos 11: 5). Que o apóstolo tenha os descendentes físicos de Abraão à vista é claro de Romanos 9: 3, onde ele afirma diretamente que ele está falando sobre seus "parentes segundo a carne". Além disso, esses versículos ocorrem dentro de uma seção mais ampla do argumento de Paulo nesta epístola , No qual ele está afirmando que Deus não abandonou a nação de Israel apesar de sua incredulidade (Romanos 9-11). À luz do contexto maior e mais estreito, o versículo 6 só pode se referir aos israelitas étnicos. Eles são "Israel verdadeiro" no sentido de que são israelitas étnicos que se comportaram como o povo genuíno de Javé abraçando seu Messias.

A outra passagem debatida é Gálatas 6:16. Lá, Paulo estende a seguinte saudação a seus leitores: "E quanto a todos os que andam por esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus". Alguns sugeriram que "o Israel de Deus" nesta passagem se refere Para a igreja como um todo, mas essa interpretação não é convincente. Tanto a gramática como o contexto do verso sugerem que "o Israel de Deus" se refere aos cristãos judeus e não a toda a igreja. Gramaticamente, Paulo está se referindo claramente a dois grupos distintos de pessoas neste versículo, com o pronome "eles" falando de um grupo e "o Israel de Deus" falando de um segundo. Uma leitura direta do verso sugere que "eles" se refere a crentes gentios nas igrejas gálatas (veja Atos 13: 46-48) que se submeteram à instrução apostólica que Paulo tinha articulado nesta epístola. Em particular, eles não foram influenciados pelo falso ensino dos judaizantes que insistiam que os cristãos gentios devem ser circuncidados (Gálatas 6: 12-15, ver Atos 15: 1 e Gálatas 2: 3). Se o primeiro grupo se refere a crentes gentios, segue-se que o segundo grupo, distinguindo-se do primeiro, refere-se a cristãos judeus étnicos. Por terem sido circuncidados em seus corações e não apenas fisicamente (Rm 2: 28-29), eles eram os verdadeiros israelitas, o mesmo grupo a que Paulo se referia em Romanos 9: 6 (Romanos 4:12) (Filipenses 3: 3). Contextualmente, o elogio do apóstolo de judeus cristãos serviu como uma nota de encerramento importante no final desta carta em que ele denunciou os judaizantes. A forte refutação de Paulo sobre a idéia de que as obras da lei mosaica eram necessárias para a salvação pode ter levado alguns a concluir que Deus havia abolido total e definitivamente a nação judaica, tão associada à observância da lei. A nota especial do apóstolo de saudação aos crentes israelitas ilustrou a realidade de que tal não era o caso (Romanos 11: 1, 26).

Porque o Novo Testamento distingue entre a igreja e Israel, é necessário para os crentes manter a mesma distinção. Confligar os dois pode levar a significativos problemas hermenêuticos e interpretativos, nos quais promessas e diretrizes especificamente

dirigidas à nação de Israel são espiritualizadas ou alegorizadas e incorretamente aplicadas aos crentes gentios na igreja. Embora Deus esteja trabalhando através da igreja internacional nesta época atual (Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11), e embora a igreja compartilhe as bênçãos da nova aliança (Lucas 22:20, 2Co 3: 3 8: 7-13, 9:15), no futuro Deus voltará sua atenção para a nação de Israel em cumprimento de suas promessas a eles (Romanos 11: 25-26, ver Dan. 9: 24-27).

Metáforas Bíblicas para a Igreja

O Novo Testamento usa muitas analogias para descrever o relacionamento de Deus com seu povo. Ele é o seu Rei; Eles são seus súditos (Mateus 25:34, 1 Coríntios 4:20, Filipenses 3:20, Col 1: 13-14). Ele é o Criador; Eles são suas criaturas (2 Cor. 5:17, Ef 2:10). Ele é o Pastor; Eles são as suas ovelhas (João 10: 3, 11, 14, 26, Hebreus 13:20, 1 Pedro 2:25, 5: 2-4). Ele é o Mestre; Eles são seus escravos (Mateus 10: 24-25, Romanos 14: 4, Ef 6: 9, Col. 4: 1, 2 Tim. 2:21, Judas 4). Ele é seu Pai (Mt 6: 9, Romanos 1: 7); Eles são seus filhos adotados (João 1:12, Romanos 8: 16-17, 21, Filipenses 2:15, 1 João 3: 1-2, Romanos 8:14, 19, 2 Cor. 6: 18, Gálatas 3:26, 4: 6, Hebreus 12: 7) e os membros de sua casa (Gálatas 6:10, Ef 2:19, 1 Tim. 3:15, 1 Pedro 4:17), A ponto de o Senhor Jesus "não se envergonhar de chamá-los de irmãos" (Hebreus 2:11) e "Deus não se envergonha de ser chamado seu Deus" (Heb 11:

A igreja é descrita como a noiva de Cristo (2 Coríntios 11: 2, Ef 5: 23-32, Apocalipse 19: 7-8, 21: 9) e o corpo de Cristo (Romanos 12: 4- 1 Coríntios 12:12, 27, Ef 4:12, 25, 5:23, 30, Col. 1:24), dos quais ele é a Cabeça (Efésios 1: 22-23; Col 1:18, 2:19). Ambas as metáforas enfatizam a união espiritual que existe entre Cristo e os seus (Gálatas 2:20). A Escritura fala de crentes que estão em Cristo e de seu ser neles (João 17:23, 2 Coríntios 5:17, Colossenses 1:27). O Senhor Jesus é mais do que simplesmente *com* sua igreja; ele está *em* sua igreja, e sua igreja é *na* dele. A igreja é um todo orgânico, a manifestação viva de Jesus Cristo que pulsa com a vida eterna de Deus. O denominador comum de todos os crentes é que eles possuem a vida divina. Jesus disse: "Porque eu vivo, vocês também viverão" (João 14:19). O restante do Novo Testamento ecoa essa verdade: "Quem tem o Filho tem a vida" (1 João 5:12), porque "aquele que se une ao Senhor se torna um espírito com ele" (1 Coríntios 6:17).

A imagem do corpo é única em ilustrar a relação entre Cristo ea igreja. Deus criou o corpo humano como um organismo maravilhosamente complexo, com intricada e elaborada inter-relação e harmonia. Como um todo interdependente e unificado, ele não pode funcionar se dividido em suas partes. Da mesma forma, o corpo de Cristo é um todo unificado. Existem muitas organizações e funções religiosas, mas somente a igreja é o corpo de Cristo, do qual todo verdadeiro crente em Cristo é membro. O Senhor Jesus não pode estar mais separado de sua igreja do que uma cabeça pode ser separada de seu corpo. Por outro lado, aqueles que são parte de sua igreja não podem ser separados dele (João 10: 28-29, Romanos 8: 38-39) ou uns aos outros (1 Coríntios 12: 12-27).

Outra metáfora do Novo Testamento que ilustra a união vital que os crentes compartilham com Cristo é a da videira e dos ramos (João 15: 1-11, ver Rm 11:17). Da mesma forma que um ramo é totalmente dependente da videira para sua vida, nutrição e crescimento, assim os crentes dependem inteiramente do Salvador como a fonte de sua vitalidade espiritual. Um ramo que não está ligado à videira não pode dar frutos. Do mesmo modo, além da sua união com Cristo, os crentes são incapazes de dar frutos espirituais (João 15: 4-10). É somente permanecendo nele que os cristãos podem exibir frutos de arrependimento (Mt 3: 8) e o fruto do Espírito (Gálatas 5: 22-24, Ef 5: 9).

A comunhão íntima que a igreja desfruta com Deus através de Cristo (João 17:21, 1 Coríntios 1: 9, 1 João 1: 3, 2:24) é ilustrada mais adiante pela descrição do Novo Testamento da igreja como o templo de Deus . No Antigo Testamento, o templo era a peça central da adoração de Israel. Era o lugar onde o povo de Deus ia adorá-lo através da mediação de um sacerdote. Um véu separava o povo do Lugar Santíssimo, onde se manifestava a presença de Deus (Êxodo 26: 31-35). Mas o Novo Testamento revela que os próprios crentes são o templo de Deus e que todo cristão tem acesso a Deus através de Cristo (Hebreus 4: 14-16; 10: 19-23). Tendo sido construídos sobre o fundamento do Senhor Jesus (1 Coríntios 3: 10-11 e 1 Pedro 2: 7), os cristãos são descritos como pedras vivas que compõem o templo de Deus (1 Pe 2: 4-8). Eles também são descritos como um reino de sacerdotes (1 Pe 2: 9-10, Ap 1: 6, 5:10). O apóstolo Paulo usa imagens do templo para descrever os crentes, individualmente (1 Coríntios 6: 19-20) e corporativamente (1 Cor. 3: 16-17, Ef 2: 21-22). Cristo é o construtor (Mateus 16:18); Os crentes são o edifício (Ef 2: 20-22, ver Hb 3: 3-6). A igreja, portanto, é um edifício espiritual (1 Pedro 2: 5), a morada do Espírito Santo (1Co 3: 16-17, 2 Coríntios 6:16), o lugar onde a glória de Deus se manifesta mais Claramente na terra, eo núcleo da instrução espiritual e do culto corporativo para os redimidos. Ao contrário dos edifícios feitos com pedra, a igreja é um edifício feito com carne viva. Os crentes são pedras vivas no templo de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios espirituais (Romanos 12: 1 e Hebreus 13: 15-16). O apóstolo Paulo usa imagens do templo para descrever os crentes, individualmente (1 Coríntios 6: 19-20) e corporativamente (1 Cor. 3: 16-17, Ef 2: 21-22). Cristo é o construtor (Mateus 16:18); Os crentes são o edifício (Ef 2: 20-22, ver Hb 3: 3-6). A igreja, portanto, é um edifício espiritual (1 Pedro 2: 5), a morada do Espírito Santo (1Co 3: 16-17, 2 Coríntios 6:16), o lugar onde a glória de Deus se manifesta mais Claramente na terra, eo núcleo da instrução espiritual e do culto corporativo para os redimidos. Ao contrário dos edifícios feitos com pedra, a igreja é um edifício feito com carne viva. Os crentes são pedras vivas no templo de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios espirituais (Romanos 12: 1 e Hebreus 13: 15-16). O apóstolo Paulo usa imagens do templo para descrever os crentes, individualmente (1 Coríntios 6: 19-20) e corporativamente (1 Cor. 3: 16-17, Ef 2: 21-22). Cristo é o construtor (Mateus 16:18); Os crentes são o edifício (Ef 2: 20-22, ver Hb 3: 3-6). A igreja, portanto, é um edifício espiritual (1 Pedro 2: 5), a morada do Espírito Santo (1Co 3: 16-17, 2 Coríntios 6:16), o lugar onde a glória de Deus se manifesta mais Claramente na terra, eo núcleo da instrução espiritual e do culto corporativo para os redimidos. Ao contrário dos edifícios feitos com pedra, a igreja é um edifício feito com carne viva. Os crentes são pedras vivas no templo de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios espirituais (Romanos 12: 1 e Hebreus 13: 15-16). 2: 20-22; Cf. Heb. 3: 3-6). A igreja, portanto, é um edifício espiritual (1 Pedro 2: 5), a morada do Espírito Santo (1Co 3: 16-17, 2 Coríntios 6:16), o lugar onde a glória de Deus se manifesta mais Claramente na terra, eo núcleo da instrução espiritual e do culto corporativo para os redimidos. Ao contrário dos edifícios feitos com pedra, a igreja é um edifício feito com carne viva. Os crentes são pedras vivas no templo de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios espirituais (Romanos 12: 1 e Hebreus 13: 15-16). 2: 20-22; Cf. Heb. 3: 3-6). A igreja, portanto, é um edifício espiritual (1 Pedro 2: 5), a morada do Espírito Santo (1Co 3: 16-17, 2 Coríntios 6:16), o lugar onde a glória de Deus se manifesta mais Claramente na terra, eo núcleo da instrução espiritual e do culto corporativo para os redimidos. Ao contrário dos edifícios feitos com pedra, a igreja é um edifício feito com carne viva. Os crentes são pedras vivas no templo de Deus, oferecendo-lhe sacrifícios espirituais (Romanos 12: 1 e Hebreus 13: 15-16).

Propósitos da Igreja

Exaltando Deus
Edificação dos crentes
Evangelizar os Perdidos

Quando vista do ponto de vista da história da salvação, a igreja existe para mostrar a sabedoria e a misericórdia de Deus nesta era (Efésios 3:10, Romanos 9: 23-24, 11:33, 1 Coríntios 1:20 31), proclamando o evangelho de Jesus Cristo em todo o mundo (Mateus 28: 19-20, Atos 1: 8 e 1 Pedro 2: 9), para que os pecadores de todas as origens étnicas (Apocalipse 5: 9-10)) Pode ser resgatado do domínio das trevas e introduzido no reino de Deus (Col. 1: 12-13), e para que Israel descrente possa ser provocado ao ciúme e ao arrependimento (Romanos 10:19 e 11:11). Olhando para o futuro, o Novo Testamento também promete que a igreja um dia reinará com Cristo em glória (1 Coríntios 6: 2, 2 Tim. 2: 11-13, Ap 20: 4-6).

Do ponto de vista de como a igreja se relaciona com seus membros, seu propósito pode ser afirmado da seguinte forma: a igreja existe para glorificar a Deus (Efésios 1: 5-6, 12-14; 3: 20-21; 2 Tessalonicenses 1: 12), construindo ativamente seus membros na fé (Efésios 4: 12-16), ensinando fielmente a Palavra (2Tm 2:15; 3: 16-17), observando regularmente as ordenanças (Lucas 22:19; Atos 2: 38-42), promovendo proativamente a comunhão entre os crentes (Atos 2: 42-47; 1 João 1: 3), e comunicando corajosamente a verdade do evangelho aos perdidos (Mt 28: 19-20). Este objectivo pode ser resumido nas três rubricas seguintes.

Exaltando Deus

Porque Deus é zeloso para a sua glória (Isaías 48: 9-11, ver Isaías 43: 6-7, 49: 3), seu povo deve ser consumido com o desejo de glorificá-lo e exaltá-lo (1 Cor 10) : 31, ver 6:20). Consequentemente, uma igreja fiel é centrada em Deus, não centrada no homem. A igreja foi redimida para que os crentes pudessem glorificá-lo servindo uns aos outros (1 Pedro 4:11) e proclamando "as excelências daquele que os chamou das trevas para a sua luz maravilhosa" (1 Ped. : 9).

Uma das principais maneiras pelas quais a igreja exalta a Deus é através da adoração e do louvor. Sempre que a igreja se reúne, a adoração deve ser a última prioridade (João 4: 23-24). O culto consiste em atribuir a honra a Deus que ele é devido, declarando sua glória tanto em palavras de louvor (por exemplo, Salmo 29: 2, 95: 6, 99: 5, 9, Heb 12:28) e através de atos de Obediência (Romanos 12: 1). A verdadeira adoração inclui necessariamente a exaltação de Jesus Cristo, a quem o Pai exaltou, dando-lhe um nome que está acima de todo nome (Filipenses 2: 9, ver Atos 5:31). Cristo é "exaltado acima dos céus" (Hb 7:26). Por toda a eternidade, os redimidos louvarão seu nome (Apocalipse 4:10; 5: 12-13; 7:12; 14: 7; 15: 4). Enquanto isso, a igreja é a única esfera na terra onde o nome de Cristo é verdadeiramente e genuinamente exaltado.

Edificação dos crentes

Em 1 Coríntios 14, Paulo descreveu uma reunião típica na igreja primitiva com estas palavras: "Quando vocês se reúnem, cada um tem um hino, uma lição, uma revelação, uma língua ou uma interpretação. Todas as coisas sejam feitas para edificação "(14:26). Ele também instruiu os crentes tessalonicenses a "encorajar uns aos outros e a construir uns aos outros, assim como você está fazendo" (1 Tessalonicenses 5:11). Tal edificação ocorre através do ministério da Palavra (Atos 20:32, 2 Timóteo 3: 15-17, 1 Pedro 2: 2), a orientação da liderança divina (Ef 4: 11-12), o altruísmo Exercício de

doutrina espiritual (1 Coríntios 12: 7, 1 Pedro 4:10), ea prática do "um outro" ordena no Novo Testamento. Uma lista desses comandos inclui o seguinte:

1. Amai-vos uns aos outros (Romanos 12:10; 13: 8; 1 Tessalonicenses 3:12; 4: 9; 2 Tessalonicenses 1: 3; 1 Pm 1:22; 4: 8; 1 João 3:11 , 23, 4: 7, 11-12, 2 João 5).
2. Viva em harmonia uns com os outros (Romanos 12:16, 15: 5, Gálatas 5:26, 1 Tessalonicenses 5:13).
3. Bem-vindos uns aos outros (Rm 15: 7, ver Rm 16:16).
4. Admoestai-vos uns aos outros (Romanos 15:14 e Colossenses 3:16).
5. Cuidai uns dos outros (1 Coríntios 12:25).
6. Servir uns aos outros (Gálatas 5:13; 1 Pedro 4:10).
7. Carregar os fardos uns dos outros (Gálatas 6: 2).
8. Seja paciente uns com os outros (Ef 4: 2, Colossenses 3:13).
9. Seja bondosos uns com os outros (Efésios 4:32).
10. Perdoai-vos uns aos outros (Efésios 4:32 e Colossenses 3:13).
11. Cantem louvores uns com os outros (Efésios 5:19 e Colossenses 3:16).
12. Considerem-se uns aos outros como mais importantes do que a si mesmos (Fil. 2: 3).
13. Fale a verdade uns para os outros (Colossenses 3: 9).
14. Encorajai-vos uns aos outros (1 Tessalonicenses 4:18, 5:11, Hebreus 3:13, 10:25).
15. Busque o bem um para o outro (1 Tessalonicenses 5:15).
16. Agitar uns aos outros para o amor e boas obras (Hebreus 10:24, 1 Tim. 6: 17-18).
17. Confesse seus pecados uns aos outros (Tiago 5:16).
18. Orar uns pelos outros (Tiago 5:16).
19. Seja hospitaleiro uns com os outros (1Pe 4: 9).
20. Seja humilde uns para com os outros (1Pe 5: 5).

O contexto bíblico desses comandos indica que eles são principalmente destinados a governar o relacionamento do crente com os irmãos cristãos dentro da igreja. Ao colocar essas diretrizes em prática, o povo de Deus cumpre o segundo Grande Mandamento, amar o próximo como a si mesmo (Marcos 12:31, ver João 13:34; 15:12), edificando assim o corpo de Cristo (cf. 14:19; 15: 2) e exemplificando o amor de Cristo a um mundo de observação (João 13:35). Isso torna a transformação do evangelho visível e verificável, de modo que a mensagem é provada ser tão poderosa como afirma.

Evangelizar os Perdidos

Uma igreja que está apaixonadamente perseguindo a glória de Deus também terá uma forte ênfase no evangelismo, tanto localmente como ao redor do mundo. A comissão evangelística da igreja é articulada pelo próprio Jesus em Mateus 28: 18-20. Lá, ele instruiu seus seguidores com estas palavras:

> Toda autoridade no céu e na terra me foi dada. Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos tenho ordenado. E eis que eu estou convosco todos os dias, até o fim dos séculos.

A Grande Comissão indica que o verdadeiro evangelismo envolve fazer discípulos (e não apenas convencer os incrédulos a tomar decisões). Como pecadores respondem em fé salvadora à mensagem do evangelho, eles devem ser iniciados na igreja através do batismo e discípulos pela igreja através de ensinamentos sólidos. O padrão de fazer discípulos foi estabelecido pelo próprio Jesus, que procurou fazer discípulos durante seu ministério terreno (Marcos 1: 16-22, 2:14, João 8:31). Seu exemplo é ser continuado por seu povo. Verdadeiros seguidores de Cristo tornam-se "pescadores de homens" (Mateus 4:19), significando que aqueles que se tornam seus discípulos são eles mesmos discípulos.

Os crentes na igreja primitiva foram caracterizados por uma paixão de pregar o evangelho e fazer discípulos (Atos 2:47; 14:21). Seu zelo fez seus inimigos tomar conhecimento. Os líderes judeus hostis disseram a Pedro e aos outros apóstolos: "Encheis Jerusalém de vossa doutrina" (Atos 5:28). Paulo e seus companheiros missionários foram igualmente acusados de virar o mundo de cabeça para baixo (Atos 17: 6). Sua audaciosa declaração de salvação através de Jesus Cristo reverberou em todo o mundo conhecido (Atos 1: 8; 19:10). A igreja deve ser caracterizada por esse mesmo zelo corajoso em todas as épocas.

Porque eles compreendem a esperança da salvação eterna (Tito 1: 2, ver João 3:16, 11:25) ea realidade inversa do julgamento vindo de Deus (2 Coríntios 5:11, 20, ver 2 Pedro 3: 11-15, Hebreus 9:27), os crentes devem estar ansiosos para proclamar as boas novas da salvação. Embora a igreja continue a exaltar Cristo ea edificar um ao outro na glória celestial, o evangelismo é algo que só pode ser feito nesta vida. O Novo Testamento apresenta o evangelismo como a responsabilidade dos líderes da igreja (2 Timóteo 4: 5, ver Ef 4.11), os indivíduos cristãos (1 Pedro 3:15) e a igreja como um todo (1Pe 2: 2) : 9). A salvação dos pecadores traz glória a Deus e instila seu povo com uma alegria contagiosa (Lucas 15: 7, 10). Por outro lado, igrejas que ignoram ou desvalorizam o evangelismo experimentam estagnação e declínio.

Autoridade Espiritual na Igreja

Líderes dotados
Anciãos
Diáconos

Desde que o Novo Testamento ensina que Jesus Cristo é a Cabeça da igreja (Ef 1:22, 4:15, 5:23, Col 1:18, 2:19, 1 Coríntios 11: 3), tendo Teve sua soberana senhoria concedida a ele por seu Pai celestial (Mt 11:27, João 3:35, 5:22, Atos 2:36, Fil. 2: 9-11), ele é a autoridade suprema da igreja. Como Jesus disse a seus discípulos quando os comissionou: "Toda autoridade no céu e na terra me foi dada" (Mt 28:18). O Antigo Testamento descreve a autoridade absoluta do Messias prometido (Isaías 9: 6-7). Em Daniel 7: 13-14, o profeta Daniel diz de Cristo,

> Eu vi nas visões noturnas,
>
> > E eis que, com as nuvens do céu
> > Veio um como um filho do homem,
> > E ele veio para o Ancião de Dias
> > E foi apresentado diante dele.
> > E lhe foi dado domínio
> > E glória e reino,
> > Que todos os povos, nações e línguas
> > Deve servi-lo;
> > Seu domínio é um domínio eterno,
> > Que não passará,
> > E seu reino um
> > Que não será destruído. (Ver Mateus 24:30 e 26:64)

O Senhor Jesus repetidamente exibiu autoridade divina durante seu ministério terreno. Ele demonstrou seu poder soberano sobre os demônios (Mateus 8:32; 12:22), a doença (Mateus 4: 23-24), o pecado (Mateus 9: 6) ea morte (Marcos 5: 41-42; 11: 43-44), mostrando seu poder sobre a morte especialmente em sua crucificação e ressurreição (João 10:18). Tendo ascendido à mão direita do Pai, Cristo - que criou e sustenta tudo que

existe (João 1: 1-4, Col 1: 16-17, Hebreus 1: 3) - possui a autoridade para governar o céu ea terra (Ef 1: 20-21), para julgar a humanidade (João 5: 27-29; 17: 2), para derrotar Satanás e seus exércitos (Apocalipse 19:20; 20:10), e para destruir a morte para sempre 15: 25-26). Um dia, toda a criação reconhecerá a supremacia de Jesus Cristo, incluindo aqueles que atualmente o rejeitam. Como Paulo disse aos filipenses,

A submissão ao soberano senhorio de Cristo não é opcional para os crentes. Em vez disso, seu mais alto chamado e suprema obrigação é submeter-se alegremente aos seus mandamentos (por exemplo, João 14:15, 21, 23; 15:10; 1 João 5: 3; 2 João 6). Esta alegação é expressa tanto individual como colectivamente. Os pensamentos, atitudes, palavras e ações de cada crente devem conformar-se à vontade de Cristo, tal como delineada nas Escrituras (Romanos 12: 1-2, 1 Pedro 1: 14-15). O mesmo deve ser verdade para tudo o que acontece na reunião corporativa da igreja, à medida que a congregação se submete à palavra de Cristo (Col. 3:16).

Como Cabeça da igreja, o Senhor Jesus não é apenas sua autoridade suprema, mas também é a fonte de sua salvação. Ele é "o fundador e consumador da nossa fé" (Hb 12: 2), tendo adquirido através da sua morte "um povo para a sua própria possessão, que é zeloso pelas boas obras" (Tito 2:14). Cristo é a pedra angular na qual a igreja é fundada (1Pe 2: 4-8). A igreja foi estabelecida por ele (Mateus 16:18) e é construída sobre o testemunho apostólico da verdade sobre ele (Efésios 2:20). Assim, o apóstolo Paulo escreve: "Ninguém pode estabelecer outro fundamento senão o que está posto, que é Jesus Cristo" (1 Coríntios 3:11).

Líderes dotados

A regra absoluta de Cristo como Cabeça da igreja é administrada por meio de líderes piedosos que Ele deu para liderar seu povo (1 Tessalonicenses 5: 12-13, Hebreus 13: 7, 17). Em Efésios 4:11, Paulo diz do Cristo ascendido: "Ele deu os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e os mestres" (1 Coríntios 12:28). Dois dos grupos delineados nesse versículo foram limitados ao início da história da igreja - a saber, os apóstolos e os profetas, cujo ministério desempenhou um papel fundamental no estabelecimento da igreja. Paulo explicou isso mais cedo em Efésios, quando explicou que os crentes são parte da casa de Deus, tendo sido "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Jesus Cristo a pedra angular" (Efésios 2:20). Ao identificar os apóstolos e profetas com o estágio de fundação da igreja, Paulo indicou que esses escritórios foram limitados aos primeiros estágios da história da igreja. A fundação de um edifício é estabelecida uma vez, no início da construção. Assim também, a era dos apóstolos e profetas ocorreu no início da história da igreja e não se repetiu desde então.

Em conformidade com seu papel fundacional, os apóstolos e os profetas declararam a revelação da Palavra de Deus (Efésios 3: 5, ver Atos 11:28; 21: 10-11) e confirmaram sua mensagem com sinais milagrosos (2 Co 12). : 12, ver Atos 8: 6-7, Hebreus 2: 3-4). Assim como a superestrutura de um edifício repousa em sua fundação, assim todas as gerações subseqüentes da igreja foram construídas sobre a fundação reveladora colocada pelos apóstolos e profetas na escrita do Novo Testamento (2 Pedro 1: 19-21). Os outros grupos - evangelistas e pastores-professores - continuaram a construir sobre esse fundamento ao longo da história da igreja proclamando fervorosamente o evangelho da graça e pregando fielmente a Palavra de verdade (2 Timóteo 4: 1-5).

Apóstolos

A palavra grega *apostolos* , traduzida como "apóstolo", significa "enviado um" e se aplica a um embaixador, representante ou mensageiro. O termo é algumas vezes usado no Novo Testamento em um sentido geral para se referir, por exemplo, aos mensageiros das igrejas locais (2 Coríntios 8:23, Fil 2:25). No entanto, o uso primário do título do Novo Testamento se aplica a "apóstolos de Jesus Cristo" (por exemplo, Gálatas 1: 1, 1 Pe 1: 1, Judas 17), aqueles homens específicos que Jesus escolheu pessoalmente como seus representantes autorizados . Esse grupo limitado incluiu os Doze (com Matthias substituindo Judas Iscariotes em Atos 1:26) e Paulo, que foi comissionado por Cristo para ser um apóstolo dos gentios (Gálatas 1: 15-17, ver 1 Coríntios 15: 7 -9, 2Co 11: 5).

Os apóstolos de Jesus Cristo reuniram três qualificações básicas. Primeiro, eles foram escolhidos diretamente pelo Senhor Jesus (Marcos 3:14, Lucas 6:13, Atos 1: 2, 24, Gálatas 1: 1). Em segundo lugar, eles foram capazes de realizar os sinais de um apóstolo, sendo autenticado por milagrosas "sinais e maravilhas e obras poderosas" (2 Coríntios 12:12, ver Mateus 10: 1-2, Atos 1: 5-8; 2:43, 4:33, 5:12, Hebreus 2: 3-4). Terceiro, com seus próprios olhos eles foram testemunhas do Cristo ressuscitado (Atos 1: 21-25, 10: 39-41, 1 Coríntios 9: 1, 15: 7-8). Em 1 Coríntios 15: 8, Paulo afirma explicitamente que ele foi a última pessoa a ter cumprido essa terceira qualificação, indicando que não houve apóstolos genuínos desde Paulo. Além disso, Paulo viu seu apostolado como único e extraordinário (1 Coríntios 15: 8-9); Não era um padrão normativo para as gerações futuras de cristãos imitarem.

Os apóstolos do Novo Testamento eram os agentes reveladores autoritários de Cristo. No alto, o Senhor Jesus prometeu que, mesmo depois de não estar mais fisicamente presente com eles, continuaria a revelar-lhes a verdade através do Espírito Santo (João 14:26; 15: 26-27; -15). Conseqüentemente, a igreja primitiva reconheceu o ensino dos apóstolos como tendo a própria autoridade de Cristo. Como os escritos apostólicos foram inspirados, receberam o mesmo peso que as Escrituras do Antigo Testamento (Atos 2:42, 1 Coríntios 14:37, 1 Tessalonicenses 2:13, 2 Timóteo 3: 16-17; Pet. 3:16).

PROFETAS

A palavra traduzida "profeta", do grego *prophētēs , significa* "aquele que fala no lugar de" ou "um porta-voz". Os profetas do Novo Testamento eram, então, porta-vozes de Deus. 12:28). Como no Antigo Testamento, os profetas da igreja primitiva se distinguiram principalmente pela recepção e entrega de nova revelação de Deus (Atos 11: 27-28), embora às vezes eles expusessem a verdade previamente revelada (Atos 13: 1).

Devido à constante ameaça de falsos profetas (Mateus 7:15, Atos 20: 29-31, Judas 3-4), a mensagem do profeta devia ser testada contra a verdade que havia sido revelada anteriormente (1 Coríntios 14:29; 1 Tessalonicenses 5: 20-22). A autenticidade do ministério do profeta do Novo Testamento, como a de seus homólogos do Antigo Testamento, poderia ser determinada por sua precisão doutrinal (Deuteronômio 13: 1-5, Atos 20: 29-30 e 2 Pedro 2: 1). Além disso, os verdadeiros profetas foram caracterizados tanto pela pureza moral (Mateus 7: 15-17, 2 Pedro 2: 2-3 e Jer 23: 14-16) quanto pela precisão reveladora (Deuteronômio 18: 20-22; Ezequiel 13: 3-9). Aqueles que ensinavam doutrina falsa, que viviam em luxúria e ganância irrestrita, ou que entregavam a suposta revelação de Deus que era imprecisa e falsa, deveriam ser desconsiderados pelo povo de Deus como falsos profetas.

Quando o cânone da revelação do Novo Testamento estava completo, o ofício profético não era mais necessário e passou fora da cena (Apocalipse 22: 18-19). Como os apóstolos, os profetas foram dados para estabelecer o fundamento revelador para a igreja (Efésios 2:20). Uma vez que a fundação foi estabelecida, a obra dos apóstolos e profetas

na era da igreja foi concluída. No entanto, a proclamação da palavra profética (2 Pe 1: 19-21) continua através da pregação fiel da Escritura. No futuro, depois que a idade da igreja terminar, Deus irá novamente levantar profetas para realizar seus propósitos de revelação (Apocalipse 11: 3).

EVANGELISTAS

Embora todos os crentes sejam ordenados a levar as boas novas do evangelho aos não convertidos (Mateus 28: 18-20 e Atos 1: 8), alguns são especialmente dotados como evangelistas. Além de Efésios 4:11, o termo "evangelista" ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento. Filipe é descrito como um evangelista em Atos 21: 8 (Atos 8: 4-40), e Timóteo é instruído a "fazer a obra de um evangelista" em 2 Timóteo 4: 5. No entanto, o evangelismo é um tema significativo do Novo Testamento. O nome grego *euangelion* ("boa notícia" ou " *evangelho* ") é usado mais de setenta e cinco vezes, eo verbo cognato *euangelizō* ("declarar a boa notícia") ocorre mais de cinquenta vezes.

Os evangelistas são chamados a proclamar as boas novas da salvação através da fé em Cristo para o mundo incrédulo. O exemplo de Filipe demonstra que os primeiros evangelistas cristãos às vezes pregavam o evangelho a grupos de pessoas não alcançadas (como os samaritanos). De acordo com a Grande Comissão, seu objetivo era fazer discípulos, incorporá-los na igreja através do batismo e construí-los na fé através do ensino (Mt 28: 18-20). O exemplo de Timóteo ilustra a estreita ligação que deveria existir entre o evangelista ea liderança da igreja local.

Os evangelistas são excepcionalmente dotados por Deus para alcançar pecadores perdidos com a verdade salvadora do evangelho. Seu ministério é um que toda igreja deveria priorizar - tanto ao encorajar o evangelismo na comunidade local como ao apoiar o trabalho missionário em todo o mundo.

PASTOR-PROFESSORES

Em Efésios 4:11, a palavra grega *poimēn* pode ser traduzida como "pastor" ou "pastor". Ela descreve a liderança, proteção e cuidado que os pastores exibem para com os membros de seu rebanho. O Senhor Jesus é o grande Pastor (Hb 13: 20-21, 1 Pedro 2:25); Aqueles que ele deu à igreja como pastores devem ser seus sub-pastores (1Pe 5: 2). Sua principal função é alimentar as ovelhas (João 21: 15-17), uma responsabilidade que eles realizam através do ensino da Palavra (2 Timóteo 3: 16-17, 1 Pe 2: 2-3). Embora o ensino possa ser identificado como seu próprio ministério (1 Coríntios 12:28), o melhor é considerar "pastores e mestres" em Efésios 4:11 como descrevendo duas facetas de um único ofício de liderança pastoral. Outros textos do Novo Testamento indicam que os pastores devem ser ambos pastores (Atos 20:28, 1 Pe 5:

Como os apóstolos, os pastores devem dedicar-se primeiramente "à oração e ao ministério da palavra" (Atos 6: 4), como fazem sua missão de proclamar Cristo "advertindo a todos e ensinando a todos com toda a sabedoria, Eles podem apresentar a todos maduros em Cristo "(Cl 1:28). O diligente pastor-mestre é "bom servo de Cristo Jesus" (1 Timóteo 4: 6), sendo aprovado como "um trabalhador que não precisa se envergonhar, manejar corretamente a palavra da verdade" (2Tm 2: 15, ver 4: 2), e lutando em oração em favor do seu povo (Col. 4:12).

Embora a estrutura ea administração tenham seu lugar, o verdadeiro poder na igreja vem através da oração e do ministério da Palavra. Conseqüentemente, o pastor-mestre deve priorizar oração e pregação, em vez de ficar excessivamente sobrecarregado com a administração de outras questões administrativas (Atos 6: 2, 4). As ovelhas são melhor servidas não através de programas elaborados ou slick apresentações, mas através de um

ensino consistente e sólido. A imagem de um pastor acentua o cuidado espiritual eo alimento bíblico que os pastores fornecem para o seu povo à medida que o conduzem. O coração de um pastor é essencial naqueles que aspiram a ser pastores e mestres do povo de Deus.

O Novo Testamento usa dois outros termos para denotar o ofício de pastor. O primeiro é "bispo" (de Gk. *Episkopos*), que *significa "supervisor* " ou "guardião". Esta palavra ocorre cinco vezes no Novo Testamento (Atos 20:28, 1 Tim. 3: 2 , Tito 1: 7, 1 Pe 2:25). No mundo grego-parlante secular, o termo designou um delegado nomeado pelo emperor para fornecer a liderança ea supervisão política a um município que fosse recentemente fundado ou capturado recentemente. Da mesma forma, na igreja, os bispos operam sob a autoridade do Rei Jesus enquanto conduzem na igreja, embora através de um serviço humilde, em vez de um controle autoritário (Marcos 10: 42-43). O superintendente espiritual é responsável pela alimentação (1 Timóteo 3: 2) e pela proteção do rebanho (Atos 20:28) sob sua responsabilidade.

O outro termo é "ancião" (de Gk. *Presbyteros*), que fala para a maturidade espiritual experiente daqueles que lideram na igreja. No Novo Testamento, *presbyteros* pode ser usado em um sentido genérico para se referir a pessoas de idade avançada (Atos 2:17, ver 1 Tim. 5: 2). Também pode referir-se aos líderes do primeiro século de Israel (Mt 15: 2, 27: 3, 41, Marcos 7: 3, 5, Lucas 22:52 e Atos 4: 8). Mas em um contexto eclesiológico, o título designa um ofício específico de liderança espiritual dentro da igreja (por exemplo, Atos 11:30; 14:23; 15: 2; 4; 6; 22; 16: 4; 20:17; 21: 18).

O conceito do Novo Testamento do ofício de ancião é primariamente extraído do Judaísmo do Antigo Testamento (Ex 12:21, 19: 7, Núm 11:16, Deuteronômio 27: 1, 1 Sam. 11: 3, 16: 4). Os anciãos de Israel eram homens maduros que exibiam fortes convicções morais, sendo caracterizados pela verdade, integridade, coragem e o temor do Senhor (Êx 18: 21-22, ver Números 11: 16-17). Sabios e discernidores, ensinavam, intercediam e julgavam justa e imparcialmente (Dt 1: 13-17). A compreensão do Novo Testamento dos anciãos na igreja inclui os mesmos atributos de força pessoal, maturidade espiritual e integridade moral.

Que a igreja primitiva foi liderada por anciãos é claramente demonstrada em todo o Novo Testamento. Por exemplo, a igreja de Jerusalém tinha anciãos (Atos 11: 29-30), assim como as igrejas que Paulo plantou em suas jornadas missionárias (Atos 14:23; 20:17). As igrejas em toda a Ásia Menor a quem Pedro dirigiu suas epístolas, foram conduzidas igualmente por anciãos. Assim, Pedro pôde escrever: "Exorto os anciãos dentre vós, como um ancião ...: pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós" (1Pe 5: 1-2). O livro do Apocalipse indica ainda que vinte e quatro anciãos representarão os redimidos no futuro da eternidade (por exemplo, Ap. 4: 4, 10, 5: 5-6, 8, 11, 14, 7:11).

A evidência textual indica que os três termos do Novo Testamento ("pastor", "bispo" e "ancião") se referem ao mesmo ofício de liderança da igreja. Uma comparação de 1 Timóteo 3: 1-7 e Tito 1: 6-9 demonstra que as qualificações para um bispo e um ancião são as mesmas, sugerindo que os dois cargos são idênticos. Em Tito 1: 5-7, Paulo até usa os dois títulos para se referir à mesma pessoa. Todos os três termos são encontrados juntos em 1 Pedro 5: 1-2:

> Portanto, exorto os anciãos [plural de *presbyteros*] entre vós, como um ancião com eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, assim como um participante da glória que vai ser revelado: Pastor [gr. *Poimainō*] o rebanho de Deus que está entre vocês, exercendo supervisão [Gk. *Episkopeō*], não sob compulsão, mas voluntariamente, como Deus gostaria que você; Não para ganho vergonhoso, mas ansiosamente.

Atos 20 também ilustra a natureza intercambiável desses três termos. Depois de reunir os anciãos (plural de *presbíteros* , 20:17) da igreja de Éfeso, Paulo os adverte com estas palavras: "Prestem atenção a vós mesmos e a todo o rebanho, em que o Espírito Santo vos fez bispos *Episkopos*], cuidar de [*poimainō*] a igreja de Deus, que ele obteve com seu próprio sangue "(20:28).

Embora todos os três termos são sinônimos, cada um tem uma ênfase única dentro do contexto bíblico: "ancião" enfatiza a maturidade de um homem e caráter pessoal; "Bispo" fala de seu papel de liderança como protetor do rebanho; E "pastor" enfatiza seu sincero cuidado com as pessoas a quem serve. Lamentavelmente, ao longo da história da igreja, alguns desses títulos (como *bispo* e até *pastor*) foram abusados por hierarquias eclesiásticas não bíblicas e líderes espirituais famintos de poder. Como resultado , o título *ancião* pode ser preferível em alguns contextos, porque geralmente não carregam as conotações culturais que às vezes foram impostas sobre os outros dois títulos. Vamos explorar o escritório do ancião com mais detalhes na próxima seção.

Anciãos

Pelo desígnio de Deus, as igrejas dependem de uma liderança fiel para serem fortes, saudáveis, produtivas e frutíferas. As Escrituras ensinam que Deus deu anciãos a cada congregação local para supervisionar e liderar seu povo. Como os encarregados de alimentar e proteger o rebanho, os anciãos irão um dia dar uma conta diante do Senhor para as almas sob seu cuidado espiritual. De fato, a autoridade espiritual, ao contrário da liderança mundana, é caracterizada por uma humildade semelhante a Cristo e um desejo de servir (Marcos 10: 43-45). Todos os que desejam liderar na igreja devem demonstrar santidade pessoal, pureza doutrinária, auto-sacrifício, disciplina espiritual e devoção centrada em Cristo. O ofício de ancião envolve uma responsabilidade que não deve ser tomada de ânimo leve (Lucas 12:48), como destacado na advertência sóbria de Tiago 3: 1: "Não muitos de vocês devem se tornar professores,

RESPONSABILIDADES

Em 1 Timóteo 3: 5, Paulo indica que uma das responsabilidades de um *episkopos* é "cuidar da igreja de Deus." Como parte dessa responsabilidade geral, os anciãos detêm autoridade delegada a eles de Cristo Cabeça para fornecer liderança e dar supervisão a Assuntos da igreja local. Paulo escreve: "Que os anciãos que governam bem sejam considerados dignos de dupla honra, especialmente aqueles que trabalham na pregação e no ensino" (1Tm 5:17). O termo traduzido "regra" (Gk. *Proistēmi*) é aplicado aos presbíteros várias vezes ao longo do Novo Testamento (Romanos 12: 8, 1 Tessalonicenses 5:12, 1 Tm 3: 4-5, 12, 5:17) . Ele designa a posição de supervisão que lhes é confiada pelo próprio Cristo, significando que não há autoridade terrena na igreja local mais alta que a deles.

No entanto, sua autoridade não é coagida pela força ou intimidação; Antes, é uma autoridade construída sobre um preceito e um exemplo que a igreja alegremente submete (veja Hebreus 13:17). Embora os anciãos sejam chamados a liderar a igreja local, é importante enfatizar que a congregação não lhes pertence. Não é o seu rebanho. Pelo contrário, os membros da igreja constituem o "rebanho de Deus" (1Pe 5: 2), que ele comprou (Atos 20:28) e para o qual os anciãos servem como cuidadores e mordomos.

Como mencionado acima, a responsabilidade divina de pregar e ensinar está com os anciãos (1 Timóteo 5:17). É por isso que os presbíteros devem ser "capazes de ensinar" (1Tm 3: 2), demonstrando aptidão para instruir na sã doutrina e refutar o erro ea falsidade

(Tito 1: 9). Esse ensinamento envolve necessariamente a cuidadosa exposição das Escrituras (1 Timóteo 4:13, 2 Tm 2:15, Nm 8: 8) e é o principal meio pelo qual o rebanho é espiritualmente alimentado e alimentado 2: 2, ver Salmo 1: 2-3, Hebreus 5: 12-13). Como Paulo lembrou a Timóteo: "Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja completo, preparado para toda boa obra" (2Tm 3). : 16-17). Assim, Timóteo devia "pregar a palavra; Esteja pronto na estação e fora da estação; Repreender, repreender e exortar,

Além do ensino, os anciãos também são responsáveis por determinar a ordem política da igreja (Atos 15:22), ordenar outros anciãos (1 Timóteo 4:14), dar um exemplo para as ovelhas seguir (1Pe 5: 1-3; Hebreus 13: 7), proteger o rebanho do erro doutrinário (Atos 20: 28-30), e orar pelos membros da igreja (Tiago 5:14). Pelo desígnio de Deus, os anciãos desempenham um papel central na saúde e função da igreja.

Apocalipse 2-3 contém as cartas de Cristo às sete igrejas da Ásia Menor. Eles são os únicos relatos bíblicos de Cristo criticando diretamente as igrejas locais. Neles, ele recomenda o que é certo e condena o que está errado. As observações de Cristo são tão profundamente importantes para cada geração ser lembrada da vontade de Cristo para sua igreja, tanto positiva como negativa.

A Palavra de Deus preservou as qualidades que ele elogia e condena. Tomados em conjunto, eles servem como uma "linha de prumo" dos padrões perfeitos que Cristo estabeleceu para a igreja contra a qual comparar a realidade atual na igreja. É responsabilidade de todos os anciãos (e de uma prática louvável mesmo para cada cristão) contemplar esta pergunta abrangente: Se Jesus Cristo escrevesse à minha igreja uma carta, como ele escreveu na Escritura, o que ele diria? O que ele recomendaria? O que ele condenaria? Os anciãos devem guiar a igreja em perseguir o que Jesus recomenda e evitando o que ele condena.

O Senhor elogiou estas características:

• Boas ações
• Trabalho duro
• Resistência
Discernimento
• Sofrimento
• Fidelidade até o fim
• Mantendo-se firme ao nome de Cristo
• Não negar a fé
• Ame
Fé
• Serviço
• Vida justa
• Manter a Palavra de Cristo
• Submissão
• Arrependimento
• Paciência
• Aceitar a Palavra de Deus
• Firma em pé
• Agradar a Deus
• Amar os irmãos
• Oração
• Fervor evangélico
• ênfase do Baptismo
• Forte ensino / pregação
• Liderança espiritual

• Dependência de Deus
• Atitudes alegres
• Generosidade
• Oportunidade
• Crescimento
• Ministério do Espírito Santo
• Discipulado
• Sacrifício
• Prioridades espirituais
• Potencial espiritual
• Submissão à soberania de Deus
• Verdadeira adoração

Em contraste, o Senhor condenou as seguintes características:

• Amor perdido
• Ausência de primeiras ações
Compromisso
• Tolerar o pecado
• Imoralidade
• Idolatria
• Deadness
• Atos incompletos
• Intensidade
• Hipocrisia
• Falso ensino
• Vida undisciplinada
Desunião
• Pecado
• Divisões arrogantes
• Prolongada imaturidade espiritual
• Suing um outro
• Abusar da liberdade cristã
• Profanando a Ceia do Senhor
• Desvio de dons espirituais
• Falta de vontade de perdoar
• Devagar para dar
• Crítica da liderança

QUALIFICAÇÕES

O apóstolo Paulo delineia as qualificações para os anciãos em 1 Timóteo 3: 1-7 e Tito 1: 6-9. Em ambos os lugares, o padrão geral para um ancião é que ele deve ser "acima do reproche", o que significa que ele é um homem de caráter espiritual e moral impecável. Além da capacidade de ensinar, as qualidades que Paulo descreve apenas amplificam o princípio fundamental de que os anciãos devem ser homens cujas vidas são caracteristicamente livres de qualquer corrupção ou mancha que possa trazer reprovar o evangelho.

Em todas as esferas da vida - matrimônio, família, comunidade e igreja - o mais velho deve estar acima do opróbrio. Ele deve ser "marido de uma só mulher" (1Tm 3: 2), que poderia ser literalmente traduzido como "um homem de uma só mulher". Esta qualificação é muito mais do que mera proibição da poligamia. Fala da integridade moral e fidelidade sexual do homem em seu papel de marido; Ele é totalmente devotado à única

mulher que Deus lhe deu. Se ele não é casado, sua vida deve ser um exemplo de pureza moral, livre de fornicação ou uma reputação de comportamento coquete.

Os anciãos também devem ser "sóbrios" e "auto-controlados" (1 Timóteo 3: 2). Seus pensamentos devem ser caracterizados por sabedoria e maturidade, enquanto suas ações exibem temperança e moderação. Um ancião deve conduzir-se de maneira "respeitável" para com aqueles que o conhecem (1 Timóteo 3: 2), de acordo com seu papel como um dos líderes representativos da igreja de Cristo. Ao mesmo tempo, ele deve ser "hospitaleiro" para com os outros na igreja, incluindo aqueles que não o conhecem (1 Timóteo 3: 2). A palavra "hospitaleiro" fala de "o amor de estranhos", indicando que um ancião é acolhedor e amigável para todos.

Em 1 Timóteo 3: 3, Paulo continua enumerando várias qualidades negativas que devem estar ausentes da vida de um ancião: "não um bêbado, nem violento, mas gentil, nem brigão, nem amante do dinheiro". Como servo de Cristo , Um ancião não deve ser controlado por vícios pecaminosos (por exemplo, embriaguez, Ef 5:18), paixões imprudentes (eg, raiva e beligerância, Ef 4: 26-27), ou ambições financeiras (por exemplo, o amor ao dinheiro , 1 Tim. 6: 9-10). Aqueles que são escravos de suas próprias concupiscências (2Pe 2:19) mostram-se indignos de liderança espiritual na igreja.

Primeiro Timóteo 3: 4 explica ainda que um ancião "deve administrar bem sua própria casa, com toda a dignidade mantendo seus filhos submissos". A primeira esfera em que um idoso potencial deve demonstrar um comportamento irrepreensível está em sua casa, na presença dos que Conhecê-lo mais intimamente. Sua habilidade em administrar sua família estabelece um precedente a respeito de sua capacidade de pastorear a igreja ", pois se alguém não sabe como administrar sua própria casa, como ele cuidará da igreja de Deus?" (1 Timóteo 3: 5).

À luz deste alto padrão, é compreensível que um ancião não deve ser um convertido recente (1 Timóteo 3: 6). Muitos anos são geralmente necessários para que um homem atinja o nível de maturidade pessoal e espiritual exigido de um ancião. Além disso, deve haver tempo adequado para que outros possam observar sua vida e afirmar suas qualificações. Como Paulo advertiu Timóteo, aqueles elevados à posição de mais velho prematuramente são altamente suscetíveis ao pecado de orgulho.

Primeiro Timóteo 3: 7 prossegue: "Ele deve ser bem pensado por estranhos, para que não caia em desgraça, em um laço do diabo". Além de sua família e da congregação local de crentes, um ancião deve Também têm uma excelente reputação com aqueles fora da igreja. Em ambos os negócios e compromissos sociais com os incrédulos, ele é chamado a ser acima de censura.

Tabela 9.1 Listas de Qualificações de Idosos

1 Timóteo 3: 2-7	**Tito 1: 6-9**
Acima da repreensão (3: 2)	Acima da repreensão (1: 6)
Marido de uma esposa (3: 2)	Marido de uma esposa (1: 6)
Sober-minded (3: 2)	
Autocontrole (3: 2)	Autocontrole e disciplinado (1: 8)
Respeitável (3: 2)	
Hospitaleiro (3: 2)	Hospitaleiro (1: 8)

Capaz de ensinar (3: 2)	Mantendo firme a Palavra, capaz de dar instrução na sã doutrina, e repreender aqueles que a contradizem (1: 9)
Não um bêbado (3: 3)	Não um bêbado (1: 7)
Não violento mas gentil (3: 3)	Não violento (1: 7)
Não brigas (3: 3)	Não de temperamento rápido (1: 7)
Não um amante do dinheiro (3: 3)	Não ganancioso por ganho (1: 7)
Gerente qualificado de sua casa (3: 4)	Acima da repreensão como mordomo de Deus (1: 7)
Mantendo seus filhos submissos com toda dignidade (3: 4)	Tendo filhos fiéis não abertos à acusação de devassidão ou insubordinação (1: 6)
Não um convertido recente para que ele não se torne presunçoso (3: 6)	Não arrogante (1: 7)
Bem pensado por estranhos (3: 7)	
	Um amante do bem (1: 8)
	Vertical (1: 8)
	Santo (1: 8)

O apóstolo Paulo reitera uma lista semelhante de qualificações em Tito 1: 6-9. Como em 1 Timóteo 3, um ancião deve ser o marido de uma esposa. Além disso, Paulo explica que seus filhos devem ser "crentes e não abertos à acusação de devassidão ou insubordinação" (Tito 1: 6). Porque o comportamento dos filhos de um ancião reflete sobre sua liderança espiritual em casa, eles não devem ser caracterizados por dissipação ou rebelião.

"Como mordomo de Deus," um ancião "deve estar acima de reprovação"; Ele não deve ser "arrogante", "veloz", "um bêbado", "violento" ou "ganancioso" (Tito 1: 7). Por outro lado, ele deve ser "hospitaleiro, amante do bem, autocontrole, reto, santo e disciplinado" (Tito 1: 8). Além disso, ele deve ser um estudioso habilidoso da Palavra de Deus, sendo "capaz de dar instrução na sã doutrina", enquanto também repreende "aqueles que a contradizem" (Tito 1: 9). Uma comparação das duas listas demonstra seus paralelos consistentes (ver tabela 9.1).

Note-se que o Novo Testamento não prevê que as mulheres sirvam como anciãs ou pastoras. Como Paulo explica em 1 Timóteo 2: 11-12, "Que uma mulher aprenda em silêncio com toda submissão. Não permito que uma mulher ensine ou exerça autoridade sobre um homem; O verbo "ensinar" em 1 Timóteo 2:12 poderia ser melhor traduzido como "ser um professor". Isso indica que as mulheres não devem ocupar posições de ensino sobre os homens na igreja, assim Excluindo-os do ofício de ancião (já que ensinar a congregação é uma das principais responsabilidades dos anciãos). Assim, o padrão bíblico é que somente os homens podem servir como anciãos e pastores. Essa estipulação não nasce do preconceito cultural do século I ou do preconceito paulino. Pelo contrário, está fundamentado tanto na ordem criada quanto nos eventos da queda. Como Paulo explica, "Porque Adão foi formado primeiro, depois Eva; E Adão não foi enganado, mas a mulher foi enganada e se tornou um transgressor "(1 Timóteo 2: 13-14).

O ensino de 1 Timóteo 2 mostra que as mulheres na igreja não têm permissão para ocupar o cargo de pastor ou mestre (veja Atos 13: 1, 1 Coríntios 12:28, Ef 4:11). No entanto, isso não impediria uma mulher de ensinar em outros contextos apropriados, como ensinar outras mulheres (Tito 2: 3-4) ou ensinar crianças (2 Tm 1: 5; 3: 14-15). A Bíblia indica claramente que as mulheres são iguais espiritualmente com os homens e que o ministério das mulheres é essencial para o corpo de Cristo. No entanto, pelo desígnio de Deus, as mulheres são excluídas da liderança sobre os homens na igreja.

ORDENAÇÃO

No Novo Testamento, os anciãos eram exclusivamente separados para seu escritório. A palavra grega *kathistēmi* , que *significa* "ordenar", era normalmente usada para descrever a nomeação dos anciãos. O processo de ordenação significa um chamado divino e colocação de lado para a liderança espiritual que é oficialmente reconhecido pela igreja.

Paulo oferece detalhes importantes sobre o processo de ordenação quando diz a Timóteo: "Não negligencies o dom que tendes, que vos foi dado por profecia, quando o conselho dos anciãos impôs as vossas mãos" (1 Timóteo 4:14). A prática de impor as mãos a um homem ordenado encontra suas raízes no sistema sacrificial do Antigo Testamento. Quando os israelitas trouxeram sacrifícios para serem oferecidos ao Senhor, eles colocariam suas mãos no sacrifício para se identificarem com ele (Levítico 1: 4; 3: 2-13; 4: 4-33; 8:14, 18, 22, 16:21). A ordenação no Novo Testamento ilustra de forma semelhante a solidariedade entre os anciãos e o homem ordenado.

No Antigo Testamento, a imposição de mãos também era usada para simbolizar uma transferência de autoridade (Nm 27: 18-23, Dt 34: 9) ou para transmitir uma bênção dada de um partido a outro (Gênesis 48: 13-20, 2 Reis 13:16, Jó 9:33, Salmo 139: 5). Autoridade e bênção também são ambos refletidos na ordenação do Novo Testamento, como a liderança da igreja afirma o recém-ordenado ancião em seus deveres.

A solidariedade representada pela ordenação exige que ela não seja executada precipitadamente. Como Paulo advertiu Timóteo: "Não se apresse na imposição de mãos, nem participe dos pecados dos outros; Mantenha-se puro "(1 Tim. 5:22). À luz dessa advertência, os homens que estão sendo considerados para a ordenação devem ser adequadamente testados, demonstrando que estão qualificados para servir no ministério pastoral. Eles devem estar acima de reprovação, moralmente puros, doutrinariamente sólidos, e capazes líderes e professores. À medida que os atuais líderes da igreja olham para a próxima geração, eles devem procurar levantar homens mais jovens que possam começar a preparar-se orantemente para se tornarem anciãos no futuro (2 Timóteo 2: 2).

De acordo com o padrão do Novo Testamento, o processo de ordenação foi supervisionado e administrado pela liderança reconhecida da igreja. Por exemplo, em Atos 14:23, foi Paulo e Barnabé que "designaram anciãos em cada igreja". Em Tito 1: 5, Paulo instruiu Tito a "nomear anciãos em cada cidade". Primeiro Timóteo 4:14 indica que os anciãos Eles mesmos ordenariam outros anciãos. Se a nomeação foi feita por um apóstolo, um delegado apostólico, ou uma equipe de anciãos da igreja local, o princípio básico é claro: a ordenação de novos anciãos é da responsabilidade daqueles que atualmente servem como parte da liderança espiritual reconhecida da igreja.

Aqueles que afirmam que é responsabilidade da congregação selecionar e aprovar novos anciãos muitas vezes apelar a Atos 6: 2-6 para apoiar essa noção. Lá escreve Lucas,

> E os doze convocaram o número cheio dos discípulos e disseram, "Não é certo que devemos desistir de pregar a palavra de Deus para servir mesas. Portanto, irmãos, escolham dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e da sabedoria, aos quais designaremos este dever. Mas nós nos devotaremos à oração e ao ministério da

> palavra. "E o que eles disseram agradou a toda a congregação, e eles escolheram Estêvão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prochorus, e Nicanor, E Timão, e Parmenas, e Nicolau, prosélito de Antioquia. Estes puseram-se diante dos apóstolos, e oraram e impuseram as mãos sobre eles.

Pelo menos duas observações deste texto precisam ser consideradas. Primeiro, os sete homens que foram escolhidos não são chamados anciãos. Eles foram escolhidos para servir mesas, não para liderar a igreja. (Na história da igreja, esses homens estavam mais intimamente associados com o papel de diácono.) Segundo, a congregação trouxe esses homens para os apóstolos para aprovação, e não vice-versa. Os apóstolos não apenas iniciaram o processo (Atos 6: 3), mas também foram os que finalmente designaram esses homens para ministrar (Atos 6: 6). A responsabilidade final recaía sobre os líderes da igreja e não sobre a congregação. Embora hoje não haja apóstolos na igreja, o padrão estabelecido nas Escrituras ainda se mantém: os novos líderes na igreja devem ser ordenados por outros líderes reconhecidos.

Ao identificar futuros anciãos, o ponto de partida é um desejo dado por Deus no coração do indivíduo. Paulo explica: "Se alguém aspira ao ofício de superintendente, ele deseja uma tarefa nobre" (1 Timóteo 3: 1). Dito negativamente, aqueles que não desejam o cargo de ancião não são qualificados para mantê-lo. Os anciãos potenciais não devem ser coagidos ou manipulados para perseguir o cargo, uma vez que servir nessa capacidade começa com uma humilde e sincera disposição de liderar. Como Pedro lembrou aos anciãos, a quem ele escreveu: "Pastoreiem o rebanho de Deus que está entre vocês, exercendo a vigilância, não sob compulsão, mas voluntariamente, como Deus quer que vocês" (1Pe 5: 2).

Antes que a ordenação possa ser completada, os presbíteros devem buscar em oração a vontade do Senhor em relação à nomeação. O precedente bíblico para isso é encontrado em Atos 14:23: "Quando eles designaram anciãos para eles em cada igreja, com oração e jejum, os entregaram ao Senhor em quem haviam crido". Por entenderem o que estava em jogo, Paulo e Barnabé procuraram diligentemente o Senhor em oração como parte do processo de ordenação (Atos 13: 2). Nomear anciãos em uma atitude de oração reconhece corretamente que Deus é, em última instância, Aquele que dá, chama e comanda os homens à liderança espiritual. Como Paulo exortou aos anciãos de Éfeso: "Prestem atenção a vós mesmos e a todo o rebanho, no qual o Espírito Santo vos fez bispos, para cuidar da igreja de Deus" (Atos 20:28). Porque é o chamado mais elevado de Deus na vida de uma igreja local, liderança espiritual não deve ser tomada de ânimo leve ou procurado superficialmente. Seleções e nomeações devem ser feitas no contexto de consideração cuidadosa e sabedoria de oração (Tiago 1: 5).

Em resumo, os anciãos constituem um grupo de homens maduros e piedosos que desejam liderar e alimentar o rebanho de Deus. Eles foram especialmente chamados e comissionados para o ministério pelo próprio Senhor. Tendo aspirado ao cargo e tendo cumprido as qualificações bíblicas necessárias, eles são designados em oração por outros anciãos com quem posteriormente se associaram como líderes espirituais na igreja.

APOIO, SUPORTE

O Novo Testamento indica que é apropriado que os anciãos sejam compensados financeiramente pela igreja por seus trabalhos no ministério. Paulo articula este princípio quando escreve: "Que os anciãos que governam bem sejam considerados dignos de dupla honra, especialmente aqueles que trabalham na pregação e no ensino. Pois a Escritura diz: 'Não amaldiçoarás um boi quando pisar o grão' e 'O trabalhador merece o seu salário'

"(1Tm 5: 17-18). A palavra traduzida "honra" em 5:17 (de Gk *tim* .) Refere-se à remuneração, como as alusões bíblicas em 5:18 deixam claro.

O apóstolo expande este tema em 1 Coríntios 9: 4-9:

> Não temos o direito de comer e beber? Não temos o direito de levar consigo uma esposa crente, assim como os outros apóstolos e os irmãos do Senhor e Cefas? Ou será que só Barnabé e eu não temos o direito de nos abster de trabalhar para viver? Quem serve como soldado às suas próprias custas? Quem planta uma vinha sem comer alguma das suas frutas? Ou quem cuida de um rebanho sem tomar leite?
>
> Eu digo essas coisas sobre a autoridade humana? A Lei não diz o mesmo? Pois está escrito na Lei de Moisés: "Não amaldiçoarás um boi quando pisar o grão." É para os bois que Deus está preocupado?

Um soldado é pago pela sua nação; Um fazendeiro desfruta de uma porção de sua própria colheita; Um pastor recebe leite do seu rebanho; E até um boi é permitido comer enquanto pisa o grão. Trazendo um paralelo ao ministério pastoral, Paulo afirma que é aceitável que os pastores sejam apoiados pela congregação a quem ministram. O apóstolo continua a fazer este ponto no versículo 13: "Vocês não sabem que os que estão empregados no serviço do templo obtêm seu alimento do templo, e aqueles que servem no altar participam das ofertas do sacrifício?" Se os sacerdotes do Velho Testamento Foram autorizados a viver das ofertas oferecidas pelo povo, então também é permitido que os novos ministros da aliança sejam apoiados por aqueles na igreja.

No entanto, como Paulo sugere no versículo 6, esse tipo de subsídio é um direito, não um mandato. Como um apóstolo e um ministro do evangelho, ele claramente tinha o direito de receber apoio financeiro da igreja. No entanto, Paulo decidiu não exercer esse direito para si mesmo, optando por trabalhar como fazedor de tendas (Atos 18: 3) para que ele pudesse proclamar o evangelho sem acrescentar nenhum fardo financeiro à igreja (1 Coríntios 9:18; 1 Tessalonicenses 2: 9).

Dentro de um grupo de anciãos, é provável que alguns sejam apoiados pela igreja enquanto outros ganharão a vida por outros meios. Ambas as situações são biblicamente permitidas, e nem afeta a qualificação de um homem para a liderança pastoral. Muitas vezes, os anciãos que são pagos pela igreja são chamados de *clero* (ou *anciãos*), enquanto os anciãos que se sustentam fora da igreja são chamados de *anciãos leigos* . Embora tais designações possam ser úteis em certas situações, é importante entender que nenhuma distinção desse tipo é encontrada nas Escrituras. A Bíblia não faz diferença qualitativa entre um pastor leigo e um pastor de pessoal. Todo ancião é responsável por prover liderança, cuidado, supervisão, proteção, ensino sadio e um exemplo piedoso para o rebanho.

PLURALIDADE

A Escritura apresenta o ministério pastoral como um esforço de equipe, envolvendo uma pluralidade de anciãos em cada congregação local. A palavra *presbyteros* quase sempre ocorre no plural quando usada no Novo Testamento (por exemplo, Atos 11:30; 14:23; 15: 2; 20:17; Tito 1: 5; Tiago 5:14). As poucas exceções ocorrem quando um autor bíblico aplica o termo a si mesmo (por exemplo, 1 Pedro 5: 1, 2 João 1, 3 João 1) ou quando um ancião individual está sendo escolhido do grupo maior (1Tm 5: 19). A norma clara era que as igrejas do primeiro século eram governadas por vários anciãos. Conseqüentemente, Paulo pode dirigir-se aos fiéis em Filipos, saudando "todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os superintendentes [plural de *episkopos*] e diáconos" (*Filipenses* 1: 1). Significativamente,

Uma igreja que é governada por uma pluralidade de anciãos de Deus desfruta de todos os benefícios divinamente destinados, incluindo o seu conhecimento combinado, sabedoria e experiência. Tal não só fornece uma riqueza de conselhos para pastorear o rebanho (Provérbios 11:14, 15:22), mas também protege a congregação das preferências egoístas de um único indivíduo.

Ao dirigir a congregação local, os presbíteros devem operar com base no princípio da unanimidade com os outros anciãos. Esse tipo de unidade reflete o fato de que todos eles têm a mente de Cristo e são guiados pelo mesmo Espírito (1 Coríntios 1:10, Ef 4: 3, Fil. 1:27, 2: 2). Naquelas ocasiões em que discordam sobre uma decisão, os anciãos devem esperar e buscar a vontade de Deus através de oração adicional e estudo até que eles são capazes de chegar a um consenso. Desta forma, a equipe de liderança não somente exibirá uma frente unificada, mas também modelará a harmonia que deve caracterizar toda a congregação (Romanos 15: 5, 2 Coríntios 13:11, 1 Pedro 3: 8).

Obviamente, haverá diversidade dentro da equipe mais velha - como cada ancião emprega seu talento único para o benefício de todos. A variedade de dons e habilidades serve para fortalecer a liderança da igreja, que por sua vez acumula toda a congregação. Alguns dos anciãos podem ser particularmente dotados como conselheiros, outros como pregadores e outros como administradores. Alguns podem ministrar em um papel altamente visível, enquanto outros servem nos bastidores. Tanto a diversidade quanto a unidade refletida no grupo de anciãos ilustram a maneira como o corpo de Cristo como um todo deve funcionar (1 Coríntios 12: 4-28).

Dentro de cada grupo de líderes espirituais, alguns terão um papel mais visível ou vocal de liderança. O Novo Testamento confirma isso. Entre os apóstolos, Pedro emergiu como o porta-voz de todo o grupo (ver Mateus 15:15, 16: 16-17, Marcos 11:21, Lucas 12:41 e João 6:68). Esse padrão continuou após o nascimento da igreja no dia de Pentecostes. Nos primeiros capítulos de Atos, Pedro e João freqüentemente ministravam juntos - contudo a narrativa bíblica implica que somente Pedro pregou qualquer sermão (Atos 2: 14-40; 3: 12-26; 4: 8-12; 5: 29- 32). No Concílio de Jerusalém em Atos 15, Tiago, irmão de Jesus, é visto como o porta-voz da igreja de Jerusalém (Atos 15: 13-21), embora Pedro também tenha falado nessa ocasião (Atos 15: 7-11). Em suas jornadas missionárias, o apóstolo Paulo foi o principal orador para o grupo de homens com quem viajou (cf. Atos 14:12). Embora seu papel pudesse ter sido mais visível, esses líderes entre os líderes não eram espiritualmente superiores aos colegas de seu ministério (1Pe 5: 1). Seu ofício, honra, privilégios e responsabilidades eram iguais, mesmo que seu papel fosse único.

O precedente bíblico é claro. Embora os papéis específicos de cada líder diferem de acordo com seu talento, o ministério da igreja é um esforço de equipe. O apóstolo Paulo foi rápido para recomendar seus colaboradores no evangelho. Alguns serviram ao lado dele como pregadores e evangelistas. Outros apoiaram o ministério de maneiras menos visíveis. Todas as suas contribuições foram vitais, porque seus papéis únicos de liderança contribuíram para a força global do ministério. Além disso, atenuou a liderança autodidata e despótica de egómanos como Diótrefes que sempre se colocaram em primeiro lugar (3 João 9).

GOVERNO DA IGREJA

Como pastores do rebanho, os anciãos devem liderar, dando direção e exemplo pessoal, e alimentando-se ensinando a Palavra de Deus e protegendo o povo do erro. Porque eles operam sob a autoridade de Cristo, o Chefe Pastor, eles representam o mais alto nível de autoridade espiritual dentro da igreja local e são responsáveis perante ele (1 Pedro 5: 2-4). Conseqüentemente, cada assembléia local deveria ser governada por seus próprios anciãos (ver Tito 1: 5), sem coerção de hierarquias externas ou organizações

paracentrais. As igrejas são livres de cooperar com outras igrejas, mas devem fazê-lo à discrição dos anciãos, de acordo com os princípios bíblicos. Como líderes ordenados por Deus da igreja, os presbíteros deveriam determinar questões de política, de filiação e de disciplina à medida que buscassem em oração orientação das Escrituras (cf. Atos 15: 19-31; 20:28; 1 Cor. 5: 4-7, 13; 1 Pet. 5: 1-4).

Os valores políticos democráticos muitas vezes levam os fiéis modernos a suspeitarem de uma regra mais antiga, optando por uma forma congregacional de governo da igreja. Mas isso é contrário ao claro paradigma do Novo Testamento para a liderança espiritual dentro da igreja, que exige que os anciãos assumam a responsabilidade primária de servir e liderar o povo de Deus.

Historicamente, várias formas de governo da igreja incluem as formas episcopal, presbiteriana e congregacional. Uma forma episcopal de governo da igreja coloca a responsabilidade de liderança primária com o *episkopos* , ou "bispo". Variações desta estrutura eclesiástica são encontradas no metodismo, no anglicanismo e no catolicismo romano e podem envolver vários níveis de hierarquia (por exemplo, sacerdotes, bispos, arcebispos). Embora proeminente em grande parte da história da igreja, este sistema tem pelo menos duas fraquezas significativas. Primeiro, cria uma distinção posicional entre os *episkopos* ("bispo") e os *presbyteros* ("ancião") não encontrados no Novo Testamento. Conseqüentemente, um caso bíblico para esta forma de governo da igreja não pode ser feito com sucesso. Segundo, Esta forma de governo da igreja é especialmente vulnerável à corrupção devido à sua estrutura hierárquica de liderança eclesiástica, que pode erradamente colocar o foco em títulos e posições de autoridade, e não nas qualificações espirituais para o ministério pastoral. Tal corrupção é em nenhuma parte mais aparente do que no catolicismo romano com sua história da corrupção papal, do desvio doutrinal, e de abusos espirituais.

A forma presbiteriana do governo da igreja se concentra no papel dos *presbiteros* , ou "ancião", *observando* que os termos "bispo" e "ancião" são intercambiáveis no Novo Testamento (1Tm 3: 1-2, Tito 1 : 7). Esta abordagem é encontrada principalmente dentro das denominações Presbiteriana e Reformada. A ênfase no governo dos anciãos é claramente afirmada no Novo Testamento (1 Tessalonicenses 5:12, Hebreus 13:17). No entanto, as estruturas hierárquicas extrabíblicas associadas historicamente a esta forma de governo da igreja (por exemplo, sessões da igreja local, presbíteros regionais, sínodos maiores, assembléias gerais) não têm nem precedente nem apoio do Novo Testamento.

As formas congregacionais de governo da igreja enfatizam a autoridade individual de cada congregação local. Grupos confessionais como Batistas, Congregacionistas e muitos luteranos são caracterizados por variações de congregacionalismo. Por um lado, o congregacionalismo enfatiza a autonomia de cada igreja local, observando que o Novo Testamento retrata tal imagem da igreja do primeiro século. Assim, uma forma congregacional de governo da igreja rejeita justamente a hierarquia eclesiástica representada pelos outros dois sistemas. Por outro lado, muitas formas de congregacionalismo também insistem em uma abordagem democrática da liderança, na qual todos os membros da igreja (e não somente os anciãos) estão envolvidos na tomada de decisões da igreja. Embora popular na igreja americana, onde os valores democráticos são refletidos na política secular,

AUTORIDADE

Devido à sua posição de liderança e à sua responsabilidade pelo rebanho, os anciãos devem ser tratados com grande respeito. Como Paulo disse aos crentes em Tessalônica: "Pedimos-vos, irmãos, que respeiteis os que trabalham entre vós, e estão sobre vós no Senhor, e vos aconselham e os estimam muito em amor por causa da sua obra" (1 Ts. 5:

12-13). Os membros da igreja devem manter seus líderes em alta estima por causa do chamado dado por Deus.

Não somente os crentes estimam seus líderes, mas também os imitam. O autor de Hebreus escreve: "Lembrai-vos dos vossos líderes, aqueles que vos falaram a palavra de Deus. Considerem o resultado de seu modo de vida e imitem sua fé "(Hb 13: 7). Os membros da igreja são instruídos a seguir o exemplo piedoso de seus líderes espirituais, à medida que os anciãos modelam o que significa viver de uma maneira que honre a Cristo (1 Cor. 4:16; 11: 1).

A atitude da igreja em relação à sua liderança é explicada em Hebreus 13:17: "Obedecei aos vossos líderes e submetei-vos a eles, porque eles estão vigiando as vossas almas, como aqueles que terão de prestar contas. Que eles façam isso com alegria e não com gemidos, porque isso não seria vantajoso para vocês ". A congregação deve se submeter à liderança dos anciãos, reconhecendo que os anciãos são responsáveis perante o Senhor por aqueles sob seu cuidado espiritual. Quando os membros da igreja respondem aos seus líderes com uma atitude de pronta disposição e agradecimentos sinceros, a responsabilidade dos líderes de liderar transforma-se de um trabalho penoso em um grande prazer.

Embora os anciãos sejam respeitados, eles não estão acima da lei de Deus. As acusações credíveis de pecado contra um presbítero não devem ser ignoradas ou tratadas levianamente. Primeiro Timóteo 5: 19-21 afirma,

> Não admita uma acusação contra um ancião, exceto com a evidência de duas ou três testemunhas. Quanto aos que persistem no pecado, repreendê-los na presença de todos, para que o resto possa ficar com medo. Na presença de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, eu os ordeno que guardem estas regras sem prejulgar, sem fazer nada por parcialidade.

Quando os anciãos pecam, eles estão sujeitos ao mesmo processo de disciplina da igreja que qualquer outro membro da igreja (ver Mateus 18: 15-17). Seu papel de liderança não os isenta do mesmo padrão de santidade a que todos os crentes são mantidos. Se alguma coisa, a sua responsabilidade para que o padrão é maior, e não inferior, devido à natureza visível de seu papel de liderança. Quando uma igreja ignora deliberadamente o pecado na vida de seus líderes, seu testemunho perante o mundo assistindo sofre adequadamente. Além disso, a pureza do povo é negativamente afetada, pois eles começam a imitar a atitude laxista em relação ao pecado que observam em sua liderança (Lc 6:40). A desobediência de uma igreja a esse respeito convidará o julgamento de castigo de Deus, ao invés de sua bênção (veja Hebreus 12: 3-11, Apocalipse 2: 20-23, 3:19).

Diáconos

Ao definir o ofício de diácono, o Novo Testamento põe o peso primordial no caráter moral de uma pessoa. É por isso que a Escritura revela mais sobre as qualificações espirituais para os diáconos do que sobre a natureza específica de seu papel na igreja local. Biblicamente falando, a ênfase não está na estrutura organizacional, mas na integridade moral, maturidade espiritual e pureza doutrinária daqueles que servem em uma capacidade oficial.

As palavras gregas *diakonos* ("servo"), *diakonia* ("serviço") e *diakoneō* ("servir") são usadas para *descrever o ministério* de um diácono. Inicialmente, este grupo de palavras pode ter aplicado especificamente para servir comida e mesas de espera (ver Lucas 4:39, 10:40, 17: 8, 22:27, João 2: 5, 9, 12: 2, Atos 6: 2), Mas chegou a incluir qualquer serviço

ou ministério que pudesse ser realizado para satisfazer as necessidades de outras pessoas (João 12:26, Romanos 13: 3-4). Estas palavras também foram usadas para descrever o serviço espiritual ao Senhor por parte de um crente, incluindo atos de obediência ou atos de serviço em nome da igreja (Atos 20:19, Rom 12: 6-7, 15: 25, 1 Coríntios 12: 5, 16:15, 2 Coríntios 4: 1, 8: 3-4, 9: 1, Apocalipse 2:19).

ESCRITÓRIO

Além destas descrições gerais de serviço, 1 Timóteo 3: 8-13 usa a palavra "diácono" para se referir também a um ofício específico dentro da igreja. Lá o apóstolo Paulo escreve:

> Os diáconos também devem ser dignos, não de língua dupla, não viciados em muito vinho, não gananciosos por ganho desonesto. Eles devem manter o mistério da fé com uma consciência limpa. E também eles sejam testados primeiro; Em seguida, que eles sirvam como diáconos se eles se revelam irrepreensíveis. Suas esposas [lit., "mulheres"] também devem ser dignas, não caluniadoras, mas sóbrias, fiéis em todas as coisas. Que os diáconos sejam marido de uma só mulher, gerindo bem seus filhos e seus próprios lares. Pois aqueles que servem bem como diáconos ganham uma boa posição para si mesmos e também grande confiança na fé que está em Cristo Jesus.

A palavra "do mesmo modo" no versículo 8 aponta para o versículo 1, onde Paulo introduz as qualificações para "o ofício de superintendente". A implicação é que os diáconos descritos nos versículos 8-13 ocupam um escritório reconhecido na igreja, Os anciãos fazem. Como os anciãos lideram a igreja, eles são ajudados em seu ministério pelos diáconos.

Ao listar as qualificações para os diáconos, Paulo enfatiza o caráter pessoal ea maturidade espiritual do indivíduo. Os diáconos devem ser "dignos", honrados em comportamento e respeitáveis em reputação. Porque eles são consistentes e verdadeiros em seu discurso, eles são "não dupla língua", o que significa que eles não insistem uma coisa para ser verdade para uma pessoa e algo diferente para outra pessoa. Eles não são "viciados em muito vinho", mas são conhecidos por serem sóbrios e cheios do Espírito (Ef 5:18). Um diácono não deve ser "ganancioso para ganho desonesto" ou motivado pelo amor ao dinheiro (1 Timóteo 6: 9-10), especialmente porque seu serviço na igreja pode envolver o manuseio de fundos. Ao longo da história da igreja, os diáconos muitas vezes foram confiados com a coleta da oferta. Esse tipo de administração financeira requer total confiabilidade.

Os diáconos devem ter uma base teológica em suas convicções doutrinárias. Como Paulo explica: "Eles devem guardar o mistério da fé com a consciência limpa" (1 Timóteo 3: 9). Eles não só abraçam a sã doutrina ("o mistério da fé"), mas também aplicam-na consistentemente em suas ações, razão pela qual suas consciências são claras. Um registro de fidelidade deve ser evidente em suas vidas. Assim, eles devem "ser testados primeiro; Então, sirvam como diáconos, se se provarem irrepreensíveis "(1 Timóteo 3:10). Da mesma forma que os presbíteros devem estar acima da censura, assim também os diáconos devem demonstrar um padrão consistente de vida que é irrepreensível. Tal está de acordo com sua capacidade oficial de serviço visível dentro da igreja de Jesus Cristo.

De acordo com 1 Timóteo 3:12, os diáconos devem ser "marido de uma só mulher". Como com os anciãos, isso não é meramente uma proibição da poligamia. Em vez disso, ele fala para a pureza sexual e integridade moral que deveria ser verdade de cada diácono. Não é simplesmente que ele tem uma esposa, mas que ele é absolutamente fiel a essa mulher. Sua vida conjugal é caracterizada por total consagração e pura devoção a ela. A consistência de sua caminhada cristã também é evidenciada em seu papel de pai,

uma vez que os diáconos devem administrar "bem seus filhos e suas próprias famílias" (1 Tm 3:12). Ao conduzir bem sua família, ele demonstra que também é capaz de servir em papéis importantes de responsabilidade dentro da igreja (1 Tm 3: 5).

O ofício de ancião é principalmente um de supervisão espiritual - liderando e alimentando o rebanho. O ofício de diácono é principalmente um serviço espiritual - ajudando os anciãos a atender as necessidades dos membros da igreja. Embora os dois escritórios diferem, as qualificações para ambos claramente se sobrepõem. Na realidade, as qualificações descritas para diáconos em 1 Timóteo 3: 8-13 abrangem metas espirituais que todos os crentes devem perseguir. Quer sejam ou não reconhecidos oficialmente como detentores do cargo de diácono, são chamados a ser servos fiéis do Senhor Jesus Cristo (Mt 25:23). Nesse sentido, todos devem aspirar a servir de todo o seu Mestre servindo o seu povo na igreja. A promessa que Paulo articula para diáconos nesta passagem aplica-se certamente a todos os que servem fielmente ao Senhor:

Diaconisas

O primeiro Timóteo 3:11 indica que o ofício de diácono estava disponível não apenas para os homens, mas também para as mulheres (ie, diaconisas). Lá, Paulo escreve: "As mulheres também devem ser dignas, não fofocas maliciosas, mas temperadas, fiéis em todas as coisas" (NASB). Alguns interpretam este versículo como referindo-se às esposas dos diáconos, mas tal é improvável pelo menos por três razões. Primeiramente, embora algumas traduções inglesas a inseram, Paul não coloca um pronome possessivo ("seu") antes da palavra "mulheres" (ou "esposas"). Consequentemente, a gramática sugere que as mulheres abordadas em 3:11 são relacionalmente distintas dos homens abordados nos versículos anteriores.

Segundo, o apóstolo não se dirige às esposas dos anciãos neste mesmo contexto (3: 2-7). Se a intenção de Paulo era elaborar sobre o comportamento da esposa de um diácono, parece estranho que ele negligenciasse dirigir-se às esposas dos anciãos em linhas semelhantes. No entanto, se as mulheres mencionadas em 3:11 são diaconisas, e não as esposas dos diáconos, então o padrão de Paulo faz todo o sentido. O apóstolo não precisou dirigir-se às mulheres em sua articulação das qualificações mais antigas pelo simples fato de que não existem anciãs do sexo feminino. Entretanto, ele dirigiu-se às mulheres em 3:11 porque existem diáconas.

Em terceiro lugar, a descrição de Phoebe em Romanos 16: 1 fornece um provável exemplo de uma mulher que serviu como diaconisa. Lá, Paulo escreve: "Eu recomendo a você nossa irmã Phoebe, uma serva [uma forma de *diakonos*] da igreja em Cencrea". Parece que Phoebe serviu em alguma capacidade reconhecida dentro de sua congregação local, levando Paul a chamar a atenção para ela. Se assim for, ela é provavelmente um exemplo do Novo Testamento de uma diaconisa. Como as suas homólogas masculinas, as diaconisas devem estar acima de qualquer reprovação em todo o seu comportamento (um ponto implicado pelo uso de Paulo do termo "igualmente" em 1 Tim. 3:11). Especificamente, eles "devem ser dignos, não caluniadores, mas sóbrios, fiéis em todas as coisas".

ATOS 6 E DIÁCONOS

Ao longo da história da igreja, muitos entenderam Atos 6: 1-6 como um exemplo do Novo Testamento de diáconos. Nessa passagem, Lucas escreve:

> Agora, nestes dias em que os discípulos estavam aumentando em número, uma queixa dos helenistas levantou-se contra os hebreus porque suas viúvas estavam sendo

> negligenciadas na distribuição diária [*diakonia*]. E os doze convocaram o número completo dos discípulos e disseram: "Não é certo que devamos desistir de pregar a palavra de Deus para servir [uma forma de *diakoneō*] tabelas. Portanto, irmãos, escolham dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e da sabedoria, aos quais designaremos este dever. Mas vamos nos dedicar à oração e ao ministério [*diakonia*] da palavra.”E o que eles disseram contentou a toda a reunião, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, E Nicanor, e Timão, e Parmenas, E Nicolau, prosélito de Antioquia. Estes puseram-se diante dos apóstolos, e oraram e impuseram as mãos sobre eles.

Aqueles que interpretam esta passagem como referindo-se aos diáconos observam que os termos gregos *diakonia* e *diakoneō* são ambos usados. No entanto, o uso desses termos é inconclusivo neste contexto, uma vez que a *diaconia* também é aplicada ao ministério dos apóstolos em 6: 4. Os sete homens listados em Atos 6: 5 devem ser considerados os primeiros diáconos da igreja?

Ao responder a essa pergunta, é importante notar que o Novo Testamento nunca se refere especificamente a eles como "diáconos". Embora Estêvão e Filipe sejam mencionados mais tarde em Atos (6: 8-15; 7: 1-60; 8: 5). -12, 26-40), nem são chamados diáconos. Eles são vistos pregando e evangelizando, não esperando mesas, sugerindo que eles administraram distribuição de comida em Jerusalém apenas temporariamente. Assim, parece melhor concluir que a situação em Atos 6: 1-6 envolveu um dilema temporário na igreja primitiva e que estes sete homens foram selecionados para resolver uma crise única (em vez de ser nomeado para um cargo permanente). Por conseguinte, os termos *diakonia* e *diakoneō* em Atos 6 devem ser interpretados no sentido geral de "serviço" e "servir".

Tabela 9.2 Qualificações para Anciãos e Diáconos

Anciãos	**Diáconos**
Acima da repreensão (1 Tm 3: 2, Tito 1: 6)	Provado sem culpa (1 Tim. 3:10)
Marido de uma só mulher (1 Tm 3: 2, Tito 1: 6)	Marido de uma esposa (1 Tim. 3:12)
Sober-mente (1 Tim. 3: 2)	Sober-mente [diaconisas] (1 Tim. 3:11)
Autocontrole e disciplinado (1 Tm 3: 2, Tito 1: 8)	
Respeitável (1 Tim. 3: 2)	Dignificado (1 Tim. 3: 8)
Hospitaleiro (1 Tm 3: 2, Tito 1: 8)	
Mantendo firme a Palavra (Tito 1: 9)	Mantendo o mistério da fé com uma consciência limpa (1 Timóteo 3: 9)
Capaz de ensinar (1 Tim. 3: 2); Capaz de dar instrução na sã doutrina e repreender aqueles que a contradizem (Tito 1: 9)	
Não é um bêbado (1 Tm 3: 3, Tito 1: 7)	Não viciado em muito vinho (1 Tim. 3: 8)
Não violento, mas suave (1 Tm 3: 3, Tito 1: 7)	
Não briguento ou temperamental (1 Tm 3: 3, Tito 1: 7)	

Não um amante do dinheiro ou ganancioso para ganhar (1 Timóteo 3: 3, Tito 1: 7)	Não ganancioso por ganho desonesto (1 Tm 3: 8)
Gerente qualificado de sua casa (1 Timóteo 3: 4)	Administra bem a família (1 Tim. 3:12)
Mantendo seus filhos submissos com toda a dignidade (1 Timóteo 3: 4); Tendo filhos fiéis não abertos à acusação de deboche ou insubordinação (Tito 1: 6)	Dirige bem as crianças (1 Tim. 3:12)
Acima da repreensão como mordomo de Deus (Tito 1: 7)	Fiel em todas as coisas [diaconisas] (1 Tim. 3:11)
Não é um convertido recente, para que ele não se torne presunçoso (1 Timóteo 3: 6); Não arrogante (Tito 1: 7)	Primeiro deve ser testado antes de servir (1 Tim. 3:10)
Bem pensado por estranhos (1 Tm 3: 7)	(Implícito em 1 Tim. 3: 8)
Um amante do bem (Tito 1: 8)	
De pé (Tito 1: 8)	(Implícito em 1 Tim. 3:10)
Santo (Tito 1: 8)	(Implícito em 1 Tim. 3:10)
	Não de língua dupla (1 Tim. 3: 8)
	Não um caluniador [diaconisas] (1 Tim. 3:11)

Enquanto os sete homens em Atos 6 não podem ser classificados como diáconos em um sentido oficial, eles antecipam o ofício de diácono em três maneiras importantes. Primeiro, estes sete homens ajudaram os apóstolos a realizarem uma tarefa administrativa da mesma maneira que os diáconos deveriam ajudar os presbíteros de uma igreja local, para que os anciãos possam permanecer concentrados em suas responsabilidades espirituais primárias de ensinar e orar (Atos 6: 4). Em segundo lugar, as qualificações prévias para o seu serviço estavam relacionadas ao seu caráter espiritual. Muito parecido com a lista de qualificações de Paulo em 1 Timóteo 3: 8-13, a ênfase em Atos 6: 3 está na virtude moral desses homens: eles tinham que ser "de boa reputação, cheios do Espírito e da sabedoria". Terceiro , Essas qualificações sugerem que seu papel envolveu mais do que apenas organizar e implementar a distribuição de alimentos. Eles foram encarregados de resolver um conflito, um em que, sem dúvida, forneceu muitos conselhos bíblicos como eles abordaram as queixas dos que tinham sido negligenciados. Ao prestarem cuidados físicos aos membros da congregação, o seu papel também implicava uma sensibilidade ao estado espiritual dos indivíduos a quem ministravam. Isso também deve caracterizar qualquer pessoa que ocupe o cargo de diácono.

QUALIFICAÇÕES

Em termos de qualificações espirituais, a principal diferença entre diáconos e anciãos é que os anciãos devem possuir a capacidade de ensinar (1 Timóteo 3: 2), enquanto o ofício de diácono não tem tal pré-requisito. No entanto, os diáconos contribuem para o ministério de ensino dos anciãos, auxiliando-os com outras tarefas, libertando assim os anciãos para o ministério da Palavra. Comparando as qualificações para cada cargo de 1 Timóteo 3 e Tito 1 demonstra os estreitos paralelos entre os dois (ver tabela 9.2).

Embora os diáconos compartilhem as mesmas qualificações espirituais dos anciãos, eles não desempenham o mesmo papel na igreja. Os diáconos cuidam do rebanho sob a supervisão dos mais velhos, organizando e executando tarefas administrativas e outros ministérios orientados a serviços. Seu serviço fiel exemplifica o tipo de grandeza espiritual que Jesus recomendou quando disse a seus discípulos: "Quem quiser ser grande entre vocês deve ser seu servo, e quem quer que seja o primeiro entre vocês deve ser seu escravo, assim como o Filho do Homem não veio Para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos "(Mt 20: 26-28). O papel do diácono é um serviço altruísta em benefício dos outros - um papel que o próprio Cristo modelou perfeitamente (Filipenses 2: 3-7). A recompensa por tal serviço não consiste em riquezas temporais ou fama mundana; em vez,

Dinâmica Bíblica da Vida da Igreja

Devotado a Cristo
Dedicado à Escritura
Devotados a um outro
Dedicado à mesa do Senhor
Devotado à oração
Resultados da devoção

Uma das representações mais definidoras da igreja primitiva é encontrada em Atos 2: 41-47. Como Lucas descreve a igreja de Jerusalém em sua infância, ele delineia um número de distinctives chaves que caracterizaram a devoção dessa congregação notável. Pelo menos cinco marcas dessa igreja fiel estabelecem um precedente importante que as igrejas hoje devem buscar emular. Estas marcas serão desenvolvidas em maior detalhe na seção "Meios de Graça dentro da Igreja" (p.780).

Devotado a Cristo

De acordo com Atos 2:41, cerca de três mil pessoas responderam em fé salvadora ao sermão evangelístico de Pedro pregado no dia de Pentecostes (Atos 2: 14-40). Eles foram batizados e incorporados à igreja, e demonstraram a autenticidade de sua profissão de fé em sua contínua devoção a Cristo. Em Atos 2:42, o verbo grego traduzido "devotado" (uma forma de *proskartereō*) carrega a idéia de dedicação firme e carinho perseverante. Diante do ridículo, da rejeição e da perseguição, esses crentes demonstraram um amor corajoso pelo Senhor Jesus e sua igreja. Eles demonstraram o compromisso permanente com Cristo que caracteriza os crentes genuínos (João 15: 1-4, ver Mt 13: 3-9, 21, 1 João 2:19), mostrando-se verdadeiramente para ser seus discípulos (João 8:31).).

É importante, mesmo que aparentemente óbvio, notar que a primeira igreja era composta de indivíduos salvos. Muitas igrejas modernas são dominadas por incrédulos. Alguns até focam mais a atenção em atrair os incrédulos do que em cuidar dos redimidos. Mas isso não se encaixa no modelo bíblico. As igrejas que são corajosamente dedicadas ao Senhor Jesus serão caracterizadas pela pureza na vida e na doutrina (1 Timóteo 4:16), muitas vezes fazendo com que o mundo resista ou evite (Atos 5: 13-14). Sua prioridade será honrar a Cristo, Cabeça da igreja, equipando seus membros tanto para fazer o trabalho do ministério (Efésios 4:12) quanto para evangelizar os perdidos ao longo de suas vidas diárias (Mt 28: 19).

Os incrédulos são obviamente bem-vindos para assistir aos cultos da igreja, sendo expostos ao louvor divino e à pregação bíblica na esperança de que sejam condenados e

se arrependam (1 Coríntios 14: 24-25). Mas o propósito de um culto da igreja é edificar e equipar os santos ao unir-se na adoração corporativa através do canto congregacional, da oração, do ensino da Palavra de Deus e da observância das ordenanças. Além disso, qualquer forma de associação ou serviço na igreja é restrita aos crentes. Aqueles que não fazem parte da igreja universal e invisível não podem ter um papel legítimo de liderança ou serviço na igreja local visível (2 Coríntios 6: 14-15).

O Novo Testamento elogia as igrejas que demonstram um compromisso centrado em Cristo para a pureza moral e doutrinária. Considere a aprovação de Paulo da igreja de Tessalonicenses:

> Damos graças a Deus sempre por todos vós, mencionando-vos constantemente em nossas orações, lembrando diante de nosso Deus e Pai a vossa obra de fé e trabalho de amor e firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo. Porque nós sabemos, irmãos amados por Deus, que ele vos escolheu, porque o nosso evangelho veio a vós não somente em palavra, mas também em poder e no Espírito Santo e com plena convicção. Você sabe que tipo de homens provamos estar entre vocês por sua causa. E vós vos tornastes imitadores de nós e do Senhor, porque recebestes a palavra em grande aflição, com a alegria do Espírito Santo, para que se tornassem um exemplo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia. Porque não só a palavra do Senhor soou de vós na Macedônia e na Acaia, mas a vossa fé em Deus tem saído por toda parte, de modo que não precisamos dizer nada. Porque eles mesmos relatam sobre nós o tipo de acolhimento que tínhamos entre vós, e como vos dirigistes a Deus dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro, e para esperar do céu o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Da ira vindoura. (1 Ts 1: 2-10)

A igreja de Tessalónica foi caracterizada por fé genuína, amor sacrificial e firme esperança. Quando ouviram a boa nova da salvação, eles creram, corajosamente perseverando por causa de Cristo em face da perseguição, para que o exemplo de sua fidelidade encorajasse outros crentes e soasse um poderoso testemunho do evangelho. Era claramente uma congregação definida pela devoção a Cristo.

Não se pode dizer o mesmo sobre as igrejas de Pérgamo e Sardes, tão dominadas pela influência dos incrédulos que o Senhor os repreendeu severamente (Apocalipse 2: 14-16, 3: 1-3). Sua acomodação com o mundo permitiu idolatria, imoralidade e hipocrisia para correr desenfreado. A severa advertência de Cristo a essas congregações ressalta sua preocupação com a pureza de qualquer igreja em qualquer idade.

Embora a igreja deva demonstrar amor e compaixão pelos incrédulos, ela nunca deve abraçá-los como parte da comunhão até que eles se arrependam e crêem no evangelho. Pelo desígnio de Deus, a igreja é uma assembléia de adoradores redimidos que juntos estão crescendo em santidade semelhante a Cristo. Aqueles que tentariam transformá-la em outra coisa, mesmo em nome do evangelismo, o fazem em contradição com o que as Escrituras ensinam.

Dedicado à Escritura

Em Atos 2:42, Lucas explica que os crentes na igreja de Jerusalém "se dedicaram ao ensinamento dos apóstolos". O conteúdo dessa instrução incluía exposições das Escrituras do Antigo Testamento (Atos 6: 4, ver Lucas 24: 44- 49), ensinamentos da vida e ministério de Jesus (João 14:26, 1 Coríntios 11: 23-26), e nova revelação dada pelo Espírito Santo aos apóstolos (João 16: 12-15). O ensino dos apóstolos, que agora está registrado nas Escrituras do Novo Testamento, deve ser o foco do ministério de pregação e ensino de toda igreja.

Um compromisso com o ensino dos apóstolos é essencial para o desenvolvimento espiritual e bem-estar de todos os crentes. A exposição à Palavra de Deus renova a mente por meio do poder iluminador do Espírito Santo (1 Coríntios 2: 10-16) e produz crescimento espiritual (1 Tm 4: 6; 1 Pd 2). : 2). É por isso que o Novo Testamento enfatiza a importância de ler e ensinar as Escrituras (1 Timóteo 4:13), ordenando aos pastores que preguem a Palavra fielmente e sem compromisso (2 Timóteo 4: 1-2). Como Paulo instruiu os membros da igreja de Colossos: "Que a palavra de Cristo habite em vós ricamente, ensinando e admoestando uns aos outros com toda a sabedoria, cantando salmos e hinos e canções espirituais, com gratidão em vosso coração a Deus" (Col. 3). : 16).

As igrejas que negligenciam a pregação da Palavra de Deus deixam o seu povo espiritualmente desnutrido e são suscetíveis tanto à tentação quanto ao erro porque estão mal equipados para usar a "espada do Espírito" (Ef 6:17)). Por outro lado, aqueles que proclamam fielmente o que as Escrituras ensinam firmemente estabelecem suas congregações na verdade (Salmo 1: 1-3; 1 João 2: 12-14).

Devotados a um outro

O relato de Atos 2 continua explicando que os membros da igreja primitiva também estavam dedicados à "comunhão" (Atos 2:42). Esses primeiros cristãos se distinguiram por uma constante devoção e compromisso sacrificial com seus companheiros membros do corpo de Cristo. O termo “comunhão” (. Gk *Koinonia*) refere-se a “partilha” ou Todo crente está em comunhão permanente com o Senhor Jesus Cristo através da fé nele “parceria”. (João 17:21; 1 Cor. 1: 9). Como resultado, os crentes também estão em comunhão uns com os outros (1 João 1: 3). Eles demonstram essa comunhão através de um compromisso amoroso para servir a outros crentes e encorajá-los a amar e boas ações. Uma pessoa também exibe essa comunhão no desejo de ser um membro ativo do corpo local de crentes. Assim, o autor de Hebreus escreve: "Consideremo-nos como se estimulam mutuamente ao amor e às boas obras, não negligenciando o encontro, como é hábito de alguns, mas encorajando uns aos outros, e quanto mais vedes que o Dia se aproxima" (Heb 10) : 24-25). Como indicam estas palavras, a vida cristã não deve ser vivida isoladamente, mas em constante comunhão com Cristo e seu povo. Da mesma forma que cada membro de uma igreja local deve ser parte da igreja universal, assim cada membro da igreja universal deve ser um membro fiel e participante em uma congregação local. A vida cristã não deve ser vivida isoladamente, mas em constante comunhão com Cristo e seu povo. Da mesma forma que cada membro de uma igreja local deve ser parte da igreja universal, assim cada membro da igreja universal deve ser um membro fiel e participante em uma congregação local. A vida cristã não deve ser vivida isoladamente, mas em constante comunhão com Cristo e seu povo. Da mesma forma que cada membro de uma igreja local deve ser parte da igreja universal, assim cada membro da igreja universal deve ser um membro fiel e participante em uma congregação local.

Dedicado à mesa do Senhor

De acordo com Atos 2:42, a primeira igreja também foi dedicada "à quebra do pão", uma referência à celebração da Ceia do Senhor. O próprio Jesus ordenou a seus seguidores que comemorassem sua morte de forma consistente (1 Coríntios 11: 24-29), lembrando-se continuamente da salvação providenciada pelo seu sacrifício de uma vez por todas (Hb 9:26, 28; 1 Pedro 3:18). A comunhão simboliza a união do crente com Cristo (Romanos 6: 5) ea unidade que os crentes compartilham uns com os outros (Ef 4: 5). Como Paulo explicou em 1 Coríntios 10: 16-17: "O cálice da bênção que abençoamos, não é uma

participação no sangue de Cristo? O pão que quebramos, não é uma participação no corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós que somos muitos somos um só corpo, porque todos participamos do único pão. "

Celebrar a mesa do Senhor também faz com que os crentes examinem seus corações, confessando e arrependendo-se de qualquer pecado conhecido. Dessa forma, ela opera como uma influência purificadora na igreja, à medida que os crentes refletem na cruz e abandonam seu pecado. Os que participam da Ceia do Senhor de maneira indigna convidam o juízo de castigo do Senhor (1 Coríntios 11: 27-32).

Devotado à oração

Finalmente, Atos 2:42 explica que a igreja primitiva também foi dedicada às "orações". Reconhecendo a necessidade da sabedoria e da assistência divinas (João 14: 13-14 e Tiago 1: 5), esses crentes foram caracterizados por uma implacável Compromisso com a oração corporativa (ver Atos 1:14, 24, 4: 24-31). Essa mesma prioridade deve marcar a igreja hoje, enquanto os crentes confiam no cuidado providencial e no poder soberano de Deus. Congregações que falham em comungar com o Senhor através da oração serão inevitavelmente caracterizadas por fraqueza espiritual e apatia. Em contraste, o Novo Testamento chama repetidamente os crentes a orar fervorosamente e continuamente (Lucas 18: 1, Romanos 12:12, Ef 6:18, Col. 4: 2, 1 Tessalonicenses 5:17).

Resultados da devoção

A igreja de Atos 2:42 compreendeu a importância vital de perseguir as prioridades certas. Eles foram devotados a Cristo, sua Palavra, seu povo, a comemoração de sua morte, ea prática da oração. Essas expressões únicas da vida dessa primeira igreja devem ser as características de cada igreja. Eles são representativos dos meios pelos quais Deus molda e faz crescer a igreja no que ele quer que ela seja.

Em Atos 2: 43-47, Lucas detalha os resultados que brotaram da devoção exibida por esses crentes do primeiro século. Ele escreve,

> E temor sobre cada alma, e muitas maravilhas e sinais estavam sendo feitos através dos apóstolos. E todos os que acreditavam estavam juntos e tinham todas as coisas em comum. E eles estavam vendendo seus pertences e pertences e distribuindo o produto para todos, como qualquer necessidade. E de dia em dia, atendendo ao templo juntos e quebrando o pão em suas casas, eles receberam seu alimento com corações alegres e generosos, louvando a Deus e tendo favor com todo o povo. E o Senhor acrescentava ao seu número, dia após dia, aqueles que estavam sendo salvos.

Como Deus trabalhou através desta comunidade de crentes, eles experimentaram um senso de santo temor como eles testemunharam os sinais milagrosos sendo realizada pelos apóstolos (Atos 2:43). Sua congregação também foi caracterizada pela partilha sacrificial e generosidade altruísta (Atos 2: 44-45). Deve-se notar que, embora estivessem ansiosos para vender seus pertences para atender às necessidades dos outros, a igreja primitiva não praticava o comunismo ou o comunalismo. O tempo imperfeito dos verbos "vender" e "distribuir" indica que estas eram ações contínuas, o que significa que os crentes venderam seus pertences pessoais como necessidades individuais surgiram em resposta ao impulso do Espírito (1Co 16: 1-2). Além disso, Atos 2:46 deixa claro que esses crentes retidos propriedade de suas casas. E a narrativa posterior em Atos revela que a propriedade pessoal foi vendida apenas numa base voluntária (Atos 5: 4, ver 2 Coríntios 8: 13-14). Naturalmente, o fato de que eles estavam dispostos a se separar de suas posses

materiais para servir a outros (Atos 4: 34-36) demonstra a autenticidade de seu amor um pelo outro.

Esta congregação primitiva também experimentou alegria sobrenatural (Atos 2:46). A generosidade de seu sincero amor um pelo outro produziu uma alegria incontestável que irrompeu em louvor a Deus (Atos 2:47). Também expandiu seu testemunho aos descrentes ao seu redor, que responderam favoravelmente à transformação irrefutável e às virtudes altruístas que observaram na vida desses crentes. Como resultado, muitos mais vieram abraçar o Senhor Jesus na fé salvadora, como Deus usou o testemunho desta igreja fiel para atrair pecadores incrédulos para si mesmo (Atos 2:47). Os incrédulos continuamente estavam sendo salvos enquanto observavam como esses primeiros seguidores de Jesus exibiam uma unidade alegre e cheia de Espírito. O impacto final das atividades espirituais da igreja primitiva e do caráter semelhante a Cristo foi o evangelismo eficaz.

Uma igreja saudável em qualquer idade será caracterizada pelas mesmas perseguições espirituais como a igreja descrita em Atos 2: 42-47. À medida que os crentes se dedicam às prioridades certas, o Espírito produzirá um caráter cristão dentro deles (Romanos 5: 4 e 2 Coríntios 3:18). Isso por sua vez proporcionará um testemunho convincente para o mundo do poder transformador do evangelho - uma testemunha que Deus pode usar para alcançar muitos incrédulos com a verdade da salvação.

Meios de Graça dentro da Igreja

Palavra de Deus
Batismo
A mesa do Senhor
Oração
Adoração
Companheirismo
Disciplina da Igreja

Como ilustrado pela igreja de Jerusalém em Atos 2, Deus usa vários meios para trazer bênção, fortalecer a fé e cultivar o crescimento espiritual na vida de seu povo. Historicamente, estes foram chamados de "meios de graça". Eles são os instrumentos através dos quais o Espírito de Deus graciosamente cresce crentes na semelhança de Cristo, ao fortalecê-los na fé e os conformar à imagem do Filho (2 Cor. 3: 17-18).). Embora alguns limitem esses meios de graça à pregação da Palavra e à observância das ordenanças (batismo e Ceia do Senhor), o Novo Testamento ensina que Deus também promove o bem-estar espiritual de seu povo através de outros meios também - incluindo a oração, Adoração, comunhão e o processo de disciplina da igreja. Nesse sentido, todos estes podem justamente ser considerados meios de graça e bênção espiritual.

Palavra de Deus

O principal significa que o Espírito de Deus usa para crescer crentes na santificação é a sua Palavra. Como Pedro explica a seus leitores: "Portanto, deixando de lado toda a malícia e todo o engano e a hipocrisia, a inveja e toda calúnia, como os bebês recém-nascidos, anseiam pelo leite puro da palavra, para que por ela cresçam com respeito à salvação, Se tiverdes provado a bondade do Senhor "(1 Pe 2: 1-3 NASB). A relação entre a santificação do crente e as Escrituras é sublinhada pelo Senhor Jesus em sua Oração de Sacerdote Superior; Falando dos crentes, disse ao Pai: "Santifica-os na verdade; A vossa

palavra é a verdade "(João 17:17). Uma comparação das passagens paralelas em Efésios 5: 18-6: 9 e Colossenses 3: 16-4: 1 revela que "encher-se do Espírito" (Ef 5:18) é "deixar a palavra de Cristo habitar Em vós ricamente "(Colossenses 3:16). Juntando estas duas passagens, torna-se claro que, à medida que os crentes saturam suas mentes com a Palavra de Deus, elas passam a ser controladas pelo Espírito (ver Romanos 8:14, Gálatas 5: 16-18), produzindo assim o fruto de O Espírito (Gálatas 5: 22-23). A Escritura é uma parte chave da armadura do Espírito contra o pecado ea tentação (Ef 6:17, ver Mateus 4: 4, 7, 10).

O Espírito Santo inspirou as Escrituras através da superintendência dos autores humanos (2 Pedro 1:21, 1 Sam. 19:20, 2 Sam. 23: 2, Isaías 59:21, Ezequiel 11: 5, 24 , Marcos 12:36, João 14:17, 26, 16: 13-15, Atos 1:16, 1 Pedro 1:11). E ele continua a iluminar as Escrituras nos corações e mentes dos crentes, permitindo-lhes entender e obedecer o que revelou (1Co 2: 14-16, ver Salmo 119: 18, 2Co 4: 6; 1 João 2:27). O Espírito não apenas inspirou e iluminou a Escritura, mas também a anima. Ele anima a pregação do evangelho (1Pe 1:12) para que a sua Palavra condene os corações e as mentes dos pecadores (Hb 4:12), trazendo a regeneração aos não convertidos (Ef 5:26, Tito 3 : 5, Tiago 1:18). Paulo reiterou esta verdade quando disse aos crentes tessalonicenses: "Nosso evangelho veio a você não apenas em palavras, Mas também no poder e no Espírito Santo e com plena convicção "(1 Tessalonicenses 1: 5). Ele também disse aos Coríntios: "Meu discurso e minha mensagem não foram em palavras plausíveis de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e do poder, para que a vossa fé não descanse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Cor. 2: 4-5). O poder soberano do Espírito Santo é ilustrado ainda mais na promessa divina de Isaías 55:11: "Assim será a minha palavra que sai da minha boca; Não voltará a mim vazio, mas cumprirá o que eu proponho, e sucederá na coisa para a qual a enviei ". Para que a vossa fé não descanse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus "(1 Cor. 2: 4-5). O poder soberano do Espírito Santo é ilustrado ainda mais na promessa divina de Isaías 55:11: "Assim será a minha palavra que sai da minha boca; Não voltará a mim vazio, mas cumprirá o que eu proponho, e sucederá na coisa para a qual a enviei ". Para que a vossa fé não descanse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus "(1 Cor. 2: 4-5). O poder soberano do Espírito Santo é ilustrado ainda mais na promessa divina de Isaías 55:11: "Assim será a minha palavra que sai da minha boca; Não voltará a mim vazio, mas cumprirá o que eu proponho, e sucederá na coisa para a qual a enviei ".

Tanto a evangelização dos incrédulos (Romanos 10: 14-15) quanto a edificação dos santos (Atos 20:32) dependem da fiel proclamação das Escrituras com poder do Espírito. O apóstolo Paulo resumiu a necessidade vital da Escritura quando disse a Timóteo: "Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir na justiça, para que o homem de Deus seja completo, Toda boa obra "(2 Tm 3: 16-17). Tudo o que os crentes precisam para andar em retidão e santificação é encontrado nas páginas da Palavra de Deus. O conhecimento de Deus revelado nas Escrituras é tudo o que eles exigem para a vida e a piedade (2 Pe 1: 3). Conseqüentemente, os crentes têm fome da Palavra de Deus porque reconhecem que ela alimenta suas almas (Jó 23:12; 1 Pe 2: 2).

É essencial que as igrejas priorizem o ministério vital da Palavra - exatamente como fizeram os apóstolos (Atos 6: 4). Este ministério é realizado principalmente através da leitura, pregação e ensino das Escrituras. Como Paulo instruiu Timóteo: "Até que eu venha, dedica-te à leitura pública da Escritura, à exortação, ao ensino" (1 Timóteo 4:13). A pregação que honra a Deus começa com o estudo cuidadoso da Palavra, para que o pregador interprete o texto com precisão. Tal é o dever de um operário fiel, que ele corretamente lidar com a Palavra de verdade (2 Tim. 2:15). Tendo estudado

cuidadosamente o texto, o pregador deve proclamá-lo de forma completa, clara e corajosa à congregação. O apóstolo Paulo, depois de destacar a suficiência da Escritura em 2 Timóteo 3: 16-17, imediatamente desafiou seu protegido espiritual com estas palavras: "Eu vos encargo na presença de Deus e de Cristo Jesus, que é julgar os vivos e os mortos, e pela sua vinda e o seu reino: pregai a palavra; Esteja pronto na estação e fora da estação; Repreende, repreenda e exorte com completa paciência e doutrina "(2Tm 4: 1-2). Não importava as conseqüências ou a maré da opinião popular, Timóteo deveria proclamar toda a verdade da Escritura sem compromisso ou capitulação. Pastores e anciãos na igreja de hoje compartilham o mesmo mandato divino; Eles também são responsáveis perante o próprio Deus por cumprir fielmente essa responsabilidade primária (Tiago 3: 1). Não importava as conseqüências ou a maré da opinião popular, Timóteo deveria proclamar toda a verdade da Escritura sem compromisso ou capitulação. Pastores e anciãos na igreja de hoje compartilham o mesmo mandato divino; Eles também são responsáveis perante o próprio Deus por cumprir fielmente essa responsabilidade primária (Tiago 3: 1). Não importava as conseqüências ou a maré da opinião popular, Timóteo deveria proclamar toda a verdade da Escritura sem compromisso ou capitulação. Pastores e anciãos na igreja de hoje compartilham o mesmo mandato divino; Eles também são responsáveis perante o próprio Deus por cumprir fielmente essa responsabilidade primária (Tiago 3: 1).

Batismo

Por exemplo e instrução, o Senhor Jesus deu à igreja duas ordenanças que devem observar: o batismo (Mt 3: 13-17; 28:19) ea celebração da Ceia do Senhor (Lucas 22: 19-20). Quando se usa literalmente, o termo refere-se a ações como a imersão de tecido em corante ou a imersão de uma pessoa em água. A palavra *batizar* (de Gk. *Baptizō*) *significa* "imergir" ou "mergulhar". Mas também é usada figurativamente no Novo Testamento para enfatizar a estreita identidade e solidariedade entre duas pessoas. Por exemplo, em 1 Coríntios 10: 2, Paulo explica que o Antigo Testamento, Israel, foi batizado em Moisés. Esse uso figurativo da palavra ressaltou a solidariedade dos israelitas com seu porta-voz e líder ordenado por Deus.

BAPTISMO ESPIRITUAL

De maneira infinitamente mais profunda, o Novo Testamento ensina que todos os crentes estão imersos em Cristo Jesus no momento da conversão (Romanos 6: 3, ver Mateus 3:11). Eles são batizados por Cristo com seu Espírito Santo. Por meio deste batismo do Espírito (que é inteiramente a obra de Deus), os crentes estão unidos a Cristo (1 Coríntios 6:17, 2 Coríntios 5:17, Gálatas 3:27) e colocados em seu corpo, a igreja (1 Cor. 12:13). É esta realidade espiritual de que Pedro fala quando escreve: "O batismo, que corresponde a isto, agora te salva, não como remoção de sujeira do corpo, mas como um apelo a Deus por uma boa consciência, por meio da ressurreição de Jesus Cristo "(1 Pedro 3:21). Como este versículo deixa claro, não é a ação externa da água que salva (a "remoção da sujeira do corpo"), mas a realidade interna de "um apelo a Deus por uma boa consciência,

O batismo espiritual ocorre apenas uma vez, no momento da salvação, e não deve ser buscado como uma experiência secundária pós-conversão. Esse batismo singular do Espírito ocorre na conversão, quando o crente nasce de novo e é colocado na esfera do poder santificador do Espírito e da presença interior. Em 1 Coríntios 12:13, Paulo escreve: "Porque em um só Espírito fomos todos batizados em um só corpo - judeus ou gregos, escravos ou livres - e todos foram levados a beber de um Espírito". Aqui Paulo enfatiza a

unidade ea igualdade Que os crentes possuem porque todos foram incorporados por Cristo à igreja através de seu Espírito. Aqueles que hoje insistem que o batismo do Espírito é uma experiência secundária, que separa a elite espiritual dos cristãos comuns, transformam esse versículo em sua cabeça. Ao contrário de tais noções equivocadas,

Alguns olham para o livro de Atos para defender sua visão de que os crentes devem buscar um batismo do Espírito Santo após a conversão. Entretanto, tais esforços não explicam a natureza transitória do que estava acontecendo em Atos. Ao comentar 1 Coríntios 12:13, MacArthur explica que

> A Escritura não contém nenhum comando, sugestão ou método para que os crentes busquem ou recebam o batismo do Espírito. Vocês não procuram nem pedem o que vocês já possuem ... Os eventos especiais de transição (em Atos dos que esperam receber o batismo do Espírito) não representam a norma, como o nosso texto atual deixa claro, mas foram dados para indicar Tudo o que o Corpo era um (Atos 11: 15-17).

BAPTISMO UM SÍMBOLO PARA CRENTES

Para simbolizar essa realidade interna da salvação, o Novo Testamento chama os crentes a serem batizados na água como um testemunho público de sua fé e solidariedade com o Senhor Jesus. O batismo na água, então, é a demonstração externa, pós-conversão, de uma realidade interior que já ocorreu na conversão. O batismo de João Batista simbolizava o arrependimento do pecado e voltando-se para Deus (Mt 3: 6, ver Atos 19: 4-5). Em Cristo, o batismo não significa apenas um afastamento do pecado, mas também serve como uma afirmação pública de sua identificação e união com ele em sua morte, sepultamento e ressurreição.

A Escritura apresenta o batismo como o primeiro passo de obediência para os crentes depois de terem abraçado o Senhor Jesus na fé salvadora. Embora não seja salvífico, o batismo é comandado pelo próprio Cristo (Mt 28:19). Aqueles que não querem confessar seu Senhor e Salvador publicamente através do batismo estão vivendo em desobediência e assim questionam a genuinidade de sua fé porque não estão dispostos a obedecer (Mt 10: 32-33).

O modo apropriado de batismo é por imersão, como indicado pela palavra grega *baptizō* . A imersão também serve como símbolo do sepultamento e ressurreição, significando a realidade espiritual de que os crentes morreram para o pecado e ressuscitaram com Cristo (Romanos 6: 4, 10).

Embora penetrante durante toda a história da igreja, a prática do batismo infantil falta apoio claro do Novo Testamento, uma vez que a fé salvadora precede o batismo e não vice-versa. Na Escritura, apenas os crentes são ditos serem batizados. A definição do Novo Testamento do batismo, de fato, requer que as realidades internas do arrependimento e da fé precedam o símbolo externo. Em Atos 2:38, somente aqueles que creram e se arrependeram foram chamados para serem batizados. Segundo Colossenses 2:12, aqueles que foram batizados em Cristo (uma realidade espiritual representada pelo batismo em água) foram "ressuscitados com ele pela fé". Primeiro Pedro 3:21 explica que o batismo simboliza "um apelo a Deus por um bem Consciência ". No entanto, nenhuma dessas realidades - arrependimento, fé ou um apelo consciente a Deus por uma boa consciência - pode ser exibida por um bebê. Conseqüentemente, A prática do batismo infantil (ou paedobaptismo) deve ser rejeitada. O batismo do crente (ou credobaptismo) parece ter sido a prática prevalecente da igreja primitiva até pelo menos o terceiro século, quando atestados explícitos de paedobaptismo aparecem mais freqüentemente na literatura cristã existente.

Importante, o batismo na água não desempenha nenhum papel na obra da salvação. Pelo contrário, é apenas um símbolo da união do crente com Cristo e do batismo do Espírito. O ladrão na cruz fornece um exemplo inconfundível de quem foi salvo sem ser batizado (Lc 23: 40-43). Da mesma forma, Cornélio foi claramente salvo e recebeu o Espírito Santo antes de ser batizado em água (Atos 10: 44-48). O apóstolo Paulo poderia dizer aos Coríntios: "Agradeço a Deus que não batizei a nenhum de vós senão Crispo e Caius, para que ninguém diga que fomos batizados em meu nome ... Pois Cristo não me enviou a batizar senão a pregar Evangelho, e não com palavras de sabedoria eloquente, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada de seu poder "(1 Cor. 1: 14-17). Certamente, Paulo nunca teria feito tal afirmação se o batismo com água fosse necessário para a salvação.

Além disso, embora não seja parte do Evangelho original de Marcos, Marcos 16:16 registra que Jesus disse a seus discípulos: "Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado". A autenticidade do texto, é evidente que a primeira metade desse versículo enfatiza a estreita ligação entre a fé salvadora e a subseqüente identificação do crente com Cristo nas águas do batismo. Contudo, como a segunda metade do versículo deixa claro, os pecadores são condenados pela incredulidade, não por não ser batizados. O restante da Escritura indica repetidamente que o perdão divino é concedido com base na graça de Deus recebida somente através de uma fé arrependida (Atos 3:19, 5:31, 26:20, Romanos 3:28, 4: 4-5, Efe 2: 8-9),

Apesar da clareza das Escrituras sobre o que é necessário para a salvação (Atos 16: 30-31), alguns erroneamente insistem que o símbolo do batismo na água é realmente o meio de salvação, em vez de uma demonstração externa dele. Ao confundir o símbolo do batismo com a realidade da graça de Deus na salvação, eles eliminam a realidade adicionando obras ao evangelho (Romanos 11: 6).

Aqueles que ensinam que o batismo produz salvação (uma visão conhecida como "regeneração batismal") muitas vezes apontam as palavras de Pedro no dia de Pentecostes. Lá ele disse ao seu público: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38). Mas concluir que Pedro estava tornando a salvação contingente ao batismo não só é contrária ao ensinamento geral da Escritura, em que a salvação é unicamente pela fé (João 1:12, 3:16, Atos 16:31, Romanos 3: 21-30, 4: 5, 10: 9-10, Gálatas 2:16, Filipenses 3: 9), mas também ignora o contexto imediato do sermão de Pedro. A audiência judaica a quem Pedro falou arriscou o ridículo e a rejeição públicos se eles se identificassem com Cristo (João 9:22; 12: 42-43). Pedro, portanto, desafiou-os a demonstrar a genuinidade de seu arrependimento, identificando-se publicamente com o Senhor Jesus através do batismo. De maneira semelhante, Jesus chamou o rico governante jovem para demonstrar a sinceridade de seu arrependimento, entregando sua riqueza (Lucas 18: 18-27). Contudo, ninguém concluiria desse texto que a pobreza voluntária é necessária para a salvação. A graça de Deus não é pré-condicionada nem na água nem na riqueza. Mas o verdadeiro arrependimento sempre se evidenciará em obediência à vontade do Senhor. A graça de Deus não é pré-condicionada nem na água nem na riqueza. Mas o verdadeiro arrependimento sempre se evidenciará em obediência à vontade do Senhor. A graça de Deus não é pré-condicionada nem na água nem na riqueza. Mas o verdadeiro arrependimento sempre se evidenciará em obediência à vontade do Senhor.

Lexicamente, a preposição grega *eis* ("para") pode significar "para o propósito de", mas também pode significar "por causa de" ou "por ocasião de". Um exemplo desse segundo significado é encontrado em Mateus 12:41 , Onde Jesus explica que os Nínive se arrependeram por causa da pregação de Jonas. Assim, quando Pedro disse:

"Sejam batizados ... para [*eis*] o perdão dos vossos pecados", a palavra "para" deve ser corretamente traduzida "por causa". Pedro estava pedindo que o batismo em água fosse realizado "por causa da" remissão Dos pecados, não para produzi-lo. Como o resto de Atos deixa claro, o batismo segue o perdão e não vice-versa (Atos 8:12, 34-39; 10: 34-48; 16: 31-33). Todo crente desfruta a remissão completa dos pecados desde o momento da conversão (Mateus 26:28, Lucas 24:47, Ef 1: 7, Col. 2:13, 1 João 2:12).

Embora o batismo não produza salvação, está intimamente associado a ele (Ef 4: 5). No livro de Atos, aqueles que creram foram batizados imediatamente (Atos 2:41; 8:38; 9:18; 10:48; 18: 8; 19: 1-5), indicando que deve seguir de perto uma profissão genuína De fé. Os crentes devem ser batizados "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28:19). Tal não é uma fórmula sacramental, mas sim um reconhecimento abrangente da união dos crentes com o Deus trino através da fé em Cristo.

A mesa do Senhor

Uma segunda ordenança que deve ser observada pela igreja é a Mesa do Senhor (ou a Ceia do Senhor). Ao contrário do batismo, que é observado uma vez após a conversão, a Ceia do Senhor deve ser celebrada repetidamente ao longo da vida cristã.

ANTECEDENTES E PRÁTICA

Na noite antes de sua morte, o Senhor Jesus comemorou uma última refeição de Páscoa com seus discípulos, transformando-a em uma celebração de importância infinitamente maior. Enquanto a Páscoa comemorava a libertação de Israel da escravidão no Egito (Ex. 12: 1-14), a Ceia do Senhor aponta para a libertação final do povo de Deus da escravidão ao pecado e à morte. A Páscoa olhou para o resgate temporário da escravidão física; A Ceia do Senhor comemora a libertação eterna e espiritual fornecida através da nova aliança. Os cordeiros abatidos durante a Páscoa apenas anunciavam o sacrifício do Imaculado Cordeiro de Deus, que morreu numa cruz para redimir os pecadores de uma vez por todas (1Pe 1: 18-19, ver Hb 9: 25-26).

A observância da Comunhão foi praticada pela igreja desde seu início no dia de Pentecostes (Atos 2:42). A igreja primitiva também desenvolveu refeições congregacionais que passaram a ser conhecidas como festas de amor (Jude 12), que geralmente eram concluídas com uma celebração da Ceia do Senhor. Essas refeições foram projetadas para promover a comunhão e o cuidado mútuo entre os membros da igreja. Mas alguns usaram essas refeições como uma oportunidade para mostrar parcialidade e engajar-se em embriaguez (1 Coríntios 11:18, 21, ver 2 Pedro 2:13). Quando eles ligaram tal comportamento à Ceia do Senhor, eles profanaram a sagrada ordenança. É nesse contexto que Paulo ofereceu esta severa advertência:

> Quem, pois, comer o pão ou beber o cálice do Senhor de maneira indigna será culpado em relação ao corpo e ao sangue do Senhor. Que alguém examine a si mesmo, então, e assim coma do pão e beba do cálice. Para quem come e bebe sem discernir o corpo come e bebe juízo sobre si mesmo. É por isso que muitos de vocês estão fracos e doentes, e alguns morreram. Mas se nos julgássemos verdadeiramente, não seríamos julgados. Mas quando somos julgados pelo Senhor, somos disciplinados para que não possamos ser condenados juntamente com o mundo. (1 Cor. 11: 27-32)

Embora os crentes devam perseguir a santidade em todos os momentos (1Pe 1: 15-17), a celebração da Ceia do Senhor é uma ocasião em que eles devem examinar cuidadosamente seus corações, confessando e se arrependendo de qualquer pecado

conhecido diante do Senhor. Aqueles que participam da Comunhão sem arrependimento do pecado conhecido profanam a celebração e convidam o castigo de Deus.

Anteriormente em 1 Coríntios 11, Paulo oferece uma explicação da própria ordenança. Ele escreve,

> Pois eu recebi do Senhor o que também vos entreguei, que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão, e, havendo dado graças, partiu-o e disse: Este é o meu corpo que é para vós . Fazei isto em memória de mim. "Do mesmo modo também tomou o cálice, depois da ceia, dizendo:" Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Fazei isto com tanta freqüência quanto bebes, em memória de mim. "Pois quantas vezes você come este pão e bebe o cálice, proclama a morte do Senhor até que ele venha. (1 Coríntios 11: 23-26)

Porque 1 Coríntios poderia ter sido escrito antes dos quatro Evangelhos, estas palavras de Paulo podem representar o mais antigo registro escrito da refeição final da Páscoa do Senhor.

Durante uma refeição tradicional da Páscoa, quatro xícaras de vinho seria passado em torno da mesa. Depois de beber o primeiro copo, ervas amargas seria mergulhado em um molho de fruta e comido enquanto uma mensagem foi dada explicando o significado da Páscoa. Então a primeira parte do Hallel (que consiste nos Salmos 113-118) seria cantada (Hallel é hebraico para "louvor"). Depois que o segundo copo tinha sido passado, o pão unleavened seria quebrado e passou. Foi neste ponto que Jesus "tomou o pão e, quando deu graças, partiu-o e deu-o, dizendo: 'Este é o meu corpo que é dado por vós. Faça isso em memória de mim "(Lucas 22:19). O verbo grego traduzido "deu graças" é a forma *participial* de *eucharisteo* , que é transliterado para o inglês como "Eucaristia,

Após a quebra do pão durante a Páscoa, o cordeiro assado seria comido. Depois da oração, o terceiro copo foi passado e o resto do Hallel foi cantado. Foi o terceiro copo que Jesus transformou no cálice da Comunhão. Lucas escreve: "E da mesma maneira [Jesus tomou] o cálice depois de terem comido, dizendo: 'Este cálice que se derrama para vós é a nova aliança no meu sangue'" (Lucas 22:20). A quarta e última xícara de Páscoa, que esperava o futuro reino, foi aprovada pouco antes de partir.

VISTAS SOBRE O SIGNIFICADO DA COMUNHÃO

A instrução repetida de Jesus, "Faça isto em memória de mim", indica que a celebração da Ceia do Senhor não é opcional. Cada crente deve observá-lo rotineiramente, e prolongado fracasso em fazê-lo constitui um pecado. Jesus instituiu sua Ceia como um memorial perpétuo para seus seguidores, para que pudessem repetidamente refletir sobre o significado eterno de sua morte. Além disso, quando os crentes celebram a Ceia do Senhor, eles comungam com o Cristo ressuscitado que habita neles e está espiritualmente presente com seu povo (1 Coríntios 10:16). Embora alguns insistam em que o pão eo cálice são transformados no verdadeiro corpo e sangue de Jesus, sendo novamente oferecidos como um sacrifício, tal noção esticará gravemente as palavras de Cristo além do significado pretendido. O pão e a xícara são símbolos, Escolhido pelo próprio Senhor para significar e memorializar sua morte expiatória. Celebrar a Comunhão não é oferecer um novo sacrifício e assim confundir a expiação; Antes, é regozijar-se com o sacrifício de uma vez por todas do Senhor Jesus (Romanos 6:10, Hebreus 9: 26-28, 1 Pedro 3:18).

Ao longo da história da igreja, quatro visões principais da Tabela do Senhor podem ser delineadas: a visão católica romana da transubstanciação; A visão luterana da consubstanciação ou presença real; A visão Reformada enfatizando a presença espiritual de Cristo; Ea vista Zwinglian de uma celebração memorial. A visão católica pretende que a substância dos elementos é transformada no corpo físico e no sangue de Cristo no

momento da bênção do sacerdote. Consequentemente, a celebração católica da Eucaristia é considerada como um sacrifício real. Mas este ponto de vista da comunhão deve ser rejeitado por pelo menos duas razões. Primeiro, ele não reconhece o significado simbólico das declarações de Cristo: "Este é o meu corpo" e "Este é o meu sangue" (Mt 26: 26-28). Quando Jesus disse: "Eu sou o pão da vida", em João 6: 35 (um verso que os católicos romanos costumam usar para apoiar sua compreensão da Eucaristia), sua declaração deve ser interpretada da mesma forma que suas outras declarações "Eu sou", como "Eu sou a luz do mundo" : 12), "Eu sou a porta" (João 10: 9), "Eu sou o bom pastor" (João 10:11) e "Eu sou a vide" (João 15: 1). Essas expressões metafóricas ilustram a verdade do evangelho de formas profundas, mas não devem ser entendidas em termos literalmente literais. Em segundo lugar, ao considerar a Eucaristia como um sacrifício repetido ou contínuo, a visão católica mina a realidade de que a morte de Cristo na cruz foi um sacrifício de uma vez por todas (Romanos 6:10, Hebreus 9:28, 10:10; 1 Pedro 3:18), totalmente concluído no Calvário (João 19:30). Tais como "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12), "Eu sou a porta" (João 10: 9), "Eu sou o bom pastor" (João 10:11), e "Eu sou a Vide "(João 15: 1). Essas expressões metafóricas ilustram a verdade do evangelho de formas profundas, mas não devem ser entendidas em termos literalmente literais. Em segundo lugar, ao considerar a Eucaristia como um sacrifício repetido ou contínuo, a visão católica mina a realidade de que a morte de Cristo na cruz foi um sacrifício de uma vez por todas (Romanos 6:10, Hebreus 9:28, 10:10; 1 Pedro 3:18), totalmente concluído no Calvário (João 19:30). Tais como "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12), "Eu sou a porta" (João 10: 9), "Eu sou o bom pastor" (João 10:11), e "Eu sou a Vide "(João 15: 1). Essas expressões metafóricas ilustram a verdade do evangelho de formas profundas, mas não devem ser entendidas em termos literalmente literais. Em segundo lugar, ao considerar a Eucaristia como um sacrifício repetido ou contínuo, a visão católica mina a realidade de que a morte de Cristo na cruz foi um sacrifício de uma vez por todas (Romanos 6:10, Hebreus 9:28, 10:10; 1 Pedro 3:18), totalmente concluído no Calvário (João 19:30).

Embora Martinho Lutero rejeitasse a noção católica romana de transubstanciação e a idéia de que a Eucaristia era um sacrifício propiciatório, ele manteve que o corpo e o sangue de Cristo estão realmente presentes "dentro, com e sob" os elementos da Comunhão. Esta visão, referida como consubstanciação ou presença real, representa um abrandamento da posição católica romana. Embora mais preferível do que a visão católica por razões óbvias, a insistência de Lutero na "presença real" de Cristo continuou a ignorar a natureza simbólica das declarações de Jesus.

Outros reformadores como Ulrich Zwingli e João Calvino distanciaram-se da posição católica romana mais do que Lutero. Para Zwingli, a Tabela do Senhor era principalmente uma celebração memorial que comemorava a obra de Cristo na cruz. Que Jesus pretendia que esta celebração servisse de memorial está clara de sua instrução: "Fazei isto em *memória* de mim" (1 *Coríntios* 11: 24-25). Além de influenciar a tradição Reformada, a posição de Zwingli foi adotada por vários grupos anabatistas. João Calvino ensinou que, embora Cristo não esteja fisicamente presente na celebração da Comunhão, ele é, no entanto, espiritualmente presente. Embora Calvin enfatizasse esse ponto mais do que Zwingli, seus pontos de vista não excluíam necessariamente os de Zwingli. Adequadamente,

Por um lado, não é errado falar do Senhor Jesus estar espiritualmente presente com o seu povo quando celebram a Comunhão, uma vez que ele está espiritualmente presente com os crentes todo o tempo (Mateus 28:20, Hebreus 13: 5). Por outro lado, a *linguagem da presença espiritual* pode ser potencialmente confusa e inútil - talvez fazendo com que alguns pensem em termos de encontros místicos, experiências extáticas ou a presença real de uma maneira luterana ou mesmo católica. Quando todos os textos bíblicos são

considerados, a Tabela do Senhor é melhor compreendida como uma celebração memorial que fortalece os crentes em sua caminhada com Cristo porque (1) comemora o sacrifício substitutivo de Jesus (simbolizado pelos elementos do pão e da taça); (2) lembra aos crentes as verdades históricas do evangelho, Incluindo a encarnação de Cristo, morte, ressurreição e ascensão; (3) leva os crentes a se arrepender de qualquer pecado conhecido; (4) faz com que se regozijem em sua redenção do pecado e em sua união salvífica com Cristo; (5) motiva-os a continuar andando em obediência amorosa ao Senhor; E (6) lembra-lhes a esperança em seu retorno iminente.

ANTECIPAÇÃO

A comunhão não só leva os crentes a olhar para trás em memória, mas também os lembra de olhar para frente com antecipação. Então Paulo declara: "Quantas vezes você comer este pão e beber o cálice, você proclama a morte do Senhor até que ele venha" (1 Coríntios 11:26). A Ceia do Senhor lembra aos crentes que, embora Jesus tenha morrido, ele não permaneceu na sepultura. Tendo subido e subido à mão direita do Pai, ele está voltando. Como prometeu aos seus discípulos na noite anterior à sua morte: "Se eu for e vos preparar um lugar, voltarei e vos levarei para mim mesmo, para que onde Eu estiver vós também esteja" (João 14: 3). Naquela mesma noite, ele também disse: "Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira até o dia em que eu beber de novo no reino de Deus" (Marcos 14:25). Celebrar a Ceia do Senhor antecipa a esperança do retorno de Jesus,

Oração

Embora muitas vezes negligenciadas em muitas igrejas, a oração (tanto corporativa como privada) é um meio vital de graça que Deus usa para crescer o seu povo em santidade (ver Hebreus 4:16). Em 1 Tessalonicenses 5:17, Paulo instruiu a igreja em Tessalônica a "orar sem cessar". Esse imperativo designa a atitude de coração que deve caracterizar cada congregação. O *mandamento* "orar" (de *Gn . Proseuchomai* , ver Mateus 6: 5-6, Marcos 11:24, Lucas 5:16, 11: 1-2, Atos 10: 9, Romanos 8:26, 1 Cor 14: 13-15, Ef 6:18, Col 1: 9, 2 Tessalonicenses 3: 1, Tiago 5: 13-14, 16) inclui todas as facetas da oração: dependência, adoração, confissão, intercessão, ação de graças , E súplica. A frase "sem cessar" refere-se a um modo de vida constante que se caracteriza por uma atitude de oração, e não por uma infinidade de expressões (Mt 6: 7).

O exemplo perfeito deste tipo de oração foi o próprio Senhor Jesus, cuja fervorosa vida de oração é descrita nos quatro Evangelhos (Mt 14:23; 26: 38-46; Marcos 1:35; 6:46; Lucas 9:18 , 28-29, 22:41, 44, João 6:15, 8: 1-2, 17: 1-26). Jesus também ensinou seus discípulos a orar (Mateus 6: 5-14, Lucas 11: 2-4) e ilustrou a importância da oração persistente em suas parábolas (Lucas 11: 5-10, 18: 1-8). Este compromisso sincero com a oração foi exemplificado pela igreja primitiva (Atos 2:42, ver 1:14; 4: 23-31; 12: 11-16), incluindo os apóstolos, que a priorizaram ao lado do ministério da Palavra (Atos 6: 4). O ministério de Paulo foi similarmente caracterizado por uma atitude constante de oração (Romanos 12:12, Ef 6: 18-19, Filipenses 4: 6, Col. 4: 2, 2 Tessalonicenses 3: 1; 2: 8).

O desejo do apóstolo Paulo de ver os crentes crescerem na semelhança de Cristo foi a principal motivação em sua vida de oração. Como ele explicou,

> Por isso, dobrando os meus joelhos diante do Pai, de quem é chamada toda a família no céu e na terra, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder através do seu Espírito no vosso ser interior, Cristo possa habitar

> em seus corações através da fé - para que vocês, enraizados e fundados em amor, tenham força para compreender com todos os santos qual é a largura e comprimento, altura e profundidade, e conhecer o amor de Cristo que ultrapassa o conhecimento, Para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. (Efésios 3: 14-19, 1: 15-19 e Col 1: 9-12)

Adoração

A adoração é o tema da história da salvação, o propósito supremo para o qual os crentes foram redimidos (João 4:23) ea ocupação com a qual eles serão eternamente apaixonados (Ap 22: 3-4, ver 19: 1-6) . Adorar ao Senhor é atribuir-lhe a honra, glória, adoração, louvor, reverência e devoção que lhe são devidas, tanto pela sua grandeza como pela sua bondade. Como o Criador soberano do universo, o Deus trino sozinho - Pai, Filho e Espírito Santo - é digno de adoração (Isaías 42: 8; 48:11; Mateus 4:10; Apocalipse 14: 7) . A veneração ou adoração de anjos, santos ou outras supostas deidades constitui a idolatria, e é estritamente proibida nas Escrituras (Ex 20: 3-5, Col. 2:18, Apocalipse 19:10, 22: 9). É a recusa inexcusável de adorar o verdadeiro Deus que traz seu julgamento sobre o mundo não regenerado (Rm 1: 18-32).

A verdadeira adoração deve começar no coração e na mente do adorador. Portanto, não pode ser equiparado a serviços elaborados, edifícios ornamentados, orações eloqüentes ou música bonita. Essas coisas podem ser expressões externas da adoração genuína, mas Deus aceita apenas o que decorre da devoção sincera a ele. Embora muitos associem a adoração de uma igreja com seu programa de música, a música é apenas uma avenida através da qual a adoração pode ser expressa. As formas de adoração podem incluir orações, expressões de louvor e ações de graças (Hb 13:15), e servir aos outros por causa de Cristo (Hebreus 13:16, veja Fil. 4:18). Durante o culto de adoração, a congregação se une à adoração corporativa, louvando a Deus através do canto, suplicando-o em oração, e ouvindo a leitura e pregação de sua Palavra. Contribuir financeiramente para a igreja através da doação é também uma expressão de adoração quando feita de um coração de alegria. Como Paulo disse aos Coríntios,

> Quem semeia pouco, também colherá frugalmente, e quem semeia generosamente também colherá abundantemente. Cada um deve dar como ele decidiu em seu coração, não relutantemente ou sob compulsão, porque Deus ama um doador alegre. E Deus é capaz de fazer toda graça abundar para você, de modo que tendo toda a suficiência em todas as coisas em todos os momentos, você pode abundar em toda boa obra ... Você será enriquecido em todos os sentidos para ser generoso em todos os sentidos, que através de nós Produzirão ação de graças a Deus. Pois o ministério deste serviço não é apenas suprir as necessidades dos santos, mas também transbordar em muitas ações de graças a Deus. Por sua aprovação deste serviço, eles glorificarão a Deus por causa de sua submissão que vem de sua confissão do evangelho de Cristo, ea generosidade de sua contribuição para eles e para todos os outros, Enquanto eles anseiam por você e oram por você, por causa da graça superadora de Deus sobre você. Graças a Deus por seu presente inexprimível! (2 Cor. 9: 6-15)

Para os crentes, o supremo ato de adoração é oferecer a todos eles como um sacrifício vivo ao Senhor (Mt 22:37). Paulo exortou assim os romanos com estas palavras:

> Apelo-vos pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a apresentar os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é vossa adoração espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que, ao testar, discernam qual é a vontade de Deus, o que é bom, aceitável e perfeito. (Romanos 12: 1-2)

A adoração, então, abrange muito mais do que a parte de cantar de um culto na igreja; É uma maneira de pensar e viver para a honra e glória de Deus.

Embora a adoração possa ser apaixonada, ela deve sempre estar fundamentada na verdade. Como Jesus explicou: "A hora está chegando, e agora está aqui, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois o Pai está buscando tais pessoas para adorá-lo. Deus é espírito, e os que o adoram devem adorar em espírito e em verdade "(João 4: 23-24, Fp 3: 3). Muitos na igreja hoje confundem o emocionalismo com a adoração. Mas as experiências emocionais que não são governadas pela verdade teológica não honram o Senhor. O culto genuíno envolve a mente; Não o ignora (1Co 14:15, 19). Além disso, as expressões de adoração que honram a Deus são caracterizadas pela decência e ordem (1Co 14:40). As igrejas não devem promover práticas estúpidas, caóticas ou mundanas em nome da adoração.

Companheirismo

Como *mencionado* acima, a palavra *comunhão* vem do termo grego *koinōnia* , que significa "parceria" ou "partilha". A base da comunhão é a salvação. Porque os crentes estão em comunhão com o Senhor Jesus, eles também estão em comunhão uns com os outros. Como o apóstolo João explica: "Aquilo que vimos e ouvimos proclamamos também a vós, para que também vós também tenhais comunhão conosco; E, de fato, nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo "(1 João 1: 3, 1 Coríntios 6:17). A prática da comunhão (isto é, o que os crentes fazem) é baseada em sua posição de companheirismo em Cristo (ie, quem os crentes estão nele). Por estarem unidos ao Senhor Jesus na fé, estão unidos uns aos outros em amor (João 13:35; 17:21).

A prática da comunhão consiste em serviço de sacrifício para com outros membros do corpo de Cristo (Filipenses 2: 1-4, ver Atos 4: 32-37). Usando a metáfora de um corpo humano, o apóstolo Paulo explica como cada membro da igreja deve contribuir para a vida do todo:

> Pois assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, são um só corpo, assim é com Cristo. Pois, em um só Espírito, fomos todos batizados em um só corpo - judeus ou gregos, escravos ou livres - e todos foram feitos para beber de um Espírito.
>
> Pois o corpo não consiste em um membro, mas em muitos. Se o pé disser: "Porque eu não sou uma mão, eu não pertenço ao corpo", isso não o tornaria menos uma parte do corpo. E se o ouvido disser: "Porque eu não sou um olho, eu não pertenço ao corpo", isso não o tornaria menos uma parte do corpo. Se todo o corpo fosse um olho, onde estaria o senso de audição? Se todo o corpo fosse uma orelha, onde seria o sentido do olfato? Mas como é, Deus organizou os membros no corpo, cada um deles, como ele escolheu. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Como é, há muitas partes, contudo um corpo.
>
> O olho não pode dizer à mão: "Não preciso de ti", nem a cabeça aos pés, "não tenho necessidade de ti". Ao contrário, as partes do corpo que parecem mais fracas são indispensáveis , E nas partes do corpo que consideramos menos honrosas damos a maior honra, e nossas partes irrepresentáveis são tratadas com maior modéstia, o que nossas partes mais apresentáveis não exigem. Mas Deus compôs o corpo, dando mais honra ao que faltava, para que não houvesse divisão no corpo, mas que os membros pudessem ter o mesmo cuidado um pelo outro. Se um membro sofre, todos sofrem juntos; Se um membro é honrado, todos se regozijam juntos.
>
> Agora vocês são o corpo de Cristo e membros individualmente dele. (1 Cor. 12: 12-27)

Esta é uma magnífica metáfora que ilustra a vida comum que os crentes compartilham sob a sua Cabeça, o Senhor Jesus. É esse tipo de unidade, de comunhão e de convivência que deve caracterizar a comunhão em cada igreja (Romanos 12:16). As expressões de comunhão incluem o discipulado (Mt 28: 19-20, 2 Timóteo 2: 2), a responsabilidade mútua (Gálatas 6: 1-2 e Hb 10: 24-25) : 58, Ef 4:12 e Apocalipse 22:12). Os comandos "um do outro" do Novo Testamento (listados acima na página 752) explicam mais detalhadamente como a comunhão deve ser expressa dentro da congregação (Romanos 12:10, 16; 13: 8; 15: 5, 7, 14, 16:16, 1 Coríntios 12:25, Gálatas 5:13, 26, 6: 2, Ef 4: 2, 32, 5:19, Fil. 2: 3, Col 3: 9, 13 , 16, 1 Tessalonicenses 3:12, 4: 9, 18, 5:11, 13, 15, 2 Tessalonicenses 1: 3, Hebreus 3:13, 10: 24-25, Tiago 5:16, 1 Pet 1:22; 4: 8-10; 5: 5; 1 João 3:11, 23; 4: 7, 11-12;

A comunhão dos crentes não só fornece um contexto para o serviço cristão, mas também oferece proteção espiritual aos seus membros. A vida cristã é para ser vivida não isoladamente, mas em comunidade com outros crentes, pois eles "estimulam uns aos outros para o amor e boas obras" (Heb 10:24). Como ovelhas que se separam do resto do rebanho, os cristãos que se isolam da igreja se tornam presa mais fácil à tentação e ao pecado. Conseqüentemente, o Novo Testamento instrui os crentes a freqüentar e participar regularmente da igreja local (Hebreus 10:25).

Disciplina da Igreja

Embora a palavra *disciplina* carrega conotações negativas, a prática da disciplina da igreja deve ser motivada por um desejo positivo e amoroso, tanto para preservar a pureza da igreja (2Cor 7,1, ver Atos 5:11, 1 Cor 5 : 1-13; 2 Tessalonicenses 3: 6-15; 1 Tim. 1: 19-20; Tito 1: 10-16) e restaurar os irmãos e irmãs pecadores à comunhão (Lc 15,3-8; Jude 23). A disciplina da igreja nunca deve ser motivada por orgulho auto-justificado, agendas políticas, desejo de exercer o poder de uma maneira não-bíblica, ou uma intenção de embaraçar as pessoas. Pelo contrário, deve ser supervisionado pelos anciãos que, como pastores do rebanho, sinceramente longa para ver ovelhas errantes se arrepender, retornar e ser restaurado (ver Gálatas 6: 1).

O processo de disciplina da igreja é delineado pelo Senhor Jesus em Mateus 18: 15-17:

> Se seu irmão pecar contra você, vá e diga a ele a culpa dele, entre você e ele sozinho. Se ele te ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não escutar, tome um ou dois outros junto com você, que cada carga pode ser estabelecida pela evidência de duas ou três testemunhas. Se ele se recusar a ouvi-los, diga-o para a igreja. E se ele se recusar a ouvir até mesmo a igreja, que ele seja para você como um gentio e um coletor de impostos.

Esta passagem delineia um processo de quatro etapas para como as igrejas devem lidar com o pecado entre seus membros. Primeiro, os crentes devem abordar o pecado em um nível individual, aproximando-se do partido ofensor com um espírito de mansidão e humildade. Se o irmão pecador responde a esse confronto privado em arrependimento, o processo de disciplina da igreja chega ao fim. Ele é perdoado e restaurado (Mt 18:15). Mas se ele se recusa a se arrepender, o processo passa para um segundo passo, no qual um ou dois mais crentes se juntam para confrontar o irmão pecador. Essas testemunhas confirmam primeiramente que as testemunhas (ver Números 35:30, Deuteronômio 17: 6, 19:15, João 8:17, 2 Coríntios 13: 1, 1 Tim. 5:19, Hebreus 10:28) O pecado foi cometido e eles também observam como a parte ofensiva responde depois de ser confrontada uma segunda vez (Mt 18:16).

Se ele ainda se recusar a se arrepender depois de ter recebido o tempo adequado, o processo passa para um terceiro passo. À luz da dureza persistente do irmão pecador, as testemunhas devem levar o assunto à igreja (Mt 18:17), notificando os anciãos, que por sua vez o comunicam à congregação. Devido à natureza pública deste passo, os presbíteros devem realizar a devida diligência para confirmar os fatos da situação - que o membro da igreja pecou, foi confrontado e se recusou a se arrepender - antes de anunciá-lo a toda a congregação. O propósito de alertar a igreja é duplo: lembrar aos outros membros da gravidade do pecado (1Tm 5:20) e encorajá-los a confrontar o irmão pecador na esperança de que ele se arrependa e seja restaurado.

Se o irmão confrontado ainda se recusar a se arrepender, o passo final da disciplina da igreja é separar-se formalmente e bani-lo da comunhão. A pessoa não arrependida já não deve ser tratada como um irmão, mas como "um gentio e um coletor de impostos" (Mateus 18:17) - significando como um estranho para quem os benefícios e bênçãos da associação à igreja não são mais estendidos. A motivação não é castigar a pessoa, mas vê-lo, mas voltar-se a seus sentidos e arrepender-se (2 Timóteo 3: 11-15). Conseqüentemente, o único contato com tais indivíduos deve ser com a finalidade de admoestá-los e chamá-los ao arrependimento. Na igreja primitiva, os crentes nem sequer compartilharam uma refeição com aqueles que persistiam no pecado não arrependido (1 Coríntios 5:11, ver 2 Tessalonicenses 3: 6, 14). Colocá-los fora da igreja protege a pureza dos membros restantes (1 Coríntios 5:

A autoridade para praticar a disciplina da igreja desta maneira vem do próprio Senhor Jesus. Imediatamente depois de esboçar o processo de disciplina, Jesus explicou:

> Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que soltares na terra será solto no céu. Outra vez eu digo a vocês, se dois de vocês concordarem na terra sobre qualquer coisa que pedirem, isso será feito por eles por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estou entre eles. (Mateus 18: 18-20)

As frases "ligadas no céu" e "soltas no céu" eram expressões rabínicas que falavam, respectivamente, de ações proibidas ou permitidas à luz da verdade de Deus. Neste contexto, o significado do Senhor é claro. Quando a igreja segue o procedimento bíblico para a disciplina da igreja, seu veredicto está em harmonia com a vontade revelada de Deus. Conseqüentemente, as igrejas que excomungam os membros impenitentes após seguir o processo adequado para a disciplina podem descansar sabendo que suas ações se encontram com a aprovação autorizada de Deus. A disciplina da Igreja é, portanto, uma expressão terrena da santidade do Céu.

Unidade e Pureza

A ênfase do Novo Testamento na comunhão sublinha o chamado bíblico de buscar o amor ea unidade espiritual na igreja. Como Jesus disse a seus discípulos: "Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, vós também vos amarás uns aos outros. Por isso todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros "(João 13: 34-35). Ao mesmo tempo, as instruções do Senhor para a disciplina da igreja em Mateus 18: 15-20 relembram aos crentes que ele deseja que sua igreja seja pura, tanto na doutrina como na prática. Ambas as qualidades, unidade e pureza, devem ser mantidas à medida que os crentes consideram como se relacionar com outros cristãos professos.

Por um lado, o Novo Testamento chama repetidamente os crentes para viver em harmonia uns com os outros (Romanos 12:16; 15: 5 e Colossenses 3:14). Eles devem "ter

unidade de espírito" (1 Pedro 3: 8), enquanto procuram ansiosamente "manter a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4: 3). Os crentes são ordenados a amarem-se uns aos outros (Romanos 12:10; 13: 8; 1 Tessalonicenses 3:12; 4: 9; 2 Tessalonicenses 1: 3; 1 Pedro 1:22; 4: 8; : 11, 23; 4: 7, 11-12; 2 João 5), seguindo o exemplo altruísta e sacrificial de Cristo, mostrando preferência aos outros (Filipenses 2: 5). Assim, Paulo disse aos filipenses:

> Se há algum encorajamento em Cristo, qualquer conforto do amor, qualquer participação no Espírito, qualquer afeição e simpatia, completa minha alegria por ser da mesma mente, tendo o mesmo amor, estando em pleno acordo e de uma mente. Não façais nada por ambição egoísta ou presunção, mas com humildade contai outros mais significativos que vós mesmos. Que cada um de vocês olhe não só para seus próprios interesses, mas também para os interesses dos outros. (Filipenses 2: 1-4)

Aqueles que causam divisões na igreja devem ser confrontados (Rm 16:17, 1 Coríntios 1:10) e disciplinados se não se arrependerem (Tito 3: 10-11, ver Tiago 3: 14-18).

Por outro lado, o Novo Testamento também instrui os crentes a guardarem a verdade (1 Timóteo 6:20, 2 Tm 1:14), a lutar fervorosamente pela pureza da fé (Judas 3), ea vigiarem a sua vida E doutrina de perto (1 Tim. 4:16). A Escritura adverte repetidamente os cristãos a estarem em alerta contra o pecado (Efésios 6: 10-18, 1 Pedro 5: 8; 1 João 2: 15-17) e erro (2 Tim. 3: 1-9; 2: 1-2; 1 João 4: 1-3). Eles não devem associar-se com pessoas imorais (1 Coríntios 5: 9, Ef 5:11, 2 Tessalonicenses 3: 6, 14) ou aqueles que propagam o erro (2 João 10, Gálatas 1: 8-9 Tito 3:10). De fato, o Novo Testamento reserva suas mais duras condenações aos falsos mestres que buscam minar a sã doutrina e promover o comportamento imoral (2 Pedro 2: 1-3). Esses fornecedores de erros são condenados de diversas maneiras como "lobos vorazes" (Mateus 7:15, Atos 20:29),

Em contraste, a igreja deveria ser um lugar onde a justiça e a verdade sejam defendidas e nunca comprometidas. Assim, Paulo descreve "a igreja do Deus vivo" como "uma coluna e contraforte da verdade" (1 Tim. 3:15). Seus líderes são "dar instrução na sã doutrina e também repreender aqueles que a contradizem" (Tito 1: 9). E diante da falsidade, os crentes devem usar a verdade para "destruir os argumentos e toda a elevada opinião levantada contra o conhecimento de Deus, e levar todo pensamento cativo para obedecer a Cristo" (2 Coríntios 10: 5).

Quando os chamados bíblicos para a unidade são considerados junto com os comandos para a pureza e a verdade, torna-se claro que a unidade descrita na Escritura não é uma unidade superficial que feche os olhos para questões doutrinais ou morais fundamentais. Em vez disso, a verdadeira unidade está fundamentada em um compromisso compartilhado com o senhorio de Cristo ea verdade de seu evangelho. O Novo Testamento rejeita a chamada unidade que dilui a pureza doutrinal ou moral. Quando os crentes se separam dos apóstatas e dos falsos mestres, eles não estão sendo divisivos; Eles estão seguindo um mandato divino. Como Paulo explicou aos Coríntios,

> Não sejais unidos em união com incrédulos. Para que parceria tem justiça com anarquia? Ou que comunhão tem luz com a escuridão? Que acordo tem Cristo com Belial? Ou que parte um crente compartilha com um incrédulo? Que acordo tem o templo de Deus com ídolos? Porque nós somos o templo do Deus vivo; Como Deus disse,
>
> "Farei a minha morada entre eles e andarei entre eles,
> E eu serei o seu Deus,
> E eles serão o meu povo.
> Portanto saia de seu meio,
> E separai-vos deles, diz o Senhor,

E não toquem coisa impura;
Então eu vou recebê-lo,
E eu serei um pai para você,
E vós sereis filhos e filhas para mim,
Diz o Senhor Todo-Poderoso. "(2 Coríntios 6: 14-18)

Dado o clima moderno de ecumenismo e correção política, os líderes da igreja enfrentam a tentação de ignorar desvios doutrinários fundamentais e perversões morais em nome da "unidade" e do "amor". No entanto, o amor que honra a Cristo "não se regozija com o mal, A verdade "(1 Coríntios 13: 6), e a verdadeira unidade está fundamentada na sã doutrina (1 Timóteo 6: 3-4, 2 Tm 4: 3-4). No nível da igreja local, esse compromisso com a pureza é evidenciado principalmente através da pregação fiel da Palavra (onde o pecado é dirigido e confrontado) e pela prática da disciplina da igreja (ver Mateus 18: 15-20; 3: 6, 14). Fora do contexto de uma igreja local, os líderes da igreja devem reconhecer que não podem se associar a organizações ou instituições que abandonaram seu compromisso com a sã doutrina ou com os padrões bíblicos de moralidade.

Membros da Igreja

A definição
A base bíblica

Em um dia em que o compromisso é uma mercadoria rara, deve vir como nenhuma surpresa que tantos crentes tornam a adesão à igreja como uma baixa prioridade. Infelizmente, não é incomum que os cristãos mudem de igreja para igreja, nunca se submeterem à supervisão amorosa dos anciãos e nunca se comprometerem com um grupo de irmãos crentes.

Por negligenciar - ou recusar - juntar-se a uma igreja como um membro formal, no entanto, reflete uma má compreensão da responsabilidade do crente para o corpo de Cristo. E também corta uma das muitas bênçãos e oportunidades que decorrem desse compromisso. É essencial para cada cristão entender o que é a pertença à igreja e por que isso importa.

A definição

Quando um indivíduo é salvo, ele se torna um membro do corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13). Porque ele está unido a Cristo e aos outros membros do corpo desta forma, ele está, portanto, qualificado para se tornar membro de uma expressão local desse corpo.

Tornar-se membro de uma igreja é se comprometer formalmente com um corpo local identificável de crentes que se juntaram para propósitos específicos e divinamente ordenados. Esses propósitos incluem receber instrução da Palavra de Deus (1 Timóteo 4:13, 2 Timóteo 4: 2), servir e edificar uns aos outros através do uso apropriado dos dons espirituais (Rm 12: 3-8, 1Co 12: 4: 1), participando das ordenanças (Lucas 22:19 e Atos 2: 38-42) e proclamando o evangelho aos que estão perdidos (Mt 28: 18-20) . Além disso, quando alguém se torna membro de uma igreja, ele se submete ao cuidado e à autoridade dos anciãos biblicamente qualificados que Deus colocou naquela assembléia.

A base bíblica

Embora a Escritura não contenha um comando explícito para se unir formalmente a uma igreja local, a base bíblica para a participação na igreja permeia o Novo Testamento. Esta base bíblica pode ser vista com mais clareza em (1) o exemplo da igreja primitiva, (2) a existência do governo da igreja, (3) o exercício da disciplina da igreja, e (4) a exortação à edificação mútua.

O EXEMPLO DA IGREJA PRIMITIVA

Na igreja primitiva, vir a Cristo significava vir à igreja. A idéia de experimentar a salvação sem pertencer a uma igreja local é estranha ao Novo Testamento. Quando os indivíduos se arrependeram e creram em Cristo, foram batizados e levados à igreja (Atos 2:41, 47; 5:14; 16: 5). Mais do que simplesmente viver um compromisso privado com Cristo, isso significava unir-se formalmente com outros crentes em uma assembléia local e dedicar-se ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao rompimento do pão e à oração (Atos 2:42).

As epístolas do Novo Testamento foram escritas às igrejas. No caso dos poucos escritos aos indivíduos - 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom - estes homens eram líderes nas igrejas. Como as próprias Epístolas do Novo Testamento demonstram, o Senhor supôs que os crentes seriam comprometidos com uma assembléia local. O Novo Testamento também evidencia que, assim como havia uma lista de viúvas elegíveis para apoio financeiro (1Tm 5: 9), também pode ter havido uma lista de membros que cresceram mais enquanto as pessoas foram salvas (Atos 2: 41, 47, 5:14, 16: 5). De fato, quando um crente se mudou para outra cidade, sua igreja frequentemente escreveu uma carta de recomendação a sua nova igreja (Atos 18:27, Romanos 16: 1, Colossenses 4:10, 2 Coríntios 3: 1- 2). Tais cartas seriam impossíveis de escrever se esses crentes não fossem conhecidos e responsáveis perante seus líderes espirituais.

No livro de Atos, grande parte da terminologia se encaixa apenas com o conceito de membro formal da igreja. Frases como "toda a congregação" (Atos 6: 5), "a igreja em Jerusalém" (Atos 8: 1), "os discípulos" em Jerusalém (Atos 9:26), "em todas as igrejas" : 23), "toda a igreja" (Atos 15:22) e "os anciãos da igreja" em Éfeso (Atos 20:17), todos sugerem a pertença à igreja reconhecível com limites bem definidos (ver também 1 Cor 5: 4, 14:23, Hebreus 10:25), porque a menos que se saiba quem são os membros da igreja, não se pode dizer se a "igreja inteira" está presente. Em outras palavras, sabendo que a "igreja inteira" se reuniu implica que a liderança está consciente de todos os que pertencem a essa congregação local, o que, por sua vez, implica a adesão reconhecida.

A EXISTÊNCIA DO GOVERNO DA IGREJA

O Novo Testamento exibe um padrão consistente de uma pluralidade de anciãos supervisionando cada corpo local de crentes. Os deveres específicos atribuídos a esses presbíteros pressupõem um grupo claramente definido de membros da igreja sob seus cuidados.

Entre outras coisas, esses homens piedosos são responsáveis por pastorear o povo de Deus (Atos 20:28, 1Pe 5: 2), para trabalhar diligentemente entre eles (1 Tessalonicenses 5:12), para ter sobre eles (1 Ts. 5:12, 1 Tim. 5:17), e para vigiar suas almas (Hb 13:17). As Escrituras ensinam que os anciãos darão conta a Deus dos indivíduos alocados a sua carga (Hb 13:17; 1 Pedro 5: 3-4).

Essas responsabilidades exigem que haja uma distinção, mutuamente compreendido membros na igreja local. Os anciãos podem pastorear o seu povo, supervisioná-los e prestar contas a Deus pelo seu bem-estar espiritual apenas se souberem quem é parte do rebanho e quem não é. Os anciãos de uma igreja não são responsáveis pelo bem-estar espiritual de cada indivíduo que visita a igreja ou aqueles que freqüentam

esporadicamente. Em vez disso, eles são os principais responsáveis por pastorear aqueles que se submeteram ao cuidado e à autoridade dos anciãos, e isso é feito através da participação na igreja.

Por outro lado, as Escrituras ensinam que os crentes devem submeter-se aos mais velhos. Hebreus 13:17 diz: "Obedecei a vossos líderes e submetei-vos a eles". A questão para cada crente é: "Quem são os vossos líderes?" Aquele que se recusou a unir-se a uma igreja local e confiar-se aos cuidados e à autoridade de Os anciãos não têm líderes. Para essa pessoa, a obediência a Hebreus 13:17 é impossível. Em suma, este versículo implica que todo crente sabe a quem deve submeter-se, o que, por sua vez, pressupõe uma composição claramente definida da igreja.

O EXERCÍCIO DA DISCIPLINA DA IGREJA

Como mencionado acima, Mateus 18: 15-17 descreve como a igreja deve buscar a restauração de um crente que tenha caído em pecado - um processo de quatro etapas comumente conhecido como disciplina da igreja. O exercício da disciplina da igreja de acordo com Mateus 18 e outras passagens (1 Coríntios 5: 1-13, 1 Timóteo 5:20, Tito 3: 10-11) pressupõe que os anciãos de uma igreja saibam quem são seus membros. Sem qualquer tipo de relacionamento formal entre a congregação e seus líderes, não haveria nenhuma base para a responsabilidade espiritual que o Novo Testamento exige. Além disso, quando indivíduos disciplinados e não arrependidos devem ser excluídos precisamente da *condição* de *membros* da igreja.

A EXORTAÇÃO À EDIFICAÇÃO MÚTUA

O Novo Testamento ensina que a igreja é o corpo de Cristo, e que Deus chamou cada membro de uma vida dedicada ao crescimento do corpo. Em outras palavras, a Escritura exorta todos os crentes a edificarem os outros membros praticando os mandamentos "uns dos outros" do Novo Testamento (eg, Hebreus 10: 24-25) e exercendo seus dons espirituais (Rm 12: 6-8; 1 Coríntios 12: 4-7, 1 Pedro 4: 10-11). A edificação mútua só pode ter lugar no contexto do corpo corporativo de Cristo. Exortações a este tipo de ministério pressupõem que os crentes se comprometeram com outros crentes em uma assembléia local específica. A adesão à Igreja é simplesmente a maneira formal de fazer esse compromisso.

Viver o compromisso com uma igreja local envolve muitas responsabilidades: exemplificar um estilo de vida piedoso na comunidade, exercitar os dons espirituais em serviço diligente, contribuir financeiramente para o trabalho do ministério, dar e receber admoestação com mansidão e no amor, e participar fielmente Na adoração corporativa. Muito é esperado porque muito está em jogo, pois somente quando cada crente é fiel a este tipo de compromisso é a igreja capaz de viver de acordo com seu chamado como representante de Cristo na terra.

Presentes Espirituais dentro da Igreja

Categorizar Presentes
Presentes Surveying
Usando presentes

Poucas áreas de doutrina são mais controversas ou confusas na igreja do que dons espirituais. Tal também era verdade no primeiro século, pelo menos em Corinto, o que explica por que o apóstolo Paulo abordou a questão tão completamente em 1 Coríntios

12-14. Embora possam ser e sejam abusados e até falsificados, os dons espirituais (Gk. *Charismata* , ou "dons da graça") *desempenham* um papel vital no corpo de Cristo. Uma vez que cada membro contribui exclusivamente para a edificação do todo, é fundamental entender o que a Palavra de Deus ensina sobre a natureza eo exercício dos dons espirituais.

Não somente Cristo dotou sua igreja de homens dotados para equipar os santos (Efésios 4: 11-12), mas seu Espírito também concede a todos os crentes habilidades espirituais para edificar uns aos outros na igreja (Romanos 12: 5-8). , 1 Coríntios 12: 4-31, 1 Pet 4: 10-11). O Deus trino é a fonte desses dons. Como Paulo explica em 1 Coríntios 12: 4-6, eles são dados pelo "mesmo Espírito", o "mesmo Senhor" e o "mesmo Deus".

Como todos os crentes, sem exceção, são batizados com o Espírito no momento da conversão (1 Coríntios 12:13), todos eles recebem, sem exceção, doações sobrenaturais para o serviço dentro da igreja, de acordo com a prerrogativa soberana do Espírito (1 Co 12.4, 6-11). Esses dons espirituais não se limitam a um seleto grupo de cristãos. Uma vez que todos os crentes são supernaturally dotado, todos eles são obrigados a exercer a sua doutrina no ministério aos outros.

À medida que os dons espirituais dão um caráter único a cada crente para ministrar ao corpo corporativo de Cristo, a maneira resultante na qual aqueles na igreja se edificam testemunha efetivamente ao poder de Deus diante de um mundo que observa. Quando os crentes exercem seu dom, eles também exibem um comportamento semelhante ao de Cristo. Como Deus encarnado, o Senhor Jesus possuía essas qualidades em completa perfeição. Os crentes colocam-no em exposição ao usarem esses dons por causa de seu corpo, a igreja, pelo poder de seu Espírito.

A palavra grega primária associada aos dons espirituais é o *carisma* , que significa "dom da graça". É quase sempre usado no Novo Testamento para designar um dom que foi livremente concedido por Deus, incluindo o dom da salvação (Romanos 5:15). 16, 6:23), as bênçãos imerecidas de Deus (Romanos 1:11; 11:29) e capacitações divinas para o ministério (Romanos 12: 6; 1 Pedro 4:10). Porque Deus os concede aos crentes pela sua graça (1Co 12: 4, 7, 11, 18), essas capacitações não podem ser obtidas, aprendidas ou fabricadas. Eles são dados como "presentes de graça" de acordo com sua vontade divina, de modo que os crentes devem ser gratos por qualquer presente que tenham recebido.

Outro importante termo grego, *pneumatikos* ("pertencente ao Espírito"), é encontrado em 1 Coríntios 12: 1. Literalmente significando "espirituais" ou "espiritualidades", esta palavra se refere àquela que tem características espirituais ou está sob controle espiritual. Embora possa se aplicar a pessoas ou coisas, o contexto em 1 Coríntios 12: 1 indica que ele se refere a coisas espirituais - ou seja, aos dons de graça que o Espírito Santo concede aos crentes (1Co 12: 4). , 9, 28, 30-31, 14: 1). Com exceção de Efésios 6:12, onde fala de forças espirituais hostis, esse termo é sempre usado no Novo Testamento para se referir àquilo que se relaciona com o Espírito Santo. Quando aplicada aos dons espirituais, designa o fato de que as habilidades concedidas pelo Espírito devem ser usadas sob seu controle para a glória de Cristo.

Ao contrário das habilidades naturais ou dos talentos, que podem ser exibidos tanto pelos crentes como pelos incrédulos, os dons espirituais só são recebidos no momento da salvação. O Espírito Santo os dona sobrenaturalmente aos crentes para que possam efetivamente ministrar uns aos outros através de sua capacitação divina.

Os crentes são cada um dotados excepcionalmente de modo que a diversidade de sua dotação cobre tudo necessário contribuir à unidade do corpo. Como Paulo explica em 1 Coríntios 12: 7-27, o corpo não funcionaria corretamente se cada membro tivesse a

mesma função. O Espírito Santo dota os crentes com uma variedade de dons para que, à medida que cada membro exerce seu dom, o corpo inteiro trabalha em conjunto de forma produtiva. Os crentes são para administrar fielmente os dons que recebem (1Pe 4:10), empregando seu dom único para glorificar a Deus e edificar seus companheiros crentes. Ao fazê-lo, o corpo é moldado na imagem da Cabeça, o Senhor Jesus Cristo (Ef 4: 11-13).

Os dons espirituais não são sinais de prestígio ou privilégio, nem devem produzir orgulho espiritual. Em vez disso, eles são dados para que os crentes sirvam com um espírito de altruísmo (Filipenses 2: 2-4) e humildade (Romanos 12: 3). O exercício dos dons espirituais não deve causar ruptura ou divisão dentro da igreja (1 Coríntios 14:40).

O propósito dos dons espirituais não é a auto-edificação, mas a edificação dos outros (1Pe 4:10, Ef 4: 11-12). Paulo afirma explicitamente que eles são dados "para o bem comum" (1 Coríntios 12: 7). Conseqüentemente, Deus pretende que os crentes usem seus dons espirituais em relação a outros crentes - não por si mesmos em privado. Para ter certeza, os crentes são pessoalmente abençoado como eles usam seu dom para servir os outros, mas essa bênção é um subproduto e não o propósito de empregar seus dons.

Usar o dom de alguém para edificar-se claramente é contrário ao ponto inteiro de Paulo em 1 Coríntios 12-14, onde ele enfatiza repetidamente a prioridade do amor pelos outros como essencial para o exercício apropriado dos dons espirituais (1 Coríntios 12: 7-10; 13: 1-7, 14:12, 26). Usando exemplos extremos para fazer seu ponto, Paul escreve,

> Se eu falo em línguas de homens e de anjos, mas não tenho amor, sou um gongo barulhento ou um címbalo estridente. E se eu tiver poderes proféticos, e entender todos os mistérios e todo o conhecimento, e se tenho toda a fé, para tirar montanhas, mas não tiver amor, nada sou. Se eu entregar tudo o que tenho, e se eu entregar o meu corpo para ser queimado, mas não tenho amor, eu não ganho nada. (1 Cor 13, 1-3)

Conforme estas palavras demonstram, o exercício sem amor de qualquer presente (não importa quão elevado ou extremo) anula seu valor espiritual. Mas quando os dons espirituais são empregados corretamente, por um amoroso desejo de edificar os irmãos crentes, a igreja é edificada, Cristo é manifestado e Deus é glorificado (1 Coríntios 12: 4-27).

Categorizar Presentes

O Novo Testamento fornece algumas listas de dons espirituais (Romanos 12: 6-8, 1 Coríntios 12: 8-10, 28-30, 1 Cor 13: 1-3, 8-9, Ef 4 : 11; 1 Pet. 4: 10-11). Como essas listas não são idênticas (veja a Tabela 9.3), é melhor interpretá-las como compilações representativas (e não exaustivas) das formas pelas quais o Senhor capacita seu povo para o ministério. O apóstolo Pedro diz que cada crente recebeu "um dom" (1Pe 4:10), mas essa habilitação divina única pode ser uma combinação de habilidades espirituais, como as listadas em Romanos 12 e 1 Coríntios 12. Pedro também divide As categorias gerais de dons de fala e de presentes de serviço (1 Pedro 4:11).

Devido à maneira singular em que o Espírito Santo doa cada crente para o serviço espiritual, pode ser contraproducente categorizar os dons espirituais de forma demasiado estreita ou rígida demais. Por exemplo, fazer um teste escrito para verificar o talento de alguém (baseado em tais categorizações) é muitas vezes inútil, já que cada crente recebe uma mistura única de habilidades do Espírito Santo que constituem seu dom. A melhor maneira de descobrir o dons espirituais é praticar o ministério de acordo com os desejos dados por Deus, as oportunidades de servir e a resposta dos que são servidos. À medida

que os crentes ministram uns aos outros, suas áreas de doação se tornam gradualmente aparentes tanto para eles quanto para os outros.

Num sentido amplo, os dons podem ser categorizados sob dois títulos principais: os presentes temporários, milagrosos e os presentes permanentes e ministradores. Os presentes milagrosos incluem os dons de signos apostólicos (Hebreus 2: 3-4 e 2 Coríntios 12:12) e os dons reveladores, através dos quais Deus deu nova revelação à sua igreja. Estes dons foram limitados à idade apostólica da igreja (ver discussão abaixo). Os dons de ministração, incluindo os presentes de fala e os presentes de serviço (1 Pedro 4: 10-11), continuam a ser concedidos pelo Espírito Santo em sua igreja com o propósito de edificação, crescimento e testemunho.

PRESENTES MIRACUOSOS

Em tempos críticos ao longo da história da redenção, Deus autenticou seus mensageiros capacitando-os a realizarem sinais milagrosos. Durante o êxodo do Egito eo estabelecimento da nação de Israel, Deus validou os papéis de Moisés e Josué através de atos sobrenaturais que ele realizou através deles (Ex 4: 3-4, 30; 7:10, 12; 17: 5 Números 16: 46-50, Josué 10: 12-14). Em face da apostasia de Israel séculos mais tarde, os ministérios de Elias e Eliseu foram igualmente autenticados por sinais e maravilhas (1 Reis 17: 9-24; 18: 41-45; 2 Reis 1: 10-12; 2: 8, 14 4: 1-7, 18-41, 5: 1-19, 6: 6, 17).

No Novo Testamento, o ministério de Jesus Cristo também foi confirmado por milagres e curas (João 2:11, 23; 3: 2; 4:54; 6: 2, 14; 7:31; 10: 37-38; 12 : 37; 20:30). Assim, Jesus poderia dizer aos líderes religiosos incrédulos: "As obras que eu faço em nome do meu Pai dão testemunho de mim" (João 10:25, ver 5:36, 10:38, 14:11). Mais tarde, Pedro recordou às multidões no Pentecostes que Jesus era "um homem atestado a vocês por Deus com obras poderosas, maravilhas e sinais que Deus fez por meio dele no meio de vocês, como vocês mesmos sabem" (Atos 2:22). Os sinais e as maravilhas de Jesus provaram que ele era quem ele dizia ser.

O nascimento da igreja também foi marcado por sinais milagrosos - incluindo a capacidade dos discípulos de falar fluentemente em línguas estrangeiras (Atos 2: 4-11). Durante o ministério de Jesus, ele havia dado a seus discípulos o poder de curar e expulsar demônios (Mateus 10: 1, 8; Marcos 6: 12-13). Após sua ascensão, os apóstolos continuaram a exibir esse poder sobrenatural (Marcos 16:20, Atos 2:43, 4:30, 5:12, 6: 8, 8: 6, 13, 14: 3, 15:12). A mensagem que eles proclamaram foi validada através dos sinais e maravilhas que eles realizaram.

Durante a era apostólica, Deus deu a muitos crentes dons extraordinários para demonstrar que ele estava trabalhando através da igreja recém-criada. Gentios convertidos (como Cornélio em Atos 10:46) receberam o mesmo dom de línguas que os apóstolos tinham exibido no dia de Pentecostes (Atos 11:17). Essa capacidade sobrenatural serviu como um sinal para os incrédulos (e especialmente para os incrédulos de Israel) que o evangelho é verdadeiro (1 Coríntios 14:22, veja Isaías 28:11) e que sua verdade deve ser proclamada em todo o mundo (cf. Mateus 28: 18-20, Atos 1: 8). Outros, como Estêvão e Filipe, exibiram a capacidade de realizar milagres e curas (Atos 6: 8; 8: 5-7), confirmando publicamente a legitimidade de seus ministérios evangelísticos.

Esses dons extraordinários eram necessários para validar que a igreja era uma verdadeira obra de Deus e para autenticar os apóstolos como seus mensageiros escolhidos. Sinais e maravilhas demonstraram que o próprio Deus afirmou o evangelho que eles proclamavam. Como o autor de Hebreus explica com referência ao evangelho, "Ele foi declarado no princípio pelo Senhor, e foi atestado para nós por aqueles que ouviram, enquanto Deus também deu testemunho por sinais e maravilhas e vários milagres e por dons do Espírito Santo distribuído segundo a sua vontade "(Hb 2: 3-4). O

apóstolo Paulo também explica que seu ministério evangelístico aos gentios foi validado pelo "poder dos sinais e das maravilhas" (Romanos 15:19). Como disse aos Coríntios: "Os sinais de um verdadeiro apóstolo foram realizados entre vós com a maior paciência, com sinais e prodígios e obras poderosas" (2 Co 12:12).

Esse nível de autenticação milagrosa era necessário em um momento em que a igreja ainda estava sendo estabelecida eo cânone da Escritura ainda não estava completo. Como aqueles que receberam a revelação divina através do Espírito Santo (João 14:26; 16: 12-15, ver 1 Tessalonicenses 2:13, 2 Pedro 3: 15-16), os apóstolos e os profetas estavam estabelecendo as bases doutrinárias Para a igreja (Ef 2:20, ver Atos 2:42). Obviamente, os dons de revelação eram necessários para completar essa tarefa, e os dons de signo também eram necessários para autenticar sua pretensão de serem porta-vozes de Deus (2Co 12:12). Uma vez terminada a era apostólica e terminado o cânon do Novo Testamento, os dons unicamente associados com os ofícios de apóstolo e profeta não eram mais necessários e passaram. Agora, o cânone completo da Escritura suficiente permanece como sua própria auto-autenticação,

A NATUREZA TEMPORÁRIA DOS PRESENTES MILAGROSOS

O cessacionismo é a visão de que os dons do signo (por exemplo, a realização de milagres, dons de cura, falar em línguas) e os dons reveladores (ou seja, a recepção e proclamação de nova revelação de Deus) faleceu quando o estágio de fundação da igreja Terminou Esses tipos de fenômenos miraculosos não continuaram além da era apostólica e, portanto, não foram dados aos crentes desde então. Os dons milagrosos não retornarão até o período da tribulação, depois que a igreja foi arrebatada e durante o ministério das duas testemunhas (Ap 11: 3-11). Em contraste com cessacionismo, o *carismático* ou *continuationist* posição afirma que os dons miraculosos e revelador ainda estão em operação hoje.

Uma abordagem para defender a posição cessacionista começa com o reconhecimento de que não há apóstolos na igreja de hoje - um fato afirmado onipresentemente ao longo da história da igreja e reconhecido por muitos não cessacionistas modernos. Como observamos acima, ninguém hoje pode satisfazer as qualificações necessárias para o apostolado (que incluem ver o Cristo ressuscitado com os próprios olhos físicos, ver Atos 1:22, 9: 1-9). Paulo afirma explicitamente que o Jesus ressuscitado apareceu "último de tudo" para ele (1 Coríntios 15: 8). Portanto, não havia apóstolos depois de Paulo.

Que não houve apóstolos desde o primeiro século é significativo por pelo menos três razões: (1) demonstra que Deus não pretendia que tudo o que caracterizava a igreja primitiva fosse normativo para o resto da história da igreja; (2) mostra que pelo menos uma função significativa do ministério listada em 1 Coríntios 12: 28-30 cessou; E (3) verifica que o cânon da Escritura está de fato fechado, já que um apóstolo deve autorizar um livro para que seja reconhecido como canônico.

A cessação do apostolado também é significativa por causa de sua estreita ligação com o ofício de profeta do Novo Testamento. Em Efésios 2:20, Paulo liga esses dois escritórios juntos, explicando que a igreja foi "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas", com Jesus Cristo sendo a pedra angular. (Que Paulo tem os profetas do Novo Testamento à vista é claro a partir de suas referências subsequentes a eles em Efésios 3: 5 e 4:11.) Antes de o cânon da Escritura estava completo, o fundamento doutrinário da igreja - consistindo de revelação divina entregue por Os apóstolos e os profetas - ainda estava sendo estabelecido. Mas uma vez que esse fundamento foi estabelecido com a conclusão do Novo Testamento, o propósito para esses escritórios foi cumprido, e eles faleceram. Para seguir a metáfora de Paulo, o fundamento não é reconstruído em cada fase da construção;

A era apostólica chegou ao fim quando João, o último apóstolo sobrevivente, morreu. Significativamente, João também foi o último profeta canônico (Apocalipse 1: 3; 22: 18-19), com o livro de Apocalipse completando as Escrituras do Novo Testamento. Consequentemente, o papel revelador dos profetas do Novo Testamento, como o dos apóstolos, foi cumprido, e os dons associados a esse papel já não eram necessários.

A revelação completa de Deus em sua Palavra escrita é tão poderosa e gloriosa que já não precisa de confirmação milagrosa. Como explica Pedro, a palavra profética é ainda *mais segura* do que a mais extraordinária das experiências de testemunhas oculares (2 Pedro 1: 16-21). Nas Escrituras suficientes, a verdade de Deus é auto-atestada e auto-evidente, como confirma o poder iluminador do Espírito Santo (Hebreus 4:12). Conseqüentemente, os sinais e maravilhas da era apostólica não são mais necessários. A Bíblia é tudo o que é necessário para validar a mensagem daqueles que dizem ser os porta-vozes de Deus.

A posição cessacionista é ainda confirmada pela comparação dos "dons carismáticos" modernos com as realidades descritas no Novo Testamento. A Escritura fornece uma imagem clara do sinal milagroso e dos dons reveladores, mas quando os fenômenos carismáticos modernos são medidos contra esse padrão bíblico, eles ficam muito curtos. Embora os carismáticos usem a terminologia bíblica para descrever suas experiências, nada sobre "presentes milagrosos" modernos corresponde à realidade bíblica.

Por exemplo, a Palavra de Deus diz explicitamente que os verdadeiros profetas devem aderir a um padrão de 100 por cento de precisão (Deuteronômio 18: 20-22), e nada no Novo Testamento isenta-los desse padrão. O livro de Atos descreve o dom de línguas como produzindo linguagens humanas reais (Atos 2: 6-11), e nada em 1 Coríntios necessita que elas sejam redefinidas como algo diferente. O Novo Testamento descreve as curas milagrosas de Jesus e dos apóstolos (incluindo a cura de doenças orgânicas como paralisia, cegueira e lepra) como imediatas, completas e inegáveis (por exemplo, Marcos 1:42; 10:52). Estas e muitas outras passagens bíblicas demonstram a qualidade verdadeiramente extraordinária dos dons bíblicos. (Veja mais discussão sobre estes presentes abaixo.)

Em comparação, as falsificações modernas do movimento carismático simplesmente não correspondem às suas contrapartes bíblicas. A "revelação profética" moderna é falível e cheia de erros. Modernas "línguas" consiste de discurso ininteligível que não se conforma a qualquer linguagem humana. Os "dons de cura" modernos não se comparam aos milagres realizados por Jesus e os apóstolos. Incrivelmente, muitos estudiosos continuacionistas reconhecem esta descontinuidade, defendendo uma qualidade inferior ou categoria inferior de dons para colocar essas expressões carismáticas modernas. Essas admissões, entretanto, fornecem um reconhecimento tácito de que os presentes de signo verdadeiro (como descrito na Escritura) não continuaram.

O fato é que as experiências carismáticas modernas não correspondem ao que a Bíblia descreve como os dons milagrosos e reveladores do período do Novo Testamento. Não há nada de extraordinário na profecia falível, nas línguas irracionais ou nos milagres falsos praticados pelos curadores da fé moderna. Que contraste eles têm com os dons genuínos registrados nas páginas da Escritura, que produziram maravilha, temor e adoração nos corações daqueles que os testemunharam (Marcos 1:27, 2:12, Lucas 4:36, 8 : 56, Atos 2: 7, 12; 8:13; 10:45). O cessacionismo, portanto, é motivado por uma preocupação em honrar o Espírito Santo salvaguardando uma verdadeira compreensão de sua obra milagrosa como retratada na Escritura.

PRESENTES DE MINISTRO

Embora os dons de sinal e dons de revelação fossem limitados à era fundacional da igreja, o Espírito Santo continua a dotar os crentes para edificação na igreja através do que poderia ser chamado de seus *dons permanentes e ministradores* . Estes incluem tanto falar presentes e servir presentes. Assim, Pedro explicou em 1 Pedro 4: 10-11,

> Como cada um recebeu um dom, usá-lo para servir uns aos outros, como bons mordomos da graça variada de Deus: quem fala, como alguém que fala oráculos de Deus; Quem serve, como aquele que serve pela força que Deus fornece - a fim de que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo. A ele pertencem a glória eo domínio para todo o sempre. Um homem.

Os dons proferem a verdade das Escrituras através da pregação, ensinamento, encorajamento, exortação e assim por diante. Servir presentes ministram aos outros de uma maneira semelhante a Cristo através de atos como ajudar, dar, administrar e mostrar misericórdia.

Presentes Surveying

Dentro das categorias amplas mencionadas acima, o Novo Testamento identifica uma série de dons espirituais específicos. As três listas primárias, de Romanos 12: 6-8 e 1 Coríntios 12: 8-10 e 12: 28-30, são comparadas na tabela 9.3. A combinação dos presentes nestas três passagens produz a "lista mestra" de dons espirituais representativos na tabela 9.4. Com esses presentes delineados nessas duas tabelas, agora é possível considerar como cada uma delas opera.

APOSTOLADO

O termo grego *apostolos* refere-se a um embaixador, a um emissário ou a alguém enviado em missão. Embora seja usado algumas vezes no Novo Testamento em um sentido geral para designar "apóstolos das igrejas" (2 Coríntios 8:23), ele é usado principalmente para se referir a um grupo específico de " Apóstolos de Jesus Cristo ". Como explicado anteriormente, o título" apóstolo de Jesus Cristo "refere-se especificamente aos doze discípulos (com Matthias tendo substituído Judas, Atos 1 : 26) e Paulo, que foi escolhido especialmente como apóstolo dos gentios (Gálatas 1: 15-17, ver 1 Coríntios 15: 7-9). Esses homens foram escolhidos pelo Senhor (Marcos 3:13 e Atos 26:16) e eram testemunhas oculares do Cristo ressuscitado (Atos 1:22; 9: 1-9), um pré-requisito necessário para ser um apóstolo.

Tabela 9.3 Três Listas Primárias de Presentes Espirituais

Romanos 12: 6-8	**1 Coríntios 12: 8-10**	**1 Coríntios 12: 28-30**
Profecia	Pronunciação de sabedoria	Apostolado (apóstolos)
Serviço	Ponderação do conhecimento	Profecia (profetas)
Ensino	Fé	Ensino (professores)
Exortação	Presentes de cura	Trabalho de milagres
Dar (contribuir)	Trabalho de milagres	Presentes de cura
Conduzindo	Profecia	Ajudando

Atos de misericórdia	Distinguir entre espíritos	Administrando
	Falando em línguas	Falando em línguas
	Interpretação de línguas	Interpretação de línguas

Tabela 9.4 Lista mestra de presentes espirituais representativos

Categoria		**Presente Espiritual**	**Passagens**
Presentes milagrosos	Presentes do sinal e presentes revelatory	Apostolado	1 Cor. 12: 28-29; Cf. Eph. 4:11
		Trabalho de milagres	1 Cor. 12:10, 28-29
		Presentes de cura	1 Cor. 12: 9, 28, 30
		Falando em línguas	1 Cor. 12:10, 28, 30; Cf. 1 Cor. 13: 1; 14:22
		Profecia	1 Cor. 12:10, 28-29; Cf. Eph. 4:11
		Palavras de sabedoria	1 Cor. 12: 8; Cf. 13: 2
		Palavras de conhecimento	1 Cor. 12: 8; Cf. 13: 2
		Interpretação de línguas	1 Cor. 12:10, 28, 30; Cf. 14: 6-18
		Distinguir entre espíritos	1 Cor. 12:10
Ministrando presentes	Dando presentes e brindando presentes	Pregação	ROM. 12: 6; Cf. 1 Tim. 4: 13-14; 1 Pet. 4:11
		Ensino	ROM. 12: 7; 1 Cor. 12: 28-29
		Exortação	ROM. 12: 8
		Serviço e ajuda	ROM. 12: 7; 1 Cor. 12:28; 1 Pet. 4:11
		Liderar e administrar	ROM. 12: 8; 1 Cor. 12:28
		Dando	ROM. 12: 8; Cf. 1 Cor. 13: 3
		Mostrando misericórdia	ROM. 12: 8
		Fé	1 Cor. 12: 9; Cf. 13: 2
		Discernimento espiritual	1 Cor. 12:10
		Evangelismo	Eph. 4:11

Os apóstolos de Jesus Cristo tinham três responsabilidades primárias. Primeiro, eles foram usados pelo Senhor para estabelecer o fundamento doutrinário da igreja (Efésios 2:20). Segundo, eles foram designados para receber, pregar e escrever a revelação divina (Atos 2:42, 6: 4, Ef 3: 5). Terceiro, eles foram chamados a confirmar essa Palavra divina através de "sinais e prodígios e obras poderosas" (2 Coríntios 12:12, ver Hb 2: 3-4). Quando João, o último apóstolo sobrevivente, morreu e a era apostólica chegou ao fim, os apóstolos não nomearam novos apóstolos para liderar a igreja. Em vez disso, eles designaram anciãos (Tito 1: 5, ver 2 Tim. 2: 2). O registro da história da igreja demonstra que aqueles que vieram após os apóstolos não se consideravam apóstolos. Em vez disso, eles consideravam os apóstolos e a era apostólica como únicos e irrepetíveis.

O Novo Testamento identifica o apostolado como um escritório e um dom. Efésios 4:11 refere-se a apóstolos (juntamente com profetas, evangelistas, pastores-mestres) como dons dados por Jesus Cristo à igreja, e 1 Coríntios 12 inclui "apóstolos" na lista de dons carismáticos delineados nesse capítulo (1 Cor. 12: 4-5, 28-31). A inclusão de apóstolo por Paulo em 1 Coríntios 12 é significativa porque demonstra que nem tudo incluído nessa passagem continuou durante toda a história da igreja até o presente.

TRABALHO DOS MILAGRES

Entre os sinais que validaram o ministério dos apóstolos estava a "operação dos milagres" (1 Coríntios 12:10, 28-29). Um *milagre* poderia ser amplamente definido como uma extraordinária obra de Deus em que ele suspende ou substitui os cursos normais da natureza de modo que o resultado não pode ser explicado por qualquer causa natural. Os milagres são distintos dos atos de providência, nos quais Deus opera através de meios naturais para realizar seus propósitos soberanos. Mais especificamente, o trabalho dos milagres foi um dom que envolveu a agência humana. Aqueles que foram concedidos com este dom foram capacitados por Deus para realizar sinais sobrenaturais e maravilhas. A operação dos milagres os validou como porta-vozes de Deus (At 2:22, 14: 3, 2 Coríntios 12:12, Hebreus 2: 3-4).

Ao longo de seu ministério terrena, o Senhor Jesus realizou milagres para manifestar sua glória (João 2:11) e autenticar sua mensagem (João 5:36; 10:38; 14:11). Os milagres de Jesus demonstraram seu poder sobre a natureza (por exemplo, transformando a água em vinho, criando comida, acalmando o vento e as ondas), demônios, doenças e morte. O Novo Testamento não registra nenhum dos apóstolos que realizam milagres sobre a natureza, mas exibiram poder sobre demônios, doenças e morte (Atos 9: 41-42; 20: 7-12).

É nesse primeiro sentido, a autoridade sobre os demônios, que a palavra "milagres" está sendo usada em 1 Coríntios 12:10, 28-29. A palavra grega para "milagre" (*dynamis*) significa "poder" e é freqüentemente conectado nos Evangelhos com a expulsão de demônios (por exemplo, Lucas 4:36; 6: 18-19). Jesus deu aos seus discípulos poder sobre os demônios (Lucas 9: 1; 10: 17-19), e os apóstolos continuaram a demonstrar que a autoridade após Pentecostes (por exemplo, Atos 13: 6-12, 16: 16-18). Outros antigos evangelistas, como Filipe e Estêvão, também receberam essa capacidade dotada do Espírito para autenticar sua mensagem (Atos 6: 8; 8: 7).

Novamente, esse poder milagroso foi um sinal que validou a pregação do evangelho somente durante a era apostólica. O Novo Testamento adverte severamente aqueles que podem fingir ter tal autoridade (Atos 19: 14-16, Jude 8-10). Assim, esse poder claramente não é uma habilidade dada aos crentes na igreja desde os dias dos apóstolos.

PRESENTES DE CURA

Se a operação dos milagres se relaciona com a autoridade divinamente concedida sobre os demônios, o termo "dons de cura" (1 Cor. 12: 9, 28) refere-se ao poder sobrenatural sobre a doença. A cura milagrosa foi apresentada nos ministérios de Cristo (Mt 8: 16-17), os apóstolos (Mateus 10: 1), os setenta e dois (Lucas 10: 1, 9) e alguns associados apostólicos (Atos 8: 5-7). O registro do Novo Testamento das curas realizadas por esses indivíduos demonstra que eles eram imediatos, inegáveis e sempre completos (Mt 8: 2-3; 9: 1-8; 20: 29-34; 21:14; Marcos 1:42, 8: 22-26, 10:52, Lucas 17: 11-21, João 5: 1-9, Atos 3: 8, 14: 8-18). Uma comparação com as supostas curas realizadas pelos modernos "curandeiros da fé" revela que a falsificação contemporânea não pode estar à altura da realidade bíblica. Jesus e os apóstolos, para a duração de seus ministérios,

Curas milagrosas serviram para autenticar o mensageiro de Deus (João 10:38, Atos 2:22, Romanos 15: 18-19, 2Co 12:12, Hebreus 2: 3-4), não apenas para restaurar os doentes À saúde física. Isso explica por que Paulo não se curou (Gálatas 4:13) ou alguns de seus amigos mais próximos (Filipenses 2:27, 1 Tim. 5:23, 2 Tim. 4:20). Quando Paulo curou o coxo em Listra (Atos 14: 9-10) ou quando Pedro levantou Tabita dos mortos (Atos 9:41), foi para que as pessoas ouvissem e crissem no evangelho (Atos 9:42) .

Como um dos extraordinários dons apostólicos, a cura milagrosa cessou quando a era apostólica chegou ao fim. Embora os crentes já não possuam tais habilidades sobrenaturais, eles têm o direito de pedir a Deus para curá-los, sabendo que ele ouve e responde as orações do seu povo (Tiago 5: 13-16, ver Lucas 18: 1-6; João 5: 14-15). Em resposta a suas orações, o Senhor pode escolher curar uma doença providencialmente, embora não seja obrigado a fazê-lo.

Os crentes podem e devem se alegrar quando Deus cura alguém em resposta à oração respondida. No entanto, é importante notar que tais respostas à oração não são as mesmas que os dons de cura exemplificados nos ministérios do Novo Testamento de Cristo e os apóstolos. Que ninguém hoje possua tal dom é evidente pelo fato de que ninguém pode curar como Jesus e os apóstolos fizeram - ser capaz de restaurar imediata e permanentemente os doentes e feridos para a saúde plena, com apenas uma palavra ou um toque.

LIDERANÇA E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS

A palavra grega para "línguas" (*glōssa*) é melhor traduzida "línguas". O exercício deste dom é mais claramente visto no dia de Pentecostes, descrito por Lucas em Atos 2: 4-11. Lá os apóstolos, junto com alguns dos 120 que estavam reunidos no cenáculo (Atos 1:15), começaram a falar fluentemente em línguas estrangeiras e dialetos que não sabiam.

Este sinal para as multidões judaicas incrédulas no Pentecostes (1 Coríntios 14:22) não só chamou a atenção do povo (Atos 2:12) como também ilustrou a realidade de que o evangelho deveria ser pregado em todo o mundo (cf. Atos 1: 8). Por conseguinte, o dom de línguas consistia na habilidade sobrenatural de alguém falar fluentemente em uma língua estrangeira que essa pessoa nunca tinha estudado ou falado. Era obviamente um dom sobrenatural, especialmente útil na causa do evangelismo, como os incrédulos ouviram Deus ser louvado em sua própria língua (Atos 2: 8). Quando usada na igreja, a língua estrangeira exigia tradução para que aqueles na congregação que não soubessem que a língua pudesse ser edificada (1 Coríntios 14: 5-17, 27-28). Embora muitos afirmem hoje falar em línguas,

Alguns comentaristas recentes tentaram distanciar o dom das línguas retratadas em Atos 2 (que claramente consistia de línguas estrangeiras reais) do dom das línguas descritas em 1 Coríntios 12-14, em um esforço para abrir espaço para os enunciados

ininteligíveis que caracterizam o moderno *Glossolalia* (ou fala de línguas). No entanto, a evidência exegética indica que o discurso de línguas descrito em 1 Coríntios consistia no mesmo fenômeno básico encontrado em Atos 2. Em ambos os lugares, o dom genuíno de línguas resultou na capacidade sobrenatural de falar línguas estrangeiras humanas. Como observa MacArthur,

> Na defesa do discurso sem sentido, a maioria dos carismáticos retira-se para o livro de 1 Coríntios - alegando que o dom [das línguas] descrito em 1 Coríntios 12-14 é categoricamente diferente do de Atos. Mas, mais uma vez, esta afirmação não é permitida pelo texto. Um simples estudo de palavras efetivamente faz esse ponto, já que ambas passagens utilizam a mesma terminologia para descrever o dom milagroso. Em Atos, Lucas usa o *laleo* ("falar") em combinação com *glōssa* ("línguas") quatro vezes diferentes (Atos 2: 4, 11, 10:46, 19: 6). Em 1 Coríntios 12-14, Paulo usa formas da mesma combinação treze vezes (1Co 12:30; 13: 1; 14: 2, 4, 5 [2 ×], 6, 13, 18, 19, 21, 27, 39).
>
> Esses paralelos linguísticos trazem um significado acrescido quando consideramos que Lucas era o companheiro de viagem de Paulo e seu próximo colaborador, mesmo escrevendo sob a autoridade apostólica de Paulo. Porque ele escreveu o livro de Atos por volta de 60 dC, cerca de cinco anos *depois que* Paulo escreveu sua primeira epístola aos Coríntios, Lucas teria sido bem consciente de sua confusão quanto ao dom das línguas. Certamente, Luke não teria querido adicionar a essa confusão. Assim, ele não teria usado exatamente a mesma terminologia em Atos como Paulo fez em 1 Coríntios, a menos que o que aconteceu no Pentecostes fosse idêntico ao autêntico dom descrito por Paulo em sua epístola.
>
> O fato de Paulo ter notado "vários tipos de línguas" em 1 Coríntios 12:10 não implica que algumas são línguas reais e outras são meramente jargão. Em vez disso, a palavra grega para "tipos" é *genos* , da qual derivamos a palavra "gênero". *Genos* se refere a uma família, grupo, raça ou nação. Os lingüistas costumam se referir a "famílias" ou "grupos" de linguagem, e esse é precisamente o ponto de vista de Paulo: há várias famílias de línguas no mundo, e esse dom permitiu que alguns crentes falassem em várias delas. Em Atos 2, Lucas enfatizou essa mesma idéia nos versos 9-11, onde explicou que as línguas faladas provinham de pelo menos dezesseis regiões diferentes.
>
> Naturalmente, outros paralelos entre Atos e 1 Coríntios 12-14 também podem ser estabelecidos. Em ambos os lugares, a Fonte do dom é a mesma - o Espírito Santo (Atos 2: 4, 18; 10: 44-46; 19: 6; 1 Cor 12: 1, 7, 11, et al.). Em ambos os lugares, a recepção do dom não se limita aos apóstolos, mas também envolveu os leigos na igreja (At 1:15; 10:46; 19: 6; 1 Coríntios 12:30; 14:18). Em ambos os lugares, o dom é descrito como um dom falante (Atos 2: 4, 9-11, 1 Coríntios 12:30, 14: 2, 5). Em ambos os lugares, a mensagem resultante pode ser traduzida e assim compreendida, seja por aqueles que já conhecem a língua (como no dia de Pentecostes - Atos 2: 9-11) ou por alguém dotado com a capacidade de traduzir (1 Coríntios. 12:10, 14: 5, 13).
>
> Em ambos os lugares, o dom serviu como um sinal milagroso para os judeus incrédulos (Atos 2: 5, 12, 14, 19, 1 Coríntios 14: 21-22, ver Isaías 28: 11-12). Em ambos os lugares, o dom das línguas estava intimamente associado com o dom da profecia (Atos 2: 16-18; 19: 6; 1Co 14). E em ambos os lugares, os incrédulos que não entendiam o que estava sendo falado responderam com zombaria e escárnio (Atos 2:13, 1 Coríntios 14:23). Dado tantos paralelos, é exegéticamente impossível afirmar que o fenômeno descrito em 1 Coríntios era inerentemente diferente do de Atos 2. Como o dom de línguas consistia de línguas estrangeiras autênticas no Dia de Pentecostes, então o mesmo era verdadeiro para o Crentes em Corinto.

Devido à sua natureza dramática, juntamente com o fato de que foi o dom primeiro exercido pelos apóstolos no dia de Pentecostes, os coríntios valorizaram este dom acima de todos os outros. Mas, como Paulo salienta em 1 Coríntios 14: 6-19, uma mensagem não traduzida falada em uma língua estrangeira não edifica os outros membros da congregação porque eles não entendem o que está sendo dito.

É por isso que a pessoa que fala em uma língua estrangeira teve que ter sua mensagem interpretada (traduzida) - para que os ouvintes pudessem ser edificados. O dom de interpretar línguas, então, era a capacidade de traduzir uma mensagem falada em uma língua estrangeira na linguagem da platéia, para que pudessem entender e ser edificados. Todos os dons espirituais devem ser exercidos por amor e para o propósito da edificação mútua, de modo que tal interpretação era necessária (1 Coríntios 14: 26-27). Se não havia intérprete, o orador foi instruído a manter sua mensagem para si mesmo (1 Coríntios 14:28).

PROFECIA E PREDAGEM

Em 1 Coríntios 12:28 e Efésios 4:11, Paulo lista "profetas" imediatamente após "apóstolos". Como o apostolado, a profecia abrange tanto um ofício como um dom. Por terem recebido revelação divina, os profetas do Novo Testamento ajudaram os apóstolos a estabelecer o fundamento doutrinário da igreja (Efésios 2:20).

Como com os profetas no Antigo Testamento, os profetas do Novo Testamento foram mantidos nos mais altos padrões de precisão reveladora (Deuteronômio 18: 20-22, Ezequiel 13: 3-9), pureza doutrinária (Deuteronômio 13: 1 -5, 2 Pet 2: 1), e integridade moral (Jeremias 23: 14-16, 2 Pedro 2: 2-3). Isso era especialmente importante por causa da contínua ameaça que os falsos profetas representavam na igreja primitiva (ver Mateus 7:15; 24:11; 2 Timóteo 4: 3-4; 2 Pedro 2: 1-3; 1 João 4: 1, Jude 4), o que explica por que as profecias precisavam ser testadas para a ortodoxia doutrinal (1 Coríntios 14:29, 1 Tessalonicenses 5: 20-22; 1 João 4: 1-6). De acordo com Romanos 12: 6, o conteúdo da profecia deve ser medido contra "nossa fé" (ou literalmente, "a fé"), significando que ela deve ser avaliada contra o corpo de verdade cristã que Deus o Espírito Santo tinha anteriormente Revelado (1Tm 3: 9, 4: 1, 6, Judas 3, 20).

Por um lado, o dom da profecia envolveu a recepção e declaração de nova revelação de Deus (ver Atos 11: 27-28, 1 Tim. 4:14, 2 Pedro 1:21), que por vezes era preditiva na natureza (Atos 11: 27-28, 21: 10-11). Por outro lado, este dom também incluiu publicamente proclamar e reiterar o que havia sido revelado anteriormente - um papel implicado pela conexão dos profetas com os professores em Atos 13: 1 (Atos 15:32). Assim, o dom da profecia foi exercido através da proclamação da verdade divinamente revelada, nova ou antiga (Rm 12: 6). Tal é *transmitido* pelo verbo grego *prophēteuō* (" *profetizar* "), que literalmente significa "proclamar" ou "falar". Aqueles que profetizaram ou pregaram em nome de Deus declararam a verdade de sua Palavra, Falando "às pessoas para sua edificação, encorajamento e consolação" (1 Coríntios 14: 3). Como todos os outros dons, a profecia devia ser exercida no amor (Ef 4:15).

Embora os coríntios elevassem o dom das línguas acima do dom da profecia, Paulo explica que a profecia é realmente superior porque não requer tradução para expor as pessoas à verdade de Deus (1Co 14: 1-5). Como com o apostolado, o ofício de profeta saiu da cena pouco depois de o cânon do Novo Testamento estar completo (Apocalipse 22: 18-19) e o fundamento doutrinal da igreja foi estabelecido (Efésios 2:20). Os profetas do Antigo Testamento desapareceram depois que o cânone do Antigo Testamento foi concluído; Assim também os profetas do Novo Testamento não eram mais necessários depois que o Novo Testamento estava terminado.

No entanto, há um sentido em que a profecia tem continuado na história da igreja através da pregação da Escritura, a Palavra profética (Romanos 12: 6 e 2 Pedro 1:19). Desde o fechamento do cânon, Deus cessou sua obra reveladora na igreja. No entanto, aqueles que fielmente proclamam a verdade da Palavra de Deus cumprem um papel que exibe um caráter profético. Como Paulo lembrou a Timóteo,

> Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir e para educar em justiça, para que o homem de Deus seja completo, preparado para toda boa obra.
>
> Eu os encargo na presença de Deus e de Cristo Jesus, que deve julgar os vivos e os mortos, e pela sua vinda e seu reino: pregue a palavra; Esteja pronto na estação e fora da estação; Repreende, repreende e exorta, com completa paciência e ensino. (2 Tim. 3: 16-4: 2)

PALAVRAS DA SABEDORIA E DO CONHECIMENTO

Apenas um pequeno detalhe é dado sobre a "proclamação da sabedoria" ea "manifestação do conhecimento" (1 Coríntios 12: 8), mas claramente eles envolveram um indivíduo recebendo e declarando revelação de Deus. Parece que aqueles a quem foi dada uma "palavra de sabedoria" puderam entender corretamente a verdade revelada divinamente e articular a sua aplicação correta na vida cotidiana (Mateus 13:54, Marcos 6: 2, Atos 6:10; Tiago 1: 5, 3:17, 2 Pedro 3:15). Aqueles que comunicaram uma "palavra de conhecimento" deram uma visão das verdades profundas da Palavra de Deus (Ef 3: 3, Col. 1:26, 2: 2).

Em 1 Coríntios 13: 2, o apóstolo parece fazer referência a esses dons quando escreve: "Se eu ... entender todos os mistérios e todo o conhecimento ..." Por conseguinte, aqueles dotados de conhecimento e sabedoria tinham a capacidade de compreender os mistérios da revelação divina enquanto Também entender como aplicar essa verdade a um nível prático. O conhecimento centrou-se na compreensão da verdade, enquanto a sabedoria explicava como agir sobre ela.

Qualquer aspecto revelador associado a esses dons cessou com a conclusão do cânon do Novo Testamento eo fim da era apostólica. No entanto, Deus ainda dá a alguns de seus filhos uma habilidade aumentada para entender e articular a verdade de sua Palavra. Aqueles que têm este dom hoje estão especialmente equipados para descobrir as verdades das Escrituras para ajudar os outros a compreendê-las e aplicá-las.

DISTINGUIÇÃO ENTRE ESPÍRITO

Com este dom, Deus divinamente capacita alguém a discernir verdadeiras de falsas declarações feitas por pessoas enganosamente alegando que suas palavras eram revelações proféticas de Deus (1 Coríntios 12:10). O exercício deste dom é ilustrado por Pedro, quando reconheceu a duplicidade espiritual de Ananias (Atos 5: 3), e Paulo, que percebeu que uma escrava era possuída por um espírito maligno (Atos 16: 16-18). Isso representa o aspecto temporário, milagroso do presente. Desde a conclusão do cânon do Novo Testamento, a operação deste dom envolveu principalmente a capacidade de identificar a falsidade comparando-a com a verdade bíblica (Atos 17:11, 1 Tessalonicenses 5: 20-22).

ENSINO

Outro grupo que Paulo identifica em 1 Coríntios 12:28 é o de "mestres" (Romanos 12: 7, Ef 4:11). Como o apostolado e a profecia, o ensino pode se referir tanto a um ofício como a um dom. O dom de ensinar envolve a capacidade dotada do Espírito para interpretar e articular a verdade da Palavra de Deus com clareza e precisão para que outros possam compreender e aprender (Atos 18: 24-25, 2 Tm 2: 2). Embora esta dádiva seja uma qualificação necessária para os anciãos (1 Tm 3: 2, Tito 1: 9, 1 Tim. 4:16), ela não é reservada exclusivamente aos pastores.

A igreja apostólica foi caracterizada pelo ensino regular da Palavra de Deus (Atos 2:42; 15:35; 18: 24-25; 2 Tim. 1:11). Tal deve caracterizar cada igreja, uma vez que o ensino é uma parte necessária da formação de discípulos. Como Jesus instruiu seus seguidores: "Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações ... ensinando-os a observar tudo quanto vos tenho ordenado" (Mateus 28: 19-20). Reconhecendo a importância vital desta obra espiritual, Paulo impôs a Timóteo estas palavras: "O que ouvistes de mim na presença de muitas testemunhas confia a homens fiéis que também poderão ensinar aos outros" (2 Tm 2: 2) . Os líderes fiéis da igreja são aqueles que justamente dividem a Palavra de Deus (2 Timóteo 2:15) e comunicam sua verdade à congregação. Muitos leigos também têm essa habilidade de colocar instrução sadia durante toda a comunhão da igreja.

EXORTAÇÃO

As palavras gregas *parakaleo* (" *exortações* ") e *paraklēsis* ("exortação") em Romanos 12: 8 são compostos de *para* ("ao lado") e *kaleō* ("chamar"). Essas mesmas palavras são unidas para constituir o título *paraklētos* ("paraclete", "advogado", "consolador", "auxiliar"), usado em referência ao Senhor Jesus (1 João 2: 1) e ao Espírito Santo 14:16, 26; 15:26; 16: 7). O dom da exortação, então, envolve aproximar-se de outros crentes para ajudá-los e encorajá-los no caminho da piedade (Hb 10: 24-25). Dependendo da situação, ela pode manifestar-se admoestando aqueles pegos no pecado, corrigindo aqueles tentados pelo erro, confortando o ferir ou fortalecendo os fracos. Exortação é necessária em uma variedade de contextos de ministério e pode parecer diferente em cada um. Como Paulo disse aos tessalonicenses: "Exortamos-vos, irmãos, a admoestar o ocioso, encorajar os fracos, ajudar os fracos, ser pacientes com todos" (1 Tessalonicenses 5:14, 2Co 1: 3-5; 2 Tim. 3: 16-17, 4: 2).

Paulo e Barnabé exemplificaram o ministério de exortação em sua primeira viagem missionária. Depois de pregarem o evangelho nas cidades do sul da Galácia, "eles voltaram a Listra, a Iconium e a Antioquia, fortalecendo as almas dos discípulos, encorajando-os a continuar na fé e dizendo que através de muitas tribulações devemos entrar no reino de Deus "(Atos 14: 21-22). Aqueles com o dom de exortação devem ter certeza de que exortar no amor (Efésios 4:15). Eles também devem encorajar as Escrituras, reconhecendo que a Palavra de Deus é "proveitosa para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2 Timóteo 3:16). Enquanto a pregação declara a verdade da Palavra de Deus e o ensino a explica, a exortação chama os irmãos cristãos de serem praticantes da Palavra e não apenas ouvintes (Tiago 1:22).

SERVIÇO E AJUDA

O dom do "serviço" (Romanos 12: 7) eo dom de "ajudar" (1 Coríntios 12:28) são virtualmente sinônimos. "Serviço" é derivado da mesma palavra grega traduzida "diácono" (*diaconia*). É um termo amplo que pode se referir a qualquer tipo de auxílio ou ajuda prática (Atos 20:35). "Helping" (de Gk. *Antilēmpsis*) é um termo similarmente amplo, referindo-se a qualquer tipo de serviço ou assistência prestada em nome de terceiros. Muitas vezes, esses atos de serviço envolvem completar tarefas mundanas e sem glamour. No entanto, eles são essenciais para a vida e eficácia contínua da igreja. Ao realizar de bom grado tais tarefas, aqueles ajudantes dotados em áreas de serviço libertam aqueles dotados em outras áreas para fazerem o que o Espírito Santo os equipou especialmente para fazer.

Em sua carta aos Filipenses, Paulo descreve Epafrodito como seu "companheiro de trabalho e companheiro de soldado, e seu mensageiro e ministro para a minha necessidade, ... [que] quase morreu pela obra de Cristo, arriscando sua vida para

completar o que faltava em seu Serviço a mim "(Filipenses 2: 25-30). Claramente, parte do oferecimento espiritual de Epafrodito incluía um desejo sobrenatural e capacidade de ajudar e servir. Sua fidelidade ao Senhor expressou-se em serviço de sacrifício a Paulo. Embora não seja apresentado publicamente, aqueles que servem desinteressadamente na igreja, nos bastidores, um dia serão recompensados abertamente pelo Senhor (Col. 3: 22-24).

LIDERANÇA E ADMINISTRAÇÃO

Aqueles com o dom de liderar (Rm 12: 8) ou "administrar" (1 Coríntios 12:28) são responsáveis por orientar a congregação, tanto espiritualmente como na tomada de decisões diárias. A frase "aquele que leva" traduz a forma participativa do termo grego *proistēmi* ("estar diante"). Ele é usado no Novo Testamento para descrever a liderança tanto em casa (1 Timóteo 3: 4-5, 12) como na igreja (1 Timóteo 5:17). "Administrando" é da palavra grega *kybernēsis* , que *significa* "guiar". Atos 27:11 e Apocalipse 18:17 usam esse mesmo termo para se referir a um piloto que dirige um navio. Tal ilustra a maneira pela qual os líderes dotados ajudam os outros a navegar pela vida e pelo ministério guiando-os com sabedoria e bom conselho (Provérbios 12: 5, Ezequiel 27: 8, onde o mesmo termo grego é usado na Septuaginta). Embora este dom não se limite a um ofício particular, o dom de liderança na igreja claramente pertence aos pastores e anciãos que Deus ordenou para pastorear o rebanho. Eles alimentam e lideram o rebanho de Deus.

Romanos 12: 8 indica que aqueles com essa habilidade devem conduzir com "zelo". Esse termo (de Gk. *Spoudē*) também pode ser traduzido como "diligência". Em vez de mostrar preguiça ou apatia, a liderança espiritual efetiva é caracterizada pela seriedade e ânsia . Ao mesmo tempo, a liderança espiritual também deve ser marcada pela humildade e altruísmo (ver Marcos 10: 42-45). O apóstolo Pedro enfatizou essa verdade quando ele acusou seus companheiros,

> Pastoreiem o rebanho de Deus que está entre vocês, exercendo a vigilância, não sob compulsão, mas de boa vontade, como Deus quer que vocês tenham; Não para ganho vergonhoso, mas ansiosamente; Não dominador sobre aqueles em seu cargo, mas sendo exemplos para o rebanho. E quando o pastor principal aparecer, você receberá a coroa de glória implacável. (1 Pedro 5: 2-4)

Dando

Em Romanos 12: 8, Paulo descreve o dom de dar com estas palavras: "aquele que contribui, em generosidade." A palavra grega traduzida "contribui" é uma forma do verbo *metadidômi* , que também poderia ser *traduzido* como "dá" ou "Partes". Ela fala de generosidade sacrificial em dar para satisfazer as necessidades de outro (2 Coríntios 8: 2-5). Embora cada crente seja chamado a compartilhar ea dar (Ef 4:28, ver Lucas 3:11), aqueles com o dom de dar são particularmente equipados com o forte desejo e ânsia de contribuir sacrificialmente para os outros. Conseqüentemente, eles experimentam a medida plena de saber que "Deus ama um doador alegre" (2 Coríntios 9: 7).

O termo "generosidade" vem da palavra grega *haplotēs* e fala de uma liberalidade sincera. Tal doação é alimentada não por um motivo ulterior, mas por amor genuíno pelos outros e, em última instância, pelo Senhor. Não é hipócrita, como a generosidade pomposa dos fariseus (Mateus 6: 2) ou a mentira enganosa de Ananias e Safira (Atos 5: 1-11). Um desejo genuíno de dar e compartilhar era uma característica da igreja primitiva (Atos 2: 44-45). Essa atitude ainda caracteriza aqueles com este dom.

MOSTRANDO MISERICÓRDIA

A lista de dons em Romanos 12 conclui com estas palavras: "aquele que faz atos de misericórdia, com alegria" (12: 8). O verbo grego *eleeō* ("faz atos de *misericórdia* ") transmite tanto uma atitude de simpatia para com aqueles que estão sofrendo como uma capacidade de confortá-los e encorajá-los efetivamente. Aqueles dotados de misericórdia são sobrenaturalmente sensíveis à dor e ao sofrimento e são especialmente equipados pelo Espírito Santo para confortar e consolar os abatidos. O dom da misericórdia vai além de simplesmente sentir pena das pessoas; Ele entra em ação por encontrar maneiras de levantar outros. Tais talentos se manifestam muitas vezes através de atos de bondade para com os sem-teto, idosos, doentes, deficientes, sofredores e aflitos.

Aqueles que exercem este dom não consideram isso um trabalho pesado ou um mero dever. Em vez disso, é o seu grande deleite, como eles alcançam com alegria em nome do Deus de misericórdia e graça (1 Pedro 5:10). O Senhor Jesus exibiu consistentemente essa qualidade durante seu ministério terrenal, respondendo graciosamente com compaixão para com o sofrimento e as pessoas carentes que vieram a ele (Lucas 4: 18-19). Aqueles que mostram misericórdia e bondade para com os outros seguem os passos de seu supremo exemplo.

FÉ

O dom da fé, delineado por Paulo em 1 Coríntios 12: 9, refere-se a uma capacidade extraordinária de confiar em Deus diante das dificuldades e dificuldades. A "fé" de que Paulo fala não é fé salvadora, mas confiança inabalável no poder e nas promessas de Deus. Aqueles com o dom da fé são caracterizados pela oração persistente, confiante em saber que Deus ouve as súplicas de seu povo (ver Tiago 5: 16-18). Eles ressoam com a verdade das palavras de Jesus: "Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Mova-se daqui para lá", e ele se moverá e Nada vos será impossível "(Mateus 17:20, 1 Coríntios 13: 2).

Toda a congregação é fortalecida quando aqueles com este dom exercem fé no meio de provações e tribulações. Essa qualidade de confiança inabalável nas promessas de Deus marcou os santos do Antigo Testamento listados em Hebreus 11. Por meio de seu exemplo de fé, colocando seus olhos em Cristo, eles forneceram "uma tão grande nuvem de testemunhas" para seguir gerações de crentes (Heb 12: 1-2). Da mesma forma, ao longo da história da igreja, incontáveis crentes com este dom têm respondido às dificuldades, perigos e até mesmo a morte com firme resolução e confiança em Deus. De humildes leigos e leigas que eram fortes na fé aos dedicados missionários e nobres mártires, os testemunhos dos fiéis continuaram a encorajar as gerações subsequentes de cristãos ao longo dos séculos.

DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

A "habilidade de distinguir entre espíritos" refere-se ao dom permanente do discernimento espiritual - a capacidade habilitada pelo Espírito para identificar formas de erro doutrinário e decepção religiosa. Como "o pai da mentira" (João 8:44), Satanás procura continuamente falsificar a verdadeira obra de Deus disfarçando-se como "um anjo de luz" (2 Coríntios 11:14). Ele faz isso principalmente por meio de falsos mestres, que dispensam os "ensinamentos dos demônios" (1 Timóteo 4: 1). É por isso que o apóstolo João advertiu seus leitores: "Amados, não creiais a todo espírito, mas provai aos espíritos se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas saíram ao mundo" (1 João 4: 1).

EVANGELISMO

O ofício ou dom do evangelista, referenciado em terceiro lugar em Efésios 4:11, envolve a habilitação divina para explicar, exortar e aplicar o evangelho a não-cristãos. Paulo usou o verbo grego *euangelizō* ("pregar o *evangelho* ") vinte e uma vezes em suas cartas. Ele exortou Timóteo a "fazer a obra de um evangelista" (2Tm 4: 5), tanto em geral quanto em Éfeso em particular (Filipe de Cesaréia em Atos 21: 8). Assim, o evangelista parece ser principalmente um plantador de igrejas cujo dever é estabelecer novas igrejas através da pregação do evangelho. Uma vez que uma congregação é nascida, a igreja seria conduzida então por um pastor-professor, quando o evangelist se mover sobre a um trabalho novo em um lugar fresco.

PASTORIA E ENSINAMENTO

Este ofício ou presente, referenciado em quarto lugar em Efésios 4:11, envolve a habilitação divina para pastorear liderando, alimentando, protegendo e cuidando de outros crentes nas igrejas locais. Por exemplo, o conteúdo da carta de Paulo a Tito descreve o tipo de instruções que se espera que ele receba para ser um frutuoso pastor-mestre. Uma vez que Titus é a única epístola paulina que não contém o verbo grego *euangelizō* ou seu nome cognato *euangelion* (" *evangelho* "), pode-se supor que o conteúdo da carta se refere ao trabalho de crescer e amadurecer uma igreja local depois de ter sido bem Estabelecido por um evangelista.

Usando presentes

Um levantamento dos dons espirituais listados em todo o Novo Testamento destaca a diversidade de habilidades dotadas pelo Espírito que Deus deu aos crentes para construir uns aos outros no corpo de Cristo (1 Coríntios 12: 4-29). Enquanto os crentes devem considerar as maneiras pelas quais Deus tem dotado-los para o serviço, eles devem se concentrar não em última análise em seus dons, mas sobre o Doador. Ao edificarem outros crentes exercitando seu dom, eles simultaneamente trazem honra ao Senhor da igreja. Desta forma, eles se tornam sacrifícios vivos de adoração que são santos e aceitáveis a Deus (Romanos 12: 1). Para reiterar as palavras de Pedro,

> Como cada um recebeu um dom, usá-lo para servir uns aos outros, como bons mordomos da graça variada de Deus: quem fala, como alguém que fala oráculos de Deus; Quem serve, como aquele que serve pela força que Deus fornece - a fim de que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo. A ele pertencem a glória eo domínio para todo o sempre. Um homem. (1 Pedro 4: 10-11)

Em resumo, parece que as categorias de presentes não-milagrosos são muito gerais e amplas. O Novo Testamento não os define em nenhum sentido estreito, levando à compreensão de que o Espírito Santo aplica essas habilidades de uma maneira única na vida de cada crente.

Uma vez que Pedro diz que cada crente recebeu "um dom", é justo supor que o dom que cada um recebe é uma combinação ou combinação das habilidades e capacitações necessárias para servir eficazmente o corpo de Cristo. Este dom é especialmente concebido por Deus para equipar cada crente para o ministério na igreja. Como um pintor habilidoso usando uma paleta de cores, o Espírito Santo combina de forma única esses dons em cada crente. Por esta razão, é inútil superdefinir o talento de alguém. O que é útil é servir com o coração aberto e a mão aberta, regozijando-se em todas as maneiras pelas quais o Senhor usa os crentes para tornar sua imagem gloriosa na igreja.

Uma Antecipação do Céu

Ao concluir uma discussão sobre a igreja, convém lembrar que a igreja oferece aos crentes um antegozo do céu. Embora imperfeita, a igreja representa o único lugar onde as atividades do céu são refletidas na terra.

A igreja se assemelha ao céu de várias maneiras importantes. Na igreja, o povo de Deus deseja submeter-se à sua vontade moral como expressa em sua Palavra (Mateus 6:10). Eles procuram obedecê-lo por amor e devoção a Ele (João 14:15; 1 João 2: 3). No céu, os crentes o servirão perfeitamente (Apocalipse 22: 3-5), e essa esperança futura motiva sua busca da santidade nesta vida (1 João 3: 2-3).

Na igreja, os crentes oferecem adoração contínua a Deus como um sacrifício de louvor (Hb 13:15). Tais expressões de adoração caracterizam a vida do céu. O apóstolo João fornece um vislumbre da adoração perpétua do Céu em Apocalipse 4: 8-11:

> E os quatro seres viventes, cada um deles com seis asas, estão cheios de olhos ao redor e dentro, e dia e noite eles nunca cessam de dizer,
>
> "Santo, santo, santo, é o Senhor Deus Todo-Poderoso,
> Que era e é e é para vir! "
>
> E sempre que os seres viventes dão glória e honra e agradecimentos ao que está assentado no trono, que vive para sempre e sempre, os vinte e quatro anciãos caem diante dele que está sentado no trono e adorar aquele que vive para sempre e sempre. E lançaram as suas coroas diante do trono, dizendo:
>
> "Digno és tu, nosso Senhor e Deus,
> Para receber glória e honra e poder,
> Para você criou todas as coisas,
> E por sua vontade existiram e foram criados. "

Por toda a eternidade, os crentes exaltarão o Senhor Jesus para sua obra de redenção (Apocalipse 5: 11-14, ver Fp 2: 9-11). A adoração que ecoa através dos salões das igrejas exaltantes de Cristo aqui na terra continuará a reverberar sem fim por todos os corredores do céu.

Na igreja, embora seus membros ainda não sejam aperfeiçoados, começa-se a vislumbrar a santidade ea pureza que caracteriza o céu. A santidade absoluta do céu é sublinhada em Apocalipse 21: 8 e 22: 14-15, que explicam que a glória eterna da nova terra estará livre da imoralidade, idolatria e qualquer forma de impureza. A igreja reflete esta santidade quando seus membros andam em justiça (Efésios 4: 1, Fil. 1:27, Col 1:10, 1 Pedro 1:16, cp 15: 2) e quando são fiéis Para disciplinar aqueles que persistem no pecado não arrependido (Mateus 18: 15-20, 1 Coríntios 5:13).

Na igreja, o povo de Deus também desfruta de rica comunhão uns com os outros. Essa comunhão é um antegozo da perfeita comunhão que um dia compartilharão com todos os santos e com o seu Salvador, o Senhor Jesus (1 João 1: 3; 3: 2). Quando os crentes se reúnem na igreja, eles são lembrados de que são cidadãos do céu (Filipenses 3: 20-21) e que este mundo não é sua casa (1 João 2: 15-17). Fazem parte da comunhão dos santos, pertencendo à "assembléia dos primogênitos que estão inscritos no céu" (Hb 12:23).

A submissão à vontade de Deus, a adoração centrada em Cristo, a busca da santidade e a comunhão com outros crentes - estas são apenas algumas das maneiras pelas quais a igreja na Terra prefigura as glórias do céu. Tais antecipações devem fazer com que os crentes cresçam tanto no amor à igreja quanto no anseio pelo céu. Como o apóstolo Paulo explicou aos Coríntios: "Porque agora vemos um espelho vagamente, mas então, face a face. Agora eu sei em parte; Então conhecerei plenamente, assim como eu sou plenamente

conhecido "(1 Coríntios 13:12). À luz desse tipo de perspectiva celestial, que alegria é para os crentes fazerem parte da companhia dos redimidos, aguardando ansiosamente nossa esperança abençoada, a aparição da glória de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo,

Oração

Pai Nosso, obrigado por teres
Projetou um plano de redenção
Que resgata o indigno eo culpado de sua situação
E os coloca no teu reino.
Esse reino existe não apenas como um reino celestial e eterno;
Ele também tem uma presença vital agora nesta terra.
Nós nos regozijamos por você projetar para construir Seu reino
Através de Seu Corpo, a igreja,
Cada membro tem um papel importante a desempenhar.

Pensando no apóstolo Paulo, reconhecemos os dons e habilidades únicos
Ele foi dado para avançar Seu reino,
Contudo somos muito incentivados a perceber
Que as Sagradas Escrituras honram por nome
Aqueles que o ajudaram.
Você cercou Paul com pessoas que não saberíamos
Se não tivesse nomeado aqueles que oraram por ele,
O encorajou e assistiu-o em Sua grande obra.

Obrigado, Senhor, por esse exemplo
Do Corpo de Cristo trabalhando juntos.
Somos lembrados de que Tu não somente salvas os pecadores;
Você também os reunirá em um Corpo
Sob o poder de Seu Espírito
Para realizar seus gloriosos propósitos.
Sua graça é abundante em todos os sentidos.
Nós Te abençoamos pelo evangelho e tudo o que ele traz:
salvação,
libertação,
cura,
Integridade
e esperança.
Obrigado que você nos aprecia e nos mistura
Nesta maravilhosa entidade chamada Corpo de Cristo.

Nós confessamos que há vezes
Quando não somos úteis como deveríamos ser -
E às vezes somos até mesmo um obstáculo para o Seu trabalho.
Lamentamos o Espírito Santo. Buscamos os prazeres do mundo.
Vivemos sem prestar atenção aos nossos deveres. Nós trifle com coisas que são maus.

Confessamos, além disso, que estamos por vezes
Unloving, uncaring, orgulhoso, egoísta, impaciente, demasiado terrenal ocupado,
E muito apático sobre as coisas que realmente importam.
Quão desesperadamente precisamos vir antes de você
Para ser lavado e perdoado todas essas coisas.
Que mortificemos nossos pecados na primeira aparição
E nunca os deixe persistir!

Nosso desejo sincero é manifestar Cristo em Sua grande glória.
Nós somos o Corpo do qual Ele é Cabeça.
Podemos honrá-Lo de acordo com tudo o que fazemos e ensinamos.

De todas as formas em que te ofendemos, Senhor,
Humildemente pedimos perdão.
Como somos gratos por estarem dispostos a perdoar pecadores arrependidos
E nos restaurar para o serviço útil!
Nosso desejo sincero é ser instrumentos adequados em Suas mãos.
Que sejamos fiéis em Vosso serviço.
Ampliar nossa capacidade de trabalho evangélico,
E intensificar o reflexo de tua glória em nossos rostos.

Você, Senhor, é tudo de que precisamos;
Não desejemos mais nada.
Você é nossa fortaleza e nosso Libertador.
Você é nossa força e nossa esperança.
Você é nosso Guia e nosso Guardião.
Você é o único Deus verdadeiro, ea Rocha da nossa salvação.
Toda a tua graça abunda para nós;
Nós sempre temos plena suficiência em tudo.
Na verdade, temos uma abundância para cada boa ação.
Não devemos desperdiçar essas bênçãos tão requintadas.

Limpe-nos, para que possamos refletir mais claramente
A glória de Cristo.
Ajude-nos, mesmo agora, a dar uma expressão mais perfeita
Para o louvor que ocupará nossos corações por toda a eternidade.
Como sempre, trazemos todas essas petições em Seu nome abençoado.
Que sejam ouvidos e respondidos
Como eles são consistentes com Sua vontade. Um homem.

"Levante-se, levante-se para Jesus"

Levantem-se, levantem-se para Jesus, soldados da cruz;
Levantai alto o seu estandarte real, não deve sofrer perda.
Da vitória à vitória, Seu exército conduzirá,
Até que todo o inimigo seja derrotado e Cristo seja o Senhor.

Levante-se, levante-se para Jesus, o toque de trombeta obedeça;
Diante do poderoso conflito, neste Seu glorioso dia.
Vós que sois homens, agora O servis contra inimigos não numerados;
Que a coragem se levante com o perigo e a força para se opor.

Levante-se, levante-se para Jesus, fique firme em Sua força;
O braço da carne te faltará, não te atreverás a confiar no teu próprio.
Coloque a armadura do evangelho, cada peça vestida com oração;
Onde o dever chama, ou o perigo, nunca está faltando lá.

Levante-se, levante-se para Jesus, a contenda não será longa;
Este dia o barulho da batalha, o seguinte o canto do vencedor;
Aquele que vencer a coroa da vida será;
Ele, com o Rei da glória, reinará eternamente.

~ George Duffield Jr. (1818-1888)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 281-306.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 555-658.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 2: 216-80.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 799-1006.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 758-817.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 1025-146.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 853-1088.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, 3: 466-709.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 3: 241-363.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 805-976.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907, 887-980.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 1077-242.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 403-37.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 3: 1-560.

Obras Específicas

Adams, Jay. *Manual da Disciplina da Igreja: Um Direito e Privilégio de cada membro da Igreja* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984.

Amandus, Dave, ed. *Fundamentos da Fé: 13 Lições para Crescer na Graça e no Conhecimento de Jesus Cristo* . Chicago: Moody Publishers, 2009.

Dever, Mark. *A Igreja: o Evangelho tornado visível* . Nashville: B & H Academic, 2012.

---. *Nove Marcas de uma Igreja Saudável* . 3a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2013.

Dever, Mark e Paul Alexander. *A Igreja Deliberada: Construindo Seu Ministério sobre o Evangelho* . Wheaton, IL: Crossway, 2005.

DeYoung, Kevin e Ted Kluck. *Por que nós amamos a igreja: Em elogio das instituições e da religião organizada* . Chicago: Moody Publishers, 2009.

Duncan, Ligon e Susan Hunt. *Ministério das Mulheres na Igreja Local* . Wheaton, IL: Crossway, 2006.

Edgar, Thomas R. *Satisfeito com a promessa do Espírito: Afirmar a plenitude da provisão de Deus para a vida espiritual* . Grand Rapids, Michigan: Kregel, 1996.

Gilley, Gary E. *Esta pequena igreja foi para o mercado: é a Igreja Moderna Alcançar ou vender?* Rev. ed. Darlington, Reino Unido: Evangelical Press, 2005.

Gordon, T. David. *Por que Johnny não pode pregar: a mídia tem dado forma aos mensageiros* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2009.

Grudem, Wayne, e Dennis Rainey, eds. *Liderança Pastoral pela Manhood e Womanhood* . Fundações para a Família. Wheaton, IL: Crossway, 2003.

Hughes, R. Kent e Douglas Sean O'Donnell. *O Livro do Pastor: Guia Completo e Prático do Ministério Pastoral* . Wheaton, IL: Crossway, 2015.

Jefferson, Charles. *O Ministro Pastor: Os Privilégios e Responsabilidades da Liderança Pastoral* . 1912. Reimpressão, Charleston, SC: BiblioLife, 2006.
Lawson, Steven J. *Fome na terra: um apelo apaixonado para a pregação expositiva* . Chicago: Moody Publishers, 2003.
---. *O tipo de pregação que Deus abençoa* . Eugene, OR: Casa da Colheita, 2013.
Leeman, Jonathan. *Disciplina da Igreja: Como a Igreja protege o nome de Jesus* . 9Marks: Construindo igrejas saudáveis. Wheaton, IL: Crossway, 2012.
---. *Membros da Igreja: Como o Mundo Sabe Quem Representa Jesus* . 9Marks: Construindo igrejas saudáveis. Wheaton, IL: Crossway, 2012.
Lloyd-Jones, D. Martyn. *Pregação e Pregadores* . Editado por Kevin DeYoung. 40th aniversário ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.
MacArthur, John. *1 Timóteo* . Comentário do Novo Testamento de MacArthur. Chicago: Moody Publishers, 1995.
---. *2 Timóteo* . Comentário do Novo Testamento de MacArthur. Chicago: Moody Publishers, 1995.
---. *Envergonhado do Evangelho: Quando a Igreja se torna como o mundo* . 3a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
---, ed. *Evangelismo: Como Compartilhar o Evangelho Fielmente* . A Biblioteca do Pastor de John MacArthur. Nashville: Thomas Nelson, 2011.
---. *O Plano do Mestre para a Igreja* . Rev. ed. Chicago: Moody Publishers, 2008.
---, ed. *Ministério Pastoral: Como Pastorear Biblicamente* . A Biblioteca do Pastor de John MacArthur. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
---, ed. *Pregação: Como Pregar Biblicamente* . A Biblioteca do Pastor de John MacArthur. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
---. *Quando a Igreja perde sua vontade de discernir* . Wheaton, IL: Crossway, 1994.
---. *Fogo Estranho: O Perigo de Ofender o Espírito Santo com Adoração Falsificada* . Nashville: Thomas Nelson, 2013.
---. *Titus* . Comentário do Novo Testamento de MacArthur. Chicago: Moody Press, 1996.
---. *Bem-vindo à Família: O que esperar agora que você é um cristão* . Nashville: Thomas Nelson, 2004.
---. *Adoração: a prioridade final* . Chicago: Moody Publishers, 2012.
MacArthur, John e Wayne A. Mack, eds. *Aconselhamento: Como aconselhar biblicamente* . A Biblioteca do Pastor de John MacArthur. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
Marshall, Colin e Tony Payne. *A Treliça ea Videira* . Kingsford, NSW, Austrália: Matthias Media, 2009.
Mayhue, Richard. *A promessa de cura: É sempre a vontade de Deus curar?* Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 1997.
---. *O que Jesus diria sobre sua igreja?* Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 1995.
Mohler, R. Albert, Jr. *Ele não é silencioso: pregar em um mundo pós-moderno* . Chicago: Moody Publishers, 2008.
Montoya, Alex. *Pregação com Paixão* . Grand Rapids, MI: Kregel, 2007.
Piper, John. *Irmãos, nós não somos profissionais* . Edição expandida. Nashville: B & H, 2013.
Piper, John e Wayne Grudem, eds. *Recuperando a masculinidade bíblica e Womanhood: uma resposta ao feminismo evangélico* . Wheaton, IL: Crossway, 2012.
Radmacher, Earl D. *O que a igreja é toda sobre: Um estudo bíblico e histórico* . Chicago: Moody Press, 1978.
Saucy, Robert L. *A Igreja no Programa de Deus* . Chicago: Moody Press, 1972.
Schreiner, Thomas R., e Matthew R. Crawford, eds. *A Ceia do Senhor: Lembrando e Proclamando Cristo até que ele venha* . NAC Estudos em Bíblia e Teologia 10. Nashville: B & H Academic, 2011.
Schreiner, Thomas R., e Shawn D. Wright, eds. *O Batismo do Crente: Sinal da Nova Aliança em Cristo* . NAC Estudos em Bíblia e Teologia 2. Nashville: B & H Academic, 2007.
Spurgeon, Charles H. *Lectures to Meus Estudantes* . 1875. Reimpressão, Peabody, MA: Hendrickson, 2010.

Strauch, Alexander. *Eldership bíblico: Uma chamada urgente para restaurar a liderança bíblica da igreja* . Rev. ed. Littleton, CO: Lewis e Roth, 1995.
---. *Reuniões Que Funcionam: Um Guia Para Reuniões Eficazes Para Anciãos* . Littleton, CO: Lewis e Roth, 2001.
---. *O Novo Testamento Diácono: Ministro da Misericórdia* . Littleton, CO: Lewis e Roth, 1992.
Thomas, Robert L. *Compreender os dons espirituais: Um estudo de versículo por versículo de 1 Coríntios 12-14* . Rev. ed. Grand Rapids, MI: Kregel, 1998.
Waldron, Samuel E. *Para continuar? São os presentes milagrosos para hoje?* Merrick, NY: Calvary Press, 2005.
Wright, David F. *Baptismo: Três vistas* . Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009.

10

O futuro

Escatologia

"Aleluia, Que Salvador!"

"Homem das Dores!", Que nome
Para o Filho de Deus, que veio
Pecadores arruinados para reclamar!
Aleluia, que Salvador!

Rolando vergonha e mofando rude,
Em meu lugar, condenado,
Selado meu perdão com Seu sangue:
Aleluia, que Salvador!

Culpado, vil e desamparado,
Imaculado Cordeiro de Deus era Ele;
Expiação completa! Pode ser?
Aleluia, que Salvador!

Ele levantou-se para morrer,
"Está consumado!" Foi o Seu clamor;
Agora no céu alto exaltado:
Aleluia, que Salvador!

Quando Ele vier, nosso glorioso Rei,
Todo o Seu resgatado casa para trazer,
Então outra vez esta canção nós cantaremos:
Aleluia, que Salvador!

~ Philip P. Bliss (1838-1876)

Principais temas abordados no Capítulo 10

Introdução à Escatologia

Escatologia Pessoal

Escatologia Cósmica

As teologias muitas vezes minimizam a discussão de eventos futuros, especialmente porque se relacionam com as promessas do Antigo Testamento para Israel nacional. Como os eventos do fim dos tempos servem como o ponto culminante dos propósitos redentores de Deus, este capítulo pretende resumir tudo o que Deus revelou sobre escatologia pessoal e profética.

Introdução à Escatologia

Definição de escatologia
Escatologia nos planos de Deus
Modelos escatológicos
Escatologia e Interpretação Bíblica
Escatologia e Jesus Cristo

Definição de escatologia

Quem não gosta de uma conclusão emocionante para uma grande história? Como o conto continua e a trama constrói, uma pergunta, como é que isso vai acabar? Que surpresas e torções estão à frente? Vai ganhar o mal? A Bíblia apresenta a maior história já contada. Há um começo dramático - "No princípio, Deus criou os céus ea terra" (Gn 1: 1). Tem personagens excitantes - Adão, Eva, Abraão, Moisés, Davi, os apóstolos, o Anticristo e outros. Existe o enredo final do bem versus o mal - a grande batalha cósmica entre Deus e Satanás. Tem um herói - Jesus - que surge dos humildes começos para arrancar a maior missão de resgate da história. Depois, há a igreja, que leva a mensagem de Jesus em meio à perseguição de Satanás e do mundo. Mas o que vem depois?

A história experimentou três das quatro partes principais no enredo da Bíblia - criação, queda e redenção. O último a vir é a *restauração* , que envolve a derrota do mal eo estabelecimento do reino de Deus na terra. Como poderia qualquer cristão não estar entusiasmado com o futuro? No entanto, os cristãos às vezes são relutantes em estudar o que a Bíblia diz sobre os eventos futuros. Talvez eles pensem que as questões do tempo do fim são secundárias em importância ou muito difíceis de entender. Na verdade, aproximadamente um quarto da Bíblia era profecia no momento em que foi escrito. Mas o fim importa mais. É o propósito de tudo!

A Bíblia apresenta o glorioso fim a chegar como fonte de esperança e encorajamento para o cristão. Depois de contar aos Coríntios sobre a ressurreição e a transformação do corpo, Paulo declarou: "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que no Senhor o vosso trabalho não é em vão "(1 Cor 15:58). Além disso, quanto mais um cristão vive à luz da vinda de Jesus, mais sua piedade deve aumentar. Como João prometeu: "Sabemos que quando ele [Jesus] aparecer, seremos como ele, porque o veremos como ele é. E todo aquele que assim espera nele se purifica como é puro "(1 João 3: 2-3). O cristão também pode se alegrar de que as dificuldades desta vida acabarão um dia. A morte será derrotada (1 Cor. 15: 54-55). A reunião com os entes queridos que se fizeram acontecerá (1 Tessalonicenses 4:17). Veremos o rosto de Deus (Apocalipse 22: 3-4).

No entanto, a história não vai acabar bem para todos. Os eventos do fim do tempo servem como um aviso para aqueles que ainda não confiaram em Jesus para a salvação. O julgamento está chegando. Os incrédulos devem "fugir da ira vindoura" (Lucas 3: 7) confiando em Jesus. Os não-cristãos devem arrepender-se de modo que não sejam

repentinamente superados pelo dia do Senhor (1 Tessalonicenses 5: 2-3). Aqueles que recusarem o plano de salvação de Deus serão cortados das glórias do reino e banidos da presença de Deus para sempre (2 Tessalonicenses 1: 9 e Apocalipse 21: 8). Portanto, o estudo da escatologia envolve o rastreamento do que Deus está fazendo na história em um grande nível cósmico, mas é intensamente prático porque envolve o próprio destino. Muito está em jogo! O fim da história é o ponto inteiro da história!

No amplo estudo das crenças cristãs, a escatologia é a categoria final da doutrina. Alguns pensam erroneamente que *últimos* meios *menos* em importância. Pelo contrário, a escatologia revela eventos futuros que estão associados com a "restauração final de todas as coisas" (Atos 3:21, NASB). O termo *escatologia* vem da palavra grega *eschatos* , que *significa* "último", "fim" ou "final". Assim, a escatologia envolve o estudo das últimas coisas. No contexto da doutrina cristã, a escatologia é o estudo dos tempos finais e dos eventos associados ao retorno de Jesus, incluindo a tribulação, as ressurreições, os julgamentos eo reino.

Os eventos futuros estão ligados ao caráter de Deus. Os seres humanos tentam prever as coisas com precisão com base em padrões passados, mas suas previsões são muitas vezes erradas. Mesmo com os avanços na tecnologia, as pessoas não têm a capacidade de afetar o futuro eo conhecimento para compreendê-lo. Deus, por outro lado, é todo-poderoso e onisciente. Desde que Deus é soberano, ele está no controle direto de cada detalhe no universo. E uma vez que Deus é onisciente (todo-sabendo), ele sabe e assegura exatamente o que ele quer que aconteça. Tais verdades são reconfortantes para os cristãos, pois sabem que os propósitos de Deus serão cumpridos. A justiça prevalecerá. O mal será derrotado. A Bíblia apresenta Deus como totalmente no controle do princípio e do fim. Como o próprio Deus diz: "Eu sou Deus, e não há outro; Eu sou Deus, e não há ninguém como eu,

Existem duas categorias primárias de escatologia: pessoal e cósmica. A escatologia pessoal aborda o futuro da pessoa humana e questões como a morte, o estado intermediário, a ressurreição, o julgamento e onde uma pessoa residirá eternamente. Responde à pergunta, qual é o destino de uma pessoa? A escatologia cósmica ou profética aborda questões mais amplas, como os convênios bíblicos, o arrebatamento, o período da tribulação, a segunda vinda de Jesus, o milênio e o estado eterno. Enquanto a escatologia pessoal se concentra mais estreitamente no destino de seres humanos individuais, a escatologia cósmica aborda questões mais amplas e como Deus lidará com sua criação como um todo, seja no céu ou na terra.

Escatologia nos planos de Deus

O enredo da Bíblia tem um fluxo histórico. Há um começo, um meio, e um fim ou um culminar. No princípio, Deus cria um universo maravilhoso. Então há uma volta escura como uma força enganadora, tentadora (Satanás) chega na forma de uma serpente. Os portadores da imagem de Deus caem pela mentira e pecado de Satanás contra seu Criador, que traz o pecado, a morte e as maldições para o mundo. Então Deus implementa um plano através de promessas e convênios por meio dos quais ele pretende restaurar a criação, incluindo a humanidade, através de um homem supremo e Salvador-Jesus Cristo (Gn 3:15; 12: 2-3). Depois de muitos séculos, este prometido Salvador e Rei chega. Jesus vem ao seu povo, mas o rejeitam (João 1:11). A morte violenta que ele voluntariamente sofre fornece a expiação como o fundamento para a reconciliação de todas as coisas (Cl 1:20). Ele então retorna ao céu,

No futuro, este Rei desencadeará a ira divina sobre o mundo em preparação para seu retorno pessoal e corporal à Terra (Apocalipse 19: 11-16). Quando voltar, ressuscitará

santos mortos e recompensará seus seguidores com um reinado na terra por mil anos (Ap 20: 4). Após este reinado bem-sucedido, Satanás e todos os malfeitores serão finalmente julgados e sentenciados ao eterno lago de fogo (Apocalipse 20: 11-15). Então um estado eterno perfeito em um novo céu e nova terra começará (Ap 21: 1-22: 5). Os santos redimidos e glorificados de Deus o servirão e reinarão para sempre (Ap 22: 5). Eschatology focaliza particularmente no "o fim ou o culminar" e que eventos ocorrerão em torno dele.

Modelos escatológicos

Diferentes visões da escatologia geralmente resultam de suposições contrastantes com relação aos propósitos de Deus. As crenças anteriores sobre como Deus trabalha podem influenciar como se aproximam os textos proféticos eo enredo da Bíblia. As suposições erradas distorcem o que Deus revelou. O cristão deve assegurar-se de que sua compreensão dos propósitos de Deus provém da Bíblia e não de outras visões de mundo ou filosofias.

Existem dois modelos ou abordagens para ver os propósitos de Deus: o modelo de visão espiritual eo novo modelo de criação. Estes modelos funcionam como abordagens gerais para ver os propósitos de Deus.

MODELO DE VISÃO ESPIRITUAL

O modelo da visão espiritual eleva as realidades "espirituais" sobre as questões físicas. Nesta visão, existe um dualismo rígido entre o espiritual eo material com o espiritual mais valorizado do que o físico. Realidades materiais são percebidas como ruins, inferiores ou maus. O modelo de visão espiritual adota a cosmovisão do filósofo grego Platão (cerca de 428-348 aC) e as filosofias decorrentes de seus pontos de vista. Platão ensinou a superioridade do espiritual sobre o material. As variações religiosas do platonismo freqüentemente apresentam a fuga da alma do corpo para uma existência puramente espiritual como o ideal e a meta mais elevados. O gnosticismo, que era uma grande ameaça para a igreja primitiva, era uma forma de platonismo. O gnosticismo deprecia a bondade do mundo material.

Enquanto a maioria dos primeiros cristãos não eram nem platônicos nem gnósticos, as idéias de Platão muitas vezes se infiltraram na igreja primitiva. Origen (cerca de AD 184-ca 254) chegou perto de negar a ressurreição corporal. O influente teólogo Agostinho (354-430 dC) acreditava que a idéia de um reino terreno de Jesus era carnal e optou pela visão de que o reino de Deus é uma entidade espiritual, a igreja. Sua visão espiritual do reino de Deus, como explicado em sua obra *A Cidade de Deus* , passou a ser *conhecida* como *amilenarismo* . Esses dois teólogos influentes minimizaram os aspectos físicos da profecia bíblica e elevaram o espiritual. A Igreja Católica Romana da Idade Média, que abraçou a perspectiva amileniana de Agostinho, também operava de acordo com suposições superspiritualizadas sobre o reino de Deus.

A mistura não-bíblica das idéias de Platão com o cristianismo tem sido chamada de "Christoplatonismo". Tal abordagem aos propósitos de Deus pode ser vista em declarações como "Deus está interessado em salvar a alma, não o corpo", ou "O reino de Deus é espiritual, não físico O pensamento do modelo da visão espiritual também pode ser visto na crença de que as promessas físicas, terrestres e nacionais a Israel no Antigo Testamento devem ser cumpridas espiritualmente na igreja ou ser Absorvida na pessoa de Cristo. É evidente quando as pessoas pensam que seu destino eterno é uma existência sem corpo no céu ou sentado em uma nuvem o dia todo sem nada para fazer. Para usar

um exemplo cultural, *A famosa tira de desenho animado de Gary Larson O lado distante* mostrou uma vez um homem no céu em uma nuvem com asas em suas costas e um halo em sua cabeça. Obviamente entediado de sua mente, o homem disse a si mesmo: "Gostaria de ter trazido uma revista." A mensagem - o futuro no céu é terminantemente chato.

Durante boa parte da história da igreja, a igreja adotou visões espiritualizadas do futuro. A existência no céu era vista como uma fuga do mundo físico carnal. Ainda hoje muitos pensam que o destino final do homem será uma existência espiritual estática no céu, além de qualquer fisicalidade. Mas há uma maneira melhor - a maneira bíblica.

NOVO MODELO DE CRIAÇÃO

O novo modelo de criação, por outro lado, afirma a bondade de toda a criação de Deus, incluindo seus elementos materiais. Paulo declarou: "Porque por ele [Jesus] todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, visíveis e invisíveis" (Cl 1:16). A criação é composta de realidades espirituais e materiais, e ambos são importantes para Deus. Ambos foram negativamente afetados pelo pecado e pela queda do homem, e ambos serão eventualmente restaurados por Deus. Pedro falou da vinda "restauração de todas as coisas" em Atos 3:21 (NASB). Uma nova abordagem de criação não nega a importância das verdades e realidades espirituais; Os afirma. Mas ela se opõe aos esforços para espiritualizar as realidades físicas ou tratá-las como inferiores. Bênçãos espirituais e físicas se unem.

Passagens como Isaías 11; 25; 65; 66; Romanos 8; E Apocalipse 21 afirmam que os planos futuros de Deus envolvem realidades materiais. Eles falam de uma terra regenerada e assuntos tangíveis como nações, reis, economia, agricultura, o reino animal e questões sociopolíticas. Esses assuntos não são apagados com o reino de Cristo, mas restaurados. Ao discutir as glórias da nova terra que vem, Deus declara: "Eis que eu estou fazendo novas todas as coisas" (Ap 21: 5). As conseqüências negativas que resultaram do pecado, como a morte, a decadência ea maldição serão removidas, mas os fundamentos do ambiente de criação serão resgatados. O destino final do povo de Deus não é uma presença espiritual etérea no céu, mas uma existência tangível em uma nova terra.

O novo modelo de criação também afirma a continuidade da importância de indivíduos e entidades nacionais. Deus persegue a salvação dos seres humanos individuais, e também julga e abençoa as nações como entidades nacionais. A nação de Israel é o exemplo mais claro (Mt 19:28, Atos 1: 6). Além disso, a tabela das nações em Gênesis 10-11 mostra que Deus é soberano sobre e preocupado com todos os grupos de pessoas. A aliança de Abraão revela que os propósitos de Deus se estendem para envolver a bênção de todas as nações (Gn 12: 3; 22:18).

A Bíblia também ensina que Deus usará Israel como um meio de abençoar as nações (Gn 12: 2-3). Israel foi o vaso através do qual Jesus, o Messias, veio e é o centro do reino do Messias, no qual Israel liderará tanto no serviço quanto na função (Isaías 2: 2-4, Atos 3:25 e Romanos 11: 11-12). , 15). Isaías 19: 16-25 fala do dia em que o Egito e a Assíria se tornarão o povo de Deus ao lado de Israel, que também é o povo de Deus. Nações com seus reis ainda existem na nova terra (Ap 21:24, 26). Assim, os planos de Deus envolvem nações, incluindo Israel. Jesus traz harmonia entre judeus e gentios, mas ele não apaga as etnias (Ef 2: 11-22; 3: 6). Deve-se, assim, evitar o "viés de nação" na determinação de quais referências proféticas a Israel ou outras nações devem ser espiritualizadas para esta era da igreja.

O novo modelo de criação também conecta a escatologia e a protologia. *A escatologia* é sobre "coisas últimas", enquanto a *protologia se* refere a " *primeiras* coisas". Se alguém *entender os propósitos originais de* Deus para o homem

ea criação, então está em melhor posição para entender o que ainda está por vir. Deus criou um mundo tangível em seis dias e então o considerou "muito bom" (Gn 1:31). A bondade de todas as partes da criação de Deus refuta religiões orientais como o hinduísmo eo budismo que vêem o mundo físico como ilusão (*maya*) e como algo que deve ser superado para a iluminação. Esse pensamento também contrapõe todas as formas de platonismo e suas visões negativas do reino material. Enquanto o universo consiste em realidades materiais e imateriais (Colossenses 1:16), Não há dualismo essencial no qual o espírito é visto como inerentemente superior ao físico. O próprio homem é uma unidade complexa de corpo e alma, material e imaterial. Deus fez o homem como uma entidade física para viver em uma terra física. Assim, os propósitos de Deus incluem o reino físico.

Que os propósitos do reino de Deus estão relacionados a esta terra é visto nos mandamentos dados a Adão em Gênesis 1: 26-28, onde Adão é dito para "dominar", "subjugar" e "encher" a terra. Deus criou o mundo e então designou o homem como um mediador para governá-lo para a glória de Deus. Adão falhou este comando e não cumpriu a intenção de Deus para a humanidade. O homem estava sujeito à morte, e o chão era amaldiçoado e sujeito à futilidade (Gênesis 3: 17-19, Romanos 8:20). Hoje, a humanidade é caracterizada pelo pecado, ea criação trabalha contra o homem. Mas o plano de Deus é restaurar e regenerar esta terra (Mt 19:28, Atos 3:21).

Escatologia e Interpretação Bíblica

O uso de princípios interpretativos corretos é fundamental para a compreensão da profecia bíblica e da escatologia. Isso envolve um uso consistente da interpretação gramatical-histórica para todas as áreas da Bíblia, incluindo suas seções proféticas. Esta abordagem procura entender o significado original dos escritores da Bíblia e o que os leitores originais entenderiam. Ela vê os textos bíblicos como tendo um significado único, e não significados múltiplos, ocultos ou alegóricos. Felizmente, a maioria dos cristãos crentes na Bíblia usam a interpretação gramatical-histórica para a maioria das passagens da Escritura. Mas, infelizmente, há uma longa história de abandono injustificado da interpretação gramatical-histórica quando se trata de seções escatológicas.

Por exemplo, Isaías 2: 2-4 fala de uma era vindoura em que pessoas das nações se dirigirão à cidade de Jerusalém para aprender sobre Deus. Durante este tempo não haverá guerra, apenas paz, como o Senhor reina sobre a terra. Esta era de harmonia internacional entre as nações ainda não ocorreu, mas alguns espiritualizam esta passagem, vendo-a como sendo cumprida nesta era quando pessoas de diferentes países acreditam no evangelho e se juntam à igreja. Mas a igreja não está em vista nesta passagem. Para usar outro exemplo, Apocalipse 7: 4-8 fala de 144.000 judeus, consistindo de doze mil de cada uma das doze tribos de Israel. Este grupo é contrastado com um grande grupo de gentios salvos "de todas as nações, de todas as tribos e povos e línguas". O grupo em Apocalipse 7: 4-8 é claramente judaico, Mas alguns tomam isso como descrevendo a igreja, não Israel. Esta abordagem não se enquadra na hermenêutica gramatical-histórica, uma vez que não existem razões contextuais para considerar esta passagem como uma referência a qualquer outra coisa que não seja representantes de Israel étnico.

Abandonar a interpretação gramatical-histórica também leva a descartar o que a Bíblia diz sobre o futuro reino milenar de Jesus. Mesmo aqueles que negam um futuro reino terrestre de Jesus admitem que uma aproximação literal à profecia do Antigo Testamento deve levar a um reino terrestre vindouro, literal. Por exemplo, OT Allis admitiu que "as profecias do Antigo Testamento se literalmente interpretadas não podem ser consideradas como tendo sido cumpridas ou como sendo capazes de realização nesta época". E Floyd E. Hamilton reconheceu: "Agora devemos admitir francamente que uma

interpretação literal das profecias do Antigo Testamento nos dá apenas como uma imagem de um reino terrestre do Messias como as imagens pré-milenistas." [4]

A abordagem gramatical-histórica da interpretação se encaixa com os meios normais de comunicação. Ele também tem o apoio do fato de que muitas profecias sobre a primeira vinda de Jesus foram cumpridas em um sentido normal e literal. Jesus veio de uma virgem (Isaías 7:14), nasceu em Belém (Mic 5: 2), e morreu uma morte terrível em favor do seu povo (Isaías 53). Se as profecias da primeira vinda de Jesus foram cumpridas literalmente, também as profecias referentes à sua segunda vinda.

Escatologia e Jesus Cristo

Jesus é o centro do programa do reino de Deus. Ele é o rei supremo. Tanto o Rei (Jesus) como o reino de seu reino são o assunto de muitas profecias do Antigo Testamento. O primeiro verso do Novo Testamento declara: "O livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mateus 1: 1). Não somente Jesus é o legítimo descendente de Davi e Abraão, mas também está qualificado para cumprir os convênios davídico e abraâmico. Todas as profecias e convênios da Bíblia encontram sua realização em Jesus. Então Paulo declarou: "Porque todas as promessas de Deus acham nele o seu sim" (2 Coríntios 1:20).

No entanto, os cristãos muitas vezes estão confusos sobre o papel de Jesus no cumprimento das promessas do Velho Testamento. Alguns acreditam que as promessas concernentes a Israel ea terra de Israel no Antigo Testamento são cumpridas ou absorvidas em Jesus de tal maneira que não se deve esperar um cumprimento literal futuro dessas questões. Alegadamente, uma vez que Jesus é o israelita final ou verdadeiro que substituiu Israel, não existe mais significado teológico para a nação de Israel. Mas esta é a abordagem errada. Jesus é o ponto focal dos propósitos de Deus, e através dele todas as promessas, profecias e convênios serão cumpridas. Isso ocorre através do cumprimento literal do que foi prometido. Os detalhes específicos das promessas e profecias do Antigo Testamento são importantes e devem ser cumpridos como previsto.

Ao abordar a percepção errônea de que ele estava acabando com as Escrituras Hebraicas, Jesus disse:

> Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; Eu não vim para abolí-los, mas para cumpri-los. Porque em verdade vos digo que até que o céu ea terra passem, nem um iota, nem um ponto, passará da Lei até que tudo seja realizado. (Mt. 5: 17-18)

Quando Jesus se referia à "Lei ou aos Profetas", ele queria dizer as Escrituras Hebraicas como um todo, incluindo suas profecias. "Tudo" no Antigo Testamento tinha que ser "realizado". Isso incluiu todos os "iota" e "pontos" no alfabeto. Em outras palavras, tudo. Tudo o que as Escrituras Hebraicas previam tinha que acontecer exatamente como previsto.

Que Jesus esperava um cumprimento literal das profecias do Antigo Testamento é visto na seção profética de Mateus 24-25. Jesus disse: "Quando virdes a abominação da desolação, dita pelo profeta Daniel, que está no lugar santo ..." (Mateus 24:15), e depois explicou como esse terrível acontecimento significava que as pessoas que viviam na Judéia teriam Para fugir da perseguição (Mateus 24: 16-21). Aqui Jesus confiou em uma compreensão literal e contextual de Daniel 9:27, que fala de uma desolação vinda do templo judaico por um príncipe mau. Jesus não espiritualizou este texto do Antigo Testamento ou disse que seus detalhes não importavam mais ou que os detalhes foram absorvidos nele. Em vez disso, ele esperava um cumprimento literal deste evento. Além disso, Jesus disse que os sinais cósmicos preditos em Isaías 13:10 ocorreria (Mateus

24:29). Ele ainda se baseou em Daniel 7:13 para dizer que o Filho do Homem viria sobre as nuvens de glória (Mateus 24:30). Repetidamente, Jesus viu os detalhes das profecias do Antigo Testamento como necessitando ser cumpridas exatamente como o Antigo Testamento declarou. Se Jesus via os detalhes das profecias do Antigo Testamento como ainda precisando ser cumprido, os cristãos também deveriam.

Como Jesus, os escritores do Novo Testamento também consideravam as profecias do Antigo Testamento como exigindo o cumprimento exato após a primeira vinda de Jesus. Tanto Paulo como Pedro disseram que o dia do Senhor ainda precisava ocorrer (1 Tessalonicenses 5: 2 e 2 Pedro 3:10). Em conformidade com Daniel 9:27, Paulo esperava uma figura vindoura do Anticristo, um "homem de iniqüidade", que entraria no templo judaico exaltando-se e declarando-se Deus (2 Ts 2: 3-4). Paulo também declarou uma salvação vindoura para a nação de Israel em conexão com as promessas da nova aliança para a nação (Romanos 11: 26-27). O Novo Testamento não transcende ou altera a expectativa profética do Antigo Testamento, mas vê as profecias do Antigo Testamento como necessitando ser cumpridas ao longo das duas vindas de Jesus.

O Antigo Testamento predisse um Messias que reinaria sobre um reino mundial (Zacarias 14: 9), mas também sofreria pelos pecados de seu povo (Isaías 53). No entanto, havia pouco no Velho Testamento para indicar duas vindas deste Messias. A verdade de duas chegadas distintas do Messias foi revelada no Novo Testamento.

Tanto João Batista como Jesus proclamaram que Jesus era o Rei e que o reino dos céus estava próximo (Mateus 3: 2, 4:17). Curas de Jesus, exorcismos, palavras e milagres naturais verificaram essa afirmação. Mas Jesus experimentou oposição do povo de Israel. As cidades não estavam crendo nele (Mateus 11: 20-24), e os líderes religiosos de Israel cometeram blasfêmia dizendo que Jesus estava trabalhando com Satanás (Mt 12: 22-32). Logo depois, Jesus começou a falar em parábolas para esconder a verdade daqueles que se recusavam a crer e a dar verdade aos que tinham fé (Mt 13: 10-17). À medida que os Evangelhos se desenrolam, torna-se mais claro que duas vindas de Jesus serão necessárias. Em Lucas 19: 11-27, Jesus comparou-se a um nobre que viajou para um país distante para receber um reino e depois voltou a governar. Jesus precisava ir embora por um tempo antes que o reino de seu reino acontecesse. Pouco antes de sua morte, Jesus disse: "É para sua vantagem que eu vá embora, porque se eu não for embora, o Ajudador não virá a você" (João 16: 7).

Compreender as duas vindas de Jesus é importante para compreender o cumprimento da profecia bíblica. Duas vindas significa que o cumprimento das profecias relacionadas a ele também ocorre por etapas. Algumas profecias foram cumpridas com a primeira vinda de Jesus, enquanto outras esperam seu retorno. Por exemplo, em Atos 3:18, Pedro disse ao povo em Jerusalém: "Mas o que Deus predisse pela boca de todos os profetas, que o seu Cristo sofreria, assim cumpriu." Isto mostra que as profecias do sofrimento e expiação de Jesus foram Cumprido na sua primeira vinda. Mas Pedro continuou dizendo que o céu deve receber a Jesus por algum tempo "até o tempo de restaurar todas as coisas de que Deus falou pela boca de seus santos profetas há muito tempo" (Atos 3:21). A "restauração" de "todas as coisas" que os profetas predisseram ainda era futura e ocorreria quando o Pai enviou Jesus,

Compreender a escatologia também envolve discernir quais detalhes da profecia foram cumpridos com a primeira vinda de Jesus e que aguardam sua segunda vinda. Se alguém enxerga demasiada satisfação com a primeira vinda de Jesus, perderá questões significativas que ainda precisam ocorrer no retorno de Jesus. Por outro lado, se alguém coloca demasiada importância na segunda vinda de Jesus, pode-se perder o cumprimento significativo que ocorreu com o primeiro advento de Jesus.

Em suma, profecias relacionadas com a pessoa de Jesus e sua identidade como o Messias e servo sofredor do Senhor foram cumpridas com a sua primeira vinda. Além disso, as profecias relacionadas com a obra de Jesus na cruz como propiciação pelo pecado foram cumpridas. Além disso, a inauguração da nova aliança por Jesus com sua morte é um cumprimento importante da profecia do Antigo Testamento. Ainda muito ainda precisa ocorrer. As profecias relacionadas com a septuagésima semana de Daniel, o dia do Senhor, a salvação de Israel, o Anticristo, o milênio e outros eventos aguardam o tempo da segunda vinda de Jesus.

Escatologia Pessoal

Morte
O Estado Intermediário
Ressurreição
Inferno
Céu

O que acontece quando alguém morre? A resposta a esta pergunta está relacionada à escatologia pessoal. Uma vez que a Bíblia ensina sobre os destinos importantes para os incrédulos e crentes, esta parte analisa a escatologia pessoal do ponto de vista desses dois grupos.

Morte

A morte é um tema desagradável, mas as Escrituras ensinam o que mais intuitivamente sabe - a morte é o destino dos seres humanos. Embora todos reconheçam a realidade contundente da morte, a Bíblia sozinha revela sua origem, seu significado e o que deve acontecer para ser derrotado. A morte não é inexistência. O significado primário da morte é a separação. Assim, Gênesis 35:18 diz de Raquel, "Sua alma estava partindo (porque ela estava morrendo)." Depois da morte, sua alma continuou vivendo, embora fosse separada de seu corpo.

A Bíblia fala de três tipos de morte. Primeiro, *a morte física* envolve a cessação da vida corporal. Quando órgãos-chave como o cérebro eo coração param de funcionar, ocorre a morte física. Neste ponto, uma separação transpira entre o corpo de uma pessoa e sua alma / espírito. Tiago declarou: "O corpo separado do espírito está morto" (Tiago 2:26). Em relação à morte física, Eclesiastes 12: 7 explica: "O pó [o corpo] retorna à terra como estava, eo espírito volta a Deus que o deu".

Segundo, a *morte* espiritual envolve a alienação de Deus. Uma pessoa pode estar fisicamente viva, mas espiritualmente morta. Na verdade, todas as pessoas são concebidas e nascidas em um estado de separação espiritual de Deus (Sl 51: 5). Isso ocorre por causa do pecado imputado de Adão e uma natureza de pecado herdada de nossos ancestrais. Paulo dirigiu-se à morte espiritual quando disse aos Efésios: "Estavas morto em teus pecados e pecados" (Efésios 2: 1). Falando de sua condição anterior antes de Cristo, Paulo observou que os Efésios estavam fisicamente vivos, mas espiritualmente separados de Deus.

Terceiro, *a morte eterna* é punição e banimento de Deus para a eternidade. Isso acontece com aqueles que fisicamente morrem espiritualmente mortos. O não arrependido experimentará a separação eterna e consciente da presença de Deus para abençoar (2 Tessalonicenses 1: 9). O lago de fogo é o seu destino (Ap 21: 8). Nem todos, porém, experimentarão a morte eterna; Aqueles que crêem em Jesus o escaparão.

As Escrituras ensinam outras verdades importantes sobre a morte. Primeiro, o pecado é a causa da morte. Contrariamente à cosmovisão secular, a morte não é o resultado de processos naturais decorrentes de um universo aleatório e casual. A morte acontece porque o primeiro homem, Adão, pecou contra o Criador. Adão foi dito que ele morreria se ele comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2: 15-17), e Romanos 5:12 explica que "o pecado veio ao mundo através de um homem [Adão] E morte através do pecado ". No seu núcleo, a morte é um assunto espiritual com amplas e abrangentes conseqüências.

Segundo, a morte é real, não uma ilusão. Há uma separação real do corpo da alma. Embora os cristãos reconheçam esta verdade, alguns cultos e seitas quase cristãs negaram a realidade da doença e da morte.

Terceiro, a morte não é natural. Deus não criou o homem para morrer, ea morte não era uma parte original da criação (Gênesis 1-2). É por isso que o luto e as lágrimas são freqüentemente associados à morte na Bíblia (Gn 50: 1, 3). Jesus chorou por Lázaro com verdadeiras lágrimas (João 11:35). A morte é uma perturbação para a vida. Nunca deve ser glamorized ou downplayed. Neste mundo caído, a morte pode parecer natural, pois está ao nosso redor. Mas Deus não criou o homem para morrer, e um dia está chegando, quando a morte será derrotada. A morte não estará presente no novo céu e na nova terra (Apocalipse 21-22, especialmente 21: 4). A morte, portanto, é uma intrusão no universo de Deus, um inimigo que precisa ser conquistado. Em relação ao reinado do reino de Jesus, Paulo declarou: "O último inimigo a ser destruído é a morte" (1 Coríntios 15:26). O apóstolo João também revelou que a "morte" será "jogada no lago de fogo" (Apocalipse 20:14). A morte é dirigida para a derrota por causa de Jesus. O crente pode se alegrar com Paulo ao dizer:

> "A morte é engolida em vitória."
> "Ó morte, onde está a tua vitória?
> Ó morte, onde está o vosso ferrão? "(1 Coríntios 15: 54-55)

Em quarto lugar, nesta idade a morte é uma realidade inescapável que leva a um em responsabilidade perante o Criador. Hebreus 9:27 declara: "É designado para o homem morrer uma vez, e depois disso vem o julgamento." A morte não é uma transição garantida para uma inexistência pacífica ou nirvana. Nem o céu é o destino padrão para todos os que morrem. Para os incrédulos, a morte é algo temível, e sua proximidade deve fazer com que todos se arrependam. Na parábola do rico tolo, Jesus falou de um homem rico que, avidamente, continuava adquirindo celeiros, grãos e bens, sem pensar em usar sua riqueza para Deus. Então, um dia, "Deus lhe disse:" Louco! Esta noite a tua alma é exigida de ti, e as coisas que preparaste, de quem será a vontade? "(Lucas 12:20). Inesperadamente, o rico tolo estaria diante de Deus.

Em quinto lugar, a morte é uma transição de um estado de existência para outro. Não é uma transferência da existência para a inexistência. Os crentes passarão para o céu intermediário onde Deus, Jesus ressuscitado, anjos e crentes morreram (Ap 6: 9-11). O incrédulo irá transitar para hades, um lugar temporário de castigo para os ímpios (Lucas 16: 19-31). O que o céu e hades intermediários são como será discutido mais adiante.

A MORTE E O INCONDICIONAL

A morte é uma fonte de medo apenas para aqueles que não conhecem a Deus. Para o incrédulo, a morte não só traz um fim à própria vida física atual, mas também leva uma pessoa a prestar contas diretamente a Deus por uma vida vivida separada dele (Hb

9:27). Jesus advertiu que as pessoas deveriam temer a Deus "que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno" (Mt 10:28).

Enquanto vivos, todas as pessoas, incluindo os não-crentes, experimentam a graça comum de Deus em bênçãos como comida, ar, luz do sol e relacionamentos. Paulo alude a isso quando pergunta: "Vocês pensam ligeiramente nas riquezas de Sua bondade e tolerância e paciência, sem saberem que a bondade de Deus os leva ao arrependimento?" (Romanos 2: 4). Mas Paulo também adverte para rejeitar a bondade de Deus: "Mas por causa de sua obstinação e coração impenitente você está guardando ira para si mesmo no dia da ira e revelação do justo juízo de Deus" (Romanos 2: 5). Experimentar as bênçãos de Deus sem lhe dar honra aumenta a ira de uma pessoa. Além disso, aqueles que morrem em incredulidade experimentará a morte eterna sem chance de perdão ou fuga. Enquanto a condenação ao lago de fogo não virá até o julgamento final, O destino dos não salvos é selado no ponto da morte. Não existe uma segunda chance pós-morte. Provérbios 11: 7 resume o que a morte significa para o ímpio: "Quando o ímpio morrer, sua esperança perecerá".

MORTE E O CRENTE

Os crentes em Cristo não são poupados das conseqüências da morte física. Mesmo para o cristão, a morte pode ser súbita, o resultado de um acidente trágico, ou o fim de uma longa e dolorosa doença. Por um lado, os cristãos são uma nova criação (2 Coríntios 5:17) e experimentaram renovação interior através da obra do Espírito Santo, mas por outro lado, seus corpos físicos ainda se deterioram. Como Paulo declarou: "Embora nosso eu exterior esteja se esgotando, nosso eu interior se renova dia a dia" (2 Cor. 4:16). Por razões conhecidas apenas por ele, Deus determinou que a remoção da morte aguarda o futuro (Isaías 25: 8). Então, como a morte se relaciona com o crente em Cristo?

A morte é um resultado do pecado, mas o cristão é perdoado de todos os pecados: "Não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8: 1). Portanto, a morte não é um castigo para o cristão como é para o não-crente. Em vez disso, a morte física ocorre porque vivemos em um mundo caído ainda esperando a restauração de todas as coisas (Atos 3:21). O processo de decadência e morte lembra aos cristãos sua fragilidade e total dependência de Deus. O sofrimento e a morte também ajudam os cristãos a se identificarem e se aproximarem de Jesus, razão pela qual Paulo disse que desejava "conhecê-lo [Jesus] eo poder de sua ressurreição" e "compartilhar seus sofrimentos, tornando-se como ele em sua morte" (Filipenses 3:10).

Enquanto no caminho para a morte física, o cristão não tem que temer a morte, porque Cristo a conquistou (Apocalipse 1:18). Jesus, através de sua morte sacrificial, é capaz de "livrar todos aqueles que, por medo da morte, foram sujeitos à escravidão ao longo da vida" (Hb 2: 14-15). Paulo disse: "Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida ... poderão separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 8: 38-39). De fato, Paulo viu as opções de continuar o seu ministério atual na terra ou partir para estar com Cristo como uma escolha difícil: "Se eu for viver na carne, isso significa trabalho frutífero para mim. No entanto, que eu vou escolher, eu não posso dizer. Estou muito pressionado entre os dois. Meu desejo é partir e estar com Cristo, pois isso é muito melhor. Mas permanecer na carne é mais necessário por sua conta "(Filipenses 1: 22-24). Paulo sabia que Deus queria que ele permanecesse na terra e servisse aos outros, mas desejava estar presente com Cristo no céu. Ele não odiava a morte porque significava estar imediatamente com Jesus.

Paulo disse aos Coríntios: "Sim, somos de boa coragem, e preferimos estar longe do corpo e em casa com o Senhor" (2Co 5: 8). Mais uma vez, Paulo considerou a partida do corpo (morte física) como preferível, já que ele estaria com Jesus. Além de serem um

encorajamento para o crente, esses versos refutam o conceito não-bíblico do sono da alma, no qual a morte física significa inexistência até a ressurreição. O crente nunca está separado de Cristo.

A morte é de fato um inimigo terrível que precisa ser conquistada. No entanto, por causa da morte de Jesus, o poder do pecado e da morte é quebrado para o cristão. A remoção final da morte aguarda o retorno de Jesus, mas os cristãos neste mundo caído sabem que a morte física não é o fim. Ela leva o cristão imediatamente e eternamente à presença de Jesus. O forte contraste entre a morte para os incrédulos e os crentes é resumido em Provérbios 14:32: "O ímpio é derrubado por meio de sua maldade, mas o justo encontra refúgio na sua morte".

O Estado Intermediário

O estado intermediário refere-se à existência consciente de pessoas entre a morte física ea ressurreição do corpo. Ela se aplica tanto aos crentes como aos incrédulos, embora os destinos desses dois grupos sejam diferentes. Uma vez que o foco do Novo Testamento está no retorno iminente de Jesus e do reino de Deus na terra (Isaías 11; 65: 17-25, Apocalipse 20-22), os dados das escrituras referentes ao estado intermediário são breves. No entanto, existe suficiente informação para que se tenha um conhecimento real sobre este tópico.

O ESTADO INTERMEDIÁRIO DO INCONDICIONAL

O estado intermediário dos incrédulos envolve tormento consciente em um lugar chamado *hades* , de *hadēs* , o termo grego para a morada dos mortos. Na Septuaginta, foi usado para traduzir a palavra hebraica *sheol* , que se refere ao reino dos mortos em geral, sem necessariamente distinguir entre as almas justas e injustas. Mas no Novo Testamento, Hades refere-se ao lugar dos ímpios antes do julgamento final no lago de fogo (Apocalipse 20:13). Hades, portanto, serve para descrever um lugar temporário de tormento consciente para os ímpios.

A discussão mais explícita de hades é encontrada em Lucas 16: 19-31, o relato do rico e Lázaro. O homem rico, que estava vestido de luxo, tinha pouca preocupação com o pobre mendigo Lázaro. Quando o rico morreu, seu corpo foi enterrado (16:22); Mas sua parte imaterial foi transferida para hades, onde ele estava "em tormento" (16:23). Ele clamou a Abraão por misericórdia, dizendo: "Estou angustiado nesta chama" (16:24). O homem rico estava agoniado. Ele também tinha memória, não só lembrando Abraão e Lázaro, mas também desejando ajudar seus cinco irmãos vivos. Ele estava ciente de que sua presença em hades era merecida. Abraão também apelou para a memória do homem rico: "Filho, lembra-te de que tu, na tua vida, recebeste as tuas boas coisas, e Lázaro ... coisas ruins" (16:25). Todos esses detalhes revelam um lugar de tormento com auto-consciência e memória.

Quão literalmente deve ser entendido este relato, e que verdades sobre o estado intermediário podem ser obtidas a partir dele? Esta parábola descreve um relato real ou fictício? A menção de nomes (Lázaro e Abraão) não pode ser feita para indicar um relato real de pessoas reais. Embora seja uma parábola, o Senhor a projetou para explicar as circunstâncias reais do pós-morte.

O ESTADO INTERMEDIÁRIO DO CRENTE

O destino intermediário do crente difere drasticamente daquele do incrédulo. Envolve uma existência consciente e pacífica no céu com Jesus entre a morte física e a ressurreição

do corpo. A alma do crente é imediatamente traduzida para a presença de Jesus no céu na morte física (2 Coríntios 5: 8, Filipenses 1: 22-24). Enquanto Estêvão estava sendo apedrejado, clamou a Jesus, a quem viu no céu: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (Atos 7:59). Ao ladrão arrependido na cruz, Jesus prometeu: "Em verdade vos digo que hoje estarão comigo no Paraíso" (Lucas 23:43).

Quando a morte ocorre, o corpo é enterrado enquanto a alma é levada imediatamente para o céu. Paulo disse que estar com o Senhor Jesus neste estado é "muito melhor" (Fil. 1:23) do que a vida física em um mundo caído (2 Coríntios 5: 8). No entanto, ele também declarou que a condição intermediária é comparável a ser "nua" (2Co 5: 3), uma vez que os seres humanos não foram criados para serem desencarnados. Os seres humanos são mais inteiros quando vestidos com um corpo físico. É a glorificação do corpo ressuscitado pelo qual Paulo anseia mais (2 Coríntios 5: 1-2). Para o cristão, a ressurreição é melhor do que o estado intermediário, que é melhor do que a vida neste mundo caído.

O estado intermediário também significa descanso das labutas desta vida. Em Apocalipse 14:13, João declara: "E eu ouvi uma voz do céu dizendo: 'Escreva isto: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor de agora em diante'. "Bem-aventurados, diz o Espírito, para que descansem de seus trabalhos, porque as suas obras os seguem!" "Apocalipse 6: 9-11 oferece as informações mais detalhadas sobre o estado intermediário. O apóstolo João testemunha uma cena em que as almas aparecem no céu sob um altar. Estes são os "mortos pela palavra de Deus e pelo testemunho que haviam dado" (6: 9). São mártires cristãos cujas almas agora aparecem no céu. Os versículos 10-11 indicam,

> Eles clamaram em alta voz: "Ó Soberano, Senhor, santo e verdadeiro, até quando julgarás e vingarás o nosso sangue sobre os que habitam sobre a terra?" Então cada um deles foi dado um manto branco e disse para descansar um pouco Por mais tempo, até que o número de seus companheiros e de seus irmãos fosse completo, que deveriam ser mortos como eles mesmos haviam sido.

Várias verdades sobre o estado intermediário dos crentes podem ser recolhidas aqui. Primeiro, enquanto estiverem no céu, esses santos têm auto-conhecimento e conhecimento dos outros e das circunstâncias mundiais. Eles sabem que foram mortos por seu testemunho de Jesus, e querem julgamento na terra por seus assassinos. Esses santos lembram experiências passadas e têm esperança para o futuro. Segundo, eles estão conscientes da distinção entre o céu ea terra. Mesmo depois de chegar no céu, eles não se esquecem de terra completamente ou agir como se o céu é tudo o que importa. Terceiro, o céu não é seu destino final. Mesmo no céu, os santos anseiam pela justiça na terra, uma justiça que virá com o retorno de Jesus e dos santos em Apocalipse 19: 11-21. O céu intermediário não é a sua casa final. A verdade de Apocalipse 5:10 se aplica a esses santos:

Quarto, os santos martirizados no céu parecem ter alguma forma de corpo. Eles podem ser vistos por João ("Eu vi ... as almas", Apocalipse 6: 9). Eles têm um elemento audível em que eles podem falar e ser ouvido ("Eles clamaram em alta voz", 6:10). Além disso, eles podem usar roupas ("Eles foram cada um dado uma túnica branca", 6:11). E eles operam dentro dos limites do tempo ("Eles foram ... disse para descansar um pouco mais", 6:11). É claro, então, que os santos de estado intermediário no céu têm uma existência real. No entanto, esta não é a existência corporal; A morte física ocorreu, e seus corpos permanecem no chão esperando a ressurreição. Além disso, a ressurreição do corpo ainda é futuro. No entanto, uma presença real e localizada de crentes no céu parece ser a realidade.

Que papel desempenha o Estado intermediário nos planos cósmicos mais amplos de Deus? As almas dos incrédulos estão em hades. As almas dos santos que partiram e do Jesus ressuscitado estão no céu. Assim, o estado intermediário é de vital importância nos planos de Deus. No entanto, deve-se evitar os extremos relativos ao significado do estado intermediário.

Um extremo minimiza o significado ou mesmo a existência do estado intermediário. Alguns ensinam que não há existência de estado intermediário para crentes ou incrédulos, optando pelo que é chamado *sono da alma* . Nesta visão, quando uma pessoa morre, ele ou ela deixa de existir até Jesus voltar e seu corpo é ressuscitado. Então a pessoa é trazida à vida. Mas várias passagens, incluindo aquelas discutidas acima, descrevem a existência consciente para as pessoas entre a morte física e a ressurreição do corpo.

Por outro lado, o estado intermediário pode ser enfatizado demais de duas maneiras. A primeira ocorre quando o céu intermediário é visto como o estado final dos crentes. Quando os cristãos pensam que seu destino eterno é o céu presente, não o novo céu ea nova terra (Ap 21: 1), eles estão enfatizando demais o céu presente. Alguns hinos populares como "I'll Fly Away" - com letras como "para uma terra onde a alegria nunca acabará, eu vou voar para longe" - pode dar a impressão de que o destino do cristão está "lá fora" para sempre, E que a "terra" que Deus promete é o céu. Mas o céu intermediário não é o destino final dos crentes - a nova terra é. Então Pedro declarou: "Mas, segundo a sua promessa, estamos esperando novos céus e uma nova terra em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13).

Uma segunda perspectiva errônea é ver o estado intermediário como o reinado milenar de Jesus e os santos no céu nesta era. Isso é realizado por alguns amilenistas. Mas a Bíblia não apresenta o reinado milenar de Jesus e dos santos como ocorrendo no céu. Em vez disso, será cumprido na terra, de e sobre o reino onde Deus originalmente mandou o homem para governar (Gn 1: 26-28). O reinado de Jesus e dos santos é necessário na terra, não no céu, que já possui o reino universal reino de Deus. Os santos martirizados que aparecem no céu em Apocalipse 6: 9-11 são retratados como anseio de justiça na terra. Eles não estão reinando ainda, mas estão esperando para reinar, uma espera que será satisfeita com a ressurreição eo reinado dos santos após o retorno de Jesus (Apocalipse 20: 4). Em suma,

O estado intermediário é para crentes falecidos no céu ou incrédulos em hades durante esta era antes da segunda vinda de Jesus e da ressurreição do corpo. Mas não é o estado final ou destino para os seres humanos.

Ressurreição

Deus criou os seres humanos como uma complexa unidade de corpo e alma. Nesta idade a morte física resulta na separação do corpo de uma pessoa de sua alma. Mas esse estado não dura para sempre. Todo mundo está destinado a uma ressurreição do corpo preparado para o seu destino eterno.

Como a maioria das pessoas morre fisicamente antes do retorno de Jesus, a ressurreição é muitas vezes referida como uma saída da sepultura. Por exemplo, Daniel afirmou que depois de um "tempo de angústia" específico, "muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a vida eterna, e alguns para vergonha e desprezo eterno" (Daniel 12: 1- 2). Aqueles que morreram e foram enterrados serão um dia "despertos". Esta é uma ressurreição física do corpo. Esta mesma verdade é afirmada por Jesus em João 5: 28-29:

> Não te maravilhes disto, porque uma hora vem quando todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão, os que fizeram o bem para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo.

Em uma seção posterior, discutiremos o momento e os estágios do programa de ressurreição de Deus, mas aqui o foco está no que significa ressurreição tanto para os crentes como para os incrédulos. A ressurreição ocorre para ambos os grupos, mas nem todos acordam para o mesmo destino. Uma vez que a Escritura dá mais detalhes sobre a ressurreição dos crentes, vamos começar nossa discussão lá.

Ressurreição do crente

Os crentes em Deus estão destinados à ressurreição do corpo. Uma das primeiras figuras bíblicas, Jó, expressou confiança na ressurreição:

> Pois eu sei que meu Redentor vive,
> E no último ele permanecerá sobre a terra.
> E depois que minha pele foi assim destruída,
> Todavia, na minha carne, eu verei a Deus. (Jó 19: 25-26)

Jó sabia que sua "pele" seria "destruída" (morte física), mas que este não era o fim. Seu "Redentor" ficaria na terra e, no final, Jó iria, na sua "carne", "ver Deus". A ressurreição física é real e ocorre por causa do Redentor. Isaías também declarou a ressurreição do corpo para os salvos:

> Vossos mortos viverão; Seus corpos se levantarão.
> Vocês que habitam no pó, acordam e cantam de alegria!
> Pois seu orvalho é um orvalho de luz,
> E a terra dará à luz os mortos. (Isaías 26:19)

A discussão mais extensa sobre a natureza do corpo de ressurreição para os crentes é encontrada em 1 Coríntios 15: 35-49. Paulo dirigiu-se às perguntas "Como são os mortos ressuscitados?" E "Com que tipo de corpo eles vêm?" (15:35). Ele então contrastava com os corpos mortais defeituosos que agora temos com os corpos glorificados que receberemos na era vindoura. Corpos glorificados serão imperecíveis. Eles não se deterioram nem morrem como nossos corpos perecíveis presentes (15:42). Nossos futuros corpos não serão manchados com a vergonha do pecado. Eles serão poderosos, não fracos (15:43). Eles serão corpos espirituais, não corpos naturais (15:44). Jesus é o protótipo dos corpos glorificados, enquanto nossos corpos naturais tomam após Adão (15: 45-46).

A menção de corpos "espirituais" não significa imaterial ou fantasma. Eles são espirituais porque a sua fonte é Deus, por meio da ressurreição e da glorificação. Paulo ensinou que os corpos glorificados eram corpos físicos quando ele disse: "Esperamos ansiosamente pela ... redenção de nossos corpos" (Romanos 8:23). Ele também afirmou que, quando Jesus vier, "transformará o nosso corpo humilde para ser como o seu corpo glorioso" (Filipenses 3:21). Assim como Jesus teve uma existência tangível e física quando ressuscitou dos mortos, assim também os seguidores de Jesus. Afinal, Jesus é as "primícias" daqueles que morrem nele (1Co 15:20). Corpos glorificados são obrigados a entrar no reino eterno de Deus (1 Coríntios 15:50).

A ressurreição envolve o corpo vindo à vida e reunindo-se com a alma. Ao discutir o arrebatamento da igreja em 1 Tessalonicenses 4: 13-18, Paulo disse: "Deus trará consigo aqueles que dormem" (1 Tessalonicenses 4:14), referindo-se às almas dos cristãos falecidos no céu. Assim, no arrebatamento, Deus trará as almas dos cristãos partidos e se juntará a eles com seus corpos ressuscitados (1 Tessalonicenses 4:16).

Uma vez que o destino final dos crentes é a nova terra, os corpos ressuscitados são perfeitamente adequados para a vida eterna na nova terra. A nova terra não sofrerá mais maldição, decadência ou morte. E aqueles que vivem nele também não irão sentir estes. O crente tem muito que esperar.

RESSURREIÇÃO DO UNBELIEVER

As Escrituras dão menos detalhes sobre a natureza do corpo de ressurreição dos perdidos, mas algumas conclusões são possíveis. Daniel 12: 2 diz que os incrédulos "despertam" para "vergonha e desprezo eterno". Os incrédulos experimentam uma ressurreição corporal tangível. Como vimos em Daniel 12: 2 e João 5: 28-29, eles saem do sepulcro. Assim, o corpo que morreu e foi sepultado é o corpo que sai da sepultura. Ela é ressuscitada, mas a pessoa é a mesma. Portanto, há uma correspondência um-para-um.

Segundo, o corpo de ressurreição dos não salvos é adequado para experimentar o lago de fogo. Assim como os crentes receberão um corpo para viver na nova terra (Ap 21: 1-22: 5), que é um lugar real, os descrentes receberão um corpo apto a experimentar o lago de fogo, que também é um lugar real . Apocalipse 20:15 afirma: "E se o nome de alguém não foi encontrado escrito no livro da vida, ele foi lançado no lago de fogo". Tal paralelo entre crentes e incrédulos é explicado em Isaías 66: 22-24, que primeiro Descreve as condições da nova terra para os crentes (66: 22-23) e depois descreve as condições para os não salvos (66:24): "E sairão e verão os cadáveres dos homens que se rebelaram contra mim. Pois o seu verme não morrerá, o seu fogo não se apagará, e será um aborrecimento para toda a carne.

Tanto Apocalipse 20:15 quanto Isaías 66:24 revelam o terrível destino do impenitente. Esses textos retratam um julgamento ardente e interminável. O apóstolo João revelou que os incrédulos "beberão o vinho da ira de Deus, derramado força total no cálice da sua ira, e ele será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos e não descansa, nem de dia nem de noite "(Apocalipse 14: 10-11). Isso revela uma existência miserável: tormento consciente eterno caracterizado por nenhum descanso para aqueles que moram lá.

Inferno

A Bíblia apresenta a realidade eterna do inferno. O inferno é um verdadeiro lugar de tormento de fogo para o impenitente que dura para sempre. Das doze referências ao "inferno" na Bíblia, a grande maioria vem da própria boca de Jesus. O seguinte é uma amostra das palavras de Jesus sobre este tópico.

> E quem quer que diga: "Insensato!", Estará sujeito ao inferno do fogo. (Mateus 5:22)
>
> E não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Pelo contrário, temei aquele que pode destruir alma e corpo no inferno. (Mateus 10:28)
>
> Vocês serpentes, sua raça de víboras, como você vai escapar de ser condenado ao inferno? (Mateus 23:33)
>
> E se a tua mão te fizer pecar, corta-a. É melhor para você entrar na vida aleijado do que com duas mãos para ir para o inferno, para o fogo inextinguível. (Marcos 9:43)

O termo grego traduzido "inferno" nas passagens acima é *gehenna* , que ocorre doze vezes no Novo Testamento e se refere ao Vale de Hinom nos lados sul e leste de Jerusalém. Neste lugar, as crianças foram sacrificadas em fogo ao deus Molech (2 Reis

23:10, Jer 7: 31-32). Alguns afirmam que o vale de Hinom era também o lugar onde os cadáveres de criminosos e animais eram queimados. Este horrível lugar de destruição impetuosa foi usado por Jesus e escritores do Novo Testamento para simbolizar o futuro lugar de punição para os ímpios. Essas referências mostram que o inferno é real. As pessoas devem se esforçar para evitar este lugar terrível. Outras passagens, embora não usem o termo "inferno", descrevem ainda mais o fogo eterno que aguarda o ímpio:

> Então ele [Jesus] dirá aos que estiverem à sua esquerda: "Afastai-vos de mim, malditos, ao fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos" (Mateus 25:41).
>
> Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe uma marca na testa ou na mão, também beberá o vinho da ira de Deus, derramado força plena no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre A presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para sempre e nunca, e eles não têm descanso, dia ou noite. (Apocalipse 14: 9-11)
>
> E se o nome de alguém não foi encontrado escrito no livro da vida, ele foi lançado no lago de fogo. (Ap 20:15)

O tormento de fogo do inferno é interminável. Além disso, o inferno não é apenas um "estado de espírito" ou algum tipo de existência espiritual. A linguagem utilizada não pode ser atribuída apenas à metáfora.

O inferno está associado a três conseqüências negativas eternas: (1) punição, (2) destruição, e (3) banimento. Nenhum desses conceitos explica tudo o que o inferno é, mas juntos eles oferecem uma compreensão multidimensional de por que o inferno é tão terrível. Primeiro, os ímpios são punidos e recebem retribuição por suas ações (Lucas 12: 47-48). A punição de Deus não é vingativa, mas é uma retribuição justa pelos erros cometidos. Segundo, o inferno envolve a destruição (2 Tessalonicenses 1: 9), que envolve os conceitos de ruína e desperdício. Aqueles que morrem na incredulidade desperdiçaram oportunidades para viver uma vida que importava para Deus. Eles são inimigos de Deus, e a perda e a ruína são seu destino (Mateus 7:19). Terceiro, o inferno inclui o banimento. Não são apenas os ímpios punidos e não só eles sofrem ruína, Mas eles também são banidos das bênçãos do reino de Deus e são negados o acesso às glórias da nova terra. Deus como Rei os removeu sem esperança de entrar na sua presença (Ap 22: 14-15).

SHEOL

Outros termos na Bíblia estão relacionados com o inferno. O termo hebraico *sheol* é *encontrado* sessenta e cinco vezes no Antigo Testamento. Dependendo do contexto, o termo é traduzido como "grave", "poço" ou "inferno". Em geral, sheol se refere à morada dos mortos. O Salmo 88: 3 declara: "Porque a minha alma está cheia de angústias, e minha vida se aproxima do Seol". Estar no selo significa que alguém é cortado dos vivos sem acesso aos assuntos da terra. Contudo, sheol não significa fugir da presença de Deus. Como Salmos 139: 8 declara, "Se eu fizer a minha cama no Seol, você está lá!"

TÁRTARO

Outra referência ao inferno é encontrada em 2 Pedro 2: 4: "Se Deus não poupou os anjos quando pecaram, mas os lançou no inferno e os confiou a cadeias de sombrias trevas para serem guardados até o julgamento ..." " *Lançá* -los no inferno" aqui não é *gehenna* ou *hadēs* . É *tartaroō* , do qual temos *tartarus* , a única vez que este termo é usado no Novo Testamento. Na mitologia grega, o tartarus era um reino subterrâneo,

ainda mais baixo que o hades, onde os ímpios eram punidos. De acordo com a mitologia romana, tartarus era o lugar onde os inimigos dos deuses foram banidos. Os judeus acabaram por usar este termo para descrever o lugar onde os anjos caídos foram enviados. Era o inferno mais baixo, o poço mais profundo, eo lugar mais terrível de tortura. Segundo 2 Pedro 2: 4, os anjos foram enviados para tartarus quando pecaram. Isso poderia se referir aos anjos ("filhos de Deus") no Gênesis, que pecaram ao tentarem perverter a raça humana ao cohabitar com as filhas dos homens (Gênesis 6: 2).

ABISMO

Embora não seja identificado como "inferno", outro termo usado para confinamento na Bíblia é *Abismo* (Gk. *Abyssos*). O Abismo é uma prisão para anjos caídos que os impede de ter qualquer acesso ou influência sobre a terra. Quando Jesus estava prestes a expulsar muitos demônios de um homem, Lucas 8:31 relata que os demônios "imploraram para que ele não os ordenasse a partir para o abismo". Os demônios temiam o Abismo, uma vez que significaria a cessação total de suas atividades na terra. Em Apocalipse 9, criaturas semelhantes a demônios são liberadas do Abismo para infligir dano às pessoas da terra (Apocalipse 9: 1-2). É a sua libertação do Abismo que permite que essas criaturas prejudiquem as pessoas, já que elas não podem tocar as pessoas na Terra enquanto estiverem no Abismo.

O Abismo é mencionado novamente em Apocalipse 20: 1-3. É um "poço" no qual Satanás será lançado após a segunda vinda de Jesus. Uma vez que Satanás esteja preso, o Abismo será "fechado" e "selado ... sobre ele" para que Satanás não possa enganar as nações por mil anos (Ap 20: 3). O Abismo funciona como uma prisão para segurar a pessoa de Satanás. Como resultado, o próprio Satanás e suas atividades enganadoras cessarão totalmente na Terra, já que o cativeiro no Abismo remove absolutamente sua influência sobre a Terra. Uma vez completados os mil anos, Satanás será libertado do Abismo para enganar as nações mais uma vez, mas ele será imediatamente destruído e enviado para o lago de fogo para sempre (Apocalipse 20: 7-10).

VISTAS DESVIANTES DO INFERNO

Um inferno real, torturante e interminável para os perdidos é tão horrível de contemplar que muitos se recusam a acreditar. Alguns ofereceram alternativas à doutrina bíblica do inferno. O que se segue são distorções desta realidade.

Universalismo . Cada vez mais popular é a noção de que todas as pessoas vão acabar no céu e que ninguém será perdido no inferno para sempre. Esta visão é chamada de *universalismo,* uma vez que afirma que todas as pessoas serão salvas. O universalismo pode assumir várias formas. Primeiro, alguns acreditam que a obra expiatória de Cristo será aplicada a todas as pessoas, quer acreditem ou não. Então todas as pessoas entrarão na presença de Deus. Em segundo lugar, outros afirmam que as pessoas que morrem na incredulidade ou que nunca ouviram falar de Jesus receberão uma oportunidade pós-morte para acreditar em Jesus, a qual todos responderão positivamente. Uma terceira forma de universalismo afirma que as pessoas serão punidas por um tempo no inferno, mas serão eventualmente recebidas no céu.

O universalismo é contradito por várias afirmações nas Escrituras de que nem todas são salvas e que algumas experimentam o castigo eterno (Mateus 25:41, 46 e Apocalipse 20: 11-15). Ao falar sobre as glórias da nova terra (Ap 21: 1-7), João deixou claro que nem todos experimentariam este lugar: "Mas quanto aos covardes, aos incrédulos, aos detestáveis, aos assassinos, aos sexualmente imorais , Feiticeiros, idólatras e todos os

mentirosos, sua porção estará no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte "(Ap 21: 8). Ao contrário do universalismo, a história não acaba bem para todos. A crença em Cristo é um pré-requisito para aqueles que entrarão na glória (João 3:36). Aqueles que não crêem estão preparados para enfrentar o juízo por seus pecados para sempre.

Annihilationism . Outra distorção da doutrina do inferno é o aniquilacionismo, a idéia de que os ímpios deixarão de existir. Isso poderia ocorrer na morte física, em um julgamento vindouro, ou depois de um período finito de punição no inferno. Alegadamente, os perversos chegarão a um ponto em que já não existem. Como os aniquilacionistas respondem às descrições da Bíblia de que o inferno é "para sempre" ou "eterno"? Para eles, não é que uma pessoa existe no inferno para sempre, mas que a consequência de ser eliminado dura para sempre. A ruína eterna refere-se a ser tirado da existência como uma punição perpétua. O aniquilacionismo às vezes está ligado à crença na imortalidade condicional.

Desta perspectiva, a humanidade não possui imortalidade inerente. Morte significa que uma pessoa já não existe. Somente aqueles que crêem em Jesus recebem a imortalidade como um dom de Deus, enquanto os ímpios não têm permissão para continuar sua existência. Mas a linguagem bíblica, como o "fogo eterno" (Mateus 25:41), "a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 14:11), e "não têm descanso, nem de dia nem de noite" (Apoc. 14:11), revela tormento interminável em vez de cessação. Não ter repouso indica auto-consciência. Além disso, a vida eterna e a punição eterna são paralelas. Jesus declarou: "E estes [os ímpios] irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:46). Assim como a vida eterna para o crente é interminável, assim também é castigo eterno para o incrédulo. O aniquilacionismo também não faz justiça ao pecado, uma vez que o pecado é uma ofensa infinita contra um Deus infinitamente santo, exigindo assim um castigo infinito. É uma questão eterna que não pode ser superada por uma pena temporária. Se pudesse, o pecado contra Deus seria uma matéria finita. No entanto, uma punição finita pelo pecado indicaria finitude na santidade de Deus. É precisamente porque Deus é infinitamente santo que até uma única ofensa contra a sua santidade requer punição infinita. Portanto, a eternidade do inferno não pode ser rejeitada sem minar a santidade de Deus. No entanto, uma punição finita pelo pecado indicaria finitude na santidade de Deus. É precisamente porque Deus é infinitamente santo que até uma única ofensa contra a sua santidade requer punição infinita. Portanto, a eternidade do inferno não pode ser rejeitada sem minar a santidade de Deus. No entanto, uma punição finita pelo pecado indicaria finitude na santidade de Deus. É precisamente porque Deus é infinitamente santo que até uma única ofensa contra a sua santidade requer punição infinita. Portanto, a eternidade do inferno não pode ser rejeitada sem minar a santidade de Deus.

Punição Espiritual . Alguns afirmam que os perdidos experimentarão punição eterna e consciente, mas que essa punição não é um castigo físico em um lugar literal de fogo. Para eles, o fogo não é literal, mas representa alienação de Deus. O inferno é principalmente sobre a separação espiritual de Deus, não a angústia física em um lago de fogo tangível.

Esta visão, entretanto, não explica adequadamente a realidade de que tanto os justos quanto os ímpios ressuscitam corporalmente dos mortos e são concedidos corpos adequados a seus destinos eternos. Se o lago de fogo é apenas metafórico para um estado não literal de existência, isso significa que a nova terra é apenas metafórica e apenas um estado espiritual de existência para os crentes? É melhor entender que tanto os justos quanto os ímpios recebem corpos que os encaixam para seus destinos eternos - seja em uma terra nova tangível ou em um lago real de fogo.

Condições negativas nesta vida . Alguns relegam o inferno a uma figura de linguagem ou metáfora de dificuldades nesta vida. Afirmações como "Minha vida é um inferno vivo" refletem esse pensamento. Tal perspectiva trivializa o que realmente é o inferno e pode levar as pessoas a pensar que esta vida é a pior que as coisas podem ser. Embora muitas coisas terríveis possam ocorrer neste mundo caído, nossas experiências são misturadas com a bondade comum de Deus, como amor, relações pessoais, comida, chuva e luz do sol. No inferno, porém, a bondade e a graça comuns de Deus são removidas, e os perdidos devem enfrentar a ira não diluída de Deus. O inferno é muito mais do que uma metáfora para tempos difíceis nesta vida, por isso confundir os dois é perigoso.

Céu

O termo "céu" é usado aproximadamente 600 vezes na Bíblia. O termo hebraico muitas vezes traduzido "céu" (*shamayim*) significa literalmente "as alturas." O termo grego (*ouranos*) se refere ao que é levantado ou elevado. A Bíblia usa esses termos para se referir a três lugares diferentes - o céu atmosférico, o céu planetário e o terceiro céu.

O CÉU ATMOSFÉRICO

O céu atmosférico, ou primeiro, é o céu ou troposfera - a região da atmosfera respirável que cobre a terra. Gênesis 7: 11-12 refere-se a isto: "E as janelas dos céus se abriram. E a chuva caiu sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. "Aqui" céus "se refere à manta de atmosfera em todo o mundo, que é onde ocorre o ciclo hidrológico. Deus usa o céu atmosférico para oferecer coisas boas a todas as pessoas: "Ele fez o bem, dando-lhe chuvas do céu e épocas fecundas, satisfazendo seus corações com comida e alegria" (Salmos 147: 8) (At 14:17).

O CÉU PLANETÁRIO

O planeta, ou segundo, o céu é onde o sol, a lua, os planetas, e as estrelas existem. Esta compreensão do céu é referida em Gênesis 1: 14-17:

> E Deus disse: "Que haja luzes na expansão dos céus para separar o dia da noite. E sejam eles por sinais e por estações, e por dias e anos, e sejam luzes na expansão dos céus para iluminar a terra. "E foi assim. E Deus fez as duas grandes luzes - a luz maior para governar o dia ea luz menor para governar a noite - e as estrelas. E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra.

O céu planetário ou estelar serve vários propósitos. As luzes deste céu separam dia e noite e existem para sinais e estações. As festas de Israel mais tarde seriam amarradas ao céu planetário (Números 10:10 e 28:14). O céu planetário também revela a glória de Deus (Salmo 19: 1-4). Além disso, os corpos cósmicos do céu planetário testemunham o compromisso duradouro de Deus com a nação de Israel. Assim, imediatamente depois de mencionar o sol, a lua e as estrelas em Jeremias 31:35, Deus declara: "Se os céus acima podem ser medidos, e os fundamentos da terra abaixo podem ser explorados, então eu rejeitarei todos os descendentes de Israel, por tudo o que fizeram, diz o SENHOR "(31:37). O céu planetário desempenhará um papel importante no próximo período da tribulação, como Mateus 24:29 afirma:

O TERCEIRO CÉU

O terceiro céu é a morada de Deus, os santos anjos e santos falecidos. Paulo se referiu a este terceiro céu em 2 Coríntios 12: 2-4:

> Conheço um homem em Cristo [Paulo] que há catorze anos foi apanhado até o terceiro céu - se no corpo ou fora do corpo eu não sei, Deus sabe. E eu sei que este homem foi apanhado no paraíso - seja no corpo ou fora do corpo, eu não sei, Deus sabe - e ele ouviu coisas que não podem ser ditas, o que o homem não pode dizer.

Afirmar que Deus habita no terceiro céu não significa que Deus está contido lá. Primeiro Reis 8:27 declara: "Eis que o céu e o céu alto não podem te conter." Deus é onipresente, e sua presença se estende a todo reino. Mas o terceiro céu é unicamente o lar de Deus. É o posto de comando eo centro de operação de seu reino universal, do qual ele governa tudo no universo (Salmo 103: 19). O trono de Deus reside no céu, e é ali que ele é adorado (Apocalipse 4). Este terceiro céu é também o lugar de onde a Nova Jerusalém descerá à terra depois do milênio. Em sua visão, o apóstolo João viu "a cidade santa Jerusalém descendo do céu de Deus" (Ap 21:10, ver 3:12).

Em relação aos seus habitantes, Deus o Pai é o centro do terceiro céu. Jesus disse que devemos orar: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome" (Mt 6: 9). Ele também instruiu seu povo a orar para que a vontade de Deus seja feita na terra como ela está no céu (Mt 6:10). Em Apocalipse 4: 2, João viu que "um trono estava no céu, com um assentado no trono", e com aqueles ao redor do trono continuamente dizendo: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso" : 8). Salmo 2: 4 afirma que Deus, o Pai "se senta nos céus" e "ri" nas nações rebeldes na terra que desafiam sua autoridade.

O Jesus ressuscitado também está no terceiro céu. Na ascensão de Jesus, dois anjos declararam: "Homens da Galiléia, por que você está olhando para o céu? Este Jesus, que foi levado de cima de vós para o céu, virá da mesma maneira como o vistes ir para o céu "(Atos 1:11). Estando apedrejado, Estêvão clamou: "Eis que vejo os céus abertos eo Filho do homem à mão direita de Deus" (Atos 7:56). A presença de Jesus no céu está ligada ao Salmo 110: 1-2 e sua previsão de que o Messias teria um tempo à direita de Deus antes de reinar de Jerusalém (Hb 8: 1). Hebreus 9:24 declara que Cristo com seu ministério sacerdotal entrou no céu em nosso favor.

Os irmãos e irmãs falecidos em Cristo estão também no terceiro céu. Hebreus 12:23 fala de "a assembléia geral ea igreja dos primogênitos que estão inscritos no céu" (NASB). Quanto aos santos vivos, seus "nomes estão escritos nos céus" (Lucas 10:20), e sua "cidadania está nos céus" (Flp 3:20). Além disso, sua recompensa está nos céus (Mt 5:12).

Por mais glorioso que seja o terceiro céu presente, não é o domínio final de Deus e de seus santos. Segundo Pedro 3:13 declara: "Mas, segundo a sua promessa, estamos esperando novos céus e uma nova terra em que habita a justiça". Apocalipse 21: 1-2 revela que a Nova Jerusalém descerá do céu sobre a nova terra. Lá Deus habitará com seu povo (Ap 21: 3). Ele enxugará suas lágrimas e removerá todos os remanescentes negativos do mundo anteriormente amaldiçoado (Ap 21: 3-7). Assim, na maneira mais completa o céu virá à terra. Não haverá nenhuma doença, nenhuma fome, nenhum problema, e nenhuma tragédia, apenas alegria absoluta e bênçãos eternas.

Escatologia Cósmica

O Reino de Deus
Premilenialismo Futurista
Israel e a Igreja
Ordem de Ressurreição
Julgamentos Futuros

Convênios
Calendário de Cumprimento da Profecia Bíblica
Vistas milenares
Profecia de "Setenta Semanas" de Daniel
Eventos para vir

O Reino de Deus

Enquanto muitos temas importantes residem na Bíblia, o reino de Deus parece ser o tema central que os une. Como já discutimos no capítulo 1, *o reino de Deus* deve ser considerado o grande e abrangente tema da Escritura, abrangendo todos os outros temas principais da Bíblia. Aqui nós queremos expor sobre essa idéia examinando mais detalhadamente o que o Antigo eo Novo Testamento nos ensinam sobre o reino de Deus. Antes de entrar em cada um desses tópicos, vamos primeiro considerar a natureza multifacetada do reino de Deus através dos seguintes contrastes encontrados nas descrições bíblicas do reino: [13]

1. Certas passagens apresentam o reino como algo que sempre existiu (Salmos 10:16; 145: 11-13), mas em outro lugar o reino tem um começo histórico definido (Dn 2:44).
2. O reino é descrito como de alcance universal (Salmo 103: 19), mas também é revelado como um governo local na terra (Isaías 24:23).
3. Às vezes o reino é retratado como a regra direta de Deus (Salmos 22:28; 59:13); Outras vezes, ela é apresentada como a regra de Deus através de um mediador (Salmos 2: 4-6, Dan. 4:17, 25).
4. A Bíblia em alguns lugares descreve o reino como inteiramente futuro (Zc 14: 9, Mateus 6:10), enquanto em outros lugares, o reino é retratado como uma realidade atual (Sl 29:10, Dan 4) : 3).
5. Por um lado, o reino de Deus é estabelecido como o governo soberano e incondicional de Deus (Dan.4: 3, 34-35); Por outro lado, parece estar baseado em uma aliança entre Deus e o homem (Salmo 89: 27-29).
6. O reino de Deus é dito eterno (Dn 4: 3), mas Deus trará um fim a parte de seu reino (Os. 1: 4).
7. O reino não é comer e beber (Romanos 14:17), nem pode ser herdado pela carne e sangue (1 Coríntios 15:50), mas o reino também é falado em sentidos terrenos, tangíveis (Pss. 2: 4-6, 89: 27-29).
8. O reino está entre os judeus (Lucas 17:21), mas Jesus também disse a seus discípulos que orassem para que viesse (Mateus 6:10).
9. Paulo pregou "o reino de Deus" (Atos 28:31), mas os cristãos estão agora na "era da igreja" (Atos 2).
10. Os filhos do reino podem ser lançados no inferno (Mateus 8:12), mas somente os justos herdarão o reino (1 Coríntios 6: 9-10).
11. O domínio terrestre foi temporariamente entregue a Satanás (Lucas 4: 6), mas toda a terra é do Senhor (Sl 24: 1).
12. O reino é para Israel (2 Samuel 7: 11-13), mas Cristo também o deu às nações (Mateus 21:43).

REINO NO VELHO TESTAMENTO

O programa do reino de Deus começou em Gênesis 1 quando o Rei do universo criou o mundo em seis dias. Há um Rei-Deus. E há o reino do Rei-terra. O homem, criado como portador da imagem de Deus no sexto dia, foi encarregado com um reino de comando-preencher, governar e subjugar a terra para a glória de Deus (Gn 1: 26-28). A palavra “regra” (. Heb *Radah*) é um termo real usado mais tarde do futuro reino do Messias no

Salmo 110: 2 (NVI): “O SENHOR vai estender a sua forte cetro de Sião, dizendo: 'Regra [*Radah*] no Meio de Seus inimigos. ' "

Mas o homem falhou na tarefa de seu reino quando Adão pecou contra Deus (Gênesis 3). A queda interrompeu o comando da criação de Deus para a humanidade. Tragicamente, o cumprimento do potencial prometido da humanidade não poderia mais atingir sua expressão mais plena por causa da natureza caída do homem. Qualquer exercício desse domínio original provou ser incompleto e imperfeito. O salmista se referiu a esse alto e sublime papel no Salmo 8: 3-9, que reafirmou o direito do homem "para governar as obras das mãos de Deus", incluindo as ovelhas, bois, animais do campo, pássaros dos céus e peixes do mar. O salmista apresentou o ideal para a humanidade, não a realidade atual - o futuro projetado do domínio do reino, e não o passado e o presente diminuídos. É claro que o Messias, como o "Filho do Homem", cumpriria o papel da humanidade como o único representante perfeito da humanidade (Hb 2: 5-14). Ele governaria sobre a terra e sucederia como o último Adão no reino onde o primeiro Adão falhou (1 Coríntios 15: 20-28, 45).

Os meios para restaurar o reino mediador de Deus na Terra viriam por meio de quatro convênios bíblicos eternos e incondicionais - o Noahic, Abrahamic, Davidic, e novos convênios. Juntos, esses convênios revelaram tanto os reis como o rei (Jesus) dos planos do reino de Deus e os detalhes desse reino. A aliança de Noahic prometeu a estabilidade da natureza assim que os propósitos do reino de Deus poderiam jogar para fora na história (Gn 8: 21-22). A aliança abraâmica garantiu uma linha de sementes envolvendo Abraão eo povo em desenvolvimento de Israel, que seria o veículo e os meios para abençoar os grupos de pessoas do mundo (Gn 12: 2-3). Esta aliança prometeu também uma terra para Israel (Gn 12: 6-7) que serviria como base para o reino terrestre do reino de Deus e como um microcosmo do que Deus faria para todas as nações (Isaías 2: 2-4; : 6). A aliança davídica discutiu diretamente o papel de Davi e seus descendentes no estabelecimento do reino de Deus na terra, que abençoaria Israel e os gentios (2 Samuel 7: 12-19). A nova aliança revelou os planos de Deus para capacitar seu povo a amá-lo e servi-lo através de um novo coração e do Espírito Santo que habita em nós (Jeremias 31: 31-34, Ezequiel 36: 26-27).

Um reino de Deus na terra foi estabelecido com a libertação dos israelitas do Egito, a doação do pacto mosaico ea posse da terra de Canaã. No Monte Sinai Deus disse ao povo de Israel: "Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êxodo 19: 6). Eventualmente, Israel recebeu monarcas na forma de Saul, Davi e Salomão. Davi foi o único por quem a aliança Davídica foi dada (2 Samuel 7: 12-16). O ponto alto do reino de Israel ocorreu durante o reinado de Salomão em 1 Reis 8-10, quando os descendentes e a terra de Israel eram grandes e prósperos e quando líderes gentios buscavam a sabedoria do rei de Israel (1 Reis 10: 23-25) . Mas a condição de Israel se deteriorou a partir daí. Desde o tempo de 1 Reis 11 em diante, Salomão cometeu idolatria, e Israel marchou em desobediência a Deus. As maldições prometidas do pacto Mosaico desdobrado. Israel foi dividido em dois reinos, ambos dirigidos para o cativeiro e dispersão. As dez tribos de Israel foram conquistadas pela Assíria em 722 aC, e Judá foi conquistada pela Babilônia eo templo destruído em 586 aC.

No reino em declínio e então em cativeiro de Israel, os profetas tomaram o centro do palco como porta-vozes de Deus. Eles repreendiam os líderes de Israel e o povo por se converterem de Deus e quebrarem o pacto mosaico. No entanto, eles também predisseram um reino sob o Messias nos últimos dias (Isaías 2: 2-4). Este reino envolveria uma restauração do reino davídico sob o Messias em Israel e bênçãos para as nações sob o rei de Israel (Amós 9: 11-12). O reino restaurado teria exigências espirituais, uma vez que a fé e um coração disposto a servir a Deus eram necessários para entrar nele, mas este reino

incluiria a prosperidade física e material para Israel e as nações. Essa esperança não foi concretizada no final da era do Antigo Testamento. Enquanto segmentos do povo de Israel retornariam à sua terra e, eventualmente, reconstruírem o templo, Eles permaneceram sob a regra e direção dos poderes dos gentios (Daniel 2: 7). Somente o Messias poderia trazer a necessária libertação espiritual e nacional.

REINO NO NOVO TESTAMENTO

No início da era do Novo Testamento, houve uma grande expectativa em relação ao Messias e ao reino de Deus. O anjo Gabriel informou a Maria que ela teria um Filho que seria grande e se sentaria no trono de seu pai Davi. Ele governaria Israel para sempre (Lucas 1: 32-33). Zacarias profetizou que Deus estava se lembrando da aliança abraâmica e livraria Israel de seus inimigos (Lucas 1: 72-74). Ele também declarou, repetindo o anjo da mensagem do Senhor, que o filho que sua esposa Elizabeth suportaria seria o precursor do Messias para se preparar para a sua vinda (Lucas 1: 16-17). Em Jerusalém, o justo Simeão estava "esperando a consolação de Israel" como o Espírito Santo estava sobre ele (Lucas 2:25). A profetisa Ana era uma das várias "que esperavam a redenção de Jerusalém" (Lucas 2:38).

A expectativa do prometido Rei Davídico foi cumprida em Jesus. O primeiro verso do Novo Testamento declara: "O livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mateus 1: 1). Tanto Jesus como seu precursor, João Batista, proclamaram a mesma mensagem: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mateus 3: 2 e 4:17). Uma vez que nenhuma definição ou redefinição do reino foi oferecida, o reino que eles pregavam era o mesmo que o reino proclamado pelos profetas do Antigo Testamento, isto é, um reino terrestre sob o Messias com um Israel restaurado e bênçãos para as nações (Mt 19: 28). O arrependimento era a condição para entrar neste reino.

Jesus explicou o que esperava daqueles que entrariam em seu reino (Mateus 5-7). Ele também fez milagres para provar suas credenciais como Rei. Seus milagres na natureza, curas físicas, exorcismos e levantamento dos mortos cumpriram a profecia do Velho Testamento e mostraram que o reino tinha chegado sobre o povo (Isaías 35: Mt 11: 2-5; 12:28). A mensagem do reino, neste momento, era unicamente dirigida ao povo de Israel (Mt 10: 5-7). Mas o povo de Israel não se arrependeu. As cidades de Israel rejeitaram a mensagem do reino (Mateus 11: 20-24), e os líderes cometeram blasfêmia contra o Espírito Santo atribuindo os milagres de Jesus ao poder de Satanás (Mateus 12: 22-32). Esta era uma rejeição nacional por atacado de Israel de seu Messias, um ato que traria juízo sobre Israel na forma da destruição de Jerusalém de 70 dC (Mt 23: 37-39; Lucas 19: 41-44). Em resposta, Jesus começou a falar do reino como vindo no futuro depois de seu retorno ao céu (Lucas 19:11) e depois dos eventos do período da tribulação (Lucas 21:31).

Jesus falou dos "segredos do reino dos céus" na forma de parábolas (Mt 13:11). Essas parábolas revelaram novas verdades sobre o programa do reino entre a primeira e a segunda vindas de Jesus. O Antigo Testamento não ensinou explicitamente duas vindas do Messias com uma diferença significativa entre elas. Isso era novo na verdade revelada. Embora o próprio reino não fosse estabelecido até o retorno de Jesus, várias verdades relacionadas ao reino começariam a existir na era da igreja. A parábola do semeador revelou que o evangelho do reino seria pregado e receberia várias respostas (Mt 13: 3-9, 18-23). A parábola do trigo e do joio mostrou que os filhos do reino e os filhos do Diabo coexistiriam nesta era e só seriam separados quando Jesus voltasse no final da era com seus anjos (Mt 13: 24-30 , 36-43). As parábolas da semente de mostarda e fermento mostraram que o reino, através de sua mensagem e filhos, começaria pequeno, mas crescerá para ser grande (Mateus 13: 31-33).

Na última parte do ministério de Jesus, sua mensagem se concentrou principalmente em sua morte sacrificial (Mateus 16:21). Contudo, ele ainda previu a vinda do reino: "Em verdade vos digo que, no novo mundo, quando o Filho do Homem se assentar no seu trono glorioso, vós que me seguistes também assentar-vos-ei em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel "(Mateus 19:28). Aqui Jesus predisse estar sentado no glorioso trono davídico e de seus discípulos governando com ele sobre um Israel nacional restaurado e unido na época da renovação cósmica, que é claramente futuro. Além disso, referindo-se à sua segunda vinda, Jesus declarou: "Quando o Filho do Homem vier na sua glória e todos os anjos com ele, então ele se assentará no seu trono glorioso" (Mateus 25:31).

Com a sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus foi exaltado como Messias à direita de Deus Pai, onde Jesus possui toda autoridade no céu e na terra (Mt 28:18, Ef 1: 20-22). No entanto, o exercício real da autoridade do seu reino na terra aguarda o futuro. O escritor de Hebreus diz assim: "Ele [Jesus] sentou-se à direita de Deus, esperando desde aquele tempo até que os seus inimigos se tornassem um escabelo de seus pés" (Hb 10: 12-13). A sessão de Jesus à direita do Pai conduzirá então a um reinado sobre a terra de Jerusalém (Salmo 110: 1-2). No dia de sua ascensão, os apóstolos de Jesus perguntaram se naquele tempo o reino seria restaurado a Israel (Atos 1: 6). Jesus disse que o momento deste evento era conhecido apenas pelo Pai e que os discípulos deveriam se concentrar na proclamação do evangelho até os confins da terra (Atos 1:

As Epístolas do Novo Testamento revelam que os benefícios salvíficos do reino se aplicam aos crentes nesta era da igreja. Os cristãos experimentam as bênçãos espirituais da nova aliança de um novo coração e do Espírito Santo que mora no lar (2 Cor. 3: 6). Eles são posicionalmente transferidos para o reino do Filho de Deus (Col 1:13) e experimentam a justiça do reino em suas vidas (Romanos 14:17). No entanto, o reino terrestre *reino* de Jesus e seus santos é apresentado como futuro. Paulo explicou que a fiel resistência dos cristãos agora conduzirá a um futuro "reino" no reino de Jesus: "Se perseverarmos, também reinaremos com Ele" (2 Tm 2:12). Esta época atual é caracterizada por provações, mas para aqueles que perduram, o reino é sua recompensa. Paulo, assim, acusou os tessalonicenses de "andarem de uma maneira digna de Deus, Que vos chama para o seu próprio reino e glória "(1 Tessalonicenses 2:12). Perto do fim de sua vida, Paulo declarou: "O Senhor me livrará de toda a maldade e me levará com segurança ao seu reino celestial" (2 Timóteo 4:18). Pedro disse aos seus leitores que assegurassem a sua vocação e eleição: "Porque assim vos será ricamente providenciada a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 1: 10-11). O Reino, portanto, é apresentado nas Epístolas como uma recompensa futura para aqueles que perseveram e perseveram por Deus durante esta época presente de provações e perseguições. "Porque deste modo vos será ricamente providenciada a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 1: 10-11). O Reino, portanto, é apresentado nas Epístolas como uma recompensa futura para aqueles que perseveram e perseveram por Deus durante esta época presente de provações e perseguições. "Porque deste modo vos será ricamente providenciada a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 1: 10-11). O Reino, portanto, é apresentado nas Epístolas como uma recompensa futura para aqueles que perseveram e perseveram por Deus durante esta época presente de provações e perseguições.

No livro do Apocalipse, Jesus é apresentado como "o governante dos reis na terra" (Apocalipse 1: 5), uma regra que será atualizada com a sua segunda vinda à terra e seu reinado, como descrito em Apocalipse 19: 11- 20: 6. As igrejas de Apocalipse 2-3 são exortadas a permanecer firmes para Jesus nesta época presente, sabendo que uma recompensa do reino seguirá. Para aqueles que perseveram, Jesus "dará autoridade sobre as nações" (2:26). Eles também se sentarão com Jesus no seu trono (3:21). Apocalipse 5:

9-10 diz que aqueles que foram comprados com o sangue de Jesus e formam o núcleo do reino de Deus reinarão sobre a terra: "E tu os fizeste reino e sacerdotes ao nosso Deus, e eles reinarão na terra . "

Com seu retorno à terra, Jesus governará as nações (19: 11-15). Ele destruirá seus inimigos e estabelecerá seu reino milenar sobre a terra (19.17-20: 6). Isto envolverá a ligação de Satanás no Abismo (20: 1-3) ea ressurreição dos santos martirizados, que então começarão a governar sobre a terra (20: 4). O fim do milênio culminará em um ato dramático de julgamento como Deus destruirá o Satanás recentemente liberado e aqueles das nações que lançam um ataque contra a amada cidade de Jerusalém (20: 7-10). Este reinado milenar de Jesus conduzirá então ao reino eterno descrito em Apocalipse 21: 1-22: 5, onde a plena presença de Deus se manifestará na Nova Jerusalém. O Pai eo Filho estarão no trono, eo povo de Deus reinará pelos séculos dos séculos (22: 1-5).

Mais sobre o reino será discutido abaixo em porções sobre o milênio eo estado eterno. Em resumo, o reino de Deus pode ser explicado desta maneira: o divino e eterno Deus triúno criou literalmente um reino e dois cidadãos do reino que teriam domínio sobre ele. Mas um inimigo usurpou sua legítima fidelidade ao rei e capturou os cidadãos do reino original. Deus interveio com as maldições conseqüentes que existem até hoje. Desde então, Deus tem redimido pessoas pecaminosas e rebeldes para serem restauradas como cidadãos qualificados do reino, ambos agora em um sentido espiritual e depois em um sentido de reino-em-terra. Finalmente, o inimigo será vencido para sempre, assim como o pecado. Assim, Apocalipse 21-22 descreve a expressão final e eterna do reino de Deus, em que o eterno Deus triuno restaurará o reino à sua pureza original,

Premilenialismo Futurista

Muitas abordagens diferentes para a escatologia cósmica foram oferecidas. O que acreditamos ser o mais fiel às Escrituras é o pré-milenismo futurista. Como um refinamento do pré-milenismo dispensacional, o pré-milenismo futurista afirma uma visão futurista da sétima semana de Daniel (Dn 9:27), que inclui os eventos de Mateus 24 e os julgamentos de selos, trombetas e tigelas descritos em Apocalipse 6-18. Não só o futuro milenar do Apocalipse 20, como também o período da tribulação que precede o milênio. Esta compreensão futurista da sétima semana de Daniel contrasta com outras abordagens escatológicas, como o amilenismo e o pós-milenismo, que colocam a septuagésima semana de Daniel e o período da tribulação nesta época.

O pré-milenismo futurista baseia-se em três crenças principais. Em primeiro lugar, concorda com o uso consistente do método de interpretação gramatical-histórica para todas as áreas da Bíblia, incluindo suas passagens proféticas e escatológicas. Isso significa que as passagens proféticas devem ser entendidas de acordo com seu sentido normal e natural. Esta abordagem leva em consideração os vários gêneros encontrados na Bíblia e o uso de símbolos que transmitem verdades literais. Como resultado, o pré-milenismo futurista espera um cumprimento literal de todas as bênçãos físicas, nacionais, terrestres e espirituais na Bíblia, incluindo as de Israel e as nações.

Segundo, o pré-milenismo futurista mantém a distinção bíblica entre Israel ea igreja e entende que a Bíblia não confunde os dois. A identidade de Israel na Bíblia sempre inclui descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó. Na verdade, todos os setenta e sete usos de Israel no Novo Testamento referem-se a Israel étnico. Às vezes, o termo Israel é usado apenas para crer em judeus (Romanos 9: 6, Gálatas 6:16), mas nunca é usado para falar de uma comunidade espiritual, independentemente da etnia. Além disso, a igreja nunca é chamada de Israel. Por exemplo, no livro de Atos, Lucas se refere à igreja

dezenove vezes e a Israel vinte vezes, mas ele nunca chama a igreja de Israel. Isso compelindo demonstra a intenção de Deus em manter essas identidades distintas.

O pré-millenialismo futurista rejeita todas as formas de substituição teológica ou supersessionismo, em que a igreja é vista como a substituição ou o cumprimento de promessas ao nacional de Israel de tal forma que elimina o significado teológico de Israel nos planos de Deus. Ela afirma a grande importância da igreja nos propósitos do reino de Deus, mas espera um cumprimento futuro das promessas da aliança de Deus a Israel e às nações em um futuro reino milenar. Israel será salvo e restaurado, e terá um papel de liderança para com as nações. O pré-milenismo futurista entende que a identidade de Israel não se expande para incluir os gentios. Em vez disso, "o povo de Deus" se expande para incluir os gentios ao lado de crer em Israel (Isaías 19: 24-25). O premilenarismo futurista também afirma que o cumprimento das promessas de Deus ocorre por etapas. O que não foi cumprido com a primeira vinda de Jesus deve ser cumprido com eventos que levaram até e incluindo sua segunda vinda.

Terceiro, o pré-milenismo futurista reconhece que a Escritura apresenta um cumprimento vindouro da sétima semana de Daniel, que é um período de sete anos de tribulação e que vem antes do reino milenar terrestre de Jesus (Daniel 9:27). Enquanto a igreja enfrenta a tribulação geralmente nesta era, um futuro período especial de tribulação envolverá os julgamentos e a ira única e catastrófica de Deus em toda a terra (Apocalipse 6-19). Esta tribulação inclui os julgamentos de selos, trombetas e tigelas descritos em Apocalipse 6-16. Esta tribulação próxima culmina no retorno de Jesus e no estabelecimento de seu reino de mil anos na terra. O pré-milenismo futurista contrasta com as crenças teológicas que muitas vezes vêem esta era presente entre as duas vinda de Jesus como o período de tribulação previsto eo reino de Jesus.

Israel e a Igreja

Compreender a escatologia requer saber como Deus opera através de Israel e da igreja.

ISRAEL

Israel é a nação e as pessoas que derivam da linhagem de Abraão, Isaque e Jacó. A história de Israel começa em Gênesis 12 com o chamado de Abraão (então conhecido como Abrão). O pano de fundo é Gênesis 10-11, que descreve o evento Tower of Babel e a disseminação de grupos de pessoas e nações em todo o mundo. No entanto, as nações permanecem pecaminosas, sem esperança, além da intervenção de Deus. Gênesis 12: 2-3 revela que Abraão ea "grande nação" para vir dele serão o veículo para abençoar as nações da terra (22:18).

Israel será uma bênção para as nações de duas maneiras principais. Primeiro, Israel será o vaso pelo qual o Salvador (Messias) virá. Depois da queda, Deus prometeu que um "ele" específico da descendência da mulher chegaria e reverteria a maldição e derrotaria o poder por trás da Serpente, isto é, Satanás (Gênesis 3:15). Isto é cumprido em Jesus, a descendência final (Gálatas 3:16). Uma esperança messiânica é encontrada em Gênesis 49: 8-12, onde Jacó disse que de seu filho Judá viria um rei que abençoaria o mundo. Ele seria aquele chamado "Shiloh" ou "aquele a quem pertence [um reinado real]", e a ele seria a "obediência dos povos" (Gn 49:10). Assim, de Israel virá um Salvador que também será o Rei do mundo.

Em segundo lugar, Israel está destinado a cumprir um papel de serviço e liderança para as outras nações do mundo. Desde que Deus planejou um reinado de sucesso na terra (Isaías 52:13), Deus usará Israel como uma nação, sob seu Messias, para desempenhar

um papel representativo para as nações (Isaías 2: 2-4). Israel é um meio para bênçãos globais. Israel como uma nação / povo e terra de Israel são destinados a funcionar como microcosmos do que Deus fará para todas as nações. Israel também será uma plataforma para as bênçãos das nações. Como Deus abençoa Israel na Terra da Promessa, Deus abençoará outras nações e suas terras. Como Isaías 27: 6 prediz: "Nos dias que virão, Jacó tomará raiz, Israel florescerá e lançará brotos e encherá o mundo inteiro de fruto".

Para entender o futuro papel de Israel como nação, é preciso compreender o passado de Israel. Vimos aspectos dessa história em nossa discussão do reino de Deus, mas é preciso contar a história particularmente do ponto de vista de Israel. Com o êxodo do Egito, o povo crescente de Israel foi libertado da escravidão para perseguir seu destino para se tornar um "reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êxodo 19: 6). Um sacerdote é aquele que representa os outros a Deus, e Israel foi chamado por Deus como uma nação santa para representar as nações diante de Deus. Deuteronômio 4: 5-6 prometeu que, se Israel obedecesse aos mandamentos de Deus, então os povos da terra "ouviriam todos estes estatutos" e dirão: "Esta grande nação é um povo sábio e entendido." A obediência de Israel destinava-se a servir como Um testemunho para as nações, que assim seriam atraídas para o Deus de Israel.

Eles pareciam estar alcançando seu propósito durante o ponto alto do reino de Israel sob Salomão (1 Reis 8-10). Os descendentes de Israel eram muitos, e os limites da terra de Israel eram grandes. Durante esse tempo, líderes estrangeiros e nações, ilustrados pela rainha de Sabá, buscavam a sabedoria do rei de Israel - Salomão (1 Reis 10: 1-10, 24). A promessa de que as nações da terra seriam abençoadas pelos descendentes de Abraão (Gênesis 22:18) apareceu à beira do cumprimento. Mas a idolatria de Salomão (I Reis 11) parou esse progresso e colocou Israel em uma trajetória de desobediência e dispersão. Em vez de ser uma nação santa que atraiu positivamente as nações para Deus, Israel adorou os deuses das nações e logo foi levado cativo pelas nações. Depois de Salomão, o reino foi dividido, E eventualmente ambas as tribos do norte de Israel e as tribos do sul de Judá foram levadas para o cativeiro. Alguns judeus retornariam à terra, mas sempre sob a autoridade dos poderes dos gentios e nunca com a liberdade e grandeza que ocorreram nos primeiros anos do reinado de Salomão.

Depois que a monarquia terminou em Israel, os profetas se tornaram os jogadores centrais. Suas mensagens se concentraram em três áreas-chave: (1) repreensão a Israel por quebrar a aliança Mosaica (por exemplo, Ezequiel 1-24; Miquéias 1-3); (2) advertências e previsões para as nações (por exemplo, Isaías 13-23, Ezequiel 25-32); E (3) promessas de um reino glorioso no qual Israel seria restaurado sob seu Messias e as nações da terra seriam abençoadas (eg, Isaías 2: 2-4; 19: 24-25; Amós 9: 11-15).

Quando Jesus apareceu, ele chegou como descendência de Abraão e Davi (Mateus 1: 1) que apresentaram o reino dos céus que os profetas do Antigo Testamento predisseram (Mateus 4:17). Porém as cidades de Israel rejeitaram o Rei e seu reino (Mateus 11: 20-24), e os líderes de Israel rejeitaram Jesus atribuindo suas obras a Satanás (Mateus 12:24). Isso aumentou o pecado de incredulidade de Israel. A conseqüência desta rejeição do Messias de Israel foi a dispersão e destruição do templo de Israel em 70 dC, algo predito por Daniel (Daniel 9:26) e Jesus (Mateus 23:38, Lucas 19: 41-44; -24). Desde a destruição de Jerusalém em 70 dC, Israel continuou a experimentar os "tempos dos gentios" (Lucas 21:24), durante os quais Israel foi oprimido pelos poderes dos gentios.

Então, como Israel se relaciona com a escatologia? O primeiro propósito de Israel - ser um veículo para o Salvador e o Messias - foi cumprido. Jesus, o israelita supremo (Isaías 49: 3, Gálatas 4: 4-5) e os descendentes de Abraão (Gálatas 3:16), chegaram trazendo perdão e salvação a todos os que crêem nele, independentemente da nacionalidade. O perdão dos pecados e o Espírito Santo residente foram dados a judeus e

gentios crentes nesta era entre as duas vindas de Jesus. No entanto, o papel de Israel em liderar e servir outras nações aguarda a realização (Isaías 2: 2-4). O retrato de Israel que os profetas ofereceram como uma nação proeminente em um reino terrestre do Messias ainda é futuro (veja Isaías 60). Em Mateus 19:28, Jesus disse que durante o tempo vindouro da renovação cósmica ("o novo mundo"), Ele "sentaria em seu trono glorioso" e os apóstolos "também se sentariam em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel". Esta palavra fala de uma nação restaurada e unificada de Israel. Depois de quarenta dias de instrução sobre o reino de Jesus ressuscitado, os apóstolos lhe perguntaram: "Senhor, porventura restaurarás o reino a Israel?" (Atos 1: 3, 6). Jesus assumiu a correção de sua crença em uma restauração do reino a Israel, mas disse-lhes que o momento deste evento era conhecido apenas pelo Pai (Atos 1: 7). Esta declaração também afirma um reino restaurado a Israel. Restaurarás o reino a Israel? "(Atos 1: 3, 6). Jesus assumiu a correção de sua crença em uma restauração do reino a Israel, mas disse-lhes que o momento deste evento era conhecido apenas pelo Pai (Atos 1: 7). Esta declaração também afirma um reino restaurado a Israel. Restaurarás o reino a Israel? "(Atos 1: 3, 6). Jesus assumiu a correção de sua crença em uma restauração do reino a Israel, mas disse-lhes que o momento deste evento era conhecido apenas pelo Pai (Atos 1: 7). Esta declaração também afirma um reino restaurado a Israel.

Paulo declarou a futura salvação de Israel quando declarou: "Todo Israel será salvo" (Romanos 11:26). Esta salvação de Israel trará bênçãos ainda maiores para o mundo. Em Romanos 11:12, Paulo declarou: "Se a sua transgressão [de Israel] significa riquezas para o mundo, e se a sua falha significa riquezas para os gentios, quanto mais a sua inclusão plena significa!" Ele então disse: Sua rejeição significa a reconciliação do mundo, o que significará sua aceitação, senão a vida de entre os mortos? "(11:15). Em Romanos 11, Paulo dirigiu-se ao povo incrédulo de Israel na era da igreja. Enquanto existe um remanescente do povo judeu crente, o povo como um todo reside na incredulidade. Mas quando Israel é salvo, as bênçãos para o mundo serão ainda maiores do que são agora.

No entanto, o caminho para este futuro glorioso para Israel não será reto e nivelado. Israel está atualmente experimentando um endurecimento temporário e enfrentando as conseqüências de rejeitar o Messias. Jesus declarou que Israel perdeu seu tempo de "visitação", e ao fazê-lo, eles experimentaram o julgamento da destruição de Jerusalém em 70 dC e atualmente estão experimentando os "tempos dos gentios" (Lucas 19: 41-44; -24). Ainda nesta era, há um remanescente de judeus crentes (Romanos 11: 5), a quem Paulo chama de "Israel de Deus" (Gálatas 6:16). Este remanescente eleito e fiel serve como um lembrete de uma salvação vindoura de "todo Israel" de acordo com as profecias do Antigo Testamento (Romanos 11: 26-27). Zacarias predisse que haverá um dia em que Deus derramará um "espírito de graça" sobre o povo de Israel, para que eles "olhem para ... aquele a quem traspassaram" e "chorarão por ele" (Zc. 12:10). Isso fala da salvação e restauração nacional de Israel e de sua entrada nas bênçãos da nova aliança.

No futuro, haverá um período de sete anos (Dn 9:27) durante o qual o plano de Deus para restaurar Israel vai retomar. A última metade deste período incluirá uma perseguição sem precedentes e a ira do Anticristo, que cometerá um ato abominável no templo de Jerusalém (Mateus 24:15; 2 Tessalonicenses 2: 3-4). Jeremias diz que este será um período único, "um tempo de angústia para Jacó", mas que "ele será salvo dele" (Jeremias 30: 7). As nações virão contra Jerusalém para sua destruição, mas o retorno do Senhor Jesus salvará os habitantes de Jerusalém e estabelecerá seu reino na terra (Zc 14: 1-9). As nações então fluirão para Jerusalém e experimentarão as bênçãos dos juízos reais pelo Messias que reina de Jerusalém (Isaías 2: 2-4; 9: 7).

Deus cumprirá todas as promessas e os convênios bíblicos com Israel, tal como ele disse. Ele fará isso não porque Israel é tão grande, mas porque Deus é impecável fiel ao

seu nome e suas promessas aos patriarcas de Israel (Dt 7: 6-9). Como Paulo declarou enfaticamente em Romanos 11: 1: "Eu peço, então, Deus rejeitou seu povo? De modo algum! "Ele então ligou a salvação de Israel aos propósitos de eleição de Deus:" Mas, no que diz respeito à eleição, eles são amados por causa de seus antepassados. Pois os dons ea vocação de Deus são irrevogáveis "(Romanos 11: 28-29). Israel, portanto, é essencial para os propósitos de Deus e não pode ser demitido sem denigrar a fidelidade de Deus às suas promessas.

IGREJA

A igreja não foi explicitamente prevista no Antigo Testamento, mas é uma fase importante do programa de reino de Deus e está conectada aos convênios da promessa (isto é, abraâmicos, davídicos e novos convênios). O Filho de Davi (Jesus), maior e supremo, chegou trazendo salvação para todos os que nele crêem. Em Gálatas 3, Paulo afirmou que os cristãos gentios estão conectados às promessas abraâmicas de Gênesis 12: 3 e 22:18, que declarou que as bênçãos de Deus um dia iriam para os gentios. Os membros da igreja são filhos espirituais de Abraão e estão relacionados com a aliança Abraâmica (Gálatas 3: 7-9, 29). A morte de Jesus trouxe uma inauguração da nova aliança, e aqueles que confiam em Jesus se beneficiam da nova aliança. Isto inclui a promessa da nova aliança do Espírito Santo que mora no lar, que permite aos cristãos obedecer a Deus como deveriam (Atos 2: 4, 17, Romanos 8: 3-4). Os cristãos também são proclamadores desta aliança (2Co 3: 6, ver Hb 8: 8-13). E a unidade espiritual dos judeus-gentios sob o Messias de Israel já está ocorrendo (Atos 15: 14-18, Ef 2: 11-22, 3: 6). Assim, enquanto o Antigo Testamento não previu a igreja com sua estrutura e missão para esta era, a igreja está ligada a promessas relativas à salvação, ao ministério de habitação do Espírito Santo e à unidade redentora entre judeus e gentios.

A igreja tem uma missão única antes de Jesus voltar a governar as nações. É o veículo para a proclamação do reino, enquanto Israel está passando por um endurecimento temporário (Romanos 11:11). É chamado a levar o evangelho ea mensagem do reino às nações. Esta é a sua Grande Comissão (Mt 28: 19-20). Aqueles que crêem em Jesus tornam-se "filhos do reino" (Mateus 13:38) e devem evidenciar a justiça do reino em suas vidas (Mateus 5-7).

A igreja é uma minoria perseguida nesta era. Ele enfrenta a perseguição de Satanás e aqueles que fazem a sua oferta. O ensino de Deus sobre o que está por vir motiva a igreja que opera nesta era do mal presente com a promessa de recompensa (Gálatas 1: 4). A resistência nessa era levará a um reinado no futuro. Paulo declarou: "Se perseverarmos, também reinaremos com ele" (2 Tm 2:12). João prometeu à igreja em Tiatira: "Aquele que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e ele as governará com uma vara de ferro" (Apocalipse 2: 26-27).). Aqueles que perseveram em fazer o que Jesus quer compartilhará do governo de Jesus sobre as nações quando ele voltar. Jesus também prometeu: "Aquele que vencer, eu o concederá que se assente comigo no meu trono" (Apocalipse 3:21). A igreja enfrenta dificuldades e dificuldades nesta era entre as duas vindas de Jesus, mas Jesus recompensará a igreja com posições de autoridade em seu domínio sobre as nações. O compromisso radical com Jesus agora leva a uma recompensa incrível no futuro.

No entanto, a igreja não é a fase final do programa do Reino de Deus antes do estado eterno. Muito ainda precisa ser cumprido, incluindo um reinado internacional do Messias sobre e sobre a terra. Israel ainda não foi salvo e restaurado como uma nação. As nações como entidades nacionais não estão servindo a Deus (Isaías 19: 24-25), nem estão experimentando a harmonia internacional e a remoção da guerra (Isaías 2: 2-4). A renovação do planeta (Mateus 19:28, Romanos 8: 19-23) ea harmonia no reino animal

(Isaías 11: 6-9) ainda devem acontecer. Satanás ainda engana ativamente o mundo e persegue os santos de Deus (Apocalipse 12-13). A criação como um todo ainda trabalha contra o homem enquanto permanece sob a maldição (Gênesis 3:17). Terremotos, tornados, mordidas de cobras, malária, mortalidade infantil e muitas outras experiências negativas relembram que a criação não é subjugada. Humanidade, Embora ainda seja necessário para governar a terra para Deus (Salmo 8: 6), ainda não está governando a terra de um modo bem sucedido para a glória de Deus (Gênesis 1: 26-28, Hebreus 2: 5-8). Estas condições não se encaixam nas características do reino preditas pelos profetas. Deve haver um reinado bem-sucedido de Jesus, o Messias e seus santos nesta terra, antes que Jesus entregue o reino ao Pai eo estado eterno começa (1 Coríntios 15: 24-28). Enquanto os cristãos celebram muitas bênçãos espirituais já, ainda há muito mais por vir. Deve haver um reinado bem-sucedido de Jesus, o Messias e seus santos nesta terra, antes que Jesus entregue o reino ao Pai eo estado eterno começa (1 Coríntios 15: 24-28). Enquanto os cristãos celebram muitas bênçãos espirituais já, ainda há muito mais por vir. Deve haver um reinado bem-sucedido de Jesus, o Messias e seus santos nesta terra, antes que Jesus entregue o reino ao Pai eo estado eterno começa (1 Coríntios 15: 24-28). Enquanto os cristãos celebram muitas bênçãos espirituais já, ainda há muito mais por vir.

Entender que a igreja não é a fase final do programa do reino de Deus é necessário para evitar visões errôneas da escatologia. Algumas posições escatológicas consideram esta era como o principal cumprimento do reinado de Jesus e afirmam que a igreja é a realização ou substituição de Israel. Muitas profecias do Antigo Testamento foram espiritualizadas para se adequarem a esta era atual, quando na realidade descrevem as condições do Reino vindouro na Terra. Atualmente, a igreja é um instrumento estratégico dos propósitos do reino de Deus nesta era, encarregado de levar o evangelho às nações. Os membros da igreja, vivos e mortos, estão destinados ao evento de arrebatamento de 1 Tessalonicenses 4: 14-17, no qual Jesus arrebatará todos os cristãos no ar para estarem com ele para evitar a ira de Deus no dia de amanhã. O Senhor (1 Tessalonicenses 1:10). Quando Jesus vier à terra, a igreja retornará com ele e participará do reino milenar de Jesus reinando governando as nações (Apocalipse 2: 26-27). Em suma, a igreja está experimentando muitas e grandes bênçãos, mas espera poder governar com Jesus em seu reino milenar.

Ordem de Ressurreição

O que significa ressurreição para os indivíduos foi discutido acima. Aqui discutimos os planos de ressurreição de Deus mais amplamente sobre o tempo e assuntos das várias ressurreições das Escrituras. Passagens como Daniel 12: 2; João 5: 28-29; E Romanos 2: 5-8 explicitamente afirmam que haverá uma ressurreição dos justos e dos ímpios. Mas isso significa que a ressurreição de ambos os grupos ocorre ao mesmo tempo? Alguns pensam que sim, mas acreditamos que não. O programa de ressurreição ocorre em estágios. Assim como há fases para outros aspectos do programa de Deus, tais como convênios, reino, salvação e o dia do Senhor, os julgamentos das Escrituras ocorrem também em fases.

Duas passagens explicitamente revelam uma ordem no programa de ressurreição. Primeiro, Paulo menciona três fases em 1 Coríntios 15: 22-24: "Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um na sua própria ordem: Cristo, os primeiros frutos, depois que aqueles que são de Cristo na Sua vinda, então vem o fim, quando Ele entrega o reino ao Deus e Pai, quando Ele aboliu todo o governo e toda autoridade e poder "(NASB). A "ordem" das fases da ressurreição é a seguinte:

Fase 1: Cristo, as primícias
Fase 2: Depois disso, aqueles que são de Cristo na sua vinda
Fase 3: Então vem o fim

Segundo, o apóstolo João fala de duas ressurreições separadas por mil anos. Em Apocalipse 20: 4-5, ele escreve a respeito de certos mártires: "Eles voltaram à vida e reinaram com Cristo por mil anos. O resto dos mortos não veio à vida até que os mil anos foram completados "(NASB). Note que há um grupo que vem à vida (isto é, é ressuscitado) e reina com Cristo por mil anos, e então há outro grupo chamado "o resto dos mortos", que não são ressuscitados até que os mil anos correm curso. Isto mostra duas ressurreições separadas por mil anos. Então, então, duas passagens da Bíblia explicitamente ensinar estágios no programa de ressurreição. Quando vistos juntos, eles descrevem quatro fases de atividade de ressurreição.

Em relação a 1 Coríntios 15: 20-24, a ressurreição de Jesus Cristo por volta do ano 30 dC foi a primeira fase do programa de ressurreição, as "primícias" do que está para vir. Sua ressurreição corporal serve como modelo e garantia para a ressurreição de todos os que crêem nele.

A segunda fase da ressurreição - "aqueles que são de Cristo na Sua vinda" - envolve aqueles que são levantados em conexão com a segunda vinda de Jesus. Isso inclui santos da igreja ressuscitados, tanto mortos como vivos, no arrebatamento, como descrito em 1 Tessalonicenses 4: 14-17. No arrebatamento, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, e então os santos vivos serão "arrebatados" para encontrar Jesus no ar.

Embora não ocorra no momento do arrebatamento, esta terceira fase inclui santos ressuscitados do Antigo Testamento (Daniel 12: 2) e santos martirizados durante o período da tribulação (Apocalipse 20: 4). Eles experimentam a ressurreição como resultado da vinda de Jesus à Terra. Apocalipse 6: 9-11 fala de mártires que deram suas vidas por causa de seu testemunho de Jesus. Estas almas no céu clamam pela vingança do seu sangue na terra, mas são ditas para esperar um pouco. Apocalipse 20: 4 é o cumprimento de sua expectativa: "Eles voltaram à vida e reinaram com Cristo por mil anos".

A quarta fase da ressurreição é o que Paulo chama de "o fim" e ocorre depois do reinado milenar de Jesus. De acordo com Apocalipse 20: 5, isso envolve "o resto dos mortos", que neste contexto são incrédulos, aqueles destinados ao grande julgamento do trono branco de Apocalipse 20: 11-15. Assim, os incrédulos estão presentes na ressurreição após o reinado milenar de Cristo.

Mas qualquer crente experimenta ressurreição nesta quarta etapa do programa de ressurreição? Isto é mais difícil de responder, mas eles podem para a seguinte razão. Os santos não-glorificados entrarão no reino milenar como resultado de serem salvos durante o período de sete anos de tribulação. Estes são santos não-cristalizados que tiveram filhos com corpos não-glorificados durante o reino milenar (Isaías 65:20, 23). No entanto, como 1 Coríntios 15:50 afirma que os corpos não-corpóreos não podem entrar no reino eterno de Deus, esses santos devem receber corpos glorificados em algum ponto. É provável que esses santos não-glorificados receberão corpos de ressurreição imediatamente na morte ou no final do milênio.

Juntando tudo isso, podemos oferecer cinco conclusões a respeito da ordem das ressurreições:

1. A Bíblia fala da ressurreição dos redimidos como "a primeira ressurreição" (Apocalipse 20: 5), a "ressurreição da vida" (João 5:29), "vida eterna" (Rm 2: 7) Ou "vida eterna" (Daniel 12: 2).
2. Esta "primeira ressurreição" dos redimidos ocorre em três fases: a) Cristo, as primícias (1 Coríntios 15:23); (B) santos da igreja (1 Coríntios 15:23, 50-58; 1 Tessalonicenses

4: 13-18); (C) santos do Antigo Testamento (Ezequiel 37: 12-14 e Daniel 12: 2) e santos da tribulação (Apocalipse 20: 4).

3. A Bíblia não usa o termo "segunda ressurreição", mas refere-se à ressurreição dos não-ressuscitados como "ressurreição de julgamento" (João 5:29) ou "segunda morte" (Ap 20: 6, 14; : 8).
4. A Bíblia não dá autorização para concluir que somente uma ressurreição geral dos justos ocorrerá no final.
5. Assim, há quatro tempos reconhecidos de ressurreição nas Escrituras: (a) a ressurreição de Cristo (1 Coríntios 15:23); (B) a ressurreição dos santos da igreja (1 Coríntios 15:23, 50-58; 1 Tessalonicenses 4: 13-18); (C) a ressurreição dos santos do Antigo Testamento (Ezequiel 37: 12-14 e Daniel 12: 2) e os santos da tribulação (Apocalipse 20: 4); E (d) a ressurreição dos não redimidos de todos os tempos (Ap 20: 5).

Julgamentos Futuros

A Bíblia claramente ensina que todas as pessoas enfrentarão um dia de julgamento perante Deus quando seu julgamento será tudo o que importa. Um dia de cálculos está chegando quando todos ficarão diante do Criador para prestar contas de cada pensamento e ação.

Deus é o Criador soberano, santo e justo do universo. O homem é sua criação, um ser volitivo que é obrigado a servir a Deus e viver em conformidade com suas leis e ordens justas. O homem não é um ser autônomo. Tudo o que ele é e faz deve ser medido contra o seu Criador. Porque Deus é perfeitamente santo, ele não pode permitir que o pecado fique impune. O julgamento, portanto, é uma necessidade divina. As criaturas morais devem estar de pé diante de Deus algum dia para explicar suas ações e motivos: "E nenhuma criatura está escondida de sua vista, mas todos estão nus e expostos aos olhos daquele a quem devemos dar conta" (Hebreus 4:13) .

Como com outros aspectos da escatologia, os julgamentos de Deus são multifacetados, ocorrendo em estágios. Alguns julgamentos de Deus, como o julgamento de inundação global, o seu julgamento sobre Sodoma e Gomorra, e julgamentos históricos passados sobre Israel e Judá já ocorreram. Os julgamentos descritos em Romanos 1: 18-32 têm acontecido em toda a história humana como a ira de Deus caiu sobre as sociedades corruptas. Além disso, há um sentido no qual a ira de Deus já permanece no incrédulo (João 3:36). O foco desta seção, no entanto, é sobre julgamentos futuros.

O ASSENTO DE JULGAMENTO DE CRISTO

Todos os cristãos estão indo para um dia de julgamento diante de Jesus Cristo. A Escritura menciona explicitamente o lugar de julgamento de Cristo em dois lugares; Em cada um, Paulo se dirige aos cristãos:

> Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que é devido pelo que fez no corpo, seja o bem ou o mal. (2 Cor. 5:10)

> Por que você julga seu irmão? Ou você, por que você despreza seu irmão? Porque todos estaremos diante do tribunal de Deus. (Romanos 14:10)

Em ambos os casos, a palavra grega para " *julgamento* " é *bēma* . Nos tempos antigos, um *bēma* era uma *plataforma* elevada ou uma etapa usada em arenas atléticas ou políticas. Governantes ou juízes *ascenderiam* ao *bēma* para tomar decisões em casos legais. Pilatos julgou Jesus de seu assento *bēma* (Mateus 27:19, João 19:13). Em eventos atléticos, uma figura de autoridade seria elevada a um *bēma* para julgar a competição e premiar os vencedores.

As Escrituras revelam várias verdades sobre o tribunal de Cristo. Primeiro, Jesus é o Juiz que preside este *julgamento bēma* . Segundo Coríntios 5:10 afirma que este é um tribunal "de Cristo". Também, como o Pai concedeu todo o julgamento ao Filho (João 5:22, 27), existe pouca dúvida de que o "tribunal de Deus" Romanos 14:10 também envolve Jesus.

Segundo, os sujeitos deste julgamento são cristãos. Em 2 Coríntios 5:10 e Romanos 14:10, Paulo dirige-se aos cristãos em Roma e Corinto. Haverá outros julgamentos, incluindo o grande julgamento do trono branco para os incrédulos mais tarde (Ap 20: 11-15), mas o julgamento aqui é para os cristãos. Em 1 Coríntios 3: 11-15, Paulo fala de um julgamento para os cristãos que têm Jesus Cristo como seu fundamento.

Esse julgamento resulta em recompensas pelo que um cristão fez com sua vida - por atos bons ou maus (2 Coríntios 5:10). Esta é uma avaliação de toda a vida. O "bom" refere-se às obras realizadas no poder do Espírito Santo que trazem glória a Deus. O "mau" refere-se a atos inúteis que não trazem honra a Deus, obras feitas na carne (Gálatas 5: 19-21). Esta avaliação de boas e más ações é explicada em 1 Coríntios 3: 12-15:

> Agora, se alguém construir o fundamento com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, cada obra se manifestará, porque o dia a revelará, porque ela será revelada pelo fogo eo fogo testará o tipo Do trabalho que cada um fez. Se o trabalho que alguém construiu sobre a fundação sobrevive, ele receberá uma recompensa. Se a obra de alguém é queimada, ele sofrerá a perda, embora ele mesmo será salvo, mas apenas como através do fogo.

O "ouro, prata, [e] pedras preciosas" aqui estão o "bom" de 2 Coríntios 5:10. Da mesma forma, "a madeira, o feno e a palha" representam o "mau". O Senhor Jesus com seu julgamento de fogo "testará o tipo de trabalho que cada um fez" (1 Coríntios 3:13). As boas obras levarão a uma recompensa (1 Coríntios 3:14), mas as más obras serão queimadas no fogo. Eles não podem levar a recompensa. De fato, atos ruins ou inúteis estão ligados à "perda" de sofrimento (1 Coríntios 3:15). Qual é essa perda? Não pode ser uma perda de salvação desde que Paulo diz: "embora ele mesmo será salvo" (1 Coríntios 3:15). Nem pode ser uma perda punitiva proveniente do julgamento pelo pecado. O cristão não está sob nenhuma condenação para o pecado desde que Jesus expiou por seus pecados (Romanos 8: 1). A "perda" poderia ser a realização e consciência de oportunidades perdidas para Cristo e um profundo remorso por desperdiçar valiosas oportunidades para trazer a glória de Deus e para ganhar maior recompensa eterna. Ainda assim, a aparência do cristão diante de Jesus é um evento alegre. Paulo disse aos Coríntios que "esperassem a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos sustentará até o fim, inocente no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 1: 7-8). No entanto, o cristão deve se esforçar para evitar um sentimento de vergonha e perda. João advertiu sobre isso quando disse: "E agora, filhinhos, permanecei nele, para que, quando ele apareça, tenhamos confiança e não recuemos dele com vergonha da sua vinda" (1 João 2:28). Paulo disse aos Coríntios que "esperassem a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos sustentará até o fim, inocente no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 1: 7-8). No entanto, o cristão deve se esforçar para evitar um sentimento de vergonha e perda. João advertiu sobre isso quando disse: "E agora, filhinhos, permanecei nele, para que, quando ele apareça, tenhamos confiança e não recuemos dele com vergonha da sua vinda" (1 João 2:28). Paulo disse aos Coríntios que "esperassem a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos sustentará até o fim, inocente no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 1: 7-8). No entanto, o cristão deve se esforçar para evitar um sentimento de vergonha e perda. João advertiu sobre isso quando disse: "E agora, filhinhos, permanecei nele, para

que, quando ele apareça, tenhamos confiança e não recuemos dele com vergonha da sua vinda" (1 João 2:28).

O julgamento de Cristo não se detém com uma avaliação de atos; Em vez disso, ele vai mais fundo aos motivos. 1 Coríntios 4: 5 diz que o Senhor "trará à luz as coisas agora escondidas nas trevas e revelará os propósitos do coração. Então cada um receberá sua recomendação de Deus. "Assim, o julgamento diante de Jesus é tão penetrante que os motivos por trás de ações são avaliados também. Não só faz o que importa, mas também o faz porque fazemos o que fazemos.

O *bēma* de Jesus também tem implicações corporativas para a igreja. A igreja ressuscitada e recompensada voltará vitoriosa com Jesus na sua segunda vinda à Terra (Apocalipse 19:14). A igreja também receberá o direito de participar do reinado do trono davídico de Jesus (Apocalipse 3:21) e de governar as nações com ele (Apocalipse 2: 26-27). Assim, o serviço fiel nessa era afeta a posição de um cristão no futuro reino de Jesus. Nem todos os cristãos receberão a mesma recompensa e autoridade; De acordo com Lucas 19: 11-27, alguns serão concedidos mais autoridade governante do que outros.

ACÓRDÃO DE ISRAEL

Jesus voltará à terra e estabelecerá seu reino (Zc 14: 4, 9), contudo desde que somente aqueles que são remidos podem entrar no reino (João 3: 3), deve haver julgamentos para determinar quem entrará. Um desses julgamentos envolve judeus vivendo no momento do retorno de Jesus. Ezequiel 20: 33-38 explica explicitamente este evento:

> Como eu vivo, declara o Senhor DEUS , certamente com uma mão poderosa e um braço estendido e com a ira derramada eu serei rei sobre você. Eu vos tirarei dos povos, e vos congregarei dos países onde sois dispersos, com mão poderosa e braço estendido, e com ira derramada. E eu vos introduzi no deserto dos povos, e ali entrarei em juízo com vós face a face. Quando entrei em juízo com vossos pais no deserto da terra do Egito, assim entrarei em juízo convosco, diz o Senhor DEUS . Eu o farei passar debaixo da vara, e eu o trarei no laço da aliança. Purificarei os rebeldes dentre vós, e os que transgridem contra mim. Eu os farei sair da terra onde eles moram, Mas eles não entrarão na terra de Israel. ENTÃO VOCÊ SABERÁ QUE EU SOU O SENHOR .

Este julgamento futuro de Israel será um poderoso ato de Deus. Com "ira derramada", Deus será "rei" sobre Israel (Ezequiel 20:33). Ele reunirá judeus dos "países" onde eles foram dispersos (Ezequiel 20:34). O cenário para esta cena de julgamento será "o deserto dos povos", e será uma reunião real cara-a-cara que é paralela ao encontro de Deus com Israel no deserto do Egito (Ezequiel 20: 35-36). Israel passará sob a vara do Rei e do pastor, para entrar no "vínculo da aliança" (Ezequiel 20:37). Isto não se refere à aliança mosaica, mas à entrada nacional de Israel nas bênçãos da nova aliança. Paulo fala disso em Romanos 11: 26-27, onde a salvação de "todo o Israel" está ligada com as passagens da nova aliança de Isaías 59: 20-21 e Jeremias 31: 31-34. A nova aliança foi inaugurada com a morte de Jesus (Lucas 22:20), e algumas de suas bênçãos espirituais são experimentadas nesta era presente, mas Israel entrará na aliança enquanto Jesus estabelece seu reino na terra. Contudo, nem todos os israelitas entrarão neste reino. O Senhor diz: "Eu purificarei os rebeldes dentre vós" (Ezequiel 20: 38a). Mesmo para Israel, o nascimento espiritual é o pré-requisito para entrar no reino de Deus. Os ímpios não entrarão no reino. Embora tenham sido reunidos das nações para este julgamento, "eles não entrarão na terra de Israel" (Ezequiel 20: 38b). "Eu purificarei os rebeldes dentre vós" (Ezequiel 20: 38a). Mesmo para Israel, o nascimento espiritual é o pré-requisito para entrar no reino de Deus. Os ímpios não entrarão no reino. Embora tenham sido reunidos das nações para este julgamento, "eles não entrarão na terra de Israel" (Ezequiel 20:

38b). "Eu purificarei os rebeldes dentre vós" (Ezequiel 20: 38a). Mesmo para Israel, o nascimento espiritual é o pré-requisito para entrar no reino de Deus. Os ímpios não entrarão no reino. Embora tenham sido reunidos das nações para este julgamento, "eles não entrarão na terra de Israel" (Ezequiel 20: 38b).

Esse julgamento de Israel poderia ocorrer durante o próximo período de tribulação ou em um julgamento específico imediatamente após o retorno de Jesus à Terra. O julgamento de Israel no retorno de Jesus também pode ser visto nas parábolas das dez virgens (Mateus 25: 1-13) e nos talentos (Mateus 25: 14-30). Nessas parábolas, a vinda de Jesus encontra pessoas que são tolas e sábias quanto ao seu retorno. A aplicação dessas parábolas certamente vai além de Israel para todos os que esperam o retorno de Jesus, mas o contexto judaico de Mateus 24-25 torna provável a aplicação dessas parábolas a Israel, especialmente porque o juízo de carne de ovelha descrito em Mateus 25: 31-46 se concentra Especificamente nas nações gentias.

JULGAMENTO DAS NAÇÕES

O retorno de Jesus à terra também resulta em um julgamento dos gentios vivos. Duas passagens abordam diretamente isto: Joel 3: 1-16 e Mateus 25: 31-46. Primeiro, o profeta Joel previu,

> Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando eu restaurar as fortunas de Judá e Jerusalém, ajuntarei todas as nações e as farei descer ao vale de Jeosafá. E eu entrarei em juízo com eles ali, em nome do meu povo e da minha herança, Israel. (Joel 3: 1-2a)

O contexto desta passagem é o julgamento do dia do Senhor de Joel 2, que envolve a salvação e bênção de Israel. Neste "tempo", quando Deus restaurar Israel, ele "reunirá todas as nações" e as julgará em favor de Israel. As nações gentias serão julgadas por espalhar o povo judeu e dividir a terra de Israel, bem como por outras atrocidades (Joel 3: 2b-3). O lugar deste julgamento é específico - "o vale de Jehoshaphat." De lá, Deus "julgará todas as nações circunvizinhas" (Joel 3:12). Em suma, Joel 3 revela que Deus julgará as nações que feriram Israel.

Em seguida, Mateus 25: 31-46 também descreve um julgamento geral das nações gentias:

> Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então ele se assentará em seu trono glorioso. Diante dele serão reunidas todas as nações, e ele separará as pessoas uma da outra, como um pastor separa as ovelhas das cabras. (Mateus 25: 31-32)

Este julgamento dos gentios é muitas vezes referido como *o* julgamento *das ovelhas* porque os crentes são comparados a "ovelhas" e os ímpios a "cabras." O propósito deste julgamento é determinar quem está qualificado para entrar no reino terrenal de Jesus e quem não é . As ovelhas justas entram no reino de Jesus, enquanto os ímpios são excluídos dele e mortos.

A base deste julgamento é como os povos gentios trataram os outros. Aqueles que trataram "o menor destes" (Mateus 25:40, 45) com bondade e misericórdia estavam realmente tratando Jesus dessa maneira, mesmo que eles não soubessem disso. Da mesma forma, maus tratos ou negligência de outros mostraram desprezo por Jesus. Este julgamento, que se baseia em atos de compaixão, não indica que a salvação é baseada em obras, mas sim deixa claro que as obras revelam com precisão o caráter (ver Rm 2: 5-11). A fé, ou a falta dela, é evidenciada pelas obras.

Enquanto o tratamento do grupo chamado "o menor destes" tem implicações para todas as pessoas, esta passagem também pode ter o tratamento do povo judeu em vista. Joel 3, que é o pano de fundo para o julgamento de Mateus 25: 31-46, declara que o julgamento das nações foi em nome de Israel e refletiu como as nações gentios tratados Israel. Este pode ser o caso em Mateus 25 também, especialmente porque a perseguição dos judeus é descrita em Mateus 24: 15-28.

Mateus 25 não menciona uma ressurreição dentre os mortos para aqueles que experimentam este julgamento. Este julgamento, portanto, é para os gentios vivos no momento do retorno de Jesus. Além disso, não faz menção à glorificação. As "ovelhas" entram no reino terrestre de Jesus em seus corpos mortais, enquanto os "bodes" são executados e entram no fogo eterno (Mt 25:41, 46).

JULGAMENTO DE SATANÁS E DEMÔNIOS

Para mais informações sobre o julgamento de Satanás e dos demônios na história, consulte a discussão sobre os "Julgamentos de Satanás" (p 703) e os "Julgamentos de Demônios" no capítulo 8. Nesta seção, o foco é apenas sobre o futuro Julgamentos para Satanás e todos os seus demônios.

Satanás e seus demônios sofreram um julgamento original quando Satanás pecou contra Deus no céu (Apocalipse 12: 1-4). Eles também experimentaram um julgamento do Calvário, onde seu poder foi derrotado por Jesus na cruz (Colossenses 2: 14-15). No entanto, três julgamentos futuros para Satanás e os demônios aguardam julgamentos tribulacionais, milenaristas e eternos.

Apocalipse 12: 7-13 fala de um julgamento tribulacional quando Satanás e seus demônios serão lançados do céu à terra. Neste ponto, o acesso de Satanás ao céu será removido para sempre, e ele voltará sua atenção para perseguir Israel na Terra. Isto acontecerá em torno do ponto médio da septuagésima semana de Daniel (Dn 9:27), uma vez que este evento está ligado com o período chamado "um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (Apocalipse 12:14), que é três e Meio ano. Deste ponto em diante, Satanás não poderá mais acusar os crentes do pecado na presença de Deus (Apocalipse 12: 10-11).

Satanás está atualmente ativo, opondo-se aos planos de Deus, enganando as nações e perseguindo os santos de Deus. Mas Apocalipse 20: 1-3 narra um julgamento vindouro do milênio, após o retorno de Jesus à Terra (Apocalipse 19: 11-21), quando Satanás será preso, preso e lançado em uma cova. Este poço não é o lago de fogo, mas uma prisão espiritual que removerá completamente o acesso de Satanás à terra e sua capacidade de enganar. É provável que todos os demônios sejam encarcerados com Satanás durante este tempo, enquanto Jesus e seus santos governarão a terra por mil anos sem nenhuma interferência de Satanás e seus corrompidos anjos caídos (Apocalipse 20: 4).

O juízo final de Satanás e os demônios terá lugar no julgamento eterno após o milênio (Ap 20: 7-10). As forças do inferno serão liberadas para uma rebelião final ainda condenada. Satanás, demônios e uma multidão insensata de Cristo rejeitando as nações tentará atacar a cidade amada de Jerusalém, mas o fogo do céu instantaneamente os consumirá no julgamento. Naquele tempo, Satanás e todos os demônios (Mateus 25:41, 2 Pedro 2: 4, Judas 6) se unirão ao Anticristo e ao falso profeta no lago de fogo (Apocalipse 20:10). Este é o julgamento final de Satanás e seus demônios, quando eles serão para sempre removidos da oposição ao reino de Deus e ao povo de Deus.

O GRANDE JULGAMENTO DO TRONO BRANCO

Todos os incrédulos são, em última instância, destinados ao grande julgamento do trono branco. Este evento terrível é descrito em Apocalipse 20: 11-15:

> Então eu vi um grande trono branco e aquele que estava sentado sobre ele. De sua presença a terra e o céu fugiram, e nenhum lugar foi encontrado para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono, e os livros foram abertos. Então outro livro foi aberto, que é o livro da vida. E os mortos foram julgados pelo que estava escrito nos livros, de acordo com o que tinham feito. E o mar entregou os mortos que estavam nele, a Morte eo Hades entregou os mortos que estavam neles, e foram julgados, cada um deles, de acordo com o que tinham feito. Então a Morte e o Hades foram jogados no lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E se o nome de alguém não foi encontrado escrito no livro da vida, ele foi lançado no lago de fogo.

Esta sentença final dos perdidos é a passagem mais séria, sóbora e trágica da Bíblia. Esta é a última cena do tribunal na história.

O momento deste grande julgamento do trono branco acontece após o reinado milenar de Cristo e seus santos (Apocalipse 20: 4-7). O Presente no trono não é outro senão Deus Todo-Poderoso (Ap 4: 2-11), que certamente deve se referir a Jesus desde que todo o julgamento lhe foi concedido (João 5:22, 26-27).

O propósito deste julgamento é declarar quem será enviado ao lago de fogo (Ap 20:15), que também é referido como "a segunda morte" (Apocalipse 20: 6). Os sujeitos do grande julgamento do trono branco são incrédulos, cujos corpos são levantados da "Morte e Hades" para este julgamento (Apocalipse 20:13).

A base do grande julgamento do trono branco é obras (Apocalipse 20:13), e as evidências para este julgamento estão contidas em livros que revelam o caráter e as ações de cada pessoa. A referência a "livros foram abertos" pode incluir registros das ações dos que estão diante do trono. Então "outro livro" identificado como "o livro da vida" é aberto. Este livro lista aqueles que foram salvos por Jesus. O livro da vida é um testemunho contra os não salvos, cujos nomes não estão nele. Estes são "jogados no lago de fogo", que é o destino final dos perdidos.

O julgamento das ovelhas e cabras e o grande julgamento do cavalo branco são os mesmos?

Alguns teólogos vêem o juízo de carneiro de Mateus 25: 31-46 eo grande julgamento do trono branco de Apocalipse 20: 11-15 como o mesmo evento. Eles sugerem que ambos descrevem uma cena de julgamento e um destino ardente para os ímpios. Mas um exame minucioso revela que esses dois julgamentos não podem ser os mesmos. Primeiro, o *momento* do julgamento de ovelha ocorre na proximidade da segunda vinda de Jesus (ver Mt 25: 31-32). Jesus vem em glória com seus anjos e se senta em seu trono glorioso (ie, seu trono davídico), e então todas as nações estão reunidas diante dele para julgamento. Assim, o julgamento das ovelhas está intimamente ligado à segunda vinda de Jesus. Por outro lado, o grande juízo do trono branco ocorre após o reinado de mil anos de Jesus e seus santos (Apocalipse 20: 4-7). Após os mil anos (Apocalipse 20: 7), O grande julgamento do trono branco acontece (Apocalipse 20: 11-15). Este único ponto mostra que esses julgamentos são distintos. Um julgamento ocorre no início do reino de Jesus reino, enquanto o outro ocorre após o milênio na transição para o estado eterno. Além disso, as ressurreições, separadas por mil anos (ver Apocalipse 20: 4-5), sugerem fortemente que estes são dois julgamentos distintos.

Além do tempo, existem diferenças nos detalhes desses julgamentos. O *propósito* do juízo das ovelhas é ver quem herdará o reino (Mateus 25:34) e quem não o fará (Mateus 25:41). O propósito do grande juízo do trono branco é ver quem será enviado ao lago de

fogo (Apocalipse 20:15). Seus propósitos são diferentes, e nenhuma esperança é oferecida no grande trono branco.

Além disso, os *súditos* do juízo das ovelhas são crentes e não-crentes - ovelhas e cabras (Mt 25:32). Mas os súditos do grande trono branco são apenas incrédulos. Enquanto Apocalipse 20: 11-15 não exclui crentes estar presentes como espectadores neste julgamento, não menciona-los. Os sujeitos do juízo de cabra são aqueles vivos na época da segunda vinda de Jesus, mas o grande juízo do trono branco envolve a ressurreição dos perdidos (Apocalipse 20:13). O mar e o hades entregam seus mortos para este julgamento. Estas diferenças indicam que os dois julgamentos são cada um único e ocorrem em épocas separadas.

Convênios

Os convênios são centrais aos planos de Deus e constituem os veículos pelos quais os propósitos do reino de Deus se desenrolam. Um pacto é um acordo ou tratado formal entre duas partes com obrigações e regulamentos. A grande maioria dos convênios na Bíblia (1) são incondicionais ou não-nulificáveis, uma vez que a aliança é ratificada, a aliança deve ser cumprida, e (2) são referidos como eternos. Os convênios incondicionais incluem o Noahic, Abrahamic, sacerdotal, Davidic, e novos convênios. A aliança condicional e temporária é a aliança mosaica. Estes são convênios bíblicos desde que eles são explicitamente encontrados na Escritura. Os planos da aliança de Deus podem ser entendidos através do estudo desses convênios bíblicos.

Alguns teólogos afirmam que os convênios bíblicos devem ser entendidos através de convenções teologicamente derivadas. A teologia da aliança afirma três desses convênios: (1) a aliança das obras, (2) a aliança da graça, e (3) a aliança da redenção. Embora possa haver certas verdades associadas a esses convênios teológicos, como Deus tendo um plano de salvação desde a eternidade e Deus trabalhando com seu povo com base na graça após a queda de Adão, estes não são convênios reais encontrados na Bíblia. Sua inclusão nas discussões do programa da aliança de Deus envolve dizer mais do que as Escrituras explicitamente disseram e podem levar à confusão e opiniões erradas.

Os convênios teologicamente derivados impostos sobre os convênios bíblicos podem alterar a revelação pretendida de Deus. A teologia da aliança, por exemplo, freqüentemente usou a idéia da aliança extrabíblica da graça para negar a distinção bíblica entre Israel e a igreja. Supostamente, se todas as pessoas são salvas pela graça, embora a fé sozinho, então não pode haver distinções entre Israel ea igreja. Mas isso não se segue. A afirmação deste pacto de graça muitas vezes levou à falsa posição de substituição teologia ou supersessionism no qual a igreja é vista como a substituição ou o cumprimento de Israel de tal forma que Deus não está mais trabalhando com Israel como uma nação. Mas enquanto os santos de todas as épocas são salvos somente pela graça através da fé, há distinções no povo de Deus.

O pré-milenismo futurista, por outro lado, afirma que os planos da aliança de Deus devem ser ancorados em uma compreensão adequada dos convênios bíblicos e como eles se desdobram na história da salvação. A introdução de convênios teológicos não é necessária, pois o programa de convênios de Deus pode ser compreendido através dos convênios bíblicos. Esta abordagem permite que alguém apreenda as verdades como a salvação pela graça somente por meio da fé somente para todos os povos que acreditam, enquanto compreende que as descontinuidades também existem em relação à identidade, estrutura e função para Israel, as nações ea igreja.

O homem foi criado com uma obrigação imediata de adorar e servir a Deus seu Criador (Gênesis 1-2). Assim, o homem possuiu obrigações inerentes a Deus desde o princípio. No entanto, a primeira ocorrência da palavra "aliança" (*berit*) é *encontrada* em um contexto postfall em Gênesis 6:18, onde Deus diz a Noé: "Mas eu estabelecerei o meu pacto convosco". Assim, a primeira aliança bíblica é a Noahic pacto, que também é chamado de "uma eterna aliança" em Gênesis 9:16.

O estabelecimento ou confirmação da aliança de Noé é mencionado em Gênesis 6:18; 9: 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17. A substância da aliança é encontrada em Gênesis 8: 20-9: 17. O contexto da aliança de Noé é (1) criação (Gênesis 1-2); (2) a pecaminosidade do homem (Gn 6: 5-13); (3) Noé achando graça diante de Deus (Gn 6: 8); E (4) os sacrifícios de Noé (Gn 8: 20-21).

O pacto de Noé faz várias provisões para a humanidade. Primeiro, Deus compromete-se a proporcionar a estabilidade da natureza: "Enquanto a terra permanecer, a semeadura ea colheita, o frio e o calor, o verão eo inverno, dia e noite, não cessarão" (Gn 8:22). Esta promessa é assegurar, uma vez que garante a estabilidade da natureza para que a humanidade possa funcionar sem a ameaça de uma catástrofe global. Enquanto "a terra permanecer", os seres humanos podem contar com o ciclo das estações. Não só isso é uma bênção para toda a criação, tanto animada como inanimada, mas também permite que os planos do reino de Deus se desdobrem na história. Assim, a Aliança Noéica funciona como a plataforma na qual o reino de Deus e os planos de salvação se desenrolam. É também a base para o cumprimento dos outros convênios bíblicos.

Segundo, Noé é dito para multiplicar e encher a terra (Gn 9: 1, 7), uma reedição do comando primeiro dado a Adão (Gênesis 1:28). Imediatamente após o dilúvio global, Noé e seus filhos funcionaram como Adam fez como o representante inicial da humanidade encarregado da procriação. Terceiro, Deus faz com que animais, aves e peixes tenham medo do homem (Gn 9: 2). Em quarto lugar, os animais se tornam alimento para o homem assim como as plantas estavam na criação, embora os humanos não comam carne com sangue nele (Gn 9: 3-4). Em quinto lugar, a vida do homem é sagrada; Nem homem nem animal é para matar um ser humano (Gn 9: 5). Isso afirma a dignidade do homem como portador da imagem de Deus mesmo depois da queda da humanidade. Sexto, a pena capital é instalada como punição para aqueles que assassinam uma imagem portadora de Deus (Gn 9.6). Sétimo, Deus promete nunca destruir o mundo pela água novamente (Gn 9:15).

A aliança de Noé é uma aliança incondicional e eterna ainda em vigor hoje. O homem continua a experimentar a estabilidade da natureza para o desenrolar dos propósitos de Deus e do relacionamento do homem com outras pessoas e animais.

O PACTO ABRAÂMICO

A aliança de Noé é a plataforma inicial para os propósitos de Deus, mas a aliança abraâmica detalha como Deus planeja salvar as pessoas e restaurar todas as coisas. Esta restauração ocorrerá através de três grandes promessas: (1) terra para Abraão, (2) grande número de descendentes de Abraão e (3) bênçãos universais para as nações.

Esta aliança abraâmica é também a base para os outros convênios que Deus instituirá. As promessas inicial e fundacional da aliança abraâmica são encontradas em Gênesis 12: 1-3:

> Agora o SENHOR disse a Abrão: "Vai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei e tornarei grande o teu nome, para que sejas uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem, e o que te desonrar maldizerei, e em ti serão benditas todas as famílias da terra ".

Várias promessas estão contidas aqui. Primeiro, Deus promete fazer de Abraão uma "grande nação". Esta nação se tornará Israel, composta por descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Segundo, Deus promete a Abraão que ele será abençoado e seu nome feito grande. Terceiro, Abraão será uma bênção para os outros. Em quarto lugar, Deus tratará os outros com base em como eles tratam Abraão, seja para bênção ou maldição. Quinto, Abraão e a nação que virá dele serão uma bênção para "todas as famílias da terra". Assim, Abraão e Israel serão usados por Deus como um meio para trazer bênçãos aos gentios. Com a aliança abraâmica, os planos de Deus incluem Israel e os gentios.

Outros capítulos expandem as promessas abraâmicas. Gênesis 12: 6-7 promete terra aos descendentes de Abraão, e Gênesis 13: 14-17 promete esta terra para eles "para sempre." Em Gênesis 15, Deus se compromete a proteger e recompensar Abraão (15: 1). Os descendentes de Abraão serão tão numerosos quanto as estrelas (Gênesis 15: 5). A ratificação unilateral da aliança ocorre em Gênesis 15: 7-17, onde Deus passa por pedaços de animais sangrentos para significar que ele se obriga incondicionalmente a cumprir esta aliança. As dimensões específicas da promessa de terra são dadas por Deus em Gênesis 15: 18-21 - desde o rio do Egito até o rio Eufrates (Gênesis 15:18).

Gênesis 17 oferece ainda mais detalhes. Deus multiplicará os descendentes de Abraão (Gn 17: 2), e Abraão será pai de muitas nações (Gn 17: 5). Reis virão de Abraão (Gênesis 17: 6), em antecipação à aliança davídica que vem, o que destaca a importância da linha real no programa de Deus (2Sm 7: 12-16). O convênio abraâmico é visto como "eterno" (Gn 17: 7). Toda a terra de Canaã é prometida a Abraão (Gênesis 17: 8). Circuncisão é o sinal da aliança (Gênesis 17: 10-14). Em Gênesis 22: 15-18, Deus reafirma sua aliança com Abraão declarando que os descendentes de Abraão serão inumeráveis (Gênesis 22:17) e que as nações da terra serão abençoadas pela sua descendência (Gênesis 22:18).

Com a aliança abraâmica, Deus se obriga a trazer bênçãos a três partidos. Ele faz algumas promessas a Abraão, algumas à nação de Israel e outras às famílias da terra. Abraão será pessoalmente abençoado como Deus fará seu nome grande e torná-lo pai de muitas nações. Israel será abençoado como se torna uma nação que herda uma terra para sempre e experimenta a paz de seus inimigos. Os povos gentios também serão abençoados quando Deus os levar a sua aliança e os abençoa como o povo de Deus ao lado de Israel.

Importante, enquanto os convênios se concentram principalmente em Israel, eles não estão restritos a Israel nem vistos como se aplicando apenas a Israel. Como Gênesis 12: 3 e 22:18 revelam, era a intenção de Deus incluir os gentios nas promessas da aliança. Paulo afirma isso em Gálatas 3: 7-9, onde ele vincula a salvação dos gentios na igreja ao que Deus prometeu a Abraão em Gênesis 12: 3 e 22:18 com respeito às bênçãos para os gentios. Paulo também se baseia no significado da aliança de Abraão em Romanos 4. Além de revelar Abraão como o exemplo primário de justiça imputada somente pela fé (ver Rm 4: 3 com Gênesis 15: 6), Paulo diz que o tempo Da fé de Abraão é importante. Abraão foi contado como justo antes de ser circuncidado, para que Abraão pudesse ser pai de dois grupos - gentios que são salvos pela fé e judeus que crêem (ver Romanos 4: 10-12). Acreditando que os gentios e judeus mantêm suas identidades étnicas, mas ambos estão unidos a Abraão por meio da fé e são identificados como descendentes de Abraão (ver Gálatas 3:29). A aliança de Abraão, portanto, afirma que todos os tipos de pessoas serão salvos pela graça através da fé como Abraão, mas que judeus e gentios manterão suas identidades étnicas dentro do povo de Deus.

Em Mateus 1: 1, Jesus é declarado "filho de Abraão". Maria declarou que Deus estava trazendo ajuda a "seu servo Israel, em memória de sua misericórdia, como ele falou a nossos pais, a Abraão e sua descendência para sempre" (Lucas 1: 54-55). Como ele estava "cheio do Espírito Santo", o pai de João Batista, Zacarias, profetizou que Deus estava se

lembrando de "sua santa aliança, o juramento que fez a nosso pai Abraão, para nos conceder que nós, Nossos inimigos, pudessem servi-lo sem medo "(Lucas 1:67, 72-74). Tanto Maria quanto Zacarias expressaram esperança de que Deus salvaria Israel e livraria Israel de seus inimigos. Essas verdades sobre a salvação e libertação nacional para a nação de Israel não precisam ser espiritualizadas como se referindo à igreja de hoje. Em vez de,

O PACTO MOSAICO

A aliança mosaica é a lei que Deus deu a Israel através de Moisés para governar a vida ea conduta de Israel na Terra Prometida de Canaã (Êxodo 19: 5-6). Este pacto mosaico, dado a Israel após o êxodo do Egito, incluía mandamentos (Êxodo 20: 1-17), juntamente com regras que governavam a vida social de Israel (Êx 21-23) e sistema de adoração (Êxodo 25-31). Juntos, o pacto Mosaico consistia em 613 mandamentos, dos quais os Dez Mandamentos são uma soma (Êx 20: 1-17). O Sábado foi o sinal desta aliança (Êx 31: 16-17).

Esta aliança era bilateral, condicional e anulável, sendo contingente na obediência de Israel a Deus. A adesão ao pacto mosaico foi o meio através do qual Israel poderia permanecer conectado com as bênçãos da aliança abraâmica. Manter o pacto Mosaico por amor a Deus levaria à prosperidade espiritual e material, mas a desobediência resultaria em julgamento, incluindo a remoção da terra e a dispersão em todas as nações (Deuteronômio 28-29).

A aliança Mosaica era uma aliança graciosa. Não era um meio de salvação, mas a maneira que Deus pretendia para que Israel mostrasse seu amor e compromisso com Deus. Embora Israel prometa obedecer (Ex. 24: 1-8), o registro bíblico demonstra que Israel desobedeceu a Deus e enfrentou maldições por quebrar a aliança. Além de violar continuamente a lei, Israel perverteu a lei de duas maneiras principais. Primeiro, muitos judeus torceram erroneamente a aliança para se tornar um meio de obras - a salvação da justiça (Romanos 9: 30-32). Segundo, muitos enfatizaram os rituais externos da aliança à custa do coração do amor (Mic 6: 6-8).

A aliança mosaica era santa, justa e boa (Romanos 7:12). Portanto, o problema que surgia com a aliança estava dentro dos corações das pessoas, não na própria aliança. O pacto Mosaico também revelou a pecaminosidade do povo:

> Pois por obras da lei nenhum ser humano será justificado diante dele, visto que por meio da lei vem o conhecimento do pecado. (Romanos 3:20)
>
> Ora, a lei veio para aumentar a transgressão, mas onde o pecado aumentava, a graça abundava ainda mais. (Romanos 5:20)
>
> Por que então a lei? Foi adicionado por causa das transgressões, até que a descendência venha a quem a promessa tinha sido feita. (Gálatas 3:19)

Desde que Israel fracassou e quebrou a aliança Mosaica, Deus prometeu que seria substituído por uma melhor e nova aliança. Como Jeremias 31: 31-32 proclama,

> Eis que vêm dias, diz o SENHOR , quando farei uma nova aliança com a casa de Israel ea casa de Judá, não como a aliança que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela mão Fazei-os sair da terra do Egito, a minha aliança que eles quebraram, embora eu fosse seu marido, declara o SENHOR .

O fim da aliança Mosaica como regra de vida ocorreu com a morte de Jesus porque ele cumpriu as exigências da aliança e estabeleceu a nova aliança com seu sangue (Lucas

22:20). Paulo explicou: "Porque Cristo é o fim da lei para a justiça de todo aquele que crê" (Romanos 10: 4). Ele também disse que Cristo se tornou nossa paz "abolindo a lei dos mandamentos expressos em ordenanças" (Efésios 2: 14-15). O escritor de Hebreus declarou semelhantemente: "Ao falar de uma nova aliança, ele torna obsoleta a primeira [a aliança Mosaica]. E o que se torna obsoleto e envelhece está pronto a desaparecer "(Hb 8:13).

Uma vez que o pacto mosaico foi dado a Israel sozinho (Êxodo 19: 3; 34:27) e desde que Cristo terminou a aliança com sua morte (Efésios 2: 14-15), os cristãos não estão sob o pacto Mosaico e Suas leis:

> Porque o pecado não terá domínio sobre vós, visto que não estais debaixo da lei, mas sob a graça. (Romanos 6:14)
>
> E então? Devemos pecar porque não estamos debaixo da lei, mas sob a graça? De jeito nenhum! (Romanos 6:15)
>
> Mas se você é guiado pelo Espírito, você não está debaixo da lei. (Gálatas 5:18)

Que os cristãos não estão sob a lei Mosaica não significa que eles são livres para o pecado. Eles estão unidos a Cristo e estão sob a nova aliança. Assim, em 1 Coríntios 9: 20-21, Paulo declarou que ele estava agora sob a lei de Cristo, não a lei de Moisés:

> Para aqueles sob a lei eu me tornei como um sob a lei (embora não sendo eu mesmo sob a lei) que eu poderia ganhar aqueles sob a lei. Para os que estão fora da lei, eu me tornei como alguém fora da lei (não estando fora da lei de Deus, mas sob a lei de Cristo) para ganhar aqueles que estão fora da lei.

Paulo também declarou: "Agora, porém, [os cristãos] somos libertados da lei, morrendo para aquilo que nos manteve prisioneiros, para que sirvamos na nova maneira do Espírito e não no antigo modo do código escrito" 7: 6). O cristão é libertado da lei mosaica para servir na nova maneira do Espírito Santo. O cristão, portanto, não é sem lei, mas está sob uma lei melhor - a lei de Cristo ea nova aliança. Só que desta vez, o Espírito capacita a pessoa a obedecer a Deus de boa vontade.

Que os cristãos não estão sob a aliança Mosaica é evidente desde penalidades para quebrar este pacto já não são aplicadas. Por exemplo, a imoralidade sexual era uma ofensa capital sob o código Mosaico (Levítico 20: 10-16), mas para um caso de incesto em 1 Coríntios 5, Paulo acusou a igreja de não executar esta pessoa, mas "purificar a pessoa má de Entre vós "(1 Coríntios 5:13).

No entanto, isto não quer dizer que a aliança Mosaica não é relevante hoje, pois certamente é. "Toda a Escritura é exalada por Deus e proveitosa para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2 Timóteo 3:16). A aliança Mosaica revela atributos imutáveis e verdades sobre o caráter de Deus, que é a base de seus princípios necessários para a vida. Paulo às vezes cita a legislação Mosaica como sabedoria para a vida correta (Efésios 6: 1-2). Além disso, os comandos morais de Deus no Antigo Testamento mostram grande continuidade com o que Deus espera dos crentes nesta era. Nove dos Dez Mandamentos originais são apanhados e reaplicados como parte da lei de Cristo no Novo Testamento - a única exceção sendo o mandamento do Sábado. As variadas respostas dos israelitas à lei mosaica também oferecem exemplos que motivam os crentes a perseguir a vida piedosa. Com relação aos israelitas no deserto, Paulo exortou: "Ora, estas coisas aconteceram como exemplos para nós, para que não desejássemos o mal como fizeram" (1 Coríntios 10: 6). Ele também declarou: "Porque tudo o que foi escrito nos dias antigos foi escrito para nossa instrução, para que tenhamos esperança pela perseverança e pelo encorajamento das Escrituras" (Romanos 15: 4).

O PACTO SACERDOTAL

Com a aliança sacerdotal de Números 25, Deus prometeu um sacerdócio perpétuo na linha de Finéias que continuaria todo o caminho através do templo milenar do Senhor. Numa época em que o Senhor estava lidando com muitos em Israel que se haviam unido a Baal de Peor, Finéias, um sacerdote, tomou uma lança e feriu um israelita e uma midianita que haviam cometido imoralidade numa tenda diante da congregação de Israel . O Senhor honrou a Phinehas com um pacto de paz que envolveu um sacerdócio perpétuo para ele e seus descendentes:

> Então o SENHOR falou a Moisés, dizendo: “Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, desviou a minha ira de sobre os filhos de Israel em que ele foi zeloso com o meu zelo no meio deles, para que eu não destruiu Os filhos de Israel em Meu ciúme. Portanto, dize: Eis que eu lhe dou o meu pacto de paz; E será para ele e para os seus descendentes depois dele, uma aliança de sacerdócio perpétuo, porquanto teve ciúmes do seu Deus e fez expiação pelos filhos de Israel. "(Números 25: 10-13 NASB)

Esta aliança dada a Finéias também incluiu seus descendentes (Números 25:13). Deus prometeu a Finéias e sua prole um sacerdócio perpétuo, destacando sua natureza duradoura. A linha genealógica de Finéias continuará no reino milenar através de Zadoque (1 Cr. 6: 50-53). Ezequiel indica que os únicos sacerdotes que serão autorizados a ministrar no templo milenar serão aqueles da linha de Zadoque (Ezequiel 44:15; 48:11). Os sacerdotes não-Zadoquianos serão proibidos do cargo sacerdotal por causa da atividade idólatra passada (Ezequiel 44:10).

A natureza perpétua da aliança sacerdotal sugere que ela permanece como uma aliança separada e não como parte da aliança Mosaica, que é temporária. Primeiro, a terminologia empregada é semelhante aos convênios feitos com Noé, Abraão, Davi e a nova aliança. Segundo, que permanece quando a aliança Mosaica foi tornada obsoleta fala ainda mais alto por sua posição como uma aliança separada. A aliança Mosaica foi revogada pela nova aliança, mas a promessa dada a Fineias continua no milênio. Terceiro, a linguagem de Jeremias 33: 20-21 coloca sua permanência ao lado da aliança davídica, alegando que ela permanece em vigor enquanto o ciclo do dia e da noite permanecer: "Assim diz o SENHOR : 'Se você pode quebrar meu pacto por O dia, eo meu concerto para a noite,

O PACTO DÁVIDO

A aliança Davídica é a próxima aliança incondicional de promessa. O contexto para isso foi o desejo de Davi de construir uma morada adequada para a presença de Deus. Deus não permitiu que David construísse uma casa para Deus desde que era um homem de guerra, mas Deus prometeu a perpetuidade dos descendentes de Davi no trono em Israel. Enquanto várias passagens revelam verdades concernentes a esta aliança, o coração da aliança davídica é encontrado em 2 Samuel 7: 12-16:

> Quando os vossos dias se cumprissem, e vos deitardes com vossos pais, suscitarei vossos descendentes depois de vós, que vireis do vosso corpo, e estabelecerei o seu reino. Ele edificará uma casa ao meu nome, e estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho. Quando ele comete iniqüidade, eu o disciplino com a vara dos homens, com as feridas dos filhos dos homens, mas o meu amor firme não se apartará dele, como eu o tirei de Saul, a quem eu afastei de diante de vós. E a tua casa e o teu reino serão seguros para sempre perante mim. Seu trono será estabelecido para sempre.

Esta passagem esboça várias provisões na aliança davídica. O nome de Davi será feito grande (7: 9). Uma casa será fornecida para Israel (7:10). Israel receberá repouso inalterado de todos os inimigos (7: 10-11). Uma casa ou dinastia na linhagem de Davi permanecerá (7:11). Um filho vindouro estabelecerá este reino (7:12). Salomão edificará o templo (7:13). O reino de Salomão será estabelecido para sempre (7:13). Deus será pai de Salomão, e quando Salomão desobedecer, Deus não tirará dele o reino como fez com Saul (7: 14-15). A dinastia e o reino de Davi permanecerão para sempre, eo trono de Davi será estabelecido para sempre (7:16).

Em 2 Samuel 7: 18-29, Davi oferece uma oração de gratidão ao Senhor. Esta aliança que Deus está fazendo com ele é "instrução para a humanidade" (7:19). A palavra para "instrução" é *torah* ("lei"), ea frase poderia ser tornada "lei para a humanidade". Isto significa que a aliança davídica terá um impacto positivo gentios, e reafirma a promessa da aliança abraâmica que as bênçãos de Deus incluirão Gentios (ver Gn 12: 3, 22:18). A aliança davídica também empurra os planos da aliança de Deus para a frente, concentrando-se nos descendentes reais que vêm da categoria mais ampla dos descendentes de Abraão através de Isaac e Jacob. Enquanto 2 Samuel 7 não menciona o termo *aliança* , a palavra é encontrada no Salmo 89: 3-4: Você disse: "Fiz aliança com o meu escolhido; Jurei a Davi, meu servo:

À medida que a era do Novo Testamento chega, Jesus se manifesta como o Filho Último de Davi. Os Evangelhos começam: "O livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi" (Mateus 1: 1). Jesus foi reconhecido como o Filho de Davi ao longo de seu ministério terreno (ver Mateus 9:27; 15:22; 21:15). A igreja primitiva acreditava que Jesus crucificado e ressuscitado era o cumprimento da semente prometida de Davi e que, por isso, ele tinha que ressuscitar dentre os mortos (ver Atos 2: 30-36 e 13: 34-37). No Apocalipse, João identificou Jesus como "aquele que tem a chave de Davi" (Apocalipse 3: 7), e Jesus se referiu a si mesmo como "a raiz eo descendente de Davi" (Apocalipse 22:16).

O pacto davídico contém promessas que foram cumpridas com a primeira vinda de Jesus, enquanto outras promessas aguardam satisfação na sua segunda vinda. A manifestação de Jesus como Rei na linhagem de Davi é uma realização de primeira vinda. Aqueles que crêem nele são posicionalmente transferidos para o reino (Cl 1:13). A disseminação da salvação messiânica para os gentios é também um cumprimento da aliança davídica (Atos 15: 14-18). Mas a suprema assunção de Jesus sobre o trono de Davi e seu reinado aguarda sua segunda vinda em glória (Mateus 25:31), quando a terra será renovada e ele e os apóstolos irão governar sobre uma nação unida e restaurada de Israel. 19:28).

O NOVO PACTO

A aliança de Abraão prometeu a Abraão muitos descendentes e uma grande nação que viria dele. Ele e esta nação mediariam bênçãos para o mundo (Gn 12: 2-3). Então a aliança davídica prometeu uma linha real de Davi que governaria Israel (2 Samuel 7: 12-16) e, finalmente, a terra (Zacarias 14: 9 e Mateus 25: 31-34). Mas o coração das pessoas ainda precisava ser mudado. De que valem os descendentes, a terra e o rei sem pessoas que amaram a Deus e desejaram obedecê-lo? É aqui que a nova aliança é significativa. A nova aliança é uma aliança incondicional e eterna pela qual Deus capacita e capacita seu povo para servi-lo de boa vontade e permanecer em suas bênçãos. A passagem fundamental que descreve este convênio é Jeremias 31: 31-34:

> Eis que vêm dias, diz o SENHOR , quando farei uma nova aliança com a casa de Israel ea casa de Judá, não como a aliança que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela

> mão Fazei-os sair da terra do Egito, a minha aliança que eles quebraram, embora eu fosse seu marido, declara o SENHOR . Pois esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR ; porei a minha lei dentro deles, e a escreverei nos seus corações. E eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E já não ensinarão cada um ao seu próximo e cada um a seu irmão, dizendo: "Conhece o SENHOR ", porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior, DIZ O SENHOR . Porque eu perdoarei a sua iniquidade, e não mais me lembrarei do seu pecado.

O contexto histórico dessa promessa foi um tempo de apostasia em Judá. Jeremias, o profeta, advertiu a Judá que o juízo de Deus estava vindo sobre o povo porque não tinham cumprido a aliança mosaica. O destinatário da nova aliança foi Israel, embora todos os convênios incondicionais (Abraâmico, Davídico, novo) foram destinados a estender-se também aos gentios também (Gênesis 12: 3, 2 Sam. 7:19, Isaías 52:15) . Deus desejou que Israel fosse o veículo para os planos da aliança de Deus, mas como Israel foi abençoado, também os gentios foram abençoados. Deus contrastou a nova aliança com a aliança mosaica em que a nova aliança "não era como a aliança" feita por Deus na época do êxodo (Jeremias 31:32). A aliança Mosaica era uma aliança condicional e anulável que Israel constantemente quebrava. Deus foi fiel à aliança, mas Israel não era. A substância da nova aliança era que Deus colocaria sua lei dentro de seu povo e "a escreveria em seus corações" (Jeremias 31:33). Eles seriam o povo de Deus e obedeceriam de todo coração à sua lei. Eles não precisavam mais ser obrigados por uma ameaça externa. A obediência seria interna, e todos os que participaram desta aliança conheceriam a Deus e lhe obedeceriam.

Um novo coração é o centro da nova aliança. Embora a lei mosaica fosse "santa", "justa" e "boa" (Romanos 7:12), não permitia que as pessoas obedecessem. Contudo, a nova aliança permite que o povo de Deus o sirva amorosamente. Ezequiel 36: 26-27 inclui o Espírito Santo residente como parte desta aliança, cujas características redentoras se tornaram efetivas em 30 dC:

> E eu lhe darei um coração novo, e um espírito novo eu colocarei dentro de você. E retirarei o coração de pedra de sua carne e lhe darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e tenha cuidado de obedecer às minhas regras.

Quando Deus coloca o Espírito Santo dentro de seu povo, Deus os fará "andar" em seus "estatutos" e "obedecer" a suas "regras".

Outras passagens também ensinam sobre a nova aliança. Deuteronômio 30: 1-6 previu um regathering e restauração de Israel com um novo coração para obedecer a Deus como base para material e terra bênçãos. Ezequiel 16: 53-63 liga a nova aliança com o perdão nacional para Israel. Ezequiel 37: 21-28 revela que Deus reunirá, unificará e restaurará a nação de Israel sob o Davi supremo que será rei sobre Israel, que então viverá em paz e prosperará. De acordo com Isaías 32: 15-20, o Espírito Santo será derramado sobre Israel, e haverá justiça, prosperidade e paz sob o rei Davídico (Isaías 32: 1). Esses textos revelam a importante conexão entre o pacto davídico ea nova aliança. As bênçãos da nova aliança são concedidas em relação ao supremo Rei Davídico, o Messias. Como Isaías 59: 20-21 mostra, Quando o Redentor chegar a Sião, Deus colocará seu Espírito Santo sobre Israel. Paulo cita este texto em sua discussão da próxima salvação de Israel em Romanos 11: 26-27.

As várias passagens da nova aliança revelam bênçãos espirituais e físicas. Um coração novo, o Espírito Santo que mora e o perdão dos pecados são as bênçãos espirituais no centro da aliança. No entanto, há também bênçãos nacionais e materiais, como um Israel unido e restaurado na Terra da Promessa, a reconstrução de Jerusalém e prosperidade

material para Israel (Isaías 61: 8, Jeremias 32:41, Ezequiel 34:25 -27). As promessas espirituais, físicas e nacionais são importantes, e todas precisam ser cumpridas.

A nova aliança baseia-se incondicionalmente no "eu" de Deus (Jeremias 31: 31-34, Ezequiel 16: 60-62). Também, em várias ocasiões, a aliança é chamada eterna (Isaías 24: 5, 61: 8, Jeremias 31:36, 40, 32:40, 50: 5, Ezequiel 37:26). É tão certo como é eterno.

O Novo Testamento apresenta Jesus como o Filho de Davi, que é o Mediador da nova aliança e Aquele que traz bênçãos da nova aliança. João Batista declarou que o Messias "vos batizará com o Espírito Santo e fogo" (Mt 3:11). Visto que o ministério do Espírito Santo estava intimamente ligado com a nova aliança, João declarou que Jesus era Aquele que traria a nova aliança aos crentes. Na Última Ceia, Jesus vinculou explicitamente sua morte com a nova aliança: "Este cálice que é derramado por vós é a nova aliança no meu sangue" (Lucas 22:20). Paulo mencionou este evento em 1 Coríntios 11:25: "Do mesmo modo também tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: 'Esta taça é a nova aliança no meu sangue. Faça isso, quantas vezes você beber, em memória de mim.

A nova aliança está em vigor nesta era da igreja. Aqueles que confiam em Jesus, o Messias, habitam o Espírito Santo e participam das promessas completas da nova aliança. Aqueles que proclamam o evangelho nesta era estão apresentando a nova aliança. Paulo disse que Deus "nos fez suficientes para ser ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito" (2 Cor. 3: 6). Citando a passagem da nova aliança de Jeremias 31: 31-34 em Hebreus 8: 8-12, o escritor de Hebreus explica que a nova aliança é superior à antiga aliança, que está se tornando "obsoleta" (Hb 8:13). Hebreus 9:15 e 12:24 ambos afirmam que Jesus é "o mediador de uma nova aliança". Contudo, enquanto as bênçãos espirituais da nova aliança estão em vigor para a igreja, as promessas nacionais e físicas da nova aliança em relação a Israel ainda precisam ser preenchidas. O Senhor assim declarou: "Eis que vêm dias" (Jr 31:27, 31, 38) quando Israel receber a salvação prometida na nova aliança. Isso ocorrerá quando Jesus voltar.

Calendário de Cumprimento da Profecia Bíblica

Um estudo da escatologia envolve a compreensão quando várias profecias são cumpridas. Alguns foram cumpridos nos tempos do Velho Testamento, outros foram cumpridos com a primeira vinda de Jesus, e outros aguardam o cumprimento na segunda vinda de Jesus. Mas quando se trata de grandes seções proféticas, como Daniel 9: 24-27; Mateus 24-25; Lucas 21; 2 Tessalonicenses 2; E Apocalipse 6-20, há discordância entre os teólogos cristãos. Alguns sustentam a realização passada dessas passagens, algumas para apresentar o cumprimento e outras para realização futura. Além disso, alguns afirmam que o tempo não é nem mesmo um problema nessas passagens. Os quatro pontos de vista sobre o momento das principais seções proféticas são o preterismo, o historicismo, o idealismo e o futurismo. A posição aqui afirmada é o futurismo, mas é útil resumir os quatro pontos de vista.

PRETERISMO

O *preterismo do* termo se baseia no termo latino *preter* , que significa "passado". O preterismo afirma que a maioria ou todas as passagens escatológicas descrevendo uma tribulação e o retorno de Jesus foram cumpridas com os eventos do primeiro século que cercaram a destruição de Jerusalém em 70 dC.

A compreensão preterista depende muito de indicadores de tempo no Novo Testamento, como "próximo", "logo", "rapidamente" e "esta geração". Muita ênfase é dada às palavras de Jesus em Mateus 24:34: "Esta geração não Passam até que todas estas

coisas aconteçam ". Os preteristas entendem que" esta geração "se refere aos vivos na época das palavras de Jesus. Assim, a maioria ou todos os eventos descritos em Mateus 24 precisavam acontecer no primeiro século, e o mesmo é verdade para outras declarações identificando a vinda de Jesus como "próxima" ou aparecendo "rapidamente" (Tiago 5: 8, Apocalipse 1: 1, 3, 2:16, 22:10, 20). A visão preterista sustenta que o período da tribulação ocorreu durante o cerco de Jerusalém no final dos anos 60 e que Jesus veio na forma dos exércitos romanos em 70 DC para destruir Jerusalém eo templo e trazer um fim à era judaica.

Existem duas formas principais de preterismo. Primeiro, o preterismo completo ou consistente afirma que todas as profecias bíblicas referentes à segunda vinda de Jesus foram cumpridas com os eventos em torno de 70 dC. Isso inclui a segunda vinda de Jesus, a ressurreição eo estado eterno. Assim, não devemos esperar nenhuma vinda futura de Jesus porque Jesus já veio em 70 DC. Estamos atualmente, portanto, no novo céu e nova terra de Apocalipse 21-22. Em segundo lugar, o preterismo parcial ou moderado afirma que grande parte do Discurso e da Revelação das Oliveiras foi cumprida em eventos que cercaram a destruição de Jerusalém em AD 70, mas que algumas passagens, como Atos 1: 9-11; 1 Coríntios 15: 51-53; E 1 Tessalonicenses 4: 16-17 ensinam um futuro retorno corporal de Jesus Cristo. Alguns preteristas parciais afirmam que uma grande parte do Discurso das Oliveiras, Mateus 25: 32-46,

O preterismo tem características que o desqualificam de ser verdadeiro. Primeiro, ela está ligada a uma data improvável para a redação do Apocalipse. Como os preteristas acreditam que a Revelação é uma profecia preditiva sobre os eventos que levaram à destruição de Jerusalém em 70 dC, o livro de Apocalipse absolutamente tinha de ser escrito antes de 67 dC Mas a visão consensual da história da igreja é que o Apocalipse foi escrito no reinado de Domiciano por volta de 95 DC Por exemplo, Irineu escreveu (cerca de 180 dC) que Revelação foi escrita perto do final do reinado de Domiciano. Se Revelação foi escrita após AD 67, o que é altamente provável, todas as formas de preterismo colapso.

Em segundo lugar, a compreensão preterista de indicadores de tempo, como "esta geração", "perto" e "rapidamente" é questionável. Estes não exigem que Jesus tivesse que retornar em poucos anos ou décadas. Em duas ocasiões, Jesus afirmou que somente o Pai sabia quando os eventos proféticos seriam cumpridos. Jesus disse: "Quanto ao dia e hora, ninguém sabe, nem mesmo os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai somente" (Mateus 24:36). Além disso, quando questionado sobre o momento da restauração do Israel nacional, Jesus declarou: "Não vos compete conhecer os tempos ou as estações que o Pai fixou por sua própria autoridade" (Atos 1: 7).

Quando Jesus declarou que "esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam", ele não estava dizendo que os eventos proféticos de Mateus 24-25 deviam ocorrer dentro de poucos anos ou décadas. Ele estava projetando para o futuro dentro de um contexto profético. A geração de pessoas vivendo quando os eventos escatológicos futuros de Mateus 24 começaram a ocorrer, sempre que isso aconteceria, seriam os que testemunhariam a segunda vinda de Jesus à Terra. Quando isso acontecer é desconhecido, mas quando acontecerem os acontecimentos de Mateus 24, o retorno de Jesus ocorrerá logo depois.

Além disso, os termos "próximo" e "em breve" não significam "em poucos anos", mas sim transmitir a idéia de iminência. Uma vez que ninguém, a não ser Deus, sabe quando o período da tribulação ocorrerá, toda geração deve viver com a expectativa iminente de que esses eventos possam surgir a qualquer momento. A iminência não exige que os eventos aconteçam dentro de um curto período de tempo, mas adverte que eles podem ocorrer a qualquer momento. É por isso que estas advertências da proximidade da vinda

de Jesus podem se aplicar a qualquer grupo de cristãos na história - primeiro século, século XXI ou qualquer século.

Terceiro, os eventos previstos no Discurso e Revelação dos Olivais de Jesus simplesmente não aconteceram no primeiro século. Jesus predisse que "muitos" viriam dizendo: "Eu sou o Cristo" (Mateus 24: 5), mas o primeiro século não testemunhou muitos afirmando ser o Messias. O evangelho não foi proclamado ao mundo inteiro antes de 70 dC (Mateus 24:14). Os sinais cósmicos referentes ao escurecimento do sol, a lua não dando a sua luz, e as estrelas caindo do céu não ocorreram (Mateus 24:29). Jesus não retornou sobre as nuvens do céu em poder e grande glória (Mateus 24:30). Ele também não veio em glória com todos os seus anjos para sentar-se no trono davídico (Mt 25:31). As nações não foram reunidas diante de Jesus para julgamento com os justos entrando no reino de Jesus e os ímpios sendo lançados no fogo eterno (Mt 25: 32-46). Não vimos os julgamentos mundiais dos selos, trombetas e taças de Apocalipse 6-18. Portanto, o preterismo não pode ser verdade.

HISTORICISMO

O historicismo afirma que os eventos profetizados do Discurso das Oliveiras e do livro do Apocalipse descrevem a história como ela se desenvolveu ao longo dos séculos desde a primeira vinda de Cristo. Eventos como terremotos, perseguições, guerras e falsos profetas que ocorrem nesta era muitas vezes são vistos como cumprimentos da profecia bíblica. Profecias em Apocalipse sobre o dragão, besta, falso profeta e prostituta de Babilônia se referem a Satanás trabalhando através do Império Romano e da Igreja Católica Romana, incluindo o papado. Durante o tempo da Reforma, alguns como Martinho Lutero acreditavam que o papa e o papado eram o Anticristo previsto. Embora o historicismo pode ser encontrado em grande parte da história da igreja, foi popular entre os séculos XVI e XIX, mas tem diminuído consideravelmente no século passado, apesar de alguns defensores restantes.

IDEALISMO

Ao contrário do preterismo, do historicismo e do futurismo, a posição do idealismo não enfatiza o cumprimento passado, presente ou futuro da profecia bíblica. Em vez disso, ignora as realidades históricas e vê essas passagens proféticas como ensinando verdades eternas e princípios para cristãos de todas as gerações. Todos os cristãos devem suportar provações e dificuldades sabendo que serão recompensados por Deus, que está no controle de todas as coisas. Há uma verdadeira batalha entre o bem eo mal, mas o bem vai ganhar no final. Os idealistas sustentam que as verdades proféticas não são apenas para os cristãos do primeiro século (isto é, os preteristas) ou para a última geração de cristãos (futuristas), mas para todos os cristãos de todas as idades.

O apelo do idealismo é que ele torna o livro do Apocalipse relevante para todas as gerações de cristãos. No entanto, o futurismo pode fazer a mesma afirmação, embora com uma ênfase diferente. Além disso, o idealismo não faz justiça ao fato de que Jesus diz que o livro do Apocalipse se relaciona com o passado, o presente e o futuro: "Portanto, escreve as coisas que viste e as que são e as que tomarão Lugar após estas coisas "(Ap 1:19, NASB). O idealismo falha no fato de que Apocalipse está falando de eventos históricos reais com períodos de tempo como 42 meses e 1.260 dias que não podem ser reinterpretados para significar verdades gerais para crentes de todas as idades. Estes são eventos reais que devem ocorrer na história.

FUTURISMO

O futurismo afirma que as profecias relativas à tribulação, à ascensão do Anticristo, à salvação de Israel, ao retorno de Jesus, ao milênio e ao estado eterno aguardam satisfação futura. Os acontecimentos de Daniel 9: 24-27; Mateus 24-25; E Apocalipse 6-20 será cumprido em uma era futura. O futurismo não afirma que todas as profecias na Bíblia ainda são futuras, porque muitas já foram cumpridas, mas afirma que há profecias importantes que ainda precisam acontecer, assim como outras aconteceram no passado.

O argumento para o futurismo é forte. Primeiro, muitos eventos proféticos simplesmente ainda não aconteceram. Em 2 Tessalonicenses 2, Paulo previu um homem vindo da iniquidade que entraria no templo de Deus declarando-se ser Deus, atraindo assim a ira do Filho de Deus que retornava, que destruiria essa pessoa perversa (2 Ts 2: 3). -4, 8). Este evento ainda não ocorreu na história. Em 2 Pedro 3, Pedro falou de um dia do Senhor em que a terra seria purificada com fogo. Apocalipse 6-19 detalha os julgamentos globais sobre a terra que ainda não aconteceram. Além disso, o retorno de Jesus permanece futuro.

O futurismo sustenta que a septuagésima semana de Daniel (Dn 9:27) e os eventos que descreve ainda são futuros. Os futuristas também percebem que as principais áreas de realização coincidem com as duas vindas de Jesus. Assim como a primeira vinda de Jesus trouxe muitas áreas da profecia do Antigo Testamento para a realização, assim também a segunda vinda de Jesus (Atos 3: 18-21). Os críticos às vezes afirmam que se o livro do Apocalipse se refere a eventos que não aconteceriam por milhares de anos, isso era irrelevante para o público original de John. Isso é impreciso. Os eventos apresentados no Apocalipse estão ligados à iminência, o que significa que eles poderiam entrar na cena a qualquer momento e que os cristãos devem estar espiritualmente prontos. Com a perspectiva de retrospectiva, sabemos agora que esses eventos não ocorreram para os leitores originais do Apocalipse, Mas isso não significa que as advertências de Apocalipse eram irrelevantes para o público original. As advertências e descrições são relevantes para todas as gerações, inclusive a nossa, mesmo que o Senhor demore sua vinda.

O futurismo coincide com a visão favorecida de que o apóstolo João escreveu o livro do Apocalipse nos anos 90, bem depois da destruição de Jerusalém em 70 dC Isto significa que, de seu ponto de vista histórico, a tribulação que ele escreveu não poderia ter sido cumprida em 70, mas deve ser cumprida no futuro.

Vistas milenares

O milênio é um dos temas mais debatidos em escatologia. O debate centra-se no significado dos "mil anos" mencionados seis vezes em Apocalipse 20: 1-7. Este "mil anos" refere-se ao reino reino de Jesus com seus santos. Durante este tempo, Satanás está preso (Ap 20: 1-3), e os santos ressuscitados reinam com Jesus por mil anos (Apocalipse 20: 4). Depois de mil anos, Satanás é libertado e conduz uma rebelião contra Jerusalém, mas é imediatamente destruído (Apocalipse 20: 7-10). Este período é chamado de "milênio", do latim termos *mille* , que significa "mil", e *ano* , "ano". O milênio é um período de mil anos. Apesar da clareza do texto, tem havido um longo debate sobre como entender os mil anos de Apocalipse 20: 1-7.

AMILENALISMO

O amilenarismo afirma que o milênio de Apocalipse 20 está sendo cumprido espiritualmente nesta era presente entre as duas vinda de Jesus e não tem nada a ver com mil anos reais. O termo *amilenialismo* é um tanto enganador. O prefixo *um* significa “não”. Mas aqueles que sustentam a amilenismo não estamos dizendo que não há

milênio. Em vez disso, eles afirmam que o reinado milenar de Jesus e dos santos está sendo realizado agora. Assim, o milênio está ocorrendo atualmente. Alguns amilenistas acreditam que o milênio está sendo cumprido do céu como Jesus e os santos aperfeiçoados governam do céu. Outros acreditam que o reinado do reino envolve a igreja na terra ou a regra de Deus sobre a vida dos crentes. Alguns combinam estas duas idéias.

Para ensinar que o milênio está presente e espiritual, o amilenarismo tem de confiar fortemente numa visão recapitulativa do Apocalipse. Nessa abordagem, o Apocalipse não apresenta eventos sequencialmente, mas sim capta eventos entre as duas vindas de Jesus de múltiplos ângulos (talvez até sete) que descrevem o mesmo período de tempo. Esta compreensão de recapitulação permite que o amilenista veja a segunda vinda de Apocalipse 19 como ocorrendo no final dos mil anos mencionados em Apocalipse 20 e não antes. Assim, Apocalipse 20 não segue o Apocalipse 19 cronologicamente, mas leva o leitor de volta ao início da era entre as duas vindas de Jesus, um tempo que inclui a ligação de Satanás (Ap 20: 1-3) eo reinado dos santos 20: 4). Para amilenaristas, Satanás está ligado nesta era no sentido de que ele foi derrotado na cruz por Cristo e é incapaz de impedir a propagação do evangelho às nações. E os santos de Deus atualmente estão reinando com Jesus. Quando esta era do reino milenar for executada, então Jesus voltará do céu. Naquele tempo, haverá uma ressurreição geral e julgamento dos justos e dos ímpios, e então o estado eterno começará. Importante para o amilenismo é que tanto a tribulação quanto o reinado do reino milenar de Cristo correm concorrentemente nesta era. Estes são eventos presentes, não futuros. Haverá uma ressurreição geral e julgamento dos justos e dos ímpios, e então o estado eterno começará. Importante para o amilenismo é que tanto a tribulação quanto o reinado do reino milenar de Cristo correm concorrentemente nesta era. Estes são eventos presentes, não futuros. Haverá uma ressurreição geral e julgamento dos justos e dos ímpios, e então o estado eterno começará. Importante para o amilenismo é que tanto a tribulação quanto o reinado do reino milenar de Cristo correm concorrentemente nesta era. Estes são eventos presentes, não futuros.

Premillennialism, não amillennialism, era a vista predominant nos primeiros dois cem anos da história da igreja. No entanto, a igreja primitiva fez indícios de evidências do que mais tarde se tornaria amilenarismo. Por exemplo, Origen (cerca de AD 184 - ca 254) popularizou a abordagem alegórica para interpretar as Escrituras e, ao fazê-lo, estabeleceu uma base hermenêutica para a visão de que o reino prometido de Cristo era espiritual e não de natureza terrena. Eusébio (cerca de 260 aC 340), um associado do imperador Constantino, considerava o reinado de Constantino como o banquete messiânico, e ele sustentava visões anti-premilenárias. Tyconius (cerca de 390 dC), um Donatist Africano do quarto século, foi um dos primeiros teólogos a desafiar o pré-milenismo. Ele rejeitou a visão escatológica e futurista de Apocalipse 20 e considerou a primeira ressurreição de Apocalipse 20: 4 como uma ressurreição espiritual, que ele identificou com o novo nascimento. Agostinho (354-430 dC), que é muitas vezes referido como o "pai do amilenismo", popularizou as opiniões de Tyconius. Ele abandonou o pré-milenismo por causa do que considerava ser os excessos e as carnalidades dessa visão. Agostinho foi o primeiro a identificar a igreja em sua forma visível com o reino de Deus. Para ele, o governo milenar de Cristo estava ocorrendo na e através da igreja. *Seu livro Cidade de Deus* foi significativo na promoção do amilenismo, que logo se tornou a doutrina prevalecente da Igreja Católica Romana, sobreviveu à Reforma, e ainda é mantido por muitos hoje. Que ele identificou com o novo nascimento. Agostinho (354-430 dC), que é muitas vezes referido como o "pai do amilenismo", popularizou as opiniões de Tyconius. Ele abandonou o pré-milenismo por causa do que considerava ser os excessos e as carnalidades dessa visão. Agostinho foi o primeiro a identificar a igreja em sua forma

visível com o reino de Deus. Para ele, o governo milenar de Cristo estava ocorrendo na e através da igreja. *Seu livro Cidade de Deus* foi significativo na promoção do amilenismo, que logo se tornou a doutrina prevalecente da Igreja Católica Romana, sobreviveu à Reforma, e ainda é mantido por muitos hoje. Que ele identificou com o novo nascimento. Agostinho (354-430 dC), que é muitas vezes referido como o "pai do amilenismo", popularizou as opiniões de Tyconius. Ele abandonou o pré-milenismo por causa do que considerava ser os excessos e as carnalidades dessa visão. Agostinho foi o primeiro a identificar a igreja em sua forma visível com o reino de Deus. Para ele, o governo milenar de Cristo estava ocorrendo na e através da igreja. *Seu livro Cidade de Deus* foi significativo na promoção do amilenismo, que logo se tornou a doutrina prevalecente da Igreja Católica Romana, sobreviveu à Reforma, e ainda é mantido por muitos hoje. Ele abandonou o pré-milenismo por causa do que considerava ser os excessos e as carnalidades dessa visão. Agostinho foi o primeiro a identificar a igreja em sua forma visível com o reino de Deus. Para ele, o governo milenar de Cristo estava ocorrendo dentro e através da igreja. *Seu livro Cidade de Deus* foi significativo na promoção do amilenismo, que logo se tornou a doutrina prevalecente da Igreja Católica Romana, sobreviveu à Reforma, e ainda é mantido por muitos hoje. Ele abandonou o pré-milenismo por causa do que considerava ser os excessos e as carnalidades dessa visão. Agostinho foi o primeiro a identificar a igreja em sua forma visível com o reino de Deus. Para ele, o governo milenar de Cristo estava ocorrendo na e através da igreja. *Seu livro Cidade de Deus* foi significativo na promoção do amilenismo, que logo se tornou a doutrina prevalecente da Igreja Católica Romana, sobreviveu à Reforma, e ainda é mantido por muitos hoje.

O amilenarismo tem problemas que a desqualificam. Em primeiro lugar, é uma posição ultra-espiritualizada e não adere a um uso consistente da interpretação gramatical-histórica. Sem mandado exegético, ele transforma promessas físicas e nacionais a Israel em promessas espirituais para a igreja e sustenta que a igreja se tornou o novo ou verdadeiro Israel. Além disso, o amilenismo não se encaixa no enredo da Bíblia ou não faz justiça ao que a Escritura diz sobre o reino de Jesus. A regra do último Adão-Jesus (1 Coríntios 15:45) deve ocorrer a partir do mesmo domínio sobre o qual o primeiro Adão foi encarregado de governar, mas falhou. O plano de Deus é que o homem reine com sucesso sobre a terra (Gn 1: 26-28), o qual é dramaticamente melhorado devido à presença do Messias (Isaías 11). Contudo, o amilenismo oferece um reino espiritual do céu, com pouca ou nenhuma influência na terra. Ele postula um reino milenar de Jesus sem mudança na terra e onde os inimigos de Deus correm desenfreados em rebelião. Isso é refutado por Apocalipse 5:10, que diz que o reinado de Jesus e dos santos estará "na terra" com os inimigos de Deus derrotados (Apocalipse 19: 20-20: 3). O reino de Jesus não será um reino oculto. Quando estiver em operação, todos saberão sobre ela e se submeterão a ela (Zc 14: 9).

Em segundo lugar, a separação do amilenialismo de Apocalipse 20 dos eventos vindouros de Apocalipse 19 é injustificada. Apocalipse 19 descreve o retorno de Jesus com a derrota de seus inimigos, incluindo os reis da terra, a besta e o falso profeta. Então Apocalipse 20 descreve o encarceramento do maior inimigo de Deus - Satanás. Todos os três inimigos estão engajados neste momento. Além disso, é melhor ver Apocalipse 20: 1-3 como o encarceramento de Satanás na segunda vinda de Jesus. A linguagem de amarrar, selar e fechar no Abismo indica uma prisão pessoal e uma completa cessação das atividades de Satanás. O cenário amilenário estranhamente sustenta que Apocalipse 20 leva o leitor de volta à primeira vinda de Cristo e permite que Satanás seja muito ativo exceto uma atividade - enganando as nações. E mesmo neste ponto há um problema desde Apocalipse 12 e 13 afirmam que Satanás está realmente enganando as nações da terra

entre as duas vindas de Jesus. É estranho colocar um cenário no qual os reis da terra, a besta e o falso profeta são julgados no retorno de Jesus, mas a prisão de Satanás está separada do julgamento desses outros grupos. É melhor ver todos esses grupos, incluindo Satanás, como sendo julgados no retorno de Jesus.

Terceiro, a afirmação amilenar baseada em Apocalipse 20: 4 que os santos estão reinando nesta era também é imprecisa. Apocalipse 20: 4 descreve o reino vitorioso dos mártires na terra (Apocalipse 5:10) que foram mortos por seu testemunho de Jesus, de acordo com Apocalipse 6: 9-11. A Escritura constantemente apresenta a igreja como perseverante sob provações e perseguição de pessoas perversas e Satanás nesta era (Apocalipse 2-3). A igreja não está reinando agora, mas a igreja é prometida posições de reinar no futuro se permanecer fiel nesta era (Ap 2: 26-27; 3:21).

Em quarto lugar, o amilenismo faz uma distinção não natural entre a primeira ressurreição ea segunda ressurreição de Apocalipse 20: 4-5. Amilenistas afirmam que a primeira ressurreição é uma ressurreição espiritual para a salvação ou regeneração, enquanto a segunda ressurreição é uma ressurreição corporal. No entanto, o termo grego para "veio à vida" (*ezēsan*) é o mesmo em ambos os casos. É difícil argumentar persuasivamente que este termo se refere à ressurreição espiritual em 20: 4 quando claramente significa ressurreição corporal em 20: 5. A melhor resposta é que ambos os usos de *ezēsan* se referem à ressurreição física. Uma vez que este é o caso, o amilenismo não pode ser correto porque nenhuma ressurreição corporal já ocorreu (exceto a de Jesus), e assim estes devem ser ambos futuros do nosso ponto de vista na história.

POSTMILLENALISMO

Postmillennialism também afirma que o milênio de Apocalipse 20 (que não é visto como significando "mil") ocorre entre as duas vinda de Jesus. Através do reinado de Jesus do céu e do evangelho do Espírito Santo, o reino de Deus começará pequeno, mas crescerá, se espalhará e se tornará a influência dominante no mundo. Não só a maioria das pessoas será salva, mas também todas as áreas da sociedade será transformada. O mundo experimentará uma era dourada de paz, prosperidade e bênção. Depois de um longo período de um mundo em grande parte cristianizado, este reino milenar irá levar ao retorno de Jesus do céu. Naquele tempo, Jesus ressuscitará e julgará toda a humanidade, incluindo os justos e os ímpios.

Postmillennialism interpreta Apocalipse 20: 1-6, com a vinculação de Satanás eo reinado dos santos, como ocorrendo nesta época presente. Mas, ao contrário do amilenismo, a visão pós-milenista é otimista, pois vê esse milênio transformando o mundo para Cristo. O reino que começa como uma realidade espiritual redentora eventualmente permeia a criação, colocando-a em conformidade com os padrões justos de Deus. Somente após esta era dourada de paz e prosperidade Jesus retornará.

Postmillennialists oferecer várias linhas de apoio da Escritura. Eles usam salmos e profecias do Antigo Testamento que descrevem condições prósperas e pacíficas na terra como evidência para um milênio antes do retorno de Jesus (por exemplo, Salmo 72, Is 65: 17-25). A Grande Comissão (Mt 28: 19-20) é entendida como o veículo para a transformação das nações. Além disso, as parábolas da semente de mostarda e fermento (Mateus 13: 31-33) mostram um crescimento gradual, mas grande do reino após um pequeno começo.

Vários problemas importantes desqualificam a posição pós-milenarista. Ele afirma corretamente que o reino milenar de Jesus resulta em uma transformação de todos os aspectos da criação e envolve mais do que a salvação pessoal. Nesse sentido, é melhor do que o amilenarismo, que vê o reino de Jesus como tendo pouco ou nenhum impacto sobre a terra. Sua grande falha, porém, é a afirmação de que o reino milenar de Jesus ea

transformação de todos os aspectos da sociedade ocorrem antes da segunda vinda de Jesus. Simplesmente não há nenhuma evidência bíblica de que o mundo será cristianizado antes da segunda vinda de Jesus. Tanto o pré-milenismo quanto o amilenarismo afirmam corretamente que esta era atual antes do retorno de Jesus testemunhará um agravamento das condições na Terra. Longe de ensinar que o mundo está caminhando para uma era de ouro cristã antes da vinda de Jesus, A Bíblia apresenta condições de deterioração. Isto é visto nos julgamentos divinos e na perseguição de Satanás em Apocalipse 6-18. Também Paulo escreveu: "Mas compreendei isto, que nos últimos dias haverá momentos difíceis" (2 Timóteo 3: 1). Ele também observou que os cristãos continuarão a ser perseguidos e que "as pessoas más e os impostores irão de mal a pior" (2 Timóteo 3: 12-13). Jesus esperou condições ruins no futuro quando perguntou: "Quando o Filho do Homem vier, achará fé na terra?" (Lucas 18: 8). A evidência bíblica de que o mundo vai piorar antes do retorno de Cristo é significativa. Ele também observou que os cristãos continuarão a ser perseguidos e que "as pessoas más e os impostores irão de mal a pior" (2 Timóteo 3: 12-13). Jesus esperou condições ruins no futuro quando perguntou: "Quando o Filho do Homem vier, achará fé na terra?" (Lucas 18: 8). A evidência bíblica de que o mundo vai piorar antes do retorno de Cristo é significativa. Ele também observou que os cristãos continuarão a ser perseguidos e que "as pessoas más e os impostores irão de mal a pior" (2 Timóteo 3: 12-13). Jesus esperou condições ruins no futuro quando perguntou: "Quando o Filho do Homem vier, achará fé na terra?" (Lucas 18: 8). A evidência bíblica de que o mundo vai piorar antes do retorno de Cristo é significativa.

Postmillennialists muitas vezes citam textos do Velho Testamento que falam da terra sendo transformada como evidência para sua visão, mas pré-milenaristas também reivindicam as mesmas passagens. A questão não é *se* o reino do Messias transformará tudo - será. A questão principal é *quando* essas condições ocorrerão. O que falta no pós-milenismo é a evidência de que a Terra será transformada antes do retorno de Jesus e sem a presença física do Messias na Terra. Passagens como o Salmo 72; Isaías 11; E Zacarias 14 certamente falam de bênçãos terrenas, mas estas ocorrem com a presença do Messias na terra. A Escritura não ensina que as condições do mundo irão melhorar muito sem o Messias reinando na terra.

Outro grande problema enfrentado pelo pós-milenismo é que quase dois mil anos de história da igreja não produziram nada próximo da era de ouro cristã que a visão pós-milenista diz que ocorrerá. Enquanto a Escritura, e não a experiência, é a base para avaliar qualquer visão teológica, o mundo não está se tornando mais cristão. As condições continuam a piorar, não melhorar. Mesmo áreas uma vez permeadas pelo evangelho, como as principais partes da Europa durante a Reforma ou o Nordeste americano no tempo do Grande Despertar, são agora seculares em sua cosmovisão. Em geral, tanto nos Estados Unidos como no mundo, a influência do cristianismo é diminuída. As visões de mundo não-cristãs e as filosofias como o Islã eo secularismo estão aumentando dramaticamente. Embora os avanços na tecnologia tornaram o mundo mais suportável e conveniente às vezes, Tais avanços também trouxeram maiores chances de calamidade. As armas de destruição em massa são um exemplo.

O pós-milenismo sofre de muitas das mesmas questões que debilitam o amilenismo. Ela também depende da visão improvável de que os eventos de Apocalipse 20 precedem os eventos de segunda vinda de Apocalipse 19. O pós-milenismo também luta na compreensão de que Satanás está ligado nesta era presente. Ele afirma erroneamente que o reinado dos santos descrito em Apocalipse 20: 4 está ocorrendo hoje. Esses problemas estruturais tornam o pós-milenismo insustentável.

O premilenialismo segue a clara cronologia seqüencial do apocalipse de João e afirma que o reino de Apocalipse 20: 1-7 ocorre na terra depois da segunda vinda de Jesus descrita em Apocalipse 19: 11-21, mas antes do estado eterno de Apocalipse 21: 1-22 : 5. A razão pela qual esse ponto de vista é chamado de pré-milenismo é porque Jesus retorna antes (*antes*) do milênio. O milênio, portanto, é futuro e terrena. É futuro que o milênio não está ocorrendo nesta era presente, e é terrena em que o milênio é um reino sobre a terra. O milênio é às vezes referido como um reino intermediário, uma vez que se encontra entre esta época eo estado eterno (Ap 21: 1-22: 5). A maioria dos premilenialistas acredita que esse reino intermediário dura um "milhar de anos".

O premilenialismo também ensina que mil anos separam a primeira e a segunda ressurreição de Apocalipse 20: 5, Apocalipse 20: 4 afirma que os mártires de Cristo "voltaram à vida e reinaram com Cristo por mil anos", mas Apocalipse 20: 5 declara: "O resto dos mortos não veio à vida até que os mil anos foram terminados." Premillennialism sustenta que estas duas ressurreições são corporais ressurreições dos mortos que são separados por um período de mil anos. A ordem é (1) a ressurreição corporal dos santos; (2) um período de mil anos; E (3) uma ressurreição corporal dos perdidos.

Apoio Bíblico para Premillennialism . O premilenarismo tem o apoio da Escritura. Primeiro, ele oferece a compreensão mais clara de Apocalipse 19: 11-21: 8, que inclui uma seqüência de eventos com um marcador de tempo *cronológico - kai eidon* (Gk. "Então eu vi" em *Apocalipse* 19:11, 17, 19; 20: 1, 4, 11, 12, 21: 1). Estes marcadores indicam uma progressão de eventos que começam com um período de tribulação e seguidos pela segunda vinda de Jesus, um reinado milenar de Jesus e, finalmente, o estado eterno.

Segundo, a ligação de Satanás descrita em Apocalipse 20: 1-3 deve ser uma realidade futura e não uma presente. A linguagem de 20: 1-3 indica um encarceramento dramático da pessoa Satã em um local específico - o Abismo. Muito mais do que uma redução das atividades enganosas de Satanás, este é o encarceramento do próprio Satanás. A ligação de Satanás não está ocorrendo hoje. Na verdade, a capacidade de Satanás para enganar o mundo é evidente na presente era. Paulo declara que "o deus deste mundo cegou as mentes dos incrédulos, impedindo-os de ver a luz do evangelho da glória de Cristo" (2Co 4: 4). Pedro adverte: "Sede sóbrios; Fique atento. O teu adversário, o diabo, ronda como um leão rugindo, procurando alguém para devorar "(1Pe 5: 8). João declara: "O mundo inteiro está no poder do maligno" (1 João 5:19). Essas passagens, escritas por três apóstolos depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, revelam que Satanás está ativamente envolvido no engano mundial. Além disso, Apocalipse 12: 9 afirma que antes de Jesus retornar, Satanás estará ativamente enganando as nações com muito sucesso: "E o grande dragão foi derrubado, aquela serpente antiga, que é chamada o diabo e Satanás, o enganador do mundo inteiro . "

Terceiro, o reinado dos santos mencionados em Apocalipse 20: 4 se encaixa melhor com o futuro reino após a segunda vinda de Jesus. Esta passagem diz que os santos martirizados "veio à vida", que se refere à ressurreição física. Esses santos apareceram pela primeira vez em Apocalipse 6: 9-11 como aqueles que foram mortos por seu testemunho de Jesus. Viver à vida significa a ressurreição do corpo para estes santos fiéis, e desde que a ressurreição física ainda não ocorreu, "veio à vida" em Apocalipse 20: 4 refere-se à ressurreição após o retorno de Jesus. Além disso, Apocalipse 5:10 afirma o reino vindouro dos santos na terra - "eles reinarão sobre a terra." No entanto, a experiência da igreja nesta era é perseguição, não reinando (Apocalipse 2-3). O reinado é mantido como uma motivação para aqueles que perseveram até que Jesus volte (Apocalipse 2: 26-27).

Em quarto lugar, várias passagens do Antigo Testamento apontam para um reino intermediário que é muito melhor do que este presente, mas ainda não perfeito como o estado eterno final. Por exemplo, Isaías 65: 17-25 prevê um tempo de incomparável prosperidade, paz e harmonia da criação, ainda um tempo em que a possibilidade de morte ainda permanece. Isaías 65:20 declara: "Não haverá mais nele um menino que viva apenas alguns dias, ou um velho que não preenche os seus dias, porque o jovem morrerá cem anos e o pecador será Cem anos de idade será amaldiçoado ". A razão pela qual Isaías 65:20 aponta para um reino terrestre que vem é que as condições descritas aqui não se encaixam nesta idade presente, quando a vida útil é de cerca de oitenta anos. Nem se enquadram no estado eterno que vem, quando o pecado não existirá e ninguém morrerá. Mas eles se encaixam em um reino intermediário, como o descrito em Apocalipse 20. Alguns especularam que Isaías pode estar usando a "linguagem ideal" para indicar uma longa vida sem que a morte realmente ocorra, mas isso é improvável. Em Isaías 25: 8, o profeta prediz explicitamente a erradicação da morte ("Ele engolirá a morte para sempre"), mostrando que Isaías sabia como afirmar que a morte seria totalmente removida.

Zacarias 14 também descreve condições consistentes com um futuro reino milenar. Os versos iniciais descrevem um grande cerco de Jerusalém pelas nações da terra (Zc 14: 1-2). Mas este é seguido pelo Senhor lutando em favor de Jerusalém, o que leva aos pés do Senhor tocando para baixo no Monte das Oliveiras (Zc 14: 4). Depois disso o Senhor reinará sobre a terra: "E o SENHOR será rei sobre toda a terra. Naquele dia o SENHOR será um e seu nome um "(Zc 14: 9). No entanto, durante este tempo do reinado do Senhor sobre a terra, as nações ainda podem pecar e sofrer as consequências. Tal cenário é descrito em Zacarias 14: 16-19:

> Então todos os que sobreviverem de todas as nações que vierem contra Jerusalém subirão ano após ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para guardar a Festa dos Estandes. E se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos , não haverá chuva sobre eles. E se a família do Egito não subir e apresentar-se, então sobre eles não haverá chuva; Haverá a praga com que o SENHOR aflige as nações que não subem para celebrar a festa das cabanas. Este será o castigo para o Egito e o castigo de todas as nações que não subirem para celebrar a festa das cabanas.

Esta passagem descreve um período em que as nações serão obrigadas a subir a Jerusalém. Aqueles que não, como o Egito, enfrentarão a perspectiva de "nenhuma chuva", "praga" e "castigo". Tais condições em que as nações da terra viajam para Jerusalém com a possibilidade de castigo por desobediência não se encaixam nisso Presente ou o estado eterno que vem. Estas condições não se cumprem hoje, uma vez que nenhuma nação na Terra serve ao Senhor ou mesmo tenta fazer peregrinações a Jerusalém. Nem essas condições serão verdadeiras para o estado eterno em que nenhum pecado ou conseqüências para o pecado são possíveis. Contudo, os acontecimentos de Zacarias 14 combinam bem com um reino terreno.

Um pano de fundo do Antigo Testamento para um reino intermediário também é encontrado em Isaías 24. Os primeiros vinte versículos de Isaías 24 descrevem os julgamentos globais na Terra por transgredirem as leis de Deus (Isaías 24: 5). Então, um julgamento em dois estágios dos inimigos de Deus é mencionado em 24.21-23: "Naquele dia, o SENHOR castigará o exército do céu, no céu, e os reis da terra, sobre a terra. Eles serão reunidos como prisioneiros num poço; Eles serão encerrados em uma prisão, e depois de muitos dias eles serão punidos. Então a lua será confundida. "Ambas as forças espirituais malignas (" o exército do céu ") e as forças humanas malignas (" reis da terra ") serão julgadas. Haverá também um encarceramento. Eles serão "reunidos como

prisioneiros numa cova" e "encerrados na prisão". Mas então nos dizem, "Depois de muitos dias eles serão punidos." A ordem dos eventos aqui é a prisão por muitos dias e, em seguida, punição. A frase "depois de muitos dias" coincide bem com o conceito de um reino intermediário de mil anos em Apocalipse 20, que diz que Satanás estará preso no Abismo por mil anos, então liberado por um curto período de tempo e finalmente condenado Para o lago de fogo (Ap 20: 1-3, 7).

Uma quinta razão para o pré-milenismo é que esta visão se encaixa melhor no enredo redentor da Bíblia. Deus criou o primeiro Adão a governar sobre e sobre a terra. Adão falhou, mas os cristãos agora olham para o último Adão (1 Coríntios 15:45) para ter sucesso onde o primeiro Adão falhou. A tarefa do homem de Gênesis 1: 26-28 era governar da terra e sobre a terra. No cenário pré-milenar, isso é exatamente o que Jesus faz. Ele governa com sucesso da terra sobre a terra com um reinado estendido que é reconhecido por todos. Quando Jesus faz isto, ele então entrega o reino a Deus Pai para que o reino eterno possa começar (1 Co 15:24, 28). Os que pertencem a Jesus também estão destinados a um reino que reine sobre a terra. A perseguição na terra é a norma para os santos nesta era,

Duas Formas de Premilenialismo . Existem duas formas de pré-milenismo: o pré-milenismo futurista (ver "Futurismo", p.863) eo pré-milenismo histórico.

Futuro premilenarismo . Primeiro, o pré-milenismo futurista sustenta que a septuagésima semana de Daniel e os julgamentos de selo, trombeta e tigela de Apocalipse 6-18 são futuros do ponto de vista presente na história. Assim, não só o reino milenar é futuro, mas o período especial da tribulação com seus juízos divinos também é futuro. Isso explica por que o pré-milenismo futurista é "futurista".

O pré-milenismo futurista também sustenta que a nação de Israel terá uma importante identidade e papel no próximo período da tribulação e no reino milenar. As profecias do Antigo Testamento e do Novo Testamento relativas ao papel de Israel e Israel no futuro devem ser cumpridas literalmente com a nação de Israel. Assim, o pré-milenismo futurista rejeita todas as formas de substituição teológica ou supersessionismo que vê a igreja como a substituição ou o cumprimento de Israel de qualquer forma que nega o futuro significado teológico das promessas de Deus a Israel como uma nação. Não só Deus tem um plano para os indivíduos ea igreja, ele também tem um plano para as nações da terra, e Israel tem um papel de liderança e serviço para as nações no reino de Jesus (Isaías 2: 2-4).

Premilenarismo histórico . Uma segunda forma de pré-milenismo é o pré-milenismo histórico. Esta visão tem raízes na igreja primitiva, mas seu representante mais significativo nos tempos modernos foi George Eldon Ladd (1911-1982), cujas visões do reino têm muitos seguidores hoje.

Como o pré-milenismo futurista, o pré-milenismo histórico vê o reino milenar do Apocalipse 20 como futuro e terreno, mas difere com o pré-milenismo futurista em quatro áreas. Em primeiro lugar, os pré-milenaristas históricos às vezes vêem a septuagésima semana de Daniel e os julgamentos de Apocalipse 6-18 como ocorrendo ao longo da presente era. Muitos pré-milenaristas históricos também acreditam que o reinado davídico de Jesus está ocorrendo em um sentido "já" nesta era. Assim, eles defendem uma presença atual do período da tribulação e do reinado davídico de Jesus.

Em segundo lugar, ao afirmar uma futura salvação de Israel, alguns pré-milenaristas históricos vêem Israel como sendo incorporado à igreja com pouco ou nenhum papel único para a nação de Israel no futuro reino terrena. Assim, mantendo uma salvação do Israel étnico nos últimos dias, pré-milenaristas históricos (na tradição de Ladd) muitas vezes se apegam a uma forma de teologia de substituição, acreditando que a igreja é a

substituição e recebe o cumprimento das promessas feitas a Israel . Qualquer que seja o papel que Israel tenha nos propósitos futuros de Deus, não há papel para Israel além da igreja.

Terceiro, o pré-milenismo histórico na tradição de Ladd acredita que o Novo Testamento algumas vezes reinterpreta o Antigo Testamento e que as promessas físicas feitas a Israel podem ser mudadas para bênçãos espirituais para a igreja. Como disse Ladd,

> O Antigo Testamento deve ser interpretado pelo Novo Testamento. Em princípio, é bem possível que as profecias dirigidas originalmente ao Israel literal descrevendo bênçãos físicas tenham seu cumprimento exclusivamente nas bênçãos espirituais desfrutadas pela igreja. Também é possível que a expectativa do Antigo Testamento de um reino na Terra pudesse ser reinterpretada pelo Novo Testamento completamente de bênçãos no reino espiritual.

Ladd ainda escalou o conceito de "reinterpretação" para "reinterpretação radical". Em relação à compreensão de Pedro sobre a ascensão de Jesus em Atos 2, Ladd disse: "Isso envolve uma reinterpretação bastante radical das profecias do Antigo Testamento, mas não mais do que toda a Reinterpretação do plano redentor de Deus pela igreja primitiva ". Esta linguagem de" reinterpretação radical "é fortemente rejeitada por pré-milenistas futuristas, já que não há razão para reinterpretar a revelação previamente inspirada.

Em quarto lugar, os pré-milenaristas históricos acreditam que a igreja atravessa a tribulação e não é raptada antes dela. Assim, eles afirmam uma visão pós-tribulacional do arrebatamento.

O premilenarismo histórico deve ser elogiado por afirmar um futuro reino milenar e pela salvação dos judeus étnicos nos tempos do fim. Mas erra ao tomar uma compreensão "histórica" da septuagésima semana de Daniel e do reinado davídico de Jesus. Estes eventos são futuros da nossa perspectiva atual. Além disso, erra em confundir Israel e a igreja e não ver significado teológico para a nação de Israel no futuro (Mateus 19:28, Atos 1: 6). O mais preocupante é a crença de que o Novo Testamento às vezes "reinterpreta" o Antigo Testamento e espiritualiza promessas físicas e nacionais à igreja. O pré-milenismo histórico também erra ao ver a igreja passar pela septuagésima semana de Daniel. Por estas razões, o pré-milenismo futurista é a visão fortemente preferida.

Profecia de "Setenta Semanas" de Daniel

Daniel 9: 24-27 com sua profecia "setenta semanas" é uma das mais importantes passagens proféticas da Bíblia. Este texto tem sido muitas vezes referido como a "espinha dorsal da profecia bíblica" e legitimamente assim, uma vez que várias passagens proféticas do Novo Testamento dependem fortemente de seu conteúdo (Mateus 24:15; 2 Tessalonicenses 2; Apocalipse 11-13). Jesus, Paulo e João se referem a esta seção. Uma compreensão adequada da profecia bíblica depende de interpretar corretamente este texto:

> Setenta semanas são decretadas sobre o teu povo ea tua santa cidade, para terminar a transgressão, para pôr fim ao pecado e expiar a iniqüidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e o profeta e ungir um lugar santíssimo . Sabei, pois, e compreendei que, saindo da palavra para restaurar e edificar Jerusalém até a vinda de um ungido, príncipe, haverá sete semanas. Então, durante sessenta e duas semanas, será construído novamente com praças e fosso, mas em um tempo conturbado. E depois das sessenta e duas semanas, um ungido será cortado e não terá nada. E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade eo santuário. O seu fim virá com um dilúvio, e até o fim haverá guerra. As desolações são decretadas. E fará uma aliança forte com muitos por uma semana, E pela metade da semana ele porá fim ao sacrifício e oferta. E sobre a asa das

abominações virá um que faz a desolação, até que o fim decretado seja derramado sobre o desolador.

DEFINIÇÃO DAS "SEVENTY WEEKS"

O contexto desta passagem é a consciência de Daniel sobre a profecia de Jeremias de que a desolação de Jerusalém nas mãos dos babilônios terminaria depois de setenta anos (Dn 9: 2, Jeremias 25:12, 29:10). Levítico 25 mandava que todo sétimo ano o povo de Israel precisasse dar descanso à terra. Porém, em setenta ocasiões, Israel não observou um descanso sabático para a terra. O cativeiro babilônico de setenta anos era a maneira de Deus de dar à terra o resto que ele queria que ela tivesse. Quando Daniel contemplou a profecia de Jeremias, orou por seu povo pecador, Israel (Daniel 9: 3-19). O anjo Gabriel veio então a Daniel e transmitiu uma visão sobre o futuro de Israel.

As "setenta semanas" de Daniel 9:24 estão no centro desta profecia e dizem respeito ao "povo" ea "cidade santa" de Daniel. O "povo" de Daniel deve ser Israel desde que o cativeiro babilônico afetou o povo de Israel ea oração de Daniel foi Em nome de Israel. A "cidade santa" deve referir-se a Jerusalém, uma vez que a profecia de Jeremias se referia ao "fim das desolações de Jerusalém" (Daniel 9: 2). Interpretar Israel e Jerusalém como qualquer outra coisa faz injustiça ao contexto.

Mas quais são as "setenta semanas" às quais Gabriel se refere? Em hebraico, "setenta semanas" significa literalmente "setenta e sete". Setenta e sete (ou setenta vezes sete) é igual a 490. Mas 490 o quê? Dias? Meses? Anos? O contexto indica que 490 anos estão em vista desde que as violações do ano sabático foram a razão para a expulsão de Israel e o cativeiro babilônico de setenta anos que se seguiu. (O ano dos antigos consistia em 360 dias.) Além disso, um período de 490 dias ou 490 meses seria muito curto para o cumprimento das seis previsões em 9:24.

Este período de 490 anos de Daniel 9:24 produzirá seis resultados: 1) "terminar a transgressão", 2) "pôr fim ao pecado", 3) "expiar a iniqüidade", 4) Trazer a justiça eterna ", (5)" selar a visão ea profecia ", e (6)" ungir o lugar santíssimo "(NASB). Os três primeiros efeitos se concentram em derrotar o pecado em Israel. Os três últimos focalizam os desenvolvimentos positivos em relação ao reino - a entrada da justiça com o reino do Messias, o cumprimento de todas as profecias nas Escrituras e a unção do templo em Jerusalém. A base para os três primeiros foi realizada com a primeira vinda e morte de Jesus, embora sua aplicação a Israel como uma nação ainda seja futura. Os três últimos aguardam o cumprimento na segunda vinda de Jesus. Neste ponto da história, a justiça eterna não foi trazida, Todas as profecias nas Escrituras ainda não foram cumpridas, eo templo em Jerusalém não foi ungido. Mas isso acontecerá quando Jesus estabelecer seu reino milenar.

As setenta semanas (490 anos) começam com "a saída da palavra para restaurar e edificar Jerusalém" (Dn 9:25). Esta restauração foi provavelmente cumprida em ca. 445 aC, quando o rei Artaxerxes decretou que os judeus poderiam retornar e reconstruir Jerusalém (Ne 2: 1-8). Em seguida, as "sete semanas" ou quarenta e nove anos podem se referir ao encerramento da carreira de Neemias na reconstrução de "praças e fosso", bem como para o fim do ministério de Malaquias eo fim do Antigo Testamento. Depois destes quarenta e nove anos, outro "sessenta e dois" mais semanas ou 434 anos (sessenta e duas vezes sete) é adicionado ao cronograma. Juntos, 483 anos após o decreto de Artaxerxes em ca. 445 aC culmina na entrada de Jesus em Jerusalém em março de 30 dC.

Daniel 9:26 declara que "após" sessenta e duas semanas, que são realmente sessenta e nove semanas (sete mais sessenta e duas), o "ungido será cortado e não terá nada". Dias depois de entrar em Jerusalém, Jesus é Crucificado. Que o Messias "não tem nada" é chocante. O Messias de Israel vem, é morto, e morre com nada. Nenhum reino e nenhuma

justiça eterna ocorrem. O resto do versículo 26 descreve outros eventos "depois" das primeiras sessenta e nove semanas: "E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade eo santuário. O seu fim virá com um dilúvio, e até o fim haverá guerra. Esta declaração prevê a destruição de Jerusalém e do templo judeu com a invasão romana de Jerusalém em 70 dC (Lucas 21: 20-24).

O "povo" em Daniel 9:26 refere-se aos romanos, uma vez que foram os que destruíram Jerusalém em 70 dC. A partir deste "povo" um "príncipe que está para vir" algum dia chegará. Esta é a figura malvada do Anticristo que surgirá algum dia após a destruição da cidade e do santuário. Que esta é uma pessoa má e não Jesus o Messias é afirmado pelas descrições em Daniel 9:27, em que comete um ato abominável no templo e é destruído para as suas desolações. Também fará uma aliança com o povo de Israel por uma semana (sete anos), algo que Jesus nunca fez. Assim, o contexto aponta para a figura malvada do Anticristo, que também é identificada como o "chifre pequeno" em Daniel 7: 8 eo rei voluntário de Daniel 11:36. As declarações "Haverá guerra" e "Desolações são decretadas" (Dn 9: 26) revelam que as provações e desgraças de Jerusalém continuarão mesmo após a destruição de Jerusalém. Isso certamente foi o caso, como mostra a história tumultuada de Israel desde o ano 70 dC. O próprio Jesus previu que os "tempos dos gentios" continuariam mesmo após a destruição de Jerusalém em 70 dC (Lucas 21:24).

Daniel 9:27 prossegue dizendo que o príncipe maligno dos romanos "fará uma aliança forte com muitos por uma semana". O "muitos" se refere ao povo de Israel ea "uma semana" é um período de sete anos período. Assim como as primeiras sessenta e nove semanas foram literais, também a última semana de sete anos deve ser literal. Para fazer a última semana qualquer coisa que não seja um período de sete anos é violar o contexto. Que esta aliança seja futura do nosso ponto de vista é verificada pelo fato de que nenhuma aliança de sete anos entre um líder do Império Romano eo povo judeu já aconteceu na história.

Na "metade da semana" (três anos e meio), este líder rompe a aliança com Israel. Ele "põe fim ao sacrifício e à oferta". Em outras palavras, ele pára o sistema de adoração judaica. Isto acontece "na asa das abominações" pelo "que faz desolado". Este desolador estabelece uma abominação em uma área do templo. Jesus lê esta frase quando diz: "Então, quando você vir a abominação de desolação falada pelo profeta Daniel, que está no lugar santo" (Mateus 24:15).

Contudo este desolador está dirigido para a destruição. Ele faz suas "abominações" somente "até que o fim decretado seja derramado sobre o desolador" (Dn 9:27). A ira de Deus será visitada neste príncipe mau. Paulo se baseia em Daniel 9:27, quando se refere a um "homem da iniqüidade" (2 Tessalonicenses 2: 3) que Jesus matará com a sua vinda: "E então o iníquo será revelado, a quem o Senhor Jesus matará Com o sopro da sua boca, e não traz à toa a aparência da sua vinda "(2 Ts 2,8).

GAP ENTRE AS SESSENTA E NOVENTA E SETE SEMANAS

Muitos intérpretes concordam que as sessenta e nove semanas (483 anos de 360 dias cada) da profecia de Daniel foram cumpridas com a primeira vinda de Jesus e sua morte em torno de 30 dC Mas alguns discordam sobre se a última semana de anos, um período de sete anos, Foi cumprido imediatamente após as primeiras sessenta e nove semanas expiradas ou se há um intervalo de tempo entre o final das sessenta-nona semanas eo início da septuagésima semana. Em outras palavras, a septuagésima semana de Daniel expirou no final dos anos 30, ou seja, nos sete anos após o final da sessenta-nona semana, cerca de 30 dC - ou a sétima semana de Daniel será cumprida no futuro? A visão correta é a última.

Oponentes de um vazio muitas vezes perguntam, onde em Daniel 9: 24-27 vemos alguma evidência de uma grande diferença entre as sessenta e nona e setenta semanas? Para eles, a semana setenta corre imediatamente após a sexagésima nona semana. Entretanto, a evidência para uma abertura entre a sessenta-nona e a seventieth semanas é forte. As razões a seguir explicam por que há uma lacuna.

1. Existe uma lacuna entre a primeira e a segunda vindas de Jesus . A profecia bíblica é melhor compreendida no contexto das duas vindas de Jesus. Existe uma significativa diferença de tempo entre a primeira vinda ea segunda vinda de Jesus. Uma vez que este é o caso, é razoável esperar uma lacuna no cumprimento das profecias sobre Jesus. Por exemplo, Zacarias 9: 9 previu que o Messias viria a Jerusalém humilde em um jumento. Isto foi cumprido com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mateus 21: 1-8). Mas Zacarias 9:10 também declarou um reinado mundial do Messias sobre a terra: "Ele falará paz às nações; Seu domínio será de mar a mar e do rio até os confins da terra ". Este versículo será cumprido com a segunda vinda de Jesus, *E certamente não seguiu imediatamente sua entrada em Jerusalém em um burro no primeiro século. Assim, uma lacuna separa o verso 9 do versículo 10. As lacunas de tempo em passagens proféticas como Zacarias 9: 9-10 indicam que uma lacuna poderia estar presente em Daniel 9: 24-27. Tal é de esperar com duas vindas de Jesus.*

2. Daniel 9:26 afirma que o Messias será cortado "após" as sessenta e nove semanas . O uso de Daniel da palavra "depois" revela uma lacuna. Daniel 9:26 diz: "Depois das sessenta e duas semanas o Messias será cortado e não terá nada." O Messias não é cortado no "fim" das sessenta e nove semanas ou no "início" do Sétima semana. Em vez disso, ele é cortado "depois" das sessenta e nove semanas. Assim, dentro do texto, um termo indica uma lacuna entre as sessenta-nona e as setenta semanas.

3. A destruição de Jerusalém prevista em Daniel 9:26 ocorreu décadas após o culminar da sexagésima nona semana . Daniel 9:26 afirma que "depois das sessenta e duas semanas," o príncipe que virá "destruirá a cidade eo santuário" - uma referência a Jerusalém e ao templo. Essa destruição ocorreu no ano 70 dC Se a profecia de setenta semanas continuasse sem intervalo, a septuagésima semana teria expirado no ano 30 dC. Mas Jerusalém e o templo não foram destruídos. Uma vez que Jerusalém e o templo foram destruídos quase quatro décadas após o final da sexagésima-nona semana, é necessária uma lacuna entre a sexagésima nona semana ea semana setenta para incluir a destruição de 70 dC.

4. As seis previsões de Daniel 9:24 ainda não foram todas cumpridas . Em Daniel 9:24, Daniel menciona seis previsões importantes que resultarão do decreto de setenta semanas: (1) "terminar a transgressão", (2) "fazer um fim de pecado", (3) "fazer expiação (4) "para trazer a justiça eterna", (5) "para selar a visão ea profecia", e (6) "ungir o lugar santíssimo" (NASB). Se alguém sustenta que as setenta semanas expiraram no primeiro século, então todas as seis previsões deveriam ter sido completamente cumpridas na década de 30. Mas não foram. A base para os três primeiros ocorreu com a primeira vinda de Jesus. Mas o pecado de Israel contra Deus ainda não foi revertido. Assim mesmo enquanto a morte de Jesus já expiou pelo pecado, Israel ainda não experimentou esse benefício. *A salvação de Israel ainda está por vir (veja Zacarias 12:10, Romanos 11:26). Depois, há outras questões que ainda não ocorreram. A justiça eterna não foi estabelecida. Nem todas as profecias foram cumpridas. A unção do templo no reino do Messias ainda não aconteceu. Uma vez que várias previsões de Daniel 9:24 ainda não ocorreram, elas devem ser cumpridas no futuro.*

5. O que está descrito para a septuagésima semana de Daniel 9:27 ainda não foi cumprido . A falta de cumprimento de Daniel 9:27 neste momento da história é prova de que a septuagésima semana de Daniel será cumprida em um futuro. Um futuro príncipe

malvado do Império Romano não fez uma aliança de sete anos com o povo judeu. Nenhuma violação de um pacto de sete anos ocorreu após três anos e meio. Nenhuma figura do Anticristo cometeu abominações no templo. Nem o que fez isso foi destruído. Estes eventos não foram concluídos no AD 30s e, portanto, aguardar o cumprimento futuro.

6. Jesus refere-se à abominação da desolação de Daniel 9:27 como futuro depois de sua primeira vinda . Em Mateus 24-25, Jesus previu eventos futuros. Com Mateus 24:15, Jesus declarou: "Quando virdes a abominação da desolação, dita pelo profeta Daniel, estando no lugar santo (que o leitor entenda) ..." Este é o mesmo evento previsto em Daniel 9:27: "Sobre a asa das abominações virá aquele que faz a desolação". Este evento, no entanto, era futuro do ponto de vista de Jesus e não foi cumprido nos anos 30.

7. Na década de 50, Paulo falou dos acontecimentos de Daniel 9:27 como futuro . Em 2 Tessalonicenses 2, Paulo escreve sobre um "homem de iniqüidade" sendo revelado que entra em um templo e declara-se ser Deus (2 Tessalonicenses 2: 3-4). Ele também fala deste homem ímpio como enfrentando a ira do Senhor Jesus, que o mata no seu retorno: "E então o iníquo será revelado, a quem o Senhor Jesus matará com o fôlego de sua boca e trará a nada por A aparência de sua vinda "(2 Ts 2,8). Paulo confia em Daniel 9:27 para estabelecer que haverá uma abominação vindoura de desolação por parte de uma pessoa perversa e que esta pessoa será destruída por Deus. Que Paulo está prevendo esses eventos nos anos 50 mostra que esses eventos são futuros de seu ponto de vista e não foram cumpridos na década de 30. O comentário inspirado de Paulo de Daniel 9:

8. Revelação coloca o tempo de Daniel 9:27 no futuro . Daniel 9:27 fala de um período de sete anos em que um próximo príncipe fará uma aliança com os "muitos" por uma semana (sete anos). Mas no meio desta semana, na marca de três anos e meio, ele quebrará essa aliança. Escrevendo no ano 90 dC, o apóstolo João se referiu a um período de três anos e meio em várias ocasiões. Em Apocalipse 11: 2, ele diz que a "cidade santa" [Jerusalém] será pisada por "quarenta e dois meses". "Quarenta e dois meses" é de três anos e meio. E desde Daniel 9:27 também fala de um evento "abominação" em Jerusalém, João está claramente conectando sua declaração com Daniel 9:27. Desde que John está escrevendo várias décadas após o AD 30s, *Ele deve ver a última metade da semana setenta de Daniel como sendo futuro do seu ponto de vista. E se assim for, deve haver um intervalo entre as sessenta-nona e setenta semanas. João também prediz a nação de Israel fugindo para o deserto por "1.260 dias" (Apocalipse 12: 6). Este prazo é igual a três anos e meio. Em Apocalipse 13: 5, João descreve uma "besta" maldosa que fala arrogantemente e blasfema por "quarenta e dois meses". Isto é paralelo a Daniel 9:27 e a associação de uma figura perversa com um período de três anos e meio período. Em suma, uma vez que João se refere ao cronograma e eventos de Daniel 9:27 como necessitando ser cumprido no futuro, isso mostra que os eventos desse período devem ser futuros. João também prediz a nação de Israel fugindo para o deserto por "1.260 dias" (Apocalipse 12: 6). Este prazo é igual a três anos e meio. Em Apocalipse 13: 5, João descreve uma "besta" maldosa que fala arrogantemente e blasfema por "quarenta e dois meses". Isto é paralelo a Daniel 9:27 e a associação de uma figura perversa com um período de três anos e meio período. Em suma, uma vez que João se refere ao cronograma e eventos de Daniel 9:27 como necessitando ser cumprido no futuro, isso mostra que os eventos desse período devem ser futuros. João também prediz a nação de Israel fugindo para o deserto por "1.260 dias" (Apocalipse 12: 6). Este prazo é igual a três anos e meio. Em Apocalipse 13: 5, João descreve uma "besta" maldosa que fala arrogantemente e blasfema por "quarenta e dois meses". Isto é paralelo a Daniel 9:27 e a associação de uma figura perversa com um período de três anos e meio período. Em suma, uma vez que João se refere ao cronograma e eventos de Daniel 9:27 como*

necessitando ser cumprido no futuro, isso mostra que os eventos desse período devem ser futuros.

Eventos para vir

Vários eventos proféticos aguardam realização futura. Estes incluem o arrebatamento, o período da tribulação, a vinda do Anticristo, o dia do Senhor, a segunda vinda de Jesus, o milênio, a revolta final de Satanás eo estado eterno.

O ARREBATAMENTO

O arrebatamento é um dos eventos mais reconhecíveis da escatologia. Livros e filmes populares tornaram o arrebatamento um tema de discussão para muitos. Alguns fixate sobre este problema, e outros ignorá-lo ou tratá-lo com desprezo. Mas qual é a visão bíblica do arrebatamento?

A palavra Inglês *arrebatamento* vem do termo latino *raptura* , que em latim Bíblias traduz a palavra grega *harpazo* . Esta palavra grega significa "repentinamente remover" ou "arrebatar". O Novo Testamento usa-o em referência ao roubo ou pilhagem (Mateus 11:12; 12:29; 13:19; João 10:12, 28, 29) E remoção (João 6:15, Atos 8:39; 23:10, Judas 23). Um terceiro uso se concentra em ser pego no céu, como é visível na experiência do terceiro céu de Paulo (2 Coríntios 12: 2-4) e na ascensão de Cristo (Apocalipse 12: 5). *Harpazō* também descreve a tomada repentina de Deus da igreja da terra para o céu como a primeira parte da segunda vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 4:17). Entretanto, esta palavra não contém nenhuma sugestão do tempo do arrebatamento em relação à septuagésima semana de Daniel.

Primeiro Tessalonicenses 4: 16-17 fala de um arrebatamento de natureza escatológica. Aqui, o *harpazō* é traduzido como "apanhado":

> Porque o Senhor mesmo descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então nós, que estamos vivos e permanecemos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

Embora não empregando *harpazō* , 1 Coríntios 15: 51-52 refere-se ao mesmo evento escatológico como 1 Tessalonicenses 4: 16-17:

> Eis que vos digo um mistério; Não todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, na última trombeta; Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão imperecíveis, e seremos mudados (NASB).

Assim, a Escritura aponta para um êxtase escatológico, embora nenhum desses textos fundamentais contenha indicadores de tempo explícitos.

Pontos de vista sobre o momento do arrebatamento . As passagens citadas acima mencionam um arrebatamento e uma transformação dos cristãos, mas não indicam quando ocorre esse evento. Existem quatro pontos de vista sobre o momento do êxtase. Essas visões tratam quando o arrebatamento acontecerá em relação à próxima semana setenta de Daniel.

Primeiro, a visão do êxtase pretribulacional afirma que a igreja será arrebatada antes da septuagésima semana de Daniel. Uma vez que todo o período de tribulação é a "ira de Deus", a igreja deve ser resgatada antes da tribulação para cumprir a promessa de Deus de que a igreja escapará da ira de Deus (1 Tessalonicenses 1: 9-10, Ap 3: 10). O

arrebatamento pré-tribulacional funciona como uma missão de resgate, pela qual Jesus entrega a sua igreja da ira divina da tribulação.

Segundo, a visão do êxtase midtribulacional argumenta que a igreja será arrebatada no ponto médio da septuagésima semana de Daniel. A igreja passa pela primeira metade da tribulação, mas então é raptada no ponto médio para evitar a mais severa ira de Deus que caracteriza o período posterior da septuagésima semana de Daniel. A perspectiva midtribulational arbitrariamente não vê a primeira metade da tribulação como ira divina; Ele sustenta que a ira do homem e Satanás está ocorrendo, mas não a ira de Deus.

Terceiro, a visão de êxtase prewrath ensina que o arrebatamento ocorrerá em algum lugar na última parte da tribulação e remove a igreja dos julgamentos de trompete e tigela, que define como a ira de Deus. O arrebatamento ocorre após o ponto médio da tribulação, mas antes da segunda vinda de Jesus à terra.

Em quarto lugar, a visão do êxtase pós-tribulacional afirma que o arrebatamento ocorre no momento da segunda vinda e é a fase inicial do retorno corporal de Jesus. A igreja, que atravessa o período da tribulação, é arrebatada no ar para encontrar o Jesus que retorna, que então desce à terra com seu povo. O cenário pós-tribulacional é como os súditos de um rei saindo correndo de uma cidade para saudar o rei retornando e vitorioso e imediatamente retornando à cidade. Esta é a única visão de êxtase que tem a igreja passando por todo o período da tribulação.

Evidências para o Pretribulacionismo . O pretribulacionismo tem o suporte mais bíblico, e acreditamos que é a visão correta por várias razões. Primeiro, Jesus declara que a igreja será removida antes da hora do julgamento que está vindo sobre a terra inteira: "Porquanto guardastes a minha palavra sobre a paciência, guardá-los-ei da hora da provação que está por vir Mundo, para provar os que habitam sobre a terra "(Apocalipse 3:10). Jesus promete uma recompensa por "paciência". Esta recompensa é que se mantém de um período único - "a hora do julgamento que está vindo sobre o mundo inteiro." Isso ajuda a responder o porquê do arrebatamento. O arrebatamento é uma promessa ou recompensa para a igreja por suportar pacientemente durante o sofrimento.

A frase "mantê-lo de" (Gk. *Tēreō ek*) em Apocalipse 3:10 significa "um estado seguro contínuo fora de" ou "uma emergência segura de dentro"? O primeiro seria coerente com um êxtase pré-tribulacional, o último com um arrebatamento pós-tribulacional. A preposição grega *ek às* vezes leva a idéia de emergência, mas isso nem sempre é assim. Dois exemplos notáveis são encontrados em 2 Coríntios 1:10 e 1 Tessalonicenses 1:10. Na passagem de 2 Coríntios, Paulo ensaia como Deus o resgatou da morte. Aqui Paulo não emergiu de um estado de morte, mas foi resgatado de um perigo potencial. Ainda mais convincente é 1 Tessalonicenses 1:10, onde Paulo declara que Jesus salvará os crentes da ira vindoura. A idéia não é emergência depois de passar por algo, mas sim proteção de entrar nele.

Além disso, se Apocalipse 3:10 se refere à proteção divina dentro da hora do julgamento, então o que acontece com aqueles que morreram por Jesus durante este tempo? Eles não estavam protegidos? O martírio generalizado dos santos durante a tribulação exige que a promessa significa "manter-se fora" da hora do teste, não "manter dentro".

Segundo, a igreja não é mencionada em Apocalipse 6-18. O termo comum do Novo Testamento para "igreja" é *ekklēsia* . É usado dezenove vezes em Apocalipse 1-3 em relação à igreja histórica do primeiro século. No entanto, "igreja" aparece apenas uma vez mais em Apocalipse, no epílogo do livro (Apocalipse 22:16). Em nenhuma parte em Apocalipse 6-18 é a "igreja" mencionada. Por que isso é significativo? É improvável que João mudasse de instruções detalhadas para a igreja em Apocalipse 1-3 ao silêncio absoluto sobre a igreja para treze capítulos se a igreja continuasse na tribulação. Se a

igreja experimentará a tribulação, certamente o estudo mais detalhado dos eventos da tribulação incluiria o papel da igreja nesse período. Mas não.

Em terceiro lugar, o arrebatamento torna-se inconsequente se a igreja passar pela tribulação. Se Deus milagrosamente preserva a igreja através da tribulação, por que ter um arrebatamento? Se é para evitar a ira de Deus no Armagedom, então por que Deus não continuaria a proteger os santos na terra (como postulado pelo pós-tribulacionismo) como ele protegia a igreja nos eventos que levaram ao Armagedom ou como Deus protegia Israel das pragas No Egito (Êx 8:22, 9: 4, 26, 10:23, 11: 7)?

Além disso, se o arrebatamento ocorrer em conexão com uma vinda pós-tribulacional, a subsequente separação das ovelhas e das cabras em Mateus 25: 31-46 seria redundante. A separação já teria ocorrido no êxtase sem necessidade de outro. Além disso, se todos os crentes da tribulação são arrebatados e glorificados antes do reino milenar, o povo povoará o reino? Cada crente teria um corpo glorificado naquele tempo, enquanto a Escritura indica que os incrédulos vivos serão julgados no final da tribulação e removidos da terra (Mt 13: 41-42; 25:41). Essas realidades não se correlacionam com o ensinamento da Bíblia de que as crianças nascerão aos crentes durante o milênio e que essas crianças serão capazes de pecado e rebelião (Isaías 65:20, Apocalipse 20: 7-10)

Além disso, o paradigma pós-tribulacional da igreja sendo arrebatado e imediatamente trazido de volta à terra não deixa tempo para o *julgamento bēma* de Cristo (1 *Coríntios* 3: 10-15, 2 Coríntios 5:10) ou para a ceia de casamento (Apocalipse 19: 6-10). Assim, o momento de um arrebatamento pós-tribulacional não faz sentido cronologicamente. É incongruente com o julgamento da nação de ovelhas e dois eventos críticos do fim dos tempos. Um êxtase pretribulacional evita essas dificuldades.

Em quarto lugar, as Epístolas não contêm advertências preparatórias de uma tribulação iminente para crentes da era da igreja. As instruções de Deus para a igreja nas Epístolas contêm uma variedade de advertências, mas os crentes não são avisados para se prepararem para entrar e suportar a tribulação. O Novo Testamento adverte vigorosamente sobre o erro vinda e falsos profetas (Atos 20: 29-30, 2 Pedro 2: 1, 1 João 4: 1-3, Judas 4). Ele adverte contra a vida ímpia (Ef 4: 25-5: 7, 1 Tessalonicenses 4: 3-8, Hebreus 12: 1). O Novo Testamento adverte os crentes a resistir no meio da tribulação presente (1 Tessalonicenses 2: 13-14, 2 Tessalonicenses 1: 4). Entretanto, há um silêncio sobre preparar a igreja para a tribulação global e catastrófica descrita em Apocalipse 6-18. É difícil ver a Escritura como sendo silenciosa sobre um evento tão traumático para a igreja se a igreja deve suportar esse período. Se a igreja experimentou qualquer período da tribulação, seria de esperar que as Epístolas para ensinar a existência da Igreja, propósito e conduta nele. No entanto, não há ensinamento sobre esse assunto. Só um arrebatamento pretribulacional explica satisfatoriamente essa falta de instrução para a igreja.

Quinto, 1 Tessalonicenses 4: 13-18 exige um arrebatamento pré-tribulacional. Suponha que alguma outra visão de arrebatamento seja verdadeira. O que então esperaríamos encontrar em 1 Tessalonicenses 4? O inverso das preocupações refletidas lá. Para começar, esperamos que os tessalonicenses se regozijem de que seus entes queridos estão em casa com o Senhor e não suportarão os horrores da tribulação. Mas em vez disso, descobrimos que os tessalonicenses estão de fato sofrendo porque temem que seus entes queridos percam o arrebatamento. Somente um arrebatamento pretribulational explica este sofrimento. Também esperávamos que os tessalonicenses estivessem sofrendo por causa de seu próprio julgamento iminente e não sobre seus entes queridos que escaparam. Além disso, esperávamos que eles estivessem curiosos sobre seu próprio futuro. Mas os tessalonicenses não têm receios ou perguntas sobre a tribulação que vem. Esperaríamos que Paulo tivesse fornecido instruções e

exortações para um teste tão supremo. Mas não encontramos nenhuma indicação de qualquer tribulação iminente.

Sexto, os paralelos próximos entre João 14: 1-3 e 1 Tessalonicenses 4: 13-18, dois textos que se referem à segunda vinda de Cristo, se encaixam com um arrebatamento pretribulacional:

1. A promessa de presença com Cristo:

   "Onde eu estou, ali estarás também." (João 14: 3 NASB)

   "Assim estaremos sempre com o Senhor." (1 Tessalonicenses 4:17)

2. A promessa de conforto:

   "Não se turbe o vosso coração" (João 14: 1)

   "Portanto, confortai-vos uns aos outros com estas palavras." (1 Tessalonicenses 4:18)

Jesus instruiu os discípulos que ele estava indo para a casa de seu Pai (céu) para preparar um lugar para eles. Ele prometeu-lhes que voltaria e os receberia para que pudessem estar com ele onde quer que estivesse (João 14: 1-3). A frase "onde estou", ao mesmo tempo em que implica uma presença contínua em geral, aqui significa presença no céu em particular. Nosso Senhor disse aos fariseus em João 7:34, "Onde eu estou, não podes vir". Ele não estava falando sobre sua atual morada na terra, mas sua presença ressuscitada à direita do Pai. Em João 14: 3, "onde eu estou" deve significar "no céu", ou a intenção não faria sentido.

Um arrebatamento pós-tribulacional exige que os santos encontrem Cristo no ar e imediatamente descem à terra sem experimentar o que nosso Senhor prometeu em João 14. Como João 14 se refere ao arrebatamento e não faz referência ao julgamento, então apenas um arrebatamento pretribulacional satisfaz a linguagem de João 14: 1-3 e permite que os santos arrebatados habitem por um tempo significativo com Cristo na casa de seu Pai.

Sétimo, os eventos no retorno de Cristo à terra após a tribulação diferem do arrebatamento. Se compararmos o que acontece no arrebatamento em 1 Tessalonicenses 4: 13-18 e 1 Coríntios 15: 50-58 com o que acontece nos eventos finais da segunda vinda de Cristo em Mateus 24-25, pelo menos oito contrastes significativos ou diferenças podem ser Observado, que exigem que o êxtase ea segunda vinda de Cristo ocorrem em momentos diferentes:

1. No arrebatamento, Cristo vem no ar e retorna ao céu (1 Tessalonicenses 4:17), enquanto no evento final da segunda vinda, Cristo vem à terra para habitar e reinar (Mt 25: 31-32).
2. No arrebatamento, Cristo reúne o seu próprio (1 Tessalonicenses 4: 16-17), enquanto na segunda vinda, os anjos recolhem os eleitos (Mateus 24:31).
3. No arrebatamento, Cristo vem para recompensar (1 Tessalonicenses 4:17), enquanto na segunda vinda, Cristo vem para julgar (Mateus 25: 31-46).
4. No arrebatamento, a ressurreição é proeminente na vinda de Jesus (1 Tessalonicenses 4: 15-16), enquanto na segunda vinda, nenhuma ressurreição é mencionada com a descida de Cristo.
5. No arrebatamento, os crentes se afastam da terra (1 Tessalonicenses 4: 15-17), enquanto na segunda vinda, os incrédulos são levados da terra (Mateus 24: 37-41).
6. No arrebatamento, os incrédulos permanecem na terra (implícita), enquanto na segunda vinda, os crentes permanecem na terra (Mt 25:34).
7. No arrebatamento, não há menção do reino de Cristo na terra, enquanto na segunda vinda, o reino de Cristo na terra é estabelecido (Mt 25:31, 34).

8. No arrebatamento, os crentes receberão corpos glorificados (1Co 15: 51-57), enquanto na segunda vinda, ninguém que está vivo recebe corpos glorificados.

Além disso, várias das parábolas de Cristo em Mateus 13 confirmam as diferenças entre o arrebatamento ea segunda vinda de Cristo à terra. Na parábola do trigo e do joio, os joíços (descrentes) são retirados do trigo (crentes) no clímax da segunda vinda (Mateus 13:30, 40), enquanto os crentes são removidos de entre os incrédulos em O arrebatamento (1 Tessalonicenses 4: 15-17). Na parábola da trapaça, os peixes maus (incrédulos) são retirados dos peixes bons (crentes) no culminar da segunda vinda de Cristo (Mateus 13: 48-50), enquanto os crentes são removidos de entre os incrédulos na Arrebatamento (1 Tessalonicenses 4: 15-17). Finalmente, não há menção do arrebatamento nos detalhados textos da segunda vinda Mateus 24 e Apocalipse 19.

O PERÍODO DE TRIBULAÇÃO

Jesus prometeu a seus seguidores que experimentariam a tribulação no mundo (João 16:33). Isso realmente aconteceu como muitos cristãos sofreram e morreram pela causa de Cristo. No entanto, Jesus também previu um tempo único que seria o mais severo e difícil na história humana: "Porque então haverá grande tribulação, como não houve desde o princípio do mundo até agora, não, e nunca será" (Mateus 24:21). Este tempo único é chamado período de tribulação ou tribulação, baseado no uso que Jesus fez deste termo em Mateus 24: 9, 21. A tribulação é um período de julgamentos divinos antes do retorno de Jesus Cristo e do estabelecimento de seu reino na terra. Este período durará sete anos, baseado na futura septuagésima semana de Daniel, que tem sete anos de duração (Dn 9:27).

A Bíblia revela mais sobre a próxima tribulação do que qualquer outro evento profético ainda por vir. O Antigo Testamento prediz um tempo de tribulação para Israel em conexão com o arrependimento de Israel das nações. Em Deuteronômio 4:30, Deus diz a Israel: "Quando estiverdes na tribulação, e todas estas coisas vierem sobre vós nos últimos dias, voltarão ao SENHOR vosso Deus e obedecerão à sua voz". Jeremias prediz um "tempo de angústia" Para Jacó "(Jeremias 30: 7). Sofonias anuncia "um dia de aflição e angústia" (Zeph. 1:15). Isaías chama isso de "um dia de vingança, um ano de recompensa pela causa de Sião" (Isaías 34: 8).

Mateus 24-25 (juntamente com Marcos 13, Lucas 21) e Apocalipse 6-19 oferecem as informações mais detalhadas sobre o período da tribulação no Novo Testamento. Jesus fala de "dores de parto", como guerras, rumores de guerras, fome e terremotos em vários lugares (Mateus 24: 4-8). A perseguição dos seguidores de Jesus será intensa (Mateus 24: 9). Apostasia e traição ocorrerão (Mateus 24:10). Muitos falsos profetas surgirão (Mateus 24:11), e a iniqüidade aumentará (Mt 24:12). No entanto, em meio a este período terrível, o evangelho do reino será proclamado ao mundo inteiro (Mateus 24:14), e os judeus e os gentios serão salvos (Apocalipse 7: 4-9).

Estratégico para este período é o cumprimento da "abominação da desolação", um evento mencionado pela primeira vez por Daniel (Dn 9:27). Da cronologia de Daniel, este evento distintivo ocorre no ponto médio da tribulação, ou na marca de três anos e meio, e descreve a quebra do anticristo de sua aliança com Israel, na qual ele tenta parar o sistema de culto judaico No templo. Paulo observa que este "homem de iniqüidade" entra no templo declarando-se Deus (2 Tessalonicenses 2: 3-4). Este evento lança uma severa perseguição em Israel, razão pela qual Jesus adverte os moradores da Judéia a fugir sem pensar em retornar para qualquer item (Mateus 24: 16-20). O fim deste período traz sinais cósmicos: "Imediatamente após a tribulação daqueles dias o sol se escurecerá e a lua não dará a sua luz, E as estrelas cairão do céu "(Mateus 24:29). Jesus retorna à terra em poder

e glória (Mateus 24:30) e reúne seus eleitos (Mt 24:31). O retorno de Jesus em glória com os seus anjos leva ao julgamento das nações para ver quem entrará no seu reino (Mt 25: 31-46).

Apocalipse 6-19 detalha os julgamentos que ocorrem durante a tribulação sob a forma de selos, trombetas e tigelas. Esses juízos massivos são predominantemente sequenciais e revelam julgamentos crescentes de Deus contra um mundo incrédulo eo reino do Anticristo. Uma vez que Jesus é Aquele que abre os julgamentos de selos, todos os julgamentos subseqüentes são a ira de Deus e de Jesus (Apocalipse 6: 1). Os seis selos incluem (1) a chegada do Anticristo, (2) guerra, (3) fome, (4) morte, (5) martírio e (6) terremoto (Apocalipse 6: 2-12). Estes correspondem de perto às condições de "dores de parto" encontradas em Mateus 24: 4-7. No tempo do sexto selo (terremoto), as pessoas na terra percebem que estão enfrentando a grande ira de Deus e do Cordeiro (Ap 6: 16-17). A ira de Deus não começa neste ponto já que já começou com o primeiro selo,

Em seguida, o sétimo selo traz a segunda onda de julgamentos - as sete trombetas:

1. Primeira trombeta: Um terço da terra, árvores e erva são queimados (Apocalipse 8: 7).
2. Segunda trombeta: Um terço das criaturas do mar morrem, e os navios são destruídos (8: 8-9).
3. Terceira trombeta: Um terço das águas é poluído, e muitos morrem (8: 10-11).
4. Quarto trompete: Um terço do sol, da lua e das estrelas são escurecidos (8:12).
5. Quinta trombeta: Gafanhotos / demônios são liberados para atormentar as pessoas (9: 1-11).
6. Sexta trombeta: Quatro demônios ligados são liberados para matar um terço da humanidade (9: 13-19).
7. Sétima trombeta: Reinos do reino de Cristo é proclamado (11: 15-18).

O conjunto final de julgamentos são os juízos de tigela. Estes vêm mais tarde no período da tribulação em rápida sucessão e são extremamente graves:

1. Primeira tigela: feridas dolorosas vêm sobre as pessoas (Ap 16: 2).
2. Segunda taça: O mar torna-se como sangue, e tudo no mar morre (16: 3).
3. Terceira tigela: Os rios e nascentes de água são transformados em sangue (16: 4-7).
4. Quarta taça: O sol queima pessoas com fogo e calor (16: 8-9).
5. Quinta taça: Escuridão e dor intensa afligem a humanidade (16: 10-11).
6. Sexta taça: O rio Eufrates é secado para preparar o caminho para os reis do Oriente (16: 12-16).
7. Sétima taça: Severos terremotos dividem a grande cidade em três partes, as cidades caem, e graves gotas de granizo do céu (16: 17-21).

O propósito da tribulação é duplo. Primeiro, Deus usará a tribulação para salvar Israel. Isso envolve a conclusão dos propósitos de Daniel 9:24, tais como lidar finalmente com o pecado de Israel, trazendo justiça eterna e ungindo o templo. Além disso, Jeremias 30: 7 diz que este será "um tempo de angústia para Jacó [Israel]", mas Israel "será salvo dela". Israel entra na tribulação fazendo uma aliança com o Anticristo, mas termina este período pedindo Seu Messias.

Segundo, Deus usará a tribulação para julgar o mundo incrédulo. Apocalipse 3:10 refere-se à tribulação como "a hora da provação que está vindo sobre o mundo inteiro, para provar os que habitam sobre a terra." Isaías 24 descreve isso como um tempo de julgamento global em que "o SENHOR esvaziará a Terra e torná-la desolada "e" torcerá sua superfície e espalhará seus habitantes "(Isaías 24: 1). A razão é por causa da pecaminosidade do homem: "Porque transgrediram as leis, violaram os estatutos, quebraram a aliança eterna" (Isaías 24: 5). Assim, a tribulação é um tempo de intensa ira global de Deus em um mundo pecaminoso, rebelde.

A Bíblia prediz um vindouro Anticristo, um representante de Satanás que é a encarnação do mal. O termo *antichrist* (Gk. *Antichristos*) é *encontrado* em 1 João 2:18: "Filhos, é a última hora, e como você já ouviu dizer que o anticristo está chegando, agora muitos anticristos vieram." João se refere a um anticristo específico Para vir, mas ele também menciona "anticristos" que já chegaram. Estes não são *o* Anticristo, mas funcionam no espírito do anticristo, opondo-se a quem Jesus é eo que ele representa. Podemos esperar que muitos que possuem o espírito anticristo, sabendo que um Anticristo pessoal também está vindo.

O prefixo *anti* - pode significar "contra" ou "em vez de". Então, o vindouro Anticristo está abertamente "contra" Jesus, ou ele é uma falsificação fingindo ser uma figura de messias? Ambos os conceitos poderiam ser verdadeiros. Ele é uma falsificação para o Messias em que ele fará um tratado enganoso com o povo de Israel (Dn 9:27) e fingir ser seu salvador. Contudo, ele está contra Jesus ao opor-se a Jesus e aos seus santos. Ele também perseguirá Israel no meio da sétima semana de Daniel. Em suma, ele é tanto uma falsificação e um que se opõe a Cristo.

Daniel oferece a informação mais detalhada sobre o Anticristo no Antigo Testamento. Este maléfico é o blasfemo governante político, o "pequeno chifre", que fala palavras grandes e jactanciosas e faz guerra contra os santos de Deus (Daniel 7: 8, 21). Ele é o ímpio "príncipe" que surge dos romanos (Dn 9:26). Este príncipe faz uma aliança com o povo judeu por sete anos, mas quebra essa aliança no ponto médio, parando o sistema de sacrifício judaico e desolando o templo (Dn 9:27). Em Daniel 11: 36-45, ele é o rei voluntário que se exalta, fala contra Deus, rejeita quaisquer deuses rivais e confia em sua força militar.

O apóstolo Paulo refere-se ao Anticristo como o "homem da iniqüidade" (2 Tessalonicenses 2: 3). Confiando em Daniel 9: 26-27 e 11: 36-45, Paulo revela que este homem mau chega em conexão com o dia do Senhor (2 Tessalonicenses 2: 1-2). Esta pessoa "se opõe e se exalta contra todos os chamados deuses ou objetos de adoração, de modo que toma assento no templo de Deus, proclamando-se Deus" (2 Tessalonicenses 2: 4). Sua presença no templo de Deus está associada à desolação do templo que Daniel 9:27 previu. Jesus refere-se a este evento como "a abominação da desolação mencionada pelo profeta Daniel, que está no lugar santo" (Mateus 24:15). Este horrível evento de desolação leva a intensa perseguição na Judéia, que Jesus adverte em Mateus 24: 16-22.

A discussão mais detalhada do Anticristo foi revelada ao apóstolo João e registrada em Apocalipse 13. João refere-se a esse indivíduo como uma "besta". Esta besta vem das nações e é capacitada por Satanás (Apocalipse 13: 1-2) . Ele se recupera de uma ferida mortal com algum tipo de ressurreição que faz com que o mundo se maravilhe com ele (Apocalipse 13: 3). Ele blasfema a Deus (Apocalipse 13: 5-6), faz guerra contra os santos e exerce autoridade sobre a terra (Apocalipse 13: 7-8). Ele tenta estabelecer um reino permanente na Terra para Satanás.

Existe um debate sobre se o Anticristo será um judeu ou um gentio. Uma possível evidência de ser judeu é encontrada em Daniel 11:37, que diz que ele "não prestará atenção aos deuses de seus pais". Algumas traduções, como a Versão King James, definem "Deus" no singular. Se este é o caso, então ele está rejeitando o Deus dos patriarcas judeus. A maioria das traduções, no entanto, tornam isso como "deuses", tornando provável que os deuses gentios estejam à vista. Essa última visão é o caso mais provável. Assim, o Anticristo surge de nações européias (Dn 7: 7-8, 23-25, ver Apocalipse 13: 1). Além disso, como ele é o príncipe que vem do povo que destruiu Jerusalém eo templo em 70 dC (Dn 9:26), ele deve vir do Império Romano, pois os romanos foram os que destruíram Jerusalém eo templo. Além disso, A predição de Daniel sobre Antíoco IV

Epífanes (215-164 aC) em Daniel 8: 9-14, 23-25 suporta a visão de que o Anticristo será um Gentio. Antíoco era um sírio que profanou o templo judaico por volta de 167 aC, instituindo a adoração de Zeus em Jerusalém e tendo um porco abatido no templo. Este ato desolador parece prefigurar o que o Anticristo de Daniel 9:27 fará. Uma vez que Antíoco era um gentio, o Anticristo provavelmente será também um gentio.

Enquanto uma figura assustadora e poderosa, o Anticristo tem uma breve carreira e é destruído. Paulo diz que Jesus "matará [o homem da iniqüidade] com o sopro da sua boca e não o trará a nada pela aparência da sua vinda" (2 Tessalonicenses 2: 8). Daniel diz que um "fim decretado é derramado sobre o desolador" (Dn 9:27) e que "chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará" (Daniel 11:45). Esta "besta" é lançada no lago de fogo no retorno de Jesus, onde seu destino é selado para sempre (Apocalipse 19:20).

O DIA DO SENHOR

A frase bíblica "o dia do Senhor" é um termo-chave na compreensão da revelação de Deus sobre o futuro. O uso do "dia do Senhor" pelos escritores do Novo Testamento repousava em sua compreensão dos Profetas do Antigo Testamento. Uma pesquisa do Velho Testamento indica que os profetas usaram-na ao falar de eventos quase históricos e eventos escatológicos de futuro distante envolvendo a ira de Deus. Os escritores do Novo Testamento apanharam o uso escatológico e aplicaram "o dia do Senhor" tanto ao julgamento que atingirá o período da tribulação como ao julgamento que inaugurará a nova terra.

A frase específica "o dia do Senhor" ou uma variante próxima aparece dezenove vezes no Antigo Testamento (Obad 15, Joel 1:15, 2: 1, 11, 31, 3:14, Amós 5:18 [2 ×], 20, Isaías 2:12, 13: 6, 9, Zeph. 1: 7, 14 [2 ×], Ezequiel 13: 5, 30: 3, Zacarias 14: 1, Mal. 4: 5) . "O dia do Senhor" aparece em quatro passagens incontestadas do Novo Testamento - Atos 2:20; 1 Tessalonicenses 5: 2; 2 Tessalonicenses 2: 2; E 2 Pedro 3:10. Quatro vezes este período é referido como o "dia da vingança" (Isaías 34: 8, 61: 2, 63: 4, Jeremias 46:10). O Novo Testamento chama de “dia da ira” (Rm. 2: 5), um “dia da visitação” (1Pe 2:12.), Eo “grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apocalipse 16:14).

Desde a queda do homem em Gênesis 3, a humanidade tem estado em rebelião contra seu Criador, mas um tempo está chegando quando Deus julgará o mundo inteiro com ira calamitosa para se preparar para o estabelecimento de seu reino. O dia do homem dará lugar ao dia do Senhor. Esse último dia do Senhor é o tempo da última ira divina contra os pecadores por sua rebelião contra Deus.

Os profetas do Antigo Testamento escreveram muito mais sobre o dia do Senhor e forneceram o fundamento para as referências do Novo Testamento, usando a frase em referência tanto à realização quase histórica quanto a eventos escatológicos de futuro distante. Por exemplo, Joel 1:15 refere-se a um dia histórico do Senhor envolvendo uma praga grave de gafanhotos dentro de Israel como descrito em Joel 1. No entanto, o dia do Senhor em Joel 2 e 3 refere-se a um futuro dia do Senhor em que Israel É restaurado e abençoado e as nações gentias são julgadas com base em como eles trataram o povo de Deus Israel. O dia histórico do Senhor serve como prenúncio para um dia maior do Senhor.

Os escritores do Novo Testamento apanharam o uso escatológico e aplicaram a frase tanto ao julgamento que atingirá o período da tribulação quanto ao julgamento que inaugurará a nova terra. O dia do Senhor ocorre através de meios providenciais (Ezequiel 30: 3) ou diretamente na mão de Deus (2 Pedro 3:10). Às vezes, o cumprimento próximo (Joel 1:15) prefigura a realização distante (Joel 3:14). Dois períodos do dia do Senhor ainda devem ser cumpridos na terra: (1) o julgamento que culmina no período da

tribulação (2 Tessalonicenses 2: 2 e Ap. 16-18) e (2) o julgamento consumador desta terra Depois do milênio que inaugura a nova terra (2 Pe 3: 10-13, Ap 20: 7-21: 1).

Em suma, o dia do Senhor pode ser resumido em seis afirmações:

1. O dia do Senhor envolve apenas julgamento, não julgamento e bênção.
2. O dia do Senhor ocorre duas vezes no plano profético de Deus, não uma vez.
3. O dia do Senhor ocorre no final do período da tribulação, não durante toda a sua duração.
4. O dia do Senhor ocorre novamente no final do milênio, não durante toda a sua duração.
5. O dia do Senhor, tal como aqui definido, não prova necessariamente o pretribulacionismo, mas certamente o permite e facilita.
6. O dia do Senhor suporta o pré-milenismo futurista.

A SEGUNDA VINDA DE JESUS

O ponto focal dos eventos proféticos ainda por vir é a segunda vinda de Jesus Cristo. Embora a linguagem específica da "segunda vinda" seja rara na Escritura, o conceito está bem estabelecido (Mt 25:31, João 14: 3 e Atos 1:11). A crença no retorno de Jesus é uma doutrina indispensável do cristianismo ortodoxo. O Novo Testamento declara a necessidade de uma segunda vinda de Jesus. A palavra "segunda" é usada em Hebreus 9:28: "Assim, Cristo, tendo sido oferecido uma vez para levar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, não para lidar com o pecado, mas para salvar aqueles que estão ansiosamente esperando por ele. "A segunda vinda de Jesus vai pôr um fim à era atual e à sétima semana de Daniel, que caracteriza um reinado global inspirado por Satanás do Anticristo. A segunda vinda é também o ponto de partida para o reinado milenar de Jesus na terra.

O Antigo Testamento não revelou explicitamente duas vindas do Messias separadas por um período considerável de tempo. Ele previu um servo sofredor e um rei reinante, mas não explicou que esses papéis seriam cumpridos ao longo de duas idas. Evidência de uma lacuna poderia existir no Salmo 110, que afirma que o Senhor de Davi, o Messias, terá uma sessão à direita de Deus "até que" o Messias reine sobre seus inimigos de Jerusalém (Sl 110: 1-2). No entanto, a Escritura não dá nenhuma indicação de que os santos do Antigo Testamento ou mesmo os discípulos de Jesus antes da cruz esperavam uma separação entre a primeira e a segunda vindas de Jesus. Com o testemunho da revelação progressiva e da retrospectiva da história, podemos olhar para o Velho Testamento e ver que as passagens do Reino ainda precisam ser cumpridas na segunda vinda de Jesus.

Zacarias 14 aborda a segunda vinda. O contexto é um cerco de Jerusalém que leva ao retorno do Senhor: "Então o SENHOR sairá e lutará contra essas nações como quando ele luta em um dia de batalha. Naquele dia, os seus pés ficarão sobre o Monte das Oliveiras, que está diante de Jerusalém, no oriente "(Zc 14: 3-4). Uma vez que esta profecia não ocorreu com a primeira vinda de Jesus, isso deve referir-se ao evento de sua segunda vinda. Jesus subiu do Monte das Oliveiras (Atos 1:12) e retornará ao mesmo lugar quando voltar.

A segunda vinda está detalhada em várias seções do Novo Testamento. Jesus discutiu seu retorno à Terra em seu Discurso do Monte das Oliveiras (Mateus 24-25, Marcos 13, Lucas 21). Seus discípulos perguntaram-lhe: "Qual será o sinal da vossa vinda?" (Mateus 24: 3). Jesus detalhou vários eventos, mas depois declarou: "Imediatamente após a tribulação daqueles dias," as tribos da terra "verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória" (Mateus 24: 29-30)). Ele também disse: "Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então ele se assentará em seu trono glorioso" (Mt 25:31). No Evangelho de Lucas, Jesus explicou que,

depois de sinais cósmicos, "verão o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória" (Lucas 21:27). Em seu julgamento religioso, Jesus disse ao sumo sacerdote Caifás: "Mas eu vos digo, De agora em diante verás o Filho do Homem assentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu "(Mateus 26:64). Outra segunda passagem importante é Atos 1: 9-11:

> E, havendo dito estas coisas, como estavam olhando, ele foi levantado, e uma nuvem o tirou de sua vista. E enquanto eles estavam olhando para o céu como ele foi, eis que dois homens parou com eles em vestes brancas, e disse: "Homens da Galiléia, por que você está olhando para o céu? Este Jesus, que foi levado de cima de vós para o céu, virá da mesma maneira como o vistes ir para o céu. "

O mesmo Jesus que estava corporalmente entre seus discípulos por quarenta dias após sua ressurreição foi levado para o céu. No entanto, ele retornará da mesma maneira que deixou. O sermão de Pedro em Atos 3 revela o significado das duas vinda de Jesus e é uma das passagens mais claras que discute as duas vindas. Pedro declarou: "Mas o que Deus predisse pela boca de todos os profetas, para que o seu Cristo sofresse, assim cumpriu" (Atos 3:18). Assim, Jesus "cumpriu" o que os profetas do Antigo Testamento predisseram a respeito de seu sofrimento. Então Pedro se referiu à segunda vinda e ao reino em Atos 3: 19-21:

> Arrependei-vos, pois, e volvei-vos para que os vossos pecados sejam apagados, para que os tempos de refrigério venham da presença do Senhor, e para enviar o Cristo designado para vós, Jesus, a quem o céu deve receber até o tempo da restauração Todas as coisas de que Deus falou pela boca de seus santos profetas há muito tempo.

Esta passagem revela a necessidade de um futuro envio de Cristo e a restauração de todas as coisas que estão relacionadas com a mensagem dos "santos profetas", que são os profetas do Antigo Testamento. Assim, enquanto muitas passagens do Antigo Testamento se aplicam à segunda vinda de Jesus, a doutrina de uma segunda vinda é principalmente uma questão de revelação do Novo Testamento.

A segunda vinda de Jesus acontece em duas fases. Jesus descerá do céu para arrebatar ou arrebatar sua igreja no ar para estar com ele no céu durante a tribulação de sete anos. O propósito desta vinda é uma missão de resgate para evitar que a igreja experimente a ira divina desse período. Uma segunda fase é o retorno pessoal e corporal de Jesus à Terra para estabelecer seu reino na terra.

O MILÉNIO

O milênio é o reinado vindouro de mil anos de Jesus e seus santos na terra depois desta era presente e antes do estado eterno. Ela ocorre logo após a septuagésima semana de Daniel eo retorno de Jesus, e é o tempo em que a humanidade, através do último Adão, Jesus, cumpre o mandato de governar e subjugar a terra com sucesso em favor de Deus (Gn 1: 26-28) . Jesus, o Messias, também cumpre a promessa de que o Filho Último de Davi governará do trono de Davi sobre Israel (Lucas 1: 32-33) e toda a terra (Zc 14: 9). Os inimigos de Jesus que se opuseram a ele durante a tribulação foram derrotados (Apocalipse 19: 20-21). Satanás está preso (Apocalipse 20: 1-3). Os santos e mártires falecidos do Antigo Testamento do período da tribulação ganham vida e reinam com Cristo (Daniel 12: 2 e Apocalipse 20: 4). Jesus governa e compartilha seu reinado com a igreja da era atual, Que permaneceram fiéis durante a perseguição (Apocalipse 2: 26-27; 3:21; 5:10). O reino milenar é um tempo de renovação da criação, prosperidade, justiça, paz e harmonia internacional na terra (Mateus 19:28, Isaías 2: 2-4; 11; 65: 17-25). É também o período em que todas as promessas da aliança, tanto espirituais como físicas,

chegam ao pleno cumprimento para Israel e para as nações. Israel é salvo e restaurado, e ela cumpre o seu papel de liderança e serviço às nações, funcionando fora da cidade capital de Jerusalém (Isaías 2: 2-4). As nações, que também se tornaram o povo de Deus, experimentam bênçãos espirituais e físicas ao lado de Israel (Isaías 19: 16-25 e 27: 6). Enquanto o estado eterno certamente exibirá essas características perfeitamente, essas questões precisam primeiro ser cumpridas sob o governo mediatorial do homem com o homem final, Jesus. Quando o último Adão completar sua missão, então Jesus entregará o reino a Deus, o Pai, e o reino eterno do Pai começará (1 Coríntios 15: 24-28).

O milênio também deve vir por uma razão centrada em Cristo. Deve haver um reinado sustentado, reconhecido e visível de Jesus no reino (a terra) onde Jesus experimentou rejeição na sua primeira vinda. Na sua primeira vinda, Jesus veio aos seus, mas eles não o receberam (João 1:11). Ele foi rejeitado e morto. O Jesus que permaneceu atado diante dos homens em sua paixão retornará em glória sobre as nuvens do céu para reinar sobre a terra (Mateus 26: 63-66). O reino milenar destaca o reconhecimento de Jesus como Rei. Ele reinará em glória por um longo período antes de entregar seu reino ao Pai em triunfo e o estado eterno começar (1 Coríntios 15: 24-28). Este é também o momento em que os santos de Deus são vindicados e reinando no reino onde sofreram perseguição de Satanás e do mundo (Ap 6: 9-11; 20: 4).

Este milênio é às vezes referido como um reino intermediário, uma vez que vem após esta idade ainda antes do estado eterno. É dramàtica melhor do que esta idade atual mas não é ainda perfeito como o estado eternal de vinda. Por exemplo, a mortalidade infantil é inexistente e a expectativa de vida é muito maior, mas a possibilidade de morte ainda existe. Uma pessoa que morre na idade de cem será considerada amaldiçoada (Isaías 65:20). Além disso, ao contrário de hoje ou do próximo estado eterno, o milênio apresenta nações que servem a Deus e ainda têm habitantes que ainda são capazes de pecar e receber punição (Zc 14.16-19).

REVOLTA FINAL DO SATAN

No final do milênio, Satanás é libertado do seu encarceramento no Abismo e conduz uma revolta intencional contra a cidade santa de Jerusalém. Aqueles envolvidos nesta rebelião são imediatamente destruídos com fogo do céu, e Satanás é enviado para o lago de fogo para sempre (Ap 20: 7-10). O núcleo dessa rebelião vem dos nascidos durante o reino milenar que não confiam em Cristo como seu Salvador. Quando lhes é dada a oportunidade de unir forças com o Satã recentemente liberado, eles fazem isso com prazer. Este evento não indica a fraqueza de Deus, mas sim uma oportunidade para uma demonstração devastadora de força divina contra seus inimigos. Enquanto os participantes estão esperando uma guerra, o resultado é mais como uma execução como eles são imediatamente vencidos.

Esta rebelião destaca duas verdades importantes. Primeiro, a presença de incrédulos no milênio enquanto Satanás está preso no Abismo mostra que o problema primordial do homem é um coração ímpio, quer Satanás esteja presente ou não. Mesmo sob condições ideais com Jesus fisicamente presente na terra, alguns optam por se rebelar no pecado. Segundo, a rebelião oferece uma demonstração do poder de Deus contra o mal antes do julgamento do grande trono branco acontecer (Ap 20: 11-15) eo estado eterno começa (Ap 21: 1-22: 5). Esta é uma demonstração dramática do poder do reino sobre a rebelião final contra Deus na história humana.

O ESTADO ETERNO

O novo céu ea nova terra são o destino final da humanidade redimida. O milênio é passado. O grande julgamento do trono branco ocorreu. Satanás e todos os incrédulos foram lançados para o lago de fogo para sempre. Um glorioso destino aguarda os santos de Deus quando eles viverão em uma nova terra com acesso direto a Deus, que então viverá entre eles. É o que o apóstolo João explica: "Então vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra passaram" (Apocalipse 21: 1).

Esta linguagem "novo céu" e "nova terra" ocorre três vezes mais na Bíblia: Isaías 65:17; Isaías 66:22; E 2 Pedro 3:13. A última referência revela que este novo céu e nova terra são o que os crentes estão finalmente antecipando: "Mas, de acordo com sua promessa, estamos esperando por novos céus e uma nova terra em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13). Hebreus 12: 26-27 também alude à eternidade futura. Portanto, a esperança e destino final do crente não é o céu atual, mas a nova terra.

A discussão mais extensa do novo céu e da nova terra, muitas vezes chamado de estado eterno, é encontrada em Apocalipse 21: 1-22: 5. A linguagem de João indica que o "novo céu" ea "nova terra" têm semelhanças e diferenças com o céu e a terra presentes. Mesmo que seja "novo", ainda há um céu (ou céu) e uma terra onde as pessoas irão morar. Contudo, é contrastado com o céu e a terra presentes, na medida em que o céu e a terra mais velhos "passaram".

A Nova Terra: Completamente Nova ou Restaurada? Será que este novo céu e nova terra serão inteiramente novos, outra criação de Deus fora de nada, depois que o primeiro céu e terra forem aniquilados? Ou o novo céu ea nova terra são uma restauração e renovação do planeta presente? A linguagem bíblica que descreve a destruição da velha ordem argumenta em favor de um planeta completamente novo, porque o velho foi extinto. João escreve que o primeiro céu e terra "passou" (Ap 21: 1). Então há a forte redação de destruição ardente em 2 Pedro 3:

> Os céus e a terra que agora existem são armazenados para o fogo. (3: 7)
>
> Mas o dia do Senhor virá como um ladrão, e então os céus passarão com um rugido, e os corpos celestes serão queimados e dissolvidos, ea terra e as obras que são feitas sobre ela serão expostas. (3:10)
>
> Visto que todas estas coisas são assim dissolvidas ... (3:11)
>
> Os céus serão incendiados e dissolvidos, e os corpos celestes se derreterão à medida que arderem! (3:12)

Em apoio à aniquilação do universo presente está a declaração de Jesus: "O céu ea terra passarão, mas as minhas palavras não passarão" (Mateus 24:35). O Salmo 102 declara que a terra e os céus "perecerão" e "se desgastarão como uma veste" (Salmo 102: 25-26). Isaías 24:20 declara: "A terra treme como um bêbado; Ele balança como uma cabana ... e cai, e não ressuscitará ". Em sua primeira epístola, João escreve:" O mundo está passando "(1 João 2:17).

Por outro lado, os argumentos para a renovação desta terra incluem o seguinte. Primeiro, Paulo ensina que a criação anseia por glorificação, não aniquilação. Ele afirma que "a criação aguarda com ansiedade a revelação dos filhos de Deus" (Romanos 8:19) e que a criação foi sujeita à futilidade, mas "na esperança" (Romanos 8:20). Ele então diz: "A própria criação será libertada da escravidão da corrupção e obtém a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Romanos 8:21). Este retrato retrata a criação como a antecipação da glorificação, não a aniquilação.

Segundo, a antecipação da criação para a glorificação está ligada à glorificação do povo de Deus (Romanos 8:23). Existe um paralelo. Os crentes não são aniquilados, mas

ressuscitados. Como Jesus, que ressuscitou do sepulcro, há uma correspondência um-para-um entre os crentes agora e quem eles serão no futuro. Se o destino da terra é paralelo ao de crer a humanidade, então a criação que existe agora também existirá no futuro, ainda que em uma forma glorificada. Assim como a criação sofreu quando o homem caiu por causa do pecado, assim também a criação será restaurada quando o povo de Deus recebe corpos glorificados.

Terceiro, a Bíblia usa linguagem de renovação para descrever a Terra. Jesus previu uma "regeneração" vindoura do cosmo (Mateus 19:28, NASB). Pedro previu uma restauração próxima de todas as coisas (Atos 3:21). Tudo no céu e na terra está sendo reconciliado com Jesus por causa do sangue da cruz de Jesus (Cl 1:20). Esta terminologia indica que o universo está se dirigindo para uma renovação em que a terra emaranhada é fixa e feita melhor do que nunca. Uma visão de renovação afirma que Deus, não Satanás, consegue a vitória final sobre a criação "muito boa" de Deus (Gênesis 1:31).

E quanto à linguagem de destruição de 2 Pedro 3? Aqueles que mantêm uma renovação vêem que a destruição não significa aniquilação. A mesma passagem fala do mundo sendo destruído pela água no tempo de Noé (2 Pedro 3: 6), mas o mundo não foi aniquilado com o dilúvio. Além disso, a melhor interpretação de 2 Pedro 3:10 não é que a terra esteja "queimada", como algumas traduções afirmam, mas que "a terra ... será exposta". A idéia é a de ser "encontrado" ou "manifestado" , "Bem como o metal que passa pelo fogo de um refinador não é aniquilado, mas purificado (Mal. 3: 2-3).

Vida na Nova Terra . Se a nova terra será um planeta inteiramente novo ou um planeta renovado, a nova terra será um lugar tangível onde os crentes em corpos físicos reais irão morar. Deus fez o homem como uma complexa unidade de corpo e alma para viver em um ambiente físico, eo destino do homem na nova terra incluirá residir em um planeta físico.

Ao todo, há dez características que tornam a nova terra nova e destacam a glória do estado eterno que vem. João resume estas características em Apocalipse 21: 1-22: 5.

1. Novo céu e terra (21: 1)
2. Nova Jerusalém (21: 2, 9-21)
3. Novo povo de Deus (21: 3)
4. Nova compaixão (21: 4)
5. Nova ordem (21: 5-8)
6. Novo templo (21:22)
7. Luz nova (21:23)
8. Nova população (21: 24-27)
9. Nova vida (22: 1-2)
10. Nova glória (22: 3-5)

A Bíblia fala de uma Nova Jerusalém que será a capital da nova terra. João diz: "E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu de Deus, preparada como uma noiva adornada para seu marido" (Apocalipse 21: 2). Esta é uma cidade real onde Deus habitará entre seu povo (21: 3). A cidade tem "um grande e alto muro, com doze portas" (21:12). É apresentado como um quadrado que é aproximadamente 1.400 milhas de comprimento e de largura (21:16). Essas dimensões devem ser entendidas literalmente, uma vez que a "medida humana" é mencionada (21:17). O muro da cidade é feito de jaspe ea cidade é "ouro puro, como vidro transparente" (21:18). Os alicerces do muro da cidade "foram adornados com todo tipo de jóia" (21:19). O tamanho, beleza e grandeza desta cidade são difíceis de entender, mas isso não diminui a verdadeira natureza desta cidade.

Nenhum templo existe na Nova Jerusalém. Tanto Deus como Jesus funcionam como seu templo (21:22). Visto que a glória de Deus ilumina a cidade, não há necessidade de

que a luz do sol ou da lua brilhe sobre ela (21:23). As nações e os reis da terra serão atraídos para a cidade por causa da sua luz e "trará a sua glória nele" (21:24, 26). A presença de nações e líderes mundiais mostra que existem nações literais na nova terra e que a atividade ocorre fora da Nova Jerusalém. Enquanto há um povo de Deus em relação à salvação, a presença das nações revela a diversidade étnica e nacional na nova terra. As melhores contribuições culturais dessas nações são trazidas para a Nova Jerusalém. Essas nações agem em completa harmonia desde as folhas da árvore da vida, que aparece pela primeira vez desde a queda do homem em Gênesis 3, Função "para a cura das nações" (Apocalipse 22: 2). O acesso à cidade está sempre aberto como "seus portões nunca serão fechados" e nenhuma noite nunca existirá lá (21:25). Do trono de Deus e de Jesus o Cordeiro flui o "rio da água da vida" (22: 1). A árvore da vida, vista pela última vez em Gênesis 3:24, está presente novamente. Apresenta-se "doze espécies de fruto, produzindo o seu fruto a cada mês" (Apocalipse 22: 2). A menção de "cada mês" indica que o tempo existe na nova terra.

No entanto, para toda a beleza desta cidade, a melhor parte é a presença de Deus e do Cordeiro, que estão no trono (21: 3; 22: 3). Os servos de Deus o adorarão e "verão o seu rosto" com comunhão eterna e ininterrupta (22: 3-4). Nenhuma barreira permanecerá entre Deus e seu povo. A descrição final da Nova Jerusalém revela que os santos "reinarão para todo o sempre" (22: 5). Gênesis 1: 26-28 revelou que Deus criou o homem para governar e subjugar a terra, eo último versículo descrevendo a nova terra explica que o povo de Deus estará reinando. Então não haverá engano de Satanás (Gênesis 3) e nenhum potencial para o pecado. Todos aqui foram lavados no sangue do Cordeiro e servirão ao Criador de boa vontade. Os ímpios nunca entrarão nesta cidade (Ap 21:27), ea história termina bem para o povo de Deus.

Este destino para o qual os crentes estão indo não é um conto de fadas e será tão real quanto o planeta atual que a humanidade agora habita. O novo céu ea nova terra darão uma perspectiva de por que os cristãos existem e servem a Deus nesta era presente. Este presente mundo caído não existirá para sempre. O pecado, a maldição e a morte serão para sempre removidos (Apocalipse 22: 3). O homem será totalmente restaurado em suas relações previamente marcadas com Deus, as pessoas e a criação. Esta imagem expressa a esperança final da escatologia. Esta é a conclusão real, emocionante para uma história realmente grande. Portanto, nossa resposta sincera ao final da história que ansiosamente antecipamos e nos esforçamos vigorosamente deve ser a do apóstolo João: "Vinde, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22:20).

Oração

Pai, nós Te agradecemos pela verdade revelada em Sua Palavra escrita,
Que nos testifica sobre Teu Filho,
O Senhor Jesus Cristo.
Nós Te agradecemos também pelo testemunho do Espírito Santo,
Que atestou a Cristo com muitos milagres e maravilhas
Na aurora da era do evangelho.
Nós Te agradecemos também pelo testemunho audível que Tu deste
No tempo do batismo de água de Jesus:
"Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo."
E, acima de tudo, nós Te agradecemos pelo sangue de Cristo,
A prova final de que Cristo sempre faz
As coisas que são agradáveis a Você.
Esse sangue precioso é um sacrifício mais satisfatório
Por todos os pecados de todos os que jamais acreditariam
Esses testemunhos sobre Cristo.

Afirmamos que todos esses testemunhos impecáveis são verdadeiros,
E confessamos que Cristo é de fato
O Filho de Deus e o único Salvador -
E que, acreditando Nele, temos a vida eterna.

Nós Te agradecemos, ó Deus, que Tu nos concedeu
Esta vida eterna através da Tua misericórdia.
Um dos frutos desse dom para nós é a alegria eterna.
Que incrível amor que Tu enviaste ao teu Filho
Sofrer e morrer para que conheçamos a *alegria* !
Como podemos agradecer-lhe o suficiente?

Você nos ordenou que nos regozijássemos sempre e em todas as circunstâncias -
Mesmo as nossas provações são uma ocasião para regozijar-se.
A alegria é um dever delicioso,
E contudo nós humildemente confessamos que porque nós somos fracos e pecadores,
Resmungar e queixar às vezes parecem vir mais naturalmente
Como uma resposta às questões da vida.
Perdoe-nos por uma resposta desagradável e ingrata
Para a graça Você nos mostra cada dia,
E ajude-nos ainda agora a ser contentes participantes na alegria do céu.

Ao fazer da alegria um privilégio e um dever em nossa vida diária,
E preparando-nos para uma alegria eterna ainda maior,
Você se mostra um Deus de alegria e alegria.
Embora a tristeza seja uma parte inevitável da experiência humana
Por causa do nosso pecado,
Você encontra nossa tristeza com inúmeras razões
Para ser grato e contente,
Cheio de esperança e cheio de alegria.
Nosso choro pode durar uma noite,
Mas a alegria virá pela manhã.

Suas misericórdias, da mesma forma, são novas todas as manhãs.
Como você é gracioso e misericordioso
Para aqueles que são pecadores e uma vez Seus inimigos!
Somos totalmente indignos,
Mas ainda assim Você escolheu nos abençoar com tão grande salvação.
Você transformou o nosso luto em dançar;
Você soltou nosso saco e nos vestiu de alegria.
Mesmo na nossa tristeza encontramos o nosso caminho para a alegria, pensando em
Seu amor,
Seu perdão,
Suas misericórdias,
Sua simpatia por nossas fraquezas,
E a esperança da eternidade na Tua presença.

Olhamos para a frente com alegria expectativa
A essa alegria perfeita e sem fim que será nossa
Quando nos encontramos com você cara a cara.

Preencha nossos corações agora mesmo com o céu, querido Senhor.
Que vivamos livres dos fracassos
Que mar nossas vidas e estragar toda a alegria terrena.
Senhor, guia-nos para fora daquelas coisas
No lugar da obediência e da fidelidade.
Agradecemos pelas promessas de

Seu poder e Seu cuidado.
Em nome de Cristo, nosso Salvador, oramos. Um homem.

"Está tudo bem com a minha alma"
Quando a paz, como um rio, atende ao meu caminho,
Quando tristezas como ondas de mar rolam;
Seja qual for o meu destino, Tu me ensinaste a dizer:
"Está bem, está bem com a minha alma."

Refrão :
Está bem com a minha alma ,
Está bem com a minha alma ,
Está bem, está bem com a minha alma .

Tho 'Satanás deve buffet, tho' ensaios devem vir,
Deixe que este controle de garantia blest,
Que Cristo considerou minha propriedade desamparada,
E derramou Seu próprio sangue por minha alma.

Meu pecado - Oh, a felicidade deste glorioso tho't-
Meu pecado - não em parte, mas o todo,
É pregado na cruz, e eu não aguento mais,
Louvai ao Senhor, louvai ao Senhor, ó minha alma!

E, Senhor, apresse o dia em que a fé será vista,
As nuvens são roladas para trás como um pergaminho,
A trombeta ressoará e o Senhor descerá,
"Mesmo assim", está bem com a minha alma.

~ Horatio G. Spafford (1828-1888)

Bibliografia

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. 345-410.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939, 661-738.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963. 2: 281-553.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Scotland: Mentor, 2005. 1008-156.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985. 817-62.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986. 1149-241.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994. 1091-167.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reprint, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975. 3: 713-880.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994. 3: 369-499.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998. 979-1093.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reprint, Minneapolis: Klock & Klock, 1979. 2B: 591-754; 3: 471-528.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. New York: Revell, 1907. 981-1056.
Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003. 1243-371.
Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949. 441-518.
Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997. 3: 561-637.

Obras Específicas

Benware, Paul N. *Compreendendo a profecia do fim dos tempos: uma abordagem abrangente* . Rev. ed. Chicago: Moody Press, 2006.
Diprose, Ronald E. *Israel no Desenvolvimento do Pensamento Cristão* . Roma: Istituto Biblico Evangelico Italiano, 2000.
Erdmann, Martin. *A Controvérsia do Milênio na Igreja Primitiva* . Eugene, OR: Wipf & Stock, 2005.
Feinberg, Charles L. *Millennialism: As duas visões principais: Os sistemas Premillennial e Amillennial da interpretação bíblica analisados e comparados* . 3a ed. 1980. Reimpressão, Lago Winona, IN: BMH, 2006.
Fruchtenbaum, Arnold G. *Israelology: O elo perdido na teologia sistemática* . Rev. ed. Tustin, CA: Ariel Ministries, 2001.
Horner, Barry E. *Futuro Israel: Por que o anti-judaísmo cristão deve ser desafiado* . NAC Estudos em Bíblia e Teologia 3. Nashville: B & H, 2007.
House, H. Wayne, ed. *Israel: A Terra eo Povo: Uma Afirmação Evangélica das Promessas de Deus* . Grand Rapids, MI: Kregel, 1998.
Ice, Thomas e Timothy J. Demy, eds. *Quando os sons da trombeta* . Eugene, OR: Harvest House, 1995.
LaHaye, Tim, e Ed Hindson, eds. *A Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica* . Eugene, OR: Harvest House, 2004.
Larsen, David L. *Judeus, Gentios e Igreja: Uma Nova Perspectiva sobre História e Profecia* . Grand Rapids, MI: Casa da descoberta, 1995.
MacArthur, John. *A Glória do Céu: A Verdade sobre Céu, Anjos e Vida Eterna* . 2a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2013.
---. *Mateus 24-28* . Chicago: Moody Press, 1989.
---. *A Segunda Vinda: Sinais do retorno de Cristo e do fim dos tempos* . Wheaton, IL: Crossway, 1999.
MacArthur, John e Richard Mayhue. *Os Planos Proféticos de Cristo: Um Primer Premilenário Futurista* . Chicago: Moody Publishers, 2012.
Mayhue, Richard L. *1 & 2 Tessalonicenses: Triunfos e Ensaios de uma Igreja Consagrada* . Fearn, Ross-Shire, Escócia: Christian Focus, 2005.
---. *Roubado antes da tempestade! Um Caso para o Pretribulacionismo* . The Woodlands, TX: Kress Christian Publications, 2008.
McClain, Alva J. *A Grandeza do Reino: Um Estudo Indutivo do Reino de Deus* . 1959. Reimpressão, Lago Winona, IN: BMH, 2007.
Pentecostes, J. Dwight. *Coisas por vir: Um Estudo em Escatologia Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1964.
Peterson, Robert A. *Inferno em julgamento: O caso para castigo eterno* . Phillipsburg, NJ: P & R, 1995.
Saucy, Robert L. *O caso do dispensacionalismo progressivo: a interface entre teologia dispensacional e não dispensacional* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993.
Duchas, Renald E. *Há Realmente É Uma Diferença: Uma Comparação de Covenant e Teologia Dispensacional* . Bellmawr, NJ: Amigos do Ministério do Evangelho de Israel, 1990.
Thomas, Robert L. *Apocalipse 1-7: Um comentário exegético* . Chicago: Moody Press, 1992.

---. *Apocalipse 8-22: Um Comentário Exegético* . Chicago: Moody Press, 1995.
Vlach, Michael J. *A Igreja substituiu Israel? Uma Avaliação Teológica* . Nashville: B & H Academic, 2010.
Walvoord, John F. *Daniel* . Revisado e editado por Charles H. Dyer e Philip E. Rawley. Os comentários da profecia de John Walvoord. Chicago: Moody Publishers, 2012.

Apêndice

O progresso do Apocalipse

Antigo Testamento

LIVRO	**DATA APROXIMADA ESCRITA**	**DEAUTOR**
Trabalho	Desconhecido	Desconhecido
Gênese	1445-1405 aC	Moisés
Êxodo	1445-1405 aC	Moisés
Levítico	1445-1405 aC	Moisés
Números	1445-1405 aC	Moisés
Deuteronômio	1445-1405 aC	Moisés
Salmos	1410-450 aC	Vários autores
Joshua	1405-1385 aC	Joshua
Juízes	Ca. 1043 aC	Samuel
Ruth	Ca. 1030-1010 aC	Samuel (?)
Canção de Salomão	971-965 aC	Salomão
Provérbios	971-686 aC	Solomon principalmente
Eclesiastes	940-931 aC	Salomão
1 Samuel	931-722 aC	Desconhecido
2 Samuel	931-722 aC	Desconhecido
Obadiah	850-840 aC	Obadiah
Joel	835-796 aC	Joel
Jonas	Ca. 775 aC	Jonas
Amos	Ca. 750 aC	Amos

Oseias	750-710 aC	Oseias
Micah	735-710 aC	Micah
Isaías	700-681 aC	Isaías
Nahum	Ca. 650 aC	Nahum
Sofonias	635-625 aC	Sofonias
Habacuque	615-605 aC	Habacuque
Ezequiel	590-570 aC	Ezequiel
Lamentações	586 aC	Jeremias
Jeremias	586-570 aC	Jeremias
1 Reis	561-538 aC	Desconhecido
2 reis	561-538 aC	Desconhecido
Daniel	536-530 aC	Daniel
Haggai	Ca. 520 aC	Haggai
Zacarias	480-470 aC	Zacarias
Ezra	457-444 aC	Ezra
1 Crônicas	450-430 aC	Ezra (?)
2 Crônicas	450-430 aC	Ezra (?)
Esther	450-331 aC	Desconhecido
Malaquias	433-424 aC	Malaquias
Neemias	424-400 aC	Ezra

Novo Testamento

LIVRO	**DATA APROXIMADA ESCRITA**	**DEAUTOR**
James	AD 44-49	James
Gálatas	AD 49-50	Paulo
Mateus	AD 50-60	Mateus
Marca	AD 50-60	Marca
1 Tessalonicenses	AD 51	Paulo
2 Tessalonicenses	AD 51-52	Paulo
1 Coríntios	AD 55	Paulo

2 Coríntios	AD 55-56	Paulo
Romanos	AD 56	Paulo
Luke	AD 60-61	Luke
Efésios	AD 60-62	Paulo
Filipenses	AD 60-62	Paulo
Colossenses	AD 60-62	Paulo
Philemon	AD 60-62	Paulo
Atos	AD 62	Luke
1 Timóteo	AD 62-64	Paulo
Titus	AD 62-64	Paulo
1 Pedro	AD 64-65	Pedro
2 Timóteo	AD 66-67	Paulo
2 Pedro	AD 67-68	Pedro
Hebreus	AD 67-69	Desconhecido
Jude	AD 68-70	Jude
John	AD 80-90	John
1 João	AD 90-95	John
2 João	AD 90-95	John
3 João	AD 90-95	John
Revelação	AD 94-96	John

Glossário Básico

Convênio abraâmico . A aliança que Deus fez com Abraão em Gênesis 12.

Adam, último ou segundo . Uma referência em 1 Coríntios 15 e Romanos 5 a Jesus Cristo, contrastando-o com Adão (o primeiro Adão).

Adonai . Um nome hebraico para Deus, que significa basicamente "Senhor".

Adopção . Essa parte da salvação em que Deus recebe o pecador afastado de volta à relação e aos benefícios de ser seu filho. O termo implica um favor positivo, em contraste com o mero perdão e remissão de pecados.

Adoptionismo . Um tipo de cristologia segundo o qual Jesus, um ser humano, foi escolhido por Deus para ser elevado à filiação divina.

advento . A vinda de Cristo. O primeiro advento refere-se à sua vinda inicial na encarnação. O segundo advento é a segunda vinda futura.

Interpretação alegórica . Um método de interpretação bíblica que tenta encontrar um significado mais profundo do que o literal.

Amilenarismo . A visão de que não haverá nenhum período de reino terrestre de Cristo antes ou depois de sua segunda vinda. Os mil anos de Apocalipse 20: 1-7 são vistos como simbólicos, seja da plenitude do reino de Cristo ou da felicidade dos crentes no céu.

Analogia scriptura . A crença de que, sendo a Escritura uma unidade, o significado de uma passagem é iluminado por um estudo de outras porções.

angelology . O estudo ou doutrina dos anjos.

Angelophanies . O assumir da forma visível por anjos para ocasiões especiais.

Anjos, caídos . Anjos que desobedeceram a Deus, caíram do seu lugar de serviço a Deus, e agora servem a Satanás, o chefe de tais anjos caídos, ou seja, demônios.

Anjos, santos . Aqueles anjos que não caíram de sua posição de obediência.

aniquilacionismo . A crença de que pelo menos alguns humanos deixarão de existir permanentemente na morte ou em algum ponto depois disso.

Antropocentrismo . A visão de que os seres humanos e os valores humanos em vez de Deus e seus valores são o fato central do universo.

Antropologia . O estudo da natureza humana e da cultura. A antropologia teológica é uma interpretação teológica da humanidade.

Antropomorfismo . Conceber Deus como tendo características humanas ou existente em forma humana.

Antropopatia . Conceber Deus como tendo emoções humanas.

Anticristo . Um oponente e imitador de Cristo. De 1 João 2:18, 22; E 4: 3, o Anticristo parece ser um espírito presente durante toda a era da igreja. Alguns procuraram identificar pessoas ou escritórios específicos como o Anticristo. Os reformadores e outros o identificaram com o papado. Parece que há um espírito ou princípio de rebelião em ação no mundo que se completará em forma pessoal nos últimos dias.

Antinomianismo . Uma oposição à lei; Especificamente, uma rejeição da idéia de que a vida do cristão precisa ser governada por leis ou regras.

antítipo . As realidades do Novo Testamento de que certas pessoas, objetos ou práticas do Antigo Testamento são tipos ou figuras.

Apolinário . Uma interpretação do século IV da pessoa de Cristo: o Cristo divino não assumiu uma natureza humana completa, mas apenas sua carne; Sua alma humana (racionalidade ou *nous*) foi substituída pelo Logos ou Palavra.

apostasia . A "cair fora", geralmente um abandono deliberado e total da fé anteriormente realizada.

arcanjos . Anjos principais. O único nomeado na Escritura é Miguel (Judas 9). A única outra referência a "arcanjo" (1 Tessalonicenses 4:16) não dá um nome. O outro anjo chamado na Escritura, Gabriel (Daniel 8:16; 9:21, Lucas 1:19, 26), não é identificado como um arcanjo.

Arianismo . Uma visão da pessoa de Cristo de acordo com a qual ele é o mais elevado dos seres criados e, portanto, é apropriadamente referido como Deus, mas não *o* Deus.

Arminianismo . Uma visão que contradiz o entendimento calvinista da predestinação. Arminianismo sustenta que a decisão de Deus de dar salvação a certas pessoas e não a outras pessoas é baseada em sua presciência de quem vai acreditar. Ele também inclui a idéia de que pessoas genuinamente regeneradas podem perder sua salvação, e que algumas realmente fazem. O arminianismo muitas vezes tem uma visão menos séria da depravação humana do que o calvinismo.

Ascensão de Cristo . A partida física de Jesus da terra e retornar ao céu no quadragésimo dia após sua ressurreição (Lucas 24:51, Atos 1: 9).

Asseitabilidade . Uma referência ao fato de que a base da vida de Deus está dentro de si e não é causada por nada externo.

(Da salvação) . A confiança divinamente dada do crente que ele ou ela é verdadeiramente salva.

ateísmo . A crença de que não há Deus.

expiação . O aspecto da obra de Cristo, e particularmente sua morte, que assegura a restauração da comunhão entre os crentes individuais e Deus.

Expiação, Dia de . O dia em que o sacerdote do Velho Testamento fez expiação por todos os pecados do povo (Levítico 16).

Expiação, teoria exemplar de . A visão incompleta da expiação que o efeito da expiação foi através do exemplo que Jesus nos deu de dedicação ao Pai, que devemos então emular.

Expiação, teoria governamental da . A visão incompleta da expiação de que o principal efeito da morte de Cristo era demonstrar a santidade da lei de Deus ea seriedade de transgredi-la.

Expiação, limitada . A interpretação da expiação que diz que Cristo morreu apenas pelos eleitos. É também referido como redenção particular.

Expiação, teoria da influência moral da . A visão incompleta da expiação de que o efeito da morte de Cristo foi para nos demonstrar o amor de Deus e assim induzir-nos a responder à oferta de salvação de Deus.

Expiação, teoria da substituição penal da . A visão da expiação de que a morte de Cristo é um sacrifício oferecido em pagamento da penalidade por nossos pecados. É aceito por Deus o Pai como satisfação no lugar da pena devida aos crentes em Cristo.

Expiação, resgate da teoria . A visão errônea da expiação de que o sangue de Cristo era um resgate pago a Satanás para libertar os humanos de seu controle.

Expiação, teoria da satisfação da . A visão incompleta da expiação de que a morte de Cristo foi um sacrifício a Deus para satisfazer sua honra ferida resultante do erro que os seres humanos fizeram contra ele.

Expiação, ilimitado . A doutrina de que Cristo morreu por todas as pessoas, sejam elas eleitas ou não.

Expiação, vicário . A visão de que a expiação da morte de Cristo era em favor dos pecadores.

Atributos de Deus . As características ou qualidades de Deus que o constituem como o que ele é. Eles não devem ser pensados como algo atribuído ou predicado dele, como se algo pudesse ser adicionado à sua natureza. Pelo contrário, são inseparáveis do seu ser.

Atributos de Deus, comunicáveis . Atributos de Deus para os quais características correspondentes podem ser encontradas na natureza humana.

Atributos de Deus, incomunicáveis . Atributos de Deus para os quais não se podem encontrar características correspondentes na natureza humana.

Batismo, crentes " . O batismo em que é exigida pela primeira vez uma profissão credível de fé. Isso às vezes é chamado de credobaptismo.

Batismo, criança . A prática de batizar bebês.

O batismo com o Espírito Santo . O ato de Jesus Cristo, de Pentecostes, de colocar cada crente verdadeiro com o Espírito Santo na igreja no momento da salvação (1 Coríntios 12:13).

Bíblia, autoridade do . O ensinamento de que, como Deus, a autoridade suprema, nos deu a Bíblia por inspiração divina, derivou o direito de prescrever a crença e as ações dos cristãos.

Bíblia, cânone do . A coleção de livros aceitos pela igreja como autoritários.

A Bíblia, inspiração da . O ato do Espírito Santo sobre os escritores bíblicos que assegurou que o que eles escreveram preservou fielmente a revelação divina e fez a Bíblia efetivamente a Palavra de Deus.

Teologia bíblica . Organização de ensinamentos teológicos em termos das porções da Bíblia onde ocorrem, em vez de por tópico. A teologia bíblica não faz nenhuma tentativa de reformular as expressões bíblicas em uma forma contemporânea.

Biblicismo . Um compromisso muito forte e até inquestionável com a autoridade da Bíblia.

Bibliologia . A doutrina da Escritura.

blasfêmia . Expressões irreverentes e insultantes ou caluniosas contra Deus.

Noiva de Cristo . Um termo para a igreja.

Chamada, chamada . A convocação de Deus para a salvação ou para posições especiais de serviço.

Calvinismo . O pensamento de João Calvino. O termo é aplicado particularmente à doutrina da predestinação, segundo a qual Deus soberanamente escolhe alguns para a salvação, não por causa de qualquer mérito ou fé prevista, mas simplesmente por sua livre vontade e graça imerecida.

canon . A coleção de livros aceitos pela igreja como autoritários.

Canonização . O processo de reconhecimento do cânon das Escrituras.

Cristo . Literalmente, "o ungido", o título que designa Jesus como o Messias.

Cristo, deidade de . A idéia de que Cristo é Deus como é o Pai.

Cristo, humanidade de . A idéia de que Jesus era tão humano quanto nós, exceto que ele estava sem uma natureza pecaminosa e um pecado real.

Cristo, impecabilidade de . A idéia de que Cristo era incapaz de pecar.

Cristo, preexistência de . O conceito de que a pessoa que nasceu em Belém como Jesus de Nazaré era a segunda pessoa pré-existente da Trindade.

Cristo, duas naturezas de . A doutrina de que Jesus estava em uma só pessoa divina e humana.

Cristo, morte vicária de . A doutrina de que a morte de Cristo teve um valor em favor dos verdadeiros crentes.

Cristo como rei . Uma referência a um dos três ofícios de Jesus Cristo; Seu poder dominante.

Cristo como sacerdote . Uma referência a um dos três ofícios de Jesus Cristo; Seu trabalho expiatório e intercessor.

Cristo como profeta . Uma referência a um dos três ofícios de Jesus Cristo; Sua obra de revelação.

Cristo como substituto . A idéia de que a morte de Cristo estava no lugar daqueles que acreditariam nele.

Doutrinas cristãs . Os ensinamentos do cristianismo sobre a natureza de Deus, seu trabalho e sua relação com sua criação.

Cristológica . Pertencente ao Cristo, ou mais especificamente à doutrina de Cristo.

Cristologia . O estudo doutrinário da pessoa e obra de Cristo.

Igreja, o . Aqueles que são verdadeiros crentes em Cristo. O termo é usado no Novo Testamento em um sentido universal (todos esses crentes) e em um sentido local (um grupo particular de crentes reunidos em um lugar).

Disciplina da igreja . A orientação ativa da igreja da conduta de seus membros. O termo freqüentemente carrega várias conotações - ou seja, instrução destinada a correção ou mesmo excomunhão.

Pais da igreja . Os líderes da igreja do período imediatamente após o início da era do Novo Testamento.

Graça comum . Bondade estendida a todas as pessoas através da providência geral de Deus; Por exemplo, sua provisão de sol e chuva para todos.

Compatibilistic liberdade . A idéia de que a liberdade humana não é inconsistente com a determinação soberana de Deus de todos os eventos, incluindo pensamentos humanos, escolhas e ações.

Imortalidade condicional . Uma variedade de aniquilacionismo segundo a qual a imortalidade é um dom especial para os crentes; Os incrédulos simplesmente deixam de existir à morte.

Consciência . A sensação de ser obrigado a fazer o certo e evitar o errado; Em alguns pontos de vista, uma faculdade virtual da natureza humana.

Argumento cosmológico para Deus . Um argumento para a existência de Deus: uma vez que cada coisa existente no universo deve ter uma causa, deve haver um Deus.

Creatio ex nihilo . Literalmente, "criação a partir do nada", a idéia que Deus criou sem o uso de materiais previamente existentes.

Crucificado com Cristo . Uma referência à identificação do crente com Cristo em sua morte (Gálatas 2:20).

Aliança davídica . A aliança em que Deus concedeu o reino a Davi e seus descendentes para sempre (2 Samuel 7, ver 2 Crônicas 13: 5).

Morte, primeiro . A morte física.

Morte, segundo . O estado final daqueles que morrem fora da salvação oferecida por Deus. O termo é encontrado em Apocalipse 2:11; 20: 6, 14; E 21: 8.

Decreto de Deus . A decisão de Deus que, feita na eternidade, torna certo tudo o que ocorre dentro do tempo.

Vontade decretada de Deus . As decisões de Deus que realmente trazem para passar cada evento que ocorre.

deísmo . Crença em um Deus que criou, mas não tem nenhum envolvimento contínuo com o mundo e os eventos dentro dele.

Possessão demoníaca . Uma condição de ser habitado e dominado por demônios.

demônios . Anjos caídos que agora trabalham mal sob a liderança de seu chefe, Satanás.

Depravação, total . A idéia de que a pecaminosidade afeta toda a natureza e as cores de tudo o que se faz; Isso não significa necessariamente que alguém é tão pecaminoso como possivelmente pode ser.

Dicotomismo . Uma visão da natureza humana que a considera como consistindo de dois componentes, geralmente um material e um elemento espiritual (ie, corpo e alma).

Docetismo . A crença de que a humanidade de Jesus não era genuína - ele simplesmente parecia ser humano.

Terra, novo . O universo completamente redimido do futuro; É referido como "novos céus e uma nova terra" (2 Pedro 3:13).

Ebionismo . Uma antiga heresia cristológica que pensava em Jesus como humano, mas não divino.

Eclesiologia . Um estudo doutrinário da igreja.

Edificação . Literalmente "construir"; O fortalecimento da vida espiritual dos cristãos e congregações.

Eficaz . A irresistível graça salvadora de Deus trabalhando sobre os eleitos para que respondam com fé.

Graça eficaz . Uma referência ao fato de que aqueles que Deus escolheu para a vida eterna irão infalivelmente chegar à crença e à salvação.

mais velho . Um líder na sinagoga, na igreja primitiva, ou em uma congregação local de algumas denominações hoje. As qualificações para o cargo estão indicadas em 1 Timóteo 3: 1-7 e Tito 1: 5-9.

eleito . Aqueles especialmente escolhidos por Deus. O termo pode referir-se à nação Israel ou a indivíduos designados para a salvação ou para posições especiais de serviço.

Eleição . A decisão de Deus em escolher um grupo especial ou certas pessoas para a salvação ou o serviço. O termo é usado especialmente da predestinação dos receptores individuais da salvação.

Elohim . Um nome hebreu muito comum para a divindade, de natureza genérica, de modo que é aplicado tanto aos deuses pagãos e ao verdadeiro Deus dos israelitas.

El shaddai . Um nome hebraico para Deus que enfatiza seu poder.

Emmanuel . Um nome para Jesus que significa "Deus conosco" (também "Emanuel").

endurance . A habilidade do cristão, pela capacitação graciosa de Deus, para perseverar através de provações, tentações e aflições.

Escatologia . O estudo das últimas coisas ou do futuro em geral.

morte eterna . A finalização da morte espiritual; A separação permanente do pecador de Deus.

destino eterno . O futuro estado da pessoa, seja no céu ou no inferno, com Deus ou separado dele.

Geração eterna . O ato eterno, necessário e auto-diferenciador de Deus, o Pai, pelo qual ele gera a subsistência pessoal do Filho e assim comunica ao Filho toda a essência divina.

a vida eterna . A vida espiritual dada ao crente; Ele ultrapassa a vida natural em qualidade e também se estende além desta vida para a eternidade.

Punição eterna . A natureza infinita do castigo que os pecadores não ressuscitados experimentarão além desta vida.

Eterna segurança do crente . A doutrina que verdadeiramente regeneram os crentes jamais perderá a salvação deles, mas perseverará na fé pela graça de Deus.

Eutychianism . O ensinamento de que Jesus tinha apenas uma natureza.

anjos maus . Anjos que se rebelaram contra Deus e assim caíram. Sob seu líder, Satanás, eles agora se empenham em se opor à obra de Deus. Eles também são conhecidos como demônios.

Mal um, o . Satanás.

Espíritos malignos . Demônios.

Evolução . O processo de desenvolvimento de uma forma para outra; Em particular, a teoria biológica de que todas as formas vivas se desenvolveram a partir de formas mais simples por uma série de etapas graduais.

Exegese . A obtenção do significado de uma passagem extraindo o significado de, em vez de lê-lo, no texto.

Exposição . Interpretação, explicação e esclarecimento de uma passagem bíblica.

Extrabíblico . Pertencente a material não encontrado na Bíblia.

Queda . O pecado inicial de desobediência de Adão e Eva, como resultado do qual eles perderam sua posição de favor com Deus (Gênesis 3).

Queda, vista literal do . A crença de que a queda era um evento real do espaço-tempo que aconteceu a duas pessoas históricas.

Fiat criacionismo . A crença que Deus criou por um ato direto. Freqüentemente também inclui as idéias de que a criação ocorreu em um curto período de tempo e que não houve desenvolvimento natural de formas intermediárias.

Enchimento do Espírito Santo . O controle do Espírito Santo sobre a vida total do cristão. O preenchimento do Espírito Santo pode ser repetido e freqüentemente precisa ser. É para ser distinguido do batismo do Espírito Santo, que ocorre uma vez no momento da regeneração.

Estado final . O estado do indivíduo após a ressurreição, seja no céu ou no inferno.

Primeira morte . A morte física.

Carne . Natureza humana. Na Bíblia, o termo tem um significado literal e figurativo: é usado da natureza física e também da natureza pecaminosa dos seres humanos.

Fruto do Espírito . Um grupo de virtudes espirituais mencionado por Paulo em Gálatas 5: 22-23; Por exemplo, amor, alegria e paz.

Subordinação funcional . A idéia de que o Cristo encarnado, a segunda pessoa da Trindade, enquanto não deixava de ser igual ao Pai naquilo que era, se sujeitou ao Pai naquilo que fez.

futurista . Pertencente ao futuro.

gehenna . Transliteração do hebraico para o vale de Hinom (2 Reis 23:10). Ele veio a representar o estado espiritual final do ímpio (Mateus 10:28, Marcos 9:43).

glorificação . O passo final no processo de salvação; Envolve a conclusão da santificação ea remoção de todos os defeitos espirituais.

Glorificado corpo . A ressurreição ou o corpo aperfeiçoado do futuro.

Gnosticismo . Um movimento no início do cristianismo, começando já no primeiro século, que (1) enfatizou uma verdade especial mais elevada que apenas os mais iluminados recebem de Deus, (2) ensinou que a matéria é má e (3) negou a humanidade de Jesus.

Deus, asseity de . Uma referência ao fato de que a base da vida de Deus está dentro de si e não é causada por nada externo.

Deus, eternidade de . O fato de que Deus não tem começo e não terá fim. Ele sempre foi e sempre será.

Deus, glória de . O esplendor, a grandeza e a magnificência de Deus.

Deus, graça de . Deus está lidando com seu povo não com base no que eles merecem, mas simplesmente em termos de sua bondade e generosidade em relação às suas necessidades.

Deus, santidade de Deus . Separação de Deus de tudo mais e particularmente de todo mal.

Deus, imanência de . A presença e a atividade de Deus dentro do mundo criado da natureza.

Deus, imutabilidade de . A doutrina de que Deus é imutável. Em algum pensamento grego este ensinamento tornou-se praticamente uma visão estática de Deus. Bem entendido, no entanto, é simplesmente uma ênfase no caráter imutável e confiabilidade de Deus.

Deus, incompreensibilidade de . Uma referência ao fato de que a grandeza de Deus resulta em nosso nunca ser capaz de entendê-lo completa e exaustivamente.

Deus, unidade de . O fato de que Deus, embora três pessoas, é ainda um em essência.

Deus, perfeição de . A absoluta completude e plenitude de Deus. Ele não falta nada ou tem qualquer imperfeição moral.

Deus, auto-existência de . Esse atributo de Deus pelo qual ele existe simplesmente de si mesmo sem a necessidade de qualquer força ou causa externa.

Deus, soberania de Deus . Supremacia de Deus e controle meticuloso sobre tudo o que ocorre.

Deus, transcendência de . A separação de Deus e superioridade à criação e à história.

Deus, unidade de . Uma referência ao fato de que Deus é um Deus, não muitos, nem é composto de partes, mas é simples e descomprometido.

Deus, ira de . O desagrado de Deus com o mal; Ela é expressa em julgamento e punição.

Deus-respirava . Uma referência à inspiração divina da Bíblia (2 Tm 3:16).

Deus . O Deus-Pai, Filho e Espírito Santo.

piedade . Semelhança a Deus em caráter moral e espiritual.

Deus-homem . A segunda pessoa encarnada da Trindade, Jesus Cristo.

evangelho . A mensagem de salvação oferecida por Deus a todos os que crêem; Também, quando capitalizados, um dos quatro primeiros livros do Novo Testamento, que contam a vida e os ensinamentos de Jesus.

Evangelho de Cristo . Um termo paulino para a mensagem da salvação (Romanos 15:19, 1 Coríntios 9:12, 2 Coríntios 2:12, 9:13, 10:14, Gálatas 1: 7, Filipenses 1:27, 1 Tessalonicenses 3: 2).

Graça, comum . A graça estendida a todas as pessoas através da providência geral de Deus; Por exemplo, sua provisão de sol e chuva para todos.

Graça, eficácia . Uma referência ao fato de que aqueles que Deus escolheu para a vida eterna irão infalivelmente chegar à crença e à salvação.

Graça, meios de . Canais pelos quais Deus transmite suas bênçãos aos seres humanos.

Exegese gramatical-histórica . Interpretação da Bíblia que enfatiza que uma passagem deve ser explicada à luz de sua sintaxe, contexto e contexto histórico.

Hamartiologia . Um estudo do pecado.

cabeça . A parte do corpo que é mais proeminente e exerce controle sobre o resto. Por isso Cristo é mencionado como a cabeça da igreja e de todas as coisas (Efésios 1:10, 22-23).

Céu . A futura morada dos crentes. Um lugar de completa felicidade e alegria, é distinguido especialmente pela presença de Deus.

o inferno . O lugar do castigo futuro das pessoas perversas ou incrédulas; É um lugar de grande angústia de que Deus está ausente para abençoar e apresentar apenas para trazer julgamento.

heresia . Uma crença ou ensino que contradiz a Escritura ea teologia cristã.

Hermenêutica . A ciência da interpretação da Escritura.

Teologia histórica . Estudo do desenvolvimento cronológico do pensamento teológico; No caso do cristianismo, o estudo do desenvolvimento da teologia cristã desde os tempos bíblicos até o presente.

Espírito Santo . A terceira pessoa da Trindade, totalmente divina e totalmente pessoal.

Homilética . A ciência ea arte da preparação e entrega de sermões.

Homoousios . Um termo usado pelos cristãos ortodoxos, particularmente Atanásio e seus seguidores, para insistir que Jesus é da mesma natureza que o Pai.

Hipóstase . De uma palavra grega para "substância" ou "natureza", a natureza real ou essencial de algo como distinto de seus atributos. No pensamento cristão o termo é

usado em referência a qualquer uma das três pessoas distintas na Trindade, e especialmente a Cristo, a segunda pessoa da Trindade, em sua natureza divina e humana.

União hipostática . A união das naturezas divinas e humanas de Jesus em uma só pessoa, sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação.

Iluminação . A obra do Espírito Santo dando entendimento quando a Escritura é ouvida ou lida.

Imagem de Deus . Aquilo que distingue os seres humanos do resto das criaturas de Deus: o humano é criado à imagem de Deus (Gênesis 1:26).

Imago dei . Termo latino para "imagem de Deus".

Imanência . A presença e a atividade de Deus dentro da criação e da história humana.

Iminência . A condição de algo que poderia acontecer a qualquer momento ou está prestes a acontecer. Quando aplicado à segunda vinda, o termo significa que Cristo poderia retornar a qualquer momento.

Imutabilidade de Deus . A doutrina de que Deus é imutável. Em algum pensamento grego este ensinamento tornou-se praticamente uma visão estática de Deus. Bem compreendida, no entanto, é simplesmente uma ênfase no caráter imutável e confiabilidade de Deus.

Imputação . O julgamento judicial ou transferência forense do pecado de uma pessoa ou justiça para outro.

Imputação, doutrina de . Ou a justificação dos crentes com base na justiça de Cristo ou a condenação dos incrédulos com base no pecado de Adão.

Imputação da justiça de Cristo . O ato de Deus de creditar a justiça de Cristo aos pecadores que confiam nele para a salvação.

Cristo encarnado . O estado de Cristo desde a época em que ele se tornou um ser humano.

habitação . A presença do Espírito Santo na vida do crente.

Inerrância . A visão de que a Bíblia é completamente verdadeira e verdadeira em tudo o que ensina.

Infalibilidade . Uma referência à doutrina de que a Bíblia é infalível em seu propósito.

Batismo infantil . A prática de batizar bebês.

Infralapsarianismo . Uma forma de calvinismo que ensina que o decreto da queda logicamente precedeu o da eleição. A ordem dos decretos de Deus, então, é (1) criar seres humanos; (2) para permitir a queda; (3) salvar alguns e condenar os outros; E (4) prover salvação apenas para os eleitos.

Inscrição . Deus está preservando sua revelação por escrito através do processo de inspiração pelo Espírito Santo.

Inspiração . O ato do Espírito Santo sobre os escritores bíblicos que garantiram que o que eles escreveram foi a Palavra de Deus.

Inspiração, plenário . A visão de que toda a Escritura, e não simplesmente certos livros ou certas partes de livros ou certos tipos de material, é inspirada.

Inspiração, teoria verbal de . A doutrina de que o Espírito Santo guiou tanto o escritor bíblico que até mesmo as palavras e detalhes individuais são o que Deus pretendeu ser escrito.

Intercessão de Cristo . Uma referência à doutrina de que o ministério atual de Cristo em favor dos crentes inclui a mediação para eles perante o Pai (Romanos 8:34, Hebreus 7:25).

Trabalho de intercessão do Espírito Santo . O conceito de que o Espírito Santo intercede por nós quando não sabemos orar (Romanos 8: 26-27).

Estado intermediário . A condição das pessoas entre o momento da sua morte ea ressurreição.

Irresistível graça . A graça de Deus no ato de regeneração pelo qual Deus efetivamente abre os olhos cegos para a glória de Cristo e comunica a vida espiritual ao coração morto do pecador. A doutrina às vezes é também referida como graça eficaz.

Jerusalém, Novo . Em Apocalipse 3:12 e 21: 2, uma referência ao estado final da igreja.

Jesus Cristo . Um nome composto para a segunda pessoa encarnada da Trindade: *Jesus* se refere ao homem de Nazaré, e *Cristo* é grego para "Messias", que significa "ungido". Em Atos 5:42, ele é referido como Jesus, o Cristo; Aparentemente isso foi abreviado para a forma de *Jesus Cristo* .

Jesus de Nazaré . O nome dado à criança nascida da Virgem Maria, que tinha concebido sob a influência do Espírito Santo.

Tribunal . A plataforma na qual um magistrado civil se encontra durante o processo judicial. O termo é usado do julgamento final dos verdadeiros crentes para ser prestado por Jesus Cristo.

Justificação pela fé . Declaração de que a pessoa foi restaurada a um estado de justiça através da crença e confiança na obra de Cristo e não na base da própria realização.

Kenose . Cristo está fazendo-se de nenhum efeito, tomando sobre si uma natureza humana (Filipenses 2: 7), tornando-se subordinado funcionalmente ao Pai, velando embora não despojando-se de seus atributos divinos.

Reino de Deus . O reino de Deus, seja internamente dentro dos corações dos seres humanos ou externamente na terra.

Lago de fogo . O lugar do castigo eterno para os ímpios. É mencionado seis vezes no livro de Apocalipse (19:20; 20:10; 20:14 [2 ×]; 20:15; 21:18), sendo também referido como "o lago ardente" e "o lago De queima de enxofre ".

Cordeiro de Deus, o . Uma referência por João Batista a Cristo como aquele que tira o pecado do mundo, trazendo o castigo do pecado em sua própria pessoa (João 1:29, 36; 1 Coríntios 5: 7; 1 Pedro 1: 18-19).

Idosos leigos . Oficiais que ocupam posições de liderança na igreja, mas não são ministros formalmente ordenados.

Liberalismo . Qualquer movimento que esteja aberto a redefinir ou mudar as doutrinas e práticas tradicionais do cristianismo.

Expiação limitada . Uma referência à visão de que a morte expiatória de Cristo era apenas para os eleitos.

Literalismo . Tradução ou interpretação bíblica que toma o significado da linguagem em seu sentido mais claro, mais óbvio e muitas vezes mais concreto.

Dia do Senhor . O primeiro dia da semana; Domingo.

Senhorio de Cristo . Autoridade de Jesus Cristo e governar todas as coisas, especialmente como refletido na vida do cristão.

Senhorio salvação . O ensino de que a fé salvadora é caracterizada pelo arrependimento do pecado e pela aceitação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Homem, natural . O humano na condição não redimida, fora da salvação em Jesus Cristo.

Homem, novo . Um termo usado por Paulo do ser humano regenerado (Ef 4: 22-24, Colossenses 3: 9-10).

Homem, velho . Um termo usado por Paulo do ser humano não regenerado ou o humano separado da salvação em Cristo (Romanos 6: 6, Ef 4: 22-24, Colossenses 3: 9-10); Contrasta com o novo homem.

Homem de pecado . Uma tradução dada às vezes da referência de Paulo em 2 Tessalonicenses 2: 3 ao Anticristo. "Homem de iniqüidade" é uma tradução melhor.

mediador . Um que vai entre dois partidos em uma tentativa de conciliá-los. Jesus Cristo é o único mediador salvador entre Deus ea raça humana.

Milênio . No pré-milenarismo, o reino será estabelecido por Cristo na terra durante os mil anos que seguem sua segunda vinda.

Milênio, o . O período de mil anos do reinado de Cristo na terra.

Modalismo . A visão de que os três membros da Trindade são modos diferentes da atividade de Deus em vez de pessoas distintas.

Monarchianism . Uma abordagem que enfatizou a unidade de Deus, particularmente um movimento nos séculos II e III. Tomou duas formas: Monarchianism dinâmico e Monarchianism Modalistic.

Monarchianism, dinâmico . Uma visão de que Jesus não era da essência de Deus, mas que Deus estava trabalhando nele.

Monarchianism, Modalistic . Um movimento que interpretou a Trindade como sucessivas revelações de Deus - primeiro como Pai, depois como Filho e, finalmente, como Espírito Santo. Começou no terceiro século.

monergismo . A visão de que a regeneração é realizada exclusivamente pelo trabalho de Deus.

monismo . Uma filosofia ou teologia que explica tudo em termos de um princípio; Uma visão de que a realidade é de apenas um tipo.

Argumento moral para Deus . Uma prova para a existência de Deus: Deus é necessário como uma explicação para os valores morais eo impulso moral.

Convênio mosaico . O corpo de leis dadas por Deus através de Moisés.

mistério . O que é desconhecido ou não totalmente compreendido. Paulo declara que Deus revelou seus mistérios para que eles não sejam mais incompreendidos (eg, Ef 1: 9 e 3: 3).

Teologia natural . A teologia desenvolveu-se além da revelação especial na Escritura; Ele tenta demonstrar certos elementos da teologia apenas a partir da experiência e da razão.

Nestorianismo . Uma visão herética, de fato, dividindo Cristo em duas pessoas, divinas e humanas.

novo nascimento . Regeneração; Deus está dando nova vida ao crente.

Novo corpo . O corpo que será recebido na ressurreição.

Nova aliança . A dispensação cristã ea economia introduzida por Cristo e os apóstolos. Em alguns casos, a nova aliança é sinônimo do evangelho de Cristo.

Nova criação . Uma referência à regeneração que ocorre no crente e também ao futuro refazer e restaurar toda a criação.

nova terra . O que juntamente com o novo céu será realizado no futuro pela obra de Deus (Ap 21: 1).

novo homem . A pessoa regenerada ou crente.

Escritórios de Cristo . Os papéis ou funções de Cristo, tradicionalmente profeta, sacerdote e rei.

velho . A pessoa antes do novo nascimento.

Onipotência de Deus . A capacidade de Deus para fazer todas as coisas que são objetos de poder adequados.

Onipresença de Deus . Uma referência ao fato de que Deus está em toda parte presente e tem acesso a todas as porções da realidade.

Onisciência de Deus . Deus está conhecendo todas as coisas que são objetos próprios de conhecimento, incluindo todos os eventos futuros.

Unicidade de Deus . O fato de que Deus, embora três pessoas, é ainda um em essência.

Argumento ontológico para Deus . Um argumento baseado no pensamento lógico puro e não na observação sensorial do universo físico para provar a existência de Deus. Uma forma usual é que Deus é o maior de todos os seres concebíveis. Tal ser deve existir porque, se não o fizesse, poder-se-ia ainda conceber um ser maior, ou seja, um ser idêntico que também tem o atributo da existência. Anselmo e René Descartes são dois dos mais famosos proponentes do argumento ontológico.

O teísmo aberto . Rejeitando a visão clássica da imutabilidade e onisciência de Deus, essa teologia sustenta que Deus cresce, descobre coisas que ele não conhecia e muda

de idéia. Deus assumiu o risco de criar seres humanos, cujas ações ele não pode necessariamente conhecer.

Ordem de salvação (*ordo salutis*) . A tradicional seqüência de discussões dos diferentes aspectos da salvação; Por exemplo, regeneração, conversão, justificação, santificação.

Pecado original . O efeito do pecado de Adão sobre aqueles unidos a ele. Afetando nosso comportamento independente e antes de qualquer ação nossa, o pecado original fala tanto da culpa imputada como da corrupção herdada do pecado de Adão para todas as pessoas humanas, exceto Jesus.

ousia . Uma palavra para ser, referindo-se especialmente à natureza indivisa de Deus.

superintendente . Uma tradução literal da palavra grega para "bispo" - a quem é dada a responsabilidade de supervisionar o trabalho da igreja.

Paedobaptismo . A prática de batizar bebês.

Panteísmo . A crença de que tudo é divino, eliminando a distinção entre criatura e Criador.

Paráclito . Um termo grego usado para se referir ao Espírito Santo (João 14:16, 26; 15:26; 16: 7). Geralmente é traduzido como "Conselheiro" ou "Consolador".

Patripassianismo . A idéia de que o Filho era realmente Deus o Pai manifestou-se de uma forma diferente e que, portanto, o Pai sofreu e morreu na cruz na pessoa do Filho.

Pelagianismo . A teologia herética resultante do pensamento de Pelágio, que enfatiza a capacidade humana e livre-arbítrio ao invés de depravação e pecaminosidade. Na visão da maioria dos Pelagianos, é possível viver sem pecado. O efeito do pecado de Adão sobre seus descendentes foi simplesmente o de um mau exemplo.

Perfeccionismo . A visão não bíblica de que é possível alcançar um estado no qual o crente já não peca nesta vida.

Perfeição de Deus . A absoluta completude e plenitude de Deus. Ele não falta nada ou tem qualquer imperfeição moral.

Perfeições, absoluto . Os atributos de Deus que são independentes de sua relação com objetos e pessoas criados.

Corpo perecível . A natureza física dos seres humanos que está sujeito à morte e decadência.

Perseverança . O ensino de que aqueles que são crentes genuínos persistirão na fé até o fim.

Salvação pessoal . A salvação é considerada em termos da relação do indivíduo com Deus e não em termos de mudança das estruturas da sociedade.

Pneumatologia . Um estudo do Espírito Santo.

Politeísmo . Crença em mais de um Deus.

Pós-millenialismo . A abordagem escatológica que acredita que Cristo retornará após o reinado de mil anos. Isto significa que ele reinará sem estar fisicamente presente.

Predestinação . Geralmente, a determinação eterna, não influenciada de Deus de todas as coisas; Especificamente, a escolha eterna de Deus daqueles que serão salvos e aqueles que serão passados e condenados por seus pecados.

Preexistência . Um estado de existência antes desta vida. O Cristianismo Clássico usa o termo para a segunda pessoa pré-encarnada da Trindade, que se encarnou como Jesus de Nazaré.

Premilenarismo . A crença de que Cristo voltará e então estabelecerá seu reino terrestre por um período de mil anos.

Preservação . Esse aspecto da providência divina que pertence à manutenção de Deus na existência de tudo o que ele criou.

Visão preterista . Uma interpretação da escatologia e particularmente do livro do Apocalipse que sustenta que os eventos mencionados já haviam ocorrido ou estavam ocorrendo no momento da redação.

Procissão do Espírito . O ato eterno, necessário e auto-diferenciador do Pai e do Filho pelo qual espiran a subsistência pessoal do Espírito e, assim, comunicam-lhe toda a essência divina. A Igreja Ortodoxa Oriental, objetando a uma frase na versão ocidental do Credo Niceno que diz o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (*filioque*), separado da igreja ocidental.

Prolegómenos . Um estudo de questões teológicas introdutórias.

profecia . Geralmente, a declaração autorizada ou falando em nome de Deus, semelhante à pregação; Mais especificamente, a declaração infalível da revelação divina, muitas vezes, mas não restrita a prever o que acontecerá.

Propiciação . Uma referência à idéia de que a expiação de Cristo satisfaz a ira de Deus.

Providência divina . O cuidado de Deus pela criação, envolvendo sua preservação de sua existência e meticulosamente orientando-a para seus fins desejados.

Êxtase, visão midtribulational do . A idéia de que a igreja atravessará metade da tribulação e então será arrebatada por Cristo.

Êxtase, visão pós - tribulacional da . A doutrina de que a igreja passará pela grande tribulação e então será arrebatada para encontrar Cristo.

Êxtase, visão pretribulacional da . A idéia de que Cristo removerá a igreja do mundo antes da septuagésima semana de Daniel.

Teologia reformada . Teologia que enfatiza a soberania de Deus, especialmente no que diz respeito à questão da salvação, que está particularmente associada a uma tradição teológica proveniente da Reforma do século XVI, e que às vezes é referida como englobando as doutrinas da graça.

Regeneração . A obra do Espírito Santo na criação de uma nova vida na pessoa pecadora, por meio da qual ele se arrepende e passa a crer em Cristo.

arrependimento . A tristeza de Deus pelo pecado e a determinação de abandoná-lo.

Ressurreição de Cristo . O evento histórico ea doutrina de Cristo voltando à vida no domingo seguinte à sua crucificação.

Revelação . A divulgação do que é desconhecido; A revelação do que é velado.

Revelação, geral . Revelação que está disponível para todas as pessoas em todos os momentos, particularmente através do universo físico.

Revelação, progressiva . Uma referência à doutrina de que a revelação posterior é construída sobre uma revelação anterior. Assim, ela contém verdades que não eram conhecidas anteriormente.

Revelação, especial . A manifestação de Deus de si mesmo em determinados momentos e lugares através de eventos particulares - por exemplo, o êxodo ea visão de Isaías no capítulo 6; Também, as Escrituras.

Retidão . O estado de ser justo ou moralmente puro, seja na própria força ou na base da virtude imputada.

Sabelianismo . Uma visão derivada do pensamento de Sabélio, que era essencialmente um Monarquianismo Modalista: Deus é um ser, uma pessoa, que assume sucessivamente três formas ou manifestações diferentes.

Salvação . O ato divino de libertar um crente do poder e da maldição do pecado e, em seguida, restaurar esse indivíduo para a comunhão com Deus para que os seres humanos foram originalmente destinados.

Salvação pela graça . Salvação entendida como um dom gratuito não merecido pelo destinatário.

Santificação . Uma referência à salvação inicial, depois a crescer progressivamente em semelhança a Cristo e, finalmente, à santificação ou glorificação final.

Satanás . O diabo, uma alta criatura angélica que se rebelou contra Deus e, portanto, foi expulso do céu. Ele se tornou o líder da oposição a Deus e às forças celestiais.

Escritura . Literalmente, "escrever"; Os livros canônicos do Antigo e do Novo Testamento.

Escritura, autoridade de . O direito da Escritura, como a mensagem de Deus para nós, de prescrever fé e prática para os crentes cristãos.

Segunda morte . O estado final daqueles que morrem fora da salvação oferecida por Deus. O termo é encontrado em Apocalipse 2:11; 20: 6, 14; E 21: 8.

Segurança do crente . A visão de que os cristãos são mantidos pelo poder de Deus para a salvação final. A doutrina também é referida como "perseverança dos santos".

Serpente . O ser que tentou Eva no jardim do Éden. Isso geralmente é considerado como uma aparição de Satanás, o termo sendo usado dele em outra parte da Escritura (Apocalipse 20: 2).

Pecado, de Adão . O pecado inicial de Adão no jardim do Éden. Constituindo a queda, teve conseqüências de longo alcance para a raça humana.

pecado, mortal . Pecado que causa a morte espiritual. Na teologia católica romana, o pecado mortal extingue a vida de Deus na alma, enquanto o pecado venial meramente enfraquece a vida. Com o pecado mortal há uma deliberada e intencional

determinação de resistir a Deus em tudo o que fazemos, mas com o pecado venial há uma tensão entre a ação injusta e a pessoa que a comete.

Pecado, universalidade de . Uma referência ao fato de que todas as pessoas são pecadoras e que o pecado é encontrado em todas as culturas, raças e classes sociais.

Pecado, imperdoável . Blasfêmia contra o Espírito Santo, um pecado que Jesus declarou "eterno", em contraste com os pecados que podem ser perdoados (Mateus 12: 31-32, Marcos 3: 28-29, Lucas 12:10). Jesus fez esta declaração depois que os fariseus atribuíram a Beelzebul a obra que Jesus fizera pelo poder do Espírito Santo.

Pecado, venial . No sistema católico romano, um pecado que não causa morte espiritual. O pecado venial é escolhido, mas não com o propósito de resistir a Deus em tudo que se faz.

Socinianismo . Um sistema herético de doutrina derivado do pensamento de Fausto Socino que enfatizava a moralidade; Negou a deidade de Cristo, predestinação, presciência divina e pecado original; E considerou a expiação de Cristo como um exemplo e não como uma satisfação dada ao Pai.

Solidariedade da raça humana . Uma referência à idéia de que todos os seres humanos são descendentes dos mesmos antepassados e, portanto, são afetados pelas ações de Adão, particularmente o primeiro pecado no jardim do Éden.

Soteriologia . O estudo da salvação.

Alma, visão criacionista da origem do . A crença de que Deus cria, direta e especialmente, cada alma individual no nascimento; Em outras palavras, a alma não é transmitida pelos pais.

Alma, vista traducianist da origem do . A crença de que a alma juntamente com o corpo é propagada na concepção pelos pais.

Soberania de Deus . O governo absoluto de Deus e autoridade sobre todas as coisas.

Vontade soberana . Uma referência ao fato de que as escolhas e decisões de Deus não são de forma alguma constrangidas por fatores fora dele; Também, o direito de Deus escolher sem ser responsável perante ninguém ou qualquer coisa fora de si mesmo.

Espiração . Literalmente, "respiração", um termo usado freqüentemente em referência à idéia encontrada em 2 Timóteo 3:16 que as Escrituras são inspiradas por Deus.

Espírito, selado com o . Uma referência à obra de Deus de marcar o crente com o Espírito Santo (Efésios 1:13).

Espírito cheio . Pertencente aos crentes tão controlados pelo Espírito Santo que toda a sua vida é de natureza espiritual.

Espírito de Deus . No Antigo Testamento, uma expressão freqüentemente considerada como referindo-se ao Espírito Santo e assim identificada por Pedro em sua citação de Joel 2:29 (ver Atos 2:18).

Morte espiritual . Separação de Deus.

Espiritualidade . Compromisso profundo e semelhança com Deus como resultado da obra regeneradora e da influência santificadora do Espírito Santo.

Espiritualmente mortos . O estado dos incrédulos. Por causa do efeito do pecado, eles não respondem às questões espirituais (1 Cor. 2:14) e totalmente incapazes de agradar a Deus (Romanos 8: 7-8).

Espiritual . A luta do cristão contra as forças do outro mundo (Ef 6: 10-17).

Imaculado Cordeiro de Deus . Jesus o sacrifício perfeito.

Substituição . O ato de tomar o lugar de outro.

Morte substitutiva . Uma referência à idéia de que a morte de Jesus estava no lugar dos eleitos.

Supralapsarianismo . A visão de que os decretos de Deus ocorreram (logicamente) na seguinte ordem: (1) salvar alguns humanos e condenar os outros; (2) criar tanto os eleitos como os réprobos; (3) para permitir a queda de todos os seres humanos; (4) para prover salvação apenas para os eleitos.

Sinergismo . A idéia de que o ser humano trabalha em conjunto com Deus em certos aspectos da salvação - especialmente na regeneração, que se diz ser um esforço cooperativo da ajuda divina e da fé humana.

Teologia sistemática . A disciplina que tenta organizar o conteúdo doutrinário da Escritura de uma forma coerente.

Argumento teleológico para Deus . Um argumento para a existência de Deus: a ordem do universo deve ser obra de um designer supremo.

teísmo . Crença em um Deus pessoal.

Teocêntrico . Pertencente a algo que se concentra em Deus como o maior valor.

Teodicéia . Uma tentativa de mostrar que Deus não é a causa exigível ou culpável do mal.

Teologia propriamente dita . Estudo da doutrina de Deus.

teofania . Uma aparência ou manifestação visível de Deus, particularmente no Antigo Testamento.

Total depravação . Uma referência à crença de que os seres humanos começam a vida com todos os aspectos de sua natureza corrompidos pelos efeitos do pecado; Assim, todas as suas ações não terão motivos totalmente puros. Isso não significa, no entanto, que eles são tão perversos como eles podem ser.

Traducianism . A crença de que a alma humana é recebida pela transmissão de seus pais.

Transcendência de Deus . A alteridade de Deus ou separação da criação e da raça humana.

Tricotomia . A visão de que a natureza humana é composta de três partes, geralmente identificadas como corpo, alma e espírito.

Trindade . Uma referência à doutrina de que Deus é um e ainda existe eternamente em três pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo.

Tipo . Um evento histórico real ou pessoa que de alguma forma simboliza ou antecipa uma ocorrência posterior; Particularmente, um prenúncio do Antigo Testamento de um evento do Novo Testamento.

incrédulo . Do ponto de vista cristão, uma pessoa não cristã ou não regenerada.

Incondicional de Deus . Um acordo com a humanidade que Deus cumprirá simplesmente porque ele prometeu fazê-lo. Ela contrasta com uma aliança condicional, cuja realização depende de alguma ação ou resposta dos seres humanos.

Eleição incondicional . Uma referência à visão calvinista de que a escolha de Deus de certas pessoas para a salvação não depende de nenhuma virtude ou fé prevista de sua parte.

União com Cristo . Uma dimensão básica da doutrina da salvação: ao ser identificado com Cristo na sua morte expiatória, bem como no seu poder de ressurreição, os crentes são creditados com a sua justiça e participam na sua santidade.

Unitarismo . Crença em Deus como uma só pessoa.

Universalismo . A crença antibíblica de que, no final, todos os seres humanos serão salvos e restaurados a Deus.

injustos . Aqueles que não foram justificados e perdoados.

não salvos . Aqueles que ainda estão em seus pecados e, portanto, separados de Deus.

Inspiração verbal . Uma referência à doutrina de que o Espírito Santo assim orientou os escritores da Escritura que até mesmo sua escolha de palavras individuais conformado com a intenção de Deus.

nascimento virginal . Uma referência ao ensino de que a concepção de Jesus ocorreu por uma obra milagrosa do Espírito Santo sem que Maria tenha tido qualquer relação sexual com um homem.

Palavra de Deus . A mensagem que veio de Deus. Os escritores do Novo Testamento e Jesus referem-se ao Antigo Testamento como a Palavra de Deus (ver João 10:35). A Bíblia em sua totalidade é hoje falada como a Palavra de Deus.

Obra de Cristo . O ministério de Cristo, particularmente sua vida redentora e morte.

visão de mundo . Uma ampla síntese conceitual que forma a perspectiva de toda a realidade.

adoração . Oferecimento de homenagem, honra e louvor a Deus.

Ira de Deus . A oposição de Deus e o ódio do mal, juntamente com sua intenção de punilo.

Yahweh . Transliteração do maior nome hebraico para Deus.

Bibliografia Geral

Teologias Sistemáticas Primárias

Bancroft, Emery H. *Teologia cristã: sistemática e bíblica* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* . 4a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1939.

Buswell, James Oliver, Jr. *Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã* . 2 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962-1963.

Culver, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: Bíblica e Histórica* . Fearn, Ross-shire, Escócia: Mentor, 2005.

Dabney, Robert Lewis. *Teologia Sistemática* . 1871. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1985.

Erickson, Millard J. *Teologia cristã* . Grand Rapids, MI: Baker, 1986.

Grudem, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática* . 3 vols. 1871-1873. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975.

Lewis, Gordon R., e Bruce A. Demarest. *Teologia Integrativa* . 3 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987-1994.

Reymond, Robert L. *Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 1998.

Shedd, William GT *Teologia dogmática* . 3 vols. 1889. Reimpressão, Minneapolis: Klock & Klock, 1979.

Forte, August Hopkins. *Teologia Sistemática: Um Compêndio Concebido para o Uso de Estudantes Teológicos* . Rev. ed. Nova Iorque: Revell, 1907.

Swindoll, Charles R., e Roy B. Zuck, eds. *Compreensão da teologia cristã* . Nashville: Thomas Nelson, 2003.

Thiessen, Henry Clarence. *Aulas introdutórias em Teologia Sistemática* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949.

Turretin, Francis. *Institutos de Teologia Elenctic* . 3 vols. Editado por James T. Dennison Jr. Traduzido por George Musgrove Giger. 1679-1685. Reprint, Phillipsburg, NJ: P & R, 1992-1997.

Teologias Bíblicas

Canon inteiro

Kaiser, Walter C., Jr. *Para uma Teologia Exegética: Exegese Bíblica para Pregar e Ensinar* . Grand Rapids, MI: Baker, 1981.

Schreiner, Thomas R. *O Rei em Sua Beleza: Uma Teologia Bíblica do Antigo e Novo Testamentos* . Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013.

Vos, Geerhardus. *Teologia bíblica: Antigo e Novo Testamentos* . Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1948.

Antigo Testamento

Kaiser, Walter C., Jr. *Para uma teologia do Antigo Testamento* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978.

Merrill, Eugene H. *Domínio eterno: uma teologia do Antigo Testamento* . Nashville: Broadman & Holman, 2006.
Payne, J. Barton. *A Teologia do Antigo Testamento* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962.
Zuck, Roy B., ed. *Uma teologia bíblica do Antigo Testamento* . Chicago: Moody Press, 1991.

Novo Testamento

Guthrie, Donald. *Teologia do Novo Testamento* . Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1981.
Ladd, George Eldon. *Uma Teologia do Novo Testamento* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993.
Schreiner, Thomas R. *Teologia do Novo Testamento: Ampliando Deus em Cristo* . Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008.
Zuck, Roy B., ed. *Uma teologia bíblica do Novo Testamento* . Chicago: Moody Press, 1994.

Histórias de Doutrina

Allison, Gregg R. *Teologia Histórica: Uma Introdução à Doutrina Cristã* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011.
Berkhof, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs* . 1937. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1975.
Bray, Gerald. *Deus falou: uma história de teologia cristã* . Wheaton, IL: Crossway, 2014.
González, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão* . Rev. ed. 3 vols. Nashville: Abingdon, 1987.
Hannah, John D. *Nosso Legado: A História da Doutrina Cristã* . Colorado Springs: NavPress, 2001.
Heine, Ronald E. *Doutrina Cristã Clássica: Apresentando os Fundamentos da Fé Antiga* . Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013.
Kelly, JND *Primeiras Doutrinas Cristãs* . 5a ed. Londres: Continuum, 2000.
Pelikan, Jaroslav. *A Tradição Cristã: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina* . 5 vols. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1971-1989.
Schaff, Philip. *Os credos da cristandade* . 3 vols. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1877.
Shedd, William GT *Uma História da Doutrina Cristã* . 2 vols. Nova Iorque: Charles Scribner, 1863.

Manuais de Teologia

Boice, James Montgomery. *Fundamentos da fé cristã: uma teologia compreensível e legível* . Rev. ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986.
Chafer, Lewis Sperry. *Principais Temas Bíblicos: 52 Doutrinas Vitais da Escritura Simplificada e Explicada* . Revisado por John F. Walvoord. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974.
Enns, Paul. *O Moody Handbook of Theology* . Chicago: Moody Press, 1989.
Evans, William. *As grandes doutrinas da Bíblia* . Revisado por S. Maxwell Coder. Chicago: Moody Press, 1974.
Lightner, Robert P. *Manual de Teologia Evangélica: Uma pesquisa e revisão histórica, bíblica e contemporânea* . Grand Rapids, MI: Kregel, 1995.

Milne, Bruce. *Conheça a Verdade: Um Manual de Crença Cristã* . 3a ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.
Empacotador JI *Concise Theology: Um guia para crenças cristãs históricas* . Wheaton, IL: Tyndale, 1993.
Watson, Thomas. *Um Corpo de Divindade* . 1692. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1965.

Dicionários teológicos

Bercot, David W., ed. *Um dicionário das crenças cristãs primitivas: um guia de referência para mais de 700 tópicos discutidos pelos primeiros padres da igreja* . Peabody, MA: Hendrickson, 1998.
Cairns, Alan. *Dicionário de Termos Teológicos: Uma Pronto Referência de mais de 800 Termos Teológicos e Doutrinais* . 3a ed. Greenville, SC: Embaixador-Esmeralda Internacional, 2002.
Elwell, Walter A., ed. *Dicionário Evangélico de Teologia* . 2a ed. Grand Rapids, MI: Padeiro, 2001.
Erickson, Millard J. *O dicionário conciso da teologia cristã* . Rev. ed. Wheaton, IL: Crossway, 2001.
Holloman, Henry W. *Kregel Dicionário da Bíblia e Teologia: Mais de 500 palavras e conceitos-chave teológicos definidos e cruzados* . Grand Rapids, MI: Kregel Academic & Profissional, 2005.
Huey, FB, Jr., e Bruce Corley, eds. *Um Dicionário Estudantil para Estudos Bíblicos e Teológicos* . Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983.

Outras teologias

Akin, Daniel L., ed. *Uma Teologia para a Igreja* . Nashville: B & H Academic, 2007.
Ames, William. *A medula da teologia* . Traduzido e editado por John D. Eusden. 1629. Reimpressão, Grand Rapids, MI: Baker, 1997.
Boyce, James P. *Resumo da Teologia Sistemática* . 1887. Reprint, Hanford, CA: den Dulk Christian Foundation, nd
Chafer, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática* . Editado por John F. Walvoord. 4 vols. Grand Rapids, MI: Kregel, 1993.
Dagg, JL *Manual de Teologia* . 1857. Reimpressão, Harrisonburg, VA: Sprinkle, 2009.
Dick, John. *Palestras sobre Teologia* . Cincinnati, OH: Applegate, 1856.
Quadro, John M. *Teologia sistemática: Introdução à crença cristã* . Phillipsburg, NJ: P & R, 2013.
Gill, John. *Um Corpo de Divindade Doutrinária* . 1769. Reimpressão, Paris, AR: Batista Padrão Portador, 1984.
Kuyper, Abraham. *Enciclopédia da teologia sagrada: seus princípios* . Nova Iorque: C. Scribner's Sons, 1898.
McCune, Rolland. *Uma teologia sistemática do cristianismo bíblico* . 3 vols. Allen Park, MI: Seminário Teológico Baptista de Detroit, 2009-2010.
Ussher, James. *Um Corpo de Divindade, ou, A Soma e Substância da Religião Cristã* . 3a ed. Londres: Thomas Downes e George Badger, 1649.

Hino Final de Reflexão

Seja minha visão

Sê tu a minha visão, ó Senhor do meu coração;
Nada mais é para mim, a não ser que Tu és -
Tu o meu melhor pensamento, de dia ou de noite,
Acordando ou dormindo, Tua presença minha luz.

Sê Tu a minha Sabedoria, e Tu a minha Verdadeira Palavra;
Eu sempre com Ti e Tu comigo, Senhor;
Tu, meu grande Pai, Eu Teu verdadeiro filho,
Tu em mim habitando, e eu com Ti um.

Riches eu não preste atenção, nem louvor vazio do homem,
Tu, minha herança, agora e sempre;
Tu e tu somente, primeiro no meu coração,
Alto Rei dos céus, meu tesouro Tu és.

Alto Rei do céu, minha vitória venceu,
Que eu alcance as alegrias do céu, ó sol brilhante do céu!
Coração de meu próprio coração, qualquer que seja,
Ainda ser minha Visão, Ó Governante de todos.

~ Antigo hino irlandês
Traduzido por Mary E. Byrne (1880-1931)
Versified por Eleanor H. Hull (1860-1935)